A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Faleceu esta tarde o ex-imperador Carlos.

N.º 4042 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 1 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

No Parlamento

Não é possivel duvidar. Transparecem já claros sintomas de que o Parlamento vai abandonar a sua atitude apatica, que evidentemente apresentou, de comêço, exageradamente, e o desejo de provar ao Paiz que de maneira alguma pensava em criar dificuldades ao Govêrno, tanto mais que êle se encontrava empenhado na solução de um problema vital para o paiz, qual era o da manutenção da ordem publica.

E' inegavel que êsse desejo era legitimo e por êle só o podia louvar a Nação. O Parlamento ganharia fé de ser um foco de agitação permanente. Em tumultos repetidos, em incidentes constantes, em obstrucionismos prejudiciais, se consumia há longo tempo. Era preciso demonstrar ao paiz inteiro que estava encerrada dessa falta de disciplina, dêsses impulsos demagogicos, em que a furia dos sectarismos e os interesses pessoais insofismavelmente transpareciam.

Mas o Parlamento não pode também ser uma assembleia apagada, renunciando ao direito de exame e da discussão. Ia perdendo totalmente a acção: dentro de pouco, seria um organismo morto na sociedade portuguesa. O sentimento da vida despertou a consciencia parlamentar. O facto de a questão da lei 1239, a que promoveu o diluvio dos coroneis, ter sido resolvida, e dora mal, mas após uma discussão de oito dias, veiu demonstrar que o Parlamento começava a ter uma noção mais perfeita dos seus direitos e dos seus deveres.

Agora, uma nova questão vai pôr á prova a capacidade parlamentar. E' a do credito dos 3 milhões de libras. A operação concertada apresenta varios pontos obscuros, que é absolutamente necessario esclarecer. O sr. ministro das Finanças já começou a informar o paiz sobre êsse importante assunto, mas é preciso que essas informações se tornem ainda mais explicitas e detalhadas. O Parlamento, e com êle o paiz, aguardam com ansiedade êsses esclarecimentos, o que é tanto mais natural quanto o restabelecimento do nosso credito, de uma maneira segura, deveria ser a consequencia do restabelecimento da ordem publica em que o Govêrno se empenhou, conseguindo um exito que, porventura, foi além da sua espectativa. Com efeito, êsse *desideratum* poderia ter-se alcançado á custa de sangrentos conflitos que ainda mais dilacerassem a sociedade portuguesa. Tal não sucedeu, felizmente, porque até dos elementos que se presumia que alentassem a desordem politica ou social surgiram, pelo contrario, garantias de socêgo e de segurança publica.

Aguardemos as novas declarações do sr. ministro das Finanças. Desde já se pode calcular que elas darão origem a um longo debate. E' preciso que assim suceda, para que nenhuma sombra cubra um acto que tanta influencia pode ter nas finanças e na economia portuguesas. Dentro da correcção, com o aprumo que deve caracterizar as atitudes do Parlamento de uma nação livre, todos lucrarão com um debate que se imponha pelo estudo que revele e pela sinceridade que o dignifique.

O credito dos tres milhões esterlinos

Corria hoje nos centros politicos, tão sabemos se fundamentadamente, que o sr. Portugal Durão ministro das Finanças iria ao Senado no proposito de esclarecer completamente o Congresso acerca das condições em que foi contraido o credito dos tres milhões esterlinos. Compreendendo que o Parlamento começa a encarar-se perante a sua inercia governamental foi encarregado o sr. Portugal Durão de entreter a curiosidade dos representantes do povo, abrindo-se mesmo debate, se tanto for preciso.

Sumariamente as explicações do sr. ministro dos Estrangeiros serão estas:

1.º—A comissão cobrada pelo Banco intermediario é inferior a qualquer outra já percebida em contractos semelhantes.

2.º—O Governo utilisa-se dumo parte do credito especialmente para compras de carvão; o sr. Portugal Durão já declarou em que o carvão não excederá 33 0|0 do credito total.

3.º—O restante é posto ao serviço dos importadores particulares e estes, naturalmente, os mais autorisados juizes acêrca da vantagem de se servirem do credito; entretanto, o sr. Portugal Durão declarará que as requisições já absorveram as disponibilidades, o que prova, evidentemente, que o credito foi negociado em excelentes condições.

Não estamos habilitados, infelizmente, a acrescentar mais nada.

O Cambio

Curiosas e ineditas manobras dos baixistas, postas em pratica no estrangeiro

Recebemos curiosas noticias das praças do Rio de Janeiro e de Nova York. Mais uma vez se verifica que, para encontrar a decifração de certos enigmas nacionais, tem que se procurar a chave em paizes exoticos. Já aqui fixamos alguns dos elementos que concorrem para se manter a baixa cambial; este outro, que nos foi revelado por um viajante recem chegado, é extremamente engenhoso,—tão engenhoso como patrioticamente criminoso.

Nas praças do Rio de Janeiro e de Nova York são oferecidos insistentemente ao publico avido de faceis lucros, os escudos portuguezes. Não se trata de insignificantes ofertas, mas sim de milhões de escudos. Não é possivel admitir que a excessiva oferta, a que não corresponde uma natural procura, seja originada em transacções comerciais, visto que as estatisticas demonstram que o montante da oferta excede muitissimo as necessidades normais da procura. O que se faz é pura especulação, onde não pode deixar de se verificar a existencia do dedo portuguez,—ex digito gigans...

O escudo portuguez troca-se, nos dois grandes paizes da America, por reis brasileiros. Nestas condições, facil é de concluir que se tem por principal objectivo manter e acentuar a desvalorisação da moeda portugueza, por meio de oferta e a correspondente melhoria na moeda brasileira, por maior intensidade de procura.

O crime é evidente, embora seja talvez certo que não exista sanção penal contra estes impatrioticos manobras dos agentes que trabalham contra nós nas praças do Rio e de Nova-York. Ora se ha crime, embora impunivel directamente, não nos parece que a missão do Governo Portuguez seja a de assistir impassivelmente ao descalabro vertiginoso do credito portuguez no estrangeiro.

O embaixador do Brasil

dr. Fontoura Xavier, faleceu repentinamente esta madrugada

A noticia do falecimento do dr. Fontoura Xavier, ilustre embaixador do Brazil, entre nós, causou em todos os meios dolorosa impressão. O dr. Fontoura Xavier, figura de alto relevo intelectual, poeta, critico, publicista, em todas as actividades da sua vida cheia e util, tinha o seu temperamento caracteristico de homem superior. Foi consul do Brasil em Baltimore, nos Estados Unidos, mais tarde consul geral em Genebra e em Nova York onde residiu 12 anos. Foi ministro do seu paiz sucessivamente em Guatemala, Cuba, Espanha e Inglaterra, tendo finalmente nomeado embaixador em Portugal onde se encontrava ha pouco mais de dois anos.

O ilustre extinto que desapareceu com 66 anos incompletos tinha uma grande simpatia pelos portuguezos que perdem nele um grande amigo. O Brasil perdo igualmente um alto funcionario que foi uma superior figura de diplomata, o estado do Rio Grande do Sul donde o ilustre extinto era oriundo, um dos seus filhos mais notaveis. O falecimento do dr. Fontoura Xavier, que vem enlutar os seus numerosissimos amigos deixa tambem um vacuo na literatura brasileira.

Hoje, logo de manhã, foi posta a meia haste a bandeira da Embaixada bem como a do Consulado Geral do Brasil, tendo sido por volta das 8 horas comunicado para a Nunciatura a noticia do falecimento do embaixador. Hoje e amanhã haverá missas de corpo presente.

O "raid„ e as despesas

Houve discussões a proposito das quantias gastas com a tentativa da travessia do Atlantico pelos srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Quasi sempre entre nós as economias começam a fazer-se justamente por onde são contraproducentes. Está bem e está certo que a Comissão á conferencia de Genova seja positivamente quilometrica. Continua ainda certo que na missão ao Transvaal os delegados levem as familias—simples viagem de recreio!—O que não está certo é que se gaste dinheiro no «raid»!

Cremos que será dificil introduzir no interior de certos pessoas a ideia de que lá despesas indispensaveis e de que é preciso também com o tempo. Para se sair da concha é mister gastar dinheiro e este é, de facto, um dinheiro bem gasto. Toda a gente o compreende com excepção talvez de varios cambões 42 que continuam despejando metralha no vacuo.

O CUSTO DA VIDA

COMO ELA DESCERIA NA OPINIÃO DE UM IMPORTANTE IMPORTADOR

No nosso entender não é nem o cambio por si, nem outros obstaculos de natureza externa que agravam o custo da vida. Entendemos e como nós muitos mais que a resolução do problema está nas mãos do Estado, a unica entidade que a conseguiria se se dispozesse a um sacrificio que brevemente resultaria em proveito do paiz.

Sobre tal assunto lembramo-nos irmos ouvir o negociante da nossa praça, sr. Frederico Rossano Garcia, ex gerente da Portuguese Trade Corporation a quem fomos encontrar na gerencia da Lisbon Import and Export C.o da qual é hoje um dos seus socios.

—Diga-me v. ex.ª, qual a principal razão do agravamento da vida e quais as medidas de que poderiam lançar mão para o debelar?

—Para mim a principal e mais imediatas causas da carestia da vida —diz-nos o nosso amigo—são os exorbitantes direitos alfandegarios, que com sucessivos agravamentos, ha cerca de dois anos, pezam sobre a importação.

—?

—Portugal é um paiz que depende quasi por completo da produção estrangeira e, em virtude da desvalorisação da nossa moeda, em relação ás dos grandes centros productores, como Inglaterra, Estados Unidos, França e Espanha, ve-se quasi asfixiada.

—Bem, mas sobre a Alemanha, cuja desvalorisação da sua moeda é grande tambem?

—A Alemanha, por essas razões, é um vasto mercado que tinhamos á nossa disposição o, parece-me que a melhor indemnisação que poderiamos pedir aos nossos ex-inimigos era, á custa deles, embaratecermos a vida, o que finalmente se conseguiria, com o marco a 35 reis, como está actualmente, se não fossem os direitos alfandegarios.

—Imagine que ha artigos que pagam de direitos 10 e 20 vezes mais do que o seu proprio custo, isto é, ha muitos artigos e produtos, que podem ser vendidos, por exemplo, por 1 escudo, devido aos direitos teem que ser vendidos a 11 e 21 escudos.

E ainda mais—continua o nosso amavel entrevistado—os direitos além de exorbitantes são por vezes disparatados por causa das pautas e do criterio que preside ás tabelas em que são fixados os objectos de luxo.

—?

—Olhe, quer um exemplo? Ha tempos mandaram-nos da Alemanha umas explendidas cilhas, de que o exercito alemão não chegou a tomar conta por ter terminado a guerra; eram baratas, deviam-nos ficar a esc. 2$00, cada uma, pois só de direitos pagam cerca de esc. 15$00 e sabe porquê? Porque por deficiencia da pauta e das referidas tabelas, a Alfandega considera uma cilha para uma besta, como passamaneria de luxo. E como este podia dar-lhe muitos exemplos, mas basta que lhe diga que as pautas em vigor são ainda as de junho de 1892, as quais só teem 592 artigos, quando só de decretos de omissão, despachos e resoluções ha já mais de 2.000, o que estabelece uma confusão enorme, tendo já sucedido o mesmo objecto ser taxado por diferentes artigos da pauta.

—?

—Os direitos em ouro, e sobretaxas que ha cerca de 2 anos encareceram colossalmente a vida, não conseguiram impedir a entrada no nosso paiz dos objectos de luxo nem travar a descida do cambio mas vieram torbar por uma forma bem patente, mais caros os productos essenciais á vida.

Continuamos a ouvir o nosso amavel entrevistado que proseguia admiravelmente na sua exposição.

—O Estado poderia conseguir alguma coisa—perguntamos por ultimo.

—Em resumo, tivesse o Governo a coragem de dispensar a receita que lhe vem das Alfandegas, e que é afinal um brutal imposto sobre o consumidor, e a vida embarateceria imediata e automaticamente, pelo menos de 30 0|0, e o Estado pela diminuição dos seus encargos veria entrar o dinheiro por outro lado.

—?

—O fim do augmento exagerado dos direitos falhou por completo, não impediu a entrada de objectos de luxo nem sustar a queda do cambio. Lembro-me muito bem que, quando entrou em vigor o pagamento dos direitos em ouro, o cambio era relativamente desafogado, a peseta que está hoje a Esc. 1$90 estava então a pouco mais de Esc. $30.

—?

—E nem pode ter como desculpa a protecção á industria nacional, que todos sabemos que não existe senão em determinados ramos.

—?

—Como tenho a opinião de que a melhoria do cambio depende, tambem em parte, de factores de ordem moral, a confiança e socego que um abaixamento no custo da vida produziria, viria estou certo a reflectir-se beneficamente nele.

Convencidos que deixamos um valioso subsidio para a resolução de tão magno problema, despedimo-nos do sr. Rossano Garcia, que durante toda a nossa entrevista foi de uma cativante atenção e amabilidade para «A Capital».

Aí fica o depoimento de uma inteligente e competente autoridade no assunto.

Todos de acordo

Mas muito desafinados!..

As sessões do Parlamento estão decorrendo numa encantadora sonolencia. Vê-se que ha paz e harmonia entre todos os portuguezes. Já não é sem tempo. Mas a Nação começa a desconfiar de tanta fartura e já receia que, com esta afinação, não será talvez possivel extrair coisa alguma de ventre fecundo dos corpos legislativos.

Que o Governo se entretenha a engendrar, vagarosamente, as propostas de lei que nos hão-de salvar, bem está. Mas que as oposições (onde estão elas?...) esperem, bonzinamente, pelo parto da montanha, eis o que se nos afigura demasiado. Não é esse o papel das minorias constitucionais que, num regimen democratico, governam tambem, colaborando com o Poder Executivo. Se deixam de o fazer, abandonando o direito de criticar a acção ou a inercia governamentais, as oposições dão, simplesmente, demonstração da sua impotencia. Até hoje, este Parlamento tem exemplificado, pelo seu eloquente silencio, a vontade de não incomodar o governo, o que pode ser excelente para a consolidação da moralidade sapateiral de Braga, mas é pessimo para a marcha regular dos negocios publicos e correlativo prestigio das Instituições Republicanas. Não desejamos, é claro a desordem parlamentar. Mas entre esta e a estagnação dum pantano, não sabemos por onde optar, preferentemente.

Lembra-nos, a proposito, uma anedota historica. Presidia a um governo o sr. Bernardino Machado. Numa sessão da Camara dos Deputados, em que o ilustre estadista estava sendo vivamente combatido, disse:

—Ora até que emfim: verifico, com prazer, que estão todos de acordo!

—Ora essa! Já é audacia! Não ha tal, não ha acordo possivel...

E o sr. Bernardino Machado, sorridente:

—Estão todos de acordo... contra mim!

Presentemente, não se dá isso. Estão realmente todos de acordo... com o sr. Antonio Maria da Silva.

UM INCIDENTE

que ha-de ter repercussão na Camara dos Deputados, na segunda feira proxima

No decorrer das manifestações feitas ao insigne dr. Antonio Candido, produziu-se um incidente lamentavel, originado, possivelmente, numa simples e inocente «gaffe». O caso passou-se assim:

A Camara dos Deputados recebeu cinco cartões de ingresso para a sessão da Academia de Sciencias, em homenagem ao insigne dr. Antonio Candido.

Pretenderam utilisar-se desses cartões o sr. dr. Domingos Pereira, presidente da Camara, e mais quatro deputados, entre eles o sr. Carvalho da Silva. Com grande surpreza dos parlamentares, não fôra reservado logar aos representantes da Nação, que imediatamente se retiraram.

Foi um simples, embora lamentavel e quasi indesculpavel esquecimento? Eis o que o sr. Carvalho da Silva procurará esclarecer, segunda feira proxima, na sessão da Camara dos Deputados.

Afonso Costa

e o seu regresso á politica activa

Em 27 de março findo noticiámos que o sr. Afonso Costa ia regressar á politica activa, marcando ele proprio, o segundo semestre do ano corrente para a efectivação daquilo que, em principio, já estava assente, no seu clarividente espirito. O que não noticiamos, antes pelo contrario, é que o politico projectasse chefiar um gabinete puramente democratico.

Escrevemos, a este respeito, o seguinte:

Esclareçemos ainda, para terminar, que o sr. Afonso Costa não presidirá a um gabinete partidarista porque poz como condição essencial do seu regresso a Portugal a organisação dum governo de tecnicos, indo procura-los onde quer que eles se encontrem, sem exclusão dos partidos das esquerdas.

Se reeditamos, confirmando-a, esta informação, é sómente porque nos foi atribuido, já não nos recorda por quem, a noticia de que o sr. Afonso Costa viria presidir a um governo extraido á «forceps» do P. R. P.

Não damos importancia, é claro, ao facto da formal despedida que o eloquente e energico estadista endereçou ao Directorio do P. R. P. Isso não vale nada. Quem saiu, pode reentrar. Tal doutrina pertence ao direito consuetudinario da organisação partidarista. E nem precisa, para o efeito, de fazer «amende honorable». Basta querer.

Quanto a ter-se dito que o regresso do sr. Afonso Costa dependia da renuncia do sr. Presidente da Republica, nada sabemos, senão o que disse a «Imprensa da Manhã». E' certo que este ilustre colega não confirmou a noticia, mas tambem a não desmentiu. Isto, segundo o proloquio popular, equivale a uma confirmação: quem cala...

Mas houve erro, evidentemente. Só, na realidade, o sr. Antonio José d'Almeida admitiu a renuncia ás suas altas funções, já desistiu dela, conforme declarações recentes feitas a um jornalista e estampadas num periodico do Brazil. Não acreditamos que esta circunstancia seja de molde a alterar as resoluções tomadas pelo sr. Afonso Costa, que, segundo as ultimas noticias, continua activamente a liquidar os seus negocios em França, onde grossos capitais emprego na reconstituição das regiões devastadas pela guerra.

Sabendo quanto são indispensaveis á salvação publica o emprego de todas as energias, não podemos deixar de fazer votos pelo regresso dum homem publico tão prestimoso, acompanhando assim a opinião nacional, anciosa por ver despontar á barra a nau que as lendas dizem que ha-de atravessar, e mesmo trespassar, as densas brumas envolventes do Bugio.

A recita dos quintanistas de Direito

A proposito da noticia que hontem inserimos em «A Capital», fomos procurados pela comissão organisadora da recita a qual nos pede para tornarmos publico que não ha o menor fundamento sobre os boatos propalados a respeito da sua recita.

Os estudantes mostram-se desgostosos pelo facto de poder supor-se alguma intenção menos correcta para com o Chefe do Estado. O sr. dr. Antonio José de Almeida foi convidado a assistir a uma recita que não tem o menor intuito politico e onde todas as praxes e etiquetas serão cumpridas com a maior correcção.

Gostosamente rectificamos a nossa primeira noticia, estimando até ter de fazê-lo.

Agencia financial do Rio de Janeiro

O «Diario do Governo» de hoje publica a retificação do decreto que exonera do cargo de agente financial do Rio de Janeiro o sr. Carlos Caetano Ferreira da Silva e nomeia em sua substituição, provisoriamente, o sr. Antonio da Costa Ivo.

O sapateiro de Braga

O sr. Agatão Lança tem constantemente protestado no Parlamento contra a lei 1239, a «lei do diluvio», que, pelos modos parece ter de dar que falar ainda.

O ilustre deputado declarou peremptoriamente que, caso a lei se mantivesse, ele apresentaria uma proposta referente aos seus camaradas de Marinha. E apareceu com ela. Achamos bem. Tanto direito assiste a uns como a outros e se para o Exercito se criaram e se mantiveram excepções não ha motivos para que se não faça o mesmo com a Marinha.

Assim é que é. A boa e excelente doutrina do sapateiro de Braga...

CANÇADO CHÁ...

A LEI INCRIVEL

As curiosissimas anomalias desta obra prima

Sobre este assunto tantas vezes debatido em as nossas colunas e para o qual nunca nos cançaremos de por todos os modos fazer melhor luz, recebemos a carta assinada por um oficial do Exercito e que abaixo publicamos.

Continuam a acentuar-se as anomalias, as injestiças, as inepcias da lei. Não deixaremos de malhar neste ferro frio que por força ha-de aquecer. Segue a carta:

Sr. Director. Motivo de força maior obrigou-me a sair de Lisboa, tendo regressado hoje, onde tive o prazer de ler «A Capital» de 25, e na qual vi com uma gentileza que extremamente me penhora, aceita as informações prometidas na minha carta publicada no mesmo numero do jornal de que v. é dignissimo director, sobre a monstruosa lei n.º 1010 e seu complemento a lei n.º 1244.

Como o prometido é devido, começemos:

Alem das «anomalias verdadeiramente espantosas que surgem na emenda» daquela odiosa lei, e que v. aponta n'«A Capital» de 28, e pela qual «os oficiais graduados em serviço de outros ministerios» não são atingidos por ela, emenda que nos meios militares muito bem se sabe para quem foi feita, ha mais e melhor.

A lei 1040 publicada em Agosto de 1920 (ha perto de 2 anos) causou tal repulsa, que os ministros da Guerra, e tantos foram eles, não a quizeram pôr em execução tão monstruosa a encontraram, aguardando que o Parlamento a revogasse porque nela não havia emenda possivel.

O sr. tenente-coronel Helder Ribeiro, ministro da Guerra quando a lei foi publicada, mandou que fosse cumprida «em parte»: «demitindo do Exercito os oficiais que tivessem sido punidos nos conselhos de guerra especiais, fosse qual fosse a pena aplicada».

Era uma solução justa? De maneira alguma. Era apenas «um compasso de espera» para ver o que o Parlamento resolvia.

Sucederam-se a este sr. varios outros ministros da Guerra, e bem por sombras tocaram no «monstro».

Na Ordem do Exercito n.º 5 (1.ª serie) de 7 de maio de 1921, foi publicada a lei n.º 1111, chamada da Amnistia, elaborada pelo Parlamento no momento em que se glorificava o Soldado Desconhecido.

Todo o paiz de norte a sul clamava paz e união na familia portugueza, e esquecendo-se odios e malquerenças, pois acima de tudo estava a Patria e a Republica!

O artigo 1.º dessa lei diz.

E' concedida amnistia:

...

d) A's infracções disciplinares, militares ou civis, cometidas tambem por motivos de natureza politica.

...

Por esse lei, todos aqueles que tinham sido punidos disciplinarmente, por motivos de natureza politica, requereram que lhes fossem trancadas nas suas folhas de matricula esses castigos, ordenando em Circular aos diferentes Comandos e Estabelecimentos militares o sr. general Silveira, então ministro da Guerra, que os respectivos comandantes trancassem esses castigos, cumprindo-se assim o disposto na alinea (d) da lei n.º 1111.

Ficaram pois, completamente limpas as folhas de matricula dos oficiais punidos disciplinarmente por motivos de natureza politica, sendo muitos deles, que se encontravam no Estado Maior por determinação do sr. tenente coronel Helder Ribeiro, colocados em diferentes unidades, onde ainda se encontram fazendo serviço, e alguns bem relevantes...

Como é que agora se pode aplicar a esses oficiais o § 1.º do artigo 2.º da celebre e monstruosa lei n.º 1244?

Como se pode provar que esses oficiais foram punidos disciplinarmente se nas suas folhas de matricula, unico documento que contem minuciosamente a vida militar do oficial desde que assentou praça, nada consta?

Ou far-se-ha fé de dossiers secretos como em tempos se fez na França e que ia fazendo ali baquear a Republica e o bom nome daquela gloriosa nação, se lhe não acodem a tempo?

Como esta vai longo, e eu não desejo abusar de muita bondade e hospitalidade de v., continuarei amanhã.

De v., com a mais alta consideração, etc. — Um oficial do exercito.

POR MOÇAMBIQUE

Um contracto ruinoso, que provoca os mais energicos protestos, é sancionado por um acto ditatorial do Alto Comissario

DUZENTAS MIL SACAS DE CIMENTO — ADQUIRIDAS SEM CONCURSO

Mal se acredita que se possa em tão pouco tempo—onze mezes apenas conta a administração do sr. Brito Camacho—acumular tantos e tão gravissimos erros. Pasma-se de quanto vem aparecendo a publico sobre a impolitica acção do Alto Comissario da Republica em Moçambique. Custa a crêr que assim seja. Nós mesmos, que não tivessemos sobre a nossa meza de trabalho tantas provas evidentes, pela documentação que as acompanham, tambem duvidariamos e tomariamos á conta de proposito tudo o que se refere á conducta do sr. Brito Camacho. Seria mesmo legitimo não obsou reser os corolarios que se nos impõem pela analise dos factos, em toda a sua latitude moral, se, tratando-se do sr. Brito Camacho, pessoa em quem sobresae sempre, intangivel, a sua perfeita honestidade, pudessem admitir-se conceitos precarios em pontos de honra. Não; a ninguem é licito, por quanto temos escrito neste jornal, encarar por tão desafeiçoado aspecto a nossa finalidade.

E' que não temos, como nunca tivemos, o baixo proposito de fazer campanhas de «bota-a-baixo».

Apelaram para nós o director e redactores de «O Jornal do Comercio» de Lourenço Marques, por ter sido suspenso o seu jornal por um acto dictatorial do sr. Brito Camacho.

Não podemos negar-lhe a nossa absoluta solidariedade, tanto mais que com todos os jornais que nos enviaram coisa alguma topamos que de demasias de linguagem ou propositos de ofensa que pudessem atingir o prestigio do Alto Comissario.

A critica é vigorosa e rude por vezes; mas é justa.

Esta é, portanto, a principal razão do nosso interesse pelas coisas de Moçambique.

Não deixaremos sem voz os que foram violentamente amordaçados. Não poderiamos negar-lhe o mais absoluto apoio.

Nunca transigimos com dictadores e com actos de escusada violencia. Para mais, neste caso, a violencia da supressão de um jornal parte do sr. Brito Camacho que tão depressa esqueceu o seu passado e as glorias alcançadas nas lutas da imprensa. Ainda agora se vê no cabeçalho de «A Lucta» o nome do sr. Brito Camacho como director, o, não obstante o melindre de situação que lhe confere o titulo de director de um jornal, o sr. Brito Camacho, Alto Comissario esconde, apaga, amarfanha com a maior violencia e até desamor proprio—o outro Brito Camacho, jornalista fulgurante, cujo passado e glorias não podiamos invocar hoje, como unicos titulos de superioridade conquistada, se alguem o visse a sua pena a deixar tombando a sua pena a extraviar em primores literarios, embora tantas vezes incontinente e pesada.

Estes fenomenos regressivos até ao extremo das mais irritantes violencias—irritantes por escusadas—talvez se possam explicar, se assim o quizerem e á falta de melhor, pela influencia deprimente dos tropicos... Mas o que é certo é que a liberdade e os direitos da imprensa são sempre, para nós outros, forçados do trabalho e não simples «dilettentes»—condições indispensaveis e garantias conquistadas de que não se abdica jamais.

O sr. Brito Camacho que firmou na imprensa os seus creditos de homem superior, de intelectual primeira agua, não pode em qualquer latitude em que se encontre envergar a farda dum cabo de esquadra para aprender e amordaçar a imprensa.

Brevemente publicaremos a carta que nos foi enviada pelos redactores de «O Jornal do Comercio» de Lourenço Marques.

O jornal que provocou a ira do Alto Comissario é que se ocupa do ruinoso contracto dos «duzentos mil sacos de cimento».

Em duas palavras:

Existe em Lourenço Marques um Conselho de Administração do Porto

A venda do vapor "Incomati"

O ilustre deputado, sr. Agatão Lança vai tratar este caso

Ainda bem que as desenvolvidas noticias publicadas em «A Capital» sobre a venda do vapor «Incomati», mandada efectuar pelo Alto Comissario de Moçamqique, que tanto desdenhou o pedido dos colonos da Beira para que não desaparecesse daquelas paragens o unico navio que era portador da bandeira nacional despertaram a atenção da camara dos deputados. E' o ilustre parlamentar e oficial da nossa Armada o sr. Agatão Lança que tomou a iniciativa, requerendo ontem que lhe fosse facultado consultar a correspondencia trocada entre o Alto Comissario de Moçambique e o ministro das Colonias, sobre a venda do «Incomati».

Ainda bem que mais uma voz, e especialmente autorisada, se levanta em atenção aos nossos esforços e ao patriotismo dos colonos de Moçambique.

Muito terá que vêr o ilustre deputado.

Aviso ao publico

A Empreza do Coliseu dos Recreios previne o Ex.mo Publico de que, apezar da atual companhia de circo e variedades estar em pleno sucesso e com uma enorme concorrencia não obstante a deficiencia dos electricos, se vê obrigada a dar apenas mais nove espetaculos visto que os artistas que a compõem se acham presos a contratos para os circos estrangeiros.

Com esta prevenção ficam habilitadas todas as pessoas a poderem ainda admirar a melhor companhia de variedades que tem vindo a Portugal, aproveitando esses espetaculos que a Empreza declara serem os ultimos e irrevogaveis.

...s Caminhos de Ferro. Este conselho tem um administrador delegado que, ao tempo do celebre contracto, era o engenheiro sr. Francisco Cabral. Muito joven, muito inexperiente ou talvez excessivamente experimentado, resolveu fazer uma larga acquisição de cimento para as obras do Caminho de Ferro e do Porto.

E vai dai, comprou, sem encargo expresso de quem quer que fosse, dusentos mil sacos de cimento, ou seja cimento em tal quantidade que nem em seis anos o Caminho de Ferro o consome.

Sucede que tão elevado «stok» foi adquirido quando a cotação do cimento tendia para a baixa, e com tão evidente prenuncio, que, por esse tempo, fechavam algumas fabricas da Rodesia.

Este joven e «inexperiente» engenheiro foi interpelado em sessão do Conselho de Administração sobre se tinha efectuado a compra e em que condições. Negou que tivesse feito qualquer compra e afirmou aos do conselho que jamais daria tal passo sem para tanto ser expressamente comissionado... Mas avolumam-se os rumores que dão como certa e consumada a operação.

Nova interpelação ao joven e «inexperiente» engenheiro, feita em nova sessão do Conselho.

O engenheiro, muito joven e «inexperiente», afirma e confirma os rumores que sobre a compra do cimento corriam pela cidade. Confirma a compra de 200 mil sacos. Adivinha-se o espanto dos do conselho. Surge mesmo quem propõe que seja chamado á responsabilidade o joven e «inexperiente» engenheiro sr. Cabral.

Os jornais ocupam-se largamente do caso. O contracto é, como desde logo se vê, pela forma simples como o anunciamos, um desastre e uma operação ruinosa. Apela-se para o Conselho de Finanças, a cujo visto, como é de lei, o contracto estava sujeito.

Passam dias, sucedem-se semanas sem que a imprensa abandone o assunto ou sequer esmoreça no seu apelo ao tribunal fiscal—Conselho de Finanças. Mas o contracto não chega a dar a entrada nessa repartição e os magistrados que constituem o Conselho não chegam a pôr-lhe a vista em cima.

Rumoreja se que ha em volta do caso certas e poderosas influencias, o terror de uma possivel indemnisação, etc., etc....

A imprensa apela então para o primeiro magistrado da colonia, e fal-o respeitosamente, dignamente.

Resultado:—o sr. Brito Camacho obedecendo ás influencias que se agitavam em volta do contracto—sanciona-o! Sobe o clamor da imprensa local. O espirito e a consciencia de uma colonia inteira apoiam a reclamação e o protesto dos jornais. Que faz então o Alto Comissario? Querela o «Jornal do Comercio»—primeiro; e, dias depois, suprime-o!

Mas querem os leitores conhecer o aspecto mais grave da questão do cimento?

Recortamos do referido jornal um periodo bastante elucidativo, e que basta. O titulo do artigo é

Escandalo!

Descrevemos na ultima edição o negocio escandaloso das 200.000 sacas de cimento.

Os C. F. com a responsabilidade do Conselho de Administração do Porto, vão adquirir em Pretória uma enorme quantidade de cimento, ao preço de Lb. 0 6 8 por saca de 90 quilos, um volume que dá para as exigencias daquele serviço durante 5 ou 6 anos.

Consubstancia-se no caso do cimento um ruinoso e gravissimo acto de administração.

«Gravissimo», porque se não teve em atenção a industria local, contribuindo um organismo do governo, com semelhante deliberação que ha-de fatalmente ter retumbancia, para afastar da Provincia iniciativas e capitais em vez de os atrair; «ruinoso», porque não só se diz que já hoje se podia fazer em condições de preços mais vantajosos, mas ainda porque, atravez de 5 ou 6 anos, este produto, como todos os produtos da industria e do comercio, ha-de ir gradualmente baixando de valor.

Note-se ainda, e este caso tem uma importancia imensa, que perto de Lourenço Marques, na região da Matola, estão sendo montados maquinismos para uma poderosa empresa começar o fabrico de cimento em larga escala.

Essa empresa tem como gerente um portugues.

Os maquinismos e edificações da primeira fabrica de cimento de Moçambique, devem custar uma cifra aproximada de Lb. 300.000.00.0, sendo o capital portugues já subscrito, na importancia de Lb. 35.000.00.0.

A fábrica deve entrar em laboração dentro de 6 ou 8 meses.

Sabe-se que o Conselho de Administração negara a sua aprovação ao negocio em duas sessões seguidas; mas na terceira sessão, «aprovou-o»!

Que motivos forçaram o Conselho de Administração a tomar tão peregrina resolução, depois de, em duas sessões, essa mesma resolução se lhe afigurar absurda e merecedora de repudio?

Para que situação pretende conduzir-nos o Conselho de Administração do Porto e dos Caminhos de Ferro, se ele deve ter a certeza de que, embora o sr. Alto Comissario, rasgando mais uma vez as suas afirmações, tenha aprovado a arrematação do cimento, não estará disposto a enforcar o Conselho de Finanças, que tem o dever indeclinavel de zelar pelos dinheiros e interesses publicos? Porque a verdade é esta: O sr. dr. Brito Camacho, como Alto Comissario de Moçambique, ja ligou o seu nome á negociata do cimento. Já a sancionou. Já a aprovou. Consumou-se, finalmente, o «grande negocio de proteção ás industriais locais e aos interesses do Estado!»

Mas o facto consumou-se.

O sr. Alto Comissario, saltando por cima de todas as suas promessas de protecionar as industrias, aprovou o negocio que o Conselho de Administração do Porto repudiou duas vezes; o sr. Alto Comissario, que nos prometeu uma gerencia clara, sancionou um negocio de mais de 56 mil libras, que foi tratado em segredo, sem concurso: um negocio ilegal e á porta fechada!

Perante a descida do pano, no acto final do negocio das 200.000 sacas de cimento, desaparecem as responsabilidades do director do C. F. desaparecem as responsabilidades do Conselho de Administração; e como responsavel maximo e unico deste arranjo que tem apaixonado a opinião publica, surge um homem, um politico, um funcionario: O sr. dr. Brito Camacho, o negociador do contracto Hornung.

* * *

Fechamos aqui a transcrição.

Em resumo:—adquirem-se dusentos mil sacos de cimento que as necessidades do Caminho de Ferro e do Porto de Lourenço Marques não esgotam em menos de seis anos.

Adquirem-se quando a baixa na cotação dos cimentos se acentua.

Adquirem-se á porta fechada e sem concurso publico.

Adquire-se uma quantidade de cimento que não se consumirá em menos de seis anos, quando ás portas de Lourenço Marques está montada uma industria de cimentos com um capital de 300 mil libras, ou sejam mais de 14 mil contos, e na qual estão interessados capitais portuguezes na importancia de 35 mil libras e com a gerencia a cargo de um portuguez. Como se vê da transcrição esta fabrica está já hoje, alguns meses passados sobre a data do jornal que transcrevemos, apta a produzir o cimento necessario para o Caminho de Ferro, Porto e particulares de Lourenço Marques.

E' este o mais grave aspecto da questão. E' o governo de Moçambique que, em vez de proteger as industrias nascentes, a iniciativa de portuguezes e interesses legitimos de milhares de contos que representam a economia dos que por lá trabalham rudemente, honrando o paiz,—é o proprio governo que faz a «boycotage» aos produtos das fabricas nacionais.

Como demonstração de tacto administrativo, não é facil topar melhor.

E ogora?—perguntamos mais uma vez.

Quem arriscará os seus capitais em empresas que interessem á economia de Moçambique, sabendo o que por lá se passa, e que a lei não se cumpre?

Mais uma vez apelamos para o governo. A sua intervenção tem de ser rapida e de molde a dar uma plena satisfação á lei ofendida e á consciencia dos colonos de Moçambique não menos ofendida.

Mas tem de intervir já, imediatamente, antes que se pronuncie qualquer situação de conflicto—como tudo nos faz prevêr.

Noticias de todo o mundo

OS TELEGRAMAS DE HOJE

A vida social nos Estados Unidos

WASHINGTON, 31.—Tem circulado ultimamente nos Estados Unidos um grande numero de cartas pedindo donativos para auxiliar um movimento a favor do estabelecimento de uma Republica na Alsacia Lorena. As cartas são encimadas pela legenda «Comissão Executiva da Republica da Alsacia Lorena» e são assinadas por H. Muth, secretario e tesoureiro. A sua séde é em Baden, na Alemanha. As autoridades deram conhecimento destas informações ao representante da França, nesta capital, e julgam tratar-se duma campanha para levantar dissenções nas referidas provincias.—(L. A.)

NEW-YORK, 31.—A casa bancaria desta cidade «Ladenburgh Neumont Cº» tem recebido os fundos obtidos pelos promotores do projecto de uma Republica Alsacia Lorena. Um dos socios, o sr. Neumond, declarou que não sabe quem favorece este movimento e que recebe os donativos a pedido do Disconto Gesellschaft, importante casa bancaria alemã. Segundo as circulares que teem sido distribuidas, o plano consiste em agitar a opinião publica nas duas provincias a favor de um plebiscito para separa-las da França e formarem uma Republica independente.—(L. A.)

NEW-YORK, 31.—Os trabalhadores do porto estão dispostos a apoiar a greve dos mineiros que amanhã se deve declarar.—(R).

WASHINGTON, 1.—O presidente da União Internanional das classes maritimas negou que elas tencionassem pôr-se em greve por solieriedade com a União dos mineiros de carvão.—(R).

WASHINGTON, 1.—Segundo uma proposta de lei apresèntada hoje á camara dos representantes pelo sr. Demby e para a qual ele pediu urgencia, o presidente da republica ficará com autoridade absoluta para reformar os oficiais da marinha que tenham 40 anos de serviço e 60 de idade.—(R)

A politica espanhola e as operações de Marrocos

MADRID, 31.—No ministerio da Guerra almoçou com todos os ministros o Alto Comissario de Marrocos. A' tarde o general Berenguer conferenciou de novo com o presidente do conselho e com os ministros dos Estrangeiros, Guerra e Marinha. O general regressará á Africa na terça-feira proxima devendo recomeçar imediatamente as operações. Parece que as da zona de Melila serão dirigidas pelo general D. Frederico Berenguer. Confirma-se tambem que o general Sanjurjo irá exercer o comando em Larache por isso que o general Barrera tem que deixar aquele posto por ter sido promovido a general de divisão. Esta transferencia só se efectuará quando não prejudique as operações.—(R.)

MELILA, 31.—Forças da brigada Berenguer e da brigada Cabanellas ocuparam duas posições na cabila de Feni-Said, uma a éste de Fogunt e outra proximo de Anvar. O inimigo combateu com muito pouco encarniçamento.—(R.)

MADRID, 31.—O rei telegrafou para o Funchal interessando-se pelo estado de saude do ex-imperador da Austria, cujo estado segundo informações aqui chegadas continua sendo muito grave, tendo-se dito até que já tinha sido administrado a extrema-unção ao ex-imperador.—(R.)

MADRID 31.—Assegura-se que no proximo dia 15 de abril ficará firmado o convenio comercial com a França. Para ultimar os detalhes dele chegaram já a esta cidade dois altos funcionarios do ministerio das finanças francez.—(R.)

MADRID, 31.—No proximo dia 8 celebrar-se-ha no senado a anunciada reunião dos parlamentarês da esquerda, onde se ha-de fixar a linha de conduta a seguir pela concentração liberal. Depois desta reunião começará uma ativa campanha de propaganda.—(R.)

MADRID, 31.—O ministro da fazenda desmentiu terminantemente o boato, propalado por alguns jornais, de que se pensa fazer um emprestimo de cincoenta milhões de dollars nos Estados Unidos, acrescentando que o estado do tesouro espanhol não necessita felizmente de recorrer ao credito estrangeiro.—(R.)

MADRID, 31.—«A Gaceta» de hoje publica a nomeação dos ex-ministros marquez de Villaurrutia, Garnica de Rodes como delegados da Espanha á conferencia de Genova.—(R.)

MADRID, 31.—Solucionou-se a crise ministerial, o sr. Ordonez passou para a pasta da justiça, o almirante Rivera foi nomeado ministro da Marinha e o sr. Montejo, nomeado ministro da Instrução.—(H).

A comitiva de Lloyd George

LONDRES, 31.—O sr. Austen Chamberlain declarou nos comuns que Lloyd George irá á conferencia de Genova acompanhado de 91 pessoas, 20 do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, 23 do Board of Trade, 16 da Tesouraria, 25 do Secretariado do Gabinete, e 28 da Secretaria de Lloyd George. Respondendo a uma pergunta declarou que nenhuma missão especial de policias acompanhará a delegação britanica a Genova.

LONDRES, 1.—Censura-se asperamente nos bastidores da camera dos Comuns a politica seguida por Lloyd George relativamente aos soviets.—(Lat, Am.)

A Russia na Conferencia de Genova

BERLIM, 1—A delegação russa á conferencia de Genova, presidida por Tchitcherine já partiu de Moscou. Em Riga conferenciou com os representantes dos Estados do Baltico, seguindo depois para esta cidade onde se reunirá com Padawski, comissario da Ukrania para se dirigirem todos a Genova.—(L. A.)

De Italia

ROMA, 1.—Os soberanos e principe herdeiro belgas partiram ás 22 horas, incognitos, sendo saudados pelos soberanos da Italia, pelo principe herdeiro, pelo primeiro ministro sr. Facta, por alguns ministros e por todas as autoridades. Em todo o longo percurso a multidão fez-lhes uma entusiastica manifestação, aclamando os soberanos da Belgica e da Italia.—(H.)

ROMA, 31.—Segundo dizem os jornais o rei Alberto da Belgica cahiu num dos quartos da palacio, tendo sofrido varias lesões entre os quais uma distenção dos ligamentos da articulação do braço.

Tem sido muito comentado o facto dos reis da Belgica e Italia se terem abstido de chamar a Roma capital italiana. Diz-se que se procedeu assim em sinal de respeito pelo Vaticano.—(R.)

Lenine morreria?

PARIS, 31.—Ao passo que telegramas de Trieste dizem que Lenine faleceu e telegramas de Reval anunciam que ele continua gravemente doente, noticias de Varsovia dizem que a missão bolchevista de Vilna demente todos esses boatos afirmando que a doença de Lenine não tem importancia.—(R.)

VIENA, 31.—A «Neue Press» desta cidade publica um comunicado da missão bolchevista em Viena, desmentindo a noticia da enfermidade de Lenine e declarando que este boato está propalado por quem deseja «sabotar» a conferencia de Genova.—(R.)

Noticias da Alemanha

BERLIM, 31.—O sr. Miljukoff, russo que ha dias na sala da Filarmonica de Berlim foi vitima dum atentado de que saiu ileso, partiu de Berlim com destino a Paris.—(R).

BERLIM, 31.—O ministro dos Negocios Estrangeiros da Hólanda declaron que o Governo alemão se declarou disposto a indemnisar a Holanda pelo afundamento do vapor «Tubantia».—(R).

BERLIM, 31.—Segundo a «Chicago Tribune» os governos francez e belga acederam em pagar todas as despesas de ocupação das tropas americanas no Reno.—(R).

BERLIM, 31.—Acaba de ser nomeado ministro das Subsistencias o dr. Fehr em substituição do dr. Hermes.—(R).

BERLIM, 31.—Os representantes dos Soviets em Berlim enviaram a Moscow uma informação detalhada acerca dos monarquicos russos por motivo do atentado contra Miljukoff.

Os representantes bolchevistas teem intenção de fazer demarches junto do Governo alemão para que esté reforce as medidas de protecção destinadas a garantir a segurança dos representantes da Russia sovietista e muito especialmente quando os delegados russos da Conferencia atravessem a Alemanha para se dirigirem a Genova. O governo de Moscow vai fazer identico pedido ao governo italiano porque está informado da chegada a Genova do agentes monarquicos russos.—(R).

Noticias de França

PARIS, 31.—O presidente Millerand partiu ontem ás 8 da noite, tendo tido uma despedida muito efetuosa. Em Bordeus embarca a bordo do couraçado «Edgar Qninet» dirigindo-se a Casablanca. A viagem deve durar 10 dias.—R.

PARIS, 31.—Partiram para a Espanha, afim de proseguir as negociações do acordo comercial que se esta negociando actualmente com a Espanha, os srs. Le Sage e André, directores, respectivamente da Agricultura e das Alfandegas.—(R.)

Confederação Patronal Portuguesa

Lock-out da industria mobiliaria

Mantem-se o mesmo regimen de lock-out.

Ante a nova face da greve que os operarios adotaram votando a gréve parcial, cumpre á Confederação Patronal avisar todos os industriais do seguinte:

1.º Nenhum industrial deve admitir operarios nas suas oficinas.

2.º O regimen de Lock-out só findará quando a Confederação Patronal o resolver e avisar disso todos os industriais.

Isto será feito depois de todos os operarios em gréve declararem que acabaram a gréve e que estão resolvidos a retomar o trabalho pelos salarios antigos.

3.º As listas de nomes de industriais, que aparecem como tendo aderido ás imposições operarias, são falsas.

ULTIMA HORA

Crise Ministerial

Possibilidade de vir a ser declarada, em dia mais ou menos proximo

Chega-nos a noticia, que reputamos verdadeira, de que não é perfeita a harmonia de vistas entre o Governo e o directorio do P. R. P., éste ultimo influenciado por pressões exercidas pelos outros organismos partidarios. Passam-se assim as coisas, pouco mais ou menos:

A revolução de 19 de Outubro foi organizada e levada a efeito por numerosissimos elementos, alguns de fôrça e prestigio, do democratismo. Quando o P. R. P. recuperou o lugar de árbitro da politica portuguesa, certos dos seus dirigentes pensaram em impor a pena de expulsão das fileiras partidarias a todos aqueles que, desprezando as indicações dos altos corpos dirigentes, tinham dado o seu concurso ao outubrismo. Verificou-se, então, que, tanto em Lisboa, como nas principais cidades do paiz, as hostes democraticas eram outubristas.

As irradiações, muitissimo numerosas, enfraqueceriam por tal forma o P. R. P., que se desistiu da ideia. O sr. Antonio Maria da Silva foi, aliás, o mais acerrimo partidario dessas expulsões, aliás em absoluta coerencia com as declarações sempre feitas sobre alteração da ordem publica, no gravissimo momento historico que a Nação, a tanto custo, está atravessando.

Constituindo o governo democratico, o sr. Antonio Maria da Silva enveredou resolutamente pelo caminho da repressão das desordens, pondo os desordeiros encartados na situação de as não poderem reproduzir. Efectuaram-se prisões, algumas das quais teem sido mantidas. As comissões politicas do P. R. G. não sancionavam, outros reprovavam a politica do Governo.

E o Directorio, que não pode fugir á influencia exercida pelas comissões poz-se em oposição surda á politica governamental,—oposição que, dum instante para o outro, pode adquirir tal virulencia que o ministro se veja obrigado á démissão colectiva.

De resto a franqueza do ministerio do Interior bem caracteristica é a confirmação de todos estes casos justificando tambem as previsões duma crisa proxima, já latente, embora ignorada de alguns ministros.

Antonio Candido

O sr. dr. Antonio Candido será recebido, n'um dos dias da proxima semana, em audiencia particular, pelo sr. Presidente da Republica.

Os funerais do Embaixador do Brazil

O funeral do sr. Fontoura Xavier efectuar-se-ha depois de amanhã, pelas 16 horas, tendo honras de Chefe de Estado.

As honras ser-lhe-ão prestadas pelo governo portuguez, sendo o funeral a expensas do governo brazileiro.

Durante o dia foi uma verdadeira romagem á Embaixada do Brasil, tendo tambem ali estado, entre outras pessoas, os srs. secretario geral da Presidencia da Republica, secretario particular do chefe do Estado, chefe do governo, ministro dos Estrangeiros, corpo diplomatico, dr. Augusto Soares, dr. João de Barros, dr. Julio Dantas, duqueza do Porto, nuncio, conde de Sabugosa, conde e condessa de S. Lourenço, D. Antonio Vasco José de Melo, condessa das Alcaçovas, general Pedroso de Lima, marquezes de Ficalho, etc. etc.

Tambem foram recebidos grende numeros de telegramas e cartões de condolencias.

Viana da Mota

Partiu hoje para a America o ilustre pianista portuguez

Seguiu hoje de tarde para o Brasil o ilustre pianista portuguez director do Conservatorio Nacional de Lisboa sr. Viana da Mota.

O embarque fez-se pelas 14 horas no Cais das Colunas onde compareceram ao «bota-fora» todos os professores do Conservatorio e inumeros alunos num total de 300 pessoas que dispensaram ao grande mestre uma afectuosa manifestação de simpatia e carinho.

Viana da Mota embarcou no rebocador «Milhafre» que o conduziu para o «Desna» fundeado ao largo. Uns momentos antes da largada, e quando discipulos e amigos se dispunham a dar ao mestre os ultimos apertos de mão e abraços, acercamo-nos tambem. As nossas saudações são rapidas pois o tempo urge. Viana da Mota que se mostra sensibilisado com as provas de simpatia de que está sendo alvo esclarece-nos:

—Vou ao Brasil e Argentina numa «tournee» que durará 6 meses. Na minha companhia segue «mademoiselle» Marie Antoniette Aussenac, discipula laureada de Buzone e que é hoje uma grande pianista, uma artista de carreira...

—Quantos concertos vai dar?

—«Primeiramente darei concertos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro não podendo por enquanto dizer o numero de audições, pois que tudo depende do encadeamento dos acontecimentos artisticos. Iremos depois a Buenos Aires, onde os concertos se realisarão no Teatro Colombo...

E o mestre que pouco fala de si aproveita o ensejo para render os maiores elogios á discipula de Buzone e sua discipula tambem Mlc. Aussenac que causou sucesso em audições realisadas na Alemanha, Austria França e recentemente em Espanha juntamente com a orquestra sinfonica de Madrid.

O ilustre pianista portuguez irá provavelmente a Montevideu e S. Paulo não estando no entanto resolvida essa digressão.

A' partida do mestre fez-se representar o director geral das Belas Artes. O conservatorio, na ausencia do seu director é dirigido pelo seu sub-director sr. Luiz Freitas Branco.

O ex-imperador Carlos

FUNCHAL, 1.—A's 11 horas.—Faleceu o ex-imperador Carlos.—(Havas).

As gréves

Continua sem solução a gréve dos chauffeurs e condutores de carroças, tendo-se registado hoje mais adesões.

A dos mobiliarios está em via de solução, poucas casas restando atender ás reclamações do pessoal que ainda se encontra em gréve.

ESTRANGEIRO

A Russia na Conferencia de Genova

LONDRES, 31—Um telegrama de Moscow de 24 de Março recebido pela delegação comercial russa de Londres diz que os delegados bolchevistas á conferencia de Genova não entrarão em territorio italiano sem que o governo italiano lhes dê toda a especie de garantias acerca da sua segurança pessoal. O governo russo faz notar que a situação politica da Italia não oferece garantia nenhuma á delegação contra possiveis atentados por parte dos «fasciti», ajudados por reacionarios russos emigrados. Diz-se que os delegados russos se não hospedarão em Genova, mas nos arredores da cidade.—(R.)

RIGA, 31.—Chegaram a esta cidade os delegados bolchevistas á conferencia de Genova, os quais foram recebidos na estação por um funcionario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros da Letonia. Tchitcherine agradeceu as boas vindas e dirigiu-se com os demais delegados ao domicilio da delegação russa em Riga.—(R.)

Da America do Norte

CHICAGO, 1.—O presidente do National Bank of Republic, um dos maiores desta cidade suicidou-se ontem atirando-se ao rio. Desconhecem-se os motivos deste acto.—(R.)

NEW-YORK, 1.—Estão em greve no Massachussets, em Rhode Island e em New Hampshire mais de 50.000 operarios textis.—(R.)

ANAPOLIS, 1.—Hoje abandonaram o trabalho mais de 500.000 mineiros das minas de carvão.—(R.)

MIAMI (Florida), 1—Em Nassau ardeu o Colonial Hotel, o maior da cidade com mais de tresentos quartos, subindo os prejuizos a mais de 2 milhões de dollars.—(R.)

WASHINGTON, 1.—O Senado ratificou o tratado do Extremo Oriente por sessenta e cinco votos sem reservas nem modificações e por cincoenta e oito votos contra um tratado aduaneiro com a China.—(R).

WASHINGTON, 31.—O Senado norte-americano ratificou sem emenda alguma o tratado com a China.—(R).

TEATRO

Primeiras Representações

TEATRO NACIONAL — A Primorose, 3 actos de Flers et Caillavet. Trad. de Mello Barreto.

A «Primorose» é sempre primorosa. Não tem uma frase que não seja cheia de malicia, de espirito, de sentimento ou de observação.

Teve, há bom par de anos, uma interpretação notabilissima, quando ainda os artistas formavam seu todo homogeneo, e as peças eram postas em scena com carinhos de quem amava o teatro.

A administração do Nacional foi busca-la ao arquivo para reviver cenas noites brilhantes, mas esqueceu-se de lhe dar quer os scenarios ao menos decentes, quer a interpretação superior que a mimosa peça demanda.

É nestes casos não há desculpa para que se vá perturbar a memoria de noites de arte, não está certo que se reponham peças em piores circunstancias scenicas. E, no Nacional, é preciso que se faça sentir, que se comece a sentir a acção de Augusto Pina. Nem sempre uma «reprise» destinada a limitado numero de representações se toleram scenarios indecorosos, pobrissimos a representar castelos ricos, nem «bibelots» cronicos e candieiros suspensos de panino côr de rosa.

O desempenho— é curioso — sendo apreciavel em detalhe para cada artista, deu um conjunto desharmonico, divergente dissipado. Parecia que tres especies de escolas ou processos andavam a chocar-se pelo palco. Os velhos, com a sua representação romantisada, um pouco de amnesio. Descolando-se repliças; os novos desorientados, mas com scentelha, e os... sem habilidade alguma para a arte.

Eduardo Brazão no seu antigo papel foi ainda e sempre Brazão, um cardeal doçura, evangelico, bom.

Maria Pia sabendo representar como poucas, marcando bem, relembrando as maliciosas frazes do seu papel.

Irene Grave tomou o logar de Leonor Faria. E' uma bela artista que, se não suplantou a criadora, deve-o à voz, cujo sotaque nazalado a prejudica por vezes. Mas a sua «Primerose» é uma bela pagina para o seu livro de memorias. Realce, sentimento, o final do 1.º acto muito bom. A «Primerose» é uma figura de teatro eminentemente de melancolia e bondade. Irene Grave o mostrou muito viva, muito alacre, cheia de garotice e que se reconhecia a cada movimento sob o esforço do seu valor para encarnar o sentimental «Primerose».

Josquim Costa pouco fidalgo e muito burguez, mas sabendo ainda como poucos pisar a scena.

Luiz Pinto, voltou ao galã, Luiz Pinto foi um artista apreciavel, teve quem o aplaudisse. Hoje, em scena, é todo pregas; tem pregas nas calças, na voz, nos gestos. Parece feito com fosforos de pau; frio, parado, sem que nos comunique uma só parcela de vibração. Os galãs...

Albertina de Oliveira cuidou da sua rabula de irmã donata, sendo inteligentemente lôrpa e fazendo sorrir o publico com agrado apesar de estourar dentro da meninice da joven freira.

Esilda de Vasconcelos passou, fugitiva, esguia, ossea duma porta à outra; Acacia Reis, colareja artistica fez soar a sua voz em pregões; Laura Hirsch passou fôra do seu genero; Leitão pessimamente afidalgado e Melo, um joven artista a quem se augurávam bons futuros so com desejos do ser actor; á forma como invadiu o palco clamando mocacórdico, inflexivel, som a mais leve entonação «Minha irmã, tu aqui, ohl como estou contente», é do pior da sua fraca carreira.

Jorge Grave sem relevo notavel e Ana de Oliveira, espotica modernissima, representando mais por si do que pela arte...

Ainda havia mais artistas mas nós nos recorda. Esquecer é tambem uma virtude.

ARMANDO FERREIRA

cada «A Londa dos Tarlatanas» continua despertando um justificado interesse estando quasi tomados todos os bilhetes.

—No dia 28 do corrente realisa o conhecido e distinto actor Vasco Sant'Ana a sua festa artistica, no teatro S. Luiz com a «reprise» da «Casta Susana» em primeira representação.

—Hoje e amanhã realisam-se no Chiado Terrasse as ultimas representações da celebre farça de André Brun, intitulada «O Juiz de fóra», bolo desempenho da companhia Luz Veloso e na segunda feira, 3 efectua-se a festa artistica do actor Salvador Costa, com a peça de grande sucesso «Os vinte mil dollars».

Cartaz do dia

S. CARLOS—«A ventoinha».
NACIONAL—«Primerose».
S. LUIZ—«A Boneca».
APOLO—«Bolo Saxe».
AVENIDA—«Phi-phi».
POLYTEAMA—«A casaca encarnada».
CHIADO TERRASSE—«O juiz de fóra».
SALÃO FOZ—«Gigolage».
COLYSEU—Companhia de variedades.

Noticiario

Portugal

No S. Luiz sobe esta noite á scena em reprise a celebre opereta de grande espectaculo «A Boneca», na qual a gentil atriz Ausenda de Oliveira fará a protagonista. Neste espectaculo tomam parte os principais elementos da companhia Armando de Vasconcelos, devendo portanto resultar brilhantissimo o conjunto.

—A recita de 8 do corrente no S. Luiz em festa artistica do estimado actor Carlos Viana com a farça-masi-

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 1/2— 4 3/8
» 90 dias . . .	4 5/8—
Paris, cheque	1099— 1130
Suissa, cheque. . . .	2365— 2432
Belgica, cheque . . .	1024— 1053
Italia, cheque. . . .	625— 643
Berlim, cheque. . . .	40— 45
Holanda, cheque. . . .	4603— 4735
Madrid, cheque . . .	1885— 1939
New-York, cheque. . .	12187— 12535
Brazil, cheque. . . .	63— 57
Austria, cheque . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2161— 2223
Suecia, cheque	3172— 3263
Dinamarca, cheque. . .	2588— 2622

Libras . . . . . 57$00 — 60$00

Desastre

Esta manhã o electrico n.º 432 ao passar na rua Palma foi de encontro a uma escada Magyrus do serviço dos telefones fazendo cair o empregado que se achava sobre ela, o servente Manuel Nogueira que recolheu em mau estado ao hospital de S. José.

Exposição Portuguesa no Pará

Recomendações expressas aos produtores nacionais

A comemoração do centenario da Independencia do Brasil, em 7 de Setembro de 1922, atraindo desde já as maiorias atenções de todos os povos relacionados comercialmente com os mercados da União, é de molde a interessar amplamente, com especialidade na riquissima região do Estado do Pará, a iniciativa do Comercio Exportador de Portugal, cujo abelado predominio urge restaurar e desenvolver.

Com esse altivo proposito patriotico, a Camara Portuguesa de Comercio e Industria, votada sem cessar á defesa e á intensificação do intercambio luso-brasileiro, acaba de eleger e empossar sob os mais promissores augurios, uma Comissão Central destinada a levar a cabo, como é mister, o preito da Colonia do Pará á solene data centenaria da emancipação do Brasil.

Por essa comissão foi decidido realisar no Pará, em 7 de Setembro proximo, uma exposição tão brilhante quanto possivel, de Mostruarios de todos os produtos do nosso Comercio Exportador.

Numa circular largamente distribuida pelos produtores portugueses recomenda-se muito especialmente todo o esmero de rotulagem, de aprimoramento, de acondicionamento, de embalagem, disposição, etc, todo o rigor de peso, contagem e de medida.

É provavel que o sr. dr. Antonio José de Almeida visite a Exposição Portuguesa do Pará, no seu regresso do Rio de Janeiro.

Sucedâneo da gazolina

O engenheiro naval, do Arsenal de Napoles Anglicimo Sesti, descobriu depois de grandes trabalhos, a que se tem dedicado, um sucedâneo da gazolina, o qual consiste num composto de sulfato de carbono purificado com carbureto de calcio. Nos meios navaes de toda a Italia, assim como entre os industriais e técnicos, há vivo interesse pela nova descoberta, que parece, segundo informações vindas de Roma, deu magnificos resultados.

O ministro da Marinha, sr. Eugénio Berganasco, recebeu em audiência especial, o general Lenzi, presidente da Comissão Especial incumbida de realizar experiencias com o novo combustivel. Por aquele General foi apresentado ao ministro, um detalhado relatório, sobre os resultados das primeiras experiencias, que foram as mais completas e satisfactórias.

O ministro, inteirado da exposição do General Lenzi, felicitou o engenheiro Sesti, determinando que o combustivel nacional seja, o mais breve possivel adoptado na armada italiana.

Segundo a opinião do Deputado Bianchi, que acompanhou todos os trabalhos da Comissão, o novo invento compõe-se de ingredientes que tornam a sua fabricação mais barata que a da gazolina.

O mesmo Deputado calcula que dentro de um ano a Italia dispense a importação da gazolina, que é muito mais cara que o seu sucedaneo.

O congresso do Centro Catolico Portuguez

Do nosso colega, «Diario do Minho» extraimos as considerações que se seguem e que alem de judiciosas se nos afiguram materia para reflexão.

Somos dos que pensam que no proximo congresso do centro deve discutir-se muito, com ordem e metodo, para que fique bem assente a filosofia politica do Centro e se evite no futuro o dispendio de energias e tempo com «questiunculas» que somente servem para enfraquecer e desgostar.

Evidentemente que não temos a pretenção de que todos os que militam no campo catolico venham depois do proximo Congresso, a ter sobre cada um dos problemas que ao «Centro» podem interessar uma perfeita unanimidade de vistas.

Mas dentro das normas marcadas pela disciplina e da obediencia a quem de direito, há vasto campo para livremente se exporem ideias e opiniões. Tão cerrado é o caminho dos que, por não concordarem com certas soluções e modos de ver se afastam ou se revoltam, como o dos que pretendem sujeitar a todos a um criterio unico de solução para cada problema. Todas as opiniões e modos de ver são respeitaveis, desde que não importem a quebra da disciplina nem envolvam desrespeito pelo que é fundamental—a autoridade de quem manda porque pode e deve mandar.

E' necessario não confundir o essencial com o secundario. Dentro da mesma corrente de doutrina, pode haver modalidades, aspectos diferentes que constituem materia livre para discussão e soluções diferentes.

Numa epoca de transformação como a nossa é natural que, emquanto uns mais em contacto com as realidades, preconisam soluções mais radicais, outros mais moderados fujam de ir tão depressa ao encontro dos factos, procurando não acomodar-se-lhes, mas orientá-los, o que é diferente.

Em todos os partidos ha sempre tendencias varias, provenientes das ideias mais ou menos avançadas dos seus partidarios ou dos processos mais ou menos radicais que defendem como meio de acção.

No campo catolico, e sem que se contrarie a doutrina da Igreja, ha correntes diversas que merecem o maior respeito, porque são fruto de uma convicção profunda, mas que cabem todas no centro e nelas devem estar.

O que temos é de partir do principio de que o «Centro» é indispensavel na vida publica do paiz e como meio de acção catolica, que egualmente tem de se fazer sentir, sejo qual for o regime que vigore em Portugal.

Há no pais correntes politicas diferentes, onde estão alistados catolicos de valor, como catolicos ha nos partidarios do sr. D. Manuel e como alguns se encontram ainda dentro dos partidos da republica.

Como há-de a organisação catolica aproveitar estes elementos, sem os ferir ou magoar nos seus ideais politicos?

E' o que deve estudar-se no proximo congresso, mas por forma que a causa catolica, não servindo de degrau para ninguem, possa merecer não só a simpatia mas o esforço e cooperação de todos os que são catolicos.

O assunto é delicadissimo, e devemos confessar que o temos visto por aí mal posto nas colunas dos jornaes, e nas discussões apaixonadas que em volta do Centro se fazem dum e doutro lado.

E se o «Centro» quere ser na vida do país aquilo que os problemas que afligem a vida do país, reclamando uma solução; que só a igreja pode dar, exige que ele seja, alargue a sua esfera de acção, entrando francamente na organisação sindical das classes e terá nessas classes organisadas sob a influencia dos principios cristãos, a melhor e maior força para uma vicitoria certa. A «politica» pela «politica» já não deslumbra senão os «politicos de oficio» que são hoje em Portugal a «maior praga» e o «peor mal» entre os grandes males que afligem a nacionalidade. A organisação politica dos catolicos portugueses há-de ser fundamentalmente uma organisação sindical ou nunca será coisa alguma.

De todas as correntes dominantes em Portugal somente duas interessam e apaixonam consideravelmente o paiz—o integralismo e o socialismo —porque ambas teem como base a organisação sindical. O resto são partidos ou patrulhas sem ideias, sem programa, sem contacto com a realidade da vida e sem uma finalidade social a atingir.

A organisação politica dos catolices, que não é um partido nem uma patrulha, mas um corpo de doutrinas de verdade, ou leva a todas as classes essas verdades e os interessa, organisando-as, na acção catolica, ou arriscar-se-ha a ser esmagada pelos acontecimentos por não saber orientá-los. E não ha tempo a perder.

Ou já ou nunca.

SPORT

Pesos e alteres

O campeonato de Portugal

Vai breve ter lugar o campeonato de Portugal de força.

E' necessario que se apague a má impressão deixada pela greve no criterium Padinha, mas é tambem urgente que a direcção do Ginasio Club Portuguez, cuja vontade de acertar é manifesta, modifique a organisação.

Assim mais uma vez recomendo que deve ser posta de parte a maneira da disputa da prova.

O numero de tentativas para cada movimento deve ser de 4, ficando assim abolidas as tentativas para cada peso, o que torna a prova enfadonha.

Isto é, cada atleta para cada movimento tem quatro tentativas a fazer, levantando o que quer e começando como quer. Para um homem treinado chega.

A arbitragem tem que ser cuidada, e não entregue ao primeiro «quidam», a quem uma reputação feita por amigos tornou atleta celebre...

E para que a prova se não torne ridicula, com a exibição de atletas cuja aparencia está mais a pedir um frasco de «Histogenol», do que uma prova de força, façam-se passar por um exame medico todos os concorrentes, cuja aparencia seja um pouco misteriosa...

RUY DA CUNHA

Box

Parece que sempre se vai realisar o match entre Carpentier e Nilles.

Deve ser um combate interessante, pois que Nilles é um bom boxeur.

—O negro Siki que deu tanto que falar em França, bateu o boxeur Rogiers.

Um desafio interessante

O lutador americano Strangler, que é conhecido pelo nome de estrangulador, desafiou Dempsey para um match, usando ele luta livre e o boxeur o box.

Automobilismo

Vai ser festejado em França o 50.º aniversario da invenção do automobilismo, que pertenceu a M. Bailer.

—No Grand Prix de Italia devem entrar perto de 35 carros.

Pesos e alteres

O Federação Franceza de Pesos e Alteres, suprimiu da lista dos records o exercicio de soulevé de terra.

Law-Tennis

No torneio internacional de Nice, a celebre jogadora franceza M.elle Lenglen, mostrou na sua reaparição, que ainda é digna do titulo de primeira jogadora da Europa.

Aereonautica

O ministerio da Guerra italiano, vai organisar uma prova internacional de pára-quedas, dum aeroplano em vôo, com premios de 50 mil liras.

Ciclismo

A corrida dos 6 dias que vai realizar-se em Paris, vai ser uma grande manifestação de sport, pois estão contratados todos os melhores especialistas do genero.

Toda a correspondencia relativa a esta secção e bilhetes de entrada para campos sportivos deve ser dirijida ao redactor sportivo.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Faz-se publico que nos dias 3, 4 e 5 do proximo mez de Abril, das 11 ás 13 e das 14 ás 16 horas e depois todos os quartas-feiras as mesmas horas, terá lugar o pagamento do juro das obrigações desta Companhia, relativo ao 1.º semestre de 1922 a vencer no dia 1 do referido mez de Abril.

Alem do imposto de rendimento e em obediencia ao decreto n.º 4692 de 12 de julho de 1918, no acto do pagamento e por desconto nos juros, serão cobradas mais as seguintes impostancias:

Com relação aos titulos nominativos a avença do imposto do selo de dois milavos e meio ($0,25) por obrigação.

Com relação aos titulos ao portador a avença de contribuição de registo de um centavo por obrigação.

Sobre o montante dos descontos acima mencionados e do imposto de rendimento tanto nas obrigações nominativas como nas ao portador, será ainda cobrado mais o imposto de 6 o/o criado pelos decretos n.º 5521 de 8 de Maio de 1919 e 7027 de 19 de Outubro de 1920.

Igualmente se faz publico que no sorteio realisado no dia 30 do corrente, foram sorteadas 250 obrigações com os n.º 2401 a 2450, 12701 a 12750, 23051 a 23100, 63051 a 63100, e 91301 a 91350.

Lisboa 31 de Março de 1922

Pela Companhia Carris de Ferro de Lisboa—Os Directores

(a) A. C. Kolkhorst
(a) A. Baptista Coelho.

Tendo esta Companhia resolvido começar no proximo dia 3 de Abril a admissão de pessoal para serviço do movimento, via e obras, carpinteiros, serralheiros, electricistas, armazens e tipografia, em harmonia com a preferencia prometida no aviso de inscrição, ao pessoal que anteriormente estava ao serviço da Companhia, é convidado este pessoal das secções acima mencionadas a apresentar-se em Santo Amaro no proximo dia 3 de Abril ás 10 horas.

A DIRECÇÃO

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Um Poltrão

por GUY DE MAUPASSANT

Chamavam-lhe na sociedade o «lindo Signoles». Ele chamava-se o visconde Gontran Joseph de Signoles.

Orfão e senhor de suficiente fortuna, fazia figura, como é costume dizer-se. Tinha boa presença e boa apresentação, palavras suficientes para fazer crer que tinha espirito, uma certa graça natural, um ar de nobreza e de altivez, o bigode soberbo e o olhar meigo, coisas que agradam muito ás mulheres.

Era procurado nas salas, reclamado pelo olhar das valsistas e inspirava aos homens essa inimisade sorridente que se tem pelas pessoas de rosto energico.

Atribuiam-lhe alguns amores capazes de dar muito boa ideia de um rapaz. Vivia feliz, tranquilo, no mais completo bem estar moral. Sabia-se que jogava magnificamente á espada e melhor ainda á pistola.

— Quando um dia me bater, dizia ele, escolherei a pistola. Com esta arma tenho a certeza de matar o meu adversario.

Ora, uma noite, como tivesse acompanhado ao teatro duas mulheres novas, esposas de amigos seus, acompanhadas por êstes, oferecendo-lhes, depois do espectaculo, um sorvete na casa Tortoni. Tinham entrado havia alguns minutos, quando viu que um individuo, sentado a uma mesa vizinha, fitava com obstinação uma das senhoras. A alvejada parecia constrangida, inquieta, e baixava a cabeça. Afinal, disse ao marido:

— Está ali um homem que não faz senão olhar para mim. Eu não o conheço; conhece-lo?

O marido, que nada tinha visto, levantou os olhos, mas declarou:

— Não, não conheço.

A esposa tornou, meia sorridente, meio enfastiada:

— E' maçador, o homem! Esta a estragar-me o gelado.

O marido encolheu os ombros:

— Deixa! Não faças caso. Se nos fossemos a preocupar com todos os insolentes que encontrafnos, seria uma nunca acabar.

Mas o visconde levantara-se bruscamente. Não podia permitir que aquele desconhecido estragasse um gelado que êle havia oferecido. Era a êle que a injuria era dirigida, pois que era por causa dêle e em atenção a êle que os seus amigos tinham entrado naquele café. O caso, portanto, era com êle e só com êle.

Adiantou-se para o homem e disse-lhe:

— O senhor tem uma tal maneira de fitar estas senhoras, que eu, com franqueza, não tolero. Fará favor de cessar essa insistencia.

O outro replicou:

— Ora veja se me desampara a loja, sim?

O visconde declarou, de dentes cerrados:

— Tome cuidado, não me faça sair de mim.

O outro respondeu apenas com uma palavra, uma palavra obscena, que soou de um a outro extremo do café e fez, como por um impulso de uma mola, operar a cada um dos assistentes um movimento brusco.

Todos que estavam de costas se voltaram: todos os outros levantaram a cabeça; três rapazes giraram sobre os tacões como os piões; as duas mulheres do balcão tiveram como que um sobresalto, seguido de uma reviravolta do torso inteiro, como se fossem dois automatos obedecendo a uma mesma manivela.

Fez-se um grande silencio. Depois, de repente, estoirou um ruido sêco no ar. O visconde esbofeteara o seu adversario. Toda a gente se levantou para interpor-se. Foram trocados dois cartões.

Quando o visconde entrou em sua casa, poz-se a marchar, durante alguns minutos, a passos apressados, através do seu quarto. Estava muito agitado para que pudesse reflectir fosse no que fosse. Uma unica ideia lhe pairava no espirito: «um duelo», sem que essa ideia lhe despertasse ainda qualquer emoção. Tinha feito o que devia; mostrara-se o que devia ser. Falariam do caso, dar-lhe-iam razão; felicita-lo-iam.

Repetia em voz alta, falando como se fala nas ocasiões em que se tem muito perturbado o pensamento:

Que brutamontes, o tal homem!

Depois, sentou-se e poz-se a reflectir. Era-lhe preciso logo de manhã procurar testemunhas. Quem escolheria? Procurava no pensamento as pessoas mais celebres e melhor colocadas do seu conhecimento. Optou enfim pelo marquês de La-Tour-Noaire e o coronel Bourdin, um fidalgo e um militar, ficava assim muito bem. Os seus nomes eram conhecidos nos jornais. Sentiu sêde e bebeu, copo sobre copo de agua; depois continuou a passear pela casa. Sentiu-se cheio de energia. Mostrando-se brigão, resolvido a tudo, exigindo condições rigorosas, perigosas. Reclamando um duelo serio, um duelo terrivel, o seu adversario recuaria provavelmente e pediria as suas desculpas.

Tornou a pegar no cartão, que tirara da algibeira e atirara para cima da mesa, e releu-o, como já o lera no café, de um só golpe de vista e, no fiacre, á luz de cada bico de gaz, quando voltara para casa. «Georges Lamil, 51, rua Moncey». Nada mais.

Examinava aquelas letras que lhe pareciam misteriosas, cheias dum sentido confuso: Georges Lamil? Quem era aquele homem? Em que se empregava? Porque olhara para aquela mulher de um modo tal? Não era revoltante que um estranho, um desconhecido viesse perturbar assim a vida de um homem, tão de repente, só porque lhe agradara fitar insolentemente o rosto de uma mulher? E o visconde repetiu mais uma vez, em voz alta:

Que brutamontes!

Depois quedou imovel, de pé, scismando, com o olhar fixo no cartão de visita.

Despertava nele uma colera contra aquele pedaço de papel, uma colera odienta, a que vinha juntar-se um estranho sentimento de mal estar. Era estupido, no fim de contas, aquele caso! Tomou um canivete que lhe estava á mão, abriu-o e picou com êle, ao meio o nome impresso, como se apunhalasse alguem.

Pois era preciso bater-se! Escolheria a espada ou a pistola, porque se considerava como insultado. Com a espada arriscava-se menos; mas com a pistola tinha a probabilidade de fazer desistir o seu adversario. E' muito raro que um duelo á espada seja mortal, uma prudencia reciproca impede os combatentes de se terem em guarda muito proximo um do outro para que a ponta da espada possa entrar profundamente. Com a pistola arriscava a sua vida seriamente; mas poderia sair do caso airosamente, sem chegar a dar-se um encontro.

Continua

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

Até ás 18 horas não havia noticias dos aviadores portuguêses supondo-se que não tivessem partido ainda hoje das Canarias.

N.º 4043 – 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Segunda-feira, 3 de Abril de 1922 | Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

Os serviços da Assistencia

Tem-se constatado na complicada engrenagem administrativa do Estado o que de facto algumas vezes apontamos já nas colunas deste jornal: não existe verba suficiente para prover ao passadio e manutenção dos asilos, casas de assistencia e outras instituições de beneficencia. Recentemente o sr. governador Civil pretendendo colocar nessas casas uma boa parte da miseria e da mendicidade que atulhava as ruas de Lisboa deteve-se ante os quasi insuperaveis dificuldades que por toda a parte encontrou. Teve este funcionario ocasião de verificar, pelas reclamações e exposições precebidas que não havia verba suficiente, não só para prover os encargos que aumentavam com a admissão de novos pensionistas como tambem para sustentar a permanencia dos que já lá estavam. O facto foi assim constatado por uma forma que se podia chamar quasi oficial. E desde então o estado financeiro das casas de beneficencia, a principiar pelos hospitais, agravou-se de tal forma que sem metafora se pode concluir que vivem por arames.

Entre as coisas que urge fatalmente remediar é inegavel que figura esta em primeiro logar. O sr. ministro das Finanças salientou ultimamente que em toda a engrenagem formidavel, em todo o vastissimo estado-maior que dirige e encaminha os serviços de assistencia publica reina um lamentavel «gachis» e que importantissimas verbas, não menos consideraveis receitas ou se espalham improductivamente ou são aplicadas sem coesão nem ideia preconcebida de forma que no campo das realisações praticas podem definitivamente classificar-se como inexistentes.

E' evidente que a falta de verba nos serviços da Assistencia nasce dos mesmos motivos que a tornam egualmente deficiente em todos os outros serviços do Estado. Mas é tambem incontestavel que a desorganisação, a negligencia, a complicação nefasta habituais em todas as engrenagens administrativas torna ainda mais aflitiva uma situação que já de si principia a ser insustentavel.

Para que se saia deste circulo vicioso, deste grito permanente e obsecante: «Não ha verba!»—é necessario antes de tudo crea-la. E crear verba não consiste unicamente em aplicar receitas hipoteticas e muitas vezes discutiveis a notificados serviços, mas muito mais ainda em saber administrar judiciosamente o pouco que ha. O sr. ministro das Finanças constatou e declarou terminantemente que existe uma anarquia pasmosa em todos os ramos da administração do Estado.

Quem aponta os males deve saber remedial-os, tem o dever de os remediar. Se a administração tal como está não presta, que se reforme ou que se moralise mas que se montem decentemente os serviços da Assistencia em todas as suas manifestações para que as medidas que pretendeu pôr em pratica o sr. governador civil possam tornar-se exequiveis. Começar pelo principio visto que segundo parece,... ainda se não começou.

CONGRESSO

Não houve hoje sessão nas duas casas do Parlamento.

Na Camara dos Deputados chegou a fazer-se a chamada, sendo encerrada a sessão por falta de numero, naturalmente porque, tendo os legisladores de se encorporar no cortejo funebre do sr. Embaixador do Brasil, não podiam comparecer, ao mesmo tempo, no Parlamento.

Nas primeiras sessões do Congresso far-se-ha o elogio funebre do sr. Fontoura Xavier, o malogrado Embaixador.

A questão irlandesa

LONDRES.—Em Belfast tem continuado a serie de crimes. Foram mortos a tiro quatro policias e uma criança que atravessava a rua nos braços da mãe havendo mais duas crianças feridas. Teem continuado tambem os «raids» e assaltos em diferentes partes da cidade.—(R).

LONDRES.—Já foi assinado um acordo entre os representantes da Inglaterra, Ulster e Estado Livre da Irlanda, havendo toda a esperança que termina a presente situação harmonisando-se ambos os partidos.—(R)

A conferencia de Genova

ROMA, 3.—Calcula-se em 30 milhões de liras a despeza a fazer com a estada das delegações estrangeiras em Genova, contando alojamentos e automoveis.—(L. A.)

NO FORRO DA Casaca Encarnada

QUE ONTEM SE DESPIU PELA ULTIMA VEZ NO

POLITEAMA

* * *

O teatro, por dentro, por muito arrumado, por muito asseado, por muito luxuoso é sempre forro. Na «casaca encarnada», no entanto esse forro foi de setim, pela doçura de certa pele de mulher, duma rara volupia.

* * *

As scenas mais tragicas, vistas por entre «colisses», enquadradas por um buraco de scenario, tem sempre a desiquilibral-as, a ridicularisal-as, os pequenos detalhes que não passam do palco, e não são visiveis aos espectadores. Queres tu saber leitor o que tinham escrito aquelas notas de 100 escudos, que veem da casa de penhores, no 2.º acto da celebre peça de Vitoriano Braga, e pagam o anel de Marta, posto na casa de penhores? Ora lê.

BANCO DE RATAPUM

VINTE MIL RAIOS

LODO

O Director — *Mané Chéné*   O Governador — *Gungunhana*

São assim as notas que, tremulas, molhadas de lagrimas, aflitivas, a velha criada traz, com o seu ar doce e resignado, para salvar Evaristo Fernandes...

* * *

Lembras-te leitor, das solenes pancadas de Moliere, em dias de «premiére», na sala doirada e repleta, fazem estremecer no fauteul? Pois olha meu caro, no palco, são singelamente algumas batedelas de sarrafo, a que o contra-regra, com voz de contrabaixo dá, assim, o sinal: Mario!... o Pano!... E, depois, como quem dá uma ordem de fogo: Panooooo! E, o pano sobe, rapido, veloz sobre a scena, onde a ribalta, ilumina dum brilho estranho, as pupilas afuzeadas de Brunilde...

* * *

Erico, o elegante e sumptuoso Erico, para o qual as burguesitas morenas de Lisboa, voltam todas as cabecinhas de arelá e penduram nos olhos o sorriso dum desejo,—sabe tocar piano. E' êle proprio que toca na peça o fox-trot do 1.º acto. Mas em pleno Lisboa-Club, quando Evaristo Fernandes, de casaca encarnada, exausto, exangue, semi-morto, toca no «jazz band» é já uma senhora gorda que entre bastidores, toca por êle.

E essas notas que tu ouves, publico, sentidas, loucas, desvairadas..., são apenas pisadas burguêsmente no piano por uma senhora averiguadamente gorda, e justificadamente tranquila...

* * *

Ao longo do palco, os rasgões doirados da luz de scena, por entre os bastidores: Madame Schubach vai entrar.

E' a Schubach que vai comprar o amante. Daqui a um minuto, a um segundo, esta mulher serena e abandonada a si mesma, que toma pachorrentamente uma «groseille»—vae ser cinica, terrivel, agressiva. Lucilia despede-se num sorriso, avança um passo; o espectador já a vê; o seu sorriso transformou-se como por encanto endureceu a expressão doce da face; os seus olhos fuzilam...

No rasgão doirado da luz de scena, por entre bastidores, Madame Shubach entrou...

* * *

Agora é João Calazans, o velho creado. Lembraste o côco que ele traz na mão? Pois não o enfia na cabeça, não lhe serve, fica-lhe no alto... Está-se a benzer, antes de entrar em scena... E' da velha guarda. Antigamente todos os actores se benziam.

Diz-se que Adelina Abranches resa sempre uma oração. Este excelente Calazans faz uma cruz ostensiva, tem orgulho em ser religioso.

O pedido a Deus para representar bem, deve ser tão embaraçoso para o Padre Eterno, que eu estou convencido que ele entrega o caso ao dr. Santos Farinha, velho aficionado das ribaltas...

* * *

Estamos no camarim de Ribeiro Lopes. Diogo Alardo está em camisa. João Lopes, o mulato marido da Schubach passa a porta, ainda a enchugar as mãos na agua de tinta da China com que as escureceu, e, os carpinteiros de scena, os electricistas, os comparsas, os creados, os alfaiates, o Tremidinho, «Groom» de Erico, tudo canta o jazz-band, na abertura do 3.º acto. Vai subir o pano!

Diogo Alardo perdeu um suspensorio, e ainda não está de casaca; Evaristo Fernandes toma uma pastilha «Valda» por causa da scena da morte; Seixas Pereira o empregado dos seguros, safa-se para o combeio de Bemfica; deslisam alguns pares amorosos pelo palco, e quem se passa para a sala é

Emquanto os republicanos dormem, os monarquicos organisam-se, sem, ao certo, dizerem para quê...

O «Comercio de Vizeu», que acabamos de receber, dá noticia de reuniões de influentes monarquicos no districto de Vizeu. Parece que o sr. Visconde d'Asseca tem por lá andado em viagem de propaganda, com um objectivo final, que não é muito claramente expresso no «Comercio de Vizeu». Este periodo fála, efectivamente, em reuniões politicas, em fins a atingir, em trabalhos preparatorios, mas não diz, duma maneira clara, qual é essa finalidade.

O certo é que ás reuniões teem assistido pessoas conhecidas pela sua combatividade extra-legal, como, por exemplo, o sr. Visconde do Banho, que foi ministro do Reino da Traulitania, da tão grotesca, mas nem por isso, menos tragica memoria.

Para edificação dos republicanos e salutar aviso ao Governo, transcrevemos parte de um artigo do «Comercio de Vizeu»:

Trabalha-se activamente em todo o pais na Organização Monarquica. Isto era absolutamente indispensavel, porque nada de eficaz se poderia fazer sem que a Causa Monarquica tivesse organizadas as suas forças. Elas são numerosas e importantes em todo o pais, mas algumas teem andado dispersas.

Quer pelo numero, quer pela qualidade, os monarquicos saberão impôr-se á turba-multa republicana que fez deste pais uma terra de cafres, e vence-la. Para isso não é preciso muito. Basta apenas que estejamos unidos e que saibamos obedecer. Se todos «quizermos» venceremos sem grandes dificuldades e teremos prestado á Nação um grande serviço. Porque este nosso ardôr na luta pela Restauração inspira-se principalmente na firme convicção em que estamos de que só a Monarquia salvará Portugal.

....

E se temos a certeza de que a Republica tem seguido e continúa a seguir por um caminho errado que nos leva a ruina, o nosso dever de bons portuguêses obriga-nos a «terçar armas» pela Restauração da Monarquia que, estamos plenamente convencidos, iniciará uma nova era de Ressurreição para a Patria Portuguêsa.

Conclue-se, de tudo isto, que os monarquicos manuelistas cerram fileiras em todo o paiz, dispondo-se a derrubar a Republica. Esta actividade dos inimigos irreconciliaveis das Instituições não tem sido seguida e estudada, atentamente, pelas auctoridades a quem a Republica confiou a sua defeza? Eis uma interrogação que merecia não ficar sem resposta oficial...

Marcello Alvear

Será o Presidente da Argentina

BUENOS AIRES, 3.—Está assegurada a eleição do dr. Alvear, ministro da Argentina em Paris, por a presidencia da Republica. Na eleição que se realisou os radicais obtiveram maioria absoluta na capital e na maior parte das provincias. Os resultados definitivos serão publicados dentro de 15 dias.—(H).

A viagem do sr. Millerand

BORDEUS, 2.—O sr. Millerand partiu ás 6 horas da manhã para Casablanca.—(H)

BORDEUS, 2.—No discurso que ontem pronunciou na camara municipal o sr. Millerand declarou: «A nossa democracia é pacifica e está resolvida a não usar da força senão para salvaguardar o seu direito; não constitue uma ameaça para ninguem. Continua sendo a esperança e o apoio para todos as ideias generosas de fraternidade e de progresso no mundo».—(H).

Diluvio de Coroneis

A atitude da minoria monarquica (rotulo manuelista) na discussão da lei das promoções para ing'ê; ver...

Terminou, na Camara dos Deputados, a discussão da lei que inundou de coroneis o Exercito Portuguez. As promoções foram mantidas, criando-se, assim, uma nova classe de oficiais, a que propriamente se poderão chamar—os disponiveis.

Em todo este negocio, uma insignificante coisa despertou geral estranheza: a minoria monarquica, que fala pelos cotovelos e barafusta quanto pode, não se pronunciou sobre o caso. E porquê? Eis o que só é sabido pelos dirigentes da alta politica restauracionista (marca «Bragança n.º 2»), embora não seja ilegitimo fazer conjecturas que nos aproximem da decifração do enigma.

Dar-se-ha o caso, por exemplo, que entre os oficiais que se adornam com galões supra-numerarios, figurem muitos, alguns ou mesmo poucos daqueles que são gratos ao regimen deposto em 1910?

Ou então (outro exemplo) será possivel que a inundação de galões dourados, a mais da lotação, tenha favorecido a vaidade de oficiais que não tiveram a ventura de experimentar as emoções da guerra?

Ou então... Outras hipoteses se poderiam arquitectar, sem duvida. Mas, todas elas, não explicariam capazmente o silencio da minoria parlamentar monarquica (marca «Victoria Evora-Monte») visto que os representantes do direito divino, lei-partido pela vontade constitucionalista dos do Mindelo, sempre blasonaram duma independencia telescopica de opinião e de discussão.

Está-se a ver...

O "Dia,, de hontem e o "Dia,, de hoje...

Reaparece hoje o «Dia», o velho e brilhante jornal dirigido pelo sr. Moreira d'Almeida. Festivamente o recebemos porque, se bem que irredutiveis adversarios da politica dinastica que lhe imprimia o sr. Moreira d'Almeida, sempre encontramos lealdade nos seus processos de ataque e defeza. E isto, diga-se em abono da verdade, não é tão vulgar como á primeira vista pode parecer. Bem vindo seja!

O «Dia» vai, muito naturalmente, combater em favor duma das facções em que presentemente se divide o partido restauracionista. Quer-nos parecer que o sr. Moreira d'Almeida, fiel aos seus principios, não encarreirará pelo iconoclasticismo de «A Monarquia», regeitando toda a responsabilidade no segundo destronamento do sr. D. Manuel, levado a efeito pela rapaziada brava do Integralismo. Pelo contrario. O «Dia» continuará, impenitentemente a pugnar pelos direitos, humanos e divinos, do rei constitucional, hibridismo monarquico de transição entre o absolutismo do direito divino e a democracia pela vontade do Povo.

E vai faze-lo com a habilidade que lhe é costumeira. Como exemplo eloquente dos seus gritosos processos, lembra-nos, incidentemente, que o «Dia» conseguiu desfazer, ou quasi desfazer, uma manifestação anterior á declaração de guerra da Alemanha a Portugal. «A Capital» tornara-se o centro promotor dessa manifestação, que consistia num banquete de homenagem aos aliados, representados, é claro, pelo seu corpo diplomatico acreditado em Lisboa. O «Dia» enredou as coisas por tal forma que, de 600 inscritos para o banquete, apenas compareceram 200.

E o «Dia» não teve grande trabalho em conseguir esse exito dissolvente. Bastou-lhe lançar, na altura propria, esta duvida:

—Então o banquete é de homenagem aos aliados ou é contra a Inglaterra?...

E' de supor, é mesmo quasi certo que o «Dia» encontrará na sua fecunda imaginação, novas formulas para desvirtuar as intenções patrioticas dos republicanos, sempre que estes se lembrarem de as exteriorisar. Nesse genero de politica derrotista foi inexcedivel o jornal do sr. Moreira de Almeida e não é de presumir, antes pelo contrario, que o ostracismo a que voluntariamente se votou, conseguisse transformar o que o berço dá. Receamos, pois, que, na hora grave que o paiz atravessa e onde todas as energias devem ser animadas pela fé no triunfo final, o «Dia» venha destemperar vontades, exagerando os seus pessimismos e alimentando o espirito defectista que ficou endemico naqueles que tão instintivo e invencivel horror demonstraram pela luta nos campos de batalha.

A TENTATIVA DO "RAID"

Sacadura Cabral e Gago Coutinho

preparam-se para voar das Canarias a Cabo Verde

Segundo as informações dispensadas á Imprensa, devem ter largado hoje pelas 7 horas da manhã, da grande travessia para Cabo Verde, provavelmente em direcção á ilha do Sal, os aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que, como neste momento sabem todos os portugueses se propõem efectuar a travessia do Atlantico em direcção ao Brazil.

Ninguem ignora quanto são grandes as dificuldades dessa tentativa. São quasi insuperaveis. Aproxima-se a etape mais dificil, aquela cuja realisação mais anciedade provoca. Já a travessia Canarias-Cabo Verde é um pouco mais longa que anterior (Lisboa-Las Palmas). E ainda a outra, a terceira (Cabo-Verde-Fernando de Noronha) se apresenta com maior dificuldade por ser maior ainda a distancia.

Até Cabo Verde, os aviadores vão até certo ponto correndo ao largo e a oeste da Costa d'Africa. Deste ultimo ponto até á ilha brasileira, o avião portugues terá de obliquar francamente, afastando-se cada vez mais da costa africana, em demanda da America. Esta etape alem de ser a mais longa é a mais palpitante e pode considerar-se realisada a tentativa no momento em que os heroicos marinheiros portugueses, depois de desoito ou vinte horas de viagem pelas misteriosas solidões do Atlantico, avistem entre a neblina do ocidente a alta escarpa confusa da pequena ilha de Fernando de Noronha, quasi deshabitada e deposito de degradados do governo brasileiro.

Se as circunstancias lhes forem propicias — e hão-de se-lo porque a fortuna ajuda os audaciosos — os nossos marinheiros deverão pousar por toda esta tarde numa das ilhas de Cabo Verde. Mas é justo desde já salientar que Sacadura Cabral e Gago Coutinho, qualquer que seja o resultado da sua temeraria empresa, bateram já um «record» voando sem interrupção do continente até Las Palmas, vôo este que é o maior que até aqui a aviação portuguesa tem realisado.

-:- FACTOS -:- E PALAVRAS

As manas siamesas

As manas siamesas, muito conhecidas entre os que se interessam pelas monstruosidades humanas, Rosa e Josefa Blestick, acabam de falecer—ambas, está claro — num hospital de Chicago. Tinham um só estomago embora tivessem aparelhos respiratorios e cardiacos semelhantes mas a morte duma trouxe inevitavelmente a morte da outra, deixando na orfandade um filho que é ao mesmo tempo sobrinho e que deveu certamente a luz do dia outorgada por sua mãe com o consentimento tacito da inseparavel tia. O pai deste mancebo abandonou já ha tempos este mundo provavelmente porque sendo já bastante duro aturar uma mulher, torna-se completamente intoleravel ter de aturar duas.

Livros de ensino

Andam por França, queixando-se dos livros de ensino, dos livros para as crianças. São lamentaveis velharias, cousas escritas e feitas ha 30 anos e que ainda hoje continuam a distribuir-se á mocidade. Parece que se trata de cousas nacionais. Um olhar atento e investigador sobre os livros portuguezes nas escolas revela tambem por aqui cousas pasmosas. Ainda vêm no tempo da descoberta do Brazil e do caminho maritimo para a India. Supõe-se que desde esses factos notaveis mas já longiquos nunca mais houve nada que possa interessar e orientar os jovens intelectos.

A «Emilinha» dos «Velhos»

Segundo dizem os entendidos de bastidores a entrada em scena da actriz Virginia na festa que vai agora realisar-se, é sobremaneira interessante. Figurarão dentro dos limites do possivel todos os artistas portuguezes, mesmo os retirados da scena representando figuras do Teatro Portuguez. Povoada a scena entrará em ultimo logar Virginia, a «Emilinha» do velho D. João da Camara. E' inegavelmente uma bela ideia e não andam elas tanto aos pontapés que se deixe passar em julgado uma que revela elegancia e delicadeza de espirito.

O ex-imperador Carlos

Agora que o ex-imperador da Austria passou a ser um ex-vivo, não lhe faltam encomios e louvores em todas as imprensas do mundo, tão justa se tornam aquelas que atravez de tudo e de todos proseguem sem hesitação naquilo que supõem ser o seu caminho. A Hungria que ainda ha pouco tempo se viu forçada a despeja-lo «manu-militari», carpe-o agora em todos os tons e todo aquela parte da opinião publica para a qual não havia epitetos malsoantes que bastassem, ditirambisa agora o extinto principe e confessa afinal que ele não era tão mau como parecia, tanto é verdade que é necessario morrer para se provar á evidencia que realmente se viveu.

As economias do Rei de Inglaterra e as palavras de Lloyd George

LONDRES.—Por uma questão de economia o rei Jorge V vae vender o seu hiate «Alexandra». Esta venda tinha sido á tempos recomendada pela comissão Guedes visto que a manutenção do hiate tinha custado no ano passado a importancia de 71.315 libras.—(R).

LONDRES. — Regressou Lloyd George tendo inaugurado á tarde um monumento comemorativo da guerra na egreja batista de Castle street. Hoje deve pronunciar na Camara dos Comuns o seu esperado discurso sobre a conferencia de Genova. A opinião ingleza encontra-se ainda muito dividida sobre este assunto.—(R).

O 4.º aniversario de "La Lys"

Passa no proximo domingo a data portugueza na -§- Grande Guerra -§-

A carta que abaixo publicamos é um grito e uma verdade. Assina-a um prisioneiro do 9 de Abril de 1918 data que tem servido entre nós para os inteligentes oportunistas esfusiarem em flores de vitoria e tratarem da vida com um certo desembaraço videirinho. E' pouco mais ou menos para isto que tem servido entre nós a batalha de «La Lys» e estamos em vêr que para pouco mais servirá porque aqueles que nela sofreram e nela morreram parecem ser fatores de somenos importancia para os profissionais da luminaria e das glorias nacionais.

Não se dirá no entanto que a derrota honrosissima de «La Lys» não fora ainda nos nossos corações que compreendem e agradecem o esforço digno dum punhado de verdadeiros combatentes. Assim o entende e assim o sente «A Capital» publicando a carta dum antigo prisioneiro.

... Sr. Redactor — Vai fazer-se em breves dias a quarta comemoração da celeberrima data de 9 de abril, que, mais do que nenhuma outra, assinala, bem insofismavelmente, a cooperação do Exercito Portuguez na Grande Guerra.

Uma tal comemoração que deve encher de orgulho todos aqueles que tiveram a felicidade de fazer parte do nosso Corpo Expedicionario á França, não deixa, contudo, de constituir motivo de desgosto para muitos dos seus devotados cooperadores.

Trata-se daqueles a quem as circunstancias conduziram a um bem lamentavel esquecimento, posto que, na referida data, se encontrassem, como todos os seus companheiros, no campo de batalha, e ahi corressem os mesmos perigos.

Quero referir-me aos combatentes que, fieis ás determinações do comando superior, que os mandava morrer na 2.ª linha das trincheiras ali se aguentaram sobre a tremenda barragem da artilharia alemã que subitamente se desencadeou, sobre a frente portuguesa, nessa nevoenta madrugada de 9 de abril.

Quero referir-me, sim, aos combatentes que, guarnecendo, bem debilmente, por sinal, as trincheiras portuguesas, desde Ferme du Bois a Laventie, suportaram heroicamente essa vendaval de metralha, que de longe vinha, por ser exclusivamente caracterisado pelo fogo dalguns milhares de canhões, contra os quais impotente se tornou a diminuta artilharia de que dispunhamos e absolutamente nula poderia considerar-se a acção da nossa infanteria. Nula, sim, porque só depois de fortemente batida e desmantelada, sobre um terreno pavorosamente revolvido, lhe foi dado ver o seu adversario, quando este a envolvia pelos seus flancos e rectaguarda, numa desproporção de efectivos que irremediavel e infelizmente aniquilava todos os seus esforços.

E' mister reconhecer-se, sr. redactor, que, se o paiz hoje pode comemorar essa data gloriosa de 9 de abril, é justamente porque um punhado de valorosos portugueses, fieis ás determinações superiores, se manteve firme nas suas posições de combate, arrostando com a formidavel metralha inimiga, durante muitas horas seguidas, e não tombando sobre o campo de batalha aqueles a quem as contingencias do acaso permitiu escapar á acção destruidora da formidavel barragem.

Neste punhado de heroicos portuguezes devem contar-se apenas trez especies de combatentes: os que morreram, os feridos e os que cairam prisioneiros.

Foram estes apenas os que a ofensiva alemã encontrou, assinalando a presença de forças portuguezas no sector que a estes estava confiado.

Se todos houvessem retirado, alem de não terem cumprido as ordens recebidas, teria a nossa acção todo o caracteristico de uma debandada, que, de forma alguma poderia justificar a comemoração que vai fazer-se.

Mortos, feridos e prisioneiros, a estes se deve, pois, especialmente a nossa gloriosa acção na memoravel batalha de «La Lys», não se compreendendo, pois, como até hoje, uma serie de governos tenha conservado os sobreviventes da horrivel tragedia no mais ingrato esquecimento.

Destes, apenas alguns artilheiros, aqueles que dispunham de armamento especial, que, pelo seu longo alcance lhes permitia responder, quasi ao acaso, numa luta de um para mil, á agressão inimiga, foram, alias bem justificadamente, lembrados; quanto á infanteria sofredora, aquela que, lá em baixo, viu, a todo o momento, revolvidas as suas trincheiras pela metralha, como o abrirem-lhe as sepulturas, pode essa considerar-se absolutamente esquecida!

Pergunta-se:—deveria esta, na impossibilidade de fazer uso das suas espingardas, porquanto o inimigo só de longe a estava batendo, com a sua poderosa artilharia, abandonar as suas posições, contrariando assim as ordens terminantes que insistentemente lhe vinham sendo transmitidas durante todo esse tormentoso mez de março de 1918? Não.

Parece, pois, agora, embora tardio.

DEPOIS DA GUERRA

O crime e a moral, segundo um jornal francez

A «Depêcha», de Toulouse, França, escreve o seguinte, firmado por Yves Delbos:

A guerra deu singular alento aos costumes civicos. Chegou, too avia, o momento de fortalecer os sentimentos contrarios, cultivando a bondade e a piedade. Pois não será verdade que o crime existe em franca germinação, desde que o coração não se comova e se adquiram habitos de colera e de brutalidade?

Existe atualmente uma mentalidade que é forçoso modificar: mas como não ha de triunfar o crime, se ha absoluto desprezo em lhe exterminar os germens, impedindo a sua eclosão e purificando a atmosfera?

Será bastante aceita-lo e até absolvê-lo, exactamente porque a sua gestação foi protegida?...

Uma sociedade que quer sanear-se deve ter uma organisação e uma moral mais previdentes, com uma justiça menos cega.

Estas ideas do jornalista toulez aplicam-se, com exacta razão, ao estado patologico da sociedade portugueza. O crime prolifera entre nós, exactamente porque a guerra fez eclodir todas as más paixões, desde o feroz egoismo colectivo, excelentemente protegido pelo Estado, até ao individualismo anarquista, que encontra solido apoio em jornais como a «Batalha» e organisações como a «União dos Sindicatos Operarios».

Para que o crime desapareça ou, pelo menos, se atenue, serio preciso refazer a moral do povo, dando-lhe novas noções de altruismo e patriotismo. Mas quem se preocupa, hoje, com isso?

Por isso triunfa o crime!

o momento de recompensar, com qualquer distinção todos os prisioneiros de 9 de abril, até hoje esquecidos, talvez apenas por se não terem feito lembrados, como o foram tantos outros elementos do nosso C. E. P. que nem á classificação de combatentes mereciam, por haverem servido muitos deles burocraticamente nas secretarias dos quarteis generais da retaguarda, e até mesmo nos das diversas «bases» de operações.

Certamente, sr. redactor que o cadaver do «Soldado Desconhecido» que em Portugal foi glorificado, não veio das idilicas paragens de Ambleteuse, de Paris Plage, do Alto de Boulogne, logares estes a que, num admiravel desplante, não raro, se chamava a «Frente», mas sim dos vastos cemiterios que se encontram nas imediações do Touret, de Vieille Chapelle e Lavantie.

Na verdade, a guerra fazia-se a beira-mar, em aprazíveis tardes de estio, donde se contemplavam os formosos poentes, em doce idilio com as elegantes banhistas parisienses; fazia-se a guerra sob os copados arruamentos que se talham na soberba floresta do Tonquet, onde, nos domingos, se fazia musica e passeiavam, aprumadas as loiras «nurses» de olhos verdes. Fazia-se a guerra, principescamente instalada em elegantes «cottages», onde se ofereciam banquetes, em que se elevava a alegria e esfusiava o espirito em eloquentes brindes; mas, paralelamente, fazia-se tambem a guerra, a muitas dezenas de quilometros dali, nos campos devastados, de arvores esgalhadas e contorcidas de aspecto «ferido», ou sobre os escombros de extintos povoações.

A hora do meio dia, ou nas trevos, apenas, a espaços, iluminadas pelo brilhante clarão dos «very-lights», ali se fazia a guerra, sob uma destruidora chuva de ferro, entre o bramido ensurdecedor de milhares de canhões e o gasguinhar arripiante das metralhadoras. Fazia-se a guerra em audaciosas sortidas de patrulheiros ao «no man's land», ou em impetuosos «raids» ás proprias linhas do inimigo.

Mas, tudo isto era a guerra, sr. redactor, quer ela se fizesse á dentro dos «chateaux» da retaguarda, nas lindas praias do Pas de Calais, onde o sol fumbra vivas refulgencias de oiro polido, quer nas trincheiras desmanteladas da infantaria, ou agarrado ás peças, nas posições das nossas baterias.

A verdade, porém, é que, por efeito não sei de que extranho fenomeno, a incomensuravel distancia que separava estas duas especies de combatentes, foi subitamente reduzida a «zero», se é que, em virtude de uma prodigiosa rotação de 180 graus, o front se não deslocou para uma situação diametralmente oposta...

Junte-se a isto as tendas habilmente preparadas, em torno de um ou outro apaniguado, a quem era forçoso elevar até dar-lhe as proporções de um heroe; junte-se-lhe mais o elogio mutuo, em proveito de uma ou outra jornaleira sem despeito, e teremos assim a explicação de tremenda injustiça e revoltante ingratidão que hoje me leva a recorrer ás colunas do seu apreciado jornal.

Sr. redactor, se realmente ha o proposito de fazer a união e disciplina no Exercito, congressando os seus elementos despeitados, o que, naturalmente ha a fazer é remediar as injustiças praticadas, por efeito de lapsos havidos nas recompensas a fazer; e se alguma injustiça pode considerar-se como verdadeiramente flagrante, é aquela que diz respeito ao esquecimento a que foram votados os prisioneiros de 9 de Abril, quando a França dispensando aos seus o mais comovente carinho, os classificava de «ressuscitados da guerra».

Pela publicação desta carta lhe ficaria sumamente agradecido, o de V. etc. — (Oficial ex-prisioneiro de 9 de Abril).

Noticias de todo o mundo

OS TELEGRAMAS DE HOJE

A ocupação do Rheno e a propaganda anti-franceza

PARIS, 3.—Os meios oficiais americanos acolheram com grande satisfação segundo o Herald de Washington, a resposta da França constatando que o pedido dos Estados Unidos para serem reembolsados das despesas da ocupação dos suas forças militares no Rheno é bem fundado. A sugestão da França de que os aliados dirijam ulteriormente a Washington uma nota colectiva sobre o assunto é considerada como indicio de que o questão não levantará qualquer dificuldade.—(H).

PARIS, 3.—O dr. Paffrath que com companhia do pastor Herstol visitou oficialmente os campos dos ultimos prisioneiros alemães de Avignon, Cuers e Aguey publicou recentemente na «Germania» um artigo em que refuta as calunias que teem corrido na Alemanha sobre pretendidos tratamentos e castigos infligidos nesses campos aos prisioneiros. Diz que tendo falado na sua visita com todos os prisioneiros nenhum apresentou queixas contra mau tratamento ou castigos improprios.

Põe as familias dos prisioneiros do provenção contra tais atoardas que são devidas a fins tendenciosos de propaganda anti-franceza e em certos casos á exploração junto das familias para lhes extorquir dinheiro, a pretexto de obter noticias de antigos soldados de que não houve mais conhecimento e que dão como existindo nesses campos.

Os prisioneiros actualmente existentes estão todos eles em relações com suas familias. São egualmente falsas as noticias sobre a existencia de um campo secreto, onde estariam sequestrados muitos soldados de que não houve mais noticias.

Aconselha as familias a dirigirem-se ás estações oficiais que estão habilitadas a informar sobre a identidade e situação dos prisioneiros que, realmente existem.—(H.)

O emprestimo de Tcheco-Slovaquia

PRAGA.—O parlamento concedeu autorização para se negociar em Londres um emprestimo de dez milhões de coroas.—(R).

Do Japão

TOKIO.—Deu-se um recontro entre as tropas japonezas e as bolchevistas na Siberia. Teme-se que este incidente possa trazer consequencias desagradaveis.—(R).

PARIS, 3.—Telegramas de Yocoama dizem ter se incendiado naquele porto o navio americano «City of Melbourne».

A conferencia de Genova

LONDRES 3.—Confirma-se que no dia seguinte á conferencia de Paris, o sr. Lloyd George lembrou ao sr. Schanzer a oportunidade duma reunião preliminar dos aliados antes da conferencia de Genova. Espera-se, portanto, a proposta italiana para uma entrevista em Genova na vespera da inauguração da conferencia.—H

O exercito dos «soviets»

PARIS, 3.—Entrevistado pelo correspondente do Excelsior, Trotsky declarou; ao referir-se á organisação do exercito vermelho, ter este recebido da Alemanha uniformes militares.—H.

Vivas e mais vivas...

Na Leitaria La Lys na rua Primeiro de Dezembro houve hoje de madrugada mosquitos por cordas devido talvez a um certo abuso de bebidos.

Um grupo de rapazes afidalgados entendeu que devia exteriorisar a sua aversão á Republica, levantando vivas á monarquia e cantando o hino da Carta manifestações essas que mais se avolumaram quando um oficial do Exercito foi ao estabelecimento beber um copo de leite.

A policia informada do que se passava foi á leitaria e prendeu os manifestantes os quais recolheram ao Governo Civil.

São eles: Eduardo Lencastre Laboreira Fiuza, Victor Augusto de Sousa, Luiz Moitinho de Carvalho e Antonio Vizeu Pombeiro importante proprietario na Chamusca.

Anuncia-se que o Governo vai ser vigorosamente combatido

Acentuaram-se hoje, na Arcada, os boatos duma proxima modificação na atitude de alguns parlamentares em face do Governo. Diz-se, por exemplo, que os reconstituintes vão entrar em franca combatividade ao Governo, no que serão auxiliados pelos independentes, chefiados pelo sr. Cunha Leal.

Devemos dizer, a proposito, que em certos meios se dava como provavel uma proxima partida do sr. Cunha Leal para o estrangeiro, a fim de desempenhar uma comissão de confiança. Não conseguimos, obter a este respeito, nenhuma confirmação nem desmentido, mas afigura-se-nos que a noticia não merece confiança, pelo menos nos termos em que nos foi fornecida.

Acerca da estabilidade governamental, é opinião geral que o sr. Ministro das Finanças abandonará o ministerio, ao primeiro sinal dum ataque parlamentar em forma.

MANUEL DA SAUDE

Num dos quartos particulares do hospital de S. José onde se encontrava em tratamento faleceu hoje de madrugada o sr. Manuel da Saude, irmão do sr. Joaquim Chaves da Saude, importante industrial e proprietario no Seixal.

O funeral deve realisar-se depois de amanhã a hora ainda não determinada.

Ordem Publica

Nas regiões governamentais desmente-se, sem hesitações, as noticias alarmantes que nestas ultimas 48 horas, foram postas em circulação. Apezar disso, inclinamo-nos a acreditar que elas não são absolutamente destituidas de fundamento, sendo fingrande a agitação que se nota entre os elementos do P. R. P. que colaboraram no movimento outubrista. E todavia certo que está ainda longe o dia da eclosão dos desordens, se, por acaso, elas chegarem a produzir-se.

Afonso Costa

Sabe-se que, ao menor sinal de desordem em Portugal, o sr. Afonso Costa renunciará á combatividade politica já anunciada, abandonando a «sine die», o seu regresso a Lisboa. Esta circunstancia poderá influir, talvez decisivamente, na desistencia ou protelamento de qualquer movimento subversivo.

Um comicio na aldeia,

descrito por um periodico catolico de Coimbra

O «Correio de Coimbra», semanario, orgão da Comissão Diocesana do Centro Catolico, descreve, no seu numero de 1 do corrente, um comicio realizado em pleno campo, assistido por rudes trabalhadores, homens incultos, em cuja mente se procura pertilizar o *virus* politico que irradia das cidades. O comicio realizou-se em Ribeirão, para os lados de Vila Nova.

Armou-se um estrado de madeira, para lá subir um orador; que arengou, diz êle, a quatro mil pessoas. Tema do discurso: *Amor á Terra*.

Eis, agora, o que disse o propagandista e o resultado da propaganda, segundo o noticiario do «Correio de Coimbra»:

«Assim como um transviado, á busca da casa, procura marear-se para onde fica o norte, o sul, o nascente e o poente, assim tambem em cada aldeia de Portugal ha quatro pontos cardiais que conduzem o lavrador á sua Terra: — o norte é a *igreja da freguesia*; o sul é o *campo*; o nascente é a *nossa casa*; o poente é o *cemiterio*. Isto disse eu. Creio que não é subversivo.

Portugal é um bilhar grande, cada aldeia é um bilhar pequeno. Ha três marfineas bolas no bilhar: uma toda branca, a da religião e do povo dos campos; outra branca com uma pinta preta que lhe sujou a alvura, é a dos politicos intrujões; outra vermelha, é a..., os senhores compreendem como os lavradores compreenderam! é a bola *vermelha*, a bola *russa!* Por ora só ha dois jogadores, o da bola branca e o da bola preta e branca, ou *preta*, como se diz no bilhar. A bola vermelha, porém, já se mexe, já rola de mais. E' preciso que é tambem necessario que a bola branca derrote as outras duas, batendo por todas as quatro tabelas do bilhar: a igreja, o campo, a casa e o cemiterio, sem saltar fora.

Hoje entrou-me em plena feira, no escritorio, um homenzarrão, seguido de um rapaz, ambos do campo, vejo o primeiro direito a mim e desfechou:

— O' sr. doutor, êste diabo quere largar um campo da mãe, que não tem mais ninguem *pró* trabalhar, e rasparse *pró* Porto, para uma fabrica. V. S.ª diga-lhe aqui o que ontem nos disse a nós!

O moço cabisbaixo de confundido, Depois, olhou para mim, para o homem, deu entre os dedos desnocados duas voltas ao chapéu, e:

— O' sr. doutor, não diga nada... Foi uma telha! Já não vou! Fico cá a mãe!

— Não que eu, volveu o outro, triunfante, empando meu coração se enchia de pena e de alegria simultaneas, não que eu, se fosses casmurro, sempre te punha, antes de ires, a mão na cachaceira!...

...Louvado Deus! A semente do comicio vai surgir á flor da terramãe de ribas do Ave, numa ceara de almas novas, que a espada-arado de Frei Nuno de Santa Maria, como nos tercetos do Poeta, anda a lavrar!...»

ULTIMA HORA

O FUNERAL DO SR. EMBAIXADOR DO BRAZIL

constituiu uma grande manifestação de pezar

Pelas 15 horas de hoje efectuou-se o funeral do sr. Fontoura Xavier, ilustre Embaixador do Brazil em Portugal, tendo o seu funeral constituido uma grande manifestação de dôr e saudade.

Pouco depois das 12 horas começaram a chegar á embaixada o corpo diplomatico, membros do governo e grande numero de pessoas de todas as categorias sociais.

Depois da encomendação feita na camara ardente pelo Nuncio foi a urna envolvida pela bandeira brasileira, rodeada de coroas e deposta em armão, puxado a quatro parelhas.

A sr.ª embaixatriz e sua filha encontravam-se num estado de grande prostração moral bem como todas as pessoas intimas que ali se teem conservado a velar o ilustre extinto.

Em seguida organisou-se o cortejo funebre, seguindo pela rua Garret, rua Nova do Almada, Rossio, Avenida da Liberdade, ruas Alexandre Herculano, Visconde de Santo Ambrosio e Saraiva de Carvalho.

O prestito teve a seguinte organisação: trens dos diversos convidados, corpo diplomatico, pessoal da embaixada do Brazil, membros do governo, presidente da Camara dos Deputados, do Senado, secretario geral da Presidencia da Republica e representante do sr. Presidente da Republica; trem conduzindo o espadim, chapeu armado e condecorações do embaixador, automovel do respeito do embaixador, berlinda com eclasiasticos, etc. etc.

Fazia a guarda de honra uma força de cavalaria da G. N. R. sob o comando dum capitão, que prestou a devida continencia á passagem dos restos mortais do ilustre extinto.

No cemiterio foram pronunciados dois discursos um pelo sr. ministro dos Estrangeiros e o segundo pelo Nuncio em nome do corpo diplomatico.

A urna ficou depositada no jazigo do sr. Canoido Soto Maior, até ser trasladada para o Brazil.

As corôas

Tomamos notas das seguintes corôas: De Ernesto e Jorge, de Antonio e Bernardino, dr. Graça Aranha, mulher e filhos, Jim e Marina, Le Baby e Ana Margarida, do secretario J. Macedo Soares, do governo do Brazil com as fitas da côr da bandeira daquele paiz, Le Mr. Et. Mme Tressen Greciano, do governo portuguez, do comissariado do governo na exposição internacional do Rio de Janeiro, Eugenio Brites Macedo Soares, de Adelino Correia Leite, do corpo diplomatico, da familia do sr. Fontoura Xavier, do Club Brazileiro, etc.

Entre outras pessoas vimos os srs. representante do chefe do Estado, chefe do governo, ministros da Justiça, Agricultura, Estrangeiros, Finanças, Trabalho, Guerra, dr. João de Barros, dr. Ribeiro Junior, representante da Sociedade Nacional de Belas Artes, dr. Bernardino Machado, dr. Domingos Pereira, deputados e senadores, Governador Civil de Lisboa, comandante e oficiais da policia, dr. Rodrigues Pereira, representando o sr. Lisboa de Lima etc.

—A filha do sr. Fontoura Xavier acompanhou a urna até á porta conduzindo um lindo ramo de flores naturais.

* * *

Pouco elemento oficial compareceu ás derradeiras homenagens a prestar ao falecido embaixador.

O cortejo que era reduzidissimo cingiu-se ao Corpo Diplomatico que compareceu «au grand complet», aos representantes do Governo; ao pessoal superior do Ministerio dos Estrangeiros e a umas 10 ou 12 pessoas o maximo, das relações do ilustre morto.

Os alunos da Escola Academica incorporaram-se tambem com o seu estandarte tendo-se verificado a falta daqueles que por dever de cargo não deviam deixar de comparecer a tais actos.

Notou-se tambem uma certa desorganisação no cortejo tendo-se registado pela primeira vez o facto lamentavel do feretro ter seguido sem guarda de honra. Esta que era formada por um esquadrão da G. N. R. com bandeira e terno de clarins cavalgava na sua maxima força á frente do armão das corôas, de forma que o feretro ia desacompanhado levando apenas a ladeá-lo 6 soldados de cavalaria. O cortejo fechava com o povo que quasi caminhava em cima do caixão.

Em poucas linhas

O carro electrico n. 203 queimou-se na Avenida Almirante Reis, pelo que o transito esteve impedido cerca de 1 hora.

No tribunal da Boa-Hora estava anunciado para hoje o julgamento de 7 carroceiros acusados de terem incitado os seus camaradas á greve.

Até ás 16 horas ainda não havia comparecido o juiz que os devia julgar, o que levantou protestos entre os reus e os seus advogados.

Foram nomeados vogais do XXII Concurso Nacional de Tiro srs. Eduardo Augusto Soares Valadas, Cesar Augusto Almeida Varela e major de engenharia sr. Augusto de Azevedo Lemos Esmeraldo Carvalhais.

Segundo consta a subscrição aberta na Guiné para os mortos da Grande Guerra render aproximadamente 14.000 escudos.

Foi ordenado que uma bateria de artelharia 3 compareça no proximo dia 9 do corrente na Escola Militar a fim de dar as salvas que forem determinadas.

O caso da Brazileira

No Governo Civil ainda se encontram presos os filhos do falecido coronel Batista e varios redactores do jornal «A Monarquia», os quais a noite passada no café «A Brazileira» do Chiado tiveram um conflito de certa gravidade motivado pela publicação no semanario monarquico «A Revolução» de um artigo tido como injurioso para a memoria do falecido presidente do ministerio.

Parece estar apurado que o trio que feriu levemente no ventre o jornalista sr. Felix Correia não foi disparado por qualquer dos filhos do falecido oficial pois que as armas que lhes foram apreendidas estavam intactas não acusando vestigios de terem feito fogo.

Faltam os padres em Lisboa

Na egreja dos Martyres devia ser ressada hoje uma missa por alma do ex-imperador Carlos da Austria, vitimado pela pneumonica na Ilha da Madeira. A cerimonia religiosa que fôra encomendada por um grupo de integralistas não poude porem realisar-se por falta de sacerdoto.

E' a assistencia mais remedio não teve que retirar-se, aguardando que apareçam padres que se disponham a rezar missas...

O avião

A's 18 horas e 5 minutos comunicaram-nos de Monsanto, obsequiosamente, que o posto de T. S. F. ia pôr-se em comunicação com Casa Branca (Marrocos), donde talvez viriam noticias acerca do avião "Fary 400".

Nas estações oficiais continua a nada saber-se acerca da partida do avião.

Gréve dos eletricos

Parece que finalmente tende a normalisar-se a malfadada questão dos electricos. Hoje circularam mais carros, com a novidade de alguns deles se apresentarem timonados pelo antigo pessoal da Companhia. Em face de tal atitude dos grévistas natural é que o antipatico movimento que tantos prejuizos tem causado á população altacinha termine de vez. O elevador de Santa Justa que desde o inicio do movimento havia paralisado as carreiras voltou hoje a trabalhar.

POEIRA DA ARCADA

Partiu para o Porto, donde seguirá para Roma, o ministro de Portugal junto do Vaticano, sr. dr. Pedro Martins.

—O sr. Camara Leme oficial do Ministerio dos Estrangeiros, foi nomeado para gerir o Consulado de Cantão no impedimento do Consul, a quem foi concedida uma licença regulamentar.

—Foi transferido para amanhã de manhã, o conselho de ministros que estava convocado para hoje.

—Por motivos do funeral do sr. embaixador do Brasil foi hoje concedida tolerancia do ponto da tarde em algumas repartições publicas.

—A firma Firmino O'Neill Pedrosa, Quintino & Camara, pretende provar no Parlamento que tanto as suas propostas para fornecimento de trigo exotico como para proporcionar ao Estado um emprestimo na America e aquisição de carvão americano, traziam ao paiz vantagens muito superiores ás que o Estado tem ultimamente obtido.

—O Chefe do Governo conferenciou hoje com o sr. Ministro da Guerra.

—O segundo tenente sr. Prestes Salgueiro vai desempenhar o cargo de capitão do porto de Quelimane.

—Foi dissolvida a junta escolar de Tondela, por não ter organisado o orçamento do ensino primario para 1921-1922, conforme as modificações que lhe foram indicadas pela respectiva repartição.

—Na semana finda em 25 de março manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 6 de febre tifoide, 1 de meningite e 14 de variola, e no Porto, 5 de difteria, 1 de tosse convulsa e 3 de tifo exantematico.

Choque de veiculos

Cerca do meio dia, no cruzamento das ruas da Betesga e Augusta deu-se um choque entre o carro electrico 254 e um automovel. Ambos os veiculos sofreram avarias importantes.

TEATRO

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO S. LUIZ—*Auzenda* ou *os bonecos do S. Luiz*, opereta em 3 actos com musica de Audeun.

Auzenda é uma «boneca». A «Boneca» é uma velha. Encarquilhada, arrastada, monótona. O que no S. Luiz nos deram foi «Auzenda», Auzenda em 3 actos e muitos quadros de fantasia lirica.

Alfredo Carvalho muito bem; um comico irresistivel, natural, popular.

Os restantes em conjunto agradavel, mas o mal está no bafio que a peça desdobrada do novo espalhou pela sala.

A boneca é Auzenda; só a sua graciosidade saberia dar relevo ao «Carabi Pistoli», tão insipido, tão falho de graça já para o nosso tempo, logo cuidado dos nossos avós que eram bem mais puros do que a gente de hoje.

A «boneca» é Auzenda... e Alfredo Carvalho tambem mereceu as nossas palmas.

A. F.

Escola d'Arte de Representar

Na Escola da Arte de Representar realisou-se hontem em «matinée» a 3.ª audição popular e gratuita para distribuição de diplomas e premios aos alunos que obtiveram classificação no ultimo ano lectivo.

Com o seu habitual brilhantismo a Escola arbitrou o seu primeiro premio á actriz Georgina Cordeiro que demonstrou excepcionais qualidades para a scena. Figura gentil, dicção correcta, distinta da scena não faltam na joven artista que claramente patenteou as suas qualidades no dialogo de Julio Dantas «Motivo de Marivaux» e ainda no desempenho do seu papel na «Locandeira», de Golstoni.

Os restantes alunos entre os quais apareceram elementos que muito em breve, serão no Teatro elementos de subido valor, Rebelo, Mario Bizarro, José Henriques, Adelia Loriento e Carmen Garcia foram realmente felizes no desempenho dos seus papeis. Julia Lopes e Arnaldo Assis muito para louvar.

A grande sala do Conservatorio estava completamente cheia

Noticiario

Portugal

Representando a Empreza José Loureiro segue para o Rio de Janeiro, em Setembro, com uma companhia de operetas e revistas, o nosso amigo e secretario teatral, sr. Oscar Ribeiro, por acordo estabelecido entre aquele emprezario e o seu colega Luiz Galhardo. Dessa companhia fazem parte Nascimento Fernandes e Margarida Martinó.

—Na farça-musical, «A Lenda dos Tarlatanas» de André Brun e Carlos Simões, com musica do maestro Pedro Blanch, que sóbe á scena no dia 8, em festa artistica de Carlos Viana, tomam parte as actrizes Auzenda de Oliveira, Sofia Santos, Aldina de Souza, Beatriz Baptista e os actores Carlos Viana, Fernando Pereira, Alfredo de Sousa, Sales Ribeiro, Sebastião Ribeiro, Vasco Sant'Ana, Mario Campos, Antonio Paiva, Antonio Matos e Alfredo Paulo.

—Não obstante todas as dificuldades com que veem lutando ha uns anos as instituições de beneficencia, a «Sociedade Promotora de Escolas», sem desistir de dar realidade ao programa que se traçou de concorrer para os progressos da educação nacional, realisa no Teatro de S. Luiz, na noite de terça-feira proxima, o seu beneficio anual, sem os recursos do qual não pode manter á altura das suas belas tradições pedagogicas a Escola Oficina n.º 1. Espera-se a comparencia de todos os amigos daquela casa educativa; conta-se com o auxilio do publico, sobretudo daquela parte a quem interessam as obras benemeritas e s. ex.ª o Presidente da Republica honra o espectaculo com a sua presença.

—Vai ser reconstruido no seu antigo local o o velho teatro do Ginasio, de gloriosas tradições, devendo ser posta a concurso a sua reconstrução.

—A actriz Carlota Sande reaparece brevemente na companhia Alves da Cunha, no Teatro de S. Carlos.

—Vai ser brevemente representada em um dos nossos teatros de declamação a peça de costumes chinezes «Wu-Li-Chang», notavel original americano.

— Chamar-se-ha «Teatro Maria Victoria» o novo teatro a reconstruir dentro do recinto do Parque Mayer.

Cartaz do dia

NACIONAL—«Primerose»
S. LUIZ—«A Boneca.»
APOLO—«Belo Sexo».
AVENIDA—«Phi-phi».
POLYTEAMA—«A Mascara».
CHIADO TERRASSE — «Os vinte mil dollars».
SALAO FOZ—«Giga-joga».
COLYSEU—Companhia de variedades.»

Filhos e enteados!

Em cima da nossa mesa de trabalho apareceu a circular que abaixo publicamos e que foi decerto destinada a todos os oficiais directamente interessados nela.

Ninguem nos solicitou a sua publicação mas parece-nos interessante divulgar esse documento, mais um documento comprovativo das arbitrariedades e confusões que constantemente surdem do Ministerio da Guerra.

Emquanto certos elementos fabricam, arranjam, constroem, publicam leis como a 1239 e outros se promovem a si proprios e se insigniam gostosamente a eles mesmos, verifica-se que outros oficiais veem postergando os seus legitimos direitos, provavelmente porque não tem candeia acesa em Meca.

Segue a circular:

Previnem-se todos os oficiais deste quadro e demais interessados de que:

1.º Devendo promover-se em 29 de janeiro findo os tenentes mais antigos a capitão, completando o quadro, tal se não fez nem se pensa fazer, apezar das disposições legais que regulam o assunto.

2.º Que se despreza a doutrina do artigo 10.º do decreto n.º 4110 de 13 de abril de 1918, em pleno vigor, ao abrigo do qual não se poderá deixar de promover pelo menos tantos capitães quantos os 1.ºs sargentos que, «ao abrigo desse mesmo artigo», foram promovidos em virtude de vagas de capitão, cujo numero representa indubitavel e indiscutivelmente o numero de vagas existentes neste posto, libertas já da restrição imposta pelo § unico do artigo 2.º do Decreto (6553 que não importa porque foi anulado) 6931 de 13 de setembro de 1920 que contem precisamente a mesma materia do 6543.

Não vem para este aviso demonstrar o criterio que se tenta seguir, tão prejudicial aos interesses do Estado e das colonias como ofensivo dos direitos adquiridos não só dos oficiais coloniais mas de todos os que aspiram ao oficialato nas colonias, classe numerosa que deve pugnar por si e pelo cumprimento da Lei: mas aqui se previne de que a interpretação dada ao referido § unico é de tal ordem que extinguir-se-ha o quadro quando aprouver a quem interfere neste assunto, que impõe a sua opinião ao ex.mo Ministro porque este ex.mo sr. (embora dum caracter recto a que temos de prestar a nossa homenagem e preito) não tem nem pode ter tempo para examinar detidamente todos os variadissimos assuntos da sua pasta.

Por isso, á classe, unica interessada em fazer respeitar os seus direitos que estão dentro da lei e do interesse nacional, tanto mais, quanto mais necessaria se torna a compressão de despesas, cumpre atentar neste facto que intenta contra o seu futuro e é como que um golpe que se vibra áqueles que maior direito teem á justa recompensa do seu esforçado trabalho em regiões inhospitas, que não poupam a saude e a vida para engrandecimento da Patria.

Pela comissão eleita para este fim

Antonio d'Oliveira Ramos
Secretario

Poesia chinesa

O «Chi-Kin» (Livro dos Versos) é, como se sabe, a mais antiga antologia conhecida. As poesias nele compiladas abrangem o periodo que vai do seculo XIII ao seculo VIII antes de Cristo, isto é, um periodo que termina no momento da fundação de Roma.

A lirica chinesa já tinha, pois, uma longa evolução, quando na Europa começou a elaboração do ciclo épico de Troia, que havia de ter a sua maxima expressão na «Iliada», e já a coleção do «Chi-Kin» estava completo, quando o lirismo grego pela primeira vez apareceu.

Dessa coleção extraimos as tres poesias que seguem. Gérard de Nerval chama ás traduções um versculuar empalhado. Se é certo que tais traduções não podem dar ideia do sentimento poetico dos originais, tambem as traduções em prosa pouco mais podem exprimir do que a sua ideia. E se isto assim é quando se trata de verter poesia duma lingua europeia para outra tambem europeia, é o ainda mais quando se procure uma tradução duma lingua de genio e formação absolutamente diversos dos daquela em que a mesma tradução é feita, como é o caso do chinês e do português.

As traduções que seguem são adatações das versões literais feitas por Tsao-Chang-Ling.

A MINHA AMIGA

A' porta ocidental da cidade, riem raparigas ondeantes e leves como nuvens de primavera. Mas eu desdenho dos seus encantos, pois que, no seu vestido branco e sob o seu veu espesso, a minha amiga é mais graciosa.

A' porta oriental da cidade, sonham raparigas deslumbrantes e lindas como flores de primavera. Mas eu desdenho dos seus perfumes, pois que, no seu vestido branco e sob o seu veu espesso, a minha amiga é mais odorifera.

MENSAGEM

Amigo, eu te suplico, não venhas ter comigo! Magoarias os salgueiros que plantei deante da minha casa! Já te não devo amar. Forçoso é que obedeça a meus pais. Disse-lhes quanto te amo, quanto me és necessario, e ouvi as suas violentas exprobações.

Amigo, eu te suplico, não saltes o muro do nosso pateo. Quebrarias os ramos do sandalo novo que eu todas as manhãs regol É-me impossivel dar-te o meu coração. A vontade do meu irmão mais velho é omnipotente e ele proibiu-se que te amasse.

Amigo, eu te suplico, não partas a barreira a que nos encostamos na terde da tua partida! Arrancarias a roseira cujas flores eu vou respirar ao crepusculo.

SO'...

Ele é o mais forte, ele é o mais bravo, ele é o mais belo de todos os guerreiros, aquele que eu amo! Mas o exercito caminha agora para Leste...

Deixo flutuar os meus cabelos para que o vento de Leste os possa acariciar todos.

Tomei em horror o sol, a lua, as estrelas. Só amo as grandes chuvas de inverno, e em vão lhes peço que extingam o fogo que me devora.

Eu sei onde poderia colher a flor que me desse o esquecimento... Eia perfuma a nossa pequenina casa. Mas eu fechei a nossa casa, porque quero sofrer.

Se eu não sofresse como sofro, estaria mais longe do meu bem-amado!

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/2— 4 3/8
» 90 dias . . .	4 5/8—
Paris, cheque	1099— 1130
Suissa, cheque	2396— 2433
Belgica, cheque	1024— 1053
Italia, cheque	625— 643
Berlim, cheque	40— 45
Holanda, cheque	4603— 4735
Madrid, cheque	1885— 1939
New-York, cheque	12187— 12555
Brazil, cheque	61— 56
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2161— 2228
Suecia, cheque	3172— 3263
Dinamarca, cheque	2588— 2662

Libras . . . . . 57$00 — 60$00

Companhia Hoteleira do Monte Estoril

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Séde social:

GRANDE HOTEL D'ITALIA

(Monte Estoril)

Pagamento de 10 % de á compte de dividendo

Avisam-se os srs. acionistas de que por acquiescencia da Filial do Banco do Minho, Rua do Ouro, 242, poderão receber neste estabelecimento bancario o acima mencionado á compte de dividendo desde o dia 3 até ao dia 10 do corrente.

A DIREÇÃO

SPORT

Pesos e alteres

O atleta francez Paquette, bateu os «records» do mundo do levantamento de terra, conseguindo 260 quilos. Maurice Deriaz possuia o «record» profissional com 257 quilos e Monin o «record» amador com 250 quilos. O exercicio foi feito diante de Rosset, arbitro oficial da Federação Franceza de Pesos e Alteres.

Natação

Johnny Weissmuller, americano, bateu agora dois «records» do mundo que pertenciam ao famoso Norman Ross. Cobriu as 300 jardas (273 m.) em 3 m. 18 s. 3/5 e os 300 metros em 3 m. 35 s. 1/5. Os «tempos» de Norman Ross eram, respectivamente, 3 m. 24 s. 4/5 e 3 m. 45 s. 1/5.

Aviação

Confirma-se a noticia que demos ha dias de que o aviador Ross Smith, que tão celebre se tornou pela sua viagem em aeroplano de Londres á Australia, está preparando uma viagem pelos ares, acompanhado por seu irmão, á roda do mundo.

Box

Parece que está organisado um combate ao ar livre entre Carpentier e o campeão de «box» alemão, Breitenstratter. O alemão é um boxeur de 4.ª categoria.

Confirma-se portanto que Carpentier não se sente já bem para defrontar atletas de grande classe.

NOTICIARIO

FOOT-BA

Resultados de ontem

Na taça de Honra que começou a disputar-se ontem, deu o seguinte resultado:

Sporting, venceu o Sacavenense por 5 bolas a 3, Bemfica venceu o Chelsa por 4 bolas a zero, e o Internacional venceu o Imperio por quatro bolas a zero.

—Em seggndas categorias Atletico venceu Sacavenense, por 4 bolas a zero, Belenenses venceu o Sporting por duas a zero, Imperio venceu Portugal por trez a uma, União Lisboa venceu Internacional, por 4 a uma e Victoria, venceu Cheias por 1 a zero.

PORTO CONTRA LISBOA

A direcção da Associação aprovou o parecer da Comissão Tecnica que constituiu a linha representativa de Lisboa que jogará no Porto no dia 9 do corrente, a qual ficou composta dos srs. Ernesto Viegas, Antonio Pinho, Jorge Vieira, João Francisco, Joaquim Filipe, Alberto Nunes, Alfredo Torres Pereira, Jaime Gonçalves, Francisco Stromp, João dos Santos, Domingos Neves e José Leandro.

UM TEAM INGLEZ EM LISBOA

O club inglez «Oxford City» joga em Lisboa nos dias 13, 14, 16 e 17 do corrente, tendo por adversarios o Sporting Club de Portugal, campeão de Lisboa, e outros clubs.

«Oxford City», campeão amador de Inglaterra em 1905 1906 e finalista nas epocas de 1902-1903 e 1912-2913, traz de reforço quatro jogadores da Universidade de Oxford; e do grupo fazem parte trez jogadores internacionais, dos quais um foi escolhido, este ano, para jogar contra a França.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Encerra-se amanhã a inscrição para esta prova, que o Ginasio Club Portuguez organisa anualmente, e que se deve realisar nos dias 7 e 9 do corrente.

Os concorrentes são divididos em categorias, conforme o seu peso, havendo premios para os melhores classificados em cada categoria.

DESAFIO DE BOX ENTRE AMADORES

Caso se chegue a ultimar as negociações devem encontrar-se em dois matchs de box, os amadores Cezar Rumina, Alexandre das Neves, José Oliveira Soares e Albano Tiberio.

CAÇA

Comissão Venatoria Regional do Norte

O proximo congresso de caça

O Congresso de Caçadores que sob os auspicios da Comissão Venatoria Regional do Norte por iniciativa da revista «Caça & Sport», se deveria realisar nos dias 7, 8 e 9 de abril proximo, foi, por sugestão dos Clubs de Caçadores do Porto e Gaia, adiado para 21, 22 e 23 do mesmo mez.

Somos informados de que a revista «Caça & Sport» já tem a adesão da maioria dos gremios de caçadores e comissões venatorias concelhias, e conta com a colaboração de individualidades de varias regiões do paiz.

A inscrição continua aberta na redacção da revista «Caça & Sport» rua do Almada, 166, 1.º e custa esc. 2$50.

LUTA GRECO-ROMANA

Realisou-se ontem no Ginasio Club Portuguez a primeira poule de luta greco-romana, entre os socios que frequentam a classe de luta, obsequiosamente dirigida pelo campeão Claudio de Oliveira. A poule esteve bastante animada, tendo havido os seguintes assaltos:

Levissimos: — Pedro de Alarcão vence por golpe de ancas Pedro Barcelo, em 3 minutos. Pedro de Alarcão vence Lopes de Azevedo em 13 minutos por prisão de cabeça.

Leves:—Manuel Paiva vence Luiz de Almeida em 8 minutos por dupla prisão de braço.

Medios A: — Teodoro Ferreira vence em 2 minutos Soares de Almeida por prisão de espadoas.

Medios B:—Henrique Viana vence em 14 minutos Jesus Calado por uma cintura de frente. Antonio Soares vence em 3 minutos Ferreira Bastos por um golpe de ancas.

Depois ainda se realisaram outros assaltos entre o professor e alguns dos seus discipulos que despertaram bastante interesse.

Brevemente se realisará outra poule estando ja marcado a realisação do Campeonato Regional para principios de Maio.

Toda a correspondencia relativa a esta secção e bilhetes de entrada para campos sportivos deve ser dirijida ao redactor sportivo.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Um Poltrão

por GUY DE MAUPASSANT

E disse alto:

— E' preciso ser energico. Ele terá medo.

O som da sua voz fê-lo estremecer e olhou em redor. Sentia-se muito nervoso. Bebeu mais um copo de agua, depois principiou a despir-se para se deitar. Logo que se achou na cama, apagou a luz e fechou os olhos.

Pensava:

Tenho ámanhã todo o dia para tratar dos meus negocios. Durmamos um pouco, a fim de estarmos calmos. Estava muito confortavelmente nos seus lençois, mas não era capaz de adormecer. Voltava-se e tornava a voltar-se, demorando-se cinco minutos de costas, depois voltava-se do lado esquerdo, depois do direito e nada.

Continuava a ter sêde. Levantou-se para beber. Depois tomou-o uma inquietação:

Acaso terei medo?

Porque seria que o seu coração se punha a bater loucamente a cada ruido conhecido que soava no quarto? Quando o relogio ia a tocar, o pequeno rangido da mola fazia-lhe dar um sobresalto; e era-lhe preciso abrir a boca, para respirar em seguida, durante alguns segundos, tanta era a opressão que sentia.

Poz-se a raciocinar comsigo mesmo sobre a possibilidade disto:

—Terei medo?

Não, decerto, não tinha medo, pois que estava resolvido a ir até ao fim, pois que tinha bem nitida a vontade de bater-se, sem tergiversar. Mas sentia-se tão profundamente perturbado, que preguntava:

— Pode-se acaso ter medo, mau grado nosso?

E essa duvida invadia-o, essa inquietação, êsse temor; se uma fôrça mais poderosa do que a sua vontade, dominadora, irresistivel, o domasse, que sucederia? Sim, que poderia suceder? Com certeza êle iria a terreno, uma vez que assim o queria. Mas se tremesse? Se desmaiasse? E pensava na situação em que ficaria a sua reputação, o seu nome.

E empolgou-o de repente um desejo singular de levantar-se para olhar-se ao espelho. Acendeu a vela. Quando viu o seu rosto reflectido no vidro polido, custou a reconhecer-se, parecia-lhe que nunca se tinha visto. Os olhos pareceram-lhe enormes; estava palido, muito palido.

Ficou de pé, em frente do espelho. Deitou a lingua de fóra, como para constatar o estado de saude em que se achava e, de repente, êste pensamento entrou nele com a presteza de uma bala:

— Depois de ámanhã, a esta mesma hora, estarei talvez morto. Esta pessoa que está na minha frente, êste eu que vejo neste espelho, não o continuarei a ver. Como! pois eu estou aqui, olho-me, sinto-me viver, e em vinte e quatro horas poderei estar estirado neste leito, morto, de olhos fechados, frio, inanimado, apagado. Voltou-se para a cama e viu-se distintamente estendido no leito, de costas sobre êsses mesmos lençois que acabava de deixar. Tinha êsse rosto cavado que têm os mortos e essa moleza das mãos que não mexerão mais.

Então, teve medo do seu leito e, para não o continuar a ver, passou á sala do fumo. Pegou maquinalmente numa vela, acendeu-a e continuou a marchar. Agora tinha frio: ia direito á campainha para chamar o seu criado de quarto; mas, com a mão já no cordão, deteve-se:

— Este homem vai perceber que tenho medo.

E não tocou, acendeu lume. As mãos tremiam-lhe um pouco, num estremecimento nervoso, quando tocavam nos objectos. A cabeça desvairava-se-lhe; os pensamentos perturbados tornavam-se-lhe fugazes, bruscos dolorosos; uma embriaguês invadia o seu espirito como se estivesse embriagado.

E preguntava sem cessar:

— Que irei fazer? Que ha de ser de mim?

Todo o seu corpo vibrava, percorrido por estremecimentos sacudidos; levantou-se e, aproximando-se da janela, abriu as cortinas.

Despontava o dia, um dia de verão. O ceu roseo tornava rosea a cidade, roseos os telhados e as paredes. Uma grande porção de luz estendida, semelhante a uma caricia do sol nascente, envolvia o mundo que despertava; e, com aquela claridade, uma esperança alegre, rapida brutal, invadiu o coração do visconde! Era doido por ter-se assim deixado empolgar pelo temor, antes de nada se haver decidido, antes até de que as suas testemunhas se houvessem avistado com as de Georges Lamil, antes mesmo de saber se teria ou não de bater-se!

Fez a sua *toilette*, vestiu-se e saiu com passo firme.

* * *

Repetia, emquanto caminhava:

— E' preciso que seja energico, muito energico. E' preciso provar que não tenho medo.

As suas testemunhas, o marquês e o coronel, puzeram-se á sua disposição, e, depois de lhe terem apertado energicamente as mãos, discutiram as condições.

O coronel preguntou:

— Quere um duelo serio?

O visconde respondeu:

— Muito serio.

O marquês proferiu:

— Opta pela pistola?

— Sim.

— Deixe comnosco o resto.

O visconde articulou numa voz seca e sacudida:

— A vinte passos, á voz do comando, levantando a arma em vez de a baixar. Troca de balas até ferimento grave.

O coronel declarou em tom satisfeito:

— São umas condições excelentes. O senhor é bom atirador, todas as vantagens estão do seu lado.

E partiram. O visconde tornou a entrar em sua casa para ali os esperar. A sua agitação, acalmada por um momento, crescia agora de minuto a minuto. Sentia ao longo dos braços, ao longo das pernas, no peito, uma especie de fremito, de vibração continua; não podia estar no mesmo lugar, nem sentado, nem de pé. Não tinha na boca raça de saliva e fazia a cada instante um movimento ruidoso com a lingua, como para a descolar do seu da boca.

(Conclue amanhã)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 814 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Teto, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paizes do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias -·- -·- -·- -·- -·-
-o- -o- -o- -o- -o- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, **soldadura autogenea**

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4044 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quarta-feira, 5 de Abril de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O raid Lisboa-Rio de Janeiro

O hidro-avião pilotado por Sacadura Cabral e Gago Coutinho largou hoje de manhã das Canarias para Cabo Verde. Até ás 16 horas não se tinha recebido em Monsanto qualquer outra noticia.

O genio da raça

Não ha duvida, como temos acentuado por diversas vezes n'«A Capital», que na marcha das sociedades, nos progressos e conquistas dos povos, é sempre uma minoria que actua. A essa minoria está reservado o papel predestinado de dar impulso ás grandes iniciativas nacionais. Não fugimos nós á regra geral. Ainda ontem este jornal fazia desfilar em frente dos seus leitores os principais feitos epicos da nossa historia em que esse esforço admiravelmente se afirma. E' Afonso Henriques, com um punhado de cavaleiros, que funda a nacionalidade portugueza, brandindo intemeratamente uma espada de dois gumes, com um dos quais fere incessantemente a soberania de Leão enquanto com o outro embota e desfaz a cimitarra sarracena. E' o esforço e o heroismo dessa meia duzia de espiritos exaltados com as visões duma inexcedivel gloria para o nome portuguez que inicia o caminho das descobertas, abrindo um novo ciclo da historia entre os fulgores prodigiosos da Renascença. E' a loucura sublime dos quarenta conspiradores que restauram a independencia nacional, sem outro apoio que não seja a sua fé assombrosa nos destinos da Patria imortal. E' o arranque leonino contra o invasor, que faz com que as aguias napoleonicas abatam o seu vôo nos planios de Portugal antes de serem feridas de morte nos gelos da Russia. E' o portentoso sacrificio pelas ideias da liberdade que vai do suplicio de Gomes Freire e da revolução de 1820 até ao triunfo de 1833, alcançado num paiz ignorante, supersticioso, beatificado pela educação fradesca e envilecido pela tirania absolutista. E' a revolução de 5 de outubro, é o movimento de 14 de maio, é a escalada sublime de Monsanto, tudo obra de minorias ardentes, generosas, iluminadas, que um dia derrubam um regimen de sete seculos, noutro defendem a intervenção de Portugal na guerra europeia, noutro ainda espancam as sombras ressurgidas do passado, não deixando apagar os fachos da civilisação efectuada. São sempre minorias, e não podem deixar de o ser, porque a grande massa é a dos indiferentes ou dos cobardes, e só verdadeiras "elites" pelo coração, pelo espirito, pelas intuições formidaveis do futuro podem levar a cabo estas obras titanicas que por vezes se afiguram de dificil realisação, mesmo para o esforço de todo um povo.

Na realidade, porém, estas minorias não são porventura minorias na acepção rigorosa deste termo. Não ha duvida de que numericamente o são, mas, de facto, encarnam aquilo que é a força, que é a propria essencia vital da humanidade.

Encarnam o espirito duma raça, a aspiração latente dum povo, aquilo que milhões de seres não sabem esprimir, sequer, e por isso mesmo não podem fazer vingar. Com essa força se estimulam e triunfam. São realmente essas minorias que vincam o papel dos povos na historia de todos os povos. Marcham com os olhos fitos numa estrela, só para elas distintamente visivel. Daí o segredo das suas victorias.

Por isso mesmo essas minorias tem que ser puras. Todo o seu valor, toda a garantia da sua acção se encontram no idealismo imaculado que as anime. E' assim que podem seguir o seu caminho, reagindo contra toda a influencia deleteria dum ambiente tanto mais corrupto quanto em mais altas esferas se desenvolva. Mas o seu triunfo é seguro, e enquanto um paiz pode contar com o esforço dessas minorias não ha razão para desesperar do seu futuro.

No momento preciso, surgirá mais um dos milagres da raça. Portugal tem na sua historia muitos desses milagres. Não lhe faltam espiritos generosos que pela patria se sacrifiquem. A nossa epoca contemporanea não tem sido menos fertil nesses prodigios do que as eras mais atrasadas. Tenhamos fé nessa força que nunca nos faltou. Foi com ela que a nacionalidade se fundou; ha de ser com ela que se salvará.

O regimen das 8 horas de trabalho

A "Capital" entrevista o sr. dr. Agostinho Fortes, distinto sociologo

Entre os varios detalhes da Questão Social figura, como uma das reivindicações do operariado, o regimen das 8 horas de trabalho que ultimamente tem ocupado a maioria dos estadistas e sociologos, principalmente da Europa e da America, em virtude dessa regalia, adquirida depois da Guerra ter levantado duvidas na sua manutenção, não só dos governantes, como até mesmo dos proprios operarios que ela beneficiou.

Consideramo-lo como um problema que está actualmente ocupando não só os politicos, encarregados de o resolver, como o simples estudioso de sociologia que vê o ensejo curioso de verificar como são faliveis muitas das aspirações socialistas que o estado actual da sociedade não pode admitir.

Um feliz acaso—o acaso é a providencia, muita vez, do jornalista—deparou-nos o sr. dr. Agostinho Fortes, tanto do nosso convivio intelectual e de quem muitas vezes escutamos as suas preleções sobre assuntos de sociologia. Ninguem melhor do que ele nos poderia fornecer algumas impressões sobre a questão das 8 horas de trabalho.

O dr. Agostinho Fortes é amavel, comunicativo, dando sempre á sua conversa aquele cunho caracteristico de professor que nos encanta de maneira a não perder-mos sequer uma das suas palavras de mestre.

Eis o que nos diz o ilustre professor:

—Fui eu quem propoz e fez aprovar na Camara Municipal, em 1910, as 8 horas de trabalho. Entretanto, devo dizer-lhe não sou apologista da satisfação dessa regalia operaria...

—?

—porque representa no fundo uma desigualdade em que o fraco é sacrificado ao mais forte.

—O que vê que poderia substituir vantajosamente essa aspiração?

—A equação do trabalho, ou seja, a proporcionalidade do esforço com a força orgânica e a resistencia fisiologica do operario.

—?

—Alem disso não se pode tomar o dia de 8 horas de trabalho como dia normal para todas as profissões, antes, cada uma destas tem de entrar como factor na minha já indicada equação do trabalho.

Nesta altura interrogamos do distinto escritor o que ele pensava sobre outras reivindicações de caracter libertario, a que o dr. Agostinho Fortes sempre nos responde, como se estivesse investido nas suas funções do magisterio que ele tão habilmente desempenha.

—A substituição do actual regimen economico,—continua—que absolutamente é condenavel, não pode ser feito por meios violentos mas sim por uma elaboração mais ou menos lenta, em que gradualmente os elementos de riqueza se vão socialisando sem o esbulho injusto da actividade individual.

—?

—Considero a vitoria material, no campo economico, um desastre percursor de uma regressão para as condições das classes trabalhadoras.

—O sr. dr. lembra-se sem duvida do sucedido em Italia?

—Em Italia os operarios do Norte são de uma educação intelectual elevada e mesmo tecnica, o que não acontece com os do sul que se parecem mais com os nossos.

—?

—Tomaz Moore na «Utopia» no seculo XVI preconisava o dia de 9 horas de trabalho que é uma fantasia egual ás das 8.

—Desde quando os arraiais socialistas reclamam o regimen das 8 horas?

—Suponho que foi no ano de 1874, no Congresso de Genéve que a questão das 8 horas de trabalho foi apresentada, sem que recaisse sobre ela nenhuma votação definitiva, por que não entrava nos pontos fundamentais dos organismos socialistas.

A palavra do distinto professor despertava em nós uma certa curiosidade que nos dispunha a abordarmos outros detalhes da questão. Falamos na actual organisação pedagogica que exige das crianças um esforço muito alem do que podem para si ás classes chamadas trabalhadoras, defendendo o nosso entrevistado a «cabulice» dos estudantes, que não é mais que uma defesa da propria natureza contra a brutalidade da lei.

Acabamos a nossa amistosa palestra da melhor maneira, com uma anedota. Conta-nos o amavel entrevistado:

«Quando os tais operarios do municipio a que me referi foram beneficiados com a diposição que eu propuz e fiz aprovar, no dia seguinte fui procurado por uma comissão de operarios que me vinha agradecer—pensava eu—o beneficio das 8 horas de trabalho. Mandei-os entrar e perguntei-lhes o que desejavam.

—Nós queriamos,—disse um dos delegados—visto haver serviço no municipio durante a noite que fossem despedidos os operarios que estão encarregados dele e que fossemos nós quem os substituisse, em virtude de agora, durante o dia, só trabalharmos 8 horas».

Despedimo-nos com um aperto de mão de carinhosa atenção, da proficiencia e do espirito com que foramos atendidos pelo professor dr. Agostinho Fortes.

A festa de Alves da Cunha

Algumas palavras com o ilustre actor

Realisa-se hoje no Teatro de S. Carlos a festa artistica de Alves da Cunha. O ilustre actor que Lisboa tanto admira vai receber hoje a consagração de todos aqueles que seguem, desde a sua estreia, ha nove anos, o seu magnifico talento. Alves da Cunha é, na pobreza artistica do nosso teatro, um elemento com o qual se não pode deixar de contar sempre, porque reune um tão elevado numero de qualidades, que o tornam impresc...

...indivel. Desde a «garra» de Bernestein, até á «Labareda» de Kistemakers — que admiravel caminho percorrido! Hoje que Alves da Cunha faz a sua festa—a que nos associamos vivamente — «A Capital» achou que seria interessante registar nas suas colunas algumas palavras de Alves da Cunha sobre a sua carreira teatral. Nada mais pode interessar o publico do que a vida dos grandes politicos—e dos grandes actores. Quando procuramos o ilustre artista, em S. Carlos, estava-se ensaiando o ultimo acto da «Alma Forte», de Nicodemi, peça já conhecida em Lisboa e que agora, pela mão de Alves da Cunha, vai continuar o seu triunfo. O interprete da «Garra», envolto num casacão enorme, de peles, começa por responder á nossa pergunta; «Como foi para o teatro», com um sorriso:

—Como fui para o teatro? Ah! meu amigo. Que quér? Vocação desde pequeno. Sim! Porque eu tive sempre a mania do teatro... Desde muito creança. Comecei por imitar os outros actores... Um belo dia fui ter com o Vale... Como o tempo passa! O Vale disse-me que não, que tinha o elenco da sua companhia preenchido, que não podia ser... Por um instante desanimei... Só um ano mais tarde me estrei com uma peça, num acto, «A Volta» de Nobre Martins... Agradei..

—E desde então?

—Tenho feito o melhor que posso. Esta vida é muito ingrata... Se soubesse!

—Adivinhamos.

Acendemos um cigarro.

—Não fuma?

Alves da Cunha, sorri:

—Fumo... Estou proibido dos medicos... A minha garganta.

—Que peça gosta mais de representar?

—Ah! meu amigo... As que forem para o meu feitio e para o caracter. Gosto muito da «Garra», da «Labareda...» Olhe: A «Alma Forte» foi escolhida por mim...

—Uma ou outra anedocta da sua vida?

—Toda a nossa vida é uma anedocta... A minha é como todas...

—Demora-se ainda em Lisboa?

—Não. Devo partir em breve, em «tournée» para Santarem... Depois talvez Coimbra, Vizeu.. Em Maio, no Porto...

—Conta voltar a Lisboa.

—Se tiver teatro...

—Não se vai reconstruir o «Ginasio».

—Não sei nada... E' possivel.

Despedimo-nos. O ensaio da «Alma Forte» continuava.

Portugal - Brazil

O que foi a obra diplomatica do dr. Fontoura Xavier

Conversando com o sr. dr. João de Barros

E' cedo talvez, ainda para falar da obra diplomatica do falecido Embaixador do Brazil. Toda essa teia subtil de inteligente aproximação entre as duas nações premanecerá ainda longo tempo no segredo das chancelarias. Só um ou outro comentario perdido pelos salões, o echo de uma conversa do dr. Fontoura Xavier, admiravel de «charme» e de espirito, se pode recordar neste momento. No entanto ha toda uma grande obra diplomatica que ficou a atestar um altissimo espirito, e um acrisolado amor por Portugal.

Portugal e Brazil, encontram-se unidos na alma de um dos mais ilustres artistas da nossa terra, o sr. dr. João de Barros a quem pedimos, nos fale do grande brazileiro morto.

O poeta ilustre do «Antheu» recebe-nos cativantemente no seu gabinete pequenino, aconchegado e acolhedor.

Um cigarro turco; depois o começo de todas as entrevistas.

O assunto é melindroso. O sr. dr. João de Barros diz-nos que pouco mais nos poderá dizer do que umas pequeninas coisas, que acusam a grande afeição do ilustre diplomata pela nossa terra.

Insistimos um pouco.

De resto o sr. dr. João de Barros é um amigo dos jornalistas, e nunca da sua boca se ouviu um aborrecido—nada digo—que corta cerce todas as possas espectativas de entrevistadores. Apesar de ter já escrito um brilhante artigo sobre Fontoura Xavier, procura encontrar algum promenor que esquecesse, e faça desta entrevista uma nota á margem do seu trabalho.

—Perdemos no falecido diplomata um grande amigo, não no sentido protocolar, mas antes uma dedicação fraternal de raça, servida por uma invulgar cultura.

Já os jornais se referiram ao seu conhecimento da nossa lingua na qual o seu requintado temperamento de artista compoz versos admiraveis. O seu amor por Portugal manifestou-o muito antes de para aqui vir, principalmente durante a sua estada em Londres no dificil periodo da guerra.

O sr. Fontoura Xavier foi em Londres um grande amigo do sr. Teixeira Gomes. Durante a guerra o seu interesse por nós foi extraordinario. Aliadofilo como bom latino, muito concorreu para a entrada do Brasil na guerra a favor dos aliados, e unindo quasi na mesma amizade as duas patrias irmãs, todo o seu carinho foi para os soldados portugueses, que afirmavam o nosso passado comum nas terras da Flandres.

A indicação do sr. Fontoura Xavier para a Embaixada de Lisboa foi uma consequencia do seu grande amor pelo nosso paiz.

Uma vez aqui a sua acção embora pertença ao segredo das chancelarias, pode, sem receio, dizer-se, que trouxe resultados brilhantes.

Quando era mais acesa a campanha nativista, e a sua situação se tornava dificil, o sr. Fontoura Xavier conseguiu como os grandes mestres da diplomacia conservar um equilibrio sem transigencias abdicantes, ao mesmo tempo que, como homem de rara inteligencia, conseguia que essa campanha mal intencionada e sem fundamento se extinguisse.

Em todos os actos da sua vida poletica, sempre que nos podia ser agradavel o Dr. Fontoura Xavier não nos esquecia. Ainda em Londres, se lhes deve muito principalmente a visita do Presidente Epitacio Pessoa a Portugal. E como ultimo acto de simpatia por nós, o falecido Embaixador, de sua exclusiva iniciativa enviou telegramas ao governo brazileiro pedindo que fosse mandada seguir para Fernando de Noronha uma esquadra a saudar os arrojados marinheiros, que estão efectuando o «raid» Lisboa-Rio em avião.

Uma pequena pausa. O sr. dr. João de Barros acende outro cigarro e continua:

—Como facilmente se compreende eu não posso falar detalhadamente da acção diplomatica do dr. Fontoura Xavier, porque esses promenores pertencem as chancelarias. Desta conversa fica-lhe a minha grande saudade pelo extinto, e um ou outro detalhe da sua acção, cheia de amizade para comnosco. Por ultimo direi-lhe-hei que o dr. Fontoura Xavier, conservava a mais aristocratica linha de elegancia, era um republicano dos velhos tempos brazileiros. Exteriorisou muitas vezes os seus sentimentos democraticos em muitos dos seus versos que se não são os melhores, revélam todavia o seu altissimo espirito.

Como nós perguntassemos ao sr. dr. João de Barros pelo livro que o falecido diplomata tinha no prelo, diz-nos o ilustre poeta;

—Esse livro deve ser publicado. Contem poesias de uma rara beleza e que virão atestar bem o seu elevadissimo grau de sensibilidade.

Ao despedir-nos volta a dizer-nos o sr. dr. João de Barros:

—E' dificil dizer mais sobre o assunto da entrevista.

Desejo sómente vincar bem a grande afeição do grande diglomata pelo nosso paiz, porque sei quanto alem dos estreitos limites do protocolo, ele nos amava sinceramente.

ONTEM E HOJE

Avivemos as recordações de "O Dia", já que ele tão esquecido parece estar...

Expremimos neste jornal o receio de que «O Dia» persistisse na politica dissolvente em que tanto se notabilisou, na anterior encarnação. O nosso ilustre e brilhante colega pretende desfazer as nossas apreensões, com a publicação do seguinte trecho:

«De resto e quanto á politica «dezembrista» (!) que o nosso ilustre colega republicano receia encontrar em «O Dia», apressamo-nos a tranquilisa-lo, desfazendo mais uma vez um equivoco que nunca deixaremos passar em julgado.

«O Dia» nunca foi partidario duma politica defectista. Durante a guerra sustentou que deveriamos cumprir todas as nossas obrigações de aliados, não indo alem nem ficando aquem delas. Nunca acreditámos que para conservarmos a independencia ou mantermos a integridade colonial fosse necessario atirarmo-nos para a fogueira da grande guerra europeia, arruinando-se o paiz, sem compensações possiveis, enquanto se faziam, ao som dos alaridos patrioticos dos «amigos da Servia», fortunas vertiginosas e fabulosas.»

Não temos nada com a historia das fortunas fabulosas, feitas á sombra da guerra, porque, para nosso bem ou para nossa desgraça, nunca andamos envolvidos em altos negocios, sendo até desconhecidos para nós—veja «O Dia»!—as cotações de companhias ou emprezas.

Pobresinhos como Job! E' claro que o mesmo se dá com «O Dia», o que nos coloca a ambos, neste particular, em igualdade de posições.

O que nos diferença não é isso, mas sómente a irredutivel oposição que fazemos á sua politica.

Por isso é que «O Dia» simula esquecer-se das circunstancias que empurraram Portugal para os campos de batalha. Impenitentemente se afirma que «nunca acreditou que, para conservarmos a independencia ou mantermos a integridade colonial fosse necessario atirar-mo-nos para a fogueira da grande guerra.» Como se fossemos nós que nos precipitassemos na voragem e não tivessemos sido arrastados para ela, exactamente porque a Alemanha nos atacou em Angola e Moçambique, acabando por nos declarar a guerra!

«O Dia» esquece-se que, a pedido da Inglaterra, que para tal invocou os deveres e obrigações de Aliança, apreendemos os navios tentões, seguindo-se logo a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, feita em termos tão imperiosos que jámais poderão ser esquecidos! Acaso entende «O Dia» que deviamos encolher-nos transidos de medo, como rafeiros a quem o dono chibata impiedosamente?

Ao insulto germanico só poderiamos responder dignamente indo procurar o inimigo onde ele estava, visto que ele não podia vir ter comnosco. Que melhor politica aconselharia «O Dia?» Acha acaso preferivel que manhosamente, jesuiticamente, covardemente, inventassemos pretextos para não reconhecer a legitimidade da requisição ingleza? Essa politica de duplicidade, impropria de gente honrada, foi experimentada noutros tempos, quando o sr. D. João VI presidia á felicidade do povo portuguez, empregando o tempo que lhe sobrava do duro oficio em devorar as perdas de galinha, adubadas com rapé... Assim, talvez se tivesse evitado a guerra. Mas ficavamos deshonrados. Se era isso que «O Dia» entende que se devia ter feito, jamais de tal conseguirá convencer-nos.

Os Estados Unidos

Reclamam dos aliados o pagamento das despezas feitas pelas tropas americanas no Reno

NEW-YORK, 4.—Telegramas de Washington dizem que o Ministerio do Interior mandou aos aliados uma nota reclamando o pagamento das despezas feitas com o exercito americano de ocupação do Reno, baseada em factos incontestaveis. Os Estados Unidos dizem que as nações aliadas comprometeram-se, pelo tratado de Versailles, a embolsar a America das despezas dos exercitos de ocupação. Prossegue ainda, dizendo que os Estados Unidos não teem beneficiado nada com a estada das suas forças na Alemanha, e assevera o principio de que a sua reclamação tem direito de prioridade sobre todas as novas reclamações feitas á Alemanha pelas nações aliadas.—(Lat. Am).

Um serviço aereo entre Londres e Paris

Carreiras de hora a hora

LONDRES, 5.— Durante a primavera haverá um serviço de aeroplanos entre Londres e Paris, com carreiras de hora a em hora, desde as 9 da manhã até ás 2 da tarde. *São agora cinco as companhias* que exploram o serviço da travessia do canal da Mancha. Trez dessas companhias são inglesas e duas francesas. Estas companhias acordaram em não se fazer guerra de tarifas, limitando-se a oferecer varias comodidades e divertimentos para atrair o maior numero de passageiros, havendo nalguns aeroplanos lunch-bar a bordo e outras comodidades que o [illegible] espaço permita. [illegible]

Um susto do "Correio da Manhã,,-Quanto ao resto, não deixa de ter razão...

Porque «A Capital» transcreveu um trecho de noticiario dum periodico monarquico, dando conhecimento aos seus leitores da intensidade da propaganda nas provincias, do partido manuelista, assustou-se o «Correio da Manhã», atribuindo-nos o proposito de denunciar á policia os trabalhos preparatorios da fostarola que se ha-de vir a realisar na lendaria madrugada de nevoeiro. Se nós, uma vez por acaso, ouvimos de menos e vemos de mais, o «Correio da Manhã» para dar clara demonstração de que se consome numa nevrose de medo á policia, tão aflito se mostrou com a transcrição feita por nós. Mas descance que, por emquanto, não é precisa a acção policial.

O que dissemos e repetimos é que á propaganda dos monarquicos deve contrapôr-se a progaganda republicana, ambas legais. Mas nem por isso deixamos de aconselhar ás autoridades que estejam vigilantes, tantas e tantas vezes tem sido escondida com aparencias legais a obra subversiva de certos elementos monarquicos, pouco respeitadores das instruções do sr. D. Manuel e das ideias que se diz ter o mesmo augustissimo senhor exposto a um jornalista americano.

Devemos confessar agora, que o «Correio da Manhã» não deixa de ter razão rectificando a noticia que demos com respeito á atitude da minoria monarquica no caso do «Diluvio dos coroneis». *Para nossa desculpa,* encontramos apenas isto: como o sr. Carvalho da Silva fala sempre e interminavelmente, supozemos que ninguem, por parte da minoria monarquica, combatesse o «Diluvio dos coroneis»,—visto que o sr. Carvalho da Silva se conservou silencioso.

Torpedeiro Amiral Semés

S. JULIÃO, 5.—Entrou o torpedeiro francez «Amiral Semés» vindo do norte.—(H.) [illegible]

FACTOS E PALAVRAS

Cobrança misteriosa

Nunca ninguem soube e provavelmente nunca ninguem saberá o motivo porque nos elevadores da Gloria os conductores cobram a passagem á entrada dos passageiros, o que faz com que estes tenham de entrar a um de fundo e lentamente, ás vezes debaixo de chuva. Não querem os ilustres funcionarios, que vendem os bilhetes, incomodar-se demasiado correndo ao longo da coxia depois do carro cheio? Terão receio que o publico, depois de instalado, lhes não pague a travessia? Misterio sem fundo; mas seria rasoavel que a Companhia incutisse no bestunto dos seus servidores á ideia de que são eles que devem servir o publico e não o publico que se deve incomodar por eles.

Equilibrio e proporções

Seria muito louvavel que todos entrassemos numa forma comedida de apreciar os actos e as palavras com que a cada instante topamos. A incrivel furia do elogio, do encomio, do panegirico assumiram entre nós tais proporções que se torna hoje quasi impossivel regressar á justa qualificação das cousas. Qualquer actriz de pano de fundo é ilustre, é erudito qualquer pamfletario, alto estadista qualquer amanuense, heroe o mais vulgar desordeiro. Somos um viveiro de super-homens. Da forma que, quando aparece, por excepção alguma manifestação superior de talento de bravura ou de heroicidade, quebramos a cabeça para a classificar com adjectivos que por muitos gastos perderam o seu valor, que por distribuidos a esmo não significam absolutamente nada e que tem alem disso o condão de irritar—porque querendo dar relevo apenas conseguem nivelar—e nivelar pela mediocridade.

Heroismos

Como quer que se diga por ai que uma dama, no alto mar atirou pela borda fóra uma outra dama que supunha sua rival, logo se bordaram romances e se teceram hinos de amor irreprimivel em torno duma falta que, e verificar-se, não é mais do que um vulgarissimo e monstruoso crime de morte. Tão enublados andam por esta terra os criterios sãos que só se esqueciam neste caso as suas condições de romance barato e quasi se esquece o facto basilar. Quasi chega a gente a convencer-se que foi sem querer, foi por brincadeira que esse monstro de saias, atirou ao mar outro pacote de saias. E é muito natural que muito em breve surja de qualquer parte um banquete de homenagem para coroar tão alto feito.

A partida para a Madeira da Duqueza de Parma e seus filhos

A bordo do «Funchal» partiram hoje para a ilha da Madeira a infanta D. Maria Antonia de Bragança, viuva do duque de Parma e mãe da ex-imperatriz Zita.

A sr.ª duqueza de Parma faz-se acompanhar por seus filhos, os principes Sixto, Felix e Renato, e por sua filha, a princeza Izabel Maria Ana.

O «Funchal» largou de Santos pelas 12 horas.

A bordo foram apresentar cumprimentos de despedida, além dos representantes de varias entidades oficiais, grande numero de titulares e senhoras da aristocracia.

Exposição de recordações da Grande Guerra

No proximo dia 9 de abril, realisa-se no quartel do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro (a Campo de Ourique), uma exposição de recordações da Grande Guerra, trazidas de França pelos oficiais e sargentos do mesmo batalhão.

Balneario publico

*Foi aberto o balneario da Miseri*cordia de Lisboa, sito na rua da Esperança, onde das 7 ás 15 horas poderão tomar banho as classes pobres que ali se dirigirem.

As maravilhas da aeronautica

AVIÃO SEM PILOTO

SERVIÇO POSTAL COM A RAPIDEZ DO TELEGRAFO — E TERRIVEL ENGENHO DE GUERRA

Um jornal norte-americano, recentemente, lançou uma nova sensacional: um aeroplano de modelo reduzido, contendo uma forte carga de explosivo poderoso, tinha sido dirigido por meio de ondas hertzianas.

O aparelho percorreu uma distancia de 200 milhas.

Nos primeiros ensaios, voou por cima de Nova York e aterrou depois de ter atravessado dois Estados.

Note-se, de passagem, que estas experiencias tiveram lugar na mesma ocasião em que se realizava a Conferencia do Desarmamento em Washington.

Esta invenção, nota um tecnico francês, já ha três anos que é conhecida na França.

No fim de 1918, o capitão Max Boucher, antigo comandante da Escola de Avord, onde durante a guerra se preparavam os pilotos, tinha acabado por obter, depois de meses de trabalhos infrutiferos, autorização para fazer estudos sobre a direcção dos aviões pela T. S. F.

Encorajado e ajudado poderosamente pelo general Ferrée, chefe da radiotelegrafia, que poz á sua disposição o pessoal e o material necessario, êle reuniu em Mondésir, proximo de Etampes, um grupo de experiencias, compreendendo os tenentes Manescau, Brilloim e Gueritot, da T. S. F., o sub-tenente aviador Ageorges, ajudante Gerard, os sargentos Michard e Hervé e seis mecanicos.

Depois de diversas tentativas, cujas primeiras datavam de 1917, fizeram uma experiencia sensacional, em presença do deputado Aubigny, vice-presidente da Comissão do Exercito. Em 18 de Setembro de 1918, sobre o aerodromo de Chichenay, proximo de Etampes, um avião Voisin, munido de um estabilizador Sperry, tomava o vôo, sob a acção unica de um poste de T. S. F., colocado sob um segundo avião, que o levou, guardando a distancia de 1.200 metros.

Percorreu assim um itinerario fixado de 100 quilometros, depois de um vôo que havia durado uma hora e cinco minutos.

Para dizer a verdade, êle conduzira um passageiro, o sub-tenente Ageorges; mas êste foi colocado como piloto inerte, encarregado sómente de executar a manobra no momento da aterrisagem.

Ele ignorava completamente o itinerario fixado, o qual só foi revelado ao avião dirigente depois que êste estava acima do solo.

O resultado foi edificante. Foi mais edificante ainda no momento em que o capitão Boucher, feliz por êste primeiro sucesso, experimentou a direcção de dois aviões automaticos, sem piloto de socorro, com uma partida e aterrisagem dirigidos telemecanicamente.

Apesar do exito obtido, as experiencias cessaram por determinação do governo francês.

Isto ocorreu em plena guerra, a 24 de Fevereiro de 918. Porquê? Misterios da burocracia...

Depois da paz, a instancias do general Ferrée, a administração publica da França consentiu no recencetamento das experiencias em 1919. O sub-tenente Ageorges foi encarregado de fazê-las em Crotoy. Mas êste joven oficial, tendo uma saude muito precaria, não tardou em cair doente, interrompendo assim as experiencias.

O invento aplicado á navegação

O Ministerio da Marinha, por seu lado, tirava os resutados das experiencias de Etampes: no mês de Novembro de 1918, um barco sem equipagem foi dirigido a distancia por um hidro avião, que o levou do porto de Toulouse até ao alto mar, deopis de ter evoluido facilmente, entre as boias fixas e os navios em movimento.

Alguns meses mais tarde, uma experiencia semelhante era tentada na Inglaterra por um engenheiro de nome John Haumond, que tomou a paternidade da invenção.

Novas experiencias

Entretanto, o capitão Boucher não perdia a coragem. Tendo pedido a demissão, dispoz-se a recomeçar as suas experiencias, que davam tantas esperanças.

Graças ao apoio da «União pela segurança em aeroplano», que, por intermedio do tenente coronel Quin-ton, levou os seus trabalhos ao conhecimento do ministro da Guerra, êle teve de novo a solicitude e o apoio das altas autoridades oficiais.

O sub-secretario de Estado de Aeronautica, M. Laurent Eynac, que foi aviador, não negou o seu apoio, e uma sociedade, recentemente fundada, poz á disposição o material necessario para refazer o tempo perdido, porque três anos representam uma longa paralização, quando se trata de aeronautica.

O capitão Bouclier conta poder, em breves meses, dar o espectaculo de um avião evoluindo por cima do Mediterraneo, sob a unica impulsão de ondas hertzianas.

Terrivel engenho de guerra

No dia em que esta ideia se realizar definitivamente, nós teremos um engenho de destruição que fará recuar de horror os partidarios mais encarniçados da guerra. Uma esquadrilha aerea, nestas condições, pode efectuar dez viagens em 24 horas.

Uma esquadra, de uma centena de aviões sómente, poderá lançar sobre o inimigo, diariamente, 600 toneladas de explosivos, projecteis ou de produtos asfixiantes.

Os aviões blindados, levando metralhadoras ou canhões accionados automaticamente, irão destruir as linhas inimigas.

Os torpedos maritimos, dirigidos por um hidro-avião, poderão introduzir-se nos portos, penetrarão as barragens de minas e farão saltar os navios e as obras de arte.

A utilidade pacifista da invenção

Mas não é sómente no tempo de guerra que se empregarão êstes novos engenhos. Em tempo de paz êles são chamados a prestar grandes serviços. Por exemplo: os ensaios de aparelhos novos, que não comprometem a vida dos pilotos; para sondagens metereologicas nas altas altitudes, e tambem para os serviços postais, os aviões susceptiveis de fazer 500 quilometros em uma hora, reduzirão o trajecto de uma carta de Paris á Argelia, por exemplo, a três horas.

A correspondencia entre Paris e Londres será talvez tão rapida pela via aerea como por via telegrafica.

A mesma arma, em suma, que honra o progresso da sciencia humana, será um instrumento admiravel da vida pacifista da civilização e o veiculo terrificante de uma destruição jámais imaginada.

Noticias de todo o mundo

OS TELEGRAMAS DE HOJE

A politica inglêsa

Foi aprovado o voto de confiança

LONDRES, 4.—A Camara dos Comuns aprovou por 372 votos contra 94 a moção de confiança proposta pelo sr. Lloyd George.—(H).

Lloyd Gorge faz largas considerações sobre a Conferencia de Genova

LONDRES, 4.—O sr. Lloyd George desmentiu na Camara dos Comuns que a sua resolução pedindo a confiança da camara tenha sofrido qualquer alteração e declarou que a conferencia de Genova não pode examinar a revisão dos tratados e que depois da conferencia que se realisou em Boulogne os limites das discussões continuam a ser os que foram fixados em Cannes.

E' impossivel voltar ás mudanças sobre as fronteiras europeias tais como elas resultam dos tratados. Modificar o tratado de Versailles equivaleria simplesmente a aliviar a Alemanha do encargo das reparações para as fazer pezar sobre a Belgica e a França.

O sr. Lloyd George insistiu sobre a impossibilidade de suprimir os metodos das conferencias e expoz a necessidade da conferencia de Genova que é a resultante da ruina do comercio internacional e mundial e da instabilidade dos cambios.

As duas grandes questões que se impõem para ser tratadas na conferencia de Genova vão remediar o entraquecimento dos cambios e procurar os meios de estabilisar os mesmos cambios.

O sr. Lloyd George fala da paz interna e externa da Russia e preconisa a respeito do bolchevismo da Russia a politica definida por Pitt para com a revolução franceza, que consiste em se preocupar não com os acontecimentos internos, mas com as repercussões exteriores das doutrinas revolucionarias.

O sr. Lloyd George é de parecer que o restabelecimento é impossivel sem a paz geral na Europa.

As relações com a Russia

—A Europa, continua o sr. Lloyd George, reclama os produtos russos e a Russia capitais. Só os poderá alcançar se inspirar confiança e segurança pela paz interna e externa e pelo reconhecimento das suas obrigações. O sr. Lloyd George nota que Lenine teve que confessar a falencia dos metodos comunistas e esta mudança justifica a conclusão da paz com a Russia se esta a aceitar e começar a cumprir as condições que lhe forem impostas.

O sr. Lloyd George terminou o seu discurso declarando, que a Inglaterra emprega todos os esforços para colaborar com a França. O sr. Lloyd George está convencido de que as medidas que propõe são exigidas pela situação universal.—(H).

A questão irlandesa

Representantes do governo provisorio a caminho da America

SOUTHAMPTON, 4—Entre os passageiros do vapor «Aquitania» que seguiu para os Estados Unidos contavam-se tres representantes do governo provisorio da Irlanda, que vão com o fim de explicar ao povo americano a atitude dos partidarios do tratado entre a Inglaterra e a Irlanda. Igualmente, pelo mesmo vapor, partiram dois delegados do agitador De Valera com a missão de fazerem conferencias publicas nos Estados Unidos.—(Lat. Am.)

A conferencia de Genova

Os aliados terão uma reunião domingo

PARIS, 5.—A agencia Havas confirma que os aliados terão no domingo ou na 2.ª feira de manhã uma reunião perleminar afim de adoptarem um procedimento comum na conferencia de Genova,

Se nessa reunião prevalecesse de novo a opinião dos franceses á reunião, insistiria pela participação da pequena «entente» nas conversações.

Ao que dizem os meios parlamentares o conselho de ministros que discutiu esta manhã a participação franceza na conferencia de Genova teria decidido dar á delegação apenas poderes «ad referendum» e por conseguinte a adesão da delegação á solução proposta seria dada apenas depois de consultado o sr. Poincaré.

Na opinião do governo francez as resoluções tomadas pela conferencia deveriam ter só o caracter de recomendações aos governos de forma a não empenhar definitivamente as potencias.—(H).

Declarações dum ministro italiano

ROMA, 5.—O ministro dos Estrangeiros sr. Schanzer, numa reunião das comissões parlamentares de finanças, tesouro e estrangeiros, explicou o programa da conferencia de Genova recordando o protocolo de Cannes, e confirmando que a Italia proseguirá numa politica de paz e de redução de armamentos.—(Lat. Am.)

O Papa vai enviar uma nota

ROMA, 5.—Nos circulos politicos diz-se que o Papa enviará á conferencia uma nota relativa á paz mundial.—(Lat: Am.)

Os emigrados russos contra os soviets

BERLIM, 5.—Os emigrados russos com o sr. Millinkoff á frente pensam em organisar uma comissão que vá á conferencia de Genova diligenciar evitar que o governo dos *soviets* seja reconhecido como legitimo.—(Lat. Am).

O problema de Marrocos

Os planos definitivos

MADRID, 5.—O conselho de ministros de ontem á noite aprovou uma nota redigida por Sanchez Guerra, depois da conferencia do alto comissario com os ministros da Guerra, da Marinha e dos Estrangeiros, assentando nos planos acerca de Marrocos, objectivos militares e sua limitação, e oportunidade da intensificação e reorganisação de elementos para a campanha politica.

Depois destas deliberações resolveu o conselho autorisar o ministro do fomento a levar hoje á Camara a proposta sobre os transportes que é a mesma que aprovou o governo anterior e o ministro da Marinha a apresentar a proposta da fixação das forças navais.

Berenguer depois do conselho a que assistiu, partiu no expresso de Andaluzia.—(Lat-Am.)

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/2— 4 3/8
» 90 dias	4 5/8—
Paris, cheque	1107— 1138
Suissa, cheque	2358— 2425
Belgica, cheque	1025— 1054
Italia, cheque	641— 662
Berlim, cheque	35— 40
Holanda, cheque	4605— 4637
Madrid, cheque	1868— 1921
New-York, cheque	12148— 12495
Brazil, cheque	60— 55
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2213— 2276
Suecia, cheque	3177— 3268
Dinamarca, cheque	2565— 2639

Libras . . . . . . 56$00 — 59$00

Corporação dos Assistentes da Faculdade de Medicina de Lisboa

Realisa-se na proxima quinta feira, 6 do corrente, a 7.ª sessão da Corporação dos Assistentes na sala das conferencias do Hospital Escolar, pelas 9,30 horas da noite.

Ordem da noite: Conferencia sobre a Reação de Wassermann, pelo professor Nicolau Bettencourt.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Esta Companhia faz publico que a partir do dia 5 do corrente, inclusivé, começa a cobrar nos seus carros as seguintes tarifas ordinarias, aprovadas pela Ex.ma Camara Municipal em 15 de Março proximo passado: uma zona, $14,9; duas zonas, $25; tres zonas, $30; quatro zonas $35; cinco zonas, $39,9.

—A Direcção.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Passos Perdidos

O caso dos trez milhões esterlinos

Dizia-se esta tarde, nos bastidores do Congresso, que, talvez na sessão de hoje, se trave aceso debate em torno das negociações do contrato dos trez milhões esterlinos. Por emquanto, só é certo que o sr. ministro das Finanças já chegou ao Palacio, embora ainda não tenha entrado na sala das sessões.

Ordem Publica

Ha uma conspiração em marcha. O Governo já adotou algumas providencias, que atingiram alguns individuos a quem foi passada ordem de marcha para as provincias. Em regra, são pessoas que se destacaram por afinidades politicas com o antigo e não sabemos se extinto partido porpular. Fala-se muito no irrequietismo dum oficial superior, ausente, alias, no estrangeiro.

A pari e pouco que se organisa a desordem republicana, os monarquicos dão coesão ás suas forças provincianas, aprestando-as para qualquer emergencia.

Situação instavel do governo

Parece certo que não crise. E' porem incontestavel que o gabinete Antonio Maria da Silva não está tão forte para seria para desejar. Antes pelo contrario...

Realmente, em certos meios pensa-se na viabilidade dum ministerio de concentração republicana. Por emquanto, é cedo... Mas as conferencias entre os «gros-bonnets» sao já ferquentes, tendo por objectivo encontrar-se uma solução politica a uma crise que toda a gente no horizonte.

Reeditamos a noticia já dada: as dificuldades politicas com que luta o sr. Antonio Maria da Silva são projectadas pelo seu proprio partido, composto numa grande parte, de outubristas combativos.

A sessão abriu ás 15,30. Estão presentes os srs. presidente do Ministerio e ministros das Finanças e Trabalho.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Joaquim Brandão requer providencias que contrariem o aumento constante do preço dos viveres. Pergunta em que estado se encontram as investigações policiais ácerca do atentado que determinou o descarrilamento dum comboio em Aljustrel.

Respondem os srs. ministro da Agricultura e presidente do Ministerio. O primeiro é de crêr que esteja a prometer, mais uma voz, providencias que atenuem a carestia da vida, mas isso é suposição nossa, porque, na realidade, o seu discurso não chegou aos ouvidos do reporter; o sr. presidente de ministerio esclarece, acerca do crime de Aljustrel, que as investigações proseguem e que é empenho do Governo de que elas terminem no mais curto espaço de tempo possivel.

Regimen cerealifero

O sr. ministro da Agricultura mandou para a Meza uma proposta de lei dando nova forma ao regimen de compra e venda de cereais. A proposito, que é muito extensa, tem por base a importação directa dos trigos pelas fabricas, constituindo-se duas zonas para o consumo de trigos.

A primeira compreende Lisboa e Porto e concelhos limitrofes, á qual é destinado o consumo de trigo exotico, a segunda pelas restantes localidades do paiz, que consomem exclusivamente trigo nacional.

Para os Açores e Madeira o regimen é mixto. O transito do trigo nacional é livre, acabando as guias e deixando de existir os comissarios distritais e as delegações no norte. A fiscalisação tecnica da Moagem e Panificação será exercida pela Manutenção militar e como entidade consultiva cria-se uma Comissão Reguladora com representação das industrias e estações oficiais.

O discurso que o sr. presidente do Ministerio pronunciou acerca do crime de Aljustrel foi muito longo e é provavel que tenha tambem sido interessantissimo. Simplesmente nós pouco ouvimos.

Parece-nos que, não sabemos a que proposito, se tratou tambem da questão de Aveiro. O sr. Manuel Alegre interrompe, por vezes, o Chefe do Governo para dizer:

—Mas isso não é verdade! Essas informações são falsas!

Não ha remedio senão ficar por aqui. O Governo não parece ter um empenho por ahi alem em esclarecer a opinião publica e nós não devemos ser mais papistas que o Papa.

Notou-se uma demorada conferencia celebrada entre o sr. Vasco Borges ministro do Trabalho e a minoria monarquica.

Em seguida os srs. ministros do Estrangeiros e Trabalho conversaram animadamente.

A nova lei sobre o funcionalismo

O sr. presidente do Ministerio mandou para a Mesa uma proposta de lei providenciando acerca do funcionalismo do Estado.

Eis as linhas gerais: durante cinco anos não se fazem mais nomeações, a não ser em casos excepcionais, taxativamente expressos; não são prejudicadas as promoções legais; as vagas serão preenchidas por adidos, estabelece-se um regimen especial para os funcionarios do antigo Ministerio dos Abastecimentos; os funcionarios que deram anualmente mais de 90 faltas, seguidas ou interpeladas, serão aposentados ou passados á inactividade.

O contracto dos trez milhões esterlinos

São 4.30. O sr. ministro das Finanças expõe á Camara, nos seus detalhes, o contracto do credito de trez milhões estrelinos, aberto em Londres a favor do Governo Portuguez.

A requerimento do sr. ministro das Finanças, a Camara aprovou que o contracto e respectiva documentação sejam publicados no «Diario do Governo».

A Camara parece ter ficado satisfeita com as declarações do sr. ministro das Finanças. Assim se explica que não tivesse surgido o requerimento para generalisação do debate.

A's 17 horas passa-se á

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate sob o novo regimen das expropriações.

Está discursando o sr. Juvenal de Araujo.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida. Presentes, 31 senadores.

O sr. Silva Barreto refere-se ao facto de uma parte dos professores estarem organisados sob um aspecto sindicalista, lendo várias passagens de um artigo inserto num jornal, onde êle, orador, é injustamente atacado. Protesta energicamente contra as insinuações que lhe são feitas, abstendo-se de classificar semelhante procedimento.

O sr. Ribeiro de Melo envia para a mesa um projecto de lei determinando que os oficiais e sargentos milicianos sejam abrangidos pelo art. 1.º do decreto 7823.

O sr. Costa Junior lê uma reclamação das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade contra o pedido feito pela Lisbon Coal e Oil Fuel C.º, Limited, desejando obter alvará de licença para um deposito de oleos, combustivel, petroleo e gazolina na margem direita do Tejo, proximo da estação de Belem, protestando desde já que tal licença seja concedida.

O sr. ministro da Guerra promete transmitir as considerações do orador ao sr. presidente do Ministerio.

A sessão continua.

Predio que abate

Hoje, de tarde, no Dafundo, abateu um predio em construção, pertencente ao sr. Luciano Matias. Ficaram soterrados 5 operarios, os quais recolheram em perigo de vida ao Hospital de S. José. A propriedade estava sendo construida no gaveto fronteiro á estação do Caminho de Ferro, tendo sido preso o encarregado da obra.

O funeral de monsenhor Sebastião Delgado

Pelas 15 e 30 de hoje efectuou-se, da sua residencia para o cemiterio oriental, o funeral de monsenhor Sebastião Delgado.

No prestito incorporaram-se dez carros, vendo-se a igreja largamente representada.

No cemiterio efectuaram-se diversos turnos.

O "raid" Lisboa-Brazil

A's 9 horas da manhã por um radio expedido do vapor «Manilia» e recebido nos portos radiotelegraficos do Ministerio da Marinha sabe-se que o hidro-avião saiu hoje de Gando pelas 8 e meia horas para Cabo Verde.

A's 18 h. não se tinha ainda recebido mais nenhuma comunicação no ministerio da Marinha.

A gréve da fome

Mais um gesto dos presos de Sacavem

Os individuos que se encontram detidos no Forte de Sacavem por motivo dos ultimos atentados dinamitistas aos carros electricos, resolveram protestar contra as suas detenções, mantidas ha mais de 8 dias sem culpa formada, sendo esse protesto exteriorisado pela declaração da gréve da fome, tal como já ha dias foi decretada pelos presos de S. Julião da Barra. A referida gréve começa hoje ás 6 horas, tendo as autoridades sido informadas do que se passava. O sr. governador civil conferenciou, sobre o assunto, ao fim da tarde, com o chefe do Governo, não devendo ser estranhas a essa conferencia as resoluções a tomar sobre o destino a dar aos presos.

—A U. S. O. havia anunciado para amanhã, ás 14 horas, no Parque Eduardo VII, um comicio de protesto contra as prisões. Foi proibido.

O 19 de Outubro

Volta a falar-se em novas prisões por motivo dos acontecimentos tragicos que se desenrolaram em Lisboa na noite de 19 de Outubro findo. Contra o capitão-tenente sr. Serrão Machado foi já levantado auto de corpo de delito, falando-se agora na prisão de um oficial que exerceu o lugar de governador de uma possessão ultramarina.

DERNIER CRI

O pitoresco intergralista no cortejo da sr.ª Duqueza de Parma

No cortejo da sr.ª duqueza de Parma incorporaram-se representantes oficiais do Integralismo Lusitano.

Apraz-nos noticiar que os jovens monarquistas da facção tunisia não desprezaram as carruagens da Presidencia da Republica, antes, presurosamente se aproveitaram delas.

Esta manifestação foi muito apreciada.

A gréve dos mobiliario

O conflito agrava-se

A gréve das classes mobiliarias, que parecia estar quasi solucionada, em virtude da maioria dos industriais ter aceite o aumento reclamado, tende a agravar-se em consequencia de muitos dos referidos industriais se recusarem agora a admitir o pessoal ao serviço, embora mantenham os aumentos pedidos, porque segundo declaram, a isso terminantemente se opõe a Confederação Patronal, que os ameaça de lhes cortar todo o credito bancario.

Uma comissão do respectivo sindicato unico mobiliario avistou-se esta tarde, com o chefe do distrito, para tratar deste assunto.

Automobilismo

II Corrida da Rampa da Pimenteira

Sabemos que deve ser grande o numero de inscritos na importante prova automobilista II Corrida da Rampa da Pimenteira, que o jornal «Os Sports» vai organisar a 23 deste mez. As inscrições estão abertas até ao dia 13

TEATRO

A proposito da festa de Cremilda hontem realisada no Porto

Do «Primeiro de Janeiro»:

Entre a irritante afasia dado de algumas «estrelas» que a sua Arte fecha, a sete chaves, na Torre de marfim, e a retorcida bonhomie de outras, que descem até nós, olimpicamente, com a esmola dum sorriso,—o adoravel e por vezes destrambelhado bom humor de Cremilda de Oliveira surge, intra-bastidores, como um parentesis consolador.

Assim, já que a super-historia com que muitas das nossas grandes artistas pretendem «êpater» o indigena, não enfermou, ainda, esse feixe de nervos que tanto sabe sentir, comovidamente, a Germana dos «Negocios são negocios», e o «Franzi do Sonho de Valsa», como ruflar doidamente, as lindas azas, na espolhafatosa alegria de qualquer «pochade»,—deve ter um encanto aliural-a pela vida fora, graças que a Providencia não usou conceder-nos senão a uma ressoalidade, inofensiva e tragica distancia.

Maupassant diz algures que a artista não devé «deixar-se cair na circulação» para não perder o muitissimo encanto que sempre envolve os que fazem comover a s multidões. E o conselho do primeiro artista francez é seguido religiosamente, por um punhado de ilustres comicos de fragilidade comprovada, que, como a Cendillon, apenas se mostram com os chapins de cristal nos pequeninos pés e fogem, após, no seu carro de oiro, para que o simples mortal não as possa ver, mais tarde, cinzentas, á loreira, de piugas remendadas, chinelos de ourelo, enxaqueca no talento e «chinchis» na oxigenada goforina.

A Cremilda não. A Cremilda interpreta Brieux e Mirbeau e Bourget e Molière,—mas desce ao povoado, mas passa tranquilamente, rua fóra, quando a chuva cai e a arte calça botas impermeaveis.

Em vez de tomar uma tipoia brazonada, toma um café na Brazileira. E, em vez de abrir as azas de oiro e voar da «caixa» até no Castelo Encantado onde as matronas do Olimpo habitam, obre o guarda-chuva e vai para o hotel.

E' assim a Cremilda. — Vê a Arte como vê a Vida: a seu modo,—que é o modo de toda a gente. No tablado transfigura-se. Cá fóra não tem «poses». Por isso, aquela amargura da sua «Blanchette» e a revoltada angustia da «Germona» tem um sabor a verdade. Não ha verdade convencional e mascarrada a «boton», mas a verdade cá de fora, a verdade de trazer por casa, a verdade de todos os dias, de todos os tempos, de todas as dores e de todas as miserias da alma humana...

Depois, porque nunca leu Aristofanes nem copiou as criações alheias, lá por terras de França. — Cremilda de Oliveira tem por vezes a inquietadora e irreverente originalidade dos que caminham para a perfeição, atravez do esplendoroso defeitos. E todos os papeis lhe cabem, porque todos eles sabe viver e animar. Fez-nos a Clarisse da «Flor da Rua», escrita para os seus belos nervos, como hoje, no nosso ultimo original, nos creará uma «Carmo» que nada vale, mas que acolheu sem a mais leve hesitação nem o mais logico dos amuos.

E' uma estrela sem os cordelinhos do preço,—o cordelinho da imprensa, o cordelinho da claque, o cordelinho do snobismo, o cordelinho das viagens lá fora, aquela santa terra onde, á porta de qualquer teatro do «boulevard», as creações penduradas, prontas a vestir na scena portugueza, em saldo fim de estação...

E, apesar disso, vai subindo, subindo sempre,—até que um dia se deixe ficar lá por cima, muito longe de nós, a lucilar, mas muito perto da alma da multidão que a aplaude sempre e que sempre a quer.

CARVALHO BARBOSA

Noticiario

Portugal

Afim de que o maetro Pedro Blanch auctor da partitura da farça musicada «A Lenda dos Tarlatanas» original de André Brun e Carlos Simões, que sobe á scena no teatro de S. Luiz em festa artistica de Carlos Viana, possa assistir visto encontrar-se no Porto com a companhia de opera, foi esta transferida para 11 do corrente.

—Promovida pelos alunos do Coleio Militar realisa-se esta noite no teatro de S. Luiz a recita a favor do cofre da Associação Filantropica dos Alunos do Colegio Militar com a representação pelos mesmos alunos das comedias «Casa de doidos» e «Quatro Cantinhos».

—Só sabado é que sobe á scena em penultima recita de assinatura no Chiado Terrasse a peça «O ilustre governador» do Pedro Bandeira, Carlos Ferreira e Guedes Vaz.

—Realisou ontem no Porto a sua festa a actriz Cremilda de Oliveira com a primeira representação da peça «Casa, meza e roupa lavada».

—O actor Rafael Marques pediu licença á direcção geral dos Belos Artes para ir ao Brasil no proximo verão para onde tem um contracto pessoal. Segundo nos consta a direcção respectiva não dará licença. Em resultado do conflito é inevitavel a saida desse actor do elenco do Nacional.

—Fala-se que no verão trabalham no Nacional Samwel Diniz e Palmira Bastos.

—Em virtude da companhia Alves da Cunha partir para o Porto a actriz Angela Pinto telegrafou a Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro para que contassem com ela durante o tempo ada que aqueles artistas veem fazer no Politeama e naturalmente depois no Avenida.

—A revista com que se inaugurou o teatro Maria Vitoria no Parque Mayer é o primeiro trabalho em que Henrique Roldão adere á Parceria.

—O scenario do 1.º acto do «Auto dos Faroleiros» representa o interior duma catedral gotica.

—O papel de Brunilde Carusson na «Casaca encarnada» será feito no Rio por Lucilia Simões e o desta artista por Amelia Pereira. Fala-se que brevemente se fará reprise desta peça com outro actor no papel principal.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Festa de Alves da Cunha em S. Carlos, com a reprise da «Alma Forte».

—Definitivamente sobe á scena no Eden a revista «Talisman».

QUINTA-FEIRA — Festa de Julia Assunção no Salão Foz.

SEXTA-FEIRA — Recita de Maria Santos no Teatro Avenida.

SABADO — Premiére da opereta de André Brun e Carlos Simões, «A lenda dos Tarlatanas», para festa do actor Carlos Viana no Teatro de S. Luiz.

—Primeira representação no Chiado Terrasso da comedia «O ilustre governador».

ESPECTACULOS RECOMENDADOS

S. CARLOS—Alma Forte
S. LUIZ — A Boneca
COLISEU DOS RECREIOS — Grande companhia de circo e variedades
CENTRAL—Films de sensação

Na Escola Militar

A 3.ª conferencia do ilustre adido militar francez

No proximo sabado ás 16 horas precisas realisa-se o sr. Comandante Charles Millet, ilustre diplomata e distinto oficial do glorioso Exercito Francez, a sua ultima conferencia da brilhante serie das «Lições do Marechal Foch na Batalha de França».

Pelo interesse crescente que o assunto versado tem despertado nos nossos meios militares e navais a concorrencia á ultima conferencia do ilustre e erudito oficial deve ser enorme no intuito de se lhe manifestar o agradecimento pela forma captivante como nos dispensa a sua simpatia de camarada e amigo.

Esta 3.ª conferencia é subordinada ao tema «Le travail et l'art» e terá o mesmo acolhimento e o mesmo agrado de que «L'energie et le bon sens» e «Le sens de la manoeuvre et des realités».

O Salão Nobre da Escola Militar será pequeno para conter todos os admiradores do eminente oficial francez.

Depois das ferias da Pascoa continuarão as conferencias tão auspiciosamente inauguradas, sendo conferencistas, entre outros, os srs. Tenente-coronel Conceiro de Albuquerque, e os professores coronel Ferreira de Simas tenentes-coroneis Silveira e Castro e Pires Monteiro e majores dr. Alvaro de Castro e Utra Machado, que versarão interessantes temas.

Padrões da Grande Guerra

O Festival no Coliseu dos Recreios

E' amanhã 5.ª feira 6, que se realisa no magnifica casa de espectaculos do «Coliseu dos Recreios» o interessante festival das Escolas Militares cujo producto reverte a favor da subscrição dos «Padrões da Grande Guerra» o objetivo patriotico, que esse festival alcança; e a colaboração entusiastica dos alunos da Escola Naval, da Escola Militar, do Colegio Militar e do Instituto dos Pupilos e a gentilissima participação das alunas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, devem chamar ao «Coliseu dos Recreios» uma extraordinaria concorrencia. O numero da Escola Naval intitulado «Exercicios de Marinha» está despertando curiosidade, pois que os aspirantes de marinha revelam nesses exercicios magnifica destreza. O orfeon do Instituto de Odivelas e as donsas regionaes hão de causar sensação, bem como despertarão curiosidade os explendidos exercicios de equitação, ginastica, e esgrima, que todos os alunos executam.

E' hoje o ultimo dia que os bilhetes de camarotes e de fauteils poderão ser marcados na Secretaria dos Padrões da Grande Guerra no 3.º edificio do internato da Escola Militar, entrada pela rua Gomes Freire.

A Provincia na "Capital„

ALMADA, 3.—Começou a publicar-se nesta vila um novo semanario republicano, defensor dos interesses da margem sul do Tejo, intitulado «A Patria». E' dirigido pelo sr. Alfredo Simões Pimenta, presidente da comissão executiva da Camara Municipal de Almada. O novo jornal apresenta-se com belo aspecto e ilustrado. A sua venda foi feita pelos distribuidores dos diarios de Lisboa.—(C).

BOMBARRAL, 4 — No passado domingo tomos visitados pelo Carcavelinhos Foot ball Club que se encontrou com o grupo do Sport Club Bombarralense que perdeu por 2 a 3 bolas.

O jogo decorreu animadissimo com enorme assistencia, tendo o grupo Bombarralense jogado muito bem contra o grupo do conhecidissimo e popular club de Lisboa.—(C).

SPORT

Bilhar

O match entre Schaeper e W. Hoppe, para o titulo de campeão do mundo, começou já a ser disputado.

No primeiro dia a vantagem foi de Schaeper.

Natação

O sueco Arne Borg, bateu o record do mundo dos mil metros, que fez em 14 minutos 7 segundos e 4,10, tempo extraordinario.

Box

A Federação Franceza de Box, castigou o boxeur Bertye por fazer um combate simulado, e o boxeur Danis, por ter jogado em publico com o nome do outro pugilista.

—O campeão do mundo de uma categoria, J. Kilham, está fazendo uma tournée de exibições na Europa, sendo possivel que tenha um combate, com algum europeu.

—O antigo campeão do mundo amador Fritch tem continuado a alcançar victorias interessantes.

Um jornal americano diz que o campeão do mundo Dempsey não é como se pensa invulneravel, pois que a orelha direita em virtude dum abcesso que teve em pequeno não suporta a mais pequena dôr, e que qualquer pugilista que consiga alcançal-o nesse sitio tem vitorioso.

«Si non estevero...»

Ciclismo

O jornal «l'Auto», durante a volta da França, que anualmente organisa, lança este ano, de novidade de pôr á disposição do publico, automoveis, que acompanham todo o trajecto da corrida, por preços economicos.

O campeonato de França, de velocidade, começou a disputar-se a 2 deste mez.

Estão inscriptos os melhores ciclistas de especialidade.

Foot-ball

Por causa d'um conflito entre as Federações Belga e Suissa, esta ultima, proibiu que os seus «teams» possam jogar contra «equipes» belgas.

Em Inglaterra, foram condenados alguns espectadores, por terem invadido um terreno de «foot-ball», durante um «match».

E se experimentessem aqui o mesmo...

Automobilismo

Por ocasião de abertura do «salon» em Haye, vão ser disputadas corridas de velocidade, entre elas, uma prova de kilometro lançado.

Pesos e alteres

O francez Gance bateu o record de França do «jeto» á direita fazendo 87 quilos.

Remo

Num treno a equipe de Oxford bateu o record da distancia, da famosa corrida de Hammersmith a Chirwich que foi feito em 3 minutos e 47 segundos.

NOTICIARIO

CAMPEONATO DE LUTA

Já está anunciado um campeonato de luta greco-romana no Coliseu dos Recreios.

Amanhã falaremos do caso.

FOOT-BALL

Portuguezes contra inglezes e espanhois

Alem dos jogos já anunciados, em que toma parte o magnifico club inglez «Oxford City», a direcção do Imperio, afim de melhorar o programa, e jogos que se propoz levar a efeito, fechou contracto para quatro matchs com o Real Club Fortuna de Vigo, campeão da Galiza nas epocas de 1915-16, 1920-21 e 1921-22.

Assim, vamos ver já no proximo sabado, em Palhavã, em luta com os nossos foot-ballers o campeão da Galiza que ferá o seu ultimo match no dia 13, com o «Oxford City», campeão da Inglaterra em 1905-6 e finalista nas epocas de 1912-3 e 1912-13.

ESGRIMA

N. Ginasio Club Portuguez, onde a classe de esgrima é dirigida pelo mestre de armas Antonio Martins vão brevemente os esgrimistas daquela sala organisar umas poules de espada, florete e sabre, bem como fazer disputar o brossard de esgrima, que este ano ainda não foi organisado.

A prova de esgrima inter-socios para disputa da Taça Carlos Granha deve realisar-se no mez de maio.

A inscrição para a classe de esgrima, que é gratuita, continua aberta, sendo a classe todas as 3.ª, 5.ª e sabados á noite.

EQUITAÇÃO

No picadeiro do professor Gonçalves de Miranda, onde alguns socios do Ginasio Club Portuguez nas noites de segundas, quartas e sextas feiras recebem lições de equitação em classe, estão-se activamente preparando para brevemente organisarem um animado passeio.

A inscrição para esta classe pode ser feita no Club, ou no Picadeiro.

FESTA NO GINASIO CLUB PORTUGUES

No proximo sabado de aleluia 15 do corrente deve realisar-se no G. C. P. mais uma interessante festa, que está despertando bastante interesse entre os socios que em grande numero concorrem aquelas festas.

Do programa do sarau fazem parte alguns dos melhores numeros de ginastica artistica, tais como o Bi-triple, triplo trapesio, sem rede, duplo trapesio e argolas. Alem destes, outros numeros de esgrima, atletica, etc., completarão o programa.

LUTA GRECO-ROMANA

Ainda este mez se organisa no G. Ginasio Club Portugues, a segunda poule de luta inter-socios na qual se disputarão umas medalhas em cada uma das categorias.

A classe continua muito animada todas as tardes das 17 ás 19 horas sob a direcção do Claudio de Oliveira.

BOX

Brevemente no Ginasio Club Portugues, se realisará mais uma das animadas sessões de Box, o que bastante contribuem para o aperfeiçoamento e melhor preparação dos adeptos.

A classe de Box continua todas as tardes sob a obsequiosa direcção do sr. Abel da Cunha.

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais

Taça especial de 2.ª categoria.— Benfica contra União nas Laranjeiras, ás 11 horas; juiz o sr. Acacio Risques Pereira; Belenenses contra Imperio nas Laranjeiras, ás 13 horas, juiz o sr. João Pereira de Figueiredo; Vitoria contra Atletico nas Laranjeiras, ás 15 horas, juiz o sr. Eduardo Mario Costa.

Promoção, —3.ª categoria—(apuramento do vencedor), Bom Sucesso contra Fosforos em Chelas, ás 14 horas, juiz o sr. Armindo José de Carvalho.

4.ª categoria—(desempata da serie), Marvilense contra Bom Sucesso em Chelas, ás 12 horas, juiz o sr. Francisco W. Leote.

Provas escolares de foot-ball—Grupo B (internatos) — Casa Pia contra Asilo Maria Pia no Campo Grande, ás 10 horas, juiz o sr. Carlos Moniz Pereira; Grupo B (externatos)—Pedro Nunes contra Veiga Beirão no Campo Grande, ás 11,15 horas, juiz o sr. José da Costa Brito.

DESAFIO PORTO-LISBOA

Parte no sabado para o Porto o Grupo Representativo de Lisboa que no domingo 9 joga no Porto contra o Grupo Representativo daquela cidade.

A constituição do grupo é publicada em nota oficial da passada semana.

Toda a correspondencia relativa a esta secção e bilhetes de entrada para campos sportivos deve ser dirijida ao redactor sportivo.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BILHETES DE ASSINATURA

Esta companhia faz publico que a partir do dia 7 do corrente recebe requisições para bilhetes de assinatura nas seguintes condições:

1.º—O praso de validade dos bilhetes começa em 11 de Abril e termina em 31 de Dezembro de 1922.

2.º—O preço dos bilhetes é de 315$00 (trezentos e quinze escudos) pagos no acto da requisição.

3.º—Os bilhetes deverão ser requisitados á companhia, nos seus escritorios em Santo Amaro, em carta impressa, seguindo o modelo que a companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe «duas» fotografias iguaes medindo, 0m,045 × 0m,035 desgraduadas do cartão, não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas, ou inutilisadas por qualquer carimbo.

4.º—A companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura tres dias depois daquele em que receber a requisição, nos termos acima indicados.

5.º—Os bilhetes são absolutamente pessoais, intransmissiveis e insubstituiveis, salvo em caso de perda ou extravio devidamente comprovado e só são validos para os carros electricos que circulam nas linhas da Companhia, excluindo, portanto, os que circulam nas linhas da Nova Companhia dos Ascensores Mecanicos de Lisboa.

6.º—Em caso de perda ou extravio deverá o assinante fazer a participação á companhia, que decorridos oito dias, lhe fornecerá outro bilhete.

Durante este praso, que a companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete, o assinante só poderá transitar nos carros pagando as suas passagens e sobre elas não terá direito a restituição alguma nem a perdas e damnos.

7.º—Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante tiver, ou tentar fazer uso de um bilhete de assinatura, será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado, isto sem prejuizo do procedimento a seguir contra o autor e cumplices desta fraude ou tentativa de fraude.

8.º—Os bilhetes de assinatura não terão valor algum quando não tenham a fotografia do assinante, não tenham o selo em branco da Companhia e ou não estejam por eles assinados.

9.º—Os assinantes não podem apresentar sob pretexto de quaisquer prejuizos, reclamação alguma contra a Companhia por motivo de demora, paragem e interrupção da circulação da linha, mudança de serviço, diminuição de numero de carreiras, falta de lugares ou por motivo de greve.

10.º—Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ou colhetor e bem assim quando exigido pelos cobradores e empregados da Companhia, não sendo suficiente a declaração de ter assinatura.

Fica egualmente obrigado a reproduzir a assinatura quando se torne necessario para comprovar a sua identidade.

11.º—A falta casual ou forçada da utilisação do bilhete não constitue o assinante bem os seus sucessores nem herdeiros no direito de reclamar indemnisação ou compensação alguma da Companhia.

Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem lhe suceda, reclamar o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço, uma vez pago, pertence de direito e para todos os efeitos á Companhia.

Lisboa, Santo Amaro, 5 de Abril de 1922.

A DIRECÇÃO

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A descoberta do Tio Bonifacio

por GUY DE MAUPASSANT

Naquele dia, Bonifacio, o carteiro, logo ao sair da estação do correio, constatou que o seu giro seria menos comprido que do costume, e sentiu com isso uma viva alegria.

Bonifacio tinha a seu cargo a distribuição pelo campo, em redor do burgo de Vireville, e quando voltava á noite, com o seu largo passo fatigado, tinha, algumas vezes, mais de quarenta quilometros no papo.

Como a distribuição lhe tomaria pouco tempo, o bom do homem poderia até, ir passando sobremodo, pela estrada e entrar em casa, ahi pelas trez da tarde. Que pechincha!

Bonifacio saiu do burgo pelo caminho de Sennemare e principiou a sua tarefa. Era em Junho, o mez verde e florido, o verdadeiro mez para as planicies.

O nosso homem vestido com a sua blusa azul, tendo na cabeça o képi negro agaloado de encarnado, atravessou por estreitos carreiros os campos de colza, de aveia e de trigo, enterrado nessa vegetação até aos hombros; e a sua cabeça, passando ao de cima das espigas, dir-se-ia flutuar em um mar calmo e verdejante, que uma brisa ligeira fizesse molemente ondular.

O carteiro costumava entrar nas herdades, pela estacada posta em taludes sombreados pelos renques de faias, saudando pelo seu nome o lavrador: «Bom dia, tio Chicot», e estendia-lhe a mão com o jornal de que o camponez era assinante, «Le Petit Normand».

O fazendeiro limpava a mão aos fundilhos das calças, recebia a folha e meti-a na algibeira para a ler á sua vontade, depois da refeição do meio dia. O cão, alojado num barril, junto a uma macieira inclinada, latia com furor, estirando a corrente que o prendia; e o carteiro, sem voltar-se para traz, tornava a marchar no seu passo marcial, alongando as compridas pernas, sustendo a sacola no braço esquerdo e manobrando com o direito a bengala, que marchava como ele de maneira continua e apressada.

Bonifacio distribuiu os impressos e cartas na aldeia de Sennemare, depois tornou a pôr-se a caminho, atravez dos campos, para levar o correio do professor, que morava numa casita isolada, a um kilometro do burgo. Era um novo professor, o senhor Chapatis, que chegára ainda havia uma semana, e que era casadinho de fresco.

Chapatis recebia uma folha parisiense, e por vezes, quando o tempo para isso lhe chegava, Bonifacio dava uma vista de olhos pelo jornal, antes de o entregar ao destinatario.

Como tal, o carteiro abriu a sua sacola, pegou na folha, desdobrou-a e poz-se a lel-a, ao mesmo tempo que seguia o seu caminho. Como a primeira pagina o não interessava, e a politica o não aquecia nem arrefecia, Bonifacio passava sobre elas, porem, os casos do dia apaixonavam-o.

Naquele dia, esses casos eram bastantes. Bonifacio chegou mesmo a comover-se tão vivamente, ao ler a narração de um crime, cometido na habitação de um couteiro, que parou em meio de uma porção de trevo, para tornar a ler detidamente. As minucias eram horrorosas. Um lenhador, passando de manhã pela porta da habitação florestal, vira um pouco de sangue no seu liminar, assim como se alguem o tivesse deitado do nariz.

«Naturalmente, o guarda matou esta noute algum coelho» pensou o transeunte; mas aproximando-se, notou que a porta estava entreaberta e que a fechadura fôra quebrada.

Então, cheio de medo, correu á aldeia, a prevenir o "maire„, este tomou como reforço o guarda campestre e o professor; e os quatro homens, todos juntos, dirigiram-se ao local do crime. Encontraram o couteiro degolado deante da chaminé, a mulher do mesmo estrangulada no leito e a pequenina de ambos, de seis anos de idade, sofocada entre dois colchões.

O Bonifacio ficou de tal forma comovido ao pensar naquele assassinato, cujas circunstancias horriveis lhe apareciam todas ao espirito de enfiada umas nas outras, que sentiu as pernas fraquejarem-lhe e não pôde furtar-se a dizer muito alto:

—Santo nome de Deus! Sempre há gente muito canalha!

Depois, tornando a meter o jornal na cinta, continuou a marchar, com a cabeça a abarrotar das visões do crime. Não tardou a chegar a casa do senhor Chapatis, abriu a cancela do jardimsinho, e aproximou-se da casa. Era uma construção baixa, não contendo mais que rez-do-chão, toucada por um tecto de aguas furtadas. Estava afastada cerca de quinhentos metros, pelo menos, da casa mais visinha.

O carteiro subiu os dois degraus da escada, pôs a mão na fechadura, tentou abrir a porta, e constatou que ela se achava fechada. Então notou que as bandeiras das janelas não tinham sido abertas, e que ninguem saira de casa, áquela hora.

Tomou-o uma inquietação, porque o senhor Chapatis, desde a sua chegada, costumava sempre levantar-se cedo. Bonifacio puxou pelo relogio. Não eram ainda mais de sete horas e dez minutos da manhã. Bonifacio tinha-se pois adeantado uma hora. Mas não importava, o professor devia estar a pé.

Então, o nosso homem deu uma volta á casa, andando com precaução, como se temesse qualquer cousa. Não notou nada suspeito, a não ser umas pegadas de homem, numa placa de morangueiros.

Mas de repente, quedou imovel, tolhido de angustia, ao passar por deante de uma janela. Na casa havia gemidos. Aproximou-se, e saltando por cima de um debrum de thimo, colou o ouvido ao anteparo, para escutar melhor; eram gemidos com certeza. Ele bem ouvia soltarem longos suspiros dolorosos e uma especie de estertor, um ruido de lucta, depois, os gemidos tornavam-se mais fortes, mais repetidos, acentuavam-se mais e mais, transformando-se em gritos.

(Continúa.)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouro, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Praça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 514 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzim, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo. Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.°
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, saes potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamelos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

-o- -o- -o- -o- -o- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de ceramica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Bada! & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quim[illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificos

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4046 - 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quinta-feira, 6 de Abril de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina da Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A questão dos presos

Está em foco a questão dos sindicalistas presos nos fortes de S. Julião da Barra e de Sacavem, os quais, como pretexto contra o facto de ainda não se ter definido a sua situação, deliberaram, segundo noticiam os jornais, iniciar a gréve da fome.

Justificam-se estas prisões pelas chamadas questões sociais, designação extremamente complexa e que permite tangentes que não são dignificadoras da justiça e muito menos produtoras da ordem que derrniam nas sociedades, do respeito ás vidas e fazendas que nunca deve deixar de reconhecer a acção dos dirigentes dessas sociedade.

Filiou-se em questões sociais o homicidio traiçoeiramente e barbaramente praticado na pessoa do juiz dr. Pedro de Matos, ferido mortalmente quando ia a entrar, uma noite, para sua casa, na Avenida da Republica. O reu desse crime foi condenado a uma pena atenuadissima.

O mesmo se deu com o assassinato por aquele perigosissimo sindicalista, que a policia procurava, porque lhe encontrara em casa, numa busca, grande quantidade de explosivos. Fugindo á policia, depois de contra ela arremessar bombas de dinamite, esse sindicalista assassinou um operario que lhe sahira á frente para o deter. Como se tratava duma questão social, a sua pena foi atenuadissima. Restituido á liberdade, é hoje um dos presos que, por medida preventiva, se encontra numa das fortalezas citadas.

Perguntamos: por que é que estes crimes são considerados sociais? Qual é a doutrina que os reivindica? Trata-se de actos de malvadez, de assassinios puros e simples, cometidos por um espirito de vingança e ferocidade. As leis comuns tem penalidades para os assassinos, e estes em nada são mais recomendaveis do que os outros.

Entre os presos dos fortes de Sacavem e de S. Julião da Barra hão de distinguir-se diversas categorias em relação ás suas responsabilidades e delictos. Falamos, evidentemente, dos que forem reconhecidos criminosos. O que seria natural era estabelecer-se uma lei que de maneira geral atingisse as responsabilidades que a todos os delinquentes fossem comuns.

Afigura-se-nos que o governo não tem esses prisioneiros detidos sem que para isso existam fortes rasões de segurança do Estado e tranquilidade publica. Mas o que nos admira é que o governo ainda até agora não tenha tomado uma resolução a tal respeito. Todavia essa resolução impõe-se porque a situação é daquelas que não admitem delongas.

Quer o governo apresentar ao parlamento uma proposta de lei que defina o seu pensamento em relação aos agitadores profissionais? Apresente-a; mas o que não pode ser é continuar a manter um estado de cousas que briga com as garantias individuais consignadas na Constituição da Republica.

Tomem-se as medidas necessarias; mas tomem-se legalmente para que ninguem possa supor que se trata duma arbitrariedade de poder, quando só se deve pensar em garantir a ordem publica e a vida e propriedade dos cidadãos.

Uma pregunta...

Alguns guardas civicos e militares que serviram de condutores e guarda-freios dos electricos durante a gréve, pedem-nos para que formulemos a seguinte pergunta:

— O que é feito do dinheiro de diferentes subscrições abertas em varios pontos da cidade a nosso favor? Como até hoje nenhuma verba nos foi entregue bom seria que a Direção Geral dos Transportes désse qualquer informação ou resposta sobre o caso!...

Ahi fica feito o pedido.

DRAMATURGOS NOVOS

MARIO DUARTE e VALERIO DE RAJANTO

-:- FAZEM A LEITURA DO SEU -:-
PRIMEIRO ORIGINAL DE TEATRO:

"RENASCER"

Mario Duarte, esse rapaz que Lisboa conheceu do palco e da vida, esse belo actor que ainda hoje é lembrado pela inteligencia e pela mocidade que poz em todos os seus papeis, deixou o teatro e foi, tranquilamente, tratar dentes para um consultorio.

O Mario Duarte, loiro, elegante, conquistador, que empolgara, com a sua distinção vivil e academica a velha plateia do Ginasio—desapareceu. Hoje existe apenas o dr. Mario Duarte, averiguadamente mais gordo, infelizmente menos elegante, e o antigo creador do «Principe Herdeiro» e do «Primo Basilio»—usa uma bata branca, empunha uma torquez prateada e com respeito a arte... tira dentes com muito sentimento.

Dr. Mario Duarte, actor distinto e conhecido tradutor teatral que se estreia como autor com a peça
Renascer

Mas, se o actor se suicidou com um consultorio de protese dentaria, o homem de teatro ficou intacto, e esse vicio que se respira na poeira das «coulisses», tinha-o Mario Duarte vivido demais para que se podesse curar dele. Assim, ei-lo feito tradutor e adaptador teatral, ha meia duzia de anos, e com o dr. Alberto de Morais, vem firmando já dezenas de peças, algumas delas representadas com exito invulgar, como o publico tem verificado por si mesmo.

Simplesmente o antigo actor, o moderno traductor, precisava de ir mais alem—de ser autor.

E, depois de ter adaptado muitas ideias dos outros, acabou por adaptar as suas proprias. Tinha de ser, era fatal. Teremos pois Mario Duarte autor dramatico.

Quem é o seu colaborador? O que é a sua peça?

Foi isso o que verificamos uma noite destas, na propria sala branca do consultorio, André Brun, José Ricardo e quem escreve estas linhas.

O seu colaborador de agora é Valerio de Rajanto, actor já conhecido do publico, rapaz interessante e moderno, temperamento duma rara emotividade e duma cultura ainda mais rara.

Valerio de Rajanto que é hoje o primeiro galã da companhia Chaby Cremilda, é tambem um espirito de poeta muito curioso, não sendo desconhecido para quem tenha acompanhado a produção literaria dos ultimos anos.

Foi da junção do homem de teatro e do poeta que saiu a peça «Renascer» que teremos brevemente em qualquer dos nossos teatros e sobre a qual hoje, em primeira mão, podemos informar os nossos leitores.

O que é a peça?

«Renascer» são tres actos cheios de intensidade e de colorido, feitos dentro duma «charpente» humana e moderna.

Da rapida leitura que ouvimos não nos ficou mais que uma impressão de que ha nesse trabalho, teatro, desde a primeira á ultima scena.

O que é a sua efabulação?

Sem querer tirar ao espectador o imprevisto do entrecho detalhado, informaremos, no entanto, que «Renascer» é o drama actual dum certo numero de rapazes, para quem a vida futil e doirada das «Garrets» e dos «Monumentais» é a preocupação unica e absorvente. São esses rapazes que estiolados por um conjunto de circunstancias favoraveis a um estagnamento de energias, podendo ser alguém, representam na vida apenas um papel de inuteis. Então o casamento, o erguer duma vida nova e fecunda aparece-lhes com um espectro.

A familia, com toda a sua beleza moral, é-lhes pavorosa, e o trabalho tem o aspecto dum castigo rude e sem recompensas. Mas, ha um momento em que uma luz pode alumiar esses caracteres dubios, que se eduoam entre saias de senhoras e «amigas» macias—e então, a vida, com a atração dinamica da sua volupia de brilho e de ancia, atrai-os e domina-os.

Uma nova aurora, redentora, serena, forte, lhe aclarece os homens e os factos.

E a luz do «Renascer»...

* * *

O que é a treatralisação da peça?

E' feliz, é infeliz, é completa?

Eis uma coisa sobre que é sempre prematuro fazer juizos. Uma peça de teatro vista como arcaboiço, deve apenas resirtir como construção de proporções e de equilibrio. O seu desenho, as suas linhas de esqueleto devem apenas ser logicas—nada mais. Tudo o resto, «ficelles», detalhes, planos secundarios vem muito, vem quasi exclusivamente da representação.

Valerio de Rajanto, 1.º galã da companhia Cremilda-Chaby e literato de merito, co-autor da peça
Renascer

O teatro é—está toda a gente farto de o dizer—uma obra de estreita colaboração entre auctor e interpretes.

Aquele e estes é que produzem teatro. Qualquer deles isolado não é nada.

Ora, ouvir ler uma peça é como recitar um romance ou solfejar uma partitura.

E, o que do «Renascer» nos ficou foi, repetimol-o uma otima impressão de leitura.

José Ricardo, mascava o seu charuto, André Brun fumava imperturbavel a sua «cigarrette» branca e perfumada, e quando a voz de Mario Duarte se calou sobre a ultima fala da peça, houve aplausos e louvores, e aqueles dois iminentes homens de teatro saudaram com aquela conciencia falha de lisongas que a sua categoria lhes confere.

Quer dizer que se o publico ao ir ver representar o «Renascer» tivesse o espirito do notavel dramaturgo e o talento do grande actor—ele aplaudiria. Eis tudo.

O HOMEM QUE PASSA

Com o novo regimen cerealifero aumentará com certeza, o preço do pão

Sendo assim, mais se acentuará a fome geral!...

O sr. ministro da Agricultura apresentou ontem na Camara dos Deputados uma proposta de lei, modificando o regimen cerealifero que actualmente vigora.

A breve leitura que dela fizemos habilita-nos a chegar imediatamente á conclusão de que o povo terá de pagar mais caro o pão de que mal se alimenta, apezar de se estender infinitamente a margem de lucros para a moagem e para os fabricantes. Se o sr. ministro da Agricultura não conseguir encontrar outra solução senão esta, mais valeria não ter queimado as pestanas no estudo do gravissimo problema da alimentação publica.

Em Lisboa haverá, segundo a proposta, dois tipos de pão: o «pão de familia» e o pão de «uso comum» o primeiro resultante dum lote de farinhas de 1.ª e 2.ª qualidadades e o segundo manipulado com farinha de 4.ª qualidade. Os preços serão fixados pelo ministro da Agricultura, sob proposta duma comissão adrede nomeada.

Nestas condições, claramente se vê que o preço do pão será variavel e função do preço das farinhas, que é tambem oscilatorio. A comissão que fixa os preços do pão—preços que o ministro terá de sancionar—é composta do director geral do Comercio Agricola, director da Manutenção Militar, director geral da Fazenda Publica, comissario geral dos Abastecimentos, um representante da Agricultura Portugueza, outro da Industria de Moagem e outro da Panificação Independente. Eis uma sabia composição, muito habilmente feita para elevar o preço do pão!

Por outro lado, a proposta de lei dá a maior latitude de qualidades e preços para o fabrico do pão de luxo. Excelente negocio, que habilitará os industriais a elevarem os seus lucros até onde lhes convier, borrando em todos os tons que o fazem dentro da lei!

Não esquecemos que, com o regimen do «pão politico», o Estado perdeu muitas dezenas, talvez centenas de milhares de contos. O Estado pretende, agora, livrar-se do fatal cancro, que o arruinava. Está muito bem. Mas que isso se consiga á custa exclusiva do consumidor é que me parece forte de mais e, principalmente muito perigoso para a segurança do Estado. E' preciso não esquecer que a sabedoria universal escreveu este axioma no grande Livro dos Destinos Humanos: a Fome faz lei. E faz!

O problema do inquilinato. —E' indispensavel que a população se conserve vigilante!...

Dia a dia se torna mais dificil o problema da habitação em Lisboa. As rendas das casas recentemente construidas atingem proporções verdadeiramente fantasticas, sendo o dispendio do inquilino agravado ainda por diversas extorsões fiscais, aprovadas «á la diable» em Parlamentos que, por via de regra, demonstram hostilidade ao povo eleitor em vez de se empenharem em o defender, tornando-lhe suportavel a durissima existencia. A lei colectando fortemente as rendas superiores a 50 escudos mensais aumenta as angustia da população que sofre, trabalha e ganha apenas — quando ganha!... — o suficiente para ir morrendo lentamente de fome. Chega agora ao nosso conhecimento que, apesar de tudo isso, se movem influencias para se ir alterando, pouco a pouco e com leis avulsas, o actual regimen do inquilinato!

E' indispensavel que a população se ponha em atitude de defeza, precavendo-se a tempo contra o golpe que se prepara. Desde já dizemos que se pretende restituir ao senhorio o direito de despejar o predio, habilitando-o, desta arte, a elevar as rendas em conformidade com o seu capricho ou com os seus interesses.

Esta questão do inquilinato não pode ser encarada senão num ponto de vista unico e geral. Pretender pôr remendos á lei actual, fazendo passar subrepticiamente no Congresso leis de ocasião, arranjadas «ad hoc» e «ad hominum»,—eis o que não pode ser! Estamos presuadidos que, dentro do Parlamento e do proprio Governo, sempre haverá alguem que se oponha a tais manobras, impedindo, por todos os meios, que triunfem as intrigas de bastidores. E, se fôr preciso, mais claro escreveremos!...

Quartos

(Caricatura de Eduardo Faria)

— E os lençoes da cama estão aceiados?
— Ora essa! Foram lavados esta manhã mesmo. Faça favor de apalpa-los e verá que ate não estão enxutos...

-:- FACTOS -:- E PALAVRAS

Ler e escrever

O calculo dos quarenta principais escritores portuguezes dá como total de livros publicados durante o ano de 1921 um minimo de seiscentos. Dois livros por dia num paiz que indubitavelmente não sabe ler e só o faz por incidente—é, na verdade cousa fabulosa. Mas o curioso é que o mesmo calculo reputa em perto de quatrocentos os livrecos de versos. Mais de quatrocentos corações queixosos e endoloridos extrairam do seu interior psicologias rimadas contando as dores da sua alma em alexandrinos ou redondilhos. Por isso essa nobre arte de poetar, tão rara e que tantos predicados demanda, passeia positivamente pelas ruas da amargura. E por isso tambem já se não lê em Portugal—porque toda a gente escreve.

A conferencia

Vai abrir-se agora mais uma, que se chama a de Genova e para a qual está já orçada uma despesa de trinta milhões de liras no passadio e manutenção dos ilustres delegados. Esta paz que se pretende consolidar a golpes de conferencias, faz scismar riscohamente os filosofos de tres ao vintem. E estes vencedores que se não entendem, que disputam, que papagueiam, que alinham frases, ao lado dos vencidos que trabalham mudos de dentes cerrados, todos por um e um por todos: estes vencedores, Saturnos que devoram os seus proprios filhos, e alardeiam jactancias, e resmungam ameaças faiscando sabres e coroando-se de glorias, — aparecem cada vez mais vencidos, cada vez menos dignos de vencer...

Vassoura

A Camara Municipal não existe. E' questão assente. Geralmente os organismos do Estado ou só existem em teoria ou apenas se lembram de nós para nos arrancarem o imposto e a multa. Mas se eles se não lembram de nós, porque motivo nos havemos de lembrar deles. E sabido como é que as ruas de Lisboa se encontram no mais vergonhoso estado de imundicie, porque não havemos de todos nós, municipes, varrer a rua diante das nossas portas, já que ninguem a varre apesar de pagarmos para isso?

Se como as «menageres» de Amsterdam ou de Schweningue fizermos a toilete do pedaço de calçada que passa diante de nossas portas, alem de demonstrarmos um profundo amor pela limpesa, que nos honrará perante as nações civilisadas temos ensejo de ensinar á notavel Camara uma cousa que ela provavelmente ignora: a higiene.

A viagem do Presidente da Republica Francesa

Aclamações delirantes

CASABLANCA, 6 — O sr. Milerand visitou a cidade esta tarde, percorrendo as ruas de automovel, acompanhado do marechal Lyautey e sendo alvo de entusiasticas aclamações de uma compacta multidão, composta de europeus e indigenas.—(H).

Defeza Nacional

Eis uma campanha onde se podem reunir todas as vontades de todos os partidos politicos!...

«A Capital» não é estranha á propaganda patriotica que tenha por fim habilitar a Nação a defender-se eficazmente, garantindo a inviolabilidade das suas fronteiras. Já em 1913 procurámos incutir no espirito publico a convicção de que necessitamos duma força militar defensiva, tanto em terra como no mar. Alem de muitos artigos, demos então publicidade á «Patria Portugueza», de Julio Dantas e ao livro «Episodios Maritimos», do Almirante Braz d'Oliveira.

Vemos, agora, que «O Dia», que milita no campo monarquico e que é, portanto nosso irreductivel adversario politico, quer renovar abenefica propaganda. Pois ter-nos-ha a seu lado! Aparte, é claro, os pontos de vista divergentes que, por acaso, venham a surgir.

A conferencia de Genova

O genio latino e o genio anglo-saxonico

RIO DE JANEIRO, 5. — Tem sido muito comentado um artigo do jornal «O Paiz» no qual fazendo-se referencia á conferencia de Genova se diz que quaisquer que sejam os resultados desta as nações latinas da Europa e da America tem que se unir para contrabalançar a influencia da Inglaterra e dos Estados Unidos. Aquele artigo conhecido com outros do mesmo teor publicados ao mesmo tempo em varios jornais da Argentina.—(R.)

A orientação francesa

PARIS, 6. — Das instruções dadas aos membros da delegação francesa á conferencia de Genova infere-se claramente que Poincaré conservará nas suas mãos a direcção da politica francesa nessa conferencia.—(R.)

A reunião dos delegados franceses

PARIS, 6.—O sr. Poincaré reuniu-se esta tarde com os delegados e peritos franceses á conferencia de Genova e bem assim com os ministros interessados. O sr. Seydoux expoz os problemas da ordem do dia e as soluções que os tecnicos aliados encararam em Londres. O sr. de Lasteyrie falou do emprestimo internacional e o sr. Poincaré explicou como concebia o papel da França na conferencia de Genova e expoz o seu desejo de ver a França colaborar utilmente na obra de levantamento economico da Europa, sob reserva de respeito dos nossos direitos provenientes dos tratados. O sr. Poincaré afirmou que a conferencia não deve abordar os problemas politicos, mas somente os economicos e examinou as diversas eventualidades possiveis e a atitude que deve tomar a delegação francesa a respeito desses problemas, pertencendo a sua decisão ao governo.

Terminou o sr. Poincaré por especificar que a França não toma qualquer compromisso pelas recomendações da conferencia, visto que é no parlamento que compete pronunciar-se em ultima analise.—(H.)

ASPECTOS DE LISBOA

Chás elegantes

Lisboa, a grande capital—vai-se civilisando progressivamente... A moda que traz o dandismo—e consequentemente subverte, numa vaga de cosmopolitismo desnacionalisante o «raffiné», todo o modo de viver caracteristico dum povo, fez a nossa sociedade adoptar o uso do chá—que se está tornando um abuso... O que, no entanto, não quero dizer que haja mais educação, pelo facto de todos tomarem chá em creanças.

Não obstante ser uma bebida adoravel, o chá não é apreciado entre nós, o que se vê no sintoma de ele ser a maior parte das vezes detestavelmente mal feito e de qualidade ordinaria. A sociedade portugueza é sempre assim, é originariamente assim — imita, mas imita mal... E, se vagamente lhe chegou a fama dessa infusão de excepcionais qualidades digestivas, e estimulantes, logo foi adoptado, por espirito beôto de snobismo —sem ninguem lhe tomar, embora, o gôsto... A inovação do estrangeiro não devia ficar por aqui—o uso do chá não devia ficar restricto exclusivamente ás recepções e «soirées» intimas. E assim é que em Lisboa tambem surgiram os «tea rooms».

A principio com uma vida dificil e quasi particular—só recentemente se transformaram no ponto de reunião da «élite» intelectual e aristocrática lisboeta. E' o chá das cinco. E só agora—por isso—se encontra nele qualquer coisa de inédito e requintado, de mundano e civilisado. As mulheres são precisamente quem emprestam a esse scenario—o encanto gracioso da sua graça e da sua mocidade explendida. Porquê devo dizer-lhes—a senhora de Lisboa, que vive a vida elegante do «boudoir» no segredo dos seus «creams», dos seus perfumes, nunca envelhece... Somos nós que envelhecemos — fatigados pelo cançaço de vermos tanta mulher bonita...

A's cinco horas na «Trianon» a orquestra toca Debussy ou Rubinstein—e já se encontram as figuras distintas da nossa sociedade, porque é ali o «rendez-vous» tacitamente aprazado para todas as conversas maliciosas de escandalos mundanos, de sucessos artisticos, de «nouveautés» das Modas, porque é ali—para que não confessa-lo francamente—o «rendez-vous» dos namorados. Hoje já não se namora como dantes—e por isso se tornou possivel a sua adaptação progressiva aos «tea-rooms», aos cinemas, aos «garden-parties». O namoro hoje é o «flirt»—é um sorriso de ironia e uma promessa de contracto-juridico. O «flirt» começa muitas vezes na «Benard» ás cinco horas, a proposito dum chá, e acaba dias depois no cinema Condes—ás escuras...

Mas—é um facto flagrante que o chá das cinco deu um caracter mais aristocratico e cosmopolita á vida citadina de Lisboa elegante...

Superiores em distinção em «raffinement» só encontro—os «tea-dancing». De facto, ha neles qualquer coisa de mais surpreendente e deslumbrador—por isso que podem revestir, como está sucedendo no estrangeiro, uma grandiosidade explendida.

Na nossa capital—como todos os leitores estão vendo—já se toma bastante o chá—ás cinco horas... Ai se discute tudo o que é futil e tudo o que é banal—na reciproca ilusão de que se enganam... O chá das cinco é —sem duvida—uma das modas mais brilhantes que nos teem vindo de fóra, porque é uma das mais distintas e delicadas, simbolo duma epoca e duma «elite» superficial, frivola, galante, snob... Mas é tambem sintomatico—na vida desta mui nobre cidade... Eu conheço muita gente que nos dias em que toma chá nos elegantes «tea-rooms» não janta—decerto por esquecimento.

MARIO GONÇALVES VIANA

Um questão importante

A Inglaterra vai exigir o pagamento dos juros da nossa divida

LONDRES, 6.—O governo inglez dirigiu notas aos governos de França, Italia, Portugal, Romania, Servia e Grecia informando-os de que tendo que pagar juros dos emprestimos que os Estados Unidos fizeram á Inglaterra, reservava-se o direito, a partir do proximo mez de Outubro, de pedir a esses governos para pagarem os juros dos emprestimos que contrairam em Inglaterra.—(R).

Contra os soviets

Acontecimentos graves

LONDRES, 5. — Comunicam de Helsingfors que os inimigos dos Soviets desenvolvem uma extraordinaria actividade. Em varios pontos de Petrogrado declararam-se varios incendios. A fabrica central de electricidade e uma parte da estação de Nicolai II foram devoradas pelas chamas. Pelo mesmo motivo sofreram grandes destroços o edificio do Banco do Estado e varios outros edificios do porto. A fabrica de electricidade «Helios» foi igualmente destruida por um incendio.—(R).

A doença de Lenine

Apenas excesso de trabalho

BERLIM, 5 — O dr. Klemperer, que fora a Moscow para tratar Lenine, acaba de voltar de Moscow e comunica que Lenine apenas sofre dum excesso de trabalho e que apoz a conclusão da conferencia de Genova empreenderá uma viagem para repousar os nervos.—(R.)

A NOVA EDUCAÇÃO DA MULHER

A Conferencia Pan-Americana de senhoras

O PROGRAMA DA CONFERENCIA—OS PROBLEMAS DE INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO—O COMBATE AO LENOCINIO E O ESTADO CIVIL E POLITICO DA MULHER

E' este mez que se deve reunir na cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, a Conferencia Pan-Americana de Senhoras, sob os auspicios da Liga da Mulheres Eleitoras dos Estados Unidos.

Os trabalhos da Conferencia durarão os dias, de 20 a 29 que é para quando está marcado o encerramento.

A Conferencia será a primeira reunião internacional desse genero em todo o continente.

A associação que a convoca é o poderoso gremio que ainda recentemente conseguiu a victoria do sufragio feminino nos Estados Unidos, e que surpreendeu os seus inimigos, logo nas primeiras eleições para o Congresso Nacional, aconselhando os seus membos, já então com o direito do voto a que se juntassem aos partidos existentes, de acordo com os seus respectivos principios, e que evitassem qualquer preocupação especial de candidaturas femininas.

As «leaders» da Liga lembraram, então, que se as mulheres norte-americanas já podiam exercer o direito do voto, precisavam, entretanto, de algum tirocinio politico para que pudessem realmente ser uteis em qualquer cargo electivo. O resultado desse conselho foi a eleição de uma unica mulher para a Camara dos Representantes, que equivale á nossa Camara dos Deputados.

Mas o fim da Conferencia que se vai reunir no proximo mez, não é com a preocupação especial de estender a conquista do sufragismo feminino ao resto do continente.

Os assuntos politicos que interessam á mulher serão naturalmente discutidos na Conferencia: mas eles constituirão apenas uma parcela dos trabalhos projectados, como se pode ver pelo programa que segue:

O PROGRAMA DA CONFERENCIA

Abril, 20, 21 e 22, conferencias preliminares sob os temas seguintes:

Pediatria: Sob a presidencia de Miss Grace Abbott, directora do «Children's Bureau». Departamento do Trabalho. Estados Unidos.

Educação: Sob a presidencia de Miss Julia Abbott, Divisão de Jardins de Infancia.

Lenocinio: Sob a presidencia da Dra. Valeria Parker, secretaria executiva da Junta Inter-Departamental de Higiene Social dos Estados Unidos.

Mulheres nas industrias: Sob a presidencia de Miss Mary Anderson, chefe da «Women Bureau».

Estado civil da mulher: Sob a presidencia de Miss Mabel Willebrandt, sub-procuradora geral da Republica.

Estado politico da mulher: Sob a presidencia de Mrs. Carril Catt, presidente da Aliança do Sufragio Feminino.

O QUE DIZ A PRESIDENTE DA LIGA

A senhora Maud Wood Park, presidente da Liga, fez, entre outras, as seguintes declarações sobre a Conferencia:

—Nos paizes pan-americanos temos tido um grande numero de congressos de homens, mas nenhum até agora de mulheres directamente acreditadas como delegadas. Na minha opinião, esta Conferencia Pan-Americana de Senhores contribuirá, mais do que qualquer outra reunião, para consolidar a verdadeira confraternidade e criar um sentimento de genuina confiança nas relações diplomaticas e internacionais do continente.

Sempre achei que as mulheres, por instinto, estão sempre dispostas a trabalhar unidas para obter os fins a que aspiram, porquê seus interesses são antes de caracter cooperativo do que de concorrencia.

OS PROBLEMAS INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO NA CONFERENCIA

Miss Julia Wade Abbott, a quem está a cargo a secção de instrução e educação da Conferencia, fez as seguintes declarações:

«E' com grande prazer que vejo a reunião das Senhoras das 3 Americas para que possamos tratar da educação no que diz respeito ao bem estar das mulheres e das creanças. Creio que um dos principais deveres desta conferencia é o de explicar a verdadeira significação da frase «educação americana», pois a referida frase não se deve aplicar unicamente aos problemas de educação adoptada nos 48 Estados da União Americana. A palavra americana deve significar a educação que satisfaça as necessidades e os interesses comuns dos povos do Novo Mundo, isto é, da America do Norte, America Central e America do Sul.

O COMBATE AO LENOCINIO

A conferencia sobre o combate ao lenocinio ficará a cargo do Dra. Valeria Parker, que declarou o seguinte:

—Durante os tres ultimos anos o governo dos Estados Unidos tem gasto somas avultadas para fins de higiene social, com o apoio efectivo das mulheres do paiz. Ha, no entanto, muito que fazer ainda, e estamos resolvidas a não poupar esforços para impedir que se tornem a abrir as zonas de lenocinio, que foram fechadas durante a guerra.

O ESTADO CIVIL E O ESTADO POLITICO DA MULHER

Declaração da sra. Mabel Walker Willebradt, sub-procuradora geral dos Estados Unidos:

—A reunião das mulheres procedentes de todas as Americas na Conferencia Pan-Americana não pode senão dar um poderoso impulso á realisação dos objectivos comuns de todas as mulheres—a formação e elevação da opinião publica, a adopção de leis uniformes em harmonia com o completo reconhecimento da egualdade que existe entre o homem e a mulher.

Quanto ao estado politico, diz a sr.ª Carrie Catt, presidente desta secção:

—Sabemos que as mulheres teem aspirações especiais, caracteristicas de seu sexo, ideais desenvolvidos no fundo da sua alma, por sua maneira de pensar e de viver; consequentemente é de suma importancia que todas elas se unam intimamente a fim de que as que mais pensam possam formular programas constructivos, proporcionando a seus grupos e colectividades a mais elevada interpretação sobre o ponto de vista da mulher.

AS DECLARAÇÕES DO DIRECTOR GERAL DA UNIÃO PAN-AMERICANA

O sr. dr. L. Rowe director geral da União pan-Americana, assim se exprimiu recentemente sobre a proxima conferencia:

—No 2.º Congresso Scientifico Pan Americano que se realisou em Washington em 1915 deu-se um notavel passo entre as mulheres do continente americano. Nesta reunião internacional foi celebrada uma conferencia Auxiliar de Mulheres cujas sessões tiveram um efeito bastante prometedor tendo despertado o mais profundo interesse entre as mulheres de todas as Americas, e em resultado da referida Conferencia foi organisada uma Comissão Permanente Feminina, que se tem mantido em contacto com as directoras do pensamento e da ação nos paizes latino-americanos.

A REPRESENTANTE DO BRASIL

O Brasil, conforme já está anunciado, foi convidado e far-se-ha representar pela sr.ª Berte Luiz, secretaria do Museu Nacional.

Banco de Portugal

Convocação da Assembleia Geral extraordinaria

Por circular expedida aos srs. Accionistas, é convocada esta Assembleia geral extraordinaria do Banco a reunir na proxima segunda-feira, 10 do corrente mez pelas 14 horas, (2 horas da tarde) nos termos do n.º 4 dos artigos 82 e 85 dos Estatutos, como caso urgente para apreciar o projecto do contracto apresentado pelo Governo para execução da lei n.º 1246 e sobre o assunto deliberar.

Lisboa, Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, em 5 de Abril de 1922.

O Secretario

Manuel de Campos Ferreira Lima

ANUNCIO

Por sentença do Juizo de Direito da Quarta Vara Civel da Comarca de Lisboa e que transitou em julgado foi autorisado o divorcio dos conjugues D. Clotilde do Vale e Medeiros e Rodrigo de Morais Soares Medeiros que tambem usa o nome de Rodrigo de Medeiros, moradores nesta cidade de Lisboa, o que se anuncia para os efeitos legais.

Lisboa, vinte e cinco de Fevereiro de mil novecentos e vinte e dois.

O escrivão ajudante do 2.º Oficio da 4.ª Vara

Eduardo Silva Pereira

Verifiquei a exactidão

A. I. Guerra

Curiosidades

Privilegios antigos e curiosos dos Conegos da Sé de Coimbra

Segundo se lê numa resenha historica dos privilegios do Cabido da Sé de Coimbra, quando algum conego dessa mui nobre Sé passava pela vila de Soure, tinha esta a obrigação de o presentear com «50 pães de trigo e dos maiores e melhores», isto é, daqueles que se vendia por 2 dinheiros cada um, 1 carneiro esfolado, 6 frangãos, 1 almude de bom vinho, e outro de vinho someuos, 6 alqueires de cevada, 1 soldo para os adubos desde o dia de Pascoa até ao dia de S. Miguel e fora desta epoca lhe daria um quarto de porco. 4 galinhas, e 2 bocados de vaca.

Se porém qualquer desses conegos passasse por aquela vila em dia de abstinencia, isto é, em dia de peixe, tinha essa vila a obrigação de lhe dar 10 soldos para peixe e quanta palha houvessem mister as bestas que o transportavam.

Porém pequena era esta pensão se a compararmos com a que recebia o Bispo dessa diocese, o que era tres vezes o dobro. Com este dignatario mudava o caso de figura.

Eis a lista dessa pensão do Bispo: 6 quarteiros de farinha de trigo, 6 poçais de vinho bom, 6 quarteiros de cevado, 1 vaca ou 1 porco, 6 carneiros, 4 capões, 2 patos, 2 leitões, 12 galinhas, 1 alqueire de manteiga, 1 alqueire de sal, 1 alqueire de mel, 1 almude de vinagre, 1 libra de pimenta, 1 onça de açafrão, 2 varas de bregal para os cosinheiros, 1 alqueire de milho para a lavadeira. 1 libra de cera, 1 fusal de linho. 40 soldos para os escudeiros. 100 ovos, 3 carradas de lenha, 2 de palha, 1 restea de alhos e 2 de cebolas.

Se fosse agora constituia uma fortuna. Felizes tempos aqueles!!

O primeiro casamento civil em França

O primeiro individuo que casou civilmente foi o celebre filosofo e escritor francez, João Jaques Rousseau que em 1768 se apresentou com Teresa Lavoisier ao Maire de Bourgom e perante ele jurou, com duas testemunhas, reconhece-lo por sua mulher á face de Deus e dos homens.

Quanto gastou a cidade de S. Paulo durante o carnaval deste ano (1922)

Segundo uma estatistica foram vendidos em S. Paulo 12 milhões de serpentinas, no valor de 840 contos; 65.000 duzias de lança perfumes no valor de 2.230 contos; 80 toneladas de conffeti, num total de 216 contos; 6.000 caixas de gazolina na importancia de 180 contos e diversos artigos carnavalescos que importam em cento e cincoenta contos! Os electricos «bonds» marcaram 1.200.000 passagers, que renderam 240 contos; automoveis de praça 1.800 contos e o prestito dos clubs carnavalescos 150 contos.

Quanto melhor seria aplicar este dinheiro em minorar a sorte dos indigentes.

Planta do riso

Cria-se na Arabia uma planta conhecida pelo nome de «planta do riso», em virtude do efeito que produz quando introduzida no organismo do homem.

Os indigenas daquela região poem as folhas da planta a secar e moem-nas.

Uma dose diminuta do pó dessas folhas faz que a pessoa mais circunspecta do mundo se ria, com uma excitação de verdadeira loucura, durante mais duma hora. Decorrido esse espaço de tempo, produz um sono muito pesado que dura algumas horas, no fim das quais a pessoa se não lembra do que fez.

A. G.

No Coliseu dos Recreios

IX Campeonato internacional de luta

Com a colaboração dos jornalistas sportivos, realisa-se, no proximo dia 15, no Coliseu dos Recreios, o IX campeonato internacional de luta para o qual se acham já inscritos os seguintes lutadores: Bouceloni, holandez, com 100 kilos de peso; Sirobans, belga, 105 kilos; Genissens, holandez, 100 kilos; Sonda, romeno, 98 kilos; Fournier, francez, 115 kilos; Emile Deriez, suisso, 115 kilos; Paul Favre, suisso, 98 kilos; Massette, italiano, 115 kilos; Daruyt, holandez, 105 kilos; Constant Marin, belga, 110 kilos; François Devilliers, francez, 105 kilos; Raul Saint Mars, belga, 115 kilos e 1,m85 de estatura.

Arbitraria este campeonato o arbitro oficial da França Mr. Max Sergy esperando-se ainda a inscrição de novos e valentes lutadores.

Padrões da Grande Guerra

O sarau de hoje no Coliseu dos Recreios

E' hoje que se realisa o Festival das Escolas Militares no Coliseu dos Recreios.

O programa é brilhantissimo e consta dos seguintes numeros:

Parada das Escolas
Exercicio de Marinharia
Orfeon—I. F. E. e T.) C. M.) I. P. E.)
Escola de ginastica—(I. F. E. e T.)
Escola de Esgrima—(C. M.)
Jogos—(I. P. E.)
Volteio—(E. M.)
Concerto—(Banda G. N. R.)
Ginastica aplicada—(E. M.) C. M.)
Danças regionais—E. F. E. e T.
Equitação—E. M.)

O fim patriotico de erguer em La Couture, em Angola e Moçambique os padrões gloriosos da nossa intervenção militar na grande guerra como homenagem á heroicidade dos nossos gloriosos combatentes e a maneira atraente como o programa está organisado devem chamar á esplendida casa de espectaculos uma concorrencia.

Os bilhetes de camarotes e de fauteils que não foram ainda passados e os bilhetes de geral encontram-se nas bilheteiras do Coliseu, a partir das 14 horas em diante e na Escola Militar Militar (Secretaria dos Padrões da Grande Guerra) 3.º edificio do internato até áquela hora.

Os mutilados da Grande Guerra que desejem assistir ao espectaculo, deverão reunir-se no passeio fronteiro ao animatografo Olimpia (Rua dos Condes) pelas 20 horas e devidamente fardados, apresentar-se ao sr. tenente de infantaria que ali se encontrará para os conduzir para o Coliseu.

Coisas de teatro

No nosso numero de ante hontem demos, em ultimas noticias, e a mero titulo de informação, com todas as reservas, uma noticia sobre um facto recentemente passado na viagem que uma companhia de revista fez para o Brazil.

Informa-nos agora pessoa que nos merece toda a confiança que os factos narrados na noticia a que acima nos referimos não correspondem á verdade.

Ficam assim esclarecidos todos os equivocos.

A lucta em Marrocos

O comunicado oficial

MELILA, 6.—Segundo o comunicado oficial não ha novidade nos territorios de Tetuan, Ceuta e Laracha.

Uma esquadrilha de aviação bombardeou com grande eficacia os povoados e as alturas donde o inimigo canhoneava o Penon de Aihucemas ao mesmo tempo que o couraçado «Espana» e cruzador «Reina Regente» disparavam com grande precisão sobre a costa, tendo diminuido o fogo do inimigo contra a praça em resultado destes bombardeamentos.

No territorio de Melilla a coluna do general Cabanelas ocupou Air-Ande sem sofrer baixas.

Esquadrilhas de aeroplanos bombardearam o zoco Beni-said dispersando-o.

Sabe-se que o inimigo teve 1500 baixas nos ultimos recontros.—(R).

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

ABERTURA DA SESSÃO

O sr. Domingos Pereira declara aberta a sessão, á hora habitual, com 45 legisladores presentes á chamada. Na bancada ministerial estão os srs. ministros da Justiça, Agricultura e Trabalho. As galerias quasi desertas. A sessão, realmente não deve interessar o grande publico.

ANTES DA ORDEM DO DIA

Fala o sr. Cancela de Abreu. Recorda a data gloriosa de 9 de abril. Quer que, em comemoração seja anulada a interdição do territorio nacional imposta a alguns revoltosos seus correligionarios. Manda, nesse sentido, um projecto de lei para a Meza.

A verdade é esta: o discurso do sr. Cancela de Abreu nem ao menos prendeu a atenção dos seus pares. Apenas o sr. Sá Pereira interrompeu algumas vezes, o orador.

O sr. Cancela de Abreu requereu, para o projecto de lei, urgencia e dispensa de regimento. A Camara regeitou uma coisa e outra, votando a favor, apenas, a minoria catolica. No fim, a minoria monarquica fez alguma berraria como é da praxe em casos tais.

O sr. Costa Gonçalves manda para a Mesa um projecto de lei extinguindo um logar de escrivão na comarca de Elvas. Pronuncia em seguida um discurso sobre os negocios da comarca de Elvas.

O sr. Carlos Pereira defende um projecto de lei da sua autoria sobre uma qualquer questiuncula regional. Trata-se da anexação duma freguezia.

Segue-se no uso do tribunicio verbo o sr. Lourenço Gomes. Rectifica umas afirmações anteriormente feitas pelo sr. Lino Neto que não teve razão quando falou acerca do encerramento de determinadas escolas. Se isso aconteceu foi em conformidade com a lei.

Replica do sr. Lino Neto que sustenta o seu ponto de vista alegando que o encerramento se fez por virtude dum pretexto e não duma disposição legal.

Quasi que, a proposito se travava debate aceso. A intervenção, muito oportuna, do sr. Presidente da Camara evitou tal proposito.

O sr. Almeida Ribeiro pede que o sr. ministro dos Estrangeiros explique á Camara o que se projecta fazer a proposito da imposição do barrete cardinalicio ao Nuncio em Lisboa. O sr. Presidente da Republica vai ter intervenção na cerimonia?

Resposta do sr. Barbosa de Magalhães:

A antiga praxe, que estabeleceu uma prerogativa para o Chefe de Estado Portuguez, será mantida, representando apenas uma manifestação de deferencia e estima da Santa Sé para com a Republica Portugueza.

O sr. Presidente da Republica imporá, portanto, o barrete cardinalicio ao sr. Nuncio Apostolico junto do governo da Republica.

O sr. Almeida Ribeiro não se dá por convencido. Se o Estado é neutro em materia religiosa, como se compreende que o Chefe de Estado toma parte oficial numa cerimonia catolica? Apezar destas razões, o orador não insiste na questão e promete deixar correr o marfim. Grande regosijo em todos os lados da Camara!

Tratou-se dum cardial. Agora entra em scena um bispo. E' trazido pelo sr. Alberto Vidal, que narra casos tetricos de paroco excumungado, lá para os confins do norte, em aldeia sertaneja. Como pode vir a dar-se alteração da ordem publica, bom é que o Governo dê atenção ao assunto.

Pois é isso que só vai fazer, responde resumidamente, em nome do Governo, o sr. ministro dos Estrangeiros.

O sr. Pina de Morais pede providencias ao Governo contra a emigração para a França verdadeiramente desastrosa sob todos os pontos de vista.

Resposta costumada da recitação do sr. ministro dos Estrangeiros: o Governo tomou em consideração, etc.

O sr. João Bacelar pede a reconstrução duma ponte lá para os lados de Coimbra. Manda projecto de lei para a mesa.

O contracto dos tres milhões esterlinos—Anuncia-se uma interpelação

O sr. Cunha Leal mandou para a Mesa um pedido de interpelação ao sr. ministro das Finanças acerca do contracto dos tres milhões esterlinos.

O titular da pasta que estava no seu lugar não se deu por habilitado

E entra-se na

ORDEM DO DIA

que é a continuação do debate sobre o projecto de lei de expropriações

Continua no uso da palavra o sr. Jorge Nunes.

"A GRÉVE DA FOME,,

As familias dos presos foram pedir — — proteção ao Parlamento — —

Os presos de Sacavem continuaram hoje mantendo a gréve da fome, recusando qualquer alimento emquanto não forem atendidas as suas reclamações que consistem em serem mandados em paz os que não tenham culpas ou enviados para os tribunais os que se apure terem responsabilidades nas projectadas alterações de ordem publica.

Dizia-se que os presos por questões sociais que se encontram no Limoeiro secundariam o gesto dos seus camarados, mas daquela cadeia informaram-nos que o boato não tinha o menor fundamento e que todos os presos estavam comendo bem, e que mos comeriam se mais houvesse...

Afim de se protestar publicamente contra as recentes prisões estava anunciado para hoje pelas 13 horas um comicio no Parque Eduardo VII. Apesar de «A Capital» ter informado ontem que o Governo não permitiria a realisação de tal reunião facto é que os elementos operarios pretenderam leva-la por diante, chegando varios grupos a percorrer as Avenidas novas e outros bairros onde existem obras, obrigando os operarios a largar o trabalho. Para o Parque Eduardo VII foram destacados dois piquetes de cavalaria da G. N. R. e forças da policia que trataram de dispersar os grupos nos quais se viam muitas familias dos detidos nos fortes.

Esses grupos vieram depois Avenida abaixo, Rocio e Chiado em direcção á séde da C. G. T. onde pretenderam reunir, acordando por fim em que uma comissão fosse ao Parlamento pedir providencias. A certa altura da reunião apareceu o tenente sr. Graça da policia o qual participou que o chefe do distrito não permitirá a reunião, a qual se dissolveu então na melhor ordem seguindo os reclamantes na para S. Bento.

As imediações do Parlamento estiveram tambem patrulhadas por cavalaria da G. N. G. e forças da policia da esquadra do Caminho Novo ás quais se foi juntar o piquete do Governo Civil, sendo todo o serviço dirigido pelo tenente sr. Graça.

Ao cimo da Rua de S. Bento postou-se um camion da G. N. R. com metralhadoras, mas todas estas prevenções se tornaram desnecessarias porque o socego foi absoluto.

Como tivesse constado que as familias dos presos se entregariam hoje em massa ás autoridades caso os detidos não fossem restituidos á liberdade, estiveram tambem por alguns momentos de prevenção proximo ao Governo Civil dois piquetes de cavalaria da G. N. R.

A policia esteve de prevenção por quartos em todas as esquadras e postos, conservando-se egualmente no Governo Civil durante todo o dia, todos os Comissarios.

A' policia foi dada ordem para não permitir que se realise de noite a anunciada reunião que a U. S. O. tenciona realisar contra o Governo.

Todos os sindicatos vão enviar telegramas ao sr. Presidente da Republica, pedindo para que os presos sejam restituidos á liberdade.

Hoje foram presos mais tres jovens sindicalistas que andavam distribuindo manifestos da U. S. O. convidando o povo a assistir ao comicio. Esses presos foram entregues a policia de Segurança do Estado.

Segundo uma rapida palestra que hoje tivemos com o sr. governador civil de Lisboa as investigações sobre os presos por questões sociais teem sido um pouco demoradas devido aos detidos se encontrarem em fortalesas afastadas de Lisboa. Já foram investigados bastantes desses presos e tanto assim que 25 já foram restituidos á liberdade. Hoje á noite devem ser soltos mais uns 10 sendo natural que outros sejam mandados em paz desde que se apure não terem quaisquer responsabilidades. Os culpados serão enviados aos tribunais com e enks-

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Fernandes de Almeida.

Aprovam a acta 31 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Virgolino Chaves volta a referir-se á situação dos credores do Estado de Alagoas, chamando para o facto a atenção do sr. ministro dos Estrangeiros. Espera que s. ex.ª advogue junto do governo brasileiro esta causa, certo de que aquela Nação tudo fará para impedir que sobre o seu bom nome e a sua honra se levante a menor sombra de uma suspeita.

O sr. ministro dos Estrangeiros afirmou não descurar o assunto, estando na disposição de, o mais breve possivel, tomar providencias.

ORDEM DO DIA

Aprova-se, com urgencia e dispensa do regimento, o projecto de lei autorizando que os alunos das Universidades de Direito, com frequencia completa em todas as cadeiras, possam fazer exames na primeira quinzena de Abril.

Pronunciaram-se sobre êle os srs. Herculano Galhardo, Silva Barreto, Joaquim Crisostomo, Costa Junior, Artur Costa, José Pontes, Tomás de Vilhena e ministro da Instrução.

A sessão continua.

O 19 de Outubro

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque e general sr. Adriano e Sá estiveram conferenciando hoje ainda sobre os acontecimentos de 19 de Outubro. Parece que foi ventilado o caso de se efectuarem novas prisões, constando que o general sr. Sá é de opinião que as mesmas sejam efectuadas á ordem do dr. Alexandrino, com o que êste não concorda, visto o processo estar afecto ás autoridades militares.

Conselho de ministros

Os ministros estiveram hoje reunidos em conselho, na Secretaria do Interior, desde as 11 até ás 14 horas. Terminada a reunião, foi fornecida á imprensa a seguinte nota:

«O conselho de ministros, na sua reunião de hoje, tratou sómente de assuntos de mero expediente administrativo, trocando-se tambem impressões sobre várias propostas de lei, que o Governo tenciona apresentar ao Parlamento depois do periodo das férias.»

Noticias do Porto

PORTO, 6. — O capitão, sr. Augusto Represas foi acometido pos uma congestão cerebral, sendo grave o seu estado.

—Continuam as manifestações de regosijo pela chegada do avião a Cabo Verde.

—Estão nas cadeias desta cidade 520 presos, dos quais 380 condenados a pena maior.

O "raid" Lisboa-Brazil

Até ás 16 horas de hoje ainda não tinha sido recebida mais nenhuma comunicação oficial dos nossos aviadores que estão empreendendo o «raid» Lisboa-Brazil.

Sobre a cidade pairou hoje, pelas 14 horas, um aeroplano fazendo algumas evoluções.

CRISE?

Não do Governo, mas da maioria que o sustenta!...

Deu-se hoje no Senado um caso interessante: o Governo votou contra a maioria!

Discutia-se o projecto de lei, já aprovado na Camara dos Deputados, estabelecendo, transitoriamente, uma segunda epoca de exames. Um senador apresentou uma emenda, que a maioria adoptou.

Quando se procedeu á votação, a maioria aprovou a emenda, que foi regeitada por três votos apenas, que foram as dos ministros presentes.

O Governo votou, pois, contra a maioria.

E' claro que esta excentricidade não terá consequencias politicas. Poderemos, em todo o caso, admitir a *blague* de que a maioria está, a estas horas, demissionaria que é o que naturalmente aconteceria ao Governo, se, contra êle, se tivesse pronunciado a maioria.

As ficções constitucionais prestam-se, por vezes, a êstes curiosos exemplos da imperfeição das concepções humanas.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Fraças	Cotações
Londres, cheque	4 1/2 — 4 3/8
» 90 dias	4 5/8 —
Paris, cheque	1110 — 1142
Suissa, cheque	2358 — 2425
Belgica, cheque	1028 — 1067
Italia, cheque	636 — 664
Berlim, cheque	37 — 42
Holanda, cheque	4585 — 4716
Madrid, cheque	1960 — 1013
New-York, cheque	12135 — 12479
Brazil, cheque	62 — 58
Austria, cheque	1 — 3
Noruega, cheque	2217 — 2312
Suecia, cheque	3216 — 3300
Dinamarca, cheque	2571 — 2677

Libras . . . . . . 57$00 — 60$00

Em poucas linhas

O conflito que se suscitou entre o pessoal do Matadouro está em via de solução. A comissão de Melhoramentos pediu a demissão do seu cargo.

—Os naufragos do «Cabo Verde» devem chegar por estes dias a Lisboa via Madrid.

TEATRO

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

POLITEAMA. — A Mascara, *3 actos de Chiarelli trad. de Mario Duarte e Alberto Morais*

As criticas, embora os sabichões digam o contrario, as criticas de jornal principalmente, devem aparecer quentes, ainda ecoando as ultimas palmas ou os ultimos tacões das plateias. Quando, como esta vem 3 dias depois perdem até a sua razão de ser.

O publico deseja saber a opinião do seu critico preferido, grupando-se por apetites em volta dos noticiaristas teatrais. Quer saber se vale a pena ou não ir ver a peça ou se o que viu foi igualmente apreciado pelo seu critico.

Depois a plateia das primeiras é uma plateia que sente, embora ás vezes, como no presente caso, sinta duma maneira errada. As plateias vulgares são anonimas, incolores, mortiças, não v... r.m, não se sentem sequer respirar. Bocejam... e isto pega-se.

Quando hoje tão longe já da primeira dissésssemos que a peça era digna de ser vista, o publico seria lesado porque depois de amanhã já tem peça nova...

Mas, sim, a peça, embora destoando da forma normal de teatro, é interessante e mereceria o treslado se uma explicação previa ao publico indicasse o intuito e o processo do autor.

Assim chocou completamente o gosto estragado e desorientado do nosso publico, que riu desalmadamente nas passagens de farça, e não alcançou o contraste humano das situações e a vida balançando entre a tragedia e a comedia... de cada dia.

Quanto ao desempenho é notavel por parte de Lucilia, de Erico, de Ribeiro Lopes, Alda Rodrigues e Calazans. Se alguns reparos ha a fazer é sobre Lucilia Simões que antes de de nos reviver o seu grande reportorio dramatico não devia dar-nos estas ligeiras insignificancias que não marcam, que não baliseam uma notoriedade.

Mas da «Passante», a «Rajada» anunciam-se. Antes assim...

Tambem havia os scenarios ao trazer mas é como se não houvesse.

ARMANDO FERREIRA.

EDEN TEATRO — Talisman, *revista em X actos e Y quadros, original de R. e S., musica Z. P. Q.*

Quando o noticiarista de teatro vai assistir á primeira representação duma peça, não o faz muitas vezes com prazer. Pelo contrario. Quantas e quantas ocasiões sucede que preferia estar tranquilamente em casa...

Mas, tomado o compromisso dessas noticias, há que fazê-las, há que informar o publico que nada tem que ver com a disposição do redactor e quer saber do que se passou.

Pois, a empreza que óra explora o teatro Eden, ou pelo menos o camaroteiro, entende que os jornalistas que o simples dever de oficio ali leva, são espectadores como quaisquer outros e assim nem o vulgar programa lhes é fornecido, como se todos nós tivessemos obrigação de conhecer, já não digo os artistas secundarios, mas até os primeiras figuras e autores, neste caso pouco menos que ilustres desconhecidos.

E, vai daí, hoje vai tudo em iniciais de alfabeto, postas ao acaso, visto que fazer programas caros, para fazer ti... nezes aos proprios artistas e á empreza é ser mais papista que o papa, e para papado basta o de Roma.

Peça

A revista «Talisman» é uma revista banalidade. E' a classica e conhecida peça do genero com o seu primeiro acto fantastico de estalaquimites de cores, tipo gruta-magica, com lantejoulas e dourados para «épater» o baixo gosto do publico sopeiral.

Segue-se-lhe a cançoneta inevitavel tão—inevitavel como todos os outros numeros que se lhe seguem, porque mesmo, o caracter desta revista é ser toda ela inevitavel...

Lá tivemos o quadro das antiguidades, o quadro da Rua, o numero no tipo sentimental, o numero no tipo sensivel, o numero no tipo patriotico... A falta de originalidade, o mau gosto de certos ditos que nem já são o «double-sens» porque só tem um sentido e esse é o descaradamente obscuro e baixo, o caldo refervido das mais antigas piadas politicas á porcaria do sr. Brito Camacho e á inveja do sr. Bernardino Machado, certo escandalo de «toiletes» afrodisiacas formam esta revista do «Talisman», um espectaculo que nos vimos obrigados a declarar prohibitivo para todo o publico que tenha um pouco de pudor a perder.

No tempo do velho Batista Diniz, a piada fresca, bem disfarçada tinha um certo agrado garantido em quasi todo o publico. Mas, dahi á piada soez, á expressão do carroceiro, ou peor ainda, como se todo o publico fosse do pé descalço, vai uma grande distancia.

Não ha o direito de escrever o que hontem se pronunciou no palco do Eden Teatro, e nas bochechas barbudas da autoridade, que, valha a verdade, está cada vez mais cubicamente estupido, entre nós. Tão fortes foram varios ditos que o publico os pateou!

O publico composto de homens, cremos que fora de «colterios» protestou, e da propria geral sairam esses protestos.

Isso é uma indicação.

E' pelo menos a indicação de que o publico embora preverttido por todo o mau teatro que lhe teem impingido, ainda reage, de vez em quando, por um sentimento de dignidade e de pudor respeitavel e humano.

Não conhecemos nenhum dos colaboradores da revista «Talisman», nem de vista nem de nome. Nada ocultonos nem contra a obra que ao que se diz tem uma vantagem altamente dispendiosa para a empresa. Mas a verdade está acima das conveniencias da bilheteira e da propria comodidade das nossas futuras relações com todos os interessados no problematico exito da peça.

A nova revista que propositadamente se levou á scena com gostos exagerados de carpintaria, não vale... a uma simples leitura se verificaria isso—um tal esforço.

Obscenidade, «rodriguinho» sentimental, e tirada puxavante ao patriotico, eis a revista.

Desempenho

Deve dizer-se que com os recursos do pessoal reduzido do Eden foi o melhor possivel.

E. S., gorda, rolliça, cantando com alegria.

A. F., bonita, bem vestida, simpatica.

T. S., em duas rabulas como bom actor.

A. C., que está melhora do sensivelmente, muito bem.

A. R., o compére, sem relevo, mas correcto.

A actriz que fazia do nova rica—é que notavel—muito bem. Mesmo apenas isto dizemos que deve deixar a revista. Tem muitas condições para ser uma central de comedia, de 1.ª fila.

E' sem duvida a mais inteligente caracteristica que temos ultimamente ouvido.

E, o resto, o costumo...

Guarda-roupa e scenarios

Ao que se dizia era do sr. Luis Galhardo.

Não gostamos. Falta de gosto, falta de cor, falta de desenho. Pouca frescura, pouca originalidade. Se exceptuarmos uma ou outra figura episodica, como o almanach, todos as mascaras, todos os grupos, estavam mal arranjados.

E' possivel que o sr. Galhardo tenha bons colaboradores, mas falta-lhe um artista a pulverisar de gosto novo tudo aquilo, a tirar partido do corpo das mulheres, do conjuncto dos scenarios.

Em Portugal o guardo roupa gira independentemente da scenografia. Estamos fartos de o dizer: não pode ser assim. E' necessario harmonisar todo o conjunto scénico. Valorisal-o com a iluminação empresiste, e não a eterna banalidade de mudança dos discos.

Ora dar-se-ha o caso que esta gente não assigne uma boa revista de teatro, não conheça a «Chauve-souris», não saiba o que dão as revistas do Apolo» de Paris, não tenha visto os scenarios de Bertin, de Léon Bakst, de Stawinsky?

Ora que custara ao sr. Galhardo encomendar meia duzia de figuras modernas a quem tivesse gosto para desenhal-as e entregal-as depois ás suas costureiras?

Que custava que as scenas deixassem de ser feitos «ad-hoc», entregues á fantasia dum scenografo, sem as coordenar com a indumentaria que neles aparece?

Confessem sinceramente que ainda de todos o mais artista dos nossos modistes de teatros, é Castelo Branco que nos tem já dado fatos de primeira ordem, e lamentemos que o sr. Galhardo «costumier» seja inferior ao sr. Galhardo-empresario, ao sr. Galhardo-politico, ao sr. Galhardo-escritor, ao sr. Galhardo-oficial.

Scenarios

Maus. Nem uma scena moderna ou original. Certa riqueza de coloridos e de lantejoulas, mas arte, novidade interesse nada.

A carpintaria dispendiosa, luxuosa, mas de pouco efeito.

A musica alegre. Boa a abertura e um ou dois numeros, o resto banal.

Resum: o «Talisman» deve ser mais um «peteiro»

S. CARLOS—Alma Forte, *de Dario Nicodemi, Trad de Mario Duarte e Alberto Morais*

O S. Carlos ontem encheu-se literalmente. Fazia-se reprise da «Alma Forte» que há dois anos, no Politeama, constituiu um autentico exito. Alves da Cunha fez bem escolhendo para a noite da sua festa a peça de Nicodemi. Simplesmente este ao terminar o espectaculo não poderia dizer como nas vesperas de «La rafale»: Ma piace e deux grandes qualités,... elle est courte et elle sera bien jouée...»—Não o poderia dizer porque na noite de ontem o sr. Araujo Pereira entendeu por bem prolongar demasiadamente os intervalos e porque o desempenho, aparte o trabalho sempre notavel de Alves da Cunha, foi...

Peça de contrastes, de caracteres, nela ainda se nota o que nos primeiros tempos caracterisou o seu autor: uma excessiva eloquencia declamatoria, no dizer de Robert de Flers. Quando essa eloquencia encontra, porém, como interprete, a voz o gesto e a arte dum artista como o sr. Alves da Cunha, quasi desaparece o defeito da tecnica para só nos surgir, aos olhos maravilhados uma arte que nos domina, fascinando os sentidos. Mas uma peça destas não se representa como ontem a vimos em S. Carlos. A sr.ª D. Berta de Bivar, sendo uma boa actriz, está longe de ser uma grande artista.

O papel que ontem teve a seu cargo era demasiado pesado para as suas forças. Conseguiu salvar-se e nestas palavras reconhece se implicitamente um grande esforço dispendido. Num outro papel, cheio de escolhos, difícil, o sr. Eduardo Freitas. Só podemos dizer ao leitor isto: peor do que o sr. Eduardo de Freitas só o sr. Eduardo de Freitas.

Mas este actor tem, como o titan da peça, a sua gloria, essa pequena Masilia, encanto dos nossos olhos, que merece, sem discrepancia, os nossos aplausos e os nossos carinhos.

Para ela foi, na noite de ontem, toda a ternura do nosso coração.

Os restantes artistas discretos. Scenarios e arranjo de scena, regulares.

A marcação regular á exceção do dialogo entre Berta de Bivar e Eduardo de Freitas que foi de pessimo efeito.

JAIME DO COUTO

Noticiario

Portugal

Realisando-se hoje, no Coliseu dos Recreios, o sarau militar organisado pela Comissão dos Padrões da Guerra, não ha espectaculo pela grande companhia de variedades, efetuando-se amanhã o ultimo espectaculo de acrobatas, no sabado a festa artistica dos engraçados «clows» Irmãos Albanos e na 2.ª-feira a despedida da companhia e espectaculo de homenagem aos artistas musicais Troupe Savona que tem alcançado um extraordinario sucesso.

—Na recita de Augusto Avelar, ponto do S. Luiz, alem da representação da opereta «O Jardim d'Aspazia» haverá tambem um acto de variedades com o seguinte programa: Canções por Auzenda de Oliveira; uma «romansa» por Aldino de Souza; «A querida amiga» monologo de Freitas Branco, por Sofia Santos; uma «romansa» da opera «Manon», por Beatriz Batista; «A Morena» canção de Julio Diniz, com musica de Filipe Duarte, pelo tenor Sales Ribeiro; uma «romansa» da opera «Zazá» pelo baritono Nicolau Cunha; versos pelo actor Alfredo de Sousa; um monologo pelo actor Mario Campos e um «solo de violino» pelo maestro Cruz Braz.

—«A Boneca» reaparece sabado no teatro S. Luiz.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — Festa de Augusto Avelar no Teatro de S. Luiz.

AMANHÃ—No S. Luiz festa do secretario da empresa, Luiz Mendes.

—Festa de Maria Santos no Teatro Avenida, com o «Toureador».

—No Chiado Terrasse festa de Antonio Tavares com os 20.000 dollars.

SABADO — Primeira representação no Teatro Politeama, para festa de Lucilia Simões, da peça de Kistemaecker, «A mulher que passa...»

—Primeira representação no Chiado Terrasse da comedia «O ilustre governador».

—Festa de Julia de Assunção no Salão Foz.

ESPECTACULOS RECOMENDADOS

S. LUIZ — «Jardim d'Aspazia» e um acto de variedades.

CENTRAL—Films de sensação

CRONICA SCIENTIFICA

Progressos da fotografia

A fotografia é, a meu ver, o mais importante invento do século passado. E digo do século passado, porque embora sejam antigas as investigações que lhe serviram de base, a arte fotografica propriamente dita, com todas as suas aplicações praticas, nasceu em 1839 depois dos trabalhos de Daguerre.

E' certo que já desde 1556, com os estudos de Fabricius, se ficou sabendo que o cloreto de prata enegrece no contacto da luz, e nesse principio reside o fundamento da fotografia, visto que ela é, segundo lhe chamou um critico francez—a arte de pintarmos a natureza servindo-nos da sua propria radiação.

Mas o que importava conhecermos o enegrecimento dos sais de prata, se não sabiamos levar até eles a imagem a desenhar e fixar-la depois?

Em 1520, simultaneamente na Italia e na Inglaterra, Leonardo de Vinci e Bacon faziam-nos pela primeira vez da camara escura. O acaso levou-os a observarem que as imagens, entrando por um pequeno orificio num recinto vedado á luz, vão formar na parede oposta á da sua entrada, uma copia invertida do objecto que as emitiu. Este invento foi completado em 1560 pelo napolitano Porta, que aplicando uma lente biconvexa ao orificio da camara, conseguiu maior concentração o brilho nessas imagens.

Restava, pois, unicamente dispor os sais de prata num aparelho que as recolhesse, e achar o reagente que pudesse torna-las permanentes. Foi o que realisaram as descobertas sucessivas do sueco Scheele, que estudou em 1777 as radiações do espectro solar e sua influencia nos agentes quimicos; do francez Charles e do inglez Wedgood, que respectivamente em 1780 e em 1802 obtiveram os primeiros esboços de retrato sob a forma de silhueta.

Em 1813 a fotogravura veio em auxilio da fotografia. O litografo Nicéfore Niepce fabricou as primeiras chapas metalicas com imagens de natureza de prata. Foi então que Luis Daguerre se associou com ele, juntando aos trabalhos industrial um observação sua, que conduziu á descoberta das imagens latentes: os raios de sol, entrando pela fresta de uma janela num quarto escuro, em que se encontravam pinturas frescas, cujas tintas ainda não secas mantinham o iodo em dissolução, alteravam-lhes as cores, e mais profunda se tornou a alteração depois de submetidos os quadros aos vapores de mercurio. Os dois investigadores associados produziram então os primeiros chapas de iodo, que expostas na camara escura, ficavam com uma imagem latente, revelada mais tarde pelos vapores mercuriais.

O governo francez comprou esta descoberta por 6.000 francos, e desde então o daguerreotipo entrou na pratica vulgar, começando para sempre a arte fotografica. De todos os lados apareciam profissionais que montavam as suas oficinas, e nenhum grande acto se fazia sem que o fotografo interviesse para o perpetuar.

Do retrato passou-se rapidamente á paisagem, e a construção de aparelhos cada vez mais simples e portateis, com objectivas de mais larga abertura e obturadores mais rapidos permitiu a fotografia de informação, cujo alcance foi facilitado pela sensibilisação do papel conseguida por Talbot, com o brometo de prata. Esta mesma substancia passou a ser empregada nas chapas de vidro, desde que em 1861 Poitevin construiu as primeiras, servindo-se da gelatina como substancia mais transparente e mais estavel para fixar a emulsão sensivel.

Os progressos da ótica vieram juntar-se aos da quimica para a realisação dos grandes instantaneos. Se as primeiras lentes, pela imperfeição resultante da sua convexidade, só podiam ser utilizadas no centro, com diafragmas de pequena abertura, para que a imagem não fosse deformada na periferia, as objectivas rectilineas mais tarde as anastigmaticas, combinando as lentes concavas com as convexas, corrigiram todas as deformações e permitiram, com o emprego dos grandes diafragmas, a entrada de muito mais luz nas camaras. Assim, o tempo de exposição necessario para que a impressão se desse, tornou-se muito menor. E, sendo as chapas de gelatino-brometo de prata sensiveis a impressões luminosas com duração minima desde que em 1880 se aperfeiçoaram, ...obturadores que permitissem essa velocidade de exposição para termos o instantaneo suficiente para a fotografia documental de todos os acontecimentos. Os obturadores de cortina e ainda os de freio pneumatico permitem essas rapidissimas exposições. A fotografia tornou-se, portanto, o meio pratico de perpetuar pela sua imagem os mais variados acontecimentos, quer da vida quotidiana, quer da actividade scientifica.

A' Arte e ás sciencias a fotografia prestou a todos os mais relevantes serviços, já facilitando a ilustração dos manuais, já permitindo, pelas suas aplicações, certos estudos que até ha pouco impossiveis. A medicina deve-lhe, pela impressão dos raios Rontgen, a descoberta e a cura de muitas doenças. A astronomia pôde, associando o telescopio á objectiva, tirar mão os mundos mais distantes, e da mesma tele-objectiva se serve, descobrindo no longe o inimigo e fixando-lhe as posições, a arte da guerra. Inversamente, aplicada ao microscopio, a fotografia está dando resultados maravilhosos como auxiliar hoje indispensavel da patologia.

Finalmente, o cinema, que outra coisa não é senão a projecção de fotografias sucessivas dos varios posições dos objectos em deslocação, permite, pelo retardamento da velocidade, a analise dos movimentos rapidos impossiveis de analisar no seu andamento normal, prestando assim os maiores serviços á fisica e á biologia.

Esta recente aplicação do cinematografo é, a meu vêr, a mais curiosa. Basta que se tire, na unidade de tempo, um numero de fotografias suficientes para que, passando-se diante do maquina de projecção em tempo mais demorado, o movimento permaneça nitido, muito embora mais lento.

Na sintese dos movimentos da aplicação normal do cinema, o numero de fotografias a tirar por segundo é muito menor, visto que a projecção se faz com a mesma velocidade com que foi feita a impressão. Este genero tem prestado grande serviços á reconstituição historica e ás sciencias naturais.

Como auxiliar das Belas-artes, ninguem nega hoje á fotografia a sua capital importancia. Muito embora o seu emprego como «motivo» de pintura ou de escultura esteja condenado, o seu uso como «meio» de divulgação e de ensino é incontestavelmente precioso.

Uma recente descoberta, a foto-escultura, ha de em breve revolucionar os processos de que actualmente se servem os estatuarios, poupando ao mesmo tempo ao modelo os longos e insuportaveis sessões de pose.

Uma porção de camaras dispostas em circulo e tendo o modelo no centro tiram a este varios instantaneos. Reveladas as fotografias assim obtidas, e substituindo o modelo pela pedra, a burilar, são os retratos projectados sobre ela em maquinas de projecção que ocupam os mesmos lugares anteriormente ocupados pelas camaras.

A pedra é então trabalhada manualmente até que os perfis dos diversos retratos visinhos coincidam nos pontos em que são comuns. A estatua está então terminada.

Finalmente como manifestação do belo, a fotografia entrou já no numero das melhores artes. Desde a cabeça do estudo até aos mais singulares aspectos da paisagem, desde os efeitos do sol e das sombras até aos do pseudo-luar, que outra coisa não são senão fotografias tiradas contra a luz, a variedade que ha hoje de chapas e de papeis permite todos os caprichos do mais imaginoso artista.

A fotografia é pois uma arte e uma sciencia, um meio e um fim, dando largas ao nosso sentimento estetico e perpetuidade ás nossas melhores sensações.

Por ela os grandes momentos da nossa vida não acabam mais, os nossos filhos crescem envelhecem perpetuamente aos nossos olhos os entes queridos que desapareceram, resurgem das cinzas, cada dia que queremos ve-los...

Abençoado pedacito de cristal que concentra as imagens, abençoada camara escura que as recebe! Bemdito seja o brometo de prata martir da fotografia que se deixa decompor pela luz para iluminar de recordações preciosas as nossas ausencias, e a quem cia eterna dos que deixaram numa folha de papel o seu sêr!

CARLOS SANTOS

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A descoberta do Tio Bonifacio

por GUY DE MAUPASSANT

Então, Bonifacio não lhe restando já duvida de que se estava cometendo um crime, ali mesmo, na casa do professor, partiu tão depressa quanto as pernas lho permitiam, tornou a atravessar o jardim, atirou-se pela planicie fora, através das terras de semeadura, correndo a bom correr, sacudindo a sacola que lhe batia nos rins, e chegou, extenuado, arquejante, louco, á porta da gendarmeria.

O brigadeiro Malatour estava concertando uma cadeira quebrada, por meio de sarrafos e um martelo. O gendarme Routier segurava entre mãos o movel avariado e aplicava um prego á beira da parte que estava concertando; agora, o brigadeiro, mascando os bigodes, os olhos redondos e humedecidos de atenção, batia a toda a força no prego que sustinham os dedos do seu subordinado.

O factor, mal os viu, exclamou:

— Venham depressa, estão a assassinar o professor, depressa, depressa!

Os dois homens pararam com o seu trabalho e levantaram ambos as cabeças, duas dessas cabeças cheias de admiração, de pessoas que se vêem surpreendidas e incomodadas na sua boa paz.

O Bonifacio, vendo-os mais surpreendidos que apressados, repetiu:

— Depressa, depressa! Os ladrões estão dentro de casa, eu ouvi os gritos, não ha tempo a perder.

O brigadeiro, depondo o martelo no chão, preguntou:

— Quem é que lhe deu comunicação desse facto?

O factor respondeu:

— Eu ia levar o jornal e duas cartas, quando notei que a porta estava fechada e que o professor ainda não se tinha levantado. Dei volta á casa para vêr o que se passava e ouvi gemidos como de alguem que estivessem a estrangular ou assim como a quem estivessem a cortar as guelas e, então, corri o mais depressa que pude, para os vir chamar. Não ha tempo a perder.

O brigadeiro, levantando-se, tornou:

O factor, assustado, respondeu:

— Tive medo que ossem muito mais do que eu.

Então, o gendarme, convencido, anunciou:

— Apenas o tempo de me vestir e segui-lo-hei.

E entrou na gendarmeria, seguido pelo soldado, que levava a cadeira.

Tornaram a aparecer quasi no mesmo instante, e puzeram-se os três a caminho, em passo ginastico, para o lugar do crime.

Ao chegarem perto da casa, encurtaram os passos por precaução e o brigadeiro puxou do revólver; depois, penetraram muito de mansinho no jardim, aproximando-se aquele da parede. Nenhum novo traço indicava que os malfeitores houvessem saido. A porta continuava fechada, as janelas cerradas.

— Apanhamo-lo, murmurou o brigadeiro.

O tio Bonifacio, palpitante de comoção, fê-lo passar para o outro lado e, mostrando-lhe o anteparo:

— E' ali, disse.

E o brigadeiro avançou sósinho e colou o ouvido contra a taboa. Os outros dois esperavam, dispostos a tudo, de olhos fitos no companheiro.

Este ficou, por muito tempo, imovel, á escuta.

Para melhor aproximar a cabeça do postigo de madeira, tinha tirado o seu tricornio e sustinha-o na mão direita.

O que escutaria ele? O seu rosto impassivel nada revelava, mas, de repente, o bigode retorceu-se-lhe, as faces enrugaram-se como por efeito de um rir silencioso e, saltando novamente o debrum de buxo, veiu juntar-se aos dois homens que o olhavam com espanto.

Depois, fez sinal que o seguissem, caminhando em bicos de pés; e, chegando dainte da porta, convidou Bonifacio a meter por debaixo dela o jornal e as cartas.

O carteiro, interdito, obedeceu no entonto, com docilidade.

— E, agora, a caminho, disse o brigadeiro.

Mas assim que passaram a cancela, voltou-se para o carteiro e, num tom chocarreiro, com beiço trocista e olho luzente de alegria:

— Você sempre me saiu um maroto?

O velho preguntou:

— Porquê? Mas eu ouvi, juro-lhe que ouvi.

Mas, o gendarme, não podendo aguentar-se por mais tempo, desatou a rir. Rebentava de riso, com as mãos nas ilhargas, dobrado em dois, os olhos cheios de lagrimas, fazendo horriveis caretas, que lhe saiam pelas rugas ao redor do nariz. Os outros dois olhavam-no enfiados.

Mas, como ele não pudesse falar, nem deixar de rir, nem dar a saber o que tinha, fez um gesto, um gesto muito popular e bregeiro.

Como continuassem a não o compreender, repetiu aquele gesto, muitas vezes seguidas, designando com um aceno de cabeça a casa, que continuava fechada.

E o soldado, compreendendo, de repente, por sua vez desatou ás gargalhadas.

O velho ficava-se estupido, entre aqueles dois homens que riam a bandeiras despegadas.

O brigadeiro, por fim, acalmou-se e, dando uma palmada na barriga do velho carteiro, uma grande palmada de homem patusco, exclamou:

— Ah! farçante, grande farçante, nunca mais me ha de esquecer o crime descoberto pelo tio Bonifacio!

O carteiro esbugalhou os olhos enormemente e repetiu:

— Juro-lhe, p'la minha boa sorte, que ouvi!

O brigadeiro desatou outra vez a rir. O gendarme sentara-se na relva do fôsso para rebolar-se á vontade.

— Ah! ouviste? E a tua mulher, é então assim que tu tambem a assassinas, ah! meu marau?

— A minha mulher?...

E o carteiro poz-se a reflectir detidamente, depois tornou:

— A minha mulher... Sim, ela ronca quando lhe prego a minha tundasita... Mas ronca e rosna, de maneira que se sabe o que é. Dar-se-ha o caso do senhor Chapatis estar tambem batendo na dele?

Então, o brigadeiro, num delirio de alegria, fê-lo girar como a um boneco, pegando-lhe pelos ombros, e assoprou-lhe ao ouvido qualquer coisa que deixou o outro bruto de admiração. Depois, o velho murmurou:

— Não... lá isso não... lá isso não... lá isso não... Mas é que não diz mesmo nada, a minha... dir-se-ia uma martir...

E, confuso, desorientado, envergonhado, Bonifacio retomou o seu caminho através os campos, emquanto que o gendarme e o brigadeiro, continuando a rir, lhe atiravam de longe grossas piadas de caserna, vendo afastar-se o kepi negro, por sobre o mar tranquilo da verdura das colheitas.

FIM

ESTATUTOS

— DA —

COMPANHIA DE SEGUROS

PROBIDADE

-- Sociedade Anonima --
de Responsabilidade Limitada

CAPITULO I

Da denominação, séde, duração e fim da Companhia

Art. 1.º — A Companhia Geral de Seguros «PROBIDADE» Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada, constituida por escritura publica de 11 de Março de 1881, nas notas do tabelião Barradas, que passou a denominar-se Companhia de Seguros «PROBIDADE» pela reforma de 1909, conforme a escritura de 2 de Agosto dêste ano, em notas de José Carlos Rodrigues Grilo, publicada no *Diario do Governo* de 4 do referido mês de Agosto, continua com esta ultima denominação e passa a reger-se pelos presentes estatutos.

Art. 2.º — A séde da Companhia é em Lisboa.

§ unico — A Direcção pode manter as actuais Agencias e correspondencias, bemcomo criar outras onde e quando os interesses da Companhia o exigirem, mas o estabelecimento de agencias no estrangeiro fica dependente de expressa autorização da Assembleia Geral, convocada nos termos do n.º 1.º do Art. 28.º dêstes estatutos.

Art. 3.º — A duração da Companhia é ilimitada.

Art. 4.º — O objecto da Companhia é o exercicio da industria de seguros e resseguros, terrestres, agricolas, maritimos, fluviais, postais e de quebra de vidros.

§ unico. — São excluidos os seguros de fabricas ou depositos de cortiças, de alcool, de gazolina e de explosivos de qualquer natureza, bem como o ramo de gréves, tumultos, assaltos e consequentes roubos.

CAPITULO II

Do capital, das acções e dos acionistas

Art. 5.º — O capital da Companhia é de Esc. 600.000$00, dividido em 6:000 acções de 100$00 cada uma, já emitidas.

Estão realizadas as três primeiras prestações de dez por cento, mas os acionistas, nos termos do Art. 170.º do Cod. Com., são responsaveis pela importancia dos restantes 70 por cento, os quais, quando reclamados pelas necessidades sociais, serão pedidos, observando-se que nenhuma prestação será de mais de 10 por cento e que os intervalos de uma a outra nunca serão de menos de 60 dias.

Art. 6.º — As chamadas de novas prestações serão feitas por circulares enviadas sob registo aos acionistas, para as residencias dêstes, que constarem dos livros da Companhia á data do envio e por anuncios publicados segundo a lei.

Art. 7.º — A falta de pagamento pelos acionistas, nos prazos e condições que lhes forem designadas nos referidos anuncios e circulares, importa a anulação de facto das respectivas acções.

§ 1.º — A anulação efectiva só se realizará 60 dias depois da data em que forem publicados, na forma prescrita no § 1.º do Art. 12.º, anuncios em que deverão mencionar-se os numeros das acções a anular e os nomes dos seus possuidores.

§ 2.º — Satisfeitas que sejam as disposições anteriormente estabelecidas, a direcção emitirá novos titulos para substituir os anulados e mandá-los-ha vender na Bolsa de Lisboa, de conta do acionista remisso, encontrando o produto da venda, se o houver, no seu debito pelas prestações pedidas, juros de móra e despesas a que tiver dado causa; no caso de *deficit*, a Companhia exigirá o seu embôlso por todos os meios que a lei lhe facultar.

§ 3.º — Emquanto os novos possuidores destas acções não forem aprovados, em conformidade com as disposições do Art. 11.º e seu paragrafo 1.º, vigorarão para todos os efeitos as responsabilidades dos antigos acionistas.

Art. 8.º — Os titulos das acções, emquanto não liberadas, serão nominativos, devidamente numerados e assinados pelo menos por dois directores.

Art. 9.º — Nenhum acionista, emquanto houver prestações a pedir, poderá possuir mais de cem acções não liberadas; contudo, se algum, por efeito de herança ou qualquer outro motivo, ficar possuindo maior numero, dar-se-lhe-ha o prazo de seis meses para vender as que possuir além das 100, sob pena, da Direcção promover a sua venda, nos termos do paragrafo 2.º do Art. 7.º.

Art. 10.º — As acções são transmitidas por endosso ou por qualquer forma admitida em direito.

Art. 11.º — Os averbamentos das acções, emquanto estas não estiverem inteiramente pagas, só poderão fazer-se com voto da Direcção, com recurso para a Assembleia Geral, no caso de recusa.

§ 1.º — Nenhuma acção poderá ser averbada a novo possuidor sem prévia declaração dêste, por escrito, de que assume todas as responsabilidades impostas por êstes estatutos aos acionistas.

§ 2.º — Averbadas que sejam as acções a novos acionistas, cessam para os anteriores todas as responsabilidades a que estavam obrigados.

Art. 12.º — O averbamento da transmissão de acções, por sucessão ou reforma de titulos inutilizados ou extraviados, poderá ser feito independentemente de intervenção judicial, se não houver impedimento legal e quando a Direcção julgar suficientemente provada a legitimidade da transmissão ou os factos da inutilização ou extravio, bem como as condições exigidas pelo art. 11.º

§ 1.º — Para os efeitos do disposto neste artigo, serão préviamente chamados quaisquer interessados incertos, por meio de anuncios publicados em dois numeros do *Diario do Governo* e de dois jornais diarios, um de Lisboa e outro do Porto, a fim de deduzirem as suas oposições, no prazo de trinta dias, a contar da ultima publicação. No caso de haver oposição, não se fará o averbamento sem autorização judicial.

§ 2.º — Serão de conta dos interessados todas as despesas que resultarem do averbamento feito nas condições expressas neste artigo.

Art. 13.º — Serão consideradas nulas, devendo, para a sua venda, seguir-se o disposto no § 2.º do art. 7.º, salvo quando liberadas:

1.º — As acções dos acionistas declarados falidos, logo que a respectiva sentença haja feito transito em julgado;

2.º — As acções dos acionistas falecidos, quando os seus herdeiros ou legatarios não oferecam as garantias precisas para lhes serem averbadas.

§ unico. — O produto das acções vendidas nos termos estabelecidos neste artigo, havendo-o, será descrito no passivo da Companhia, para entregar a quem de direito; no caso de *deficit*, a Direcção procederá de modo a resalvar tanto quanto possivel os direitos da Companhia.

CAPITULO III

Da administração e fiscalisação

Art. 14.º — A administração da Companhia é confiada a uma Direcção, composta de três membros, eleitos trienalmente pela Assembleia Geral, sendo permitida a reeleição.

§ 1.º — Haverá três suplentes, eleitos nas condições dos directores efectivos, para os substituirem, com todos os seus direitos e deveres, nos seus impedimentos temporarios.

§ 2.º — Sempre que o impedimento seja consequencia de demissão, interdicção ou falecimento do director impedido, deverá a Assembleia Geral, dentro dos 30 dias que se seguirem á verificação de qualquer dêstes factos, eleger novo director efectivo, que exercerá o seu mandato até ao fim do trienio, em que tal se der.

Art. 15.º — Os directores efectivos e os suplentes, quando exerçam a efectividade, caucionarão a sua administração com o deposito de 50 acções, averbadas em branco e depositadas nos cofres da Companhia, á guarda e sob responsabilidade do Conselho Fiscal.

§ 1.º — Do deposito se lavrará, na presença do presidente da Assembleia Geral ou de quem as suas vezes fizer, no respectivo livro de cauções, um termo mencionando o numero das acções em caução, data e razão do deposito. Este termo será assinado pelo representante da Assembleia Geral que assistir e pelos membros da Direcção e do Conselho Fiscal não caucionados.

§ 2.º — A restituição das acções a que se refere êste artigo, só se fará seis meses depois da data da Assembleia Geral que aprovar o balanço e contas da respectiva gerencia, nos termos do art. 190.º do Cod. Com. Da restituição será lavrado termo, seguindo-se o disposto no § 1.º dêste artigo.

Art. 16.º — A Direcção tem os mais amplos poderes para o exercicio do seu mandato, incluindo os de comprar e hipotecar bens imobiliarios, bem como a representação activa e passiva da Companhia em todos os actos judiciais e extrajudiciais e, designadamente, em confissão e desistencia de pleitos, transacções e compromissos arbitrais, tudo, porém, sem prejuizo das atribuições do Conselho Fiscal.

§ unico. — Os documentos que importam direitos ou responsabilidades da Companhia carecem das assinaturas conjuntas de dois directores.

Art. 17.º — A Direcção é remunerada com a importancia mensal de 250$00 esc. para cada director, quando em exercicio, e mais a percentagem estabelecida no n.º 3.º do art. 33.º.

Art. 18.º — A fiscalização dos actos administrativos será exercida pelo Conselho Fiscal, que se comporá de três membros, eleitos trienalmente pela Assembleia Geral, sendo permitida a reeleição.

§ unico. — E' aplicavel ao Conselho Fiscal a doutrina dos paragrafos do artigo 14.º.

Art. 19.º — O deposito para o exercicio de membro do Conselho Fiscal é de 20 acções, sendo-lhe aplicaveis as disposições do artigo 15.º e seus paragrafos, mas a guarda e responsabilidade dos titulos em caução compete á Direcção.

Art. 20.º — As atribuições do Conselho Fiscal são as consignadas no art. 176.º do Cod. Com., seus numeros e paragrafo unico.

§ unico. — O Conselho Fiscal reunirá uma vez por mês para a conferencia das contas, verificação dos documentos e exame da escrita, e extraordinariamente sempre que assim o entenda, ou quando a Direcção solicite a sua presença, não podendo recusar-lhe qualquer parecer, que dará por escrito, quando lhe seja pedido.

Art. 21.º — O Conselho Fiscal é remunerado com a quantia mensal de cincoenta escudos para cada um dos seus membros, pelo tempo que servirem.

CAPITULO IV

Da Assembleia Geral

Art. 22.º — A Assembleia Geral é a reunião dos acionistas possuidores de 10 ou mais acções, averbadas nos registos da Companhia, pelo menos 60 dias antes de cada uma das suas reuniões.

§ 1.º — Os possuidores de menos de 10 acções, averbadas nos termos dêste artigo, póderão agrupar-se de forma a completarem êste numero e a fazerem-se representar por um dos agrupados.

§ 2.º — Os empregados da Companhia, emquanto o forem e até 3 meses depois, não podem fazer parte da Assembleia Geral, nem votarem ou serem votados.

§ 3.º — As resoluções da Assembleia Geral, quando tomadas dentro dos preceitos legais, obrigam todos os acionistas, mesmo os ausentes, dessidentes ou interditos.

Art. 23.º — Os acionistas que constituem a Assembleia Geral, têm um voto por cada acção que possuirem, mas nenhum, seja qual fôr o numero das suas acções, poderá representar mais da decima parte dos votos conferidos por todas as acções emitidas, nem mais da quinta parte dos votos que se apurarem em cada reunião.

Art. 24.º — Os acionistas podem concorrer ás reuniões da Assembleia Geral por intermedio de representante, que tambem seja acionista com direito de voto.

§ 1.º — A representação pode ser dada, quer por procuração legal, quer por carta dirigida ao presidente da mesa, entregue no escritorio da Companhia até á vespera do dia designado para a reunião em que tiver de surtir os seus efeitos. Sendo a representação conferida por carta, pode a autenticidade da assinatura ser feita por comparação com as que do acionista existirem nos livros ou documentos arquivados na Companhia ou por qualquer outro meio indicado pela presidencia.

§ 2.º — As procurações ou cartas de representação não podem conter limitação de poderes e servirão apenas na sessão que expressamente designarem ou nas que se lhe seguirem, quando sejam continuação daquela.

§ 3.º — Nenhum acionista póde nomear mais de um representante nem aceitar mais de duas representações, além das que legalmente lhe pertencerem.

§ 4.º — As mulheres casadas, as sociedades e os interdictos ou incapazes serão representados por aqueles a quem a representação competir.

§ 5.º — Os membros da Direcção e do Conselho Fiscal não podem ser procuradores dos acionistas nem aceitar cartas de representação.

Art. 25.º — A mesa da Assembleia Geral compõe-se de presidente, vice-presidente, dois secretarios e dois vice-secretarios, eleitos trienalmente, sendo permitida a reeleição.

Art. 26.º — As reuniões da Assembleia Geral são ordinarias e extraordinarias.

São ordinarias as que se realizarem:

a) — para discutir, aprovar ou modificar o balanço e o relatorio do Conselho Fiscal;

b) — para a eleição da mesa da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal, quando hajam de eleger-se;

c) — para qualquer outro assunto que conste dos respectivos anuncios convocatorios destas assembleias.

São extraordinarias todas as outras.

§ unico. — E' obrigatoria a reunião da Assembleia Geral ordinaria dentro do primeiro trimestre de cada ano.

Art. 27.º — As eleições serão sempre por maioria de votos, observando-se, em caso de empate, que terão preferencia os acionistas com maior numero de acções, e em igualdade de acções o mais antigo na Companhia.

Art. 28.º — A Assembleia reune em primeira convocação,

1.º — com um minimo de 15 acionistas, que possuam, pelo menos, a décima parte do capital social, quando em reunião ordinaria;

2.º — com um minimo de 30 acionistas, representando, pelo menos, a sexta parte do capital, quando em reunião extraordinaria, a pedido da Direcção ou do Conselho Fiscal, e para reforma dos estatutos, e ainda a requerimento de 30 acionistas, com direito de voto e possuidores de 1:500 acções ou mais;

3.º — com um minimo de 50 acionistas, representando, pelo menos, a terça parte do capital, quando para deliberar sobre a fusão, dissolução ou liquidação da Companhia.

§ 1.º — Os requerentes de uma Assembleia Geral fundamentarão em requerimento o pedido, mas a Assembleia não poderá funcionar sem a comparencia da maioria, quer de acionistas signatarios, quer de votos dêstes, não podendo ter segunda convocação com o mesmo fundamento, não obstante as disposições do paragrafo seguinte.

§ 2.º — Quando a Assembleia Geral se não reuna em numero suficiente meia hora depois de indicada, o presidente ou quem suas vezes fizer, mandará lavrar acta mencionando êste facto e convocará nova reunião, que deverá efectuar-se dentro de 15 a 30 dias, podendo então a Assembleia constituir-se e deliberar com os acionistas que comparecerem, mas apenas sobre os assuntos da primeira convocação.

CAPITULO V

Dos balanços, contas, fundos de reserva e dividendos

Art. 29.º — O ano social da Companhia é o ano civil.

Art. 30.º — O encerramento das contas e respectivo balanço deverão estar concluidos em 30 de Janeiro de cada ano, sendo em seguida convocado o Conselho Fiscal para lhe serem presentes.

Art. 31.º — O Conselho Fiscal dará o seu parecer sobre o relatorio e contas da gerencia, até 15 de Fevereiro seguinte.

Art. 32.º — O balanço, o relatorio da Direcção e o parecer do Conselho Fiscal serão enviados a cada acionista quinze dias pelo menos antes da data fixada para a reunião da Assembleia em que tiverem de ser apreciados.

Art. 33.º — Os rendimentos da Companhia são:

a) — os resultantes do emprego dos capitais, quer em propriedades, quer em papeis de crédito ou depositos e ainda de qualquer receita eventual.

b) — os lucros provenientes do exercicio da industria a que a Companhia se dedica e é objecto da sua existencia.

Os primeiros serão levados directamente das respectivas contas ao «Fundo de reserva compensador», destinados a cobrir *deficits* eventuais, depreciações, amortisações de valores e a assegurar um dividendo anual, até 10 por cento do capital desembolsado, quando a Direcção e o Conselho Fiscal, em virtude da situação da Companhia, não entendam outra coisa.

Os segundos serão aplicados:

1.º — ás reservas técnicas que a Companhia fôr obrigada a constituir, conforme as disposições dos artigos 19.º e 23.º do decreto de 21 de Outubro de 1907 e portaria numero 316 de 23 de Abril de 1915;

2.º — á reserva estabelecida pelo Art. 191.º do Cod. Com., não podendo a percentagem respectiva ser inferior a 10 por cento dos lucros apurados em cada exercicio;

3.º — á remuneração á Direcção, de 6 por cento sobre os mesmos lucros, além das mensalidades que lhe são atribuidas pelo Art. 17.º

4.º — á constituição de quaisquer reservas especiais que a Direcção, com o Conselho Fiscal, entendam dever propôr;

5.º — finalmente, para dividendo e conta nova.

Art. 34.º — A Assembleia Geral que aprovar o relatorio e contas de 1921, deliberará sobre as dotações iniciais dos fundos que pela presente reforma a Companhia deve constituir.

Art. 35.º — Logo que o «Fundo de reserva compensador» atinja a soma de 420 contos, poderá a Direcção, de acordo com o Conselho Fiscal, propôr que uma parte da receita, proveniente dos valores a que se refere a alinea *a*- do Artigo 33.º, seja adicionada ao dividendo.

CAPITULO VI

disposições gerais

Art. 36.º — Serão de conta da Companhia as contribuições da Direcção, as do Conselho Fiscal e as dos empregados, quando tenham por base o seu exercicio nesta empresa.

Art. 37.º — A Companhia usará como emblema uma chapa quadrilonga tendo, em campo azul e a letras de ouro, o seu nome e data da fundação.

Art. 38.º — A Direcção deverá criar um registo especial para recolher as assinaturas dos acionistas.

Art. 39.º — Os presentes estatutos, uma vez aprovados e publicados no *Diario do Governo*, substituem, para todos os efeitos, os anteriores.

Art. 40.º — Os casos omissos e não previstos serão supridos pelas disposições do Cod. Com. e mais legislação aplicavel.

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4047 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 7 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O CRÉDITO

O credito dos 3 milhões de libras continua a preocupar todas as atenções. Entretanto, pelo que já se sabe dessa operação, não ha duvida que duma maneira geral, ela não pode deixar de ser considerada benefica e oportuna, e tanto mais o será quanto melhor fôr aproveitado, concorrendo para a melhoria da nossa situação, economica e financeira.

E' inegavel que nesta operação tem um justificado interesse a Inglaterra, o nosso comercio e o organismo intermediario. A Inglaterra, que vê a sua exportação extremamente diminuida em resultado da guerra faz uma operação vantajosa porque assim encontra uma saida para os seus productos; o comercio nacional pode adquirir em melhores condições certos productos; o Banco que interveio na operação, além das vantagens materiais, ganha moralmente em prestigio financeiro. Mas tudo isto pouco valerá se não se reflectir na melhoria do cambio, valorisando a nossa moeda, porque só desse facto é que pode resultar o embaratecimento da vida.

Dar-se-ha esse caso? Pode dar-se, se a aplicação do credito fôr honesta e conscienciosamente regulada. Não se dará se o favoritismo ou a corrupção estabelecerem regimens de excepção ou privilegios revoltantes. Não é só o comercio que pode lucrar: é a confiança que pode renascer, o credito que continuará cada vez a firmar-se mais. Daí, a valorisação da moeda, acabando o retraimento dos timoratos, voltando a circular o ouro que por medo ou egoismo se encontra imobilisado dentro do paiz ou depositado lá fóra.

Mas o povo não compreenderá nada da operação, não lhe ligará a atenção devida, senão quando, para assim dizer, palpavelmente verificar que as condições da vida melhoraram. E por isso mesmo é necessario que na aplicação do credito se proceda, como já dissemos, com a maior honestidade, o maior zelo, e o mais autentico patriotismo. Para isso devem estar vigilantes o governo, o parlamento, a imprensa, todos os organismos aos quais incumbe acompanhar de perto tudo quanto se refira ao interesse publico.

De resto, porque não se obterão creditos semelhantes noutros paizes, estabelecendo uma concorrencia de que poderemos beneficiar? E mesmo na Inglaterra, se a aplicação do credito fôr zelosa, por que não se obterão novos creditos? Os tres milhões de libras, agora fixados, representam o valor aproximado, num ano, que se encontra calculado para as importações portuguesas. Mas passado um ano? A verdade é que, segundo consta, as mercadorias oferecidas para a exportação ingleza, a pagar com esse credito, já representam uma importancia superior aos tres milhões de libras. Por que não se abrirá um credito egual ou superior para o ano seguinte? E por que não se irão assim abrindo novos creditos?

A situação é, neste momento, para nós, verdadeiramente favoravel. Repetimos: só é necessario tomar rigorosas medidas para que o credito não seja mal aplicado. Se fôr bem aplicado, tudo leva a crêr que nele pode estar o inicio do nosso resurgimento economico e financeiro, porque é de esperar que este restabelecimento do credito portuguez não fique por aqui, patenteando-se dentro em breve em operações de outro caracter, mais vastas e mais importantes, mas que só com a reconquista plena da confiança internacional podem garantir a sua viabilidade.

UM CASO DE TEATRO

La maschera i il busto

A ORIGINAL E CURIOSISSIMA PEÇA DE CHIARELLI CAI NO POLITEAMA PERANTE A COMPLETA INCOMPREHENSÃO DO PUBLICO. UM POUCO DE FILOSOFIA BARATISSIMA... :—:

O sucesso ou insucesso de uma peça, o titubeante balbuciar das primeiras palmas ou o primeiro roçar provocante da bengala no sobrado — êsse pigarro do escandalo, glacial e agressivo, que envolve o palco e os artistas e faz empalidecer o mais sereno actor, depende de mil pequenas coisas impossiveis de calcular, inacessiveis ao mais experimentado calculista. Nunca a velha psicologia de Le Bon tem de ser mais subtil do que quando se trata de uma multidão de teatro, uma multidão arrumada, enfileirada, disposta em linha cerrada de ataque...

Existe um momento, durante as representações de espectaculos, em que na sala se está indeciso.

Então, nada mais facil para um espectador do que tomar a opinião do visinho do lado ou da senhora de em frente. E, não é preciso falar — um simples olhar, um encolher de ombros, sintetisa uma critica. Depois, não ha nada mais contagioso do que a opinião. As pessoas mais independentes surpreendem-se com frases e conceitos de outros.

O que fecha o ciclo das opiniões é o *corredor*. Eis ahi uma coisa que um empresario pratico suprimiria nos teatros. E', em geral, o *corredor*, o atrio, o *foyer*, que encravam as peças. Uma peça sem intervalos tem um exito muito mais garantido; os espectadores, entregues a si mesmos, com um quarto de hora para dizer mal e sem tempo algum para pensar, dificilmente deixam passar impune qualquer obra. Com a «Mascara», que a magnifica companhia de declamação Lucilia-Erico lançou no Politeama ante-ontem, deu-se um daqueles casos, que, para o espectador consciente, são dos menos renitentes, porquanto eles apenas revelam ingenuidade e não intenção preconcebida.

As psicologias do espectador que em teatro *pateia* podem dividir-se em três categorias. Ha o espectador que vai disposto a patear, por não gostar do autor, ou por lhe não dar atenção tal ou tal actriz.

Ha o espectador que *pateia* dignamente, quando o espectaculo começa tarde — é o espectador que põe colarinho de goma, compra o seu bilhete á tarde e cuja mulher ainda faz *papelotes* para ir ao teatro.

Ha ainda aquele que *pateia* por espirito de *révanche* contra o aplauso exagerado.

A plateia da *première* da «Mascara» não pateou por nenhuma destas razões.

Os seus assobios foram de incompreensão.

O publico tem momentos de estupidez colectiva. As plateias são levianas, como certas mulheres — plateia, multidão, gente, é tudo feminino. Muita vez, a conversa de dois homens masculos é puramente feminina. As assembleias operarias de homensarrões tomam resoluções pueris.

Não ha nada mais estupido do que as conclusões de uma reunião de inteligentes, e quantas infamias não são resolvidas em bloco por pessoas individualmente honestas! São os paradoxos inverosimeis da natureza — e vista bem, a natureza é fundamentalmente paradoxal.

* * *

A «Mascara» é, a nosso ver, a nota mais comovedoramente bizarra e imprevista que esta época foi dada nas traduções apresentadas em palcos portugueses.

A felicissima obra de Chiarelli, por ventura a sua mais conhecida produção de teatro e que ainda ha menos de uma semana se representara em Italia, é uma obra cheia de espirito de contraste, de interessante claro-escuro, e de modelação cuidada e elegante.

Quanto a nós, a peça teria ganho muito mais se em Portugal tivesse sido apresentada sem uma localização objectiva. Não se podem colocar figuras, como as que se movimentam em «La Maschera i il busto», no fundo regional do Ribatejo. E' como se desenhassemos uma mulher do Minho e lhe puzessemos um fundo brumacento da Flandres.

Pochade feita sobre uma vida estilizada e ficticia, sem pretensões de verosimilhança, sem enquadramento verdadeiro, sem proporções de verdade, a peça do Politeama tem, no entanto, equilibrio da primeira á ultima scena.

Existe nela ritmo, sente-se-lhe a envolvê-la um fio daquela sequencia facil e agradavel de algumas peças francesas e, pode dizer-se, êsse sentido do burlesco-tragico, dessa vaga sugestão literaria de Edgar Poë, palpita hoje, com uma aureola de moda e de actualidade em muitas obras de dramaturgia novissima, onde a peça de Chiarelli ainda é, por muito que pese á entendida plateia da rua de Santo Antão, uma das obras de mais rara, equilibrada e sentida expressão de elegancia moral.

A «Mascara», que a companhia do Politeama tem que desafivelar para tornar a vestir a «Casaca Encarnada», revelou, além de tudo, um magnifico desempenho, onde Erico foi um galã principal, quasi um protagonista, de um merito á altura do seu nome á beira da consagração, e Ribeiro Lopes um artista completo, além de Lucilia — a grande Lucilia de sempre — que emprestou á sua fragil e caricatural figura de mulher o seu excepcional talento.

Ainda, e é caso para frisar de uma forma notavel — o conjunto das segundas figuras — Calazans, Mario Pedro, Seixas Pereira e as senhoras, sendo digna de nota a artista Berta de Albuquerque, pela justa compreensão do humorismo intrinseco da sua parte — foi brilhante. Fora da critica da primeira representação, se cito êste facto é porque a minha impressão pessoal não sofre de simpatias ou predilecções. E', pois, com alegria, que saudo a companhia do Politeama pelo seu exito moral.

MANOBRAS...

A GREVE GERAL

Os anarquistas individualistas da U. S. O. proclamam a grêve revolucionaria = Os trabalhadores, já desiludidos de tais processos, não secundam o desesperado apelo = Isolamento evidente dos bukunistas da C. G. T. e de a «A Batalha»

Está declarada a greve geral revolucionaria. A U S O tirou a mascara. Já não pode haver duvidas. Os altos dirigentes do movimento operario anarquista que são uns grandecissimos sujeitos, entenderam que tinha chegado, finalmente, o momento asado para subverter a Republica e proclamar em seu lugar, a dictadura sovietica dos organismos sindicalistas, regidos pelos ideais destruidores do profeta Balacinine. A situação é, pois duma grande clareza: contra o Estado republicano move-se o exercito dos anarquistas individualistas, cujo quartel general está na U S O, na C G T e no porta-voz «A Batalha»—tudo escondido na Casa-Mãe da Calçada do Combro. Vejamos, entretanto, o que deu de si, até á hora a que escrevemos, o grande movimento da greve geral revolucionaria, decretada pela U S O.

Em primeiro logar não ha greve geral.

E isto aconteceu porque o operariado não se deixou influenciar pelo «mot d'ordre» dos irresponsaveis intelectuais que se arrogam o direito de pôr e dispôr da vontade dos trabalhadores.

Lisboa conserva a feição habitual, com os electricos e todos os outros meios de transporte em plena circulação, com as oficinas a trabalhar, com o comercio aberto, com as repartições publicas a funcionar,—emfim, sem alteração da vida que ontem se fez.

O U. S. O. viu desrespeitadas, repelidas e regeitadas as sugestões que lançou ao publico e a que este deu tanta importancia como se nada se tivesse produzido. Cêbo para tal grève geral!

Se não houve—nem haverá!—suspensão de trabalho, já se deram, todavia, atentados pessoais, voltando a empregar-se a bomba como «ultimo ratio» de quem não tem razão alguma. Durante a madrugada foram arremessados petardos, e, neste instante, chega-nos a noticia, que vai relatada na secção competente, dum atentado á bomba explosiva, praticado lá para os lados da Avenida Fontes Pereira de Melo. E', pois, legitimo concluir que se a grêve geral é um movimento que morreu á nascença, já o mesmo se não dá com a furia assassina, que mais uma vez faz a sua aparição, patrocinada, animada e encorajada pelos «meneurs» que do alto da tribuna dictatorial da U. S. O. condenam á morte aqueles que não obedecem ás suas loucas intimativas. E eis aqui como a U. S. O., emparceirada com a C. G. T. e com o porta-voz «A Batalha», dão demonstrações de respeito pela vida dos cidadãos,—eles que, durante dias, quizeram arrastar a população pacifica numa demonstração idiota contra a pena de morte legalisada. Estranha coerencia a destes percurssores da Sociedade Futura, daquilo a que eles pomposamente chamam a Ordem Nova!

Entretanto, a uma conclusão se pode chegar, desde já: se não ha greve geral, procura-se, todavia, que se faça a desordem geral. Pode admitir-se, sem risco de cair num acentuado pessimismo, que a U. S. O. quer experimentar a sua propria força, o valor dos seus pelotões de ataque e, principalmente, avaliar da resistencia do governo. Se este cede, pode, talvez, tentar-se novo ataque, mais tarde, com probabilidades de seguro exito. Então, os selos do Estado poderão vir a ser manejados pelas mãos que, por enquanto, só se julgam habilitados ao arremesso criminoso de bombas e petardos de toda a especie.

Qualquer que seja a marcha dos acontecimentos, o governo da Republica tem que encarar a situação e fazer-lhe frente, com energia. Se a U. S. O., declarando a revolução, já iniciada com a projeção de bombas assassinas, exorbitou das funções que a lei lhe garante, dissolva-se esse organismo. Esse e todos os outros, que com ele já emparceiraram ou venham a emparceirar. O que não pode ser é que o governo se acovarde, pondo-se de cocoras perante os desordeiros, que não passam de amotinados de oficio e beneficio. O poder do Estado tem que praticamente se afirmar. Porque, se assim não acontecer, pode ser tomado como signal certo de que o Estado Republicano transige com a Anarquia e, ou nada pode contra eles ou não pode viver sem eles. Já o dizem, desde de ha muito tempo, os monarquicos. Mas, por enquanto, afirmam-no gratuitamente. Não lhes dê o governo sombra de rasão!

Não aconselhamos, evidentemente, que se faça mais que do que aquilo que é preciso. Mas faça-se, sem hesitação, tudo quanto for preciso, para prestigio da autoridade e afirmação da existencia efetiva duma sociedade republicana, que aborreça e repele todos os excessos, ou eles venham das direitas ou das esquerdas. Sufoque-se o entusiasmo bolchevista, tentado pelos anarquistas da U. S. O., porque ele não é menos perigoso para a vida da Republica do que o extremismo monarquico, presentemente açaimado embora não aniquilado.

Não é de estranhar a repulsa que as classes operarias opozeram á grêve geral revolucionaria, decretada pela U. S. O. Já acentuamos, por vezes, a ininteligencia com que são dirigidos os movimentos operarios, desde que á sua frente se colocaram os anarquistas. Greve dirigida e mantida pela U. S. O., é greve fracassada! E porquê? Porque é esse o seu interesse maximo, visto que a grêve não é para ela um fim, mas apenas um meio. A U. S. O., que é libertaria, não pretende o bem estar das classes operarias, porque isso consolidaria a ordem; a U. S. O. quer a desordem social, a destruição da Republica e o aniquilamento da propria Patria, fiel, como é, aos principios bukunistas e inimiga, como tambem é, de toda a especie de Governo, mesmo que ele fosse rasgadamente socialista. Sugestionou aos presos a greve da fome, que, aliás, eles não tiveram ou não terão a coragem necessaria para levar até á ultima extremidade. Os desgraçados estão loucos, possessos do veneno intelectual que lhes injectou o porta-voz «A Batalha». Já não são homens mas simples manequins, que a U. S. O. maneja a seu geito e segundo os seus interesses. Por isso, lhes mandou o «mot d'ordre» do jejum voluntario, por tempo indeterminado. E, agora, simula compadecer-se daqueles infelizes e quer que todos nós, trabalhadores, nos arremessemos para a luta fratricida, agravando o mal em um remedio que é peor que a doença.

O bom senso dos trabalhadores viu a manobra e respondeu-lhe com o desprezo quasi absoluto. Mas não oferece duvida que se a U S O não tivesse já dado claras demonstrações de incompetencia intelectual para dirigir as massas operarias nacionais, teria evidenciado agora a prova mais absoluta e concludente. Pretende, conduzir os trabalhadores á grêve geral precisamente no momento em que o recurso á greve é regeitado universalmente, ou é de cegos que não querem ver —a pior das cegueiras—ou de individuos a quem o craneo engrossou de tal forma que absorveu, quasi por completo, a massa cinzenta do cerebro.

Isso não impede um julgamento final: o que são mausl e foi para nos protegêr contra individuos de tal ordem, que se estudou e poz em vigor um Codigo Penal.

A BARAFUNDA

As leis que afastam e as leis que promovem

Na obra evangelista dos Evangelistas. As disposições e decreto ficam ao alcance de todos os rancores, á mão de todas as parcialidades. Um novo projeto de lei

A repartição do «afasta»

Depois que a lei 1040, passou a ser uma lei do Estado, logo á sombra desse incomparavel momento se criou num dos muitos cacifos sordidos do ministerio da Guerra, um outro bastante poeirento e polvilhado de sombras rancorosas que ficou logo conhecido pelo pitoresco «sobriquet» de Repartição do «afasta». Nesse cacifo se elaboraram as listas dos «afastados» pela celebre lei, nesse cacifo se cosinham os motivos mais hibridos, as razões mais heterolitas para «afastar» os desherdados em proveitos dos bem providos de sorte e de padrinhos.

...e do «promove»

Corriam as coisas com vagar e «os burros iam pastando pacativamente» catando aleivosias entre a papelada, quando surgiu a emenda, a terrifica, a inevitavel emenda que aparece sempre mais tarde ou mais cedo em todas as leis portuguesas, sob a forma duma outra lei, a 1244 que tirava uns e punha outros, marmelava galões, embrulhava antiguidades, punha em rigor a pessoa insigne do «major Evangelista» e remechendo em todo o cisco da 1040 acabara finalmente por criar vagas, mais vagas, sempre vagas logo gulosamente tapadas. O cacifo começou a ser mais particularmente defenido pela alcunha aumentada de repartição do «afasta... e promove...» e que em definitivo se ocupava afanosamente em afastar para promover... e em promover para afastar seguidamente.

Cousas magnificas são estas, estupendas cousas. E vamos especificar:

Demitido

O capitão Ribeiro d'Almeida era de infanteria 32 quando da monarquia do norte. Comandava ao tempo uma companhia, no Porto e encorporado nas forças rebeldes tomou parte no combate de Angeja ao lado dos monarquicos. Reimplantada a Republica foi preso e demitido pelo sr. Helder Ribeiro.

Preso!

Entrou na Penitenciaria, foi julgado como civil e respondendo nessa qualidade em conselho de guerra foi «absolvido por unanimidade». Em vista desta absolvição requereu ao sr. ministro da guerra a sua readmissão no exercito.

Reintegrado!!

O sr. Helder Ribeiro, o mesmo ministro que o havia demitido, reintegrou-o, punindo-o com 8 mezes de inactividade que cumpriu em Elvas. Já meio doido provavelmente, este oficial era positivamente uma bola neste tumultuar de decisões. E não ficou por aqui o desfilar perpetuo de situações diversas. Em virtude da lei 1040, publicada «um ano depois» o capitão Ribeiro d'Almeida foi

Ré-demitido!!!

depois dos seus oito mezes d'Elvas, depois da sua «absolvição maxima», depois de todo este fadario de Judeu Errante. Poderia supor-se que a coisa ficava por aqui. Mas não. Surge a emenda, nasce a lei 1244 e o capitão Ribeiro d'Almeida é

Reformado!!!!

Não sabemos se este oficial está ainda com todo o seu juizo. E' provavel que não. Por muito menos tem endoidecido fortissimas organisações. Mas é evidente que pesa sobre ele uma maldição fatal até nos extremos limites da maldição e do fatalismo. Ditosa patria! Ditosos governados!

* * *

Mais e melhor. Soberbamente melhor. Obra monumental para exemplo de todos os evangelistas passados, presentes ou futuros:

O capitão Antonio Cruz Junior esteve em infantaria 32, em Penafiel quando a cidade soube da proclamação da monarquia no Porto e a ela aderiu tambem. O comandante de infantaria 32 proclamou então a monarquia das janelas do quartel, mandou convocar as reservas, desembestou com tremendo aparato belico, bandeiras, hinos, toda a lira e harpa completa. Passados porem 10 dias, ou por estar mal de saude ou por outro motivo que de facto não vem a talho de fouce, este comandante deu parte de doente. E o oficial mais antigo o capitão Cruz Junior assumiu o comando, agarrou-se desesperadamente ao telegrafo, preveniu do facto a 3.ª divisão de que dependia, reclamando novo coronel, novo comandante. E de facto horas depois apareceu vindo do Porto, um outro comandante para infantaria 32

Um juizo de Salomão

Pequenos factos, estupendas ilações. Voltou a Republica. O primitivo comandante, o que proclamou, o que convocou, o que acedeu, o que se conformou logo, viu arquivado o seu processo disciplinar e nem pena disciplinar lhe aplicaram. O capitão Cruz Junior que, pela força das circunstancias e obedecendo a uma disposição militar teve de contra-vontade, comandar o regimento durante horas apenas, foi punido com 3 meses de inactividade!

Quanto ao outro comandante, o que veiu do Porto substituir o primeiro, tenente-coronel Carneiro Pinto, respondeu a conselho de guerra, foi castigado com 3 mezes de prisão. Veiu a lei 1040 e foi demitido. Egual disposição foi aplicada ao capitão Cruz Junior!!! E os Evangelistas saudam-se enternecidos, congratulam-se esfregando as mãos. Bem merecem da patria estes ilustres varões, os pilares de justiça, templos de moral! Bem merecem da patria estes Salomenescos... Salmões!

As excépções

Esfregam as mãos os ilustres varões! E arranjam coisas esquisitas, coisas delirantes. O tenente coronel Mesquita Monteiro, já falecido, e que era cunhado do chefe do partido democratico em Penafiel, era o comandante militar da cidade quando ali se proclamou a monarquia. Deu ordens de mobilisação, falou ás multidões, congratulou-se com a restauração monarquica que «era para ele a salvação do paiz», jogueteou toda a tralha de aclamações. Foi apenas punido com 3 meses de inatividade e pela lei 1040 publicada um ano depois, «devia ser» demitido do exercito e pela 1244—reformado.

E agora o ramalhete:

O capitão Parada Leitão, tambem de infanteria 32, ao proclamar-se a monarquia aderiu a ela fazendo a declaração ao novo regimen «por escrito». Esta declaração está apensa ao seu processo, e irrefragavelmente clara, pois apesar disso «não sofreu pena alguma», não foi atingido por nenhuma das duas leis Evangelistas e encontra-se actualmente na Guarda Fiscal onde é de confiança!!!

* * *

Estamos em presença de factos Não são necessarias palavras. Casos assim são ás duzias e a par e passo os vimos produzindo. Por muitas vezes tem «A Capital» combatido os dois abortos 1040 e 1244. Tem-no feito sempre partindo da logica e do raciocinio são. Parece porem conveniente vincar certas palavras com a assadura um pouco mais violenta dum facto aqui e alem. E' indispensavel — para elucidar certos entendimentos que não tem culpa de ser lentos mas que todos nós temos culpa em manter a situação de nos ditaram leis absurdas

Um projecto de lei

O ilustre senador Luiz Augusto de Aragão e Brito, apresentará hoje um projecto de lei acerca do assunto que teimosamente temos debatido e continuaremos a debater. Fundado em sentimentos de equidade e de justiça, o projecto do sr. Aragão e Brito e um grito veemente que circunscreve todas as excepções expostas e leva a fortes proporções de equilibrio e de criterio a especulação tremenda que se faz em volta das duas leis anti-disciplinares.

Transcrevemos na integra:

Considerando, que está mais do que provado, serem de dificil aplicação as leis 1040 e 1244 por darem logar a anomalias, erros mais que lamentaveis, perseguições e violencias, que são de molde a derruir o espirito de

FACTOS E PALAVRAS

«Nec varietur»

E, já que isto hoje vai de citações e de transcrições, surge mais esta:

«Nenhum respeito pela lei. Conspirações por todos os cantos. A policia, na tarefa imensa de as descobrir, não tem tempo para pensar noutra coisa. Cidade ás escuras, caindo de lixo e de imundicie. Grosserias, ralacice, mandrice, tolice e pedantismo. Homensinhos que querem passar por homens, homens que se resignam a ser homensinhos para irem tratando da barriga...»

Parece de hoje. Mas não é. São linhas de Julio Cesar Machado e referem-se ao já remoto ano de 1838.

Premio ao saber

Anuncio do «Diario de Noticias»: «Precisa-se guarda-livros competente para dirigir casa de movimento, sabendo francês, inglês e alemão, além dos conhecimentos profissionais. Ordenado: oitenta escudos.»

Nós todos, que nos andamos queixando do tremendo egoismo do nosso tempo, somos agradavelmente impressionados pela liberalidade dêste patrão. Dificilmente se poderá ser excedido em larguesa e, sem duvida, a esta hora já o homem tem milhares de pretendentes habilitados para o lugar. E anda um desgraçado dez anos pelas escolas a ensacar no sotão o saber dos seculos, a tentar ser alguem pelo seu esforço lento e continuo, para que venha depois um negociante qualquer de manteiga oferecer-lhe oitenta escudos por mês!

A cruz vermelha

A cruz vermelha vai promover muito brevemente uma nova festa da flôr, para assim tentar criar uma verba, que o aumento sempre crescente das despesas lhe tem minguado de forma notavel. E notavel é tambem que um organismo desta especie se veja á mercê da benevolencia do publico. Torna-se, pois, evidente que, apesar dos milhões em papel que andam por ahi circulando com abundancia, as instituições que deviam ter dinheiro não o têm e aquelas para quem a penuria deve ser coisa secundaria andam a abarrotar dêle. Qualquer merceeiro esparrinha para cima de nós a lama das ruas com um automovel de 50 contos; o mais vulgar dos imbecis compra um palacio numa das avenidas novas; o mais incipiente ministro diplomatico atira com desdem centenas de libras. Mas, para a Cruz Vermelha, não ha dinheiro. Bravo Sá de Miranda:

Sempre foi, sempre ha de ser
Que onde uma só parte fala
Outros hajam de gemer...

O contracto luso-transvaaliano

Declarações do general Smuts

CIDADE DO CABO, 6.—Discursando na camara o general Smuts confirmou que o governo Sul africano denunciou a convenção com o governo de Moçambique a qual tanto na opinião do Governo portuguez como na do governo sul-africano já não corresponde ás necessidades actuais.

O general Smuts acrescentou que o governo sul-africano a fim de elaborar uma nova convenção conferenciará bravamente com os delegados portugueses que foram convidados a vir ao Cabo.—(H).

Politica internacional

Conferencias—Em Londres prepara-se a Conferencia de Genova — Em Paris, a pacificação — — — do proximo Oriente — — —

A conferencia dos peritos aliados (Londres) continua trabalhando silenciosamente, com o fim de preparar as soluções de importantes problemas a resolver na Conferencia de Genova.

Já dissemos o motivo porque duvidamos da eficacia de tal conferencia em relação ao magno assunto que constitue o eixo do seu programa: a reconstituição da Europa, sob o ponto de vista economico e financeiro. Ausentes os Estados Unidos, cujo concurso era considerado indispensavel, a Europa tem de contar com os seus proprios recursos, o que não acarretará dificuldades invenciveis se souberem unir-se; mas ha muito que a união desapareceu de entre os aliados e o principal factor da desordem que reina nos arraiais europeus é a politica do sr. Lloyd George, se não estamos em erro.

Politica de desunião, politica de sobresaltos, podia talvez supor-se que era, ao menos, uma politica que defendia os interesses inglezes; mas, se com efeito era este o objectivo, nem sempre refletiu que os interesses da Inglaterra não se podiam separar dos das restantes potencias, e que toda a politica que embaraçasse o desenvolvimento das nações amigas ou aliadas ia refletir-se no mau estar dos negocios de que enferma o Reino Unido (cremos que ainda assim se chama, mesmo depois da autonomia irlandeza).

Mais curta, mais ruidosa, foi a Conferencia oriental (Paris), que pronta foi no trabalho. Os tres ministros dos estrangeiros—Poincaré, lord Curzon, Schanzer—assentaram nas condições a propôr á Turquia e á Grecia; falta saber se estas potencias as aceitarão sem reserva, ou se lhes porão condições que tornem o acordo impossivel. E falta principalmente saber se a realisação de tais condições se fará sem conflito. Porque a experiencia destes tres ultimos anos nos tem ensinado que distancia vai entre redigir um tratado ou um acordo e pol-o em execução. Não vemos nós, ainda agora, as dificuldades com que topa a comissão das reparações para «enunciar» as garantias a exigir da Alemanha? Se assim é, no papel, o que não será para as tornar efectivas, em frente da provavel resistencia alemã?

Na questão greco-turca, tudo dependia da atitude da Inglaterra, que é quem estava ditando as leis no proximo oriente; a atitude da Grecia só se justificava por ela considerar que, a seu lado, estava a Inglaterra, animando-a contra os turcos.

Mas a Inglaterra deve ter reconhecido: 1.º que a força da Grecia não era tão poderosa como contava; 2.º que os turcos representados pelo governo de Angora não cediam no seu programa minimo duma Turquia viavel e independente; 3.º que os musulmanos não turcos se interessavam pela sorte de Constantinopla e do seu kalifka, e que a hostilidade ingleza contra os turcos se reflectia nos milhões de subditos musulmanos que a Inglaterra tem na India e em outros pontos do imperio. E isso explicará porque lord Curzon veiu a Paris com propositos mais conciliadores, embora as resumidas noticias que nos chegam não sejam suficientes para definir até onde vai a transigencia ingleza.

O primeiro numero do projecto de lord Curzon era a proposta dum armisticio. Mas um armisticio, em si, nada significa, não sendo acompanhado das bases para a paz. Poderia até significar uma pausa que os contendores aproveitassem para se refazerem, e iniciarem com mais vigor novas hostilidades. Parece, porem, que assim não sucederá, desde que vemos a França e a Italia associarem-se ao projecto inglez. A evacuação da Asia Menor é uma importante satisfação ao patriotismo turco; é de esperar que as potencias tenham encarado a necessidade de enviar para lá comissões militares para impediram morticinios e devastações das tropas que se retirem, ou represalias das populações libertas contra os gregos. Do mais alto valor moral é a libertação de Constantinopla, que aplacará muitas inquietaçães no mundo do Islam; e se a França lucra pela inteligencia com que defendeu essa reivindicação turca—pelo prestigio que colheu no Oriente, onde conta interesses de valor—, mas lucrará ainda a Inglaterra pela pacificação que irá levar a muitos pontos do seu imperio.

E agora compreendemos a causa da irritação de Lord Curzon, quando o seu colega sr. Montagu revelou o teor da comunicação do vice-rei da India, que aconselhava uma paz equitativa com os turcos. Lord Curzon convenceu-se que Lord Reading via justo, e que era preciso dar satisfação aos turcos e aos musulmanos. E por isso se irritou com a publicidade dada ao telegrama. Porque assim vinha o publico ao conhecimento de que a sua mudança de atitude—agora revelada na Conferencia de Paris—não é uma concessão espontanea, mas sim forçada pela pressão dos acontecimentos; não era virtude, mas necessidade.

Em todo o caso, devem-se aguardar ainda mais amplas informações. Pouco nos diz o telegrafo sobre a situação reservada a Tracia, nem é muito explicito sobre os Estreitos, cuja desmilitarisação não pode sofrer duvidas. Andrinopla continuará em poder dos gregos; resignar-se-ão os turcos? E a fiscalisação dos Estreitos continuará pertencendo, de facto, á Inglaterra, embora submetida a um «contrôle» inter-aliado?

---

justiça que deve caracterisar uma verdadeira Democracia;

Considerando, que a lei 1244 que veio apenas remediar casos especiais e determinados, vai de encontro á honra e dignidade do proprio Estado, pois necessario se torna, que as leis remedeiem todos os erros e violencias para prestigio do Regimen;

Considerando, que se a lei 1040 já era pessima, a nova lei que a tenta emendar, a 1244, é peior, pois continua mantendo injustiças, que não honram o Regimen nem prestigiam o Exercito;

Considerando, que a lei 1040 tem violencias se iniquidades incompativeis com os mais elementares principios de direito e justiça, e que a lei 1244 que a tentou emendar e corrigir, a tornou mais iniqua e revoltante;

Considerando que, estas duas leis são duas ma chas na legislação republicana que não teem emenda possivel, pois a propria Comissão de guerra desta Camara, confessou no seu parecer «não ser facil redigir uma proposta de lei que atinja sómente os culpados»;

Considerando, que não podemos admitir a iniquidade arvorada em lei e a injustiça sancionada como arma de defeza;

Considerando, que o artigo 6.º da lei 1244 traz esta disposição incongruente, que bem revela o seu caracter odioso, de tornar inaplicavel a lei 1040 aos oficiais graduados que optávam pelos serviços dos outros ministerios;

Considerando, que a lei 1144 de 9 de Abril de 1921, promulgada no momento em que se glorificava o Soldado Desconhecido, vinha sancionar, o que todo o Paiz inteiro reclamava e pedia, para que, esquecendo-se odios e malquerenças, estabelecesse a paz e a união em toda a familia portugueza, tão ambicionada, pois acima de tudo estão a Patria e a Republica;

Considerando que esta lei pela alinea (d) do seu artigo 1.º, concedia a amistia ás «infracções indisciplinares, militares ou civis, cometidas tambem por motivos de natureza politica»;

Considerando, que os abrangidos pela lei 1144 foram amistiados fazendo-se «perpetuo silencio» sobre o facto delituoso;

Considerando que, muitos destes oficiais estão colocados em diferentes unidades, aonde se encontram fazendo serviço, e alguns bem relevantes;

Considerando, que a maioria dos oficiais atingidos pela lei 1040 e 1244, se bateram na Grande Guerra, e não é justo e humano, que tendo-os a Republica amistiado, por um delicto politico, sobre o qual de direito e de facto se deve fazer «silencio perpetuo» os vá agora recompensar de todos os seus sacrificios, pela Patria e pela Republica, cortando-lhes a sua carreira militar e lançando-os na miseria e ás suas familias;

Considerando que, pela lei 1244 se levou a crueza a ponto de não ser concedida aos oficiais reformados por ela a pequena melhoria do vencimentos concedida o ano passado aos seus camaradas, egualmente reformados, levando-os assim não á miseria, mas á fome;

Considerando, pois, haver apenas uma unica forma de remediar tantas injustiças e violencias prestigiando e honrando a legislação republicana e bem assim o Exercito:

Tenho a honra de submeter a vossa esclarecida apreciação a aprovação do seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—Ficam nulas e de nenhum efeito as leis 1040 e 1244 de 23 de março de 1922, e bem assim os efeitos já por elas produzidos á excepção dos militares abrangidos pela alinea (a) do artigo 1.º da referida lei 1040.

Artigo 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Salão Central

«A cigarra e a formiga»

A linda fábula, tão nossa conhecida é hoje exibida no «écran» do Salão Central, numa adaptação cheia de interesse e luzimento.

Linda Pini, a bela artista que o nosso publico tanto admira, tem na nova pelicula uma soberba creação, pela graciosidade com que desempenha a protagonista do surpreendente film.

A completar o programa, como estreia tambem, anuncia a empreza a exibição da pelicula, «A filha do açambarcador», com desempenho dos famosos comediantes Ruth Roland e Frank Mayd, fechando o espectaculo a fita de aventuras «Elmo, o Temerario», da qual serão exibidos tres episodios

9 DE ABRIL

Na Escola Militar entrega da Bandeira do Exercito -:- -:- Portuguez -:- -:-

No proximo domingo 9 de Abril, antes da sessão solene comemorativa do «Esforço da Raça», a que assiste o ilustre Chefe do Estado, entrega o sr. ministro da Guerra á guarda do Corpo de Alunos da Escola Militar até que seja definitivamente colocada nas Salas da Grande Guerra do Museu do Exercito, a Bandeira Nacional, que a colonia portugueza no Brasil patrioticamente ofereceu ao Exercito Portuguez, glorificando a nossa intervenção na Grande Guerra.

Essa Bandeira será escoltada do ministerio da Guerra para a Escola Militar por um esquadrão de cavalaria e sairá ás 15 horas, devendo seguir pela Avenida da Liberdade, rua Conde Redondo e rua Gomes Freire, sendo a sua entrega ao Corpo de Alunos feita nesta Escola, em formatura de contingentes da Armada e do Exercito sob o comando superior do major de engenharia sr. Soares Branco, professor desta Escola.

O sr. ministro da Guerra quere assim manifestar aos futuros oficiais o grande apreço em que tem a nossa primeira Escola Militar e solenisar desta maneira a gloriosa acção dos nossos soldados na Grande Guerra em França e Africa (Angola e Moçambique).

Comemoração de Esforço de Raça

No proximo domingo 9 de Abril realisa-se em todo o paiz uma comemoração de magnifico esforço de Raça, intervindo militarmente na Grande Guerra.

A's 17 horas precisas haverá dois minutos de silencio, cessando na rua todo o movimento. Nestes momentos de concentração espiritual render-se-hão homenagens aos gloriosos mortos da Patria e exaltar-se-ha a gloria da nossa intervenção.

Em todo o paiz se realisam conferencias; em Lisboa esta solenidade efectua-se na Escola Militar com a assistencia do Venerando Presidente da Republica e do Governo, discursando os ex.mos srs. generais Gomes da Costa e Abel Hipolito e o ex.mo sr. coronel Sá Cardoso, Presidente da Comissão Executiva dos Padrões.

Dois alunos da Escola Naval e da Escola Militar recitarão inspirados e patrioticos trechos.

A entrada é livre para todos os militares uniformisados é por bilhetes para senhoras e civis, realisando-se a distribuição das 13 ás 16 horas, nos dias 7 e 8 na Secretaria dos Padrões da Grande Guerra, (3.º edificio de internato da Escola Militar.)

"Radio,,

A agencia «Radio» Sociedade anonima com o capital de cinco milhões de francos, cuja séde social é em Paris, 42, rua Louis Le Grand, comunica-nos que nenhum laço nem nenhuma relação tem com a agencia «Radio» com séde em Lisboa.

A Provincia na "Capital,,

LEIRIA, 6. — Como homenagem aos serviços prestados pelos soldados portuguezes mortos na Grande Guerra realisa-se no dia 9 do corrente nesta cidade alem da alvorada com musica á porta dos quarteis, formatura geral de todas as forças que constituem a guarnição de Leiria, na parada exterior do quartel de infanteria n.º 7 e conferencias pelo capitão José Pereira Pascoal e um oficial de artilharia. Para esse acto que será revestido da maior solenidade, foram feitos convites ás auctoridades locais e pessoas de representação. Pelas 17 horas, conforme determinação superior haverá dois minutos de silencio, cujo inicio será marcado por um tiro de peça e a terminação por 2 tiros. Regressou no dia 2 a esta cidade o sr. dr. Correia Mateus, Reitor do Liceu e presidente da comissão Executiva da Camara Municipal de Leiria. Esse sr. tinha estado como noticiamos, em tratamento em Coimbra. O «Povo de Leiria» de que é Director, publicou um numero especial com a colaboração de muitas individualidades de Leiria e Politicos de Lisboa. Terminou a feira de Março, que se apresenta cada ano mais decadente. O Estroina, com os seus fantoches e o Zé de Pombal com a carreira de tiro são os unicos atractivos que ai ha, parecendo impossivel que as forças locais se não tenham unido para moderniseá-la.—(H.)

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Sessão aberta á hora habitual, com meia duzia de pessoas nas galerias e o Governo representado pelos srs. ministros da Agricultura, do Trabalho e das Finanças. Na presidencia está o sr. Alberto Vidal.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O contracto dos trez milhões esterlinos

O sr. ministro das Finanças declara que, por emquanto, não se dá por habilitado para responder á interpelação anunciada pelo sr. Cunha Leal sobre o contracto dos trez milhões esterlinos.

A questão principal, que é a da aplicação pratica do crédito, está ainda em estudo.

O sr. Cunha Leal não se dá por satisfeito. Declara que transforma a interpelação em negocio urgente, mandando para a Meza a nota respectiva.

Novas explicações do sr. ministro das Finanças, que mais uma vez declara não querer a discussão imediata do assunto.

Consultada a Camara, aprovou o negocio urgente.

Surge uma baralhada. A votação é um choque manifesto no sr. ministro das Finanças. Todos, aliás, precisam acudir-lhe. Os reconstituintes pela voz do sr. Alberto Xavier lançam uma ponte: o sr. ministro das Finanças aceita ou não aceita o negocio urgente?

O sr. Portugal Durão levanta-se para dizer que não. O governo estuda neste momento. a questão da utilisação do credito e não pode, pois, dar mais esclarecimentos dos que os já produzidos.

Assim, ninguem se entende, diz o sr. Cunha Leal. E insiste pela discussão, a fim de se não criar uma situação perigosa para mais tarde.

Levanta-se o sr. Almeida Ribeiro. Fala para ganhar tempo. E, enquanto se ganham mais uns minutos, chamam-se alguns deputados, que estão fora da sala e que correm presurosos a reforçar a maioria. E isto porque se requereu a contra-prova da votação que aprovou o negocio urgente.

As coisas compõem-se, segundo parece. O sr. Barros Queiroz declara que a minoria liberal não votará o negocio urgente, se o sr. ministro das Finanças se não dá por habilitado.

O sr. ministro das Finanças repete que, no que respeita á utilisação do credito pelos importadores, não está habilitado a responder.

Mais discursos, tudo para adiar a votação definitiva do negocio urgente. Falam, a proposito, os srs. Almeida Ribeiro e outros deputados.

Em contra-prova foi requisitada a urgencia. Mas, noutra votação, a Camara aprova que o assunto seja tratado duma maneira geral, conforme a nota de interpelação. Isto foi uma grande trapalhada, mas foi assim mesmo.

Fala o sr. Cunha Leal

O ex-presidente do Ministerio inicia o seu discurso declarando que não pretende atacar o Governo mas nao desiste do seu direito de fiscalisação.

Analisa as condições do contracto.

O sr. Cunha Leal põe a questão constitucional: o Governo podia negociar o credito, como fez; o que não lhe é licito, porque isso é função do Poder Legislativo, é regular, só por si e sem a cooperação do Parlamento, a concessão dos creditos requeridos pelos importadores.

Convem esclarecer, nesta altura, que o sr. Ministro das Finanças já comprometeu a sua opinião e a do Governo, porque declarou que o regulamento já está sendo estudado pelo Poder Executivo. O sr. Ministro das Finanças, que está junto do sr. Cunha Leal, naturalmente para o ouvir melhor, deve estar sobre brazas ardentes!

O sr. Cunha Leal diz que o valor real do contrato depende da sua execução. O contrato será util, se os importadores o poderem aproveitar. Do contrario, não. E' evidente. E o orador passa a demonstrar, com exemplos varios, que o credito não será utilisavel, principalmente porque o Estado jámais poderá garantir-se suficientemente. O praso de cinco anos, concedido para liquidação final das contas dos emprestadores e do Estado, torna impossivel essa garantia, visto que não é possivel nenhuma provisão em tão largo espaço de tempo.

Em seguida passa a demonstrar que o contrato, na sua execução, pode dar ocasião—deve mesmo dar ocasião—a uma intensiva especulação cambial. O Governo pode, mesmo, ser um desses especuladores!

Mas como ha-de o Estado garantir-se nos creditos abertos aos importadores? Por meio de bancos?

Isso será impossivel, porque nem mesmo será possivel fixar o quantum final da liquidação. Pode, é claro, fazer-se a selecção dos importadores. Mas como e porque processos? O sr. ministro das Finanças já pensou neste aspecto grave do problema?

A argumentação do sr. Cunha Leal continua a desenvolver-se. Entretanto, tudo se resume nisto:

1.º—Só o Parlamento tem legalidade para legislar sobre as relações entre o importador e o governo, na utilisação do credito.

2.º—O orador tem as maiores duvidas, que fudamenta, acerca da utilidade pratica do credito de trez milhões esterlinos, aberto em Londres a favor do Governo Portuguez.

O sr. Cunha Leal analisa agora um outro aspecto do contracto. Trata-se das relações entre o Export Credit e o Banco Ultramarino ou o Governo Portuguez. E' muito dificil seguir o orador nas suas demonstrações demasiadamente tecnicas e que só poderiam ser compreendidas se todas as suas palavras chegassem aos nossos ouvidos.

Em todo o caso, vê-se que o orador julga prejudicial que quaisquer questões que surjam tenham de ser resolvidas nos tribunais inglezes.

O sr. Presidente do Ministerio, que chegou nesta altura do discurso do sr. Cunha Leal parece contrariado.

Falou animadamente com o sr. Vasco Borges, Ministro do Trabalho, que, naturalmente o poz ao corrente dos acontecimentos. Foi conferenciar, depois com o sr. Almeida Ribeiro, «leader» da maioria democratica. E, por fim, decidiu-se a ouvir atentamente o orador.

O sr. Cunha Leal, no final do seu discurso, diz isto: é preciso utilisar o credito, visto que o contrato está feito e assinado; mas é indispensavel acautelar os interesses do Estado, a fim de que se não reproduzam os casos dos T. M. E. e do Ministerios dos Abastecimentos.

Esses sagrados interesses do Estado não serão salvaguardados se a concessão dos creditos aos importadores não fôr regulada por lei discutida e votada no Congresso. Que o Parlamento não permita que se faça coisa diferente!

Vota-se, com urgencia e dispensa do regimento, um credito de 2.500 contos, para acudir aos esfomeados de Cabo Verde.

O sr. ministro das Finanças pedia a palavra para responder ao sr. Cunha Leal.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio. Secretarios, os srs. Mendes dos Reis e Sousa Varela.

Acta aprovada por 34 senadores.

ANTES DA ORDEM DO DIA

O sr. Costa Junior requere, pela segunda vez, cópia dos requerimentos respeitantes ao major farmaceutico miliciano, Julio Maria de Sousa, declarando que, caso êsses documentos não venham com brevidade, reclamará que sejam castigados os oficiais encarregados das repartições respectivas, por negligencia e falta do cumprimento dos seus deveres.

Nesta altura, quando se dispunha a abandonar o seu *fauteuil*, foi acometido de uma sincope o senador monarquico, sr. Oriol Pena.

Imediatamente socorrido por todos os parlamentares, sem distinção de credos politicos, prestaram-lhe socorros medicos os srs. drs. Xavier da Silva e Costa Junior, sendo-lhe aplicada por êste uma injecção de cafeina, tendo sido conduzido para os Passos Perdidos, onde descançou algum tempo.

O sr. Pereira Osorio comunica á Camara a excelente impressão que teve ao visitar a Biblioteca Nacional, pelos melhoramentos ali introduzidos, prestando homenagem ao zêlo e patriotismo do sr. dr. Jaime Cortezão e dos seus auxiliares naquela patriotica obra de conservação do nosso patrimonio literario.

A sessão continua.

A viagem do Presidente da Republica Franceza

MAZAGAO, 6.—A caminho de Marrakech o sr. Millerand inaugurou o aerodromo de Casablanca que é o primeiro troço da linha aéria de Casablanca a Dakar que no futuro funciona até Mogador; depois duma curta demora em Azamor onde foi recebido pelo Alcaide de Bendahan o sr. Millerand dirigiu-se para Mazagão saudado por El Guebas, ex-grão vizir, que lhe manifestou o prazer que tinha em o receber na terra marroquina. O sr. Millerand agradeceu-lhe dizendo-lhe lembrar-se dos serviços que ele prestou á França.—(H).

A lucta em Marrocos

Morte dum chefe importante

CEUTA, 7. — Segundo informações do campo mouro, confirma-se a morte do chefe rebelde Ueld—Mernui que tinha grande prestigio entre os Beni Yebera. Foi o principal autor do plano de ataque de surpresa realisado ha dias contra os soldados que guarneciam o blockaus de Urena.—(R)

Pró presos por questões sociais

A Anunciada Gréve Geral

Foi parcial parecendo que só ámanhã tomará mais incremento.—Registaram-se dois atentados dinamitistas

Os jornais da manhã referem-se ás resoluções que durante a noite passada foram tomadas pela União dos Sindicatos Operarios, por motivo das prisões recentemente realisadas em Lisboa. Como é sabido esses presos encontram-se nas fortalezas de S. Julião da Barra e Sacavem e como ha já 20 dias se encontram detidos sem culpa formada, as classes operarias entraram a agitar-se afim de que os seus camaradas fossem restituidos á liberdade ou enviados para os tribunais competentes.

O Conselho de Sindicatos resolveu a noite passada a gréve geral a qual tendo sido declarada para amanhã foi avançada um dia, não se tendo portanto registado hoje senão gréves parciais.

As classes que hoje abandonaram o trabalho foram: parte da construção civil, os metalurgicos, os mobiliarios e os tipografos das casas de obras. Os operarios de industria mobiliaria que tinham estado em gréve e que chegaram a acordo com os patrões voltaram hoje de manhã a largar o trabalho, esperando-se que outras classes secundarão amanhã este gesto.

Por noticias recebidas hoje em Lisboa sabe-se que a gréve é geral em Almada onde se acham paralisadas todas as fabricas.

Comissões de vigilancia andavam de manhã cedo por varios pontos avisando os operarios a largar o trabalho. A policia que havia recebido ordens severas para dispersar esses grupos prendeu 7 individuos no Campo Grande, 6 na area das Picoas e 5 na de Santa Marta os quais andavam incitando á gréve. Recolheram a varias esquadras sendo mais tarde removidos num camion da G. N. R. para o governo civil.

Piquetes de Cavalaria da G. N. R. percorreram os bairros afastados a fim de dispersar os grupos que apareciam a agitar os operarios.

Nos fornos de Cal á Meia Laranja um grupo numeroso de Carroceiros procurou impedir que os seus camaradas trabalhassem. Foram dispersados, o mesmo sucedendo a outros grupos que apareceram nas imediações das fabricas da rua 24 de Julho, Alcantara, e na fabrica Portugal nos Anjos.

Nalguns estabelecimentos de barbeeria apareceram hoje de manhã, metidos em envelopes subscritados para os donos das casas os seguintes avisos:

—«Somos a informar-vos que foi declarada a gréve geral ficando por este meio avisado de que não deve consentir o seu pessoal a trabalhar.

«Se não acatar estas resoluções, toma a responsabilidade dos acontecimentos.

(a) *O Comité Revolucionario dos Barbeiros.*»

Muitos destes avisos foram entregues no gabinete do sr. Governador Civil, o qual providenciou no sentido, da policia evitar qualquer atentado.

Aos calabouços do Governo Civil, recolheram tambem Antonio Marques, José Garcia e Manuel Martins Junior acusados de «meneurs» de gréves e agitadores.

Um policia atacado á bomba

Como acima deixamos dito a policia recebeu instruções para não permitir grupos nas ruas, motivo porque o guarda n.º 1336 Saul de Lima, encontrando-se de serviço cerca das 6 horas na Avenida Fontes Pereira de Mello deu ordem a tres individuos que se encontravam proximo de uma caixa de resistencia da Companhia dos electricos, para que seguissem ao seu destino.

Os dos grupos que tinham tipo de operarios recalcitraram e um deles vendo a teimosia do guarda arremessou-lhe uma bomba. O estampido que foi enorme alarmou os moradores do sitio mas o guarda embora ferido não se atemorisou e contra os bombistas disparou 5 tiros.

Dois do grupo conseguiram evadir-se mas o terceiro foi atingido por tres balas nas pernas o que não o impediu de galgar o gradeamento das propriedades do importante capitalista brasileiro dr. Garcia proprietario da Casa do Japão em S. Paulo onde aquele comerciante actualmente se encontra.

O bombista deixando atraz de si um rasto de sangue, percorreu depois os arruamentos do jardim, subindo e descendo escadas, vindo por fim parar ao local da partida e agachando-se por fim atraz de um muro o que lhe valeu ser rapidamente descoberto e preso pelo civico 566, porquanto tendo tambem comparecido o guarda 2060, este ao ter conhecimento do que se passava tratou de fugir!

O policia ferido bem como o bombista foram conduzidos ao hospital de S. José onde receberam os necessarios socorros recolhendo o bombista sob prisão á sala das observações e com uma perna partida. No hospital compareceu o sr. Zeferino da Silva, chefe da policia de Segurança do Estado, o qual tendo interrogado o preso durante duas horas averiguou tratar-se de Raul da Conceição, soldado licenciado da Companhia de Sapadores Mineiros.

O guarda 1336 que ficou ferido nas pernas pelos estilhaços foi tambem ouvido, estando agora a P. S. E. procedendo a diligencias afim de descobrir os restantes companheiros do bombista, tendo sido já preso a dois individuos por suspeitas, bem como a mulher do Raul.

Foi tambem preso por suspeito, mas logo restituido á liberdade o guarda da casa do dr. Garcia.

A policia apurou depois que o grupo suspeito tentava impedir o transito dos eletricos contra os quais seriam arremeçadas bombas. A que explodiu na Avenida Fontes Pereira de Melo era de grande potencia.

Na rua 24 de Julho junto á valeta foi encontrado abandonada outra bomba.

Outros atentados

Contra a porta da oficina de marceneiros de Antonio Neves dos Santos no Largo da Pascoa 5 foi pelas 5 horas e meia arremessado uma bomba.

Na rua da Cruz em Alcantara um grupo de grevistas que andava distribuindo manifestos foi perseguido pelo guarda 354.

Um dos do grupo alvejou o civico contra o qual disparou 6 tiros errando porem o alvo.

O civico não foi atingido.

Em casa do sr. Presidente da Republica

A comissão pró presos por questões sociais foi hoje á tarde recebida pelo sr. Presidente da Republica a quem pediu a libertação dos presos de S. Julião da Barra e Sacavem.

O Chefe do Estado prometeu recomendar o assunto ao Governo.

Carlos d'Austria

Uma missa por sua alma

Pelo meio dia de hoje foi rezada na igreja dos Martires uma missa por alma do ex-imperador Carlos da Austria, recentemente falecido na Ilha da Madeira.

Foi celebrante o rev. Proença, tendo assistido ao acto, mandado celebrar por um grupo de integralistas, inumeras senhoras, titulares e represestações da Junta Geral do Integralismo Lusitano, partido legitimista, deputações de todos os organismos integralistas de Lisboa, juntas provinciais da Extremadura e Alentejo; Junta Escolar; jornais «A Monarquia», «A Epoca» e «A Revolução».

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque	4 1/2—	4 5/8
» 90 dias	4 5/8—	
Paris, cheque	1105—	1137
Suissa, cheque	2358—	2425
Belgica, cheque	1026—	1057
Italia, cheque	636—	651
Berlim, cheque	37 —	42
Holanda, cheque	4585—	4716
Madrid, cheque	1862—	1927
New-York, cheque	12137—	12507
Brazil, cheque	62 —	56
Austria, cheque	1—	3
Noruega, cheque	2247—	2312
Suecia, cheque	3216—	3300
Dinamarca, cheque	2601—	2676
Libras	57$00 —	60$00

O "raid" Lisboa-Brazil

Até ás 18 horas o posto de Monsanto e o Ministerio da Marinha não tinham recebido nenhuma comunicação dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

POEIRA DA ARCADA

Na sua ultima reunião, o Conselho Superior de Higiene emitiu parecer contrario ao pedido feito pelo sr. Manuel Inacio Lourenço, de Angra do Heroismo, para que fosse proibida a laboração da fabrica de secagem de chicoria, existente naquela cidade e de que é proprietario o sr. Frederico Augusto de Vasconcelos.

Havendo serventes a mais nalgumas escolas primarias e não sendo precisos em muitas outras que os pedem, o sr. ministro da Instrução determinou que não se criem mais lugares daqueles e que nas escolas que tenham já mais de um servente se não renovem os contractos á medida que êstes forem terminando.

TEATRO

Os teatros do Porto

Como dissemos Cremilda de Oliveira fez a sua festa artistica no Sá da Bandeira do Porto com a nova peça do Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa—«Cama, mesa e roupa lavada».

Da peça e da interpretação diz o «Primeiro de Janeiro»:

«Em recita da distinta actriz Cremilda de Oliveira que teve a saudal-a o publico numeroso e escolhido que frequenta a sala do Sá da Bandeira, representou-se ontem neste teatro a nova peça de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, intitulada picarescamente pelos festejados escritores de «Cama, mesa e roupa lavada» a qual obteve em scena o lisongeiro exito que era de esperar e que o nome laureado dos autores de antemão prometia.

«Cama, mesa e roupa lavada» é uma farça engraçadissima, fertil em scenas e episodios dum comico irresistivel atravez dos quais esfuzia o dialogo vivo e incisivo, fervilhando o trocadilho que os autores aproveitaram com consumada arte mantendo os espectadores em constante gargalhada pois os ditos chistosos e as expressões de duplo sentido sucedem-se ininterruptamente durante os tres animados actos da peça desfechando em verdadeiras «boutades» de boa graça portuguesa.

Cremilda de Oliveira que foi recebida na sua entrada em scena com nutridas salvas de palmas e coberta de flores que com profusão foram lançadas dos camarotes de boca, animou o desempenho com a sua azougada vivacidade, não obstante o papel não dar margem a que a talentosa actriz possa evidenciar todos os seus invejaveis recursos de artista. A sua atenção, porem, pelo publico portuense e a consideração que lhe merecem os dois apreciados autores da peça, levou-a a acolher do melhor grado a interpretação da personagem de «D. Carmo» da «Cama, mesa e roupa lavada» a que imprimiu muito realce e brilho.

Chaby Pinheiro o emerito actor, tirou o melhor partido do papel comico que lhe foi destribuido o Jesuina de Chaby, Luzitana Saial, Santos Melo, Valerio Rajento, Henrique Pereira e José Mora, realçaram o desempenho com a observação escrupulosa dos tipos burlescos que desenharam.

A sala achava-se repleta de espectadores sendo chamados ao proscenio e largamente aplaudidos os autores e interpretes. A festejada recebeu muitas prendas e foi muito felicitada e cumprimentada.»

Noticiario

Portugal

O actor Santos Melo faz a sua festa no Sá da Bandeira do Porto com «O amigo de Peniche» e um acto de variedades.

—A companhia Alves da Cunha estreia-se no Porto a 1 de Maio.

— A companhia Cremilda Chaby que trabalha no Sá de Bandeira do Porto vai representar «O Emigrado» de Bourget.

— A orquestra filarmonica de Madrid que em breve virá dar concertos a S. Carlos, debutou no Teatro de S. João do Porto com tanto sucesso que dará um concerto extraordinario no sabado.

— Na farça musicada «A lenda dos Tarlatanas» original de André Brun e Carlos Simeões, cuja partitura é da autoria do maestro Pedro Blanck, e que, como temos noticiado, sobe á scena no teatro de S. Luiz, na noite de 11 do corrente em festa artistica de Carlos Viana, entram as actrizes Auzenda de Oliveira que desempenha o papel de «Sebastiana» a creadita de «D. Monica Tarlatana» Sofia Santos; Aldina de Souza, faz a de sua filha «Rosalina» e Beatriz Baptista o de «Beatriz», filha de «Nicolau Safio» Sebastião Ribeiro.

— No Salão Foz estão, tambem, já marcadas as seguintes festas artisticas: 2.ª feira a da popular Tina Coelho, sendo variado o programa, nas duas sessões; a 14, festa de Dina Moreira e a 17 a de Martins dos Santos.

AGENDA DA SEMANA

HOJE — No S. Luiz festa do secretario da empresa, Luiz Mendes.

—Festa de Maria Santos no Teatro Avenida, com o «Toureador».

—No Chiado Terrasse festa de Antonio Tavares com os 20.000 dollars.

AMANHA—Primeira representação no Chiado Terrasse da comedia «O ilustre governador».

—Festa de Julia de Assunção no Salão Foz.

ESPECTACULOS RECOMENDADOS

S. LUIZ—«Amor de Mascara».

CENTRAL—Films de sensação

COLISEU DOS RECREIOS—Grande companhia de circo e variedades.

Na Escola Militar

A conferencia «Le travail et l'art»

E' hoje que, ás 16 horas, se realisa no Salão Nobre da Escola Militar a 3.ª conferencia do sr. comandante Charles Millet, ilustre adido militar junto da Legação Franceza, e que pela sua alta competencia profissional e insinuante trato de diplomata tem criado tão vivas simpatias nos nossos meios militares e navais onde é já estimadissimo e admirado, considerado como excelente camarada e bom amigo de Portugal, da Armada e do Exercito.

O eco das duas anteriores conferencias expostas com um fino criterio e denotando uma cultura distinta, dificilmente se apagará do espirito daqueles que tem tido o prazer espiritual de assistir a uma exposição, onde a competencia profissional se alia a uma arte de exposição inexcedivel.

Os admiradores do ilustre oficial não faltarão hoje a manifestarem a sua simpatia pelo brilhante adido militar do glorioso exercito aliado, que, desenvolvendo o tema «Le travail et l'art», nos vai resolver os segredos magnificos do Marechal Foch ao dar as ordens, que, efectivando as suas formidaveis conceções estrategicas, nos conduziram á Victoria.

PRESAGIO DE SABIOS

A lua cairá sobre as nossas cabeças?

Uma sensacional novidade do astronomo inglez Crommelin

Acabam os jornais inglezes de estampar alarmantes e curiosas entrevistas obtidas recentemente com o astronomo inglez Crommelin.

Nas suas declarações, o popular astronomo principia dizendo que havia observado certos movimentos suspeitos no ultimo eclipse da lua. O sol não se apresentou—diz Crommelin—com exatidão ao local fixado pelos calculos dos astronomos, parecendo não obedecer mais estritamente á Lei de Newton sobre a gravitação universal; o satelite da terra acelara o seu movimento, e se isto continua, nós estaremos ameaçados da sua queda, qualquer dia, sobre as nossas cabeças.

O problema, entretanto, não é novo. Em 1693, Halley mostrou que a marcha da lua não éra uniforme e que depois de 2.000 anos ela parecia ter avançado sobre sua trajectoria teoricas duas vezes em torno do diametro.

Ele concluia que um tal estado de cousas annunciava simplesmente a aproximação continua do nosso satelite e que esta aceleração secular, continuando, a lua acabaria fatalmente caindo sobre a terra.

Porem, em 1787, Laplace demonstrou, por sua vez que o fenomeno se explicava muito bem pelas leis da mecanica celeste.

Nós sabemos todos que a terra descreve em torno do sol, durante um ano, não uma circunferencia mas uma elipse; pois bem, Laplace demonstrou que essa elipse não tem a mesma forma. Nós poderiamos comparal-a a um arco de barril sobre o qual se exerça uma pressão lateral e que se alonga mais ou menos.

Como de outra maneira a lua gire em redor da terra, ficando submissa á atracção do sol, concebe-se que toda a mudança na distancia do nosso globo ao astro do dia tenha por consequencia um aumento ou uma diminuição de acção sobre nosso satelite.

O padre Moreux dá de sua parte uma explicação mais completa:

«Observastes—diz Moreux—quanto são numerosas as aparições dos meteoros nestes ultimos anos?

A cada momento os jornais assinalam novos aparecimentos.

Este poço celeste que rodeia o sol em cima da terra deve formar um meio mais ou menos resistente; ora, demonstrei depois de muito tempo que a condensação dessas particulas sobre o sol exerce uma influencia no aparecimento das manchas solares; haviam zonas mais ou menos densas em comparação com a acção do sol, e quando nós atravessamos uma dessas ondas é natural que a lua acelere o seu movimento.

E a prova que o espaço celeste está mais ou menos cheio de materiais cosmicos nas regiões que nós ocupamos é a coloração dos eclipses lunares, como se provou recentemente.

Assim, na sua volta ao redor da terra, a lua, segundo as epocas, atrairia um numero mais ou menos grande de meteoros, e, se aproximando de nós, ganharia mais velocidade.»

Esta seria a explicação do misterio que intriga os sabios ha mais de dois seculos.

Em todas as previsões, não ha nada que possa fazer crer na probabilidade da realisação mais ou menos longinqua do cataclismo previsto pelo astronomo Cromelin.

Curiosidades

Noticia historica sobre o algodão

Dá-se o nome de algodão a uma especie de penugem que envolve as sementes de uma planta chamada algodoeiro.

E' um arbusto cuja altura varia de 50 centimetros a 4 metros, conforme as especies.

Esta planta parece originaria da India, mas é hoje cultivada em quasi todas as regiões quentes ou temperadas da Asia e da America, principalmente na Georgia e na Carolina do Sul. Cultiva-se tambem na Africa, particularmente no Egito, na Barberia, no Senegal e até já nalguns pontos do sul da Europa (Secilia, Malta, etc.)

A colheita do algodão realiza-se em epocas que variam conforme os paizes. Quando as sementes estão maduras, as capsulas ou vagens que as encerram abrem-se por si mesmas, e a penugem sai delas sob a forma de flocos de neve. Tira-se então esta penugem com os dedos, limpa-se das sementes que sempre ficam mais ou menos misturadas com ela e envia-se para as fabricas, onde é transformada em fios por meio de maquinas engenhosas inventadas na Inglaterra no século XVIII.

O algodão varia de côr e de qualidade conforme a especie particular do algodoeiro que o produz. Por outro lado ele não apresenta filamentos dum igual comprimento.

No comercio designam-se com o nome de «feveras compridas» os algodões mais notaveis a este respeito e «feveras curtas» os que se encontram no caso contrario.

Nenhuma substancia vegetal ou animal representa um papel tão importante como o algodão na economia das sociedades modernas. Os tecidos de algodão existiram em todo o tempo na India.

Esta industria estendeu-se pouco a pouco pelas regiões visinhas, e acabou por chegar ás margens do Mediterraneo. Foi no século VIII ou IX da nossa éra que na Europa se começou a tecer o algodão, sendo os arabes os que construiram as primeiras fabricas, nas provincias meridionais da peninsula iberica.

Veiu depois a Italia, depois chegou a vez á Inglaterra, á França, e sucessivamente ás outras nações da Europa. Os inglezes fazem datar de 1357 a chegada ao seu paiz dos primeiros fardos de algodão.

Trez anos depois tecia-se ele em grande numero das suas povoações e hoje as suas numerosas fabricas consomem a terça parte do algodão que vem para a Europa.

Em França e noutros paizes da Europa só em principios do seculo XIX tomou serio desenvolvimento a tecelagem do algodão.

Napoleão, compositor musical

Parece que Napoleão I teve veleidades de compositor musical. Existe na biblioteca municipal de Leipzig um exemplar de «variações» para piano editadas no começo do século XIX, sob este titulo: «Marcha do general Bonaparte, variada e dedicada a madame Loeber».

Essa marcha, que se compõe de duas partes é em «fá» maior, com doze variações. A frase dominante é repetida dezasseis vezes, e o conjunto revela a inexperiencia do compositor.

A. G.

Questões Pedagogicas

Como os poetas amam as crianças

Os poetas amam as crianças. Os trovadores da Graça e Belleza cantam a Vida, e a criança é a Vida que desabrocha em toda a sua pulcritude e em todo o seu esplendor.

Guerra Junqueiro uma das cerebrações mais pujantes do Portugal de hoje num livro de contos singelos e maravilhosos, colhidos nas roças, por entre sementeiras, pastos, olivedos e amendoais em flor, escreveu estas linhas do mais puro belleza allucinante:

«A alma da criança é uma gota de leite com um raio de luz.

Transformar esse lampejo numa aurora, eis o problema.

A mão brutal do pedagogo aspero tocando nessa alma e como se tocasse numa rosa enodoa-a. Para educar as crianças é necessario amal-as.»

— Um outro portuguez ilustre, Gomes Leal, tambem escreveu alguma coisa sobre o problema da educação. Gomes Leal foi o formidavel «poeta satanico» de «O fim de um Mundo» e do «Anti-Cristo», fulgidos brilhantes do sumtuoso diadema literario portuguez. Eis o que disse o poeta revolucionario no prologo de «O fim de um Mundo», depois de passar em revista a questão dos religiões, a questão economica, a questão da terra, a questão do sufragio e a questão das raças:

Como, finalmente, resolver a questão fundamental do ensino?

Tornando obrigatorio a todo homem as noções sobre a terra; a sciencia da lavoura; depois, as sciencias industriaes, mas, mais que tudo, acima de tudo, como base transcendente e espiritual de tudo, a educação do sentimento e do coração.

E' esta base sincera, imaterial e amoravel, que escasseou sempre a este mundo dessorado, em que nós nos arrastamos, Palidos Europeus, carcomidos do tédio, torturados de egoismo, suarentos de desejos, macilentados de orgias... E' na educação da creança que está a báse e o cimento de todo o mundo novo a que anceiam as almas. Mas o que lhes cumpre ensinar? Não muitas sciencias profundas e complexas que, enchendo o cerebro só de formulas e teorias, deixam, as mais das vezes, o coração empedrado e vasio. Cumpre ensinar-lhes o amor do trabalho, o despreso das riquezas, o amor á vida simples, a bondade inoculada desde o berço, o horror da mentira sentimental e convencional e o desdem de todos os aparatos ornamentaes e triviaes, que nem elevam a alma, nem dilatam o coração.

Fará isto esta geração hypnotisada pelo Bezerro de Ouro, neste seculo que agora se abre, já que o não fez, á hora alta em que escrevo, no seculo que vai findar? Não é facil asseveral-o; por que muitas hecatombes de povos imolados entulharão o solo da Historia, antes que caiam, como a S. Paulo na jornada de Damasco, as escamas dos olhos destes homens de rapacidade, destes «esfomeados do Ouro». Por muito tempo ainda, como diz a Escritura, o cão voltará ao seu proprio vomito e o suino lavado a revolver-se e a fossar no seu enxurdeiro.

Os espiritos altos, preclaros e imateriais, enojados e descontentes destas torpesas, emigram para as solidões, para os retiros contemplativos tal e qual como os antigos Jeronymos fugiam para as Thebaidas, no tempo dos imperadores Juliano, Galerio ou dos Trinta Tyrannos. Assim tem feito hoje Spencer, Ibsen e Tolstoi. Os mais humildes, como nós, evitam a magica representação. E então o mundo, abandonado por estes espirituais cavaleiros do Cysne, fica entregue unicamente aos milhafres, que são os guerreiros, aos corvos, que são os politicos, os morcegos, que são os jesuitos, aos abutres, que são os argentarios, e as corujas, aos noitibós e aos mochos, que são os diplomatas que caçam na escuridão dos povos. São estes que fabricam os Sedans tão tragicos como chuési...»

SPORT

AUTOMOBILISMO

A corrida da Rampa da Pimenteira — A inscripção está aberta até ao dia 13 deste mez — Amadores e representantes de marcas

A [illegible] automobilista da «Rampa da Pimenteira» que o jornal «Os Sports» com a devida autorisação do Automovel Club de Portugal, vai realisar a 23 deste mez, é das provas de sport que mais tem interessado o nosso meio sportivo e mesmo a opinião publica. E' o caso explica-se: Para os sportmen, a corrida da «Rampa» é uma prova de grande interesse sob todos os pontos de vista, entre os nossos melhores volantes; para a opinião publica ha o valor dos carros concorrentes.

Deve portanto estar assegurado o exito da prova, tanto mais que «Os Sports» está cuidando da sua organisação por forma a não faltar nada. A direcção do A. C. P. tambem está interessada para que a corrida resulte, visto que aquela agremiação dirigente do Automobilismo em Portugal, patrocina e colabora na sua organisação.

No meio sportivo e mesmo intimamente, só se fala na «Rampa»; todos os representantes estão preparando os seus carros e os amadores que são em grande numero, teem feito os seus «treinos» com grande entusiasmo. Como favoritos da prova contaso Artur Mimoso, Heraldo Ribeiro, Sebastião Teles, Palma de Vilhena e outros.

A prova, não é apenas com[illegible], uma disputa de «marcas»; não, antes pelo contrario, o seu real valor está no volante.

Uma prova de 1500 metros em subida, com curvas dificilimas, como esta, representa uma disputa de competencias o que nos dará um espectaculo curioso, tanto mais que «Os Sports» que de nada se esqueceu colocaram em local apropriado cadeiras, onde o publico pode comodamente estar instalado.

As inscrições devem portanto ser em grande numero [illegible] ... poucos até agora se apressaram; esperam antes pelos ultimos dias. No dia 13 encerra-se [illegible]; é necessario observar que na sede do A. C. P. e na redacção de «Os Sports», serão entregues a quem as requisitar, boletins especiais, assim como o regulamento impresso.

Sobre premios já temos falado, pois alem das duas magnificas taças «Taça Goodyear» e «Taça S. E. V.» «Os Sports» concede medalhas e diplomas em todos categorias.

Resta-nos pois chamar a atenção dos automobilistas nacionais a prestarem o seu concurso nesta importante prova, que já em 191[illegible] [illegible] brilhante e quer pelo [illegible] dos inscritos.

Comité Olimpico Portuguez

Recebemos o seguinte comunicado:

«Na reunião realizada em 8 de Abril, por iniciativa das Federações Portuguesas de Sports Atleticos e Box, depois de expostos pelos seus promotores os seus pontos de vista, que foram unanimemente aprovados pelos representantes das Federações de Foot-Ball, Tiro, Velocipedia e bem assim pelos srs. Prestes Salgueiro e Eliseu de Carvalho, membros do extinto «comité», foi resolvido:

1.º — Assentar na Constituição do Comité Olimpico Portuguès, formado por um representante de cada um dos sports, eleitos pelas Federações sportivas respectivas, e presidido por uma individualidade estranha ás Federações, eleita pelos membros do «comité».

2.º—Marcar uma nova reunião para o dia 20 do corrente, para a qual serão convidadas todas as Federações, a quem será solicitada a nomeação do seu delegado definitivo.

3.º—Com o fim de resolver a representação daqueles sports em que não existem Federações constituidas, oficiar á Sociedade Hipica Portuguesa, Ginasio Club Português, Club de Law-Tennis de Santa Marta e ao esgrimista sr. Manuel Queiroz, membro do «comité» extinto, rogando-lhes se dignem proceder ás «démarches» que julguem convenientes para que a proxima reunião sejam enviados os delegados, respectivamente, representantes de hipismo, luta, atletico, «tennis» e esgrima.

4.º—Dar conhecimento aos jornais de todas as medidas tomadas para a Constituição do Comité Olimpico Português.»

NOTICIARIO

INICIAM-SE AMANHÃ, EM PALHAVÃ, OS JOGOS INTERNACIONAIS

Chegaram ontem á noite, a esta cidade, os «players» do club campeão da Galiza «Real Fortuna de Vigo», que amanhã, pelas 16 horas, em Palhavã, faz o seu primeiro match tendo como adversario o Imperio Lisboa Club.

O Fortuna, semi-finalista do campeonato da sua região na presente temporada sem sofrer derrotas nem empates, traz 15 homens todos de primeira categoria alguns dos quais internacionais.

Os homens que veem defender as cores do campeão da Galiza são:

Lilo, keeper; Reigosa e Clemente, backs; Balbino (jogou ultimamente contra a equipa de Portugal), Cortoos, half-back; Salvado, Posada, Polo (cap.) (inter.) Bachmam, Caride, Correa, Oscar e Pinilla (inter.).

Alem do desafio de amanhã, o Fortuna joga mais os seguintes: no domingo, com um team mixto Casa Pia-Imperio, em Palhavã, na terça feira, com o Victoria F. C. de Setubal, em Palhavã; e no dia 13, com o team inglez «Oxford City», no Stadium.

CAMPEONATO DE PESOS E ALTERES

A Direcção do Ginasio Club Português, resolveu de acordo com os Clubs concorrentes a esta prova adiar a realisação do Campeonato para o mez de Julho proximo. O regulamento vae ser revisto pelos mesmos Clubs afim de o melhorar e actualisar.

O Jury para este Campeonato deverá ser constituido, alem dos delegados dos Clubs concorrentes, presidente Manuel da Silveira, arbitros os Cezar de Melo e Francisco de Serpa Pimentel. A Direcção está tratando de conseguir que a este Campeonato venham os vencedores da prova de pesos e alteres realisada no Porto, afim de despertar um maior interesse.

Toda a correspondencia relativa a esta secção e bilhetes de entrada para campos sportivos deve ser dirigida ao redactor sportivo.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

TOMBUCTÚ

por GUY DE MAUPASSANT

O *boulevard*, esse rio de vida, formigava na poeira de oiro do sol poente. Todo o ceu se achava vermelho, deslumbrante; e, por detraz da Magadlena, uma imensa nevoa chamejante lançava em toda a avenida um como que obliquo aguaceiro de fogo, vibrante como um brazeiro.

A multidão alegre, palpitante, ia, sob aquela bruma inflamada, como uma apoteose. Os rostos iam doirados; os chapeus negros e os fatos tinham reflexos de purpura; o verniz do calçado lançava chamas sobre o asfalto dos passeios.

Diante dos cafés, uma chusma de homens bebia bebidas brilhantes e coloridas, que dir-se-iam pedras preciosas fundidas no cristal.

No meio dos consumidores de fatos leves mais escuros, dois oficiais em grande uniforme atraiam todos os olhares com o brilho dos seus doirados.

Conversavam, alegres sem motivo, nessa gloria de vida, nesse brilho radioso da tarde; e olhavam a multidão, os homens vagarosos e as mulheres apressadas, que deixavam após elas um cheiro intenso e perturbador.

De repente, um enorme preto, vestido tambem de preto, pançudo, enfeitado de berloques, destacando-se sobre um colete de brim, a face luzidia como se estivesse encerada, passou por diante deles com ar triunfante. Ele ria para os transeuntes, ria para os vendedores de jornais, ria para o ceu brilhante, ria para todo o Paris. Era tão alto, que a sua cabeça sobrepujava todas as outras; e, por detraz dele, todos os basbaques se voltavam para o contemplar, de costas.

Mas, de repente, ele viu os oficiais e, encalhando com os assistentes, precipitou-se para eles. Logo que chegou diante da mesa a que eles estavam, plantou nos deles os seus olhos deslumbrados, e os cantos da boca subiram-lhe até ás orelhas, descobrindo os seus dentes brancos, claros como um crescente de lua num ceu negro. Os dois homens, estupefactos, contemplavam aquele gigante de ebano, sem compreenderem nada da sua alegria.

E ele exclamou, numa voz que fez rir os assistentes de todas as mesas:

— Bom dia, meu lugar tenente.

Um dos oficiais era comandante de batalhão; o outro coronel. O primeiro disse:

— Eu não o conheço, senhor; ignoro o que deseja da minha pessoa.

O negro tornou:

— Eu estimava muito a ti, lugar tenente Vedié, em cerco Bézi, muita uva, buscava mim.

O oficial, cada vez mais passado, olhava fixamente para aquele homem, rebuscando, no fundo das suas recordações; mas, bruscamente, exclamou:

— Tombuctú?

O negro, radiante, bateu uma palmada na sua coxa, soltou um riso de uma inverosimilhante violencia e tartamudeou:

— Si, si, ya, meu lugar tenente conhece Tombuctú, ya, bom dia.

O comandante estendeu-lhe a mão, rindo tambem com toda a sua alma. Então, Tombuctú poz-se sério. Pegou na mão do oficial e, tão rapidamente, que ele não teve tempo de o evitar, beijou-lha, segundo o costume negro e arabe. Confundido, o militar disse-lhe em voz severa:

— Vamos, Tombuctú, nós não estamos na Africa. Senta-te e dize-me como é que te encontras aqui.

Tombuctú dilatou o ventre e, gaguejando, tanta era a pressa com que falava:

— Ganhado muito dinheiro, muito, grande estaurante, bom comida, Prussianos, e roubado muito eu, muito cozinha fraceza. Tombuctú cosinheiro do Imperador, duzentos mil francos a mim. Ah! ah! ah! ah!

E ria, torcendo-se, roncando com uma grande loucura de riso que lhe transluzia no olhar.

O oficial, que compreendia bem a sua esranha linguagem, depois de o interrogar algum tempo, disse:

— Muito bem, até mais ver, Tombuctú; até logo.

O negro leantou-se de repente, apertou, desta vez, a mão que lhe estendiam e, rindo sempre, exclamou:

— Bom dia, bom dia, meu lugar tenente!

E foi-se, tão contente, que até gesticulava ao mesmo tempo que caminhava, de modo que o podiam tomar por doido.

O coronel preguntou:

— Quem é este bruto?

O comandante respondeu:

— E' um rapaz muito bravo e um bravo soldado. Vou contar-lhe o que sei a seu respeito; é muito divertido.

* * *

Como sabe, nos começos da guerra de 1870 fui encurralado em Béziers, a que aquele negro chama Bézi. Não estavamos cercados, mas bloqueados. As linhas prussianas rodeavam-nos por todos os lados, fora do alcance dos canhões, não atirando sobre nós, mas reduzindo-nos, pouco a pouco, pela fome.

Eu era então tenente. A nossa guarnição era composta de tropas de toda a especie, farrapos de regimentos fragmentados, desertores, maraus que haviam sido separados dos corpos do exercito.

Tinhamos de tudo, enfim, até onze turcos chegados uma noite, não se sabia como, nem por onde. Haviam-se apresentado ás portas da cidade, estafados, esguedelhados, esfomeados e esqualidos. Deram-nos a mim.

Não tardei a conhecer que eram rebeldes a toda a disciplina, sempre fora e sempre embriagados. Tentei corrigi-los pela detenção na caserna e até mesmo na prisão e nada consegui. Os meus homens desapareciam durante dias inteiros, como se se enterrassem pela terra dentro, depois reapareciam a cair de bebedos. Não possuiam dinheiro. Onde bebiam? Como e com quê?

Começava o caso a intrigar-me vivamente, tanto mais que aqueles selvagens interessavam-me pelo seu riso eterno e o seu caracter de crianças grandes e traquinas.

Percebi, dentro em pouco, que eles obedeciam cegamente ao maior de todos, aquele preto que ha pouco vimos. Ele governava-os a seu bel prazer, preparando as suas misteriosas empresas como chefe todo poderoso e incontestado. Chamei-o a minha casa e interroguei-o. A nossa conversação durou boas três horas, tanto era o custo que eu tinha em perceber a sua impenetravel aravia. Quanto a ele, o pobre diabo, fazia esforços inauditos para ser compreendido, inventava palavras, gesticulava, suava, limpava a testa, parava e tornava a falar bruscamente, quando julgava ter encontrado uma nova maneira de se explicar.

Adivinhei, enfim, que ele era filho de um grande chefe, de uma especie de rei negro das cercanias de Tombuctú. Preguntei-lhe o seu nome. Respondeu-me qualquer coisa assim como Chavaharibuhalikhranafotapolara. Pareceu-me mais simples dar-lhe o nome do seu paiz: «Tombuctú». E oito dias depois, toda a guarnição não o tratava de outra forma.

Mas eu tinha uma curiosidade enorme em saber onde aquele ex-principe africano encontrava de beber. Descobri isso de uma maneira singular.

Achava-me uma manhã sobre as muralhas, observando o horizonte, quando divisei numa vinha qualquer coisa que remexia.

Era chegado o tempo das vindimas, as uvas achavam-se maduras, mas eu não pensava em nada disso. Pensei que um espião se aproximava da cidade e organisei uma expedição completa para agarrar quem se aventurava a expiar. Eu proprio assumi o comando, depois de ter obtido autorização do general. Fiz sair, por três portas diferentes, três pequenos grupos, que deviam reunir-se perto da vinha suspeita e cercal-a. Para cortar a retirada ao espião, uma dessas divisões tinha de fazer uma marcha de uma hora pelo menos. Um homem, que ficara em observação sobre as muralhas, indicou-me por sinais que a criatura que eu vira não saira do campo. Iamos em grande silencio, de rastos, quasi deitados nos carreiros. Enfim chegámos ao ponto desejado; desdobro de repente os meus soldados, que se atiram á vinha, e encontram... Tombuctú viajando de gatas por entre as cepas e comendo uvas, ou antes abocando a uva, como um cão que come a sua sopa, a plena boca, arrancando os cachos ás dentadas.

(Conclue amanhã)

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremos, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 23 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Teto, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Banco Colonial Português

Séde:—Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor
RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires nº 16
Armazens — Poço do Bispo, nº 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º — Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamolos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias
Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.
Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores
Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas
Badal & C.º Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte
Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios
Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque
Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4048 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 8 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A nova gréve

Decretada pela União dos Sindicatos Operarios ha dois dias, a greve geral do proletariado portuguez reduz-se a duas ou trez classes, em Lisboa, e, fóra de Lisboa, apenas teve repercursao em dois ou trez pontos do paiz. Se ha quem deva atentar neste facto, são os dirigentes operarios. Na realidade, o protesto que se está acentuando é contra eles e não contra as entidades que se procurou atingir e a sociedade que se pretendeu perturbar.

Não ha possibilidade de iludir esta constatação. Ao lado da União dos Sindicatos Operarios, ao lado da Confederação Geral do Trabalho, que promoveram ou aprovaram este movimento, estão apenas centenas de operarios, pertencentes a algumas classes trabalhadoras, poucas, e nas quais não ha unanimidade de pensamento, porque não se manifestam todos os seus elementos. Contra a pretensão desses organismos sindicalistas estão dezenas e dezenas de milhares de trabalhadores, espalhados por todo o paiz; estão centenas de classes nas quais nem um só homem aderiu ao movimento. Parece-nos que esta lição é clara, e tudo indica que será fecunda.

A verdade é que não é só o paiz que está farto de continuas greves. São os proprios operarios que já não toleram a tirania que sobre eles se pretende exercer, obrigando-os á «chomage» a toda a hora e sob todos os pretextos. Esses trabalhadores veem que até se procura tornal-nos vitimas uns dos outros. E' muitas vezes contra camaradas que se arremessam bombas, e a greve que interessa uma classe, sacrifica muitas vezes, e com justificação suficiente, os interesses de outras classes.

A reacção tinha de a dar. O fracasso da gréve dos electricos marca o inicio dessa reacção. O abandono a que é votada a gréve geral, decretada pelos «meneurs» revolucionarios marca a segunda, e esta é muito mais importante porque representa uma sanção de todo o proletariado nacional.

De hoje em diante, não ha o direito de afirmar que todo o operariado está ao lado do sindicalismo militante.

Pelo contrario, repele-o, repudia-o, abandona-o. Dentro em pouco a tirania sindicalista não passará dum pesadelo para o operariado trabalhador e consciente.

Coisas da religião

Estão muito adiantadas, segundo se diz, as negociações para uma concordata entre a Santa Sé e o Governo Portuguez

Em certos meios politico-religiosos, dá-se como certo que, por iniciativa do Vaticano, foram ha tempos iniciadas e estão bastante adiantadas as negociações para se firmaruma Concordata entre a Santa Sé e o Governo portuguez. A visita que o sr. dr. Pedro Martins, ministro em Roma, fez, muito recentemente, a Lisboa, teria o objectivo principal de receber instruções detalhadas, que lhe permitam proseguir nos trabalhos em marcha.

Pelo novo regimen concordatario, certas dificuldades, provocadas pela execução rigida da lei da separação das Egrejas e do Estado, seriam consideravelmente diluidas, aproximando o "modus-vivendi" daquele que é seguido em França, com aprazimento dos catolicos e dos que o não são.

A Concordata, se fôr a final, será assinada "ad referendum" do Parlamento.

Os mestres na medicina

A BARAFUNDA...

OS EVANGELISTAS E AS LEIS 1040 E 1244

Pretende-se fazer sahir rapidamente uma Ordem do Exercito para dificultar a discussão do projecto de lei do senador Aragão e Brito

O projecto de lei do senador Aragão e Brito, sobre a barafunda criada no Exercito pelas leis 1040 e 1244, e que ontem «A Capital» publicou na integra, foi de facto apresentado ontem no Senado por aquele ilustre senador.

Sucede porem que se aproximam as ferias parlamentares da Pascoa e só na primeira sessão, depois delas, é que o projecto é remetido á comissão de guerra encarregado do parecer, para depois ser discutido em Camaras.

Os ilustres Evangelistas sabem isso tudo e já lavra grande movimento entre os «caçadores de vagas» que pretendem reeditar o mesmo caso que foi aplicado á lei do «diluvio dos coroneis»: Fazer sair quanto antes a ordem do Exercito com as reformas e demissões motivadas pela lei 1244, antes do projecto de lei do sr. Aragão e Brito ser discutido no Senado.

Compreendem-se claramente estes designios. Com a Ordem do Exercito publicada, surgem logo vagas em torrente, os «caçadores» chamam-lhes um figo e o novo projecto—o mais logico, justo e racional de quantos até aqui tem aparecido—encontra depois dificuldades grandes na sua execução caso seja aprovado como de resto esperamos que o seja para honra e dignidade do Exercito.

Sabemos pela experiencia de factos passados que os interessados defensores das leis 1040 e 1244 hão de fazer «tudo» para pôrem a Ordem do Exercito na rua. Conhecemos-lhe os processos, os subornos, as intrigas, os meios suasorios de que se servem para obter o resultado que pretendem. Mas sabemos tambem que existem um ministro da Guerra e um presidente do Conselho e a eles nos dirijimos, deles chamamos a sua atenção para este estupendo caso. Um projecto de lei legalmente apresentado vai ser discutido. Não existe pois o direito de se coartarem as intenções do legislador atropelando disposições que podem dum momento para o outro serem declaradas irritas e nulas. Por motivos de muito menor peso do que este, tem sido inumeras vezes suspensa a publicação da Ordem do Exercito. Nem ha rasões que force a publicar de afogadilho uma lei—e os seus efeitos—sabendo-se de mais a mais de antemão que essa lei ha-de fatalmente, mais tarde ou mais cedo, ser revogada.

Basta de ilegalidades. E' necessario pôr um dique á ambição dos «Evangelistas» que desprestigia o paiz, ridiculisa o Exercito e produz em toda a nação a mais lamentavel, a mais desoladora das impressões. Se não forem ainda suficientes os casos que ontem «A Capital» apresentou, muitos outros, duzias deles temos ainda. E para que os maravilhosos efeitos sejam devidamente apreciados, com pachorra, com deleite, com sibaritismo—mais um punhado delas por hoje:

—

Os capitães Piçarra e Novais pertenciam á Guarda Republicana do Porto. Tomaram parte na proclamação da Monarquia. Quando do restabelecimento da Republica foram-lhe levantados autos—que «foram arquivados». Nunca ninguem os incomodou. Um está actualmente no Ministerio da Guerra e outro arregimentado na Figueira da Foz.

—

O tenente-coronel Nunes d'Abreu estava no Estado Maior e em virtude da Ordem da Junta Governativa fez a sua declaração de acatamento ao novo estado de coisas como de resto o fizeram centenas de individuos. A sua declaração «foi o unico delicto cometido» mas como não fez desaparecer mais tarde a sua declaração, «como tantos outros o fizeram», foi punido com 4 mezes de inactividade e pela lei 1244 é reformado!

—

O capitão Napoleão, da administração militar estava na Povoa de Varzim onde era tambem professor oficial. Nesta dupla qualidade fez «duas declarações por escrito», reconheceu duplamente a monarquia. E' justo que estas declarações estejam juntas ao seu processo, «nada sofreu» e é oficial de confiança!

—

O tenente Figueiras era chefe de banda da Guarda Republicana no Porto ao tempo de Paiva Couceiro. O «seu crime» foi cumprir as ordens do seu comandante continuando a reger a banda. Este «terrivel» desacato foi punido com trez meses de inatividade e vai agora ser reformado!

—

E prometemos continuar... Havemos de continuar atirando ás mãos cheias as provas de maior iniquidade, da maior inepcia que em todos os tempos se tem feito no Exercito.

E querem ainda os cegos «Evangelistas» persistir na sua obra de rancor e de odio para se promoverem a si proprios. Não é provavel que o consigam. Mas se assim fôr não será sem o nosso protesto, sem o nosso veemente grito de protesto.

VISIONARIOS...

Fracassaram as negociações para a fusão de manuelistas e integralistas

Extratamos do "Primeiro de Janeiro", do Porto:

Ao que se afirma, manuelistas e integralistas não chegam a acordo para a aproximação das duas correntes monarquicas.

Parece que D. Manuel respondeu ao sr. Aires de Ornelas, que com ele se foi encontrar a Cannes, que, sendo rei constitucional, impossibilitado está de aceitar os principios integralistas e nesse caso impossivel é nomear seu herdeiro D. Duarte Nuno.

Tambem dizem ter-se recusado a vir para Espanha dirigir a politica monarquica do seu paiz, aconselhando mais uma vez a luta legal para a conquista do regimen deposto.

Esta resposta, a ser verdadeira, deve indignar muitos dos monarquicos tanto mais que algumas das figuras mais proeminentes da causa, empenhavam-se pelo acordo, entre eles Paiva Couceiro e D. Luiz de Castro.

As nossas informações não estão de absoluto acordo com a noticia transcrita. O pretendente D. Manuel mostra-se irredutivel na questão da sucessão a favor do pretendente D. Nuno, condição imposta "sine qua non", pelos integralistas; se estes não cederem neste ponto essencial, todos os outros ficam prejudicados. Se o sr. D. Manuel visse continuada a sua dinastia num filho varão, as coisas mudavam de face. E' natural que, mais tarde ou mais cedo, isso venha a acontecer.

A conferencia de Genova

A pequena «entente», formará um bloco

PARIS, 8 — Os governos da Pequena Entente resolveram formar um bloco na Conferencia de Genova, para evitar que as grandes potencias intervenham na sua independencia economica e financeira. Houve perfeito acordo entre os delegados que assistiram á conferencia onde se tomou esta resolução, estando representadas a Romania, Yugo-Slavia, Hungria, Austria e Bulgaria. — (R.).

Lloyd George conferenciou com Poincaré

LONDRES, 8 — Lloyd George teve uma curta conferencia em Paris, na propria carruagem do caminho de ferro, com Poincaré e Barthou. — (R.).

A situação na Irlanda

Mais tumultos

LONDRES, 8 — Grandes bandos de homens armados fizeram um audacioso *raid* á alfandega de Dublin. Lançaram bombas nos armazens, destruindo grandes quantidades de *Whisky* e aguardente. O *comité* de *boycottage* de Belfast diz que foram destruidos neste *raid* mais de 6.000 cascos, avaliados em algumas centenas de milhar de libras. — (R.).

O Brasil de ontem e o Brasil de hoje

O seu passado de gloria e o seu futuro de grandesa.—O que ácerca dum e doutro nos disse o sr. dr. Antonio Ferrão

Começam ámanhã, na Universidade Livre, as conferencias que o sr. dr. Antonio Ferrão vai efectuar ácerca da historia do Brazil.

E' a primeira vez—parece nos—que tão palpitante assunto é, entre nós, tratado duma maneira fundamentada e metodica. Os trabalhos que o conferente tem publicado — e aos quais o critico literario deste jornal sempre se tem referido com os maiores louvores—e o sumario das conferencias, que está impresso, deixam prever a importancia desse estudo e bem justificam o interesse que ele está despertando. Por isso, fomos ouvir o sr. dr. Antonio Ferrão. E' num gabinete de trabalhos da, por tantos titulos ilustre, Academia das Sciencias de Lisboa que o fomos encontrar entregue aos seus trabalhos do costume, sempre na ambição querida de esclarecer o passado portuguez, sempre no anceio bemdito de dignificar os homens e factos da nossa historia. Posto ao facto dos nossos desejos procura desviar-nos do intento de o intervistar e numa conversa afavel e despretenciosa, vem pois, e pro nós—como diz—vai-nos falando da historia do Brazil, cheio de entusiasmo—mas daquele entusiasmo comedido e sereno que é apanagio dos temperamentos disciplinados, das inteligencias metodicas.

O Brazil colonial foi o producto do nosso sobre-esforço intemerato, o Brazil de hoje é cada vez mais um titulo de gloria e uma razão de ser de orgulho da raça portuguesa, isto é, da raça luso-brasileira

«Os meus intuitos—diz-nos o ilustre Academico—ao ir tratar da historia do Brazil são geralmente de pura valgarisação, e digo geralmente porque uma ou outra vez sobre um ou outro facto em volta dessa historia apresentarei juizos e idéas pessoais, separando-me do que teem escrito Virnhagens, Pereira da Silva, Southey, Melo Morais, Relka Pombo, João Ribeiro e outros, quer devido a manuscritos que agora tenho encontrado e que esses eminentes historiadores não conheceram, que pelo criterio interpretativo dos sentimentos que as modernas teorias da historia exigem que seja global, integral, não podendo, nem devendo, ser exclusivamente politico — como entendia Ranke e a sua escola, nem singularmente, materialista ou economico—como defendia Karl Morx.

«Assim, estas conferencias irão ter um ou outro aspecto de criação scientifica e de originalidade, especialmente quando se referir ás excursões dos «brandeirantes» de S. Paulo pelo interior; o revoltado Maranhão, em 1684-1685, á luta dos «ambroabas», em 1705; á guerra aos «mascats» em 1710 1711; e á conjuração mineira de 1785-1792, etc. Tambem, algumas coisas de novo irei dizer—parece-me—acerca da administração do Brazil durante o periodo pombalino, e sobre a separação dos dois paizes em 1822.

«Porem, um dos principais intuitos destas conferencias é vulgarisar a historia do Brasil. Esta é quasi inteiramente desconhecida entre nós. E é pena que tal suceda. O Brasil colonial foi o producto do nosso sobre-esforço intemerato, o Brasil de hoje é cada vez mais um titulo de gloria e nossa rasão do ser do orgulho da raça portuguesa, isto é, da raça luso-brasileira.

A aproximação de Portugal com o Brasil. O nativismo não teve a importancia que se lhe tem atribuido. Os principais historiadores brasileiros exaltam a obra colonisadora de Portugal e amam o nosso paiz.

«Um dos principais objectivos destas conferencias é colaborar com aqueles que — como Julio Bastos, João de Barros e Malheiro Dias, para só falar dos mais ilustres—tanto se teem interessado por uma aproximação pratica e efectiva entre as duas nações da mesma raça e da mesma lingua. Esse trabalho de aproximação deve cada vez mais ser feito numa completa fé de egualdade, e sempre com muita sinceridade. E' essencial que do espirito do vulgo desapareçam as ideias que se ligam á palavra «brasileira».

Para uns o «brasileiro» é um nababo diante do qual o portuguez sem vintem e pelintra se põe de joelhos ou, pelo menos, de cocoras; para outros o «brasileiro» é um papalvo que o espertalhão europeu explora e troça. Ora, nem uma nem outra cousa. Quem quiser trabalhar nessa cruzada bemdita de aproximação luso-brasileira deve faze-lo sinceramente, desinteressadamente, honestamente. O egoismo do industrial ou comerciante que quer colocar no Brazil os seus produtos ou o do escritor que lá quere vender os seus livros deve ser recambiado para os objectivos mais remotos para só cuidar do fim «espiritual, ideal», dessa aproximação. O resto vem depois.

E' necessario, primeiro que tudo, agir de fórma que desapareça, por parte dos brazileiros, a mais leve sombra de desconfiança a nosso respeito, e isso será tanto mais um facto quanto mais sinceros, desinteressados, elevados «ideais» forem as objectivos dessa obra de aproximação e quanto mais inteligentes se apresentarem os metodos e processos de ela ser realisada.

«Quanto ao nativismo, devo dizer-lhe que, em minha opinião, ele não tem importancia porque lhe falta o principal motor: o do coração brasileiro, o da alma colectiva brasileira—que é muito nossa amiga, nossa afin, nossa irmã querida. E para prova ahi está o que se passa com os historiadores brasileiros. Por toda a parte os historiadores são conservadores, naturalmente tradicionalistas, porque se a função fez o orgão não é de admirar que a natureza especial do trabalho, o metier, faça o trabalhador. Ora o historiador é, logicamente pela indole particular dos seus estudos um nacionalista, e até um pan-nacionalista, pois quem percorrer os volumes da «Revista do Instituto Historico e Geografico Brazileiro» publicados em 1915, com as teses do primeiro Congresso de Historia Nacional do Brazil, onde figura o que esse belo paiz tem de mais notavel na historiografia e na erudição, não encontra a mais simples afirmativa desprimorosa para o nosso paiz, antes desde o discurso inaugural do eminente conde de Afonso Celso até ás teses da ultima secção—a da Historia Literaria e das artes—é sempre com respeito, e muitas vezes com exaltada admiração, que esses historiadores e esses eruditos se referem á obra de colonisação. Quanto á magnifica «Historia do Brazil» de Rocha Pombo quem ler os primeiros sete volumes não pode deixar de sentir uma funda admiração não só pela grande erudição do autor como pela forma elevada, e muitas vezes entusiasticas, como ele se refere ao nosso paiz, á raça portugueza, á obra colonisadora de Portugal.

Por isso nenhum receio tenho das campanhas nativistas no Brazil. O nome de Portugal tem por si os mais altos espiritos de cultura brazileira, tem a defendel-o os guardas supremos da tradição do paiz: os historiadores e os eruditos do Brazil. Ao ir abrir deste lado do Atlantico o meu modesto curso de historiador da nação irmã por intermedio de «A Capital» lhes ofereço as minhas homenagens, lhes dedico as minhas saudações».

UMA NOTICIA

O governo teve conhecimento de que está em Lisboa um agente provocador de desurdens sociais

Ou porque isso lhe fosse comunicado pela policia internacional ou por qualquer outra via, é positivo que o Governo teve denuncia de que deve estar em Lisboa um agente revolucionario estrangeiro, encarregado da missão de provocar desordens, manejando, para esse fim, grossas quantias. A policia procura-o e parece ter a certeza de o encontrar, muito brevemente.

Sabe-se, além disso, que o agente provocador devia encontrar-se, em Lisboa, com alguem, que se supõe ter categoria politica.

Como não desejamos embaraçar a acção policial limitamo-nos a dar a noticia, sem mais detalhados pormenores.

A Semana Artistica

No Palacio de Barata Salgueiro:

A recente exposição — Os novos e os velhos

Na Ilustração Portugueza: Antonio Soares, pintor de mulheres

Na Bobone: João Vaz e as suas maravilhas — Algumas impressões de Veneza e Florença

Uma gripe importuna impediu que eu me ocupasse, no ultimo sabado, das duas exposições recentemente abertas então, no Palacio de Barata Salgueiro e no salão da *Ilustração Portuguesa*. Só hoje lhes posso falar delas — e da exposição João Vaz, que vi ontem — pela ordem por que as visitei. A exposição de Barata Salgueiro é interessante. Incontestavelmente melhor que a do ano passado. Ha muitas caras novas. Dos velhos: Columbano e Salgado. Dos moços artistas, com talento, alguns nomes conhecidos já e que agora se afirmam com mais brilho, com mais nitidez, com mais frescura. Achei curioso um retrato de senhora, de Columbano, que me lembrou os melhores retratos do mestre: Veloso Salgado apresenta-nos dois quadros manifestamente inferiores ao seu talento, que eu admiro tanto: Martinho da Fonseca, esplendido nas suas sanguineas, nas suas pinturas de mulheres, nos seus deliciosos ramos de lirios; Alves de Sá, digno de vêr-se: Almeida e Silva, interessante: Alfredo Morais, que eu me permito destacar, com uma aguarela deliciosa, um aspecto de lezíria, cheia de luz, de movimento, de côr: Alves Cardoso, uma pequenina casa de aldeia, muito velha, florindo ao sol: Frederico Aires, progressivo, um retrato de senhora, que me impressionou: Martins Barata, a quem se abriram já, em plena mocidade, as portas do triunfo, algumas paisagens: Leitão de Barros, que eu admiro tanto como pintor — e agora iluminando o *hall*, a escultura: Francisco Santos, um *Busto de criança*..., [illegible] Julio Vaz Junior, uma grande esperança; Simões de Almeida Sobrinho, um *Riso*, uma obra prima, que eu observei, encantado, enquanto uma luz macia de fim de tarde ondulava, palpitava á minha volta, como uma névoa...

* * *

A exposição de Antonio Soares, moço pintor, que o grande publico ainda não conhece bem, mas que é incontestavelmente muito interessante, apresenta-se, pela primeira vez, creio eu, nos olhos de Lisboa. Antonio Soares é um novo — e, como todos os novos que começam, sente-se-lhe, através toda a galeria, o vivo desejo de nos desconcertar pelos processos. A exposição de Antonio Soares é um ataque de nervos de um rapaz cheio de talento. Que ha de triunfar amanhã? Certamente. Os seus quadros não nos deixam levantar uma duvida, a êsse respeito. Antonio Soares pinta, sobretudo, mulheres. As suas telas são as suas opiniões sobre essas pequeninas bonecas que riem, que choram, que amam, que dizem papá, mamã e *mon cheri*, mas que, felizmente, não são, apesar de tudo, tão feias como Antonio Soares as pinta. Ha, entretanto, uma *mascara* de mulher que me encantou e uma cabeça de criança que me seduziu, pela côr e pela vaga atmosfera de carinhosa ternura, de deliciosa vivacidade, que a circunda...

* * *

No pequenino salão *Bobone*, espécie de caixa de amendoas, onde a arte dá quasi todas as tardes *rendez-vous*, ha muito que uma exposição me não interessa tanto — talvez porque eu adoro o mar e porque João Vaz pinta amorosamente o mar que eu adoro. Tem quadros interessantissimos, onde, na transparencia da luz, na suavidade dos tons, na tranquilidade aparente da sua técnica, consegue maravilhas. *Albergaria das Oleiras*, *Rochedos da Praia da Rocha*, o *Portal do Mosteiro de Jesus* em Setubal, *Rio de Portimão*, *Tarde melancolica*, e nos seus apontamentos de Italia — Florença, Veneza e Roma — onde dir-se-ia passar, no ceu em névoa, em sonho, em deslumbramento, em glória, nas sombras coloridas, os espectros palpitantes de Pierrot e Colombina, de Pierrette e de Arlequin...

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARAES

POR MOÇAMBIQUE

O problema da navegação, encarado pelo nosso colega "A Patria"

Mas... o descalabro dos T. M. E. não pode reeditar-se

A questão dos T. M. E. é ainda, pelas cosnequencias de uma administração inconveniente, a grande questão da actualidade. O problema da sua exploração é apresentado sob formulas as mais diversas, não sendo a de menor interêsse a que se refere ao restabelecimento das carreiras entre a metropole e as colonias e, complementarmente, a organização dos serviços de cabotagem nas duas grandes provincias ultramarinas de Angola e Moçambique.

Dedica o nosso colega «A Patria», sob o titulo «Moçambique e a Navegação», um extenso artigo a tão importante problema e produz afirmações que, com a devida consideração, diremos que são menos exactas algumas e outras não têm toda a latitude de significado que comportam.

Por exemplo: — nos dois primeiros periodos adverte-nos o articulista do grave perigo de desnacionalização que ameaça Moçambique pelo contacto permanente dos grandes navios de companhias estrangeiras.

E' uma grande verdade que o perigo de desnacionalização recrudesceu com a intensificação das carreiras de navegação estrangeira. Causa e efeitos estão bem vincados no artigo do nosso colega. Mas, em o terceiro periodo, refere-se ao projectado arrendamento do porto e Caminhos de Ferro de Lourenço Marques pela União Sul-Africana, afirmando *que alguem com a devida categoria fôra propôr (o arrendamento) ao ultimo governador geral.*

Aqui ha inexactidão, e grossa.

1.º — O agente da União que apareceu em Lourenço Marques não é tal, como se afirma, pessoa *com a devida categoria*;

2.º — Esse homem foi considerado, pelo ultimo governador geral, como um agente provocador e foi posto na fronteira;

3.º — Esse homem não se atreveu a fazer a proposta ao ultimo governador geral, mas êste, sabendo por participação de um português muito digno e que em Lourenço Marques reside ha anos, revelando-se uma grande competencia e um homem de rara iniciativa — o sr. Adriano Maia — combinou um encontro com o tal agente, no palacio do Governo, e na presença de testemunhas categorizadas, para que o Governo ouvisse de viva voz os planos de que o homensinho era executor. Toda a gente em Lourenço Marques sabe que o resultado dessa entrevista foi ser expulso do palacio o homem, que trazia comsigo um largo crédito de 500 mil libras *para fazer opinião* em favor do arrendamento do porto á União Sul-Africana.

Mas não foi só expulso do palacio do Governo, foi posto imediatamente na fronteira.

O Governador sr. Moreira da Fonseca ordena que se procedesse a um inquerito e este foi enviado ao Ministerio das Colonias.

Assim está certo, e é correcto.

De outra forma podia supor-se que a desvergonha e falta de tacto publico chegaram em Moçambique ao extremo de um Governador Geral ouvir complacentemente uma proposta vexatoria. Não, a tanto não se chegou, nem era possivel chegar-se. Fica portanto esclarecido o caso, por amor á verdade e ao decoro.

* * *

Quanto ao resto do artigo—ou seja a parte essencial—as considerações são oportunas e verdadeiras.

Que a infiltração das companhias estrangeiras nos coloca na situação de estranhos na nossa propria casa, e que, consequentemente, a nossa soberania vai esmorecendo—são grandes e incontestaveis verdades.

Torna-se necessario estabelecer um

contacto permanente com a colonia de Moçambique, precisamente a mais cubiçada pelos nossos visinhos, os quais não contentes ainda com a faculdade de dispersá-a son aissa da mão de obra indigena, que nos é indispensavel para a valorisação dos districtos do sul, impedindo-nos assim de afirmar a nossa competencia se entregam agora á tarefa da concorrencia maxima no campo comercial, lançando-nos a sua frota mercante intensivamente nos portos de Moçambique, para arrebatarem não só o comercio dos grandes portos mas tambem o comercio costeiro.

A metropole, que ainda dispõe de uma frota mercante susceptivel de valorisação, suficiente para se tornar com uma organisação administrativa modelar um grande factor de riqueza não pode perder o contacto directo com as colonias.

Para tanto—o qualquer que seja o sacrificio que importe—devemos subsidiar a navegação de longo curso.

O que é preciso é evitar que a futura exploração das carreiras maritimas nos atire para o d.scalabro a que nos conduziram os T. M. E.

Mas todas estas considerações são elementares, axiomaticas, o merecem desde logo, desde o seu enunciado, o consenso do publico o muito especialmente dos que se dedicam aos assuntos coloniais.

Alguma coisa mais é preciso, sem o que nada de util e de estavel conseguiremos.

E' preciso, sobretudo, alem de uma organisação modelar, remover certos obstaculos, aos quais «A Patria» não deixa de referir-se, embora veladamente, na seguinte passagem do artigo que analisamos. Vem a ser:

E a nossa politica colonial, d'aquem o de alem mar, o que tem feito em presença da luta que se está travando dentro da nossa casa, com os haveres que só nossos são? E triste dizel-o; mas creiamos que não será maldade afirmar se que os nossos homens publicos, a quem directamente estão adstritos estes importantes problemas coloniais, tem vivido mais, nestes ultimos e dificeis tempos que vão correndo, do elogio e da confiança mutua, do que na verdade, dos seus comprovados merecimentos.

Ora o que «A Patria» nos diz, em tão discreto murmurar, tão leve e impessoal, temo-lo nós dito, abertamente no que respeita ao Governo de Moçambique.

Da parte transcrita resulta que o nosso colega não perfilha, antes repudia o processo «manqué» do elogio mutuo...

Mas porque não diz tudo?

Porque não se refere ao facto aqui citado—e com quanta oportunidade o teria feito!—da venda do vapor «Incomati» pelo Alto Comissario de Moçambique?

Será esta a melhor forma de contratar as companhias estrangeiras que nos fazem concorrencia nos portos de Moçambique?

Será mesmo um bom acto administrativo vender a uma companhia estrangeira, ou seja—aumentar-lhe as possibilidades, já amplas do monopolio pela cedencia de mais um barco a nossa frota mercante?

Então, presado colega, nem o publico, com a mais evidente demonstração, o caso estupendo da venda do vapor «Incomati», não obstante o oferecimento patriotico dos colonos a Companhia de Moçambique, que punham á disposição do governo desta provincia quantia igual á do valor do navio,—oferecimento que só deviam merecer por parte do sr. Brito Camacho—e o colega não encontra uma formula breve para nos significar o seu inestimavel apoio?

Não cabería no seu conceituoso artigo sobre navegação de Moçambique um parentesis, embora pequeno, mas suficientemente claro?

Afinal, o colega que tanto condena o processo artificial de chocadeira todo de onde se evapora o elogio mutuo pelo qual, á falta de base mais solida, se geram estadistas, parece ter preso á sua caneta de jornalista um regulador de conveniencias.

Pois a dentro da doutrina do artigo em questão, cobria admiravelmente uma alusão—ligeira que fosse—á patriotica atitude dos colonos da Beira (Africa Oriental) e muito serviria para reforçar as substanciosas considerações de «A Patria».

Se «A Capital» não tivesse levantado o caso da venda do «Incomati» venda ilegal e, portanto, insubsistente, como se prova pelo precioso documento que publicamos da autoria do sr. dr. Ribeiro Lopes—os pobres colonos da Beira não teriam quem lhes sublinhasse o gesto patriotico que apenas mereceu desdem do desdem do Alto Comissario em Moçambique.

Mas nem tudo se perdeu com o artigo de «A Patria».

Esto nosso colega tambem reconhece *que os nossos homens publicos d'aquem e d'alem mar*, tem vivido *mais do elogio mutuo do que de comprovados merecimentos*.

O mais curioso—e vá lá como pitoresca anotação final—é que, ao mesmo tempo que o sr. Brito Camacho cede o «Incomati» a «Beira Boting», companhia estrangeira ligada a «Horning», decreta um subsidio de cinco mil libras para os navios que fazem a cabotagem em Moçambique.

Por um lado—aliena, aumentando a capacidade de exploração dos nossos concorrentes; por outro lado — subsidia os poucos navios que ficam e que a genial fantasia administrativa do sr. Brito Camacho não aprouve alienar.

Em um ponto estamos de acordo com o nosso colega «A Patria»:—o sr. Brito Camacho não faz excepção aqueles homens publicos que, á falta de preciosis qualidades positivas, *ainda vivem, medram e buscam alentos no estafado processo do elogio mutuo...*

Liga Pró-moral

Realisa-se amanhã, domingo, a quinta festa anual desta colectividade de protecção á infancia.

A festa tem lugar no teatro Gil Vicente, rua Voz do Operario começando ás 14 horas por sessão solene que presidirá a sr.ª D. Maria Angelica Viana Porto, discursando o dr. Carneiro de Moura, Agostinho Fortes D. Maria O'Neil, D. Margarida Marques, Fernandes Alves. Antonio Pereira e Cesar dos Santos seguindo-se varias dramaticas pelos artistas que trabalham no teatro Gil Vicente.

No acto serão apresentadas 48 crianças vestidas e calçadas pela Liga, que ha cinco anos exerce a sua acção a policia do edificio será feita pelos pupilos do Asilo Maria Pia.

Politica internacional

A paz do Oriente = Os turcos ainda não fizeram conhecer a sua resposta = Razões porque hesitam

Emquanto em Genova se vai preparando o scenario para a grande Conferencia—a primeira em que se defrontarão aliados e não aliados—emquanto as diferentes delegações vão a caminho, sem saberem bem o que irão encontrar, nem perante que combinações se terão de haver—é inevitavel que para a defesa dos seus interesses comuns se formem certas alianças transitorias—, afastemo-nos desse misterioso teatro, que nos ha de proporcionar scenas interessantes, se não mesmo surpresas.

Voltemo-nos para a Grecia e a Turquia, que lord Curzon, com o assentimento dos srs. Poincaré e Schanser, pretende congraçar. Conseguil-o-ha? Duvidamos, porque o projecto de paz não mantem a balança igual entre os dois adversarios.

A Inglaterra não se esquece de ligar os seus interesses aos da Grecia, embora faça algumas concessões forçadas.

Estas concessões são na Asia Menor; mas na Europa, o traçado da fronteira entre as duas nações orientais não pode agradar á Turquia—nem á Bulgaria, que se vê definitivamente excluida de acesso ao Mar Egeo.

A fronteira grega segue o Mar Egeo até á peninsula de Galipoli, continua pelo estreito de Dardanelos e avança pelo mar de Mármara até Ganos. Aqui começa a linha que a separa da Turquia, linha que segue aproximadamente a direcção do sul para o norte, até chegar á fronteira bulgara, que segue-se de oeste para léste, até ao Mar Negro.

A fronteira grego-turca passa junto de Rodosto (para os turcos) e de Eski-Baba e Kirk Kilissé (airibuidos aos gregos); Andrinopla ficará para a Grecia.

Da fronteira a Constantinopla vão uns 150 k.m que se supõem suficientes para garantir a defeza da capital no Islam. Mas, para mais segurança, a entrada dos Dardanelos será desmilitarisada, do lado dos turcos (sandjak de Tchanak), como do lado dos gregos (Galipoli). «Assim os gregos não poderão ameaçar Constantinopla e os turcos não poderão atacar os gregos». Mas, para fazer respeitar esta solução, será necessaria uma guarnição aliada, que ocupe a peninsula de Galipoli e cuja acção se estenda até Rodosto.

Poderão assim evitar-se os conflitos no caminho de Andrinopla até Constantinopla? Os turcos esqueceráo que Andrinopla é a sua segunda cidade santa? Os gregos desistirão de marchar até á ambicionada Constantinopla? Admitamos. Mas como se evitará que os turcos, descontentes, se unam aos bulgaros, descontentes tambem por lhes ser negado caminho para o mar? Fica ahi o germen duma futura guerra, no oriente, mais perigosa ainda se os servios se intrometerem contra os bulgaros. E todos sabem como as coisas do oriente se refletem sobre o ocidente.

Porque então uma paz cheia de perigos? No entender dos jornais francezes, porque essa paz convem á politica ingleza: «o acordo que se sugere colocaria os Estreitos sob o dominio da Inglaterra, cuja frota, senhora do Mediterraneo, acharia um ponto de apoio inexpugnavel na peninsula de Galipoli». Esta afirmação provoca alguns reparos. Primeiro: e a Russia, que Lloyd George procura captar, não terá nada que opor? Desde que ela entra no convivio das demais nações europeias, e por iniciativa do primeiro ministro inglez, não terá ela direito a ser ouvida na questão dos Estreitos? Segundo: e a França, que tem uma politica a defender no oriente, submete-se assim á vontade ingleza? E a Italia, mesmo, cujos interesses no Mediterraneo são dos mais importantes?

Além das clausulas territoriais, outras ha que toparão com a resistencia dos turcos: as clausulas militares—supressão do serviço obrigatorio, redução do exercito a 85.000 homens dos quais 45.000 para serviços de policia.

Deve lembrar-se que as propostas feitas pelos tres ministros não tem caracter cominatorio. Gregos ou turcos podem aceital-as ou regeital-as, que nenhum dos proponentes irá armar-se para as tornar obrigatorias. A Grecia parece disposta a aceitar, Porque é mais rasoavel? Ou porque, apesar do sacrificio de Smirna, ainda lhe ficam grandes lucros? E' esta a hipotese mais provavel, mesmo porque o sacrificio de Smirna a liberta de grandes sacrificios em homens e dinheiro. Mas já não é a mesma a posição da Turquia. Ela será tentada a recusar, mas devo lembrar-se que a proposta que lhe foi apresentada leva a assinatura das trez potencias: Inglaterra, França, Italia. Quererá ela recomeçar as hostilidades, tendo contra si a opinião das potencias ocidentais?

Os Soberanos belgas em Roma

A recepção no Vaticano

A proposito da entusiastica e festiva recepção que o povo de Roma fez aos soberanos belgas transcrevemos do «Corriere d'Italia» chegado ontem o seguinte:

«O povo de Roma recebeu os soberanos belgas com as mais evidentes e carinhosas manifestações de simpatia.

Nas aclamações populares aos reais hospedes ia a comovida saudação á pequena mas cavalheiresca nação que, numa hora tragica, não hesitou um instante entre os conselhos duma prudencia (demasiado pacifica para se poder identificar com a dignidade) e as solicitações da honra, lançando-se resoluta e serena na via dolorosa do martirio que o sentimento nacional lhe impunha.

Nessa saudação ia o abraço afectuoso de duas nações que, sem serem constrangidas pela necessidade imediata da defesa e sem responsabilidade de alguma, proxima ou remota, na eclosão da Grande Guerra, partilharam os horrores do tragico acontecimento levantando a bandeira do direito e do ideal.

As duas nações que antes, durante e depois do conflito se conservaram sem macula, deram-se hoje o abraço fraternal, desinteressado e cheio da efusiva cordialidade.

O rei Alberto aparecerá na historia como nos aparece já hoje a nós, o soberano digno pelas suas virtudes pessoais de representar e guiar a Belgica na terrivel hora historica que a pequena e heroica nação viveu.

A vida da Belgica foi assinalada e comandada pelo dever e o rei Alberto foi o homem cuja vida, primeiro como principe e depois como soberano, se impoz como norma suprema, o dever.

A historia do rei Alberto, tanto no periodo da sua juventude austera decorrida no estudo e no tirocinio das disciplinas que preparam para o exercicio da vida considerada e na aquisição da experiencia indispensavel a quem subordina a sua actividade a um ideal de benefica influencia social.

Na vida privada como na vida publica, na sua vida de familia como na sua vida de soberano, a sua vida é a historia do dever quotidianamente cumprido, com serenidade, com austeridade e com modestia.

Como principe, o rei Alberto sentiu a necessidade e o dever de ensinar do alto, as classes dirigentes do seu paiz o exemplo de uma vida nobre e edificantes acções, como soberano, o exemplo de costumes simples e como esposo e pai de familia o exemplo das mais belas e luminosas virtudes domesticas.

Como soberano as suas primeiras palavras no parlamento foram uma afirmação da necessidade de cumprir o dever e das responsabilidades dos principes.

E do alto do trono, na hora das supremas deliberações, o rei Alberto, invocando Deus, fez uma afirmação simples e clara, «Deus estará comnosco nesta justa causa.»

E não é esta simples frase do soberano de um pequeno povo agredido, uma afirmação de caracter politico ou uma simples frase de efeito; mas o grito espontaneo de um chefe de Estado solicito em reunir todas as forças vivas do paiz, era uma voz e uma invocação sincera, era a palavra de um crente aos crentes, de um cristão aos cristãos e de um catolico aos catolicos.

Porque o rei Alberto, chefe de uma nação catolica, oferece aos seus subordinados o primeiro exemplo, nas desse simples acto de respeito pela fé dos seus antepassados, mas da plena e perfeita adesão a essa fé pela mente e pelo coração.

O primeiro cidadão do seu reino é tambem o primeiro filho da Igreja catolica.

E Roma, a cidade do dever, Roma a cidade da fé—da fé cristã e catolica —Roma, universal e eterna, sauda do alto das suas colinas e das suas cupulas, o rei Alberto como aquele que, não só pelo fulgor da sua representação, mas ainda pela nobreza dos seus sentimentos e das suas acções, é digno de ser recebido com o mais festivo e apoteotico entusiasmo.

Ultima Hora

A pretensa greve geral

Nada de anormal se passou durante o dia no que diz respeito ao movimento que a U. S. O. votou para hoje. Só as classes que ontem abandonaram o trabalho mantiveram essa atitude. Apesar de esforços empregados a massa operaria não se mostra resolvida a fazer greve.

Por andar distribuindo manifestos incitando á greve foi hoje preso um bombeiro voluntario.

Hoje foram presos varios individuos que andavam distribuindo manifestos incitando os operarios á greve.

Ha prevenções na policia o forças de terra e mar.

Das janelas do antigo edificio do Correio Geral onde estão instalados a C. G. T., o jornal «A Batalha» e a U. S. O. foram atirados manifestos.

O alferes da policia sr. José Carlos, intimou os manifestantes a não prosseguirem naquele gesto.

Os agentes Reis e Monteiro da investigação estiveram procedendo a averiguações sob o atentado dinamitista de hontem na Avenida Fontes Pereira de Melo. No Hospital de S. José foi ouvido o bombista que negou o crime de que é acusado.

Foi hoje feito exame directo na oficina de marceneiro de Antonio Nunes dos Santos, na travessa de Santa Gertrudes onde ontem se deu um atentado dinamista.

Para o Tribunal de Defesa Social apenas até hoje foram remetidos 2 presos. Nos fortes encontram-se cerca de 60 individuos.

Em resultado das investigações a que o sr. dr. Teixeira de Azevedo procedeu sobre os individuos que se encontram detidos em S. Julião da Barra e Sacavem, foram ontem soltos 35 presos. Hoje de manhã foram restituidos á liberdade 44.

O policia 1336 que foi ontem ferido na Avenida Fontes Pereira de Melo foi hoje visitado no hospital de S. José pelo sr. Antonio Maria da Silva, presidente do Ministerio e pelo sr. capitão Vitoriano Lobo, governador civil de Lisboa.

Consta que a Corporação Polroual resolveu dispensar os operarios que aderiram ao movimento grevista, não pagando os dias de «chomage».

A questão do Governador Civil do Porto ainda não está resolvida

Até ás 16 horas ainda não estava assente, no ministerio do Interior, qual a solução a dar á crise do governador Civil do Porto. Dava-se como certo que o sr. Sousa Junior recusava o convite que lhe fôra feito para chefiar o distrito.

Apesar de tudo, é possivel que o sr. dr. Adriano Pimenta retire o seu pedido de demissão, o que evitaria, talvez, a eclosão duma cisão latente no partido democratico do Porto.

A este proposito estamos habilitados a desmentir, pela forma mais categorica, que o sr. presidente do Ministerio e ministro do Interior tivesse jamais perguntado ao sr. Adriano Pimenta se estava filiado no P. R. P.

Desastres e agressões

Depois de operado de trepano, recolheu á sala de observações do Hospital de S. José o torneiro de metais, Mario Lopes, 18 anos, residente na rua Arco de Santo André, 97, o qual, na calçada de Santo André, foi ferido com uma espadeirada na cabeça por um civico, que desrespeitara.

—Tambem na sala de observações do Hospital de S. José deu hoje entrada, em estado grave, o menor de 13 anos, Antonio Marçal, caiador, que caiu de um andaime de uma obra em construção na rua do Crucifixo, fracturando o craneo.

Banquete oficial ao Corpo Diplomatico e aos altos funcionarios da Republica

Está resolvido, em principio, que se efetuará brevemente, no Palacio de Belem, um banquete oferecido pelo sr. Presidente da Republica, ao Governo, Corpo Diplomatico e altos funcionarios da Republica. O dia em que ele se realisará é que não foi ainda fixado. E' mesmo provavel que o banquete não se realise antes de terminadas as ferias da Pascoa, visto que, durante elas, estarão ausentes de Lisboa os presidentes das duas casas do Congresso.

O sr. Barata da Cruz, chefe do protocolo da Presidencia da Republica, procurou esta tarde o sr. Presidente do Ministerio, com quem desejava conferenciar sobre o assunto. E' possivel, todavia, que o sr. Antonio Maria da Silva o não tivesse podido receber, por ter todo o tempo tomado com conferencias urgentes.

O banquete não tem significado politico especial. E', por assim dizer, puramente protocolar, obedecendo ás praxes seguidas em outros paizes, on de tais solenidades frequentemente se realisam. Em França, por exemplo, o Chefe de Estado oferece alguns banquetes, durante o ano, sendo especialmente soleno o que marca a abertura da sessão legislativa.

Afirmam-nos que o sr. Cunha Leal não tem o proposito de cheflar partido algum

Apareceu nos jornais a noticia de que se ia realizar uma reunião de politicos, presidida pelo sr. Cunha Leal, a fim de se estudarem as bases de um novo partido politico, de feição acentuadamente conservadora.

Não encontramos confirmação alguma ao boato. Afirmaram-nos, pelo contrario, que não é proposito do sr. Cunha Leal chefiar um partido novo ou velho. O que parece certo, resume-se no seguinte:

O sr. Cunha Leal preside a um grupo de tecnicos, ocupados presentemente no estudo dos variadissimos problemas da administração publica. E' natural que tais estudos se vão intensificando cada dia mais, tantas e tão importantes têm sido as energias civicas que se colocaram á disposição do ilustre homem do Estado.

O ministro da Alemanha está em Madrid

Partiu para Madrid o ministro da Alemanha junto do Governo Portuguez. A ausencia temporaria do ilustre diplomata é atribuida ao desejo de não assistir ás festas comemorativas da batalha de «La Lys».

Escola Medica

A visita do conselheiro Antonio Candido

O conselheiro sr. Antonio Candido visitou esta tarde a Escola Medica, sendo aguardado á entrada por professores, medicos e alunos.

Na sala dos actos grandes onde se realisou a sessão solene foi lida pelo sr. dr. Azevedo Neves uma mensagem de boas vindas ao ilustre visitante a quem se deve a edificação da Escola Medica. Depois do sr. Conselheiro Antonio Candido retribuir e agradecer as saudações que lhe eram dirigidas visitou todo o edificio sendo-lhe na Associação dos Estudantes de Medicina apresentados tambem as saudações de todos os academicos.

O movimento grevista em Almada

Os operarios ainda trabalharam de manhã.—As medidas da autoridade

ALMADA, 8 —Quasi todo o operariado do concelho abandonou o trabalho, ontem, ao meio dia da tarde

Pela U. S. O. local foi afixada ás portas das fabricas e oficinas uma proclamação, covidando os operarios a paralisar o trabalho.

Hoje, em algumas fabricas ainda chegaram a trabalhar o primeiro quartel da manhã, desistindo em consequencia das instancias da comissão de vigilancia nomeada.

O administrador do concelho, sr. Artur Vinhó, deu ordem á policia e guarda republicana para mandarem encerrar os estabelecimentos ás 17 horas.

Parece que não ser efectuadas prisões importantes.

Hontem, foram detidos dois operarios, mas a autoridade restituiu-os hoje á liberdade.—(C.)

Ferias parlamentares

E' inexacto que o sr. presidente do Ministerio tivesse solicitado, fosse a quem fôsse, o prolongamento das ferias parlamentares.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/2 — 4 [illegible]
» 90 dias	4 [illegible] —
Paris, cheque	11[illegible] — 1138
Suissa, cheque	[illegible] — [illegible]
Belgica, cheque	1[illegible] — 1[illegible]
Italia, cheque	6[illegible] — [illegible]
Berlim, cheque	[illegible] — 42
Holanda, cheque	4[illegible] — 4741
Madrid, cheque	18[illegible] — 19[illegible]
New-York, cheque	12[illegible] — 12[illegible]
Brazil, cheque	[illegible] — [illegible]
Austria, cheque	1 — [illegible]
Noruega, cheque	2[illegible]41 — [illegible]
Suecia, cheque	[illegible]11 — [illegible]
Dinamarca, cheque	2[illegible]1 — [illegible]

Libras . . . . . 57$00 — 59$0[illegible]

"Carvalho Araujo„

Vindo do sul entrou hoje a barra o cruzador «Carvalho Araujo».

Poeira da Arcada

Foi para o «Diario do Governo» o decreto elevando os preços da hospitalisação de pensionistas no hospital de Santo Isidoro, das Caldas da Rainha.

—Foi concedida uma licença á sr.ª D. Maria de Sousa Cardoso Vasconcelos professora da S. Tiago de Fines concelho de Safães.

—O sr. dr. Helencio Froilano de Melo foi nomeado, com dispensa de provas publicas, professor livre das disciplinas de parasitologia e patologia geral da faculdade de medicina do Porto.

—Foi decretado que os professores aposentados ou na inactividade que desejem voltar ao serviço terão de provar devidamente que dispõem de capacidade fisica, que oferecem garantia de fidelidade ao regimen, e que o afastamento em que se encontram não foi derivado de nenhum motivo de ordem pedagogica, moral ou disciplinar.

A fome na Russia

O que diz uma testemunha

LONDRES, 8.—Sir Benjamin Robertson que acaba de voltar de uma visita a Riga disse que a fome na Russia continua a aumentar e que pelo menos 50 % da população total precisam de socorros. Disse tambem que o canibalismo era já um facto fóra de toda a duvida.—(R.)

Sociedade de Geografia de Lisboa

Realisa-se sessão ordinaria 2.ª feira 10 pelas 21.30 horas para expediente, admissão de socios e distribuição de premios aos alunos da Escola Colonial. A oração de Sapientia e proferida pelo professor José Gonçalo Santo Rito.

Nesta sessão estará exposto aos socios o Vitral alusivo á viagem de Fernão de Magalhães que foi oferecido á Sociedade por um comité especial constituido em Amsterdam.

A Exposição do Rio de Janeiro

O catalogo anunciador é uma obra primorosa

E' a Agencia Latino-Americana a encarregada oficialmente pelo Comissariado Geral do Governo de organisar o catalogo anunciador da nossa representação na Exposição do Rio de Janeiro.

A essa obra tem a referida Agencia dedicado o melhor dos seus esforços e da sua vontade em concorrer para o brilho da nossa representação, apresentando um trabalho digno de figurar no grande certamen e que nos honre, mostrando a par do grande desenvolvimento das nossas industrias o progresso das nossas artes graficas.

O resultado das diligencias empregadas tem sido o mais possivel animador, visto que só de anuncios foi já angariada uma verba superior a 100 contos. Como se sabe, esse dinheiro é destinado a cobrir as despesas da publicidade e propaganda feita me todo o paiz.

Muito mais espera ainda a Agencia Latino-Americana conseguir, pois a vantagem para o expositor, pelas circunstancias especiais e brilhantes que reveste essa publicidade é grande, de desnecessario se tornando encarece-la.

Ha ainda acrescentar que o catalogo é uma obra inedita, primorosa, do ilustre artista Leal da Camara que conta tambem com a colaboração de outros notaveis artistas portuguezes.

Tudo se prepara, como se vê, para que a representação portugueza na grande Feira Internacional que em setembro proximo se vai realisar na capital fluminense seja condigna do nosso nome. Nem o minimo pormenor é descuidado. Todas as vontades, todas as energias, todos os esforços, tudo numa palavra trabalha patrioticamente para que conquistemos um logar de destaque.

Festa nacional de educação fisica

Tendo muitos dos encarregados do ensino dos alunos dos estabelecimentos de ensino do sexo feminino bem como alguns dos seus directores o desejo de que as Provas Inter-Escolares a realisar na Festa Nacional de Educação Fisica se fizesse em dia e local diferente das dos alunos do sexo masculino resolveu o sr. ministro da Instrução satisfazer esse anesse desejo.

Convidam-se todos os professores de educação fisica dos estabelecimentos de ensino que pretendam concorrer á Festa Nacional de Educação Fisica para uma reunião no dia 9 do corrente pelas 21 horas no consultorio do sr. dr. Pinto de Miranda, Inspector de Ginastica, Avenida da Liberdade, 59, r/c.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados na extracção de hoje:

984 60.000$00

3706	10.000$00
3920	4.000$00
4797	2.000$00

A viagem do principe de Galles

Brilhante recepção em Hong-Kong

LONDRES, 8.—O principe de Galles teve uma brilhantissima recepção em Hong Kong, sendo esperado no cais do porto pelas esquadras ingleza e japoneza.—(Lat. Am.)

TEATRO

Noticiario

Portugal

A farça original de André Brun e Carlos Simões, para a qual escreveu a partitura o maestro Pedro Blanch, sobe á scena no teatro S. Luiz na noite do 11 do corrente em festa artistica de Carlos Viana, que nesse novo original português desempenha papel de «Bazilio Tarlatana». Fernando Pereira e de seu filho «Benjamim» Alfredo de Sousa e de «Burromeu Cadinho»; Sales Ribeiro e de seu sobrinho «Custodio» o Sebastião Ribeiro o de «Nicolau Safio».

—Realisa-se amanhã no teatro Nacional a 4.ª audição popular gratuita promovida pela Escola de Arte de Representar, com o seguinte programa: I—A representação do dialogo em prosa, original de Julio Dantas, «Motivo de Marivaux, personagens, «O Conde» Arnaldo Assis, «Marilia» Ana Sacramento. II — A representação do dialogo em prosa, original de Julio Dantas, «Lua de Mel», personagens «Ele» Rebelo de Almeida, «Ela» Maria do Pilar. III—A representação do 2.º acto da comedia de Goldoni, «Locandeira», personagens «Mirandolina» Ana Sacramento, «Cavaleiro de Ripafrata» Rebelo de Almeida, «Marquez» José Henriques, «O Creado» Mario Bizarro. IV—A representação do 3.º acto da tragedia de Antonio Ferreira, «A Castro», personagens, «D. Afonso IV» José Henriques, «Diogo Lopes Pacheco» Carlos Sousa «Alvaro Gonçalves» Mario Bizarro, «Pero Coelho» Arnaldo Assis, «Inez» Emilia Fernandes «A ama» Maria Mesquita «1.ª Donzela» Maria do Pilar. Direcção dos professores Augusto de Melo e Augusto de Lacerda, indumentaria do professor Castelo Branco.

—Realisa-se na proxima segunda feira o casamento da gentil actriz Hortense Luz, com o sr. Mario Pombeiro, ponto da companhia Maria Matos e Mendonça de Carvalho.

São padrinhos por parte da noiva os seus empresarios e por parte do noivo o actor Joaquim Almeida e sua esposa.

—Hoje, em festa artistica dos incomparaveis e engraçados clowns Irmãos Albanos, dá á grande companhia de variedades o seu penultimo espectaculo no Coliseu dos Recreios, variando os seus numeros e fazendo os festejados novos intermedios comicos. E', portanto, de prever hoje nova enchente, não só pela simpatia que gosam os notaveis clowns, como ainda porque todo o publico deseja assistir aos ultimos espectaculos da companhia.

Como foi fuzilada a familia imperial russa

Uma serie de artigos do jornal sovietista *Kommunistzchesky Trand*

Já hoje a ninguem resta duvidas de que a familia dos Romanoff a familia imperial russa, foi totalmente executada pelo governo revolucionario.

Mas as condições em que o seu desaparecimento se realisou foram de tal modo obscuras, que, anos depois da execução ainda corriam boatos, de quando em quando, de que ela se encontrava prisioneira e objecto de tormentos, ou naquele castelo isolado de uma steppe da Russia.

O governo dos soviets deixou circular pelo estrangeiro, sem um esclarecimento nem um desmentido, todos os boatos que se inventaram a tal respeito; a imprensa comunista guardou até ha pouco uma descrição completa.

Só agora, segundo da noticia um jornal de Paris, é que os jornais dos soviets começaram a publicação circunstanciada das razões que levaram o soviet regional do Oural a decretar a pena de morte para toda a familia dos Romanoff e a execução.

O jornal que parece melhor documentado é o «Kommunistschesky Trand», que acaba de publicar uma serie de artigos com o titulo generico de «Os ultimos dias do Tzar».

A execução

As razões que determinaram a resolução do soviet regional do Oural, foram a descoberta duma grande conspiração de oficiais, tendo por fim colocar de novo no trono o Tzar, e o perigo constante, que temeram, de continuas conspirações enquanto houvesse um herdeiro Romanoff.

No começo do mez de julho de 1918 o soviet, reunido, decidiu executar o Tzar e a familia, depois duma discussão.

A organisação desse trabalho foi confiada a um revolucionario de confiança, operario da fabrica Isidzky, Petro Zakharowich Ermakoff, que, em varias lutas havia combatido contra os brancos.

A familia Romanoff habitava no primeiro andar duma casa de Ekaterinburgo. Na noite de 15 para 16 de julho de 1917 foram avisa-la de que toda ela devia descer ao rés-do-chão.

A's 10 horas da noite, os Romanoff o medico da familia, Botkine, o preceptor do herdeiro e uma dama da côrte, que havia seguido a Czarina, desceram a um pavimento do subsolo.

Ali, o comandante da casa, que era ao mesmo tempo delegado dos «soviets», leu em voz alta a sentença que condenava á morte toda a familia, acrescentando que para os Romanoff mais nenhuma esperança de salvação existia.

Esta noticia inesperada aterrou os condenados. O Czar mal teve tempo de interrogar:

—Então não nos levarão daqui?

Não chegou a ter resposta; num abrir e fechar de olhos, todos os prisioneiros foram fuzilados.

A queima dos corpos

A' uma hora da noite os cadaveres foram levados para fóra da cidade, a uma floresta que se encontra entre a fabrica Isselzky e a vila Palkine, onde foram queimados.

Os brancos, que, em virtude duma vitória, ocuparam Ekaterinburgo dentro de poucos dias, procuraram-nos por toda a parte, mas não encontraram vestigios de nenhum cadaver.

E aqui está porque correram tantos boatos desencontrados sobre a execução, a fuga é a persistencia da prisão dos Romanoff.

Alguns dias mais tarde, foi executado em Perm o irmão do Tzar, o grão duque Miguel; depois, em Alapaevyk, os grãos-duques Sergio Mikailovitch, Igor e Yvan Constantinovitch.

O «comité» central executivo dos «soviets», em 18 de Julho, votou a seguinte resolução, quando soube da execução do Tzar:

«O presidente do «comité» central executivo dos «soviets», depois do exame da situação que levou o «soviet» regional do Oural a tomar a decisão de executar os Romanoff, declara que o dito «soviet» teve razão para assim proceder.»

SPORT

AUTOMOBILISMO

II Rampa da Pimenteira

Parece que efectivamente a inscrição para a corrida de Automoveis da Rampa da Pimenteira vai ser numerosa. Na redacção do jornal «Os Sports» organisador da corrida, tem sido recebidas grande numero de adesões, podendo hoje registárem-se duas importantes: da Casa C. Santos Lda. que inscreve dois carros Studelaker e do Porto, dois carros Bugatti.

A inscrição continua aberta até quinta feira proxima 13 do corrente devendo os concorrentes observar que a inscrição deve ser feita em boletins especiais acompanhados da respectiva taxa.

O percurso, como temos dito é de 1500 metros. O jornal «Os Sports» está cuidando com a maxima atenção da organisação e vai convidar a auxiliar a prova a benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses e Escoteiros de Portugal.

Box

O nosso conhecido Mario, bateu o seu compatriota Paul Til ao 3.º round por abandono.

—O boxeur J. Higgino, perdeu o titulo de campeão da Inglaterra, dos pesos levissimos, por não poder fazer já o pezo da sua categoria.

—Egrel que jogou entre nós, bateu o boxeur Auger em 10 rounds, aos pontos.

Natação

O canadiano Perrault, vai tentar a travessia do canal da Mancha. Ha esperanças de que consiga, pois já nadeu 17 milhas em 10 horas e 20 minutos.

Esgrima

Em Monte Carlo, na festa de esgrima ali realisada, ganhou a equipe franceza, de que era capitão, o celebre atirador Gaudin.

—O celebre mestre Merignac, está em Algés.

Bilhar

O campeão do mundo Schaeffer, ficou de posse do seu titulo, no seu match em Hoppe, fazendo 1500 pontos contra 1468.

Remo

Disputam-se em Londres a regata entre as «equipes» representativas das Universidades de «Oxford» e «Cambridge».

A vitoria coube á «equipe» do Cambidge que ganhou por tres comprimentos e meio.

Foi a 74.ª vez que teve logar esta prova, que fez movimentar todos os anos a população de Londres. O percurso é de 6 quilometros 640 metros, e as «equipes» são de 8 remadores.

O primeiro ano que teve logar foi em 1829.

Aviaçãc

O «Auto» refere-se largamente ao heroico feito dos nossos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

Ciclismo

A prova dos 6 dias, que está tendo logar em Paris, é disputada por 15 «equipes» de 2 ciclistas cada uma.

Este ano houve corredores, que tiveram exigencias extraordinarias.

Assim o americano Gaussel, pediu uma quantia de 50.000 francos, e o campeão italiano Girasderge, uma quantia que o indemnisou de toda a estação de verão.

O total dos contratos dos corredores que tomam parte na famosa corrida é de 300 mil francos.

Nas eliminatorias do campeonato de França de velocidade, estão inscritos 53 ciclistas.

Devem ser apurados para a final unicamente 8.

—Vai começar a volta de Belgica, para profissionais, que se disputa desde 190..

Aeronautica

No concurso de aeronautica em Nice houve uma scena interessante de um ataque dum balão de observação por uma esquadrilha de aeroplanos.

Assistiram o rei da Succia e o duque de Conaught.

Foot-ball

Uma equipa franceesa vai fazer uma tournée á Nova Zelandia.

Automobilismo

Em Monaco houve um concurso de elegancia para automoveis.

Ganhou o 1.º premio um carro Renault.

—Em maio corre-se em Tunis a prova de Casa-Blanca a Tunis na distancia de 1,600 quilometros.

Cross-Country

Na prova das 5 nações a Inglaterra foi vencida este ano pela primeira vez.

Triunfou a equipa franceza e o 1.º premio individual coube parto ao francez Guillemont que parece dever ser o futuro campeão do mundo.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

Amanhã os espanhois jogam contra um team mixto

O Real Fortuna de Vigo, campeão da Galiza, joga amanhã contra um team mixto de que fazem parte elementos do Internacional, Sporting, Imperio e Casa Pia.

Na proxima terça feira o Fortuna terá por adversario o forte grupo setubelense Vitoria Foot-Ball Club.

Tanto um como outro, os desafios, realisam-se em Palhavã e teem inicio pelas 16,30 horas.

Parece que o Fortuna reserva alguns dos seus melhores jogadores para o desafio do dia 14 com o «Oxford City no Stadium.

Curiosidades

Madeira derretida

Já não é uma utopia, mas a realidade. Pode derreter-se a madeira, como se derrete o chumbo, o ferro, ou outro qualquer metal.

Ainda não ha muito que se considerava uma impossibilidade derreter qualquer pedaço de pau, mas as coisas mudaram de face e se presentemente, a madeira derretida é ainda uma simples curiosidade de laboratorio, em todo o caso não tardará que a industria lhe descubra variadas aplicações praticas e do mais elevado interesse para a agricultura. E dizemos do mais elevado interesse para a agricultura, porque desde que a madeira entre como materia prima em qualquer nova industria importante, o seu valor aumentará, vindo, portanto a ser um factor de maior riqueza para as classes agricolas, bem dignas de melhor sorte.

Embora a madeira seja verdadeiramente inflamavel, derrete a uma temperatura relativamente baixa, mas só quando é em absoluto subtraida ao contacto do oxigenio, de modo a tornar impossivel a combustão. Compreende-se isto facilmente. Libertada por meio do alcool por exemplo dos elementos imediatamente soluveis, a madeira, feita a analise, dá acidos organicos, agua, essencias oleosas, silicatos, sulfatos, fosfatos, cloreto e hidrocarbonatos de potassa, acido carbonico, hidrogenio carbonado, etc., isto é, unicamente corpos susceptiveis de serem evaporados ou dissolvidos, depois de terem cooperado, por afinidades quimicas na formação de um corpo determinado.

Pode dizer-se que desde 1890 se estuda o problema da fusão da madeira, existindo actualmente depois de sucessivos trabalhos e estudos, uma tecnica operatoria, por meio da qual se obteem excelentes resultados.

Não descreveremos o processo de derreter madeira nem como a fusão se opera.

Com madeira derretida se fabricam objectos de desenho de formas variadissimas, caracteres moveis para impressão, sobretudo esses caracteres de grandes dimensões empregados nos cartazes. Ha ainda uma outra circunstancia na madeira derretida, verdadeiramente interessante. Misturando-se substancias antisepticas, particularmente bicloreto de mercurio, a duração torna-se por assim dizer indefinida. As larvas dos insectos destruidores não a atacam.

A. G.

Lactario da freguezia de S. José

Deve revestir o maximo brilhantismo a festa comemorativa do aniversario desta humanitaria instituição, que muitos beneficios tem prestado ás creancinhas desprotegidas e desamparadas.

Iniciada com um acto verdadeiramente simpatico e comovedor, a festa deve calar bem no espirito de todos aqueles que aspiram á felicidade dos pobres e desgraçados. O programa consta do seguinte:

A's 12 horas, na séde desta instituição, rua Alves Correia, 191 e 193, realisar-se-ha o registo duma criança, que o Lactario apadrinhará, tomando-a a seu cargo.

A's 14 horas no teatro Chiado Terrasse, gentilmente cedido pela ex.ma empreza Luz Veloso, terá logar uma sessão solene, seguida duma matinée desempenhada obsequiosamente por distintos artistas e amadores, bem como pelas educandas do Asilo de Santo Antonio de Lisboa.

Abrilhantam esta festa o explendido quinteto do Chiado Terrasse e o distinto maestro Alfredo Mantua.

A séde da instituição encontrar-se-ha engalanada e patente ao publico.

Uma festa em Torres Vedras

No proximo dia 23 do corrente deve realisar-se em Caixarias, concelho de Torres Vedras, a tradicional festa da Senhora dos Prazeres, promovida por uma comissão de habitantes daquela localidade.

Esta festa promete revestir grand brilhantismo, devendo ser abrilhantada por duas excelentes bandas de musica.

Constará de sermão, missa, procissão e arraial á noite, sendo queimado um vistoso fogo de artificio.

Instituto de Cegos Branco Rodrigues

No dia 17 do corrente termina o prazo para a entrega, na séde da Companhia dos carros electricos, dos bilhetes de $149,9, que continham o aviso de reembolso de $00,1

Depois desse dia não têm nenhum valor esses bilhetes.

Por isso, os protectores desta instituição podem entregar, antes dessa data, os bilhetes que possuirem nos estabelecimentos, que se prontificaram generosamente a recebê-los.

Estes estabelecimentos continuam depois a aceitar donativos em dinheiro ou em generos, com que os bemfeitores dos cegos queiram contemplar esta instituição de ensino especial.

Exposição de Recordações da Grande Guerra

E' amanhã das 13 ás 18 horas, que se realisa no Quartel do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, á Campo de Ourique uma exposição de recordações da Grande Guerra.

Esta exposição, muito interessante pelo numero e variedade de objectos expostos, está instalada no edificio do comando por cujas salas se acham distribuidas as armas, capacetes, mascaras, granadas, utensilios diversos militares, joias e objectos artisticos, bordados, etc., tendo tudo relação com a Grande Guerra e sendo todos os objectos trazidos de França pelos oficiais e sargentos daquele Batalhão.

Numa das salas vender-se-hão bilhetes, poesias e recordações, sendo o produto destinado ao Sanatorio dos sargentos tuberculosos.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

TOMBUCTÚ

por GUY DE MAUPASSANT

Quiz fazê-lo levantar: mas nem pensar nisso, e compreendi então por que ele se arrastava daquele modo sobre as mãos e sobre os joelhos. Desde que o plantaram sobre as pernas, oscilou alguns segundos, estendeu os braços e foi de ventas ao chão. Estava embriagado como nunca eu vi embriagado um homem.

Conduziram-o sobre uma padiola. Ele não cessou de rir em todo o caminho, gesticulando com os braços e as pernas. E ali estava todo o misterio. Os meus *mécos* bebiam na propria uva. Depois, desde que se achavam bebedos, a ponto de não poderem bolir, deixavam-se ficar a dormir onde caíam.

Quanto a Tombuctú, o seu amor pela vinha ultrapassava nele toda a crença e toda a lei. Vivia dentro dela á maneira dos tordos, que ele de resto abominava com um odio de rival cheio de inveja. Repetia sem cessar:

—Os tordos comem a uva toda, malditos!

* * *

Uma tarde vieram procurar-me. Apercebia-se na planicie qualquer coisa que crescia para nós.

Eu não tinha a minha luneta e via muito mal. Dir-se-ia uma grande serpente que se desenrolava, em comboio, que sei eu?

Mandei alguns homens ao encontro daquela estranha caravana que não tardou em fazer a sua entrada triunfal. Tombuctú e nove dos seus companheiros traziam sobre uma especie de altar, feito com cadeiras de campo, oito cabeças cortadas, ensanguentadas e careteantes. O decimo turco trazia um cavalo, á cauda do qual um outro vinha amarrado, e seis outras bestas seguiam o segundo, amarradas da mesma forma.

Eis o que eu soube. Tendo partido para as vinhas, os meus Africanos tinham visto de repente uma fracção prussiana que se aproximava de uma aldeia. Em vez de fugirem, tinham-se escondido, depois, logo que os oficiais se apearam, puzeram em fuga os uhlanos que se julgaram atacados, mataram as duas sentinelas, a seguir o coronel e os cinco oficiais da escolta.

Nesse dia, abracei Tombuctú. Mas percebi que ele marchava a custo. Julguei-o ferido; ele poz-se a rir e disse-me:

— Eu, ter provisões p'ra paiz.

Era que Tombuctú não fazia a guerra por honra, mas por ganho.

Tudo o que ele achava, tudo o que lhe parecia ter um valor qualquer, principalmente se brilhava, mergulhava-o na sua algibeira. E que algibeira! Um abismo que começava no ombro e acabava nos artelhos. Tendo aprendido um termo de caserna, chamava-lhe a sua «profunda», e era a sua profunda, com efeito!

Tinha, pois, arrancado o oiro dos uniformes dos prussianos, o cobre dos capacetes, os botões, etc., e tudo lançara na sua «profunda», que se achava cheia a transbordar.

Todos os dias precipitava ali dentro todo o objecto luzente que lhe estivesse ao alcance dos olhos, como pedaços de estanho ou peças de prata, o que lhe dava por vezes um andar infinitamente patusco.

Contava levar aquilo para o paiz dos avestruzes, dos quais ele parecia em verdade o irmão, aquele filho de rei torturado pela necessidade de engulir corpos brilhantes. Se ele não tem a sua «profunda», que teria fieto a todos aqueles objectos? Tê-los-ia engulido com certeza. Mas todas as manhãs a sua algibeira se achava esvasiada. Ele tinha, portanto, um armazem onde empilhava as suas riquezas. Mas onde? Nunca o pude descobrir.

O general, prevenido da façanha de Tombuctú, não tardou em fazer enterrar os corpos que haviam ficado na aldeia visinha, para que não fosse descoberto que eles tinham sido decapitados.

Os prussianos vieram ali no dia seguinte. O *maire* e sete habitantes dos mais notaveis foram logo fuzilados, como represalias, como tendo denunciado a presença dos alemães.

* * *

Chegara o inverno. Achavamo-nos fatigados e desesperados. Batiamo-nos todos os dias. Os homens famintos, já não podiam marchar. Só os oito turcos (três haviam sido mortos) continuavam gordos e luzidios, vigorosos e sempre prontos a baterem-se com o inimigo. Tombuctú continuava tambem a engordar. Um dia, disse-me:

—Tu tens muita fome, eu tem boa carne.

E entregou-me, em verdade, um excelente naco de carne. Mas de quê? Nós não tinhamos nem bois, nem carneiros, nem cabras, nem burros, nem porcos. Era impossivel encontrar-se um cavalo. Reflecti em tudo aquilo depois de ter devorado a carne que ele me dera. Então veiu-me um pensamento horrivel. Aqueles negros haviam nascido muito perto do paiz onde se come carne humana! E todos os dias caiam tantos soldados em redor da cidade! Interroguei Tombuctú. Não me quiz responder. Não insisti, mas recusei dahi em diante os seus presentes.

Ele adorava-me. Uma noite, a neve surpreendeu-me nos postos avançados. Estavamos sentados por terra. Eu olhava piedosamente os pobres negros, tremelicando sob aquela poeira branca e gelada. Como tivesse imenso frio, comecei a tossir e senti de repente qualquer coisa cair-me em cima como um grande e quente cobertor. Era o manto de Tombuctú, que ele me deitava pelos ombros.

Levantei-me e entreguei-lhe o seu manto.

—Guarda isso, meu rapaz; tu precisas mais dele do que eu.

Ele respondeu:

—Não, meu tenente, para ti; eu não tem preciso, eu está quente, quente.

E contemplava-me com olhos suplicantes.

Eu tornei:

—Vamos, obedece, guarda o teu manto, assim o quero.

O negro então levantou-se, tirou o seu sabre, que estava a ponto de cortar como uma foice, e, tendo na outra mão o largo manto que eu recusava:

—Se tu não garda manto, eu corta; ninguem tem manto, olé!

E cortava-o com certeza. Por isso eu cedi.

* * *

Oito dias depois tinhamos capitulado. Alguns de entre nós tinham podido fugir. Os outros iam sair da cidade e entregar-se aos vencedores.

Dirigia-me para a praça de Armas, onde deviamos reunir-nos, quando fiquei estupefacto diante de um negro gigante, vestido de brim, que tinha na cabeça um chapeu de palha. Era Tombuctú. Parecia radiante e passeava, de mãos nas algibeiras, diante de uma lojinha, em cuja montra se viam dois pratos e dois copos.

Eu disse-lhe:

—Que fazes?

Ele respondeu:

—Eu não fui embora, eu é bom cosinheiro, eu fez comer coronel Algeria; eu faz comer prussianos, rouba muito, muito.

Gelava a dez graus. Eu batia o queixo diante daquele negro vestido de branco. Então ele pegou-me pelo braço e fez-me entrar. Vi uma taboleta desmesurada que ele ia pendurar diante da porta, logo que partissemos, porque tinha alguma vergonha de que o vissemos.

E li, traçado pela mão de algum cumplice, este apêlo:

COSINHA MILITAR DO SENHOR TOMBUCTU

Antigo cosinheiro de S. M. o Imperador

Artista de Paris—Preços em conta

Apesar do desespero que me roia não pude suster o riso e deixei o meu negro no seu novo comercio.

Não valeria mais que fazê-lo prisioneiro? Como acaba de vêr, ele escapou, o valente.

Beziéres, hoje, pertence á Alemanha. O restaurante Tombuctú é um inicio de desforra.

FIM

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo, Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.° Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Ruas, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e Informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamolos a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

-o- -o- -o- -o- -o- Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas

Badal & C.° Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoar[illegible]hi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, **soldadura autogenea**

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4049 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 — LISBOA — Segunda-feira, 10 de Abril de 1922 — Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O avião "Lusitania" deve partir esta madrugada de Cabo Verde para Fernando de Noronha.

Os dois minutos

O espetaculo que ontem se observou em Lisboa, com os dois minutos de silencio em homenagem aos mortos gloriosos da guerra, foi realmente impressionante.

Estavamos no Rocio quando soou o sinal para essa homenagem se iniciar, e vimos instantaneamente suspender-se o transito, emudecerem as conversações, toda a gente imobilisar-se, e descobrir-se numa atitude respeitosa e recolhida em que se adivinhava como que a vaga passagem duma tristeza saindo do coração e dirigindo-se ás campas ignoradas dos herois caidos nas refregos á maneira duma purpura que se sente, mas que se não vê.

Era o proprio vôo da alma portuguesa, transpondo distancias no fulgurante espaço desses minutos para afirmar que não esquece o sacrificio dos filhos de Portugal!

A guerra foi um flagelo e foi um horror, mas não ha nada no mundo de que derive algum bem. A dôr purifica, o sacrificio resgata. Dos tremendos sofrimentos da guerra ficou em todos os povos o germen dum sentimento novo, duma consciencia moral mais penetrante e sensivel. Ficou um sopro de poesia que se converte em direitos e justiça. Vejam como tem sido delicadas, belas, harmoniosas, quasi liricas, as inspirações de preito a render aos que lutaram pela mais bela causa de todos os tempos. O culto ao soldado desconhecido foi um rasgo de genio, e como todos os grandes corações de sentimento nem se sabe quem teve a sua iniciativa. Dir-se-hia que brotou expontaneamente no coração de todos os povos, que compreenderam que é nas multidões anonimas que a maior paixão pela patria resplandece com macula de ambições ou tiranias. Ao mesmo tempo, a consciencia humana já não suporta idolos. Assim escapamos a um novo Cesar, a um novo Bonaparte. Da pugna injusta só saiu um heroi, só saiu um vencido, só saiu um genio: o Povo.

Os dois minutos de recolhimento aproveitados para uma estreita comunhão da alma popular com a epopeia já passada são tambem uma manifestação de sentimento poetico em que as raças cristalisam os mais arrebatados vôos do seu espirito imortal. Havia, ao mesmo tempo, uma expressão de convicto civismo e uma expressão de profunda religiosidade na atitude dos milhares de pessoas que se imobilisaram, concentrando o seu pensamento no grande facto celebrado. Não ha nada no mundo que possa abstrair da noção do dever e das inspirações da fé.

Apenas um nota lamentavel nos contristou. Emquanto os homens se conservaram imoveis, descobertos, silenciosos, senhoras atravsssavam a vasta praça sem ligar a minima atenção ao que se estava passando. Desdem? Ignorancia? Egoismo? Não eram mulheres do povo: eram damas vestidas de veludo, burguesas ou aristocraticas. Emquanto o sentimento feminino for isto, e tanto mais acentuado quanto em mais altas classes se reflete, que podemos nós esperar? A mulher deve ser uma educadora. Precisamente os sentimentos mais nobres, elas é que os devem incutir aos seus filhos, alentar no culto desses sentimentos seus maridos, seus irmãos. Algumas dessas senhoras levavam creanças pela mão. Triste pensamento é o de reconhecer que essas creanças amanhã, para serem cidadãos, para serem homens, teem de ir saber o sentimento da sua dignidade e a noção do seu dever patriotico fóra do regaço de suas mães, que devem ser as suas primeiras educadoras, mas que o não podem ser porque ainda não se educaram!

Em todo o caso, foi belo o que ontem se passou. Tão acostumados estamos a só ver fazer obra de vista ou de partido que nos refrigerou a alma vre alguma coisa em que a ideia de vista ou de partido estava arredada, para só se pensar na patria. Foram dois minutos, que valeram dois seculos porque não hão-de ser improductivos.

A "Dura lex,, e os Evangelistas

CONTINUA O IMPONENTISSIMO DESFILAR -:- DE MUITOS E VARIADOS CASOS... -:-

Hontem domingo, descanço do Senhor, descanço dos Evangelistas, descanço de folha. Hontem de resto foi um dia notavel, um dia «pro patria mori». Provavelmente isso só impediria as evangelicas «demarches» para fazer subir a Ordem do Exercito, se com o Parlamento fechado, publicar a nova lei do afasta e promover sem a mais ligeira consideração pelo projecto de lei do senador Aragão e Brito. Mas essa lei—a sair—cousa do que duvidamos, que venha acompanhada por alguns «piszicatos» em surdina. E lá vão estes ligeiros «trémulos»:

O tenente Chumbo, de infanteria era oficial da guarnição do Porto quando ali foi proclamada a monarquia e combateu em Estarreja contra as tropas republicanas. Reimplantada a Republica nomeou-se a si proprio comandante de infanteria 6 publicando uma ordem regimental proclamando a Republica! Foi-lhe levantado um processo que «foi mandado arquivar» encontrando-se actualmente este oficial arregimentado, crêmos que em Tomar. E é de confiança!

O major Barbeitos, tambem de Infanteria comandou as forças do 9 no alto da Penede contra as forças republicanas vindas de Vizeu e do comando do general Abel Hipolito.

As forças monarquicas, «recosas» retiraram para Regua e o major Barbeitos que posteriormente esteve preso na Penitenciaria de Coimbra, respondendo no tribunal especial do Porto, apresentou atestados de bom republicanos passados por «individuos de norte a sul e de leste a oeste» e viu arquivado o seu processo. Encontra-se actualmente arregimentado, já foi promovido a tenente coronel—e é de confiança! São todos de confiança!

Vamos, respeitavel publico ao «bouquet», á peça de efeito de hoje, segunda feira: O capitão de infanteria Ribeiro de Almeida, ao ser proclamada a monarquia no Porto apresentou-se a Paiva Couceiro e apesar de revolucionario de 5 de outubro, deu-se como perseguido pela Republica e preterido na promoção, pelo que foi mandado apresentar em infanteria 18 «pondo os galões de major!» Magnifico! Ao voltar da Republica «tirou os galões de major» e com este «tira» e com este «põe», conseguiu atestados que lhe fizeram «arquivar» o processo continuando no serviço efectivo. Reformou-se voluntariamente tempos depois...

Como se vê, como se tem visto, é afastado quem não é «personna grata dos «Evangelistas» promovido quem tem lampada acesa em Meca. E todas estas coisas se fazem falando-se constantemente em disciplina, em honra, em dignidade, em brio, com grandes ares e grandes gestos... Que os «Evangelistas» usem de processos á moda de Tartufo, é coisa que não deve admirar ninguem. São costumes do tempo.

Mas que pretendam convencer a opinião publica de que procedem assim pelos superiores interesses da Republica e da disciplina, é tambem cousa que não entra na logica de ninguem bem intencionado. Se os Tartufos continuam, nós continuamos tambem. E' um praser. E' um regalo. O peor é que estas cousas estão longe de dignificar o Regimen.

Maria Judice da Costa

A cantora Maria Judice da Costa, a interprete de Wagner que tem sido nossa colaboradora nas colunas de «A Capital», cantou ontem em Braga com extraordinario exito a opera de Verdi «Aida» interpretando o seu antigo papel de Amneris.

A notabilissima cantora portugueza obteve mais um assinalado exito de que desejamos ser os primeiros a cumprimental-a.

Vai modificar-se o taboleiro do xadrez politico? Vão deslocar-se forças parlamentares, fortificando as oposições? Eis o que se saberá... depois das ferias.

Os jornais da manhã insistem na versão que dá como proxima a formação dum novo partido politico, de feição conservadora, chefiado pelo sr. Cunha Leal. Apesar de ficarmos isolados, persistimos em informar que ha exagero e que, por emquanto, não se pensa em constituir partido algum. O que pode vir a dar-se—embora o consideremos improvavel—é que venham a deslocar-se algumas forças parlamentares, enfraquecendo a maioria e dando mais vigor á minoria constitucional. A doença, que continua em gestação, não é de hoje nem de ontem, antes se origina nas divergencias de opinião e de tendencias em que se debate o partido liberal, cuja saude é cada dia mais precaria.

Efectivamente, acentuaram-se, nos ultimos dias, as manifestações do separatismo por parte dos antigos evolucionistas, embora não de todos, mas principalmente daqueles que mais proximos se encontram do sr. Ribeiro de Carvalho. Se o divorcio se efectivar, é natural que se forme um bloco parlamentar de oposições ao Governo, constituido por reconstituintes, independentes amigos do sr. Cunha Leal, evolucionistas do sr. Ribeiro de Carvalho e até por democraticos afectos ao outubrismo. O Governo, apoiado por unionistas, alguns evolucionistas e a maior parte dos democraticos terá, ainda assim, maioria para poder governar, embora não possa contar com a sua incondicional disciplina. E' de crêr que mais tarde, quando aparecerem no Parlamento as medidas de finanças, que são da escacha, se venha a produzir nova desagregação, com deslocação completa da maioria parlamentar. Então, seria o Governo democratico substituido por um outro, cuja feição é ainda um ponto de interrogação e talvez venha a ser da mais desmarcada admiração.

E é tudo quanto ha.

A Festa da Flôr

será elevada a efeito por eniciativa da Cruz - - - Vermelha - - -

Vai efectuar-se mais uma vez a festa da flor, apelo ás almas bem formadas, que a troco de uma florsinha mimosa, dão a esmola de uma cedula para obras de caridade.

Este ano foi a Cruz Vermelha quem tomou a seu cargo esta simpatica iniciativa, a fim de aumentar os seus fundos, e continuar os relevantissimos serviços já prestados.

Falámos ao sr. Afonso de Dornelas.

—Pouca gente sabe, que a Cruz Vermelha Portugueza vive exclusivamente dos proprios recursos, isto é das quotas dos seus socios, e tambem de muitos donativos.

A guerra deixou a Sociedade completamente exausta.

Para acudir ás despezas, foi como se sabe, aberta uma grande subscrição nacional, que atingiu, caso nunca visto entre nós, mil e tantos contos.

Com este dinheiro, sustentamos um hospital para mil feridos em França, e varios em Africa.

Só estas despezas justificam o despendio da importancia cobrada pela subscrição.

A Sociedade tem vivido até aqui com as quotas e com este dinheiro, e sempre fazendo um serviço intensivo com a costumada dedicação. Como resultado, não tem fundos. Tudo encareceu, e hoje o sustento dos postos de socorros é carissimo. E' por isso que temos que apelar para os sentimentos humanitarios do publico, levando a efeito uma grande festa de caridade, em que todos podem colaborar, da maneira mais sinpatica.

O apelo foi primeiramente feito aos oficiais de terra e mar, e suas familias. Foram eles que melhor conheceram os beneficos efeitos da Cruz Vermelha, e serão os primeiros a concorrer de boa vontade para a sua manutenção.

—E quando pretendem realisar a festa?

—No dia quatro de maio proximo. Faz precisamente 34 anos que foi fundada a Sociedade da Cruz Vermelha Portugueza. Comemoraremos assim a fundação de uma das mais belas instituições de caridade, concorrendo para a sua manutenção e assegurando a sua existencia.

—A festa será realisada em todo o paiz?

—Sim, compreendendo ilhas e colonias.

As nossas colonias conheceram de perto os serviços desta instituição, e ricas como são, não deixarão de vir em nosso auxilio.

—Confia então no exito desta festa?

—Absolutamente. Temos a animar-nos a forma como todo o paiz concorreu á subscrição feita por ocasião da guerra.

O Professor Pereira Coutinho

Conforme noutro logar noticiamos realisou-se hontem na Faculdade de Agronomia da Universidade de Lisboa a sessão de homenagem ao sr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, jubilado recentemente por ter atingido o limite de edade.

Aos 70 anos, depois de 40 dumo vida limpida e nobre de professorado, retira-se á vida particular, rodeado pelos seus filhos e pelos seus netos um notabilissimo portuguez que muitos portugueses ignoram mas que as principaes escolas da Europa conhecem profundamente. Para essa magnifica figura de «gentleman» que a edade tornou ainda mais requintadamente fidalga se é possivel, para esse professor que as Universidades de Inglaterra e de França classificam como um dos primeiros professores do nosso tempo, não pode servir, não deve servir o adjectivo comum perfeitamente deshonrado por um uso banal e importuno. E a expressão que, na verdade lhe cabe bem, porque é a exacta, foi a que lhe atribuiu o professor D. Luiz de Castro. E' um monge. Um admiravel monge!

* * *

Esse monge admiravel que os portugueses na sciencia de botequim e na eloquencia facil de tribuna, afectam desconhecer,—é o mais admiravel, o mais enternecido apostolo da sciencia que estudou durante uma vida inteira. Todos aqueles que durante estes ultimos quarenta anos passaram pelos bancos dos lyceus ou pelas carteiras das escolas superiores foram directas ou indirectamente discipulos do senhor D. Antonio Xavier Pereira Coutinho. Foi ele quem ensinou a tres ou quatro gerações de estudantes—e com que nobre e amoravel disvelo!—o que era uma flôr, o que era uma raiz, como respiram e vivem as velhas arvores de sombra, como crescem e fructificam os pomares que se polvilham de côres, como reage e produs todo aquele mysterioso mundo vegetal a que devemos o melhor da nossa civilisação. Foi ele, o ultimo em data na pleide dos botanicos portugueses, que fez do seu magisterio um culto e fez da sua sciencia o centro e ocupação dominante da sua nobilissima vida.

Foi ele que levantou a mais notavel obra scientifica escrita na nossa terra durante todo o século XIX—a «Flóra de Portugal», imperecivel monumento do trabalho e de genio, folheado por todos os especialistas europeus. E este homem que hombreia com Garcia de Orta e com Avelar Brotéro, este homem que Heggens chama o Jussieu portuguez, deu tambem o exemplo de quanto pode uma vida de trabalho e de estudo dentro das cousas simples e grandes. A sua raça transpareceu em todos os seus actos; o seu valor em todas as suas obras. Os seus herbarios e os seus queridos foram os dois polos da sua vida. Grande, afavel, justo e bom. Selecta anos. Setenta anos magnificamente cheios. Nobremente. O admiravel monge!

* * *

A sessão de ontem foi um sincero preito de homenagem dos seus discipulos e dos seus colegas que foram tambem outróra seus discipulos. A figura do professor Pereira Coutinho não é para se discutir nem tratar nas colunas faceis e efemeras dos jornais. O dr. José de Almeida, um dos seus colegas que foi um dos seus discipulos definiu claramente o Mestre. As suas palavras são uma sintese:

«Nos duvidosos tempos que vão correndo, dentre a caligem densa que nos envolve, a figura deste Portuguez de alma e coração destaca-se tão acentuada pela sua integridade moral e pelo seu verdadeiro merecimento, que, dir-se-ia, ao vê-lo, ao trata-lo, ao estuda-lo, termos volvido—séculos atraz—ao encontro desses varões de Plutarcho, que parecem ter sido criados, exclusivamente, como modelos ideais destinados á educação das gentes e á elevação das patrias, que lhes foram berço.

Toda a sua vida é simples, limpida e nobre, como só aos eleitos de Deus é reservada.

Assim, o professor vive e viverá, respeitado e querido, no coração dos que foram seus discipulos, como perdurará indissoluvelmente ligado ao nome da sua patria, porque nela se consubstanciou pelo aturado estudo, despido de todo o genero de ambição que não fosse a de definir-lhe a Natureza tipica e fundamental.»

Todos podem ajudar uma instituição que é de todos e a todos pode ser util.

E' necessario reagir um pouco contra um acentuado espirito egoista que nos domina.

Se amanhã perguntar-mos a um individuo, se quer ser socio da Cruz Vermelha, ouviremos a invariavel resposta:—E que beneficios nos traz isso?—E depois de saber que a Cruz Vermelha socorrerá egualmente o socio que paga e o trabalhador anonimo que cai na calçada, ele encolhe os hombros e espera ser socorrido quando a fatalidade o tolher por essas ruas. O egoismo domina-o, porque desejava ser ele só o socorrido uma vez que era ele quem pagava.

E' necessario fazer-mos um grande apelo ao paiz, diz-nos ao despedir o sr. Afonso de Dornelas, e os srs. jornalistas não nos esqueçam.

UMA BURLA!...

A greve geral, decretada pela U. S. O., foi um fiasco completo — O "papo seco" de "A Batalha" apresenta-a como uma victoria e ordena que tudo volte ao trabalho — Mas que engraçada farça!...

«A Batalha», pato-mudo da organisação operaria portugueza mas retumbante porta-voz do anarquismo individualista da U. S. O., noticiou com girandolas de foguetorio jubiloso, que o Governo cedera ás injunções da U. S. O. e que esta, em consequencia, ordenava (!) a cessação da gréve geral. Tudo isto não é senão a expressão da mais descarada burla.

Não houve gréve geral. Nem geral, nem parcial. Alguns anarquistas, filiados na U. S. O. abandonaram o trabalho, é certo. Foi um acontecimento sem importancia, que passou completamente desapercebido. A feição habitual da cidade não se modificou, continuando a trabalhar-se sem interrupção, como se o decreto (!) emanado da U. S. O. não tivesse existencia. O incidente foi, quando muito, dum comico nunca visto!

Com os manipuladores de pão, filiados no anarquismo militante da U. S. O. deu-se coisa parecida. Declararam-se em greve... geral. Agora, as gréves, para eles, são sempre gerais... O operariado, farto de suspensões de trabalho, não se deu por achado. E os bravos sindicalistas, isolados, deram o dito por não dito e já não vão para a greve... geral. A U. S. O. declarou-se um «panne», outra vez.

Onde a actividade dos libertarios indigenas se mostra mais consolidada, é no fabrico e arremesso de engenhos mortiferos. Ai, sim! De tempos a tempos rebentam bombas, a ultima das quais feriu um guarda civico e esfacelou as pernas do agente provocador que decretara a pena de morte contra a primeira pessoa que lhe aparecesse pela frente. A U. S. O. não deixará de canonisar este heroe, inscrevendo-o, com letras de ouro, na relação dos sacrificados pelo bem da Humanidade. «A Batalha» não se privará, tambem, de inserir nas suas colunas o retrato de tão prestante cidadão...

POR ANGOLA

Gréve dos indigenas — Atentados contra a soberania portugueza

Dos jornais de Loanda recortamos os seguintes informes:

Os indigenas da região de Catete declararam-se em gréve e fizeram exigencias ao governo e aos europeus. Presos, recolheram á Fortaleza de S. Miguel em Loanda.

O governador do Quanza-Norte apurou em auto de deligencias que os indigenas foram instigados a cometer estes factos e outros ainda mais graves atentatorios da soberania portugueza.

Foram seladas as portas da Liga Angolana e suspenso o Jornal Angolense sendo presos alguns nativos funcionarios do Estado e da Camara Municipal e obrigados a seguir no Beira para Lisboa os europeus implicados no movimento.

Um caso incrivel

Chega ao nosso conhecimento um caso por demais curioso e que é um caracteristico da moral que lavra pelos poderes publicos.

O escriturario da Alfandega de Caminha, Antonio da Costa Magalhães, com 33 anos de exemplar serviço e que teve durante esse lapso de tempo «3 meses de licença»—,viu-se coagido pelas circunstancias e «com centenas de outros funcionarios», a acatar a monarquia do Porto. Este empregado, que no dizer e na informação dos seus superiores é um excelente elemento de trabalho foi punido com 3 meses de inactividade «pró-forma».

Pois já lá vão quasi 4 anos e nunca mais foi reintegrado no seu logar! Com familia e encargos, recebe 20 escudos por mez ao passo que outros seus colegas mais gravemente compromettidos continuam normalmente nas suas situações?

E' espantoso mas é verdadeiro?

Conselho de ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do Interior desde as 10,30 até cerca das 14 horas, não assistindo os srs. ministros do Trabalho e da Agricultura por estarem ausentes de Lisboa. O conselho ocupou-se de assuntos de administração, entre eles a utilisação do credito de trez milhões de libras.

Os Mortos vivem!

Ontem, domingo 9 de abril, passou o quarto aniversario duma curta epopeia de seis horas a que se chamou a batalha de La Lys e onde alguns portugueses esparsindo de sangue um solo estrangeiro, vieram lembrar com manchas purpurinas outros portugueses seus avós que ha mais de um seculo tambem regaram de sangue as colinas secas de Montmirail e de Chateau-Thierry como já o haviam feito pouco antes desde uma cidade incendiada chamada Moscovo até um rio de gelo chamado Beresina. E ontem, domingo 9 de abril, o Estado consagrou mais uma vez, duma forma oficial e desatenta a data de luto duma retirada que é tambem, felizmente para nós, uma data de luminosa honra. Mas é todavia certo que o sentimento que revestiu de imponencia o primeiro aniversario dessa data tem minguado muito desde então, tanto é verdade que se não levantam nem da memoria dos homens nem dos marmores das pedreiras monumentos impereciveis.

Não. Não ha momentos impereciveis e a memoria dos homens é curta, obnubila-se a cada passo andado, a cada ano que transita. Assim, de todas as epopeias vividas nada mais resta do que cinza literaria. E poder-se-ha supor que de ano para ano, de momento para momento, emquanto se vão transmudando em poeira imponderavel os ossos dos Soldados, se torne cada vez mais tenue a recordação do seu sacrificio doloroso. E' assim. A vida assim o quer. Mas uma coisa perdura ainda, existirá ainda por algum tempo: uma emoção impessoal mas enternecida um indefinivel sentimento de respeito, de ternura e de saudade. De certo, no tremendo egoismo do nosso lutar perpetuo, nós, os vivos, nao andamos constantemente a rememorar os mortos de La Lys—mas ás vezes na trisionha ruina do nosso presente, nas pesadas horas de desanimo, esses mortos surgem devagar das misteriosas penumbras do alem atravessam o Stygio brancos, hirtos, fantasticos duendes que foram nossos irmãos e erguem-se confusamente no mais fundo da nossa alma. E então, com o nosso enternecido sentimento, pode vir tambem uma lagrima—quanto santa e pura lagrima!—porque nós que vivemos mal, nós que não sabemos ainda se morreremos bem, temos a irreprimivel saudação muda, rasgada, profunda para aqueles que souberam morrer ou por um ideal chamado Justiça ou por uma abstração chamada Pátria. Se tinham Fé, — foram felizes mortos; é preciso, é imensamente preciso ter Fé para se poder viver e para se poder morrer. Se apenas os animava o espirito do Dever,—foram nobres e grandes mortos porque é o Dever, criado pelo sentimento das coisas simples e puras, que tece na vida um bom e honesto caminho. Ai daqueles que uma vez o podem esquecer! Os Soldados que cairam na terra estranha viviam nesses dois sentimentos. Por isso morreram bem, os queridos mortos! Quanto felizes! E quando a eloquencia oficial tiver emudecido, esquecida de todo, quando os padrões que se dizem de gloria ruirem na pocira melancolica do tempo, um velho livro truncado, ou um pedaço roto de jornal, farão pensar aos raros maniacos de coisas extintas que morreram bem os mortos de La Lys, punhado de creanças. E é essa homenagem ligeira e obscura dum ou outro que é imperecivel, que entrará impalpavel e cariciosa pelas fendas dos velhos tumulos a aquecer ainda os moços Mortos que não morreram, não! porque nos falam ás vezes a nós e nos gritam no silencio do pensamento que nem tudo está perdido ainda que nem tudo está estragado ainda e que é preciso viver, ter Fé, cumprir o Dever, sempre, sempre!...

TEATRO

"A LENDA DOS TARLATANAS,, -:- NO TEATRO S. LUIZ -:- -:-

IMPRESSÕES DE UM ENSAIO—O QUE NOS DIZ ARMANDO DE VASCONCELOS —UMA OPERETA GENUINAMENTE PORTUGUEZA NUM PALCO CHEIO DE BELAS — — — — — TRADIÇÕES — — — — —

Terminou o ultimo ensaio de apuro do primeiro acto de «A Lenda dos Tarlatanas», a farça de André Brun e Carlos Simões, musicada por Pedro Blanch, que o teatro S. Luiz vai representar amanhã em festa artistica de um dos seus artistas de mais destaque, Carlos Viana.

Enquanto os musicos acendem um cigarro, os carpinteiros mudam o scenario e os artistas se dispersam, Armando de Vasconcelos, que com os autores do libreto está enscenando a peça, amavelmente se presta a dizer-nos as suas impressões.

—«Com esta é a terceira opereta portugueza que ponho em scena esta epoca. «As pupilas do sr. reitor» agradaram, «A Moreninha» foi um grande exito e confio que a minha epoca fechará com chave d'ouro: «A Lenda dos Tarlatanas». Quando nos meados da epoca André Brun me veiu ler os seus tres actos, escritos com Carlos Simões, imediatamente me dispuz a pô-los em scena. Para mais eles tinham um elemento de agrado certo: a partitura de Pedro Blanch. Pela primeira vez o simpatico director da orquestra sinfonica aborda a composição teatral e certamente a sua colaboração devia ser valiosa. Com efeito assim é. Antes de lhe dizer duas palavras acerca da peça deixeme assinalar que a partitura de Blanch, leve, graciosa, casando-se bem com a despretensão da obra que comenta musicalmente, nos tem agradado sem reservas. Primorosamente orquestrada, pondo em relevo as vozes dos artistas, contem paginas de um exito seguro.

Ha tantos anos que Pedro Blanch está em Portugal, tem-se afeiçoado tanto á nossa terra, que é quasi um portuguez e a sua musica—a da «Lenda» tem um sabor muito nosso, tão nosso como o caracter da peça, que é uma pintura curiosa da Lisboa burgueza de 1836.

«Assim no-lo têm dito todos os que nos tem falado da farça.

—«Ha muito que não aparece no tablado uma obra musicada com tão acentuado cunho nacional. A acção, os tipos, os episodios estão otimamente colocados na epoca em que decorre a peça. A cada passo, um detalhe fixa essa epoca e André Brun e Carlos Simões podem-se envaidecer desse aspecto do seu trabalho. Alem disso abundam os ditos e situações comicas e pelo dialogo fervem os trocadilhos, alguns deles da melhor marca e do mais chistoso efeito. Dois actos muito animados, o primeiro e o terceiro, um acto de comedia, o segundo desenhando um serão burguez que termina numa farça maluca. Tenho tido um real querer em ensaiar a «Lenda», André Brun é um amigo de muitos anos e com prazer vejo voltar Carlos Simões á actividade teatral. Ambos teem acompanhado a ensenação com carinho e uma excelente e proficua camaradagem...

—«E os seus artistas?...

—«Sabe que a minha companhia é uma grande familia. Todos nos entendemos admiravelmente e todos trabalhamos para o fim comum sem nos prendermos com interesses pessoais. «A Lenda» tem o interesse de sua acção distribuido por muitas das suas figuras. Ha papeis maiores do que outros no numero de palavras que dizem; mas não ha um papel inutil ou indiferente. Auzenda, Aldina e Beatriz Batista, Vasco Santana, Sales Ribeiro e Fernando Pereira são o elemento novo da acção. Sofia Santos e Carlos Viana, Alfredo de Sousa, Sebastião Ribeiro e Mario Campos, são os caricatos e os tipees. Todos os meus córos, entram na peça alem de uma numerosa figuração. Tres scenarios pitorescos, principalmente o primeiro, uma confeitaria no Largo da Sé. O guarda-roupa, que vem nos

logo no ensaio geral, deve ter sido cuidado, como é natural.

—«Resumindo: uma peça alegre, uma musica apropriada, um desempenho feliz, uma ensecnação cuidada. Total: um exito.

—«Assim o creio e todos os esforços teem sido feitos nesse sentido, Fizemos quanto podemos para realisar a «Lenda dos Tarlatanas» como ela merece e em minha consciencia entendo que seria injusto o publico, se não se interessasse por ela.

—«Afinal são sempre os originais portuguezes, apesar do que se diz, que logram obter o melhor sucesso.

—«Não ha duvida e, porque assim é e porque só forçado pelas circunstancias ponho em scena peças estrangeiras, já para a minha proxima epoca conto com um novo original dos autores da «Moreninha», André Brun e Carlos Simões tencionam escrever para Ausenda uma peça sobre «A Flor da Murta», é muito provavel que faça uma reposição de «A Severa» que tem uma tão linda partitura de Filipe Duarte e consta-me que Antonio Carneiro com a colaboração de Acacio Antunes prepara uma peça para mim. Podesse eu fazer toda a minha epoca com peças portuguesas!

—«Os exitos encorajarão os autores novos e chamarão de novo os autores consagrados...

—«Mais uma rasão, portanto, para desejar á «Lenda dos Tarlatanas» um ruidoso sucesso.

* * *

O ensaio do segundo acto ia começar. A sala de Basilio Tarlatana já estava armada no palco e o contra-regra dispunha os ultimos adereços. Os tres autores conversam animadamente num canto e pela sua disposição de espirito vê-se que estão confiados. Os nossos melhores votos os acompanham.

O fotografo Fernandes

O seu aniversario natalicio

O distinto fotografo Fernandes, um dos melhores artistas portugueses na especialidade, conta mais um aniversario. «A Capital» que tem nele um dos mais dedicados amigos, não podia deixar de se referir ao facto, pois o velho fotografo é uma figura que se destaca no meio lisbonense. Com o aniversario natalicio do simpatico artista coincide o aniversario da fundação do seu atelier, sito, como se sabe, na rua do Loreto. Pelas suas salas tem passado a mais numerosa e escolhida clientela, a qual não deixa de demonstrar a sua admiração pelos trabalhos que, no genero, bem se podem considerar inexcediveis.

O fotografo Fernandes nunca deixou de se aperfeiçoar, buscando sempre acompanhar os progressos da arte em que é mestre.

Conseguiu-o, o unico de nós o dizermos, tinha-o pensado o publico, distinguindo o artista com a sua preferencia em que vai tambem um pouco de carinho.

A sessão de homenagem no Instituto de Agronomia

No Instituto Superior de Agronomia da Tapada de Ajuda realisou-se hontem a sessão de homenagem ao professor D. Antonio Xavier Pereira Coutinho recentemente jubilado comemorando-se egualmente, por passar o 9 de Abril, a memoria dos alunos desse estabelecimento de ensino que morreram na Campanha da Grande Guerra.

A's duas horas da tarde, no vasto amfiteatro do Instituto foi aberta a sessão a que presidiu o Chefe do Estado, rodeado pelos srs. presidente do Conselho e ministros da Guerra, Colonias, Comercio e Agricultura, tendo saido pouco depois de ela se iniciar o sr. general Correia Barreto. Sala completamente cheia, conferencia de todos os alunos, muitas senhoras, todos os professores do Istituto e grande numero dos das outras Faculdades.

Depois de aberta a sessão o director professor Sousa da Camara, em seguida ao ter lido cartas e telegramas de apoio e saudação á homenagem prestada, pronunciou uma curta alocução. Foi descerrado o retrato do professor Pereira Coutinho lendo o professor Filipe de Figueiredo o elogio do sabio botanico.

O sr. Veloso de Araujo, aluno do Instituto entregou ao Chefe do Estado um exemplar do jornal «Agros» numero especial do boletim da Associação dos estudantes de Agronomia e ao corpo docente uma rica pasta que os alunos ofereceram ao sr. D. Antonio Pereira Coutinho e que por motivo da sua ausencia lhe não foi entregue pessoalmente.

O tenente do Administração Militar, sr. Moura tambem aluno do Instituto, pronunciou o elogio dos seus camaradas e colegas mortos em campanha tendo a assistencia coroado vivamente as suas palavras de elogio e de sentimento.

Seguidamente o sr. dr. Antonio José de Almeida descerrou a lapide comemorativa que foi inaugurada no peristilo da sala de conferencias tendo retirado pelas 3 horas e meia da tarde.

O sr. dr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, que não assistiu á sessão encontra-se actualmente residindo na sua quinta de Caparide em Parede-Galisa, junto ao Estoril.

Curiosidades

A antiguidade das meias

As primeiras foram feitas de lã e de algodão e á agulha, sendo rarissimas enquanto não apareceu um tear para as fabricar.

Diz-se que a invenção deste tear se deve a um serralheiro da Baixa-Normandia, que fabricou um par de meias de seda para oferecer a Luiz XIV. A seda foi trazida da India no ano 274 antes da era cristã.

Dois missionarios que ali viviam no reinado de Justiniano trouxeram da China para Constantinopla algumas sementes de bichos de seda que se propagaram bastante e de forma que dentro em breve se construiram em Atenas, Tebas e Corinto, grandes fabricas desse tecido. Esta industria devido ao seu desenvolvimento passou para a ilha da Sicilia e de ai para a Italia, Espanha e para o sul da França, em 1656, onde foi introduzida por João Indret e mais tarde, em 1808 aperfeiçoada por Wedman. Em Inglaterra esta industria chegou muito mais cedo que á França. Os francezes afirmam que as primeiras meias de seda que ali apareceram foram usadas por Henrique III no casamento de sua irmã Margarida de França com o duque de Saboia, em 1559. Os espanhois afirmam que o primeiro par de meias que entrou em Inglaterra foi fabricado em Espanha e enviado a Eduardo VI, rei daquela nação.

A cor das meias foi por muito tempo igual á dos vestidos que se usavam com elas e só ha um seculo é que se tornou indiferente.

As primeiras meias de seda que apareceram em Portugal, muito antes de 1559 foram fabricadas em Toledo e foram oferecidas de presente a D. João III pelo seu cunhado o imperador Carlos V, as quais aquele monarca exibiu no casamento de seu filho D. João com a princeza D. Joana.

A proposito: houve até ao seculo XV na Escocia um costume deveras interessante. Quando a noiva se metia na cama na primeira noite de nupcias, tirava as meias e, depois de apagadas as luzes, atirave-as para o ar e aquela das donzelas que assistiam ao casamento que tinha a felicidade de apanhar uma das meias era das preferidas para casar naquele ano!

Aquedutos notaveis

Roma antiga tinha 8 aqueductos que forneciam 12 milhões de metros cubicos de água diariamente. O aqueducto de Claudia tinha 75 kilometros de comprimento sobre 30 metros de altura. O de Martia 66 quilometros de comprimento, sobre 7.000 arcos com 20 metros de altura.

Em Lisboa há o monumental e gigantesco aqueducto das Aguas Livres, começado a construir em 1731 e concluido em 1835. O aqueducto tem de extensão 18 623 metros.

O reservatorio das Amoreiras, onde termina o aqueducto, leva 12.463 pipas de agua e custou cerca de 400 contos.

O aqueducto é montado sobre 128 arcos de cantaria o maior dos quais mede 50m82 de altura. Toda a obra custou 5.561.911$60. O aqueducto da Povoa de Varzim tem 999 arcos numa extensão de 5 quilometros, e foi construido pelo italiano Filipe Terzio por encomenda das freiras do Convento de Santa Clara.

A. G.

A Provincia na "Capital,,

PORTIMÃO, 10. — Os habitantes desta vila pediram autorisação para as procissões sairem, as autoridades porem não consentiram. —Faleceu D. Angelica de Almeida Negrão proprietaria desta vila. — Os soldadores das fabricas de conserva não trabalham com o peixe apanhado nos cercos de Olhão motivo porque os soldadores de Olhão estão em greve.

Já se anuncia a queda do Governo para depois de férias —Deserções no partido liberal e dissenções no partido democratico — Como virá a resolver-se a crise, se ela se dér?...

Apesar de estarmos em Semana Santa, que é a epoca consagrada ao perdão das ofensas e á renuncia dos bens terrenos, os politicos não desarmam, antes pelo contrario. Razão tem, pois, a «Epoca», quando os acusa de impios! Nos arraiais dos partidos da Republica vai grande azafama sendo muito provavel que, terminadas as ferias, venham a produzir-se acontecimentos de importancia. Se antes disso, é claro, os impacientes não precipitarem os acontecimentos...

O partido liberal encontra-se em pleno periodo de dissolução. Os partidarios desertam. Assim, é positivo que no districto de Coimbra o partido liberal já está consideravelmente enfraquecido, tendo-se afastado o sr. Jose Cardoso, que foi governador civil de Coimbra e é um influente liberal de importancia. A agravar esta situação, é publico e notorio que o sr. Luna Duque não se entende com o sr. Fernandes Costa, ambos apostados em reterem o bastão marechalicio do districto de Coimbra. Apontam-se ainda outras individualidades de destaque no partido liberal, como, por exemplo, o sr. José de Napoles, que se apressam para romper com a obediencia ao directorio. E' de crêr que, muito brevemente, o partido se desdobra, com aprazimento de reconstituintes e leolistas, que contam atrair ás suas fileiras os elementos dissociados do partido liberal.

O P. R. P. não está em muito melhores condições. Existe, de facto, uma divergencia entre democraticos-outubristas e democraticos anti-outubristas. O Congresso do partido está marcado para os dias 21, 22 e 23 do corrente, em Coimbra. Afirma-se que nele serão liquidadas contas e rixas velhas, levantando a questão do outubrismo o sr. Pires de Carvalho, que foi ministro com o sr. coronel Manoel Maria Coelho.

Se assim acontecer muitos parlamentares e homens eminentes do partido democratico apoiarão e darão força ao sr. Pires de Carvalho, contando se entre eles o senador sr. Ribeiro de Melo, que foi chefe de gabinete junto do sr. Manuel Maria Coelho e Maia Pinto e que, mesmo no Parlamento, não tem deixado de manifestar as suas simpatias pelo outubrismo.

As dissenções intestinas do partido não param aqui. Reproduzem-se agora, a pretexto da crise do governo civil do Porto. O sr. Domingos dos Santos discorda do sr. Antonio Maria da Silva e a questão azedou-se de tal forma que o politico portuense está disposto—ou parece estar disposto—a afastar-se dos trabalhos parlamentares, arrastando consigo mais alguns parlamentares da maioria.

Estes e outros casos são de molde a criar apreensões sobre a marcha dos trabalhos do Congresso partidario de Coimbra. Não seria mesmo para admirar que ele fosse adiado, principalmente se não for possivel encontrar uma formula de solução á crise do Governo Civil do Porto, dando plena satisfação ao sr. Domingues dos Santos e seus amigos. Nisso se empenha o sr. Antonio Maria da Silva e é bem possivel que o consiga.

Seja porém como fôr, o certo é que o gabinete se encontra enfraquecido, sendo admissivel que, depois de ferias, venha a declarar-se a crise ministerial.

Noticias de todo o mundo

A conferencia de Genova

GENOVA, 9.—A conferencia preliminar resolveu a nomeação de 4 comissões, devendo a primeira ocupar-se 1.º de pôr em pratica as resoluções tomadas em Cannes; a 2.º do estabelecimento da paz europeia em bases solidas; 3.º das condições necessarias para restaurar a confiança sem atentar contra os tratados. As 3 outras comissões reunirão simultaneamente e tratarão das questões economicas, financeiras e dos transportes. Supõe-se que a delegação sovietica reclamará que seja convocada a Turquia. Durante o debate o sr. Barthou explicou que na ausencia do chefe do governo francês a delegação recebeu mandato preciso, nos limites do qual possui todos os poderes.—(H.)

Falkenhayn

POTSDAM, 9. — Faleceu ontem o general Falkenhayn.—(H.)

N. B.—Um dos mais notaveis generais que fizeram a Grande Guerra de parte da Alemanha, o general Falkenhayn foi chefe do Estado Maior do Corpo de Exercito do general Von Balbu e comandou como chefe na ofensiva de 1918 sobre Paris. Foi ele que dirigiu e orientou a grande ofensiva de Chateau Thierry e de Soissons.

A situação da imperatriz Zita

MADRID, 9.—O rei recebeu um telegrama do Papa em resposta aquele em que tinha apelado para todos os chefes de estado para que melhorassem a situação da ex-imperatriz Zita. O papa elogia a iniciativa do soberano espanhol e diz que já começou a interessar neste assunto todas as potencias. Pio XI crê que a questão será tratada na conferencia de Genova e que ai será favoravel e definitivamente resolvida.—(R.)

ULTIMA HORA

O "raid,, Lisboa-Brazil

A terceira "etape" da grande viagem

RIO DE JANEIRO, 10— Comunicam de S. Vicente de Cabo Verde que os aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho contam largar em direção a Fernando Noronha á 1 hora da madrugada de amanhã, se o tempo estiver bonançoso.—(Particular).

Se a partida do avião «Lusitania» fôr á 1 hora da madrugada a amarissagem em Fernando Noronha deve realisar-se entre as 17 e 18 horas, efetuando-se a viagem em condições normais de tempo e velocidade.

O governo brazileiro instituiu um premio de 250 contos aos primeiros aviadores portuguezes ou brazileiros, que conseguirem levar a efeito a viagem aerea entre Lisboa e Rio de Janeiro. O Governo Portuguez confere tambem um premio de 100 contos, que foi decretado a quando do ultimo gabinete Domingos Pereira.

Diz-se, não sabemos se fundamentadamente, que a casa construtora do avião «Lusitania» e a «Vacuum Oil Company» darão tambem aos aviadores um premio avultado.

O cruzador «Republica», seguiu já para os penedos de S. Pedro e S. Paulo, na hipotese de que o hidro-avião «Lusitania» ali tenha de descer.

O sr ministro da Marinha pensa em propor uma alta recompensa honorifica aos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Os oficiais do policia vão realisar em breves dias um banquete de regosijo por motivo do exito do raid Lisboa-Brasil.

As ultimas prisões

Uma comissão de delegados da U. S. O. esteve hoje de tarde no Governo Civil solicitando ao chefe do distrito o andamento rapido dos processos referentes aos presos de S. Julião da Barra e do forte de Sacavem.

Dos referidos fortes sairam hoje em liberdade 36 individuos, encontrando-se actualmente nos calabouços do Governo Civil apenas uns 12 presos.

—Os agentes Reis e Monteiro voltaram hoje ao Hospital de S. José para interrogarem e acarearem com os guardas captores o bombista Raul da Conceição autor do atentado dinamitista de sexta-feira passada na Avenida Fontes Pereira de Melo. O ferido foi reconhecido como autor do atentado.

Estudantes espanhoes

O sr. dr. Barbosa de Magalhães ministro dos Estrangeiros, recebe os estudantes espanhois hoje ás 19 horas.

Tenente Larcher

De regresso do Porto, onde fôra passar uns dias de licença, regressou hoje a Lisboa o sr. Tenente Larcher, secretario do sr. Governador Civil de Lisboa e um dos grandes amigos dos jornalistas que no governo civil fazem serviço.

Questões tauromaquicas

Uma comissão de artistas tauromaquicos procurou hoje mais uma vez o sr. Governador Civil de Lisboa para tratar de varios assuntos referentes á arte tauromaquica, entre o de regulamento policial nas corridas e da questão dos amadores.

O barrete cardinalicio

Conferencia nas Necessidades

Devia realisar-se esta tarde, no Ministerio dos Estrangeiros, uma conferencia entre os srs. Arcebispo de Metilene e Barbosa de Magalhães. Tratar-se-hia, ao que que consta, de fixar o programa de cerimonia da imposição do barrete cardinalicio ao sr. Nuncio Apostolico, por mão do Chefe de Estado. A conferencia ficou adiada, porque o sr. ministro dos Estrangeiros não pode comparecer no seu gabinete á hora aprasada.

Em poucas linhas

Na sala de observações dos doentes, no Hospital de S. José, deu entrada José da Costa Camara, electricista, morador na rua Moraes Soares, L. O., que na rua Sebastião Saraiva Lima tentou suicidar-se dando um tiro na cabeça.

—No mesmo hospital deu entrada Antonio Maria Móra, operario na fabrica de Tabacos, morador na Vila Dias, 100 que na sua residencia foi agredido á facada pelo seu colega e visinho Olivio Ferreira, ficando ferido na cabeça. O agressor foi preso.

Associação dos Trabalhadores de Imprensa

Um desmentido formal á "A Batalha"

Não tem o menor fundamento a noticia publicada em «A Batalha», dando como certo que a «Associação dos Trabalhadores de Imprensa» votara a greve geral.

Casamento de artistas

Na egreja de S. Domingos casaram hoje a actriz Hortense Luz e o ponto Mario Pombeiro, ambos da companhia Maria Matos e Mendonça de Carvalho. Por parte da noiva foram padrinhos os seus emprezarios e por parte do noivo o sr. Carlos Borges e sua neta.

Foi reaberto o sindicato do pessoal da Carris

Uma comissão de empregados dos eletricos procurou hoje o sr. governador civil de Lisboa, a quem pediu a reabertura da sede do seu sindicato. O chefe do distrito deferiu o pedido.

Já não se declara, o movimento dos padeiros

Os padeiros que numa reunião realisada hontem proclamaram a gréve geral da classe parece terem mudado de opinião á ultima hora.

Natural é que as inteligentes providencias tomadas rapidamente pelo chefe do distrito tivessem contribuido para o contra-anuncio «afixado» esta tarde. As grèves não vão provando bem e aqueles que trabalham o se sacrificam para cuidar das suas familias já não admitem nem toleram que a C. G. T. e a U. S. O., decretem movimentos a torto e a direito e por coisas insignificantes.

Decretada a greve dos padeiros esta falju tambem, dizendo os manipuladores de pão, que chegaram ago ra a acordo com os industriais...

O sr. governador civil teve hoje de tarde conferencias com os directores das Companhias Portugal e Colonias e Aliança. Tambem o chefe do distrito recebeu uma comissão de manipuladores de pão que declarou não haver da parte dos operarios, a menor intenção de se lançarem na greve.

Pois sim!...

A "festa da Pascoa,, no Jardim Zoologico

No proximo domingo 16 realisa-se no Jardim Zoologico uma festa dedicada á mocidade das Escolas que promete revestir excepcional brilhantismo. O aprazivel sitio de recreio das Larangeiras verá povoar-se de creanças de todas as escolas de Lisboa os seus arvoredos magnificos.

O sr. Millerand em Marrocos

RABAT, 9.—O sr. Millerand recebeu o sultão de Marrocos, ao qual pagou a visita. Os discursos que se trocaram atestam os resultados obtidos com a ordem e civilisação no protectorado de Marrocos, devido á estreita colaboração do sultão e do marechal Lyautey e a confiança do Magzem na [illegible] protectora.—(H.)

TEATRO

Teatro brasileiro

«Os alegres bolchevistas», o novo original de Gastão Tojeiro que foi levado, em «première», no S. José, no Rio de Janeiro, não deixou de agradar ao publico que riu gostosamente do 1.º ao 3.º acto. Eis a peça:

«Tres individuos com prosapias de bolchevistas alugam uma sala em casa de um respeitavel cavalheiro que se dá ao triste e martirisante oficio (para as visinhanças) de tocar... pratos.

Assim de um momento para o outro, a «ventura» do lar do honesto cavalheiro, que nunca tivera socego devido á meiguice um pouco... pesada da sua esposa e ás deliciosas diabruras de suas filhas, viu-se seriamente prejudicada com a instalação, em sua casa, de um... «soviet» que é presidido por um cavalheiro vindo da... Russia como embaixador especial do... sr. Lenine.

Depois de muitas passagens interessantes, os tres maximalistas que nunca passaram de um simples... maximalandros transformam o tal «soviet» em bloco carnavalesco que toma a denominação de «Bloco Carnavalesco Alegres Bolchevistas». Gastão Tojeiro, nesse novo original, mostrou-se conhecedor da carpintaria teatral. A musica tem numeros deliciosos. No desempenho entraram os srs. Alfredo Silva, Asdrubal Miranda, Viana, J. Figueiredo, João Matos e as sr.as Candida Leal, Cecilia Porto, Otilia Amorim, Elisa Campos e Henriqueta Brieba.

Como empregam o tempo varios artistas de cinema em ferias

Will Rogers emprega o tempo em caçar. Lionel Barymore, nadando e jogando o tenis. Charlos Chaplin, diverte-se visitando Nova York, exemplo imitado por Douglas Fairbanks e Mary Picford. Joh Bowers faz excursões em hiate, na bahia de São Francisco e seus arredores. Culien Landis, correndo em automovel, como o diabo á solta. Helene Chadwich, caminha, como exercicio, tres a quatro leguas por dia. Edith Chapman, emprega o tempo trabalhando na sua granja, que produz excelentes frutos. Nick Cogley cultiva o seu jardim. Mason Hoper executa trabalhos fotograficos. Raymond Hatton, parte em visita para a ilha Catilina. Irene Rich, nada e monta a cavalo, sports em que é perita. Collen Moore parte para as montanha. Richard Tucker para as praias. Eliot Dexter fica pacificamente na sua aprazivel vivenda Claire Windson, passa tambem o tempo a cavalo. Lon Chaney, finalmente, fasendo prodigios de maluquice, pelas estradas da California, com o seu novo automovel, construido especialmente para ele.

Noticiario

Portugal

E' a seguinte a distribuição da peça «Os Tenorios», original em 3 actos, do dr. Ramada Curto, que sóbe á scena no Nacional, na noite de segunda feira, 10 do corrente:

«Maria», Irene Grave; «Gustavo», Luiz Pinto; «Luiz», Clemente Pinto; «Tio André», José Ricardo; «Gaspar», Joaquim Costa; «D. Joana», Acacia Reis; «Joaquina», Laura Hirsch; «Julião», Artur Duarte; «O visconde», Antonio Melo; «Manuel Pais», Luiz Leitão; «Um garoto», Leopoldo Santos; «Tereza de Jesus», Sara Cunha; «Um creado», Francisco Sena; «Uma creança», Raquel Costa.

—Por noticias recebidas de Evora, sabemos que obteve brilhante agrado nos espectaculos realisados no teatro Garcia de Rezende pela «tournée» Eduardo Raposo a distinta cantora, Maria Pires Marinho, infelizmente afastada do meio scenico lisboeta e, que tão fundas impressões deixou quando da sua estreia no antigo teatro da Trindade.

Discipula dilecta da eximia professora M.me Mantelli, Maria Pires Marinho abraçou o profissionalismo com grande relevo e subida inteligencia, e a sua voz belamente timbrada melhor aproveitada seria para genero de maior folego. Consta-nos que será um dos melhores elementos da companhia portugueza de opera em organisação e dirigida pelo consagrado artista D. Francisco de Sousa Coutinho.

—Na festa artistica da actriz Alice Pereira que devia realisar-se no Chiado Terrasse em vez da peça «A migalha», representa-se o ilustre governador» em que esta artista desempenha um excelente papel.

Exposição do Rio de Janeiro

As adesões importantes que o Comissariado Geral do Governo recebe constantemente, permitem-nos asseverar que naquele certamen a representação portuguesa será uma grande manifestação da nossa vitalidade

Sempre que vamos ao comissariado da Exposição do Rio colher informações para o publico—e fasemo-lo constantemente porque não perdemos de vista tão momentoso e importante assunto—vimos de lá intimamente satisfeitos porque verificamos que á medida que a data da abertura da exposição se aproxima, recrudesce o entusiasmo, avolumando-se o numero de inscrições de expositores de uma forma consideravel.

Ainda hoje ali nos forneceram uma enorme lista de boletins de expositores, que juntando ás que já nos forneceram, atinge alguns milhares.

A falta de espaço não nos tem permitido publica-las, mas esperamos muito brevemente começar a tornar publico os nomes de particulares, empresas ou casas comerciais e respectivos artigos com que concorrem.

Esta publicação permitirá ao paiz avaliar do incremento que vai tomando a nossa representação na grande Feira mundial do Rio de Janeiro, graças á boa orientação do Comissariado do Governo e ao zelo dos seus colaboradores.

No numero de inscrições a que acima nos referimos, ha uma que nos merece especial menção. Trata-se do museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, que, segundo oficio enviado ao Comissariado pelo seu director, o ilustre poeta Cruz Magalhães, far-se-ha representar brilhantemente, concorrendo com obras daquele grande artista ainda não expostas, e com uma monografia sobre o museu e obra do genial artista Rafael Bordalo Pinheiro. Esta monografia será distribuida profusamente no Brazil.

A representação artistica de Portugal causará necessariamente uma grande sensação. Nao somos nós que o dizemos. Diz-nos o numero importante de boletins, com a inscrição de escultores e pintores nacionais que residem em Portugal e estrangeiro, que afluem constantemente ao Comissariado.

A Cordoaria Nacional, que no genero é o mais importante estabelecimento do paiz, enviará ao Rio de Janeiro um interessante mostruario dos productos que confecciona. Isto quer dizer que os estabelecimentos publicos continuam a contribuir para o bom exito do grande certamen.

Ha tempo fizemos referencias a adesões identicas e esperamos mui brevemente ter ensejo de registar ainda mais de igual valia.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	47|16— 45|16
» 90 dias	49|16—
Paris, cheque	1123— 1155
Suissa, cheque	2389— 2458
Belgica, cheque	1040— 1070
Italia, cheque	632— 650
Berlim, cheque	38— 43
Holanda, cheque	4674— 4810
Madrid, cheque	1912— 1967
New-York, cheque	12288— 12641
Brazil, cheque	59— 55
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2238— 2303
Suecia, cheque	2311— 3304
Dinamarca, cheque	2607— 2682

Libras . . . . . 57$00 — 60$00

SPORT

AUTOMOBILISMO

Vai realisar-se no dia 23 deste mez a CORRIDA DA RAMPA DA PIMENTEIRA

A inscrição está aberta até quinta feira proxima

No dia 23 deste mez o jornal «Os Sports» leva a efeito, com a devida autorisação do Automovel Club de Portugal, a II corrida da Rampa da Pimenteira, no percurso de 1500 metros que vai da ribeira de Alcantara á entrada da Cruz dos Oliveiras.

E' grande o entusiasmo no nosso meio automobilista prevendo-se portanto grande numero de inscritos, quer de amadores, quer de representantes de marcas de automoveis.

E' conveniente que os automobilistas que desejam tomar parte na prova, e que nos consta serem em grande numero, façam a sua inscrição o mais breve possivel, a fim de «Os Sports» conhecer os elementos com que pode contar.

A taxa de inscrição, para esta corrida, por cada carro, é de 60$00, para os automobilistas amadores, portugueses ou estrangeiros, e de 120$000, para representantes das marcas com sede no paiz.

Sobre categorias, o regulamento estabelece os seguintes:

1.ª—Até 15 cavalos, inclusivé;
2.ª—Até 30 cavalos, inclusive;
3.ª—Superior a 30 cavalos.

A força em cavalos será determinada pela formula adotada pela Comissão Tecnica da Circunscrição Sul.

«Os Sports», de acordo com o jury da prova reserva-se no direito de admitir sub-divisões nas categorias, ou de as modificar conforme as necessidades que possam surgir, mas deverá torna-las publicas oito dias, pelo menos, antes de se efectuar a corrida.

A inscrição encerra-se na proxima quinta-feira pelas 22 horas e deverá ser feita pelos automobilistas em boletins especiais que «Os Sports» fornece.

Entre outras marcas, parece que concorrerão as seguintes.

Citroen, Delage, Delahaye, Chiribiri, Dion-Bouton, David, Alfa Romeo, e dois carros Studebaker da firma C. Santos Lda. e outros.

Contamos, tambem, com a vinda do distinto sportsman do Porto sr. Monteiro Pinto, que tomará parte na prova num carro Bugatti.

Sobre amadores teem chegado á redação de «Os Sports» grande numero de adesões, devendo a inscrição atingir um numero grande de concorrentes.

Sobre premios, alem das duas magnificas taças «Goodyear» e S. E. V. oferecidas a «Os Sports» respectivamente oferecidas pelas firmas Corvaceiras Mariano & Gomes e Artur Mimoso Lda. «Os Sports» concede artisticas medalhas e diplomas aos primeiros classificados em todas as categorias.

IX Campeonato Internacional de Luta

No sabado, 15 do corrente, iniciase no ring do Coliseu dos Recreios o IX Campeonato Internacional de Luta que na sua parte tecnica é feito de acordo com os jornalistas sportivos.

Pode-se dizer que este ano disputam o campeonato as maiores celebridades da luta, pois a inscrição que está aberta em Paris, Madrid e em Lisboa, já conta nomes de grande valor, como seja Constant Marin, belga, Emile Deriaz, suisso, Sonda, romano, Stroonbants, belga, Fornier, francez, etc. todos homens com o peso superior a 100 kilos.

Espera-se dum momento para o outro a inscrição do campeão espanhol, Ochoá, podendo já contar-se como certa a do valente portuguez Manoel Grilo que no ultimo campeonato conseguiu sem favor a 5.ª classificação.

O Coliseu vai ter pois, de sabado em diante, grandes enchentes.

Box

Tex Richard, o empresario milionario, que organisou o combate entre Dempsey e Carpentier, está preso por suspeita de estar implicado no crime de prostituição,

Para onde lhe havia de dar...

—O campeão italiano Spallo, conservou o titulo no seu combate com Barbarere, que o tinha desafiado.

—O americano Ted Lewis, aposta 50 mil francos, como resiste mais tempo a Carpentier, que qualquer dos ultimos adversarios deste ultimo.

—Está assente que Carpentier, fará em Paris um match em Setembro, no Velodromo de Bufalo.

Esgrima

A equipe franceza de que faz parte Garderi, alcançou mais uma vitoria em Monte-Carlo, na taça Gaestrios-Vognal.

—O italiano Aldo Nadi, foi de novo batido por Sassoni.

Remo

Disputou-se diante de uma assistencia de perto de 20 mil pessoas, a prova de remo da travessia de Paris, que foi ganha por uma equipe do delutante.

O sport no exercito

Realisou-se mais uma festa de sport entre as escolas militares de Paris.

Houve desafios de esgrima, e de foot-ball, em que triunfaram a escola Politecnica e a escola dos cadetes.

O sport nas artes

O jornal «A Comedia» de Paris, e o deputado pela scena, Adolfo Cheron, arranjou um concurso entre poetas, pintores e escultores, para propaganda de sport, por meio da arte.

Entre nós... cala-te boca...

Foot-ball

Em Constantinopola, disputou-se um match entre uma equipe militar francesa e um team turco.

O resultado foi um match nulo.

Law-Tennis

O torneio de Cannes foi ganho por Borotra.

—O campeonato da America foi ganho por Hunter.

—Em Filadelfia, o campeão do mundo Filden foi vencido pelo novo jogador Richard.

Como se joga o Foot-Ball

Ex.mo Sr.—Somos ha muito apreciadores do «Foot-Ball» e confessamos-lhe ter fortes razões para acreditar que este genero de Desporto não terá exito em Portugal.

Ha bastantes anos que êle se pratica entre nós; e se é certo que alguns progressos se tem feito, tambem não é menos certo que factos recentes de todos conhecidos, a continuarem a dar-se, acabarão por condená-lo em absoluto entre portuguezes, aos quaes, a nosso ver, falta uma educação propropria, indispensavel em um paiz que quere passar por civilisado...

Temos assistido a varios desafios no estrangeiro, onde é uso o publico portar-se com compostura e correção em todas as fazes do jogo, correcção a que os proprios jogadores em circunstancia alguma faltam.

Esta circunstancia, fez com que nos impressionasse profundamente, por mais de uma vez, a atitude agressiva de certo publico, um tanto justificada pela continua desobediencia dos jogadores ás bôas normas da lealdade, e decidimos não voltar mais ao «campo», para evitarmos presencear espectaculos dessa natureza, tanto lamentaveis como tristes.

E' preciso que v. com a sua grande autoridade no assunto, faça uma intensa propaganda contra os actos agressivos que vaxatoriamente nos colocam perante as outras nações. O publico tem muita maneira de se manifestar, sem ser com o insulto e com a agressão. E o jogador vence mais nobremente com a sciencia do que com a brutalidade.

Noticias vindas a publico, dão como certo que o encontro entre os «teams» espanhol e inglez terá logar na terça-feira. Lembravamos a conveniencia de que esse encontro tivesse logar a um domingo, dia em que todos estão livres das suas ocupações, pelo que poderão assistir ao mais importante desafio que até hoje se tem realisado em Lisboa.

Se v. ex.ª conseguisse isso, muita gente lho agradeceria, porque desafios como este são, infelizmente, muito raros no nosso paiz.

Agradecendo antecipadamente o esforço de v. para a satisfação do nosso desejo, que é o de milhares de rapazes amigos do Desporto, somos com o mais alto apreço.—De v. etc. *Jaime Coutinho, Adolfo Teixeira.*

NOTICIARIO

BOX NO COLISEU

Os combates entre amadores são sempre animados, pelo que o publico os aguarda com interesse. Os que figuram no programa da sessão de 12 no Coliseu e que se efectuarão antes do sensacional combate de profissionais Marius-Faustino, tem porem, especiais motivos de atração, valendo bem como grandes combates, pelo valor dos contendores. O publico verá sobre o «ring» o campeão de Portugal dos «meio-leves» e «leves», sr. Abel da Cunha, notavel combatente, scientifico, rapido e duro. Defrontá-lo-á José de Araujo, o vigoroso pugilista que no mez passado, contra F. Brito, no Coliseu, fez uma tremenda batalha. Albano Martins Tiberio e José de Oliveira Soares serão os combatentes em outro encontro que vai entusiasmar pela energia e decisão. Finalmente, Gilberto Fernandes, que fez boa figura no ultimo campeonato, e Alexandre Neves devem ser os contendores de outro combate. E por esta forma haverá em 12 seis amadores de valor e tres combates de diversas categorias, um de «leves», outro de «meios-médios» e outro de «minimos».

FOOT-BALL

Porto contra Lisboa

No jogo ontem disputado no Porto, entre grupos representativos das cidades de Lisboa e Porto, foram vencedores os Lisbonenses por seis bolas a zero.

GINASIO CLUB PORTUGUEZ

Está despertando enorme e entusiasta animação a festa que se realisa no sabado de aleluia na séde daquele club, constante de sarau ginastico no qual se farão apresentar bastantes e atraentes numeros de ginastica tais como argolas, barra, triple, trapezio, box, luta, jogo de pau, esgrima, atletica, e bem assim a classe infantil de educação fisica sob a proficiente direcção de Artur dos Santos, seguindo-se baile que, como de costume, será abrilhantado por um quintetto com «Jazz-band» sendo rigorosamente obrigado o traje de «soirée» ou farda e luva branca.

A magestosa sala Luiz Monteiro será, sob a direcção de habil decorador, caprichosamente ornamentada.

A entrega de bilhetes e marcação de logares, far-se-ha nos dias 10 a 13 das 21 ás 23 horas, mediante a apresentação do bilhete de identidade e quota do mez de março.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

RECORDAÇÃO

por GUY DE MAUPASSANT

Como voltam a mim as recordações da mocidade sob a suave caricia do primeiro sol! E' uma edade em que tudo é bom, alegre, encantador, embriagante. Como são de um valor ideal as recordações de antigas primaveras!

Recordaes-vos, velhos amigos, meus irmãos, desses anos de alegria em que a vida não era mais do que uma aurora triunfal e de um sorriso? Recordaes-vos desses dias de vagabundagem em redor de Paris, da nossa radiosa pobreza, dos nossos passeios nos bosques reverdecidos, da nossa embriaguez no ar azul dos *cabarets*, á margem do Sena, e das nossas aventuras de amor tão banais e tão deliciosas?

Vou contar uma dessas aventuras. Data ela de ha uns doze anos e parece-me já tão antiga, que me aparece agora como no outro extremo da minha vida, antes da volta do caminho, essa desagradavel volta-de-caminho donde eu vi de repente todo o fim da viagem.

Tinha eu vinte e cinco anos. Acabava de chegar a Paris; era empregado num ministerio, e os domingos apareciam-me como festas extraordinarias, cheias de uma ventura exuberante, muito embora neles não se passasse nada de extraordinario.

Hoje, bem poderiam chover domingos, que lamentaria sempre o tempo passado em que só tinha um por semana. Como era belo! E tinha só seis francos para gastar!

Acordei cedo, nessa manhã, com essa sensação de liberdade que tão bem conhecem os empregados, essa sensação de libertação, de repouso, de tranquilidade, de independencia.

Abri a minha janela. Estava um tempo admiravel. O ceu, todo azul, estendia-se por sobre a cidade coalhada de sol e de andorinhas.

Vesti-me a toda a pressa e parti tencionando passar o dia pelos campos, a respirar entre a folhagem, que eu sou de origem camponia e fui creado entre erva e por sob as arvores.

Paris despertava, alegre, no calor e na luz. As fachadas das casas brilhavam; os canarios dos porteiros trinavam nas suas gaiolas, e uma alegria corria a rua, iluminava os rostos, punha um riso por toda a parte, como um contentamento misterioso dos seres e das coisas sob o claro sol nascente.

Alcancei o Sena para tomar o vapor que me levaria a Saint-Cloud. Como eu gostava d'aquela espera pelo barco sobre o pontão! Parecia-me que ia partir para o fim do mundo, para paizes novos e maravilhosos. Via-o aparecer, aquele barco, lá ao longe, lá ao longe, sob o arco da segunda ponte, muito pequeno, com o seu penacho de fumo cada vez mais grosso, cada vez mais grosso, crescendo cada vez mais; e ele tomava no meu espirito a proporção de um grande navio. Ele atracava e nós subiamos.

Pessoas endomingadas estavam já sobre ele, com trajos de passeio, fitas brilhantes e rostos rechonchudos de cor escarlate. Eu colocava-me á proa, de pé, vendo fugir o caes, as arvores, as casas, as pontes. E de repente via o grande viaducto do Point-du-Jour que barrava o rio. Era o termo de Paris era o principio do campo e o Sena, de repente por detraz da dupla linha dos arcos, alargava-se como se lhe tivessem dado espaço e a liberdade, tornava-se de repente o belo rio pacifico que vae correndo atravez das planicies, aos pés das colinas bosqueadas, pelo meio dos campos, á beira das florestas.

Depois de haver passado entre duas ilhas, o Andorinha contornou um oiteiro em cuja verdura se dissimulavam muitas casinhas brancas. Uma voz anunciou: «Bas-Meudon» depois mais longe: «Sèvres», e, mais longe ainda «Saint-Cloud».

Desci. E segui a passos apressados através da pequena cidade, o caminho que vae ter ao bosque. Levara comigo um mapa dos arredores de Paris para não me perder pelos caminhos que atravessam em todos os sentidos aquelas pequenas florestas por onde passeiam os Parisienses.

Logo que me vi á sombra, estudei o meu itenerario, que me pareceu de resto de uma simplicidade perfeita. Ia voltar á direita, depois á esquerda, depois á esquerda ainda, e chegaria a Versailles á noite, onde jantaria.

E puz-me a marchar lentamente, sob as folhas novas bebendo aquele ar saboroso que perfuma os gomos e as seivas.

Ia a passos curtos, esquecido, da repartição, do chefe, dos colegas dos massos de documentos, e pensando em cousas felizes que não poderiam deixar de me acontecer em todo o desconhecido velado pelo futuro. Achava-me ocupado por mil recordações d'infancia que aquelas recordações de campo despertavam em mim, e ia, todo impregnado de um perfumado encanto, do encanto vivo, do encanto palpitante dos bosques, amornecido pelo grande sol de Junho.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4050 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Terça-feira, 11 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Só depois de ámanhã, dia 13, descolará de Cabo Verde o avião "Lusitania" em direcção a Fernando de Noronha.

Os novos impostos

Anuncia-se uma rêde varredoura de impostos. Não é a primeira vez que tal sucede e, de todas as vezes, acaba-se por não se lançar imposto algum. Afigura-se-nos que o mal está precisamente na maneira como êsses impostos se projectam. Neles, a nota dominante é uma ameaça para os pobres, para os que já dificilmente podem viver, e nesta categoria não estão sòmente indivíduos, mas classes inteiras. Porque é preciso que os governos o saibam: ha classes inteiras que não podem pagar mais, porque já é muito problematico que possam continuar a subsistir.

Se as medidas financeiras, destinadas a promover o equilibrio na nossa administração, nas nossas economias, alvejassem apenas os lucros exagerados ou ilícitos, compreender-se-ia. Mas, ameaçar com novos encargos determinadas emprêsas, que dificilmente vegetam, ir até ao imposto do rendimento incidindo sôbre ganhos modestos que mal chegam para não morrer de fome uma familia, é prejudicar de ante-mão qualquer plano tributário. Que pode pagar, por exemplo, o trabalhador, o pequeno empregado do comércio ou da industria, o funcionalismo do Estado? Pois se até os governos reconhecem que êles não ganham o suficiente para subsistir, não se lhes concedendo aumentos simplesmente porque o estado do Tesouro os não comporta, como é que, a qualquer título, sob qualquer pretexto, ainda se lhes ha de ir arrancar uma parte daquilo que já se reconhece insuficiente?

A maior parte da riqueza colectável foi a que emigrou, na persuasão de que seria tributada com rigor. Foi a riqueza adquirida mercê das circunstancias criadas pela guerra. Ninguem pensou em tirar dessa riqueza, adquirida com vertiginosa facilidade, à custa de especulações de toda a especie, uma larga parcela para o Estado, que equivaleria a uma compensação dos danos causados á sociedade. Ninguem, absolutamente ninguem, se atreveu a tributar os autênticos lucros da guerra. O sr. Afonso Costa, ministro das Finanças na época em que essa tributação devia começar, nem mesmo lentos iniciá-la, apesar da sua arrogante omnipotencia. O sr. Sidónio Pais, que ameaçava este mundo e o outro, florendo a sua espada e cavalgando o seu ginete, quiz avançar contra os novos ricos, e recuou diante dêles, hesitante e confuso. E assim por diante. Agora, que essa fortuna está posta a bom recato, ou não é já possivel distinguí-la da que licitamente e normalmente se adquiriu, vem a rêde varredoura do imposto, para, nas suas malhas, só colhêr as emprêsas pobres, os trabalhadores privados de privações, aqueles que não têm já senão a camisa, aqueles que não podem reagir, que não podem defender-se, que não podem ter a seu sôldo os influentes da politica. Não pode ser assim, e não ha de ser assim!

Medidas desta ordem têm de ser largamente meditadas. Para serem viaveis, têm de ser justas. De contrário, nada se conseguirá.

A vida republicana em Espanha

A deserção do sr. Uranumo

MADRID, 11.—Quando o sr. Uranumo chegou á noite ao Ateneu foi rodeado por muitos socios que pretendiam que ele lhes explicasse os motivos da sua deserção das fileiras republicanas, denunciada pela sua visita ao rei. O sr. Uramuno declarou que não falaria naquele momento.

Um dos seus amigos subiu então a uma cadeira e para o salvar da critica situação em que êle se encontrava, declarou que o sr. Uramuno falaria no momento em que se não discutisse com nobre e ahi justificaria a sua conduta.

O sr. Uramuno saiu do Ateneu rodeado de alguns amigos, mas na rua foi perseguido por grupos da multidão.

Um muito conhecido socio do Ateneu dizia que era preciso que o homem que, por assim dizer, a opinião intelectual espanhola explicasse ao voto que marcava uma mudança radical de conduta que não satisfazia aqueles que sempre o tinham seguido sem vacilar.—(L.)

Caixa Economica Portugueza

O movimento de depositos da Caixa Economica Portugueza durante o mez de março findo foi de 43:146.225$50, levantamentos 5.727.449$59 de entradas e 46.423.770$57 de saidas, donde resulta uma diferença para mais de 5.204.676$92 que adicionado ao saldo em 28 de fevereiro, prefaz em 31 de março o de 173.652.083$0.

A' MARGEM DA GRANDE GUERRA

O Livro de Ouro -:- da Infantaria -:-

Foi posto á venda no dia 9 de Abril O Livro de Ouro da Infantaria, coligido por iniciativa da comissão tecnica dessa arma e formado em parte por uma variadissima colaboração de oficiais combatentes de França e de Africa. Dele destacamos a pagina do Andre Brun, que foi na Flandres comandante do batalhão de Infantaria 23.

Em louvor de São Tarata, caminhante e mártir

Deus nosso Senhor achou-o bom e decidiu fazer dêle um Santo e um dos eleitos da sua Côrte celestial. Mas antes, quiz experimentar a sua paciência, sujeitá-lo a mil provações e por isso ordenou ao Maligno que não deixasse de o tentar afim de pôr á prova a sua fortaleza de ânimo.

E, para tal, foram buscá-lo ao canto onde tinha nascido, á terra que alimentára seus avós e seus pais, onde as arvores, as pedras, o céu, os cães que ladram e os passarinhos que cantam lhe eram familiares e intimaram-no a que largasse a faina de lavrar e semear, o canto da sua lareira e o banco de pedra da sua porta e fôsse á cidade alistar-se, êle, o mais pacifico dos mortais, entre os que tinham por oficio fazer a guerra e matar o seu semelhante. E, como Deus nosso Senhor tinha determinado que fôsse soldado de infantaria e que ganhasse a pé as palmas do martirio e a bem-aventurança eterna, foi a pé e com um saco de ramagens ás costas que êle se deitou ao caminho.

Chegou a um grande casarão e homens que êle nunca tinha visto e tinham galões e divisas, ensinaram-no a ser soldado. Para isso tinha que marchar sempre, em fila ou em bicha, e carregaram-lhe os ombros com uma mochila. Meteram-lhe nas suas mãos calejadas da enxada uma ferramenta exquisita com que se mata.

E cada dia o faziam andar, andar leguas, tendo á sua beira irmãos do seu sangue, vestidos todos de igual. Via passar outros guerreiros montados em cavalos, em mulas, na boleia de carripanas várias e alguns — louvado Deus! — conduzindo máquinas infernais que caminhavam sòzinhas. Mas ê ê era a pé que ia conhecendo o mundo e conhecendo a vida.

Quando o deram por instruido e sabedor das artes de matança, juntaram-no a um milhar de camaradas e levaram-no para a guerra. Nunca por dirsam uma ocasião de o fazer andar, e enquanto tornavam cada vez mais pesada a carga dos seus ombros, o Maligno fazia desfilar perante os seus olhos outros soldados que iam cavalgando com o sorriso nos lábios ou deixavam baloiçar as pernas descançadas e os pés folgados nas traseiras de carros circulando a chouto. E êle, porque tinha de vir a ser Santo, não escutava o Maligno que lhe acusse a sua sorte. Ia sempre andando e até, certas vezes, cantava cantigas de bailarico para ir entretendo a caminhada.

Diante dos seus olhos havia a contínua perspectiva das estradas intermináveis, que só ligam umas ás outras, que dão a volta ao mundo, sempre iguais, que vão a toda a parte e nunca chegam a parte nenhuma.

Meteram-no, um belo dia, pela terra dentro e disseram-lhe que fôsse toupeira, que cavasse no chão a casa em que vivesse, a cama onde dormisse, a méza onde comesse. E, entretanto, por cima da sua cabeça, como uma irrisão, andavam máquinas complicadas, primores de engenho em que havia homens feitos passaros, respirando o ar puro do alto, enquanto êle, sempre a pé, caminhava de manhã até á noite por corredores em torcicolo, que as suas mãos abriam através da terra á qual seus passos estavam definitivamente pregados.

Se o tiravam do seu buraco para o levar para outro buraco semelhante, os cavalos que outros cavalgavam, os carros que outros conduziam, continuavam a passar á sua beira como uma tentação. O Maligno chegava a mostrar-lhe, em casas aconchegadas, soldados sentados comodamente, com uma pena atraz da orelha, ocupados a dormir diante de largas folhas de papel branco.

Havia bôlhas nos seus calcanhares, os seus artelhos por vezes pingavam sangue e êle, apesar de tudo, lá ia, sempre conformado, marchando em bicha ou em fila, de mochila ao lombo.

Um dia, quando Deus nosso Senhor julgou seus méritos suficientes, mandou que o Anjo da Morte o fôsse buscar e este disparou-lhe um tiro de mortéiro á queima-roupa, quando êle, em primeiras linhas, estava ditando para a Maria do Rosario, sua conversada, uma carta onde havia cousas certas e erradas e principalmente muitas saudades da aldeia.

Mal chegou ás portas do Céu, S. Pedro ajudou-o a desequipar e levou-o á presença de Deus Padre.

—Em frente, guia direito, meu filho, lhe disse este. Foste um santo e mereces entrar nas eternas delicias e no Calendário. Serás S. Tarata, patrôno dos soldados de infantaria. Entra: o ceu é teu...

—Se V. Senhoria, meu major, dá licença, respondeu S. Tarata —chamava-se José, Joaquim ou Manuel?— eu tirava um bocado as botas para dar uma folga aos pés.

—Estás em tua casa, explicou o Pai de todos.

E então S. Tarata sentou-se sobre uma nuvem e começou a desapertar as grevas. Em volta juntavam-se ánriosos S. Sebastião a quem crivaram de fréchas, S. Lázaro que morreu queimado pela lepra, o bem-aventurado Job que acabou roido pela vermina, Santo André que pregaram numa cruz transversa, as santas a quem os gentios cortaram os seios, os martires a quem os barbaros decepitaram, todos os que sofreram para ganhar o reino dos Ceus. Quando S. Tarata tirou as botas do casão e eles viram os seus pés, o côro foi geral:

—Oh! Coitado! Conta lá a tua historia...

E S. Tarata, mechendo os polegares dos pés como se fossem dois titeres de uma feira, começou a contar como andára na guerra. Nunca o verbo andar tão propriamente se empregára. Falou, falou sem cuspir horas infinitas e—coisa curiosa! — êle, que podia relatar tantas verdades, não contou senão mentiras, porque, aqui para nós, nunca houve ninguem mais gabarola do que um soldado de infantaria.

ANDRÉ BRUN
Major de infantaria

Os prisioneiros do 9 de Abril

Os esquecidos prisioneiros do 9 de Abril, tem por vezes um legitimo e natural desabafo. A carta que abaixo publicamos reivindica direitos e atenções, gostosamente a publicamos:

Sr. Redator.—Afinal, apesar de v. considerar como um grito e uma verdade tudo quanto se contém na carta que dou publicidade, no seu apreciado jornal de 3 do corrente, a proposito dos prisioneiros de 9 de Abril e do esquecimento inexplicavel a que foram votados aqueles, que, como os referidos carta se diz, não foram mais do que escravos dos ordens do comando superior que os amandava morrer na 2.ª linha; apesar de terem sido estes os que assinalaram a presença de forças portuguesas no sector que lhes estava confiado e do heroísmo, digo, coragem de quem só fez possa agora comemorar a gloriosa data de 9 de Abril, os referidos combatentes continuam, como v. vê, sem esquecidos!

Não consta, sr. redator, que tenha havido remissões humilhantes. Ninguem, até hoje, os apontou para honra e gloria do nosso Exército. Ninguem ainda as fez constar, porque, de facto, elas se não deram.

A verdade, porem, é que a nenhuma importancia que em Portugal se deu aos prisioneiros de 9 de Abril, colocam-os numa situação lamentavelmente falsa, perante os restantes combatentes do nosso C. E. P., porquanto se poderá supor que a sua conduta foi menos digna e nobre.

E a verdade é que nos exercitos aliados houve milhares de prisioneiros, feitos nas mesmas condições de que os nossos, sobre os quais não caiu um semelhante esquecimento.

Se v. quizer, mais, uma vez, exteriorisar o desgosto que vai ne alma patriotica dos prisioneiros portuguêses, muito lho agradecerá.—Um ex-prisioneiro.

Leitão de Barros

Parte amanhã para o Porto onde se demorará alguns dias o nosso colaborador Leitão de Barros o qual, dali nos enviará varios artigos e entrevistas sobre a vida teatral e artistica naquela cidade.

AS CONQUISTAS DE LISBOA

A Companhia dos Telefones

Vai finalmente entrar numa faze de progresso?

Sim — responde-nos a Direcção.

Assim o creio — diz-nos um subscritor

Todos os sabados os jornais publicam um longo rosario de nomes e numeros telefonicos a mudar do Central para o Norte. Anuncios com a indicação de que a Companhia fornece já telefones em toda a area norte da cidade, até ao Rocio, tem vindo provar que a situação dos serviços telefonicos tem melhorado, cumprindo a Companhia a promessa feita ao publico e ao governo de remodelar e ampliar os seus serviços logo que as circunstancias materiaes o permitissem.

No entanto mais interessante seria ir ouvir a direcção da Companhia e a opinião livre dum subscritor, e assim o fizemos. Os escritorios da companhia, estão provisoriamente instalados no Palacio do Conde de Tomar, emquanto não se transferem para o Edificio do Antigo Teatro da Trindade. O secretario da direcção, o nosso colega Armando Ferreira dá-nos os esclarecimentos que desejavamos, e á pregunta sobre os progressos e desenvolvimentos da companhia, a resposta é clara e terminante.

—Sim, A' custa de um grande esforço lutando com todas as dificuldades, a companhia tem trabalhado o pode se já prover a normalisação dos serviços. Não é de mais descrever a situação. Durante os anos da guerra, o comercio, a industria, a vida nacional desenvolveram-se duma forma rapida, intensa. Os serviços telefonicos não poderam acompanhar esse subito incremento da vida nacional. Não só, não se provia um tal desenvolvimento, mas também por outro lado as faltas de material telefonico cessaram a sua produção.

As fabricas europeias mobilisaram-se. Na America sucedeu o mesmo e a pouca e rara produção desta material especialisado não chegava para o consumo dos proprios paizes produtores. Assim durante alguns anos a Companhia viu-se inibida de satisfazer pedidos, e o que era mais grave se substituir, reparar, conservar condignamente o material e linhas existentes. Depois veiu a paz mas manteve-se até ha perto dum ano o mesmo estado de coisas. Só então recebemos parte do material encomendado em 1914. Nesta altura já o cambio tornava impossivel a vida das companhias estrangeiras em Portugal, qualquer importação, assim como as taxas alfandegarias em ouro inutilisam o esforço que a companhia faz para voltar a um serviço exemplar.

Em parentheses deixe-me dizer-lhe que os direitos a pagar por cada aparelho telefonico são superiores ao preço na fabrica e que as tarifas telefonicas cobradas para residencia por ano 177$001

—E' impossivel viver...

—Vive-se asfixiado, na esperança de melhores dias. Apesar de tudo, lutando com o agravamento continuo os cambios a companhia conseguiu completar a estação norte, dotando-a duma nova ala onde instalou novos quadros e mesas telefonicas. Está uma maravilha de moderna, higienica, ampla instalação.

E' para aqui que estamos removendo as areas do central mais afastadas, num total de 1200 subscritores. Assim poderemos descarregar o serviço da central que é absolutamente exagerado.

—Qual é o numero total de subscritores?

—Na central uns 5 mil e agora o norte fica com cerca de 4 mil.

—E tem muitos pedidos por atender?

—Restam-nos uns mil, alguns com 2 anos e mais sem que os possamos satisfazer, pois são em ruas onde não conseguimos ter uma unica vaga. Os cabos estão cheios e enquanto não tenhamos material abundante para colocar novos cabos as dificuldades subsistem. Mas dentro de pouco tempo se nos valer o apoio do governo, e dos subscritores, se formos ajudados por todas as circunstancias favoraveis, todos ficarão atendidos como já sucede no Norte.

—Ainda tratando de progressos...

—Pensamos em abrir uma estação no Lumiar para atender os pedidos que ali se acumulam e em Odivelas. Tambem estamos a cuidar das linhas para Cintra e Estoril de forma a que neste verão o serviço seja completo.

—A respeito de avarias...

—A situação é hoje desafogada. Actualmente a situação normalisou-se, dando-se caso curioso, o inverso: nunca desde a fundação da companhia houve um tão pequeno numero de telefones avariados; a media agora é, na Central 40, na Norte menos que 10. Mas o principal cuidado do gerente actual cuja actividade e cuja competencia estiveram á prova durante a crise, e que pessoalmente trabalhou na Central para limpar as avarias, é conseguir do pessoal a reparação imediata das avarias ao mesmo tempo que incutir-lhe a ideia de que a sua missão é de preferencia evitar pela boa conservação, as avarias a ter de repara-las, e neste ultimo caso fazel-o rapidamente. E' isso que estamos conseguindo e cada dia vamos procurando melhorar...

—O decreto estabeleceu uma indemnisação...

—A companhia já, por um dever moral, fazia essa alteração de vencimento quando as avarias eram longas como no caso de Alcantara e Estrela. Os subscritores podem atestal-o. De resto, apesar duma erronea suposição do publico sobre as intenções da companhia, aliaz igual á que nutre por todas as companhias estrangeiras, não procuramos senão captar as simpatias dos nossos subscritores, procurando ir ao encontro dos seus desejos. Mas as crises tem sido grandes, hoje mesmo não trabalhamos senão por um esforço enorme visto que não ha condições algumas para podermos viver.—A Associação Comercial, a Associação Industrial, o Governo, todas as entidades que tem examinado a receita da companhia, verificam a impossibilidade de exploração de serviços com uma receita limitada de escudos e despezas fabulosas quer ao pessoal, quer do material... em libras. Dir-se-ha para adquirir esse material entre nós. Mas como, se não se fabrica?! E importando o—vem os direitos, vem os transportes...

—Com um bom serviço o publico não se importa de pagar...

—Tal como está, repito não pode o nosso pessoal ser remunerado convenientemente, nem a Companhia pode activar os seus desenvolvimentos. E' uma cidade como Lisboa não pode deixar de ter o seu serviço telefonico condigno. A Companhia pela sua parte já fez todos os sacrificios possiveis, está apta a desenvolver-se desde que lhe facultem os meios.

Isso compete porem ao governo.

* * *

Restava ouvir um subscritor. O mais interessante seria encontrar um da aria avariada. O G... P... morador na R. Janelas Verdes presta-se a responder ás nossas perguntas:

—O meu telefone já funciona, sim senhor, ha um mez e meio. Custou mas desta vez, creio que ficou bom. A principio protestei, mas na companhia explicaram-me a avaria, foi ver ao Caes do Sodré onde se faziam as reparações e resignei-me.

—A companhia indemnisou-o?

—Desde o primeiro dia me garantiram isso. Parece realmente que agora entrou tudo na normalidade. Um bocadinho de paciencia e não ha razão de queixa.

* * *

Para terminar, fazendo votos para que os serviços entrem com eficacia numa fase progressiva, resta transmitir aos leitores o convite que a Companhia faz a todos os seus subscritores para visitarem as estações. E' uma excelente ideia que só trará beneficios pois muita gente protesta, impacienta-se e queixa-se por ignorar o que seja uma tão melindrosa conquista da engenharia e um tão extenuante serviço.

João Ameal

Na ausencia do escritor Antonio Ferro que parte a bordo do Traz-os-Montes no dia 25 para o Brazil, fica em seu lugar, na direcção dum dos mais importantes magazines de Lisboa, este nosso querido amigo e escritor da nova geração, Jão Ameal, artista de raça e escritor dum temperamento fecundo e raro que em poucos anos conseguiu, no publico e na critica aquele ambiente de aplauso e de curiosa expectativa que só os homens de «élite» conseguem e provocam.

Cremos que no seu novo lugar, que só justamente lhe foi entregue, João Ameal dará as mais claras e flagrantes provas das suas faculdades e do seu valor.

As duas Patrias

A proposito duma consagração referimo-nos ontem á vida severa e nobre do professor Pereira Coutinho. Uma nomeação de personagem em evidencia e cujo nome não vem ao correr do pêlo, mas que corôa uma vida de exibição, de oportunismo facil e de inteligente «videirismo» — seja-nos permitido o vocabulo,—vem estabelecer um confronto que seria prénhe de amargas reflexões se não fosse uma consequencia do tecido de acasos, habilmente aproveitados e que para uma utilisação necessitam realmente de faculdades que nem toda a gente tem. Mas estes dois resultados diametralmente opostos constatam ou uma permanente injustiça ou um eterno equivoco.

A nomeação ruidosa a que nos referimos, apregoada pelas trombetas da Fama, e o nobre recato dum homem de sciencia que não deseja nem admite o ruido em volta do seu nome, fazem scismar. E scismar tanto mais quanto estes dois factos, escolhidos ao acaso, representam duas correntes de ideias, e duas maneiras de encarar a passagem efemera duma inteligencia através deste caminho tão curto da vida. Essas duas correntes de ideias são em resumo a substancia de duas noções antagonicas sobre a Patria. Parece, pois, que ha duas Patrias.

Ha com efeito duas Patrias, duas noções de Patria. Uma em estilo grandiloquo e bestialogico, que a considera como se fôra uma «cocote», a inunda com a eloquencia tola e tonitroante dos comicios e que segundo a expressão de Eça de Queiroz parece estar constantemente a dizer:—«O' pequena! O' magana! Ajuda-me na vidinha! Vê o que eu faço por ti!» E' a Patria dos politicos e dos heroesinhos. E' a Patria que recompensa com voracidade e faz o seu favor com denguice. E' a Patria dos balofos, dos nulos, dos incompetentes e dos revolucionarios civis. E', por via de regra, a Patria que conduz ás grandezas, oferece a fortuna, bate moeda com o Gama e o Afonso de Albuquerque e elege domicilio nos craneos perfeitamente desabitados de ideias e de sentimentos.

Mas ha tambem uma outra Patria, modesta e doce Patria, uma Patria de que se não fala nunca e que se venera sempre, muito pequena e muito nobre Patria que viveu e envelheceu, que não discute os seus Maiores, não lhes exalta as virtudes, não lhe ataca os os erros e os crimes, uma Patria toda feita de respeito instintivo e obscuro pelos ossos dos Avós, pelas suas tradições, pelas suas lendas, pela sua religião, uma Patria muito suave, muito cariciosa edificada pelo amor da luz em que nascemos e da terra que pizámos, culto que herdamos dos Pais e que devemos intacto a Filhos, uma Patria que tem pudor e que se não despe na via publica cobrindo-se de ouropeis lamentaveis e ridiculos. E' a Patria dos mudos, dos estudiosos, dos trabalhadores e dos simples.

Conduzem a destinos diferentes estas duas Patrias. Uma leva os seus apaniguados a colher na luz o beijo de Roxane, a outra força os seus defensores a ficar em baixo na penumbra de Cyrano. A de palavras e de gestos cavalga numa rubida apoteose de poente ao assalto dum Walhala transbordante de deusas e de ambrosias. A muda, a casta, considera, observa, crê, chora por vezes e passa silenciosa através de nobres ideias que lhe povoam o caminho de magestosos sonhos. Nunca é dominadora, nunca dictou a Lei. Mas os do beijo triunfante trocado em plena luz, são transitorios como as folhas da elegia de Millevoye que tambem eram doiradas, antes de se transmudarem em pó—e seis meses depois da Patria Gran Cruz os sepultar nos Prazeres, nem deles restam cinzas que disperse um sôpro. Os outros são anonimos mas perduram. Se não deixam uma Obra, deixam, quasi sempre uma Virtude. E quando lhes chega a hora, a Patria humilde, a obscura mas invencivel e eterna, essa! diz-lhes sempre pela boca dos que sobrevivem: —«Anda! Vai! Principia tranquilo a tua Eternidade. Eu não me esqueço de ti!»

-:- FACTOS -:- E PALAVRAS

Petição

Nós, acima designados no cabeçalho deste jornal, pedimos a V. Ex.ª sr. comandante da policia, um esteio da ordem, um pilar de justiça, que nos venha policiar a esquina da rua do Norte e com o seu garbo gentil impeça que toda a garotagem do Bairro Alto transforme a Praça Luiz de Camões num antro sordido e repugnante povoado de cascas de laranja e de obscenidades vernaculas mais obsoletas. Em nome do Epico, em nosso nome, em nome do Direito, da Civilisação e da Justiça, nós, de quem o Estado se não lembra senão para nos cobrar o imposto ou lançar a multa, solicitamos humildemente de V. Ex.ª este beneficio incomparavelmente mais simples e mais facil do que a acquisição dum kilo de batatas, com o mesmo servilismo, o mesmo espirito rasteiro, velhaco e abjecto com que os nossos avós se dirigiam na cousa de cem anos ao muito alto e poderoso senhor Intendente Pina Manique. E de espinhaço reverente e côxo ao vento com toda a saude e toda a fraternidade esperamos receber mercê.

A gravidade da grève

As raras pessoas que lêem «A Batalha» por dever de oficio, constatam em este periodico bocados verdadeiramente divertidos. A greve geral decretada por uma cousa que se designa por iniciais, foi o que todos nós tivemos ocasião de verificar; uma chachadeira, empregando o termo familiar. Pois apesar disso esta deleitosa folha ressuda em varios «en-tetes» a convicção de que venceu uma grande campanha e aconselha v. posamente um regresso ao trabalho—como se ele desta vez tivesse paralisado L' com estas palatices que se ganham fóros de Força e para mais se ele subsiste com essa aparencia a culpa é toda que lhe liramos de quando em quando uma importancia que não tem realidade não tem.

Missões

Num periodo em que outros paizes destacam missões, Portugal não podia conservar-se alheio a esta moda ultramoderna. E tambem nomeou missões copiosas, abundantes de pecunia, bem providas de passaportes e de libras. Infelizmente, estas missões, uma vez saidas do solo patrio, nunca mais ninguem sabe delas e o telegrapho permanece muito a seu respeito. Um belo dia reaparecem, mais floridas, mais viçosas mas nunca se aprende o que andaram por lá a fazer. Elaboram, é certo, uns relatorios tristonhos e incongruentes, uma papelada borolenta e soporifica e o positivo, o concreto resultado só aparece mais tarde em forma de folhas de despesa que nós não lemos—mas que infelizmente pagamos.

A Propriedade do nome

BEAUVAIS, 11.—O pai de um dos soldados naturais da povoação de Meru morto gloriosamente na guerra reclamou que o nome de seu filho fosse eliminado no monumento erecto na igreja da localidade á memoria daqueles herois.

Fundamentou a reclamação nas suas ideias filosoficas.

O juiz de paz declarou-se, porem, incompetente para proceder e a questão transitou para o tribunal civil. Neste desenvolveu o advogado da familia a tese de que o nome é uma propriedade absoluta e, que, por isso, ninguem pode fazer uso dele sem consentimento do individuo ou de quem o represente legalmente. O advogado eclesiastico alegou, pelo contrario, que os nomes dos herois pertencem á Historia, havendo direito a inscreve-los onde possam ser conhecidos com homenagem dos seus concidadãos.

A sentença só daqui a alguns dias será conhecida.—(L.)

As nossas riquezas hidrologicas e a Exposição do Rio de Janeiro

Como deve ser feita a propaganda - das aguas medicinais portuguezas -

Para podermos levar uma representação exacta da nossa riqueza termal ao Rio de Janeiro, temos de juntar á nossa representação material a representação scientifica, que mostre não unicamente o que as nossas aguas medicinais são quando exportadas, mas o que elas são ao brotar das rochas onde afloram. Esta propaganda scientifica tem, alem de tudo, a grande vantagem de não só acreditar as aguas que se exportam, mas ainda acreditar as nossas esplendidas estancias de cura, onde essas aguas e outras mais teem origem. E deste modo não se obtem unicamente mercado para as aguas de exportação, obteem-se tambem clientes para as nossas termas, o que, em proveito material, não é inferior ao proveito que se póde tirar da dita exportação das mesmas aguas.

Chamo para estes factos a atenção das emprezas termais do meu paiz, e julgo prestar-lhes assim um bom serviço. Não percam as emprezas esta ocasião de fazer a propaganda das suas aguas medicinais, porque tarde poderão ter uma ocasião semelhante. A's emprezas termais compete a primeira parte do programa exposto no meu artigo anterior — a parte da representação material da nossa riqueza hidrologica. A segunda parte, a parte puramente scientifico, pertence ás entidades oficiais e ás sociedades medicas, a quem compete proceder aos estudos da nossa hidrologia e á organisação da sua propaganda, pela publicação desses estudos. Mas ainda aqui a colaboração das emprezas não deve faltar. As emprezas devem facilitar a essas entidades a sua tarefa, pondo á sua disposição todos os dados que possuirem sobre as propriedades fisicas, composição quimica e acção terapeutica das aguas que exploram.

Alem disso, elas devem acompanhar esses actos da representação fotografica das suas instalações da paisagem das regiões termais, e de todas as indicações acessorias que a cura hidriática digam respeito. Assim, alem de concorrerem como simples empresas industriais, elas contribuirão para o estudo scientifico da hidrologia portuguesa e com isso eles trabalham para o seu proprio engrandecimento e para o bom nome de Portugal.

Numa das ultimas reuniões da Sociedade de Sciencias Medicas, chamei a atenção dos meus ilustres colegas para este magno problema que é o da representação scientifica das nossas estancias de cura na Exposição do Rio de Janeiro, e ali o meu exmo. colega sr. dr. Antonio de Azevedo lembrou a dificuldade, que sempre tem havido, de obter das emprezas termais dados scientificos sobre as aguas que exploram. As empresas geralmente ficam mudas a todos os questionarios que recebem neste sentido. Isto tem acontecido todas as vezes que tem sido necessario representar a hidrologia medica portuguesa no estrangeiro, quer em exposições, quer em congressos de teraoeutica termal e climatica. Ora é preciso, para honra dos dirigentes das nossas empresas de aguas, que o facto agora se não repita. As nossas empresas de aguas medicinais precisam, para proveito proprio e para prestigio do paiz, tomar em consideração as vantagens que podem advir duma representação condigna da nossa riquesa termal na Exposição do Rio de Janeiro.

O Comissariado portugues junto á Exposição do Rio de Janeiro, a Direção Geral de Minas e a Sociedade de Sciencias Medicas estão na melhor disposição, teem a melhor vontade de que as nossas aguas medicinais e as nossas estancias de cura termal sejam condignamente representadas no Brazil, quer pela boa apresentação das aguas, quer pela escrupulosa e abundante representação scientifica. As empresas, por sua vez, precisam corresponder a esta boa vontade, a esta boa disposição, com uma boa vontade e uma boa disposição, semelhantes.

Para terminar, quero dizer que julgo que a melhor maneira de levar a efeito a representação scientifica das nossas aguas medicinais á Exposição do Rio de Janeiro será organisar o «Album das Termas de Portugal».

Tive já ocasião de apresentar á Sociedade de Sciencias Medicas um plano desse album que mereceu a aprovação daquela colectividade scientifica e que passo a resumir. O «Album das Termas de Portugal» deve ser um verdadeiro tratado da nossa clinica hidrologica, material e scientificamente digno da riquesa termal e da sciencia medica portuguesa. Nele devem ser estudadas e descritas:

As velhas termas da Lusitania e o seu esplendor em epocas remotas.

As regiões hidromedicinais portuguesas, com fragmentos da carta giologica, onde se mostre a distribuição das fontes termais e as suas relações com a naturesa fisica dos terrenos.

A composição quimica e as propriedades fisicas das nossas aguas, com a sua classificação e comparação.

A climatologia de Portugal, com as suas series de numeros e graficos.

As nossas termas, uma por uma, agrupadas segundo as regiões termais, com a sua paisagem, geologia, situação, vias de acesso, fontes termais, especialisação terapeutica.

E, finalmente, como muito bem lembrou o exmo. sr. dr. Nicolau Bettencourt, para servir de remate, um formulario crenoclimatico, onde se exponhesse, por doenças, as principais indicações das nossas estancias de cura.

Deixo aqui o alvitre e, parece-me que, com um pouco de trabalho, ele poderá ser transformado numa bela realidade.

ARMANDO NARCISO
Medico

O CHILE TRABALHADOR

O relogio badalara as três horas da tarde. O dr. Armando Labra Carvajal recebe-nos em sua casa. Breves palavras de cumprimento. Sentámo-nos a conversar do Chile.

— E' pena — diz o ilustre diplomata — não ha carreiras de navegação que tragam a Portugal os optimos produtos que o Chile exporta, e o comércio entre os dois paises é quasi nulo. Portugal não pensou ainda nas optimas vantagens que para todos podem advir da intensificação de inter-cambio. O Chile exporta grandes quantidades de milho, conservas de carne, coiros, lãs, minerais e outros produtos, não falando já no salitre, de que o Chile é o unico produtor do mundo. O salitre é quasi desconhecido. E' um produto mineral, a sua principal utilidade está em dar vida ás plantas. E' utilizado com grande vantagem nas vinhas, nas oliveiras, nos cereais, etc., mas, é claro, empregado debaixo de uma forma metódica. Só no ano de 1920, o Chile exportou êste produto na importancia aproximada de 5.000.000 de pesos. Em Portugal, creio que só a Companhia União Fabril importa o salitre, mas, aqui, é quasi desconhecido e, para prová-lo, bastará mencionar um caso edificante, de que o ilustre escritor Sousa Costa foi protagonista eventual.

E o dr. Labra Carvajal conta-nos em seguida:

— O autor do «Frei Satanaz» tem um pequeno jardim na sua casa da rua Borges Carneiro, onde mandou plantar as melhores roseiras que conseguiu adquirir no norte. Mas estas desabrocharam raquiticas e sem viço nem perfume, pelo que Sousa Costa se lembrou de lhes ministrar o salitre. Comprou certa quantidade dêste produto e aplicou-o nas roseiras, mas, de tal forma, que as estragou, e apressou-se a contar-me o caso. Não poude conter o riso.

— Pois você ri? — exclamou Sousa Costa, quasi revoltado.

— Pudera, não! E expliquei-lhe então a acção danificadora do salitre quando ministrado sem método e em excesso. No norte de Chile, desde Tarafaca até Antofagasta, ha enorme quantidade de salitre, pelo que chamam até a zona salitreira. Durante a guerra a exportação dêste produto aumentou consideravelmente, porque era usado na fabricação de explosivos.

— E, a proposito, o Chile tambem sofreu grandes abalos quando da guerra europeia?

— Não! E' quasi paradoxal! Durante a guerra — posso afiançar — as condições economicas e financeiras melhoraram. Mercê da grande competencia dos homens publicos? Não sei. Por bons negocios realisados durante a guerra, ou pelo aumento de certas industrias? Talvez. Mas eu não o posso dizer. Quando em 1917 eu vim para Portugal — elucida-nos o dr. Labra Carvajal — a libra esterlina estava a 20 pesos. Hoje, está a 30, e um peso, ao cambio português, vale, aproximadamente, um escudo e meio. Ao passo que a circulação fiduciaria aumenta sensivelmente em muitos paises, no Chile tem descido, e, neste momento, é de 324.631.120 pesos.

— A sua população é de?...

— A população do Chile, pelo ultimo boletim que tenho presente, é de 24.821.000 habitantes.

Lutas de raça

Movimento universal dos homens de côr, em favôr da sua emancipação — Uma conferencia de negros, em Lisboa

Sabemos que esteve recentemente em Lisboa uma missão de negros eminentes, filiados na poderosa instituição «Universal Negro Improvement Association», encarregados oficialmente de estabelecerem contacto permanente entre os homens de côr da America do Norte, representados pelos seus «leaders», e os individuos da mesma raça, filiados no «Partido Nacional Africano», representados pelos «leaders» das reivindicações dos indigenas coloniais portugueses.

Realisaram-se algumas conferencias ficando redigidas as bases de aproximação e intima cordealidade.

E' de crer que este facto não tivesse deixado de merecer a atenção e vigilancia das autoridades continentais. Mas tambem pode acontecer — e é talvez o mais certo... — que o gravissimo problema da crise do governo Civil do Porto não permite que o Governo se preocupe com estes casos minimos, tornados maximos, no decorrer dos meses, para quem se fia na Virgem...

As peças do Concurso de "A Capital,,

No intuito de facilitar aos novos a sua estreia como autores dramaticos, «A Capital» organisou em tempos um concurso literario em que houve 86 concorrentes, e que obteve um exito fora do vulgar.

As peças premiadas são de valor mais que relativo, e «A Capital» comprometeu-se a leva-las á scena, ou a patrocinar a sua aceitação nas companhias dramaticas dos teatros de Lisboa.

No principio da presente epoca, e no intuito de cumprir a ultima parte do seu programa desse concurso, contratou com a empresa do Chiado Terrasse a fim de que ali fossem levadas á scena.

Sucede porém que essa companhia não foi feliz na sua exploração e vai partir para o Porto antes de poder cumprir esse seu compromisso com a Direcção deste jornal.

A mesma companhia que já havia marcado e ensaiado algumas das peças tencionava realmente leva-las á scena muito brevemente, como sucessivamente anunciámos, mas o facto é que isso não foi possivel.

Nessas condições e na hipotese das peças serem apenas representadas no Norte e nas provincias, «A Capital» desligou aquela empresa do primitivo compromisso, e tratará da colocação das peças noutras companhias, e sucessivamente.

Como porém em teatro é preciso «esperar a oportunidade», e a dispersão e falta de conjuntos são a materia corrente nas nossas companhias, este jornal não pode comprometer-se a marcar um praso fixo para a representação dos originais.

A'queles dos quatro autores premiados que se não conformem com a nossa maneira de ver este assunto, serão entregues as peças a fim de que por si tentem faze-las representar.

Em qualquer circunstancia poderão os nossos concorrentes contar com a nossa inteira simpatia e auxilio.

Do sr. Alfredo Gameiro, um dos premiados, recebemos ja depois desta nota composta, uma carta, a que ela cabalmente responde. A'quele nosso premeado e interessante autor dramatico desejamos na sua peça muitas felicidades.

Em poucas linhas

A incorporação de recrutas das unidades dos regimentos de Lisboa efectua-se nos dias 27 a 30 do corrente.

—Foi hoje preso Raul Antonio Rodrigues, rua dos Cegos, 20, loja, que furtou a carteira com 540 escudos a José Rodrigues Pinto, de Aldegalega.

—No Jardim Zoologico em frente á jaula das feras apareceu hoje morto um individuo cuja identidade é por enquanto desconhecida. Num banco proximo foi encontrado o chapeu do morto e uma pistola, pelo que se presume tratar-se de um suicidio.

—Uma comissão da U. S. O. voltou hoje a conferencia com o chefe do districto sobre o presos por questões sociais.

—A Escola Profissional da Assistencia Publica que funcionava numa dependencia do ministerio da Guerra no Campo de Santa Clara, muda-se para o Calhariz de Bemfica, devido a instancias constantes do referido ministerio que desejava o edificio para instalações do Deposito Central de Fardamentos.

—O alferes sr. Lopes Soares da policia, auxiliado pelo agente Gonçalves da investigação assaltou hoje de madrugada quatro clubs e entre eles «O Internacional» na rua Primeiro de Dezembro, prendendo 13 pontos aos quais apreendeu fixas. Foram tambem apreendidos varios utensilios de jogo.

Do Brazil

A eleição presidencial não deve dar ocasião a nenhum deploravel incidente

Um telegrama recente dá noticia da publicação duma nota oficiosa do Governo Federal, desmentindo categoricamente o boato de que o exercito se pronunciará no apuramento final da eleição do Presidente e Vice-Presidente da Republica.

O desmentido só pode ser util áqueles que não conhecem o Brazil de hoje. Efectivamente, não pode existir, presentemente, o perigo dum pronunciamento militar no Brazil, porque não é o exercito o unico detentor da força, não falando, é claro, da sua forte disciplina. Os Estados dispõe tambem da força publica, destinada á politica interna.

A organisação da policia militar de S. Paulo passa por ser modelar, tendo sido obra de instrutores francezes. E S. Paulo não apoiaria, é claro, um movimento subversivo do exercito federal, movimento que não poderia deixar de ser muito parcial e até diminuto.

O que vai acontecer, no Brasil, é isto: o Congresso dará ganho definitivo da causa aos srs. Artur Bernardes e Urbano dos Santos; a oposição que se cognominou de Reacção Republicana, resignar-se-ha, talvez com algumas compensações futuras.

Do resto, uma revolução ou um pronunciamento militar no Brasil, em vesperas da colaboração do centenario da Independencia, seria um tão acentuado crime de lesa patria, que não é possivel atribui-lo, antecipadamente, a homens tais como Nilo Peçanha e J. J. Seabra.

POEIRA DA ARCADA

Foram avisados os interessados de que termina em 21 do corrente, pelas 17 horas o praso para a entrega dos livros destinados ao concurso de livros de ensino secundario.

—O sr. Arnaldo Lopes Ramos foi nomeado professor provisorio de educação fisica do liceu de Lamego.

ULTIMA HORA

Os Bairros Sociais

Aos operarios despedidos será abonado, pelo Ministerio do Trabalho, um mez de feria

A unica classe operaria que deu alguns elementos á greve geral decretada pela U. S. O. foi a construção civil,—exactamente aquela que mais acentuadamente vem sofrendo, desde ha um ou dois meses, com a falta de trabalho originada na extrema carestia dos materiais de construção. A' greve aderiram os operarios dos Bairros Sociais, que andaram dois dias á boa vida, perdendo as ferias, porque o Estado lh'as não pagará, evidentemente. Quando estes trabalhadores sentirem a falta que lhes faz esse dinheiro, devem ir pedil-o aos «meneurs» que os arremessaram para a tal gréve geral, que, tem apuradas as coisas, nem foi geral e até foi muito pouco gréve.

O que é certo é que os operarios dos Bairros Sociais vieram dar clara demonstração de que lhes não interessa sobremaneira o serviço do Estado, visto que tão facilmente e de animo tão leve, se gratificaram com dois dias de folga.

Foi, talvez, atendendo a isso que o sr. ministro do Trabalho se apressou a dispensar-lhes os serviços, que melhor podem ser aproveitados pela U. S. O. e pelo pate-mudo «A Batalha».

Mas como o Estado não é um patrão descoroavel, o sr. ministro do Trabalho mandará abonar aos operarios despedidos um mez de feria, sem lhes pedir trabalho. A este gesto generoso do Estado ha-de a U. S. O. corresponder com vituperios, chamando nomes feios ao sr. Vasco Borges. Bem se importa ele com isso!

Os estudantes espanhoes

Ao receber a visita dos estudantes madrilenos, o sr. ministro da Instrução deu-lhes as boas vindas e manifestou a utilidade e conveniencia do estreitamento das relações intelectuais entre Portugal e Espanha.

O sr. D. Antonio Solabinde, presidente da excursão academica, catedratico do Centro de Estudos Historicos e secretario da repartição de relações culturais do ministerio dos Negocios Estrangeiros do paiz visinho, agradeceu as saudações e mostrou-se de acordo com a orientação do sr. dr. Augusto Nobre, acerca do estreitamento de relações entre os intelectuais das duas nações da peninsula.

A gréve dos mobiliarios

Ainda se não encontra solucionado o conflicto das classes mobiliarias.

Uma comissão delegada daquela classe deve ainda hoje avistar-se com o chefe do districto.

Um segredo da U. S. O.

Projecta-se a greve dos manipuladores de pão para segunda feira proxima

Os senhores, por quem são, não digam nada a ninguem! E' que, por enquanto, o segredo deve manter-se, para que o golpe não falhe... Ora oiçam:

A gréve dos manipuladores do pão (sómente, é claro, daqueles que lêem pela cartilha da U. S. O.) ficou sem efeito, adiada para outra oportunidade. A U. S. O., que a sabe toda, já resolveu (mas em segredo...) que o movimento rebente na segunda-feira proxima. Os grevistas contam com a surpreza, para fazer vingar o seu proposito.

O conselho da U. S. O. é de primeirissima ordem. O expediente deve dar resultado. Prevenimos, pois, os nossos leitores de que devem guardar segredo absoluto destas confidencias, a fim de não prejudicarem a U. S. O., que noite e dia está velando pela felicidade e tranquilidade de todos nós. Esperamos que «A Batalha», pato-mudo da desorganização operaria portuguesa, recomende o mesmo aos seus leitores.

O agente provocador

que a policia procura, ainda não foi encontrado — O desmentido, que nos foi oposto, não vale nada

Um jornal da noite opoz um desmentido á noticia inserta em "A Capital" e, segundo a qual, o Governo soube e deu conhecimento á policia da vinda para Lisboa dum agente provocador estrangeiro, dispondo de grandes quantias para fomentar desordens.

Confirmamos a nossa informação. Compreende-se muito bem que, num caso desta natureza, nós não insistiriamos, se tivessemos quaisquer duvidas.

Podemos acrescentar que teem sido improficuas todas as diligencias para encontrar o homem. E' certo, todavia, que alguns estrangeiros, principalmente hungaros, são objecto duma especial vigilancia.

A questão dos eletricos

Uma comissão do pessoal da Carris de Ferro conferenciou esta tarde com o sr. Governador Civil de Lisboa sobre a sua situação.

O mesmo pessoal deve reunir hoje na séde do seu sindicato, que, conforme noticiamos, reabriu ontem de tarde.

Noticias de todo o mundo

OS TELEGRAMAS DE HOJE

A viagem do Principe de Galles

LONDRES, 10. — O principe de Galles depois de curta demora em Hong-Kong partiu para Yokohama onde deve chegar na quarta feira estando preparada uma receção grandiosa. — (R).

O Japão e o bolchevismo

TOKIO, 11 — Os japoneses mostram uma certa hesitação na atitude a seguir na Siberia. Fala-se muito no acôrdo com o govêrno bolchevista de Tchita, que levaria a evacuação dos japoneses da provincia maritima. O Japão abandonaria aos bolchevistas os aprisionamentos de guerra que estão em Vladivostock. Este projecto é violentamente combatido nos meios militares. — (R.).

PARIS, 10. — Comunicam de Tokio que a imprensa japonesa insere noticias de ataques efectuados pelas tropas vermelhas contra as tropas japonêsas que se encontram na zona neutralisada da Mandchuria.—(R).

Os "Soviets" em Genova

PARIS, 11.—Uma nota oficial de Moscou diz que a delegação sovietista na conferencia de Genova recebeu as seguintes instruções: reconhecimento do pavilhão comercial dos soviets; liberdade de navegação; acesso a todos os pontos estrangeiros; restituição de todos os navios russos existentes em portos estrangeiros e participação da Russia na fiscalisação dos Dardanelos se o estreito ficar neutralisado.—(Lot. Am.)

A agitação no Egypto

CAIRO, 11 — Foram condenados a trabalhos forçados três dos acusados de terem tomado parte numa conspiração para assassinar Sarvat-pachá. — (R.).

De Espanha

MELILLA, 11 — A esquadra bombardeou o campo inimigo. Os aeroplanos tambem efectuaram bombardeamentos, causando destroços. — (R.).

MADRID, 11 — Vão erigir em Kadiz, Cartagena e Ferrol monumentos aos herois de Santiago de Cuba. — (Lot. Am.).

As reclamações dos Estados Unidos á Alemanha

NEW-YORK, 11 — Uma comissão mixta regulará proximamente as reclamações formuladas contra a Alemanha por cidadãos americanos, devido ao torpedeamento do «Lusitania». Estas reivindicações elevam-se a mais de 500 milhões de *dolars*.

Um dos primeiros actos do novo embaixador americano em Berlim, sr. Alanson Houghton, será criar com o govêrno alemão uma comissão formada por cidadãos dos dois paises para resolver sôbre as reclamações formuladas por particulares. — (R.).

Noticias de Berlim

BERLIM, 10. — O Governo Turco respondeu á nota da comissão interaliada mostrando a disposição da Sublime Porta de enviar dentro de trez semanas delegados para as negociações da paz com a Grecia.—(R.)

BERLIM, 10. — Informam de Sofia que uma nota da «entente» a Bulgaria exige o desarmamento da população civil, a entrega das alfandegas e a fiscalisação da circulação fiduciaria. Só com estas condições poderá ser concedido á Bulgaria um prazo de 3 anos para os pagamentos devidos por reparações. A nota deve ser respondida até 30 de Abril.—(R.)

BERLIM, 10. — Comunicam de Genova que reinam ali as mais favoraveis opiniões ácerca da conferencia que se começou a realisar, a qual se julga durará umas quatro semanas — (R.)

De toda a parte

ATENAS 10. — O general Popoulos comandante em chefe na Asia Menor declarou que o exercito grego não retirará a protecção aos cristãos. — (R.)

LONDRES, 10.—A princeza Maria e o visconde Lasceles chegaram a Londres de regresso da sua viagem de nupcias sendo recebidos em Vitoria Station por uma grande multidão que os aclamou.—(R.)

WASHINGTON, 10.—O sr. Hughes informou o embaixador dos Estados Unidos em Roma que a Secretaria de Estado contava com ele para a conservar ao corrente das deliberações da conferencia de Genova.—(Lot. Am.)

TEATRO

Musica

A orquestra Filarmonica de Madrid executou ontem no seu concerto no Teatro de S. Carlos, entre outras peças, a «Abertura dominical» de Rimsky-Korsakoff e a «Sinfonia Heroica» de Beethoven. A forma porque a orquestra em conjunto e os seus solistas executaram esta parte do programa merece excepcional relevo e não é só no seu dirigente, maestro Perez Casas que nós devemos encontrar o ilustre correto, firme que o publico ouve com agrado e aplauso. Os seus colaboradores são sobremodo notaveis tambem.

O regente da Orquestra, o maestro Perez Casas deu a sua «Suite Marciona», muito colorida, muito viva e que demonstra alem de um artista consumado, um conhecedor completo dos recursos duma orquestração rica e scintilante. E uma peça de efeito seguro, especialmente quando fôr regida com a magnifica mestria do seu autor.

A orquestra de Madrid, notavel em todos os titulos não nos faz todavia esquecer as orquestras portuguesas. Elogia-la e aplaudi-la é ainda aplaudir os maestros Fão e Blanch que não são inferiores em nenhum ponto de vista.

Noticiario

Portugal

De volta de Santarem apresenta-se de novo em S. Carlos, com a «Alma Forte», a companhia Alves da Cunha a que vai ser pretexto para uma nova enchente.

—A companhia Erico-Lucilia Simões parte no «Traz-os-Montes», em 25 do corrente para o Brazil.

Com esta companhia vai o escritor e publicista sr. Antonio Ferro, que na direcção da «Ilustração Portuguesa» fica substituido durante a sua ausencia pelo escritor sr. João Ameal.

—O «Diario de Noticias» publicará por estes dias uma cabeça da actriz Virginia desenhada expressamente do natural pelo artista sr. Leitão de Sousa, e que fixa a mascara da grande actriz neste momento. A reprodução em inedito foi concedida àquele jornal e o original será vendido no dia da festa.

—Sabemos que para o mesmo espectaculo já o sr. dr. Augusto de Castro escreveu algumas palavras, por uma forma sentida e cheia do elegante nobresa. Completa-se assim, brilhantemente, o pensamento do nos so colega «Diario de Noticias», ao promover a interessante homenagem.

—E natural que no fim do mez se realise em S. Carlos uma grande festa promovida pelos Padrões de Guerra. O distinto critico sr. tenente-coronel Cristovam Aires e um dos seus organisadores, e por certo a sua competencia em tais empreendimentos terá ocasião de mais uma vez se manifestar.

—Foram entregues e aceites no teatro Nacional tres peças em um acto do nosso camarada de redacção que assina com o pseudonimo de «O Homem que passa».

Os titulos dessas peças são:

«Idilio dos mãos», o «Homem que passa» e a «Aposta das lagrimas».

Estes «levers-de-rideau» deverão ser representados durante a proxima epoca de verão e acompanhar as peças espanholas que subirão á scena.

—Não se confirma ainda a noticia de que o actor José Ricardo vá no verão para o S. Luiz.

Cartaz do dia

NACIONAL—«Os Tenorios».
S. LUIZ—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—«Belo Sexo».
AVENIDA—«O Toureador».
POLYTEAMA—«A Casaca Encarnada».
CHIADO TERRASSE—«O Ilustre Governador».
EDEN TEATRO—A's 8,30 e 10,30—«Talisman».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Gigajoga».

Curiosidades

O exercito marroquino

O exercito marroquino, se tal nome se póde dar a esse agrupamento de homens armados, compõe-se de elementos muito diversos, cuja organisação e efectivo diminuem de dia para dia.

O mais antigo é o corpo de cavalaria chamado «guarda negra», e tambem os bokharis, do nome de Lidi-Bokhari teologo muito venerado em Marrocos, a quem o sultão Muley-Ismail tinha consagrado esta tropa quando a instituiu em 1679.

Recrutados sobretudo entre os negros os bokharis chegaram a elevar-se a 150.000 e representaram um pouco o papel dos janizaros em Constantinopla.

Constituem ainda a escolta dos sultões, mas já não passam de 2 a 3.000 cavaleiros. Tambem se podem citar como cavalaria os corpos de «mkhasny» ou «dohisoh» organisados em cada distrito em grupos de 50 a 100 homens, para velarem pela manutenção da ordem.

O seu efectivo é de 8 a 10.000 homens.

A infantaria é formada pelos «askar» ou «haskari». Foi o sultão Abd-er-Rhaman quem, por ocasião da guerra com a França em 1844, a organisou pelo modelo dos Zuavos. Novos batalhões foram depois adicionados aos primeiros, formando hoje o total duns 10.000 homens pouco mais ou menos.

A artilharia está representada pelos «tapchis» (da palavra «top», canhão), que não tem organisação, nem uniforme, e cujo unico serviço é o de salvarem nas costas os navios estrangeiros ou o de celebrarem certas festas. Alem disto algumas centenas de soldados de infantaria estão encarregados de servir os canhões de campanha que acompanham o sultão nas suas viagens.

Mencionaremos, por fim algumas centenas de «baheri» ou marinheiros, susceptiveis de serem empregados em terra como soldados de infantaria em tempo de guerra. O seu emprego é hereditario, como o dos «topchis»; durante a paz estão divididos entre os portos da costa. A todos estes elementos junta-se, em tempo de guerra, a «hearkah» ou «jarka» ou seja o levantamento em massa, que pode produzir 200 a 300.000 homens.

As armas dos rifenhos

São interessantes os armamentos dos rifenhos e o contrabando que realisam para adquiri-lo. A arma preferida é a Remington (Kottatà). Nas festas empregam as espingardas de pederneira. Os revolvers são pouco apreciados e só os abastados podem possui-los por luxo.

A arma branca por excelencia é a «gumia», de fabricação argelino. Possuem alguns sabres que podem ser transformados em sabres-baionetas.

Em tempos passados existiam no Riff grandes canhões de ferro, e com eles bombardearam mais de uma vez as fortificações espanholas. Esses canhões estão inutilisados, e a ultima vez que deles fizeram uso foi contra a alcaçova do Trajano.

O alcance dos canhões era muito pequeno.

Carregavam-nos com ferro e chumbo, utilisando como carga de arremesso polvora misturada com agua, que formava uma substancia pastosa. No ouvido punham polvora fina, á laia de mecha, á qual comunicavam fogo com archote. Mais de uma vez o excesso de carga fez explodir o canhão, matando os artilheiros e curiosos. A polvora que utilisam é inglesa e espanhola. Em Beni-Vriaguel alguns indigenas fabricam polvora por processos primitivos. Nas casas dos chefes abastados existem depositos de armas que distribuem em caso de guerra pelos pobres.

Os rifenhos são bons atiradores a curta distancia. O uso da alça é desconhecido; mas como se entrincheiram por detraz dos muros de pedra e figueiras bravas, esperam que o inimigo chegue a distancia eficaz para o vitimar.

O contrabando era realisado pelas tribus da costa desde Tetuan a Alhucemas. Para passar o contrabando em pequena escala, recorriam a ardis de todo o genero. Em Alhucemas foram em tempos descobertos bahus de duplo fundo, talhas de azeite em cujas ocultas de reforço havia moanos de armas; bengalas ocas, caixas de terragem, cadeiras e outros artefactos preparados para o contrabando.

A. G.

Como o general Smuts defende o principio de autoridade

Cidade do Cabo, 7 de Março

O general Smuts declarou hoje no Parlamento que a situação no Rand tinha piorado. A resposta da Camara de Minas recusando-se a uma nova conferencia e a reconhecer que a Federação estava redigida em termos deploraveis tendo excitado os animos e em logar de se conseguir uma nova votação tinha-se obtido a declaração da greve geral.

Esperava que o bom senso do paiz limitasse os efeitos da greve apenas ao Rand. Depois de se ter referido ao modo como se estavam fazendo os serviços publicos e particulares poz em destaque a maneira exemplar como a policia estava desempenhando a sua missão dificil protegendo os cidadãos obedientes á lei.

Esperava que as expressões pronunciadas na Camara não desgostassem esses homens tornando-os menos zelosos e menos resolvidos a cumprirem os seus deveres.

Lamentava o incidente que se tinha dado em Germinston e que afectava um oficial por quem os seus superiores tinham a maior consideração e confiança.

Julgava que a crise que se atravessava não exigia maiores precauções para a manutenção da lei e da ordem em Johannesburg, mas tomaria essas precauções se a situação o mostrasse necessario.

Pormenores do incidente que se deu junto da Central dos Telefones em Johannesburg mostram que meia hora depois de o grevista ter sido baionetado o «comando» de Fordsburg entrou na cidade trazendo á frente trez cavaleiros e a sua bandeira verde com a harpa irlandesa. O seu efectivo era de cerca de 200 homens quasi todos armados com pesadas moças e alguns com revolvers. Na rua Jeppe a policia saiu-lhe á frente. O camandante dos grevistas apeiou-se e fez sinal á policia para parar mas como esta avançasse atiraram-lhe pedras e tijolos. A força de policia continuou, contudo, avançando.

O «comando» parou em frente do estabelecimento de John Orr e começou a apupar a policia, desafiando-a para a luta.

Um dos grevistas veio á frente das forças e emitando o que fez o grevista Labuschaugne em 1913, tirou o casaco e convidou a policia a fazer fogo sobre ele. O seu comandante contudo agarrou-o pela gola do casaco e obrigou-o a voltar ao seu logar. Os grevistas cantaram então a «Bandeira Vermelha» e durante muito tempo assobiaram e apuparam a policia.

O «comando» torneando a policia seguiu então para a Central dos Telefones, onde a excitação era grande. Os grevistas dispararam 15 tiros de revolver indo uma das balas ferir acidentalmente uma mulher que estava nas escadarias do edificio e que foi levada para o hospital.

A's seis horas da tarde uma grande força de policia de baioneta calada, juntamente com outras forças de policias em «camions» e a cavalo, limpou as ruas dispersando todos os grupos e restabelecendo assim a ordem.

ANUNCIO

Pela Comissão de Assistencia Judiciaria junto da 2.ª vara civel da comarca de Lisboa e cartorio do escrivão Julio Diniz correm editos de 30 dias, a contar da publicação do ultimo anuncio, intimando Jose dos Santos Torres, que teve o seu ultimo domicilio nesta cidade na Praça da Alegria n.º 5 3.º andar, e hoje ausente em parte incerta, para no prazo de 5 dias, findo que seja o dos editos, contestar, querendo, o pedido da assistencia judiciaria feito por Maria Candida de Lima Torres, a fim de intentar contra o intimado acção de divorcio e de alimentos, sob pena de revelia.

Lisboa, 30 de Março de 1922.
O escrivão—Julio Mendes da Rocha Diniz.

Verifiquei a exatidão. Servindo de Presidente da Comissão da Assistencia Judiciaria junto da 2.ª vara civel da comarca de Lisboa,—Antonio Sousa.

SPORT

Por esse mundo...

Prova mais uma vez o foot-ball, que é o sport mais popular entre nós, pela enorme concorrencia que chama a todos os desafios «á sensation».

A proposito é curioso lembrar, que sendo costume antigo os clubs mandarem aos jornalistas de «sport» o seu bilhete de entrada permanente, este ano houve dois que se esqueceram de «A Capital».

O Casa Pia e o Internacional.

O que vale, é que lá diz a sagrada escritura que no dia de juizo, no altar de Deus, todos pagarão os seus pecados...

* * *

Carpentier vai trocar o quadrado do «ring», pelo quadrado do «ecran».

Isto coincide com a chegada de Dempsey á Europa.

Decididamente o americano «espanta» eles...

* * *

O Ginasio Club Portuguez adiou o campeonato de Portugal de força por falta de concorrentes.

Como nenhum dos atletas quer arriscar a sua reputação, lembro á direcção, o modificar o regulamento, acrescentando-lhe o seguinte artigo: Todos os concorrentes ficam sendo campeões...

E verá que entra tudo minha gente.

RUY DA CUNHA.

AUTOMOBILISMO

A inscrição para a Corrida da Rampa da Pimenteira encerra-se depois de amanhã, quinta-feira

Está despertando o mais vivo entusiasmo a Corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira que o jornal «Os Sports» vai promover, cuja inscrição, como temos dito, encerra-se depois de amanhã quinta-feira ás 22 horas.

A Corrida é reservada a amadores e representantes de marcas o que vai dar logar a um grande numero de concorrentes.

A taxa de inscrições é de 60 escudos para amadores e 120 para representantes.

A prova é patrocinada pelo Automovel Club de Portugal.

Combates de soco

Faustino Pereira contra o francez Marius

Depois de em varios combates ter conquistado pela sua energia e coragem, e ainda por uma bem demonstrada inteligencia das coisas do «ring» Faustino Pereira consolidou a sua popularidade, e conseguindo vencer aos pontos, em 5 de Março, Marius, pugilista da primeira série franceza dos «leves», e, portanto, homem de valor reconhecido. Surpreendeu a vitoria, mas não foi Marius quem menor surpreza teve; e, vendo a sua reputação no estrangeiro e em Lisboa um pouco abatida, desafiou imediatamente Faustino para um combate-desforra. Como é seu costume, Faustino não recuou e, sabendo muito embora que a tarefa ia ser durissima, aceitou e decidiu-se a uma preparação bem indispensavel para quem tem de contar com um adversario de valor que quer por força ganhar e reabilitar-se.

Vai ser sensacional esse combate que amanhã se realiza, incluido num programa soberbo, do que fazem parte trez combates de amadores distintos, entre os quais Abel da Cunha, campeão de Portugal dos «leves» e «meios-leves».

LUTA

IX Campeonato Internacional

Está despertando o maior interesse no publico de sport o «IX Campeonato Internacional de Luta», que no proximo sabado se inicia no Coliseu dos Recreios.

O torneio é disputado com todo o rigor, pois a inscrição dos lutadores esteve aberta em Paris e Madrid, continuando em Lisboa nos escritorios da Empreza.

O campeonato deste ano deve talvez ser superior ao ultimo que se realisou pois ha homens inscritos que são verdadeiros colossos, quer na sua estatura quer nos seus conhecimentos.

A acrescentar aos nomes que já citamos podemos hoje citar como certa a inscrição do espanhol El Secundo de 110 quilos de peso, Noel de Rodelois já conhecido entre nós como um excelente lutador; Isidoro Bonnes, belga de 104 quilos com 1,78 de altura; Paul Favre, suisso; os holandezes Massotti e Ghyssens, o primeiro com 110 quilos e este com 100 quilos; Real S. Mars com 108 quilos e outros cujos nomes amanhã mencionaremos.

Ainda ha mais um motivo de grande atração para este campeonato. E' a inscrição de um novo portuguez que em competencia com Loureiro Grilo procurará colocar-se entre os finalistas. Trata-se de Eduardo Duarte Santos, rapaz corpulento, cheio de vida e já com conhecimentos suficientes para triunfar.

Os combates serão dirigidos pelo tecnico francez Mr. Max Lergoy, uma das figuras de maior prestigio no meio mundial.

Box

Os jornais francezes queixam-se que na Alemanha, organisadores sem escrupulos, anunciam «boxeurs» de 4.ª categoria, com o nome dos campeões franceses.

Não é licito que se faça isso, pois alem de intrigas o publico, causa prejuiso aos pugilistas, que sem darem por isso, são batidos...

Tambem entre nós, houve por vezes espetaculos «oi disant» de sport em que apareceram atletas com nome suposto...

—O sul-americano «Foipo», que pesa 100 quilos e mede 1 metro e 85 de altura, está fazendo sucesso na America do Norte, tendo ali vencido já dois bons «boxeurs» americanos.

Foipo propõe-se bater Dempsey.

—Dempsey vem á Europa, acompanhado de alguns jornalistas.

Vem fazer o relato de carnificina...

O sport no exercito

Henry Pathe, que trabalha perto do Ministerio da Guerra em França, acaba de ver alargada a sua esfera de ação.

Assim tem actualmente a seu cargo toda a preparação militar, a elaboração do regulamento e a formação dos quadros de professores.

Quer dizer o Ministerio da Guerra delegou o treno dos seus soldados e oficiais a um civil.

Se fosse cá...

Natação

O joven prodigio de natação Weissmuler, bateu o «record» do mundo das 500 jardas (445 metros) em 5 minutos 56 segundos e 3|5.

Com este é o quinto «record» do mundo de que fica detentor.

Ciclismo

Vermandel, o ciclista belga, que ganhou a primeira «etape» de volta da Belgica, repetiu o feito vencendo a segunda e terceira, da mesma prova.

NOTICIARIO

CENTRO NACIONAL DE ESGRIMA

Disputou-se no passada semana, no C. N. E., o campeonato da Escada de Espada, que esteve muito animado e que foi ganho pelo distinto esgrimista Frederico Paredes. Como manda o regulamento, todos os sabados se efetuam os assaltos entre os esgrimistas inscritos nesta prova. Para o dia 29 do corrente, está marcada a realisação do campeonato dos Juniors (Espada), aberto a todos os socios do C. N. E., que estejam incluidos na categoria do «Juniors» da Semana de Armas Portugueza. Tambem a direcção resolveu fazer disputar, em data ainda não determinada, um campeonato de Espada, reservada aos atiradores deste Centro que ainda não tenham entrado em qualquer prova desta arma. Em qualquer destes campeonatos serão conferidos premios aos primeiros classificados.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 3|8— 4 1|4
» 90 dias.	4 1|2—
Paris, cheque	1142— 1165
Suissa, cheque.	2415— 2480
Belgica, cheque	1050— 1090
Italia, cheque.	633— 658
Berlim, cheque.	40— 45
Holanda, cheque.	4702— 4840
Madrid, cheque	1924— 1981
New-York, cheque.	12453— 12812
Brazil, cheque.	61— 55
Austria, cheque.	1— 3
Noruega, cheque.	2280— 2330
Suecia, cheque	3248— 3314
Dinamarca, cheque.	2640— 2718
Libras	59$00 — 61$00

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

RECORDAÇÃO

por GUY DE MAUPASSANT

Por vezes, sentava-me, para olhar ao longo de um talude toda a casta de florinhas de que ha muito tempo não sabia o nome. Reconheci-as a todas como se fossem justamente aquelas que vira outr'ora na minha terra. Elas eram amarelas, vermelhas, de côr violeta, finas, delgadas, montadas em altas hastes ou acachapadas na terra. Insectos de todas as côres e feitios, atarracados, alongados, extraordinarios de construção, monstros assustadores e microscopios, faziam pacificamente ascensões em pés de erva que vergava ao seu peso.

Depois, dormi algumas horas numa vala e tornei a partir, repousado, fortificado por aquele sono.

Diante de mim, abria-se uma alea encantadora, cuja folhagem um pouco rala deixava chover por toda a parte sobre o solo gotas de sol que iluminavam as margaridas brancas. Alongava-se interminavelmente, deserta e calma. Sómente um pesado besouro solitario e sussurrante seguia por ela, parando ás vezes para beber numa flôr que pendia ao seu peso, e tornava a partir, quasi no mesmo instante, para repousar um tudo nada, um pouco mais longe. O seu corpo enorme parecia feito de veludo escuro, raiado de amarelo, levado por azas transparentes e pequenissimas.

Mas, de repente, avistei ao fundo da álea duas criaturas, um homem e uma mulher, que caminhavam para mim. Aborrecido por ser perturbado no meu passeio tranquilo, ia a internar-me por entre os soutos, quando me pareceu que me chamavam. A mulher, com efeito, agitava a sua sombrinha, e o homem, em mangas de camisa, a redingote no braço, elevava o outro em ar de lastima.

Caminhei para êles. Eles caminhavam com passo apressado, muito vermelhos ambos, ela a passos miudinhos e rapidos, êle a longas pernadas. Lia-se-lhes no rosto o mau humor e a fadiga.

A mulher preguntou-me desde logo:

—O senhor pode dizer-me onde estamos? O parvalhão de meu marido fez-nos perder, pretendendo que conhecia perfeitamente esta região.

Eu respondi com segurança:

—Minha senhora, v. ex.ª dirige-se para Saint-Cloud e volta as costas a Versailles!

—Mas é justamente ali que nós queremos ir jantar.

—Tambem eu, minha senhora.

Ela disse por várias vezes, encolhendo os ombros:

—Meu Deus, meu Deus, meu Deus! com êsse tom de soberano desprêso que as mulheres têm para exprimir a sua desesperação. Era muito jovem, bonita, morena, com um ligeiro buçosinho.

Quanto a êle, suava e limpava a testa. Era, com certeza, uma familinha de burguezes parisienses. O homem parecia aterrado, derreado e desolado.

Murmurou:

—Mas, minha boa amiga... foste tu...

—Fui eu!... Ah! agora fui eu.

Fui eu quem quiz partir sem indicações, pretendendo que não me perderia? Fui eu quem quiz tomar á direita, ao alto daquela encosta, afirmando que conhecia o caminho? Fui eu quem se encarregou de Cachou...

Não acabara ela ainda de falar, quando o marido, como se estivesse atacado de loucura, soltou um grito lancinante, que não poderia ser descrito em lingua alguma, mas que pareceria isto: tiiitiiit.

A joven pareceu não se admirar, nem comover-se e continuou:

—Não, na verdade, sempre ha criaturas muito estupidas e que tudo julgam saber. Tambem fui eu que o ano passado tomei o comboio de Dieppe, em vez de tomar o do Havre, dize lá, fui eu? Fui eu quem apostou que o senhor Letourner morava na rua dos Martires?... Fui eu quem não quiz acreditar que a Celeste era uma ladra?...

E ela continuava com furia, com uma velocidade de lingua surpreendente, acumulando as acusações mais diversas, mais inesperadas e mais opressivas, fornecidas por todas as situações intimas da existencia comum, repreendendo o marido por todos os actos, todas as idéas, todas as suas maneiras de proceder, todas as suas tentativas, todos os seus esforços, a sua vida toda, desde o casamento até áquela hora.

Ele tentava detê-la, acalmá-la, e gaguejava:

—Mas, minha querida... é inutil... diante dêste senhor... Olha que damos um espectaculo... Isso nada interessa a êste senhor...

E voltava os olhos magoadamente para os soutos, como se quizesse sondar-lhes a profundeza pacifica e misteriosa, para atirar-se para o interior deles, fugir, esconder-se a todos os olhares; e, de tempos a tempos, soltava um novo grito, um tiiitiiit prolongado, sobreagudo. Tomei aquele habito por uma doença nervosa.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4051 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Quarta-feira, 12 de Abril de 1922 || Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O avião "Lusitania" tocará nos rochedos de S. Paulo na sua viagem para Fernando de Noronha.

Questões coloniais

Anunciam os jornais que o sr. Leote do Rêgo, logo que se encontre restabelecido e tome assento na Camara para que foi eleito, apresentará ao Parlamento um projecto de lei no sentido de anexar S. Tomé á provincia de Angola.

Permita-nos o sr. Leote do Rêgo que lhe observemos não ser facil encontrar justificação ou verdadeira utilidade para uma modificação de tal natureza.

A provincia de S. Tomé tem as suas tradições, revestem-na caracteristicas especiais no ponto de vista da sua cultura, está largamente distanciada da provincia na qual a pretende integrar, e a solução dos seus interesses nada, na realidade, adiantaria pelo facto de semelhante anexação se realizar.

A questão de S. Tomé está na mão de obra para a cultura do cacau, gravemente ameaçada com a resolução do alto comissario em Moçambique, proibindo o contracto de serviçais indigenas daquela provincia, de onde sempre S. Tomé recebera a maior e a melhor parte dos seus trabalhadores.

Não se compreende porque é que da provincia de Moçambique não podem ser recrutados serviçais para S. Tomé, quando vão ás dezenas de milhar para o Rand e dêles pode agora dispôr, em larga escala, o grande industrial Hornung. Acresce a circunstancia que, mesmo assim, ainda Moçambique podia, com a maior facilidade, fornecer trabalhadores para S. Tomé, que não é territorio estrangeiro e cujos interesses estão ligados á economia geral da Nação e não se referem apenas a uma determinada emprêsa.

Ao mesmo tempo, em Angola, o alto comissario decide, por sua vez, que os serviçais para S. Tomé só possam ser recrutados em pontos mais afastados da provincia. Dahi se segue, que, contando com o tempo indispensavel para os contractar, para os trazer até ao litoral, embarcá-los, levá-los a S. Tomé e ahi aclimatá-los e instrui-los, se chega á conclusão de que, quando o seu trabalho principie a ser realmente um valor, terá soado, ou estará prestes a soar, a hora da sua retirada, por estar findo o prazo do contracto.

Dir-se-hia que ha o empenho de acabar com S. Tomé, mas não é isso, na verdade. O que ha é o capricho ou a precipitação dos altos comissarios, a quem se concederam poderes majestaticos de que êsses grandes funcionarios abusam á maneira mais descricionaria e, por vezes, a mais prejudicial para os interesses gerais do paiz.

Quando, em tempos, referindo-nos ás cartas organicas, que colocaram as provincias ultramarinas numa especie de independencia quasi absoluta, e chegámos a profetisar a criação do «Imperio do Atlantico», houve muito quem sorrisse. Pois não temos só um imperador: temos dois! E quem sofre com isso é a metropole, não sendo natural que as proprias colonias, convertidas em imperios, se considerem felizes.

Pode a acção dos altos comissarios ir até ao ponto de lesar interesses alheios aos das provincias em que dominam? Não pode ser. Os outros territorios portuguêses não têm a cobri-las um pavilhão estrangeiro. A metropole não pode ser prejudicada de animo leve pelos altos comissarios, soberanos e omnipotentes. O que está sucedendo com S. Tomé afecta toda a Nação.

Afigura-se-nos que o Governo e o Parlamento não deixarão de atender a êste aspecto do problema colonial. Ele é materialmente importante, mas não é menos moralmente atendivel.

As peças do Concurso de "A Capital"

Na nossa local do ontem a proposito destas peças e encimada pela mesma epigrafe saiu, por um lapso de redacção a frase de que esses trabalhos «eram de valor mais do que relativo», quando o que se pretendia referir era que eles eram dum valor alem daquele que era de esperar de novos, podendo mesmo ser classificados em merito absoluto e não relativo.

Que nos relevem esta falta os nossos premiados.

As tosses rebeldes

Curam-se com o xarope «Lo-Monaco», seja qual fôr o estado congestivo do aparelho respiratorio, sem recorrer a derivados do opio. R quisições a Raul Vieira Lda, Rua da Prata 5.

OS HOMENS LÁ DE FÓRA

A Nova Lusitania

Uma aspiração dos portuguezes do Rio que podia tornar-se uma realidade

O nativismo no Brasil foi sempre mais ou menos cronico. No ano passado, a proposito dos "poveiros" que regressaram á Portugal tomou incremento entre os nossos compatriotas do Rio de Janeiro uma ideia já bastante antiga que pretendem agora efectivar. Alguns milhares de portuguezes tentam estabelecer uma colonia nova no litoral de Angola e mandaram a Lisboa uma comissão encarregada de estudar as possibilidades do assunto com o Governo portuguez. O sr. José Joaquim Henriques que ha dez anos se encontra no Rio de Janeiro, e reside entre nós de passagem, teve a gentileza de nos dar informações completas sobre o assunto:

—Um nucleo de portuguezes do Rio—diz nos ele—pretende sair do Brasil para fundar no litoral de Angola uma nova cidade onde se sintam em territorio patrio. Fez se a propaganda e em breve as nossas listas de adesão se cobriram de assinaturas. Existem hoje perto de quinze mil portuguezes prontos a embarcar para a costa africana a recomeçar a vida segundo os moldes modernos, com toda a ardencia de temperamentos combativos educados na grande escola da America.

—O que pretendem fazer?

—O que pretendemos fazer é a um tempo muito simples e bastante dificil dadas todas as resistencias passivas que encontramos no nosso caminho. E' nem mais nem menos do que fundar uma cidade no litoral de Angola, que deverá chamar-se Nova Lusitania.

—E em que ponto do litoral?

—Não o podemos precisar ainda. Desejariamos que fosse ao sul da colonia, entre Porto Alexandre e Mossamedes. Mas já vê que a designação precisa do seu local é coisa extemporanea ainda...

—Com efeito. E provavelmente o Estado não poderá subvencionar essa tentativa...

—Mas não pretendemos o auxilio material do Estado. Se tivessemos de contar com ele, seria provavel que nunca se erguesse a nova cidade. O paiz que não pode fazer face a despesas inadiaveis muito menos poderá ajudar-nos com o seu ouro.

—E então?

—Desejamos apenas o seu apoio moral condimentado com um ligeiro sacrificio é certo, mas quasi insignificante, dada a vastidão da tentativa a que nos propomos. A grande maioria dos futuros colonos da Nova Lusitania é pobre—mas com faculdades de trabalho que só se aprendem na America. Vimos de boa escola. Temos todavia entre nós alguns capitais relativamente importantes e que devem bastar de começo porque não pretendemos nem queremos encostar-nos á metropole. Só contamos com o nosso esforço.

—Que pretendem então do Estado?

—Que ele transporte o nucleo da nova cidade, os quinze mil portuguezes que querem fundal-a, para o litoral africano, que ponha á nossa disposição os meios de condução suficientes para que possamos sair directamente do Rio de Janeiro para a costa de Africa.

—Só?

—Um pouco mais ainda. Que nos dê autonomia administrativa e que nos liberte de todo e qualquer imposto ou contribuição durante uma ou duas duzias de anos. E que se comprometa com as emprezas de Navegação portuguesas a fazer toar todos os seus vapores nos futuros molhes da Nova Lusitania. Acha exageradas as pretenções?

—De modo algum.

—No que fazemos todo o empenho é em não depender de nenhuma direção quer da Metropole, quer do Alto Comissario, pelo menos por emquanto. Não pretendemos constituir um minusculo estado independente. Somos portuguezes e nunca nos temos esquecido da nossa Patria. Mas trazemos outros processos de trabalho e de progresso e se nos prendermos a politicas e a principios preconcebidos, estaremos irremediavelmente perdidos e a nossa tentativa resultará esteril. A nossa bandeira será a portugueza mas os nossos processos de administração, as nossas inspirações progressivas serão inteiramente da nossa alçada. Temos processos novos para viver e triunfar e embora custe dize-lo, as formulas europeias estão gastas, secas. Não nos podem servir.

—E' condição «sine qua non»?

—E'. Que nos levem para lá e que nos cedam o territorio indispensavel. Fundaremos a nossa cidade...

—A' maneira dos Romanos? Como Romulo... como Remo?...

—Não. A' maneira dos americanos. E' diferente. Assim como não queremos burocracias tambem não queremos lendas.

—Parece-lhe possivel a realisação deste plano?

—Não sei. Muito embora paçamos pouco, ha-de ver, ha-de fatalmente haver resistencia e má vontade. Depois segue-se a tolice, a habitual tolice. Como pretendemos ser autonomos não faltará quem imagine que seremos revoltosos... Uma coisa impossivel...

—E dado o caso que consigam o seu «desideratum» como conseguiram estabilisar-se na nova cidade?

—Com trabalho e espirito de união. Nenhum de nós ignora as tremendas dificuldades. Vão ser anos dificeis. Talvez dez anos de luta. Mas não ha desanimo entre nós.

—E a nova cidade?

—Sonhamo la uma cidade toda moderna, simples, modesta mas que faremos bela. Largos «squares», grandes arvoredos, casas de tipo uniforme ou quasi onde pretendemos pôr um pouco de «home» americano que os portugueses de Portugal geralmente ignoram. Havemos de vencer porque não vamos para a Africa para ganhar dinheiro e ir embora. Vamos para lá para lá viver e amar a terra que fazemos acolhedora. Não temos espirito de aventura. Queremos a abastança e a tranquilidade, ali—no proprio sitio onde a soubemos ou pudemos criar.

—E' bonito ter essa fé!

—Os meus cabelos brancos fal-o-hão provavelmente sorrir. A' sua vontade. Outros cabelos ainda mais brancos do que os meus aguardam prontos a refazer, a recomeçar uma vida. São creaturas que muito tem sofrido e muito tem vivido. Sabem o que querem. Compreende agora o motivo porque nós queremos uma absoluta e inteiro autonomia?

O diluvio dos coroneis provoca as iras do diluvio dos diplomatas

Apesar de ter sido revogada a lei 1239—a lei do «diluvio dos coroneis» embora em torno dela se tivesse desenhado um movimento de hostilidade geral em todas as classes, os nobres «Evangelistas» não pensam em desarmar. Quem apanhou os galões á sombra dessa estupenda monstruosidade ficou com eles. E muito embora a lei, por ter sido revogada, não deva contemplar mais ninguem é positivo, é positivo, é certo, e começa já a ser do dominio publico que muitos oficiais que se julgam prejudicados pela promoção dos seus camaradas, vão reclamar contra este novo estado de cousas que para moralisar está pelo visto desmoralisando cada vez mais.

Com efeito se a lei 1239 não tivesse promovido ninguem, uma vez revogada, ficavam as cousas como anteriormente. Mas como essa lei—apesar de revogada—beneficiou alguns—os outros julgam-se preteridos e reclamam. E assim é, segundo nos informam, que os reclamantes pensam em dirigir-se, se o não fizeram já, ao Conselho Superior de Promoções—e serão atendidos, sempre em nome da justiça e da moralidade.

Mas o mais curioso, o mais inconcebivel do caso é que estes perniciosos efeitos vão alastrando e esta excepção que se abriu, ameaça estender-se a outras classes que se fundamentam em factos concretos para fazerem valer ás suas reclamações.

Assim, por exemplo, todos os funcionarios do Ministerio dos Estrangeiros que foram beneficiados pela Reforma do sr. Veiga Simões vão reclamar. Esta lei que o sr. dr. Julio Dantas, sucessor do ministro outubrista, não perfilhou e que resolveu enviar ao Parlamento, seguindo assim os principios da boa doutrina, promoveu e nomeou alguns funcionarios que se encontram na situação anterior porque a lei foi revogada. Mas se a lei 1239 foi revogada, poupando os que beneficiaram com ela, porque motivo não sucede a mesma cousa na lei do sr. Veiga Simões? E' este argumento que os funcionarios do Ministerio dos Estrangeiros vão aduzir. E ainda agora isto é o principio!

A viagem do principe de Galles

YOKOHAMA, 12.—Estão-se fazendo grandes preparativos para a recepção ao principe de Galles que partirá em seguida em comboio especial para Tokio.—(R.)

MOMENTO POLITICO

O GOVERNO

Crise no Governo Civil do Porto — A «Camorra», a «Formiga Branca» e os «Lacraus» — Os «meneurs» sindicalistas são pau para toda a obra... — Uma reunião no Centro Almirante Reis — O Gabinete vai ser derrubado por uma conjunção de forças parlamentares?... — O caso da Exploração do Porto de Lisboa

OUTRAS NOTICIAS E COMENTARIOS

O bispo de Vizeu (só houve um, aquele que ficou celebre como homem de Estado, um pouco rebelde ao ultramontanismo de Roma...) proferiu num discurso parlamentar, esta frase, que ficou celebre: anda coisa no ar...

Sem faltar ao respeito devido á memoria do estadista, tambem nós, nesta barafunda politica que já se anda engendrando, afirmamos que anda coisa no ar. Tentemos surpreender que coisa é essa...

A posição politica do sr. Antonio Maria da Silva é acentuadamente instavel. Nos bastidores da politica—principalmente da politica democratica—dá-se como iminente a queda do governo que, na melhor das hipoteses não poderá ir muito mais longe que duas quinzenas após a reabertura dos trabalhos parlamentares. Então—dir-se-ha—o governo não tem maioria? Tem é claro. Mas a intriga lavra dentro do partido (e tambem fóra dele) e não é provavel que o chefe do governo consiga singrar e acolher-se a porto seguro, tal o temporal que os seus proprios amigos lhe estão pressurosamente preparando. A crise do governo civil do Porto não foi e não é senão o primeiro arranco da tempestade; o peor é o que está para vir...

A crise do Porto é uma manobra dos radicalistas, agrupados no Porto em torno do sr. Domingues dos Santos, politico ambicioso, muito irrequieto, que não perdôa ao sr. Antonio Maria da Silva a chefia do partido democratico, de que ele se apoderou logo que o sr. Afonso Costa viu governamentalmente fracassada a revolução outubrista.

O sr. Domingues dos Santos tambem quer o bastão marechalicio e não desarma enquanto o não arrancar, a bem ou a mal, das mãos do sr. Antonio Maria da Silva. De resto, o chefe democratico portuense é auxiliado por um grupo de amigos politicos, uns que teem voz no Parlamento e outros que não teem, mas que são habeis na propaganda intensiva feita nos cafés e centros de reunião da capital do Norte.

Ha, no Porto, a «Camorra», chefiada pelo sr. Domingues dos Santos, como, noutros tempos, houve em Lisboa a «Formiga Branca», tendo por inspirador o sr. Antonio Maria da Silva, e os «Lacraus», que sustentavam, nas ruas e nas alfurjas, a situação sidonista.

Os radicais e anti-clericais do partido democratico são adversos ao actual governo. Ainda ha dias, numa reunião realisada no Centro Almirante Reis, o actual momento politico foi assim sintetisado: a Republica, ou será radical ou não será. Abundaram nestas ideias os srs. Herculano Galhardo, que parece ser agora o chefe dos radicalistas democraticos e o sr. Plinio Silva, que ainda ha pouco tempo presidiu a uma reunião de ferro-viarios do Estado, onde se produziram discursos acentuadamente bukunistas, com aprazimento e aquiescencia do sr. Plinio Silva, que, por momentos, se esqueceu de que era funcionario de confiança do Estado e desatou a lisongear acamaradadamente os liberais da U. S. O. E até, por sinal, que o seu gesto mereceu uma girandola de foguetorio festivo, lançada das colunas de «A Batalha», o bemquisto e acreditado negociante da Calçada do Combro.

Os radicalistas anti-clericais pronunciam-se, pois, contra o governo. Se essa oposição for levada aos ultimos extremos, as consequencias serão desastrosas. Não é dificil fazer, nessa hipotese, a previsão dos acontecimentos.

Parlamentarmente, o governo encontrar-se-ha muito enfraquecido, talvez mesmo em minoria. Uma conjunção parlamentar, constituida por democraticos-radicais, lealistas, reconstituintes, evolucionistas do sr. Ribeiro de Carvalho e monarquicos, pode ser suficiente para derrubar constitucionalmente o Governo ou pelo menos, criar-lhe tais dificuldades que torne impossivel a navegação da barca de que é timoneiro o sr. Antonio Maria da Silva. Se isso não se quizer fazer ou não fôr possivel fazer-se, a oposição pode, com certeza reproduzir a desordem das ruas, para o que lhe não faltam elementos, inclusivamente aqueles que a U. S. O. manobra e que não tem servido, até hoje e graças á sabia direcção dos «meneurs» sindicalistas, que são paus para toda a obra, senão para sustentar ou derrubar governos da burguezia, sem utilidade e antes com manifesto prejuizo para as classes trabalhadoras. E' indispensavel não esquecer que, para o efeito de perturbação da ordem, se pode contar com os outubristas, cuja parte civil enfileira, quasi totalmente nas hostes democraticas.

Todas estas questões se reflectirão nos debates do Congresso do P. R. P., que vai realisar-se em Coimbra, na segunda quinzena do mez corrente. O Directorio do partido esforça-se pelo adiamento do Congresso, prenunciando que dele resultará o enfraquecimento e possivelmente o aniquilamento do sr. Antonio Maria da Silva; as comissões de freguezias não concordam em esse adiamento, exactamente porque querem reivindicar no Congresso a politica radicalista, elegendo um Directorio que interprete, na orientação geral do partido, as ideias expostas no celebre programa outubrista, que foi dado oficialmente por apocrifo, mas que na realidade o não era.

Um sintoma da efervescencia da intriga nos meios outubristas é o caso, aparecido recentemente e da descoberta de irregularidades varias na Exploração do Porto de Lisboa. Neste organismo pontifica, graças ao outubrismo, o sr. Afonso de Macedo, cujo papel politico, no pronunciamento, ficou o anda obscuro. Ora o director da Exploração do Porto de Lisboa é (convem não o esquecer...) o engenheiro Ramos Coelho, cunhado do sr. Leote do Rego. E' claro que, na presente ocasião, nada viria mais a proposito que a descoberta de grandes roubalheiras na Exploração do Porto de Lisboa...

Todas estas questões teem anemiando o proprio Governo. Elas não matam, mas moem... E tão traulitado (moralmente falando) tem sido o sr. presidente do Ministerio, que é bem natural que se deite abaixo, antes que Jupiter despeça o raio. Jupiter encarnou-se no sr. Domingues dos Santos (quem o havia de dizer!...) e o raio será, em tempo proprio, uma moção de desconfiança ao gabinete, apresentada na Camara dos Deputados e aprovada, ali á pretal com todos os matadores.

As paixões agitam-se, aliás, dentro do proprio Governo, assegurando-se que o sr. ministro das Finanças não oculta o seu desagrado principalmente porque o sr. Antonio Maria da Silva tem demonstrado fraquesa na adopção e aplicação de medidas repressivas.

Resumindo:

a)—A queda do Governo é possivel, mas não é provavel, por todo esto mes, que é o das chuvas;

b)—A queda do Governo, é provavel, mas não é certo, para o mez de Maio, que é o das trovoadas.

c)—Mais certo que tudo isto será uma recomposição.

E é tudo quanto dizem os augures.

Os "arranjos" das leis 1040 e 1244

A confusão e a desordem no oficio do «afasta e promove» misturadas com todas as ambições que se chocam e todos os interesses que se debatem, —continuem com intensidade e «entrain». E como convem não deixar arrefecer o fogo sagrado, um caso, um caso só devido á falta de espaço:

A lei que se publicou apoz a reimplantação da Republica no norte, dava atribuições ao ministro da Guerra para aplicar os seguintes castigos: Inatividade, Reforma, Separação do serviço e Demissão.

Entre outras anomalias, que contaremos, deu-se a seguinte:

O coronel Henrique Batista foi comandante da 3.ª divisão durante algum tempo em que esteve implantada a monarquia no norte. Foi punido com a «reforma». Entendeu o ministro da Guerra que a sua falta mereceu a «segunda penalidade».

O major medico Magalhães, cuja falta foi continuar a prestar os serviços clinicos sem se preocupar com monarquia ou republica, foi punido com 3 meses de inatividade, «primeira penalidade».

Vem a lei 1244 que não atinge o coronel Batista, mas atinge o seu sobordinado major Magalhães, «reformando-o!»

O oficial que cometeu menor falta, na opinião do ministro da Guerra que estudou os processos, «é punido duas vezes», o que cometeu maior falta, tendo exercido um logar de destaque, na opinião do mesmo ministro, «é punido uma vez!»

Guerra Junqueiro

RIO DE JANEIRO, 12. — A Academia Brazileira convidou Guerra Junqueiro a visitar o Brazil por ocasião do centenario.—(H).

Este convite da Academia Brasileira a uma das maiores individualidades da raça latina, não terá infelizmente realisação; o sr. Guerra Junqueiro não irá ao Brasil.

As forças neutras

E' de uso, em face dos multiplos problemas que assoberbam a vida social contemporanea fazer-se o apelo ás forças vivas. Geralmente apelidam-se forças vivas as correntes de opinião representadas por inteligencias invulgares, os manejadores de capitais, que podem influir possivelmente nas leis da oferta e da procura, os pensadores, os professores, os politicos de envergadura, em geral todos aqueles individuos ou todas aquelas classes que representam um interesse ou um programa ou uma ideia. E é em virtude desta definição geral que para as forças vivas tem em regra convergido as solicitações e as suplicas da Cousa Publica. E foram sempre as forças vivas que orientaram e dirigiram apoderando-se do poder, tomando de assalto as influencias, tentando resolver melhor ou peior um problema e um futuro que cada dia se tornam mais dificeis e complicados.

Antagonicamente existem as forças mortas, os kistos, os lobinhos sociais que parasitam, excrescencias que não são para temer e que, apesar de tão velhas como o homem, apenas podem enfraquecer o coeficiente de energia, tempera-lo, dulcifica-lo para lhe permitir uma vida mais longa. São forças mortas todas aquelas que delimitam os horisontes das suas ambições e circunscrevem ao indispensavel o esforço do seu movimento. E é a par destas duas especies de forças, que subsistem penumbrosas mas tenazes as forças neutras, constituidas por todos os elementos da Nação que se não emiscuem na sua marcha, que não tem na vida social dela ou um voto ou uma proeminencia e que não são hostis como não são dedicadas á Cousa Publica porque esta lhes é totalmente indiferente. E' a força que neste momento é representada pelo menos por seis dos sete milhões de portugueses.

Como as chamadas forças vivas tem cumprido o mandato para que foram naturalmente designadas—toda a gente o tem podido verificar. Impossibilidade absoluta de conceber e ainda maior impossibilidade de realisar o que concebem mal. O que as forças vivas fizeram nestes ultimos cincoenta anos e mais particularmente nestes ultimos quinze,—está patente e capacidade destruidora ninguem lh'a poderá negar. Riscaram, extinguiram, mutilaram, enfraqueceram todos os assuntos basilares da raça e nada puzeram do seu logar. Constataram as anomalias—mas não as remediaram, afastaram os anacronismos mas não os substituiram. E a tal ponto estas irrequietas forças vivas produziram o cahos, a confusão e a indisciplina, de tanta maneira baralharam e confundiram o «substratum» inicial que ha por todos os lados exclamações que são afinal uma unica e só exclamação:—«E' espantoso que depois de tudo isto o paiz ainda resista!»

Resiste. E essa resistencia a que devemos talvez a nossa razão de ser como nacionalidade, devemo-la—por muito paradoxal que isto pareça—ás forças neutras. Emquanto as forças vivas legislam com furor, e alteram, e derruem, e escavacam,—as forças neutras não saem da sua inerte passividade e sobre a sua massa polida e reboluda, escorrega, sem as atingir, o sopro delirante dos que governam e pretendem orientar. Supor que toda esta agitação nefasta e esteril que nos parece a nós tonitruante e perturbadora porque vivemos no centro dela, pode ir atingir os interesses fundamentais de Portugal, é usar com inconsequencia de mal avisada vaidade. São o lavrador curvado sobre a gleba, regando-a de suor, o montanhez da Estrela e do Marão lascando o seu queijo de cabra pelos cantos dos apriscos, o campino da lesiria aguilhoando bois, todos os ignorados que penam, todos os obscuros que trabalham,—que constituem as forças neutras e só confusamente descortinam muito de longe as forças vivas para que possam compreender-lhe os designios e adoptar-lhe as ideias.

Que se não objecte que o paiz é Lisboa e todo o resto paisagem, á maneira de «lord» Beacondfield. Se isto fôra uma realidade, já provavelmente a nossa terra não figuraria numa carta politica da Europa. São as forças neutras que a tem mantido precisamente porque contrabalançam o principio de dissolução. E ainda, apesar de tudo, Portugal é fundamentalmente o mesmo, porque as forças neutras, as energias de seis milhões de portugueses ignoram na sua totalidade os cafés do Rocio e as Arcadas do Terreiro do Paço.

O "raid" Lisboa-Rio de Janeiro

Sr. Redactor.—Peço a v. que no seu mui lido jornal, proponha ao ser conhecida em Lisboa a chegada ao Brasil dos nossos intrepidos aviadores Sacadura e Gago Coutinho;

1.º—Que os edificios publicos e particulares embandeirem e que de noite iluminem aqueles que o poderem fazer.

2.º—Que sejam encerrados, em sinal de regosijo por tão alto feito, as repartições publicas, bancos, companhias e estabelecimentos comerciais.

4.º—Que se organisem comissões em todas as freguesias para a compra de foguetes que serão queimados ao ser conhecida tão feliz noticia.

Sem mais, etc.—José M. Paradanta Rebelo.

Os funcionarios e pessoal contratado que presta serviço nas Repartições do Comissariado Geral dos Abastecimentos resolveu tambem comemorar o glorioso empreendimento dos dois ilustres aviadores, dando um bodo em generos a 100 (cem) pobres o qual será distribuido no edificio do Comissariado das 13 ás 14 horas do dia em que oficialmente seja conhecida a chegada a Fernando Noronha dos dois ilustres oficiais da nossa Marinha de guerra.

O pessoal maior da estação central telegrafica e o pessoal da estação do cabo submarino de Lisboa resolvem comemorar a chegada a Fernando Noronha dos heroicos aviadores portugueses, lançando uma salva de 21 morteiros junto á estação Telegrafica Central do Terreiro do Paço e dando uma esmola a 50 pobres protegidos pelos principais jornais da Capital para o que já abriram uma subscrição.

Belesas do regimen sovietico da Russia

Fome e antropofagia—Como «A Batalha» descreve a situação na Russia

As noticias chegadas esta semana do paiz da fome são aterradoras. A população, que a fome tornou completamente apatica e indiferente, recai num incrivel estado de barbarie. «Começam a devorar-se uns aos outros». Comem não só os cadaveres, mas até já os vivos menos robustos! —Foram presas em Kavol Bougoutchett (gov. de Samara) duas mulheres, por terem devorado os filhos, e assassinado para comer, uma velhota.—Na aldeia de Ximenika (gov. de Samara) familias inteiras teem desenterrado os cadaveres do cemiterio e cozido e comido a carn! Na aldeia de Stavink i uma mulher fez em pedaços e deu a comer aos filhos o cadaver duma sua filha morta na vespera. O horror de todos estes factos ultrapassa a imaginação.

Os hospitais de crianças estão a abarrotar. Chegam em media 150 a 200 crianças famintas por dia. No districto de Kemkoff estão 3.000 crianças a morrer por falta de cuidados.

No distrito de Simbirsk, os aldeãos encontram-se numa miseria indiscritivel: já comeram tudo que havia para comer, e o tifo está fazendo terriveis estragos.

Durante o verão e o outono já a população estava reduzida a comer só ervas. Logo que a neve começou a cair comia-se barro amassado com ossos moidos. Agora comem estrume que desenterram.—Em toda a parte se praticam numerosos actos de antropofagia, e por toda a parte, ao longo das vias ferreas e das estradas, se encontram cadaveres encarquilhados despojados do vestuario.

O Resurgimento da Italia

O sentimento geral é de pacificação e de trabalho

No campo internacional, a Italia obteve, pelo valor inconteste das suas armas, pelo patriotismo dos seus soldados e pela fé do seu povo, uma brilhante victoria sobre os seus inimigos. Foram reivindicados os sagrados direitos nacionais. Hoje, a Italia não tem nenhuma razão para novos conflitos com os outros povos; e considera-se, justamente, um elemento de paz e concordia. O consorcio internacional é um seguro elemento de paz e harmonia. A nossa amisade pela Inglaterra é tradicional, constituindo presentemente um dos mais solidos esteios da politica italiana, no estrangeiro; igualmente, a respeito da França, a amisade da Italia está consolidada pelas antigas e gloriosas tradições comuns, pela afinidade de raça e, sobretudo, pelo sangue derramado no campo do direito e da justiça, em defesa dos mesmos ideais, na ultima guerra. A Italia de hoje não tem nenhum resentimento de odio contra os seus inimigos de ontem, vencidos. Todo o paiz está animado das melhores intenções no que diz respeito á Alemanha de hoje, que consideramos como um excelente factor de progresso e na qual a Italia confia que saberá respeitar os compromissos assumidos para com as nações com quem se manteve em luta durante quatro anos.

Acêrca da Russia, a Italia já demonstrou largamente quais as suas intenções e o desejo de orientar a sua politica, num sentido liberal, tal qual se manifesta sempre o verdadeiro sentimento italiano.

A Italia, neste assunto, põe de lado, como sempre, todos os preconceitos e prevenções acusadas, entendendo que se não deve intrometer nos negocios internos da Russia, podendo, contudo, manter relações e acordos comerciais com os *soviets*, estudando convenientemente e consultando tambem os interesses nacionais.

Com respeito a Fiume e aos ultimos acontecimentos ali verificados, consideramos essa questão sob um nitido sentimento de italianidade. Entendemos estabelecer relações de boa vizinhança com a Yugo-Slavia: não nos devemos, por isso, afastar da leal observancia dos compromissos assumidos, da execução do Tratado de Rapallo.

Daremos de boa vontade o nosso concurso para a resurreição da economia da Austria, para quem a Italia olha com a mais bela simpatia e afeição, reconhecendo a util importancia da sua função politica e economica sobre os Estados da Europa Central. Reconhecemos que lhe está reservada uma alta missão, colaborando na obra de consolidação da paz. Já por mais de uma vez temos prestado o nosso concurso á nação vizinha, fazendo todos os possiveis por a ajudar a sair da profunda depressão economica com que vem lutando tenazmente.

Por isto, se verifica que vivemos em boa harmonia com todas as nações. Temos estreitado, quanto possivel, recentemente, novos laços de amisade com outras nações e a ainda colaboração com a grande Republica norte-americana. Esperamos que a cooperação dos Estados Unidos dará, especialmente, no campo economico, excelentes resultados, num futuro muito proximo. O proximo futuro reserva, por isto mesmo, á politica estrangeira italiana, graves e importantes tarefas.

Em Genova, pela primeira vez, se deverão sentar, juntos, vencidos e vencedores, a fim de juntos discutirem os interesses comuns. A Italia espera tudo das suas energias, preparando activamente a grande obra que ha de aproximar os povos e assentar definitivamente os principios que hão de orientar a reconstrução economica, não só da Europa, como de todo o mundo. Esta Conferencia de Genova já foi fixada para o dia 10 de Abril proximo e, só em casos absolutamente poderosos se poderá adiar. A fixação desta data foi feita de acordo com a Inglaterra e a França.

A situação das colonias italianas merece tambem ao governo todas as suas atenções, tendo neste momento voltados os seus olhos para a Lybia, onde ainda ha fermentos que devem ser convenientemente destruidos e limpos. O governo, para isso, não saberá poupar esforços, empregando toda a sua vontade para normalizar a sua situação.

Com relação ás organizações militares, o governo inspirar-se-ha na concepção renovada da consciencia nacional, que assim assume directa responsabilidade na defesa do paiz.

Concertos sinfonicos no Coliseu

No proximo domingo, pelas 15 horas, realisa-se no Coliseu dos Recreios um concerto sinfonico que despertará entre o publico português o maior entusiasmo por ser nele apresentada a ultima obra sinfonica do maestro Ruy Coelho, o poema heroico Nun'Alvares que o autor dedicou á gloria dos Novos Cavaleiros da Aventura, Cabral e Coutinho. A orquestra é composta pelos melhores professores das orquestras sinfonicas de Lisboa e dirigida pelo compositor Ruy Coelho, sendo a execução das obras no dentro da sala de espectaculos.

Noticias de todo o mundo

OS TELEGRAMAS DE HOJE

Pequenas informações

MUNICH, 12.—O ministro do Interior bavaro desmente a afirmação de Poincaré de que a policia bavara tinha uma organisação militar. Esta insinuação era baseada em informações falsas.—(R.)

WASHINGTON, 11.—O explorador Amunsen saiu de New-York em aeroplano dirigindo-se a Sottle onde terminará os preparativos para a sua expedição ao Polo Norte.—(R.)

BOMBAIM, 12.—Em resultado da prisão do agitador Gandhi a agitação politica na India tem estado mais calma. O dr. Mahamud secretario do comité central do califado foi condenado a seis mezes de prisão.—(R.)

LIMA, 11. — O general Paul Clement antigo chefe da missão militar franceza no Perú foi encarregado pelo governo peruano de organisar e dirigir a instrução militar do Perú no Instituto Politecnico.—(R).

MADRID, 11.—A bolsa de Madrid estará fechada a partir de 13 até 18 do corrente.—(H.)

OPPELN, 11.—Esta manhã realisou-se o enterro dos soldados francêses que foram vitimas da explosão de Gleiwitz.—(H.)

Os extrangeiros em New-York

NEW-YORK, 11.—As ultimas estatisticas mostram que a população estrangeira nesta cidade se eleva a quatro milhões duzentos e noventa e quatro mil seiscentos e vinte e nove estrangeiros sendo novecentos e 94 mil quinhentos e cincoenta e seis russos e oitocentos e dois mil oitocentos e noventa e tres italianos.—(R).

A Australia recebe por mez 30.000 emigrantes

SIDNEY, 12.—Falando numa reunião na Liga dos Novos Colonos o sr. Hughes disse que os emigrantes estavam chegando agora á Australia numa media de 30.000 por mez e disse que o que era necessario eram emigrantes para o campo e não para as cidades.—(R.)

A vida social inglesa

LONDRES, 11. —A Camara dos Lords aprovou em segunda leitura o «bill» apresentado por Lord Mur Mackenzie tendente a evitar que se recebam dividas de jogo por meio de cheques.—(R).

LONDRES, 11.—A Camara dos Lords está discutindo o orçamento do Ministerio do Trabalho que se eleva a 18.010.640 de libras contra 22.137.405 no ano passado, sendo a diferença para menos, resultado da diminuição de funcionarios e de rigidas economias. —(R.)

LONDRES, 11.—Os donativos recebidos no palacio de S. James para o fundo do Principe de Galles a favor dos escoteiros elevam-se a 76.480 libras.—(R).

LONDRES, 11.—Continuam as negociações entre os operarios metalurgicos e as empresas para tenter pôr termo ao lock-out.—(R).

LONDRES, 11.—Mrs. Asquith que foi aos Estados Unidos fazer uma serie de conferencias regressou a esta cidade.—(R).

As operações em Marrocos

MADRID, 12.—Foi assinado o decreto autorisando a compra dum edificio em Tanger para residencia do representante de Espanha.—(R.)

SEVILHA, 12.—As festas e procissões da semana santa teem decorrido com grande brilhantismo e imponencia.—(R.)

MELILLA, 12.—O Alto Comissario comunica que se apresentaram em Keb-Dania ao coronel comandante da policia 22 chefes de Beni-Said que estavam refugiados em Monte Mauro. Disseram que levavam representação do diversos povoados oferecendo submissão.

A esquadrilha de aviação de Tetuan bombardiou os povoados e aliarias proximos de Penon de Alhucemas tendo causado muitos incendios e estragos nos povoações rebeldes.

Em todo o territorio do protetorado não tem havido novidade.—(R.)

Banco de Portugal

Assembleia Geral Extraordinaria

Não tendo podido realisar-se a Assemblea Geral Extraordinaria, que fôra anunciada para 10 do corrente mez, por falta de numero, é novamente convocada a mesma Assemblea, na conformidade do art.º 90 dos Estatutos, para o dia 18 de Abril corrente, pelas 14 horas (2 horas da tarde) no edificio do Banco e para o fim da anterior convocação, vista a urgencia e a resolução do Governo em decreto n.º 8,100 nesta data publicada no «Diario do Governo»—Secretaria da Assemblea Geral do Banco de Portugal em 11 de Abril de 1922. — O secretario, — «Manuel de Campos Ferreira Lima».

A Conferencia de Genova

Os primeiros trabalhos iniciam pontos de vista discordantes

LONDRES, 12 — A «Westminster Gazette» confia que os resultados da Conferencia de Genova sejam melhores que o seu programa e diz que já se avançou muito, pois, de hoje em diante, a Europa deixou de ser exclusivamente o campo de operações dos aliados. — (R).

LONDRES, 12 — O redactor principal do «Times» escreve de Genova, dizendo que a carta do Papa ao arcebispo de Genova causou uma impressão penosa em certos circulos, pois se considera que ela aceita o ponto de vista alemão, parecendo ao mesmo tempo mostrar a identidade de esforços do Papa e do governo italiano.

O «Temps» tambem deplora a mensagem do Papa, aconselhando a revisão do tratado de paz e das reparações, apesar do Papa dever estar bem ao facto de que a França se recusa a qualquer revisão no seu proprio interesse e tambem no da Polonia e Belgica, que são filhos muito amados da igreja catolica. — (R.).

GENOVA, 12 — O embaixador dos Estados Unidos, Mr. Child, assistiu á abertura da Conferencia. — (R.).

GENOVA, 12 — Segundo diz a «Agencia Havas», Rathenau, delegado alemão, procurou ontem levar as nações aliadas a tomarem a iniciativa de invocar o problema das reparações na Conferencia, em consequencia do pagamento que a Alemanha tem que efectuar no fim de Maio e no qual se declarou desde já incapaz de fazer face. Como era de supor, Rathenau não foi apoiado. — (H.).

GENOVA, 12 — A comissão encarregada dos negocios russos reuniu-se, mas adiou-se para quinta-feira, a fim de dar tempo a Tchitcherine para estudar o relatorio dos peritos aliados. — (H.).

GENOVA, 12 — A sub-comissão oficial da primeira comissão (*comité politico*) elegeu seu presidente o ministro Schanzer e examinou a melhor maneira de discutir os problemas indicados nos numeros 1, 2 e 3 do *memorandum* da Conferencia de Cannes. Sob proposta de Lloyd George, a sub-comissão resolveu estabelecer para base de discussão do problema russo o relatorio dos tecnicos que tomaram parte na Conferencia, entendendo-se, porém, que êsse relatorio não obriga os respectivos governos. Os delegados russos pediram adiamento da discussão até quinta-feira para examinar o relatorio do *comité*. Sob proposta do sr. Barthou, foi aceite êsse adiamento. — (R.).

GENOVA, 12 — O embaixador da America em Roma chegou a esta cidade. Assistirá á reunião da Conferencia, mas não oficialmente. A maneira de proceder dos Estados Unidos na Conferencia de Genova é observada com o maior interesse e vivamente comentada. — (Lat. Am.).

GENOVA, 12 — A sessão de hoje na Conferencia de Genova foi absolutamente secreta. Consta que foram nomeadas cinco comissões para estudar as resoluções da Conferencia de Cannes e vêr a maneira como devem ser postas em execução. A Inglaterra tem um plano muito completo no que diz respeito á Russia, que submeterá á Conferencia. Lord Birkenhead deve chegar breve, para substituir Lord Curzon. — (Lat. Am.).

MILÃO, 12 — Chegaram ontem a esta cidade os reis de Italia, que foram acolhidos com entusiasticas demonstrações populares. Será hoje inaugurada por êles a feira campionaria. — (Lat. Am.).

GENOVA, 12 — Apesar de ter sido logo apaziguado o incidente entre Barthou e Tchitcherine pela energica intervenção do sr. Fachal, presidente da Conferencia, receia-se que as sessões desta não decorram tão placidamente como é de uso em assembleias desta natureza. O problema russo constitue, talvez, a mais importante questão a tratar na Conferencia, porque, resolvido êle, estará aplanado em grande parte o caminho para a reconstrução economica da Europa. Ora êsse problema é muito complexo e a atitude decidida de Tchitcherine deixa vêr claramente que a delegação russa está disposta a fazer-se ouvir e atender. E', por isso, provavel que a discussão tome por vezes um aspecto agitado e excessivamente caloroso, pouco em harmonia com a usual frieza diplomatica.

Entretanto, é inegavel que Tchitcherine conquistou simpatias ... não falta quem lhe dê razão ... protesto contra a participação dos delegados da Romenia e do ... na comissão que vai tratar do problema russo. — (Lat. Am.).

GENOVA, 12 — O presidente da delegação russa, Tchitcherine, foi ao cemiterio prestar homenagem a Mazzini, permanecendo junto do tumulo bastante tempo. — (Lat. Am.).

GENOVA, 12 — Fervem os comentarios sobre a atitude da ... da delegação russa na Conferencia ...

A catastrofe do Chinde

Dos jornais de Moçambique começou a chegar-nos pormenores da catastrofe do Chinde.

Um ciclone horrivel começou no dia 24, cêrca das 8 horas da manhã, com forte chuva e vento, que foi aumentando progressivamente, atingindo proporções assustadoras. A principio, eram só as arvores arrancadas ou quebradas; depois, começou a destruição das casas e dos navios fundeados no porto. Os efeitos foram maiores por ter corrido de surpresa toda a gente. Raras foram as casas que não foram atingidas. A pressão barometrica chegou a descer a 724.

Ouvia-se constantemente o bater das chapas de zinco arrancadas dos telhados sobre outros predios. A casa da escola e a igreja ficaram descobertas, sem uma só chapa de zinco, em poucos minutos. O padre teve de refugiar-se noutra casa, ficando a sua completamente exposta á chuva. A casa onde funcionava a Recebedoria e repartição de Fazenda ficou sem uma só parede de pé. O hospital ficou destruido. A farmacia ficou parcialmente destelhada, chovendo lá dentro de tal maneira que teve de se fechar, inundando-se de agua. O aspecto é desolador e horrivel. A maior parte das cozinhas, de construção ligeira, desabaram. Muita gente passou fome nestes dias e sem ter onde dormir. Aqueles cujas casas foram pouco abaladas, tiveram de recolher as familias sem abrigo. Os navios que estavam no porto puzeram-se em movimento, mas poucos escaparam. Muitos barcos foram pela barra fora e outros se afundaram.

O hotel «Estrela de Ouro» foi invadido totalmente pela chuva, depois de arrancado quasi todo o zinco que o cobria, tendo os hospedes de refugiar-se noutras casas. A Alfandega desabou, ficando algumas mercadorias que lá havia á acção do tempo. A noite seguinte esteve ainda muito agitada; depois veiu um dia pouco chuvoso e á noite começou a cair uma chuva torrencial; incessante, que parecia a repetição do ciclone da vespera, tão intensa, que transformou as ruas em ribeiros, cuja agua passava por debaixo dos ramos e das arvores abatidas pelo temporal. A furia do vento foi tal, que as casas mais resistentes tremiam ameaçando a cada momento desconjuntarem-se, fazendo-nos desaparecer nos escombros.

O livro do negro René Maran

Ainda sobre o romance do preto René Maran a que nos temos referido lêmos o seguinte na revista «Mer & Colonies»:

«A Academia Goncourt é como se sabe, um cenaculosito privado de escritores, que á força de publicidade bem feita e não isenta de um certo pontificado muito habil se chegou a impor até certo ponto á opinião.

Nada teriamos com isso se este agrupamento, que já em tempos premiou um livro anti-militarista, para não dizer mais, não tivesse renovado este ano a sua atitude, em favor de uma obra escrita por um funcionario francez de côr; obra julgada com severidade pela parte da opinião publica que conhece a nossa politica internacional e colonial.

Segundo certos jornais numerosos extractos do dito livro circulam já nos Estados Unidos, graças aos cuidados da propaganda alemã.»

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Faleceu hoje, repentinamente, pelas 9 horas a sr.ª D. Amelia Arial, parteira em Lisboa, esposa do sr. Francisco Maldonado, tipografo.

O funeral realisa-se amanhã pelas 15 horas para o cemiterio de Bemfica, saindo o prestito funebre da travessa do Monte do Carmo, 28, 1.º

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 1/2—4 5/16
» 90 dias	4 3/8—
Paris, cheque	1145— 1162
Suissa, cheque	2413— 2477
Belgica, cheque	1000— 1075
Italia, cheque	666— 676
Berlim, cheque	42— 46
Holanda, cheque	4766— 4766
Madrid, cheque	1924— 1956
New-York, cheque	12628— 12614
Brazil, cheque	61— 55
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2.93— 2391
Suecia, cheque	3248— 2344
Dinamarca, cheque	2680— 2758

Libras . . . . . 58$00 — 60$00

... grande parte são-lhe favoraveis ... esperavam da sua parte manifestações irrequietas e ... tanto ou quanto subversivas, ... apresentou-se como diplomata ... sumado.

A opinião geral que a presença ... delegação russa na Conferencia ... será como consequencia logica ... o reconhecimento dos *soviets*, porque não é natural que estejam ... representantes de todos os paizes a tratar com os do governo ... e não venham a reconhecer este. — (Lat. Am.).

ULTIMA HORA

Ainda não é a crise...

Mas a situação politica complica-se, cada vez mais. Duas causas: O «barrete» cardinalicio e o alojamento de tropas no quartel de Campolide

Depois das declarações, feitas na Camara dos Deputados pelo sr. Barbosa de Magalhães, ministro dos Estrangeiros, declarações com as quaes se conformou, *malgré tout*, o sr. Almeida Ribeiro, «leader» do partido democratico, parecia que a questão do barrete cardinalicio ficara arrumada, sendo inevitavel que o sr. Presidente da Republica viesse a pôr o barretinho, pelas suas mãos, na tonsurada cabeça do sr. Nuncio Apostolico. Mas não acontece assim. Os radicaes democraticos e outubristas opõem-se á cerimonia e o sr. Antonio Maria da Silva já não sabe que voltas ha-de dar á vida governamental. Os partidaristas dizem-lhe: somos ou não somos radicaes? Se somos radicaes, nada de «barrete»; mas, se não somos...

O Governo pretende, tambem, alojar em Campolide a artilharia que fará parte da nova guarnição militar de Lisboa, naturalmente o regimento de artilharia 1. Os democraticos-outubristas vêem com maus olhos esse gesto governamental.

Emfim: tudo embrulhado!

As gréves

Os manipuladores de pão—Os mobiliarios

Alguns operarios da industria panificadora estiveram hoje no Governo Civil procurando realisar uma conferencia com o chefe do distrito. Como este alto funcionario os não podesse receber, ficou a conferencia transferida para amanhã.

Conforme noticiamos, a U. S. O. esforça-se para lançar a classe na greve, embora se reconheça que, no actual momento, ela está antecipadamente destinada a um fracasso.

A greve dos mobiliarios permanece estacionaria. A luta entre a Confederação Patronal e a U. S. O. prosegue. A solução mais natural seria apresentarem-se os grevistas em todas as oficinas, porque, no todo ou em parte, as suas reclamações já foram atendidas.

Aconselhados, porem, pelos habituais «meneurs», os grevistas preferem manter a suspensão geral do trabalho, lutando contra a Confederação Patronal, que declarou e tem mantido o Lock-out dos industrias. Nestas condições, pode acontecer que a greve se prolongue por algum tempo, visto que a intervenção do chefe do distrito não pode ser senão amistosa e por forma alguma coerciva.

Dizem da Aroeiras: Uma comissão de grevistas da industria mobiliaria procurou hoje o sr. presidente do Ministerio, afim de solicitar a sua interferencia, no sentido de se conseguir a rapida solução da greve.

O sr. Domingos dos Santos e as dissenções no P. R. P.

O deputado portuense sr. Domingos dos Santos chegou a Lisboa, efectivamente, mas ainda se não avistou, que se saiba, com o sr. presidente do Ministerio. Consta, porem, que realisou varias conferencias com membros do Directorio do P. R. P., procurando-se uma solução politica que evite a crise total do gabinete.

Em poucas linhas

O empresario tauromaquico sr. J. J. Santos Segurado esteve hoje no Governo Civil conferenciando com o chefe do distrito sobre o regulamento das touradas, actualmente em vigor. Ao que consta, o referido regulamento vai sofrer alterações.

— Uma comissão delegada de antigos empregados da Carris ultimamente despedidos voltou hoje a conferenciar com o chefe do distrito sobre a sua situação.

Os despenseiros de bordo

Sr. Redactor. — Tendo a classe de dispenseiros da armada, sido de 'sdobrada em 3 ou seja em 1.º, 2.º, 3.º, junto era que se equiparasse a classe em tudo que diz respeito, não só a soldo e readmissões, como tambem a equiparação para rancho e posto, Rabo em harpa, para que os dispenseiros de 1.º e 2.º classe que são equiparados a 1.º e 2.º sargentos, no soldo e readmissão não o sejam nas restantes regalias, que os sargentos teem.

Seria de justiça que o sr. Ministro da Marinha resolvesse neste caso com o seu criterio de imparcial de justiça. Um dispenseiro da armada.

Uma carta do sr. Bossa da Veiga

Acabamos de receber a seguinte carta:

«Sr. Director do jornal «A Capital» — Tendo varios jornais publicado uma noticia acerca da minha exoneração do cargo de Governador do Districto de Benguela e atribuindo essa exoneração a actos de indisciplina e de faltas de lealdade por mim praticados para com superiores, rogo a v. a subida fineza de publicar no seu jornal o seguinte:

— Que fui eu que pedi a minha demissão ao Alto Comissario, em telegrama que lhe dirigi em 10 de Dezembro de 1921, declarando-lhe que os motivos tornavam inabalavel essa minha resolução;

— Que, em resposta a este telegrama, recebi, em 13 de Dezembro, um oficio do Alto Comissario em que acatava a minha resolução e em que me pedia, por não ter ninguem que nomear para o districto de Benguela e por não ser facil a escolha do meu sucessor, para ficar, a bem do serviço publico, no meu posto mais um mez;

— Que, acedendo ao seu pedido, continuei á frente do Districto;

— Que em 24 de Janeiro me foi mandado entregar o Governo e foi citado mais antigo e embarcar para Lisboa no primeiro vapor, em comissão de serviço, afim de me apresentar na agencia de Angola, antes de lavrar o respectivo decreto;

— Que tendo passado o vapor Beira para a Metropole em 12 de Fevereiro de 1922, entreguei o Governo do Districto, no dia 11 á tarde, não ao oficial mais antigo mas ao sr. capitão Oliveira Santos que vinha, com guia do Alto Comissariado, tomar conta do Governo.

Assim é que está certo e, por isso, espero que v. não deixará de publicar esta minha legitima defesa, absolutamente indispensavel para que se reconheça os factos.

Quanto á portaria em que sou demitido, abstenho-me de fazer quaesquer considerações, reservando esse assunto para ser tratado pelas vias competentes, e pelos meios que as leis e os regulamentos facultam.

Agradecendo muito penhorado, tenho a honra de me assinar

De v. etc.

A. Bossa da Veiga—ex governador do distrito de Benguela.

General Gomes da Costa

Este ilustre oficial teve esta tarde uma demorada conferencia com o sr Presidente do Ministerio.

Conselho de Ministros

O Conselho de ministros que hoje reuniu na Secretaria do Interior, des de as 10,30 até ás 14 horas, forneceu á imprensa a seguinte nota:

«O conselho de ministros na sua reunião de hoje aprovou uma proposta de lei do sr. ministro da Agricultura relativa ao desenvolvimento dos serviços de arborisação de serras e dunas e da hidraulica florestal ocupando-se depois de assuntos pendentes que interessam á administração publica».

Os atentados dinamitistas

Os agentes Reis e Monteiro da investigação concluiram hoje as suas diligencias sobre o atentado dinamitista da Avenida Fontes Pereira de Melo e de que la sendo victima o guarda civico 1536. Pelas diligencias efectuadas apurou-se que o autor do atentado foi Raul da Conceição devendo o respectivo processo ser enviado amanhã ao tribunal da Boa Hora. O bombista continua em tratamento no hospital de S. José.

Os escandalos na Exploração do Porto

Efectuaram-se duas prisões importantes

— Os manipuladores de pão ... Volta a falar-se em escandalos praticados na Exploração do Porto de Lisboa.

E' questão antiga, que de novo se agita, tendo o caso sido entregue agora ao director da Policia de Investigação, que resolveu chamar a si as diligencias.

No gabinete do dr. Reis Junior foram hoje ouvidos, pelo agente Amado, varias testemunhas, de que resultou serem presos dois funcionarios superiores da Exploração. Não se trata de roubos, como erradamente se dizia, mas sim de burlas, que, pelas diligencias efectuadas, se apurou subirem a 170 contos. Mas, ainda agora a procissão vai na rua, parecendo que outras prisões importantes se farão. Um dos indicados para ficar entre ferros e o tesoureiro da Exploração, que, ao que se diz, tem responsabilidades no caso. As burlas, que datam de ha 6 anos, consistiam em falsificação de facturas, que o tesoureiro pagava, dizendo-se que o Estado ficou desfalcado em 300.000 escudos.

O Conselho de Administração da Exploração do Porto suspendeu hoje seis empregados superiores, entre os quais três chefes de repartição.

TEATRO

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO S. LUIZ—A Lenda dos Tarlatanas—Farça em 3 actos de André Brun e Carlos Simões, musica de Pedro Blanch.

Peça

Estando agora desenvolvida a moda dos autores nas vesperas dos seus originais subirem á scena, virem explica-los ao publico, com amplos pormenores, pouco resta ao critico acrescentar á tão abalisadas palavras de quem conhece o neofito desde o nascimento, ou, se a peça é em colaboração, desde os primeiros amores entre os papás.

A «Lenda dos Tarlatanas» foi muito honestamente batisada de farça, farça com alguns numeros de musica. No 1.º acto, ainda ha laivos de opereta, durante todo a peça ha mesmo uma visivel tendencia para se remontar ao «bolar do Barrigos», ao genero do «Burro do Senhor Alcaide» mas quem fôr procurar porque se estão no S. Luiz, opereta nacional, como o «J. P. C.» ou a «Miss Diabo», o «João Ratão» ou a «Moreninha» fica desiludido porque o que os autores lhe dão é farça, pura, desbragada farça para desopilar.

André Brun, antes de partir para França para esse interregno lamentavel para todos nós em que pouco ou nada nos deu da sua «verve», escrevia comedia, deliciosas e espirituosas comedias de observação onde se destaca a serie de comedias em 1 acto, o «Cavalheiro respeitavel» o «Primo Isidoro» e ao topo a «Visinha do lado». Agora trouxe de longe um ideia triste das nossas plateias e deu-lhes farça, muita farça com musica ou sem musica. André Brun tem o dever de figurar no Teatro Nacional, no Politeama ao lado e na primeira fila dos nossos dramaturgos e dos nossos comediografos. «A Lenda dos Tarlatanas», intuito bom de reviver a fertil epoca de 1823 com os seus tipos caracteristicos, é largo campo de acção para as situações burlescas e para os bons piadas oportunas do nosso primeiro humorista; agregado a Carlos Simões, o autor actual do trocadilho, da escola de Garrido, mas inferior na qualidade, conseguiu o agrado da plateia, que mais será quando alguns cortes necessarios no comprimento dos actos, ou maior ligeireza nas replicas, dê mais leveza ao honesto trabalho.

De resto a peças mormente o 1.º acto é apenas para apresentar tipos: o peralta, o poeta, uma renhida luta para a eleição do capitão mór da Guarda Real, a missa na Sé, os serões a jôlo em familia... O seu entrecho é pueril, antiquado talvez, com aqueles amores contrariados que sabem a seculo XIX; muitas coisas forçadas proprias das farças, como a existencia dum «almario» com fatos na casa de entroua do arquivista, mas tudo tendente ao unico fim de fazer rir. E assim se conseguiu, assim estão satisfeitos todos...

Musica

O maior sucesso da noite, as mais quentes e mais sinceras palmas foram para Pedro Blanc, popular maestro, talentoso regente duma orquestra e que apareceu pela primeira vez a compôr o genero facil, alegre, da musica para ouvido duma plateia de opereta e revista.

E pode dizer-se com satisfação que foi o melhor do espectaculo, aquilo que mais agradou a todos. Os nossos maestros de revista, os nossos fazedores de musica para operetas—exceptuando Filipe Duarte—são quasi todos isentos de originalidade e, o que é mais grave, de talento. Esgotam-se a repetir-se, esfalfam-se em busca duma nota de originalidade e quando muito revivem musicas antiquissimas ou descobrem-nos sucessos estrangeiros.

Pedro Blanc está rico de improvisos e cheio de talento. Toda a musica é da primeira a ultima nota diferente da banalidade. A orquestra tem efeitos que nunca se lhe tiraram até aqui, e o publico reconheceu em toda a harmonia uma nova e inspirada personalidade. Será musica portuguesa? Adapta-se bem á evocação do largo da Sé, dos peralvilhos, dos «Josésinhos»?

Pareceu-nos que Pedro Blanc conseguiu esta estranha novidade; juntar a um fundo de alegria espanhola as notas sentimentais da nossa musica.

Aqui, ali, nos côros, nos duetos, ha vislumbres de toadas espanholas, ha castanholas, ha pandeiretas.

Uma serenata lindissima passa guitarrada e batida de pandeiro; mas os motivos ficam populares, nacionais, como o dueto do 1.º acto tão feliz, tão harmonioso, tão alegre, tão portuguez embora orquestrado com castanholas.

E' curiosa esta fusão que concorreu talvez para realçar a novidade, o interesse da musica da «Lenda dos Tarlatanas». Maestro de largos vôos, no côro de abertura do 2.º acto, o coro dos velhos alfarrabistas, evoca o coro dos velhos do Fausto numa «nuance» fugaz, interessante...

Ha mesmo numeros de largo vôo, os duetos de amor no 1.º acto, o côro dos pedintes; é uma alegre, vibrante marcha para ficar no ouvido e no gosto popular.

Em resumo pode dizer-se que é a musica para varios numeros da farça um dos melhores requisitos da peça ontem estreada no S. Luiz.

Desempenho

A peça não tinha papeis principais ou se quizerem tinha todos. Igualmente Auzenda de Oliveira, Aldina de Souza e Beatriz Batista passaram nos seus papeis de ingenuas e amorozas infelizes, cantando as que sabiam e representando as que... sabiam.

Sofia Santos a caracteristica boa para a farça.

Dos homens, Salles Ribeiro, num tipo bem detalhado, Fernando Pereira excessivamente afeminado, torcendo o pescoço amiudadamente, tic que deve dominar. Vasco Sant'Ana num papel para o seu feitio voltou a fazer um «cóscó». E' um recurso de que abusa o notavel comico e de que não precisa para ser querido das plateias populares.

Alfredo Souza, Ribeiro, Carlos Viana e todos mais acertadamente.

Resta porém apontar a Armando de Vasconcelos uma disciplina que no coro de abertura, tendo de cantar sozinha qualquer coisa no balcão, se engasgou e disse alto a ponto de se ouvir até meio da sala: «faz-se de conta». Sinal dos tempos. As muitas vezes se fizeram para outra coisa, e esta «meniua» colaborando ou desfazendo da peça em scena, noutros tempos não voltava a praticar segunda incorreção. Armando de Vasconcelos a chamara a ordem...

Scenarios. Guarda Roupa.

Córos.

Os córos afinados. Bem merecidas as palmas ao maestro.

Os scenarios limpos, aceados e vistosos.

O Guarda-roupa tambem aceado e proprio. Foi pena no 1.º acto não se ver passar atravez as portas da loja, alguns tipos populares, «seu prôto catado», algum burro, dando mais caracter á vida da rua.

Tambem um olhar misericordioso áquelas barbas de bandidos mal coladas que os mendigos apresentam, não fazia mal.

Assim se conseguiria a perfeição no que já é muito regularmente bom. E' repetimos, um honesto trabalho.

ARMANDO FERREIRA

Noticiario

Portugal

Ainda este mez em S. Carlos, se devem realisar as festas de Berta de Bivar com a «premiere» de «Os Tubarões» e a do Joaquim Prata com a «premiere» da peça «Aventuras de Rafael».

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».
S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».
POLYTEAMA—A's 9,30—«A Casaca Encarnada».
CHIADO TERRASSE — A's 9,30 — «O Ilustre Governador».
EDEN TEATRO—A's 8,30 e 10,30—«Talisman».
SALÃO FOZ— A's 8,30 e 10,30 — «Gigajoga».

Uma pagina das memorias do Marechal Foch

O ilustre cabo de guerra refere-se elogiosamente aos americanos

A revista «France Etats Unis», orgão mensal do «comité» France-Amérique, publicou no seu numero de Janeiro ultimo um interessante artigo do Marechal Foch, que a seguir reproduzimos em tradução especialmente feita para o «Correio dos Açores»:

Parti a 22 de Outubro, a convite da Legião Americana. Não ia sem uma certa apreensão sobre os sentimentos e a opinão que encontraria na America acerca das operações e da direcção da guerra.

Depois do armisticio de 11 de Novembro, a seguir aos desfiles do 14 de Julho em Paris, em 1919, e mais tarde, em Londres e Bruxelas, os exercitos aliados tinham-se separado. Despedira-me afectuosamente do general Pershing no 1.º de Setembro de 1919, no porto de Brest.

Desde então, separava-nos o vasto Atlantico, e os interpretes habituais do sentir nacional, o Governo e o Parlamento, nada tinham dito, absorvidos como estavam nos problemas internos.

As minhas apreensões foram, porem, de curta dura. Com efeito, mal desembarquei em New York, no dia 28 de Outubro de 1921, na bateria que serve de cais de desembarque fui recebido por uma tal multidão, por milhares e milhares de pessoas, homens, mulheres, crianças, velhos, tão amigos, tão animados, tão entusiastas, que a recepção ultrapassou toda a minha espectativa—e eu sempre contára com uma boa recepção.

Indescritivel entusiasmo

O mesmo se passou durante a minha travessia de New-York, no Alto dessas casas como torres, em todas as janelas, se viam caras prazenteiras; choviam os «confettis» e as serpentinas e, no formidavel tumulto, reinava de certo um calor de sentimentos que não se podia prever nem descrever, nem definir.

Assim aconteceu no primeiro dia em New-York, enquanto atravessei a cidade até nos Paços da Camara e a estação do caminho de ferro da Pensilvania. Mas isso foi apenas o principio, porque o mesmo sucedeu em Washington, Baltimore, Indianapolis, etc.

Em Kansas City, no dia 1 de Novembro, fui recebido pela Legião Americana e por uma população que os forasteiros tinham duplicado, passando-a de 300.000 habitantes a 600 000; depois duma revista de mais de 15.000 combatentes, fez-se o desfile, pelas ruas da cidade, dos soldados da Legião Americana.

Igualmente nos acolheram em Filadelfia, em Bismarck, onde ainda se encontram Peles Vermelhas, Indianapolis, em S. Francisco, em El Paso, junto da fronteira do Mexico, em Nova Orleans, em Richmond; por toda a parte o mesmo entusiasmo, o mesmo animado acolhimento; toda a gente na rua, sem faltar ninguem, por pior que seja o tempo, não se amedrontam e esperam debaixo de chuva.

Todos querem aclamar, manifestar os seus sentimentos e dizer: «Temos imenso prazer em o ver e em lhe gritar: bravo!» Nesta alegria unanime e espontanea, que nada tem de artificial nem de obrigatorio, sente-se bem o sentimento que a todos inspira: «Trouxeste-nos o que todos queriamos, porque desejavamos todos, dum modo incontestavel, custasse o que custasse,—a Vitoria!»

O esforço americano

E quando escrutamos o fundo desses sentimentos, verificamos que foram eles os mesmos durante a guerra. Podemos certificar-nos disso contando os homens que foram fornecidos e quantidade de armas e munições enviadas e expedidas, os treus sanitarios de toda o especie enviados para a Europa.

Compreende-se então facilmente que a população inteira, mulheres, velhos, crianças, tinham um pensamento exclusivo, superior a todos os mais: a Vitoria a todo o custo, vencer acima de tudo.

E era em sentimentos como esses que tinhamos encontrado a força que animou toda a nossa guerra.

Unidade de sentimento

Como já tenho dito por varias vezes, tem atribuido a vitoria á unidade de comando; mas a unidade de comando só foi possivel por ter detrás a unidade de sentimento de todos os povos.

Os soldados que se batiam não eram senão a expressão dum pensamento bem nitido das rectaguardas: a Vitoria a todo o custo.

Quando nos recordamos de que essa unidade de sentimentos, tão poderoso, se exerceu em espaços enormes, mobilizando na America milhões de homens, que atravessaram os mares, e mares como o Oceano Atlantico compreendemos então claramente a grandeza dessa cruzada extraordinaria que um dia assombrará a Historia.

Milhões de americanos vieram das costas do Pacifico ou das grandes planicies do interior da America, atravessando o Atlantico, para se virem bater na Europa, por quê? Por uma ideia: pela liberdade.

E esses cruzados das costas do Pacifico partiam para o Chemin des Dames, o Yser, o Aisne, tudo sitios de que até ignoravam os proprios nomes! Por ahi se pode avaliar o ardor da fé que os animava e impelia.

Perante um tal esforço, compreende-se o grande «élan» que, partindo desses paizes e passando pelas vastas solidões maritimas, se transformou no arranco violento que levou as nossas bandeiras vencedoras das margens do Mosa ás do Reno!

Nós outros, os que se batiam, só tinhamos que romper para a frente para obedecermos ao impulso que vinha da rectaguarda, tão forte e unanime.

E quando se pregunta aos Americanos a explicação deste extraordinário fenómeno, desse impeto para a liberdade que tão alto os elevou, respondem com encantadora simplicidade: «Somos apenas Americanos dignos de Washington e La Fayette, dêsses dois homens que juntaram os seus estandartes para a conquista da independencia dos Estados Unidos e que, hoje, unem novamente bandeiras na grande guerra pela mesma causa, a causa da liberdade: a liberdade do Mundo inteiro».

Hoje, como então, é, com efeito, o mesmo amor da liberdade que domina a América e o poder dêsse amor cresceu como cresceu o poder dos Estados Unidos.

Eis os sentimentos que animam os Americanos e que êles nos testemunharam durante todo o nosso percurso. Recebia-os com orgulho, com devoção, como uma prova da grande simpatia da grande América pela minha França.

Novas promessas

Mais uma vez me era dado verificar que em logar de solver a divida de gratidão que me trouxera á América, tinha contraido uma nova divida para com ela.

Sim, tinha vindo á América dizer ao povo, sem frases, a gratidão do meu pais por nos ter levado o seu poderoso auxilio; tinha vindo tambem para lhe dizer como foram grandes o valor dos seus exércitos, a lialdade dos seus chefes e a rectidão dos seus generais, que, desde 28 de março de 1918, me ofereciam os seus incondicionais serviços, dizendo: «Estamos aqui para nos bater e para expôr as nossas vidas. Não ficaremos na rectaguarda».

Tinha vindo para lhe descrever os assaltos gloriosos efectuados pelos seus generais e pelos seus soldados em Chateau-Thierry, no Aisne, em Soissons, na Argonne e no Mosa.

Mas, antes de ter tido tempo de dizer tudo isto, responderam-me com novas promessas.

Essa amisade de Washington e La Fayette, que mais uma vez selámos com o sangue dos nossos mortos, nos campos de batalha da França, ha-de se perpetuar no futuro para a liberdade do Mundo!

MARECHAL FOCH

A nova lei do inquilinato!

A Associação Comercial dos Retalhistas de Viveres de Lisboa, a proposito da nova lei do inquilinato que se está elaborando, dirigiram ao sr. ministro da Justiça, uma representação em que se pede a inclusão dos paragrafos que abaixo publicamos e que nos parecem de toda o ponto equitativos:

a) — O direito á acção de despejo ou á de rescisão do contracto de arrendamento com base em aplicação da casa a fim diverso ou em qualquer outra infracção do contracto de arrendamento ou das disposições das leis que regulam êste contracto, prescreve no prazo de 6 meses a contar da data da infracção;

b) — O novo adquirente do predio não poderá requerer o despejo nem a rescisão do arrendamento com base em qualquer infracção do contracto, cometida anteriormente á respectiva aquisição, salvo se existir pendente e proposta pelo anterior senhorio a respectiva acção, na qual o novo adquirente poderá proseguir como cessionario daquele;

c) — O consentimento do senhorio, prestado por qualquer forma, a qualquer infracção do contracto de arrendamento por parte do inquilino, importa para aquele, bem como para os seus herdeiros ou representantes, renuncia do direito de requerer o despejo ou a rescisão do contracto, com fundamento nessa infracção;

d) — *Os inquilinos comerciais e industriais têm direito a retenção por bemfeitorias e ao pagamento destas antes do despejo, seja qual fôr o motivo dêste:*

e) — Devem ser acautelados os direitos e interesses dos inquilinos comerciais e industriais de predios pertencentes a usufrutuarios, e até quando, além da renda, tenha a seu cargo o pagamento das contribuições e reparações do predio arrendado se devem acrescentar ás modificações já apontadas as seguintes:

f) — Os arrendamentos feitos pelas pessoas a que se referem os artigos 9.º, 10.º e 11.º da actual Lei do Inquilinato não caducam com a morte de usufrutuarios nem com a dissolução do matrimonio, maioridade ou levantamento da interdicção:

g) — Quando á renda acresça o encargo do pagamento de contribuições, e montante destas acresça á renda para o efeito da indemnisação legal em caso de despejo por não convir ao senhorio a continuação do arrendamento:

h) — O encargo de reparações ordinarias no predio arrendado, quando a cargo do inquilino, é computado em ...... por cento sôbre a renda para o mesmo efeito:

i) — Quando a acção de despejo seja com fundamento na falta de pagamento da renda, tem o inquilino a faculdade de efectuar êsse pagamento dentro do prazo que a lei designa para a impugnação:

j) — Sendo a citação o acto mais importante do processo, nenhuma razão ha para que, quanto a ela, se não observem rigorosamente as disposições do Cod. de Proc. Civil:

k) — Devem ser validados os arrendamentos anteriores, aos quais fallem algumas formalidades exigidas pela lei do tempo da sua celebração, visto não ser, em regra, de culpa do inquilino, essa falta.

Bazilica da Estrela

Freguezia de N. Senhora da Lapa

Nesta igreja celebrar-se-hão as solenidades seguintes:

Quinta feira Santa—A's 12 horas. Missa solene, Exposição do Santissimo.

A's 4 horas, Lava-pés e sermão pelo rev. Valerio Cordeiro.

Sexta-feira da Paixão—A's 10 30. Missa, Adoração da Cruz e sermão pelo rev. Antonio Gomes de Mirando.

A's 4 horas, sermão da Soledade pelo rev. Valerio Cordeiro.

Sabado de Alleluia—A's 11 h., Benção do Lume e Missa solene.

Domingo da Ressurreição—A's 12 horas. Missa solene e sermão pelo rev. José Antonio Marques Junior.

SPORT

Foot-Ball

Amanhã realisa-se no Stadium um importante desafio entre inglezes e espanhois

Amanhã, no Stadium do Lumiar, pelas 17 horas, realisa-se um importante desafio internacional de «association» entre o Real Fortuna de Vigo campeão da Galiza, e o grupo inglez «Oxford City» que chegou ontem a Lisboa.

Este encontro está despertando grande interesse, no meio foot-bolistico, por ser a primeira vez que, entre nós, se defrontam dois campeões estrangeiros.

Para os desafios, em que os inglezes tomam parte nos dias 13, 14, 16 e 17 do corrente, marcam-se e vendem-se bilhetes no quiosque da Praça dos Restauradores desde as 10 da manhã ás 8 da noite, sendo nos dias dos desafios até meia hora antes do match.

Nos campos, em que se realisam estes jogos, só dão entrada os bilhetes de livre transito fornecidos pelo club organisador.

IX Campeonato de Luta no Coliseu

O publico de sport anda entusiasmado com a noticia da realisação do IX Campeonato Internacional de Luta que no proximo sabado se inicia no Coliseu dos Recreios sob a direção tecnica dos jornalistas sportivos e do arbitro Max Sergy.

As lutas devem ser das mais emocionantes, rijas mas talvez violentas devido ao peso dos lutadores que em media pesam 100 quilos. Alem dos nomes que já publicamos podemos hoje dar o do portuguez Eduardo Santos de peso de 80 quilos que fez a sua inscrição livremente. Este e Manuel Grilo disputarão aos internacionais os melhores logares na final o que equivale dizer que o premio é superior pois a empresa dispõe de 20.000 francos em premios.

NOTICIARIO

CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

E' no dia 30 corrente, como já dissemos o primeiro dia do concurso hipico internacional no hipodromo de Palhavã. Chegam á séde da Sociedade Hipica Portuguêza inumeras inscrições, cuja valia garantem em absoluto o exito das grandes provas.

O programa, é efectivamente de molde a atrair a atenção dos nossos amadores de Sport Hipico.

Segundo nos consta a inscrição de estrangeiros é certa o que dará notavel realce ás provas.

FEDERAÇÃO PORTUGUEZA DE BOX

Cadastro de amadores — Cartões de identidade

A direção da F. P. B. convida os amadores portuguezes a enviarem até 10 de Maio proximo para a sua séde na Rua do Serpa Pinto 4, os seguintes elementos, a fim de lhes ser passado o cartão de identidade e licença:

Club a que pertencem, nome, data do nascimento, filiação, naturalidade, peso, residencia, classificação que obtiveram nos campeonatos, dois retratos tipo passe.

Campeonatos regionais (amadores)

A direção marcou para a 2.ª quinzena de maio proximo os Campeonatos Regionais Norte e Sul, sendo a sua organisação a cargo, respectivamente dos delegados no Norte e do Ginasio Club Portuguez.

TAÇA «ATENEU»

Fechou no dia 8 p. p. a inscrição para esta prova, ficando inscritos os 12 clubs seguintes:

Ateneu, Bemfica, Sporting, Internacional, Marvilense, Bom Sucesso, Adicense, Cruz Quebrada, Fosforos, Belenenses, Casa Pia, e o actual campeão de 4.as categorias Carcavelinhos Foot Ball Club.

No dia 10 ás 22 horas, reunem os delegados dos club inscritos para apreciar as inscrições e proceder ao sorteio dos desafios que deverão principiar no proximo domingo, 16.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

RECORDAÇÃO

por GUY DE MAUPASSANT

A joven, de repente, voltou-se para mim e, mudando de tom, pronunciou com voz singular:

— Se fosse da sua vontade, senhor, caminhariamos os três juntos, para nos não perdermos novamente e não nos expormos a dormir no bosque.

Eu inclinei-me; ela tomou o meu braço e poz-se a falar de mil coisas, de si, da sua vida, da sua familia, do seu comercio. Eram luveiros na rua Saint-Lazare.

O marido caminhava ao lado dela, continuando a deitar olhares de louco para a espessura das arvores e gritando tiiitiiit de momento a momento.

Por fim, preguntei-lhe:

— Porque grita o senhor assim?

Ele respondeu com ar consternado, desesperado:

— E' pelo meu pobre cão, que eu perdi.

— O quê? O senhor perdeu o seu cão?

— Sim, senhor, tinha apenas um ano.

Nunca tinha saido da loja. Quiz trazê-lo para o passear pelo bosque. Ele nunca tinha visto arvores nem pedras, nem folhas e ficou como doido. Poz-se a correr e a latir e desapareceu na floresta. Sem contar que tem tambem muito medo do caminho de ferro, o que deve ter-lhe feito perder a cabeça. Por mais que o chamasse não voltou. Vai morrer de fome ali entre o arvoredo.

A joven, sem se voltar para o marido, articulou:

— Se lhe não deixasses o cordel já isso não sucederia. Quem é estupido como tu, não deve ter cão.

Ele murmurou timidamente:

— Mas, minha querida amiga, foste tu...

Ela tomou a palavra; e, olhando-o nos olhos como se lhos fosse arrancar, recomeçou a deitar-lhe em rosto repreensões sem numero.

Cahia a noite. O veu de bruma que cobre o campo ao crepusculo, desdobrava-se lentamente; e uma poesia flutuava, feita dessa sensação de frescor particular e encantador que enche os bosques á aproximação da noite.

De repente, o rapaz parou e, apalpando o corpo febrilmente:

— Oh! lá se me foi...

Ela olhou para êle:

— Bem, que mais ha?

— Não reparei que tinha a minha *redingote* no braço.

— E depois?

— Perdi a carteira... com todo o dinheiro dentro.

Ela estremeceu de cólera e sufocou a indignação.

— Não faltava mais nada. Oh, que estupido! Que estupido me saiste! Parece impossivel que eu haja casado com um tal idiota! Pois bem, vai procurá-la e vê se a achas de qualquer maneira. Eu sigo para Versailles com êste senhor. Não tenho vontade nenhuma de dormir no bosque.

Ele respondeu mansamente:

— Sim, minha amiga, e onde os encontrarei?

Tinham-me recomendado um restaurante. E indiquei-o.

O marido voltou pelos mesmos passos e, curvado para a terra, que o seu olhar ancioso prescrutava, gritava tiiitiiit a todo o momento, afastando-se.

Levou muito tempo a desaparecer; a sombra, mais espessa, fazia-o esfumar ao longo da álea. Dentro em pouco não se lhe distinguiu mais que a silhueta do corpo; mas continuou a ouvir-se por muito tempo o seu tiiitiiit tiiit, tiiit tiiit lamentoso, mais agudo á medida que a noite se tornava mais escura.

Eu ia com passo vivo, um passo feliz, na doçura do crepusculo, com aquela mulhersinha desconhecida que se apoiava no meu braço.

Procurava palavras galantes para lhe dirigir mas não as encontrava. Fiquei calado, perturbado, encantado.

Mas, de repente, uma grande estrada cortou a álea. A' direita, num vale, vi nem mais nem menos que uma cidade.

Em que região estava?

Como passasse um homem, interroguei-o. Ele respondeu:

— E' Bougival.

Eu fiquei interdicto:

— Como assim, Bougival? Tem a certeza?

— Ora essa, pois se eu sou de lá!

A mulhersinha ria como uma perdida.

Propuz-lhe tomar uma carruagem para ganharmos Versailles. Ela respondeu:

— Não é preciso. Acho o caso divertido e tenho bastante vontade de comer. No fundo, estou bem tranquila; meu marido estará sempre bem, esteja onde estiver. E' um beneficio para mim o estar aliviada dêle durante algumas horas.

Entrámos pois num restaurante, á beira da agua, e ousei tomar um gabinete reservado.

Ela alegrou-se com o vinho, posso assegurar-lhes que muito razoavelmente, cantou, bebeu champagne, fez todas as loucuras... até cometer a maior de todas. Foi o meu primeiro adulterio.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4052 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quinta-feira, 13 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

A GLORIA E A VIDA

Actualmente, duas grandes preocupações se notam no espirito publico, e, se uma está destinada a encontrar resolução dentro de um breve prazo, á outra não se vislumbra facilmente termo.

A primeira dessas preocupações, e, no momento que passa, certamente a primacial, é a do arrojado vôo que os aviadores Coutinho e Sacadura intentaram, na demanda aerea do Brasil. Na hora em que escrevemos, pouco falta para que se inicie a *étape* mais dificil e perigosa dessa admiravel viagem. Começa dentro em pouco a maxima espectação. Não haverá peito português que respire desafogadamente emquanto não souber que os dois heroicos aviadores chegaram, finalmente, a Fernando de Noronha.

Assim tem sido nas épocas mais decisivas da nossa história. Nós vivemos uma existencia de lenda. Um dia, são as caravelas que partem para a descoberta de ignoradas regiões. Outro dia, é a esperiencia realisada, como um milagre rança de reconquista da independe energia, em 1 de Dezembro de 1640. Outro dia, é a ancia da liberdade, e 1820, 1833 e 1910 correspondem a essa anciedade com fortes e progressivas realizações. Agora, marcharam pelo ar os nossos modernos pioneiros dos espaços, e Portugal vive uma hora febril em que todos os seus nervos vibram, em que o seu coração estremece, procurando forçar o destino, por meio de uma fé excelsa, no momento em que dela depende mais um trofeu da sua glória.

Essa preocupação vai desaparecer dentro em pouco, estamos certos disto. Portugal é uma Patria acostumada aos laureis da epopeia. Os aviadores sublimes hão de vencer; o *Lusitania* entrará no Brasil, cruzando, com altivez e galhardia, o seu luminoso ceu. E todos respiraremos, satisfeitos, com a absoluta convicção de que ainda somos um povo que a civilização não pode dispensar.

Logo, a seguir, porém, recairemos na segunda preocupação, para a qual não se descortina uma solução salvadora. Os povos não necessitam só do ar glorioso; necessitam tambem de viver. E é a propria vida que está em jôgo. Porque nós podemos viver! Em tais condições está decorrendo a nossa existencia, que a razão se recusa a acreditar na possibilidade delas infinitamente se prolongarem, agravando-se ainda por cima.

A carestia da vida é alguma coisa de esmagador, que não ha maneira de iludir. De dia para dia, tudo aumenta de preço. Já não podem viver as classes pobres, nem as antigas remediadas. Chega a causar vertigens o pensamento de sustentar uma familia, quando não se seja velho ou novo rico. Uma sociedade não pode subsistir nestas condições. Está, a todo o instante, á mercê de um cataclismo, contra o qual todas as fôrças serão impotentes.

Que faz o Govêrno? Negociou um crédito de três milhões de libras e toda a gente julgou vêr, afinal, nesse facto, o pronuncio de uma melhoria, que deveria começar por um desagravamento cambial. Pelo contrário: os cambios estão mais agravados do que nunca. Nada melhorou, nada se modificou. A especulação campeia infrene e, se vamos neste crescendo, dentro em pouco a nossa situação será semelhante á da Austria ou da Russia.

Não pode o Govêrno fazer nada? Porquê? Ao menos, que diga a verdade ao paiz, toda a verdade, que êle exige em nome da sua justiça e da sua miseria. O que não pode ser é continuarmos assim. Corremos para a loucura, porque a preocupação do custo da vida é para milhões de portugueses uma obcessão incessante. Um relampago de glória pode desoprimir momentaneamente a consciencia nacional; mas a questão da vida ha de sempre, tiranicamente, sobrepôr-se a tudo, mesmo ás mais gratas impressões do nosso espirito.

NA CONFERENCIA DE GENOVA

A multidão invade as ruas da velha cidade liguriana

Ha neste momento em Genova por causa da Conferencia das Nações para cima de seiscentos jornalistas extrangeiros. Espalham-se por toda a parte, investem todos os edificios, todos os hoteis em procura da «interwiew» e do «article á sensation». E' um inferno em que se não pode viver tranquilo. Sordem os jornalistas de toda a parte. O correspondente dum jornal romarço foi encontrado ás trez horas da manhã, como um gatuno, por um sentinela do Palacio de S. Georgio onde se realisa a Conferencia. Esteve metido desde a vespera num compartimento escuro para ser um dos primeiros a entrar no salão e obter melhor logar. Um outro não achou melhor maneira para chamar a atenção do que esmorrar com gravidade o gerente do hotel Bristol—o primeiro da cidade—para atrair as atenções dos delegados extrageiros que ali residem.

Para ter a dita de assistir ás sessões é preciso fazer bicha pela repartição encarregada de distribuir os bilhetes de entrada. E' a torre de Babel. Todos gritam, todos praguejam em trinta idiomas diversos. O ruido de milhares de maquinas de escrever faz vibrar o ar com o seu martelar constante. A fila interminavel dos onibus que rolam com fragor pela rua Balli estremece todos os alicerces das casas. Avalia-se a super-população neste momento em sessenta mil pessoas. E não é provavel arranjar nos hoteis a tempo e horas, comer para tanta gente.

Nos trabalhos os delegados congratulam-se e elegem sub-comissões

GENOVA, 13.—Realisou-se a reunião da terceira comissão. O sr. Olivetti, no seu discurso, referiu-se ao grande esforço feito pela Italia para revigorar o seu organismo economico e quando propoz para a presidencia o delegado francez elogiou os trabalhos feitos pela França para a sua reconstrução economica. A proposta da nomeação do sr. Colrat foi apoiada pelo ministro inglez Evans e pelo ministro belga Jaspar.

O delegado francez assumindo a presidencia iniciou imediatamente os trabalhos propondo que a exemplo do que fizeram as outras comissões se eleja uma sub-comissão formada da mesma forma que as sub-comissões primeira e segunda. O delegado hungaro propoz que uma sub-comissão especial examinasse os problemas alfandegarios que interessam a Austria a Yugo-Slavia, a Romenia, a Tcheco-Slovaquia, a Hungria e a Polonia.

Disse que a substituição do regimen alfandegario austro-hungaro feita pelos Estados que se tinham separado do antigo Imperio constituia uma das razões fundamentais das dificuldades economicas não só do Oriente Europeu mas tambem de toda a Europa.

Disse ainda que uma proposta semelhante tinha sido feita pelo delegado hungaro na comissão dos transportes. Os delegados da Tcheco-Slovaquia e da Polonia opozeram-se á proposta hungara propondo o delegado polaco que se estudasse o assunto nas varias sub-comissões.

O presidente de acordo com os delegados da Inglaterra e da Italia propoz por seu turno que a sub-comissão que se vai constituir proceda ao exame preliminar das questões do numero cinco do memorandum de Cannes para que se chegue a uma organisação e a uma disposição definitiva dos trabalhos.

O trabalho da sub-comissão será fazer os estudos preliminares e será seguido pela constituição de diversas comissões de sentido indicado pelo delegado hungaro. Esta proposta foi aceite e a sessão foi levantada ás oito e meia para se nomearem os cinco delegados dos paizes que convocaram a conferencia, e da Alemanha e da Russia.

Realisou-se uma nova sessão da quarta comissão que deve tratar das questões referentes aos transportes. O barão Celosia saudou o governo italiano e propôs que fosse eleito presidente o sr. Theunis presidente do conselho belga cujos meritos e cuja competencia nestes assuntos é bem conhecida. A proposta foi aprovada por unanimidade. O sr. Theunis assumindo a presidencia mostrou como as questões dos transportes são questões duma tecnica complicada e que as convenções de Barcelona e Porto Rosa não foram ainda ratificadas. A comissão dos transportes deve fazer trabalhos de grande importancia e poderá chegar a resultados praticos.

A comissão deliberou constituir uma sub-comissão para estabelecer os programas e estudar a devisão do trabalho. Farão parte desta sub-comissão um representante de cada uma das potencias que convocaram a conferencia e ainda um pela Alemanha e outro pela Russia e cinco pelas outras potencias. A sessão, foi suspensa ás dez e quarenta e cinco para a eleição da sub-comissão.

Reuniu-se a sub-comissão da segunda comissão (finanças). Resolveu-se que a comissão total se reuna amanhã afim de serem nomeadas outras sub-comissões que se ocuparão das questões de credito e de cambios.

Propôs-se que a comissão existente concentre os seus trabalhos sobre o relatorio feito pelos tecnicos aliados em Londres. Alguns delegados prometeram apresentar documentação ácerca dos pontos a que o memorandum se refere para servir de elemento ás questões da sub-comissão. —(R.)

LONDRES, 13 —O «New York Herald» declara que, se a Conferencia de Genova tiver resultado economico, a America está resolvida a coadjuvar a Europa na sua reabilitação, mas com a condição de que a Russia não seja extinta. —(Lat. Am.)

Na Republica dos Soviets

Entrevista entre um jornalista francez e o ministro interino dos negocios estrangeiros dos Soviets—Duas entradas num teatro custaram trez milhões de rublos

Titcherine, o ministro dos Estrangeiros da Russia, passeia em Genova a sua elegancia «smart», emquanto os vassalos do Czar Lenine devoram a propria fome.

Em Moscou ficou o ilustre Kara Khan (estes nomes não deixam ilusões acerca da origem tartarica dos funcionarios dos soviets) que, interinamente, sobraça a pasta dos Estrangeiros.

Um jornalista francez, redactor do «Excelsior», de Paris, conseguiu entrevista-lo. A narrativa oferece algum interesse e dela vamos extratar aquilo que nos parece mais curioso.

Em Moscou funciona apenas um hotel, que é o Savoia. Os outros estão a ser concertados. A industria está presentemente nas mãos dos alemães, que obtiveram a concessão exclusiva, dada pelo governo dos «soviets» a troco de alguns milhões, não de marcos, mas de rublos.

O jornalista francez hospedou-se, pois no Hotel Savoia. No leito não encontrou lençoes nem cobertores. Já não ha disso, nem mesmo na capital da sovietica Russia. Obteve, a custo, dois guardanapos, com que arranjou, antes mal que bem, a almofada da cabeceira. Solicitada a entrevista ao grande Kara Khan, ficou á espera da audiencia.

Uma bela manhã procurou-o no hotel uma joven, funcionaria do Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Vinha impingir ao redactor do «Excelsior» dois bilhetes de admissão a um espectaculo organisado na Casa dos Soviets, em beneficio dos famintos do Volga. O jornalista foi amavel:

—Fico com dois «fauteuils». E quanto custam?

—Tres milhões.

E' claro que eram milhões de rublos. Barato!

O espetaculo foi uma grande trapalhada musical e dansante. A assistencia compunha-se de comissarios do povo, funcionarios, secretarios de ministros, dactilografas em abundancia, senhoras da velha aristocracia acomodadas á nova ordem (ou desordem) de coisas e, finalmente, um unico espectador em toilette de cerimonia, espectador que despertou geral curiosidade e que era, nem mais nem menos, que o ministro da Polonia. Duas outras notas de elegancia: o general Ali-Fuad Pachá, representante diplomatico da Turquia, envergando sobrecasaca e o embaixador da Persia, de jaquetão preto e sapatos de verniz.

Entre a assistencia estava o ministro Letvinoff, acompanhado de sua mulher. Este alto representante dos soviets vestia fato de côr, de verão e gravata enxovalhada.

Num dos intervalos do espetaculo, o jornalista do «Excelsior» conseguiu aproximar-se de Kara Khan e trocou com ele meia duzia de palavras. A nós, que estamos no extremo do Ocidente Europeu não interessam as ideias do chefe da diplomacia russa.

Os Açores teem direito a um navio de guerra

Urge que para o arquipelago se envie um barco da nossa marinha

As leis da nossa marinha de guerra estabelecem a permanencia dum navio no arquipelago dos Açores. Durante anos foi a velha canhoneira «Açor» que ali fez serviço. Percorria as nove ilhas do arquipelago demorando-se algum tempo em cada uma delas, principalmente e mais demoradamente nos portos de mar que teêm maior concorrencia de navegação estrangeira.

A «Açor» foi mandada regressar a Lisboa, e logo o governo da metropole para os Açores mandou a «Mandovy». Demorou-se esta pequena embarcação de guerra algum tempo nos Açores, ora em Ponta Delgada, ora na Horta. Mas ao fim de dois anos a «Mandovy» regressou tambem ás tranquilas aguas do Tejo e nos portos dos Açores não se vê flutuar ha bastante tempo já e com caracter de permanencia um vaso de guerra portuguez.

Agora mesmo foi mandada retirar dos Açores a pequena força da G. N. Republicana que lá estava. Urge, por diversas conveniencias, que para os Açores o sr. Ministro da Marinha envie, quanto antes, um navio de guerra. A marinha nacional não está tão fraca de recursos que não possa enviar para aquele nosso florescente arquipelago um vaso de guerra. De resto as leis porque se rege a nossa marinha de guerra estabelecem isto, sem segunda interpretação. A ida de um vaso de guerra, mesmo de uma canhoneira para os Açores impõe-se.

Nota politica

As declarações dos politicos e seus amigos são indicio de novos e proximos perigos

O sr. Domingos dos Santos, que, no Porto, dispõe duma certa influencia politica, declarou que as suas divergencias respectivamente ao governo proveem de que este não deu a reparação devida a alguns oficiais, que o outubrismo afastou dos seus logares. Como o sr. ministro do Interior, até hoje, não deu satisfação ás reclamações do seu correligionario portuense, é bem possivel que a questão venha a ser posta no congresso partidarista de Coimbra, onde se degladiarão as forças democraticas do Porto e Lisboa, postas em conflito graças á irredutibilidade dos pontos de vista dos dois eminentes vultos do partido democratico.

O Directorio pretendeu reconciliar os dois chefes, mas não o conseguiu. E o sr. Domingos dos Santos regressou ao Porto, menos satisfeito que nunca.

Por outro lado, uma cabala está organisada, capaz de ensanguentar novamente as paginas da historia da Republica. A plataforma ultra radical, que serviu de pretexto á preparação da revolução outubrista, está posta de pé, novamente. Os republicanos radicais socorrem-se de todos os meios para darem cohesão a forças conspiratorias, capazes de reeditarem o 19 de outubro e expulsarem do poder o governo presidido pelo sr. Antonio Maria da Silva.

Na realidade, os conspiradores não pretendem reformar coisa alguma. O novo assalto revolucionario não é ao governo, nem á Republica, nem a nenhum ideal, por estranho que seja. O que se quer é anichar gente, aumentar o funcionalismo, assaltar o Terreiro do Paço, expulsando uns para meter lá outros e criando mais logares para mais gente.

Não sabemos se a opinião publica deixará passar em julgado mais este crime contra a propria nacionalidade. Ver-se-ha isso, em breve. «A Capital» é que não espera pelo dia do triunfo, para incensar os vencedores. Pronuncia-se desde já contra a possibilidade de novas revoluções, que são organisadas e postas em execução sem finalidade patriotica e que mais parecem servir interesses puramente materiaes e inconfessaveis, que outros quaesquer.

Coherentes com estas ideas, entendemos que á força publica compete a obrigação de sustentar a legalidade constitucional. Se não fizer isto e, principalmente, se fizer coisa diferente, atraiçoa a Republica e lavra a propria sentença que a ha-de vir a ferir.

Crise de produção

A questão das oito horas —Na Alemanha foi suspensa a lei—E em Portugal?...

Eis um telegrama interessante:

BERLIM, 13.—O conselho economico resolveu suspender durante 5 anos a lei das 8 horas de trabalho visto ter-se provado que se dava uma crise com o encurtamento das horas de trabalho.—(Lat. Am.)

Já por vezes dissemos ao governo que é indispensavel rever a lei portuguesa das oito horas, absolutamente incompativel com a vida nacional.

O chefe do governo faz ouvidos de mercador ou não tem vagar para pensar nestas coisas, tão assoberbado de canceiras o tem posto a questão do Governo Civil do Porto. Andamos a viver ao Deus dará, com governos que não veem o perigo ou que, se o veem, não teem ideias nem energias para o evitar ou dominar. E queixam-se, depois, que as revoluções se sucedem umas as outras!

E clamam que são maus patriotas, que são criminosos da ultima especie, aqueles que as organisam! Entretanto, a verdade é esta: são os governantes que tornam possiveis e até faceis as revoluções.

São eles e mais ninguem. A lei das oito horas é um cancro roedor da produção. Mas o Governo não lhe mecfie, ou porque não sabe (e, nesse caso, vá-se embora!) ou porque—e é o mais certo! — a U. S. O. não dá licença.

Pois continue o sr. Antonio Maria da Silva a marcar passo e verá o que lhe vem a acontecer. Com a alimentação publica pelo preço que está; com batatas a escudo o quilo e cebolas a dois escudos o quilo, não ha patriotismo que resista nem virtude que não saia pela janela.

São raros os medicos

O paiz a saque

Não seria possivel saber-se quanto valem, e o destino que tiveram, ou virão a ter, os bens dos alemães?...

Leia-se isto:

LONDRES, 13.—O «Trustee» americano propoz a venda de todos os bens e propriedades confiscadas aos alemães —(Lat. Am.)

O governo podia pensar dois minutos nesta providencia «yankee», a ver se seria possivel aplica-la á Portugal... Porque, a verdade é esta: tambem cá foram apreendidos bens alemães e, duma maneira geral, o seu destino permanece ignorado. Não inteiramente, diga-se em abono da exactidão matematica. Porque nós recordamo-nos, por exemplo, de que, por vezes diversas, se saquearam as mercadorias desembarcadas dos barcos ex-alemães. A roubalheira, neste caso, foi intensiva e extensiva. Se o sabio Einstein não teve mais cedo a ideia da novissima teoria, foi porque, naturalmente, não soube do que por cá aconteceu, a proposito e por causa da apreensão de mercadorias. Einsten concebeu alguma coisa que não é nem tempo, nem espaço, mas intervalo.

No caso do saque de que tem sido victima a Nação, não tem havido sómente a influencia do tempo e do espaço; tambem ha o intervalo, por onde se teem escapado os roubos e os ladrões.

Um jantar em honra do sr. Fausto de Figueiredo

Um grupo de amigos do sr. Fausto de Figueiredo promove num dos proximos dias um jantar em honra deste ilustre homem publico, a cuja emprendedora actividade o paiz deve assinalados serviços.

A essa demonstração de estima e de regosijo pelo seu regresso a Portugal, donde circunstancias que estão na memoria de todos o afastaram, associam-se os melhores elementos da nossa vida financeira, comercial e politica.

O banquete deve realisar-se no Hotel de Inglaterra e a inscrição encontra-se desde já aberta na Tabacaria Havaneza, rua Garrett, na rua Aurea, 170, e no Hotel de Inglaterra.

Uma conquista da sciencia

Isolou-se o microbio da esclerose, em placas

PARIS, 12.—O dr. Pettit, do Instituto Pasteur, comunicou á Academia de Medecina que encontrou e isolou no liquido cefaloraquidiano um microbio da familia dos spirochetos, causador das doenças escleroticas. O dr. Pettit afirma assim, que a esclerose em placas é uma doença infeciosa, proseguindo nas investigações para encontrar o soro combativo e preventivo.

A. B. C.

Apesar das contrariedades criadas pelo quadro tipografico do «A. B. C.» saiu o seu numero de hoje, apenas com 16 paginas, tendo, por isso, sido retiradas algumas das suas melhores secções.

Ao que nos informam a empresa desta interessante revista no seu proximo numero apresentará sensiveis melhoramentos, suprindo assim, as deficiencias do presente que, apesar de tudo, é uma bela manifestação de tenacidade e energia.

A "petição" ao comandante da policia

A proposito da local «Petição» que publicamos no dia 10 e em que se solicitava a intervenção da autoridade para o policiamento da praça Luiz de Camões, faltou-nos acrescentar que a culpa do estado de coisas a que nos referiamos não é da alçada do chefe Nazaret. Com efeito este chefe destaca um guarda para o serviço que desejariamos ver prefeito. Mas este guarda que não é elastico e que tem de observar uma zona relativamente extensa, não pode por si só executar esse serviço eficaz. Apenas volta costas recomeça a orgia o que faz com que não sendo suficiente um policia, deverá a autoridade produzir, dez, cem, mil, os necessarios para que o serviço fosse de resultado eficaz.

A ex-Imperatriz Zita

Quer ir para a Suissa

ZURICH, 12.—O Conselho Federal foi convocado para se pronunciar sobre um pedido da ex-Imperatriz da Austria-Hungria, Zita de Habsburgo, que pretende trocar a residencia no Funchal por outra na Suissa, no cantão de Saint-Galé.

PORTUGUEZES D'OUTRÓRA

Á MEMORIA DO PADRE Manuel da Nobrega

QUE MUITO AMOU O BRAZIL E QUE NO BRAZIL MORREU

A cidade do Rio de Janeiro está arrazando a sua «urbs», o môrro do Castelo, onde deverá inaugurar-se a proxima exposição internacional em 7 de setembro. E' nesse môrro, a cidade velha, a cidade invisivel em que repousam os restos do fundador de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Estacio de Sá e que vão ser agora transladados com grande pompa. A piedade filial dos brasileiros que não esquecem o fundador da sua capital, não esquece tambem aquela figura doce de nobresa e de simplicidade, quasi desconhecido entre nós e que se chamou na terra o padre Manuel da Nobrega. Vão remover-lhe piedosamente os despojos funebres para a egreja de Santo Ignacio de Loyola, á rua Ruy Barbosa. E vão tambem levantar-lhe uma estatua, um agradecido penhor de gratidão, nos «squares» arrelvados de Botafogo.

* * *

O padre Manuel da Nobrega embarcou para o Brasil em 1549 depois de ter envergado a sua roupeta de jesuita. Tinha então 32 anos e já estava todo branco. Era filho de um desembargador da Relação, formou-se em canones em Coimbra e concorreu á uma colegiatura no mosteiro de Santa Cruz onde não conseguiu ser provido, apesar das provas brilhantissimas que apresentou. Ulcerado e resignado largou o Tejo a bordo da nau «Santa Maria do Rosario». Ia missionar. Chegando a terras brasileiras desembarcou na Bahia onde começou imediatamente o seu apostolado. Os indios vinham do grande rio S. Francisco, das solidões adustas do Goyaz para que ele os atendesse e lhes ensinasse a lêr. E o padre Manuel da Nobrege que fôra aprendendo na majestosa solidão da floresta americana o infinito poder de Deus, sentiu afirmar-se na sua alma a verdadeira missão para que nascera. Foi a Pernambuco, subiu até á boca do Amazonas, evangelisou, aconselhou, amparou até aos pantanos do Tapagoz, no vago misterio dos atuleiros do Xingu. E quando soube que na Bahia o indio sofria e era perseguido e gemia sem defeza contra a prepotencia dos colonos portuguezes, voltou á Bahia. Foi o «pae d'alem do mar», o espirito bom e meigo, a consolação e esperança indecisa da horda dos miseraveis. Havia entre os topinambás o vulto do Padre Manuel da Nobrega, e quando ele mais uma vez perseguido, mais uma vez desterrado teve de sahir da Bahia, durante toda a sua primeira noite de marcha ia avistando ao longo do litoral as fogueiras espaçadas dos indios que, com lenços adejando nesse cais de embarque, iam coruscando através da treva o derradeiro adeus ao padre Manuel da Nobrega, o «bom pae d'alem do mar.»

* * *

Mais branco ainda, com o sorriso luminoso e brando que refulgia dentre a sua barba grisalha aportou um dia á Guanabara onde Estacio de Sá fundara S. Sebastião do Rio de Janeiro. Já por esse tempo o seu misticismo doce era apenas semelhante ao do Pobresinho d'Assis e todas as manifestações da incomparavel naturesa tropical o comoviam profundamente. A sua vida era um perpetuo ajoelhar de admiração por aquela terra majestosa do Brazil, tão rica, de aspecto tão severo e tão nobre. Amava todos os amores, sorria para todas as torrentes, vagueava dos penedos agudos da Gavea até ás vertentes alcantiladas da Tijuca. Era pequenino, muito branco no seu burel todo negro e quando abria os braços na extactiva contemplação das maravilhas, sem nome e sem limite numa oração perene que era sempre um hino de fé, um balbuciar enternecido e grato para o seu Deus semelhava uma ave de grandes asas negras que fosse levantar vôo dos macissos densos das arestas. Foi o colaborador, o amigo, o braço direito de Estacio de Sá. O fundador talhava e traçava a cidade. E ele christianisava-a. Quando o guerreiro da aventura trovejava e ameaçava, ele acorria, abençoava e desculpava. A sua simplicidade não conheceu então limites. Dava tudo. Despia-se para dar. E em face da tremenda miseria e da profunda ignorancia dos seus amigos indios, sem cessar de sorrir, —chorava!

* * *

Por volta de 1570, nos seus cincoenta e tres invernos que valiam oitenta, havia já vinte um anos que deixara a varsea amoravel e sem rival que vai desde Soure a Formoselha. E nunca mais lá voltára. Nesse tempo uma aureola de recordações iluminava-lhe de tal forma o rosto empergaminhado, que este rival de Anchietta parecia arrancado dum painel de Guiobandalogo, no fundo dum velho convento de Bolonha ou de Ravena. O cronista José Nicolau de Assumpção dizia que os seus olhos encontram largos tão luminosos que via através deles o profundo, rico e caricioso ceu de Portugal. Fecharam-se aos cincoenta e tres anos esses olhos de bondade e de abnegação e candura o emudecem o hino de fé e de ternura por aquela terra do Brasil que ele considerava sua porque muito a havia amado. Levaram-no para o seu tumulo num dia de eclipse e em volta do prestito que o transportava devagar os indios esfarrapavam-se, ululavam, carpiam furiosamente a sua magua, o abandono em que os deixava o bom "pae d'alem do mar". Ficou, amortalhado na sua roupeta negra, no transepto da pequenina egreja do Colegio que vai agora ser destruida, do lado da epistola, na meia luz duma penumbra triste. Na primeira nau que largou para o Reino veio a noticia e se cumpriu a ultima vontade do Padre Manuel da Nobrega que ao sentir-se findar como um passarinho depois da sua muito nobre e muito cheia vida, teve o seu ultimo pensamento para a terra que o viu nascer. Depois de beijar o crucifixo balbuciou: "Escrevam para Portugal."

* * *

A recordação da terra, a recordação pungente e viva que só podem compreender aqueles que tiveram o seu desterro, roçou-o com certeza muitas vezes. No Rio, para alem da praia de Botafogo, quasi junto á praia Vermelha, ha um recinto d'areias doiradas, emoldurado por sinistros granitos esguios, que parecem braços implorando o ceu. Em frente o mar sem limites até ás costas de Portugal. E' um scenario sinistro, magestoso e formidavel que devia ter sido desenhado por Gustavo Doré para ilustrar o "Inferno", de Dante. E' uma praia de sonho, de amargura e de meditação. Num recanto e de alto os restos dum velho convento de jesuitas.

Alguem, algumas vezes vagueou por lá. E foi numa tarde cinzenta que um cabôclo velho lhe explicou:

—Senhor, dizem que ha muitos anos, ha mais de dois seculos, vinha todas as tardes durante muito e muito tempo sentar-se naqueles penedos um homem baixinho e ali ficava horas esquecidas olhando para o mar.

—E quem era essa homem?

—Senhor era o padre Manuel da Nobrega.

—Ah!

—Dizem tambem que ás vezes suspirava e chorava. Muitas vezes o viam ajoelhado. Aquele homem devia lembrar-se talvez de muitas cousas... E foi ele que deu o nome a esta praia.

—E como se chama ela?

—Senhor, chama-se a praia da Saudade

NA AFRICA AUSTRAL

Como os "vermelhos" foram vencidos

NA BATALHA DE FORDSBURG DISPUNHAM DE AEROPLANOS, METRALHADORAS, ERAM DIRIGIDOS POR UM ESTADO MAIOR E SÓ SE DECLARARAM VENCIDOS, DEPOIS DE — COMPLETAMENTE DERROTADOS — —

Sabe-se que quatro, dos policias prisioneiros em Fordsburg foram assassinados a sangue frio pelos «vermelhos». Outros estavam condenados a ter o mesmo fim, mas um homem da Cruz Vermelha das forças revolucionarias num gesto de galhardia e em sinal de gratidão por favores que devia a alguns desses policias, fez um apelo aos seus camaradas para que os poupassem. Esta acção salvou a vida a dois sargentos e varios policias.

Havia ainda 40 policias na mãos dos «vermelhos» mas julga-se que nesta altura já foram libertados, bem como uma pequena força sob o comando do capitão Whelm que estava isolada proximo das minas Crown e que durante 4 dias se encontrava sem abastecimentos e sem agua.

O general Beves fez as seguintes declarações oficiais sobre a situação em Fordsburg:

«Cercámos por completo a Casa dos Trabalhadores e ninguem se pode escapar dela neste momento. O resto de Fordsburg encontra-se nas nossas mãos.

Esta manhã foram evacuados da area afectada alguns milhares de mulheres e crianças.

O ataque a Fordsburg feito ás 11 da manhã foi bastante serio. Um tiro de peça foi disparado perto do Quartel General como sinal para começar o ataque. Em dois minutos a infanteria do Transval avançou e apareceu na crista norte da linha de cumeadas por traz de Brixton, em ordem extensa. Ao mesmo tempo a policia avançou de Sunker Road entre Vrededorp e Brixton.

As peças colocadas na linha de cumeadas de Brixton abriram fogo e houve então um chuveiro de balas da auxiliaria das tropas enraivecidas.

Alguns minutos mais tarde a infanteria e cavalaria ligeira de Durban uniram-se perto do cemiterio.

A linha da policia foi reforçada enquanto as granadas zuniam sobre as fortes posições dos vermelhos em Fordsburg.

O apoio da artilharia subiu tambem á cumeada e então nesse momento cessou o fogo por 5 minutos, interrompendo esta calma sómente duas curtas rajadas de uma Maxim.

Os tiros disparados pela artilharia colocada atraz de Brixton podiam ser claramente observados e então as peças da cidade abriram fogo bem dirigido, bombardeando as trincheiras na Praça do Mercado.

A's 11,20 começaram a aparecer os burghers (forças de voluntarios legalmente organisadas) vindos de oeste, começando assim a apertar-se o cordão do cerco.

A's 11,25 a infantaria fez um ataque directo a Fordsburg. Marcharam do seu ponto de partida a oeste do cemiterio em coluna cerrada e fizeram um alto entre a estação de Fordsburg e o cemiterio de Brixton enquanto vinham chegando os reforços da cidade transportados em automoveis que os homens abordaram com alegria, sendo estes mandados ao longo da estrada para a estação de caminho de ferro de Fordsburg.

A's 11,37 estava a infantaria estendida entre «Mayfair» e o extremo sudoeste do bairro malaio e aproximando-se a passos firmes do seu objectivo formada em duas linhas em ordem extensa, distanciada uma da outra de 200 metros com o outro flanco fortemente apoiado, a marcha, executava-se com tanta precisão, que chegava a ter-se a impressão de que se assistia a um exercicio de parada.

A's 11,45 apareceram reforços estendidos á direita da estrada principal justamente a oeste do cemiterio e numa grande estensão.

A segunda fase do combate teve lugar então quando as casas de Fordsburg foram ocupadas pelo inimigo, donde fizeram fogo de espingarda que se ouvia distintamente, tendo-se travado uma luta renhida em que as casas foram valentemente defendidas uma a uma, e Fordsburg foi invadida por varios lados.

A's 11,15 foi visto um aeroplano em volta de Fordsburg.

Ao meio dia apareceu a primeira bandeira branca em Bree Street perto do quartel de policia para onde se dirigiam os prisioneiros. A ambulancia e as macas apareceram então. Cessou o fogo e parecia que a batalha tinha terminado no lado norte de Fordsburg.

Esta calma foi seguida por fusilaria intermitente de espingardas proximo da estação de Fordsburg, mas não era nada de importancia.

A's 12,10 já a bandeira vermelha tinha sido arriada da Camara do Comercio.

Durante o bombardeamento nas ruas de Johannesburg estavam apinhadas de multidão que estavam a observar o combate, tendo sido apenas a Praça do Mercado e as ruas em volta, conservadas livres.

O fogo de metralhadoras e espingardas prolongou-se até cerca das 14,30 horas, tratando-se evidentemente do ataque á Casa dos Trabalhadores e de calar o fogo dos atiradores especiais. A essa hora o fogo foi interrompido.

Na area do outro lado de Johannesburg as operações tomaram grande desenvolvimento em vista de movimentos feitos para limpar a zona entre Jeppe e os suburbios ao Sul, donde estiveram fazendo fogo durante todo o dia embora sem continuidade e onde os piquetes «vermelhos» cometeram barbaridades semelhantes aos assassinios de Bakpan, mas contra indigenas.

Neste area esteve cooperando com as tropas um comboio blindado.

Antes de começar o ataque a Fordsburg saiu da cidade uma verdadeira torrente de pessoas por varios caminhos em direção ao campo de exposições.

Muitos centos de refugiados vieram para Johannesburg pela estrada de Broonfontein, uns a pé, outros de bicicletas, trazendo consigo malas de mão, casacos e mantas. Uma familia composta de pai, mãe e filhos arrastava-se a caminho da cidade todos de mãos dadas.

Outra familia—mãe e filhas—com um ar de tristesa profunda seguia para a cidade. Muitas familias não se dirigiram para o campo das exposições mas sim para casa de parentes e amigos que tinham na cidade e arredores. Bastantes pessoas conseguiram ser transportadas por automobilistas que amavelmente ofereceram logar nos seus carros.

Era um espectaculo doloroso o ver esses milhares de refugiados, homens, mulheres e creanças brancas, indigenas e indios, saindo de Fordsburg e seus arredores, saindo dessa pequena cidade que em breve ia assistir a uma luta desesperada.

Impressionante era tambem o espectaculo no campo das Exposições onde se encontrava uma enorme massa de refugiados. Um reporter do «Star» que visitou esse campo entre ás 9 e 13 horas, assistiu a scenas que quasi se não podem descrever.

Não era possivel calcular com precisão o numero de refugiados mas não deviam estar ali, a essa hora, menos de seis a sete mil ou talvez ainda mais. Fora do campo das exposições estavam os refugiados indigenas e indios com as suas bagagens e um grande numero de galeras, carroças e outros veiculos de tracção animal que os refugiados mais felizes tinham conseguido obter. Proximo viam-se centos de cavalos e mulas vagueando e pastando.

Dentro do recinto do campo das exposições estavam os refugiados brancos e algumas creadas de côr. Milhares desses refugiados haviam-se agrupado sob varios abrigos e outros encontravam-se assentados á sombra das arvores e muitos outros andavam de um lado para o outro transportando volumes varios e procurando local para se instalarem.

No momento em que os representantes da imprensa visitaram o campo os homens estavam sendo separados das mulheres e creanças e reunidos numa das casas mais amplas do campo.

A policia e os soldados indicavam-lhes o caminho que deviam seguir e antes de entrarem nessa casa eram devidamente revistados.

O reporter do «Star» e um seu colega foram tambem no meio dos outros refugiados e quando mal deram por si estavam tambem sendo revistados mas as armas mais tremendas que lhes encontraram foram canetas, lapis, papel de notas e cachimbos! A casa em breve estava totalmente cheia. Dos homens que ali se encontravam muitos eram grevistas não revolucionarios, mas muitos outros eram cidadãos pacificos que nada tinham que ver com a gréve ou com a revolução. Entre eles havia tambem alguns que eram «procurados» pela policia e que se meteram pelo meio dos outros a ver se «escapavam» o que não conseguiram.

As historias pavorosas que as mulheres contavam, podiam dar assunto para muitos romances. Muitas narravam como os seus maridos ainda em Fordsburg haviam sido forçados a seguir os revolucionarios sob a ameaça de morte. A anciedade em que se encontravam essas mulheres é intraduzivel.

Outros refugiados faziam referencia a rapazes ainda novos que haviam sido impedidos pelos revolucionarios de abandonar a cidade e que não eram tambem nem grevistas nem revolucionarios.

«Eu não me atrevo a sair» disseram alguns desses rapazes aos refugiados que partiam, «as nossas mães já saíram, as nossas familias já aqui não estão mas eles não nos deixarão passar».

Um dos refugiados declarou que havia em Fordsburg muitos rapazes e homens novos nessa situação horrivel.

Os refugiados deram pormenores graficos do estado de cousas em Fordsburg, quando de madrugada sairam dessa cidade. Disseram eles que os revolucionarios tinham partido os vidros das montras da maior parte dos estabelecimentos sendo seguidamente saqueados por completo, tendo no saque cooperado tambem mulheres e crianças.

Pelas conversas que ouvimos chegamos á conclusão de que ninguem em Fordsburg chegou a passar fome embora se estivesse caminhando rapidamente para um ponto em que muitas pessoas se veriam a braços com a fome.

As privações por que os habitantes dessa cidade já estavam passando, podiam ver-se bem no campo das Exposições onde as mulheres e crianças que tinham a sorte de ainda ter «possigde» ou farinha de milho a comiam sofregamente; o que porém deu bem a nota do estado em que já se encontravam, foi o verdadeiro assalto feito pelos refugiados a um camion cheio de pão que entrou no campo das Exposições.

Só com grande dificuldade as forças do exercito e da policia conseguiram conter a multidão que gritava e pedia pão para os filhos, tendo sido necessario até carregar as espingardas para abrir caminho ao camião. Uma turba imensa porém seguiu atraz dele esperando anciosamente que o pão fosse distribuido.

O bombardeamento de Fordsburg durou 75 minutos.

PELO TELEGRAFO

A questão irlandeza

LONDRES, 13.—O lord mayor de Dublin, Collins e De Valera estão discutindo o armisticio entre o governo provisorio e os republicanos.

Os circulos politicos desta cidade consideram a situação muito grave e consideram possivel a proclamação da Republica irlandeza se não se chegar a um acordo em Dublin.—(R.)

LONDRES, 13.—Entre os assuntos que se estão discutindo na Camara dos Comuns tratou-se da actual situação na Irlanda tendo-se pedido toda a proteção para a policia irlandeza que foi dissolvida. Churchill disse que se lhes tinha oferecido refugio em Inglaterra e tornou a repetir a afirmação que em caso algum a Inglaterra consentiria na proclamação duma republica independente na Irlanda.—(R.)

A vida em Espanha e as operações de Marrocos

MELILA, 13.—O Alto Comissario comunica não haver novidade nos territorios de Tetuan, Ceuta e Larache.

As operações na zona de Melilla tiveram esplendido resultado tendo-se tomado ao inimigo sete canhões e muitas munições de artilharia. O monte Mauro pode considerar-se tomado e completamente dominada a cabila dos Beni-Said. Vai-se iniciar agora nesta zona a fase de ocupação pacifica. O governo felicitou Berenguer pelo resultado destas importantes operações.—(R.)

MADRID, 13.—As noticias de Bilbao são mais otimistas. O ministro do Interior comunicou que só houve desordens sem importancia não se tendo declarado a gréve geral.—(R.)

MADRID, 13.—O rei assinou um decreto nomeando comandante geral de Melila o general Julio Ardanar atual sub-secretario da guerra.

O general Sanjurjo foi nomeado comandante geral de Larache.—(R.)

Pequenas informações

LONDRES, 13.—O rei aprovou a concessão do titulo de conde a sir Arthur Balfour.—(R).

HAMBURGO, 13.—A universidade desta cidade organisou uma cadeira de direito industrial para o estudo de patentes, marcas de fabrica e comerciais, direitos de autor e outros semelhantes.—(R).

BERLIM, 13.—Os mineiros de carvão do Rheno insistem num novo aumento de salario por causa da crescente carestia da vida, sendo portanto inevitavel um novo aumento no preço do carvão.—(R).

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	4 3/8—4 1/4
» 90 dias	4 1/2—
Paris, cheque	1145— 1178
Suissa, cheque	2416— 2487
Belgica, cheque	1060— 1091
Italia, cheque	671— 691
Berlim, cheque	40— 45
Holanda, cheque	4710— 4848
Madrid, cheque	1928— 1985
New-York, cheque	12428— 12791
Brazil, cheque	61— 55
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2304— 2372
Suecia, cheque	3240— 3336
Dinamarca, cheque	2641— 2758
Libras	58$00 — 60$00

TOURADAS

Campo Pequeno

Está confiada aos conhecimentos e competencia do ex-cavaleiro Eduardo de Macedo a direcção da corrida que no domingo se efetua, para inauguração da epoca. Não é indiferente este detalhe porque bem sabem os bons aficionados que uma boa direcção faz aproveitar todas as circunstancias da lide e as aptidões dos toureiros para que as corridas satisfaçam. Eduardo de Macedo tem sob a sua direcção um grupo de bons lidadores, que poderão aproveitar bem a bravura e nobreza que sempre teem os touros do sr. Emilio Infante da Camara. Trabalham a cavalo Adolfo Machado, que está agora muito bem «montado», e o valente o popular Rufino Pedro da Costa. A pé, veremos Cadete, Luciano, Rocha, Antonio de Carvalho e os ulilissimos peões de brega Rodrigo Largo e Salvador Bolfagon «Alfarero».

Congresso de Educação Popular

Realisa-se nos proximos dias 17, 18 e 19 do corrente o Congresso de Educação Popular para o qual foram apresentadas varias teses que nele serão discutidas.

Na secção de Educação fisica foram apresentadas 7 teses. Na Educação intelectual desoito; na de ensino tecnico e profissional cinco e na de Educação etica e civica oito.

A sessão inaugural será no proximo dia 17 pelas 5 horas da tarde no salão nobre da Camara Municipal.

Entre as teses apresentadas resaltam, segundo nos informam as dos srs. Zagallo Fernandes, Miguel Garcia, Agostinho Fortes, Magalhães Lima, Teofilo Braga, Aurelio da Costa Ferreira, Carneiro de Moura, etc.

Este Congresso de Universidade Livre que se anuncia brilhantissimo pelas teses apresentadas e pelos nomes dos que o subscrevem, deve forçosamente interessar profundamente a opinião publica. A formação do professor livre é, sobretudo de grande interesse e sobre esta questão que consideramos uma das principais, destacamos as conclusões do dr. Agostinho Fortes:

1.ª—O professor liceal deve possuir instrução geral bastante para poder esclarecer qualquer assunto que surja no desenvolvimento das lições. Para isso deve o professor liceal possuir o curso dos liceus completo, nas duas secções—letras e sciencias.

2.ª—A especialisação do professor liceal far-se-ha nas Faculdades de Sciencias e Letras, respectivamente para os candidatos a professores de sciencias e letras.

3.—A matricula nessas Faculdades far-se-ha para o curso de habilitação ao magisterio liceal por meio de concurso previo, em que os candidatos sejam obrigados a mostrar conhecimentos gerais de todas as materias que constituam o ensino liceal, e especiais sobre as disciplinas de que pretendam ser professores.

4.ª—A pratica do ensino liceal, do particular e da mesma categoria, livre, só será permitida a individuos legalmente habilitados com os cursos respectivos para o exercicio do magisterio liceal.

5.ª—As senhoras que hajam obtido o diploma de professoras do ensino liceal, poderão exercer as funções do magisterio nos liceus masculinos, pois nada ha que legitime, e, legalmente, as fira com a excomunhão de que teem sido vitimas, a não ser um feroz e injustificavel egoismo dos habilitados com esse diploma pertencentes ao sexo masculino.

6.ª—Alem da competencia intelectual, os professores devem possuir capacidade moral para o normal desempenho das suas funções e condições fisicas que lhe permitam o não ser objecto de zombaria ou escarneo de alunos.

7.ª—Devendo o professorado ser um sacerdocio, o Estado assegurará ao Professor as condições materiais de vida que lhe assegurem o poder viver decentemente, sem recorrer a outras fontes de receita que não sejam as de ensino.

POEIRA DA ARCADA

Foi transferida para depois de amanhã a distribuição da «Ordem do Exercito», da 2.ª serie.

—O conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª circunscrição foi de parecer que o casinhoto do Museu Machado de Castro, em Coimbra, seja considerado monumento nacional.

—Amanhã são expedidas malas postais, pelo vapor «Granja», para os Açores, e pela «Ardeola», para a Madeira, Las Palmas, e Africa Oriental, via Madeira, sendo a ultima tiragem da Caixa Geral, respectivamente, ás 8 e 9 horas.

—Aproveitando-se da concessão de tolerancia do ponto da tarde, a quasi totalidade dos funcionarios retirou-se hoje das repartições ministeriais pelas 14 horas. Amanhã não abrem os ministerios.

—O sr. ministro da Instrução partiu hoje de manhã para o Porto, onde se demora até segunda feira.

A Russia no rigor da moda!...

Emquanto o povo russo morre de fome, os delegados dos «soviets» á Conferencia de Genova distinguem-se pelo luxo do seu vestuario, todo no rigor da moda, á «papo-seco»!...

Eis como «A Batalha», pato-mudo da desorganisação operaria portuguesa, continua a descrever a pavorosa situação em que se debate o povo russo, arremessado para a mais lancinante miseria graças ao regime sovietista dos Lenines e Trotskys:

Cinco milhões de pequenos seres desaparecem lentamente, inocentemente nas garras duma morte horrorosa; nas ruas das cidades despovoadas, pelos caminhos, nas florestas centenas de milhares de miseraveis garotos e garotas abandonadas, mal vestidos, descalços, marcham á procura de restos de ortigas, pedaços de cortiça e de hastes de ervas, escondendo-se da vista dos adultos como animaisinhos selvageus.

Os asilos, onde a mortalidade é inverosimil, estão por tal forma cheios que as crianças teem de revezar-se para dormir, sendo-se obrigado a acorda-las depois de tres ou quatro horas de sono, a fim de cederem o seu lugar a outras. Não ha sabão para lavar os corpinhos devorados piolhos, nem existe roupa branca. Havendo um unico medico para uma região de 70 quilometros de raio...

As crianças que saem dos asilos para outros lugares não podem ir calçadas senão até á estação do caminho de ferro; ia tiram-se-lhes os sapatos para servirem a outras crianças»

Eis a felicidade que a U. S. O. preparava ao povo portuguez,—e dizemos preparava porque, felizmente, a reação contra o bolchevismo já se pronunciou e a grande obra defendida por «A Batalha» não poderá ser levada a termo.

E' de justiça dizer que, na Russia nem tudo é miseria, ruina e fome. Tambem ha fortuna. Os delegados dos soviets russos apresentaram-se na Conferencia de Genova luxuosamente vestidos, fazendo estendal das suas prosperidades de novos ricos. Seria rasoavel que exteriorisassem uma mediania decente, para destruir a lenda de que só selvagens seriam capazes da desorganisação social que impozeram a todo um povo; o que, porém, aconteceu, não foi isso, porque os diversos titcherines ostentam em Genova o mais desmascarado luxo, segundo os ditames da ultima moda, que é toda em «papo-seco».

O «Pato-Mudo» não cita estes eloquentes contrastes. Naturalmente, parecem-lhe muito naturais...

ULTIMA HORA

O funeral do sr. dr. Julio de Matos

Do Manicomio Miguel Bombarda para o cemiterio oriental efectuou-se hoje, pelas 15 horas, o funeral do sr. dr. Julio de Matos, director daquele Manicomio.

A urna que encerra os restos mortais do ilustre extinto, que foram velados hoje pelo pessoal da Faculdade de Medicina, estudantes, segundos assistentes, primeiros assistentes, professores livres e professores ordinarios, foi conduzida pelo pessoal hospitalar ao coche funebre.

O prestito poz-se em seguida em marcha seguido de grande numero de carros.

Uma carreta conduzia uma coroa do pessoal hospitalar que tambem se encorporou na sua totalidade.

Via-se tambem uma outra coroa oferecida pelos estudantes da Faculdade de Medicina.

O sr. Jaime Athias representava o sr. Presidente da Republica.

Entre outras pessoas vimos os srs. drs. Silva Amado, Magalhães Lima, Leite Lage, Anibal de Magalhães, Sabino Coelho, Augusto de Vasconcelos, Moreira Junior, Azevedo Neves.

Mario Goulart de Medeiros, representando a direção da Associação dos Medicos Portugueses, Mario Martinho, Alfeu Cruz, Avila Lima, Carlos Aguiar, Luiz Pacheco, Luiz Victal, Francisco Gentil, Mario Rosa, Tomaz de Melo Breymer, Sobral Cid, Egas, M. Athias Gustavo Pitschieriller.

Ruy Travassos Valdez, Custodio Cabeça, Mario Martinho, Alexandre Cancela de Abreu, Augusto José das Neves, Leite de Faria, Anibal Bettencourt, Antonio Augusto da Silva Martins.

Heitor Vasco Mendes da Fonseca, Carmo dos Santos, Brito Fontes, Silva Neves, Pedro José da Cunha, João de Almeida Lima presidente da Academia de Sciencias de Lisboa, coronel medico João Carlos, etc.

O José Maria Queiroz Velloso, representou o sr. Ministro da Instrução.

Na residencia do extinto foram recebido grande numero de telegramas, figurando entre eles um do sr. Alfredo de Magalhães.

A visita ás egrejas

Conforme a tradição, os templos foram durante o dia visitados por uma multidão de fieis, predominando as côres escuras.

A nota mais interessante consiste no luxo que se verificou no vestuario, tanto de senhoras coma de homens e no numero extraordinario de automoveis e carruagens, formando, no Chiado, uma longa cauda, como nunca se viu.

Ao fim da tarde, a multidão, nas ruas centrais da cidade, era tão compacta que, por vezes, dificultava o transito.

A Conferencia de Genova

LONDRES, 13 — Como as comissões alemã e polaca não chegaram a um acôrdo sobre o problema economico da Alta Silesia, visto os polacos recusarem reconhecer a autoridade de Calender para a liquidação das propriedades alemãs, o secretario da Liga das Nações anunciou o Calender que a Liga das Nações pronunciará uma sentença arbitraria. — (Lat. Am.).

O avião 'Lusitania' ainda não partiu

Até á hora de fechar o nosso jornal, não havia noticia, em Lisboa, da partida do avião, sendo provavel que descole durante a noite.

Em volta d'um suicidio

Os nossos colegas da manhã dizem hoje que o suicida de ha dias encontrado no Jardim Zoologico, em frente á jaula das feras, era o sr. Antonio Vilela, despachante da casa Burnay, antigo empresario teatral, o qual, tendo gasto enormes somas ao jogo, resolveu meter uma bala nos miolos, visto a impossibilidade de saldar certos compromissos.

A noticia carece de ser rectificada, pois não se trata do sr. Antonio Vilela, socio do empresario sr. Antonio Macedo, mas sim do sr. Julio Basilio Vilela, que ha anos foi atacado de doença incuravel.

O sr. Julio Vilela, que possuia avultada fortuna, ha três meses que não sahia de casa, devido ao seu estado de saude, sendo, portanto, menos verdade que gastasse o dinheiro em mulheres ou com o jôgo.

Estas informações são-nos fornecidas pelo filho do morto, o qual esteve hoje no Governo Civil junto do chefe sr. Xavier solicitando a devida autorização para que o cadaver do pai não seja autopsiado.

As burlas da Exploração do Ponto de Lisboa

O director da Policia de Investigação, sr. dr. Reis Junior, auxiliado pelo agente Amado, esteve hoje, durante o dia, pondo em ordem os depoimentos referentes aos individuos que, conforme ontem referimos, foram presos por implicados nas burlas descobertas na Exploração do Porto de Lisboa. Esses presos são: o tesoureiro, sr. Gregorio José da Cunha; Germano Braziel, da 3.ª Repartição; J. Carneiro da Silva, funcionario da Contabilidade, e um cunhado dêste, um tipografo de nome Cunha, que compunha as facturas falsas que foram apresentadas a pagamento e satisfeitas pelo tesoureiro Gregorio Cunha.

Hoje, á noite, devem ser novamente interrogados e acareados todos os presos, sendo natural que outras prisões venham ainda a efectuar-se.

Em poucas linhas

Deu entrada na sala de operações do Hospital de S. José em estado grave, Antonio de Almeida, de 31 anos, morador na Travessa da Conceição, 41 loja, que nos bairros sociais em Alcantara transportava entulho, sendo colhido por uma wagoneta e ficando com o craneo ... de.

— O director da Policia de Investigação, sr. dr. Reis Junior, mandou prender hoje o ex-agente da mesma policia, Manuel de Oliveira, por ter enviado uma carta injuriosa ao referido magistrado.

—Foi hoje preso ... travessa dos Remedios, 6, 2.º e Alvaro Santos, travessa das Almas 40, 3.º que estando empregados no estabelecimento de farinhas, Martins Valente, rua de S. Bento, 186, furtaram aos patrões, varios artigos avaliados em 5.000 escudos.

— Os industriais mobiliarios procuraram hoje o sr. governador civil, a quem comunicaram que não podiam atender as reclamações dos seus operarios sobre melhoria de situação. Nessas condições, resolveram abrir, na proxima segunda-feira, as suas oficinas, crentes de que o chefe do distrito protegerá a liberdade do trabalho. O pedido foi deferido.

TEATRO

Primeiras Representações

Teatro Nacional — *Os Tenorios*, 3 actos de Ramada Curto.

Peça!

Devia ser oficialmente proibido a realisação de duas «premières» no mesmo dia. Ha um publico aficionado, ha gente que assina em outubro um certo numero de recitas e se vê privado de assistir aos espectaculos que prefere. Mas não ha forma de conciliar os interesses e a logica e nós que não temos dois divinos tivemos de ir á segunda representação de «Os Tenorios».

O autor é um nome que exclue bastante publico. A casa estava fraca e contudo a peça é boa. Para dizermos bem, é escusado afirmar, não foi necessario conhecer o autor; nunca lhe falamos e apenas os seus resultados foram sériosos suas tropelias politicas no-lo mostraram na politica; como dramaturgo as suas anteriores peças algumas infelizes por natureza, outras incompreendidas, deram-nos contudo a certeza de quo «Os Tenorios» não seria o fruto da inexperiencia teatral.

Mas nem toda a gente isenta o artista do politico e assim Ramada Curto por maior obra de arte que escrevesse não conseguiria encher os camarotes ou diminuir a aversão dos que nele vem o camarada do camarada Augusto.

E contudo, repetimos, a peciuha é muito honesta, bem escrito, teatrilisada com valor, e bem dialogada. E' pequena, curta nos seus 3 actos bem conduzida, sem uma unica falha, sem uma scena mais longa que fastidie, sem um personagem que seja mal tratado.

O seu ambito é pequeno, o seu enredo não é novo mas o que ha de novo em literatura ou teatro senão a forma seria de tratar assuntos velhos?

Ramada Curto nos seus «Tenorios», quer marcar, trazer para o palco o exemplo vivido desses devoradores de prazeres que ao momento de aparecer a mais pura lagrima, se exasperam, exclamem «que massada» e fogem ás responsabilidades. Podo dizer-se até afoitamente que a forma como conduziu o seu entrecho é bastante original, e o seu desenlace, no fim do 3.º acto que me dizem ter passado incompreendido da plateia, bastante humano, bastante vivo.

No primeiro acto num interior burguez uma rapariguinha casada aos 18 anos, como se casa os desoito anos, por acaso, é vitima dos maus tratos do marido, um ocioso, sem profissão. Defronte ha um janota que paga ainda a libras de cavalinho uma criada alcofinha incumbida de desnortear a cabeça fraca o coração desiludido da mulher infeliz.

Neste acto «O D. Juan» não aparece; mas sente-se o seu influxo, o seu perfume, o seu enredo medrando num campo onde as desilusões fecem e a mocidade se amorfanha em lagrimas. Scenas singelas pequenas situações para apresentar em traços simples mas suficientes os personagens. O ambiente está preparado; o pano cai sobre a capitulação da mulher casada, vivida duma felicidade que ali não tem.

O 2.º acto passa-se entre roseiras, á margem do Tejo, para cima dos Olivais. Um tio velho, filosfo o bom dá uma «nuance» terna á peça. Cai a tarde e sabe-se que a noite o dr. João, virá do automovel saciar os seus amores. Mas a amante tem uma cousa mais grave a dizer-lhe: vai ser mãe e todo o seu espirito, e sua alma boa, se revoltam a pensar que o filho ha-de chamar pai ao homem que ela não ama. Quer partir, quer que ele a leve consigo... Mas o D. Juan, muda, vacila: «os filhos das mulheres casadas sempre foram dos maridos». Mas, ha um sobresalto na noite; o D. Juan tem de fugir; é o marido que chega — é sempre assim, comenta em filosofia barata a criada — O marido vem com apetites da cidade; ela sente toda a sua carne revoltada, e foge... noite fóra, atraz da visão do seu novo amor.

O 3.º acto passado no antro dos «Tenorios». As aventuras esvoaçam da boca dos sedutores. Dali a pouco chega, fugidia, transida, apavorada pela rua que atravessou sósinha, a ultima vitima. Quer ficar, quer que ele a tome para sempre. Mas o Tenorio enfada-se, esquiva-se, alvitra soluções, é a fuga inevitavel. E ela, desesperada, morta nas ultimas ilusões, não querendo voltar para ao pé do marido que a sua carne repele, abala, desaparece, a correr, para a rua...

«D. Juan», tem medo de qualquer imprudencia, faz as malas, numera trez vezes «que massada» e parte em viagem.

E' uma peça que termina em reticencias, a vida é toda reticencias. O publico só compreende como fecho duma obra, o casamento, o tiro de pistola ou o divorcio. Chocou-o a realidade... Quem fica mal é o publico, como ficou com a «mascara». Se a peça se chamasse «A mulher adultera» ou A desgraça daquela que depois de deshonra foi abandonada», teria outro fim, porque Ramada Curto certamente teria a cultura suficiente para fazer á vontade ao paladar burguez da plateia. Mas a peça, é sintetica, chama-se, «Os Tenorios», e dá um pedaço do vida, termina como a vida, por aquilo que é mais ditado pelo destino do que pelas nossas vontades.

Desempenho

Sem grandes desiquilibrios. José Ricardo teve uma excelente criação: outro velho, bem diferente do seu Centenario, mas tambem humano, muito portuguez, saloio maduro e reflétido.

Irene Grave destaca-se sem favor. A sua Maria, foi bem cuidada, sempre nostalgica, sempre sentimental, romantica. Teve Irene Grave, muito joven, muito esperançosa, mascaras felizes e fez todo o seu amargo papel com plena consciencia e inteligencia.

Laura Hirsch criou um tipão; a sua cabeça foi composta com estudo, o detalhe, a minucia são completos.

Depois Clemente Pinto bem, com verdade; é um bom artista que apreciamos bastante nos papeis que estuda.

Luiz Pinto, reincide...

Joaquim Costa passeia a sua naturalidade, com o inegualavel dom de saber dizer. Acacio Reis á vontade num papel burguez. Leitão melhor, Melo o costume.

Scenarios

Cuidados. Melhor do que o costume. O interior do 1.º acto com bastantes particularidades verdadeiras. Só não faltou aquele panicho côr de rosa a envolver a suspensão dos candieiros que aparece sempre ou no palacio dos viscondes ou na casa dos pobres, na companhia francesa ou na «Primorose»... mas só no Nacional.

ARMANDO FERREIRA

Concertos sinfonicos no Coliseu

Alem da primeira audição do poema heroico de Ruy Coelho, «Nun'Alvares», que se realisa, no concerto sinfonico de domingo, no Coliseu dos Recreios, por uma magnifica orquestra sob a direcção daquele ilustre maestro, executar-se-hão tambem obras de Beethowen, Bach, Berlioz, e Weber, devendo, portanto, este concerto despertar grande entusiasmo entre os amadores de musica.

Pelo Brazil

Foi inaugurado no Rio de Janeiro o teatro de Centenario, sendo a peça da abertura a revista «Ai! seu meiro» A imprensa do Rio refere-se assim á nova revista:

A abertura do novo teatro, sobre ser altamente significativa, por acrescentar mais uma excelente casa de diversões ao numero reduzido que possuimos, é tambem particularmente auspiciosa, quer pela temporada escolhida, que é favoravel para a arte, quer pelo original apresentado, que é, por todos os titulos, digno de ser visto e merece os melhores encomios.

Efectivamente, a revista-fantasia de Oduvaldo Viana é mais um trabalho em que o autor afirma o seu bom gosto, «verve», observação e espirito de artista. Em «Ai, seu meiro!» ha criticas finas, evocações comoventes, quadros desopilantes de hilaridade e, sobretudo, imaginação.

Todo o primeiro acto é atravessado por varios quadros de linda fantasia, alguns até dignos de «féerie». Os tipos foram muito bem imaginados e a «compérage» selecta.

O segundo acto prima pelas evocações suaves e encerra toda a critica aos ultimos acontecimentos.

Isso quanto á feitura da peça.

Quanto á montagem, vistosa e deslumbrante a não mais poder ser o quanto á indumentaria, correcta e na altura.

O desempenho foi afinado e bom cabendo os louros da noite a Otilia Amorim, Artur de Oliveira, João Martins e Albino Vidal, que conduziram bem a «compérage».

Merece eguais elogios o maestro Soriano Robert, que deu á revista bons numeros de musica.

Frank Mayo tornou a casar-se

Frank Mayo, o celebre artista de cinema, que se divorciou de Joyce Ecanor, contrahiu novas nupcias. A segunda M.me Mayo, é Dagmar Godowky, actriz de cinema e filha do notavel pianista Leopoldo Godowk. Dizem as informações locaes que é uma creaturinha adoravel, muito linda, mas muito ciumenta.

Descendente de uma familia de artistas notaveis na Inglaterra e nos Estados Unidos, Frank Mayo em nada desmente ou desmerece das suas brilhantes tradições.

Joven ainda, ninguem talvez tenha tão cedo conhecido as apreensões da ribalta e as suas glorias. Já aos 4 anos, ao lado do avô — artista aureolado — aparecia nos palcos de Londres.

Com o aparecimento do Cinema, Frank Mayo sentiu logo nele a sua atração irresistivel, e hoje Franck Mayo, muito conhecido nos «ecrans» de Lisboa é um dos reis do cinema.

Noticiario

Portugal

A engraçada farça «A Lenda dos Tarlatanas» que na noite de ante-ontem subiu á scena no teatro S. Luiz acentuou na noite de ontem o exito obtido na sua primeira representação, o publico que encheu por completo a vasta sala do S. Luiz aplaudiu com verdadeiro entusiasmo todos os interpretes do espirituoso original de André Brun e Carlos Simões, cuja partitura de Pedro Bianchi é inspiradissima e cheia de sentimento, e quem os distintos artistas Auzenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Batista, Sales Ribeiro, Fernando Pereira, Carlos Viana, Alfredo de Sousa, Vasco Sant'Ana, Mario Campos e Sebastião Ribeiro, dão grande realce. Esta noite terá decerto o S. Luiz uma nova enchente, não ficando um bilhete por vender.

— Os primeiros quadros da revista «Piparotes», original de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, em ensaios no Foz, intitulam-se: 1.º, «Quando o amor morre»; 2.º, «Em familias»; 3.º, «Chá das cinco», sendo o 4.º uma apoteose.

Otelo de Carvalho capricha em apresentar a peça com o maior brilhantismo.

Sociedades de Recreio

No Belem-Club realisa-se no domingo de Pascoa uma matinée dançante e sarau, tomando parte nas duas festas um sexteto de distinctos professores.

Voluntarios portuguezes em Marrocos

Continuam as familias dos voluntarios que se encontram em Marrocos a solicitar do Governo o seu auxilio para fazer repatriar os que já não podem ali continuar em e maioria são crianças, levados por engajadores sem escrupulos, e que não foram autorizados pelo pais na sua saida de Portugal.

Pelo ministerio dos Estrangeiros é urgente que se proceda num entendimento com Espanha de forma a facilitar em Marrocos a repatriação a todos que queiram retirar-se. Os portuguezes voluntarios, queixam-se de que não estão bem. A' iniciativa do Governo compete mandar alguem que averigue do que se passa e que faça voltar os que quizerem retirar. Assim fez a Inglaterra e todos os outros países, que tinham queixas dos seus voluntarios na «Legião Estrangeira em Marrocos.»

As familias reclamam perante o ministerio dos Estrangeiros, procuram fazer-se escutar da Legação de Espanha, mas é á Imprensa que se dirigem com mais fé porque foi nela que encontraram éco os primeiros brados de angustia dos nossos patricios e que a ela devem o seu repatriamento.

Monte-pio Comercial e Industrial

(Associação de Socorros Mutuos)

Mesa da Assembleia Geral

CONVOCAÇÃO

Nos termos do § 1.º do artigo 21.º dos estatutos, convoco os senhores associados, no gozo pleno dos seus direitos, a reunirem em assembleia geral ordinaria na séde social, no dia vinte e oito do corrente, pelas vinte e meia horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Prestar a homenagem, votada na sessão anterior, ao falecido consocio, sr. Eduardo Antonio Ferreira da Fonseca.

2.º — Discutir e votar o relatorio e contas da gerencia de 1921 e o parecer do conselho fiscal.

A escrituração e respectivos documentos acham-se patentes, na séde, todos os dias uteis, até aquela data.

Lisboa, 11 de Abril de 1922.

O Presidente

Homero Gabriel A. Sousa.

SPORT

NOTICIARIO

FESTA NO GINASIO CLUB

Com um interessante programa ginastico realisa-se na noite de sabado no Ginasio Club uma festa que está despertando bastante entusiasmo.

Damos hoje o programa ginastico do sarau:

1.º — Sinfonia.

2.º — Torniquete, pelos srs. Ernesto de Mendonça, Frederico Hopffer. Jorge Viana e Francisco Hopffer.

3.º — Apresentação da classe infantil de ginastica, pelo professor sr. Artur dos Santos.

4.º — Atletica, pelo professor sr. Rui da Cunha.

5.º — Argolas, pelos srs. Antonio Mario Miranda e M. Silva.

6.º — Triplo Trapezio, pelos srs. Luiz Worm, João Castelar e Angelo de Mendonça.

7.º — Forças combinadas, pelos srs. Carlos Moreira e Julio Silva.

8.º — Esgrima em conjuncto, pelos srs. Albano Prazeres, F. Sampaio, A. Curado, Rui Oliveira, Armando Bailly, M. Simões, Pedro de Alarcão, e A. Transmontano.

Durante o baile que é dirigido pelo professor Magalhães Pedroso toca o sexteto Milá.

LUTA

Vai começar a disputar-se o IX Campeonato Internacional

No Coliseu dos Recreios vai começar a disputar-se depois de amanhã o IX Campeonato Internacional de luta, profissionais cuja inscrição já comporta os seguintes lutadores:

Ghysseus, holandez, 100 quilos; Bosschioni, holandez, 110; Massetti, 110; Eduardo Duarte Santos, portuguez, 80; Manuel Loureiro Grilo, portuguez, 95; Fournier, francez, 110; Léon d'Angers, francez, 100; Charley, francez, 102; Noel le Bordelais, francez, 90; Isidore Bonnes, belga, 102; Constant le Marin, belga, 109; Strobants, belga, 100; Raoul Saint Mars, belga, 110; Raoul Fayre, suisso, 100; Emile Deriaz, suisso, 110; Sonda, romeno, 98; El Secundo, espanhol, 110.

Como se vê, ha verdadeiros campeões, como sejam Fournier, Emile Deriaz, Constant le Marin e outros.

Dois portuguezes vão defender a sua «chance» no IX Campeonato.

As sessões do torneio realizar-se-hão todas as noites, começando os assaltos ás 22 e 30, sob a arbitragem do arbitro oficial francez, Mr. Max Sergy.

Parece que a inscrição do campeão espanhol Ochoa vai ser um facto e de um outro portuguez deve ficar definitiva amanhã.

TAÇA ATENEU

Na reunião dos delegados dos Clubs, inscritos nesta prova, foi resolvido dividi-los em duas series, que ficaram constituidas como segue:

1.ª serie — Cruz Quebrada, Bom Sucesso, Bolenenses, Carcavelinhos, Marvilense e Internacional.

2.ª serie — Bemfica, Ateneu, Casa-Pia, Sporting, Fosforos e Adicense.

Esta prova terá inicio em 23 do corrente.

LAW-TENNIS INTERNACIONAL

Torneio de categorias

Encerra-se hoje quinta-feira a inscrição para a prova de «men's doubles» deste torneio, sendo já grande o numero de inscritos. Esta prova inicia-se no proximo sabado.

Tem continuado com grande animação e regularidade a prova de men's-singles», estando quasi concluidos os encontros das diversas categorias.

Jogo de senhoras

Hoje quinta-feira realisa-se o costumado jogo de senhoras, esperando-se grande animação em vista da disposição da Comissão Tecnica, que conta preparar uma prova especial para breve.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

Uma "vendetta"

por GUY DE MAUPASSANT

A viuva Paolo Saverini habitava só com seu filho numa casita pobre, á beira das muralhas de Bonifacio. A cidade, construida numa avançada da montanha, alcandorada em parte sobre o mar, olha por cima do estreito, eriçado de escolhos, a parte mais baixa da costa de Sardenha. A seus pés, da outra banda, contornando-a quasi inteiramente, um recorte de rocha escarpada que se assemelha a um gigantesco corredor, serve-lhe de porto, conduz até ás primeiras casas, depois de um grande circuito entre duas muralhas abruptas, os pequenos barcos dos pescadores italianos ou sardos, e, de quinze em quinze dias, o velho e pacifico vapor que faz a carreira de Ajaccio.

Sobre a montanha branca, o montão de casas põe uma mancha ainda mais branca.

Essas casas têm o ar de ninhos de aves selvagens, agarradas áquela rocha, dominando aquela passagem, onde nunca se aventuram os navios.

O vento sem repouso, fustiga o mar, fustiga a costa nua, por êle roida, apenas vestida de erva, e abisma-se no estreito que invade as margens. Os pedaços de escuma pálida, agarrados ás pontas negras das inumeraveis rochas que por toda a parte furam as vagas, têm o ar de farrapos de pano flutuando e palpitando á superficie da agua.

A casa da viuva Saverini, pespegada na propria margem da penedia, abria as suas três janelas para aquele horizonte selvagem e desolado.

Ela vivia ali, só, com seu filho Antonio e a sua cadela «Semelhante», um animal grande e magro, de compridos pelos selvagens, da raça dos cães guardadores de rebanhos. «Semelhante» servia tambem ao rapaz para caçar.

Uma noite, depois de uma disputa, Antonio Saverini foi morto á traição, com uma navalhada, por Nicolas Ravolati, que nessa mesma noite se safou para a Sardenha.

Quando a velha mãe recebeu o corpo de seu filho, que uns homens que passavam lhe trouxeram, não chorou, mas ficou muito tempo imovel a olhá-lo; depois, estendendo a sua mão rugosa sobre o cadaver, prometeu vingá-lo.

Não consentiu que ninguem a acompanhasse e fechou-se com o corpo, ficando ao pé dele com a cadela, que uivava. O animal uivava de um modo continuo, em pé, aos pés do leito, a cabeça estendida para o seu dono e de cauda apertada entre as pernas.

E não bolia mais que a mãe do morto, a qual, pendida para o corpo, o olhar fixo, chorava grossas lagrimas mudas, contemplando-o.

O rapaz, prostrado de costas, vestido na sua veste grosseira de pano esburacado e rasgado no peito, parecia dormir; mas tinha sangue por todos os lados: na camisa arrancada pelos primeiros cuidados; no colete, na calça, nas faces, nas mãos. Pastas de sangue haviam-se coalhado na barba e nos cabelos.

A velha mãe poz-se a falar-lhe. Ao ruido daquela voz, a cadela calou-se.

— Deixa, deixa, serás vingado, meu filho, meu rico filho, meu menino. Dorme, dorme, que serás vingado, entendes? E' a tua mãe que to promete! E ela nunca faltou á sua palavra, a tua mãe, tu bem o sabes.

E, lentamente, a viuva de Saverini debruçou-se para seu filho, colando os labios frios áqueles labios mortos.

Então, «Semelhante» poz-se a gemer. Soltou uma grande queixa monotona, lancinante, horrivel.

E ali ficaram ambas, a mulher e o animal, até manhã.

Antonio Saverini foi enterrado no dia seguinte e dahi a pouco ninguem mais falou dele em Bonifaccio.

Não tinha nem irmãos nem parentes proximos. Nenhum homem havia na familia para proseguir na vingança. Só a mãe pensava nela, só a velha. Da outra banda do estreito via ela, de manhã e á noite, um ponto branco sobre a costa. E' uma pequena aldeia sarda, Longosardo, onde se refugiavam os bandidos corsos perseguidos de muito perto.

São êles quem quasi exclusivamente povoa aquela aldeia, defronte das costas da sua patria, esperando ali o momento de poderem voltar, de regressar ao mato da Corsega, o *maquis*, como lá se chama. Ma. E' naquela aldeia, ela sabe-o, que se refugia Nicolas Ravolati.

Completamente só, todo o comprido dia, sentada á sua janela, a velha olhava para os longes, pensando na *vendetta*. Como o levaria ela a cabo, sem auxilio de ninguem, enferma, tão perto da morte? Mas prometera, jurara sobre o cadaver. Não podia esquecer, não podia esperar. Que faria? Não dormia durante a noite, não tinha descanso nem paz, procurava obstinadamente um meio. A cadela, a seus pés, dormia, e, por vezes, levantando a cabeça, uivava para longe. Desde que o seu dono deixara de estar ali, o animal uivava muitas vezes assim, como se ela o chamasse, como se a sua alma de irracional, inconsolavel, houvesse tambem guardado a recordação que não se apaga.

Ora, uma noite, como «Semelhante» se puzesse a gemer, a mãe, de repente, teve uma ideia, uma ideia selvagem, vingativa e feroz. Meditou nela até de manhã; depois, levantando-se logo ás aproximações do dia, dirigiu-se á igreja.

Rezou, prostrada no lagedo, abatida diante de Deus, suplicando-lhe a ajudasse, que lhe conservasse a vida, que desse ao seu pobre corpo cansado a força que lhe faltava para vingar o seu filho.

Depois, tornou a casa. Tinha no pátio um velho barril sem tampa em que recolhia a agua das goteiras; tombou-o, despejou-o, sujeitando-o ao solo por meio de pedras e estacas; depois, prendeu «Semelhante» áquele nicho e entrou em casa.

Marchava agora, sem descanso, pelo quarto, o olhar continuadamente fito na costa da Sardenha. Estava lá ao longe o assassino.

A cadela uivou todo o dia e toda a noite. A velha, de manhã, levou-lhe agua numa panela; e nada mais; nem sopa, nem pão.

Passou-se ainda um dia. «Semelhante», extenuada, deixou-se dormir, tinha os olhos luzentes, o pêlo eriçado, e puxava doidamente pela corrente que a amarrava.

A velha continuou a não lhe dar nada de comer. O animal tornou-se furioso, latia em voz rouca. Passou-se ainda a noite.

Então, ao despontar do dia, a mãe Saverini foi a casa de um seu vizinho pedir dois molhos de palha. Pegou em alguns fato velho que outr'ora servira a seu marido, e forrou-o com a palha, de forma a imitar um corpo humano.

Tendo fincado um pau no solo, diante do nicho de «Semelhante», amarrou a êle aquele *manequim*, que assim parecia estar de pé. Depois, figurou a cabeça por meio de uma trocha de roupa velha.

A cadela, surpreendida, olhava para aquele homem de palha e calava-se, embora devorada pela fome.

Então, a velha foi comprar ao salchicheiro um grande pedaço de chouriço preto. Tornando a casa, acendeu lume no pátio, perto do nicho, e assou o chouriço. «Semelhante», desesperada, escumava, de olhos fixos na grelha, cujo fumo lhe entrava no ventre.

Depois, a mãe fez daquela gordura fumegante uma gravata ao homem de palha. Atou-a detidamente em redor do pescoço, como se a quizesse enterrar dentro dêle. Feito isto, soltou a cadela.

De um salto formidavel, o animal atirou-se ás goelas do *manequim* e, com as patas sobre os seus ombros, poz-se a rasgá-lo. Caia, com um pedaço das goelas da sua prêsa, depois atirava-se de novo, enterrando os dentes nos cordeis, arrancando algumas parcelas de comida, tornando a cair para tornar a atirar-se encarniçadamente. Arrancava o rosto ao *manequim* a grandes pedaços, fazendo em destroços todo o pescoço.

A velha, imovel e calada, olhava, de olho incendido. Depois, tornou a prender o animal, fê-lo jejuar mais dois dias e recomeçou aquele estranho exercicio.

Durante três meses habituou a cadela áquele genero de luta, áquela refeição conquistada ás dentadas. Por fim, já a não prendia, lançava-a com um gesto sobre o *manequim*.

Ensinara-a a rasgar, a devorar, por fim, sem que mesmo houvesse comida alguma nas guelas do homem. E, em seguida, como recompensa, dava-lhe o chouriço assado na grelha.

Assim que via o homem de palha, «Semelhante» estremecia, depois voltava os olhos para a dona, que lhe gritava: «Vá!» numa voz sibilante, levantando o dedo.

. . .

Quando lhe pareceu que era tempo, a mãe de Saverini foi confessar-se e comungou, um domingo de manhã, com um furor extatico; depois, vestiu-se com um fato de homem, semelhante a um velho mendigo esfarrapado, contratou com um pescador sardo o conduzi-la, acompanhada da sua cadela, á outra banda do estreito.

Levava, no seu alforge, um grande pedaço de chouriço preto. «Semelhante» jejuava havia dois dias. A velha, fazia-lhe a todo o momento cheirar aquela comida odorante, excitando o animal.

Entraram em Longosardo. A corsa caminhava coxeando. Dirigiu-se a casa de um padeiro e preguntou a morada de Nicolas Ravolati. Este retomara o seu antigo oficio, o de marceneiro. Trabalhava só, corno que escondido no seu estabelecimento. A velha passou pela porta e chamou:

— Hé! Nicolas!

Ele voltou-se. Então, soltando a cadela, a velha gritou:

— Vá! avia-te, devora, devora!

O animal, desesperado, atirou-se, ferrou os dentes na garganta do homem. Este estendeu os braços, estreitou o animal e rolou por terra. Durante alguns segundos, torceu-se, batendo com os pés no solo; depois, ficou imovel, enquanto «Semelhante» lhe cavava o pescoço, arrancando-lho aos pedaços.

Dois visinhos, que se achavam sentados ás suas portas, recordam-se perfeitamente de terem visto sair da aldeia um velho mendigo com um cão negro magrissimo e que comia, ao mesmo tempo que ia andando, qualquer coisa negra que lhe dava o seu dono.

A velha, á noite, estava de volta em sua casa. E, nessa noite, dormiu perfeitamente.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

O "Lusitania" está ainda em Cabo Verde, pronto a largar, tão depressa melhore o tempo no arquipelago.

N.º 4053 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 14 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O HEROISMO E A FÉ SÃO AS DUAS ASAS DA PATRIA!

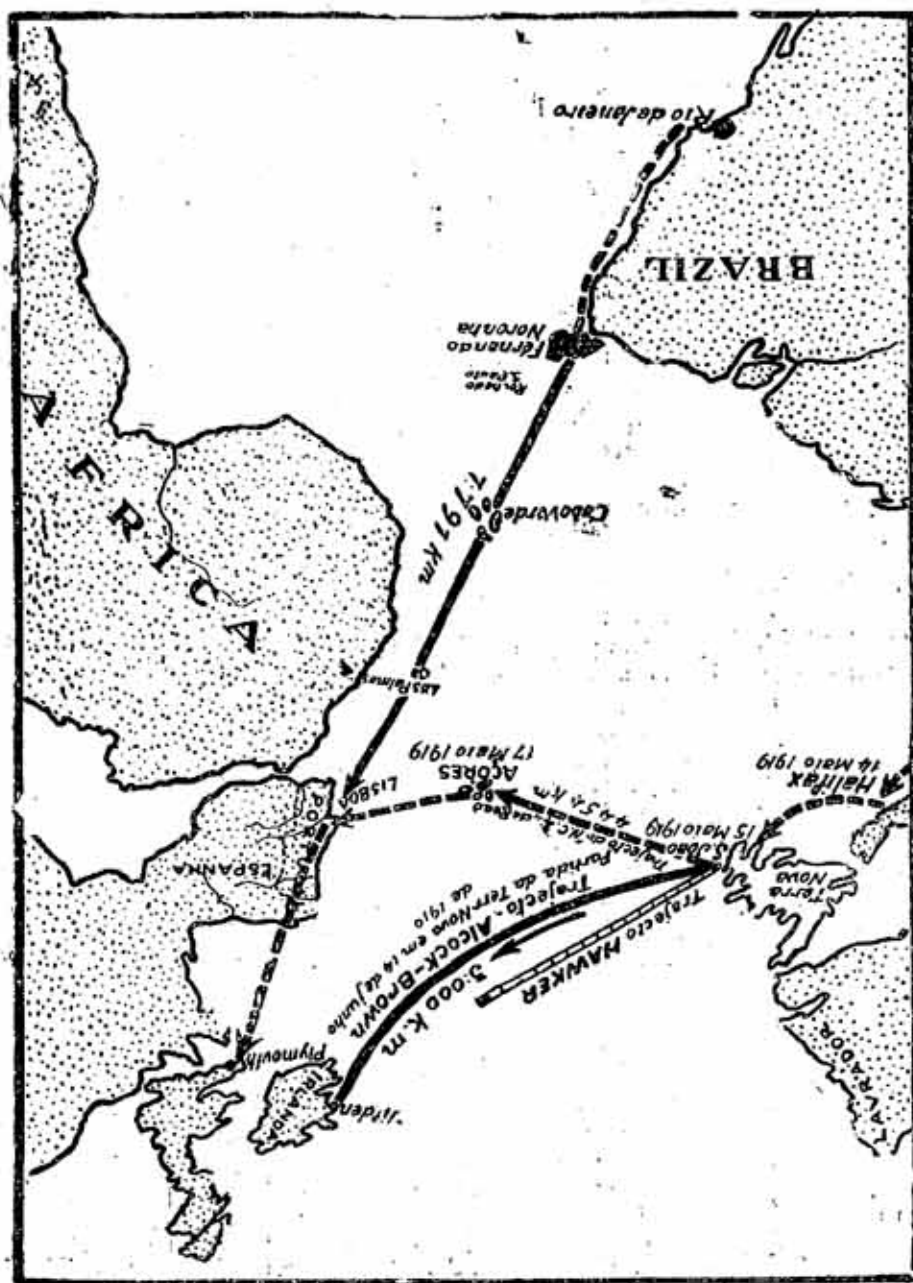
Segundo se espera, é hoje que o «Lusitania» partirá de Cabo Verde, para efectuar a «étape» decisiva da sua viagem. E' preciso que o acompanhem os votos de todos os portuguêses, e que de tal maneira se afervore a fé do seu exito que essa poderosa, penetrante e admiravel fé assuma tanto as caracteristicas duma vontade suprema que ela lhe confira os atributos da certesa.

Se a fé pode transportar montanhas, na frase do Mestre divino, porque não ha de transportar o avião de Coutinho e Cabral até ao ponto do seu destino, sem que a natureza lhes oponha nenhum insuperavel obstaculo?

Não ha milagres. O que é a forte tensão do espirito humano. Por vezes a nossa vontade impõe-se aos acontecimentos. E' nisso que está o segredo de todos os triunfos. Não disse Balzac que o proprio genio é uma longa paciencia? Com esta expressão quiz significar o autor genial da «Comedia Humana» que a tensão do espirito tudo acaba por conseguir. Essa paciencia é concentração, esforço, vontade sublime, e ardente. Chama-se-lhe fé? Então é porque realmente a fé é a palavra mais exacta e mais bela para definir tais sublimidades.

O poeta tem fé; o artista tem fé; o sabio tem fé; o inventor tem fé; o guerreiro tem fé como o apostolo tem fé. Gago Coutinho e Sacadura Cabral teem fé, e nós tambem temos fé. Um povo inteiro compartilha dessa fé.

Por momentos chegamos a convencer-nos que o proprio ar onde o «Lusitania» desfere o vôo está repleto d s moleculas dessa fé, que lhe favorece o caminho, que o auxiliam na derrota maravilhosa!

Fenomeno espantoso que porventura a posteridade definirá, explicará com precisão e justeza! Poucas vezes um tamanho impulso psicologico terá influido na natureza, nos acontecimentos e nos homens. Milhões de vontades irradiando e encontrando-se numa mesma e unica vontade, um povo vibrando como uma haste de aço retezada, uma esperança aquecida ao rubro branco, e lançada no espaço como uma locomotiva gigante, a suplica, a prece, a ovação fazendo mover, sahindo dos labios das mulheres e das crianças, as azas abertas dos anjos, nos jardins floridos do Empyrio, tudo isto constitue como que uma força motriz, utilisando todos alentos da alma, cuja acção é mais poderosa do que os ventos, cujo impeto é mais forte do que o Destino!

Essa força impele o «Lusitania». Sendo ele proprio uma asa, sente-se que ha uma asa maior que o empurra na sua carreira. E' o genio de Portugal!

Sacadura Cabral

A anciedade naturalissima em toda a população de Lisboa e do paiz tem subido de ponto até estas ultimas horas de espectativa e de esperança. O temporal violento que está batendo todas as ilhas do arquipelago de Cabo Verde, tem impedido a sahida do hidro-avião portuguez e prolongado a espera risonha e anciosa de toda a população. Os ultimos telegramas, porem, deixam antever a possibilidade da largada do "Lusitania" ainda esta noute:

CABO VERDE, 14— Desde as 10 horas e meia da manhã que o hidro-avião espera descolar, completamente apetrechado e abarrotado de combustivel mas continua ainda retido por causa do temporal violentissimo que se desencadeou nesta região.

CABO VERDE, 14—Ha esperanças de que o avião possa largar ainda hoje. O barometro subiu e tudo presagia uma consideravel melhoria climaterica.

Gago Coutinho

Sacadura Cabral

O capitão-tenente Sacadura Cabral, que vai, por êstes dias, completar 3 anos de permanencia neste posto, fez, como é sabido, a sua aprendizagem na aviação, primeiro na Escola Maritima de Saint Raphael, na Provença, e depois, de aperfeiçoamento, na Escola de Buc, no centro da França. Munido das suas cartas, efectuou, em hidro-avião, o percurso aereo Inglaterra-Lisboa, pelo que foi lourado, e, um pouco mais tarde, realizou uma outra viagem aerea, a de Lisboa-Funchal, pelo que obteve um outro lourpor.

Uma grande e notavel parte da sua carreira oficial passou-se na Africa. Em 1904, fazia parte da missão de estudos hidrograficos em Quelimane, e em 1905 fez parte de uma outra missão destinada ao mesmo fim, em Lourenço Marques. Em 1909, pertenceu á missão geodesica á Africa Oriental e, em 1911, foi adjunto do comissario da missão portuguesa de limites de Angola.

No ano seguinte, em 1912, foi nomeado sub-director da Agrimensura de Angola, sendo só no ano de 1916 que ingressou de uma forma efectiva na Aviação, ficando dependente do Ministerio da Guerra, para se instruir nesse serviço, até que, em 1918, foi nomeado director da Aviação Maritima, e, em 1919, comandante da esquadrilha aerea da base naval de Lisboa e director da aeronautica, sendo tambem nesse ano nomeado para estudar a tentativa da travessia Lisboa-Rio de-Janeiro em 168 horas. Nesse mesmo ano foi adido da aeronautica em Paris, Londres e Washington.

Tem a medalha de prata de comportamento exemplar, é cavaleiro da Legião de Honra, comendador da Ordem de Aviz e possue igualmente a medalha militar de bons serviços.

A sua promoção a guarda-marinha data do ano de 1900. Ha, pois, 22 anos que honra os galões da marinha da sua Patria.

SURSUM CORDA!

AS VOSES DO MAR NO ALTO DAS SERRAS

O Comandante Nunes Ribeiro fala a "A Capital"
E conta do feito ilustre dos marinheiros
E mostra o seu coração de português

Pelas 4 horas da tarde, o comandante Nunes Ribeiro, que é, como todos sabem, um homem baixo, bigode felino, olhar vivo, rutilante quasi, surgiu á entrada do posto e deu um berro. Vinha embrulhado no mais civil dos casacões e, do gilvaz que lhe cortara a face motivado por um desastre a bordo do *Patrão Lopes* quando comandava êste barco durante a guerra, quasi nada se conhece já. Por detraz dêle, um porta fechou-se, de estalo, com fragor. O comandante Nunes Ribeiro deu outro berro, mais tonitruante, mais acentuado. Várias praças de marinha, na posição de sentido, esperavam o seu sinal de descanço, com as blusas batendo ao vento, bastante agudo que varre constantemente as cristas de Monsanto, a quasi 250 metros acima do nivel do Tejo. Defronte do edificio principal, perto das casas destinadas ao alojamento dos funcionarios, uma criança mete os dedos pelo nariz acima. Mais adiante, um cão persegue uma galinha. E, entre estas coisas simples e familiares, o comandante Nunes Ribeiro declara logo que ainda não ha noticias dos aviadores.

De noite ou de dia

— Não sabemos mesmo — afirma êle — se Gago Coutinho e Sacadura Cabral partirão de Cabo Verde ou ao cair da noite ou de madrugada. No primeiro caso, farão dois terços da viagem em plena obscuridade e só terão sete ou oito horas de luz solar para corrigir ou modificar a derrota que pretendem seguir até aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo. No segundo caso, isto é, saindo de madrugada, a parte do caminho a efectuar durante a noite é muito menor, ficando-lhes como consequencia um tempo maior e um espaço mais lato para quaisquer derivações que, porventura, tenham de fazer.

— Sim. Isso é realmente uma vantagem.

— Enorme. Embora os seus aparelhos sejam de uma excelente precisão, é necessario demandar de dia as proximidades dos rochedos e tambem pousar junto dêles com luz. Repare tambem que a duração da viagem depende de muitos outros factores. Em volta do equador ha a zona das calmarias, o *pot-au-noir* como lhe chamam os franceses. Essas zonas, além de se deslocarem, têm extensão variavel e que nada pode fazer prever. Com vento a favor ou contra, ou mesmo sem vento algum, os consumos de combustivel diferem.

— E não será possivel que passem junto das rochas sem as verem?

O ponto no meio do mar...

— Devemos pôr essa hipotese absolutamente de parte. Ainda que os rochedos de S. Paulo fossem cem vezes mais pequenos, ainda mesmo que fossem um posto geometrico no meio do Oceano, estou convencido de que os aviadores o achariam. Não se esqueça de que junto de Sacadura vai Gago Coutinho e que êste dispõe de um aparelho de sua invenção que lhe permite ir, sem hesitações, a um ponto préviamente escolhido.

— E que especie de aparelho será?

— Um sextante, meu caro senhor, um simples sextante, que tem modificações importantissimas introduzidas pelo capitão Coutinho. Como sabe, nos sextantes vulgares, para se levantar a altura, usa-se de horizontes artificiais produzidos com o mercurio, ou, mesmo, com azeite. Não posso nem devo dar detalhes sobre as invenções de Gago Coutinho. Só êle o poderá fazer quando entender dever fazê-lo. Mas posso garantir-lhe que o seu invento lhe permite obter resultados de maravilhosa precisão, dispensando a tina de mercurio, dando-lhes pontos exactos sem recorrer a tabelas de nenhuma especie.

— E', então, uma notavel descoberta...

...e a descida nas rochas de S. Paulo

— Notabilissima. E é isto que deve acentuar-se. Não é uma viagem á aventura. E' uma viagem de caracter rigorosamente scientifico, usando de invenções e de dados de ciencia absolutamente portugueses. O problema mais sério e que sempre preocupou os aviadores é o da descolagem de um aparelho carregado com dois homens e atestado de gazolina. São centenas de quilos que tem de erguer-se de um mar habitualmente mau e de larga ondulação. Para embarcarem o maximo de gazolina, sacrificaram até o seu aparelho de telegrafia sem fio, de bastante peso, preferindo assim abastecer-se de maior quantidade de combustivel.

— Isolam-se, por consequencia, durante a travessia?

— Absolutamente. Tornarão ao contacto dos homens ao descer nesse rochedo ingrato, que vai, estou certo disso, ficar celebre.

— O de S. Paulo...

— O de S. Paulo. E' um rochedo hirsuto e sinistro, que se ergue no meio do Oceano, em semi-circulo, formado por duas restingas extensas e perigosas. Uma coisa no genero dos *Farelhões*, nas nossas Berlengas. O mar ali é sempre mau. Provavelmente, o *Republica* pairará bastante longe das rochas. Um escaler, junto dos penedos, servirá de amarração ao Faray 400; por êle poderá embarcar-se a gazolina e possivelmente dar reboque ao aparelho para o voltar na estreita calheta a fim de que possa continuar a viagem.

— Infelizmente, não podemos ainda noticiar a partida de Cabo Verde...

O concerto da torre Eiffel

— Ainda não podemos. Entretanto, emquanto não veem noticias, não quero privá-lo do nosso concêrto habitual. Que demonio se cantará hoje em Paris?

— Em Paris?!

— Entre as quatro e meia e as cinco, o posto da torre Eiffel lança pela telefonia, a todas as estações que se encontram no seu raio de acção, um trecho de concêrto. Agora, pela semana santa, podemos até ouvir o *Stabat Mater*, de Rossini, ou o Guidon a gorgear a *ária* do *Mephistopheles*...

O comandante Nunes Ribeiro pontuou esta hipotese com outro vastissimo berro. Na casa de recepção, atulhada de galvanometros, de voltmetros, uma parede é pouca para os telefones. Os fios que estabelecem as correntes continuas ou de faiscas descem pelos muros. *Robines* de Rumskoff por todos os cantos. Uma grande mesa onde se centralisam os aparelhos de inducção. Mil aparelhos pequeninos e de aparencia rebarbatica e hostil. No meio, debatendo-se naquela imensa fisica experimental, um primeiro sargento, com o auscultador cingido nos ouvidos por um aro de metal, que lhe passa sobre a testa.

— Deve estar a começar o concêrto de Paris — diz para êle.

Um! Dois! três! Quatro!

Cinjo o auscultador com guloseima. Este telefone assustador, que me vai dizer coisas de partes remotas do mundo, é bastante misterioso. Por mais que me aplique, não oiço nada. E, de subito, um *déclanchement*, silvo agudo de corrente passando através das *bobines*. Luzes que se apagam, outras que se acendem, reflexos violaceos, estridor, vibrações. O silvo vai do grave até ao agudo vivissimo. E, de repente, uma voz clara e áspera exclama ao meu ouvido, repetindo:

«Vou numerar para sincronisar. Vou numerar para sincronisar!»

Dou um pulo, enfeixado naquela invenção de Belzebut. E a voz prosegue:

«Um! Dois! Três! Quatro! Cinco... Um! Dois!...»

Entrego o auscultador ao comandante:

— Mas isto não é Paris! Isto não é o Guidon! Esta voz fala em português... E não canta!

E' da Majoria. Sincronisam e numeram durante uns tempos. Paris não se faz ouvir hoje. Passou a hora ou, talvez, não gorgeasse ninguem. Substitue-se o aparelho da telefonia para o de telegrafia por onda continua. O receptador, o transmissor Morse principiam trabalhando, interrogando. E começam a saber-se noticias do *Avon* que está na Madeira, do *Darro* que está em Cabo Verde, de todos os paquetes que cortam a imensidade liquida e que todos transmitem em linguas diversas informações diversas, de forma que o telegrafista traduz no papel frases truncadas, em todos os idiomas, expressões de outros homens que, muito longe, para lá dos horizontes, estão falando misteriosamente comnosco. Mas não dizem nada de Cabo Verde, nem do avião.

Cinco «Kilowatts» que valem cem?

Cinco e meia. O comandante atende com benevolencia o pedido complicado de uma praça. E' uma questão de rancho entremeada com uma questão de transporte. Consultando uma carta dos arredores de Lisboa, o comandante Nunes Ribeiro resolve com equidade. E foi, depois, uma rápida visita pelo posto.

Uma grande parte dêle foi renovado depois de ser destruido em parte pela artilharia dos fortes e da Rotunda, por ocasião da monarquia de Monsanto. E' hoje, totalmente, da iniciativa do ilustre oficial de marinha que o dirige. Levantam-se construções por toda a parte. Uma série de casas identicas aloja o pessoal do posto. Na central, junto das duas enormes antenas de 80 metros de altura, que vibram lugubremente com o vento, a sala das maquinas, três dinamos potentissimos, o quadro de distribuição, a enorme bateria dos acumuladores. Ao lado, na sala dos transformadores, a tralha imensa de uma electricidade astuta e sagaz. E um letreirosinho, que modera os entusiasmos:

Ha perigo de morte
em tocar nos fios
quando passa a corrente

Centralisamos uma massa de comunicações enorme — continua o comandante Nunes Ribeiro. — Todo o serviço radio-telegrafico da Europa ocidental concentra-se aqui. E, todavia, a nossa estação está longe de ser das mais poderosas. Podemos lançar a corrente continua ou a corrente de faisca de 5 *kilowats*. Fazemos o mesmo serviço que algumas das nossas similares espanholas que têm correntes de faisca de 100 *kilowats*. E, como teve ocasião de verificar, os nossos serviços de telefonia dão uma audição muito mais nitida e muito mais viva do que qualquer vulgarissimo telefone com fios.

— E' verdade.

Os homens simples e grandes

Cá fora, já na encosta da serra. Outra voz do comandante, mais velada, com uma leve emoção:

— Um homem chamado Hawker tentou a travessia do Atlantico nor-

(Continuação em Ultimas Noticias)

Gago Coutinho

O capitão de mar e guerra Gago Coutinho entrou na marinha como aspirante adido ha 36 anos, em 1886. Era guarda-marinha quatro anos depois, em 1890, e foi promovido a capitão de mar e guerra ha proximamente 4 anos, em 1918. Fez a campanha de Timor, sendo nomeado adjunto á comissão de demarcações dêsse distrito da Oceania no ano de 1898. Em 1904, fez a delimitação da fronteira luso-britanica no distrito de Téte e em 1906 foi chefe da missão geodesica á Africa Oriental. Em 1911, foi delegado de Portugal junto das missões inglesa e belga, para determinar o ponto de intersecção do meridiano de 24° com a dicisória das aguas Zaire-Zambeze e, mais tarde, procedeu á demarcação de uma parte da fronteira de Angola. Em 1911, foi adido á comissão de cartografia; no mesmo ano, fez parte da missão de demarcação da fronteira luso-britanica do Barotze. Ha 3 anos foi nomeado vogal efectivo da comissão de cartografia das colonias. E' da Academia de Sciencias de Portugal. Tem a medalha de ouro da campanha de Timor, é comendador da Ordem de Aviz e oficial da Torre e Espada. Foi louvado pela viagem aerea Lisboa Funchal e tem a medalha militar de prata de bons serviços.

Como homem de sciencia, a autoridade do capitão de mar e guerra Gago Coutinho é indiscutivel. Dos seus serviços na delimitação de fronteiras nasceu-lhe a ideia de um sextante aperfeiçoado, que depois corrigiu e que foi, por assim dizer, o ponto de partida que originou a invenção dos aparelhos de que agora se serve no raid Lisboa-Rio e que dá a esta tentativa um caracter acentuadamente scientifico.

Homem que cultiva um saber inteiramente desinteressado, o comandante Gago Coutinho não é apenas um ilustre oficial da marinha portuguesa. E' um homem de sciencia citado em todas as marinhas do mundo.

EVANGELISMO

Recapitulação em Sexta-feira Maior

OS EFEITOS INIQUOS DAS LEIS 1040 E 1244 MOSTRAM-SE EM TODO O SEU -§- -§- -§- EXPLENDOR -§- -§- -§-

O capitão Ribeiro d'Almeida era de infantaria 32 quando da monarquia do norte. Comandava ao tempo uma companhia, no Porto e encorporado nas forças rebeldes tomou parte no combate de Angeja ao lado dos monarquicos. Reimplantada a Republica foi preso e demitido pelo sr. Helder Ribeiro.

Entrou na Penitenciaria, foi julgado como civil e respondendo nessa qualidade em conselho de guerra foi «absolvido por unanimidade». Em vista desta absolvição requereu ao sr. ministro da guerra a sua readmissão no exercito.

O sr. Helder Ribeiro, o mesmo ministro que o havia demitido, reintegrou-o, punindo-o com 8 mezes de inactividade que cumpriu em Elvas. Já meio doido provavelmente, este oficial era positivamente uma bola neste tumultuar de decisões. E não ficou por aqui o desfilar perpetuo de situações diversas. Em virtude da lei 1040, publicada «um ano depois» o capitão Ribeiro d'Almeida foi demitido depois dos seus oito mezes de Elvas, depois da sua «absolvição maxima», depois de todo este fadario de Judeu Errante. Poderia supor-se que a coisa ficava por aqui. Mas não. Surge a emenda, nasce a lei 1244 e o capitão Ribeiro d'Almeida é reformado.

O capitão Antonio Cruz Junior esteve em infantaria 32, em Penafiel quando a cidade soube da proclamação da monarquia no Porto e a ela aderiu tambem. O comandante de infantaria 32 proclamou então a monarquia das janelas do quartel, mandou convocar as reservas, desembestou com tremendo aparato belico, bandeiras, hinos, toda a lira e harpa completa. Passados porem 10 dias, ou por estar mal de saude ou por outro motivo que de facto não vem a talho de foice, este comandante deu parte de doente. E o oficial mais antigo o capitão Cruz Junior assumiu o comando, agarrou-se desesperadamente ao telegrafo, preveniu do facto a 3.ª divisão de que dependia, reclamando novo coronel, novo comandante. E de facto horas depois aparecia vindo do Porto, um outro comandante para infantaria 32.

O capitão Parada Leitão, tambem de infantaria 32, ao proclamar-se a monarquia aderiu a ela fazendo a declaração ao novo regimen «por escrito». Esta declaração está apensa ao seu processo, e irrefragavelmente clara, pois apesar disso «não sofreu pena alguma», não foi atingido por nenhuma das suas leis Evangelistas e encontra-se actualmente na Guarda Fiscal onde é de confiança!!!

Os capitães Piçarra e Novais pertenciam á Guarda Republicana do Porto. Tomaram parte na proclamação da monarquia. Quando do restabelecimento da Republica foram-lhe levantados autos—que «foram arquivados». Nunca ninguem os incomodou. Um está actualmente no Ministerio da Guerra e outro arregimentado na Figueira da Foz.

O tenente-coronel Nunes de Abreu estava no Estado Maior e em virtude da Ordem da Junta Governativa fez a sua declaração de acatamento ao novo estado de coisas como de resto o fizeram centenas de individuos. A sua declaração «foi o unico delicto cometido» mas como não fez desaparecer mais tarde a sua declaração, «como tantos outros o fizeram», foi punido com 4 mezes de inactividade e pela lei 1244 é reformado!

O capitão Napoleão, da Administração militar estava na Povoa de Varzim onde era tambem professor oficial. Nesta dupla qualidade fez «duas declarações por escrito», reconheceu duplamente a monarquia. E' justo que estas declarações estejam juntas ao seu processo, «nada sofreu» e é oficial de confiança!

O tenente Figueira era chefe de banda da Guarda Republicana no Porto ao tempo de Paiva Couceiro. O «seu crime» foi cumprir as ordens do seu comandante continuando a reger a banda. Este «terrivel» desacato foi punido com tres meses de inatividade e vai agora ser reformado!

A lei que se publicou apoz a reimplantação da Republica no norte, dava atribuições ao ministro da Guerra para aplicar os seguintes castigos: Inatividade, Reforma, Separação do serviço e Demissão.

Entre outras anomalias, que contaremos, deu-se a seguinte:

O coronel Henrique Batista foi comandante da 3.ª divisão durante algum tempo em que esteve implantada a monarquia no norte. Foi punido com a «reforma». Entendeu o ministro da Guerra que a sua falta merecia a «segunda penalidade».

O major medico Magalhães, cuja falta foi continuar a prestar os serviços clinicos sem se preocupar com monarquia ou republica, foi punido com 3 meses de inatividade, «primeira penalidade».

Vem a lei 1244 que não atinge o coronel Batista, mas atinge o seu subordinado major Magalhães, «reformando-o!»

O oficial que cometeu menor falta, na opinião do ministro da Guerra que estudou os processos, «é punido duas vezes», o que cometeu maior falta, tendo exercido um logar de destaque, na opinião do mesmo ministro, «é punido uma vez!»

O tenente Chambo, de infanteria era oficial da guarnição do Porto quando ali foi proclamada a monarquia e combateu em Estarreja contra as tropas republicanas. Reimplantada a Republica nomeou-se a si proprio comandante de infanteria 6 publicando uma ordem regimental proclamando a Republica! Foi-lhe levantado um processo que «foi mandado arquivar» encontrando-se actualmente este oficial arregimentado, cremos que em Tomar. E é de confiança!

O capitão Ribeiro de Almeida, ao ser proclamada a monarquia no Porto apresentou-se a Paiva Conceiro e apesar de revolucionario de 5 de outubro, deu-se como perseguido pela Republica e preterido na promoção, pelo que foi mandado apresentar em infantaria 18 «pondo os galões de major»! Magnifico! Ao voltar da Republica «tirou os galões de major» e com este «tira» e com este «põe», conseguiu atestados que lhe fizeram «arquivar» o processo, continuando no serviço efectivo. Reformou-se voluntariamente tempos depois...

O major Barbeitos, tambem de infanteria comandou as forças do 9 no alto do Penedo contra as forças republicanas vindas de Vizeu e do comando do general Abel Hipolito.

As forças monarquicas, «recosas» retiraram para Regoa e o major Barbeitos que posteriormente esteve preso na Penitenciaria de Coimbra, respondendo no tribunal especial do Porto, apresentou atestados de bom republicano passados por «individuos de norte a sul e de leste a oeste» e viu arquivado o seu processo. Encontra-se actualmente arregimentado, já foi promovido a tenente coronel—e é de confiança! São todos de confiança!

Alferes Antonio Ribeiro da Silva, que foi de infantaria n.º 32. Este oficial encontrava-se de licença de campanha em Penafiel. Regressára de França bastante doente e gazeado. Recebeu ordem de se apresentar no regimento, sendo nomeado subalterno duma companhia que marchou para Vila Real. Foi punido com os seguintes castigos: 1.º 6 mezes de inactividade; 2.º 1 mez de prisão correcional; 3.º tendo-lhe sido aplicada a lei 1040, por ter estado na guerra, «foi simplesmente», reformado, porque «se não tivesse tido a sorte» de ter estado em França «era simplesmente demitido»; 4.º com a lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos que tinha como reformado, porque aquela lei, para ainda a tornar mais odiosa, diz que não é aplicada aos oficiais reformados em virtude da lei 1040, o disposto na lei 1039! O seu antigo comandante do regimento, tenente coronel Carneiro Pinto, que não esteve em França, foi-lhe arquivado o auto disciplinar, punido com 3 mezes de prisão correcional, e agora reformado. Este oficial proclamou a monarquia com toda a solenidade no quartel, assistiu a festas, deu ordens oficiais, fez sair todas as forças requisitadas, etc., etc. O seu comandante de divisão, coronel Henrique Baptista que deu ordens para toda a divisão, durante algum tempo em que a monarquia esteve no norte, e que não esteve na França foi punido somente com a reforma! O pobre do subalterno que apenas cumpriu ordens apanhou «a metralha toda»! O comandante do regimento que «o nomeou», e o comandante da divisão que «requisitou a força», e que eram protegidos tiveram penas muito menores.

O alferes Joaquim Ferreira da Silva, de infantaria 20, fez parte, como subalterno, duma companhia que combateu contra as forças republicanas. Esteve algum tempo preso, mas como «teve bons padrinhos», foi tudo «abafado» e nada sofreu, continuando a fazer serviço no seu regimento e com certeza que «é de confiança!» Este oficial é miliciano, e todos os outros seus camaradas, milicianos, que cometeram faltas muito menores são «todos demitidos», em virtude da lei 1241.

Alferes Antonio Vaz d'Almeida, da Administração Militar. Este oficial depois da implantação da Republica no norte esteve preso 125 dias, punido depois com tres mezes de inactividade, e agora pela lei 1244 é reformado! O seu comandante Joaquim da Silva Geraldo, major da Administração Militar, comandava o 3.º grupo da Companhia da Administração Militar na Povoa de Varzim. Deu todas as ordens de serviço ao alferes, que apenas as cumpriu. Pois o alferes, «apanhou» e «apanha tudo», e o comandante, «que é dos nossos», nada sofreu sendo nomeado, «como recompensa», inspector dos Serviços Administrativos da 4.ª Divisão. Passado um ano requereu a reforma, gosando actualmente os prazeres do descanço e da tranquilidade bem adquirida... Não o censuramos por isso.

Capitão, hoje major Chelmik, da Administração Militar. Este oficial era capitão, e no Porto durante o tempo em que ali esteve a monarquia, fez, por conta da Junta Governativa, compra e distribuição de fardamento para as tropas, organisou comboios de viveres destinados ás colunas que combatiam as forças republicanas.

Nada sofreu!! Foi louvado por ordem da 3.ª divisão!!! E está actualmente em Lisboa na 2.ª Repartição do Ministerio da Guerra!

Alferes Patacas da Administração Militar. Era o ajudante do major Chelmik, coadjuvando-o portanto em todos os serviços de que aquele oficial foi encarregado. Nada sofreu como aconteceu ao seu hierarchico superior!

Os valores portuguezes

DEPOSITADOS NO EXTRANGEIRO SOBEM A MAIS DE 80 MILHÕES — — DE LIBRAS — —

A carta que a seguir publicamos e simptomatica e é para os assumptos que nela se tratam que devem convergir um pouco os cuidados dos nossos homens de estado que assoberbados pela politica só tem tempo para pensar em cousas simples.

Sr. Redactor—O sr. Ministro das Finanças disse a verdade ao Paiz, quando declarou no Parlamento que, lá fóra, ha mais de 80 milhões de libras depositadas e para o demonstrar começarei precisamente pela Companhia da Zimbezia, de que s. ex.ª é socio e é ou foi director.

Relatorio e Contas da referida Companhia relativo ao Exercicio de 1920:

ACTIVO—Depositos á ordem: Banco Ultramarino-Lisboa Libras: 5. 0. 1; Banco Ultramarino-Londres Libras: 13.433.2.1; Banco Industrial Libras: 1 616.13.10. Total: 15.054.16.0.

Banco Ultramarino 245.594 Francos; Banco Industrial Francos: 739,70; Comité de Paris Francos: 6.422,40. Total: 252.686,10.

Banco Ultramarino-Paris Marcos: 6.313,35; Banco Ultramarino-Londres Marcos: 210.896,26; Total: 217.209,61.

Estes são os depositos-ouro da Companhia da Zimbezia. Logo, o sr. Ministro das Finanças, vendo o que se passa em sua propria casa, avalia facilmente o que se passará na casa alheia e dahi a razão porque s. ex.ª declarou que: *não será patriotico deixar o dinheiro lá fóra, mas que é prudente!...*

Relatorio e Contas da Companhia do Borór relativo ao Exercicio de 1920.

ATIVO—Agencia de Marselha: Em Caixa-ouro rs. 1.511$208; Depositos á ordem rs. 8.747$522; Papeis de credito, rs. 516.876$900; Devedores diversos rs. 171.874$260; Contas em suspenso rs. 139.757$163. Total: 837.760$555 que, ao cambio de 20%137 (media anual da libra em 1920) faz Libras: 41,6.3.

E' certo que, por contra partida, a Companhia do Borór, tem na sua conta de Passivo o sobre a mesma rubrica (Agencia em Marselha) rs. 1.201.465$235 mas isso, para o caso, apenas quer dizer que esta Companhia, alem dos 838.760$682 reis-ouro que tem na sua referida Agencia, tera que lá pôr mais 262.704$682 reis-ouro, para fazer face ao pagamento de 1.201.465$235 ouro que saíra do Paiz, arrancado á economia nacional, como sairam os 838.760$682 rs.

Relatorio e Contas da Companhia do Nyassa relativo ao Exercicio de 1920.

Acções depositadas, caução Libras, 14.000; Depositos particulares Libras, 176.491; e note-se que no passivo desta Companhia figura o saldo da Trustees dos Obrigacionistas do Ibo Investment Trust Ltd com a quantia de Libras, 324.538|8|6 e o saldo da conta de Nyassa Consolidated Ld. Libras, 526 267|6|1 quér dizer: são Libras, 850.805|14|7 que hão de sair, ou já sahiram, visto estarmos em 1922, do Paiz, arrancadas sempre á economia nacional.

Relatorio e contas da Companhia de Moçambique—Exercicio de 1920.

ACTIVO — Caixa - saldo, libras 898|0|0; Banco Ultramarino, com deposito, libras 183.351|7|0; Comité de Paris, saldo Bons du Trésor, Comité de Londres, saldo libras 15.523|17|0; Emprestimos caucionados, libras 48.506|5|0; emprestimos de guerra, (War Loan) libras 19.208|9|7; Contas a liquidar, depositos referentes á execução fiscal, libras 417|4,3; Honorarios, libras 2.743|3|8; Devedores Gerais, saldo libras 131|0|0; Titulos de Credito, diversos em carteira, libras 53.569|0|0; Moveis e utensilios, em Paris e Londres, libras 1.043|16|11; Efeitos depositados, Devedores por efeitos, depositados, Comité de Paris, libras 2.500|-|-; Comité de Londres, libras 1.500|-|-; Banco Ultramarino, libras 41.436|0|0; Comité de Londres, com titulos credito, libras 224.997|0|2; Na conta do Passivo desta Companhia, vê-se ainda, Credores por efeitos, Depositado, logo depositos efectuados na Companhia e a ela confiados, em Lisboa, em Paris, libras 56.143|-|-: Em Londres, libras 4,000|-|-.

TOTAL—Libras 670.585|3|7.

Para demonstração ja basta, provando-se assim que um dos maiores cancros nacionais, aquilo que mais concorre para o grande descalabro financeiro e ruina do Paiz, não precisamente as Companhias Coloniais da Costa Oriental.

Veja-se o que ahi vai de libras-ouro e de que recursos extraordinarios o Estado não poderia dispor.

O MOMENTO

A "FRENTE UNICA,,

PARECE DESTINADA A DESCONJUNTAR-SE, FICANDO O SR. ANTONIO MARIA DA SILVA E O SEU GOVERNO COMPLETAMENTE ISOLADOS

O actual Governo subiu ao Poder com um mandato imperativo. Quem lh'o impoz? Em primeiro logar, a Nação, pela voz da opinião publica. E, em segundo logar, os partidos, a quem não convinha remar contra a maré. Isto quer dizer, desde já, que os partidos não são a Nação, mas qualquer coisa áparte e, por vezes até mesmo adversa á Nação. Mas não é este o aspecto do problema nacional, que nesta ocasião nos propomos esquissar, empregando o galicismo para evitar o portuguezissimo desenhar, que poderia ser taxado de pretencioso.

O mandato imperativo que o Governo aceitou foi este: manter a Ordem Publica, consolida-la e executar as reformas expostas no programa da Frente Unica. O gabinete Silva deu plena satisfação, até este momento, no que se refere á primeira parte do programa; dará ou não dará no respeitante á consolidação da ordem; desde já se pode prevêr que fracas será completamente na execução do programa da Frente Unica.

Efectivamente, o programa da Frente Unica impõe o equilibrio orçamental, como é indispensavel ao restabelecimento do equilibrio financeiro e melhoramento das condições economicas do paiz. O Governo, pela pasta das finanças, julgou encontrar a panaceia propria da situação, consistindo no aumento dos impostos, em proporções verdadeiramente vertiginosas. A contribuição predial, por exemplo, será elevada a seis vezes mais, o que arrastará, inevitavelmente, ao aumento correspondente das rendas de casas, a não ser que o proprietario prefira abandonar o predio ou que a isso o forcem.

Ora elevar as rendas dos predios está muito bem, no papel; mas está mal, até mesmo pessimamente, na pratica, porque as condições economicas dos inquilinos dificilmente suportarão um pequeno aumento e não lhes será, com certeza, materialmente possivel acompanhar as extorsões fantasistas do fisco, alapardado no ministerio da Finanças, formando um Estado maior de directores gerais e chefes de repartição junto do comandante em chefe, o sr. Portugal Durão, major-general do Almirantado da Zimbezia. Daqui se segue que...

Segue-se que o sr. Antonio Maria da Silva não pode contar com ninguem para arrancar á Nação os impostos que o sr. Portugal Durão está chocando. Não tenha ilusões a tal respeito. Não pode apoiar-se nos liberais, porque o partido, composto quasi sómente por capitalistas e proprietarios, está a estas horas a pensar na forma habil de se furtar aos compromissos tomados para execução da «Frente Unica», visto que, do contrario, os dirigentes de Lisboa ficam pauperrimos de votos, que quem os tem não são eles mas os partidaristas, principalmente os provincianos. Isto é tão intuitivo, que dispensa mais clara demonstração. E o que dizemos a respeito dos liberais, estende-se aos reconstituintes e aos proprios democraticos, excepção feita dos democraticos outubristas, dos democraticos-bolchevistas, dos democraticos-monarquistas e de muitos outros porque, Deus louvado! o partido do sr. Antonio Maria da Silva é riquissimo em todos os generos e especies da fauna politica interior. O problema é, então, insoluvel? Isso é outra questão.

Não é insoluvel. Simplesmente, a incognita da equação financeira e economica não se encontra pela aplicação das velhas regras que tiveram a sua epoca e floresceram explendidamente até 1914. Até esta data, a vida portugueza deslizava suavemente, carrilada «sur des roulettes», graças á prosperidade geral da Europa e das Americas, que sobre nós se reflectia directa e poderosamente.

A guerra destruiu o equilibrio. O mundo mantem-se, desde 1914, numa instabilidade visivel, exprimentada, do que procura sahir, mas da qual ainda não encontrou sahida.

Aplicar, em Portugal, obsoletos metodos de aumento de impostos como recurso unico, para se equilibrar o orçamento do Estado, é concorrer para agravar o mal estar geral, sem conseguir atingir o objectivo. E não se consegue por falta de riqueza. Onde não ha, todos perdem, até mesmo o rei, se ainda o houvesse e o proverbio fosse constitucional.

O que há é apenas papelorio do Banco de Portugal, dia a dia mais desvalorisado. Se, á força de violencias, for possivel ao Estado arrancar da circulação parte desse papel por meio do imposto elevado alem todas as legitimas proporções, dar-se-ha inevitavelmente uma crise pavorosa de trabalho productivo, uma elevação correspondente do preço das manufacturas, greves e perturbações, originadas principalmente, no agravamento das condições economicas da Nação. E o Estado, para evitar o descalabro, ver-se-ha obrigado a aumentar os vencimentos do seu inumeravel funcionalismo, a acudir, pela Assistencia Publica, á miseria, a dispender fabulosas somas no deslocamento continuo de tropas, que de resto serão ou não serão capazes de evitar o incendio geral do paiz. Má politica!

O momento atual demanda vistas mais largas, concepções mais inteligentes. Não é impossivel evidentemente, que o fisco capte mais dinheiro ao contribuinte, mas não o poderá surripiar em suficiente quantidade para o equilibrio orçamental; tambem é verdade que as despezas do atual estadismo patologico são suscetiveis de redução, mas nunca se conseguirão economisar os muitos milharos de contos indispensaveis para se obter um resultado decisivo; e é exactissimo que, pela aplicação das leis e imposição das sanções penais, pode conseguir-se introduzir na administração publica um pouco de moralidade, diminuindo a corrupção, se não fôr possivel extingui-la completamente.

Isto, que já é alguma coisa, poderia tenta-lo o Governo. Mas é preciso mais, muito mais. E' indispensavel, se realmente não queremos ir para o fundo do abismo, valorisar audaciosamente, arrojadamente, as riquezas latentes do paiz e dos dominios ultramarinos, promovendo, animando e auxiliando as iniciativas particulares, sempre que elas se proponham tirar do nada a hulha branca, a agricultura das colonias, as industrias que nos são praticamente desconhecidas, etc. Um sistema de grandes concessões ao capitalismo internacional, quer no continente quer no Ultramar, valorisaria os territorios e acudiria á miseria do tesouro e á miseria dos particulares. E isto é tanto mais possivel quanto é certo que somos um povo atrazado ou, pelo menos, não tão adiantado como outros, que, sendo numericamente e territorialmente menores que Portugal, nos excedem em progresso e civilisação. Citemos, simplesmente a titulo de constatação da verdade axiomatica, a Belgica, a Holanda, os Estados Scandinavos e esse admiravel paiz que da ingratidão do seu proprio territorio soube tirar excelente partido: a Suissa.

Para se fazer esta obra progressiva... Ah, meus amigos, para se conseguir isto, é preciso saber e, ainda por cima, uma grande dose de coragem moral. Não acreditamos que sejam capazes de o compreender — quanto mais de o executar!—os durões, os malheiros ou os oliveiras-silvas. E são esses que abundam e dominam.

Um inqualificavel abuso de autoridade

Civis que se arrogam o direito de ordenar e manter prisões

Ao nosso conhecimento chegou hoje um facto, que temos o dever de censurar, mesmo para que nos não atribuam responsabilidades nele. Eis o que nos contam:

Ao porteiro do Sporting Club apresentaram-se dois individuos, dizendo-se jornalistas, pretendendo entrar no edificio. O porteiro, cumprindo o seu dever, opoz-se, visto que os intitulados jornalistas não eram socios. Como eram dois e o porteiro era um, quizeram dominá-lo pela força e penetrar no edificio. Um dos jornalistas (?) apanhou uma bofetada e não gostou. Chamou, então, em seu auxilio, o oficial da policia, tenente Pio, ordenando-lhe que prendesse o porteiro e o metesse no calabouço n.º 8, o peor do Governo Civil. O tenente Pio obedeceu! Mais tarde, foi o porteiro restituido á liberdade.

Preguntamos, muito ingenuamente, ao sr. comandante da Policia se nós tambem podemos mandar prender e encafuar no calabouço n.º 8 o porteiro do seu predio, se êle nos recusar a entrada. Porque, que nós saibamos, tão inviolavel é a sua residencia, como a nossa, como outra qualquer. E o que não é justificavel é que a capa de jornalista sirva para encobrir funções policiais.

Cruzador "Carvalho Araujo"

O cruzador «Carvalho Araujo» da Marinha de guerra levantou ferro ontem ás cinco horas da tarde com destino a Argel onde deve participar na revista Naval em honra do Presidente da Republica Francesa, sr. Millerand.

Está doente o rei dos belgas

BRUXELAS, 14.—O rei Alberto dos belgas está sofrendo duma doença adquirida nos trincheiras durante a guerra.—(Lat. Am.)

ULTIMA HORA

AS VOZES DO MAR

Continuação da 1.ª pagina

te e naufragou em metade do percurso. Outros dois, Meock e Brown, voaram da Terra Nova a Irlanda, transpondo 3.000 quilometros. E houve ainda outro homem, o capitão Read, que voou da America a Lisboa, passando pelos Açores. Para estas viagens mobilisaram-se as maiores marinhas do mundo, gastaram-se milhões. As garantias de segurança eram ás centenas; nunca estavam abandonados e, se poisassem no mar, um quarto de hora depois viam-se rodeados de couraçados. E o mundo inteiro teve os olhos neles.

Fez uma pausa lenta:

—Outros dois homens, com poucos recursos, auxiliados apenas por dois modestos navios, estão em via de executar um percurso três vezes maior que qualquer dos anteriores. São sós ou quasi sós. Em volta dêles não ha o poderoso auxilio do dinheiro ou da fôrça. Têm só a energia, a audacia e a coragem. Para completarem o seu carregamento indispensavel de gazolina, prescindiram do seu telegrafo sem fios, a esperança de um rapido socorro se a mão de Deus os quizer perder. E foram. Sós. Sós! E quando subiram de além, daquela doca pequenina que está vendo rebrilhar lá em baixo, á beira do Tejo, no fundo misterioso das suas almas havia apenas êste dilema: ou chegar ao Rio de Janeiro ou morrer. Que lhe parece isto, senhor jornalista?

—Parece-me grandemente e simplesmente nobre, senhor comandante.

As burlas na Exploração do Porto de Lisboa

O director da Policia de Investigação, sr. dr. Reis Junior, auxiliado pelos seus adjuntos e pelo agente Amado, proseguiu hoje nas suas diligencias sobre as burlas ultimamente descobertas na Exploração do Porto de Lisboa. Foram mais uma vez interrogados o tesoureiro Gregorio José da Cunha e o aspirante João Brasiel, não se tendo efectuado até agora mais nenhuma prisão.

No Governo Civil correu o boato de que o director da Investigação, acompanhado do chefe Tavares e do agente Amado, havia andado, de madrugada, no automovel do chefe do distrito, pela rua da Gloria, procedendo a diligencias, que não deram resultado. Sabemos que esta diligencia nada teve com o caso das burlas da Exploração do Porto, mas sim com o facto de ter sido indevidamente posto em liberdade um individuo de nome Joaquim Costa, que agrediu, a cavalo marinho, o capitão sr. Costa Junior, o qual se encontra em perigo de vida. O Joaquim Costa, que foi sôlto por ordem da Policia de Investigação, recolheu mais tarde a um dos quartos particulares do Governo Civil, por no caso ter tido interferencia um dos ministros.

Em poucas linhas

Foi presa hoje a conhecida gatuna de forasteiros, Julieta da Conceição, bêco do Monete, 3, loja, que furtou a quantia de 3.000 escudos a Manuel Joaquim Martins, rua dos Fanqueiros, 139.

—Tambem foram detidos os carroceiros Jacinto de Oliveira e Felizardo Lopes, que praticaram um furto de café, no valor de 800 escudos.

—O sr. governador civil teve hoje conferencias com os operarios mobiliarios, antigos empregados da Carris, industriais de padarias e padeiros. Como de costume, esteve tatando de assuntos referentes ás gréves daquelas classes. Um engenheiro dos electricos esteve tambem no Governo Civil, participando que um grupo de antigos grévistas havia aparecido na estação de Santo Amaro reclamando a sua entrada na Companhia, conforme lhe fôra aconselhado pelo chefe do distrito. Ocioso se torna frisar que tal *imposição* não tinha o menor fundamento.

A Conferencia de Genova

As discussões preliminares

GENOVA, 14.—Os srs. Lloyd George, Borthoe, Schanzer e Theunis, reuniram assistindo á reunião os srs. Barrere e Seydiux.

Discutiu-se o relatorio dos peritos de Londres numa atmosfera de absoluta cordialidade e mutua confiança.

Dizem os meios autorisados russos que os soviets executarão as obrigações financeiras contraidas pelos seus antecessores; a Russia compromete-se tambem a assumir a responsabilidade pelos prejuizos que sofreram na Russia os subditos das outras potencias. Quanto aos prejuizos que sofreram os russos em consequencia das expedições contra os soviets é de esperar que se encontre um terreno de entendimento, encarando a possibilidade da redução a um terço das dividas russas.

Igualmente é possivel que o mesmo terreno de entendimento se encontre com respeito aos tribunais arbitrais previstos pelos peritos e que os soviets consideram como atentatorios da soberania Russa.—(H)

Os entendimentos prévios e as sessões preliminares

GENOVA, 14.—Os delegados russos pediram á primeira comissão, aquela que vai ocupar-se do problema russo, prorrogação até maio do praso concedido para se inteirarem do relatorio e projecto formulados pelos peritos das cinco nações convocantes na reunião de Londres em março e terem tempo de apresentar nova contraproposta.

No projecto dos peritos uma omissão de obrigações acudiria ás necessidades mais urgentes da Russia e com elas seriam pagas as dividas deste paiz. Estas obrigações poderiam ser colocadas no estrangeiro e deveriam ser garantidas pelos rendimentos da Russia sob a fiscalisação duma comissão internacional. Esta comissão deveria ser composta de membros nomeados pelas altas potencias, e dum presidente independente que seria escolhido de acordo pelos referidos membros e por outras personalidades. Em caso de desacordo esse presidente seria indicado pela Liga das Nações, quer pelo seu conselho, quer pelo tribunal Permanente Internacional de Justiça.

Esta comissão deveria ocupar-se principalmente de estabelecer a constituição e a forma do processo dos tribunais arbitrais para o serviço das obrigações.—(Lat. Am.)

GENOVA, 14.—Ontem ás 16 horas reuniu a comissão de verificação dos plenos poderes, sob a presidencia provisoria do Barão de Celesia, delegado italiano.

Antes de mais nada a comissão tratou da eleição da presidencia definitiva, confirmando por unanimidade nesse cargo o Barão de Celesia.

A seguir e por proposta do delegado francez, embaixador Barrere, resolveu nomear uma sub-comissão composta de cinco juriconsultos escolhidos entre os peritos da propria comissão e encarregada de examinar os plenos poderes e redigir um relatorio que será submetido á aprovação da comissão.

Esta sub-comissão ficou composta do Barão de Celesia pela Italia, do visconde de Avignon pela Belgica, do sr. Fromagio pela França, do sr. Cecil Hurst pela Inglaterra e do Barão de Hayashi pelo Japão, e resolveu reunir hoje ás 11 horas e 30 minutos.—(A.)

GENOVA, 14.—Ontem, ás 16 horas, reuniu no palacio real a segunda comissão, a financeira, em sessão plenaria, para aprovar a nomeação, ante-ontem proposta, de duas sub-comissões, uma para os creditos e outra para os cambios.

Mais um membro foi nomeado para a sub-comissão da circulação representando a Romenia. Esta sub-comissão ficou agora com doze membros representando as potencias convocantes e mais a Alemanha, a Russia, a Holanda, a Dinamarca, a Tcheco-Slovaquia, a Finlandia e a Romenia.

A sub-comissão para os creditos ficou composta dos representantes das potencias convocantes e mais da Suecia, Austria, Letonia, Espanha e Suiça.

A sub-comissão para os cambios compõe-se dos representantes das potencias convocantes e mais da Polonia, Yugo-Slavia, Grecia, Noruega e Hungria.

Foram aprovadas estas resoluções como as mais adaptadas e capazes para fornecer os meios e a oportunidade de fazerem conhecer os seus pontos de vista ás nações mais interessadas. Logo depois da sessão plenaria, a sub-comissão da circulação teve a sua segunda sessão, na qual foram apresentadas várias propostas de emendas ao projecto dos peritos, que reuniram em Londres, e, depois de breve discussão, foi resolvido nomear uma outra sub-comissão, composta dos mais notaveis economistas, residentes actualmente nesta cidade, para estudarem o assunto e apresentarem propostas práticas. Esta nova sub-comissão reunir-se-ha hoje, ás 10 horas, e ficou composta de *sir* Basil Blackett, presidente; dr. Vissoring, professor Cassell, mr. Avanol, *sir* Henry Strackosch, mr. Dubois, *herr* Havenstein, mr. Gattier, *signor* Bianchini, mr. Pospisil, mr. Brant. Hoje reunem tambem as comissões e sub-comissões dos transportes, o *comité* tecnico, a sub-comissão financeira de circulação, a sub-comissão economica, a sub-comissão de verificação de plenos poderes e a sub-comissão do problema russo.—(Lat. Am.).

O bolchevismo russo visto pelo oculo do "Pato-Mudo"

Enquanto os delegados sovieticos á Conferencia de Genova ostentam um luxo asiatico, os vassalos do Czar -:- -:- Lenine morrem á fome... -:- -:-

O «Pato-Mudo», orgão sovietico da desorganisação operaria portugueza, continua a fazer uma reportagem documentada da situação miserrima a que o bolchevismo conduziu a desventurada Russia. Não encontramos nada de melhor que reproduzir a prosa do «Pato-Mudo», auxiliando-o assim na sua propaganda, que não temos duvida em completar dizendo que é destinada a despertar a piedade portugueza, enviando-se donativos ao «Pato-Mudo» para ele comer em socorro dos famintos russos. Já vê o «Pato-Mudo» como nós somos amigos! E tanto que lembramos ao orgão da U. S. O. que envie uma mensagem ao ilustre Titcherine e mais aos seus duzentos acolitos para que cedam uma parcela do seu luxo afim de engrossar o valiosissimo donativo que o «Pato-Mudo» vai enviar ás longiquas regiões do Volga. Olhe que isso sempre póde dar uma verbasinha mas não mal!

«Cada vez que, num jornal operario do mundo, leio estas quatro palavras horrorosas: «A fome da Russia» —eu duvido contra minha vontade que se saiba bem o que eles querem dizer tudo o que elas querem dizer de atroz, de inexprimivel, de inumano... As palavras criam vicio. Eu tenho receio que os operarios, os camaradas mesmo se habituem a esta «rubrica». Pronunciam-se estas palavras á mesa, nos cafés, numa conversação de acaso como palavras ordinarias. Elas significam na verdade uma coisa formidavel e dolorosa, sabe-se,—mas longiqua e como que impenetravel.

Pois bem, é preciso que isto não suceda mais........................

Os nossos jornais estão repletos de coisas tais que Edgar Poe não as escreveu mais horriveis. Os nossos espiritos igualmente os atormentam as mesmas coisas. O pesadelo existe por toda a parte. Vós tendes lido muitas vezes: «Vinte milhões de seres humanos morrem de fome... Mas vós não sabeis o que isso quer dizer. E' impossivel que o saibeis. Este numero e estes factos ultrapassam as nossas faculdades imaginativas. Trez Belgicas inteiras, metade duma França na agonia. Que agonia! — Compreende-se? (Victor Serge).

Para compreender será preciso ler estas «Cartas das regiões famintas» que publicam os jornais russos.

Elas dizem, essas cartas, que os homens comem ervas... e até terra: morre-se mas com um pouco menos de sofrimento. Abandona-se as crianças para não as ver sucumbir. E eis, literalmente, o que se vê quando se chega á gare da estação do caminho de ferro de Samara, centro do paiz devastado.

«Uma imensa acumulação de imundicies e de excrementos humanos. A pouca distancia não se distinguem formas humanas. As moscas ao de cima formam uma nuvem. O ar é sufocante devido ao fétido dos esqueletos que se mistura ao fedor dos suores e das dejecções. Aproximai-vos e vereis aqui e ali, neste amontoamento, um semblante, uns olhos... Os arredores da gare, a perder de vista, estão assim cobertos duma multidão que tem a imobilidade da morte.»

«Nestes ultimos tempos, nota-se uma forte proporção de suicidas causados pela fome, principalmente entre as crianças.

«Mas é preciso citar os testemunhos edificantes dos não bolchevistas, dos representantes das organisações de socorros estranhos ao sovietismo, que teem visitado as regiões famintas.

«E' o senhor Spassky, delegado da Sociedade Russa da Cruz Vermelha, que fala:

«Eu regresso de Samara. Contar? Descrever? Não ha palavras para dizer o que eu vi. Horror? Pesadelo?

«Estas palavras são demasiado fracas! Eu cheguei ao meio dia á planicie Semeikino, a aldeia estava meio vasia, os camponeses tinham partido. Para onde? Não importa para onde: á aventura. Entrei na primeira casa que se me deparou e falei com a dona da casa. «Veja o meu filho», disse-me ela. Eu olhei: estava horrivel de ver! Horrivel? Ah! devia haver uma outra palavra, mas a linguagem humana não tem nada semelhante.

«O ventre era enorme, os pés eram dois trambolhos, e na carinha, enrugada, azulada, já morta, dois olhos entumecidos, cercados de vermelho, lacrimejavam, lacrimejavam... Parecia não ter peito, não possuir senão um ventre monstruoso. Tres anos e meio. Tomei-o nos meus braços: não pesava certamente dez libras (pouco mais ou menos quatro quilos e quinhentas e noventa gramas).

«Os dois mais velhos já morreram, disse tranquilamente a camponesa. E este... Eu não sei o que devo fazer.. Ele não morre! Será preciso talvez que eu o mate...»

«Jamais, jamais eu esquecerei como estas palavras foram pronunciadas. Elas foram ditas com uma simplicidade e uma tranquilidade extra ordinarias.

«Numa casa vizinha, uma mulher tinha cortado a cabeça a seu filho a golpes de machado. «Enterrou-se ontem», disse-me, no mesmo tom tranquilo, uma velha, e, como lhe parecesse que eu não compreendia: «Mas que quereis pois que nós façamos de nossos filhos? De toda a maneira, nós sabemos que êles morrerão. «Nós o cabemos». Não há muito tempo havia o cólera. Ao menos com o cólera, isto vai depressa, não os vemos sofrer durante semanas.., Mas presentemente diz-se que já não há cólera!...» Ela deixou cair os seus braços num grande gesto impotente.

«A planicie está mergulhada numa calma medonha. A calma: é o que caracteriza a fome; eu direi mesmo o silencio. Um silencio que não se pode imaginar um silencio de pesadelo. Nenhum ruido, quasi nenhum movimento, uma resignação, uma submissão sobre humana. Cada aldeia está pronta a morrer tranquilamente; não se ouvirá nenhum murmurio; eles teem os dias contados, eles calcularam as demoras: «Dentro de quinze dias já não haverá mais herva para comer; nós podemos prolongar isto até ao principio de novembro, nós começaremos a morrer em Dezembro e pelo Natal estaremos todos na sepultura».

Foi um delegado dos Quarkers. (Uma das organisações estrangeiras de socorros) o sr. Colterel, quem, no Congresso de Berlim, mostrou o pão que em certos lugares (por toda a parte está-se desprovido dele) viu dar ás crianças: é uma mistura feita com a pele de cavalos mortos, bolotas moidas e terra argilosa...

O sr. Colterel enumera as aldeias que atravessou e onde viveu para nelas instalar socorros;

«Aqui, diz ele, é uma aldeia de 40 familias. 400 habitantes ao todo. Quando saí de lá, 320 tinham morrido. A esta hora, a aldeia deve estar despovoada. Cincoenta e cinco verstas mais longe, encontra-se uma vila de 9.000 habitantes. Em setembro morreram 150. Em outubro 1.000. Em novembro 1 500 e quasi outro tanto desde o começo de dezembro. Quantos existirão actualmente? Em volta de Buzuluk, os mortos de frio, os mortos de fome estão estendidos por terra, despojados das suas roupas porque os sobreviventes se vestem com elas... De tempos a tempos passa um carro que os levanta do chão para os deitar numa enorme cova aberta no meio do cemiterio.

«Na creche da aldeia, onde 700 crianças se encontram amontoadas, morrem 35 por dia; os vivos e os mortos ficam durante dias e noites no mesmo leito, até que o vigilante venha fazer o seu giro, epalpando os pequenos corpos, leva os cadaveres, deixando atrás de si outros pobres pequenitos esperando docilmente a morte.

«Lembra-me do que me aconteceu quando saia da créche. Eu vi, não longe de mim, uma criança de 4 a 5 anos afastar-se correndo na direcção do campo. Consegui apanha-la:—Onde vais tu? A creança tremia, tinha o aspecto dum animalsinho apanhado no laço.—Eu não quero voltar mais para ali! balbuciava ela apontando a cheche, eu me salvei; deixe-me salvar!... E como eu o interrogasse:—«Veem todos os dias buscar-nos para nos levar para o cemiterio, disse ele, levam-nos uns atraz dos outros. Agora seria a minha vez, eu cá não quero ir para o cemiterio e por isso.. eu me escapei...»

A região de onde eu venho conta 600.000 habitantes. Se se conseguisse dar a mais extraordinaria celeridade no envio dos socorros,—mesmo que lhos levassemos amanhã—não os salvariamos todos. Somente 400.000 podem ser arrancados á morte, os outros 200.000 estão já condenados!

Influencia da instrucção Militar Preparatoria

Todas as nações da Europa e outras do Novo Mundo e da Asia, já anos antes da grande conflagração que assombrou o Mundo, envidaram os seus esforços para prepararem a sua mocidade a ser forte e robusta ao entrar no periodo da encorporação militar. E assim a Alemanha esse colosso militar que fez tremer a Europa, acarinhava as sociedades de ginastica e tiro e as de preparação militar, tendo por divisa, que o maior merito do alemão «era o ter feito o seu serviço militar».—A Austria ao declarar-se a guerra contava mais de mil sociedades de prepação militar.

A Italia alem de numerosas sociedades de ginastica e tiro, possuia os seus batalhões escolares. A França, que desde 1870 se preparava para a desforra de Sédan, tinha em larga escala as suas sociedades de preparação militar. O Japão, o metodico Japão, desde a escola primaria, cujo professorado é um modelo educativo, dava a maior atenção á educação fisica dos seus mancebos. A Suecia, a patria do Ling, o fundador da ginastica educativa, dava a esta a maior atenção, creando os seus jovens, moços robustos, sadios, de formas atleticas e elegantes. Na pequena Suissa, com a sua organisação miliciana, e em cada suisso é um soldado, as sociedades de ginastica e tiro eram tudo para a defesa nacional.

Finalmente a Inglaterra e os Estados Unidos, tinham as suas magnificas sociedades de Escoteiros, que lhes facilitaram a encorporação de mancebos aptos para resistirem desde logo aos trabalhos militares.

Quanto em Portugal, diga-se em abono da verdade, que desde remotas datas possuiu as suas milicias e ordenanças, não esquecendo a celebre Ala dos Namorados até á pratica dos seus belos cavaleiros medievais. Melhor que as milicias de 1649 e 1836, não houve em parte alguma e a propria Prussia, copiou a sua organisação. No regulamento dessas tropas se englobava a ginastica e a esgrima.

—Mas houve mais; em virtude da lei de descentralisação de 2 de maio de 1878 e 11 de junho de 1890, que entregava o ensino primario aos municipios, criou a Camara Municipal de Lisboa os batalhões escolares. A lei draconiana de 1892 arrancou aos municipios essa regalia preciosa, e os batalhões, que eram uma base para a I. M. P. foram dissolvidos!

Proclamada a Republica, o governo provisorio decretou a lei do serviço militar pessoal e obrigatorio e a organisação do exercito que se lhe seguiu trouxe como consequencia a criação da I. M. P. instituição posta em vigor pelo decreto com força de lei de 26 de maio de 1911.

As vantagens de tal instituição são bem conhecidas e ela tem já a sua historia muito honrosa, e até o seu martiriologio.

E' grande a influencia da I. M. P. na sociedade portugueza, constituindo um grande factor de disciplina e de ordem moral no povo; e de ordem fisica e educativa na mocidade. No proprio diploma basilar se vê isso.

Começando pelo primeiro grau, desde os 10 aos 16 anos, já ela ahi prepara para a pratica da disciplina e da boa ordem, á obediencia, ao desenvolvimento fisico e metodico; ao cumprimento de deveres finalmente. Tem o seu maior desenvolvimento durante os tres anos, no 2.º grau; durante este tempo, todo o mancebo alistado, que haja sido assiduo ás secções de instrução e tenha percorrido todo o teclado da preparação, desde a escola primaria, até á incorporação nas sociedades, deve dar um bom cidadão soldado, pela compreensão de deveres disciplina social, boa camaradagem, resistencia adquirida, tudo no meio em que viveu durante o tempo de alistamento.

As prelecções a que assistiu sobre educação civica, sobre deveres sociais, pelos conhecimentos assimilados, exemplos recebidos duma pleiade de instrutores com competencia, tudo finalmente concorre para os efeitos de «ordem moral e de ordem educativa».

Da «ordem fisica», é inegavel a vantagem da I. M. P. pois que alem do desenvolvimento que resulta da ginastica educativa dos 10 aos 15 anos «primeiro grau», ha a do segundo grau que toda ela é uma ginastica de aplicação. Pois outra coisa não é:—a ginastica com arma e sem arma, o manejo de arma, a esgrima de baioneta, a corrida de obstaculos, as marchas, as evoluções, a equitação, o volteio, etc.

Tudo isto contribui para o desenvolvimento e robustez, sujeitos a ordem, ao metodo, a obediencia nacional das coletividades, preparando o espirito para o respeito que cada um deve a si e aos seus camaradas.

As palestras e conferencias sobre regulamentos e sobre as leis da Republica, muito contribuem para a educação e instrução; feitas nas salas da I. M. P. e publicas, são até fatores de educação popular.

E' pois na fieira da I. M. P. por onde todos os mancebos devem passar antes da encorporação militar, que se reconhece o verdadeiro principio da igualdade e da disciplina, bem como o cumprimento das leis, fatores sociais, infelizmente tão despresados entre nós. Nestes principios se englobam pois, todos os fatores de «disciplina social, ordem moral, fisica e educativa.» —Miguel Garcia, coronel

TEATRO

Noticiario

Portugal

A Orquestra Filarmonica de Madrid, que deu ultimamente concertos no teatro de S. Carlos, vai, segundo se diz realisar novamente no Porto uma serie de concertos.

—Consta-nos que um dos nossos primeiros dramaturgos apresentará brevemente no teatro Nacional um original seu destinado a grande exito.

—A Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro toma parte ativa na festa dedicada ao seu ilustre consocio maestro Manuel Benjamim. A maior parte do programa é desempenhado por socios da Associação.

—Com a primeira representação do original portuguez, de Jorge de Castro, «Aspétos», e de um ato, de Alfredo Gameiro, «Cartas são papeis,» realisa-se ámanhã, no Chiado Terrasse, a 7.ª e ultima recita de assinatura e despedida da companhia Luz Veloso. Na primeira das peças tomam parte os artistas Luz Veloso, Maria Clementina, Alice Pereira, Rafael Gomes, Joaquim Miranda, Salvador Costa e Duarte Costa, e na segunda Maria Clementina e Salvador Costa.

—Hoje não ha espectaculo no Avenida. Amanhã, mais uma representação da popular opereta «O toureador», o grande sucesso da companhia Satanell-Amarante. No proximo dia 19, festa de Luiza Satanella, com a primeira da opereta a «Perola Negra», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica de Wenceslau Pinto.

—Respeitando a tradição, não dá hoje espectaculo o teatro Salão Foz, Amanhã, a companhia Otelo de Carvalho voltará a representar, em duas sessões, a famosa revista Giga-Joga».

—E' na terça-feira que, em duas sessões, no Salão Foz, realisa a sua festa artista o estimado actor-ensaiador Martins dos Santos, apresentando os espectaculos varias atrações, notando-se, entre elas, «O Fado Laura Costa e Tina Coelho», por essas gentis atrizes, «A Taramela», dançada pela graciosa bailarina Maria Amelia, um monologo, em estreia, pelo actor José David, e a representação de um acto do «Fado», de Bento Mantua. Completa os atraentissimos espectaculos a revista «Giga-Joga».

—E' ámanhã que, em S. Carlos, se faz a 2.ª representação da «Alma Forte», em que Alves da Cunha tem um papel soberbo. A peça dá apenas duas representações por causa da festa de Berta de Bivar e de Joaquim Prata, respectivamente, com os «Tubarões e Aventuras de Rafael».

Regimento francez condecorado com a Torre e Espada

Pelo adido militar junto da Legação de Portugal em Paris foi no dia 11 do corrente, feita a entrega solemne da Condecoração da Torre e Espada com que pelo Governo Portuguez foi condecorada a bandeira do Regimento de Infantaria Colonial de Marrocos.

A cerimonia, que foi imponente, realisou-se em Ludwigshafen tendo comparecido todas as bandeiras da Divisão e o General Comandante do 32.º Corpo de Exercito, que delegou no nosso adido militar, como representante do Governo Portuguez, a honra de passar revista ao Regimento.

O adido sr. tenente coronel Victorino Godinho fez uma alocução ás tropas na ocasião da imposição das insignias, tocando então a banda de musica os hinos Portuguez e Francez.

Pouco depois, num brinde, o General Comandante do 3 .º corpo brindou ao ex.mo presidente da Republica Portugueza solicitando do nosso adido militar que transmitisse ao Governo Portuguez os seus agradecimentos pela distinção conferida ao referido Regimento.

Os oficiais portuguezes que constituiam a missão foram alvo de entusiasticas manifestações e deferencias por parte das autoridades militares francezas no Rheno durante a estada da missão em Ludwigshafen.

Escola de Belas Artes

Com a assistencia do Chefe do Estado inaugurar-se-ha amanhã 15, a 3.ª exposição de serie organisada pela Associação Academica da E. B. A. L. é que será franqueada ao publico nas salas da Escola.

«Estrelinha d'Ouro»

Prefaciado pelo sr. arcebispo de Mytilene, vai o sr. Alberto Mora publicar uma peça (em 2 actos, prologo e epilogo do «Teatro Florinhas da Rua» a que este sr. destina.

A capa é desenhada por Alberto Jourdain, com o «ex-libris» de Leal da Camara. A «Florinha da Rua» é tracejada por Antonio Carneiro, o prologo por Leitão de Barros e o epilogo por Norberto Correia. Os dois actos serão desenhos de Helena Roque Gameiro, Varela e Matoso. Terá alem disso o livro vinhetas de Armando de Lucena e Norberto Correia.

As "gralhas"

Abateu-se uma nuvem de «gralhas» em todo o nosso numero de ontem. O artigo sobre o Padre Manuel da Nobrega tem paragrafos que quasi não fazem sentido e a nossa cronica teatral aparece quasi destituida de gramatica. Do facto pedimos desculpa aos nossos leitores sendo certo que os erros são de tal natureza e tantos que se torna impossivel emenda-los aqui mesmo sucintamente.

SPORT

A acção dos desportos na vida nacional

1.º—O culto intensificado do desporto é um elemento indispensavel á vida da nação.

2.º—O valor moral e social do desporto equivale a sua importancia como meio de cultura fisica. O desporto tem todas as vantagens da educação fisica e outras ainda que a esta ultima faltam.

3.º—O coeficiente fisico de uma nação, indicado pela capacidade fisica dos seus atletas e pelo indice de relação entre o numero de desportistas e o numero total de habitantes, caracterisa o valor fisico da raça, a sua capacidade hegemonica e o sentido de marcha dos respectivos indices de vitalidade e de expansão.

4.º—Como aproveitar os desportos?

Fazendo deles quer pela palavra pela imprensa ou pela obra a mais larga propaganda.

5.º — Organisando anualmente grandes competições e festas de caracter nacional.

6.º—Creando entidades federativas especialmente incumbidas da gerencia dos desportos em Portugal.

7.º—Obtendo para o desporto o auxilio material e o apoio moral dos poderes governativos.

8.º—Estabelecendo encontros periodicos entre equipes nacionais e estrangeiras que nos dariam o meio avaliativo do nosso valor real.

9.º—Instaurando Colegios de Atletas, por onde passariam em estagio um certo numero de homens, adolescentes e creanças, especialmente selecionados para esse fim entre os tipos perfeitos da raça.

10.º—Creando em profusão terrenos e piscinas dirigidas por monitores competentes e cujo acesso seria facultado a todos os atletas.

11.—Facultando a um certo numero de entidades especiais a possibilidade de uma educação desportiva completa, transformando-os em elementos dirigentes conscientes que totalmente nos faltam e que se afirmam indispensaveis á obtenção de resultados satisfatorios.

SALAZAR CARREIRA.

Quaes as vantagens da educação fisica?

a)—de ordem moral.

1.º—A educação fisica dá ao individuo a noção do seu valor pessoal, fazendo dele um ser caracterisado pelo indice elevado dum conjuncto de qualidades morais: dominio de si, decisão, energia, força de vontade, tenacidade arrojo e prudencia (mixto de audacia e de noção avaliativa do perigo ou do obstaculo a vencer), capacidade de trabalho.

2.º—A educação fisica deve ser praticada, não como um complemento, mas sim como um factor de identico valor ao trabalho intelectual.

b)—de ordem economica.

3.º—A educação fisica creando ao individuo meios fisicos que lhe permitem quer uma maior producção de trabalho, quer um melhor aproveitamento do esforço dispendido, aumenta o valor economico da unidade humana.

c)—para o individuo.

4.º—A educação fisica, conscientemente praticada, é um factor de longevidade.

5.º—Perante um mesmo trabalho a realisar o individuo fisicamente educado não só dispende para o realisar um menor esforço, como tambem ao executa-lo obtem um maximo de rendimento.

d)—para a coletividade.

6.º—A educação fisica é uma escola de solidariedade.

7.º—A educação fisica não reconhecendo castas é um factor poderoso de egualdade social.

8.º—A educação fisica é um dique a opôr á marcha progressiva da amoralidade social e ao grande perigo das modernas sociedades: o alcoolisma.

Salazar Carreira

NOTICIARIO

CONGRESSO DE CAÇA NO PORTO

Este Congresso, fica adiado para os dias 28, 29, e 30 do corrente, devido a razões apresentadas pelo Club de Caçadores Portuguezes de Lisboa, permitindo assim obter uma mais completa colaboração por parte de todos os interessados.

A Comissão Organisadora faz egualmente constar que algumas das Companhias de Caminhos de Ferro concederam já o desconto de 50 o|o nas viagens dos Congressistas inscritos, devendo conseguir-se dentro em breve descontos nos principais hoteis daquela cidade, o que será tambem notificado.

LUTA

Começa amanhã o IX Campeonato Internacional no Coliseu dos Recreios

E' grande a anciedade pelo IX Campeonato Internacional de Luta que, como temos dito, começa amanhã a disputar-se no «ring» do Coliseu dos Recreios.

O campeonato deste ano organisado com todo o rigor tecnico deve atrair ao circo grande numero de sportmans entusiastas pelos espectaculos atleticos, pois os lutadores inscritos dão-nos a esperança de um torneio disputado com interesse.

Alem dos nomes que já hontem publicamos, podemos hoje noticiar a inscrição do americano Wilson que foi um dos concorrentes mais perigosos do campeonato do ano passado. As suas lutas despertavam sempre interesse, pois Wilson é um lutador scientifico embora talvez por vezes violento de mais o que provoca protestos da parte do publico.

A estreia de Emile Deriaz tambem está sendo esperada com anciedade; é um lutador valente e já nosso conhecido.

Por tudo o campeonato deste ano é um torneio recomendado.

FOO-BALL

Amanhã no Campo Grande «Sporting contra «Oxford City»

Pelas 16,30 horas, realisa-se amanhã, no Campo Grande o importante «match» de «association» entre o excelente agrupamento ingles «Oxford City» e o «Sporting Club de Portugal», campeão de Lisboa.

Este club, que obteve um brilhante resultado ultimamente em Espanha e deu seis jogadores para o team misto que no passado domingo tão retumbante vitoria alcançou no Porto, apresenta-se amanhã, contra o famoso team ingles, com os seus melhores jogadores.

AUTOMOBILISMO

Foi adiada para 7 de Maio a corrida da Rampa

«Comunicado oficial». — O jornal «Os Sports» adiou para 7 de Maio proximo, a corrida de automoveis da Rampa da Pimenteira em virtude do mau tempo que estes ultimos dias tem estado.

A inscrição continua aberta até ao dia 22 deste mez. Este adiamento forçado em nada prejudica o interesse pela corrida, pois os concorrentes teem mais alguns dias para treinos

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O ADEREÇO

por GUY DE MAUPASSANT

Era uma destas encantadoras raparigas, nascidas, como por uma irrisão, do destino, numa familia de empregados. Não tinha dote, não tinha esperanças, nem meio algum de tornar-se conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto; e consentiu em casar com um amanuense do ministerio da instrução publica.

Foi simples, uma vez que não podia ir luxuosamente, mas sentia-se infeliz como uma deslocada; porque as mulheres não têm nem raça nem casta, a sua beleza, a sua graça e o seu encanto servem-lhes de gerarquia e de familia. A sua delicadeza nativa, o seu instinto de elegancia, a sua gentileza de espirito, são o seu unico grau hierarquico e tornam as filhas do povo iguais ás damas do mais fino tom.

Sofria incessantemente, sentindo que nascera para todas as delicadezas e para todas as ostentações. Sofria com a pobreza da sua instalação, com o desguarnecido das suas paredes, com a escassez do mobiliario, com a fealdade dos estofos. Todas essas coisas, cuja ausencia qualquer outra mulher da sua condição nem mesmo teria notado, a torturavam e indignavam.

A visão da rasteira bretã, que tratava do seu lar humilde, despertava nela desolados amargores e devaneios tristissimos. Ela sonhava com as antecamaras silenciosas, tapetadas com panos orientais, alumiadas por altos tocheiros de bronze e com os dois altos criados de quarto, de calção e sapatinho leve, que dormem nas largas poltronas, entorpecidos pelo pesado calor do calorifero.

Sonhava com os vastos salões revestidos de sêda antiga, de moveis finos suportando *bibelots* inestimaveis, e com as saletinhas garridas, perfumadas, feitas para a conversação das cinco horas com os amigos mais intimos, os homens conhecidos e disputados de que todas as mulheres desejam as atenções.

Quando se sentava para jantar, diante da mesa redonda, coberta por uma modesta toalha, em frente de seu marido que destapava a terrina declarando com ar encantado: «Ah! que belo cosido! não ha nada melhor do que isto...» ela scismava nos jantares finos, nas baixelas de prata reluzentes, nas tapeçarias que povoavam as paredes de personagens antigas e de aves estranhas e raras no meio de uma floresta magica; ela sonhava com manjares exquisitos, servidos em baixelas maravilhosas, com as galanterias cochichadas e escutadas com um sorrir de esfinge, emquanto se comia a pôlpa rosea de um fruto ou as azas de uma ave excentrica e delicada. E ela não amava senão essas coisas; sentia que tinha nascido para elas. Tinha tanto desejo de agradar, de ser invejada, de ser seduzida e disputada!

Tinha uma amiga rica, uma antiga condiscipula de convento, que nunca ia visitar, tanto se sentia sofrer ao voltar a sua casa. E chorava durante dias inteiros, de pura magua e amargura, de desespero e angustia.

* * *

Ora, uma noite, seu marido entrou com ar glorioso e tendo na mão um largo sobscripto.

—Aqui tens, lhe disse, é alguma coisa para ti.

Ela rasgou apressadamente o papel e tirou de dentro um cartão que continha estas palavras:

«O ministro da instrução publica e a senhora Georges Ramponneau pedem ao senhor e senhora Loisel a honra de virem passar a noite ao palacio ministerial, na proxima segunda-feira, 18 de Janeiro.

Em vez de ficar maravilhada, como o esperava o marido, ela atirou com despeito o convite para cima da mesa, murmurando:

—Para que quero eu isto?

—Mas, minha querida, eu pensava que ficarias satisfeita. Como nunca saes de casa, era uma bela ocasião esta, mesmo bela! Tive a maior dificuldade em obter o cartão. Toda a gente deseja tais convites; são muito procurados e não são muito dados aos empregados. Terás ocasião de vêr todo o mundo oficial.

Ela olhou-o irritada e declarou com grande impaciencia:

—Mas que queres tu que eu vista para lá ir?

Ele não tinha pensado nisso; balbuciou:

—Mas o vestido que levas ao teatro parece-me muito bom, pelo menos a mim...

E calou-se estupefacto, quasi louco, ao vêr que a esposa chorava. Duas grossas lagrimas desciam lentamente dos cantos dos seus olhos para os cantos da bôca; ele balbuciava:

—Que tens tu! Que tens tu?

Mas, num esforço violento, ela dominara o seu desgosto e respondeu em voz calma, enxugando as faces humidas:

—Nada. Não tenho *toilette* e, por isso, não posso ir a essa festa. Dá o teu cartão a qualquer colega teu que tenha a mulher melhor trajada que eu.

E êle estava desolado. Tornou-lhe:

—Vejamos, Matilde. Quanto é que poderá custar isso, uma *toilette* decente, que possa servir não só para esta mas para outras ocasiões, qualquer coisa bastante simples?

Ela reflectiu alguns segundos, fazendo as contas e pensando ao mesmo tempo na soma que poderia pedir sem provocar uma recusa imediata e uma exclamação assustada do amanuense economico.

Emfim, respondeu hesitante:

—A' justa, a justa, não sei, mas parece-me que quatrocentos francos talvez pudesse chegar.

Ele empalideceu um tanto, porque era justamente a soma que reservava para comprar uma espingarda e para tomar parte nalgumas partidas de caça, no verão seguinte, nas planicies de Nanterre, com alguns amigos que iam atirar ás cotovias, por aqueles sitios, aos domingos.

No entanto, disse:

—Seja. Dou-te os quatrocentos francos. Mas vê se compras um vestido a valer.

O dia da festa aproximou-se e a senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Todavia, a sua *toilette* estava pronta. Seu marido disse-lhe uma noite:

—Que tens tu? Vejamos, andas tão patusca de ha uns três dias a esta parte?

Ela respondeu:

—Ando aborrecida por não ter uma joia, nem sequer uma pedra, nada que possa ter sobre mim. Tenho, apesar do vestido, um ar de miseria. Gostava mais de não ir a essa soirée.

CONCLUE DEPOIS DE AMANHÃ

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4054 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manual Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 15 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Hoje no Alto do Pina vendia-se o kilo de cebolas pela modica quantia de trez escudos e sessenta centavos!

Iniquidades

Nos artigos que êste jornal tem publicado relativamente ás consequencias iniquas que da arbitraria aplicação das leis 1.040 e 1244 têm resultado, parece-nos que temos citado exemplos bem frisantes. Esses exemplos correspondem a factos. Só provando a falsidade dêstes factos é que se poderiam invalidar os juizos que temos expressado sobre essas leis, a que tem presidido o espirito da injustiça e cuja execução não pode ser mais revoltante.

Estamos absolutamente em presença de um sistema de dois pesos e duas medidas. A liquidação das responsabilidades militares no efemera restauração monarquica de 1919 é tudo quanto ha de mais escandaloso. Vê-se claramente que, através de tudo, triunfou o empenho e o compadrio, originando, por consequencia inevitavel, um tal desequilibrio, que os castigados nos aparecem como perseguidos.

Não houve graduação nas penalidades impostas e, ainda por cima, isentaram-se de culpa precisamente os mais culpados. Os leitores da «Capital» assim o hão de ter reconhecido pelos exemplos apontados. Ainda ontem publicámos um verdadeiro sudario. Por êle se vê que militares com responsabilidades de comando aderiram á monarquia, a serviram, alguns até demonstrando um zêlo que foi até á manifestação do mais entranhado odio á Republica. Pois bem! Emquanto êsses chefes ou eram isentos de toda a culpa, ou sofriam insignificantes castigos, os seus subordinados, que se limitaram a cumprir ordens, foram punidos com uma severidade que não admitiu atenuantes. Quere dizer: foram êles que sofreram o que os outros deveriam ter sofrido.

Veja-se o caso do capitão, hoje major, Chelmick. Serviu fervorosamente a monarquia do Porto. Pertencendo á administração militar, conspirou, distribuiu fardamentos ás tropas, organisou comboios de viveres destinados ás colunas que combatiam as fôrças republicanas. Não só nada sofreu, como até foi louvado, e está hoje no Ministerio da Guerra. O tenente Figueira, que era chefe da banda da Guarda Republicana do Porto, cujo crime foi obedecer ao seu comandante, continuando a reger a banda, foi punido com três meses de inactividade e vai agora ser reformado!

Outro caso: o coronel Henrique Baptista era o comandante da 3.ª divisão do Exercito por ocasião da *Trauliteania*. Aderiu á monarquia, serviu-a como comandante dessa divisão. Foi castigado com a reforma. O medico major Magalhães, cuja falta foi continuar a prestar os seus serviços clinicos, sem se preocupar com a mudança do regimen, sofreu uma pena mais dura.

Para que continuar? E' tudo assim. Estas injustiças, estas anomalias, em que patentemente se revela a protecção que uns tiveram e de que outros não aproveitaram, bastam para justificar a revolta de espirito que quere vêr a Republica defendida, mas com absoluta justiça e a absoluta lealdade.

Ha uma coisa a que se chama a equidade natural das consciencias e que é, de facto, a fonte de todo o direito. Essa equidade sente-se profundamente ofendida. Ninguem pode opôr-se a essa revolta, que sempre acaba por conquistar os sufragios da opinião. Enganam-se os que supõem que êstes casos estão absolutamente confiscados na esfera militar. Trata-se de uma questão que não cabe só nos regulamentos e, mesmo nesse dominio, nunca poderia abstrair da noção da justiça. Mas que, devendo ser apreciada, não sómente sob o ponto de vista militar, mas ainda sob o ponto de vista moral e sob o ponto de vista politico, evidentemente ela vem cá para fins e não pode resolver-se tão arbitrariamente como têm sido resolvidos os casos dos implicados na restauração monarquica.

Já nos julgamentos dos revoltosos se verificaram tantas desigualdades e injustiças, que foi necessario recorrer a uma amnistia. Sob o ponto de vista disciplinar e em relação a um grande numero de oficiais do Exercito, nem as desigualdades são menos evidentes, nem as injustiças menos revoltantes.

Como os bolchevistas entendem os principios de liberdade

HELSINGFORS, 14.—Um certo numero de estrangeiros chegados á Russia foram imediatamente detidos em Petrogrado. A «Krasnaya Gazetta» recomenda ao governo que prenda como refens todos os membros categorisados das burguesias estrangeiras na Russia. Seria esse um meio de assegurar a inviolabilidade pessoal dos membros da delegação russa a Genova durante a sua permanencia no estrangeiro.—(R.)

VIDA LITERARIA

OS ESCRITORES DO MOMENTO E OS ESCRITORES QUE FICAM—IMITADORES DE GENEROS LITERARIOS—O TEATRO DO CORDEL NUMA EVOCAÇÃO SAUDOSA—25 CENTIGRAMAS DE JONATHAM SWIFT

Gabriele d'Anunzio e eu por *Antonio Ferro*. Ed. Portugalia. Lisboa.

Já um dia escrevi, com a mesma estima e a mesma admiração que nutro hoje pelo talento malbaratado de Antonio Ferro: «*Antonio Ferro, o Leviano... Com o seu valor a esfacelar-se em obritas de 80 páginas. Frases... perfumes... poesia... nada*» e hoje mantenho a opinião espendida. Antonio Ferro vive a sua Hora. As multidões têm pelos seus literatos contemporaneos o mesmo amor que se tem pelas mulheres: o fremito da posse, o prazer do momento. Antonio Ferro anda agora em plena lua de mel. Mas não são os contemporaneos que fazem os grandes vultos das letras e da arte. E' a sua obra. A obra que perdure, que fique. Antonio Ferro dissipa-se. Vai em três anos que, a golpes de talento, conquistou um lugar, uma côrte, o amor do publico. E' a sua hora. O momento... E' ver: duas conferencias, um manifesto, um volume de versos que já esqueceram, um audacioso volumesinho de bizarras frases originais marcando uma filosofia, uma novela libertina, em fragmentos, dispersa, perdida, e, agora, a reportagem de Fiume, ainda o momento, a oportunidade, a Hora... E' uma obra feita em folhas e que, como as folhas, o tempo levará. E, contudo, em cada página ha talento, ha fulgor, ha vibratilidade. O seu espirito, novo, culto, viajado, avança, ousa, afirma. Afirmar é vencer. E toda a sua obra é de afirmações, isoladas, atrevidas, modernas. «*Ha lá nada mais belo do que ter uma certeza, mesmo quando ela falha?*» diz Antonio Ferro nas belas páginas do entroito ás suas crónicas...

Mas agora me recorda do seu volume. Tenho apenas que me referir ao seu aparecimento e não ao autor, embora tão pessoal seja a obra de Antonio Ferro, que falar numa é trazer o outro aos olhos do publico. A sua reportagem foi sensacional. E', nos ultimos tempos, a melhor página do nosso jornalismo. Completaram-se o assunto e o *reporter*. Para a Arte de d'Annunzio, um fiel; para a aventura de Fiume, um português: para o scenario de Veneza, de Florença, um poeta. E assim ficou em flagrantes e vividas páginas o ultimo vôo do *avião do génio*, como simbolica e originalmente Antonio Ferro chama ao autor da *Cittá Morte* e do *Fuoco*. A probidade e o talento do nosso enviado — credenciais da nossa sensibilidade meridional e latina — fizeram com que, através todo o seu culto pelo heroi de Fiume, mantivesse a lucidez necessaria e a independencia precisa para que o publico visse claro nas crónicas originais, quentes e coloridas brilhantemente por Antonio Ferro. Assim, a sua reportagem foi sincera e teve o extraordinario poder de ligar ás linhas fugases, como são sempre as do jornal, *nuances* de arte, assomos de beleza literaria...

Mais alem da Morte e do Amor por *Albino Forjaz de Sampaio*. Ed. Guimarães & C.ª Lisboa.

Mais um livro de Forjaz Sampaio, isto é, um livro feito para a voragem das edições. Foi o livro feito á margem da vida, o apanhado dos cem mil comentarios de todos os dias, de notas sobre as coisas e sobre os homens. Ali ha de tudo, porque a joeira foi dispensada ou o crivo foi largo, bom, mau e banal. Superior e lamentavel. Mas, que importa, se Forjaz de Sampaio o prefere aos outros, o sentiu mais do que nós? O prazer de criar é divino; pensar é criar mundos. *Mais além da Morte e do Amor* são pensamentos, soliloquios, os grãos de areia que caem lentos na ampulheta do Tempo. Aqui, ali, á feição preferida de Forjaz, ou porque assim o sente, ou porque assim lho exige o seu publico — todos os escritores são escravos — o livro é amargo, cruel, cinico, repetindo ideias velhas como Deus, ou reacendendo aquelas frases de angustia e desespêro que foram o sucesso das *Palavras Cinicas* e são como o Opio para os desgraçados.

Forjaz escreve para êstes; todos gostam de sentir um pouco exteriorisados os seus desgostos, os seus revezes: Forjaz dá-lhes esta fraseologia violenta, repassada de fel, pedindo, em troca, que as edições se esgotem.

Se o livro não fosse aquele que Forjaz de Sampaio mais ama, a ponto de o dedicar a si mesmo, poder-se-ia criticar a amálgama sem selecção das curtas sentenças de que se compõe. E' um livro simples, diz: cremos. E' um livro sincero, acrescenta; duvidamos; não pode haver sinceridade nas frases que se escrevem para deleitar os apetites do publico, para satisfazer a gulodice dos leitores. Mas, com ou sem o seu fundo de sinceridade, as frases, os paradoxos, os soliloquios de Forjaz de Sampaio não deslustram a obra até aqui realizada. Não acrescenta nada ao nome do jovem Academico e entretem sem irritar algumas meias horas de tedio. Quando se lê

A Paciencia! E' o cuspo e geito da fabula...

ou

Mal vai ao piolho se a cabeça se enforca

volte-se a página, porque, noutro local, se encontra qualquer coisa de bom, de pensado, digno do brilho que Forjaz de Sampaio dá hoje ás letras nacionais.

Teatro de Cordel por *Albino Forjaz de Sampaio*. Ed. Academia Sciencias. Lisboa.

Forjaz de Sampaio dá-nos tambem o catalogo das obras que possue sobre *Teatro de Cordel*, completado com a enumeração de todos mais que conhece, tornando assim a publicação da Academia valiosa para os estudiosos.

Albino Forjaz de Sampaio é um investigador consciente, um *rata* de livrarias, cujo valor, cujo estudo, cujo amor ás letras se completam; a Academia, publicando o seu catalogo, prestou uma homenagem justissima ás suas qualidades de bibliografo, e a nós deu-nos o excelso prazer de recordar, evocar, êsse teatro ingenuo, tão risonho, tão interessante, que fez as delicias dos nossos bisavós...

Lomil por *Antonio Séves*. Ed. Lusitania Editora Limitada. Lisboa.

Numa vistosa capa, numa edição cuidada, enfeixados sob o nome de uma povoaçãosita lá para a Beira, *Lomil*, Antonio de Seves dá-nos pedaços de boa prosa, sadia e adusta literatura campesina. Quadros, trechos, costumes, figuras recortadas asperamente nos talhes grosseiros do campo e da serra, respiram um ar forte e cançam. O livro é extenuante, tem penedias em cima. Passam duendes — «a Velha Maria» — passam simples — «o João, carreiro» — tem alvorecer de primaveras — «a Maria do *P'las Maias*» — mas o fundo é a serra, o negrume das penedias, o scenario brutal do nosso interior, onde melhor se escondem as virtudes e defeitos da raça.

Na escola de Aquilino, Antonio de Séves pode enfileirar como um trabalhador fecundo, prometedor, porque a sua linguagem é colorida, natural, pujante e corre fertil, longa, imensa...

Com algumas rajadas de claridade, a sua obra tornada mais leve, mais acessivel ao nosso tempo, terá a consagração que merece.

Viagem de Gulliver por *Jonathan Swift*. Edição Biblioteca Ideal. Lisboa.

Já vi comprimidos de açucar, comprimidos de carne; já vi gente comprimida, e, agora, Henrique Marques Junior, director da Biblioteca Ideal, resolveu apresentar as obras celebres da literatura mundial em comprimidos. *Don Quijote*, as *Viagens de Gulliver*, em 130 minusculas páginas, são *tours de force* de escamoteação-impossiveis de conceber, sem um sorriso nos lábios. Ha acaso o direito de ceifar assim na obra alheia, embora com um relativo criterio? E é a isto que estão reduzidas as nossas edições populares...

ARMANDO FERREIRA

REGISTO DE ENTRADAS:

«Chama de Angustia»—Valeriano Campos.

«Lenda»—Antonio Bourbon.

«Mulheres e Lagrimas em Camilo»—Catharino Cardoso.

Os Altos Comissarios vão demitir-se?

Constara hoje novamente, no ministerio das Colonias, que os Altos Comissarios em Moçambique e Angola, tencionam vir á metropole em Maio ou Junho proximos.

As burlas na Exploração do Porto de Lisboa

Voltaram hoje a ser interrogados os individuos presos por implicados nas burlas ultimamente descobertas na Exploração do Porto de Lisboa. Ontem á noite foi solto o aspirante Brasiel, por se ter apurado que não tinha interferencia nos crimes praticados. Os restantes presos vão ser enviados ao tribunal da Boa Hora, parecendo que depois de amanhã serão feitas novas prisões. Hoje foram ouvidas mais testemunhas.

"A Opinião"

A «Opinião» deve reaparecer no proximo mez de maio, com filiação partidaria talvez reconstituinte.

AS LEIS 1040 E 1244

O rosario de inepcias

QUE E TAMBEM UM DESFILAR DE TREMENDAS INJUSTIÇAS, CONTINUA A PASSAR EM REVISTA :—: :—: NAS COLUNAS DE "A CAPITAL" :—: :—:

Para regalo nosso e de leite proprio dos ilustres construtores das celebres leis 1040 e 1244, é rasoavel que se converse hoje mais um bocadinho. Não nos falta a voz e não escaceia o assunto. E tambem não ha-de faltar vergonha aos que se ocupam destas coisas a fim de que se ponha cobro a uma intoleravel situação de dobiez e de compadrio e que alem de desprestigiar a parte sã e solida do exercito, atinge as proprias instituições.

As entidades que tem por dever velar pela disciplina e mante-la dentro da força armada, não hão-de querer decerto transforma-la num exercito de opereta. E é o que infalivelmente sucederá se uma duzia de cavalheiros obesos e condecorados continuarem a servir-se da influencia que as suas situações lhes crearam para favorecer os amigos e pôr sistematicamente de parte aqueles que não tem a dita de se lhes tornarem simpaticos. A hierarquia militar forma-se e edifica-se com direitos e deveres, com serviços e provas de competencia. E' isso que lhe faz a fôrça e a reveste de respeito. Se todos estes casos são acintosamente postos de parte unicamente para que trepem individuos dotados com o espirito de intriga e creaturas que tem por unico valor a circunstancia de serem amigos de qualquer «Evangelista» influente,—mal vai para o Exercito porque todos estes fermentos corruptos de incompetencia e de favoritismo, longe de lhe restituirem a solidez primitiva, hão-de torna-lo cada vez mais debil e cada vez mais joguete de todas as maquinações politicas de que, por principio deve estar inteiramente isolado.

A supremacia do Exercito reside, acima de tudo na sua isenção moral. E as leis 1040 e 1244 que neste momento o enfraquecem e o corroem dá-lhe um lamentavel aspecto de miseria moral—que é absolutamente necessario, urgentemente preciso que finde, e quanto antes.

Continuaremos na publicidade de inumeros e extraordinarios casos São tantas as anomalias e os arbitrariedades que só temos o embaraço da escolha. E da escolha de hoje lá vão estes bocadinhos de ouro:

Não ficou completa a biografia do major de infanteria 8, Afonso Henriques Barbeitos Pinto, publicada ha dias, por isso a reproduzimos com informações mais detalhadas. O oficial, durante a monarquia comandou o regimento de infantaria 9, assumindo o comando militar de Lamego. Assistiu ás exequias por alma de D. Carlos e principe D. Luiz Filipe; forneceu força; e dirigiu combates contra as forças republicanas; perseguiu sargentos e musicos mandando-os presos para a casa de reclusão do Porto, «por serem republicanos». Devido a grandes influencias politicas não foi punido e hoje comanda um batalhão isolado em Barcelos. E' de confiança.

O alferes de infanteria José Antonio de Oliveira Bastos, comandou forças que sairam de Barcelos para a Regoa e daqui para Lamego para combater tropas republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. «E' dos nossos...»

O capitão de infanteria 8, Francisco Lopes comandou uma companhia composta de praças dos regimentos de infanteria 8 e 29 que saindo de Braga foi para Caminha e Viana do Castelo, guarnecer o litoral desde Espozende a Povoa de Varzim, afim de evitar o desembarque das forças republicanas. Não teve castigo algum. E' tambem «dos nossos...»

O tenente de infantaria 3, Guilhermino da Purificação Mendes marchou com uma companhia de Viana do Castelo para Estarreja onde combateu contra as forças republicanas. Tambem não sofreu castigo algum. E' sustentaculo... dos venham a nós...

O alferes de infantaria Francisco Cardosa e Silva, que não é dos protegidos, foi punido com quatro mezes de inactividade e vai ser reformado em virtude da lei 1244. A falta cometida foi ter em 23 de Janeiro de 1919, tomado parte numa formatura dum batalhão que prestou honras á bandeira monarquica. Este oficial «provou» que foi nomeado em virtude da ordem regimental, cuja copia juntou ao processo, e em que se vê, «pela redacção dessa mesma ordem», que a formatura não era para aquele fim, sabendo-se extra-oficialmente que era para uma revista de fardamento. Sete oficiais que tomaram parte nessa formatura não foram punidos! Havemos de dizer quem eram esses oficiais.

O chefe de musica Antonio Romano, de infanteria 13, foi punido com trez mezes de inactividade, e é agora reformado pela lei 1244. Cometeu o «crime» de «por ordem superior», mandar tocar á banda regimental o hino da Carta na ocasião em que se prestava as honras a bandeira monarquica.

O chefe de musica Guerreiro, de infantaria 32, praticou egual «crime» com o agravante de «por sua livre vontade» incorporar-se numa manifestação monarquica que percorreu as ruas de Penafiel com vivório e foguetorio! «Foi-lhe arquivado o processo por falta de fundamento!!!». Fez-se revolucionario quando se implantou a Republica e conseguiu «ser louvado em» Ordem regimental por ter prestado serviços á Republica!!!»

O capitão Ribeiro de Almeida e o alferes Maia, de infantaria 32 comandaram companhias que combateram as forças republicanas em Estarreja. Tiveram como subalternos os alferes milicianos Coelho e Tertuliano. Como estes oficiais responderam em conselho de guerra no tribunal especial de Lisboa, foram todos absolvidos!!!

O alferes Antonio Ribeiro da Silva, que foi subalterno duma companhia que esteve em Vila Real e respondeu no tribunal especial do Porto, foi punido com: quatro mezes de inactividade pelo ministro da guerra. 30 dias de prisão correcional pelo tribunal especial do Porto. Reformado, pela lei 1040, por ter estado em França. Reduzidos os seus vencimentos de reformado em virtude da lei 1244!!!

A mão d'obra em S. Thomé

Nas proximas sessões do Parlamento vae ser levantada a questão da mão de obra em S. Thomé e deverá ser provavelmente ventilada a tremenda situação em que, dum momento para o outro se pode encontrar o arquipelago.

Os dois altos comissarios, os de Moçambique e de Angola, por diversos motivos que serão examinados oportunamente, não se mostram dispostos a fornecer á ilha de S. Thomé o numero de serviçais que a sua cultura exige. O sr. Brito Camacho que deixa imigrar 40.000 negros para o Brazil, considera inoportuna a saida de Moçambique de cinco ou seis mil negros para S. Thomé. E o sr. Norton de Matos com restrições especiais e considerandos de que se não atinge muito bem o alcance só permite a emigração dos negros dos pontos mais remotos de Angola, provavelmente para que a mão de obra fique ainda mais cara e menor o seu rendimento de trabalho.

Todas as colonias teem negros exceto S. Thomé. E todos acham excelentes pretextos para não darem o que possuem em abundancia a uma ilha cuja principal e quasi unica condição na vida está precisamente na mão de obra externa. A esta dificuldade acresce ainda a da falta de transporte e a «Sociedade de emigração» dirigida e orientada pelos cultivadores do Principe e de S. Thomé, encontra-se por vezes em serias dificuldades de transporte. O Estado que vae agora finalmente liquidar esse tremendo sudario de vergonhas chamado «Transportes Maritimos» muito bem poderia arrendar ou ceder a esta «Sociedade de emigração» um ou dois vapores que lhe permitissem remediar a aflitiva situação creada com a mão de obra. Esses barcos dar-lhe-hiam proventos positivos e concorreriam para beneficiar um estado de coisas que não interessa apenas a S. Thomé, mas tambem á Metropole, porque faz parte da economia geral da Nação.

A Comemoração dos mortos espanhois

MELILLA, 14. — Os adidos militares francezes, italianos, portuguêses e argentinos fizeram colocar em Mont Arruit uma placa de bronze comemorando a morte dos heroicos soldados espanhois que defendiam este forte quando se deu a insurreição marroquina. Esta manifestação dos adidos militares estrangeiros sensibilisou profundamente o exercito espanhol em campanha.

Neves de Carvalho

Escreve-nos este nosso colega de imprensa comunicando-nos que desde o dia 13 do corrente deixou de ser chefe de redacção do jornal "O Rebate" tendo pedido a demissão deste cargo.

A DUVIDA DE HAMLET

Materialisações espiritas

No laboratorio de fisiologia da Faculdade de Sciencias da Sorbonne (Universidade de Paris) estudam-se, neste momento, os fenomenos espiritas -:- -:- -:- -:- -:-

As duas escolas, do «Ser» e do «Não Ser», em plena controversia

Os leitores habituais de «A Capital» recordam-se, certamente, do artigo que aqui foi escrito, versando os fenomenos estranhos produzidos com o auxilio dum «medium» de materialisações, agindo sob a direção e fiscalisação de Madame Bisson. A «medium», Eva Carrière, expelia de si uma substancia inclassificada—e parece mesmo que inclassificavel, visto que as analises repetidas e insistentes não lhe demonstraram a composição quimica—com a qual substancia eram moldados membros dum corpo humano estranho ao «medium» e até mesmo figuras assemelhando-se notavelmente a seres vivos ou com aparencia de vivos. Emfim e duma maneira geral, as experiencias de Madame Bisson lançaram um pouco de luz na mecanica das materialisações espiritas, embora permanecesse impenetravel o segredo da sua genese psicologica, se é que ela existe, realmente, na vida aparente das materialisações.

As investigações de Madame Bisson tiveram a virtude de atrair a atenção dos sabios francezes, que se empenham presentemente, no esclarecimento do misterio. Na Sorbonne (Universidade de Paris) o dr. Geley iniciou trabalhos investigadores, que, por emquanto, se limitam á reprodução dos fenomenos de materialisações produzidas á custa e por meio da substancia que Eva Carriere expele do seu proprio corpo. Os resultados scientificos completos são, por emquanto, desconhecidos, porque as experiencias se fazem dentro do maior sigilo, no laboratorio de fisiologia da Faculdade de Sciencias da Sorbonne. Em todo o caso, já transpirou, para fóra da Sorbonne, o seguinte: os fenomenos descritos por Madame Bisson repetiram-se e em tais condições que da sua realidade objectiva não é possivel duvidar.

Uma nova escola á frente da qual se encontra o dr. Geley, nega por emquanto, a teoria espirita exploradora dos fenomenos. Segundo esta teoria, as materialisações seriam manifestações da vida «post mortem», daquela vida de que gosam os seres a quem a aniquilação de materia corporea permitiu a libertação do espirito. Este é que é, segundo os classicistas inspirados em Allan-Kardec, a verdadeira individualidade, que subsiste integra após a desagregação material ou após a morte, para nos servirmos da habitual locução designativa de cessação da vida vegetativa terrestre.

O dr. Geley, que não se convenceu ainda, da verdade espirita, apresenta uma nova teoria, afim de dentro dela classificar os fenomenos de materialisações, cuja existencia real, mesmo scientifica, ele já não ousa negar. E' assim que o professor da Sorbonne não admite a palavra materialisação e prefere uma outra, em sua substituição, para designar os mesmos fenomenos. Essa palavra é a seguinte: ectoplasmia. Eis o que diz o dr. Geley («De l'inconscient au conscient», edição da «Bibliotheque de Philosophie Contemporaine»):

O que é a ectoplasmia? E', primeiro que tudo, «um desdobramento fisico do medium», que deixa exteriorisar uma porção do seu organismo, quando está em transe. A's vezes, essa porção é minima, outras vezes, consideravel (metade do peso do corpo, conforme certas experiencias de Crawford). O ectoplasma apresenta-se, primeiramente, sob a aparencia duma substancia amorfa, umas vezes liquida outras vezes vaporosa. Em seguida e, em geral, rapidamente, o ectoplasma amorfo organisa-se e, á sua custa, vêem-se aparecer formas novas, podendo adquirir, na eclosão completa do fenomeno, «todas as capacidades anatomicas e fisiologicas de orgãos biologicamente vivos». O ectoplasma transforma-se num individuo («est devenu um être», segundo o texto) ou fração de individuo, mas ficando sempre na dependencia do corpo do «medium», de que é uma especie de prolongamento e no qual se reabsorve logo que a experiencia termina. O conhecimento do fenomeno da ectoplasmia deve-se, em grande parte, aos estudos feitos com o «medium» Eva Carriere, a qual exteriorisa a substancia amorfa, sob aparencia solida em excepcional quantidade. Madame Bissou que, desde ha dois anos, trabalha com este «medium» pôde, legitimamente, reivindicar, no Congresso de Copenhague, a descoberta da substancia.

Como certo, temos já isto: o fenomeno da materialisação ou ectoplasmia foi oficialmente constatado na Sorbonne. E' uma certeza scientifica. A interpretação do fenomeno é disputada por duas teorias, duas hipoteses inconciliaveis, cada uma das quais tem partidarios, defensores e opositores. A controversia é mesmo assás viva.

Segundo uns, o fenomeno depende exclusivamente do «medium», individuo em condições estranhas, é certo, mas não passando disso mesmo. Os corpos ou parte de corpos, que se formam durante o transe, são produtos ideo-plasticos, feitos á custa do «medium», saidos dele e reabsorvidos logo que o transe finda. Seriam, por assim dizer, uma especie de produtos de geração espontanea, graças a forças ainda desconhecidas, mas não residindo senão dentro do organismo psico-fisiologico do proprio medium.

Deste parecer é, aproximadamente o grande dramaturgo Maeterlinck, que se ocupa, ha mais de doze anos de metapsiquica (Le Grand Secret, 1921).

Segundo outros, que enfileiram no espiritismo classico e formam a cohorte dos defensores da existencia da vida de Alem-Tumulo, pouco mais ou menos como a defendeu o Pontifice Maximo do espiritismo, que se chamou Allan-Kardec,—segundo esses o «medium» é um intermediario entre o mundo real onde vivemos ou vegetamos (como mais agrade ao leitor) e a vida que se continua Alem-Tumulo, quando o espirito se liberta naturalmente dos laços corporeos que o retem presa das miserias humanas. A ectoplasmia (ou a materialisação) é, só por si, a demonstração objectiva da existencia real, verdadeira, independente e inteligente dessa vida espiritual, porque não é senão uma reencarnação momentanea e efemera do espirito, desejoso de comunicar com a vida terrestre, ensinando-lhe o misterio da sobrevivencia.

Por agora, a sciencia apenas constatou factos. E, ainda assim, nem todos os fenomenos denominados espiritas estão scientificamente provados. Os fenomenos de materialisação ou ectoplasmia, (sendo, aparentemente, os mais impressionantes, não são, com certeza, os mais interessantes, sob o ponto de vista duma prova scientifica, positiva ou negativa, da sobrevivencia. Mais que eles valem, em nosso entender, os de ordem psicologica, que são, aliaz, os mais dificeis de obter e de constatar sob dominio dum controle inegavelmente scientifico. O que é certo, porem, que as experiencias entraram no campo da investigação scientifica e que, mais tarde ou mais cedo, a ultima palavra será dita, se é que ha, em sciencia, uma ultima palavra. Parece que, realmente, não ha. Pois não acaba de o afirmar o sabio alemão Einstein, negando que a linha reta seja a mais curta distancia entre dois pontos?... Os que o entenderam—que nós, por emquanto, ainda não... — dizem até que ele o demonstrou... matematicamente.

De resto, já antes de Einstein se dissera que a esfericidade infinita não dava a linha reta senão fóros de verdade relativa.

Como complemento a esta noticia, mencionamos ainda que em Lisboa se iniciaram trabalhos de investigação, com o auxilio dum «medium» que o acaso fez descobrir num dos bairros da cidade. A's sessões preside um homem de incontestavel autoridade scientifica, pertencente a uma elevada classe social. Se, porventura, as investigações conduzirem a qualquer finalidade digna de registo, nós o registaremos neste jornal, em tempo oportuno.

Os contraventores da lei

LONDRES, 15. — As estatisticas criminais referentes á Inglaterra e ao paiz de Gales mostram que em 1920 foram julgadas 61.617 pessoas por diferentes crimes contra 53.541 em 1919 e 63.269 em 1913. O numero de menores delinquentes foi de 49.138 contra 38.311 em 1913.—(R.)

A Semana Artistica

Na Escola de Belas-Artes: A exposição dos alunos. Rapazes e raparigas. Algumas promessas curiosas

Quem não conhece bem o antigo convento de S. Francisco não chega facilmente a uma sala enorme onde os alunos da Escola de Belas Artes abriram ontem, para a imprensa, as portas da sua exposição. Serve-me de «cicerone» o moço caricaturista Edu do Faria. A sala onde se realisa a «vernissage» está cheia de gente. Pintores, pintoras, jornalistas. Caras conhecidas. Rocha Junior, os olhos de miope sintilando atravez das lunetas de cristal, anota, comenta, sorri. Artur Portela, buliçoso, pequenino, curioso anda numa roda viva. Não para. Olho, em conjunto, a galeria. Tem-se desde logo a impressão de que os alunos das Belas Artes trabalharam com insistencia. São trezentos quadros onde ha de tudo: oleo, aguarela, sanguinea, arquitectura, escultura. O que sobretudo se pede nestas exposições de rapazes é mocidade. Em todas as telas se adivinha que os moços artistas ainda não fizeram vinte anos. Palpita á minha volta, na poeira luminosa da luz que enche a sala, um rumor inquieto de juventude. Conversa-se entre sorrisos. Sente-se, por toda a parte, um halito fresco de primavera em flor. Um fotografo entra. Pede um instante de «pose». Ha um momento inquieto de serenidade. M s nisto uma rapariga M.elle—eu não digo o nome—mexe-se, freme, põe o «lorgnon», deixa a fotografia tremida, com certeza. As mulheres são instantaneas. «Pose» apenas defronte da modista — ou dos espelhos. Sigo agora interessado a exposição. A meu lado dois, trez, quatro, cinco expositores ilucidam-me, contam-me pormenores, revelam-me pequeninos segredos de «atelier», chamam a cada instante, a minha atenção:

—Já viu este quadro? E aquela sanguinea? E ali, ao fundo, num recanto, aquele busto? Ainda não viu?

E eu vou olhando, um a um, todas as telas. Agora os quadros de Mario Torres impressionantes de cor, de luz, de movimento—a mancha doirada duma feira algarvia; dois traços de floresta, uma «gouache» curiosa; mais alem Lasaro Corte Real—um retrato de M.elle J. V. S., sanguinea adoravel de levesa e de graça; depois os desenhos de Bento Correia, de Avelino Pereira, de José Tagarro; uma escultura de Morais Vale «tentação»; um nu feminino «Vinha» de Alexandre Silva, curiosa atitude, expressiva modelação, um «Narciso» digno de ver-se assinado Rogerio Berger—e por fim (os ultimos são afinal os primeiros) as senhoras: D. Alexandrina C aves com uma curiosa cara de garoto, a sanguinea: Luiza Fonseca cheia de frescu a e de mocidade; Sara Afonso, uma explendida arvore, batida de luz; D. Alda Pereira Leite, um espectro «Bacante» cheio de movimento, D. Carlota Rocha, um «interior» digno de olhar-se; D. Teresa Lopes muito senhora da sua arte, revela-nos talento, brilhantismo, frescura...

A exposição merece ver-se. Não deixarão de certo de a visitar todos aqueles que se interessam não apenas pela gloria dos velhos — mas pelo triunfo dos novos...

L. O. G.

A Conferencia de Genova

Continua a confusão e a intriga politica ameaça desvirtuar as intenções da conferencia

GENOVA, 14 — Na Conferencia tratou-se-ha da necessidade do restabelecimento da paz entre a Turquia e a Grecia. — (R.).

GENOVA, 14 — A comissão de verificação de poderes reuniu, sob a presidencia provisoria do delegado italiano Celesia, e procedeu á nomeação do presidente definitivo, confirmando por unanimidade nesse cargo o senhor Celesia.

Sob proposta do delegado francês Barrer, a comissão decidiu nomear uma sub-comissão, composta de cinco jurisconsultos escolhidos entre os tecnicos da mesma comissão encarregada de examinar os plenos poderes. Esta sub-comissão ficou composta pelos senhores Celesia, italiano; Bavignon, belga; Fromegeft, francês; Hurst, inglês; e Hayashi, japonês, que reunirá amanhã. — (R.).

GENOVA, 14 — O sr. Barthou declarou, perante o *comité* politico de Genova, que recebeu instruções do sr. Poincaré para que a Alemanha seja de novo excluida da comissão politica e que a comissão de reparações tinha registado as exigencias da Alemanha, e, por consequencia, devem-se prever medidas coercivas por parte da Belgica e da França, conjuntamente, contra a Alemanha, por ter violado o tratado. Quando Lloyd George ameaçou voltar a Londres, se a França continuasse a insistir sobre tal medida, o sr. Barthou, sob a sua propria responsabilidade, renunciou á sua primeira exigencia. — (R.).

GENOVA, 14. — Tem-se feito grande especulação politica acêrca da noticia de que o sr. Poincaré teria informado o sr. Barthou da sua intenção de vir a Genova, se os delegados franceses se considerassem desligados das ordens de Paris ou incapazes de resistir á frente italo-britanica. — (R.).

GENOVA, 14 — Na Conferencia estabelecer-se-ha uma comissão para tratar da dividas russas, composta de membros nomeados pelo governo russo e por outras potencias, presidida por um individuo escolhido por mutuo acordo ou nomeado pela Liga das Nações. Esta comissão será o orgão internacional, que tratará todas as questões que digam respeito a emprestimos antigos ou indemnizações exigidas ao governo dos *soviets*. — (R.).

GENOVA, 14 — No relatorio que preconisa o estabelecimento da restauração economica da Russia é o do estabelecimento de uma comissão para tratar dos assuntos russos diz-se que esta nação está dependente do auxilio estrangeiro e do capital estrangeiro, mas que, para isso, necessario se torna que a situação se esclareça, de maneira a que se proceda realmente á reconstrução da Russia e não á sua exploração, o que todos os governos representados em Genova pretendem evitar. — (R.).

GENOVA, 14 — Hoje reuniram oficialmente as delegações aliadas, a fim de, juntamente com a delegação russa, examinarem as consequencias que podem derivar do relatorio dos peritos. Segundo diz a *Agencia Havas*, a discussão versou especialmente sobre as garantias reclamadas pelos peritos, a fim de se restaurem as relações economicas com a Russia. Os aliados convidaram os russos a declarar até que ponto eles podiam aceitar as condições dos aliados. — (R.).

GENOVA, 14 — A sub-comissão dos negocios russos adiou-se para amanhã, em vista do novo pedido de Tchitcherine. A Russia encontrou um terreno de entendimento e inspirar-se-ha tambem nas consequencias que os aliados encararam ontem, renunciando a quaisquer medidas que se pareçam com uma capitulação, mas sendo completamente posto de parte o principio da reciprocidade. — (H.).

GENOVA, 14 — Os srs. Barthou, Lloyd George, Schanzer e Jaspar, delegados respectivamente da França, Grã Bretanha, Italia e Belgica, conferenciaram demoradamente esta manhã. — (H.).

O MOMENTO

A desvalorisação do escudo, mantida pela especulação

O Governo não ignora as manobras baixistas executadas em Nova York e no Rio de Janeiro... Não ignora, é certo, mas é como se ignorasse... Os «esfolas» do Ministerio das Finanças—Como se fez, na Grecia, um emprestimo interno forçado

NOTICIAS E COMENTARIOS

O artigo que ontem aqui estampamos ficou incompleto. E' natural. O problema portuguez é complexo e não é em meia duzia de linhas que é possivel expô-lo com clareza. Mas como ninguem corre atraz de nós, dispomos de tempo e paciencia para o estudar nos seus multiplos aspectos. Ha-de fazer-se a discussão dos problemas das finanças. E ha-de demonstrar-se aqui, muito a tempo e muito a horas, que, se a opinião publica não se aniquila em... Entretanto, explicamos tranquilamente o nosso pensamento, cumprindo o dever republicano que a tradição impõe a este jornal e que, alias, é do agrado de quem lhe interpreta os sentimentos.

...sta vida de esfomendo, em que o paiz se devora a si proprio, estiolando-se pelo consumo progressivamente aumentativo de todas as suas fontes de energia produtiva. Assim não se vive, vegeta-se!

Dissemos ontem e repetimo-lo: não é com a aplicação de processos sediços que se fará a regeneração economica do paiz. A situação não é hoje semelhante e muito menos igual á que era, em 1922 não é 1914. Por isso é que se juntaram em Genova representantes do mundo civilisado, com a exclusão, bem lamentavel, da America do Norte e com a inclusão, a nosso vêr absolutamente inutil, da sanguinaria Republica dos Soviets Russos.

Da Conferencia de Genova sahirá ou não sahirá alguma coisa de util. Mas seja como fôr, nós portuguezes, temos de tratar de nos salvar a nós proprios. Reeditando os processos antiquados de administração e finanças, isso quer fazer o sr. Ministro das Finanças, que estacionou em 1914, não sentiu a guerra, não compreende o depois-da-guerra e é absolutamente incapaz de conceber coisa diferente daquilo que lhe dita o pessoal burocratico que forma o seu estado maior. Não, não é esse o caminho da salvação. Essa é, pelo contrario, a estrada da perdição. O ilustre financeiro do Terreiro do Paço, com escala pela companhia da Zambezia (vencimentos em ouro...) desconhece, naturalmente, onde esta o dinheiro e qual a forma de o arrancar ás unhas vorazes da alta finança. Pois, para sua ilustração, aqui lhe damos um exemplo:

Na Grecia lançou-se e fechou-se, com exito pleno, um emprestimo interno forçado. Consistiu a operação em dividir em duas metades cada nota de circulação fiduciaria, uma das quais, com metade do valor primitivo, ficou em poder do possuidor e a outra em posse do Estado, que, em troca, entregou um titulo da divida publica, do valor nominal da metade recolhida e vencendo o juro de 7 o/o ao ano. A operação teve, como dissemos, exito completo, executando-se num dia unico, sem despesas e sem ter provocado o menor perturbação. Nessas condições, a circulação fiduciaria grega foi instantaneamente diminuida da 50 o/o, o que não deixaria de fazer sentir num acrescimo correspondente da força aquisitiva do drachma. O publico, evidentemente, não perdeu nada, antes lucrou, porque a sua drachma ficou com um poder de aquisição de mercadoria igual ao que anteriormente tinha o drachma integral e, ainda por cima, com um titulo da divida publica, o emprestimo forçado proporcional á riqueza de todos os helenos, porque entregou sem ser pobre e nada o miseravel. O Estado grego tem diante de si um largo periodo de desafogo, durante o qual poderá estudar e por em execução uma reforma monetaria, que o aliviará do encargo do juro de 7 o/o e que até, porventura, completamente o anulará. Evidentemente, esta ultima parte tambem é dificil. Uma politica financeira de equilibrio, alguns impostos novos, a melhoria geral que por força ha-de trazer ao mundo, com o decorrer dos anos, facilitarão, todavia, a tarefa dos estadistas gregos.

E' bom esclarecer que a Grecia tinha uma circulação fiduciaria de 1.5 bilhões de francos, contra 300 milhões em 1914. A actual circulação fiduciaria portuguesa pode computar-se em 700 milhões de francos, na conversão dado ao franco o valor de um escudo, inferior, aliaz, á taxa cambial dos ultimos dias, ou de 175 milhões de francos, se atribuirmos ao franco o valor de 200 reis, aproximadamente aquele que tinha em 1914. Ambas as conversões não correspondem a uma perfeita realidade. Não cremos, por isso, muito exagerado, afirmar que a nossa situação fiduciaria era melhor que a da Grecia, antes do emprestimo forçado realisado por este paiz. Agora é que já não acontece o mesmo, porque a circulação fiduciaria grega ficou reduzida a um bilião de francos, sem a sujeita a diminuição que, por força, será imposta na troca oportuna da moeda drachma por aquela que a reforma monetaria ha-de vir a instituir.

Nos não aconselhamos que se siga o exemplo da Grecia, Nós aconselhamos nem deixamos de aconselhar. Governar é com os outros, não é connosco. O nosso oficio é outro. Mas quizemos deixar aqui exemplificado o nosso ponto de vista: não é pelo agravamento do fisco, levado até ás alturas vertiginosas a que o querem guindar os funcionarios do ministerio das Finanças, que a Nação se salvará. Se o governo o não compreende, pior para ele, e pior para nós que temos de pagar as culpas dos outros. Mas pior ainda será mal para nós todos, que somos a Nação,—e é ai que nos dois!

Foi aberto em Londres um credito de trez milhões esterlinos, para ocorrer ás necessidades as mais instantes de nossa importação. Já se diz que o ministerio das Finanças distribuiu, como quiz e entendeu, os «permits» da importação por força do credito. Deve concluir-se, daí, que ele está esgotado?... Como o sr. ministro das Finanças anuncia, oficiosamente, que levará ao Parlamento a nota dos importadores contemplados, limitar-nos-emos, por agora, a esperar pelos revelações, guardando para melhor oportunidade, o exame da questão constitucional, que consistirá em saber se o governo podia ou não podia dispor livremente e a seu arbitrio do credito tão laboriosamente conseguido.

Um fenomeno, porém, se constata, e é que se apesar do credito, o cambio não melhorou. Aconteceu o contrario: piorou! De modo que, se fossemos guiados por um raciocinio extremamente simplista, poderiamos concluir que o cambio piorou exactamente porque se conseguiu o credito. Seria um cumulo!

Não é assim. O governo—e o sr. ministro das Finanças, muito especialmente,—sabem muito bem quais as causas da desvalorisação galopante do escudo. Nas regiões governamentais não se ignora que uma especulação desenfreada mantem o escudo num estado infimo de valor, artificialmente, impatrioticamente, criminosamente. O Governo sabe que no Rio de Janeiro e em Nova York, especialmente, se oferecem á venda milhares de escudos, que são, em troca, comprados com reis brasileiros, com dolars ingleza e dolars americanos... cambio brasileiro proximo da divisa de 8 e empurrese desenfreadamente o cambio portuguez para a divisa de 3, onde ainda não chegou, mas pouco lhe faltando para isso.

E apezar de haver a certeza que é essa a causa principal, quasi unica, do insucesso do credito dos trez milhões esterlinos, ou que respeita á melhoria cambial, o governo conserva-se inerte em frente da catastrofe, como se governo não existisse ou como se o governo fosse precisamente constituido pelos financeiros de má norte, a quem a ambição insaciavel não consente o mais insignificante assomo de dever patriotico.

Por isso se vive em Portugal, sobre um vulcão. O povo tem o instincto que o guia, esse admiravel instinto que o tem impulsionado na pratica das maiores e mais expressivas virtudes civicas. O povo sente-se explorado, sem saber, ao certo, donde lhe vem a exploração. O povo não compreende as causas da carestia crescente da vida,—tão e poradicamente ara que já ontem as cebolas atingiram o preço fantastico de trez escudos e meio o kilo, quando ha alguns meses se vendiam a trez centavos cada dois kilos e ha alguns mezes a 40 centavos o kilo. O povo não compreende, os senhores, Exprimenta a fome e lança sobre o governo as responsabilidades da situação. O povo sabe que na ministros que recebem em ouro os seus vencimentos e os seus rendimentos e que, para eles, a vida decorre num mar de rosas, porque cada escudinho lhes rende mais de cincoenta escudos e que, nesses condições, a sua cara nada lhes faz nessa e o cambio a 4 lhes faz arranjo... O povo sabe e sente muito mais que isto. Admira-se, então, que ele se revolte?...

O que a Nação quere, o que o povo quer, é que haja quem governe por ele e para ele. Hesta que o governo teve conhecimento da especulação do Rio de Janeiro e de Nova York, porque não adoptou providencias imediatas? Não sabe o que ha-de fazer? Nesse caso, é incompetente... ou é impotente. Na primeira hipotese, tenha a coragem de o confessar; e, na segunda, apele para a Nação, que ele tem dará a força que lhe falta...

O que não é possivel é continuar

Como se nacionalisará uma população

A Alsacia sob o dominio da França

Um jornalista que percorreu a Alsacia e a Lorena, pesquizando os sentimentos das populações dessas provincias que voltaram, ha pouco, ao dominio da França escreveu de sua viagem interessantes observações, que publicamos a seguir:

«Acabo de fazer uma viagem de duas semanas, pela Alsacia. Percorri quasi toda a região, desde as montanhas dos Vosges até ás planicies do Reno.

Do ponto de vista economico e politico, a viagem oferece um alto interesse. A devolução á França de uma provincia que lhe havia sido arrancado, faz nascer um certo numero de problemas cuja solução não se descobre facilmente. Quem não se recorda do entusiasmo com que foram recebidas as tropas francesas, depois do armisticio, pelos alsacianos?

Esta alegria delirante de um povo inteiro, traduzia, não ha duvida, os sentimentos de fidelidade profunda que a Alsacia havia guardado para com a França. No entanto, apesar de franceza de todo o coração, a Alsacia, não podia deixar de sofrer a influencia estrangeira, pois durante quasi meio seculo esteve sob a dominação alemã.

E' mister ter em conta, necessariamente, os habitos, os interesses que se desenvolveram nesse espaço de tempo.

E' necessario agora, portanto, que durante o periodo de transição a Alsacia seja submetida a uma administração especial, afim de preparar a sua entrada para o quadro administrativo e governamental francez. Alguns pensam que esta epoca de transição seja tão curta quanto possivel, e outros pensam que ela já durou bastante. São os partidarios da maneira radical queremos dizer jacobina.

As suas ideias consistem em dizer que o mister desde agora assimilar as provincias reconquistadas aos demais departamentos francezes, sujeitando-as ás mesmas regras.

Quanto mais se espera mais aumentam as dificuldades.

Estas ideias, autoritaria e violenta, não é a do governo francez, que se mostra partidario da moderação. Com o objecto de preparar a transição creou um comissario geral de Alsacia e Lorena, no qual centralisa todos os assuntos da região.

A primeira dificuldade que se apresenta é a da lingua. Os alsacianos falaram sempre um dialecto de origem germanico.

Depois da reunião da Alsacia á França, no tempo de Luiz XIV, as cidades, a burguezia, os intelectuais haviam-se tornado francezes por sua cultura. O povo, campones, continuou falando o seu dialecto germanico.

Como bem se compreende os alemães, durante o tempo em que durou a ocupação, não deixaram de impedir o ensino e os usos francezes. Desta forma, a Alsacia, tornou-se um territorio em que o idioma francez era somente conhecido pela gente culta. A primeira coisa que ha a fazer é o ensino do francez, da forma mais intensiva. E' a esta tarefa que se entregou, inteiramente, a administração franceza.

Os resultados obtidos, até agora, são os mais surpreendentes. Por todos os lados os pequenos alsacianos aprendem o francez, com a maior facilidade.

Alguns professores são francezes e outros são alsacianos; estes quanto são sejam muito versados no francez, o conhecem perfeitamente para poder ensinal-o á infancia. Eles ensinam pelo metodo de Berlitz. Ensinam-se tambem os meninos a cantar em francez. A maior parte deles, já estão em estado de compreender tudo que lhes falam.

Coisa curiosa: uma vez em suas casas, ensinam o francez a seus pais. As religiosas, especialmente, fazem maravilhas: São muito numerosas na Alsacia, e no tempo da ocupação ale mã contribuiram para manter em suas escolas o ensinamento do idioma francez. Foram vistas irmãs de Ribeauville que, animadas de um zelo sem igual, conseguiram ensinar em alguns mezes o francez a pequenos alsacianos que, ao entrar na escola, não sabiam uma palavra. Dentro de alguns anos todos os filhos de Alsacia falarão francez e se terá dado um passo consideravel para a nacionalisação franceza.

Trez quartos da população da Alsacia Lorena, são catolicos. A outra compõe-se de protestantes e judeus. Estes catolicos são muito crentes, muito praticantes, sujeitos, sobretudo os camponeses, á influencia dos padres. Neste ponto, parecem-se com os bretões.

No clero, todos os velhos padres de antes de 1870, eram e são extremamente francezes, de todo coração.

Foi em vão que as autoridades alemãs os vexaram e perseguiram tanto quanto puderam. Durante a guerra, grande quantidade deles foram prisioneiros e levados para a Alemanha.

Os padres jovens, educados nas escolas alemãs, germanisaram-se de certo modo. A propaganda alemã aproveitou muito habilmente os erros cometidos pelo governo francez com sua politica anti-clerical e sectaria. Ao mesmo tempo tratou de aproximal-os do partido catolico alemão, que gosa na politica interior alemã de uma influencia preponderante. Por este conjunto de circunstancias o clero jovem afastou-se um pouco da França. Produziu-se na Alsacia, o mesmo fenomeno que na Baviera e nos demais paizes catolicos da Alemanha.

Alguns sacerdotes de temperamento combativo, de caracter empreendedor, atiraram-se activamente nas lutas politicas. Assistiram ás reuniões publicas, sustentaram determinadas candidaturas, combateram outras, fazendo-se eleger para os conselhos locais e para o Parlamento. Tiveram jornais muito bem feitos, os unicos que eram lidos pela população dos campos. E' um partido poderoso, solidamente organisado, com que os franceses podem contar. Este partido catolico alemão não é hostil á França.

Ao contrario, não deixa nunca de protestar sua lealdade. Mas, antes de tudo, deseja conservar sua influencia, e a verdade é que teme a introdução na Alsacia, do idioma, do espirito e dos costumes francezes, que façam diminuir sua influencia. Desconfia do francez que todos consideram com a linha de Voltaire, queremos dizer, de irreligioso. Seu ideal é que os camponeses da Alsacia continuassem falando seu dialecto abstendo-se de ler jornais e livros francezes.

Do ponto de vista politico e administrativo, este partido mostra-se excessivamente particularista. Querem que a Alsacia em logar de voltar integralmente á patria franceza, conserve uma administração separada, com seus ferroviarios, etc. A questão dos funcionarios não deixa de oferecer tambem suas dificuldades. Para substituir os funcionarios alemães, que se viram obrigados a atravessar o Rheno, quando as tropas francezas se aproximavam, tiveram os alsacianos de se valer dos francezes. Movidas por sentimento liberal e de grande tolerancia, as autoridades francezas, conservaram em seus empregos a maioria dos funcionarios de origem alsaciana. Um certo numero deles ignoram o francez, porque quasi todos, foram formados segundo os metodos alemães. Não se póde exigir que, de um dia para o outro, eles desprezem esta formação, olvidando tudo o que lhes foi ensinado.

Ocorre o mesmo com os ferroviarios. A rêde de Alsacia-Lorena, constitue uma estrada autonoma. Os francezes conservaram a sua independencia, sendo, porém, alguns chefes alemães expulsos. Todos os demais empregados foram mantidos.

Os ferroviarios alsacianos, que constituem um poderoso sindicato, são de ideias muito avançadas. No ultimo Congresso que se reuniu em Paris, seus delegados votaram a favor das ideas comunistas e para se rem filiados a Internacional de Moscou. As autoridades francezas tem razões para crêr que alguns agitadores vindos de alem Rheno não deixam de exercer sobre eles uma influencia perniciosa.

Pelo que se refere ao lado material cuja importancia é consideravel, a prosperidade é muito grande. A França, logo depois do armisticio, deu a Alsacia um dia de jubilo. Decidiu que o marco alemão, que não valia então, senão 60 centimos, seria pago a todos os alsacianos a um preço convencional de 1 franco 25, o que representa para o Estado francez, um sacrificio de um alguns milhões de francos. A Alsacia aproveitou largamente de uma tão grande liberalidade. Os camponeses, os comerciantes, que durante a guerra haviam tido grandes beneficios, trocaram seus marcos desvalorisados por francos.

Desta forma, da noite para o dia, duplicaram suas fortunas.

ULTIMA HORA

O "raid" Lisboa-Brasil

O comandante Sacadura Cabral comunicou ao ministerio da Marinha que iniciou ontem largar de S. Vicente para o penedo de S. Pedro, mas que não o pouide fazer devido ao muito mar. Sóhoje as condições de tempo e de mar melhoraram tencionarlargar para o referido penedo. Caso contrario seguirá amanhã, domingo, para o porto de Praia e dali para o penedo de S. Pedro, donde a distancia é menor. Diz ainda que não pode largar diretamente para Fernando Noronha, como tencionava, em vista das más condições dos portos de Cabo Verde não permitirem que levante vôo com a carga maxima.

—O cruzador "Republica" comunicou que está pairando a um quarto de milha do penedo de S. Pedro.

As gréves

O coronel sr. Batista Coelho director da Companhia Carris de Ferro teve hoje demorada conferencia com o sr. Governador Civil de Lisboa, sôbre a situação do empregados ultimamente despedidos dos electricos.

O sr. Baptista Coelho não conferencia manifestou o seu pesar por não poder aceder ás solicitações do chefe do districto afim de que a empresa dos despedidos fossem readmitidos.

No entanto as resoluções tomadas pela direção dos electricos tinham sido conservadas: não admitir os empregados despedidos visto não serem terem apresentado quando esteve aberta a nova inscrição.

Ainda se não encontra solucionada a gréve dos operarios da industria mobiliaria, prosseguindo as «demarches» no sentido de se lhe pôr termo.

Os chauffeurs de camiões e condutores de carroças devem reunir ainda hoje para tratarem da marcha do conflito. Muitos dos patrões teem acedido aos aumentos reclamados.

Poeira da Arcada

A sr.ª duqueza do Porto conferenciou hoje com o sr. Presidente do Ministerio.

—O sr. ministro das Finanças conferenciou hoje com o seu colega do Comercio, sobre assuntos relacionados com o credito de tres milhões de libras.

—A bordo do vapor «Porto», dos Transportes Maritimos do Estado, foram presos em Angra do Heroismo varios individuos que pretendiam emigrar clandestinamente para o Brazil. Esses emigrantes estavam escondidos nos porões e sair-se-iam bem da sua aventura se não tivessem gritado por socorro quando o «Porto» naufragando na Ponta do Castelinho, á saida de Angra.

O «Porto» chegou a bater no fundo, que no local e de areia, pelo que não sofreu qualquer avaria.

Em poucas linhas

Foi preso José Teixeira da Silva rua de S. Bento, 155, 3.º que furtou e quantia de 1.000 escudos a Julio Marques Vieira, rua de Santa Justa 88, 3.º

—Com o auxilio de chave falsa entraram os larapios em casa de Virgilio Fernandes Nunes rua dos Fieres 25, 1.º, donde furtaram varios objetos avaliados em 365 escudos.

—Foi presa Ana Feijó rua Gomes Freire, 229, r/c, que furtou objectos no valor de 155 escudos a Manuel Martinho, Avenida Duque de Loulé, 11.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pelo ilustre governador civil de Lisboa, major sr. Viriato Lobo, que se fazia acompanhar por sua mãe, a sr.ª D. Clarisse Lobo, foi hoje pedida, para seu irmão e filho, o tenente de engenharia, sr. Aulanio dos Santos Lobo, a mão da sr.ª D. Dinorah Flavia Pessoa, interessante e gentilissima filha do importante industrial da praça de Lisboa, sr. Joaquim Pessoa, e da sr.ª D. Maria Pessoa. O enlace matrimonial deve realizar-se brevemente.

TAUROMAQUIA

A inauguração da epoca

Sem bons touros e sem uma boa direcção de corrida é impossivel que uma tourada resulte boa. Por isso, a de amanhã — primeira da epoca no Campo Pequeno—tem as principais condições para satisfazer: os touros são do esmerado criador de Vale de Figueira, sr. Emilio Infante, e a direcção da lide é o ex-cavaleiro Eduardo de Macedo, que todos devemos reconhecer ser competente no assunto.

Mas é completa a garantia para os aficionados de assistirem amanhã a uma boa corrida, porque o pessoal artistico é cuidadosamente escolhido: tourearão a cavalo Adolfo Machado, que ensaia cavalos de combate, e Ruy da Camara; de pé Cadete, Luciano, Rocha, B. Largo, A. Carvalho e Alfarero.

A tourada principia ás 4,30.

TEATRO

Nota do dia

A policia e as horas de espectaculo

A policia comunicou que vai interes sar-se pelas horas dos espectaculos. Está bem. *A policia que intervem pouco nos roubos e nos crimes vae interessar-se pela arte.*

Já tem sucedido o mesmo, por varias vezes.

Como?

Ou regulando as horas de fechar as portas, ou proibindo certas liberdades, literarias, ou...

Para bem?

Umas vezes para bem, outras para mal, mas sem importancia. Porquê? Porque, o que a policia diz embora se escreva, é como as leis.

Esquecem... O Tempo como a chuva nos cartazes apaga-lhes as letras e as ordens.

Por exemplo?

Não se pode entrar nas plateias depois do pano levantado... Quem cumpre?

Ninguem.

As crianças choram pelos camarotes. E' tudo assim. Mas a policia disse que não, e o regulamento está em vigor ainda.

As horas de começar tem de se cumprir, diz.

Está bem. Termina tudo á meia noite e meia hora.

Está bem. Dentro dum mez já ninguem fará caso.

Mas porque é que em Portugal se começam os espectaculos ás 9 30? Por todo o mundo os teatros principiam ás 8 30 e nos paizes do norte ás 7 e meia.

O homem é um animal de habitos; porque não se habitua a... habitos mais salutares. Porque transigem os teatros com os «gourmets», começando os espectaculos quasi ás 10 da noite.

Teem medo de acabar ás 11?

Mas é o ideal, o espectaculo que nos saiba bem, e nos dê o prazer de deitar cedo... Porque não se pensa nisto a serio?

A. F.

Noticiario

Portugal

«A Lenda dos Tarlatanas» a engraçada farça original de André Brun e Carlos Simões, para a qual escreveu a partitura o maestro Pedro Blanch repete-se esta noite depois de um dia de descanço. A noite de Aleluia no S. Luiz será brilhantissimo.

—No Chiado Terrasse sobe hoje á scena pela primeira vez em 7 recita de assinatura e despedida da companhia as peças: «Cartas são papeis» e «Os aspectos».

Musica

Conforme se tem anunciado, realisa-se amanhã, no Coliseu dos Recreios um grandioso concerto sinfonico sob a hábil regencia do ilustre maestro Ruy Coelho, sendo executado, em primeira audição, o poema heroico «Nun'Alvares», composição do mesmo maestro e por este dedicada «A' Gloria dos Novos Cavaleiros de Aventura Cabral e Coutinho», além de varias obras de Weber, Bach, Beethoven, Berlioz e Ruy Coelho.

A orquestra é composta pelos mais reputados professores das orquestras sinfonicas de Lisboa e a execução das obras é feita no centro da sala de espetaculos.

A Empreza do Coliseu, no desejo de tornar acessivel a entrada ao publico frequentador daquela casa de espectaculos e no de contribuir para a difusão do gosto pela musica, conservará os seus preços habituais, não alterando, portanto, em nenhum dos logares o preço costumado.

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9—«Alma Forte».
NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».
S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».
POLYTEAMA—A's 9,30—«A Mulher que Passa».
EDEN TEATRO—A's 8,30 e 10,30—«Tallismans».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Gigojogas».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 9—IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

MULTIDÕES INFANTIS

O PROFESSOR MANUEL DA SILVA FALA DAS CRIANÇAS E EXPÕE CONCLUSÕES NOTAVEIS SOBRE O IDEAL PEDAGOGICO

Explicação prévia

O que vou lêr não é uma tese. Fal ta-lhe para isso a exemplificação e a lógica analitica que a deviam caracterizar.

O que escrevi é apenas um desabafo quási momentâneo; são reflexões pessoais feitas apressadamente e escritas a correr.

¿Porque é que mesmo assim vo-las apresento?

Simplesmente porque reputei útil chamar a atenção do Congresso sôbre um ponto de vista meu integrado na psicologia e na sociologia infantil, sciencias que constituem a verdadeira propedêutica da educação scientifica, bem humana.

Fiz bem? Fiz mal?

A competência dos ex.mos congressistas o dirá na justiça a fazer no meu objectivo, porquanto só êle atenua a minha audácia critica e conclusivista.

Existem multidões infantis?

Para clareza de ideias, definamos primeiro os termos. E, assim, assentemos em que eu parto desta noção de multidão infantil: um grupo de indivíduos, crianças ou adultos, mas para o meu caso crianças, as quais, momentâneamente, vibram em uníssono visando um objectivo comum: dançar, correr, colher flores, cantar, etc.

Nas salas, nas ruas, nos campos de jôgo, na vida pastoril, etc., é isso um facto corrente.

Todos nós, evocando o nosso passado ou recordando o que observamos nas sociedades infantis, o sabemos muito bem.

¿Mas todo o agrupamento de crianças é multidão? Não, porque a multidão é obra do momento, ao passo que o agrupamento é produto de maior duração.

Este caracterisa-se pela constituição, que é fisiológica, enquanto que aquela distingue-se pela unidade colectiva, que é psico-sociológica.

Em linguagem quimica, o agrupamento é mistura e a multidão é combinação.

Como reagem?

100 crianças constituem um agrupamento de cem crianças, o qual, se num momento é uma multidão de cem indivíduos, passado pouco tempo pode ser uma ramificação de multidões.

Isto depende da reacção que as circunstâncias impõem ao agrupamento selecionando por meio do despertar da atenção espontânea os indivíduos que no momento sentiram a vibração da unidade psicológica que estão constituindo.

Exemplo: 20 crianças seguem o caminho da escola. Uma avistra que se jogue o pião e mais 11 aprovam imediatamente a idea.

Estas 12 crianças constituem para o meu caso uma multidão infantil, enquanto o interesse momentâneo pelo jogo do pião as unir. As 8 que não concordaram o que continuaram seguindo o caminho da escola são uma segunda multidão se o vivo interesse de chegar á escola ou outro comum fôr o alvo supremo do momento também.

Tanto um como o outro grupo podem ramificar-se em novas multidões ou constituir na sua totalidade uma, logo que novos ideais surjam impondo a sua dispersão ou aproximação.

E' evidente que a sucessão de momentos de unisona vibração pode ser tão grande, que nos dê a impressão de que a multidão possui a ser duradoira.

Mas neste caso, é o «meneur» que escravizou o grupo apagando-lhe a personalidade, e não a multidão infantil que num vôo de intuição instintiva ou de hábitos inconscientes actuou segundo o seu determinismo proprio, em cada momento psicológico.

Ter um conceito de multidão que considera multidão todo o agrupamento ou que não repute possível a existência de multidões nas crianças normais, afigura-se-me um êrro de ampliação no primeiro caso e um êrro de restrição no segundo.

Valor educativo do seu estudo

Os conceitos e as ideias teem o seu lugar proprio. E eu, aqui, pretendo mostrar qual a conveniência e como aproveitar o estudo da reacção ao meio dos aglomerados infantis.

¿Qual é o termo que serve melhor: grupo, aglomerado, multidão? Isso é secundário. O que importa é a essência da reacção psico-coletiva que se dá, e, portanto, o aproveitamento do seu estudo na obra grandiosa da educação.

¿A criança com a reacção em multidão prejudica-se?

¿Ao contrario, devemos aproveitar-lhe essa tendencia para se fazer na escola o ensino individual, sim, mas em ambiente colectivo, embora respeitando no possivel a psicologia da criança?

Aqui é que está a importancia psicologica do problema.

Parece-me que a criança, reagindo em multidão, sentindo portanto, a solidariedade duma maneira quasi palpável, é mais feliz e que se racionalisa, humanisa, na integração forte da consciencia social.

A realidade que o grupo vê está mais de acôrdo com a verdade do que a vê o indivíduo.

Consequentemente, na escola devemos aproveitar os grupos aproximadamente homogéneos para, a dentro deles, fazermos o ensino que o interesse da multidão nos indica.

Só não assentaremos nisto, a coeducação dos sexos não se poderia defender, visto que ela é a propulsora por excelencia das multidões psicológicas, especialmente quando as diferenças sexuais se acentuam.

A multidão infantil é, pois, uma unidade psicológica que convem estudar e conduzir no sentido de se educar mais a multidão como «combinação» de caracteres, do que o indivíduo como «tipo» cuja autonomia é sagrado, havendo porém, o cuidado de em cada momento se ser eclético, oportunista, equilibrando bem o individualismo e o colectivismo.

O ideal pedagógico: ensino ocasional

O ambiente que ao educador compete preparar será sempre um texto complexo e variado nos processos que acompanham a evolução psiquica do cada educando, embora sequente com a sistematização dos conhecimentos que a evolução de cada sciencia exigir como fonte dum passado produtivo e coordenado.

Isto é, o ensino ocasional bem racionalizado tanto objectiva como subjectivamente, será o melhor meio de aproveitar a atenção espontanea da criança que o ambiente criado pelo mestre provocará ou que ela por si só criará imaginando e executando.

Conclusões

Em resumo, entendo poder afirmar-se:

I—Nos aglomerados de crianças destacam-se continuamente grupos específicos de reacção momentanea cuja ideal colectivo caracteriza a unidade psicológica das multidões infantis.

II—O estudo da reacção ás circunstancias das multidões infantis interessa fundamentalmente ao educador—(psico-pedagogo) como ponto de partida para se despertar o interesse e aproveitar a curiosidade infantil.

III—O mestre, no interesse do individuo e do colectividade (adaltismo) deve educar atendendo principalmente ao momento psicológico que relaciona cada tendência motivo dentro cada agrupamento escolar.

IV—A grande razão do ensino coeducucionista está precisamente na influencia que cada grupo psicológico exerce em cada elemento combinatório.

V—O ensino ocasional é o unico que poderá conseguir o objectivo da 3.ª conclusão.

Congresso Nacional de Educação Popular

Despertou grande interesse nos meios pedagogicos e intelectuais o Congresso Nacional de Educação Popular, que a Universidade Livre vai realisar nos dias 17, 18, 19 e 20, tendo-se inscrito na secretaria desta coletividade muitos congressistas.

A sessão inaugural será presidida pelo senhor Presidente da Republica, que saudará os congressistas, devendo usar da palavra o sr. ministro da Instrução, dr. Pedro José da Cunha, Reitor da Universidade de Lisboa, e dr. Agostinho Fortes da Faculdade de Letras e outros, sendo esta sessão realisada como já dissemos no salão Nobre da Camara Municipal, ás 5 horas de segunda-feira, 17, podendo assistir os socios da Universidade Livre em recinto especial.

O Conselho recebeu mais duas teses para serem presentes ao Congresso, sendo uma do dr. Jaime Cortezão sobre o «Teatro», e outra do professor Cesar dos Santos sobre o «Canto Coral».

SPORT

Por este mundo...

Não consentia a União Velocipedi ca Franceza, que os ciclistas continuassem a usar reclames nos maillots da corrida.

Vai dai, lançaram a moda de correrem de bonets, e neles porem vistosos e rendosos reclames...

O viver não custa, o que custa é saber viver...

◆ ◆ ◆

Vai começar a luta no Coliseu.

A proposito lembra-nos o ano passado, um facto que vi no circo.

Durante uma luta emocionante, um espectador exaltado pela brutalidade dum dos atletas levanta-se e grita:

—*Olha a perna.*

Tanto bastou para que uma pequena loira e interessante, que flirtava, com um cavalheiro de monoculo, se ruborisasse, e mudasse de cadeira... Porque seria?

◆ ◆ ◆

Já partiu de New-York o campeão do mundo Dempsey acompanhado pelo seu manager.

Vai começar a carrificina...

◆ ◆ ◆

Dizem que vai reaparecer no Coliseu o professor Ruy da Cunha.

Ou revient toujours a ses premiers amours...

RUY DA CUNHA.

Ciclismo

A volta da Belgica foi ganha pelo ciclista «Vermandel».

A corrida dos 6 dias de Paris foi ganha pela «equipe» franco-belga «Seres-Aerts», que fizeram 3.686 quilometros.

Para a corrida «Paris-Roubaix», estão contratados 182 ciclistas, entre eles o «team» italiano que corre pela marca «Bianchi».

Box

O americano Kilbane que está em Londres, não conseguiu ainda poder exibir-se em qualquer «music-Hal».

Pelo contrario, «Dempsey» mesmo antes de chegar, já tem tanta oferta, que não poderá aceitar metade.

«Baskot» o campeão inglez venceu o australiano «Cook».

Havia grande interesse em ver o combate, pois os dois tinham sido batidos por «Carpentier».

Law-Tennis

Como a Suecia não quisesse organisar os campeonatos do mundo de «tennis», para o ano que vem, a «Federação Internacional de Tennis», encarregou a Espanha de fazer as provas.

Aviação

Dois aeroplanos, que faziam a travessia Paris-Londres, por causa do nevoeiro, chocaram-se, e ficaram destroços.

Sports atleticos

Foi o francez «De Nyl», que ganhou a prova de «cross-coutry» internacional para a disputa da Taça «Dubonet».

Jogos olimpicos

O programa de sports atleticos nos proximos jogos olimpicos é o seguinte:

100 metros, 200, 400, 800, 1500, 5000 e 10000.

Maratona, «steeple-chasse», (3000), barreiras 110 metros e marcha 10000 metros, 400 metros, por «equipes». Idem 1600 metros, 3000 por equipes 10000 metros de «cross-coutry», individual e por «equipes», lançamento de disco, do dardo, e do martelo, salto á vara, em altura e comprimento com balanço.

Alem destas provas é o «Decathlon», e o «Pentaklon» antigo, e moderno.

NOTICIARIO

FOOT-BALL

O «Oxford City» joga amanhã com o Fortuna, desafio desforra e na 2.ª feira com Casa Pia

Não se realisa amanhã o encontro entre o team inglez com o team mixto por o Real Fortuna ter pedido uma desforra ao «Oxford City» que foi aceite.

Na verdade o Real Fortuna quando jogou com o team inglez, já tinha feito tres jogos, quasi seguidos com teams diferentes o frescos de que os seus «players» muito se ressentiram.

Este desafio realisa-se no Stadium pelas 16,30 horas; antes, no mesmo campo efectua-se um match de rugby entre o team inglez do Carcavelos Club e o team mixto portuguez constituido com elementos do Royal F. C. e Club Portuguez de Rugby.

Na segunda feira realisa-se o ultimo encontro internacional, sendo adversarios o «Oxford City» e o Casa Pia Atletico Club, campeão da epoca passada e finalista da «Taça da Associação na presente temporada. O match que tem logar em Pelbaves pelas 17 horas.

LUTA

Inicia-se hoje no Coliseu do Recreios o IX Campeonato Internacional

Começam hoje no Coliseu dos Recreios as primeiras lutas do IX Campeonato Internacional que a Empreza daquela casa de espectaculos de colaboração com alguns jornalistas sportivos, resolveu realisar, tendo para tal, procurado a melhor forma de organisação do Campeonato decorrer com regularidade; pois chamou a si alguns tecnicos e entre eles o arbitro Max Sergyja conhecido entre nós, pelo alto da maior imparcialidade.

As sessões, devem portanto decorrer com interesse á medida que as eliminatorias se vão disputando.

Nós que temos noticiado com entusiasmo a inauguração do Campeonato, esperemos que a sua organisação corresponda em absoluto.

As lutas de hoje, marcadas como em todos os torneios por meio de sórtes dão-nos a garantia de quatro magnificos match. Constant e Marin um dos «pretenciosos» do torneio luta contra Stroobants; Sando contra Bonnes; Mussetti contra Leon d'Angers e finalmente Charley contra Raoul St Mars.

A primeira luta deve principiar ás 22 horas e meia, exibindo-se antes alguns numeros de variedades.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O ADEREÇO

por GUY DE MAUPASSANT

E êle respondeu:

— Ao aborrecidamteli mtdelm ti ... Porás flores naturais. E' o chic desta estação. Com dez francos podes ter duas ou três rosas magnificas.

Ela não se convenceu.

— Não... não ha nada mais humilhante que ter o ar pobre entre mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Tambem, não sabes nada! Porque não vais a casa de tua amiga, a senhora Forestier e não lhe pedes emprestadas as joias dela? Parece-me que tens com ela a confiança suficiente para fazeres isso!

Ela soltou um grito de alegria.

— E' verdade. Nem pela cabeça me passava tal!

No dia seguinte, a senhora Loisel dirigiu-se a casa de sua amiga e contou-lhe a sua magua.

A senhora Forestier foi ao seu armario de espelho, pegou num largo cofre, trouxe-o, abriu-o e disse á sua amiga:

— Escolhe, minha querida.

Ela viu em primeiro lugar os braceletes, depois um colar de perolas, depois uma cruz veneziana, em oiro e pedrarias, de um admiravel trabalho. Experimentou êsses adornos diante do espelho, hesitou, não podendo decidir-se a deixá-los, a entregá-los.

E continuou a preguntar:

— Não tens mais?

— Tenho, sim. Escolhe. Mas eu não sei o que te possa agradar.

De repente, ela descobriu, numa caixa de setim preto, um soberbo colar de diamantes; e o seu coração pôz-se a bater num desejo imoderado. Pô-lo em redor da garganta, sobre o seu corpo de vestido, e ficou em extasis diante da propria.

Depois, preguntou, hesitante e cheia de angustia:

— Não poderias emprestar-me isto, apenas isto?

— Mas, porque não?

Ela saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com transporte, depois fugiu com o seu tesouro.

* * *

Chegou o dia da festa. A senhora Loisel fez um sucesso. Era a mais bonita de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens a miravam, preguntavam o seu nome, diligenciando ser-lhe apresentados. Todos queriam valsar com ela. O proprio ministro notou-a.

Ela dançava com embriaguez, com arrebatamento, estonteada pelo prazer, não pensando em mais nada, a não ser no triunfo da sua beleza, na gloria do sucesso, numa especie de nuvem de felicidade feita de todas aquelas homenagens, de todas aquelas admirações, de todos aqueles desejos despertados, daquela vitoria tão grata e tão completa para o coração das mulheres.

Partiu, pelas quatro horas da manhã. Seu marido tinha dormido, desde a meia noite, numa saleta deserta, com três outros cavalheiros cujas mulheres se divertiam imenso.

Deitou sobre os ombros da esposa os abafos que lhe tinha levado para a saída, modestos trajos de vida ordinaria, cuja pobreza brigava com a elegancia da *toilette* de baile. Ela sentiu-os e quiz fugir a êles para não ser notada pelas outras mulheres que se abafavam em ricas peles.

Loisel deteve-a:

— Espera um pouco. Vais constipar-te. Vou buscar um trem.

Mas ela não o escutava e descia rapidamente a escada. Quando chegaram á rua, não acharam carruagem e puzeram-se a procurá-la, gritando pelos cocheiros que viam passar ao longe.

Desciam para as bandas do Sena, desesperados, tremendo de frio. Afinal, encontraram, no cais, um dêsses velhos *coupés* noctambulos, que não são vistos em Paris senão quando chega a noite, como se se envergonhassem da sua miseria para aparecerem durante o dia.

Foi êsse o que os conduziu até á porta, na rua dos Martires, e subiram tristemente para casa. Acabara-se tudo para ela. E êle pensava que tinha de estar no Ministerio ás dez horas.

Ela despiu as vestes em que tinha envoltas as espaduas, a fim de se ver mais uma vez em toda a sua gloria. Mas, de repente, soltou um grito. Não tinha o colar ao redor do pescoço!

Seu marido, já meio despido, preguntou:

— Que tens?

Ela voltou-se para êle, atabalhoada:

— Tenho... tenho... falta-me o colar da senhora Forestier.

Ele levantou-se como louco:

— O quê!... como!... isso não é possivel!

E puzeram-se a procurar nas prégas do vestido, nas rugas do manto, nas algibeiras, por toda a parte. Não acharam nada.

Ele preguntou:

— Estás certa de que ainda o tinhas quando saiste do baile?

— Sim, dei por êle ainda no vestibulo do Ministerio.

— Mas, se o tivesses perdido na rua tê-lo-íamos visto cair. Deve ser estar no fiacre.

— Sim. E' provavel. Tomáste-lhe o numero?

— Não. E tu, não o decoraste?

— Não.

Contemplaram-se aterrados. Loisel vestiu-se.

— Vou, disse êle, tornar pelos mesmos passos que demos a pé, para ver se o encontro.

E saiu. Ela ficou em *toilette de soirée*, sem coragem para se deitar, abatida sobre uma cadeira, sem energia, sem pensamentos.

Seu marido entrou pelas 7 horas. Não tinha achado nada.

Dirigiu-se á Prefeitura da policia, aos jornais, prometendo alviçaras, ás companhias de carruagens baratas, a toda a parte, emfim, a onde um raio de esperança o podia conduzir.

Ela esperou todo o dia, no mesmo estado de susto em que a deixara tão tremendo desastre.

Loisel voltou á noite, com o rosto cavado, pálido; nada tinha descoberto.

— E' preciso, disse, escrever á tua amiga dizendo-lhe que quebraste o fecho do colar e que o mandaste reparar. Isso dar-nos-ha tempo de o continuar a procurar.

Ela escreveu sob dictado do marido.

* * *

Ao fim de uma semana, tinham perdido toda a esperança. E Loisel, que durante êsse tempo envelhecera bem por cinco anos, declarou:

— E' preciso tratar de substituir aquela joia.

No dia seguinte pegaram no estojo que contivera o colar e dirigiram-se a casa do joalheiro, cujo nome se achava no interior da caixa. Ele consultou os livros.

CONCLUE AMANHÃ

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24 — Rua do Comercio, 136 a 140

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29

Mario Duarte
Cirurgia da boca e dentes
P. RESTAURADORES, 13
Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.º e 2.º

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00
Capital Realisado Esc. 24.000.000$00
Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Teto, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo. Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — **Casa Pinto & Sotto Mayor**

RIO DE JANEIRO — **Banco Português e Brasileiro**

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$
CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.º
Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.º 2293
Fabricas — Paio Pires n.º 16
Armazens — Poço do Bispo, n.º 2[illegible]

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.º 108, 2.º
Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada
FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner,,
DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria
AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias
Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha)
Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias
Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha)
Turbinas, instalações de cerâmica, etc.
Usines Beduwée S. A. Liége (Belgica)
Bombas e compressores
Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia)
Maquinas-ferramentas
Bagal & C.º Dresden (Alemanha)
Aparelhos de elevação e transporte
Franz Sieper Remscheid (Alemanha)
Ferramentas para industrias e oficios
Berna Lorries, Limited Olten (Suissa)
Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque
Edoua[illegible] [illegible]chi S. A. Milão (Italia)
Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS
Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS
de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT
Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quim[illegible]

SECÇÃO CORKY
Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

Diario Republicano da Noite

Com a assistencia do Chefe do Estado inaugurou-se esta tarde na Camara Municipal o Congresso Nacional de Educação Popular.

N.º 4055 - 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA—Segunda-feira, 17 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

As declarações do sr. Correia Barreto

O sr. ministro da Guerra, general Correia Barreto, concedeu á imprensa uma entrevista em que desenvolveu a sua maneira de pensar sobre as leis 1040 e 1244 acerca da depuração do Exercito e que nas colunas deste jornal teem sido e continuarão a ser discutidas.

Das palavras do sr. ministro da Guerra conclui-se em primeira analise que não pode nem deve haver no Exercito cobardes nem traidores. E' uma afirmação cuja justesa está no animo de todos porque é o primeiro e principal dever do Estado zelar pelas instituições — e defendel-as. Mas sempre aqui fizemos acentuar que nos factos lamentaveis da monarquia do Porto e no movimento de Monsanto houve dois principios fundamentais que os motivaram e que convem ter sempre presentes: o espirito de revolta e o espirito de obediencia, a convicção e a disciplina.

Que sofram do mesmo rigor das penalidades, aqueles que abertamente e iniludivelmente hastearam o seu pendão monarquico e aqueles que na fileira apenas obedeciam por dever e por espirito de obediencia, é teoria que a mais rudimentar noção de equidade não pode de forma alguma conceber. Que os comandantes de divisão, os comandantes de corpos ou de unidades independentes e usando de iniciativa tenham as mesmas penalidades que um chefe de musica a quem em formatura foi ordenado que tocasse um hyno ou que um simples alferes ou tenente cujo principal e unico dever consiste em obedecer,— é formar num bloco desarticulado e hirto a fundamental e indispensavel maleabilidade que deve existir para punir com criterio.

Pelas leis a que o sr. general Correia Barreto presta o seu apoio, parece que não deve existir relatividade na culpa e pela forma dura e imperiosa com que elas atingem todos—e que o ministro aprova não se distingue entre a convicção politica que fomentou revoltas e os deveres de pura e simples obediencia que são alheias a toda a especie de solicitações. Donde pode concluir-se que o principio rigido em que assentam todos os exercitos modernos—obediencia!—pode ser em circunstancias eventuais um erro e um crime.

Das palavras que o sr. Correia Barreto comunicou á imprensa ressalta a todo o momento a ideia da utilidade e da intangibilidade das leis 1040 e 1244 Mas o sr. ministro da Guerra que as defende em todos os efeitos e em todas as causas, é o primeiro a verificar que se torna ás vezes necessario «contrabalançar um pouco com a lei» e que ela por vezes contem durezas cuja aplicação a tornam inexequivel em certos casos. Cita-se o caso dum oficial republicano que teve «um momento de fraqueza». Pode o sr. ministro da Guerra afirmar que foi esse o unico oficial que teve momentos de fraqueza não deixando de ser republicano? Afirma o sr. ministro no seu caso citado conhecer o republicanismo desse oficial. Mas conhece o dos outros? Sabe porventura até que ponto poderiam ter sido coagidos pelas necessidades do momento e das circunstancias, outras duzias, outras centenas de oficiais?

Mas ainda mesmo que o caso citado pelo sr. general Correia Barreto fosse o unico,—o que é absolutamente inverosimil—dele resalta a conclusão que esse oficial, sendo bom republicano, pelo seu «momento da fraqueza», traiu duas vezes. Assinando a sua declaração traiu primeiro as suas convições intimas, traiu em seguida as Instituições a que tinha jurado obediencia. Pelo criterio que o ministro da Guerra expende, deveria ser punido duas vezes.

Eis já criada, simplesmente pela logica do sr. ministro da Guerra uma excepção que não merece todo o peso e todo o rigor das leis 1040 e 1244. O Chefe do Exercito é o primeiro a reconhecer que «ha casos» em que a ponderação é devida. Mas dando o seu apoio ás duas leis citadas e reconhecendo a existencia de «casos» em que elas não devem ser aplicadas, implicitamente reconhece a sua capciosa inepcia. E para a remediar, procurando os seus paragrafos, «lá conseguiu» segundo a sua textual expressão, isentar em parte um dos punidos. Isentando este porque o conhece o sr. ministro coloca-se no dever moral de conhecer todos para usar rigorosamente de equitativa imparcialidade. Se poder conseguir conhecer as opiniões e as convicções de «todos» os implicados nos movimentos revolucionarios, terá de pugnar pela revogação das leis 1040 e 1244. E como isso lhe será alem de longo pouco provavel de conseguir, terá da mesma forma que as pôr de parte porque então a lei que é cega só atinge com rigor aqueles que não tem culpa de não serem do conhecimento do ministro. De forma que o senhor general Correia Barreto exaltando as virtudes das leis discutidas, não fez na realidade outra cousa senão provar mais uma vez, com as suas palavras, até que ponto ela é nociva, má, incompleta e injusta!

Os milagres das "Necessidades,,

seguidos das viagens teoricas dos seus funcionarios

Como se sabe — ou como provavelmente se não sabe — ha carreiras diplomaticas no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, de absoluto, de integral repouso. Tais e tais funcionarios podem ser consules em varios sitios do mundo sem deixarem um só momento de *rond-de-cuir* das Necessidades. Sucede que é uma pessoa nomeada consul de 3.ª classe na Laponia, para lá vai, de lá vem (nos papeis) sem largar o *fauteuil* da repartição inicial. E vai subindo de posto. Da Laponia, donde vem derreado e gelado, passa, num posto superior, para a Serra Leoa ou para Costa do Marfim, onde se aquece, já se sabe continuando inamovivel no *fauteuil*. E acaba, muitas vezes, nos altos postos, com trinta anos de vida pelos pontos heterogenios do mundo, sem nunca ter posto os pés na estação do Rocio ou nos trapiches do Tejo.

Isto foi de todos os tempos e de todos os costumes. São as habilidades burocraticas. Mas ha coisas notaveis, coisas incongruentes e que varam de assombro. As coisas da reforma Veiga Simões, nos Estrangeiros, por exemplo.

Certo funcionario foi nomeado ministro de classe indeterminada num ponto bastante remoto do globo. Recebeu as subvenções da praxe e o preço das suas passagens para êsse ponto longiquo. Partiu... para a sua repartição das Necessidades, como de resto o fazia com bastante frequencia. O seu espirito e a sua vontade poderiam, talvez, ter transposto os Oceanos em demanda do seu novo cargo, mas o facto palpavel e evidente é que o seu corpo continuara aqui, atarraxado ao patrio Ministerio. Passaram-se meses. E o funcionario, que se supõe ter ido preencher o seu lugar, mas que, de facto, nunca lá foi, pediu para regressar! E regressou — justos deuses! — regressou, tendo recebido a subvenção para a passagem de volta, em optimo paquete e *cabine* de luxo. E ainda ha espiritos malevolos que negam o milagre. Aqui temos nós o principio misterioso da ubiquidade, clara e triunfalmente provado!

A viagem do Presidente da Republica Franceza

ORAN, 17.—Discursando no banquete que lhe foi oferecido, o sr. Millerand declarou que fazendo a sua viagem, quiz assinalar que a Africa do Norte está para o futuro tranquilamente e seguramente ganha para a influencia e para a acção franceza e acrescentou que no momento em que as nações debatem graves problemas, ele entendeu que devia prestar uma homenagem significativa á sabedoria, poder, e calma do tranquilo povo de França, deixando a capital durante 5 semanas para trazer ao protectorado de Marrocos, á Argelia e á Tunisia palavras de esperança, confiança e reconhecimento da mãe patria.

O sr. Millerand fez um apelo á união de todos os franceses e congratulou-se com os algerinos por estes praticarem as ideias republicanas que guiaram a politica francesa com um resultado tal que ele não só houve aclamar a França pelos colonos franceses, seus filhos directos, mas tambem por todos os seus filhos adoptivos.—(H.)

O rosario de escandalos

parece não ter fim — Alguns casos interessantes, recentemente descobertos

Emquanto o sr. Ministro das Finanças e os variadissimos Conselheiros que o rodeiam queimam as pestanas a descobrir maneiras habeis e inhabeis de extorquir á Nação o resto das economias particulares, vão-se tornando conhecidos, dia a dia, casos graves, uns denunciadores da improbidade na gerencia dos dinheiros publicos outros que atestam a inintelligencia de estadistas feitos á pressa...

Vamos relatar alguns escandalos, —dos ultimos conhecidos. O leitor os classificará como entender...

Vejam isto:

Ouviram vossencias falar no contracto de fornecimento de carvão, celebrado entre um subdito britanico e o Estado Portugues? E' claro que sim. Tambem nós. Mas o que só agora soubemos é em que ele consistia e o perigo que os cofres publicos correram, se, por acaso, o sr. Vasco Borges não tivesse deitado o tal controto para os papeis inuteis. Façamos a historia do contrato, que é o suficiente:

Em 16 de outubro deu entrada, no Gabinete do Ministro, a proposta para o fornecimento mensal de 25000 toneladas de carvão; logo em 12 (dois dias depois!) o contrato foi aceite sem concurso e no mesmo dia reduzido a forma legal, estando a postos todo o pessoal necessario, como notario, testemunhas etc; em 17, isto é, depois de tudo feito, foi o contrato presente em conselho de Ministros, quando, naturalmente, o devia ter sido durante as negociações. Havia uma pressa de mil diabos!

Mais: o contracto tinha o aval do Banco de Portugal, que se constituiu em fiador do Estado Portuguez; o Banco, porém, jamais fôra consultado e o aval era, pois, uma burla do Estado contra o fornecedor!

Mais: o fornecedor não e a responsabilisado, com nenhuma especie de sancção no caso de não fazer os fornecimentos ou, em qualquer altura, cessar com eles. Porquê? Porque o negocio só era bom para ele com o cambio baixo e o Estado pô-lo a coberto de prejuizos... se o cambio melhorasse!

Era ministro do Comercio o sr. Fernandes Costa.

Vejam mais isto:

A lei faz incidir um imposto de 500 escudos por tonelada para a exportação de travessas de caminhos de ferro. Um cidadão francez, o sr. Laurens obteve um despacho ministerial para exportar muitos milhões de toneladas de travessas pagando apenas um escudo por tonelada.

Não soubemos quem foi o ministro que proporcionou tão bom negocio ao empreendedor estrangeiro, que, aliás, deu provas de conhecer excelentemente o meio em que trabalhou; soubemos, por acaso que o sr. Vasco Borges restabeleceu a legalidade, logo que dela teve conhecimento.

Agora, isto:

Um sr. Vidinha fez um contracto de fornecimento de madeiras para os Bairros Sociais.

Verificou-se, ha dias, que o Conselho de Administração adiantara ao tal sr. Vidinha mais de 17 contos, sem receber as madeiras. O sr. ministro do Trabalho mandou proceder judicialmente contra todos. Mas os 17 contos foi um ar que lhes deu!

Fiquemos por aqui, hoje. Como não é justo que se confunda o trigo com o joio, finalisamos esta noticia lembrando que foi o sr. Vasco Borges, actual ministro do Trabalho quem ordenou as sindicancias ao Porto de Lisboa e aos Transportes Maritimos do Estado. Pode com legitimo orgulho mencionar essas e ainda outras, obras no seu activo de homem de Estado.

Conselho de Ministros

O conselho de Ministros que hoje se reuniu na secretaria do Interior, desde as 10,30 ás 14,30, forneceu á imprensa a seguinte nota:

«O conselho de Ministros na sua reunião de hoje, ocupou-se duma proposta de lei, do sr. Ministro da Agricultura, mandando proceder ao estudo e projecto de obras de hidraulica agricola, tendo-o aprovado. Ocupou-se ainda de varios assuntos de administração publica, tendo o sr. Presidente do Ministerio informado haver sido procurado pelos representantes da Camara Municipal de Lisboa, a fim de se fazerem representar os Ministerios do Interior, da Guerra e da Marinha na grande comissão destinada a comemorar e perpetuar o «raid» ao Brazil, pedindo conjuntamente ao Governo a sua cooperação financeira para esse efeito.

O conselho de Ministros aprovou que a referida comissão se dê toda a condjuvação».

Boas novas

No gabinete dos reporters, no Governo Civil foi hoje recebido o seguinte radio: «Os passageiros de 2.ª classe do vapor «Portugal» seguem bem e saudam suas familias. (a) Zinatto, Figueiredo, Doria Cunha Menezes, Lascher da Silva e Graça Henrique».

Um novo agrupamento politico apoiado pelas chamadas "forças vivas,,

As conferencias em que ultimamente têm andado empenhadas algumas personagens de mais alto destaque na politica republicana, parecem realmente destinadas a uma eclosão que influirá no equilibrio das correntes parlamentares, com a junção de elementos dispersos do alto comercio e da grande industria e, por consequencia, na vida do Governo, que poderá, por virtude de tudo isso, não ser muito longa.

Para já, temos como muito provavel, até mesmo como quasi certo, que se vai verificar, no Congresso, uma oposição mais viva, posta em linha de batalha por lealistas, reconstituintes, alguns liberais, antigos evolucionistas e até por democraticos. Tudo junto, dará um deslocamento da maioria? Parece que não. Mas enfraquecerá sensivelmente o bloco democratico-liberal que tem apoiado o Governo, o que já não é pouco para dificultar a vida do gabinete presidido pelo sr. Antonio Maria da Silva.

Resumindo: está em plena gestação um agrupamento politico, cujo centro é constituido por reconstituintes, por amigos do sr. Cunha Leal, por antigos evolucionistas e por alguns democraticos; a periferia é constituida por individualidades preponderantes no comercio, na industria e na alta banca; a feição do novo agrupamento politico será acentuadamente conservadora.

A Conferencia de Genova

Os delegados portugueses

O «Diario do Governo» publicou o decreto nomeando os srs. Antonio José Malheiro, Antonio de Vasconcelos Correia e José de Oliveira Soares, delegados portugueses á Conferencia de Genova com a subvenção diaria de seis libras, ajuda de custo extraordinaria de trinta libras e despesas de transporte pagas. O pagamento efectua-se pela verba transcrita para despesas excepcionais e resultantes da guerra.

Os "soviets" no concerto europeu

LONDRES, 17—*Sir* Philip Lloyd, sub-secretario do comercio ultramarino, que tinha ido assistir á Conferencia de Genova como tecnico, vai ser nomeado definitivamente delegado da Inglaterra naquela Conferencia, em substituição de Lord Curzon, cuja doença não lhe permite tomar parte na Conferencia. *Sir* Philip Lloyd fôra o homem de confiança de Lloyd George nas negociações com a comissão dos *soviets* que tinha ido em tempos a Londres.

As conferencias na vila Alberti com os delegados russos foram adiadas por alguns dias para permitir que êstes comunicassem com Moscou. Segundo os numeros apresentados á Conferencia, as dividas da Russia aos aliados são as seguintes referidas a 1 de Janeiro de 1917: Inglaterra, 630.200.000 de libras; França, 3.950.000.000 de francos; Estados Unidos, 262.136.011 de *dolars*; Japão, 315.000.000 de *yens*; Italia, 36.123.036 de liras. Os delegados dos *soviets* foram informados que se persistirem em não reconhecer as dividas posteriores á guerra, os aliados reclamarão indemnisações pelas despesas resultantes da assinatura da paz de Brest-Litowsk. — (R.).

Antonio Ferro

Um grupo de amigos e admiradores do moço escritor Antonio Ferro oferece-lhe no proximo domingo, antes da sua partida para o Brazil, um jantar de despedida que revestirá todo o caracter duma bela demonstração de apreço e boa camaradagem.

As adesões devem ser comunicadas á «Ilustração Portugueza».

Os restos da fabulosa Ophir?

JOHANNESBURG, 17. — Quando dois holandezes procediam á exploração duma grande caverna que se estende a duzentos metros abaixo da superficie do solo encontraram muitos caminhos contendo muitos animais mumificados em admiravel estado de conservação.—(R.)

A viagem do principe de Galles

TOKIO, 17.—O Imperial Hotel onde estavam hospedados o sequito do principe de Galles e os correspondentes dos jornais ardeu completamente tendo-se salvo todos os hospedes mas perdendo-se todas as bagagens.—(R.)

PORTUGAL-BRAZIL

Os Jornalistas do Brazil

MACEDO SOARES DIRECTOR DO «IMPARCIAL», DO RIO, CONVERSA COM A «CAPITAL», SOBRE A VIDA, A ARTE, A POLITICA, A LITERATURA...

Rua do Seculo. Em casa do secretário da Embaixada do Brasil. Sala vermelha. Moveis antigos, de pau preto. Um *abat-jour* encarnado. Sobre uma mesa, livros, revistas, jornais. Luz doirada. Um ambiente de serenidade e de elegancia. Macedo Soares, o ilustre director do *Imparcial*, do Rio de Janeiro, neste momento em Lisboa, surge, ao fundo, distinto, risonho, vestido de cinzento claro. Acompanha-o o seu irmão. Cumprimentamo-os.

— V. Ex.as vão perdoar ter vindo importuná-los a esta hora, mas o jornalismo tem exigencias... V. Ex.ª é tambem jornalista...

Macedo Soares sorri:

— Pois não... Queira sentar-se...

Macedo Soares, diplomata, oferece-me cigarros.

— Não fuma?

— Um pouco... por literatura.

Conversamos. Uma restea de sol afaga, neste momento, o tapete.

— Quando chegou?

— Ontem.

— Demora-se?

— Oito dias, apenas.

— Já conhecia Lisboa?

— Sim. Ligeiramente. Visitei-a oito vezes, por instantes... Deixei-lhe apenas o meu cartão de visitas... Venho agora conversar com ela, conhecê-la de perto, na intimidade, como uma mulher... As cidades são como as mulheres...

— Pretenciosas... mas acolhedoras. Lisboa é a mais linda mulher de Portugal... E' certo que pinta a cara, usa *bâton*, tem os cabelos loiros, ela que é morena, de um moreno doirado de cigana...

Macedo Soares, envolto na nevoa de fumo do seu Havano, interrompe:

— E' o sol que lhe doira os cabelos... O sol! Não imagina como eu adoro o sol! Na minha volta de três meses pela França, pela Italia, pela Espanha, quasi nunca dei por êle... Tinha saudades já... E' preciso vir a Portugal para se encontrar o sol, a cada passo, nas ruas...

— O sol português não pára um minuto em casa...

Uma criada entra e serve-nos o café. Excelente café, brasileiro. Um vago aroma de baunilha perfuma o ar.

— Como encara as nossas relações com o Brasil?

— O melhor possivel... Sabe que Portugal desconhece o Brasil muito mais do que o Brasil desconhece Portugal... Pode crêr... A vida, a arte, a literatura, a politica portuguesas é-nos familiar... Sabemo-la de cor e olhamo-la com curiosidade e com interesse. No Brasil, meu amigo, ha mais do que uma colonia portuguesa, um mundo português...

Iamos a interromper:

— A campanha nativista?

— Ah! Como ignoram o que se passa. A campanha nativista não interessa os brasileiros... Não tem uma individualidade de destaque. Não interessa ninguem... E' assim como uma especie de cubismo politico, que nem sempre tem vivido de boas intenções... O caso dos poveiros, por exemplo, é uma questão juridica, absolutamente á parte, embora explorada por certos elementos que não contam... E' possivel que venha a modificar-se ainda...

Falamos agora de literatura. Escritores portugueses e brasileiros. O intercambio intelectual.

— No Brasil lê-se muito, sabe? Evocam-se nomes. Antero de Figueiredo, Julio Dantas, João de Barros. O eminente Junqueiro.

— Nunca fez versos?

— Não me lembro... — e Macedo Soares, jornalista, tem um sorriso, Macedo Soares, diplomata, neste momento, carinhosamente para falar dos meus versos, das minhas crónicas, de mim.

— Pelo amor de Deus! A literatura são os meus cigarros. Está condenada a desfazer-se em fumo...

— Não tenciona visitar o Brasil?

— Absolutamente. O mais cêdo que possa.

— Espero por si. Ha de vêr que o Brasil acolhe todos os portugueses como pessoas de familia que se conhecem mas que ha muito se não vêem...

Voltamos á politica. Eleição presidencial no Brasil. Artur Bernardes e Nilo Pessanha. Probabilidades.

— A sua opinião, Qual vencerá?

— Compreende... A politica é muito complicada.

— Fala como politico?

— Falo como jornalista absolutamente imparcial.

— Fala então como director do *Imparcial*, não é assim?

— Talvez não. Nilo Pessanha, verdadeiro estadista que a Republica creou, tem uma reputação internacional... E' um grande amigo dos portugueses, sabe. A sua politica é esperada pela maioria dos brasileiros, com um grande optimismo.

— O que não evitou que fosse menos votado que Bernardes...

— A politica! A politica! Não quere outro cigarro?

— Muito obrigado. Que lhe parece o *raid* de Cabral e Coutinho?

— Sigo-os com carinhoso interesse. Mais uma vez Portugal vai descobrir o Brasil por ares nunca dantes navegados...

— Palpitou-lhe que chegam?

— Assim o creio.

— V. Ex.ª vai organisar tambem o intercambio sportivo entre Portugal e o Brasil?

— Assim me interesso... O intercambio sportivo aproxima os novos, creia... Mais do que a politica.

— Já foi recebido pelo sr. Presidente da Republica?

— Ainda não. Sê-lo-hei por êstes dias... O Brasil aprecia muito o vosso Presidente. Ha de acolhê-lo de braços abertos...

Evocamos a figura de Fontoura Xavier. Ha uma saudade. Uma nevoa de tristeza. Macedo Soares, ilustre secretário da Embaixada do Brasil, diz-nos:

— Como êle se interessava pela viagem do vosso Presidente! Não imagina. Era quasi um sonho...

— Quem substituirá o dr. Fontoura Xavier?

— Não sei... Nem adivinho neste momento...

Conversamos ainda, emquanto arrefecia a luz da tarde. Tinha, entretanto, terminado já a entrevista. O ilustre jornalista e deputado federal Macedo Soares e seu irmão, ilustre secretário da Embaixada do Brasil, tinham sido de uma amabilidade cativante. Daqui lhes agradeço afectuosamente o gentil acolhimento que me fizeram e as amabilissimas palavras que lhes ouvi.

Noticias de Espanha

MADRID, 17.—A rainha Cristina parte hoje para San Sebastian onde se demorará alguns dias. Visitará os feridos de Marrocos que estão hospitalizados em Miramar.

O rei Afonso XIII e a rainha Victoria empreenderão no dia 22 uma viagem pelas provincias. Vão primeiro a Cordova e depois a Sevilha onde assistirão á entrega da bandeira dos regulares de Larache.—(Lit. An.)

MADRID, 17.—O comunicado oficial de Marrocos diz nada ter ocorrido de novidade em todo o territorio do protectorado Em Alhucemas desembarcou o que faltava de pessoal de artilharia, marinheiros e corpo sanitario.

Em Melila subsiste e aumenta até a boa impressão causada pelos resultados obtidos ultimamente pelas tropas principalmente com a ocupação de Kabil-el-Dant e Tawi[illegible] Neider. Mais de 600 familias mouras se apresentaram já para ocupar de novo as suas habitações abandonadas. A Peni-Daifrur regressaram tambem já numerosas familias que estavam refugiados na parte alta de Beni Sicar.

Por este motivo o comandante geral ordenou que se procedesse ao desarmamento de toda essa gente regressada aos seus lares o que foi levado a efeito por um destacamento de policia, sem novidade.

Em Tetuam foi completamente dissolvida a harka D[illegible] que tem mais de 150 mortos.—(Lit. An.)

Leitão de Barros

Regressou ontem do Porto o nosso distinto colaborador Leitão de Barros que volta em breve de novo áquela cidade onde vai inaugurar uma exposição de pintura.

Leitão de Barros alem de jornalista scintilante e tambem um dos nossos pintores mais cotados sendo absolutamente certo que a sua exposição vai ser larga e devidamente apreciada.

O dia de 8 horas

Um dos problemas hoje a resolver é a questão dos salarios elevadissimos.

Este facto acarreta infalivelmente o agravamento do preço de venda, concorrendo assim poderosamente para aumentar a crise dificil por que estão passando todos os Estados do mundo.

Com o intuito louvavel de procurar diminuir o custo da mão de obra e portanto a diminuição do preço de venda dos seus artigos, o Conselho Federal da Suissa está neste momento tentando conseguir que o dia de trabalho passe de oito para nove horas, no que encontra forte oposição dos socialistas.

Para que tal medida dê resultado é indispensavel que, com o aumento da horas de trabalho coincida a redução do salario, [illegible] neste facto que os industriais suissos [illegible] apoiar-se para poderem [illegible] face á concorrencia estrangeira.

A batalha de La Lys

A batalha de La Lys, em 9 de abril de 1918, ha quatro anos tem sido comemorada pelos poderes publicos nestes quatro aniversarios de maneira bastante diversa mas que sempre lhe dão foros de acontecimento favoravel ás nossas armas.

Rasões impendem de facto para que se comemore sempre o aniversario de La Lys porque nesse dia lugubre, atravez duma retirada provaram-se as excecionais qualidades do nosso soldado. O sentimento das proporções é que falta por vezes. A França não celebra Waterloo e entretanto em Waterloo não faltaram os rasgos de coragem colectiva e individual. E tambem a Inglaterra não relembra a batalha naval da Jutlandia porque ela foi, na opinião de todos os entendidos uma batalha duvidosa.

O sr. Raul Esteves pôs em «O Dia», na parte que se refere á batalha de La Lys, a questão nos verdadeiros termos. Deste nosso colega transcrevemos:

Passou ha poucos dias ainda a comemoração do chamado 9 de abril, ou mais propriamente, da segunda grande ofensiva alemã de 1918, que por fatalidade vitimou a nossa pequena força expedicionaria, em condições de inutilisar por completo o seu esforço de conjunto por todo o periodo que decorreu até ao armisticio.

Nas comemorações dessa data tem-se estranhado, e com sobeja rasão, o caracter glorioso e festivo que revestem, pela sua maior parte.

De facto, não crêmos que sejam essas as manifestações mais adequadas para o acto que se pretende comemorar.

O 9 de abril não foi, decerto, uma vitoria para as armas portuguesas, nem mesmo uma «impecavel derrota» permita-se-me a expressão.

As verdadeiras causas do desastre de 9 de Abril são muito complexas, para que possam ser facilmente discriminadas numa breve narrativa ou em um simples livro de impressões.

Essas causas remontam a varias origens.

Tem-se apontado como uma delas a falta de oficiais nas diversas tropas, e esse é um facto por todos verificado.

Mas essa falta, que se acentuou rapidamente nos principios de 1918, proveio de varias medidas adoptadas aqui, e que lá fóra tiveram a mais deploravel repercussão.

Houve oficiais que, vindos de licença, de campanha, nunca mais regressavam aos seus corpos, e houve outros que eram mandados regressar a Portugal por diversos motivos, mais ou menos atendiveis.

Essas medidas, que depois se pretende abranger num criterio de «roulement», impossivel de realisar para os nossos recursos em pessoal e em transportes, trouxeram, sem duvida, a desorganisação dos quadros das unidades.

Num julgamento, que se realisou no Tribunal Territorial do C. E. P., depois da guerra, a proposito da insubordinação de um batalhão de infantaria, verificou-se que nos meados de 1918 só havia naquele batalhão dois oficiais dos seus primitivos quadros!

As licenças de campanha constituiram, sem duvida, um dos elementos que mais concorreram para aquela falta de oficiais, já porque não apareciam elementos suficientes para assegurar uma rasoavel rendição nos quadros, já porque muitos oficiais vindos de licença não regressavam depois a França.

No nosso batalhão, para se poder assegurar a execução dos serviços a seu cargo, foi necessario recorrer á solução de suspender toda a concessão de licenças de campanha a oficiais, e a essa medida se deveu o manter-se sempre um nucleo de graduados experimentados e com autoridade moral para comandarem e dirigirem tropas que com eles tinham vindo de Portugal.

Outras causas se podem ainda encontrar para explicação do desastre de 9 de abril, mas, repetimos, a sua redução e o seu completo apuramento devem competir ao relatorio oficial cuja necessidade ninguem pode pôr em duvida.

Ha muito que averiguar e que pôr a claro, e só assim poderemos esperar que a lição dê os seus frutos, e que de futuro se possam evitar erros que tão funestos foram no passado.

Derrotas, todos os exercitos, mesmo os maiores e mais poderosos, as teem sofrido, mas em todos eles se estudam os defeitos e os erros que levaram a esse resultado, para deles tirar o conveniente ensinamento.

As doutrinas que expande o sr. Raul Esteves pôem na realidade o facto no seu verdadeiro campo de discussão. E lembraremos que as opiniões que «O Dia» perfilha porque lhes abre as suas colunas, aqui se discutiram e por elas se pugnou nas colunas de «A Capital» nos primeiros meses que se seguiram á eclosão do Dezembrismo e mesmo antes da batalha de La Lys. Muito folgamos em ver que «O Dia» advoga neste momento ideias que o contrariaram noutros tempos. Mais vale tarde do que nunca

MUSICA

O concerto que o maestro Ruy Coelho ontem efectuou no Coliseu dos Recreios veio pôr mais uma vez em relevo as qualidades excepcionais deste artista e o seu esforço para tentar alargar o meio musical que entre nós, apesar do gosto vivissimo pela musica, se encontra ainda bastante limitado. A fuga, o entusiasmo, a frescura habituais no sr. Ruy Coelho como compositor e como chefe de orquestra revelaram-se mais uma vez no concerto de ontem. Com magnifico brilhantismo foram executados o «Prologo da Camoneana» e o «Nun'Alvares» sendo bisada a «Melodia de amor» que constituiu um dos numeros mais atraentes do concerto.

A frescura de Weber encontrou na orquestra do sr. Ruy Coelho uma excelente execução. «A primeira sinfonia», de Beethoven e a «Marcha Hungara», de Berlioz, que fechou o concerto, tiveram uma interpretação notavel sendo maestro e executantes alvo duma grande ovação da parte do publico que animava a vastissima nave do Coliseu dos Recreios.

A irrequieta Irlanda

LONDRES, 17.—A situação na Irlanda continua sendo das mais graves. Um bando de amotinados em Dublin apoderou-se da prisão de Kilmaingam e tentou apoderar-se sem o conseguir da prisão de Montjoy. Griffiths devia ter falado ontem num comicio em Sligo mas todas as comunicações telegraficas com aquela cidade foram cortadas e consta que forças republicanas patrulham as estradas que lá vão dar.—(R.)

Alfandega de Lisboa

LEILÃO

Quinta e sexta-feira, 20 e 21, ás 12 horas, no armazem de leilões desta casa fiscal, serão vendidas mercadorias demoradas e arrestadas que constam de: essencias, pó de arroz, pasta dentifrica, loções para cabelo, sabonetes, sabão em pó, 89 sacas de arroz, vinho de Bordeaux, latas de sardinha em conserva, pimentão, assucar em rama e cristalisado, velas para iluminação, 100 sacos de borracha, cimento Wardard para dentes, tornos para apertar, acumuladores, um dinamo, chapas de ferro galvanizado, bobines de madeira, ligas elasticas, tinta preparada, folha de Flandres, roupa usada e outras que serão presentes.

Alfandega de Lisboa, 15 de Abril de 1922.

O escrivão

Alfredo Marcelino de Almeida

O "Paiva e Pona,, chegou hontem ao Tejo

Enquanto ha hortas e Primavera

O «Paiva e Pona» é um belo vapor da companhia do Frontão com séde ali no largo do Pelourinho. Chegou hontem mesmo ao Tejo e hontem mesmo os seus passageiros desembarcaram, numa ancia enorme de visitar a cidade de cimento armado, toda de lixo ornamentada, no dizer suave e verdadeiro do poeta Nunes da Mata.

E' claro que em qualquer porto de qualquer cidade civilisada aparte a pequena, cortez e discreta passagem na Alfandega, encontra logo o turiste um ambiente acolhedor, de ruas limpas, claras, higienicas, interpretes cuidadosos, e meios de transportes faceis. Na cidade do lixo porem não sucede assim. O turista encontra logo perante si a dificuldade do desembarque se o vapor não encosta e depois a exploradora Exploração do Porto de Lisboa, com uma exigente bisbilhotice que aborrece e vexa.

Mas o passageiro, passado aquele tormento entra no Aterro e longe de se encontrar numa larga avenida que acolhedoramente lhe dê as boas vindas sente-se perdido no meio dum terreno pedregoso e sujo, com toda a especie de imundicies «florindo» a margem do Tejo. E' assaltado por uma quadrilha. São os chauffeurs, os cocheiros, os corretores, os cauteleiros, os moços, os homens das sinas... toda uma massa grosseira que barafusta, agarra-se, grita, faz chinfrim, o eterno chinfrim portuguez. Porque naquela gente que no cais rodeia o pobre ser humano que tem a infelicidade de pôr o pé em terra não ha uma unica nota interessante. Por exemplo: a venda de produtos de industrias regionais, como sucede no Funchal com os bordados, pequenas obras de vimes, etc. Não. Aquela gentalha só pensa numa coisa: explorar, arranjar uns cobres estrangeiros que lhes permita ir até á rua dos capelistas...

Bem. O passageiro conseguiu emfim, tomar um automovel. Mas que tempo perdido, que luta, que energia.

E o passageiro? Ah! leitor amigo, o passeio foi uma coisa adoravel... Os eletricos que não andam, as carroças com policias, a limpeza maravilhosa das nossas ruas, a marroquina venda de festa ás esquinas!... O passageiro compra «argola de chave a tostão», «torrão de alicante», «amendoa de gesso», reliquias da «actual» camara municipal.

Quando terminará esta vergonha? Quando se resolverão os problemas mais instantes que interessam á cidade de Lisboa? Quando?

O Rocio para ali está desmantelado, arrasado, provocando nauseas! As arvores que agora se cobrem de verde, ali, na Avenida, dão a unica nota de primavera que entre a mesquinhez da cidade, brota, surge e canta aleluia!

Quando terminará a vergonha desta cidade desmantelada, pior do que em 1755 quando o terremoto a arrasou porque ainda não existiam os Paivas e os Ponas?

Leitor amigo: toma coragem. Vem ai segunda feira de Prazeres, segunda feira das sextas. E já que te roubaram as feiras, e já que te tiraram tudo quanto era doce e causava encanto, prepara os teus farneis, volta as costas ao Pelourinho e vae até ás hortas, nesta Primavera que se anuncia emquanto o Pelourinho não resolver acabar com as hortas e com a Primavera...

O serviço de policia nos teatros

Dizia alguem meu, que para se ser policia civico, a coisa mais necessaria, era ter civilidade...

Ha contudo quem exercendo essa função, tenha de civilidade uma ideia muito palida. O guarda 1760, que fazia serviço ontem, domingo em S. Carlos, entendeu não permitir que se fumasse no palco. Até ahi vai a coisa bem.

Cumpria o regulamento.

Mas o nosso 1760, entendeu que não bastava a sua presença para que as «ordes» fossem acatadas, e vai dahi sem razão plausivel, começa gritando, e interrompendo quasi o espectaculo, estando o publico no risco de ver um ato de «Alma Forte» com córos.

Fazendo-lhe crer que multasse, mas não gritasse, o nosso ferrabraz só amansou quando o chefe apareceu o qual diga-se de passagem mostrou pouca energia...

Isto é bradar no deserto, mas não podia o senhor governador civil, ou o senhor comissario geral, fazer ver ao pessoal, que ha diferença entre o palco dum teatro, e uma rusga no bairro alto?

Enquanto ao 1760 dentro em pouco deve estar cabo...

Dessa massa é que eles se fazem...

E' dos bons...

Cruzador "Carvalho Araujo,,

Chegou a Alger o cruzador «Carvalho Araujo», que, como se sabe vai ali prestar as homenagens do governo portuguez ao sr. Presidente da Republica franceza.

PELO TELEGRAFO

A sucessão do Egypto

CAIRO, 17 — Foi publicado um decreto determinando que a sucessão ao trôno do Egipto será por primogenitura, devendo o rei professar a religião mussulmana. Os membros da dinastia de Mohamed Ali poderão suceder com excepção do ex-kediva Abbas Hilmé, mas os descendentes dêste não perdem os seus direitos. As mulheres ficam excluidas da sucessão. — (R.).

Noticias de Inglaterra

LONDRES, 17 — Tendo fracassado as negociações entre as emprezas metalurgicas e as 47 associações operarias que se tinham desligado do sindicato, vai ser de novo declarado o *lock-out*, que tinha sido suspenso durante as negociações. — (R.).

LONDRES, 17 — O temporal que desde sabado tem assolado a Inglaterra causou muitos prejuizos principalmente na costa sul, onde morreram algumas pessoas.—(R.).

Pequenas informações

BERNE, 17. — O conselho federal suisso decidiu que podessem entrar em territorio helvetico, sem visar passaportes os cidadãos da França Belgica e suas colonias, Holanda e Inglaterra, a partir de 15 do corrente e depois do primeiro de junho os da Grecia, Dinamarca, da Islandia, Estados Unidos da America toda a America Latina, China e Japão. — Lat. Am.

GENEBRA, 17.—Amanhã inaugura as suas reuniões a Conferencia Internacional que tem por objectivos introduzir o ensino do esperanto em todas as escolas.—(Lat. Am.)

NEW YORK, 17. — Vai ser feita em breve, em todos os comboios de passageiros uma instalação de telefonia sem fios.—(Lat. Am.)

ROMA, 16.—Dizem de Sizzark que os fascistas sequestaram em Fiume quatro personalidades servo-croatas que guardarão como refens até que os fascistas que foram presos em consequencia do recente atentado de Sant'Ana, sejam postos em liberdade. —(Lat. Am.)

WASHINGTON, 17. — O senador Fradck B. Willis anunciou que se oporá tenazmente a que seja aprovada a proposta de adiantamento á Alemanha de um bilião de dollars.—(Lat. Am.)

TOKIO, 17.—Um incendio destruiu o hotel Imperial. Morreu carborisado o sr. Militaresy antigo consul da Grecia. Calculam-se os prejuizos em um milhão de libras.—(H).

WASHINGTON, 17. — A camara dos representantes votou a recomendação do presidente Harding fixando em 86.000 homens os efectivos da marinha americana.—(H).

São os dois grandes atrativos hoje exibidos, em estreia, na «matinée» do Salão Central e que obtiveram o mais ruidoso dos sucessos.

No programa desta noite voltam os afamados films, a que acima nos referimos, a fazer as delicias dos «habitués» do luxuoso cinema, sem duvida o mais extraordinariamente concorrido de Lisboa.

«A mecha ardente», em que faz verdadeiros prodigios de força o inimitavel actor-atleta Elmo Lincoln, e «A ambição do oiro», em que são notabilissimos os artistas Ruth Roland e Frank Maye, estão destinados a bater o «record» dos grandes sucessos cinematograficos de Lisboa.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Londres, cheque. . . .	4 3/8—4	1/4
» 90 dias. . . .	4 1/2—	
Paris, cheque	1151—	1185
Suissa, cheque. . . .	2415—	2486
Belgica, cheque	1060—	1091
Italia, cheque. . . .	674—	694
Berlim, cheque. . . .	40—	45
Holanda, cheque. . . .	4718—	4856
Madrid, cheque	1928—	1984
New-York, cheque. . . .	12411—	12776
Brazil, cheque. . . .	60—	55
Austria, cheque. . . .	1—	3
Noruega, cheque. . . .	2298—	2366
Suecia, cheque	3248—	3344
Dinamarca, cheque. . . .	2680—	2759

Libras . . . . . 58$00 — 60$00

O perigo irlandez

Parece que se está fazendo um maior esforço para conseguir qualquer *modus vivendi* entre o Estado Livre da Irlanda e os *leaders* republicanos durante os dois meses proximos.

Os homens de senso de todos os partidos estão apreensivos com as constantes desordens em todo o paiz e com a possibilidade de sérios conflitos entre as duas facções do exercito republicano irlandês.

O movimento partiu de fora e é hoje aceite pela opinião publica, não sendo provavel que os *leaders* das duas partes em litigio o ignorem.

Esse movimento tende a fazer com que os dois partidos concordem em proteger as eleições livres e empregar as suas forças militares unidas para desencorajar os que pretendem agir fora da lei.

De Valera já declarou que queria liberdade de opinião nas eleições.

O que agora se requere dêle é o esforço para dirigir as actividades da facção republicana do exercito, que, durante os ultimos dias, assumiu uma atitude claramente agressiva com as forças do Estado Livre.

Espera-se que o lord maior de Dublin e outros tentem organisar uma conferencia entre os *leaders* dos partidos opostos.

Comentando a presente situação, o «Irish Times» diz:

«O paiz quere um governo decente e eleições livres e o patriotismo dos *leaders* rivais será atestado pela sua atitude para com êste apêlo popular.

Quando os eleitores falarem, uma nova situação se creará.

De Valera diz que a Irlanda se tornará uma prêsa de «politicos mexicanos», se o tratado fôr aceite.

Isso tambem será importante para o povo. Os paizes têm a especie de governo que merecem.»

E' assim que se vai criando, a dentro da propria Irlanda, uma forte corrente de opinião publica tendente a conseguir a paz de que ela tanto necessita, a qual só pode conseguir-se pela aproximação das partes em litigio.

NO ORIENTE

Venizelos voltará ou não á Grecia?

Os jornais publicaram ha dias um telegrama dando como certo que o rei Constantino chamara a Atenas o chefe do partido liberal, sr. Venizelos, oferecendo-lhe a presidencia do Governo. Este *coup de theatre* da politica helenica não teve ??? ?????, podendo acontecer que êle não seja senão um dos muitos *canards* com que a imaginação dos jornalistas incutem, por vezes, á curiosidade universal. Venizelos, que se consorciou recentemente com uma senhora americana, anda pelos Estados Unidos numa vilegiatura que parece completamente estranha á politica.

Este homem singular não terá, talvez, terminado a sua carreira politica, tão graves são as dificuldades que a sua patria está atravessando. Ele virá, talvez, a reconciliar-se com o rei Constantino e a colaborar com êle. Simplesmente, parece cêdo para tal acontecimento.

A verdade é esta: Venizelos caiu do pedestal do seu trôno por impopularidade quasi absoluta. O povo grego conspirou contra êle, para se vêr livre dêle, porque Venizelos era a guerra, de que a Grecia estava fatigadissima. Os constantinistas seduziram as massas populares, assegurando-lhes que o regresso de Constantino seria a paz em breve trecho. Entretanto, o soberano voltou a Atenas, aclamado pelo seu povo, e a guerra não terminou. Antes pelo contrario, ela recrudesceu de violencia, porque o inimigo de Angora, Kemal-pachá, não cede perante os ataques das tropas gregas, aliás extenuadas por uma campanha que parece não ter fim. Deve ter começado, pois, a despopularidade de Constantino e a reacção em favor de Venizelos.

Dissemos que o povo grego organisara uma verdadeira conspiração contra o chefe liberal. E' inexacto. Cremos mesmo que só os descontentes do astuto Ulisses seriam capazes de conceber e executar o plano que deu ganho de causa á oposição quando foi das eleições.

ULTIMA HORA

Revolução?

Mais uma revolução na forja?! Pelo menos são essas as suspeitas que nos foram manifestadas hoje por um oficial aviador, cujo nome não podemos divulgar.

Esse oficial, que ocupa actualmente um cargo de confiança, expõe-nos em quatro palavras:

— Querem atirar com o Antonio Maria da Silva a terra, mas não me parece necessario para tal fazer uma revolução. O Governo pode desagradar aos seus partidarios e, nessas condições, o proprio partido, no seu proximo congresso, pode alijá-lo facilmente e escolher quem o substitua. Fala-se em que a orientação do sr. Domingos dos Santos tem agradado aos seus amigos politicos e, nessas condições, indicada estava, pois, a substituição do sr. Antonio Maria da Silva pelo antigo ministro do Trabalho.

— Mas são então os dissidentes do actual chefe do Governo que preparam a revolução?

— Não. Os conspiradores de agora são os radicalistas. Alguns democraticos de facto, mas que estão ao lado dos seus correligionarios que tomaram parte no 19 de Outubro. Em todo o caso, não vejo forma de alcançarem a vitoria, porque o Exercito não lhes permitirá qualquer novo gesto de revolta...

«As forças militares actualmente em Lisboa são numerosas: temos regimentos de infantaria, as metralhadoras, a artilharia, o grupo a cavalo, o campo entrincheirado e a aviação...

— Mas disse que a aviação não se mete em questões politicas...

— Sim; de facto assim é, mas desde que o Governo determine que se ataque qualquer ponto onde se faça concentração de forças revoltosas, êsse ataque não deixará de fazer-se...

«Ha ainda que contar com a coluna mixta existente na Amadora, com os sapadores do caminho de ferro e outras tropas que intervirão quando recebam instruções.

«Ao menor gesto de revolta, o Governo tem facilidade em abandonar rapidamente Lisboa e depois o Exercito se encarregará do resto...»

O avião

A's 9 horas foi recebida comunicação no Ministerio da Marinha, de que ás 8 horas o hidroavião «Lusitania» ainda se encontrava em Cabo Verde.

Outra comunicação de S. Vicente de Cabo Verde, recebida ás 11 horas, dizia que ás 10 continuava o mau tempo.

S. VICENTE, 17. — O Avião «Lusitania» levantou esta tarde vôo de S. Vicente em direcção á Vila da Praia.—(Particular).

O comboio correio de Espanha

MADRID, 17.—O comboio correio vindo de Lisboa que devia chegar esta manhã a Madrid descarrilou entrando nas agulhas de Leganes. Parece que ha varios feridos tendo partido de Madrid um comboio de socorro.

A questão dos eletricos

A reunião dos empregados demitidos da Carris de Ferro anunciada para hoje, ás 10 da manhã, não se realisou em virtude da comissão de melhoramentos não poder ainda dar conta das suas «demarches», o que só fará na reunião a efectuar ainda hoje pelas 20 horas.

Sociedade Constructora de Aparelhos electricos

Sob a presidencia do sr. Conselheiro Joaquim José Machado, reuniu-se hoje a Assembleia Geral desta sociedade a qual aprovou o relatorio e contas do exercicio de 1920-1921.

As burlas na Exploração do Porto de Lisboa

O director da policia de Investigação Criminal enviou hoje para o tribunal da Boa Hora os implicados nas burlas ultimamente descobertas na Exploração do Porto de Lisboa ou seja o tesoureiro da referida Exploração, Gregorio José da Cunha; o 3.º oficial Carlos Carneiro da Silva e o tipografo Manuel da Cunha.

Pelas diligencias efectuadas apurou-se que o principal autor das roubalheiras foi o Carneiro da Silva que defraudou o Estado em cerca de 100 contos. Nas buscas feitas á sua residencia a policia apreendeu a quantia de 4.800 escudos, bem como joias, ricos serviços de louça, talheres de prata, um soberbo binoculo, maquinas fotograficas e outros objectos adquiridos com o producto das burlas. Do processo foi tirada copia para efeitos disciplinares na Exploração do Porto.

Os presos foram afiançados no tribunal da Boa Hora em importancias que variaram entre 100 e 10 contos, fianças essas que prestaram, saindo depois em liberdade.

As deligencias por parte da policia de investigação proseguem.

Em poucas linhas

Os gatunos entraram na Oficina de Automoveis da firma Sydes, Braz L.da, limitada, na rua de S. Bento 654, onde furtaram objectos avaliados em 2.273 escudos.

—Foi presa Hortense Nunes, travessa de S. Placido, 23, 2.º que furtou a quantia de 150 escudos a Adelio Henrique Fiel, rua dos Alamos, 37, 1.º.

—Tambem foi presa Rosa Henriques, rua do Vale a Jesus, 16, 1.º que furtou objectos no valor de 200 escudos a Manuel dos Santos Neto, marinheiro n.º 5777.

—Pelo vapor Bougawille são amanhã expedidas malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Pará, Manaus, Baia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

TEATRO

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

THEATRO POLITEAMA—Mulher que passa—3 actos de Henry Kistemaeckers, tradução de Manuel das Neves :—: :—: :—:

Peça

Lisboa conhece de Kistemaeckers as melhores obras «Marchand de bonheur», «La flambée», «L'Embuscade», «L'Exilée» e agora «La Passante». Com o belo estudo de caracteres que se chamá o «L'Occident», com o drama de consciencia que se chama «l'Instinct», com as suas peças menos reputadas da «Rivale», «La Blessure», o seu teatro de «aprés guerre», «Un sois au front» «La Belle visite» e o fantasioso «Etoiles Palaces», está completa a obra do notavel dramaturgo.

Neste jornal já assistimos ás primeiras representações da «Embuscada» e da «Exilada» nas magnificas versões de Oldemiro Cezar e de J. de Sarmento. Então indicamos as caracteristicas deste teatro de acção, o moderno teatro de situações dramaticas, o uso actual do melodrama, trabalhado, mesquinado, urdido, carpinteirado com inteligencia mas, tecnicamente teatro.

Depois da guerra é com «La Passante» que Kistemaeckers voltou ao seu genero preferido embora dando-lhe um mais vasto e mais alto objectivo que ele proprio na ante-primeira definiu, anunciando o alvorecer dum teatro que regista o eterno adulterio «des symptomes moraux», dos «Courants literaires nous annoncent une aurbe. Une jeunesse se lève. Elle brille aux pretendres psychologies d'ailleurs. Elle étend la clarisation au dela du R. Elle ne dedaigne pas la recherche dun plaisir immaterial...»

E assim «La Passante», tem nosses trez periodos da vida a figura do mulher—renuncia, dedicação, a mulher do amor espiritual, a mulher da inteligencia emolada no seu alto sentimento, pelas paixões teroses da politica. Nada mais; o resto é drama, urdidura, habilidade da malicia para conquistar o publico, que, confessa Kistemaeckers, só se vence «par l'agrement et par l'emotion». Procurando a nota da oportunidade, desejando para interessar a acção dum local para outro e dum meio para outro, o autor não fez mais do que procurar satisfazer o publico. Dá-nos um quadro da vida russa, o inicio da obra; um acto notavel apresenta-nos os dois protagonistas: o sabio francez que os vermelhos perseguem, a mulher viva que vem pedir para casar com ele afim de poder sair do seu paiz martir. O 2.º acto é a comedia politica, o flagrante ridiculo, em todas eras, dos profissionais das ideias, a força dos politicos, a repetida scena dos documentos comprometedores que vão ser publicados ou divulgados.

Emfim o ultimo acto a scena final entre as duas mulheres; a esposa futil, parisiense, dando inconscientemente auxilio aos inimigos do marido, e a companheira slava, entregue á obra de vingança para o seu paiz, o seguindo par a par a inteligencia, a vida elevada do sabio francez. E' uma dos bons dessas situações. A scena, com uma admiravel escrita com violencias altivas e expressões de combate dramaticamente superiores. Finalmente no 3.º acto, passa um frémito de Grande Guinhol como apontou Méré, envolto num drama policial classificação dado por B. Bissou. E' um quadro ainda de Paris de actualidade: os espiões russos mandados com o marido, com toda a sua obcecação pelas ideias novas, suprimindo aqueles que os traem. Piotre Ivanovitch, o criado, é a imagem dessa Russia selvatica, obsecada, matando para vencer, suprimindo para proseguir livre... E' o drama findo entre um tiro de revolver e a punhalada traiçoeira enquanto as palavras de bondade, de elevação, de amor ideal afloram á boca de Mascha, lindas palavras que fecham a dramatica obra do Kistemaeckers.

Pode dizer-se pois afoitamente que «malgré» os seus defeitos, o seu todo teatral, o seu ar de drama, «La Passante» pode e deve figurar com toda a honestidade no reportorio duma companhia que se destina a fazer arte. E' mesmo uma rehabilitação para o nosso Politeama que alem da peça de Wilde e da nota interessante da «Casaca Encarnada» conseguiu não nos dar uma só obra de valia. Mas (ha sempre uma mas) o que não está certo é descurar a

Tradução

duma obra desta natureza, onde a linguagem é muito cuidada, onde na frases elegantes e francez de primeira ordem, entregando-a a quem lhe falta não o valor, certamente, mas a pratica para realçar ou equivaler a obra original. O nosso camarada na imprensa Manuel das Neves encontrou como processo elementar para sair de dificuldades a supressão de falas, de periodos inteiros. Ao seu trabalho, um trabalho extenuante falta-lhe vibratilidade, verdade, certeza. O 1.º acto era ceifado constantemente; o original muito arredado, numa liberdade de versão que não está certo, que não pode existir, numa obra desta natureza. José Sarmento, Oldemiro Cezar respeitaram muito a obra consagrada. Manuel das Neves fez o que quiz, principalmente no 1.º acto.

Na scena IV onde se diz, em inglez, «yes» e se traduz para «Arranjemo-nos», diz-nos em portuguez que são «propositados».

Onde se diz «Well... Well, modifica para «All-Right...» Porquê? Pela mesma razão porque faz dizer a Lautonac: «Revoltado ou revolucionarios» quando é só «Revolutionnaire» o que marca o original. Estes aumentos na peça não compensam contudo os cortes feitos. No entanto é justo notar que os dois ultimos actos são mais justos, o que se sentiu até durante o espectaculo, pois o 1.º acto decorreu com hesitações falhas provenientes das supressões feitas; tudo em teatro tem uma logica; até a duração das scenas, das falas, as replicas, a maior ou menor verbosidade pode definir um caracter...

Mas devo ainda o traductor num outro trabalho não adulterar o verdadeiro sentido das frases. «Nous allons faire route ensemble» não é bem «é de viajar um pouco», «se volta, l'abîme», não é sem tem o desmoronamento» assim como devo conservar os tempos dos verbos (scena XIV 2.º acto) «Lantenac: «Je le sais bien» não é «Já o sabia», e «la guerra a fait cela?» não é «a guerra tambem fez isto?»

Não procurar equivalencia para os termos dificeis e contudo menos crime do que estragar a frase «cette puissance de renoncer meme transformande em «força de vontade».

Mas, repetimos, pela qualidade da obra que se trata é que fazemos estes reparos. O trabalho do nosso colega de imprensa, escaparia uma obra vulgar sem responsabilidades.

Desempenho

Foi de um bom conjunto. Mesmo quem viu a já grande Vera Sergine pode afoitamente classificar de muito bom o trabalho de Lucilia Simões. Raras vezes, na sua nova carreira, teve ocasião de fazer brilhar as suas qualidades dramaticas com tanta felicidade como na «Mulher que passa».

O seu 3.º acto foi bem estudado e a forma de dizer as rezas de amor, suprema ansia que vem pedir para casar, no limiar da vida, salvorar a situação dramatica longa em excesso. Tambem no 2.º acto pareceu um pouco da sua antiga distinção e a altivez, com que replicou em todo o final, foi de artista consumada. Feliz ainda, desta vez nas toilettes.

Amelia Pereira, dizendo com naturalidade, mas fraquejando nos lances mais dramaticos Georgina Cordeiro... «N'insultez jamais une femme du conservatoire...» A rabula de Berta do Albuquerque feita com expressão, com á vontade. Progride dia a dia.

Erico Braga, uma boa caracterização; está fraco contudo com muito acerto. O seu papel, sereno, refletido, superior, foi inteligentemente reproduzido. E' probo.

Calazans manteve tambem o seu papel com toda a correção e Mario Santos salientou um bolchevista episodico. Carlos Alves um pouco carregado nos gestos embora o papel se preste. Francisco Sampaio bem caracterizado, Seixas Pereira de passagem e Mario Pedro com um tipo bem estudado.

Enscenação e Scenarios

Para festa de Lucilia a empreza não se poupou. Scenarios todos bons, o que é raro, segundo os modelos de Paris, procurando mesmo respeitar todas os ideias do autor. Conjunto agradaveis, destacando-se o 3.º acto.

A enscenação tambem excelante. No 1.º acto as rubricas da peça não eram cumpridas; tudo mais a satisfazer os exigentes.

O publico extranhou a intensidade dramatica. E' capaz de não gostar. Não importa. O trabalho realisado é bom.

ARMANDO FERREIRA

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, Rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 3661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

As Universidades Populares

FUNÇÃO QUE LHES DEVE CABER NA EDUCAÇÃO INTELECTUAL

por Cardoso Gonçalves

As Universidades Populares são instituições destinadas á educação de quem não poude seguir os cursos regulares das escolas publicas ou particulares. Devem ministrar uma instrução geral procurando formar «homens»—membros da sociedade universal—e «cidadãos»—membros da patria ou nação. Devem advogar os principios da solidariedade, na mais ampla significação desta palavra tão mal compreendida.

Concorrendo para o desenvolvimento da patria ou nação onde actuam, as U. P. obedecem ao principio «egoista» do aperfeiçoamento da unidade social em vista da sua integração futura, por um principio «altruista», na sociedade universal.

Nenhuma nação progressiva procura hoje isolar-se para viver só, dos seus elementos proprios. Todos manifestam pelo contrario, o desejo de saber o que nas outras se pratica no campo dos descobrimentos scientificos, no campo das especulações morais, estéticas e pedagogicas. O intercambio estético internacional visa apenas á propaganda da propria cultura; é mais: um processo de solidariedade internacional. As U. P. devem concorrer para este simpatico movimento, abrindo as suas portas aos conferentes estrangeiros, estudando até as questões que devem ser tratadas nas missões do intercambio.

As U. P. não devem actuar exclusivamente dentro das suas sédes. Saindo para fóra delas aprenderão tambem com a experiencia alheia, e levarão a toda a parte o exemplo da sua coesão e do seu interesse por todos os assuntos concernentes á educação popular. Que as U. P. apareçam sempre onde se agite qualquer ideia superior—nos congressos, nas manifestações em honra dos grandes benfeitores da humanidade, dos sabios e dos artistas geniais—é para deseja e louvar. As U. P. são tambem centros do sociabilidade onde se devem cultivar sistematicamente sentimentos de admiração e de amor pelos homens superiores, que alguma obra importante realisaram em vista do bem comum.

Por tudo quanto já fica exposto sumariamente se conclue que não podemos deixar de atribuir ás U. P. uma missão educativa no ensino, que ministram. Em verdade não compreendemos instrução sem educação. Pór em pratica uma sem a outra é mesmo é que corremos o perigo de tudo perder e de não servir um ideal superior. Ao contrario do que afirma Victor Hugo, entendemos que instruindo apenas o povo «não» o tornamos melhor, «não» o moralisamos, o exemplo da Alemanha é bastante eloquente: nunca nação alguma se apresentou melhor preparada «por saber» para conquistar a hegemonia mundial. Mas a «scientific» educaçã que ministrou aos seus conduziu-a á derrota estrondosa da ultima grande Guerra. O saber não basta — repetimos—para tornar os homens mais perfeitos moralmente.

Somos partidarios da extensão das U. P. ás diferentes camadas da sociedade, que precisem de sistematisar os conhecimentos adquiridos e de completar a sua educação. Tem-se entendido em diversos paizes que as U. P. se destinam apenas ás camadas populares e proletarias. Nas U. P. far-se-ia a intensiva cooperação dos intelectuais e produtores manuais. Num paiz como o nosso, em que as camadas aparentemente mais cultas tambem precisam de educação, não nos pareça defensavel este exclusivismo; antes julgamos que a todos é licito aproveitar as U. P. na medida das suas necessidades.

O ensino educativo da U. P. tem sem duvida de obedecer a um ideal superior.

Qual deverá ser o «nosso ideal»?

Evidentemente o de colocar o paiz ao nivel dos mais avançados, concorrendo para o desenvolvimento de habitos de «trabalho» em oposição aos habitos do parasitismo.

O paiz sofre duma crise tremenda, que todos reconhecem não ser de hoje nem de ontem, mas ter já a duração de largos seculos.

Vejamos donde partiu o mal; expliquemos as causas historicas da nossa decadencia em termos concretos e rapidos, embora repetindo o que já é muito sabido.

A causa unica da decadencia nacional, a causa historica, que produziu as consequencias sabidas, resume-se na pratica dum errado sistema de educação.

A forma como se constituiu Portugal, conquistado palmo a palmo aos sarracenos, determinou a orientação guerreira da educação ministrada aos nobres, que fizeram a conquista do solo nacional. O mal foi que nunca arrepiamos caminho e o mesmo sistema educativo persistiu alem da epoca propria da conquista e, infiltrando-se o virus em todas as camadas sociais, destruiu a energia coletiva. Os nobres não se fixaram á terra para criar uma industria agricola, para atrair o povo á orbita dos seus interesses, como se tinha feito na Inglaterra.

O povo, explorado e ignorante, sem habitos de trabalho, costumado a viver dos saques, bandeou-se com o Rei contra a Nobreza e não caiu em melhores mãos. Ha excepções neste quadro e o nome de D. João II lembra-nos imediatamente; como nos lembrom os nomes dalguns grandes homens do nosso Renascimento, que por momentos colocaram Portugal a par das nações mais adeantadas. Mas a acção destes grandes homens não conseguiu impedir a marcha dos acontecimentos. Levados para a aventura ultramarina em que prestámos á Civilisação o serviço mais relevante, organisamos logo a rapina da Africa, da India e depois da America. Cada vez mais perdiamos os habitos de trabalho; abandonavamos os campos e vinhamos pejar as ruas da opulenta Lisboa (opulencia ficticia que num instante se havia de eclipsar) com o luxo desenfreado ou com a miseria mais repelente. Enquanto os outros povos que, nos seguiam e exploravam para aproveitar as migalhas da nossa lauta mesa, alcançavam pouco a pouco levantar-se e engrandecer-se—criando industrias, agricultando a terra—nós levávamos uma vida original de ociosidade, morrendo de fome e de peste ou mendigando o caldo dos conventos.

No entanto as nossas escolas continuaram inexoravelmente a fabricar letrados e guerreiros. Sobrepondo-se á insania uma insania maior, vem a expulsão dos judeus, gente «rica» que podia produzir; vem a Inquisição ao serviço do Erario regio para organisar metodicamente a rapina dos bens dos cristãos novos, já que as riquezas do Oriente nos iam voltando as costas, caminho doutros paizes. Seculos passados neste desvairo, chegam do Brazil as «naus dos quintos» e vem fomentar o luxo dos dirigentes e o parasitismo de todas as camadas sociais. Levanta-se «Mafra» aporta a capital viado de Roma a sumptuosa Capela de S. João Batista, de S. Roque de Lisboa... Desperdiça-se todo oiro, não se realisando uma obra estavel, quasi não se fomentando uma industria, não se tornando produtiva a terra. Em resumo e duma maneira geral—vivemos no que os outros produzem e pagamo-lhes com o que não nos custou a ganhar... dentro do paiz.

O ideal nacional, o nosso ideal superior, deverá ser pois o contrario: deverá ser o de pôr a nação a trabalhar e a produzir.

E não esqueçamos portanto nas U. P.

Não podemos evidentemente empreender a educação do povo senão acompanhando o ser humano desde os braços maternais e através de todos os estados do seu desenvolvimento. A creança leva-se ser, portanto, uma das preocupações das U. P. Admitimos assim a hipotese da assistencia de escolas infantis e primarias anexas ás U. P., quando seja possivel; mas escolas moldadas em preceitos educativos modernos e fóra de todas as preocupações sectarias; escolas livres, onde as creanças, filhas de homens de todas as religiões, possam receber um ensino apropriado sem o proposito de combater as crenças que vão do foro intimo de cada um; escolas abertas a todas as camadas da sociedade.

Surgem depois os problemas da educação fisica e da educação estética e a todos devem dar as U. P. uma adequada solução, promovendo a creação de grupos desportivos, organisando cursos da historia da arte, espectaculos e concertos, sessões de animatografo, exposições.

Na educação estetica tem uma influencia assinalada as visitas aos monumentos arquitetonicos; assim como aconselhavel o o estabelecimento nas U. P. de cursos de belas artes, de musica e canto coral; criaremos assim ligados aos nossos interesses, grupos educados para os nossos espetaculos e concertos, e um espirito de solidariedade desinteressada que é de incontestavel valor na realisação dos fins educativos das U. P.

O ensino intelectual educativo será ministrado por conferencias isoladas ou em serie nas U. P. ou fóra delas; por leituras e recitação adequadas; por bibliotecas acessiveis a todos os aderentes; por visitas e estabelecimentos fabris e de ensino e ao campo; por disgressões e viagens no paiz e ao estrangeiro, por terra e por mar; por sessões em que se debatam questões de interesse social; por sessões de animatografo...

Anexas as U. P. podem estabelecer-se consultas medicas, de caracter pedagogico; grupos de limitada duração para a realisação de cursos de primeiras letras, de instrução primaria, de ensino secundario, para adultos principalmente. A todas estas iniciativas devem dar as U. P. a devida proteção nos limites das suas instalações e das suas possibilidades financeiras. Coroando o seu sistema de educação devem as U. P. em Portugal estabelecer cursos de trabalhos manuais educativos, com fim de nobilitar a actividade humana na sua fase construtiva. Os trabalhos manuais a executar especialisar-se-hão conforme as necessidades dos socios das U. P. e do meio em que se actuar. Nas grandes capitais recomenda-se especialmente uma orientação que permita aos alunos fabricarem os moveis e utensilios das U. P., os aparelhos para as experiencias, etc.

Não pretendemos dar uma ideia completa do que podem e devem ser as U. P. Lembremo-nos em primeiro logar de que elas, mais do que de programas pomposos, necessitam de homens de acção, capazes de se dedicarem a uma tarefa dificilima, orientados num esperito de abnegação, que convem cultivar na gente portuguesa como uma das suas melhores virtudes. Mas nada ha impossivel quando exista uma vontade energica.

SPORT

Coisas de sport...

O team hespanhol venceu os portuguezes, vem a equipe ingleza, e bate os hespanhoes.

Moralidade:

«Onde elas se fazem ali se pagam...»

* * *

Em França Henry Pathé, está tratando de crear uma condecoração sportiva. Se a moda pegar entre nós vae haver uma serie delas e teremos o comendador da raquet, e a gran-cruz da prisão de cabeça...

* * *

Dempsey, o campeão de box americano, ao embarcar para a Europa, declarou a varios jornalistas, que ia fazer uma viagem de recreio, mas que se algum boxeur europeu quizesse estava logo pronto ao primeiro sinal.

E' o convite á valsa.

* * *

O professor Desbonnet, que com Robert já falecido, eram as duas maiores autoridades, que tenho conhecido em exercicios de força escreve-me dizendo que, depois de passar a sua escola, viria viver para Cintra.

O mestre se vier vai conhecer uma especie nova de atletas, que abundam muito entre nós.

Os atletas teoricos...

NOTICIARIO

LUTA

IX Campeonato Internacional—Hoje na 3.ª sessão luta Grilo contra Roberti

Iniciou-se no ultimo sabado no Coliseu dos Recreios o IX Campeonato Internacional de Luta que teve assim como ontem uma concorrencia enorme. Não teem sido exageradas as noticias publicadas sobre o valor do Campeonato e mesmo sobre o valor dos lutadores. O publico que é sempre nestes casos o grande juiz, aplaudiu mesmo com entusiasmo todas as lutas efectuadas. Devemos contudo especialisar os nomes de Constant Marin, Massetti, o campeão espanhol Ochôs, e Stroobants. O lutador Sonda apesar do seu pouco peso comparado aos seus adversarios tambem foi ontem ovacionado pela forma scientifica como resistiu duas «reprises» a Constant.

Sobre a arbitragem a cargo de Max Sergey tem estado boa, oportuna e energica por vezes.

O publico tem-se manifestado desfavoravel contra o brutal Wilson que faz sempre uma luta violenta e cheia de truques assim como a Sant Mars que, embora mais scientifico do que aquele é violento em demasia.

Hontem, quando o speker anunciava a luta de hoje entre Grilo e Roberti, aquele foi alvo de uma grande manifestação de simpatia. Este match deve despertar interesse, pois o nosso valoroso Grilo que se encontra num otima forma ha-de por certo deseja triunfar, tanto mais, que este ano disputam o Campeonato, trez portuguezes visto que hontem inscreveu-se o valente Antonio Sardinha que se bem nos recordamos foi o primeiro lutador portuguez que resistiu 15 minutos ao celebre Raku.

As lutas de hoje são as seguintes: Manoel Grilo contra Roberti; Emile Dariaz contra Stroobantes; Bouchtral contra Fabre e Leon d'Angeres contra Fornier.

TENNIS

De Barcelona foram convidados para tomarem parte no campeonato os nossos jogadores Frederico Vasconcelos, Ricarardi, Antonio Casanova, Antonio Pinto Coelho, José Vorsda e Frederico Ribeiro. A' ultima hora, por varias complicações, só partiram os srs. Antonio Casanova, Antonio Pinto Coelho, e Frederico Ribeiro, seguindo os restantes hoje

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

O ADEREÇO

por GUY DE MAUPASSANT

— Não fui eu, minha senhora, que vendi esta joia, devo ter fornecido só o escrinio.

Então êles foram de joalheiro em joalheiro, procurando um adorno igual ao outro, consultando as suas recordações, ambos doentes de pura angustia e desgosto.

Encontraram, numa loja do Palais Royal, um rosario de diamantes que lhes pareceu perfeitamente igual áquele que procuravam. Tinha o preço de quarenta mil francos. Davam-lho em ultima instancia por trinta e seis mil.

Pediram ao joalheiro que o não vendesse pelo prazo de três dias, sob condição de que o iriam entregar por quatro mil francos, se o primeiro fosse encontrado antes de fins de Fevereiro.

Loisel possuia dezoito mil francos que herdara de seu pai. Pediria emprestado o resto.

Pediu emprestados mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luizes aqui, três luizes acolá. Assinou letras, tomou responsabilidades ruinosas, contractou com os agiotas, com todas as raças de mutuantes.

Comprometeu-se para o resto dos seus dias, arriscou a sua assinatura sem mesmo vêr se de seus contractos poderia sair com honra, e horrorisado com as angustias do futuro, com a negra miseria que sobre si ia desabar, com a perspectiva de todas as privações fisicas e de todas as torturas morais, foi buscar o novo colar, depondo sobre o balcão do joalheiro os trinta e seis mil francos.

Quando a senhora Loisel tornou o colar á senhora Forestier, esta disse-lhe, com ar abespinhado:

— Bem podias ter-mo trazido mais cêdo, porque eu podia precisar dêle.

Ela não abriu o escrinio, como a sua amiga temia. Se désse pela substituição, que pensaria? que diria? Não a tomaria por uma ladra?

* * *

A senhora Loisel conheceu então a vida horrivel das pessoas necessitadas. Tomou o seu partido, encarando a vida de frente, heroicamente. Era preciso pagar aquela espantosa divida. Paga-la-ia. Despediu a criada; mudaram de casa e alugaram uma mansarda junto do telhado.

Ela conheceu os pesados trabalhos caseiros, as odiosas tarefas da cosinha. Lavou a loiça, gastando as suas unhitas roseas nas tigelas gordas e no fundo das cassarolas. Ensaboava a roupa que punha a enxugar numa corda; todas as manhãs ia pôr á porta o barril do lixo e descia a vir buscar a agua, detendo-se em cada degrau, a fim de respirar. E, vestida como uma mulher do povo, ia ao lugar da hortaliça, á mercearia, ao talho, de cabaz no braço, regateando e sendo injuriada, defendendo *sou* a *sou* o seu miseravel dinheiro.

Todos os meses era preciso pagar umas letras, renovar outras, obter reformas.

O marido trabalhava, agora, tambem, ás tardes, fazendo a escrituração de um comerciante e, á noite, muitas vezes, fazia cópia, a cinco *sous* a página. E esta vida durou dez anos.

Ao fim dos dez anos, tinham pago tudo, tudo, com as taxas da usura, com os juros fabulosos.

A senhora Loisel parecia então velha.

Tornara-se a mulher forte, dura e rude das familias pobres. Mal penteada, com as saias de través e as mãos avermelhadas, falava alto, e esfregava a valer o soalho.

Mas, por vezes, quando o marido se encontrava na repartição, ela sentava-se á janela e pensava naquela *soirée* de outr'ora, naquele baile onde fôra tão festejada.

Que seria áquela hora feito dela, se não tem perdido o colar? Quem sabe? quem sabe? Como a vida é singular e mudavel! Como pouco basta para nos perder ou nos salvar!

Ora, um domingo, como ela fosse dar uma volta pelos Campos Elyseos, para se distrair dos cuidados da semana, viu, de repente, uma mulher que passeava com um pequenito. Era a senhora Forestier, parecendo conservar a sua juventude, ostentando ainda a inalteravel formosura cheia de seducções.

A senhora Loisel sentiu-se comovida. Devia falar-lhe? Sim, de certo. E agora, que tudo havia pago, contar-lhe-ia tudo. Porque não?

Aproximou-se.

— Bons dias, Joana.

A outra, não a reconhecendo, mostrou-se admirada de ser tratada tão familiarmente por aquela burguesa. Balbuciou:

— Mas... minha senhora... Não sei... Mas deve haver engano.

— Não ha. Eu sou a Mathilde Loisel.

A amiga soltou um grito:

— Oh!... minha pobre Matilde, como estás mudada!...

— Sim, tenho passado dias bastante amargos, desde que nos deixámos de vêr; muitas miserias... e tudo por causa de ti...

— Por causa de mim... Como assim?

— Recordas-te do colar de diamantes que me emprestaste para ir á festa do Ministerio?

— Sim. E então?

— E então, eu perdi-o.

— Como! pois se tu entregaste-mo.

— Entreguei-te outro igual. E ha dez anos que eu e meu marido o andamos a pagar. Bem deves entender que o caso foi para nós bastante duro, pois não tinhamos nada... Emfim, acabou-se, tudo está pago, e sinto-me brutalmente contente.

A senhora Forestier prestou toda a atenção.

— Dizes que compraste um colar de diamantes para pôr no lugar do meu?

— Sim. E tu não deste por isso, hein? Parece-me que eram bem iguais.

E a senhora Loisel sorria com orgulhosa e ingenua alegria.

A senhora Forestier, muito comovida, tomou-lhe as duas mãos:

— Oh! minha pobre Matilde! Mas o meu colar era de diamantes falsos. Valia pouco mais de quinhentos francos!...

FIM

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA-PORTO

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

— BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL —

LISBOA — R. do Ouo, 18 a 24

PORTO — 28, Paça da Liberdade, 29 — Rua do Comercio, 136 a 140

Banco Colonial Português

Séde: — Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Sucursais:

PORTO — Casa Pinto & Sotto Mayor

RIO DE JANEIRO — Banco Português e Brasileiro

TELEGR. — **Procolonia**

CAPITAL AUTORIZADO: Escudos 100.000:000$

CAPITAL EMITIDO: Escudos 10.000:000$

SUCURSAIS NA AFRICA OCIDENTAL e ORIENTAL PORTUGUESA

Correspondentes em todas as localidades do continente, ilhas e em todas as praças estrangeiras

Efectua todas as operações bancarias: descontos, transferencias, depositos á ordem e a prazo em moeda nacional e estrangeira, contas correntes, compra e venda de cambiais e de moedas e notas estrangeiras, pagamento por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de bolsa no País e no estrangeiro, compra e cobrança de coupens, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.

Mario Duarte

Cirurgia da boca e dentes

P. RESTAURADORES, 13

Telef. 914 C.

Agua de CALDELLAS

BANDEIRA DE MELLO, L.DA

Rua Augusta, 75, 1.° e 2.°

Banco Nacional Ultramarino

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa R. do Comercio—Agencia em Lisboa-C. Sodré

Capital Social Esc. 48.000.000$00

Capital Realisado Esc. 24.000.000$00

Reservas Esc. 26.000.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Mirandela, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Povoa de Varzin, Regoa, Santarem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.
FILIAIS NAS ILHAS—Funchal, Ponta Delgada, e Angra do Heroismo.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO—Paris Rue do Helder, 8, Londres 27 B Throgmorton Street, New York 28 Liberty Street.
FILIAIS NAS COLONIAS—S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, S. Tomé, Principe, Cabinda Kinshassa (Congo Belga), Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Bombaim (India Ingleza), Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRAZIL—Rio de Janeiro, Campos, S. Paulo. Santos, Bahia, Pernambuco, Para'iba, Pará e Manaus.

Recomendam-se ás Filiais deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal, Correspondentes nas principais localidades do Continente e Ilhas Adjacentes e em todas as cidades do mundo, operações bancarias de todos os generos, compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, operações de Bolsa, cartas de credito directas ou circulares sobre as colonias e todos os paises do mundo.

Sociedade Industrial de Adubos, Pêlos e Grudes, Limitada

Séde em Lisboa—Rua da Prata, 59, 2.°

Endereço telegrafico: JOSELIA

TELEFONES: Séde — Central, n.° 2293
Fabricas — Paio Pires n° 16
Armazens — Poço do Bispo, n° 25

FILIAIS: No Porto, Rua de Santa Catarina, n.° 108, 2.° Em Pampilhosa do Botão, Estrada da Mealhada

FABRICAS: No Seixal, "Moinho do Breyner"

DEPOSITOS: Lisboa, Poço do Bispo, Porto, Rio Tinto, Runa, Pampilhosa do Botão e Leiria

AGENCIAS: Em varios pontos do paiz

Fabricação especial de adubos compostos de todas as qualidades e para todas as culturas

Superfosfatos, sulfato de amonio, nitrato de sodio, fosfato Tomaz, sais potassicos, guanos e farinhas de peixe

Productora e fornecedora das melhores purgueiras do mercado

Sulfatos de cobre e de ferro e enxofres

Consultas e informações gratuitas sobre todos os assuntos agricolas.

No proprio interesse dos srs. lavradores aconselhamo-los a não fecharem as suas compras sem primeiro nos consultarem.

EXCELENTES RESULTADOS

Anibal Neves, Limit.

Rua da Prata, 242 a 248 — Rua de Santa Justa, 26 a 32

Telef. 3040 C. — **LISBOA** — Teleg.: *Vapor*

SECÇÃO TECNICA

Fornecimentos de maquinas e ferramentas para todas as industrias

Instalações de fabricas e centraes de força

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS de:

Maschinenfabrik Badenia Weinheim (Alemanha) — Locomoveis e semi-fixas de todas as potencias

Saechsische Turbinenbau Und Maschinenfabrik, Meissen (Alemanha) — Turbinas, instalações de cerâmica, etc.

Usines Reduuwée S. A. Liége (Belgica) — Bombas e compressores

Storebro Aktiebolag, Storebro (Suecia) — Maquinas-ferramentas

Badal & C.° Dresden (Alemanha) — Aparelhos de elevação e transporte

Franz Sieper Remscheid (Alemanha) — Ferramentas para industrias e oficios

Berna Lorries, Limited Olten (Suissa) — Camions, tractores de estrada e agricolas, carros de reboque

Edoardo Bianchi S. A. Milão (Italia) — Automoveis, motos e bicicletes

POÇOS ARTESIANOS

Abertura de poços, trabalhos de irrigação

OFICINAS

de reparação de automoveis, construções mecanicas e metalicas, soldadura autogenea

SECÇÃO DE IMPORT E EXPORT

Materias primas, materiaes de construção, tintas, vernizes, productos quimicos, etc.

SECÇÃO CORKY

Pavimentos sem fendas de superior qualidade. Isolamentos para instalações de vapor e frigorificas

// A CAPITAL
Diario Republicano da Noite

N.º 4056 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5
LISBOA — Terça-feira, 18 de Abril de 1922
Telef. n.º 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O Avião "Lusitania"

Os aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral, tendo sahido esta manhã da Cidade da Praia ás 5 e 50 minutos, hora local (7,50 em Lisboa) ergueram o seu vôo atravez do Oceano em demanda dos Rochedos de S. Paulo, situados a perto de mil milhas a sudeste do arquipelago de Cabo Verde. O posto de Monsanto procura estar em comunicação permanente com as regiões do Atlantico equatorial, sendo-nos comunicado pelo comandante Nunes Ribeiro que a provavel "amarissage" do avião nos rochedos será efectuada pelas 7 horas da tarde (hora de Cabo Verde). O crusador "Republica" que paira naquelas paragens transmitirá imediatamente noticias para Fernando de Noronha mas o pouco raio de acção dos seus aparelhos de T. S. F. só lhe permitirá comunicar no maximo com as costas do norte do Brazil. Segundo todas as probabilidades a noticia só poderá chegar a Lisboa entre as 8 e as 9 horas da noite.

O Governo e a situação

O custo da libra agravou-se hoje duma maneira mais alarmante do que nunca. Estavamos de facto, abaixo da divisa de 4. Uma tal situação ha de forçosamente tornar-se insustentavel a breve praso, e então os especuladores de varia especie, os aventureiros e os demagogos que meditam as suas especulações, e os governos que não tomam medidas energicas para os reprimir, conhecerão a catastrofe que os ha-de tambem fulminar.

A opinião publica tem estado na espectativa. Acolheu o actual governo com uma confiança que progressivamente se foi acentuando ao ver que ele procurava realisar as aspirações mais urgentes do país. Viu que não se recuava perante a prisão de elementos categorisados duma força militar que desencadeou um dos mais tristes e impensados movimentos da nossa historia, movimento á sombra do qual se praticaram crimes hediondos. Esses elementos estavam debaixo duma acusação de fraqueza senão de cumplicidade com os acontecimentos da noite tragica. Foram presos, e então apurou-se as suas responsabilidades. O país aplaudiu. Ao mesmo tempo era preciso reduzir os efectivos da força militar que se lançara no caminho da indisciplina, realisando um pronunciamento pretoriano sem justificação nem finalidade. Foram reduzidos. O país aplaudiu. Mas satisfeitas então duas imperiosas reclamações do momento, necessario se tornava regular a situação financeira e economica do paiz. A nação inteira esperou, possuida duma confiança maior ainda.

Não ha duvida, o sr. Ministro das Finanças negociou um credito de 3 milhões de libras em Londres, e esse credito é efectivo, representa uma realidade, e não uma burla infame como a da celebre operação dos 50 milhões, negociada entre o sr. Afonso Costa e um vulgar cavalheiro da industria, gatuno perseguido no seu paiz, que era o americano Silberg, apresentado-se com o nome falso de Williams. Mas apesar de se tratar de um facto, e não de uma mistificação, os cambios não melhoram. Pelo contrario, peoram, e não pode deixar de ser em consequencia de novas manobras, miseraveis e criminosas, de creaturas que já deviam ha muito estar na cadeia, qualquer que fosse a sua posição social.

Da situação financeira é reflexo a situação economica. Provoca-se o agravamento cambial, por exemplo, para vender a cebola a 3000 reis o quilo.

O plano é levar a especulação a proporções delirantes. Dentro em pouco, só poderão viver os milionarios que vão mandando para o estrangeiro, convertendo-os em ouro os seus fabulosos lucros que melhor deveriamos denominar os seus autenticos roubos.

O governo não pode queixar-se da opinião publica. Ela tem-lhe dado o mais iniludivel apoio. Mas a opinião publica já não pode continuar na espectativa.

Assim não se vive. Não sabemos o que sucederá, mas caminhamos para uma catastrofe se o governo não quizer ter energia para salvar o paiz, arrancando-o ás garras dos seus algozes.

Se assim não fôr, pobre paiz e pobre Republica!

Uma descoberta notavel

HONTEM EM S. CARLOS

GENTE DE TEATRO

FESTEJOU EM VIRGINIA AS VIRTUDES FEMININAS DA NOSSA RAÇA E A BELEZA DISSIPADA DO NOSSO TEATRO, VIVENDO EM APOTEOSE ALGUMAS HORAS DE ESTREITA SOLIDARIEDADE E ENTUSIASMO

Devia haver todos os anos uma consagração desta natureza. Pretextos não faltam. E os resultados são bons. Andamos tão divididos, andamos tão separados, que a União tem de ser cimentada aos poucos e poucos.

Gente de teatro é gente que vive nos nossos sentidos; nos olhos, porque são os principes do Gesto; nos ouvidos, porque nos falam a linguagem do Encantamento; no pensamento, porque nos gravaram as suas figuras, pedaços isolados de tantas vidas criadas ao fogo do talento e onde nós vemos espelhados as nossas virtudes, os nossos erros. Não ha profissão mais querida do publico. O actor pertence muito áquele que o vê. E, quando êle exteriorisa os sentimentos populares, quando desce ao coração do povo, para o fazer palpitar, ou rir, ou chorar, o Actor é quasi um Deus. A multidão escravisa-se.

Virginia era um simbolo, uma magestade por eleição. Mas em Virginia todos viam ainda o Actor, o nosso teatro, essa eterna velhice ignorada, mesmo para aqueles que na sua carreira tiveram palmas, flores, triunfos.

Virginia! E' toda a scena portugueza!

interpretou Matos Sequeira. Imensa apoteose a todos. O passado e o presente de mãos dadas. No ar, pairando, a evocação de João da Camara, Gervasio Lobato, Marcelino, os nomes saudosos da Manuela já tão longe, os que vieram depois, os Rosas, Damasceno... Lá estavam... erguidos espectralmente, em sorrisos bons, em frente a Virginia. Passou o velho Queiroz, quasi um centenario, tremulo, vaciIante, traço de união entre os vivos e os mortos... Reapareciam os outros... Roque, saudosa Delfina Cruz... Carmen Cardoso... Os mais velhos têm saudades nos olhos... José Ricardo, Augusto Melo, Joaquim Costa, o grande Brazão, com Lucinda Simões, formam êsse fundo de escola antiga... Falta Adelina Abranches é pena... Depois outro degrau abaixo, Lucilia, Palmira, Angela, Maria Pia, Augusta Cordeiro... outra época, outras evocações. Veem os novos, os nomes esperançados, Auzenda... Ilda... Cremilda... Alves da Cunha, Rafael, Eurico, Estevão Amarante... Ribeiro Lopes... Samwell... Falta Chaby. Não esquece Aura, Leonor Faria, Rey Colaço. Elas lá estão no espirito do publico que aplaude... A voz de Augusto Pina faz resurgir obras: *Julio Dantas*, *Augusto de Castro* evocam-se nas figuras que passam... E' o romantismo... Garrett, Pinheiro Chagas... Ouve-se o nome de Eduardo Coelho, depois Schwalbach e logo os modernos Lopes Vieira, Bento Mantua, Vitoriano e Mendonça Alves, Carlos Selvagem, Afonso Gaio, a Parceria... emquanto outros trazem recordações de Shakespeare, Moliere, Ibsen, Wilde, Quinteros.

Ao lado estão autores, estão musicos, estão scenografos; além os nomes dos renovadores da scena actual, Galhardo, Lino Ferreira... Poetisas, criticos, jornalistas, todos se agrupam. E' a grande familia... E' o nosso Teatro, aplaudindo-se a si proprio, na extrema apoteose da sua propria Beleza.

Foi isso o que ontem o publico viu em S. Carlos. Houve olhos marejados, mas houve ainda mais uma satisfação viva de inteira camaradagem... Que se unam todos, que não os espalhe o vento insano da ambição ou do despeito... A vida é tão curta e a scena tão larga; cabem todos e á vontade... Que Virginia tenha êste ultimo e grande papel a desempenhar: o da fada boa que vai unir a grande familia dramatica.

* * *

Além daqueles que figuraram no desfile dos personagens criados durante a sua vida scenica, pode dizer-se que todos os artistas portugueses se encontraram em São Carlos. Artistas dramaticos, emprezarios, escritores. Na plateia, grande numero tambem de amadores e profissionais.

* * *

O publico, á passagem dos artistas, sublinha os seus mais queridos. Notavel: para Estevam Amarante, um *João Ratão*, de Cruz de Guerra, irmão dos marinheiros, donde sairam os que sulcam neste momento os ares. —Palmas entusiasticas.

Auzenda, caracois negros, um largo sorriso, duas bilhas nas mãos, recebe outra ovação grandiosa. São as figuras populares... Os que vivem a propria vida nacional.

Palmira Bastos, rainha da beleza, figura primordial da nossa scena, é aclamada. Igual aplauso para Lucilia, na *Nora*, de Ibsen. Aquela, o teatro coração, subtil, francês; esta, o dramaturgo do norte. O publico tem a sensação do equilibrio.

Joaquim Costa é popular tambem. Angela Pinto equipara-se-lhe na consagração.

* * *

Os *modestos* lêem, lêem muito... e seis vozes falam nos *modestos*.

* * *

No serão, a nota alegre deu-a, com brilho, além de Amarante, Gabriel Pratas. A nota tragica — e muito bem — Roberto Lopes. As notas agudas, Maria Judice, Aldina e Jalzira. Tambem Sales Ribeiro. Notas do violino primorosas, por Benetó e tambem houve quem desse notas falsas...

* * *

Chagas Roquette comenta, alegre, o convivio. «E' pena a ceia ser só para três!»

* * *

Melo Barreto está no seu meio. Se não fosse a sua situação diplomatica, recitava tambem.

* * *

Alguem de teatro comenta: «E' com todo o entusiasmo que as empresas cederam o seu dia de hoje, que todos os artistas aqui estão. Mas, pregunto: A receita é entregue a Virginia? Virginia não tem herdeiros necessitados, e o mais logico e humano e belo, seria dar-lhe o rendimento e, mais tarde, reverter para a casa Gil Vicente êsse brilhante fruto da nossa cooperação...

* * *

3 horas da noite. As palmas não acabam... Virginia sente fugir-lhe a vista. Hesita. Vacila. Comove-se. Quere ler um soneto. Não, o que ela quere é dizer, ha de dizer, os versos extraordinariamente belos de Virginia Vitorina, onde se fala na ventura daquele instante:

que o meu maior desejo, o mais ardente,
era poder vivo la eternamente
ou parar neste instante a minha Vida!

E todos, baixinho resaram o mesmo.

ARMANDO FERREIRA

À retirada de La Lys

Atravéz da vasta eloquencia oficial começam a fazer-se ouvir as simples vozes da verdade

Sr. redactor:

Li com verdadeiro agrado as duas interessantes cartas publicadas na «Capital» de 3 e 11 do corrente, a proposito do esquecimento ingrato a que foram votados os prisioneiros de 9 de abril que, na verdade, foram escravos das ordens do comando superior que os mandava aguentar nas suas posições, caso de, contra a nossa frente, se desencadear uma ofensiva. De facto, a ofensiva teve logar, conservando se aqueles combatentes nas suas posições de combate, até á ultima extremidade, não obstante a reconhecida deficiencia dos efectivos de que então se dispunha. Nem todos os elementos do C. E. P. assim procederam, o que mais valorisa a sua conduta, visto, como é sabido, terem eles sido os unicos que assinalaram, de facto, a presença de forças portuguezas no sector, cuja defeza lhes estava confiada.

Retirar só se compreenderia, embora contrariando as ordens do comando que mandava permanecer na 2.a linha, para resistir-se mais á reaguarda; mas é bem sabido que essa resistencia se não fez por parte dos que retiraram, mas apenas por um pequeno nucleo de forças de infantaria 15 que, longe de retirar, avançou e caiu tambem depois nas mãos do inimigo. Todos os mais retiraram, para não mais combaterem, pois que são bem conhecidas as dificuldades com que se lutou para, só muito tarde, se organisar um batalhão que voltasse para a frente.

Mas não são os pobres prisioneiros os unicos esquecidos, em desfavoravel confronto com tantos outros bem embrados que nem a classificação de combatentes mereceram, por não terem passado de simples «burocratas» os quarteis generais; ha tambem os feridos, muitos dos quais se envergonham de usar os competentes distintivos, com o receio, aliás bem justificado, de que alguem possa supor que os seus ferimentos foram recebidos «pelas costas»!

O paiz, que por tudo se desinteressa, decerto ignora que ha imensos feridos, «alguns mais de que uma vez», e em ocasiões diferentes, que não receberam qualquer recompensa. Pois ha varios oficiais, sargentos e outras praças nestas condições, que, tendo vertido o seu sangue nas trincheiras, no autentico «front», veem as condecorações não só no peito de muitos seus camaradas que verdadeiramente as mereceram, mas tambem no de outros que, nem de simples visita, conheceram as trincheiras.

Poderá dizer-se que estes desempenharam serviços que embora sem risco de maior, foram julgados uteis; mas a premiarem-se certamente que não deveriam ser esquecidos aqueles que verteram o seu sangue pela Patria, e que apenas teem o defeito de não saberem tirar os necessarios «efeitos cenicos» dos actos que praticam...

E' pois, preciso, sr. redactor, para prestigio e honra do Exercito que tanto os prisioneiros do 9 de abril, como os feridos de toda a campanha, «não tenham vergonha de declarar que o foram»; e, para isso bastará que, para com eles, haja, pelo menos, a mesma generosidade de que se usou para com os combatentes da «Retaguarda».

Contando tambem para comigo, com a condescendencia de v., ouso pedir-lhe a publicidade destas mal alinhavadas considerações, para não revelar-se, como um despeitado, se subscreve. De v. etc. — Oficial ferido do C. E. P.

FACTOS E PALAVRAS

«Tange, tange augusto bouse...»

Nos anuncios de «O Diario de Noticias» torna-se publico que um cavalheiro apresentavel e de fino trato solicita por favor um logar numa friza para assistir á festa da actriz Virginia. No mesmo jornal oferecem emprestar a juros a quantia de cincoenta escudos, duas senhoras que se supoem ser de edade. E nos electricos desta pasmosa terra andam agora colados uns letreirinhos em que se observa aos conductores que devem respeitar, amparar e proteger o publico. Tres cousas simples que definem profundamente a naturesa e a indole destes espantosos lisboetas. E estes simptomas de desequilibrio, de mesquinhez e de fraqueza são como que o dobre de sinos que ajudam a levar para o lixo final os pitorescos intrometidos, os lamentaveis caçadores da cedula de meio tostão, os inconcebiveis dirigentes que não tem força para mandar e se faser obedecer: todos!

Os ventres enchem

Diz o telegrafo que os delegados russos á Conferencia de Genova, tão depressa se instalaram no hotel logo o declararam territorio russo. Não diz, infelizmente, o telegrafo se eles mandaram logo pôr o jantar na mesa. Se, como já o afirmava Tourgueneff, os russos gostam de comer, calcule se agora o apetite com que eles chegaram á encantadora e bem provida cidade liguriana. E é de crêr que toda a Russia atenta e com agua na boca siga com um movimento de interesse e de despeito os seus felizes delegados, não para verificar o que eles vão dizer em Genova mas para constatar o que eles lá vão comer e ruminar que depois da engorda começam a estar bons para a panela.

Lilazes

Com este lipido e profundo abril que já começa a envolver-nos, tambem começam a aparecer, na praça, os lilazes. A haste melancolica e fresca que perfumava a trapeira de Mimi Pinson e era a dadiva gratuita e facil dos «rapins» ás «grisettes» de Montmartre, custa agora ali junto da Betesga uma cousa parecida com quatro ou cinco mil réis. E' talvez por isso que já não ha poetas enternecidos e morreram definitivamente todas as heroinas de Murger. Os lilazes, porem, permanecem e eles que foram a flôr de Musset, o amoroso enlevo do triste Chatterton, a alma recolhida, lenta e odorifera de todo o Romantismo, vão agora conhecer e morrer nas jarras dos novos ricos, nas saletas hediondas onde estão encaixilhados na parede o «Panorama de Belem» ou a «Avenida da Liberdade!» Pobres lilazes! Como mereciam melhor destino!

As questões do Oriente

SHAN-GHAE 18. — Continuam a fazer-se grandes movimentos de tropas na China. A guerra civil é inevitavel. O marechal Chang-Tse-Lin procurará fazer marchar as suas tropas para o sul no mais breve espaço de tempo possivel de forma a surpreender os seus adversarios ainda mal preparados. — (R.)

VLADIVOLTOCK 18. — Forças japonezas avançam pelo territorio da republica de Tchita. As tropas russas teem abandonado varios postos avançados. — (R.)

"VOX CLAMANTIS"

A Propaganda de Portugal

OS NEGROS DO ALGARVE E A ANEXAÇÃO DA GALIZA — AS GUERRILHAS TRUCIDAM EM MASSA OS VIAJANTES DESPREVENIDOS — E NÃO SE FALA PORTUGUEZ!

Terminámos uma tarefa que é necessariamente incompleta mas que traz magna copia de provisões para o apanhado que hoje damos a publico. Trata-se do que pensa e do que diz acerca de Portugal uma grande parte da imprensa europeia. A excelente ocasião que o nosso paiz teve de se fazer conhecer com relativa exactidão durante a guerra, perdeu-se. Pois com uma quimerica propaganda se gastou muito dinheiro. E a ação quer dos nossos consules, quer dos nossos ministros no estrangeiro pode considerar-se nula em vista do amontoado de falsas noções que se espalham por essa Europa a nosso respeito. Pusémos sistematicamente de parte as injurias: para as apontar, mesmo ligeiramente, ser-nos-a preciso um numero inteiro de jornal. E delimitámos tambem o espaço de tempo. As nossas buscas começam em 19 de outubro ultimo, uma das recentes datas notaveis que originaram uma recrudescencia de informações (?) sobre este canto da Europa. Se não bastar o que apontamos para renovar ou modificar a propaganda de Portugal, não haverá remedio senão resignarmonos a ocupar a modesta categoria de «terra incognita» em todos os mapas das redações estrangeiras. Aqui está o que nos fornece o «Argus de La Presse»:

* * *

Da «Gazeta de Lausanne» (Suissa) em 22 de outubro: ...«o senador Antonio Granjo que, apesar de espanhol, os portugueses foram buscar a Madrid para orientar os seus destinos, tal era o seu alto valor...»

Da «Voz de Saint Gall» (Suissa) em 22 de outubro e em editorial: — «Antonio Granjo e os seus colaboradores foram mortos pelo povo em furia, quando pretendiam por meio de um golpe de mão, restaurar a monarquia...» — E mais adeante: — «Portugal, provincia espanhola, destacada do primitivo reino em 1685...»

Do «Correio de Bergen» (Noruega), em 2 de novembro: — «Os bolchevistas de Portugal chefiados pelo almirante Machado Santos foram trucidados pelo povo portuguez essencialmente monarquico apesar do regimen republicano actualmente implantado».

Da consideravel «Revista de Edimburgo» (Escossia), em 27 de Novembro: — «Etmologicamente o Algarve é uma provincia africana sendo a base da sua população formada por arabes e negros cruzados. Na sua extremidade fundou o infante D. Manuel a escola de Sagres...»

De «A noite de Amsterdam» (Holanda) em 7 de Dezembro: — «As provincias do norte de Portugal, Minho e Fafe iniciaram um movimento separatista acolhendo-se á proteção da Espanha...»

De "Le Soir", Luxemburgo (Grão Ducado) em 15 de Dezembro, a proposito das cruzadas e da expansão dos europeus: — "Camões, o grande épico espanhol..."

Da "Cruz do Norte", Copenhague (Dinamarca) em 11 Janeiro: — "A situação de Portugal oferece muitas analogias com a dos "sandjacks" albanezes. A população deserta das cidades e toma a escopeta. E' impossivel viajar pelo paiz povoado de guerrilhas, sendo certo que entre os diferentes partidos, depois das escaramuças, se fuzila em massa..."

Do "Corriére della Sera" (Italia) em 8 de Fevereiro: — "Não sabemos até que ponto irá o espirito de conquista platonica em Portugal. Todos os jornais abriram uma violenta campanha em favor da anexação da Galiza espanhola...»

Da «Gazeta de Woss» (Alemanha e com data indeterminada): — «O governo portuguez pensa em ceder á Inglaterra todos os territorios que constituem a bacia do Congo, ao norte de Angola, em pagamento da sua divida de guerra:..»

De «Noticias de Transylvania» (Romania) em 17 de Março: — «Os portugueses, de proveniencia latina como os romaicos, falam um espanhol mascavado. Foi Carlos V de Austria que operando a transferencia de grandes massas de portugueses, introduziu naquele paiz quasi por completo o uso do idioma espanhol...»

* * *

São bocadinhos de ouro e não merece a pena continuar. Mas deste apontoado de inepcias e de falsidades, podem tirar-se conclusões. A primeira é lisongeira para nós, jornalistas portugueses e faz honra áquilo que costuma chamar-se probidade profissional. Com efeito nunca a imprensa do paiz expendeu sobre as nações da Europa metade, um terço sequer dos numerosos carapetões que os nossos colegas de além fronteiras se permitem acerca do nosso paiz. E os jornalistas, ás vezes bastante caluniados não dão a correr mundo informações reveladoras duma profunda ignorancia. A segunda conclusão que pode inferir-se é o pouco ou nenhum zelo da parte da multidão de funcionarios que Portugal sustenta no estrangeiro, que não protestam nem reagem contra esta propaganda fantasista mas deleteria. Se qualquer dos jornais de Lisboa ou da provincia publicasse umas estranhas noticias inexactas ou tendenciosas, não faltariam nas estações competentes protestos e emendas dos consulados ou das legações. E estariam no seu papel porque

para isso é que os respectivos governos os nomeiam.

Pa ece porém que destas coisas não cura o governo portuguez eternamente iredado numa politica de campanario. Que nós já somos, na opinião de muitos paizes uma especie de «Mexico da Europa», ninguem o ignora. E agora vai-se espalhando tambem a noção de que trucidamos com a mesma facilidade com que se muda de roupa, que passamos a vida a beber o sangue uns dos outros e que no Algarve são todos negros e todos andam de tanga! A multidão de diplomatas nacionais que polvilha as nações e tranhas não lê os jornais como seria o seu imprescindivel dever, não se conserva atenta e deligente para repelir com firmeza todas as insinuações de malevolos sem classificação ou de ignorantes sem pejo. Que faz então a multidão de diplomatas nacionais? Nada de proveitoso, nada de util. Tivemos ocasião de os ver em varias capitais europeias. Bebem chá—e dizem mal uns dos outros.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 1/4—4 1/8
» 90 dias. . . .	4 3/8—
Paris, cheque	1186— 1222
Suissa, cheque.	2485— 2561
Belgica, cheque.	1091— 1124
Italia, cheque.	693— 714
Berlim, cheque.	45— 50
Holanda, cheque. . .	4855— 5000
Madrid, cheque . . .	1981— 2045
New-York, cheque. . .	12804— 13192
Brazil, cheque. . . .	59— 53
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2370— 2450
Suecia, cheque	3332— 3433
Dinamarca, cheque. . .	2700— 2795

Libras . . . . . 60$00 — 65$00

A questão irlandeza

LONDRES, 18.—No sul da Irlanda passaram-se horas angustiosas durante a Semana Santa tendo chegado a haver pequenos recontros entre os rebeldes e as forças do governo provisório.

Dipois de duas horas de fogo os rebeldes que tentavam ocupar a prisão de Mountjoy foram repelidos e como medida de precaução as forças do governo ocuparam alguns edificios publicos.

Griffiths, chefe do governo provisório sempre conseguiu falar num meeting em Sligo apezar da oposição dos rebeldes que se tinham entrincheirado nos hoteis e edificios publicos e de ter chegado a haver tiroteio entre os rebeldes republicanos e as forças do governo provisório.

Quando Collins acompanhado de alguns dos seus partidarios chegou a Dublin ontem á noite foi assaltado a tiro. Ninguem ficou ferido e um dos assaltantes foi preso.

O «Dayly News» diz que o governo provisorio está rapidamente organisando um exercito muito mais bem equipado que as forças rebeldes e que tambem se deve contar com a desunião entre os rebeldes e com a oposição da população civil que se esta virando toda contra De Valera de cuja tirania está farta.—(R.)

AS VIRTUOSAS LEIS

A PHANTASTICA MORAL "EVANGELISTA,,

MAIS APONTAMENTOS PARA A CONFECÇÃO DA MORTALHA DAS LEIS — — — — — 1040 E 1244 — — — — —

Continuamos hoje apontando mais alguns casos interessantes. Suspendemos ontem a nossa resenha habitual não descurando de resto o assunto que foi tratado no nosso editorial precedente. E continuamos secamente sem comentarios que o publico decerto já tirou e que dispensam toda e qualquer referencia.

Fazemos notar que a revisão dos nossos numeros anteriores deixou escapar dois erros que é conveniente emendar. Assim quando nos referimos ao coronel Nunes de Abreu deviamos ter escrito Mengo d'Abreu que é o que deve ser. E quando citamos o caso do oficial que usou indevidamente, na monarquia do norte, os galões de major dissemos tratar-se do capitão Ribeiro de Almeida, quando na realidade o caso se passou com o capitão Ribeiro da Fonseca. E isto posto, continuemos.

O major reformado Antonio José Pires Moreira, fazia serviço na companhia de saude no Porto, quando da proclamação da monarquia. Não se salientou em coisa alguma, aderindo ás novas instituições «como todos». Foi punido com 9 mezes de inatividade, esteve preso no Porto 123 dias, e agora pela lei 1244 são-lhe cerceados os vencimentos de oficial reformado.

O chefe do precedente, tenente coronel medico Prelada, que dava as ordens mas que soube «jogar de porta», tendo um pé na Republica e outro na monarquia, nada sofreu. Diz ele que o mundo não se fez para os tolos . . .

O capitão de infanteria Faria estava tambem no Porto quando se proclamou a monarquia. Aderiu a ela, «andou de coroa real no bonet», prestou os seus serviços no quartel general da 3.ª divisão para que tudo «corresse bem . . .» Nada sofreu. Teve bons padrinhos . . .

Os alferes Romão e Corte Real eram ambos oficiais de infanteria 32, aderiram ao «novo sol que aparecia para nos salvar», segundo a opinião do primeiro . . . Assistiram a todas as festanças oficiais e extra-oficiais que se faziam em Penafiel todos os dias. Quando se implantou a Republica «armaram» em revolucionarios, e como naturalmente provaram ter sido republicanos desde nascença, nada sofreram!

São ambos oficiais milicianos. O primeiro está em Lisboa, o segundo no Porto e pela lei 1244 «todos» os milicianos com muitissimo menos responsabilidades que estes oficiais, são demitidos!

O tenente Agostinho Alves, da administração militar encontrava-se arregimentado na Povoa de Varzim. O seu regimento, pela voz do seu comandante, major Silva Geraldo, e por ordens «escritas e verbais» deste senhor emanadas, aderia á monarquia. O tenente foi punido com 3 meses de inatividade que cumpriu em Elvas, e agora pela lei 1244 vai ser reformado! O comandante nada sofreu! E' de confiança.

O alferes Malheiro, de infantaria 32, tornou-se quando da revolta de Coimbra no tempo de Sidonio Pais que teve uma pequena repercussão em Penafiel, celebre pelos serviços prestados para prender republicanos sinceros, militares e paisanos. Ofereceu-se para comandar a escolta que levou para o Porto os republicanos denunciados nesse insignificante movimento, a fim de darem entrada nas prisões daquela cidade. A' saida de Penafiel mandou carregar as armas á escolta, com receio, que aqueles facinoras fugissem, atirando-se do comboio... Veio a monarquia e de alma e coração aderiu a ela... como todos, mas com desusado entusiasmo... Veio a Republica e com o mesmo desusado entusiasmo aderiu a ela, prendendo aqueles que, como ele tinham aderido á monarquia! Como foi pau para toda a obra, entrou no numero dos nossos... Nada sofreu, e encontra-se actualmente arregimentado em Guimarães, infantaria 20, ao passo que os seus camaradas que não souberam salientar-se foram presos, condenados, reformados e demitidos pelas monstruosas leis 1040 e 1244!

O coronel de infantaria Manuel Silvestre Vilhena, encontrava-se em Penafiel no Estado Maior. Fez a declaração por escrito de adesão á monarquia. Engalanou as janelas da sua casa com bandeiras azues e brancas, e iluminou-as com profusão de luzes... Nada sofreu por ser amigo dos democraticos da terra, que muito lhe deviam, quando foi presidente das juntas de inspeção... Foi arvorado em oficial sindicante, e devido a ele muitos oficiais foram presos e condenados...

O major Manuel de Oliveira Serrano do quadro auxiliar, estava em Penafiel quando se proclamou a monarquia. Fez a declaração de adesão, tomou parte no cortejo que percorreu as ruas da cidade com vivorio e foguetorio! Embandeirou as janelas da sua casa com bandeiras só azues e brancas. Iluminou-as com lampadas azues e brancas.

Arranjou atestados dos democraticos da terra, em como era antigo e bom republicano... Nada sofreu e a Republica pode abertamente contar com ele... e bem assim a monarquia se cá voltar...

Por ter saido incompletamente narrado o caso do capitão Antonio Cruz Junior, na nossa recapitulação do dia 14, voltamos a publica-lo na integra:

O capitão Antonio Cruz Junior esteve em infantaria 32, em Penafiel quando a cidade soube da proclamação da monarquia no Porto e a ela aderiu tambem. O comandante de infanteria 32 proclamou então a monarquia das janelas do quartel, mandou convocar as reservas, desembestou com tremendo aparato belico, bandeiras, hinos, toda a lira e harpa completa. Passados porem 10 dias, ou por estar mal de saude ou por outro motivo que de facto não vem a talho de fouce, este comandante deu parte de doente. E o oficial mais antigo o capitão Cruz Junior assumiu o comando, agarrou-se desesperadamente ao telegrafo, preveniu do facto a 3.ª divisão de que dependia, reclamando novo coronel, novo comandante. E de facto horas depois aparecia vindo do Porto, um outro comandante para infantaria 32.

O primitivo comandante, o que proclamou, o que convocou, o que acedeu, o que se conformou logo, via arquivado o seu processo disciplinar e nem pena disciplar lhe aplicaram. O capitão Cruz Junior que, pela força das circunstancias e obedecendo a uma disposição militar teve de contra-vontade, comandar o regimento durante horas apenas, foi punido com 3 meses de inactividade!

Quanto ao outro comandante, o que veiu do Porto substituir o primeiro, tenente-coronel Carneiro Pinto, respondeu a conselho de guerra, foi castigado com 3 mezes de prisão. Veiu a lei 1040 e foi demitido. Egual disposição foi aplicada ao capitão Cruz Junior!!! E os Evangelistas saudam-se enternecidos, congratulam-se esfregando as mãos. Bem merecem da patria estes ilustres varões, os pilares de justiça, templos de moral! Bem merecem da patria estes Salomenescos... Salmões!

A Conferencia de Genova

Lloyd George em riscos de ver a influencia ingleza passar a segundo plano

GENOVA, 17.—Os delegados dos soviets estão dispostos a reconhecer as dividas anteriores á guerra repudiam as dividas de guerra e apresentaram uma contra reclamação. Litvinoff quiz demonstrar que os aliados deviam indemnisar a Russia pelos danos que ela sofreu com as guerras civis entre vermelhos e brancos dizendo que estes eram auxiliados pelos aliados.

Manejando a aritmetica e a historia com grande liberdade de imaginação ele chegou a uma importancia total que não só cancelava as dividas da Russia mas que ainda deixava uma larga margem que os aliados teriam que pagar.

Os delegados aliados regeitaram estas conclusões dizendo que então tambem seria justo que a Russia pagasse os danos que os aliados sofreram quando ela se poz ao lado dos alemães e assinou a paz de Brest-Litowsk.—(R.)

LONDRES, 17.—O «Daily Chronicle» referindo-se á atitude dos delegados dos soviets diz que o governo bolchevista fez tanta propaganda com o plano da contra-reclamação que quando os seus delegados se encontraram com os aliados tiveram que o apresentar apezar de nunca terem tido ilusões sobre a sua aceitação.

Este jornal referindo-se as dividas de Guerrra dos soviets e ás indemnisações pela destruição ou confisco de propriedade aliada diz que com respeito ás primeiras que são principalmente devidas á Inglaterra não ha razão para que a Russia tenha uma situação diferente dos outros devedores e que Loyd George prometeu que se ela as reconhecesse ela tambem beneficiaria com qualquer medida geral que ao viesse a tomar.

Com respeito ás indemnisações são elas absolutamente necessarias principalmente por uma questão de principios por isso que sem elas não pode haver segurança para o emprego de capital estrangeiro na Russia.—R.

GENOVA, 17 — O ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. Schanzer, ofereceu ontem, no castelo de Raggio, um almôço intimo ao sr. Lloyd George e a sua familia. Madame Schanzer e mademoiselle Schanzer fizeram as honras da casa. O sr. Lloyd George esteve na vila Raggio até ás 4 e 30. O primeiro ministro inglês estava acompanhado, além de sua esposa e filha, por *sir* Edwardgrigg e *sir* Hankey. Entre os convidados estavam tambem o senador e a marquesa de Bagno, o marquês Visconti Venosta, o comendador e D. Bianca di Varvaro, mademoiselle Peano, os comendadores Yung e Giannini e D. Galoazzo di Bagno. — (R.).

GENOVA, 17 — Amanhã, de manhã, chegará, vindo de Viena, o barão Bennet, ministro dos Negocios Estrangeiros, para tomar a direcção da delegação austriaca, durante a ausencia do chanceler. Vem acompanhado de mais dois membros da delegação, um para tratar de assuntos de finanças, e outro para tratar de asuntos de transportes. — (R.).

GENOVA, 17 — A noticia da assinatura do tratado germano-sovietico produziu uma grande surpreza nos meios aliados. Os delegados aliados, que reuniram ás 17 horas, deviam nessa reunião examinar as diversas eventualidades que podem resultar da resposta dos *soviets* ao *ultimatum* dos aliados, mas, em vista da assinatura do tratado, a reunião teve como objecto o exame dêsse facto novo. Os aliados resolveram, por unanimidade, que uma comissão de jurisconsultos examine amanhã, de manhã, as relações do novo tratado com o tratado de Versailles. Depois, devem reunir ás 11 horas, a fim de tomarem decisões. A esta reunião assistirão todos os exaliados, visto o sr. Barthou ter conseguido a participação da Pequena Entente. A noticia da assinatura do tratado causou verdadeira estupefacção nos meios aliados. O sr. Greegh, chefe de gabinete do sr. Lloyd George, falando á noite numa reunião de jornalistas, pronunciou a palavra *deslealdade*. — (H.).

GENOVA, 18.—A comissão dos cambios discutiu a emenda do sr. Robert Horne ao memorandum inglez encarregando os Bancos Centrais de todos os paizes de constituir stocks de moeda estrangeira.

O delegado japonez observou que não podia tomar compromissos pelo Banco Central do Japão.

O delegado francez Picard declarou que a França preconisa o regresso a liberdade completa dos cambios, mas que convinha tomar em consideração o estatuto particular dos Bancos Centrais. Insistiu pelo exame minucioso e pormenorisado da emenda.—(Lat. Am.)

GENOVA, 18.—Espera-se que os delegados russos recebam hoje mesmo a resposta que pediram ao governo de Moscou acerca do caminho a seguir na questão das dividas russas, visto os aliados terem regeitado «in limine» a contra reclamação de Litvinoff, em virtude da qual ainda eram os aliados que deviam dinheiro á Russia.

Corre, porem, que eles receberam já breves instruções de Moscow que modificarão completamente o ponto de vista em que eles se teem colocado até agora e que são bastante precisas para os impedir de recorrer á tactica ditatória que poderia tornar-se perigosa para eles.—(Lat. Am.)

PARIS, 18.—Um dos delegados das potencias neutrais fez em Genova varias considerações concernentes á atitude dessas potencias na discussão da questão da Russia. Parece que a delegação norueguesa se declarará a favor do reconhecimento dos soviets. A atitude da Suecia inspira-se no valor das garantias que a delegação russa ofereceu na conferencia. Identicas reservas fará a delegado da Dinamarca.

A delegação espanhola é oposta, em absoluto, ao reconhecimento dos soviets e a Suissa não quer tratar de tal assunto enquanto os danos sofridos na Russia por cidadãos suissos tiverem sido reparados. Em geral as potencias neutrais são favoraveis ao reconhecimento dos direitos ao governos dos soviets.—(Lat. Am.)

PARIS, 18.—Consta que a delegação ingleza se mantem no proposito de apresentar á conferencia um projecto de limitação de armamentos terrestres em condições analogas ao que limitou em Washington os armamentos navais. Lloyd George manifesta a opinião de que não faz sentido manterem a Polonia, a Russia, a Romenia e a Tcheco Slovaquia importantes exercitos com o pretexto de se protegerem umas as outras.

O licenciamento destas tropas teria imediato efeito sobre o comercio e o dinheiro em circulação aumentaria imediatamente.

E' todavia, este um ponto sobre o qual a França não transigirá.—L. A.

Salão da Liga Naval

A 4.ª audição da série de artistas portuguezes formados pelo grande mestre Rey Colaço, realisa-se no proximo dia 20, ás 9 e meia da noite, sendo concertista Abilio Roseira, que executará a famosa sonata de Beethoven op. 110, a série integral das Fantasiestucke, op. 12, de Schumann, e um grupo de Chopin. Os bilhetes para a audição encontram-se á venda nas casas de musica Neuparth e Oliveira e na Liga naval.

Exposição Ruy Bastos

Nas salas da redação do nosso colega "Novidades", inaugura o sr. Ruy Bastos, no proximo dia 19 do corrente uma exposição de desenhos seus que se prolongará até ao fim do mez.

A Calabria no distrito de Vizeu

Consta que nas estradas e caminhos dos arredores de Viseu campeiam os bandos de gatunos, alguns de viseira, que assaltam os viandantes mesmo de dia, roubando-lhes o dinheiro que levam e agredindo aqueles a quem não o encontram. As autoridades, conhecedoras destes factos, não teem até agora, ao que parece, dado quaisquer providencias.

Um caso extranho

Virginia Ribeiro, viuva do 1.º grumete n.º 2111 que fez parte do batalhão expedicionario de Moçambique, Antonio Pereira Valente Ribeiro é uma pobre mulher que ha 3 anos, depois do falecimento de seu marido costuma receber a pensão de sangue que lhes foi atribuida. Ontem Virginia Ribeiro recebeu com pasmo a noticia de que tinha deixado de receber a sua pensão que é quasi o seu unico auxilio. Chamamos para o caso a atenção da autoridade competente. Trata-se por força dum equivoco que é necessario desfazer.

A vida social em Italia

ROMA, 17—O conselho de ministros reuniu-se esta manhã ás 10 tendo durado até ás 15 tratando de varias questões de interesse presente. O presidente do conselho sr. Facta fez uma exposição detalhada dos trabalhos da Conferencia de Genova. O conselho aprovou a maneira como a delegação italiana se tem desempenhado do seu mandato, encarregando-se o sr. Facta de comunicar aos outros membros da delegação a satisfação do governo.

ROMA, 17—Esta manhã ás 10 horas no teatro Costanzi teve logar a inauguração das olimpiadas universitarias. Assistiu á cerimonia o subsecretario de estado sr. Missia, o sindicato, o reitor da universidade, um representante do prefeito, o general Grazioli e o general Diaz que foi recebido com uma grande manifestação de agrado.—(R).

PELO TELEGRAFO

Noticias de Espanha

MADRID, 18 — O comunicado oficial de Marrocos diz que não ha novidade nos territorios do protectorado, tendo-se apresentado numerosos kabilenhos, aceitando todas as condições que lhes foram impostas depois das ultimas derrotas. — (Lat. Am.).

MADRID, 18 — O ministro do Interior recebeu noticias de Bilbau, dizendo que cessaram todas as gréves, tendo recomeçado em toda a parte o trabalho. — (Lat. Am.).

MADRID, 18 — Reuniu, sob a presidencia do rei, a Junta de Defesa Nacional, assistindo os ministros da Guerra e Marinha, o general Weyler e outras personalidades, tendo sido adoptadas importantes resoluções. — (Lat. Am.).

SAN SEBASTIAN, 18 — Chegou a rainha Cristina, que se demorará alguns dias. — (Lat. Am.).

Pequenas Informações

LONDRES, 17. — O major Herbert Armstrong que envenenou sua mulher com arsenico foi condenado á morte.—(R.)

MOSCOU, 17.—Dizem de Tchita que os japonezes continuam a avançar para o norte tendo os russos que retirar de Nagowka.—(R.)

BELGRADO, 17.—O rei de Inglaterra será padrinho de casamento do Rei Alexandre. Jorge V será representado pelo principe Alberto que regressará da sua viagem ás colonias em Junho.—(R).

Um assassinato nas ruas de Berlim

BERLIM, 18—Foram alvejados a tiros de revolver numa das ruas desta capital, dois homens, ficando morto um, e gravemente ferido o outro.

Comquanto se não tenha ainda estabelecido, a identidade das victimas, julga-se que sejam turcos e o morto um irmão de Talaa-Pachá, tambem ha tempos assassinado nesta capital.

Os auctores do atentado conseguiram fugir.—(H).

ULTIMA HORA

O avião

Até a hora do nosso jornal encerrar a sua ultima página, não recebemos mais noticias decisivas sobre o avião *Lusitania*, que neste momento atravessa as solidões do Atlantico.

Os aviadores partiram esta madrugada em condições que, decerto, por êles foram julgadas favoraveis, visto que ergueram o seu vôo. As demoras indispensaveis que nesta viagem tem havido proveem da pequena envergadura do Faray 400 e ainda da falta de reconhecimentos preliminares feitos por um navio de guerra. Com os pequenos recursos de que dispõem os aviadores, não se podia ter feito mais.

A ideia inicial da viagem supunha um vôo unico de Cabo Verde a Fernando de Noronha. O pessimo estado do mar, que não deixou erguer o avião, prodigiosamente atestado de gasolina, e a relativamente pequena porção de combustivel que o Faray 400 permitia carregar, forçaram Gago Coutinho e Sacadura Cabral a encurtar o seu percurso o mais possivel, erguendo o vôo definitivo de uma das ilhas mais ocidentais do arquipelago de Cabo Verde e descendo de preferencia nos penedos de S. Pedro e S. Paulo, um pouco mais proximos do que a ilha Fernando de Noronha.

Os calculos que se façam sobre a chegada dos aviadores ás rochas de S. Paulo são prematuros. Na região equatorial poderiam ter encontrado ventos desfavoraveis que lhes atrazem a marchá, ou calmaria podre que os obrigue a maior dispendio de gasolina.

Dada a hora a que os aviadores sairam da cidade da Praia, supõe-se que devam chegar á rocha de S. Paulo pelas sete horas da tarde (hora local), o que nos dá, pela diferença do meridiano, proximamente 20 horas e meia em Lisboa.

O cruzador *Republica*, pairando naquelas paragens, imediatamente comunicará para a costa do Maranhão ou para Fernando de Noronha a chegada, e qualquer destas duas estações expedirá então o cabo-grama ou o radiograma directo para Monsanto, envidando esta estação todos os esforços para poder estabelecer contacto com a ilha brasileira.

No alto mar, durante o dia o avião «Lusitania» foi visto por dois vapores que comunicaram seguir o avião em condições normais.

Reunião do Diretorio do P. R. L.

Pelas 14 horas de hoje reuniu no edificio do jornal «A Lucta», o Diretorio do Partido Republicano Liberal, tendo assistido entre outros os srs. Tomé de Barros Queiroz, Aboim Inglez, Moura Pinto e Jorge Nunes.

Embora não fosse fornecida á nota da reunião sabemos que ali foi largamente ventilada a questão das defecções havidas dentro do partido.

Foram versados tambem outros assuntos de caracter partidario.

A junta consultiva do P. R. L. deve reunir na proxima quarta-feira.

A reunião do Diretorio terminou cerca das 17 horas.

Presidencia da Republica

O conselheiro, sr. Antonio Candido, esteve hoje na residencia do sr. Presidente da Republica, agradecendo ao Chefe do Estado a honra da sua comparencia á sessão de homenagem que lhe foi prestada na Academia de Sciencias.

POEIRA da ARCADA

O «Diario do Governo» publicou hoje uma portaria de louvor aos oficiais, sargentos e praças do exercito e da marinha, á Guarda Nacional Republicana e aos agentes policiais de Lisboa, pelos serviços prestados durante a ultima gréve da Companhia Carris.

Em poucas linhas

Rosa Serra, residente no Lazareto e hospedada no Hotel Sul Americano, largo de S. Paulo, 3, queixou-se á policia contra o guarda-livros do mesmo hotel, José Henriques, que lhe furtou uma mala contendo varios objectos avaliados em 500 escudos.

— Antonio Alberto Neiva, rua do Sol á Graça, Vila Berta, admitiu ao seu serviço, como criada, uma mulher cuja identidade ignora, a qual, ao fim de algumas horas, lhe furtou varios objectos avaliados em 900 escudos.

— Os gatunos entraram, por arrombamento em casa do sr. Joaquim Antonio Batalha, rua Açores, 12, donde levaram objectos no valor de 638 escudos.

— Numa das secções da Policia de Investigação houve hoje grande escandalo motivado pelo gatuno de largo cadastro o «Mota Careca», autor de importantes furtos, ter desrespeitado o agente que o estavá interrogando. Na secção referida compareceu muita gente que se encontrava no patio do Governo Civil, bem como o director da Policia de Investigação, sendo levantado um auto de desobediencia contra o temido larapio.

RAID LISBOA-MADRID

Foi já escolhida a "equipe" de aviação que vai a Espanha retribuir a visita feita a Portugal

Como é sabido os aviadores espanhois estiveram não ha muitos mezes em Lisboa onde vieram de visita aos seus camaradas portuguezes. Estes vão agora retribuir a visita, tendo sido hoje comunicado ás varias unidades a constituição da «equipe» que é a seguinte:

Aparelho «Martinside», tripulado pelo capitão Maia comandante do grupo de Esquadrilhas Aviação Republica.

Aparelho «Breguet», tripulado pelo capitão Beires comandante da esquadrilha Capitão Ramires, da Amadora no qual seguirão: o tenente-coronel sr. Freitas Soares, director da Aeronautica Militar e o tenente Brito, adjunto da direção de Aeronautica.

Aparelho «Breguet» timonado pelo tenente Paiva Simões em que segue o tenente sr. Rodrigues Alves, adjunto do grupo de Esquadrilhas de Aviação Republica.

Aparelho «Breguet», timonado pelo tenente Celestino Paes Ramos e em que segue o tenente Montenegro adjunto da esquadrilha mixta de deposito em Tancos.

Aparelho «Bregelet» timonado pelo tenente Porteia, instructor da escola Militar de aviação em Cintra e o tenente Larcher, adjunto da Escola Militar de Aviação.

Vão pois no «raid» Lisboa-Madrid, 5 aparelhos e 10 aviadores portuguezes. Sobre a partida ainda não está fixado dia parecendo no entanto que os nossos aviões sairão de Lisboa no principio de Maio, havendo ideia de estarem em Madrid por ocasião das grandes festas de Santo Isidro.

Por terra em automovel vai o tenente coronel sr. Ribeiro de Almeida director do parque Militar de Aviação que se fará acompanhar de um dos oficiais de aviação.

Governador Civil de Lisboa

Ao contrario do que hoje corria o chefe do districto não abandonará o seu cargo

No Governo Civil correu hoje, com certa insistencia, que o chefe do distrito, major sr. Viriato Lobo, estava na disposição de abandonar o seu cargo, pedindo uma licença ilimitada, a titulo de descançar um pouco do trabalho exaustivo motivado pelas recentes gréves. Houve quem julgasse ver na ida do governador civil ao Ministerio do Interior a confirmação do boato. De facto, o major sr. Viriato Lobo teve uma conferencia de 2 horas com o sr. presidente do Ministerio, tendo assistido á entrevista o sr. dr. Alfredo Pedro Guisado, governador civil substituto, que devia, na ausencia do chefe do distrito, ocupar o cargo.

Os boatos que correram e que parece terem confirmação, ficaram, no entanto, prejudicados, porque, finda a conferencia, o sr. Viriato Lobo voltou para o seu gabinete, trazendo ainda na algibeira o pedido de licença que momentos antes havia redigido e que não chegou a entregar.

Pagamento de 13.000 libras em logar de 4.000

Preço da libra:

Em 1918 — 14$00

Em 1922 — 65$00

A comissão parlamentar de inquerito ao extinto Ministerio dos Abastecimentos e Transportes remeteu hoje aos jornais uma nota oficiosa sobre o caso já conhecido do pagamento feito em duplicado á firma Rugeroni & Rugeroni, Limitada. Dessa nota oficiosa extratamos as seguintes conclusões:

1.º — Que a firma Vivian & C.ª, de Londres, nunca exigiu pelo carregamento do vapor *Solborg* mais do que o custo do carvão — Libras 4.668-05-3.

2.º — Que a mesma firma só autorizou a firma Rugeroni & Rugeroni a receber a importancia que lhe era devida *pelo custo do carvão*.

3.º — Que os srs. Rugeroni & Rugeroni receberam dos Transportes Maritimos do Estado 13.151-15-0 libras, importancia do carvão e do frete do vapor *Solborg*.

4.º — Que Rugeroni & Rugeroni retêm, indevidamente, em seu poder libras 8.483-09-09, desde 21 de Setembro de 1918.

TEATRO

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

CHIADO TERRASSE — Os aspectos de Jorge de Castro e Cartas são papeis de Alfredo Gameiro.

Despediu-se a Companhia Luz Velloso do publico de Lisboa levando á scena em 7.ª a ultima recita de assinatura as duas peças acima nomeadas. Não fechou a sua infeliz temporada com chave de ouro, provavelmente para não deixar saudades aos seus numerosos assinantes que, por completo, enchiam a sala... de logares vagos. Com efeito tanto o «lever de rideau», que por sinal fechou o espectaculo, a que o autor poz o nome de «Cartas são papeis» o que, de resto, toda a gente está farta de saber, resume-se num dialogo entre dois namorados duma aldeia provinciana onde o «ss» sob «X», particularidade de que os actores por vezes se esqueceram, e que levam quasi todo o acto a ler uma carta e a escrever outra. Concluiu o auditorio o seguinte para este caso: «Cartas são... massadas».

Os tais «aspectos» a que o autor chamou muito bem uma peça, teve o condão de nos fazer atravessar 5 ou 6 anos (não ficamos bem certos, mas parece-nos que foram 6) a ouvir uma fantasia da «Copolia» executada pelo «sexteto» não sabemos de quantos figuras. Aos personagens da peça, tambem os 6 anos pouca ou nenhuma diferença fazem, pois ha um padre, grevista de braços caidos, a quem a sobrecasaca que enverga, nem uma ruga mais apresenta e o galan mostra-se no 2.º acto, por sinal numas termas que ficamos sem saber quais são, com o mesmo frack e as mesmas calças que vestira 6 anos antes em Lisboa.

Em resumo, no 1.º acto em que Luz Velozo representou rasoavelmente, apareceu um amigo de familia, velho mestre escola, num tipo muito aceitavel, a mãe da protagonista e o tal padre Agostinho e o galan, um engenheiro que se enamorou da rapariga mas a quem repudia depois de a ter feito sua amante, porque a mãe dela lhe pediu dinheiro para tratar dum filho, irmão da rapariga, etc. etc.

No 2.º acto, a protagonista não aparece (grande novidade) mas, por artes de berliques e berloques, o padre dos braços caidos, o mestre escola e o companheiro já casado com outra, encontram-se nas tais termas cuidamos que num hotel onde tambem se encontram outros hospedes, um dos quais é amante da mulher do Fernando (engenheiro). Fala-se da protagonista e numa filha do seu amor que vende flores ao pai. O padre como verdadeiro evangelista do credo de Cristo, aconselha o pai a não fazer caso da filha e a importar-se só com a esposa adultera. O mestre-escola desvenda o misterio, o marido quer matar a mulher, enternece-se pela filha e pela antiga amante e o padre agostinho... continua com os braços caidos emquanto o pano tambem cai...

Os autores... não se achavam no palco.

E' possivel que as peças não sejam bem assim, mas um «fauteuil» na H. A... fica longe e não se pode apreciar bem as imagens não só humanas mas as literarias, como aquela do rochedo visto do mar a distancia... toda a gente sabe que um elefante visto de muito longe... parece um mosquito...

Noticiario

Portugal

A companhia que tem ultimamente funcionado no Politeama parte para o Rio de Janeiro a 25 do corrente, a bordo do «Traz-os-Montes».

Cartaz do dia

S. CARLOS—A's 9—«A Ventoinha».
NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».
S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».
POLYTEAMA—A's 9,30—«A Mulher que Passa».
EDEN TEATRO—A's 8,30 e 10,30—«Talisman».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30 — «Gigojogo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 9.—IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

DE MOÇAMBIQUE

O discurso do sr. dr. Brito Camacho

O ALTO COMISSARIO NA SESSÃO INAUGURAL DO CONSELHO LEGISLATIVO DA PROVINCIA EXPÕE O SEU PLANO DE AÇÃO

Na sessão inaugural do Conselho Legislativo, em Lourenço Marques despertou grande curiosidade o discurso que ia ser pronunciado pelo Alto Comissario sr. Brito Camacho.

Assistiram á sessão os vogais srs. dr. Procurador da Republica, Chefe do Estado Maior, Chefe do Departamento Maritimo, Director dos Serviços de Fazenda e Inspector das Obras Publicas, alem dos srs. dr. Secretario Geral, Chefe dos Serviços de Saude, Presidente da Camara Municipal, Augusto Cardoso (representante da Associação do Fomento Agricola), comandante José Torres (representante do districto de Moçambique), Carlos da Silva (representante do operariado), José Salvado da Costa (representante da Associação dos Lojistas), dr. Antonio Roquete (representante da Associação dos Proprietarios) e o sr. Adriano Maia (representante da Camara do Comercio).

O Alto Comissario tomando a palavra declarou que a vida economica e administrativa da Provincia ia entrar numa fase inteiramente nova não por ter cessado aquilo a que se convencionou chamar a ditadura do Alto Comissario mas porque no maquinismo administrativo ia começar uma roda nova.

Fez em seguida a historia das dificuldades que tinham impedido que o Conselho reunisse mais cedo, referindo-se á alta interpretação que tinha dado á lei para que naquele momento podesse estar reunido, mostrando ainda que não havia sido por sua culpa que a Carta Organica ha muito enviada para Lisboa ainda não tinha sido aprovada.

As diferentes associações não tendo procedido ás eleições nos termos da lei parecia não terem dado ouvidos aos clamores que se levantaram contra a ditadura. Nomeando para o Conselho as pessoas que as associações tinham pretendido eleger, deu a prova mais irrespondivel de que desejava cooperar na administração da Provincia com os representantes dos interesses organisados.

A questão dos indigenas e do operariado

Referindo-se ao representante do operariado disse que não tendo o operariado elegido o seu representante tinha nomeado para tal o sr. Carlos da Silva pelas suas qualidades de inteligencia e de caracter e porque sendo um socialista filiado dava a garantia de que não iria para o Conselho defender os interesses burguezes. A proposito, mostrou a necessidade de o operariado se organisar e conjugar as suas forças porque doutro modo só poderia fazer desordens que levam sempre ao cometimento de crimes.

Tratando dos indigenas declarou que se ali não tinham um representante era porque isso não estava consignado na lei, não sendo da sua responsabilidade a falta embora o acusem de ter esbulhado os indigenas de representantes no Conselho. Grandes dificuldades haveria para estabelecer essa representação, visto ser tão grande a diversidade de raças, e a esse respeito nenhum compromisso tomára por cuja falta houvesse de ser atacado com justiça.

Voltando a falar da Carta Organica referiu-se ás «demarches» feitas para a sua publicação e disse que segundo a opinião de abalizados jurisconsultos podia trabalhar com o Conselho Legislativo, o que contudo, e desde Lisboa, não tencionava fazer.

O Conselho Legislativo tinha uma larga iniciativa e esperava que dela fizesse completo uso em beneficio da Provincia.

A necessidade da pronta resolução nos estudos da mão de obra

Entre os problemas que o Conselho tinha a considerar aparecia em primeiro logar o da mão de obra. Esse problema é função da população e a população é pequena para a extensão do paiz. Importava determinar uma corrente de população branca para a Provincia e promover o aumento da população indigena dando-lhe uma maior assistencia. Portugal não estava em grandes condições para suportar uma larga emigração mas era preciso que ela se fizesse não como se tem feito até aqui mas como se deveria ter feito. A Metropole tem no geral enviado para aqui maus colonos e recebido em troca pessimos coloniais.

Alem disso é necessario fazer um melhor aproveitamento dos indigenas. Alem da mão de obra ser insuficiente, faz-se dela um grande desperdicio. Não se justifica que no norte da Provincia milhares e milhares de indigenas sejam utilisados no serviço de carregadores recebendo salarios baixos, quando podiam ser empregados em trabalho mais util. O Conselho tem de atender a esse problema.

Como a população indigena é pequena existe a necessidade de a conservar a dentro do territorio. A emigração para S. Tomé já a proibiu, embora com repugnancia, visto não poder fazer o mesmo á emigração para a terra alheia que está regulada por acordos que teem praso e que é preciso cumprir.

A Convenção Luso-Transvaaliana

O Conselho terá tambem, sobre a Convenção que vai ser negociada com a União, de dar as suas indicações utilissimas a quem tiver de a negociar embora não tenha qualquer ação deliberativa. O assunto resume-se em apreciar o facto de mandar alguns milhares de trabalhadores para fóra e receber em troca alguns milhares de libras. Se retivermos aqui os indigenas não por meio de decretos mas dando uma boa remuneração ao seu trabalho a Provincia por certo ganha mais que as 500 ou 700 mil libras que os emigrantes trazem. Mas aos que não encontram aqui trabalho é necessario, deixa-los ir trabalhar onde lhes paguem. Aos indigenas é preciso criar habitos novos o que é facil pelo seu espirito imitador e vaidoso. Desde que se lhe criem habitos novos e necessidade ele terá de trabalhar para se manter.

Referindo-se ao regime de terras disse que muito deseja que o Conselho reveja toda a vasta legislação que lhe diz respeito, tornando-a mais util para os interesses da Provincia. Todos os diplomas que publicou os considera sujeitos á apreciação do Conselho para serem franca e abertamente discutidos.

A concessão de terras é um assunto que deve merecer as atenções do Conselho. A Provincia está quasi toda concedida e quasi toda por explorar. Da concessão de terras teem se feito uma verdadeira industria a que é preciso pôr fim.

Nesta cidade precisando se de terreno para construir casas—e ha de construi-las—terá de o comprar por milhares de libras quando aos seus donos actuais custou apenas a meio tostão e o metro quadrado. E' isso um processo honesto de fazer colonisação?

A necessidade da navegação nacional

Referiu-se em seguida á navegação nacional, dizendo que era preciso manter a nossa bandeira nos mares. Tinha feito um contracto com uma companhia portugueza para a manutenção do comercio de cabotagem, tendo proposto ao Governo da Metropole a cedencia de vapores para a Provincia fazer carreiras de longo curso, ligando a Provincia com a Metropole, com a Angola e com a India. Ainda não tinha obtido resposta mas continuaria a empenhar-se para manter carreiras de vapores nacionais.

O Conselho terá tambem de estudar o Orçamento e por certo lhe prestará toda a atenção. Nessa altura poderão os vogais introduzir-lhe as modificações necessarias e apresentar propostas para a remodelação dos serviços e redução dos quadros. Já publicou um orçamento, e a tempo, e ninguem se pode arrogar o direito de dizer que ele orador, publicou um documento falseado ou feito para encobrir falsidades a menos que o possa demonstrar com solidas razões. O orçamento será discutido com toda a largueza de modo a que depois não possa servir a alguem para lançar suspeitas sobre os funcionarios que nele tiveram interferencia directa ou indirecta.

Por essa ocasião apresentará um decreto respeitante ás categorias do funcionalismo. Foi publicado nesse sentido um decreto na metropole mas ele não teve a mais pequena interferencia, recebendo-o apenas para o cumprir, não o cumprindo foi o maior acto de ditadura que fez, mas o seu cumprimento importava um aumento de despezas entre 60 a 70 mil libras e 400 contos. Apresenta-lo ia agora a conselho porque não quero que os funcionarios, cuja atitude tem sido correcta, digam que os coloca em situação inferior aos das outras colonias.

O estado financeiro da Provincia

Referiu-se depois á questão bancaria dizendo que em breve apresentaria ao Conselho um decreto tendente a resolve-la, historiando em seguida as diligencias que tinha feito junto do sr. Freire de Andrade, que era uma das figuras mais brilhantes do Portugal contemporaneo, para vir negociar a Convenção. Uma Convenção negociada por Freire de Andrade dá a garantia de ser um acordo que acautela os interesses da Provincia e honra o nome portuguez. Referiu-se ainda ligeiramente á Convenção e á proxima reunião que a seu convite a Associação Sul Africana para o Avanço da Sciencia vai realisar nesta cidade. Tencionava por essa ocasião fazer aqui uma grande exposição da Provincia pondo em contacto os interesses do Norte e do Sul que se não compreendem mutuamente, fazendo ao mesmo tempo vir de Portugal delegados do Parlamento e das diferentes associações de classe, industriais e comerciais do paiz fazendo-se assim uma grande propaganda da Provincia. Essa ideia, porem, não póde ir por deante em virtude da politica tumultuaria que existe no paiz.

Terminando, disse que a Provincia deve contar muito consigo e muito pouco com os outros, pois que se podia de Moçambique o que certo vice-rei dizia da India «vê-se de muito longe e ouve-se muito tarde».

Companhia das Aguas de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 7.000.000$00

Por ordem do ex.mo Presidente da Assembleia Geral da Companhia das Aguas de Lisboa e nos termos dos artigos 21.º e 22.º dos estatutos, é esta convocada a reunir no dia 29 do corrente, pelas 13 horas, no escritorio da Companhia, Avenida da Liberdade, n.º 20, para discutir e votar, com as contas relativas ao ano findo, as conclusões do Relatorio da Direção e do parecer do Conselho Fiscal, e proceder a eleições nos termos dos estatutos.

Lisboa, 12 de abril de 1922.
O Secretario da Mesa da Assembleia Geral
(a) José Melo Travassos Valdez
(Conde de Bomfim)

SPORT

A proposito... de sport

O dr. José Pontes, de passagem em Chaves, fez a pedido uma conferencia sobre sport e educação fisica, a que assistiu tudo o que ali ha de bom.

O conferente foi aplaudido, e o assunto da palestra interessou.

Como vai longe o tempo, em que quando se falava em sport, toda a gente dizia: E' maluco...

* * *

Uma noite destas no Ginasio Club Portuguez, vi um grupo de novos, fazer trabalhos de alta ginastica.

A nova direcção tem orientado a vida interna do club de modo a dar excelentes resultados.

O regimen feudal que ali se usava não podia continuar...

* * *

Emilio Deriaz, que está entre nós, tem uma epoca em que numa forma magnifica, foi detentor de varios recordes do mundo de força. Assistiu em Paris no Ginasio Franco-Suisso, a uma tentativa do record de Jete num braço com 100 kilos, que executou depois de 9 tentativas.

Estavam Deshonest, le Buton, Victorien, Sirole, e outros nomes de atletismo que não me ocorrem.

Recordemos, que lá diz o poeta, que recordar é viver outra vez...

RUY DA CUNHA.

Box

O campeão de França dos levissimos, bateu o boxeur Callicot, em tres ronds.

Ciclismo

Durante a prova dos 6 dias de Paris, os corredores, receberam de ofertas do publico, perto de 28 mil francos.

Motociclismo

Em Brooklands, na America, o motociclista Vance, bateu o record das 5 milhas, que fez em 3 minutos e 43 segundos.

Natação

O nadador Weissmuler, continua a serie de triunfos, batendo varios records.

Agora ganhou o campeonato da America das 220 jardas, que fez em 2 minutos, 17 segundos e 2/5.

Salão Central

Este elegante cinema continua sendo o ponto de reunião da nossa primeira sociedade.

Todas as noites ali concorre um publico numeroso, enchendo por completo os camarotes, as tribunas e a plateia, no gozo das mais recentes novidades animatograficas.

As estreias sucedem-se, sempre cheias de brilho e entusiasmo, tornando os espectaculos do Salão Central os mais atraentes de Lisboa.

No programa desta noite figuram os grandes sucessos «A decisão suprema» prodigioso trabalho dos muitos queridos e notaveis artistas Ruth Roland e Frank May.; a esplendida pelicula em 6 partes «Delito dum mãe», em que é notabilissima a actriz norte-americana May Murray e os episodios 13.º, 14.º e 15.º do famoso film «Elmo, o Temerario».

Amanhã, na «matinée», estreia do 16.º episodio, intitulado «A casa das Intrigas».

TAUROMAQUIA

Praça de Algés

Desopilante espectaculo está preparado para, no domingo proximo, fazer a abertura da epoca em Algés. Bandarilheiros e forcados são amadores principiantes dos que na epoca passada mais coragem mostraram para suportar os inevitaveis boleus; cavaleiro é o valente e popular José Gomes; e de intermedios comicos teremos dois de grande risot: o «D. Juan da Feiteira» e os «Toureiros Desopilantes». O primeiro é passado num restaurant em Bemfica, em jantar de casamento. Lidam-se oito vacas, touros e garraios. O cabo de forcados é o conhecido amador Joaquim Espoia.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A FELICIDADE

por GUY DE MAUPASSANT

Era á hora do chá, antes do acender das luzes.

A cidade dominava o mar; o sol, que desaparecera, deixara após si o céu todo de côr de rosa burnido a oiro; e o Mediterraneo, sem uma ruga, sem um arrepio, liso, luzente ainda por efeito do sol moribundo parecia uma placa de metal polido e de um tamanho desmarcado.

Ao longe, para a direita, as montanhas rendilhadas desenhavam-se com o seu perfil negro sobre a purpura desmaiada do ocaso.

Falava-se do amor, discutia-se êsse velho tema, redizia-se coisas já reditas muitas vezes. A melancolia calma do crepusculo amaciava as palavras, fazia flutuar a ternura nas almas, e esta palavra: «amor», que sem cessar subia a lume da conversação, era pronunciada ora por uma voz forte de homem, ora por uma voz de mulher de timbre delicado, parecendo encher a pequena sala, voltijar como uma ave e pairar como um espirito.

Poder-se-ha amar muitos anos sem cansaço?

— Sim, pretendiam uns.

— Não, afirmavam outros.

Distinguiam-se casos, estabeleciam-se confrontos, citavam-se exemplos; e todos, homens e mulheres, cheios de recordações que surgiam perturbadoras, que não podiam citar e que lhes subiam aos labios, pareciam comovidos, falando dessa coisa banal e soberana, o acordo terno e misterioso de dois seres, com uma emoção profunda e um interesse ardente.

Mas, de repente, alguem, tendo os olhos fitos nos longes, exclamou:

— Oh, vêem, lá ao longe, o que é aquilo?

Sobre o mar, ao fundo do horizonte, surgia uma mole parda, enorme e confusa.

As mulheres tinham-se levantado e olhavam sem compreender que coisa surpreendente era aquela que nunca até ali tinham visto.

Alguem disse:

— E' a Corsega! Vê-se assim duas ou três vezes no ano, em certas condições atmosfericas excepcionais, quando o ar de uma limpidez perfeita a não oculta por essas brumas de vapor de agua que velam sempre as distancias.

Distinguiam vagamente as cristas, julgavam reconhecer a neve dos cumes. E toda a gente ficava surpreendida, perturbada, quasi assustada por aquela brusca aparição de um mundo, aquele fantasma saido do mar. Talvez que tivessem daquelas visões estranhas, aqueles que partiram, como Colombo, através dos Oceanos inexplorados.

Então, um sujeito já idoso, que até ao tempo estivera calado, disse:

— Ora ahi têm! Conheci aquela ilha, que se ergue na nossa frente, como se ela mesma quizesse responder ao que ha pouco diziamos e recordar-me uma singular lembrança; conheci naquela ilha um exemplar admiravel de amor constante, de um amor inverosimilmente feliz.

Foi o seguinte:

* * *

Fiz, já lá vão cinco anos, uma viagem á Corsega. Essa ilha selvagem é mais desconhecida de nós e está para nós mais distante que a America, muito embora seja algumas vezes avistada das costas da França, como hoje sucede.

Imagine-se um mundo ainda em caos, uma tempestade de montanhas que separam ravinas estreitas, por onde rolam torrentes; nem uma planicie, mas imensas vagas de granito e giganteas ondulações de terra, cobertas de mato ou de altas florestas cobertas de castanheiros e pinheiros. E' um solo virgem, inculto, deserto, muito embora por vezes se aperceba uma aldeia, que mais parece uma pilha de rochas no cume de um monte. Nada de cultura, nada de industria, nada de arte.

Não se encontra ali um pedaço de pau trabalhado, um pedaço de pedra esculpida, nunca ali se viu a recordação infantil ou requintada dos antepassados pelas coisas graciosas e belas.

E' isso mesmo o que mais salta aos olhos naquela soberba e aspera região: a indiferença hereditaria por essa procura das formas sedutoras que se chama a arte.

A Italia, onde cada palacio, cheio de primores de arte, é em si mesmo tambem um primor de arte, onde o marmore, a madeira, o bronze, o ferro, os metais e as pedras atestam o genio do homem, onde os mais pequenos objectos antigos que se arrastam nas velhas moradas revelam êsse divino cuidado da graça, é para todos nós a patria sagrada que amamos porque nos mostra a prova, o esforço, a grandeza, o poder e o triunfo da inteligencia criadora.

E, em frente dela, a Corsega selvagem ficou tal como nos seus primeiros dias. O homem vive ali na sua casa grosseira, indiferente a tudo que não diga respeito á sua existencia, até mesmo ás questões de familia. E conserva os defeitos e as qualidades das raças incultas, violento, odiento, sanguinario com inconsciencia, mas tambem hospitaleiro, generoso, devotado, ingenuo, abrindo a sua porta a quem passa e dando a sua amisade fiel em troca da minima demonstração de simpatia.

Havia um mês que eu errava através daquela magnifica ilha com a sensação de que me achava no fim do mundo. Ali não ha estalagens, nem botequins, nem estradas. Chega-se por veredas de cabras áquelas aldeias, que se agarram ao flanco das montanhas, que dominam os abismos tortuosos de onde se ouve subir, á noite, o ruido continuo, a voz surda e profunda da torrente.

Bate-se ás portas das casas. Pede-se pousada para uma noite e comida até á manhã seguinte. E sentam-se os que pedem á humilde mesa, e dormem sobre o humilde tecto: e na manhã seguinte aperta-se a mão que nos estende o hospede que nos conduziu até ao fim da aldeia.

Ora, uma noite, depois de dez horas de marcha, cheguei a uma pequena morada completamente isolada no fundo de um estreito vale que ia lançar-se no mar uma legua mais longe. Os dois declives abruptos da montanha, cobertos de maquis, um mato especial da Corsega, de rochas esboroadas e de grandes arvores, fechavam como duas sombrias muralhas aquela ravina lamentavelmente triste.

Em redor da cabana, alguns vinhedos, um pequeno jardim e, mais distante, alguns castanheiros grandes, o com que viver emfim, uma fortuna para o possuidor na atendermos á pobreza da região.

A mulher que me recebeu era velha, severa e limpa, por excepção. O dono da casa, sentado numa cadeira de palha, levantou-se para me saudar, depois tornou a sentar-se sem dizer palavra. A sua companheira disse-me:

— Desculpe-o, está já surdo. Tem já oitenta e dois anos.

Ela falava o francês de França. Fiquei surpreendido.

Preguntei-lhe:

— A senhora não é corsa?

Ela respondeu:

— Não; nós somos continentais. Mas ha já cincoenta anos que habitamos aqui.

CONCLUE AMANHÃ

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4057 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quarta-feira, 19 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O Avião "Lusitania"

A damnificação do flutuador do avião "LUSITANIA,, forçou os aviadores portuguezes a demorarem a sua permanencia no Rochedo de San Paulo, onde tentam remediar a avaria sofrida. Gago Coutinho e Sacadura Cabral tocando no rochedo de San Paulo, ponto insignificante perdido no Oceano e para o qual voaram em linha recta duma distancia quasi de mil milhas, provaram iniludivelmente o caracter scientifico da sua viagem percorrendo um itinerario rigorosamente traçado pelos seus instrumentos especiaes e desconhecidos até hoje.

Virtualmente o fim a que se visava foi atingido porque propondo-se voar da Europa ao Brazil tocaram efectivamente em territorio brazileiro! E brevemente, proseguirão a sua viagem triunfal os heroicos marinheiros levando ao Rio de Janeiro a sua fé e a sua energia!

O TRIUNFO

Prosegue, no seu vôo glorioso, o hidro-avião *Lusitania!* A *étape* ontem percorrida foi a maior do seu percurso, e é de esperar que, á hora em que êste jornal circular, já [illegible] sido percorrida uma nova *étape* — a que separa os rochedos S. Pedro e S. Paulo da ilha Fernando de Noronha. Desde êsse momento ter-se-ha tocado em terra brasileira, e, tambem, segundo é nossa segura esperança, terão terminado para os heroicos aviadores, todas as incertezas, para conhecerem todos os triunfos!

Vão triunfar, conjugados, o espirito do heroismo e o espirito do sacrificio, que são qualidades fundamentalmente lusitanas. Gago Coutinho e Sacadura Cabral devotaram a vida a esta empresa. Impelidos o desejo de servir a sua Patria. Tratava-se da maior [illegible] do Brasil. No Rio de Janeiro vão, dentro em breve, refulgir magnificencias sem nome. Portugal é um paiz rico apenas das suas glórias. Mas, no peito dos seus filhos, corre um sangue purpureo de epopeia eterna. Possue o nosso paiz, e possuirá sempre, o génio da aventura, a intuição do futuro, as melhores qualidades assimiladoras, a inteligencia, a dedicação, a intrepidez, o ideal. Com tais requisitos podem sempre brotar de uma Patria flôres de maravilha.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral levam ao Brasil a propria alma da nossa Patria. Conduzem-na nas azas da ave humana, que tomou o nome da gente da nossa raça. A sciencia e a fé integram-se no nosso [illegible] sublime. Foi a sciencia que deu azas ao *Lusitania*. E a Cruz de Cristo que o assinala. Assim se fez Portugal — descobrindo mundos, orando a Deus, adorando a Patria.

Quando os nossos aviadores chegarem ao Rio de Janeiro, a façanha sublime estará realisada. Não haverá nada então que ofusque a nossa glória. O preito ao Brasil terá consistido no maior acto de audacia até hoje realisado com mais formidavel certeza de vencer. O Brasil regosijar-se-ha comnosco, porque são portuguezes quem tal feito realisou, e é de Portugal que chega a ave gloriosa, que tem o nome de uma Patria. E, com simplicidade e nobreza, o *Lusitania* descerá dos ares para saudar a bandeira brasileira.

Ontem, começou em Portugal o delirio do triunfo. E' nossa convicção que ele não será menor no Brasil. E o mundo inteiro sentir-se-ha tambem comovido. E' que esta obra em que legitimamente se compraz o orgulho de duas nações, representa uma grande vitória da humanidade. São assim os grandes emprehendimentos. Revertem sempre em progresso, em grandeza, em perfeição, para a humanidade inteira!

Saudemos o *Lusitania*, que cruza os céus levando consigo a alma da nossa terra, o espirito de uma raça, a infinita anciedade da nossa especie!

AS LEIS DO "AFASTA,,

"O cançado chá que ferve,,

APESAR DAS DECLARAÇÕES DO SR. MINISTRO DA GUERRA, CONTINUA A AFIRMAR-SE CADA VEZ MAIOR O SENTIMENTO GERAL DE REPULSA CONTRA AS LEIS 1040 E 1244 — —

A entrevista que o senhor ministro da Guerra concedeu a um colega nosso da manhã e em que afeta ignorar o imenso movimento de protesto de que no nosso jornal se tem feito eco, provocou varios protestos que pela sua virulencia nos abstemos de publicar. Foram numerosos. Numerosissimos. Entre eles destacamos o que abaixo transcrevemos que resume numa forma aceitavel todos os comentarios feitos.

A falencia absoluta das leis 1040 e 1244 está amplamente provada. Pouco mais será preciso acrescentar para a derrubar por completo. Repugna-nos bater num cadaver de lei que fatalmente está condenada ao lixo final das cousas esquecidas e tolas. Mas este cadaver é ainda lei e por ser urgente extirpar essa excrescencia sebacea sob pena de atingir com o seu pus outros organismos porventura ainda sãos, — continuaremos até onde fôr preciso.

A prova está feita, repetimos. Mas é necessario brandil-a ainda. E por isso continuaremos até ao enterro definitivo.

Sr. Redactor.

Acabo de ler «A Epoca» de hoje, e a minha revolta é enorme! A entrevista que nela vem publicada, com o ministro da Guerra, a que serviu de acolyto o seu secretario, o sr. capitão «de grandes oculos de tartaruga», é fantastica!

Nela só se encontra a falsidade e a ignorancia... bem proprias dum ministro...

Começa s. ex.ª por dizer «que não ha leis injustas!»

Então aquela que se fez, apoz a reimplantação da Republica no Norte, dando poderes discricionarios ao ministro da Guerra para «demitir e reformar» oficiais, «lei feita com efeitos retro-activos», por seu livre criterio, não foi uma lei injusta?

Então o regulamento disciplinar e o codigo de justiça militar não eram mais que suficientes para punir os oficiais que tinham delinquido, não sendo preciso leis especiais, em que o compadrio e os empenhos tiveram enorme preponderancia?

Disse tambem s. ex.ª que a lei 1040 foi «uma lei de ocasião!»

S. ex.ª faltou á verdade! A lei 1040 foi feita «quasi 2 anos depois» dos acontecimentos, e portanto feita «a frio» e com todos os requintes de malvadez! Os acontecimentos do Norte foram em janeiro de 1919, e a lei 1040 foi publicada em agosto de 1921 para punir oficiais «que já tinham sido punidos» por uma outra lei especial!!!

S. ex.ª termina por declarar ignorar os termos em que o senador Aragão e Brito apresentou o seu projecto de lei e «a campanha dum jornal da noite sobre o assunto», terminando com o seguinte bouquet final: «Aplico a lei 1244: se houver alguem com razão para se queixar é só aparecer...»

Como isto tudo é fantastico!

Desculpe-me v. o desabafo, mas é possivel que a v. passasse desapercebida tão irritante entrevista, que talvez mereça de v., o competente correctivo. — Um oficial.

O tenente coronel, do quadro de Reserva, José Alves de Souza Cardoso, entrou no quartel de cavalaria 9, a cujo efectivo ainda pertencia, na ocasião em que o clarim tocava a selar, e perguntando o que havia responderam-lhe que se tratava duma formatura para a recepção do ministro da Guerra.

Embora estranhasse a alteração, entrou no quartel onde encontrou já montada a força disponivel do regimento e arreado o seu cavalo. Quando se preparava para montar foi chamado á secretaria e ahi informado de que estava restaurada a monarquia em Lisboa, Santarem, Coimbra, Vizeu e outras cidades, devendo por determinação superior confirmar se o referido acto em parada geral no Monte Pedral, para o qual convergia naquele momento toda a guarnição do Porto.

Seguiu, pois, para o local indicado, persuadido de que procedia correctamente e com a sua habitual subordinação, assistindo pacificamente (sem exercer quaisquer funções) á cerimonia que se celebrava e da qual pouco ou nada percebia devido á grande distancia a que se encontrava do ponto principal. Por esta naturalissima manifestação de obediencia, foi preso, demitido, separado do serviço com 50 0|0 de vencimento, preso novamente, submetido a conselho de guerra e punido por este (apesar de nenhuma testemunha o acusar) com 5 mezes de prisão correccional que já tinha cumprido por mais de 180 dias, provocado e ameaçado bastas vezes por varios malsins, correndo riscos de ser assassinado, expulso judicialmente da sua habitação por um senhorio politicante que só não conseguiu o seu malevolo desejo por ter havido recurso para um magistrado justiceiro, demitido segunda vez pela famosa lei 1040 que ha 18 mezes o privou do parco vencimento que lhe restava e, finalmente, tributado em 150 0|0 sobre todas as contribuições, unica penalidade em que o Estado fica logrado porque a victima era sómente proprietario da terça parte de uma miseravel choupana e teve de a vender para com o seu producto se sustentar enquanto esteve preso.

Agora pela lei 1244, devo voltar á sua anterior situação de separado do serviço com 50 0|0 de vencimento da mesquinha tabela antiga e nem sequer lhe é permitido o uso de farda que sempre procurou dignificar, porque de todas as regalias que lhe competiam como oficial do Exercito, legalmente adquiridas e garantidas por uma vida inteira de penoso labutar, apenas lhe conservam a de sujeição ao ultrajante artigo 13.º do Regulamento Disciplinar expressamente destinado aos oficiais demitidos por ordem moral.

E tudo isto se fez e continua sem a menor consideração por um velho de 63 anos que desde os 20 serviu dedicadamente a Patria, não se atendendo, tambem, ás condições especiais que o levaram a comparecer ao tal acto de assistencia nem aos seus 40 anos de serviço efectivo (dos quais uns 18 nas colonias, sendo 1 1|2 de campanha) nem ás suas medalhas de ouro de comportamento exemplar e de prata de assiduidade de serviço no Ultramar (nenhuma de favor), além de diversos louvores que constam das respectivas notas biograficas, em qualquer nodoa que os deslustre.

O Congresso do Partido Republicano Portuguez

Previsões acerca dos resultados finais

Segundo esta tarde se dizia na Arcada, o sr. Antonio Maria da Silva conseguiu assegurar-se uma maioria de apoio incondicional no Congresso do Partido Republicano Portuguez. Nessas condições, o gabinete actual deve consolidar-se no poder, embora esteja prevista uma recomposição, saindo do governo alguns dos ministros suspeitos de manterem estreitas relações politicas com elementos da oposição.

Afirma-se tambem que se procura um entendimento com o sr. Domingues dos Santos. A plataforma consistiria em se eleger um Directorio onde os amigos do politico portuense ficassem em minoria.

Os democraticos-outubristas trabalham, entretanto, para abrirem e sustentarem um largo debate politico em pleno congresso. A questão, segundo as melhores informações, será posta pelo sr. Pires de Carvalho, que foi ministro no gabinete coronel Coelho, organisado logo em seguida ao triunfo do pronunciamento outubrista. Entre os incidentes que se levantarão figurará o da irradiação do sr. coronel Manuel Maria Coelho, propondo-se a sua reintegração no partido. O mais provavel é que a maioria, que tem por «leader» o sr. Antonio Maria da Silva, votará contra, seguindo-se logo o abandono do congresso por todos os democraticos-outubristas, se é que eles não perferissem submeter-se.

Se o rompimento se verificar, os democraticos-outubristas contam com uma revolução para os levar ao poder, dizendo-se que ela está plenamente organisada e que só não rebentou ainda porque alguns elementos preferem esperar pelos resultados do Congresso de Coimbra.

Banquete de homenagem ao sr. Fausto de Figueiredo

A comissão organisadora do jantar em homenagem ao sr. Fausto de Figueiredo é constituida pelos seguintes srs: Albert Macieira, presidente da Associação Comercial de Lisboa, José Maria Alvares e Henrique Taveira, directores da Associação Industrial Portugueza, dr. Augusto de Castro, director do «Diario de Noticias» e Manuel Roldan, director da Propaganda de Portugal.

O jantar deve realisar-se num dos dias da semana proxima no Hotel de Inglaterra. A inscrição continua aberta alem do Hotel de Inglaterra, na Tabacaria Havaneza, rua Garrett e Agencia Latino-Americana, rua do Ouro, 81.

Entre as pessoas inscritas contam-se já, alem dos promotores, as seguintes pessoas: dr. Rangel de Sampaio, Jaime Alto Mearim, Norte Junior, Ribeiro de Carvalho, dr. Arnaldo de Almeida, dr. Francisco Rompana, Carlos Gonçalves, Cunha Leal, Carlos Cesar de Oliveira Rodrigues, D. Jaime Castelvi Carvalho dos Santos, Julio Cruz, João Bentes, Raul Esteves dos Santos, José Antunes de Oliveira, Pedro Bordalo Pinheiro, Antonio Augusto de Figueiredo e Emilio Segurado.

AS GRANDES HORAS

O Rocio de hontem á noute

TORNOU A VIBRAR INTENSAMENTE E A ALMA POPULAR QUE ATRAVEZ DOS SECULOS TEM ANIMADO A VELHA PRAÇA LISBOETA MANIFESTOU-SE DE NOVO — SEMPRE MOÇA E SEMPRE VIVA! —

O que hontem á noite se passou em Lisboa só dificilmente o poderá avaliar quem está ausente dela ou quem hontem não andou pelas ruas depois das 9 horas da noite. A explosão da alma popular que raras vezes se manifesta unisona, retumbou hontem pela cidade em minutos inesqueciveis.

Tinham os jornais comunicado que entre as 8 e 9 horas da noite possivelmente se poderiam receber em Lisboa noticias dos aviadores. Como até a essas hora o telegrafo se conservasse mudo, a anciedade do publico começou a vibrar com mais intensidade. Pelas 10 horas da noite o' Rocio estava negro de gente e no Terreiro do Paço deante da estação Central dos Telegrafos uma enorme onda humana, rumorejava num confuso bulicio de espectativa.

Expressava-se uma anciedade secreta em todas as fisionomias, e de facto entre as mil conversas cortas e sacudidas, envolvidas todas na mesma esperança inquieta, um silencio cada vez mais pesado descia devagar. Era já dificial circular pelos passeios do Rocio. Os grupos que tinham crescido desmesuradamente fragmentavam-se em mil direções opostas. Cada qual procurava na multidão o isolamento de quem se sente desanimado. Pelas onze horas a multidão dos vivos, era uma imensa multidão de espectros, mudos, tristes, impassiveis, arrumados a todas as esquinas. Grandes grupos sentaram-se á beira das valetas, dispostos a passarem a noite ali. Por vezes passavam ondas de desespero, um mudo e sombrio desespero que se não exteriorisava e que era quasi um soluço recalcado. Quasi meia noite. Nada.

As campainhas dos raros eletricos cortavam de quando em quando o ar cada vez mais espesso de silencio. Um cavalheiro de barbas brancas, na esquina do «Gelo» acendia devagar um charuto. E as mãos correctas, enluvadas, tremiam-lhe de tal forma que o charuto rolou na poeira. Gritos mais adeante. Um homem na força da vida abateu bruscamente no passeio, sentou-se, exclamou em voz demudada: — «Pois não saio daqui!...» E aquela voz branca, entrecortada fazia mal. Uma vaga de costas cada vez mais curvadas torvelinhava em roda. Aquela voz que irrompia era, na realidade a voz da multidão. Ninguem saia dali. Uma dama passou balbuciando confusamente: — «Santo Deus!»

A' meia-noite e meia hora os parcos globos eletricos do Rocio iluminam frouxamente um oceano de cabeças, um oceano imovel, estagnado donde não sai o mais ligeiro murmurio. Ninguem fala agora seguidamente. Palavras soltas, frases truncadas. Uma espectativa impressionante. O Rocio adquire aquela aparencia inexquecivel e sagrada que tem tido algumas vezes atravez dos oito seculos da historia portuguesa. Ali se reunia as multidões do alfaiate Fernão Vasques, ali agonisaram as multidões no dia da noticia de Alcacer Kibir. Na hora sagrada pressente-se um momento mais sagrado ainda. E os descendentes estão ali, como os dout'ora. Alguem lembra: — «E' a cruz de Cristo que vai de novo chegar ao Brasil!...» Tocam-se na mesma comunhão a dalmatica roxa do Pedro Alvares Cabral e a «badine» de Gago Coutinho. Alguem, um padre talvez, grita: — «Hossana!...» E tambem ha lagrimas que correm porque é uma hora. Ha quatro já que se aguarda. O silencio aterrador do principio é agora um silencio tragico, um infinito silencio onde adejam as almas dos antepassados que aguardam tambem e que estão ali, palpaveis, visiveis na treva, soluçantes, talvez... esperando.

Como se soube, como chegou a noticia ao Rocio, não é possivel explical-o. Chegou. Na esquina da rua nova do Carmo ouvou-se um remoinho, murmurio confuso que alastra em breve. Foi o tufão. Foi a tempestade. A onda quebrou com fragor junto dos lagos, da estatua de D. Pedro. Gritos discordantes. Rugidos. Procer. Todos os automoveis businaram epileticamente. Ha gritos esparsos: — «Os dois Cabrais!» — «Sursum corda!...» Um grito agudo, voz de mulher: — «Meus filhos! Meus filhos!» — Um homem agita-se freneticamente no tejadilho dum automovel e diz cousas vibrantes, cousas enternecidas. O fragor dos morteiros é de ensurdecer. Toda a gente se abraça, toda a gente se beija. Falam-se os que nunca se viram, abraçam-se comovidos os que talvez se odeiam bem. Todos as sirenes do Tejo apitam com furor e por entre fragores de artilharia bimbalhavam timidamente, suavemente os sinos da Conceição Velha. «Hossana!» A Cruz de Cristo que ha 422 anos aportou ás praias do Brasil, lá voltou de novo estampada no costado do avião. Depois da veia, a sêa! E isto sente-se de tal maneira, na tão grande, tão intima ligação nas duas viagens deste emblema tão velho e tão moço ainda, — moço ainda! — que ha lagrimas em todas as faces barbadas e pelos cantos da sombra, mulheres abatem com desmaios exaustos. Era uma hora e vinte e dois minutos da madrugada.

Congresso das Juntas Escolares

Na Sala «Algarve» da Sociedade de Geografia, realisa-se nos dias 20, 21 e 22 do corrente, o Congresso das Juntas Escolares, que está despertando entusiasmo na classe do professorado primario, fazendo-se representar todas as juntas do paiz.

O Congresso inicia os seus trabalhos no dia 20 ás 13 horas.

No dia 22, após a 3.ª sessão do Congresso, efectuar-se-ha uma reunião magna do professorado primario, onde será tratado um assunto de alto interesse para a escola e para o professorado, devendo ser submetido á discussão e aprovação da assembleia, constituida por delegados de todos os nucleos escolares, um manifesto ao paiz.

A favor dos famintos da Russia

Bando precatorio

Uma comissão de operarios procurou avistar-se hoje com o chefe do districto, pedindo autorisação para a realisação dum bando precatorio nas ruas da cidade em beneficio dos famintos da Russia. O sr. governador civil ficou de receber essa comissão ainda hoje.

Os neutros

A situação financeira da Espanha não é lisongeira, apesar de não ter entrado em guerra

Um telegrama publicado nos jornais da manhã reproduz as declarações do ministro da Fazenda, acerca da situação financeira e da reforma tributaria. Vamos reproduzir o mais interessante:

Afirmou que o «déficit» atual é de 1.078 milhões, devendo-se 635 por virtude da campanha de Marrocos, 171 pelos abonos concedidos ás companhias ferro-viarias e 204 pelos gastos feitos com a manutenção dos beligerantes internados durante a guerra europêa. O ministro declarou ser sua opinião que urge suprimir os gastos com a campanha marroquina e reaver a importancia dos aludidos abonos; acrescentando que importa fomentar, quanto antes, a riqueza nacional. Os projetos tributarios sobrecarregam grandemente os impostos atuais. O das cedulas pessoais estabelece varias ordens de contribuintes, indo o imposto até 5.000 pesetas. Para os efeitos da coleta, são tributados os rendimentos particulares e obrigam-se a pagar a cedula todas as emprezas mercantis e todas as associações domiciliadas em Espanha. Os solteiros são mais sobrecarregados, atenuando-se o criterio tributario para os chefes de familia, na razão direta do numero de filhos. As carruagens de luxo e os automoveis de recreio pagarão tambem pessada contribuição. E' egualmente aumentada a taxa de todos os tipos de cartas e telegramas que circularem no interior de Espanha, devendo cada uma daquelas pagar 25 centimos de sêlo. Criam-se ainda novos impostos para as Caixas de Depositos Monetarios e para os Bancos. Por fim são cotatadas todas as industrias, bem como os serviços de transportes terrestres e maritimos.

Reduzimos as quantias acima á moeda portugueza, para melhor e mais facil compreensão:

Déficit . . . . 2.048.200 contos
Marrocos (despezas) 1.187,500 contos

A Espanha não entrou na guerra e a sua politica de doblez foi apresentada pelos monarquicos portuguezes como um modelo de sabedoria e previdencia. Pois, apesar disso, o «deficit» confessado pelo ministro da Fazenda é superior a dois milhões de contos.

Se a Espanha não entrou na guerra, estiola-se, todavia, com uma guerra que é um verdadeiro enigma.

A Espanha dispendeu rios de dinheiro com a campanha de Marrocos e converte o Rif num cemitério do exercito. Já gastou mais de um milhão de contos, para conservar o dominio de alguns kilometros de costa e um mais que modesto «hinterland».

Mas a Espanha conserva a sua monarquia, com o que nós não temos nada, a não ser para constatar que os monarquicos portuguezes desejariam, para Portugal, uma semelhante... beleza de hortaliça!

Os assassinados das ruas de Berlim

Sabe-se já quem foram os assassinados

BERLIM, 19 — O ex-governador geral Djemal Azmi Bey e o professor Bahaedinshakir, ambos membros do partido dos Jovens Turcos, que residiam nesta cidade ha tres anos, foram ontem, á noite assassinados a tiro, pelas costas, quando iam com suas familias e com a viuva de Talaat pachá, que foi assassinado ha tempos. Os assassinos conseguiram escapar no meio da confusão que se produziu.

Como o governo alemão tinha sido informado ha algum tempo de que os armenios planeavam novos atentados contra os turcos, foram presos os membros da sociedade secreta dos armenios. (F.)

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . .	4 5/16—4 3/16
» 90 dias. . .	4 7/16— —
Paris, cheque	1172— 1207
Suissa, cheque. . . .	2451— 2524
Belgica, cheque . . .	1081— 1114
Italia, cheque. . . .	686— 705
Berlim, cheque. . . .	40— 46
Holanda, cheque. . .	4785— 4928
Madrid, cheque . . .	1959— 2018
New-York, cheque. . .	12590— 12967
Brazil, cheque. . . .	— —
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . .	2417— 2490
Suecia, cheque	3319— 3420
Dinamarca, cheque. . .	2722— 2804
Libras	60$00 — 62$00

O policiamento da Praça de Camões

Por varias vezes tomos reclamado contra a falta de policiamento na Praça Luiz de Camões e imediações da rua do Norte. Tivemos ocasião de ver atendidas em parte as nossas reclamações, mas simplesmente em parte. O sr. governador civil e o chefe Nazareth parece terem sido inexcediveis de boa vontade. O policia de giro é que não está animado pelas mesmas puras e nobres intenções.

Acreditamos na existencia deste policia perto das nossas janelas embora nunca o tivessemos visto. Que ele existe e vigia afirmam-no os seus superiores. Mas talvez seja invisivel. Trate-se de o tornar claro e patente. E este novo pedido o depomos nós junto do sr. governador civil e do chefe Nazareth que vela particularmente por estes ermos onde habita o auctor dos «Lusiadas».

Tornemos pois palpavel e visivel este esteio da ordem se isso for possivel.

PELO TELEGRAFO

Pequenas informações

OPPELN, 19.—S[illegible]laski, protectento do partido polaco de Gliwitz e conselheiro tecnico junto dos aliados, foi atacado a tiros de revolver por um desconhecido. Foi proclamado o estado de sitio.—(H).

MANCHESTER, 19.—Teve o seu desfecho o conflito da industria do Caynnabes, tendo-se chegado a um acordo na questão dos salarios. Trata-se agora do regulamento parcial das questões em litigio.—(H).

MELILLA, 18.—75 paisanos que residiam na iluota de la Gomera abandonaram aquela residencia partindo para Melila onde são esperados.—(H).

VIENA, 19.—O chanceler declarou que a Italia põe á disposição da Austria um credito de cem milhões de liras.—(Lat. Am.)

FLORENÇA, 19.—O subsecretario do Estado da Instrução Publica, sr. Altro, visitou o palacio da Feira Internacional do Livro, tecendo grandes elogios á perfeita organisação da mesma.—(Lat. Am.)

LONDRES, 19. — Dizem de Constantinopla que chegou aquela cidade, de passagem para Beyrouth, na Siria, o general francez Gouraud.—(Lat. Am.)

HAVANA, 18.—Foi eleito presidente da republica do Haiti D. Luiz Borno.—(Lat. Am.)

PARIS, 19. – Segundo a nova lei do serviço militar de oito e dez mezes, o exercito francez ficará constituido em tempo de paz por 32 divisões com um total de 420 mil homens e 300 mil homens para o exercito colonial.—(Lat. Am.)

NAPOLES, 19.—Saiu deste porto o vapor «Srivia» carregado de alimentos, vestidos e medicamentos, com destino aos famintos russos. Partiu tambem uma comissão da Cruz Vermelha de Italia que se propõe trabalhar nos distritos mais castigados pela fome na região do Volga.—(Lat. Am.)

MONTEVIDEU, 18.—As mulheres uruguaianas reiteraram a assembleia o pedido desta cidade de que seja comemorada a proxima festa da raça dando a uma das ruas desta cidade o nome da ilustre espanhola D. Concepcion Arenal.—(Lat. Am.)

MADRID, 19.—O alcaide declarou que vai dar um emprego no ayuntamiento ao heroi madrileno, soldado Antonio Serrano, sobrevivente de Monte Arruit.—(Lat. Am.)

A Conferencia de Genova

Os "soviets,, parecem querer entrar num caminho de aproximação pratica

Partiu para Genova a delegação alemã chefiada pelo chanceler Wirth e pelo ministro Rathenau no que diz respeito ás questões de ordem estrangeira.

A delegação alemã a Genova, por assim dizer, sem esperanças de que dela advenham qualquer beneficio. Vai simplesmente por delicadeza.

A Alemanha não podia recusar-se a tomar parte nas deliberações da conferencia de Genova, visto que foi convidada, mas não tem a menor ilusão sobre os resultados possiveis da grande conferencia.

O problema principal que vai ser objecto de discussão em Genova é a precaria situação economica em todos os paizes da Europa, sem excepção e, compreendendo mesmo os Estados Unidos.

Toda a gente está convencida de que a causa desta má situação é a falta de cumprimento do tratado de paz de Versalhes, é o não restabelecimento da paz, porque a guerra, embora por outros processos, continua até hoje, o que tudo prova que não ha outra solução senão a da revisão do tratado de Versalhes. Porém a França opõe-se a essa revisão, pertinazmente e, a guerra continua em consequencia do tratado.

Não vêmos, portanto, necessidade de uma nova conferencia na qual se repetirão todas as discussões das conferencias de Spa, de Londres e de Cannes.

Tudo se resume á exigencia peremptoria da «Entente»—a Alemanha deve pagar 50 milhões, 80 milhões, 150 milhões, em oiro, segundo as diferentes versões.

A isto, a Alemanha responde:— eu não posso pagar tais somas, a menos que inventassemos o segredo de converter em oiro o papel-moeda.

Se nos obrigam a pagar em oiro (em dollars ou em florins holandeses) dá-se necessariamente este facto:— como temos de os comprar com papel-moeda, á medida que o dollar e o florim subam, o nosso papel-moeda baixa e a bancarrota do mundo aproximar-se-ha até ao momento da sua eclosão inevitavel.

LONDRES, 19 — Um comunicado da imprensa inglesa diz que o acordo germano-russo foi uma bofetada dada á Conferencia de Genova. Os delegados italianos esperam que se evitarão resultados desagradaveis.

Parece que tanto os delegados italianos como os ingleses desejam levar a Conferencia a bom termo, considerando-a a derradeira oportunidade para preparar a reconstrução economica e moral da Europa. — (R.).

BERLIM, 19 — Segundo o «Berliner Lokal Anzeiger», os neutros e os americanos consideram o acordo russo-germanico o primeiro resultado pratico da Conferencia de Genova. — (R.).

GENOVA, 19 — Interromperam-se os trabalhos das comissões. O presidente francês da comissão economica declarou que era impossivel negociar com a Alemanha e com a Russia até que a situação estivesse esclarecida.

A comissão de direito está examinando o acordo, para ver se êle não briga com os paragrafos 116 e 117 do tratado de Versailles.

A Pequena Entente, que é manifestamente anti-russa, reuniu-se na residencia de Lloyd George, para tomar conhecimento do relatorio da comissão de direito. — (R.).

BERLIM, 19 — O acordo germano-russo causou uma enorme surpresa na Conferencia de Genova, chegando alguns membros das delegações aliadas a falar de deslealdade por parte da Alemanha. Os circulos oficiais alemães dizem não compreender a excitação dos aliados, epecialmente dos franceses. Fazem notar que o tratado de Versailles só concede alguns privilegios á Russia, que não são contrariados pelo presente acordo, que não é contrario ao acordo de Cannes, visto que o problema da liquidação das indemnisações não foi mencionado.

Os correspondentes alemães em Genova, repelindo energicamente a acusação de deslealdade, lembram que a Entente, tendo posto de parte os delegados alemães, pretendeu negociar durante os ultimos dias, em segredo e á porta fechada, com os delegados russos, e ainda continua a negociar. Segundo as ultimas noticias, espera-se a chegada de Lenine para ultimar estas negociações. — (R.).

GENOVA, 18 — Os aliados e os representantes da Pequena Entente votaram e apresentaram esta noite ao chanceller Wirth uma resolução, dizendo que não seria justo nem equitativo que, depois de ter concluido acordos particulares com a Russia, a Alemanha tomasse parte na discussão das clausulas do acordo entre os aliados e a Russia e concluindo que, procedendo assim, os alemães renunciaram a tomar parte no futuro na discussão das clausulas do acordo entre os paises representados na Conferencia e a Russia. — (H.).

GENOVA, 19 — A conta que Litwinoff apresentou na sua contra-reclamação e que, segundo a sua opinião, os aliados deveriam pagar á Russia, atinge a cifra de cincoenta biliões de rublos, a titulo de prejuizos causados por intervenções militares e anexações de territorios russos, como Besserabia, etc. Os aliados nem quizeram tomar em consideração tão despropositada contra-reclamação e intimaram a delagação a declarar se aceitava ou não as condições da Conerencia de Cannes.

O delegado russo Rakowski declarou que o reconhecimento do crédito dos aliados importava a suavisação politica da Russia e aumentaria a miseria da população. Acrescentou que a legislação actual russa oferece quasi todas as garantias que os aliados reclamam. — (Lat. Am.).

As burlas na Exploração do Porto de Lisboa

Recebemos a seguinte nota:

Os Corpos Gerentes da Associação de Classe dos Funcionarios da Administração do Porto de Lisboa em reunião extraordinaria de ontem tomando conhecimento dos acontecimentos ultimamente sucedidos, o interpretando o sentir de toda a classe, resolveram, por unanimidade, protestar contra os factos recentemente ocorridos— que de resto se resumem em um roubo vulgar,—e de que a imprensa tem feito eco, repudiando qualquer acto de solidariedade com o auctor desses factos.

E, mercê da gravidade extrema que tais factos revestem foi resolvido instar, com quem de direito, para que a sindicancia a todos os serviços de Administração do Porto de Lisboa seja tão imediata, como rigorosa, a fim de que o saneamento moral seja um facto dentro desta dependencia do Estado. Mais resolveram aconselhar aos seus consocios a maior prudencia e serenidade deixando que a acção da Justiça seja livremente exercida, embora com firmeza e energia, mas sem violencias ou vinganças pessoais, reservando-se esta associação para oportunamente relatar mais detalhadamente a verdade dos factos visto as noticias publicadas terem sido, mercê da má informação, em parte tendenciosas.

Lisboa, 19 de Abril de 1922.

Os corpos gerentes.

SPORT

LUTA

IX campeonato no Coliseu dos Recreios

Hoje realisa-se no Coliseu dos Recreios a 5.ª sessão do Campeonato Internacional de Luta que deve atrair grande concorrencia. Estreia-se hoje o portuguez Joaquim Sardinha o conhecido lutador que ha dez anos combateu com o celebre Raki e a quem resistiu 15 minutos que se bate contra Sonda.

Ontem a concorrencia foi enorme. Manuel Grilo conseguiu depois de 15 minutos de luta vencer o brutal Wilson pelo que foi delirantemente aplaudido; El Secundo venceu Strobants; Ste. Mars venceu Roberti e Gyssens venceu Charley.

As restantes lutas de hoje são: Ochoa contra Leon de Angers, Roberti contra Emile Deriaz, Gyssens contra Wilson e El Secundo contra Constant Marin

O sr. Augusto Cardoso

demissiona do Conselho Legislativo de Moçambique

O sr. Augusto Cardoso, colonial muito conhecido e de abalisada proficiencia em todos os assuntos que interessam a nossa Africa Oriental dirigiu ao Alto Comissario, dr. Brito Camacho, a carta que abaixo publicamos:

Sr.—Tendo percebido pelo que se passou na sessão inaugural do Conselho Legislativo, na sexta-feira passada, que ele será com todas as probabilidades um segundo parlamento de S. Bento, tenho a honra de comunicar a V. que, desde aquele dia, deixei de fazer parte do mesmo Conselho.

Assim como os processos e a oratoria de S. Bento só teem sido nocivos ao paiz, os mesmos processos e a mesmissima oratoria introduzidos no Conselho Legislativo de Moçambique não podem deixar de ser funestos para esta provincia.

Abandono o Conselho onde, muito a meu pezar, não cheguei a trabalhar, com a consciencia e o espirito tanto mais tranquilos quanto é certo que V. não terá dificuldade em encontrar pessoa, não direi com mais direitos a ter assento no Conselho, mas com tantos como eu e com muito maior capacidade, e para a qual V. póde dirigir a sua generosidade em interpretação do artigo 71.º da Carta Organica.— De V. etc. *Augusto Cardozo.*

POEIRA da ARCADA

Foi nomeado o bacharel Afonso de Santos Monteiro, para, no praso de 15 dias, indicar os actos do sr. dr. Alberto de Azevedo Gomes, ex-director do Banco do Hospital de S. José e Anexos.

—Uma comissão de operarios do bairro social do Arco do Cego, procurou hoje o sr. Presidente do Ministerio, afim de tratar da sua situação perante a proxima suspensão das obras do bairro.

—Constando que a proposta de lei que o sr. ministro da instrução tenciona apresentar ao Parlamento, reorganisando as escolas primarias superiores, permite a matricula na 4.ª classe dos liceus aos alunos diplomados pelas mesmas escolas, o presidente da Associação do Magisterio Secundario conferenciou sobre o assunto com o sr. dr. Augusto Nobre, apresentando, em nome da classe, as suas reclamações contra semelhante disposição, que reputa lesiva da integridade do ensino liceal.

O sr. ministro da Instrução ficou de ponderar convenientemente o assunto, antes de submeter ao Parlamento aquela proposta de lei.

ULTIMA HORA

O "RAID,, LISBOA-BRAZIL

O Avião "Lusitania,,

parece ter-se inutilisado devendo o cruzador "Carvalho Araujo,, seguir para os rochedos de S. Paulo levando outro aparelho

O almirante sr. Leote do Rêgo, ilustre deputado da Nação, enviou hoje ao sr. Aires de Albuquerque, chefe dos serviços telegraficos de Lisboa, a seguinte carta:

«Ex.mo sr. — Impedido por doença de o fazer pessoalmente, venho apresentar a v. ex.ª e aos seus subordinados as minhas homenagens de admiração pela inegualavel demonstração que acabam de dar do seu patriotismo nesta hora em que a nossa Patria vibra de entusiasmo na celebração de um alto feito de dois dos seus filhos.»

Em seu nome pessoal e no dos seus subordinados, o sr. Aires de Albuquerque respondeu imediatamente com um telegrama de agradecimento.

A noticia da chegada do avião *Lusitania* aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo teve uma enorme repercussão no estrangeiro, principalmente em França e Inglaterra.

A primeira noticia que chegou á Europa foi recolhida pela torre Eiffel, expedida de Dakar. Quando a boa nova chegou a Lisboa, pediu-se confirmação para França, recebendo-se na Estação Central dos Telegrafos um despacho de Paris de plena confirmação.

Os telegrafistas de Brest enviaram tambem felicitações aos seus colegas de Lisboa, terminando por *vive la race latine.*

A avaria experimentada pelo *Lusitania*, quando amarrou junto aos rochedos, não deve ter importancia. O que parece ter acontecido foi o seguinte: um flutuador, ao tocar no mar, abriu brecha, facilmente reparavel com os recursos que estão a bordo do *Republica.*

Apesar de terem sido dadas instruções oficiais para serviço permanente dos telegrafos até sómente á meia noite, os telegrafistas das provincias conservaram-se voluntariamente nos aparelhos por tempo indeterminado, fechando as estações só depois de recebidas as comunicações do feliz exito da terceira *étape* do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro.

Tem sido enorme, durante toda a tarde, o serviço de telegramas, cabogramas e radiogramas para o estrangeiro, quasi todos referentes á viagem do *Lusitania.*

Os telegrafistas de Madrid não responderam á communicação dos seus colegas de Lisboa. Não tiveram uma palavra de felicitação; nada, absolutamente nada!

A's 15 horas o Ministerio da Marinha forneceu á imprensa a seguinte

Nota oficiosa

«Por um telegrama recebido do comandante Sacadura, o Lusitania, ao pousar, na chegada aos penedos de S. Pedro, sofreu, por virtude de ondulação cavada, uma avaria no flutuador. Se essa avaria fôr irreparavel, o Ministerio da Marinha fará seguir para os penedos de S. Pedro um novo hidro-avião, transportado em navio de guerra, e que irá concluir, tripulado pelos comandantes Gago Coutinho e Sacadura, a derrota de S. Pedro ao Rio de Janeiro.»

Quasi á mesma hora em que esta lamentavel noticia chegou ao nosso conhecimento, ouviram-se, com surpresa, estalar foguetes e virar as *sirenes* dos navios, automoveis, etc. Aclamações da multidão que se juntou no Terreiro do Paço acompanhavam essas manifestações festivas. Que ocorrera? Um equivoco lançara no publico a noticia de que o avião *Lusitania* tinha chegado á ilha brasileira de Fernando de Noronha á 1 hora da madrugada. Desgraçadamente, a fausta nova era falsa!

Foi o *Seculo* que a lançou em circulação, tendo-a recebido de Monsanto, que colhera um radio expedido do paquete britanico *Avon*, da Mala Real, em viagem proximo de Cabo Verde.

Fizeram-se imediatamente todos os esforços para se sustar as manifestações, mas o povo não dava crédito aos desmentidos, agarrando-se desesperadamente á boa nova e querendo, por fôrça, que ela fosse verdadeira. Foi por isso que, durante muito tempo e ainda á hora em que escrevemos, se ouve o estralejar de foguetes em diversos pontos da cidade.

A falsa noticia da chegada do *Lusitania* a Fernando de Noronha foi tambem conhecida no Porto, para onde a transmitiu Monsanto por via *Leixões*. Os telegrafistas do Porto foram, porém, mais prudentes e pediram confirmação da noticia para a Central Telegrafica de Lisboa, com o seguinte

Telegrama de serviço do Porto para Lisboa

«Recebemos comunicação de que Leixões recebeu um radio procedente de Monsanto, afirmando que o Lusitania chegou a Fernando de Noronha á 1 hora da madrugada. *Pedimos a confirmação e autorização para dar a noticia aos jornais e ao publico.»*

O sr. Aires de Albuquerque respondeu imediatamente com o seguinte

Telegrama circular do serviço

«O avião Lusitania, ao amarrissar em S. Pedro, sofreu avaria nos flutuadores. Tenta-se remediar tudo, mas parece dificil. Se fôr irreparavel a avaria, o avião será substituido no mais curto espaço de tempo.»

Esta acertada providencia do ilustre funcionario deve ter evitado que nas provincias se reproduzissem as extemporaneas manifestações de Lisboa.

Uma comissão constituida por comerciantes e moradores da rua da Esperança composta pelos sr. Manoel José Cameiro Aguiar, Antonio Leite d'Oliveira, Candido dos Santos, Manoel Dias Mourato e José Aguiar Maltez deliberaram oferecer em nome dos moradores da mesma rua e que para esse fim todos ocorrem, uma mensagem ao heroico e valente capitão de mar e guerra sr. Gago Coutinho visto ser nesta rua que esse sabio aviador reside e bem assim destribuir um bodo a 100 pobres desta freguezia solenizando com todo o entusiasmo a vitoria da arrojada travessia do Atlantico.

Recebem-se adesões em casa do sr. Manoel Cameiro Aguiar—Rua da Esperança, 100.

O sr. Augusto de Castro, ilustre diretor do nosso brilhante colega «Diario de Noticias» foi nomeado representante da Imprensa Portugueza na Comissão executiva das Festas aos aviadores.

«A Capital» não pode deixar de consignar nas suas colunas a dedicação ao serviço demonstrada pelo pessoal dos telegrafos. Todos teem cumprido brilhantemente os seus deveres. O chefe dos serviços, sr. Assis e Albuquerque, quasi não tem abandonado o gabinete, atendendo toda a gente que o procura, anciosa de noticias. Juntamos as nossas felicitações ao coro geral de louvores de que está sendo alvo.

Boatos alarmantes que absolutamente se desmentem

Como de costume, o povo passou da extrema confiança ao maior pessimismo, logo que se comunicou que a noticia de «O Seculo» não era verdadeira. Foi por isso, naturalmente, que circulam boatos dando como gravissimo o desastre acontecido ao «Luzitania». Estamos habilitados a desmenti-los absolutamente. Os srs. Sacadura Cabral e Gago Coutinho estão de perfeita saude. Não houve mais nada que isto, que, aliás, já não é pouco: as avarias sofridas pelo avião são, provavelmente irreparaveis, salvando-se, entretanto, o motor e todas as ferragens, que foram recolhidos no cruzador «Republica».

Um aparelho para substituir o avião naufragado

No Ministerio da Marinha já hoje se encarava a hipotese de enviar outro aparelho para os rochedos S. Pedro e S. Paulo, a fim de se continuar e concluir o «raid».

Parece que a Aviação Maritima possue mais dois hidro-aviões iguais ao perdido e que os enviará sem demora, provavelmente a bordo do cruzador «Carvalho Araujo». Este navio de guerra está em Alger, para onde foi afim de representar a Republica Portugueza na revista naval que no porto tunisino se realisa, em honra do sr. Milerand, presidente da Republica Franceza. Parece que a viagem poderia efectuar a viagem, em dez dias.

Não sabemos a origem doutra versão. Segundo esta, o governo brasileiro enviaria um aparelho a S. Pedro e S. Paulo e seria nele que os srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral completariam a viagem.

Dois "placards,, que se contradizem — o publico, muito injustamente, pronunciou-se contra o verdadeiro e a favor do falso! . . .

No Rocio, os «placards» do «Seculo» e do «Diario de Noticias» afixaram esta tarde noticias contraditorias.

Emquanto o «placard» do «Seculo» dava a noticia da chegada do «Lusitania» a Fernando Noronha, o «Diario de Noticias» informava simplesmente—mas com verdade . . . —da avaria sofrida.

Que fez o publico? Pronunciou-se pelo «Seculo» contra o «Diario de Noticias!» O publico não queria a verdade do «Diario de Noticias» e preferia a falsa noticia de «O Seculo».

Mais tarde convenceu-se e o «Diario de Noticias» foi ovacionado.

A falsa noticia tambem chegou ao Porto

PORTO, 19 (pelo telefone) Chegou aqui a noticia de que o *Lusitania* conseguira atingir Fernando de Noronha. Produziram-se grandes manifestações de regosijo. Pouco depois, porém, foi a noticia desmentida.

A avaria sofrida pela aero-nave contristou toda a gente. (*Correspondente*).

Um telegrama do sr. Sacadura Cabral, ao fim da tarde

A's 17 horas foi recebido no Ministerio da Marinha um telegrama do sr. Sacadura Cabral, pedindo que lhe mandem outro avião, para terminar o «raid».

Confirma-se assim a destruição completa do «Lusitania».

O "Raid" na decomposição dos numeros da distancia e horas. O que se fez e o que faltou fazer

O avião *Lusitania* percorreu 2.764 milhas em navegação aero-maritima, gastando 31 horas. Eis a distribuição:

Lisboa-Canarias, 710 milhas, em 7 horas; Canarias-S. Vicente, 910 milhas, em 9 horas; S. Vicente-Praia, 164 milhas, em 2 horas; Praia-Rochedo, 980 milhas, em 13 horas.

Faltavam percorrer 1.670 milhas, assim descriminadas:

Rochas-Fernando de Noronha, 360 milhas; Fernando de Noronha-Bahia, 600 milhas; Bahia-Rio de Janeiro, 710 milhas.

Todo o percurso seria, pois, de 4.434 milhas.

E' preciso não esquecer que a parte mais dificil do *raid* estava já realizada antes do desastre.

Provou-se que se pode navegar no ar com tanta certeza como no mar e *isso é que era o mais importante sob o ponto de vista scientifico*. A vitória, se ainda não é materialmente completa, é absoluta no que respeita a qualquer outro aspecto. Houve pericia, coragem, dedicação nos aviadores, que foram os primeiros a navegar *livremente* pelos ares e através os mares.

O avião «Lusitania» chegou ao Brazil

Não se desconsole o publico, que não ha razão para isso. O avião *Lusitania* atingiu o territorio brasileiro, porque os rochedos de São Pedro e S. Paulo pertencem á grande Republica da America do Sul.

O *raid*, pois, está virtualmente completo.

Desastre por causa dum morteiro

No terminus da rua de Santa Justa, entre as ruas dos Douradores e Fanqueiros, rebentou um morteiro sobre um quiosque ali existente que ficou com os vidros todos estilhaçados, sendo graves os prejuizos sofridos pela sua proprietaria.

Durante toda a tarde, muitas pessoas nos telefonaram, informando-se especialmente acerca do estado de saude dos aviadores. A todos tranquilisamos, restabelecendo a verdade dos factos, nos termos em que eles são do nosso conhecimento.

Ultimas informações

Noticia oficiosa confirma que o «Lusitania" se perdeu completamente.

Já foram dadas instruções telegraficas ao "Carvalho Araujo" para regressar a Lisboa, afim de transportar outro avião.

RIO DE JANEIRO, 19 — Os aviadores srs. comandantes Gago Coutinho e Sacadura Cabral nada sofreram no acidente que avariou o hidro-avião no amarissar perto dos penedos de S. Pedro e S. Paulo. Esperam salvar o motor. — (H.).

"A Patria,,

Estando resolvido o conflito existente no quadro tipografico do jornal «A Patria», reaparece amanhã este nosso colega.

Em poucas linhas

No tribunal da Boa Hora, 3.º distrito criminal, realizou-se hoje o julgamento do *chauffeur* Jaime da Gama, acusado de, ha tempos, numa casa de hospedes da rua da Esperança, ter morto a tiros de pistola Lucinda de Freitas Pereira. Foi absolvido por unanimidade.

— Foi preso Alvaro Castelo, rua de Santa Barbara, 41, loja, que furtou objectos no valor de 500 escudos a Julio Bengueiro, rua de Santa Marta, 88, 1.º

— Tambem foi detida Conceição Silva, que, estando como criada em casa de Manuel Valente Coutinho, rua Arco Marquez do Alegrete, 13, 1.º, furtou ao patrão varios objectos avaliados em 350 escudos.

— Antonio Marques, travessa do Rosario, 15, 2.º, queixou-se de que lhe furtaram a carteira com 350 escudos.

MOMENTO POLITICO

Proseguem os trabalhos

para a organisação do grande bloco oposicionista—Atitude do sr. Alvaro de Castro e dos seus amigos

Não tem fundamento a noticia de que se projecta constituir um «trust» de jornais diarios de Lisboa e Porto, para defeza da Conjunção Oposicionista.

E' certo, todavia, que proseguem as negociações para a constituição do bloco, parecendo que vão em bom caminho.

A este proposito podemos informar que o sr. Lima Duque, figura representativa dos reconstituintes, teve uma conferencia com o sr. Alvaro de Castro, defendendo nela a ideia da Conjunção, formula indispensavel, no seu entender, para a solução dos problemas nacionais.

O sr. Alvaro de Castro não opoz uma recusa formal á hipotese, ficando de reunir o Directorio do partido, para exame da questão. Outros importantes elementos reconstituintes apoiam, tambem, as ideias do sr. Lima Duque, que se constituiu em «Leader» destas ideias, dentro do organismo partidarista a que pertence.

O Congresso do P. R. P.

E' quasi certo que nada de grave se produzirá no Congresso do P. R. P.

Em geral, acredita-se no seguinte: alguns discursos azedos, um ou outro incidente tumultuoso, eleição dum Directorio patrocinado, pelo menos na sua maioria, pelo sr. Antonio Maria da Silva e declaração da independencia feita por alguns partidaristas, muito poucos.

Ha quem propale, porém, que o sr. Herculano Galhardo, que é hoje chefe dos democraticos-radicais, abrirá uma scisão no partido.

Dr. Macedo Soares

Veiu á nossa redacção deixar-nos o seu cartão o dr. Macedo Soares, ilustre deputado federal e director de «O Imparcial», um dos mais importantes diarios da imprensa fluminense. Agradecemos a visita do brilhantissimo jornalista.

P. S. E.

As bases da sua reorganisação

Noticiou já por varias vezes *A Capital* que o sr. governador civil de Lisboa estava tratando da reorganização da Policia da Segurança do Estado. O referido projecto que foi já ha dias entregue ao sr. presidente do Ministerio, resume-se no seguinte:

Criação de nucleos de informação com agentes secretos, que comunicarão tudo quanto se passa a uma repartição especial, cujo chefe, por sua vez, informará devidamente o director. Este, apuradas ou verificadas as veracidades das acusações, enviará todas as informações para o director da Policia de Investigação, a quem competirá proceder ás diligencias necessarias, prisões, etc. Subordinado ao director da P. S. E. fica ainda a secretaria com três secções, a saber: a tesouraria, com um conselho administrativo; a secretaria que se ocupará do expediente e a secção do cadastro dos presos. O numero de funcionarios é resumidissimo, com excepção dos agentes secretos, não tendo êstes, porém, autoridade ou permissão para efectuar prisões ou proceder a investigações. Trata-se de simples agentes de informação e nada mais.

E nisto se resume a reorganisação da P. S. E., segundo o projecto elaborado já ha dias pelo chefe do distrito.

As rusgas na cidade

A' policia foi superiormente determinado que as rusgas destinadas á limpeza da cidade, se limitem aos individuos perigosos tais como: vadios, gatunos, desordeiros e outros criminosos. Deve porém haver todo o cuidado em não vexar o cidadão pacifico como por vezes tem sucedido, devendo portanto a policia exercer o maior cuidado, para evitar reclamações.

Ninguem poderá usar armas sem previa licença, sendo consideradas armas de guerra as de calibre superior a 6,35 mm. E [illegible] podem ser usadas pelas autoridades [illegible] pelos funcionarios a tal autorisados por lei.

No numero das armas proibidas contam-se os punhais, bombas, materias explosivos e as navalhas de ponta e mola e não os canivetes que até agora teem sido apreendidos sem razão.

De preferencia as rusgas serão feitas nos bairros excentricos ou naqueles em que os desordeiros tenham mais permanencia, e quando se efetuar detenções de soldados ou marinheiros estes presos só podem ser revistados nas esquadras na presença de um oficial.

A policia só entrará nos estabelecimentos mal frequentados, devendo no entanto usar de toda a urbanidade, excepto para aqueles já conhecidos pelas suas proezas.

Oxalá que tais instruções sejam acatadas...

TEATRO

Nota do dia

Cortezia

Ainda falando sobre a recita de S. Carlos, queremos apontar um facto. Os actores na maioria, desconhecem os deveres da cortezia e da fragmatica.

No palco estava mais de uma duzia de actores, de distintos ornamentos da nossa scena. Procedia-se ao sarau. José Ricardo apresenta os artistas.

Estes avançam e dizem de sua justiça. Apenas Augusto Melo se dirige á Presidencia e cumprimenta antes de começar. Estevão Amarante tambem se curva ante o Chefe do Estado. Os restantes não sabem disso.

O m l vem talvez da falta de recita de honra, da pouca ocasião que os nossos artistas modernos teem tido nos ultimos tempos para entrar em festa de gala.

Não se trata iamos jurar, da mais leve manifestação de politica. Os nossos actores não pensaram nisso. Foi uma falta de reflexão. Foi o costume... foi o nosso proverbial relaxamento... A indiferença...

Mas, não está certo. Não só no Conservatorio onde se aprende a arte de representar, os mais pequenos elementos de boa educação se devem aprender. A vida dá-nos a arte de viver na sociedade, e os nossos actores devem ser os primeiros a representar em qualquer parte as nossas boas qualidades de cortezia.

Não sucedeu assim ante-ontem. Já o dissemos; ha mil motivos para que estas consagrações se repitam. Acrescentemos mais arte: ir ensinando aos artistas a forma de representar diante dos Chefes de Estado.

A. F.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».
S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Turlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«Perola Negra».
POLYTEAMA—A's 9,30—«A Mulher que Passa».
EDEN TEATRO—A's 8,30 e 10,30—«Talismans».
SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Gigajogo».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 9—IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Como defender a criança no periodo de gestação e na primeira infancia

O sr. dr. Tovar de Lemos Junior apresenta no Congresso N. de F. P. uma brilhantissima Tese

1.º—Toda a mulher gravida tem direito á assistencia clinica e social.

2.º—Toda a mulher gravida, quando do trabalho, tem direito ao descanço um mez antes do parto e um mez depois, sendo-lhe garantido o logar.

3.º—Os municipios deverão fixar como obrigação dos medicos do partido o estabelecimento de consultas para as gravidas, onde lhes sejam... [illegible] necessarios sobre higiene da gravidez.

4.º—N... localidades onde haja hospitais, deverão em todos eles fazer-se e... [illegible] para gravidas.

5.º—Todas as instituições de beneficencia particular que se ocupam de assistencia ás crianças, deverão, sempre que possam, crear serviços de assistencia ás gravidas, quer sob a forma de consultas, socorro material, conselhos e praticas de higiene da gravidez e puericultura, etc.

6.º—Serão creadas, tanto nos grandes centros como em todas as localidades onde seja possivel, mutualidades maternais, constituidas por mães pobres e não pobres, e cuja acção consiste no auxilio mutuo áquelas que pelas suas condições delo carecam.

7.º—Em Lisboa, Porto e Coimbro funcionarão maternidades de organisação permitindo o mais completo sigilo.

Nos cidades onde seja possivel, poderão montar-se maternidades, com organisações semelhantes ás de Lisboa, Porto e Coimbra.

8.º—Dever-se-hão crear casas de refugio, destinadas a albergar as mulheres nos ultimos mezes da sua gravidez e que possam trabalhar em condições compativeis com o seu estado, e depois do parto emquanto amamentam o filho.

9.º—As maternidades deverão ter instalados serviços de incubadoras para creanças que nasçam em condições delas precisarem.

10.º—Em toda a legislação referente a seguros, deverão ser sempre atendidas as circunstancias da mulher gravida no sentido de ser considerado como caso de doença o seu estado, devendo as maternidades obrigatorias para tal efeito dar cumprimento ao estabelecido no art.º 33 do Decreto de 10 de Maio de 1919.

11.º—Nos casos em que a mulher tenha o parto em casa, terá direito, sendo pobre, ao serviço da parteira, medicamentos e subsidio, pelo que todos os partidos municipais deverão manter parteiras, cujos serviços serão os de modo semelhante ao dos medicos.

...uando preciso, os hospitais, Misericordias e outros institutos de beneficencia oficiais ou particulares, fornecerão a titulo precario ou definitivo roupas para assegurar as condições de higiene do parto e periodo subsequente.

13.º—Sempre que possivel procurar-se-ha que o parto seja feito no Hospital ou maternidade.

14.º—Para a admissão nas maternidades é condição unica o estar em trabalho de parto ou reconhecimento gravida com mais de 7 mezes, não sendo exigido nenhum documento em se procedendo a nenhuma averiguação de maternidade ou paternidade.

15.º—Nascida a creança proceder-se-ha em conformidade com o disposto na legislação vigente respeitante ao seu registo e desde esse momento, sendo os pais pobres, ou em condições de a não poderem alimentar nem criar, por motivos de ordem economica ou moral, será esta protegida pela Assistencia Publica.

16.º—Quando a mãe se dispuzer a aleitar seu filho, o que e sempre preferivel, ser-lhe-ha concedido um subsidio de amamentação.

17.º—O creança protegida pela assistencia publica poderá continuar em casa da familia, colocada na ama, ou numa creche asilo.

18.º—Continuando no domicilio deverá a creança protegida pela assistencia publica ser registada no dispensario durante o 1.º ano.

19.º—Todos os municipios deverão crear dispensarios municipais, e cuja missão seria a de prestarem assistencia clinica, medicamentos, leite e vacina.

20.º—Nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra e nas capitais de Distrito existirão lactarios ou instituições organizadas segundo o tipo chamado Gotas de Leite e destinados a fornecerem leite esterilisado ás creanças.

21.º—A assistencia publica tomará sob a sua protecção as creanças abandonadas, os orfãos pobres, as creanças maltratadas e as moralmente abandonadas.

22.º—Q... [illegible] a creança fica orfã... [illegible] o seu futuro... [illegible] a creche passa á categoria de pupila da Assistencia.

23.º—A todas as mães que legitimarem seus filhos será concedido um premio que será designado de legitimação.

24.º—Nenhuma mulher poderá tomar a seu cargo o aleitamento duma criança sem que a criança sua filha tenha pelo menos 7 mezes ou tenha falecido.

25.º—Toda a mulher que se dispo... a amamentar qualquer criança necessita o atestado do estado de saude da criança sua filha.

26.º—Toda a ama que estiver em condições de poder tomar uma criança para amamentar responsabilisar-se-ha por a amamentar com o seu leite e não artificialmente, o deitar a criança sosinha, a não a desmamar sem previa autorisação do medico, a comunicar ao medico qualquer doença da criança, ou alteração de sua saude, ou a circunstancia de se encontrar de novo gravida.

27.º—Sempre que possivel a Assistencia concederá subsidio ás familias pobres que manteem e criam as creanças, afim de evitar o abandono por miseria. Este subsidio será temporario.

28.º—Se terminado o periodo de amamentação, durante o qual a ama recebe a pensão ou leite, a creança se conservar na familia da ama, será a esta atribuida uma pensão de creação e um premio aos cinco anos, aos dez e aos treze, se durante este tempo for cumprindo os deveres impostos pela Assistencia.

29.º—A toda a ama ou encarregada da creação será fornecida uma caderneta donde constarão todas as indicações precisas, e mais deveres a cumprir, bem como os direitos respectivos, pensões, premios, etc.

30.º—As creanças que sejam pupilas da Assistencia terão o seu numero de registo e serão identificadas pelos modernos processos scientificos de identificação (impressões plantares, etc.)

31.º—Durante os primeiros cinco mezes de amamentação deverá apresentar-se na Comissão Municipal da Assistencia, mensalmente um certificado da vida da creança, e dos 5 até aos 13 mezes, certificado bi-mensal.

32.º—As creanças que sejam confiadas as amas ou colocadas em regimen de familia deverão sempre de preferencia ser entregues ás familias que habitam o campo e trabalham na agricultura.

33.º—Quando a criança tenha irmãos ou irmãs, procurar-se-ha quanto possivel colocá-los juntos ou pelo menos na mesma região.

34.º—Para efeito de fiscalisação das crianças, serão constituidas comissões de assistencia distritais, municipais e paroquiais, do que farão parte alem das juntas gerais do distrito, camaras municipais e juntas de paroquia, os medicos, autoridades judiciarias e as pessoas cuja dedicação pela causa do bem seja conhecida, e representem por isso elementos de valor para o fim a ter em vista.

35.º—Alcançada a puericia, a criança que pobre continua em casa da familia, ser-lhe-ha facultada a utilisação dos Dispensarios e consultas quando precise.

36.º—Instituir-se-hão creches em todas as fabricas onde o numero de mulheres empregadas seja superior a 50.

37.º—Em todas as cidades onde seja possivel instalar-se-hão cantinas denominadas maternais destinadas a auxiliar a alimentação das mães, de modo a permitir-lhes a amamentação dos filhos em melhores condições.

38.º—Dos 3 anos em deante as creanças protegidas pela Assistencia serão obrigadas á frequencia dos jardins escolas, organizados e funcionando como escolas maternais.

39.º—Em todas as escolas primarias oficiais das cidades, frequentadas por gente pobre, haverá cantinas escolares, que fornecerão pelo menos uma refeição ás creanças.

40.º—As crianças abandonadas, ou cujos pais não as possam criar, nem educar por falta de recursos ou falta de capacidade moral para o fazerem, serão recolhidas em asilo ou asilos creches.

41.º—Tambem o recolhimento pode ser temporario em casos especiais de orfandade em que o conjuge vivo esteja doente, preso ou em qualquer outra situação semelhante.

42.º—Se a criança tiver pessoa de familia que queira dela encarregar-se poderá de preferencia a ser recolhida no asilo, ser subsidiada, ficando porem sob a vigilancia e fiscalização da Assistencia.

43.º—Nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra deverão criar-se hospitais para creanças, com todas as instalações hoje exigidas pela terapeutica infantil medica, cirurgica, dentaria, ortopedica.

44.º—Crear-se-hão o maior numero possivel de sanatorios maritimos para as crianças que careçam de tal regimen, preparados de modo a terem a sua população permanente e a poderem receber as suas colonias, temporariamente renovadas.

45.º—Em todos os programas do ensino das crianças do sexo feminino a começar na escola primaria, cursos secundarios e mesmo especiais, dever-se-ha sempre aproveitar, nunca sendo demais, a divulgação dos preceitos de puericultura facultando-se a todas as senhoras e meninas, que queiram, a pratica nos dispensarios e lactarios.

46.º—Serão criados cursos de enfermeiras especialisadas nas praticas de puericultura, educação fisica e doenças da criança, as quais serão denominadas enfermeiras escolares e aproveitadas para exercerem a vigilancia do estado de saude das crianças acompanhando-as de perto desde os dispensarios até ás escolas, e informando os medicos encarregados da assistencia clinica, das alterações e observações colhidas, tornando-se-lhes pois valiosas auxiliares.

47.º—Deverão ser severamente reprimidos e perseguidos todos os crimes de aborto e abandono de crianças.

A emigração dos negros para o Rand

O que deve tratar-se na entrevista dos generais Freire de Andrade e Smuts

Sobre este assunto se dissertou largamente nas nossas colunas, mostrando-se que a melhor forma de determinar o volume de emigração consentida, consiste em o governo Governo fixar periodicamente os numeros representativos desse volume pela diferença entre o numero de indigenas validos disponiveis e os necessarios para os trabalhos internos.

O aperfeiçoamento dos recenseamentos da população e o cadastro agricola que são dois elementos basilares da administração, para os quais não haja justificação possivel de que a sua elaboração não esteja de ha muito feita, permitem determinar em cada instante a quantidade de homens que podem sair.

A existencia de um organismo de recrutamento, essencialmente portuguez, constituido por associação de todos quantos queiram servir-se dele em obtenção de trabalhadores, incumbido de distribuir a mão de obra pelos trabalhos internos e pela emigração, sob as indicações e vigilancia do Governo, é o elemento capital de toda a engrenagem que a Convenção obrigará a montar, e é o unico que facultará um funcionamento suave e regular da maquina de emigração.

E' ocioso alargarmo-nos em considerações demonstrando a conveniencia e necessidade de excluir toda a qualquer intervenção extrangeira, mesmo que obedeça aos mais bem concebidos disfarces, das operações de recrutamento com exceção das inspecções medicas a exercerse na fronteira ou mesmo aqui, se assim se julgar indispensavel.

O que é certo é que não podemos admitir duvidas sobre a conveniencia politica e moral do recrutamento, ser feito por portuguezes e sob uma fiscalisação local exercida por agentes da autoridade portugueza.

Nos nossos artigos dissemos tambem o bastante, embora não tenhamos certamente dito tudo quanto era preciso dizer, para demonstrar todos os prejuizos de ordem moral, material e politica que resultam para os nossos indigenas de uma demorada permanencia nas minas e sobretudo na União.

Por isso reputamos absolutamente indispensavel que os pretos contratados para as minas se não demorem ali mais do que um ano, findo o qual será obrigatoria a sua repatriação, admitindo-se em condições muito excepcionais, apenas, devidamente definidas em termos precisos na Convenção e sob dependencia de consentimento do Governo da Provincia, que alguns pretos se demorem ali mais de seis meses sobre o primeiro ano de contrato.

Num caso e noutro é indispensavel que fique consignado na Convenção que o Governo da União se obriga a tornar efectivo esse repatriamento no fim do contracto ou da sua prorogação, prevendo-se tambem a atitude que será permitida por parte do Governo Portuguez no caso daquela «obrigação» não ser cumprida.

A Convenção, ao contrario do que muita gente julga, influi e reage muitissimo sobre os interesses dessas regiões, interesses que se concretisam numa intensificação do trabalho agricola que só é considera com ansiedade tudo quanto se relaciona ou possa influir directa ou indirectamente no problema da mão de obra provincial, seja qual for o aspecto sob que ele se considere.

A produção agricola depende exclusivamente da melhor utilisação das terras vagas e de um judicioso aproveitamento da mão de obra disponivel, compreende-se facilmente, por que razão deve interessar muito tudo quanto se refere ao regime de concessões de terrenos e á legislação relativa á mão de obra, e a razão por que consideramos num plano secundario a prosperidade do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques que teem um significado economico meramente local.

Aproximando-se a data de abertura das negociações, nas quaes se apresentam com plenos poderes das duas partes interessadas, os Generais Smuts e Freire de Andrade, julgamos conveniente condensar num curto relato os pontos de vista que defendemos.

Fazemo-lo com a intenção de fornecer elementos para a determinação daquela formula final a que aludimos e sobretudo para esclarecer se o que a Provincia quer em materia Convenção.

Começamos por repetir que se nos afigura que concorrerá em extremo para facilitar a solução do problema o dividi-lo em trez partes, das quais, a principal, pelo aspecto geral que a reveste, é a questão da mão de obra seguindo-se-lhe em importancia as relações ferro-viarias e as comerciais que, por tudo quanto dissemos, não devem em caso algum subjugar a nossa mão de obra.

Assente que tem o papel primacial a questão do fornecimento da mão de obra ao Rand e admitido como está que é intangivel a mão de obra disponivel existente ao Norte do paralelo 22.º, a consideração principal e essencial a fazer-se sobre as facilidades do aproveitamento da nossa mão de obra indigena pelo estrangeiro é que essa utilisação deve ser em absoluto condicionada pelas necessidades do trabalho provincial.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A FELICIDADE

por GUY DE MAUPASSANT

Uma sensação de angustia e de medo me tomou ao pensamento daqueles cincoenta anos passados num buraco sombrio, tão longe das cidades onde vivem os homens. Um velho pastor entrou e puzemo-nos a comer o unico prato do jantar, uma sopa de caldo grosso em que haviam cosido conjuntamente batatas, toucinho e couves.

Quando a curta refeição terminou, eu fui sentar-me diante da porta, com o coração apertado pela melancolia da enfadonha paisagem, empolgado por essa magua que acomete muitas vezes os viajantes em certas tardes tristes e em certos lugares desolados. Parece-nos então que tudo está prestes a acabar, a existencia, o universo. Percebe-se bruscamente a horrorosa miseria da vida, o isolamento de todos, o nada de todas as coisas e a negra solidão do coração que se embala e se engana a si proprio com sonhos até á morte.

A velha chegou-se a mim e, torturada por essa curiosidade que vive sempre no fundo das almas ainda as mais resignadas:

— Com que então o senhor vem de França? disse-me.

— Sim, senhora, viajo para me distrair.

— E' de Paris, naturalmente?

— Não, sou de Nancy.

Pareceu-me que uma comoção extraordinaria a agitava. Como é que eu vi, ou antes, presenti isso é o que não sei dizer.

Ela repetiu em voz pausada:

— E' então de Nancy?

O homem apareceu á porta, impassivel como todos os surdos.

Ela tornou:

— Não faz mal. Ele não ouve.

Depois, ao fim de alguns segundos:

— Então deve conhecer muita gente em Nancy?

— Decerto, quasi toda a gente.

— Conhece a familia de Sainte-Allaize?

— Se conheço! como as minhas mãos: eram amigos de meu pai.

— Como se chama o senhor?

Disse-lhe o meu nome. Ela olhou para mim de fito, depois disse, com essa voz baixa que despertam as recordações:

— Sim, sim, bem me lembro. E os Brisemare, que é feito deles?

— Morreram já todos.

— Ah! E... os Sirmont, conhece-os?

— Sim, o ultimo que sobrevive é general.

Então ela disse, fremente de comoção, de angustia e não sei de que sentimento confuso, poderoso e sagrado, de não sei que necessidade imperioso de confessar, de dizer tudo, de falar daquelas coisas que até ali tivera guardadas no fundo do coração e daquelas pessoas cujos nomes lhe alvoroçavam a alma:

— Sim, Henriques Sirmont. Bem sei. E' meu irmão.

E eu levantei os olhos para ela, espantado de surpresa. E de salto, lembrei-me.

Tratava-se de algo que fizera outr'ora um grosso escandalo na nobre Lorena. Uma joven, bela e rica, Suzana de Sirmont, fôra raptada por um sargento de *hussards* de um regimento que seu pai comandava.

Era um bonito rapaz, filho de lavradores, mas vestindo bem o seu *dolman* azul, o soldado que seduzira a filha do seu coronel. Ela vira-o, notara-o, amara-o sem duvida ao vê-lo passar diante dos esquadrões. Mas como lhe falara ela, como tinham podido ver-se, ouvir-se? como ousara ela fazer-lhe compreender que o amava? Isso foi o que nunca se soube.

Nada sobre o assunto se adivinhara, nem presentira. Uma noite, como o soldado tivesse já acabado de cumprir o seu tempo, desapareceu com ela. Procuraram-os mas não os encontraram. Nunca mais tiveram novas deles e consideravam-na já como morta.

E eu encontrava-a assim naquele sinistro vale.

Então, disse por minha vez:

— Sim, bem me lembro. E' a menina Suzana.

Ela fez que «sim» com a cabeça. As lagrimas caiam-lhe dos olhos. Então, mostrando-me com um olhar o velho, imovel, no limiar do casebre, ela disse-me:

— E' ele.

E eu compreendi que ela o continuava a amar, que o via ainda com os seus olhos seduzidos.

Preguntei:

— Tem ao menos sido feliz com ele?

Ela respondeu, com uma voz que lhe vinha do coração:

— Oh! sim, felicissima. Ele fez-me inteiramente feliz. De nada tenho que me arrepender.

Eu contemplei-a com tristeza, surpreendido, maravilhado com o poder daquele amor! Aquela rapariga rica seguira aquele homem pobre, aquele camponês. Ela propria tornara-se uma camponesa. Ela tinha-se afeito áquela vida sem encantos, sem luxo, sem delicadesas de nenhuma especie, tinha-se acomodado áqueles habitos simples. E amava-o ainda.

Tornara-se uma mulher rustica, usando touca campesina e saia de estamenha. Comia num prato de barro, sobre uma mesa de pau, grosseira, sentada numa cadeira de taboa, uma sôpa de caldo de couves e batatas com toucinho. Dormia sobre uma enxerga a seu lado.

Nunca mais pensara em nada a não ser nêle!

Não lamentava nem os adornos, nem os estofos, nem as elegancias, nem as fôfas cadeiras, nem a tepidez perfumada dos quartos forrados a tapeçaria, nem a doçura dos colchões de penas, onde se mergulha o corpo para o repouso. De nada tinha precisado que não fosse êle; contanto que êle ali estivesse, ela nada mais queria.

Abandonara a sua vida, completamente joven, abandonara o mundo e os que a tinham criado, amado. E viera, a sós com êle, para aquele vale selvagem. E êle fôra tudo para ela, tudo quanto se deseja, tudo quanto se sonha e sem cessar se espera, tudo o que infinitamente se almeja. Ele enchera-lhe de ventura a existencia, de um a outro extremo.

Ela propria dizia que não poderia ser mais feliz.

Em toda a noite, eu, escutando a respiração rouca do velho soldado estendido no seu grabato, ao lado daquela que o seguira para tão longe, pensava naquela estranha e simples aventura tão completa, feita de tão pouca coisa. E parti quando o sol nasceu, depois de ter apertado a mão aos dois velhos esposos.

* * *

O contista calou-se. Uma das senhoras disse:

— Não importa. Ela tinha um ideal muito comesinho, necessidades muito primitivas e exigencias muito simples. Devia ser estupida com certeza.

Uma outra disse em voz pausada:

— Que importa! foi feliz.

E lá no longe, ao fundo do horisonte, a Corsega entrava na noite, entrava lentamente no mar, apagava a sua grande sombra que aparecera como para vir contar a historia dos dois humildes amantes que em sua orla abrigava.

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4058 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quinta-feira, 20 de Abril de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina da Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A "reportagem" sobre o "raid" Lisboa-Brasil dada ao publico no nosso numero de hontem não foi extraida de nenhum periodico.

Os sacrificados

O sr. dr. Triandade Coelho publica hoje, na *Manhã*, um artigo notavel. Nele analisa o distinto publicista as causas da carestia da vida, não ocultando que, por muito tempo, o surpreenda o facto de não se dar uma reacção violenta contra essa carestia, que, para tanta gente, torna a existencia comparavel a um inferno. Mas o dr. Trindade Coelho, observando friamente a situação, chegou a conclusões que lhe permitem já a compreensão exacta de tal estado de coisas. E não se pode negar que essas conclusões são não só inteiramente logicas, como se tornam irrespondiveis, visto assentarem na evidencia insofismavel dos factos.

Diz o dr. Trindade Coelho que, como nas leis da fisica, a reacção nas sociedades se dá quasi sempre em dois pólos opostos, ou seja entre as camadas alta e baixa. Quem amortece o choque, quem acaba por dominá-lo, é a chamada classe media. Pois bem! A classe média está reduzida á impotencia. Porquê? Porque não ha, na realidade, desacordo entre a camada alta e a camada baixa. Os ricos, os plutocratas, os industriais, os comerciantes, todos os que possuem o dinheiro, que manejam o capital, estão de facto entendidos com os trabalhadores, com os proletarios para uma obra de desequilibrio social. E daí o sacrificio da classe média, que pode ir até ao exterminio; o martirologio horrivel dos pobres, dos fracos, dos verdadeiramente humildes e verdadeiramente sofredores.

Se formos a analisar os principais aspectos dêste problema, entre todos gravissimo, que vemos nós? Vemos que nada tem concorrido mais para a enorme exploração que tem criado autenticas fortunas de Cresos do que as reclamações de aumentos de salarios. E' o que diz o dr. Trindade Coelho. O proletario não reclama o barateamento da vida, mas sim o aumento do salario. E isso o que convem á camada alta, dos ricos, dos especuladores. Por cada aumento de salario ao operario, impõe, desde logo, um aumento muito maior ao consumidor. O pretexto é o aumento do salario. Nas especulações que se exercem em artigos e generos indispensaveis á vida, o resultado é seguro. E, por cada escudo a mais que o operario recebe, são centenas, milhares de escudos que entram nas algibeiras já repletas do comerciante ou do industrial.

Quem está então votado ao sacrificio? Estão votados ao sacrificio a classe média, os remediados de ha pouco, os que não podem especular nem reclamar, exercendo uma pressão irresistivel. Estão votados ao sacrificio os desgraçados, os pobres, os miseros de toda a especie. Por isso não ha revolta. Esses infelizes não podem revoltar-se. Não se revolta o funcionario publico, não se revolta o empregado comercial ou industrial facilmente substituiveis, não se revoltam os mendigos, os invalidos, os desprotegidos da sorte, numa palavra, a triste e lamentavel multidão, que o dr. Trindade Coelho, com rigorosa propriedade, diz ser «a das lentas agonias anonimas».

Estão, pois, tacitamente entendidas as duas classes que até ha pouco lutavam incessantemente. Foi votada ao aniquilamento a classe média. Simplesmente, reconhecer-se-ha, dentro em pouco, que é impossivel, sem ela, equilibrar uma sociedade. Mas é mesmo, na realidade, tão necessaria, que, não existindo ela, onde é que se ha de ir buscar o aumento constante do salario e o aumento ainda mais constante da exploração agricola, comercial e industrial? Um funesto delirio se apossou dos nossos algozes, que hão de acabar por ser vitimas da sua deshumanidade e do seu egoismo.

Cá e lá!...

LONDRES, 20. — O custo da vida na Inglaterra tem continuado a descer lentamente, sendo os ovos um dos artigos que diminuiram mais de preço. — (R).

MANIFESTAÇÕES

«O DIA» EM S. CARLOS, NA FESTA DE HOMENAGEM Á ACTRIZ VIRGINIA — «O DIA» MOSTRA-SE UM POUCO APREENSIVO QUANTO ÁS CONVICÇÕES POLITICAS DOS HEROES DA AVIAÇÃO :—: :—: :—: PORTUGUEZA... :—: :—: :—:

Referindo-se ás manifestações produzidas em S. Carlos, por ocasião da festa de homenagem á actriz Virginia, escreve «O Dia», jornal monarquico da facção do pretendente D. Manoel:

Hontem em S. Carlos, tendo sido anunciado no proscenio e por indicação do «Diario de Noticias», a chegada do hidro-avião «Lusitania» á Praia, em Cabo Verde, houve justas manifestações de alegria e aplauso, ao que todo o publico se associou. Mas não faltou quem logo quizesse tirar efeitos politicos do caso, soltando um «patriota» dum camarote «vivas á republica», que teve a infelicidade de serem fracamente correspondidos e rompendo logo a «Portuguesa», sendo as estrofes guerreiras do himno, que nada vinham a proposito, cantadas no palco.

Que diabo pretendia o jornal realista que se tocasse em S. Carlos? Queria, naturalmente, que se executasse a Maria Cachucha?... Tocou-se e cantou-se o hino nacional, como era justo que se fizesse numa ocasião em que se glorificava um expoente do genio portuguez. E «O Dia», queira ou não queira, ha-de continuar o ouvi-lo... e sempre respeitosamente!

Referindo-se, ainda, ao «Raid» Lisboa-Brazil, «O Dia» escreve:

O feito que se trata de celebrar é nacional e não republicano. Não temos de indagar as convicções politicas de Sacadura Cabral e de Gago Coutinho. São dois portuguezes que honram a Patria e sobre os quais todo o mundo culto e porque se trata duma admiravel prova scientifica e não só dum acto temerario nem de uma doida aventura tem postos os seus olhos! O mais elementar bom senso e todos os deveres de reciproca correcção impõem que se não converta a apoteose dos dois herois que deve ter a maior grandesa numa apologia do regimen, que seria supinamente ridicula e desastradamente inconveniente.

E' claro que o feito é nacional e, por isso mesmo, republicano.

Quanto ás convicções politicas dos dois herois aviadores, sabemos o seguinte:

De 1910 a 1922 houve já tempo, mais que suficiente, para que toda a gente portugueza se pronunciasse pró ou contra a Republica. Vejamos quais foram as demonstrações de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Logo a seguir á proclamação da Republica houve incursões, revoltas e revoltecas monarquicas. Os dois ilustres oficiais, grã-cruzes de Torre e Espada, de Valor, Lealdade e Merito, não participaram de nenhum desses atentados, conservando-se disciplinados e obedientes ás ordens.

Em 1914, ao estalar a guerra, nem Sacadura nem Coutinho se deixaram sugestionar pelo derrotismo: Sacadura ofereceu-se para ir aprender aviação em França; a Coutinho foram confiados postos dificeis na delimitação de fronteiras coloniais. Ambos cumpriram honradamente e brilhantemente os seus deveres de oficiais da Marinha de Guerra Portugueza!

Em 20 de outubro de 1914 deu-se o movimento realista de Mafra, sufocado á nascença pela fidelidade do Exercito e dedicação do povo: Gago Coutinho e Sacadura Cabral não enfileiraram na cegada da revolta.

Em janeiro de 1915 deu-se o famoso movimento das espadas... virgens. As de Gago Coutinho e Sacadura Cabral continuaram, sem perturbações, ao serviço da Republica.

Depois — a data pouco importa — rebentou um movimento a favor do general Pimenta de Castro. Os dois grandes portuguezes não deram a sua adesão.

Mais tarde, já em plena guerra, os oficiais dum regimento de Santarem desertaram em massa, quando a unidade a que pertenciam recebeu ordem de marchar para os campos de batalha. O regimento nem por isso deixou de ir ao encontro do inimigo, porque os soldados repudiaram a cobardia dos oficiais e obedeceram á valentia dos sargentos. Se, porventura, entre a oficialidade do corpo estivessem Gago Coutinho e Sacadura Cabral, eles teriam obrigado, ao pontapé e á bofetada, os cobardões ao cumprimento do dever.

Acode-nos ainda á memoria o famoso 13 de dezembro, movimento derrotista. Mais uma vez os dois grandes lusitanos se conservaram invenciveis á onda do derrotismo, explorado por uma parte da imprensa portugueza.

O dezembrismo deu o poder ao desgraçado Sidonio Pais e tornou possivel o combate de Monsanto, que cobriu de gloria as armas da Republica, e a Monarquia da Trauliteania, que enodoou, mais uma vez, a emporcalhada bandeira dos malhados. Nem Sacadura Cabral nem Gago Coutinho se deslustraram na companhia dos rebeldes!

Temos, pois, o direito e até mesmo o dever de contar entre os republicanos com as figuras homericas dos dois oficiais de marinha. E não temos receio algum, antes pelo contrario, de que a Grã-Cruz da Torre e Espada, com que os honrou, honrando-se, o governo da Nação, sofra, em todo o tempo e em quaisquer circunstancias, a menor obscuridade na sua eloquente divisa: Valor, Lealdade e Merito.

Com grande pesar de «O Dia»!...

A instrução nos Açores

Ha trez anos que se encontram sem verba todas as escolas de Ponta Delgada

Em Ponta Delgada as rendas das casas das escolas não são pagas desde julho de 1920. As despezas de iluminação dos cursos noturnos não são pagas desde então. As despezas com o expediente e limpeza das escolas não são pagas desde março do mesmo ano. As despezas de fornecimentos de mobiliario, material escolar e impressos escolares não são pagas desde 1919!!!

E estão em divida as pensões a professores na inactividade relativas ao ano lectivo de 1919-1920. Não estão ainda pagas as diferenças de vencimentos a alguns professores de vencimentos a alguns professores, devido á promoções de classes, relativas aos anos decorridos de 1917 a 1919.

Tambem estão em debito os vencimentos e subvenção dos professores interinos relativos a julho de 1921! Só as rendas de casas em divida ascendem a dezaseis contos!!!

Veem-se estes sudarios lamentaveis e não se acredita! E continua tudo no melhor dos mundos possiveis! Neste momento em que se alinham frases em que muito eloquencia é dispendida para o levantamento da instrução em Portugal, factos positivos, factos riais e concretos veem demonstrar que aquelas coisas por onde se deve começar estão inteiramente postas de parte.

A absoluta falta de sentimento do ridiculo, a ausencia completa do sentimento das possibilidades, dão estes resultados pasmosos. Um congresso de tecnicos competentes, moralmente apoiado por todas as classes cultas, dispondo de simpatia e do interesse dos poderes constituidos, expõe e desenvolve os planos. Trata-se de dar uma orientação inteiramente nova, um «facies» moderno a todos os processos de instrução geral ás grandes massas. E todos estes planos, todas estas ideias não podem repousar absolutamente em cousa alguma visto que não existe sequer a pedra angular sobre a qual se possam construir edificios duradoiros. Como se pode educar, instruir, orientar professores se eles não existem porque o Estado lhes não paga? Como se pode pensar na higienisação e no conforto das escolas se os imundos cacifos actuais nem mesmo são pagos pelo Estado? E como pode pensar-se na reforma e na renovação do material didatico se o que actualmente existe está cahindo de podre e nem mesmo tem probabilidades de ser substituido?

O que indicamos sobre a instrução no distrito de Ponta Delgada, pode aplicar-se a qualquer outro distrito do paiz. Professores que não recebem os seus vencimentos, escolas que desabam de velhice, dividas que são uma lepra. Este ruir que se alastra por todo o paiz e que já está fazendo da instrução oficial portuguesa uma especie de cadaver, surje por todos os cantos sem que isso incomode ninguem, sem que meia duzia de vontades energias tentem ao menos suster esta torrente caudalosa que nos arrasta para a barbarie.

São decerto louvaveis todas as tentativas para modificar e levantar os processos de instrução e de ensinamento entre nós. Mas todas essas tentativas só se tornam possiveis desde que se conserve o já existente para sobre ele modificar. Doutra forma são apenas palavras, palavras, palavras... E tem isso estas palavras, esta eloquencia constante e facil que nos levaram a uma situação barbara e profundamente ridicula. Dentro em pouco não existirá talvez em Portugal uma escola onde decentemente se possa ensinar a ler. E é sobre este nada que se pretende construir alguma coisa!

SEMPRE OS «EVANGELISTAS!»

As maravilhas da 6.ª Repartição

COMO SE PRETENDE EXCLUIR COM SUAVIDADE OS OFICIAES MILICIANOS QUE PRESTARAM SERVIÇOS AO SEU PAIZ

Chamamos a atenção do sr. ministro da Guerra para um caso grave ocorrido na sua secretaria, que revela um desrespeito completo pela leis vigentes, senão uma ignorancia crassa, o que, vindo prejudicar bastantes oficiais, vem estabelecer um mal estar no Exercito, a que urge, quanto antes, pôr fim.

A *Ordem do Exercito* n.º 5, 2.ª série, de 31 do mês findo, distribuida ha dias, traz, entre outras disposições, a passagem á reserva e á reserva territorial de varios capitães veterinarios milicianos do activo e da reserva, nos termos das alineas *b)* e *c)* do artigo 2.º da lei 743, de 24 de Julho de 1917. 2.ª Direcção Geral da Secretaria da

Unicamente a 6.ª Repartição da Guerra, por onde correm estes assuntos, se esqueceu que alguns desses oficiais estão abrangidos pelo decreto 7823, de 23 de Novembro de 1921, que, no seu artigo 16.º, diz textualmente o seguinte:

«E' permitido continuar na efectividade do serviço, nas fileiras do Exercito, com todos os direitos, vantagens e regalias, que, pela legislação em vigor, são concedidos aos oficiais dos quadros permanentes, podendo serem licenciados quando requererem ao Ministerio da Guerra e não façam falta no serviço da Nação, aos oficiais milicianos e milicianos da reserva, que, tendo estado na efectividade de serviço depois de 7 de Agosto de 1914, o requeiram e estejam em algumas das seguintes condições..., etc.»

O mesmo decreto, no seu artigo 13.º, diz textualmente: «Fica revogada a legislação em contrario».

Vê-se, pois, que aos oficiais milicianos abrangidos pelo decreto n.º 7823 não pode ser aplicada nunca a lei 743, de 24 de Julho de 1917, devido ao artigo 13.º do decreto 7823, que revoga toda a legislação em contrario.

Não oferece duvida a ninguem, a não ser á 6.ª Repartição da 2.ª Direcção Geral da Secretaria da Guerra, que aos oficiais milicianos ao abrigo do decreto 7823 só deve ser aplicada, além da letra do mesmo decreto, a legislação aplicada aos oficiais dos quadros permanentes, em virtude do determinado no artigo 8.º do decreto já citado, que diz que os oficiais milicianos abrangidos por ele ficam com todos os direitos, vantagens e regalias dos oficiais dos quadros permanentes e que toda a legislação referente a oficiais milicianos deixou de existir para os oficiais milicianos abrangidos pelo decreto 7823, em vista do artigo 13.º, que revoga toda a legislação em contrario.

E, tanto assim é, que o referido decreto, para regular a promoção dos oficiais milicianos, cita o artigo 429 da lei de 25 de Maio de 1911, pois que se o não tivesse feito, esse artigo ficava tambem revogado.

Assim, a aludida 6.ª Repartição não hesitou em aplicar a oficiais milicianos, ao abrigo do decreto 7823, a lei 743, de 24 de Julho de 1917, para eles revogada pelo artigo 13.º do mesmo decreto, prejudicando-os, pois que lhes cercem as regalias fixadas no artigo 469.º da lei de 25 de Maio de 1911, que, pelo artigo 8.º do decreto 7823, são extensivas aos milicianos abrangidos pelo referido decreto. O artigo 469.º diz:

«Os oficiais dos quadros permanentes terão passagem á situação de reserva quando atingirem as idades abaixo designadas... tenentes-coroneis, majores e capitães, 60 anos.

Isto é, a 6.ª Repartição, pela aplicação ilegal da lei 743 a alguns capitães veterinarios, passaos á reserva com 36 anos, quando eles, por estarem ao abrigo do decreto 7823, têm, como os seus camaradas do quadro permanente, o direito de estarem no activo até á idade de 60 anos.

Mas a 6.ª Repartição nem sequer se importou em saber se alguns desses oficiais, conforme a propria lei 743 lhes faculta, quereriam requerer para continuar no activo até aos 45 anos e fingiu ignorar que alguns desses oficiais estavam ao abrigo do decreto 7823 e que, portanto, a esses, essa lei era inaplicavel.

E dizemos fingiu ignorar, porque foi a propria Repartição que comunicou para as unidades a que alguns desses oficiais pertenciam, que, por resolução da comissão de que trata o artigo 12.º do mesmo decreto, passavam á efectividade de serviço nos termos do mesmo decreto.

As consequencias deste criterio, além de profundamente ilegal, são pessimas e desmoralisadoras e, para estes factos, chamamos a atenção do sr. ministro da Guerra, conscios de que ele fará justiça, cumprindo-se a lei, anulando-se para isso as passagens á reserva nos termos da lei 743, dos oficiais milicianos abrangidos pelo decreto 7823.

A RECONSTRUÇÃO

A Conferencia de Genova

EM PRESENÇA DA INSUSTENTAVEL SITUAÇÃO EUROPEIA OS DELEGADOS PREPARAM ACORDOS QUE TALVEZ VIVAM COMO AS :—::—::—: ROSAS DE MALHERBES :—::—::—:

Começa agora a Conferencia de Genova, depois de todos os almoços preliminares e de varias escaramuças de palavras, a entrar numa feição definitivamente mais pratica. E pode agora concluir-se que alguma coisa farão os delegados das potencias europeias.

A Conferencia, apesar de ser muito discutida e muito preparada, esteve primitivamente destinada a não se celebrar nunca. Muitos vultos em destaque na politica do mundo, fundamentando-se em solidas razões tornavam-na com uma vaga possibilidade, util como espantalho. E a França, em Espanha e ainda na Belgica a sua realisação encontrou renitencias pelo temor que uma reconstituição da Europa fundada no renovamento da actividade industrial alemã viesse reviver os belos onços da «Deutschland uber alles». E a França que sistematicamente põe de parte toda a eventualidade duma possivel ressurreição germanica, não morria de amores por um acordo que fatalmente terá de fazer entrar o ex-imperio em linha de conta.

Todavia a Inglaterra principiou a sentir-se isolada vendo a pouco e pouco paralisarem as suas industrias tendo de sujeitar-se a possiveis consequencias desastrosas, provenientes da atmosfera em que se encerrara. De facto a Grã-Bretanha sentia a necessidade da conferencia e a imensa maioria das nações europeias viram realmente nela um processo salvador que poderia arrancal-as da sua angustia economica. A Italia, a Belgica, a Holanda e a Suissa, paises exportadores, que dia a dia tem visto definhar e perecer as suas industrias, acolheram sofregamente o projecto de Genova. Os paises escandinavos estreitamente ligados em outro tempo á vida comercial da Russia, previram a possibilidade de reanimarem a sua produção. E os estados balkanicos e as novas nações formadas depois da guerra no centro e oriente europeu, desprovidos de meios de transporte e de elementos para sairem da sua estagnação, afeiçoaram-se á ideia de receber um auxilio financeiro que lhes permitisse um regresso á vida productiva. E por ultimo a Russia sovietista, enredada na sua colossal miseria, estendeu sofregamente a mão á idéia da Conferencia.

Assim se formou um nucleo de vigorosa opinião com tendencia a eliminar os sentimentos politicos da guerra que infelizmente tem obstruido a corrente circulatoria da economia europeia. O resultado traduziu-se logo em multiplas comissões que se deitaram ao assunto. E assim a conferencia de Genova conseguiu iniciar-se.

O que ela nos reserva é ainda prematuro anunciar-se.

Sahimos a custo de um periodo de dissociação, animado dum grande espirito destrutivo. A guerra levantou entre os povos grandes barreiras de egoismo, de incompreensão e de hostilidades. E como estas barreiras se tornam cada vez mais insustentaveis muito provavelmente de Genova sahirão a expansão e a liberdade.

Estão pois frente a frente trinta interesses diversos e que podem ter uma capital influencia na economia politica e financeira da Europa.

Os delegados começaram por se zangar diplomaticamente; depois comeram; depois intrigaram; e finalmente, dada a absoluta impossibilidade de se continuar com a Europa atual, cairam, sempre diplomaticamente nos braços uns dos outros.

O sr. Lloyd George não tem sido feliz. A politica imperialista e essencialmente militar da França parece ter alcançado algumas vantagens muito embora ameace estender-se a antipatia que causa uma tal corrente de ideias. A Russia difinia-se aproximativa e cordata. Muito em breve virão conclusões.

Zangam-se os delegados da Suissa e da Suecia

GENOVA, 20 — Os delegados da Suecia e da Suissa dirigiram uma reclamação ao sr. de Facta presidente da conferencia pelo facto de terem sido excluidos de discussões importantes e ameaçaram abandonar a conferencia se não lhes for dada satisfação. — (R).

O acordo germano-russo

GENOVA, 20. — E' impressão geral que a conferencia não será interrompida por causa do incidente do acordo germano-russo. Rathenau conseguiu convencer os jornalistas inglezes e americanos de que a Alemanha não tinha procedido com deslealdade. — (R).

Lloyd George procura concertar

GENOVA, 20. — Ontem á noite Lloyd George teve uma conferencia de quasi duas horas com o chanceler Wirth e dr. Rathenau sobre o acordo germano-russo tendo os delegados alemães tentado explicar as causas que determinaram a assinatura do tratado. — (R).

O protesto alemão

PARIS, 20 — Segundo informações recebidas de Genova pela Agencia Havas, a resposta dos alemães á nota que lhes dirigiram os aliados, tomara a forma de um protesto. Os alemães explicam na sua resposta que teriam compreendido que o presidente da Conferencia, em nome da toda a assembleia, se dirigiria á Alemanha ou que analogo documento seria redigido pela comissão dos negocios russos ou pela sub-comissão, falando em nome de todos os delegados. A resposta contesta ao grupo de potencias que tomam parte na Conferencia o direito de tomar providencias contra qualquer delegação e que os aliados se equivocam sobre uma parte do tratado separado, censurando a Alemanha, tratado cujo objecto é restricto e não pode constituir uma aliança geral entre a Alemanha e a Russia. A Alemanha estaria pronta a pôr o tratado em harmonia com as resoluções da Conferencia de Genova, pedindo naturalmente para se explicar perante a sub-comissão dos negocios russos. Supõe-se que o sr. Barthou, como representante da França, se oporia á admissão da delegação alemã nas deliberações da sub-comissão dos negocios russos. (H.).

O tratado russo-alemão

BERLIM, 20. — O embaixador inglez Lord Abernon interrompeu a sua estada em Baden-Baden e voltou para Berlim. Os circulos ingleses nesta cidade dizem que Lord Abernon já ha semanas que tinha sido informado do acordo que se estava negociando tendo informado o Foreign Office do que se passava. Por isso a surpresa havida em Genova não foi por causa do acordo em si mas pela data em que se tornou publico. — (R).

BERLIM, 20 — O ministerio dos Negocios Estrangeiros explicou aos representantes da imprensa as causas porque o tratado foi assinado no precisio momento em que se estava realisando a conferencia de Genova. A principal razão foi o facto de já ha alguns dias se estarem fazendo negociações particulares entre os representantes dos aliados e os dos soviets tendo os delegados alemães feito sentir que a continuarem taes negociações sem o conhecimento dos delegados alemães, eles no seu proprio interesse seriam obrigados a fazer outras combinações. Tendo continuado as negociações entre a Russia e a Entente essas combinações trouxeram a assinatura do tratado germano-russo. — (R).

PARIS, 19 — E' proposito do sr. Poincaré convidar o sr. Dubois, representante francez na comissão das reparações, a dar oficialmente conhecimento á mesmo comissão da questão juridica suscitada pela conclusão do tratado germano-russo. O sr. Poincaré convidaria igualmente os governos aliados a darem instruções analogas aos seus delegados, com o fim de ser examinado pela comissão o mesmo tratado e seria ainda seu proposito convidar os governos aliados a entenderem-se, com o fim de se levar a efeito um protesto colectivo em Berlim. — (H.).

Dois milhões de homens desempregados

LONDRES, 20. — O numero de pessoas completamente sem emprego era no dia 10 de 1.718.400 tendo havido uma diminuição de 24.117 comparado com o dia 3. — (R).

A agitação irlandesa

LONDRES, 20. — Ontem houve novos disturbios em Belfast tendo morrido 5 pessoas. — (R).

Erupção do Krakatoa

MELBOURNE, 19. — Informam da Nova Guiné que está iminente uma nova erupção do Krakatoa vomitando a cratera grandes chamas e sentindo-se continuadamente grandes abalos scismicos.

N. R. — O Krakatoa, um dos maiores vulcões do mundo, está situado na Oceania e as suas erupções sempre formidaveis, provocam habitualmente grandes catastrofes na parte do Oceano Pacifico que o rodeia.

Curadoria de S. Tomé

Foi ontem publicada no *Diario do Governo* a seguinte portaria:

Tendo-me sido presente o inquerito aos serviços da Curadoria Geral dos Servicais e Colonos da provincia de S. Tomé e Principe, em especial aos da Repartição do Cofre do Trabalho e Repatriação, de que havia sido encarregado, por portaria ministerial de 7 de Março de 1921, o juiz da Relação de Coimbra, dr. José Maria Cipriano Pereira da Silva, bem como o relatorio por êste elaborado e o parecer que sôbre o assunto emitiu a secção judicial do Conselho Colonial;

Considerando que as irregularidades cometidas por alguns aspirantes indigenas de 2.ª classe da Repartição do Cofre de Trabalho e Repatriação, procurou o respectivo curador geral, dr. Antonio Augusto Correia de Aguiar, logo que delas teve conhecimento, chamar á responsabilidade os empregados delinquentes, e tomou todas as medidas tendentes ao apuramento da verdade e á reparação dos prejuizos causados, não lhe cabendo em tais faltas a menor parcela de responsabilidade;

Considerando que no referido inquerito ficou posta em relevo, quer pelo juiz que a êle procedeu, quer pelo parecer da Secção Judicial do Conselho Colonial, a perfeita honorabilidade, competencia, acrisolado zêlo e imparcialidade com que o mesmo Curador Geral procedeu sempre no exercicio das suas atribuições, bem como o inteligente criterio e patriotismo com que se houve na execução dos serviços a seu cargo, qualidades estas que até os seus acusadores põem acima de toda a suspeita e cuja afirmação está em perfeita harmonia com a já honrosa folha de serviços prestados pelo mesmo funcionario no desempenho de anteriores funções no ultramar;

E considerando, finalmente, que resta liquidar os prejuizos causados ao Cofre de Trabalho e Repatriação, punir os empregados delinquentes e averiguar se mais alguma falta da mesma natureza existe nas folhas de pagamentos aos serviçais cujo exame não pôde realizar-se durante êste inquerito, e bem assim tomar as necessarias providencias para uma mais adequada reorganização da aludida Repartição do Cofre, de modo a evitar confusões e irregularidades como as agora verificadas;

Manda o Govêrno da Republica Portuguesa, pelo Ministro das Colónias, louvar o curador geral dos Serviçais e Colonos da provincia de S. Tomé e Principe, dr. Antonio Augusto Correia de Aguiar, actualmente na metrópole, e, conformando-se com o parecer da Secção Judicial do Conselho Colonial, determina que o mesmo curador elabore e submeta á aprovação dêste Ministerio uma proposta em que se indiquem a melhor forma de se fazer a liquidação dos prejuizos causados ao Cofre do Trabalho e Repatriação, a verificação de quaisquer outras faltas que existam nas folhas de pagamento aos serviçais, as bases duma mais perfeita organização da Repartição do Cofre, devendo proceder-se, sem perda de tempo, ao apuramento das responsabilidades e instaurando-se os competentes processos disciplinares ou criminais aos delinquentes.

Teve assim o seu natural desfecho o inquerito a que se havia mandado proceder; e a nós só nos cumpre felicitar efusivamente o sr. dr. Antonio de Aguiar pela justiça que acaba de lhe ser feita e por mais uma vez terem sido postos em relevo os seus indiscutiveis meritos de colonial distintissimo. Prestamos tambem a nossa homenagem á isenção e honradez do sr. ministro das Colonias, bem reveladas na portaria que fica transcrita.

O Congresso do P. R. P.

No teatro Sousa Bastos, em Coimbra, realisa-se amanhã a abertura do Congresso do Partido Republicano Portuguez. Para esse fim reuniram-se já no Porto e em Coimbra varias entidades em destaque no partido e tudo anuncia que a dessidencia espiritual cavada dentro do partido trará uma discussão, ou melhor ainda, um libelo acusatorio contra o sr. Antonio Maria da Silva.

Atacar-se-hão no congresso todas aquelas medidas, todas aquelas ideias que ao P. R. P. não pareçam suficientemente radicais.

As prisões e transferencias de oficiais motivadas no outubrismo e suas derivações, a falta de severidade no cumprimento da lei da Separação, a imposição do barrete de Mgr. Locatelli que pode subintender uma aproximação com a Santa Sé, serão passadas em revista e atacadas com fervor. Mas como dentro do partido nem o sr. dr. Domingues dos Santos nem o sr. Herculano Galhardo teem as condições de suficiente radicalismo que permitam concretisar em homens as ideias e as correntes de opinião que o P. R. P. vai formular, o sr. Antonio Maria da Silva continuará no poder, com o apoio do seu partido e a maioria dentro do Parlamento.

Os Bairros Sociais

E o manifesto de defesa dos operarios

Os operarios dos Bairros Sociais publicaram um manifesto em sua defesa, alegando entre outras rasões de descalabro, o numero extremamente elevado de operarios que neles trabalham e que afirmam serem á mais.

A afirmação de ser necessario o despedimento de 1000 operarios é falha de fundamento se atendermos á seguinte quantidade de pessoal existente na construção do Bairro Social do Arco Cego e assim distribuido:

COMANDITAS—Carpinteiros 121, meios-oficiais 30, aprendizes 31; canteiros 30; aprendizes 9; pedreiros 298, meios-oficiais 53, aprendizes 23; serventes de pau e corda 74, ordinarios 244; caeiros 78; funileiros 1, ajudante 1. Total 1007.

Seguidamente submetemos á apreciação do publico a nota do pessoal ao serviço da administração:

Capatazes 5; serventes arvorados 2; aux dos encarregados 1; caeiro 1; serventes 153; fabricantes de cal 2.

Oficinas de carpintaria.—Chefe de oficina 1; carpinteiros 2, ajudante 1, aprendiz 1.

Oficina de serralharia. — Chefe de oficina 1; ferreiros 2, ajudante 1; serralheiros 6, ajudantes 2, aprendizes 2; funileiro 1.

Diversos serviços.—Chefe de guardas 1; rondista dos guardas 1; guardas 32; serradores 4; pintor 1.

Serviço de transportes.—Chefe de Secção 1; apontador 1; chauffeurs 7, ajudantes 6; serralheiros 4, ajudante 1; casquilheiro 1; carpinteiro 1, ajudante 1; pintor 1.

Posto de socorros.—Enfermeiro 1; ajudante 1; praticante 1; servente 1.

Todo este pessoal é superiormente dirigido por:

Engenheiro 1; secretario 1; escriturarios 2; encarregados 2; comandatarios 56; apontadores 19.

Alem de todo este pessoal existe nos armazens de materiais e ferramentas o seguinte:

Fiel 1, ajudante 1, auxiliar do Fiel 1; ajudante 1; escriturarios 2, auxiliar 1; ferramenteiro 1, ajudante 1.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque. . . .	4 1/4— 4 1/8
» 90 dias. . . .	4 3/8— —.—
Paris, cheque	1186— 1223
Suissa, cheque.	2480— 2561
Belgica, cheque	1092— 1125
Italia, cheque.	701— 722
Berlim, cheque. . . .	42— 48
Holanda, cheque. . .	4851— 4998
Madrid, cheque . . .	1986— 2046
New-York, cheque. . .	12794— 13181
Brazil, cheque.	— —
Austria, cheque. . . .	1— 3
Noruega, cheque. . . .	2439— 2513
Suecia, cheque	3516— 3622
Dinamarca, cheque. . .	2713— 2795

Libras . . . . . 61$50 — 64$00

MUSICA

Um festival russo no teatro Politeama

Neste movimento de modernisação em que, desde ha tempos, andamos empenhados se já alguma coisa se tem feito, muito se tem ainda que realisar. Um dos paizes em que a musica foi cultivada com mais genio foi indubitavelmente na Russia. E foi sempre com um grande prazer espiritual que nós vimos, depois da expansão que lhe deu David de Sousa, o modo porque ela é cultivada caindo bem no nosso temperamento e na nossa sensibilidade artistica. No entanto dentro das maravilhas eslavas muito nos falta ainda conhecer.

As suas operas, as suas canções são misterios que lovemente serão desvendados num concerto que na proxima segunda feira se realisará no Politeama.

Quatro artistas russos, o maestro Samossond, Sabanieewa, Sadoven e Bobira que cantaram em S. Carlos, que fizeram a temporada lirica no S. João do Porto e que voltaram a Lisboa antes de sairem de Portugal, quizeram, num gesto que devemos abençoar, fazer um recital de adeus em que a musica russa será interpretada pelos seus artistas da forma que eles sentem a sua Arte.

No programa, dentro de varias primeiras audições, serão executados trechos de operas russas que nós ainda não conhecemos.

E' pois mais um passo para a expansão da musica russa entre nós e que nós devemos receber com um grande entusiasmo.

O problema do Carvão

Preocupa seriamente a Inglaterra que tenta elevar a sua extracção e exportação para alargar a capacidade do consumo mundial

Os alicerces basicos sobre que a prosperidade da industria britanica se fundou solidamente constitue-os a abundante e barata provisão de carvão existente adentro das margens da Grã Bretanha. Além disto, o carvão, em tempo normal, joga um papel extremamente importante no comercio da nação com o ultramar, emquanto que o combustivel barato é igualmente o sangue vitalizador da industria dos transportes maritimos britanicos. Os progressos da industria carvoeira britanica são, por conseguinte, de uma importancia de primeira ordem para toda a vida economica do Reino Unido. A marcha desta vital industria em 1921 foi tão notavel e significativa, que o seu estudo chama a nossa mais profunda atenção.

Pelo que toca á industria das minas de carvão, o ano de 1921 pode dividir-se em quatro periodos. Os primeiros três meses do ano constituiram a ultima parte do «controle» e do subsidio do governo estabelecido durante a guerra. O segundo trimestre, de 1 de Abril a 30 de Junho, coincide rigorosamente com o tempo em que todas as minas de carvão do paiz estiveram paralizadas, devido á grande controversia e conflito sobrevindos á industria e que irromperam no fim de Março. Em Julho recomeçou uma activa produção, em resultado dos termos do acordo que solucionou a gréve e que forneceu um pequeno subsidio temporario, vindo a expirar no fim de Setembro.

O ultimo periodo trimestral do ano, desde o primeiro de Outubro a 31 de Dezembro, foi a primeira fase de trabalho livre, sem «controle» e sem subsidio.

As estatisticas oficiais do governo, relativas ao ultimo trimestre do ano, ainda não se acham publicadas, mas existem informações com dados suficientes para uma revista quasi exacta do desenvolvimento tomado pela dita industria durante o ano.

Duas foram as principais caracteristicas da historia do carvão britanico no ano transacto — a grande redução nos salarios e o verdadeiramente consideravel aumento da produção pelo operario. As condições a respeito dos salarios e da produção variam imenso nas diferentes areas mineiras; mas, se tomarmos a industria em globo, achamos que a média salarial por semana baixa de libras 4-4s, no primeiro trimestre do ano para libras 2-16s no ultimo trimestre.

Ao mesmo tempo, á produção de carvão por cabeça de operario empregado elevou-se de quarenta e quatro toneladas de Janeiro a Março, até acima de cincoenta e sete toneladas no periodo de Outubro a Dezembro. Por consequencia, a conta relativa aos salarios a fim de transportar uma tonelada de carvão para o alto da mina, diminuiu de mais de metade, baixando de libra 1-9s-8d no primeiro trimestre a 13s-8d no ultimo. O custo total — incluindo todas as outras despesas, bem como os salarios — desceu, no mesmo periodo, de um pouco mais de libras 2 por tonelada até um pouco abaixo de 1 libra por tonelada.

No primeiro trimestre do ano, 1.213.204 mineiros — a média dos trabalhadores empregados neste periodo — produziram perto de cincoenta e quatro milhões de toneladas, e no quarto trimestre 1.059.391 operarios extrairam cêrca de 61.250.000 toneladas. Sabe-se que desde o principio do corrente ano de 1922 a produção de carvão por operario declinou. Eu creio que esta informação diz a verdade, se a tomarmos isoladamente. Mas esta declaração, só por si, pode dar ocasião a enganos importantes. Qualquer diminuição pequena neste sentido pode ser considerada como uma reacção que não estava longe de ser esperada depois do largo e rapido aumento de produção em 1921, como mostram as cifras que acabo de indicar. Seria dificil exagerar a importancia destes numeros, os quais neste momento constituem a mais prometedora caracteristica das perspectivas industriais britanicas.

Infelizmente, a industria ainda não sentiu todo o benefico resultado do duro e forte trabalho dos mineiros e do grande sacrificio por eles consentindo nos salarios, porque na realidade o preço dos fretes por caminho de ferro foi mantido pelas Companhias a um nivel muito alto e por causa da continuação da depressão do comercio mundial. Esse beneficio, porém, com o andar do tempo, deve fazer-se sentir mais largamente e com maior firmeza.

O comercio de exportação do carvão apresenta uma notavel e esperançosa feição. Em Janeiro de 1921, as exportações de carvão britanico elevaram-se apenas a 1 milhão e setecentas mil toneladas. Em Dezembro ultimo, elas subiram a 4.309.000 toneladas. Vão-se arrastando em direcção ao nivel anterior á guerra. Durante o ano os preços de exportação do carvão sofreram uma baixa sensacional. Em Janeiro a média de cada tonelada exportada era avaliada em libras 3-5s-4d; em Dezembro era-o em libras 1-4s-10d. Ao mesmo tempo que se reduziu o preço, a procura estrangeira aumentou e sem duvida esta ultima vai tornar-se cada vez mais vasta, visto que o comercio mundial começa a trilhar o caminho da sua restauração.

A Provincia na "Capital,,

PORTIMAO, 19.—Faleceram os srs. Antonio José Rodrigues Vinha, Antonio Maria da Trindade e D. Ana Nerão Buizel.—(H).

FARO, 19.—Os barcos espanhois apanharam hoje bastante peixe proximo da barra de Olhão e Fuzeta. Na proxima semana já ficam algumas armações de atum prontas a pescar.—(H).

Uma comemoração do "raid,,

Recebemos uma colecção de postais comemorativos do «raid» Lisboa-Brasil, em que se veem os retratos dos bravos aviadores e o do aparelho «Lusitania», sendo por isso muito interessantes e dignes de por todos ser adquiridos como uma recordação.

TAUROMAQUIA

As corridas de Algés

As corridas de Algés são, de ha muito, nas nossas epocas toureiras, divertimentos indispensaveis, aonde o publico veiu de boa vontade buscar, em vez de sensações de arte, algumas gargalhadas, com os intervalos intermedios comicos e com as coisas picorescas a que muitas vezes tem ensejo a inexperiencia e o atrevimento dos toureiros principiantes. Por isso será recebida com satisfação a noticia de que já ali ha corrida no domingo, trabalhando a cavalo o valente José Gomes e ensaiando-se a pé Henrique Bandeira, Joaquim dos Santos, Alvaro da Conceição Pereira, José Marques, Luiz dos Anjos e Raul dos Santos experimentarão a sua coragem para forcados Joaquim Espla (cabo) Mateus Pardal, Eurico da Silva, Joaquim Ribeiro, Anibal Gonçalves e Alberto Gomes.

Ha dois intermedios comicos. Um deles é uma scena dum jantar de casamento num restaurant de Bemfica e intitula-se «O D. Juan da Feiteira»; o outro são «Os Toureiros Desopilantes».

Toureiros de alternativa auxiliarão os amadores.

Em poucas linhas

Está aberto o Balneario desta Misericordia sito na rua da Esperança, onde das 7 ás 15 horas de todos os dias, excepto ás segundas-feiras, poderão tomar banho todas as pessoas que ali se dirigirem.

—Aos mutilados da Grande Guerra, mesmo os que se encontram empregados, serão reservados logares especiais durante os dias das festas em homenagem aos aviadores, devendo comparecer fardados.

—O presidente da «União Gaulesa» vai convocar uma reunião na rua Nova do Almada, 81 2.° E., para tratar de algumas modificações a introduzir nos estatutos da inscrição de novos socios e fixar, de comum acordo, a data para um banquete ao qual assistirá a Imprensa de Lisboa.

ULTIMA HORA

"Raid,, Lisboa-Brazil

Vem a caminho de Lisboa o cruzador "Carvalho Araujo,,

Conforme já foi noticiado, o governo expediu ordem telegrafica ao cruzador «Carvalho Araujo» para regressar a Lisboa. Este navio de guerra que, como se sabe, fora a Alger, devia ter largado hoje de manhã.

O «Carvalho Araujo» deve estar no nosso porto no dia 23 á noite, carregando imediatamente o hidro-avião que vai substituir o «Lusitania» e seguindo para S. Vicente de Cabo Verde no dia imediato isto é, a 24 do corrente. E' indispensavel que o cruzador toque em S. Vicente para meter carvão, no que não gastará mais de doze horas. De Cabo Verde o «Carvalho Araujo» seguirá para os Penedos de S. Pedro e S. Paulo.

O cruzador «Republica», tendo a bordo os gloriosos aviadores, deve chegar amanhã a Fernando Noronha, onde esperará ordens do governo.

E' natural que largue de Fernando do Noronha para os Penedos nos dias 3 ou 4 do mez proximo, afim de se encontrar com o «Carvalho Araujo». Se, todavia, o «Republica» necessitar de carvão, irá toma-lo em Pernambuco, visto que Fernando Noronha não é estação Carvoeira.

O novo hidro-avião segue encaixotado e será desencaixotado e armado nos Penedos. As operações terão de ser feitas a bordo do «Carvalho Araujo» cuja popa é suficientemente espaçosa.

Pensou-se em embarcar o hidro-avião num dos nossos «destroyers», provavelmente no «Vouga» que, fazendo 23 milhas á hora, em marcha moderada, alcançaria os Penedos muito mais depressa que outro qualquer navio. A ideia foi posta de parte, porque se reconheceu que o «destroyer» não tinha acomodações para tal carga.

Tambem se examinou a hipotese de remeter o avião por um paquete estrangeiro, que larga de Lisboa para a America do Sul na proxima segunda feira Os Penedos, porém, ficam fora das linhas habituais de navegação e não teem possibilidade de neles se descarregar.

Examinadas estas e outras hipoteses, reconheceu-se que a unica viavel e pratica era a de aproveitar-se o «Carvalho Araujo» e é isso que se vai fazer.

O cruzador «Carvalho Araujo» devia demorar-se ainda alguns dias em Alger, para que os oficiais e praças tomassem parte em algumas festas que lá se realisavam, em honra do presidente Millerand. Estava anunciada mesmo uma visita ao cruzador, feita pelo presidente da França e talvez pelo Sultão de Marrocos. A necessidade de retirar o cruzador o mais cedo possivel impedia o governo portuguez de satisfazer os desejos dos dois chefes de Estado. Em todo o caso a missão que levou a Alger o cruzador «Carvalho Araujo» cumpriu-se integralmente, visto que o navio tomou parte na revista naval, realisada no porto marroquino no dia 19 do corrente.

Varios consules de Portugal no Brazil, entre os quais os de Pernambuco e Maranhão, telegrafaram ao governo, em nome das colonias portuguezas que representam, pedindo que seja mandado outro avião, afim dos heroicos aviadores Sacadura e Gago Coutinho concluirem a viagem.

Noticias do Porto

Na estação do Tua deu-se hoje a explosão dum tubo de locomotiva de um comboio que ali estacionava, tendo morte instantanea o limpador Emidio Ribeiro. O maquinista Serafim Gomes ficou gravemente queimado.

—Seguiu para Lisboa a requisição das autoridades o cebre gatuno «Pé-Curto».

Tribunal de Defeza Social

No Tribunal de Defesa Social foram hoje julgadas 22 mulheres, presas nas recentes rusgas.

Foram julgadas por turnos. Do primeiro turno, foram absolvidas cinco e condenadas a ser entregues ao Governo as restantes.

A' hora a que escrevemos, continuam os julgamentos.

O "20 de Abril,,

A lei da Separação da Egreja do Estado

Passando hoje mais um aniversario da promulgação da lei que separou a Egreja do Estado, foi o dia comemorado, como de costume, com manifestações de regosijo entre os livres pensadores. Deitaram-se bombas e foguetes e embandeiraram alguns edificios particulares.

A Associação do Registo Civil apresentou, ao fim da tarde, ao chefe do Governo, uma mensagem, pedindo o restrito e absoluto cumprimento das leis anti-congreganistas.

A mensagem era assinada pelos srs. Magalhães Lima, Daniel Rodrigues, Gomes da Silva, Julio Alberto de Sousa, Cesar da Silva, Barros Freire, Xavier das Neves, Julio Martins Peres, Barros Lima, Americo Fernandes, Elidio dos Santos, José Branco Nunes Correia, Carrazedo de Andrade e Borges Grainha.

Na Presidencia do Ministerio esteve tambem uma delegação da Loj.·. Liberdade, filiada no Gr.·. Or.·. L.·. U.·., que instou com o chefe do Governo por providencias imediatas, repressivas de infrações á lei da Separação da Egreja do Estado.

Conselho de Ministros

O Conselho de Ministros esteve hoje reunido na secretaria do Interior, desde as 11 horas até ás 14. Segundo nota que forneceu á imprensa, discutiu e aprovou algumas propostas de lei que o sr. Ministro da Guerra tenciona apresentar ao Parlamento e apurou depois varias questões correntes de administração publica.

Foi descoberta uma conspiração monarquica-dezembrista-popular

Entretanto parece que se não realisarão prisões

Sabemos que o governo está de posse em todos os seus pormenores dos manejos de revolucionarios monarquicos, dezembristas e populares que se propunham destituir e expulsar do paiz o Chefe do Estado derrubar o Ministerio, dissolver o Congresso da Republica e proclamar a ditadura militar.

O movimento rebentaria (ou rebentará...) até ao proximo dia 26.

Citam-se os nomes de algumas individualidades de certo destaque como devendo ter participado nos trabalhos da conspiração. Abstemo-nos de os citar, por enquanto.

O Governo dizia-se hoje bem informado de tudo quanto se tramava e não demonstrava a menor inquietação.

Segundo uma versão, estão eminentes algumas prisões; segundo outra—e é essa a que nos merece mais confiança—o Governo não adotará medidas preventivas, preferindo esperar pela eclosão do movimento para o sufocar nas primeiras horas.

Parece que o novo movimento revolucionario seria iniciado por assassinios, mas estas afirmações repugna absolutamente de ser acreditada.

Em conferencia com o sr. Presidente do Ministerio estiveram esta tarde alguns homens publicos de alta representação, não sendo estranhas á conferencia as hipoteses duma proxima ou até eminente alteração da ordem publica.

O Chefe do Governo a todos garantiu que o governo possuia os elementos necessarios para a repressão de quaesquer desordens.

A canhoneira «Mandovi», levando a bordo a artilharia que estava no forte Lavadouro, saiu do Douro para Leixões, com destino a Lisboa.

A conferencia

GENOVA, 20.—Até ao meio dia a Alemanha não tinha entregue a sua resposta; parece contudo que ela aceita o ser excluida de tomar parte na comissão dos negocios russos mas pretende continuar a colaborar nas outras comissões.—(H.)

GENOVA, 20.—Assegura-se que se operou um reviramento nas intenções da delegação alemã, a qual já não aceitará a exclusão e prepara um novo projecto nota que apresentará antes de acabar o dia.—(H.)

Perigoso gesto de um louco

Alvejou com 5 tiros o presidente do Senado sr. dr. Pereira Osorio

O soldado *chauffeur* da secção de transportes da G. N. R., Armindo do Carmo, foi hoje, pelas 8 horas e meia, atacado de alienação mental quando se encontrava no quartel do Carmo. Ali praticou varias tropelias, mostrando querer defender-se de fantasticos inimigos e perseguidores, que, segundo dizia, faziam parte de uma seita que havia preparado a sua morte. O Armindo do Carmo, que era um belo rapaz, muito trabalhador e querido na corporação, já ha dias que dava indicios de não estar no pleno uso das faculdades mentais, e nas suas conversas mostrava sempre os receios de que estava possuido de que queriam atentar contra a sua vida. O desgraçado atacado da monomania de perseguição olhava desconfiado os seus mais intimos amigos e deles fugia como o diabo da cruz, gritando e barafustando que se defenderia conforme pudesse.

Ainda não ha muitos dias o infeliz, seguindo por um dos corredores do quartel do Carmo, estacou subitamente e, olhando esgaseadamente o espaço, gritou exasperado:

— Eles lá estão. Eis os meus inimigos. Trazem todos gravata preta e flor vermelha na *botonière*. Eu vou-me a eles...

E houve um trabalho insano para acalmar o desgraçado, que á viva força queria defender-se de quem o não atacava.

Hoje, de manhã, um acesso mais violento atacou o pobre rapaz, que, empunhando a sua pistola, correu desvairado pelos corredores, vindo parar no largo, em frente ao quartel. Passava ali, na ocasião, o sr. dr. Pereira Osorio, presidente do Senado, que se dirigia para a estação do Rocio, a fim de tomar o comboio que o havia de conduzir a Coimbra, onde, como é sabido, se realisa ámanhã o congresso do P. R. P. e ao qual o referido senador vai assistir.

O tresloucado *chauffeur*, estacando subitamente em frente do sr. dr. Pereira Osorio, exclamou:

— Cá está outro inimigo. Tambem este faz parte da seita. Traz gravata preta e flor vermelha na *boutonnière*...

E, agarrando fortemente na gola do casaco do presidente do Senado, como que procurando subjugá-lo, apontou-lhe a pistola á cabeça, disparando em seguida 5 tiros.

O *chauffeur* Carmo estava, como é natural, nervosissimo e devido á agitação do momento, não precisou bem, felizmente, a pontaria, razão porque errou o alvo, indo uma das balas chamuscar ligeiramente a garvata da sua vitima.

Na ocasião passava tambem pelo local o sr. Antonio Joaquim Barbosa, funcionario publico, que foi atingido por uma bala numa coxa. Ao ruido das detonações, apareceram varias praças da G. N. R., que trataram de desarmar o infeliz louco, conduzindo-o para o quartel, donde mais tarde foi transferido para a sua unidade nas Janelas Verdes.

O sr. dr. Pereira Osorio, tendo saido ileso da scena, seguiu para a estação do Rocio, emquanto o ferido sr. Barbosa era conduzido ao Hospital de S. José, onde recebeu os necessarios socorros, recolhendo depois a uma das enfermarias.

O *chauffeur* Carmo, que é irmão do tenente Carmo, esteve momentos antes do ocorrido escrevendo um bilhete postal num estabelecimento de capelista existente em frente ao quartel e no qual pedia para irem ao seu quarto buscar toda a papelada e objectos de valor que ali se encontrassem, a fim de tudo ser entregue a sua mãe.

O auto do ocorrido está sendo levantado pelo capitão sr. Lara, da 1.ª companhia. O *chauffeur*, após o seu perigoso gesto, confessou ao 1.° sargento Durana, da 1.ª companhia, que havia assim procedido por andar ameaçado de morte.

Na Cordoaria Nacional

Os larapios entraram por arrombamento na Cooperativa da Cordoaria Nacional, donde levaram generos avaliados em 371 escudos.

Um açambarcador

No Tribunal dos Açambarcadores, que funciona no Governo Civil, foi hoje julgado Augusto Regalheiro, com filial na rua do Conde, acusado de fazer venda de azeite com excesso de acidez. Foi absolvido por se ter provado a não intenção criminosa.

O 2.° Congresso das Juntas Escolares

Na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia foi inaugurado, hoje, pelas 18 e 50 minutos, o 2.° congresso das Juntas Escolares do paiz.

Presidiu o sr. José Maria dos Santos, secretariado pelo sr. Antonio Batista de Almeida e D. Joana da Conceição Correia.

Antes da ordem falaram sobre diversos assuntos pedagogicos os srs. Bernardino Pereira, de Santarem, José Luiz Guerra, de Montemor-o-Novo Boavida Canado, de Azambuja, Antonio Augusto Martins, de Vila Nova de Gaia e Manoel da Silva.

Na ordem dos trabalhos falaram os srs. Lopes Manso, Manoel Antonio Justino, Pinto de Campos e Alvaro Martins.

Por unanimidade foi aprovada uma moção apresentada pelo sr. Manuel da Silva, concebida nos seguintes termos:

«Considerando que a maneira como o Instituto de Professorado primario vem sendo tratado é afrontosa para o nosso brio profissional e criminosa para os orfãos que se encontram ao desamparo esperando que o Instituto realisa:

O congresso resolve, a) protestar energicamente contra o olvido vergonhoso e desleixo criminoso a que o nosso Instituto tem sido votado.

b) Reclamar providencias imediatas do Alto para que o Instituto convenientemente se reorganise.

c) Fazer pelo paiz uma larga propaganda em favor da nossa causa.

d) Pedir a toda a imprensa, especialmente á pedagogica que faça uma grande campanha no sentido do Instituto ser um estabelecimento educativo a que temos direito.

Por aclamação foram tambem aprovadas propostas de saudação ao Chefe do Estado, ao Ministro da Instrução e aos nossos aviadores, sendo esta ultima do teor seguinte:

«Que o Congresso das J. E. como representante da escola popular aprove com entusiasmo um voto de saudação aos heroicos e intrepidos aeronautas que neste momento simbolisam a alma nacional que noutros tempos foi procurar os povos desconhecidos para lhes incutir e insuflar o espirito os progressos da civilisação.

Se foi grande o empreendimento dos que em frageis caravelas atravessaram os mares nunca dantes navegados não é menos gloriosa a empreza dos que cortando os ares desconhecidos e não menos inclementes, deram a confirmação de que a vitalidade da raça lusitana persiste e persistirá, quaisquer que sejam ou tenham sido as suas vicissitudes.»

A ordem dos trabalhos consta da acção e função das Juntas, orçamentos, extinção de encargos obrigatorios, etc. O Congresso encerrará depois de amanhã.

TEATRO

Noticiario

Portugal

A 25 do corrente sobe á scena em primeira representação a peça do Nicodemi, «Os Tubarões», em que Berta de Bivar tem um papel absolutamente diferente dos que até hoje tem desempenhado.

Carlota Saude tem tambem na peça um papel de grande destaque. Araujo Pereira, que está ensaiando a peça, tem posto todo o seu saber para que a recita fique memoravel.

A festa artistica do actor José Ricardo, com a «reprise» da peça «O Centenario», tem logar na proxima 2.ª segunda feira, 24, no Nacional.

* * *

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 3661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».
S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».
POLYTEAMA—A's 9,30—«A Mulher que Pesca».
EDEN TEATRO—A's 8,30 e 10,30—«Tislaman».
SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30 — «Gigajoga».
COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

O "RECIFE" REVOLTO

A capital do Estado de Pernambuco em plena agitação

RECIFE, 1 de Abril—Ha dias manifestou-se uma «grêve» geral, de solidariedade ao dr. Joaquim Pimenta, patrono das classes proletarias e lente da Faculdade de Direito.

Foi o caso que, referindo-se ainda aos ultimos acontecimentos sangrentos por ocasião de um «meeting» popular de protesto contra o acto do Presidente da Republica, mandando prohibir a intromissão do elemento militar nas questões politicas sobre a candidatura presidencial, comicio esse que foi dissolvido á bala, havendo varias mortes e muitos feridos,—surpreendentemente foi instaurado um processo contra aquele tribuno, sua esposa e outros individuos, como responsaveis por tal chacina, e estavam eles para serem presos.

Dado o alarme pelo «Diario do Povo» de que o dr. Joaquim Pimenta é director, todas as classes operarias, inclusivé trens e eletricos, tudo parali sou subitamente, até que fosse arquivado tal processo.

Infelizmente ha a lamentar uma morte e varios ferimentos neste movimento grevista, pois numa exaltação do animos, em que por um popular foram rasgados varios numeros do jornal «A Noite», pouco afeito ao movimento grêvista, foi alvejado á queima roupa, por uma pistola, um policia, que cahiu logo fulminado á porta da Lafayete, ás 6 horas da tarde. Estabeleceu-se confusão e tiroteio, fechando todo o comercio.

No dia seguinte, paralisado o trafego dos eletricos e os trens da Great Western, a cidade não teve movimento algum, o não abriram as casas comerciais.

Depois de varias «demarches», o dr. Severino Pinheiro, então governador interino do Estado, mandou que se arquivasse o processo instaurado, terminando assim a greve geral.

Devido a atrozes padecimentos, e tendo passado o governo do Estado ao dr. Severino Pinheiro, pela segunda vez, visto não poder, pela sua doença, estar á frente dos negocios publicos, faleceu no dia 30, na sua bela residencia particular, em Tigipio, o governador deste estado, sr. dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti. Deputado federal desde o dominio politico de Rosa e Silva, reeleito na administração do general Dantas Barreto, este politico pernambucano ocupou o elevado cargo de ministro da agricultura no governo de Wenceslau Braz, sendo eleito senador no governo do dr. Manuel Borba, a quem sucedeu. Foi o maior industrial de Estado, pois possuia diversas e importantes usinas de assucar, avaliadas em 15 mil contos de reis. A sua fortuna ascende a 20 mil contos. Foi um otimo administrador das rendas publicas, conseguindo deixar nos cofres publicos, como exemplo de honestidade e economia, um valor de cerca de 12 mil contos.

O seu grande amor por Pernambuco deixou-o expresso nas suas ultimas palavras á hora da morte:—«Não é pela familia que me apavora a morte. Tenho tudo que é meu normalisado e ela ficará bem. E' o que eu queria e poderia ainda fazer por Pernambuco que me torna terrivel esta perspectiva de aniquilamento».

O seu enterro foi uma coisa nunca vista, encorporando-se no cortejo desde a Estação Central até ao cemiterio de Santo Amaro, mais de 500 carros e automoveis.

Nesse longo trajecto, apesar da luxuosa berlinda, foi o feretro riquissimo levado á mão por diversos turnos.

Não tinham conta as coroas e «gerbes» que lhe ofereceram. A' beira da campa, onde vai ser erguido rico mausoléu, fá-lo o prefeito da capital, coronel Lima Castro.

Foi decretado luto estatoal por oito dias. O comercio fechou depois do meio dia, para assistir ao enterro não funcionando os teatros nem cinemas.

UNIVERSIDADE LIVRE

Bibliotecas de educação

criadas sob uma forma racional e logica difundiriam pelo paiz noções fundamentais em beneficio da instrução

1.º—Creação em cada distrito administrativo, de um Arquivo Distrital, de uma Biblioteca Erudita com uma secção popular, e um Museu Distrital, que compreenda secções de etnologia, etnografia, historia natural, industria, e quando possivel de arte e arqueologia, organismos estes subordinados ás Juntas Gerais dos Distritos e subsidiados pelo Governo e Camaras Municipais.

2.º—Que sob a presidencia do director destes serviços se constitua um «Conselho Distrital de Educação», de que faça parte o chefe de cada um desses serviços, quando os haja, e delegados de cada estabelecimento de ensino superior, especial, industrial, secundario, e primario, um dos engenheiros de obras publicas e arquitecto quando haja, chefe dos serviços agricolas e hidraulicos, intendente de pecuaria, delegados de saude, etc.

3.º—Que a esse conselho seja confiada a direcção dos Serviços Estatisticos, e o estudo do distrito em todo o sentido em que ele possa ser estudado, recolhendo-se os exemplares, com que se organisarão os Museus Regionaes.

4.º—E assim estudar-se-ia o solo e sub-solo, debaixo do ponto de vista geologico e do seu aproveitamento industrial por intermedio dos engenheiros e debaixo do ponto de vista agricola pelos agronomos e seus auxiliares, fornecendo estes, ainda, os elementos necessarios para se conhecer da flóra, culturas que convém abandonar ou reduzir e as que se devem introduzir ou desenvolver.

5.º—O veterinario indicaria a fauna para a aperfeiçoar e desenvolver o a forma pratica de o conseguir.

6.º—O medico estudaria o desenvolvimento da creança e indicaria as doenças de caracter e a forma de as combater.

7.º—As escolas primarias superiores, recolheriam os jogos e tradições populares.

8.º—Enfim, cada um recolheria todos os elementos de estudo, para se conhecer da indole, tendencias e energia da raça, valor do solo e sub-solo, quedas de agua, formas de utilisação de todas as riquezas.

9.º—Um boletim oficial em cada districto, iria publicando todos os estudos e documentos recolhidos, e, para fazer face á despeza, seria obrigatoria a publicação nesse boletim, dos anuncios oficiais, das corporações administrativas do distrito, compreendendo as posturas e regulamentos, e os anuncios que a lei manda publicar em um dos periodicos da localidade.

10.º—O Conselho Distrial de Educação faria depois a publicação dos trabalhos ordenados e revistos, em duas edições, uma popular para divulgação de conhecimentos uteis, e outra de caracter scientifico mais pratico, para a exploração racional das riquezas naturais e artificiais adequadas ao meio e ás necessidades locais, e por isso com garantia de exploração util e segura.

11.º—A's tres Universidades caberia o papel de coordenar e completar superiormente estes estudos e divulga-los no estrangeiro.

12.º—A disposição que torna obrigatoria a remessa dos livros publicados no paiz ás cinco principais bibliotecas, tornar-se-ia extensiva ás Bibliotecas distritais.

13.º—As publicações periodicas de cada distrito seriam remetidas ás mesmas bibliotecas.

14.º—Isentar-se-ia de selo, a correspondencia entre os arquivos e Bibliotecas, e a de livros a estes remetidos.

15.º — Os conselhos distritais de Educação, organizarão conferencias, exposições e usarão de todos os meios atinentes ao desenvolvimento da instrução e educação nacional, e crearão desde o seu inicio uma aula de conhecimentos gerais, usando de projecções e de conferencias de fisica e quimica recreativas e de passeios, para educação de adultos.

SPORT

Por este mundo...

Em Lourenço Marques o nosso amigo «Rosa Brito» jogou a 5 deste mez com o inglez «Jack Mac Arthy», para disputa do campeonato de Moçambique.

Bem haja o nosso amigo em fazer valer o nome do portuguez, dentro da sua esfera de acção.

* * *

Os jornais francezes de «sport», referem-se aos excessos cometidos pelos nossos jogadores e pelo publico nos «matchs» de «foot-ball», perguntando a razão da falta de energia da «A. F. L.».

* * *

Refere-se um jornal ao caso do senhor J. Djalme Bastos, servir junto da Camara Municipal, como representante de «sports» na comissão dos festejos aos aviadores «Sacadura» e «Coutinho», e admira-se que fosse ele o escolhido.

Tem razão o colega, visto que o senhor «Bastos» é um perfeito desconhecido em materia sportiva.

* * *

Reclamam os jornalistas de sport, pela pouca atenção que os clubs de foot-ball prestam ás suas pessoas, á entrada dos campos.

Só são culpados os proprios jornalistas, que na sua maioria não sabem colocar-se no seu logar...

* * *

Que Mac Vea, combateu Jaz Jaenete em Paris, e que este ultimo abandonou ao 49 round, diz um colega de sport sobre a rubrica «Curiosidades».

Sucede porem que foi exatamente o contrario, isto é foi Mac Vea que abandonou...

O resto está certo...

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

LUTA

IX Campeonato Internacional no Coliseu dos Recreios

Cada dia que passa maior é o entusiasmo pelas lutas que todas as noites se disputam no Coliseu dos Recreios do Campeonato Internacional.

Este ano conseguiu-se reunir um grande numero de atletas de alto valor o que justifica o interesse que o publico tem tomado.

As lutas de ontem emocionaram o publico. Constant Marin esteve quasi vencido por El Secundo; esteve mesmo em perigo, mas depois de 18 minutos conseguiu tombar o espanhol, pelo que foi delirantemente aplaudido.

O americano Wilson con inua com os seus processos antipaticos; é brutal e as suas lutas são todas cheias de «trucs» quando afinal os seus conhecimentos são bastantes para lutar com lealdade. Mas não, prefere sofrer as manifestações ruidosas do publico.

Emile Deriaz venceu o italiano Roberti; Chyssens afirmou-se vencendo Wilson e finalmente Sonda venceu o portuguez Joaquim Sardinha.

Segundo parece o estado geral do portuguez era mau. Nervosismo talvez.

Veremos o que hoje faz contra Chyssens. As restantes lutas de hoje são:

Fauroier contra Roberti; El Secundo contra o campeão espanhol Ochoa; Raoul St. Mars contra Sonda e Charley contra Emile Deriaz.

O programa de hoje como se vê é de molde a atrair imensa gente.

AUTOMOBILISMO

A Rampa da Pimenteira

Comunicado oficial.—Foi transferida para o dia 7 de Maio a corrida de Automoveis da Rampa da Pimenteira. A inscrição está aberta em «Os Sports» até ao dia 29 deste mez. Reina grande entusiasmo havendo já alguns carros inscritos.

TAÇA ATENEU

No proximo domingo 23, inicia-se este torneio com os seguintes desafios:

«1.ª série» — Belenenses-Carcavelinhos, nas Laranjeiras ás 11 horas; Juiz Antonio G. Oliveira (A. C. L.). Internacional-Cruz Quebrada, no Campo Grande-A ás 11 horas; Juiz Augusto M. Silva (G. D. C. F.).

«2.ª série» — Benfica-Ateneu em Benfica ás 11 horas; Juiz Alberto Souza Lino (C. F. C.). Casa Pia-Sporting no Campo Grande ás 11 horas; Juiz João Ferreira da Costa (C. I. F.).

A todos estes desafios assistem delegados da Comissão Organisadora.

CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

Como já dissemos começam no dia 30 do corrente as grandes provas hipicas no Hipodromo do Palhavã, organisadas pela Sociedade Hipica Portugueza, contando-se já com a inscrição de cavaleiros espanhois e talvez italianos.

A marcação de logares pode ser feita desde já, na séde da Sociedade Hipica Portugueza, na rua Ivens, 56, 1.º.

O programa foi cuidadosamente elaborado, tendo sido os primeiros e segundos premios aumentados em relação ao ano transacto.

O programa é o seguinte:

1.º dia (30 de abril) ás 15 horas—280$00 de premios. Prova ensaio (militar-civil) 10 obstaculos com a altura maxima de 1 metro. 8 premios sendo o primeiro de 120$00. Inscrição 2$00.

Prova discipulos—8 obstaculos com a altura maxima de 1 metro—5 premios com uma taça e objectos de arte. Inscrição 2$00.

2.º dia (1 de Maio), ás 15 horas—950$00 de premios. Prova Odium (civil-militar)—12 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—15 premios sendo o primeiro de 300$00. Inscrição 5$00.

3.º dia (3 de Maio) ás 15 horas—1.110$00 de premios. Grande Prova Militar—12 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—16 premios sendo o primeiro de 250$00. Inscrição 4$00.

Apresentação de cavalos nacionais. Inscrição 2$00.

Hábito Rauges (civil) 12 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—10 premios sendo o primeiro de 250$00. Inscrição 4$00.

4.º dia (4 de maio) ás 16 horas—1.070$00 de premios. Prova Nacional (civil militar) 14 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—12 premios sendo o primeiro de 400$00. Inscrição 7$50 e 100$00 e menção honrosa para o creador do primeiro cavalo classificado.

Prova Amazonas—7 obstaculos com a altura maxima de 1 metro—3 premios objectos de arte e laços a todos os concorrentes. Inscrição gratuita.

5.º dia (6 de maio) ás 16 horas—4.480$00 de premios. Provas para sargentos—10 obstaculos com a altura maxima de 1,10 metros—5 premios sendo o primeiro de 60$00. Inscrição gratuita.

Apresentação de cavalos estrangeiros.

Grande Premio de Lisboa (civil-militar) 17 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—12 premios sendo o primeiro de 2.000$00. Inscrição 20$00.

6.º—Dia (7 de Maio) ás 16 horas 800$000 de premios. Percurso de Caça (civil-militar) 15 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—12 premios sendo o primeiro de 200.000 Inscrição 4$00.

Taça de Honra (civil-militar) 9 obstaculos com a altura maxima de 1,60 metros—15 premios com a Taça de Honra e dois objectos de arte. Inscrição 10$000.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

UM PARRICIDA

por GUY DE MAUPASSANT

O advogado pleiteara alegando em favor do criminoso a loucura. Como explicar de outro modo aquele crime extraordinario?

Haviam sido encontrados uma manhã, num canavial, perto de Chaton, dois cadaveres enlaçados, homem e mulher, dois mundanos conhecidos, ricos, ambos jovens casados havia apenas um ano, a mulher viuva havia três anos.

Não lhes conheciam inimigos, não tinham sido roubados. Parecia que os tinham atirado da margem para a ribeira, depois de os haverem ferido, um após outro com uma comprida ponta de ferro.

A investigação nada descobrira. Os barqueiros interrogados nada sabiam ia-se já abandonar o processo quando um joven marceneiro, de uma aldeia visinha, chamado Georges Louis, por alcunha o burguez, veiu declarar-se culpado.

A todos os interrogatorios, ele apenas respondia isto:

—Eu conhecia esse homem havia dois anos e a mulher havia seis meses. Eles mandavam-me muitas vezes reparar moveis antigos porque sou habil nesse genero de oficio.

E quando lhe preguntavam:

— Mas porque os matou?

Respondia obstinadamente:

— Matei-os porque quiz.

Não se lhe conseguia arrancar outra coisa.

Este homem era um filho natural sem duvida, posto outr'ora na ama, depois, abandonado. Não tinha outro nome a não ser o de Georges Louis, mas como, á maneira que foi crescendo, se tornou singularmente inteligente, com gostos e delicadeza nativos, que os seus camaradas não possuiam, alcunharam-no de: «burguez» e não o tratavam de outro modo. Passava por um operario notavelmente perfeito no oficio que para si adoptara, o de marceneiro. Fazia até mesmo um pouco de escultura em madeira. Diziam tambem que era muito exaltado, partidario das doutrinas comunistas e mesmo nihilistas, grande leitor de romances de aventuras, de romances de dramas sanguinolentos, eleitor influente e orador habil nas reuniões publicas de operarios e camponeses.

O advogado alegara a loucura.

* * *

Como se poderia, com efeito, admitir que aquele operario houvesse morto os seus melhores freguezes, freguezes ricos e generosos (como ele proprio o reconhecia), que lhe haviam dado a ganhar, em dois anos, tres mil francos pelo trabalho (segundo os seus livros de escrita davam conta)? Uma unica explicação se apresentava: a loucura, a ideia fixa do deslocado social que se vinga em dois burguezes de todos os burguezes, e o advogado, fazendo uma alusão habil áquele apelido de *O burguez*, dado no sitio áquele abandonado, exclamou:

—Não será uma ironia, e uma ironia capaz de exaltar ainda mais esse rapaz que não tinha pai nem mãe? E' um ardente republicano. Que digo? pertence mesmo a esse partido politico que a Republica fusilava e deportava outr'ora, que ela acolhe hoje de braços abertos, esse partido para o qual o incendio é um principio e a morte um meio muito simples.

Estas tristes doutrinas, aclamadas actualmente nas reuniões publicas, perderam esse homem. Ele ouviu republicanos, mesmo mulheres, sim, mulheres! pedirem o sangue de Gambetta, o sangue de Grévy; o seu espirito doente transtornou-se, quiz sangue, sangue de burguezes!

Não é a ele que se deve condenar, senhores, é á Comuna!

Soaram murmurios de aprovação. Via-se bem que a causa estava ganha pelo advogado. O ministerio publico não replicou.

Então o presidente dirigiu ao acusado a pregunta do estilo:

—O reu tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

O homem levantou-se:

Era de estatura baixa, de um loiro côr de linho, os olhos pardos, fixos e claros. Uma voz forte, franca e sonora saia daquele fragil rapaz e mudava bruscamente, ás primeiras palavras, a opinião que se fizera a seu respeito.

Falou alto, num tom declamatorio, mas tão nitidamente, que as suas menores palavras se faziam ouvir até ao fundo da grande sala:

Meu presidente, como não quero ir para uma casa de doidos e até prefiro a guilhotina, vou contar-lhe tudo.

Eu matei esse homem e essa mulher porque eram meus pais.

Agora escute-me e julgue-me.

Uma mulher, tendo dado á luz um filho, mandou-o para qualquer parte, para uma ama. Ela apenas soube para que região o seu cumplice levou o pequenino ser inocente, mas condenado á miseria eterna, á vergonha de um nascimento ilegitimo, mais do que isso: á morte, pois que o abandonaram, pois que a ama, não continuando a receber a mensalidade, podia, como elas fazem muitas vezes, deixá-lo desaparecer, morrer de fome, morrer de definhamento.

A mulher que me amamentou foi honesta, mais honesta, mais mulher, maior, mais mãe que a minha propria mãe. Educou-me. Fez mal cumprindo esse dever. Vale mais deixar perecer esses miseraveis deitados ás aldeias dos arrabaldes como se deixa uma sujidade á margem.

Cresci com a expressão vaga de que tinha em mim a desonra. As outras crianças, um dia, chamaram-me o «engeitado». Elas não sabiam o que significava esta palavra ouvida por uma delas a seus pais. Eu ignorava-o tambem, mas senti-me.

Eu era, posso dizer, um dos mais inteligentes da escola. Teria sido um homem honesto, meu presidente, talvez um homem superior, se os meus pais não houvessem cometido o crime de me abandonar.

Esse crime foi contra mim, recaiu sobre mim. Eu fui a vitima, eles os culpados. Eu era sem defesa, eles foram sem piedade. Deviam amar-me e rejeitaram-me.

Eu, devia-lhes a vida — mas a vida é acaso uma dadiva? A minha não era, em todo o caso, mais que uma desgraça. Depois do seu vergonhoso abandono, só lhes devia a vingança. Eles cometeram contra mim o acto mais deshumano, mais infame, mais monstruoso que se pode cometer contra um ser.

Um homem injuriado fere; um homem roubado retoma os seus bens pela força. Um homem enganado, iludido, martirisado, mata; um homem esbofeteado mata; um homem deshonrado mata. Eu fui mais roubado, mais enganado, mais martirisado, mais deshonrado que todos aqueles de que vós absolveis a colera.

(Conclue amanhã)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4059 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sexta-feira, 21 de Abril de 1922

Telefone n. 2298 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

O "Diario do Governo,, publicou hoje o decreto concedendo a Gran-Cruz da Torre e Espada aos aviadores portuguezes que acabam de efectuar a travessia do Atlantico.

O CONGRESSO DEMOCRATICO

Inicia hoje as suas sessões o Congresso do Partido Republicano Portuguez, que reune este ano em Coimbra. Sabendo-se que os democraticos reivindicam para o seu partido a categoria da maior agremiação politica da Republica e que é esse partido o que actualmente dirige os destinos do paiz, por intermedio dum governo saido das suas fileiras, é evidente que a reunião do Congresso a que aludimos constitue um acontecimento a que não podem ser indiferentes os que seguem a marcha politica do regimen.

Acresce, porém, desta vez a circunstancia de não ser misterio para ninguem que existem, neste momento dentro desse partido duas correntes nitidamente diferenciadas. Uma dessas correntes é—como diremos?—a dos elementos dirigentes do partido que abertamente se pronunciaram contra o movimento outubrista; a outra é dos que nesse movimento participaram, ou pelo menos não querem inteiramente excomunga-lo.

Desde o inicio do movimento que essas duas correntes se definiram. Ninguem ignora que o Directorio democratico reprovou abertamente a revolta. Foi mesmo tão acentuada a sua atitude nesse sentido que um dos seus membros mais influentes—o sr. Antonio Maria da Silva, hoje chefe do Governo—teve de se homisiar para não sofrer a sorte de Antonio Granjo e Machado Santos. Quando se poude falar com relativa liberdade, após os acontecimentos de outubro, o sr. Antonio Maria da Silva, numa entrevista concedida ao «Seculo», declarou peremptoriamente que o seu partido não transigiria com os correligionarios que tivessem entrado no movimento outubrista.

Parece que alguns desses correligionarios foram irradiados do partido; o proprio chefe militar do movimento, o sr. Manuel Maria Coelho, foi com efeito, irradiado; mas a breve trecho as irradiações cessaram, e não se pensou mais nisso.

O motivo dessa suspensão dum procedimento que se apregoara como inflexivel não seria outro senão a constatação de que no movimento outubrista tinham entrado tantos democraticos, que esse movimento bem se podia denominar democratico, embora desencadeiado apenas pelos elementos extremistas do partido. Já se disse nos jornaes, e em reuniões publicas, que 90 por cento das creaturas que tomaram parte no outubrismo eram democraticas. Compreende-se assim que não seria facil continuar expurgando o partido desses elementos, porque se correria o risco de vermos uma minoria expulsando a maioria, em nome duma soberania que em tal caso legitimamente não existeria.

O facto é que os outubristas, ou os afeiçoados ao outubrismo, ficaram, e ficaram não repezos da sua acção, mas decididos a empregar todos os esforços para que o partido democratico tome a orientação desenhada no outubrismo. A luta entre estes elementos e os que continuam intransigentes com o outubrismo tem continuado latente, apoiando-se, porem, com factos importantes, como o da prisão dos oficiais mais influentes do pronunciamento de 19 de outubro, e com a redução dos efectivos e material de guerra da Guarda Republicana. A convocação do congresso que hoje reune em Coimbra é que talvez tenha evitado um conflito publico e desassombrado. Como é natural, será nesse congresso que as duas facções em presença medirão as suas forças.

Como se vê, o Congresso democratico tem um aspecto que interessa ao paiz inteiro. Que sairá dessa reunião? O triunfo do sr. Antonio Maria da Silva, hoje representante do espirito moderado dentro desse partido, e por isso mesmo intransigente com as paixões e os propositos outubristas? Resultará, pelo contrario, a supremacia outubrista? Ou chegar-se-ha a um terreno de aparente conciliação? Não sabemos; do que estamos certos é que quem entrou outubrista no Congresso dele sairá outubrista, e quem nele entrou adverso ao outubrismo não menos adverso sairá tambem.

E' natural que seja cá fóra que tudo venha a decidir-se, porque é muito dificil vencer com argumentos quem só no uso da força estriba as possibilidades de triunfo.

As finanças da Russia

A PROFUNDA MISERIA DO ANTIGO IMPERIO MOSCOVITA ATINGE UM GRAU NUNCA VISTO EM VINTE SECULOS DE HISTORIA

A situação em que a Russia se encontra merecen especial atenção aos congressistas de Genova. Politica, economica e financeiramente a Russia é um caos, a Russia é a anarquia bolchevista.

Lenine foi, para a Russia, o aniquilamento.

Será possivel fazê-la ressurgir ainda?

Talvez. Nem tudo está morto e perdido nessa outr'ora grande nação.

O bolchevismo, porém, é um pesadelo aterrador. O definhamento, a situação desastrada em que a Russia se encontra é ele que a deve. Com ele imperando, o ressurgimento da Russia, crêmo-lo bem, é materialmente impossivel.

Em Novembro de 1917, os bolchevistas apoderaram-se do governo da Russia. Organizaram um sistema de governo, digamo-lo assim, onde o Estado é o unico industrial.

A unica producção particular é a dos camponeses. Contudo, o Estado, por meio de requisições, assenhoreia-se do excedente das suas colheitas, e que o dirige, pela via de comunicação materialisada, para os centros de consumo, onde o distribue. Ele mesmo *troca* o restante com o estrangeiro. Dest'arte, exceptuando a producção agricola, o Estado assume todas as funções economicas. O resultado da experiencia bolchevista se revê atravês as suas flagrantes consequencias.

A industria, que, em 1912, produzia 6 biliões de rublos, em 1920, depois de *nacionalisada*, produz apenas 980 milhões. Os salarios do operariado baixam para o terço.

Os resultados das requisições feitas aos camponeses são desastrosos para o Estado. O desequilibrio entre o valor dos produtos trocados entre o Estado e os camponeses é enormissimo e acarreta prejuizos tremendos para as finanças da nação.

Isto, porém, não bastava. Insatisfeitos, os camponeses abandonaram os seus campos. A colheita, em 1921, não é mais do que 60 por cento da de 1920.

E assim o Estado rapidamente se encontra com um rendimento sem receitas, ao mesmo tempo que se vê sobrecarregado com avultadas despesas.

Durante algum tempo o governo da Russia, á falta de outras receitas, recorreu ás reservas de ouro existentes na Russia. Essas reservas, ao cabo de alguns meses, estavam quasi exgotadas e já no decorrer do ano de 1920, carecendo o governo de 500 milhões de rublos, apenas dispõe de 250.

Consome, então, todos os *stocks* de provisões e mercadorias que possuia. Rapido, tudo desaparece.

Tendo os bolchevistas, no começo da sua acção governativa, procurado suprimir a moeda, vêem-se, mais tarde, obrigados a emitir papel-moeda. Essas emissões dão em resultado que, no fim de cada ano, o rublo perdeu uma vigessima parte do seu valor. E, consequentemente, o custo da vida torna-se insuportavel.

No fim do ano de 1921, a catastrofe é já tão proxima que os *soviets* regressam a um regimen de liberdade economica, quasi mesmo a um regimen capitalista. Tomadas com precipitação algumas medidas, os seus resultados não ainda desastrosos e a queda do rublo acentuou-se de tal forma, que o rublo-ouro, que valia só 32.000 rublos-papel, passou a valer 250.000.

E' neste estado que se encontra a Russia. E, peor do que tudo isto, as noticias de outro caracter, que chegam constantemente:

«Todos os cães e gatos estão sendo devorados pelo povo, porque, em virtude dos sofrimentos intoleraveis da fome, toda a gente perdeu os sentimentos de humanidade, transformando-se em verdadeiras feras. Como animais famintos, escondem-se desconfiados nas suas cabanas. Saiem furtivamente á procura de comida. Comem cadaveres de animais mesmo em putrefacção.

Muitos já endoideceram. Houve um caso em que o povo de uma vila foi acordado á noite pelo tanger dos sinos. Averiguou-se depois que um desgraçado, num momento de delirio, estava a repicar os sinos violentamente e a dançar ao mesmo tempo, tentando assim chamar a atenção para o seu estado miseravel e conseguir alimentação! Um outro foi apanhado numa noite escura a deitar o fogo á casa do seu visinho, com o proposito de assar os habitantes e comê-los! Ha povoações inteiras onde já se não encontra um unico homem normal. Todos endoideceram de fome!

«Na Comunidade Alemã (antiga colonia) uma das vilas mais ricas da Russia, a população está a matar o resto do seu gado vacum. Continuam a dar-se casos de suicidio por causa da fome, especialmente nas aldeias das *estepes*. A ultima fatia de pão dá-se aos que estão atacados de doenças contagiosas, em troca da licença de se deitar a seu lado, a fim de contrair a doença, porque toda a gente prefere morrer assim, a tolerar os sofrimentos da fome.»

E' a linda obra que, felizmente para todos, só foi possivel na Russia... e com o comunismo.

HAJA DINHEIRO...

A representação portuguesa na Conferencia de Genova

Tudo á grande!...

Segundo as ultimas noticias a representação portuguesa na conferencia de Genova foi acrescentada com mais tres delegados, pagos a muitas libras diarias e com instruções-funções que só o Governo conhece. Portugal não se privou de ter na conferencia uma representação de, pelo menos, seis altos personagens, enquanto que a Belgica mandou dois delegados e a Holanda tres; outros paizes limitaram ainda mais o pessoal destacado em Genova, como, por exemplo, a Yugo-Slavia, a Suissa, a Romenia, a Polonia e a Bulgaria, que julgaram suficientes dois delegados e a Noruega, que mandou apenas um.

Nós é que não estivemos com meias medidas. Tudo de grande e á francesa: seis delegados, mais que a Russia, que enviou quatro, o Japão e a Italia e a Espanha, que enviaram tres, e a Inglaterra, que se contentou com cinco!

Quanto aos Estados Unidos limitou-se a um «observador»... até vêr.

Seria curioso saber que instruções deu o Governo ao grande est-do-maior destacado na Conferencia de Genova.

O "Corsel,,

O contratempo havido no «raid» dos notabilissimos marinheiros que acabam de atravessar o Atlantico, continua a alimentar o espirito altisonante, gongorico e bestialogico peculiar aos portugueses.

Ao «Lusitania» até se tem chamado corsel. E de facto em nada ficá diminuido o valor da viagem pelo facto de se mudar de corsel. Assim o fizeram sempre grandes e notaveis viajantes.

Entretanto, quem corre a posta encontra as mudas já preparadas e o mais elementar bom senso devia ter previsto a possibilidade de ter de se mudar de «corsel» em qualquer altura da travessia. E um segundo, um terceiro «corsel» deviam encontrar-se nas «etapes», prontos para o que desse e viesse. Foi isto que se não fez e é isto que é imperdoavel.

Alvaro Lima

O nosso antigo camarada de redação e brilhantissimo critico teatral que é Alvaro Lima volta na proxima segunda feira a reassumir a direção da nossa secção teatral de que esteve temporariamente afastado.

A elegantissima «allure», o brilhantismo que o consagrado critico imprimiu á secção de teatros da «Capital», está, ainda presente no espirito dos nossos leitores.

Com Alvaro de Lima se iniciaram e se continuarão agora no nosso jornal as «Notas do Dia», os «medalhões», as referencias completas e definitivas sobre todos os factos que interessam o nosso vastissimo meio teatral. E alem disso voltará a «A Capital», em todo o decorrer do proximo mez e aos sabados, a renovar a sua antiga pagina teatral que sempre despertou um merecido sucesso.

O nosso camarada Armando Ferreira que tão brilhantemente substituiu Alvaro Lima durante a sua ausencia continuará prestando o concurso do seu belo talento á nossa secção teatral. Alvaro Lima e ele, dando uma feição moderna á nossa secção de teatros, tornal-a-hão com certeza uma das mais interessantes dos jornais de Lisboa.

A agitação Irlandeza

LONDRES, 21.—As 47 associações não federadas dos operarios metalurgicos inglezes resolveram entregar a questão ao Conselho Nacional do Trabalho com o fim de reatar as negociações com as emprezas.—(R).

KINGSTON, 21.—A associação das juntas de paroquia pede a demissão do governador Sir Leslie Probyn dizendo que o seu sistema de governo está levando a ilha á falencia fomentando o descontentamento em todas as classes da população.(R)

LONDRES, 21.—Os leaders irlandeses reunidos em Dublin ainda não chegaram a acordo tendo a conferencia sido adiada para quarta feira.

Em Dublin foram aprendidas grandes quantidades de explosivos.

Em Belfast teem continuado as desordens.—(R).

A Conferencia de Genova

Lloyd George fala...

LONDRES, 21.—Lloyd George recebeu os jornalistas em Genova a quem fez uma pequena comunicação dizendo: «Deus está no seu ceu e a conferencia em Genova ainda vive e está de boa saude. Ha pessoas que desejavam ardentemente que a conferencia falisse mas vamos trabalhando atravez das nossas dificuldades com bons resultados».

Referindo-se ao acordo germano-russo disse esperar que não traria mais dificuldades ao regular trabalho da conferencia.

Tendo-se perguntado se acreditava no bom exito da conferencia respondeu com convicção: «Acredito, e não teria aqui vindo se não tivesse a certeza antes de aqui vir e essa convicção não tem senão aumentado apezar das dificuldades que teem surgido».

A minucia das delegações

GENOVA, 21. — A sub-comissão, reunida sob a presidencia do sr. Picard, depois de uma larga dicussão do artigo 55 do relatorio dos peritos de Londres, relativo a passaportes, resolveu depois de uma troca de vistas entre as delegações alemã, austriaca, espanhola, francesa, italiana, japoneza, russa e romena, adoptar a proposta que recomenda aos diversos Estados a adopção rapida e na maior extensão possivel dos principios gerais consignados na conferencia de Paris relativos a passaportes. Julgou a sub-comissão ainda recomendar a todos os Estados representados na conferencia a aplicação urgente de certas disposições propostas aos mesmos pelo relatorio dos peritos de Londres respeitantes ao «visto» dos passaportes e direitos cobrados por esses «vistos». A delegação italiana propoz uma redução desses direitos para os emigrantes.

A proxima sessão é hoje ás 15 horas e 30 minutos.—Lat. Am.)

GENOVA, 21.—Reuniu a comissão financeira ontem de tarde no palacio de S. Giorgio sob a presidencia de sir Robert Horne. Versou a discussão sobre os relatorios apresentados pelos comités nomeados pelas subcomissões da circulação e dos cambios. Nesta discussão intervieram os delegados de quasi todos os Estados representados na comissão. Depois dum exame das diferentes questões que durou cerca de tres horas os relatorios dos comités foram adoptados por unanimidade e foi resolvido que fossem submetidos á conferencia em sessão plenaria com a recomendação de os inscrever na ordem do dia de hoje.

Hoje reunir-se-hão de manhã as seguintes comissões: primeira subcomissão dos transportes que trata dos caminhos de ferro; primeira subcomissão da comissão economico; de tarde; segunda subcomissão da comissão economico; e a subcomissão especial para os negocios austriacos.—(Lat. Am.)

Os russos e o tratado

GENOVA, 20.—Os russos devem entregar a sua resposta á nota dos aliados no dia 21 do corrente. A resposta alemã ainda não era conhecida ás 20 horas.—(H.)

PARIS, 20.—A comissão das reparações resolveu oficialmente pedir á «kriegslastenkommision» a transmissão do texto do tratado germano-russo, visto ter sido decidido que uma comissão de jurisconsultos estude as clausulas que vão de encontro ao tratado de Verseilles, estudo de que a referida comissão de jurisconsultos deve apresentar um relatorio.—(H.)

PARIS, 21.—Sendo os meios parisienses de parecer que a conclusão do tratado germano-russo produziria um abalo na estabilidade da Europa, devia seguir-se á conferencia de Genova uma reunião dos aliados da grande e da pequena «entente», especialmente a Polonia, ameaçada por esse tratado afim de se tomarem as medidas de precaução necessarias, tendo principalmente em vista o desaparecimento do «controle» interaliado na Alta Silesia, onde está averiguado que existe um deposito de armas e munições. A França submeteu ou submeterá estas considerações ao exame dos aliados, esperando que estes reconheçam a necesidade de examinar a nova situação geral que lhes foi creada.—(H.)

Antonio Ferro

O banquete de homenagem que os admiradores do sr. Antonio Ferro preparam a este distinto homem de letras, foi adiado para o dia 1 do proximo mez de maio visto o moço escritor não seguir já para o Brasil a 25 do corrente mas sim a 6 ou 7 do proximo mez.

O pômo de discordia

Uma sumula do celebre tratado russo-germanico, com o qual se não conformam as potencias representadas na Conferencia de Genova

Conforme os leitores de «A Capital» já sabem, a conferencia de Genova está em riscos de fracassar, graças a um «coup de theatre» organisado pelos governos da Alemanha e da Russia. Eis as principais disposições desse acordo:

1.º—As dividas de guerra ou com ela relacionadas são mutuamente canceladas;

2.º—E' adoptado o principio da reciprocidade para as relações juridicas respeitantes ás questões originadas na guerra;

3.º—Os dois paises renunciam ao reembolso mutuo das despesas ocasionadas pelo sustento ou repatriação dos prisioneiros de guerra;

4.º—A Alemanha renuncia a quaisquer reivindicações resultantes da aplicação das leis sovietistas ou outras providencias do governo russo;

5.º—Serão restabelecidas imediatamente as relações diplomaticas dos dois paizes;

6.º—E' adoptado o principio de nação mais favorecidas para as mutuas relações economicas-financeiras entre os dois governos;

7.º—O Governo dos soviets russos e o Governo da Republica Imperial ajudar-se-hão para a feliz solução das dificuldade economicas. O Governo alemão declara-se pronto a facilitar tanto quanto possivel, a conclusão e execução dos contratos economicos entre as empresas privadas dos dois paizes.

A simples leitura deste pequeno extracto, demonstra que a Alemanha e a Russia se entenderam para evitar que a influencia capitalista do resto da Europa se fizesse sentir demasiadamente na Russia. O tratado consolida, efetivamente a influencia germanica nos territorios da Republica dos Soviets Russos, mas faz ainda mais, porque abre a Russia á iniciativa de todos os homens de negocios da Alemanha.

Embora o tratado o não diga expressamente, claramente se compreende que o espirito do tratado germano-russo é duma verdadeira aliança defensiva. Não se teria assinado tambem alguma clausula conservada secreta, preceituando o auxilio defensivo devido mutuamente pelos dois Estados contratantes?

O que é evidente é que os governos da Europa não poderão aceitar o tratado, porque ele vem profundamente agravar fundamentalmente os problemas que deviam ser estudados na Conferencia de Genova.

Noticias de Espanha

CADIZ, 21 — São esperados aqui, depois da ámanhã, os feridos procedentes de Larache que veem a bordo do «Alicante».

Estão já preparados para eles as acomodações no hospital. — (Lat. Am.).

SEVILHA, 21 — A feira tem decorrido com uma animação extraordinaria. No circulo dos lavradores raelizou-se um almoço em honra do infante D. Carlos e sua esposa. — (Lat. Am.).

BARCELONA, 21 — Nos circulos politicos fala-se muito na organização de um novo partido catolico, em que entram importantes personalidades da direita. A estes elementos reunir-se-hão a Defesa Social, os tradicionalistas e alguns independentes. O programa do novo partido será o do sr. Vasquez de Mella, indigitado como chefe do futuro agrupamento. — (Lat. Am.).

MADRID, 21 — Está concluido entre a Espanha e a Italia um «modus vipendi» comercial vantajoso para ambos os paises.—(Lat. Am.).

MADRID, 21 — No proximo dia 26 fará o conde de Romanones, em Sevilha, uma conferencia no Ateneu daquela cidade. Acompanharão o conde de Romanones alguns ex-ministros e bastantes deputados e senadores do seu partido. Os liberais de Sevilha preparam-se para receber o conde de Romanones com grandes festas. — (Lat. Am.).

BILBAU, 21 — Esta madrugada, no lugar de Moyolia, cêrca de Baracaldo, rebentaram dois petardos que causaram graves danos nos condutores de agua para os Altos Fornos. — (Lat. Am.).

AS LEIS

A expulsão sistematica

CONTINUA-SE O INTERMINAVEL ROL DAS INEPCIAS «EVANGELISTAS» PARA MAIOR GLORIA DOS CAÇADORES DE GALÕES

Informa-nos pessoa das relações do senador sr. Aragão e Brito, que tendo ha dias uma troca de impressões com s. ex.ª sobre o artigo do sr. Ribeiro de Carvalho na «Republica» de 14, intitulado «Leis monstruosas», aquele senador independente, em virtude de factos que particularmente lhe teem sido relatados, e da campanha absolutamente justificada que a imprensa de todas as côres politicas, e principalmente «A Capital» e a «Republica», teem mantido ácerca das bem classificadas «Leis monstruosas» 1040 e 1244, o levou a apresentar no Senado, a que tem a honra de pertencer, o seu projecto de lei, revogando, para prestigio do Regimen e do Exercito, aquelas já tão celebres leis.

Como leigo em assuntos militares, e desconhecendo ainda muitas das revoltantes iniquidades praticadas por aquelas leis, e ainda as produzidas arbitrariamente á sua sombra, aquele ilustre senador, não completou assim o seu projecto de lei, mas convencido está, de que a Comissão de guerra, que estudará e dará o parecer ao seu projecto, é composta de individualidades, que teem «marcado» no Regimen, pela honestidade e justiça com que teem estudado as questões sobre as quais teem formulado os seus pareceres, e conhecendo, sem duvida, melhor do que ele as iniquidades e violencias praticadas, saberão introduzir no seu projecto as modificações necessarias para que todas as injustiças praticadas, sejam reparadas.

O tenente d'infantaria João Herminio Barbosa, tem 24 anos de serviços prestados na Africa e toda a campanha da França, pelos quais lhe resultou ser «apenas» condecorado: «Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito (oficial)—Duas cruzes de guerra—Medalha de bons serviços—Medalha da Victoria—Medalha de prata de exemplar comportamento—Medalha comemorativa das Campanhas—Medalha 9 de abril—Distintivo do valor militar, e uma serie de louvores, um dos quais por ter praticado em Campanha, actos de que resultaram beneficios para a «Patria e Humanidade. Este oficial, como na quasi totalidade os que se encontravam no norte a quando dos acontecimentos politicos monarquicos de 1919, viram-se envolvidos nesses acontecimentos, sem os terem aconselhado ou fomentado, mas coagidos pela força das circunstancias a acataram, e cumpriram as ordens superiores que recebiam, por se encontrarem arregimentados. Como a todos sucedeu, pelo mesmo delicto politico, e em face da legislação «ultra-novissima», foi-lhe levantado um auto de corpo de delicto, e um processo disciplinar, isto é, «duas rêdes», para que «o peixe» não pudesse escapar... Em virtude do auto, respondeu em conselho de guerra e ficou absolvido «por unanimidade».

Vamos á outra rêde: processo disciplinar. Qual a recompensa dos serviços por este oficial prestados? Foi pelo ministro da Guerra de então, «na rêde que lhe restava», punido com a pena de uns meses de inatividade. Este oficial, cumprida a penalidade, volta ao serviço, o qual prestou com boas informações; mas vem a celebre lei 1040, lança-o para o Estado Maior da arma ha perto de 2 anos, cerceando os vencimentos a quem tem a seu cargo mulher e 9 filhos, o que motivou ser-lhe concedido, emquanto esteve na inactividade, a pensão da Torre e Espada com que é condecorado. Depois de 2 anos numa situação de incertezas e mal definida, aparece-lhe agora a «emenda peior que o soneto» da lei 1244 que o reforma, por não ter sido, como tantos outros, «persona grata», e os serviços prestados não serem de natureza politica! Este... não é dos nossos...

O alferes de infanteria C. M. Ferreira Malheiro, chegado á França e passados uns meses, sem que tivesse ao menos ouvido o troar do canhão, por não ter passado da Base, é reformado. Regressa a Portugal, e em virtude duma nova lei do paiz (1917-1918,) vai á junta medica e volta ao serviço activo. Quando se proclamou a monarquia no norte, aderiu a ela «com todas as véras da sua alma», num acatamento «por escrito e aos Santos Evangelhos», pelo que lhe é levantado o respectivo processo disciplinar. Qual foi a recompensa que o sr. ministro da guerra de então, lhe deu pelos seus relevantes serviços á Patria, á Republica, á Monarquia e novamente á Republica? Mandou-lhe arquivar o processo, encontra-se actualmente ao serviço, e nada sofreu! Este é dos nossos... e sempre nossos...

A travessia aeria Portugal-Brasil

Espera-se que nos ultimos dias deste mez possam proseguir a viagem os heroicos aviadores

Deve chegar amanhã de madrugada ao Tejo o cruzador "Carvalho Araujo" que imediatamente carregará o hidro-avião que vai substituir o "Lusitania". Segundo nos informam é provavel que o cruzador largue no domingo já, em direção a Cabo Verde onde tomará carvão, seguindo dali o mais rapidamente possivel em direção aos penhascos de S. Paulo.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral condecorados

O «Diario do Governo» publicou hoje:

Considerando que a viagem aerea, realisada pelo oficiais de Marinha Gago Coutinho e Sacadura Cabral, demonstra a continuidade da missão historica que glorificou a nacionalidade portuguesa, iniciadora e propugnadora das grandes descobertas que deram ao homens o conhecimento integral da Terra;

Considerando que, perante a evidencia de tal demonstração, se fortalece no espirito nacional a consciencia da propria grandeza, nunca desmentida em oito seculos de historia;

Considerando que ao alcance patriotico da arrojada travessia se deve acrescentar a sua importancia scientifica, reconhecida por todo o mundo culto, que seguiu com alvoroço as peripecias da epica empresa;

Considerando que a rota aerea, renetindo no espaco a esteira das naus descobridoras, mais uma vez une a velha metropole ao povo que levantaramente perpetua alem do Atlantico as gloriosas tradições da Raça;

Atendendo a que a ponderada coragem e o metodico saber, tão brilhantemente manifestados pelos dois aviadores, os tornam dignos da mais alta recompensa honorifica que ao valor, á lealdade e ao merito pode conferir o Governo da Republica.

Hei por bem, sob proposta do Ministro da Marinha, aprovada pelo Conselho da Ordem Militar da Torre e Espada, decretar que o capitão de mar e guerra Carlos Viegas Gago Coutinho, e o capitão-tenente Artur de Sacadura Freire Cabral sejam condecorados com o grau da gran-cruz da Ordem militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito.

Paços do Governo da Republica, 19 de Abril de 1922.—*Antonio José de Almeida—Vitor Hugo de Azevedo Coutinho.*

O cruzador "Republica" chegou a Fernando Noronha

RIO DE JANEIRO, 21.—Dizem de Recife, pelo cabo submarino, que o cruzador portuguez «Republica» ancorou ás 8,40 muito fóra da bahia de Santo Antonio em Fernando de Noronha. Salvou a terra com 21 tiros. O destroyer brazileiro «Pará» enviou uma embarcação com oficiais a bordo do «Republica» saudar os aviadores.—(H).

Automovel Club de Portugal

A Direcção do Automovel Club de Portugal em sua sessão de 20 do corrente deliberou que fosse lançado na acta um voto de congratulação pela brilhante viagem aerea dos comandantes Gago Coutinho e Sacadura Cabral e de admiração pela pericia e arrojo que os conduziu a tão bela empreendimento.

Por aclamação foram os distintos aviadores eleitos honorarios deste Club nos termos dos Estatutos, devendo dar-se conhecimento a S.as Ex.as, com o seguinte telegrama:

«Comandantes Gago Coutinho e Sacadura Cabral,—Fernando Noronha—Direcção Automovel Club Portugal sauda V. Ex.as levando conhecimento vossa eleição socios honorarios rogando aceitação que muito honrará este Club».

A Exposição do Rio de Janeiro

Aproxima-se a época do envio dos primeiros produtos que vão figurar no grande certamen

A representação de Portugal na grande Feira mundial, que vai realizar-se, no proximo mês de Setembro, na capital fluminense, comemorando o primeiro centenario da independencia da grande Republica irmã, está assegurada e de um modo brilhante.

Não somos nós que o dizemos, mas sim o elevado numero de boletins que afluem constantemente ao Comissariado Geral. Industriais, comerciantes, agricultores, artistas, pintores, escultores, numa palavra, todos os que trabalham e produzem, compreenderam que era um verdadeiro dever de patriotismo o apresentarem-se galhardamente no grande certamen.

Nem se compreendia mesmo que assim não fosse. Pois fomos nós que o colonisámos, fomos nós que lhe démos a nossa civilização, a nossa vida, o nosso sangue, a nossa alma, somos nós ainda hoje que ali temos milhares de compatriotas, que nas terras de Santa Cruz encontram a sua segunda Patria, e, quando se trata de uma exposição da importancia da que se vai realizar, haviamos de brilhar pela ausencia?

Não podia ser e bem o compreenderam o Governo e o Parlamento votando uma verba importante para que Portugal se fizesse condignamente representar.

O engenheiro sr. Lisboa de Lima, nomeado comissario geral na Exposição, animado de um alto espirito patriotico, poz ao serviço do seu cargo toda a sua inteligencia, todo o seu esforço, para que essa representação resultasse brilhante.

Tem sido compensados os seus dispendidos, pois que, como dizemos, é grande o numero de boletins de inscrição. Mas é preciso, é indispensavel, que todos, absolutamente todos os portuguezes se compenetrem de que deve ser uma verdadeira legião a formada pelos expositores portuguezes e que, portanto, acorram a inscrever-se os que ainda o não fizeram.

Está já próxima a época da partida dos principais produtos para o Rio de Janeiro. Com eles vai já pessoal do Comissariado Geral para começar a dispor, a instalá-los no recinto da Exposição destinado á representação portugueza.

Será brilhante essa representação. Mas nós queriamos que fosse mais do que brilhante: que fosse brilhantissima. Não é uma utopia, não é nada de impossivel, nada que não possa realizar-se. Basta para isso que todos queiram. O querer é poder.

O Comissariado Geral acaba de nomear um delegado seu no Porto, que todos os dias se encontra, depois das 11 horas, na séde da Associação Comercial daquela cidade. Facilitam-se assim as relações dos expositores do norte com o Comissariado, evitando delongas ou extravio de correspondencia, que bastas vezes tão prejudiciais são. Essa circunstascia, além de todas as que já mencionámos, basta, parece-nos, para resolver os produtores do norte, que, porventura, ainda hesitassem, a pôr de parte vacilações e a entrarem imediatamente em relações com o delegado do Comissariado Geral.

E' para os produtores do norte que escrevemos em especial. Ha ali produtos magnificos, que não têm inveja aos de qualquer outra nação. Tornêmo-los conhecidos, façamo-los apreciar, conquistemo-lhes o lugar que de direito merecem. Bem irá a todos: aos produtores e ao paiz, que tanto precisa de uma larga espansão economica, o mais eficaz meio do nosso resurgimento nacional.

Os povos que não se aprestarem para a luta economica, luta que se anuncia ingente, temerosa, são povos antecipadamente vencidos. Não cremos, por isso, que os nossos industriais, os nossos agricultores, os nossos comerciantes, os nossos artistas queiram dar-se por vencidos.—Temos louvado Deus!—condições de sobra para lutar e para vencer. Pois lutemos e vençamos.

Prestigiaremos mais uma vez o nome português e mostraremos aos nossos irmãos de além mar que a velha raça lusitana ainda não perdeu as qualidades que tanto a distinguiram e tão alto a elevaram.

A luta é no campo economico. Mas é luta, e o português nunca recuou.

O "Mota Careca"

Este audacioso larapio preso ha dias e que se encontra num dos calabouços do Governo Civil foi hoje largamente interrogado vindo a apurar-se ter sido ele o autor de importantes furtos com arrombamento praticados nas Avenidas novas.

Foram aprendidos já louças India, pratas, vestidos para senhoras. Cumplices de «Mota Careca» são:

Carlos da Silva; sua amante, uma tal Palmira e os receptadores Alfredo Eloy sua mulher Rita Alves Eloy os quais se encontram todos presos. Em casa dos receptadores na Pichcleira foram aprecndidos muitos objectos furtados avaliados em alguns milhares de escudos.

Pelo Telegrafo

Pequenas informações

BOULOGNE-SUR-MER, 21.—Deu-se uma explosão de munições no acampamento inglez, resultando 3 mortos e 3 feridos.—(H.)

DUBLIN, 21.—A conferencia da paz foi adiada para o dia 26 do corrente. Não se chegou a qualquer acordo.—(H.)

PARIS, 20.—A explosão noticiada anteriormente em telegrama de Salonica, produziu-se em Monastir e não na primeira das cidades indicadas.—(H.)

BELFAST, 21.—Novos incendios provocados por vinganças politicas rebentaram nesta cidade. Arderam cerca de trinta casas.

As tropas intervieram, fazendo uso das metralhadoras contra os incendiarios, matando varios.—(Lat. Am.)

HELSINGFORS, 21.—O conselho de justiça de Moscou apresentou ao governo dos soviets uma proposta da lei restabelecendo o direito á herança.—(Lat. Am.)

MANILLA, 21—Um grande incendio destruiu nesta cidade cerca de trezentas casas e fez muitas victimas.—(Lat. Am.)

MADRID, 21.— A «Gaceta» publicou um decreto prorrogando por tres mezes as obrigações do tesouro da emissão de 4 de fevereiro.—(Lat. Am.)

MADRID, 21—O ministro do interior é o director da segurança pas saram revista ás tropas do corpo de segurança que depois desfilaram por deante do Palacio.—(Lat. Am.)

ALMERIA, 21—Foi ordenado o transporte do comandante do orvalate Rubio para o hospital de Cartagena para lhe ser feita uma operação melindrosa. Como na ocasião telegrafámos Rubio matou por ciumes sua mulher, a actriz Conchá Robles.—(Lat. Am.)

BOMBAIM, 21.—Apezar de ter sido muito anunciada a «Semana Nocional» na India não deu resultado decisivo do ponto de vista politico, acentuando-se uma melhoria temporaria da situação devido á falta de dinheiro com que lutam os agitadores.—(R).

A tendencia separatista da Tunisia

TUNIS, 20.—E' grave a situação em toda a Tunisia, em consequencia da atitude assumida pelo partido nacionalista tunisino. Este partido que aspira á independencia da sua patria aproveitando a viagem de Millerand, apresenta reclamações que equivalem á supressão do protectorado francez. Esse partido faz uma propaganda activa, exaltando as tradições gloriosas do explendor que ali atingiu a civilisação mussulmana, e lembrando a irradiação civilisadora, em tempos remotos da republica de Cartago.—(Lat. Am.)

Uma sociedade secreta na Baviera

A renovação da "Fugenbunds"

O jornal «Munchnen Post Munich» fez interessantes revelações sobre a organisação secreta de crimes que foi descoberta na Baviera pela policia bavara. Essa organização é conhecida pelos que são a ela filiados pelo nome de «Wurst Kommando», ou «Comando do lançamento». Esse comando tem á sua disposição um «bureau» de informações, indicios, de espionagem, dirigido pelo famoso tenente Von Kessel, que tem na consciencia a mancha do assassinio de dezoito marinheiros, por ocasião de uma revolução. Esse tenente organizou um verdadeiro ministerio de espionagem contra o estrangeiro inimigo, tendo uma secção de roubos por arrombamento, uma secção de vigilancia e de desaparecimento dos traidores e uma secção de espionagem interior, isto é, contra as personalidades politicas alemãs. Todas essas secções são dirigidas por antigos oficiais particularmente conhecidos pelos seus sentimentos monarquistas e discreção.

E' chefe da organização o capitão Oesterreicher, comandante de companhias nos corpos de Oberland. Existe ainda um outro, chefe da espionagem contra o estrangeiro inimigo, cuja missão é de recolher tudo que diga respeito ás intenções da comissão interaliada de «controle».

Desde que esta secção constate a existencia, nos consulados dos paises aliados, de documentos comprometedores para o partido militar, a secção de roubos por arrombamentos receberá o encargo de assenhorear-se de tais documentos. E' preciso notar que o Hotel Bellevue, onde estão instalados os serviços da missão inter-aliada em Berlim, já sofreu dois arrombamentos sucessivos, sem que nunca fossem descobertos os culpados. Essa organização está em constantes relações com a chefatura de policia de Munich, a qual, tendo recebido, um dia, de um governo estrangeiro, um «dossier» muito comprometedor contra os «corpos brancos», se apressou em comunicar tudo aos interessados, prometendo ao mesmo tempo que não haveria nenhuma intervenção contra eles. Tal agremiação tem uma sucursal na Alta Silesia, onde existe um deposito de munições. Durante várias noites, caminhões-automoveis conduziram armamentos para este deposito. Os gremios intitulados sportivos, dos socialistas-nacionalistas, fazem exercicios militares com as 4.ª e 13.ª companhias dos Corpos Francos de Oberland, que dispõem, por outro lado, de todas as secções especiais do homicidio, do roubo por arrombamento ou da espionagem, de somas enormes de dinheiro, cuja proveniencia é facil de adivinhar.

As listas de recrutamento e mobilização são preparadas pelos de Oberland.

Essa organização tão precisa, tão bem dividida, mostra que os seus organizadores estão dispostos á execução rigorosa do seu terrivel e sanguinolento programa.

E' alem disto uma renovação exata da celebre sociedade secreta denominada «Fugenbunds» que no principio do seculo passado se ramificou e desenvolveu na Prussia reagindo contra a dominação napoleonica. Um dos atentados contra este imperador dos francesos, levado a efeito por Stards, foi uma das muitas obras da «Fugenbunds».

Curso Juridico 1909-1913

Os srs. drs. Antonio Caldeira Coelho, Antonio Horta e Costa e João Moreira de Almeida que constituem uma comissão em tempo nomeada pelos seus antigos condiscipulos que se matricularam na Faculdade de Direito de Coimbra em 1909-10 ou ali se formaram em 1910, promovem uma reunião dos mesmos na Liga Naval de Lisboa, a fim de se assentar definitivamente num proximo encontro do Curso naquela cidade universitaria.

Essa reunião preparatoria realisa-se na proxima segunda-feira ás 6 e meia da tarde, devendo qualquer correspondencia a ela referente ser dirigida ao sr. dr. Caldeira Coelho, rua Victor Cordon, 30 2.º Lisboa.

Uma orquestra portuguesa na Exposição do Rio

Teve ontem uma demorada conferencia com o Comissario Geral da Exposição do Rio de Janeiro, o chefe de orquestra sr. Francisco Lacerda, tendo-se tratado da possibilidade da ida ao Rio de Janeiro duma orquestra sinfonica portugueza.

Sabemos que a ideia tem toda a boa vontade por parte do Comissario Geral, desde que seja possivel organisar uma orquestra que dê uma noção exacta do grande e notavel desenvolvimento que sob o ponto de vista artistico tem atingido em Portugal a Arte da musica.

Os trabalhadores de Bilbau

BILBAU, 21 — Na estrada de Basurto, um grupo de operarios armados de pistolas tentou impedir a circulação dos «tramways», acedendo por fim a que fizessem só uma viagem. Outros grupos percorreram a via para impedir o trabalho nos molhes, conseguindo obstar á descarga do vapor «Carranza». Na cidade, grupos de grevistas, postados em frente das fabricas, obrigaram os operarios a abandonar o trabalho.

Um grupo de seis individuos assaltou na rua um «tramway», apoderando-se do volante, depois de esfaquear o guarda-freio.

Na praça Arriaga, outro grupo tentou impedir a saida de um «tramway» de Durango. A policia fez varias prisões. — (Lat. Am.).

ULTIMA HORA

O "RAID"

Só depois do «Carvalho Araujo» chegar ao Tejo é que ficará definitivamente assente se será este o navio que conduzirá a Fernando Noronha o avião em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral deverão concluir a viagem. No entanto foi já ordenado que aquele navio entre no dia 23 no dique da Parceria dos Vapores Lisbonenses para limpar o fundo, a fim de poder obter maior velocidade.

* * *

Telegramas tambem recebidos nas estações oficiais dizem que a colonia portugueza no Rio de Janeiro ficou extraordinariamente pesorcsa ao receber a noticia do que o avião «Lusitania» estava impossibilitado de prosseguir viagem até aquela capital.

Sabe-se tambem que ao presidente da Republica brasileira foram dirigidas muitas centenas de telegramas pedindo para ser enviado um avião brasileiro aos penedos de S. Pedro e S. Paulo a fim de nele os aviadores portugueses concluirem a viagem.

* * *

O aparelho que vai substituir o «Lusitania» deve ficar hoje pronto.

* * *

A sub-comissão financeira da grande comissão das festas da cidade em homenagem aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, conferenciou com o sr. Ministro das Finanças acerca do concurso monetario a prestar pelo Governo áquelas festas.

* * *

O sr. Governador Civil de Lisboa, tomou a resolução de distribuir um grande bodo aos pobres da capital para o que conta com o auxilio dos empresarios de todos os teatros de Lisboa e directores dos jornais da capital, já organisando-se espetaculos de caridade e subscrições publicas.

O bodo será depois distribuido numa sessão publica, no Governo Civil de Lisboa.

Uma conspiração

que é desmentida

Entre os antigos amigos do sr. Julio Martins produziu estranhez que os envolvessem numa conspiração com elementos monarquicos. Não tendo «A Capital» o menor interesse em fazer circular noticias que se não confirmam, mencionamos o desmentido por eles oposto á versão ontem recolhida nos centros de habitual informação politica.

Recebemos, a proposito, uma carta firmada pelo sr. Virgilio Godinho da Conceição e Silva. Damos como devolvidos os termos menos correctos que nela estão escritos.

Conferencias

Varios representantes de estabelecimentos bancários de Lisboa conferenciaram hoje com o sr. ministro das finanças, por convite do sr. Portugal Durão.

—Conferenciaram hoje com o sr. ministro da Guerra, os srs. generais Pedroso de Lima, comandante da 1.ª divisão do Exercito, e Abel Hipolito.

O 2.º Congresso das Juntas Escolares

A 2.ª sessão

A' segunda sessão do Congresso das Juntas Escolares, que se está realizando na sala Algarve da Sociedade de Geografia, presidiu o sr. Manuel Barroso, secretariado pelo sr. Belmiro Nogueira e D. Leonilde Costa.

Na mesa foi lido um telegrama do sr. dr. Augusto Nobre, ministro da Instrução, cumprimentando os congressistas e agradecendo as saudações que lhe haviam sido enviadas.

Antes da ordem, falaram os professores srs. Joaquim Gomes Belo, Augusto Martins, Manuel da Silva e Mario Vieira.

Depois de um congressista ter exposto a triste situação em que se encontra a professora sr.ª D. Laura Vilaças, que anda mendigando nas ruas de Lisboa, resolveu-se nomear uma comissão que fosse junto do ministro da Instrução pedir as necessarias providencias, devendo, até lá, a União do Professorado Primario acudir desde já, com os seus recursos, para arrancar da miseria aquela senhora.

Sobre este assunto, falaram os srs. Augusto Leça, Augusto Martins, Luciano Moreira, Belmiro Xavier, Manuel da Silva, Pereira Santarem e Augusto de Oliveira.

Na ordem dos trabalhos falaram os srs. Mendes Cabral, Caetano de Oliveira, Pinto de Campos, Augusto Martins, Carlos Alberto e Pinto Correia.

O sr. Pinto Correia propõe que seja nomeada uma comissão para redigir um manifesto a publicar na imprensa sobre as Juntas Escolares, o que foi aprovado. Esse manifesto deverá ser apresentado na sessão de ámanhã.

Foi aprovada a moção seguinte, apresentada pelo sr. Mario Vieira:

«Considerando que ás Juntas Escolares está, por lei, confiada a administração do ensino primario geral na area respectiva;

Considerando que os chamados Conselhos de Assistencia, criados pela lei de 29 de Março de 1911, não são mais que os antigos corpos gerentes das Cantinas Escolares, onde os havia, com funções perfeitamente definidas;

Considerando que tais conselhos, onde os ha, estão por lei, onde a directa administração das Juntas não tendo capacidade legal para dar ordens, impôr resoluções de caracter administrativo, fora da sua esfera de acção;

Considerando que as Juntas Escolares só pelo cumprimento expresso das leis podem impor-se ao respeito e consideração de todos nós, mantendo integro o que lhes está confiado,

O Congresso das mesmas Juntas, reunido em sessão magna na Sociedade de Geografia, ouvida a exposição do congressista sr. Mario Vieira, resolve dar todo o seu apoio moral á reclamação da professora da Escola de Guimarães, sr.ª D. Laura de Sousa Machado, e faz votos para que as Juntas Escolares respectivas cumpram e façam cumprir as leis, afastando por todos os meios ao seu alcance impertinentes intervenções e passa á ordem do dia».

Foi tambem aprovada a seguinte proposta:

«Considerando que é altamente prejudicial aos interesses do ensino a aplicação do disposto no artigo 72.º e seus paragrafos e artigo 73.º e suas alineas do regulamento de 1919, ao perimetro interno das escolas;

Considerando que do seu cumprimento integral tem resultado ficarem fechadas durante meses seguidos varias escolas;

Em nome da necessidade de difusão inadiavel do ensino primario geral pelo paiz, proponho e o Congresso das Juntas Escolares aprova que se estabeleçam as seguintes preferencias para as nomeações interinais:

1.º — Ao candidato de residencia habitual na localidade;

2.º — Ao candidato de residencia habitual no concelho;

3.º — Ao candidato de residencia habitual no distrito;

4.º — Ao candidato que prove maior antiguidade no diploma;

5.º — Ao candidato que prove mais antiguidade no magisterio;

6.º — Ao candidato que prove maior habilitação literaria.

Em igualdade de circunstancias, será preferido o maior valorisado, nos termos do artigo 72.º e seus paragrafos e da ultima circular da Direcção Geral sobre a contagem de serviços prestados interinamente.

Terá, porém, preferencia absoluta o candidato que tiver prestado serviço em épocas ou anos lectivos anteriores».

Noticias do Porto

A's 18 horas

O maquinista que hontem foi atingido na estação do Tua pela explosão do tubo da caldeira duma locomotiva, faleceu hoje no hospital da Misericordia.

—A canhoneira «Mandovi» largou hoje de Leixões em direcção a Lisboa, transportando a artilharia do forte do Lavadouro.

—A convite do dr. Francisco Alves, director do Sanatorio Maritimo do Norte, o sr. Governador Civil visitará brevemente este estabelecimento.

—Antonio Silva que em tempos cometeu um importante roubo de ouro e prata foi condenado a dois anos de pena maior celular e á multa de SC$00, devendo cumprir a pena como reincidente.

General Vieira da Rocha

O general sr. Vieira da Rocha, comandante geral da Guarda Republicana conferenciou hoje com o sr. Presidente do Ministerio.

Crime de infanticidio?

Na rua Cidade da Horta apareceu hoje o cádaver de uma creança de tempo que foi removido para a Morgue por ordem do sub-delegado de Saude competente.

A policia da a.ª secção está procedendo a averiguações pois ha suspeitas de que se trata de um crime.

O Congresso do P. R. P.

COIMBRA.—A's 15 horas ainda não tinha principiado a sessão inaugural do congresso do Partido Republicano Portuguez que se devia realisar no Teatro Sousa Bastos. A sala está completamente cheia, dizendo-nos que os outubristas estão largamente representados a fim de tomarem parte no congresso. Chegaram no rapido os ministros Instrução e Marinha.—O numero dos congressistas deve elevar-se a 600. Na sessão que se vai realisar serão nomeadas comissões de verificação de poderes.—(C.)

Poeira da Arcada

O sr. Manuel Lopes Madeira, professor em Arozelo, Ponte de Lima foi autorisado a continuar no serviço embora tenha atingido o limite de idade.

O espiritismo em acção

O chefe Martinheira, da 1.ª secção de investigação, tem entre mãos uma queixa grave, que se relaciona com um caso de loucura de que foi vitima uma senhora tratada pelo sistema do espiritismo.

Encontram-se já presos José dos Santos Correia, Rosalina Dores e o guarda civico n.º 1575 José Vaz todos implicados nas scenas que motivaram a queixa referida.

Em poucas linhas

Hoje, de tarde, voltou-se uma carroça com pinho, que seguia pela rua dos Prazeres. O cavalo que tirava o veiculo teve morte instantanea.

Num carro electrico furtaram carteira com 1.000 escudos a Joaquim Gonçalves, hospedado no Hotel Franfort.

Foi preso Francisco Vicente, rua de Alcantara, 21-A, 1.º, que furtou objectos, no valor de 148 escudos a Ferreira da Silva, rua do Poço dos Negros, 108, 3.º

A um dos calabouços do Governo Civil recolheu Francisco Correia, praça da Viscondessa, 28, aos Olivais, autor de um importante furto de chitas e outras fazendas na fabrica de tecidos de Francisco Alves Gouveia, na referida localidade.

A policia está guardando o terceiro andar do predio n.º 54, da rua José Estevão, cuja porta apareceu hoje arrombada. A locataria está ausente.

Na igreja de S. Luiz, durante a missa, furtaram uma malinha de mão com varios objectos, no valor de 500 escudos, á sr.ª D. Elisa Sequeira Lopes, rua Victor Cordon, 19, 1.º

TEATRO

Nota do dia

Traducções

Os traductores portuguezes traduzem quasi tudo do francês, pouco do espanhol, pouquissimo do italiano. Dos outros teatros, aparte uma ou outra peça de Wilde nada mais aparece aparece sobretudo desde que Freitas Branco, desaparecendo deixou de traduzir do alemão.

Está pois o publico de Lisboa acostumado á simples e banal peça-separata da «Illustration Française» Todo o moderno teatro norte-americano, rico e quente, lhe é desconhecido, o inglez Edwards nunca foi unido em Portugal e a formidavel pleiade de artistas que criou em quinze anos um teatro argentino, incomparavel de frescura e de mocidade, nem dela se fala em Portugal.

Porque?

Porque não ha traductores?

De modo nenhum. Eles existem—e excelentes. Porque não ha curiosidade no publico e existe muita indiferença na gente do Teatro. Enquanto viver a ideia de que só o teatro francez é um teatro, pré-moderno por excelencia, não sairemos do teatro francez.

Noticiario

Portugal

Ficou marcada, definitivamente, a realisação da festa do actor José Ricardo, no Nacional, para quarta-feira, 26, com a reprise do celebre peça «O Centenario».

— E' definitivamente, no proximo 6.º feira 28, que se realisa, no Polytheama, a festa do administrador da Companhia que ali funciona, o sr. Macedo e Brito, que dedica o espectaculo ao «Portugal Club».

O programa da recita é o assim composto:

1.ª parte. Representação da peça de Julio Dantas, «Rosas de Todo o Anno».

2. parte. A peça em 1 acto «Nodoa do Amor», estreia de D. Maria Isabel de Souza Martins, interpretada por Brunildo Judice Caruson, Maria Judice da Costa, que pela 1.ª vez trabalha com sua filha, e João Ribeiro Lopes.

3.ª parte. Um acto de variedades dirigido por André Brun.

—Na festa que, no dia 7 de maio, por iniciativa do nosso colega «A Imprensa da Manhã», se realiza em homenagem ao maestro Manuel Benjamin, com a representação do «Burro do sr. Alcaide», tomarão parte os seguintes maestros: Tomás Del-Negro, Luis Filgueiras, Filipe Duarte, Fão, Rui Coelho, Xavier Roque, Wenceslau Pinto, Pedro Blanch, Luis Gomes, Bernardo Ferreira, Calderon, Alves Coelho, Alfredo Mantua e Henrique Ribeiro Junior.

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 1661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».
S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».
POLYTEAMA—A's 8,30—«A Mulher que Passa».
EDEN TEATRO—A's 5,30 e 10,30—«Ta. Hanana».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Gigo. jogas».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 9—IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Alunos do Liceu Camões

A Associação Academica do Liceu Camões, realisa no proximo domingo um grande baile de confraternisação Academica e jogos floraes nas salas do Liceu, pelas 13 horas. Haverá tambem um concurso de bolsos, revertendo o producto das entradas a favor da Comissão de Assistencia a Estudantes Pobres.

A educação ética e civica como cupula do edificio da educação nacional

Pelo professor TEOFILO BRAGA

E' indispensavel, sempre, nos estudos sociologicos fixar a continuidade historica, as influencias atavicas o do meio cosmico e social, pois tratando-se dum problema nacional estas condições constituem os aspectos scientificos de qualquer problema quer politico, economico, moral ou artistico.

Para falar do povo portuguez convem saber que é uma raça autonoma—desde Strabão, designada Lusania,—fixada na vertente ocidental da Espanha. Esta situação garantiu o este povo o ficar imuno da grande invasão da raça corpulenta e loira dos gualt, que descendo do norte destruiram toda a civilização bronzifera do ocidente, incendiando os florestos dos gallos, escravisando as populações britonicas as quais tinham conhecimento maritimo do Atlantico. Feitorias mercantis pelas ilhas do Mediterraneo, uma sciencia de astronomia representada nos seus zodiacos e doutrinas morais e filosoficas conhecidas pelo nome de Druidismo. Esta grande civilisação ficou completamente desconhecida para mais de doze seculos, e só quando Romano saiu da Italia e ocupou o norte de Africa, a Espanha, as Gallias e a Britania é que a veio despertar chamando-lhe: — romanisação do ocidente, quando não era mais do que a remiscencia que se operou rapidamente sobre a administração romana. Desta civilisação extinta foram os Luzos que escaparam aos assaltos dos gualt e que conservaram os conhecimentos e tradições dessa grande epoca bronzifera cujos reflexos ainda hoje brilham nas epocas homericas. Esta raça manteve-se sempre inconfundivel com outras que ocuparam a Espanha. Assim ela primeiro que todos os outros povos iniciou na epoca moderna a exploração do Atlantico, a navegação e exploração maritima pelos conhecimentos geograficos. Por estes motivos ainda hoje é impossivel a união de Portugal feita pelo castelhanismo.

Depois deste facto antropologico importa conhecer a acção do factor cosmico. Portugal ocupa a vertente oeste dos Pirineus, tendo o Atlantico como para defeza da sua independencia, mas como estimulo para a sua ação, e por isso somos na historia um povo de navegadores. O seu territorio estende-se do norte a sul sem a influencia imediata duma variedade de temperaturas ou a diferenciação de caracteres da população. Desde influxo resulta para o portuguez uma facil adaptação a todos os meios cosmicos, desde o frio glacial do norte até aos calores tropicais. Tem ainda como consequencia dominante manifestar qualidades superiores quando sai da sua patria para qualquer ponto do globo. Pode-se mesmo dizer que individuos que no seu paiz são duma vulgar mediocridade, saindo da terra natal manifestam notavel superioridade quer nos estudos scientificos como alunos, quer no comercio ou na industria como homens de actividade. Demais a mais este povo que parece emigrante, pelas suas condições atavicas, desenvolve o seu sentimento patrio, que nunca esquece, colocando as suas riquezas na terra que o viu nascer para repousar na sua velhice, transformando o lugarejo em vivenda luxuosa. Em todas as colonias que constituem nos paises estrangeiros, são modelos de moral economia, ordem, ação simpatica e elemento ponderador. Alem disto, e apezar do seu pequeno numero ...es já fundaram a grande nacionalidade brazileira. Ao passo que o castelhano pizar o solo da America destruiu os raças pre-existentes e tratou de apoderar-se das suas riquezas, o portuguez na America constitue Feitorias, importantes centros de população, com capitais como o Rio de Janeiro e a Bahia. Ig al poder somente teve a Inglaterra para a criação da nacionalidade da America do Norte.

Quanto á influencia do nosso meio territorial temos um céu sereno, de uma claridade opalina, que influe na nossa visão, nas nossas côres no seu conjunto ornamental, constituindo tudo a expressão duma suavidade de caracter e sentimento tambem inconfundivel e incomparavel com os outros povos. O portuguez é um apaixonado entusiasta, e duma facil adopção de todos os descobrimentos como vemos no estabelecimento do sistema metrico decimal, que identificou logo com os seus costumes, enquanto na Inglaterra só scientificamente é utilisado.

Este povo foi sempre muito perturbado pelos seus governantes, pois tendo instituições puramente democraticas como foram as behetrias e municipios, viu-se forçado a submeter-se ao poder real de monarcas imperialistas. Depois encontrando-se com o elemento arabe e servindo com as suas industrias essa civilisação,—constituindo a população mosarabe pela força da reconquista visigotica teve de submeter-se ao catolicismo implacavel que violou a sua liberdade de consciencia, que o submeteu as fogueiras da Inquisição; e por fim a uma dinastia bragantina que o vendeu aos holandeses, o abandonou á invasão napoleonica, o o deixou separado ao contacto europeu até ao primeiro quartel do seculo XIX. Não admira que haja manifestações de crimes e de ignorancia porque tem sido sempre abandonado a sua expontaneidade. A sua cultura não tem sido nem é o objecto dum sistema de instrução publica. Tem sido sempre a copia do que se usa nas escolas estrangeiras. O portuguez não tem genio inventivo, mas tem o dom da assimilação inteligente. Mesmo quando a estatistica criminal apresenta um certo numero de factos que só pela sua estatistica se interpretam, os seus crimes são quasi sempre passionais. Mais, a maior parte das vezes produzidos por falsa compreensão, sequente de receitas empiricas aplicadas nas suas doenças especiais. Como assimilador as doutrinas erroneas dos problemas politicos e sociais facilmente o alucinam e levam á imitação, como recentemente se verificou com o moscovismo, e a propaganda pelo facto em vez da propaganda das ideias.

Como combater esta tendencia da epoca? O povo não tem tempo nem capacidade para interessar-se por doutrinas teoricas de conferentes que directamente fossem proceder a uma propaganda moral. De sorte que para dirigir a alma popular não ha senão o exemplo de cima, como forma mais sugestiva, não para dominar mas para dirigir os espiritos e dar-lhes firmeza á sua consciencia moral. Que vemos nós no nosso tempo e meio social portuguez?

Toda a falencia do seculo XIX, politica, moral e mesmo scientifica porque a sciencia confinou-se em especialidades exclusivas, sem a cultura das ideias gerais e portanto das concepções organisadoras e constructivas.

Este estado de incoerencia manifesta-se nas classes dirigentes e não admira que se repercuta na população isolada.

Para efeito imediato, certo e verdadeiramente scientifico, pelo exemplo das classes dirigentes e que só pode actuar na educação do povo, porque ele tanto imita o mal como o bem; e as nossas autonomias que nos enfraquecem e esterilisam são hoje a cabal evidencia do que se manifesta no estado geral do povo.

Arte Sacra

Exposição de paramentos ricos

O comerciante Antonio de Freitas, natural da Ilha das Flores, fez a sua fortuna no Oriente, tendo fixado residencia em Macau no ano de 1808.

Numa das suas viagens entre aquela cidade e a India, com que negociava, sobreveio um tufão que ameaçou submergir o navio. Homem profundamente religioso e cheio de fé, fez voto a Santa Filomena, se escapasse de lhe celebrar enquanto vivesse a sua festa com a maior pompa de culto e beneficios para os pobres.

Salvo de tão eminente perigo, tratou logo de cumprir a sua promessa adquirindo uma bela escultura da Santa, vestindo-a e adornando-a ricaissimamente. Tambem adquiriu na India, para as festas religiosas, paramentos completos de optima seda e setim, bordados a oiro em relevo, outro extraordinario trabalho artistico ainda mais valorisado era pelos anos que se dizia que já contavam quando os comprou. As festas fizeram-se sempre com o maior luzimento.

Regressando á Ilha das Flores com sua mulher e filhos, trouxe consigo a sua fortuna em navio fretado expressamente para esse fim, sendo este perseguido por piratas a 20 milhas do porto de Macau. Novo voto fez ele a Santa Filomena, se o salvasse também milagrosamente, como da primeira vez, de que a sua festa não se faria apenas em vida dele, mas até á morte do ultimo de seus filhos, assegurando-lhe a verba necessaria. E salvou-o o aparecimento inesperado de um navio de guerra.

Desembarcado na Ilha, a primeira coisa que mandou fazer foi a egreja do Mosteiro, sua freguezia natal, concluida em 1847 como se pode ver pela «Historia das quatro Ilhas que formam o distrito da Horta», do dr. Silveira Machado, egreja em que a festa se continuou a celebrar, como aliás noutras egrejas da Ilha, em varios anos, e no seu testamento de 15 de Setembro de 1855 assegurou o cumprimento da sua segunda promessa, deixando tambem avultadas esmolas aos pobres e mil e quinhentas missas por sua alma e pelas almas dos seus.

Falecido o ultimo dos filhos de Antonio Freitas ha quatro anos e caducado o encargo que lhes fora imposto, lembraram-se os seus descendentes, alguns dos quais residem em Lisboa, de expor ao exame dos apreciadores de objectos antigos e artisticos os paramentos que serviram á festa de Santa Filomena, os quais apesar da antiguidade, ainda se encontram num estado de conservação admiravel e dão uma impressão das maravilhas de sumptuosidade e de arte, que noutras eras Portugal importava do oriente.

Relação dos paramentos:

Vermelhos—Casulas 1; Dalmaticas 2; Manipulos 3; Estolas 3; Estolas de pregador 1; Pluviais 1; Veus de hombros 1; Pavilhões para sacrario 1; Doceis de altar 1; Panos de pulpito 1; Frontais 3; Veus de calice 1; Bolsus 1; Guião 1.

Brancos—Casulas 1; Dalmaticas 2; Estolas 3; Manipulos 3; Pluviais 1; Veus de hombros 1; Veus de calice 1; Bolsas 1; Palios 1.

A entrada é por convites e a abertura da exposição realisa-se no proximo dia 22 pelas 4 horas no salão da Ilustração Portugueza.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 5/16—4 3/16
» 90 dias.	4 7/16—
Paris, cheque	1174— 1209
Suissa, cheque	2448— 2521
Belgica, cheque	1081— 1114
Italia, cheque	685— 706
Berlim, cheque	42— 48
Holanda, cheque	4785— 4928
Madrid, cheque	1960— 2020
New-York, cheque	12576— 12952
Brazil, cheque	
Austria, cheque	1— 2
Noruega, cheque	2408— 2481
Suecia, cheque	3516— 3622
Dinamarca, cheque	2709— 2791
Libras	61$00 — 64$00

SPORT

LUTA

Continua a disputar-se com grande animação o IX Campeonato—Hoje Sardinha contra o americano Wilson.

Dos oito campeonatos internacionais de luta já realisados no Coliseu dos Recreios, o deste ano reveste um excepcional interesse pelo nome e o valor dos lutadores que o estão disputando. A inscrição conta nomes de grande «classe» como Constant Marin, Fornier, Stroobants Deriaz, Ochos, isto alem dos portuguezes Manuel Grilo, Joaquim Sardinha e Manoel Gonçalves que brevemente se estreia. Este ultimo deve certamente competir com Manuel Grilo, visto que, tendo apenas 25 anos, pesa 110 kilos e é cheio de massas musculares. As lutas disputadas ontem despertaram interesse. O Coliseu estava quasi cheio; os aplausos ouviram se e os protestos contra St. Mars tambem... Este lutador que é na realidade um grande atleta continua a irritar o publico, adotando os processos do brutal Wilson. São lutas desleais que afinal bem podiam ser evitadas. Emile Deriaz, o hercules já nosso conhecido tem já trez vitorias. Os seus adversarios, ao menos deouido são tombados pela sua formidavel cintura de frente.

Hoje, realisam-se cinco lutas; Manuel Sardinha tem como adversario Wilson; Roberti contra Sondo; Massetti contra Stroobants; Chyssone contra Constant Marin e Raoul St. Mars contra Léon d'Angers.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

UM PARRICIDA

por GUY DE MAUPASSANT

Vinguei-me e matei. Era o meu direito legitimo. Tirei-lhes a vida feliz, em troca da vida horrivel que me haviam imposto.

O senhor vai falar de parricidio! Eram meus pais, essas criaturas para quem eu fui um fardo abominavel, um terror, uma nodoa de infamia; para quem o meu nascimento foi uma calamidade e a minha vida uma ameaça de vergonha? Eles buscavam um prazer egoista; tiveram um filho imprevisto, ... Suprimiram esse filho. Chegou a vez a mim de fazer outro tanto a eles.

E, contudo, ainda ultimamente eu estava disposto a amá-los. Ha dois anos, como lhe hei-de disse, o homem, meu pai, entrou em minha casa pela primeira vez. Eu de nada desconfiava. Encomendou-me dois moveis. Ele havia tomado ... soube-o eu mais tarde, ... junto do cura, sob condição de segredo, está claro.

... voltava a minha casa muitas vezes; ... o trabalho e pagava-... Por vezes, chegava mesmo a conversar comigo. Eu sentia afeição por ele.

Nos Começos deste ano levou consigo sua mulher, a minha mãe. Quando ela entrou, tremia por tal forma, que a julguei atacada de uma doença nervosa. Depois pediu uma cadeira e um copo de agua. Não disse palavra; olhou para os meus moveis com um ar tresloucado e não respondia mais que sim e não, a todas as perguntas que lhe eram feitas! Quando ela partiu eu fiquei um pouco sentido.

Voltou no mez seguinte. Estava calma, senhora de si. Ficaram, nesse dia, muito tempo a conversar e fizeram-me uma grande encomenda.

Tornei a vê-los ainda três vezes, sem nada adivinhar; mas um dia ela poz-se a falar-me da minha vida, da minha infancia, dos meus pais. Eu respondi:

«Meus pais, minha senhora, eram uns miseraveis, pois abandonaram-me.»

Então, ela levou a mão ao coração e caiu sem sentidos. Eu pensei desde logo:

«E' minha mãe!» mas fiz a diligencia de nada dar a conhecer. Queria vê-la voltar ali.

Tomei, por minha parte, as minhas informações. Soube que eles eram casados apenas desde o antecedente mês de Julho, tendo a minha mãe enviuvado havia apenas três anos. Murmurava-se que se haviam amado em vida do outro marido, mas não havia prova alguma disso. Eu era a prova, a prova que eles haviam em segredo escondido, esperando vê-la destruida depois.

Esperei. Ela tornou a minha casa uma tarde, sempre acompanhada por meu pai. Naquele dia parecia-me muito comovida, não sei porquê. Depois, no momento de retirar-se, disse-me:

«Eu quero-lhe bem porque me parece um rapaz honesto e trabalhador; qualquer dia pensa em casar-se; gostaria de o ajudar a escolher livremente a mulher que lhe convesse. Eu fui casada contra minha vontade uma vez e sei o que se sofre com isso. Actualmente estou rica, sem filhos, livre, senhora da minha fortuna. Aqui tem o seu dote.»

E estendeu-me um grande sobrescrito lacrado.

Eu olhei-a de fito, depois disse-lhe:

«A senhora é minha mãe?»

Ela recuou três passos e tapou os olhos com as mãos para não me ver. Ele, o homem, meu pai, amparou-a nos seus braços e gritou-me:

«O senhor está doido!»

Eu respondi:

«Não estou, bem sei que são os meus pais. Não me enganam assim. Confessem, que eu guardarei segredo; não lhes quererei mal; ficarei como marceneiro.»

Ele recuava para a saida, conduzindo a amparar sua mulher, que começava a soluçar. Corri a fechar a porta, meti a chave no bolso e continuei:

«Olhe para ela e negue ainda que não é aquela a minha mãe.»

Então a cólera tomou-o, fez-se muito pálido, espantado ao pensamento de que o escandalo evitado até ali pudesse fazer-se de repente; que a sua situação, o seu renome, a sua honra fossem perdidos de uma só vez, e balbuciou:

«Tu és um patife que nos quer estragar o dinheiro. Anda, continua a socorrer e ajudar estes marotos!»

Minha mãe, como louca, repetia continuadamente:

«Vamo-nos, vamo-nos.»

Então, como a porta estivesse fechada, ele gritou:

«Se não me abre a porta imediatamente, vou fazê-lo prender por *chantage* e violencia!»

Eu ficara senhor de mim; abri a porta e vi-os encobrirem-se na escuridão da noite.

Então, pareceu-me, de repente, que acabava de ficar orfão, de ser abandonado, atirado a uma valeta. Uma espantosa tristeza, mixto de colera, de odio, de tedio, me invadiu; sentia como uma sublevação de todo o meu ser, uma sublevação da justiça, da probidade, da honra, da afeição repelida; ... me a correr para os apanhar, ao longo do Sena, que lhes era preciso seguir para chegarem á estação de Chatou.

Não tardei a chegar perto deles. A noite descera escura. Eu ia a passos abafados por sobre a relva, de sorte que eles não me ouviam. Minha mãe continuava chorando. Meu pai dizia:

«E' para teu castigo. Para que quizeste vê-lo? Era uma loucura, na nossa posição. Podiamos-lhe fazer bem, de longe, sem nos mostrarmos. Uma vez que não o podiamos perfilhar, de que serviam estas visitas perigosas?»

Então, eu atirei-me para a frente deles, suplicante. Balbuciei:

«Bem vêem que são meus pais. Já me rejeitaram uma vez, rejeitar-me-hão ainda mais?»

Então, meu presidente, ele levantou a mão para mim, juro-o pela minha honra, pela lei, pela Republica. Feriu-me e, como eu o agarrasse pela golla, tirou da algibeira um revolver.

Cegou-se-me e não soube mais o que fiz. Tinha o meu compasso na algibeira; feri-o, feri-o até mais não poder.

Então ela poz-se a gritar: «Socorro! ao assassino!» arrancando-me a barba. Parece que a matei tambem. Podia acaso saber o que fazia naquela momento?

Depois, quando os vi a ambos por terra, atirei-os ao Sena, sem reflectir.

Aqui está como foi Ago...

...

O acusado tornou a sentar-se. Perante aquela revelação, o processo ficou adiado para outra sessão. Não tardará a realizar-se. Se nós fossemos jurados, que fariamos deste parricida?

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4060 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 22 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

Portugal no extrangeiro

E' um facto averiguado que Portugal, em relação ao estrangeiro, se encontra numa situação realmente singular. Assim, tudo quanto posse servir de pretexto, embora o mais leve, para o nosso paiz ser deturpado lá fóra, é pressurosamente aproveitado, podendo dizer-se que ainda bem não ocorreu um facto que para um desses pretextos sirva logo ele faz o giro da imprensa estrangeira. Quando, porem, se dá o inverso, quando um acontecimento portuguez só pode ser considerado com aplauso ou admiração, ou nunca dele aparece qualquer relato nessa imprensa, ou, se merecemos a sua atenção, é sempre tardiamente.

Ninguem ignora como são explorados em jornais europeus e até americanos qualquer incidente de caracter politico ou social, mesmo o mais insignificante, que entre nós ocorra. Não tem conto as vezes em que se tem afirmado que Portugal está em pleno regimen bolchevista, porque rebentou uma greve, como não tem conto as vezes em que se tem proclamado que Portugal nada em sangue porque se deu algum vulgar conflito da rua. Mas estes exageros são só para Portugal. Noutros paizes dão-se factos graves, de que a imprensa a que aludimos nem sequer faz a minima referencia. Os leitores de «A Capital» leram certamente o que se passou ha pouco no Recife, por causa duma ordem governativa que provocou um comicio, dissolvido a tiro, o mais tarde uma greve geral tendo-se registado serios abusos da autoridade. Pois só agora é que se sabe o que se passou.

O telegrafo não trabalhou; as folhas estrangeiras não empregaram os seus mais vistosos titulos para narrar esses acontecimentos, convertendo-os no inicio da evolução social. Mas, se se tratasse dum assunto de mau aspecto para Portugal, como ele seria largamente explorado. Quer isto dizer que ligaremos uma grande importancia aos sucessos do Recife? Não. O que desejamos acentuar é que se esses sucessos não tiveram importancia que reclamasse uma grande divulgação internacional pão a deviam ter sucessos, ainda menos importantes ocorridos entre nós, o que todavia são exagerados a ponto tal que lá fora nos consideram um paiz em constante e domagogica efervescencia.

Veja se, porem, a questão do «raid» Lisboa-Brazil. Este assunto, sim! é que possue uma magnitude insofismavel. Trata-se não só dum grande empreendimento nacional; trata-se duma verdadeira conquista para a sciencia que é universal, e com ela largamente aproveita. Pois bem! Só agora, quando o «raid» quasi toca o seu fim, quando mesmo o teria já tocado, senão fôra o lamentavel acidente dos rochedos de S. Pedro, só agora é que no estrangeiro se começa a dar valor a esse empreendimento, só agora é que a imprensa se resolve a noticia-lo, escrevendo o nome de Portugal sem o acompanhar com a acusação tacita de sermos uma sociedade—perigosa e em via de dissolução, pelos processos da mais brutal violencia.

Parece-nos ter justificado o que avançamos no principio deste artigo, ou seja que lá fóra parece haver para nós duas medidas: uma larga, para encher clamorosamente com os nossos vicios, outra estreita para contar as nossas qualidades, que todavia, atravez da historia, se tem sobrepujado tanto que não ha o direito de relembrar quando as nossas virtudes a todo o momento explendem, nos dominios do pensamento e da ação.

O grande Trans-americano-sul

RIO DE JANEIRO, 21.—Uma comissão de tecnicos dirigiu-se aos Estados de Santa Catarina e de S. Paulo para executarem o traçado do novo caminho de ferro entre o Brasil e o Paraguay.—(R).

O telegrama acima indica-nos que se iniciaram os trabalhos que ha já quasi um ano eram projecto do A. B. C. (Argentina, Brasil, Chili).

A ligação das linhas ferreas dos estados do sul do Brazil com a rede ferro-viaria do Paraguay vai tornar-se um facto.

E como neste ultimo paiz já está estabelecida a ligação com o norte da Argentina e o Chili, logo depois de terminados os trabalhos a que alude a noticia acima, começará circulando o expresso internacional Rio-Valparaiso, passando por Mendoza o que porá assim a capital fluminense a seis dias de distancia das costas do Pacifico. Deixará de ser indispensavel a volta dos passageiros pelo estreito de Magalhães e as capital do Chili á Europa gastarão apenas vinte ou vinte e dois dias de viagem.

A CONFERENCIA DE GENOVA

A Russia e a Alemanha provocam desinteligencias—Em volta do tratado—Tendencia para a exclusão dos Soviets

A impossibilidade do reconhecimento dos "soviets"

GENOVA, 21 — Na reunião da sub-comissão dos negocios russos, os delegados declararam, por unanimidade, que é inadmissivel que os *soviets* exijam o seu reconhecimento *de jure* para eles reconhecerem as dividas dos seus antecessores. O sr. Barthou, fazendo uso da palavra, comparou a carta de Tchitcherine com as condições da Conferencia de Cannes, concluindo pela impossibilidade de se reconhecerem os *soviets*. Tchitcherine afirmou que a nota prova que os *soviets* aceitavam as condições da Conferencia de Cannes. O sr. Schanzer, presidente, encerrou a discussão, declarando que não estava aceite que a nota russa correspondesse ás condições postas em Cannes, acrescentando, todavia, que este ponto ficava reservado. — (H.).

As exigencias russas

LONDRES, 21 — A delegação russa á Conferencia de Genova respondeu ao *memorandum* de Londres em que se encontravam encorporados os termos traçados pelo *comité* dos tecnicos aliados sobre o reatamento das relações de comercio. Manifestou a delegação russa a sua disposição de dar mais um passo no sentido de encontrar uma solução das divergencias existentes, mas sob as seguintes condições:

1.ª — Que as dividas de guerra serão canceladas;

2.ª — Que se prestará um auxilio adequado á Russia para ela sair da actual situação economica o mais depressa possivel.

Nestas condições, o governo russo está disposto a restituir aos seus antigos proprietarios as propriedades de estrangeiros confiscadas ou dar-lhes uma compensação.

A delegação russa declara, contudo, que o governo russo não pode assumir qualquer compromisso ácêrca das dividas dos seus predecessores até que tenha sido oficialmente reconhecido «de jure» pelos poderes interessados.

A delegação alemã tambem responde ao protesto dos aliados contra a sua conclusão do tratado separado com a Russia. A delegação alemã aceita a sua exclusão do *comité* da Conferencia de Genova relativo aos negocios da Russia, mas oferece a sua cooperação com assuntos que se não relacionem com pontos em colisão com o tratado russo-germanico. A delegação declara-se pronta, num espirito de solidariedade e boa fé que tem animado o trabalho da Conferencia, a participar nos trabalhos da Conferencia que visam á reconciliação das nações e ao bem estar do Oriente e Ocidente. As respostas das delegações russa e alemã estão agora sendo examinadas em Genova. — (R.).

PARIS, 21 — A maior parte dos jornais franceses aprovam a decisão da delegação francesa em não abandonar a Conferencia, o que frustrou as esperanças de Moscou e Berlim. — (R.).

GENOVA, 21 — Os alemães concordaram com a decisão dos aliados, excluindo-os da comissão dos negocios russos. — (R.).

PARIS, 21 — O «Petit Parisien» diz que, quando a delegação alemã declarou na quinta-feira que estavam prontos a anular o tratado russo-germanico, já tinham recebido instruções de Berlim ordenando-lhes que evitassem essa anulação a todo o custo.

Este jornal pensa que depois da submissão da Alemanha, o acordo russo-germanico persistirá como dantes e que é indispensavel tomar precauções contra tal acordo.

Tanto este jornal como o «Echo de Paris» dizem que Giannini, secretario geral da delegação italiana, que foi informado das negociações germano-russas, vai comparecer perante o conselho disciplinar. — (R.).

O tratado russo alemão contem clausulas secretas

GENOVA, 21—A delegação francesa dirigiu uma carta ao sr. Facta, presidente do conselho de ministros italiano, protestando contra o teor da resposta alemã á resolução tomada pelos aliados. A delegação francesa contesta a legitimidade do tratado germano-russo, que é contrario ás condições de Cannes e pede ao sr. Facta para mandar reunir os delegados das nove potencias, aliadas, signatarias da resolução do dia 18 do corrente. — (H.).

GENOVA, 21 — Tendo-se a convicção de que o tratado russo-germanico contém clausulas secretas de mutuo auxilio militar, as delegações dos paises do Baltico supõem-se tratar do assunto numa das sessões. — (H.)

Os bolchevistas preconisam a guerra

MOSCOU, 21 — Segundo o orgão oficial do governo dos *soviets*, o orçamento militar russo, que se elevou em 1910 a 518 milhões de rublos, atingiu este ano a importancia de 903 milhões, tendo-se tomado para base de calculo o valor do rublo antes da guerra. Vê-se, pois, que no regimen dos *soviets* o orçamento da guerra é duplo do de antes da guerra. — (R.).

A situação financeira na Alemanha

GENOVA, 22 — O ministro das Finanças da Alemanha, falando na comissão economica da Conferencia, disse que o seu paiz estava em face de uma grande alta de preços, o que ameaça seriamente o governo. Os paises com cambio alto estão proibindo com direitos especiais as importações dos paizes com cambio baixo. A Alemanha fez diminuir a importação, para melhorar a sua balança comercial, tornando assim dificeis as relações internacionais, que, mesmo, em parte, cessaram por completo. Ao passo que a quota parte da Alemanha na exportação mundial era, em 1913, de oito por cento, no ano passado foi somente de cinco por cento. Durante o mesmo tempo, o consumo de trigo na Alemanha baixou 24 por cento e o da carne 60 por cento. — (R.).

O exame ao tratado de Rapallo

GENOVA, 21 — Esta manhã, no palacio real, reuniu-se a primeira sub-comissão da comissão dos transportes que trata das comunicações ferro-viarias. Reuniu-se tambem a primeira sub-comissão da comissão economica. — (R.).

GENOVA, 21 — A comissão de reparações, na sua reunião de quinta-feira, para examinar se o tratado de Rapallo infringia as estipulações do tratado de Versailles, encarregou os jurisconsultos de examinarem esta questão.—(R.)

GENOVA, 21 — Entre os delegados á Conferencia tem-se comentado a actividade desenvolvida pelos estaleiros alemães nos ultimos meses. Ha semanas em que se têm lançado á agua três unidades. — (R.).

ROMA, 21 — Ontem á tarde teve lugar, no palacio municipal de Genova, uma brilhantissima recepção, na qual tomaram parte todas as delegações e todas as autoridades politicas, militares e religiosas da cidade. Hoje, no castelo de Raggio, o sr. Facta, presidente do conselho de ministros e presidente da Conferencia, ofereceu um almoço á delegação francesa. Estiveram presentes os ministros italianos e reinou a maxima cordialidade. — (R.).

As novas leis tributarias em Espanha

A capitação de 196 pesetas

MADRID, 21—Pela leitura e exposição feita pelo ministro da Fazenda das novas leis tributarias deduz-se que os impostos hão-de subir uma cifra não inferior a 9.000 milhões de pesetas, o que repartido pelos 22 milhões de habitantes fará que a cada espanhol correspondam 196 pesetas anuais.—(R.)

A viagem do Presidente da Republica Francesa

A liberdade politica dos mussulmanos

PARIS, 21.—Durante a visita que na quinta feira passada o Presidente Millerand fez á Zonia de Sidi Abdrahman o emir Khaled depois de afirmar a lealdade dos mussulmanos que verteram o seu sangue durante a guerra pela mãe patria, exprimiu o desejo de os vêr representados no parlamento frances. Millerand depois de recordar que a França poz no mesmo pé de egualdade nos concelhos de cidade, nos concelhos departamentais e nas delegações de finanças algerianas tanto os representantes dos indigenas como os francezes europeus disse esperar que os resultados atingidos pela cooperação actual permitiriam o continuo desenvolvimento das liberdades politicas dos mussulmanos.—(R).

A OBRA EVANGELISTA

AS LEIS DE EXCEPÇÃO E DE ODIO

OS DOIS ASPECTOS DA QUESTÃO, CADA VEZ MAIS SIMPLIFICADOS, COMEÇAM A APARECER NA SUA INTEIRA CRUEZA

A carta que abaixo publicamos e ainda outras informações de caracter privado ou publico, deixam subir á supuração uma ordem de ideias que embora de interesse vital não são precisamente o unico motivo que força ao combate das leis 1040 e 1244. Com efeito pergunta-se por toda a parte em que situação material ficam os oficiais atingidos pelas leis que temos combatido. E é de todo o ponto evidente que centenas de individuos na sua maioria tendo passado pelos bancos das escolas e pertencendo a uma classe social que fatalmente os inhibe de tentarem os misteres rudes e rudimentares que são unicos remuneradores neste momento,—se vão ver a braços com a mais aflitiva de todas as miserias, aquela que tem de conservar certa aparencia sob pena de morrer virtualmente de fome. Resultará do rigor intempestivo e inutil das leis 1040 e 1244 que, neste instante em que todas as energias são poucas e se requer a acção comum, coordenada e praticamente progressiva de todos os portuguezes, a quasi totalidade duma classe dirigente irá engrossar as fileiras dos descontentes, dos escorraçados, numa palavra de todos aqueles que na sua propria terra não encontram forma de exercer a sua atividade, trabalhando pela sua vida. E todos os elementos excluidos do Exercito são outros tantos factores de hostilidade e de abstencionismo a juntar a milhares doutros que já existem.

Mas, porque estas rasões se possam em rigor considerar de ordem sentimental, muito embora sejam duma importancia que nenhum observador imparcial desdenhará,—não constituem elas o unico ponto de partida em que nos estribamos para o ataque fundamental e logico que temos desenvolvido nestas colunas. Não se trata apenas da miseria eventual em que podem ser lançadas centenas de creaturas, muito embora, tornamos a repeti-lo, este facto de por si só seja de importancia basilar. Trata-se do bom nome do Exercito, da sua intangibilidade ameaçada e a tal ponto que pode até chegar a ferir o Regimen em pleno coração. Se as leis 1040 e 1244 conservando a sua rudeza cortassem feio e forte, fundamentando-se em solidos principios de criterio e de imparcialidade, seriamos dos primeiros a considera-la como uma desgraça, sim, mas como uma desgraça necessaria.

Tal se não dá, porem. Sob pretexto de se depurar e de se dignificar o Exercito assistimos a uma torpissima manifestação de cupidez. Não se irradiam os oficiais A, B e C porque estes oficiais ou são maus servidores ou hostilisam o Regimen. Não. Expulsam-se A, B e C para X, Y e Z lhes irem ocupar os postos, usem mais um galão na manga da farda e subam mais rapidamente para sinecuras desejaveis. E os irradiados não se vão procurar entre aqueles que clara e iniludivelmente foram traidores ou criminosos,—mas engendram-se ao sabor das conveniencias, dos odios particulares e mesquinhos ou mesmo das necessidades politicas.

E é isto que se torna intoleravel. E' isto que constitue uma vergonha que sempre combatemos exercendo o sagrado direito da liberdade de pensamento. Se a Justiça neste caso, escolhe a seu belo-prazer e vai procurar os desprotegidos ou os obscuros para se os ferir em proveito dos apadrinhados,—deixou de ser justiça para ser um mercado. E é o que estamos vendo. Um torpissimo mercado onde os poderosos e os influentes vão comprar as suas mesquinhas ambições á custa da miseria e da ruina daqueles que não se podem queixar nem reagir contra a expoliação. Coisa miseravel que nos revolta. Coisa miseravel que revolta toda a gente. Coisa miseravel que abala todos os alicerces do Direito e da Rasão. De um lado uma multidão inteira, desinteressada e criteriosa, protestando. De outro lado, meia duzia de cavalheiros obesos esfregando as mãos e talhando as suas postas para maior gloria do seu bem-estar! Se é possivel deixar passar em julgado uma coisa destas!

Sr. Redactor:—Tenho acompanhado passo a passo a campanha criteriosa que v. nas colunas de «A Capital» tem feito contra as celeberrimas leis 1040 e 1244 que afastam das fileiras do exercito oficiais que tiveram a infelicidade, ou por outra «momentos de fraqueza» (como já alguem lhe chamou), de cumprirem ordens, de legitimos superiores e que por cujos motivo se vêem agora prestes a cahir na miseria apesar de já se encontrarem anistiados, ha mais de um ano e de continuarem a servir fielmente as instituições republicanas.

Mas essas leis iniquas que só se fizeram para punir os que não teem proteção (creia-o, porque isto provase!) são tão anormais que não prevêem o que ha-de suceder aos oficiais que foram punidos disciplinarmente por infracções disciplinares de caracter politico e que se achavam já na situação de reforma.

De maneira que o oficial reformado por virtude da lei 1244 vai ter vencimentos em conformidade com a severidade desta, deixando os que sendo já reformados e punidos tal qualmente como aqueles dentro de beneficios que a Justiça não consente porque não permite anomalias. Para não o maçar mais pede a v. desculpa um que se encontra com «a corda no pescoço», por não ser protegido, e é de v. etc.—Um oficial do exercito.

Congresso das Juntas Escolares

A sessão de encerramento

A sessão de encerramento do congresso das juntas Escolares realisou-se hoje, pelas 12 e meia horas, presidindo o sr. José Maria dos Santos. O sr. Mario Vieira apresentou a seguinte proposta, aprovada por aclamação:

«Proponho que sejam proclamados grandes benemeritos da escola primaria portugueza os nossos falecidos colegas Francisco José Cardoso, Manuel José Gouveia, Manuel José Ferreira, Leonidio de Vasconcelos, Custodio Dias Guerreiro, Guilherme da Silva, Manuel Gomes Carreiro, Antonio Manaças e Virgilio Santos e que na séde da União do Professorado seja colocado um quadro de honra com os seus nomes perpetuando assim a memoria daqueles que tão alto elevaram a sua classe e tanto lutaram pelas suas reivindicações, pelos seus progressos e pelo seu levantamento moral e material».

Por um aditamento apresentado por um congressista os nomes dos professores falecidos serão substituidos pelos seus retratos.

O sr. Manuel da Silva Barroso declara que segundo comunicação do sr. ministro da Instrução, uma nota vinda nos jornais de hoje é menos verdadeira, prometendo o mesmo ministro interessar-se pelo caso ontem exposto ao congresso relativo á situação de miseria em que se encontra a professora D. Laura Vilaça.

Falaram ainda os srs. Manuel Antonio Justino, Manuel Gonçalves e Augusto Martins, que propoz uma saudação a toda a imprensa, que é aprovada por aclamação.

O sr. José Luiz Guerra espera que no proximo congresso sejam ventilados alguns assuntos de interesse para o professorado que agora não poderam ser apreciados.

Depois de lidas as conclusões que vão ser presentes ao sr. ministro da Instrução o sr. presidente encerrou o congresso, erguendo-se nessa altura bastantes vivas ás Juntas Escolares á Patria e á Republica.

Russos e Japonezes

As zonas de influencia no Extremo-Oriente

PARIS, 21 — A Conferencia de Dalny terminou pela rotura das negociações. Os delegados russos retiraram para Tchita depois de ter exprimido aos delegados japonezes o seu pesar pelo malogro das negociações mas tomando a responsabilidade da rotura, sobre a pressão de Moscou, e sob o pretesto da recusa do Japão de não indicar data precisa para começar a evacuação dos territorios ocupados desejando previamente que se procedesse á assinatura do tratado comercial.

Todos os meios politicos de Tokio reconhecem que era impossivel ao governo fazer mais concessões e o conselho diplomatico de Tokio examina as consequencias desta rotura sobre a politica do Japão na Siberia.—(R.)

LONDRES, 22—Falharam completamente as negociações entre o Japão e a republica do Estremo Oriente. Os japonezes atacaram as tropas de Chita, que por este motivo retiraram.—(R.)

MOMENTO POLITICO

A crise

O sr. Bernardino Machado fala á Nação, por meio dum manifesto com o titulo que nos serve de epigrafe

O antigo Presidente da Republica sr. dr. Bernardino Machado deu á publicidade um manifesto onde expõe os seus pontos de vista em alguns graves aspectos do problema politico nacional. Vamos transcrever alguns excertos, que supomos ainda ineditos na imprensa periodica.

O dezembrismo

O sr. Bernardino Machado data a crise de 1917. Em 1919 a Republica foi restaurada, de facto. Foi-o tambem de direito? O sr. Bernardino Machado expõe assim o seu parecer:

Restaurada a Republica de facto em começo de 1919, cumpria restaurá-la de direito, punindo desde logo os ultrajes perpetrados contra ela. Fez-se?

Todo o dezembrismo ficou impune: na sua ditatura, nas suas vinganças e violencias, nas suas capitulações.

E, perante os assoberbantes problemas da paz, que tivemos em vez da União Sagrada? Primeiro a abdicação dos partidos republicanos. Puzeram-nos em regime monarquico absolutista, desde a vitória republicana até ás eleições gerais, sem Parlamento constitucional e sem Presidente eleito da Republica; em regime monarquico representativo, desde a reunião do Parlamento até á eleição do Presidente; e desde então, em regime de Republica ditatorial, quer dizer, ainda presidencialista, dezembrista, com o Chefe de Estado arbitro supremo da dissolução parlamentar, acimas dos representantes e até da soberania da nação. Depois a sua desorientação e lutas incessantes. O que caracteriza a politica, é a sua dissolução pela prerogativa da dissolução; amalgama-se instavelmente em volta dela a oposição; caminha para ela, dividindo-se, e maioria. As clientelas pululam. O militarismo recresce, intervem na formação dos ministerios, chega a ter seu o chefe do governo.

Em vez da coordenação de interesses, valorizando-se as potentes iniciativas despertadas com o nosso admiravel esforço de guerra, o seu abandono no desenfreamento das cobiças mais insaciaveis, servidas por pregoeiros desalmados que lançam continuamente per toda a parte a incerteza e o estonteamento nos negocios. E, religiosamente, os atrevimentos duma reacção, que faz gala do seu conubio com o dezembrismo, alardeando os feitos da execranda ditatura militarista e entoando-lhe hossanas, como se continuasse a viver sob a sua égide.

O governo dezembrista fez silencio absoluto sobre as nossas reclamações na Conferencia da Paz. E o sr. Bernardino Machado pergunta se a isto se pode chamar restauração da Republica.

O governo das esquerdas

O sr. Bernardino Machado acrescenta:

Houve um momento de suspensão em todo este descalabro. Constituiu-se o Ministerio de concentração das esquerdas. Ia se decididamente reatar a politica a que eu presidira na suprema magistratura, da união dos partidos da nossa democracia e da união da nossa democracia com as democracias estrangeiras. Comecei mesmo por convidar para ele os principais colaboradores que, além do actual Presidente da Republica, eu tivera naquela politica. E renovei o seu programa.

O Governo fez tudo pela união dos republicanos. O facto é que nunca a oposição propôs contra ele a minima moção parlamentar de desconfiança. Pelo contrario, desvanecia-se por vezes de que estavamos governando com iguais planos, o que denotava, pelo menos, que podiamos contar com a sua aquiescencia. E, para demonstrarmos a grandeza de animo da Republica, preconisámos a amnistia dos delitos politicos monarquicos, tirando assim um motivo de divisão aos proprios republicanos que disputavam sobre ela, arrolando contendores. Votou-se quasi por unanimidade. Economicamente, propuzemo-nos organisar a produção pelo auxilio aos seus sindicatos, o consumo pelo desenvolvimento cooperativista, e o comercio pela transformação do regime coercitivo de guerra no regime normal dos mercados entregues á acção dirigente das associações das forças vivas, sob o «controle» superior do Estado e transitoriamente, emquanto não fosse dispensavel, com a sua concorrencia desinteressada.

O "21 de maio"

Foi a revolução de 21 de maio que derrubou o governo do sr. Bernardino Machado. Eis como o ex-chefe de Estado julgou esse movimento:

Mas veio o 21 de Maio e tudo derruiu.

Subsistia ainda de pé, como se fizesse parte integrante do nosso direito, impondo-se á consideração publica, o primeiro decreto com que a ditadura dezembrista reptou a consciencio republicana da nação, dissolvendo o Parlamento constitucional da União Sagrada e da nosa intervenção militar. Dir-se-ia uma lei da nação. A Republica acatava-o? Seria a sua capitulação. Desafrontei-a expurgando o codigo da nossa legislação dessa vergonhissima nodoa. A anulação do decreto ditatorial não era propriamente uma satisfação aos parlamentares, os quais não tinham sequer protestado contra a dissolução mas, sim, ao povo que delegára neles, á instituição parlamentar, á dignidade do regime. O que quiz foi prestigiar a autoridade dos principios constitucionais republicanos. Mas inventou-se que eu planeava restabelecer o Parlamento que me elegêu Presidente da Republica para ser por ele reconduzido. Não havia absurdo mais inverosimil. Os poderes desse parlamento haviam expirado com a eleição popular do novo a que eu proprio pertenci, reconhecendo-lhe sempre a legitimidade. E a minha vida publica tem uma logica moral que nunca quebrei para alcançar ou manter o poder. Se alguma coisa a caracterisa é a luta obstinada que travei sempre contra todas as ditaduras, no governo e na educação. A minha ambição patriotica é certamente insofrida. Mas como se não bastasse para meu desvanecimento pessoal a honra maxima de dirigir os destinos da nação numa hora decisiva da nossa historia, que se contou por muitos anos! Dessa ninguem pode destituir-me. E, como, se depois de ter servido o nosso povo de tam alto, e, por vezes—senti-o muito!—de tam longe, o meu maior empenho não fosse regressar ao seu seio para esforçadamente como em tempos saudosos, o chamar á posse da sua soberania, tam alheia do! Então para implantar a Republica, agora para a restabelecer. Mas que! A reação vinha apregoando que eu combatera e combatia o dezembrismo, não por amor á Republica mas por amor proprio, por desforço á minha destituição, na ancia de reconquistar a presidencia... Miserias!

O golpe de Estado

Correu ontem o boato de que o sr. Bernardino Machado e o sr. Alvaro de Castro projectaram um golpe de Estado. Eis o que escreve o sr. Bernardino Machado:

Quem forjou a calunia do golpe de Estado? Houve uma imprensa para a lançar a publico. E sabe-se que o chefe da Policia de Segurança do Estado pertencente á facção militarista, lh'o afirmou, como quem, pelo cargo que desempenhava, se assenhoreara do segredo, ter nas mãos os documentos comprovativos da tentativa ditatorial.

Diz-se que essa comunicação fez tambem aos «leaders» dos partidos democratico e liberal, o que é possivel, e ao Chefe de Estado, o que não pode deixar de ser falso, porque, se a fizesse, eu, como chefe do governo, te-lo-hia sabido imediatamente.

Os oficiais, como foi declarado por um deles, deram-lhe credito. Estavam naturalmente dispostos a isso quantos se achavam sob sindicancia.

A obrigação dos dirigentes dos dois partidos era, vendo que se urdia uma conspiração, contra o governo da Republica, colocarem-se ao lado dele para fortalecerem a sua autoridade. A não ser que acreditassem no conluio do chefe do Governo com o ministro da Guerra, porque então deviam denuncia-lo, formulando contra ambos a sua acusação. Mas não procederam assim.

A opinião publica poderia ter sustentado o governo Bernardino Machado. Não aconteceu assim:

Infelizmente os conspiradores não encontram um travão na força da opinião publica. Ela ergueu a Republica, mas não ampara disciplinadamente e vigilantemente a sua marcha. A aventura da Republica nova triunfou pela confusão entre a Republica e a ditadura em meio do desconcerto da desagregação republicana. E a Republica nova caiu, mas as sementeiras da aventura que espalhou, proliferaram. A confusão de principios que produziu, subsiste em muitos espiritos, alimentada ainda pelas transigencias dos partidos republicanos para com o dezembrismo e seus fautores. E a massa popular, que num momento se ergueu, unindo-se para o derruir, novamente se dispersou depois, abandonada pelos seus dirigentes, exposta até aos mais perigosos desvairamentos pelo seu proprio horror ao espectro ditatorial. Para se acabar com a ditadura, era indispensavel restabelecer o imperio dos principios, reorganizando solidamente os quadros dos partidos da Republica. Não se fez. Pelo contrario, os partidos declinaram na ditadura dos seus chefes.

O que foi a revolta, exarou-o com toda a sua autoridade Basilio Teles nestes termos: «A 21 de Maio—recordam-se todos bem — explodira uma das menos justificaveis e das mais dissolventes revoltas militares que teem enfraquecido e desmoralisado esta Republica, e desacreditado, lá fóra, este paiz.» E o notavel republi-

...nco Camilo de Oliveira, oficial da Guarda Rep blicana, condenando-o, xclamava: Hostilizei-a sempre! P...a que fez a revolta? Para so...ifação de discolos. Para fortalecimento não dos partidos mas dos lutas ...ciaes, uns aproveitando-se no poder sem corrente alguma de opinião a seu favor, outros, precipitando-se de abaixo para precipitarem com sigo os agrupamentos dissidentes ... na esperança, exterminados estes, de subirem, sem a sua competição ...totalitariamente, a exerce-lo. Para regosijamento dos especuladores, que, suspeitos sonão comprometidas as negociações financeiras do Estado, poderam levantar uma ruidosa campanha alarmante contra o credito do erario, apregoando desastre sobre desastre; ameaças sobre ameaças, a Republica e a nacionalidade em perigo, para estabelecerem o panico, cada vez maior e mais rendoso. De dia para dia, o cambio para o lucro é certo, de milhares de contos. Para abrir caminho a todas as sedições e atentados militaristas pelo sucesso de tão mesquinha aventura, que por si não podia nada. Para jubilo dos nossos inimigos, que efectivamente teimos dentro e fora do paiz.

Não se faz politica republicana para consolidação do regimen

Urge, antes de mais nada, consolidar o regimen, dando toda a força moral á autoridade publica pela participação integral, activa, militante, de todos no poder. Assegurar a ordem e disciplina; administrar, escolhendo competencias e ... trabalho; obrigar todos ao equitativo pagamento das contribuições; punir crimes, prevaricações, desmandos; tudo que ...des de autoridade. Não era já capaz de reconstitui-la a Monarquia, e morreu. Pode e deve reconstitui-la a Republica para viver e dar vida e grandeza a Portugal.

Nem dentro dos partidos republicanos, que teem essencialmente por fim ... ser politicos, se faz politica, a politica republicana ... mais estricta cooperação e inquebrantavel solidariedade entre dirigidos e dirigentes.

Que os partidos republicanos o sejam; aquilo que é o seu primeiro programa. Cada um tem de ser em si proprio uma imagem das instituições, como as idealisa.

Mas quem dentro deles sustenta e propugna os altos principios republicanos do nosso ideal?

Os dirigentes? Os do partido liberal empenhando-se em elementos suspeitos ao regimen? Os do partido democratico, que nas ultimas eleições combateram os grupos afins ca esquerda e se aliaram com a direita liberal, dando assim indirectamente força tambem áqueles elementos hostis á Republica e á democracia? A sua autocracia é evidente.

O perigo reacionario

Como os chefes não convocam comicios, não reunem sequer os congressos dos partidos, nem no periodo eleitoral nem nos transes da vida publica, ouvindo-se as maiores co...gressões, são os exiguos centros dos nossos adversarios que, mercê do silencio dos republicanos fazem ouvir as suas vozes, embora elas não tenham eco algum na consciencia publica. Não ha grande imprensa republicana. Os jornais republicanos de mais publicidade não são partidarios. Ao passo que os reacionarios de todas as especies possuem os seus, que eles leem e os reunem. E' mesmo poderosa a imprensa que, nascida no meio do povo, cresceu ao seu amparo e ficou uma arma despotica sobre a opinião.

Assim se mostra que os dirigentes dos grandes partidos não teem publicos. E bom o teem, porque não lhe falam a linguagem dos principios.

Só a massa do partido republicano portuguez e bastante numerosa para sustentar uma larga imprensa e encher pela paiz a arena dos debates publicos.

Por toda a parte os chefes se põem em luta com antigos republicanos.

Manuel Maria Coelho que como J... o Martins se havia afastado dos evolucionistas por discordar da sua ligação com unionistas e centristas não confiando tão pouco na acção dos dirigentes democraticos entre os quais Cunhalistar-se marchou para a revolução. E Mia Pinto antes de fazer parte do governo revolucionario ja presidira ao grupo ... lista ao Norte e ... dissidencia do direcção dum centro.

Descentralisação! Republica!

O manifesto do sr. Bernardino Machado termina assim:

«Certamente que para sobre nós, neste momento, pro...e nos economicos e financeiros em ... monta... mente que ha primeiros ... que nos ... tempo. Mas e possivel a vez para que ninguem deixo de se consagrar a se ocupar dela, para que ninguem esforço patriotico se perca para sua melhor resultado, que nossos deve a governar. O poder executivo, o ... e o Parlamento; o Estado, e o ... sem a corporações locais; uma minoria eleitoral so, em meio da indiferença geral da maioria do paiz; não os resolvem. As instituições liberais cairam soneganda-se. Abaixo a politica! Administração! E que fizemos nós? Politica: a Republica. Fizemo-la contra clientelas, sindicatos e congregações.

Não nos enganemos, nós, nunca. As mais graves e desastrosas faltas em que entre nós se incorreu durante a guerra mundial, foram politicas. Depois, contra os bandos dezembristas e monarquicos resgatámo-nos de admiravel...e. Mas, para não

A educação moral como base da Sociedade

A guerra foi sempre a negação da moral. A ultima grande catastrofe, a maior da historia, desmoralisou o mundo. Mas essa crise, que estamos ainda sofrendo, é geral e passageira, porque criou um estado anormal que é a negação de todos os principios e da natureza humana. A normalidade da de vir imposta pela propria rasão.

A ferocidade é incompativel com a nobreza do sentimento que principalmente caracterisa a moral, não é antiga nem moderna, é porque uma só que nenhuma força pode desfazer.

A humanidade só poderá considerar-se livre e emancipada pela conjugação das forças morais. E' nelas, na sua acção redentora, que reside a verdadeira civilisação.

Os Estados, assim como os individuos, só podem impor-se ao respeito publico por actos que revelem pureza moral, isto é, boa intenção, sinceridade e desinteresse. Moral e egoismo são dois termos antagonicos.

Postos estes principios, faceis são as suas deduções.

A instrução contribue para o desenvolvimento do espirito, mas só a educação pode formar a vontade da qual depende a moral. Da energia depende o homem moderno. A primeira preocupação da familia para com a criança é o desenvolvimento da vontade.

O homem é o ponto de partida de toda a actividade social. Façamos o homem, diz o Evangelho. Fazer o homem é torna-lo são de corpo e forte de alma.

A's mães incumbe o dever de incutir nos filhos os principios duma moral elementar que a escola, por seu turno, desenvolve. E' para isso e nesse intuito que existem as escolas civicas. A moral torna o homem cidadão. Não basta só proclamar direitos é mister tambem impor deveres. Concluindo:

a) Sem moral, nem ha individuos nem colectividades que subsistam. E' a unica base solida da sociedade.

b) A moral deriva da educação, dada ás crianças pela familia e aos adultos pela escola civica.

c) A moral deve ser laica, não dependendo de ideias religiosas.

d) A dignidade humana aquilata-se pela moral de cada um e só pela formação da vontade se pode atingir um alto grau moral.

e) A moral será tanto mais perfeita quanto mais desenvolvido fôr o caracter.

f) Entre o moral e o dever, ha uma correlação necessaria e logica. O individuo dotado de uma moral elevada, é um rigoroso cumpridor do seu dever.

g) Assim como ha a educação fisica, assim tambem ha a educação moral. Uma desenvolve o corpo; a outra forma e modela o caracter.

h) Assim como ha uma moral racional, ha uma moral convencional. A primeira realisa a pureza dum ideal superior; a segunda é filha do preconceito e baseia-se sobre as mentiras convencionais da nossa civilisação.

i) A moral é o antidoto das paixões. A moral purifica e regenera; as paixões envilecem.

j) Ha uma só moral, baseada na justiça. Sob este ponto de vista pode considerar uma verdade absoluta.

O que é a moral?

O mundo material repousa sobre o equilibrio; o mundo moral sobre a equidade. A moral resume-se em duas palavras: amor e justiça. Atravez dos seculos, a medida que a sociedade passa do estado selvagem ao estado civilisado, a consciencia moral engrandece. Ao respeito da força opõe-se o respeito da justiça. Duas grandes ideias, essencialmente humanas, a do dever e a do direito, iluminam as trevas do mundo animal. A distinção do bem e do mal marca o advento do genero humano.

Os principios da moral são axiomas imutaveis, como os da geometria. E' hoje evidente que a moral existe independentemente das ideias religiosas. A moral purifica-se a medida que a sciencia aumenta. A boa politica não se distingue da boa moral. Para que uma acção seja boa moralmente é indispensavel que ela seja desinteressada.

Acentuemos a correlação que existe entre a moral e o caracter.

E' o caracter que forma a potencia moral do homem. A ausencia do caracter torna o homem um automato. Destacar, manter e desenvolver sempre, e cada vez mais, a dignidade da nação da humana—eis o primeiro ponto da moral e o primeiro ponto tambem da democracia. Um caracter é uma vontade de uma educação perfeita.

A moral educa, e a educação é uma necessidade organica. Se tivesse um filho a educar — escreveu Diderot — de que me ocuparia eu em primeiro logar? Sabia de o tornar um homem honrado ou um grande homem? E respeci a mim mesmo:—De o tornar um homem honrado. O ideal da educação consiste, segundo Herbert Spencer, sem obter uma completa preparação para a vida inteira. A moral repousa sobre a educação.

MAGALHÃES LIMA

so chegar a transes como esse, cumpre, dia a dia em todas as tribunas, em todas as arenas, defender e sustentar devidamente todos os foros eleitorais, corporativos e parlamentares. Infelizmente nos ultimos tempos, assinalando a nossa crise, tambem eu só d republicanos se tem bradado: Nada de politica! Administração! São vozes dos que, não sabendo eles mesmos governar com a livre colaboração e com o concurso solidario da Nação inteira, lhe pedem que abdique. E' o lema das autocracias e ditaduras republicanas, tão paradoxal como elas. Oponhamos-lhe o nosso: Politica!

Pessoalmente... Para os partidos, intervenção ... dos seus membros ... dos seus dirigentes, intensificação da sua vida regional, celebração dos seus congressos. Para a Nação, alargamento do sufragio desafogado das iniciativas locais, «referendum» popular para a dissolução do Parlamento. Os partidos entre... gues aos partidos, a Nação á Nação. Emancipação, maioridade politica! Numa palavra, Republica!

Uma explosão de "grisou,,

BILBAU, 21.—Na mina de San Benigno, propriedade de Hullera de Turon ocorreu uma tremenda explosão de grisu de que ficaram 4 mortos. O numero dos feridos não se conhece exactamente, mas sabe-se que é enorme.—(R.)

A Inglaterra ameaçada

LONDRES, 21.—Foi necessario enviar um navio de guerra para o Mar Branco para proteger os navios de pesca ingleses que se encontram naquele mar.—(R.)

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu para Puenteareas madémoiselle Consuelo Combo e para Caixarias (Torres Vedras) o sr. Augusto Pinto Ribeiro.

Em poucas linhas

Na sala de observações do banco do hospital de S. José deu hoje entrada o proprietario Romão Rodrigues Carvalhada, de 45 anos, casado e residente em Maceira, concelho de Fornos d'Algodres que ali foi agredido por um trabalhador de nome José Rodrigues, ficando contuso no corpo e com a perna direita partida.

Tambem ao mesmo hospital recolheu Manuel dos Santos, de 21 anos, maritimo, que esta manhã, na doca de Santos ficou esmagado entre duas fragatas, encontrando-se gravemente contuso no ventre.

O futuro de Portugal

Visto nas colunas do 'Times'

O «Times» insere um artigo referente a Portugal, que nos causou quasi uma plena satisfação.

E' um dos poucos artigos publicados naquele grande orgão da imprensa londrina que, claramente e sem rodeios, elogia a politica portugueza e anuncia o inicio de um periodo construtivo que reservará a Portugal um futuro mais brilhante.

Este facto é para nós consolador, porque, um povo desacreditado e anarchisado como nós temos sido nestes ultimos anos, não tem a força moral para se fazer acreditar novamente lá fóra, nem outro processo para o conseguir senão o da sua boa conducta. E, não havemos de ser nós os que devemos anunciar ao estrangeiro a nossa regeneração. Não. Devem ser os outros paises, que, verificando o melhoramento da nossa conduta nos venham dizer que nós vamos bem que afinal entramos no caminho que nos conduzirá a bom termo.

Assim, ninguem póde negar, a não ser os traidores da patria, que Portugal se levanta, que começa a acreditar-se no estrangeiro, o que ja significa muito.

Pois não é um impulsivo que o afirma claramente, é um fleugmatico inglez, que não se deixa arrastar pelas primeiras impressões, que não afirma sem muito pensar o que vai dizer e que, portanto, não se abalançaria a assegurar, sem rebuços, que Portugal entrou finalmente num periodo de tino politico manifestado nas medidas acertadas do governo Antonio Maria da Silva, principalmente nas que se referem á manutenção da ordem e nas que denotam esforço em conseguir resolver os principais e mais momentosos problemas da ordem financeira e economica.

Referindo-se ao credito inglez de 3,000.000 de libras, afirma que ele deve concorrer infalivelmente para o melhoramento das condições economicas do nosso paiz e marca o reingresso de Portugal na comunidade financeira das nações.

As medidas acertadas do governo Antonio Maria da Silva, relativas aos T. M. E., á remodelação da guarda republicana, á manutenção da ordem e á apresentação do orçamento que não tinha sido feito desde 1918, são, para o articulista do «Times», sintomas seguros do inicio de uma nova era para o nosso paiz.

E, posto que ele diga que é dificil ser se optimista, por outro lado deixa transparecer claramente que a ultima orientação politica e as recentes medidas do governo estão acreditando Portugal no estrangeiro.

Finalmente, enaltece em termos altamente honrosos para Portugal, o facto heroico dos arrojados aviadores que demandam as terras de Santa Cruz por ares nunca dantes navegados.

«Porem neste momento a atenção publica tem sido desviada de todos os problemas de ordem financeira e economica para só se concentrar no vôo transatlantico de Lisboa ao Rio de Janeiro.

A importancia do acontecimento é suficientemente grande para chamar a atenção de todo o mundo.

Em Portugal o interesse pelo seu bom exito é intenso pois o vôo recorda naturalmente o passado de que os portuguezes são legitimamente orgulhosos; recorda o glorioso periodo das grandes conquistas em que o heroismo e o espirito aventureiro dos portuguezes represeta papel primordial.

(Mighty upon the watere, in strife with the tempeste, is the image of the nation whose greatness is in the courage and the determination with which she Kuew how to conquer the Dark Sea).

«Grande sobre as ondas, em luta com os temporais, é a imagem da nação, cuja grandesa está na coragem e na teima com que soube vencer o Mar Tenebroso».

E' assim, por esta bela apoteose ao heroismo de Portugal, que termina o articulista do «Times».

Tenhamos, pois, confiança. Se no heroismo reside a nossa grandeza, que prova mais brilhante de heroicidade podemos dar do que a que representa a descoberta do caminho aereo para o Brazil?

Tenhamos, esperança, pois este ainda é o mesmo Portugal de Pedro Alvares Cabral e de Vasco da Gama, que «por mares nunca dantes navegados» descobriu o caminho maritimo para a India.

ULTIMA HORA

Noticias do Porto

A's 18 horas

A explosão duma bomba — Investigações policiais

A policia mantem em rigorosa incomunicabilidade a detida Maria José Pinto, a Maria do serralheiro Carlos Pinto, vitima da explosão de uma bomba de dinamite que ela propria estava fabricando na travessa do Anjo da Guarda.

Maria Ferreira, locataria da casa e o carpinteiro Manuel d'Oliveira foram hoje largamente interrogados.

A policia passou busca esta madrugada, ao quarto designado pelo Carlos Pinto, apreendendo apetrechos e material para fabrico de explosivos.

Conferencia no Salão de Festas do "Primeiro de Janeiro,,

No proximo dia 25 realisa o sr. Antero de Figueiredo, a convite da Sociedade de Belas Artes, uma conferencia no Salão de Festas do «Primeiro de Janeiro».

A Conferencia de Genova

Atitude da delegação germanica

GENOVA, 22.—O sr. Rathenau, presidente da delegação alemã á Conferencia, reuniu os jornalistas e deu-lhes algumas explicações acerca da atitude do governo do Reich em face da nota dos aliados adversa ao acordo russo-alemão.

O sr. Rathenau disse, em resumo que a Alemanha já respondera, aceitando condicionalmente os pontos de vista dos aliados. «E' necessario—acrescenta—que um espirito nitidamente pacifista presida ás resoluções da conferencia».

As deliberações do estadista germanico não causaram boa impressão. Crê-se, todavia, que a sua alusão á paz não representa uma ameaça e nem mesmo uma advertencia.—(C.)

Visita de Victor-Manuel II

ROMA, 22.—O rei de Italia parte amanhã para Genova.—(C.)

ORDEM PUBLICA

As fantasias dos "reporters . . ."

Os jornais da manhã de hoje informam que a policia de Segurança do Estado tendo passado busca a uma determinada casa na Baixa ali apreendeu balandraus, punhais, caveiras e outros artigos destinados pelos profissionais das revoluções para as iniciações.

Afinal o caso não tem importancia e carece ser desmentida em parte.

A busca foi passada em casa dum individuo de apelido Trindade residente na Calçado Nova do Colegio, não tendo sido apreendidos balandraus nem coisa que se pareça.

Foram encontradas somente duas caveiras e uma tibia, vendo-se esses restos humanos marcados com ligeiros traços e pontos vermelhos dando a impressão de servirem para estudo.

E vá lá a gente fiar-se em certos «reporters» . . .

O Presidente do Ministerio

partiu para Coimbra

O sr. Antonio Maria da Silva, presidente do Ministerio e ministro do Interior, partiu hoje de manhã par Coimbra, onde vai participar dos trabalhos do Congresso do P. R. P.

O ilustre estadista deve regressar no rapido do Porto da proxima segunda-feira.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republic, acompanhado do sr. Jaime Atias e seu secretario particular, visitou hoje, pelas 14 horas, a exposição inaugurada no salão da «Ilustração Portugueza».

POEIRA DA ARCADA

Os srs. ministros da Instrução e da Marinha regressaram de Coimbra onde foram tomar parte nos trabalhos do Congresso do Partido Republicano Portuguez. Partiram hoje de manhã para aquela cidade, com o mesmo fim os srs. ministros da Justiça, Finanças, Estrangeiros, Colonias, Agricultura, Comercio e Trabalho. Por tal motivo foi hoje insignificante o movimento nas secretarias ministeriais.

—O Governo continua recebendo numerosos telegramas de varios pontos do paiz, pedindo o integral cumprimento da Lei da Separação.

—Segundo o boletim de sanidade interna, durante a semana finda em 15 do corrente manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 3 de febre tifoide, 1 de meningite e 11 de variola.

O espiritismo em acção

A policia da 1.ª secção de investigação proseguiu hoje nas suas diligencias sobre aquele caso de loucura, a que hontem nos referimos e de que foi vitima Ermelinda de Jesus, rua do Sol a Sant'Ana, 10 4.º a qual andava sendo tratada pelos curandeiros espiritas José dos Santos Correia, Rosalina Dores e pelo guarda civico 1575 José Vaz.

Conforme dissemos ontem todos estes espiritas se encontram presos tendo sido hoje detida por egualmente estar implicada no caso Izabel Maria dos Santos, com consultorio na rua Augusta. Foi a Izabel quem iniciou o tratamento que atirou com a pobre Ermelinda de Jesus para a maluquice.

Entre os documentos apreendidos aos presos figuram cartas que estes afirmam serem escritas por S. João Batista, S. Gregorio, S. Nicolau, S. Julião e S. Mateus.

Essas cartas irrisorias e tolas, feitas unicamente para burlar os incautos eram escritas á maquina o que mostra que o progresso avança tambem nas orbes celestes e que os referidos Santos são distintos dactilografos.

Sobre o guarda civico 1575 José Vaz, um espirita dos mais acirrados apurado está tambem que se trata de um desequilibrado pois que já no tempo do juiz de investigação criminal na Calçada da Estrela, ele por vezes foi encontrado no sotão do edificio a tocar realejo, a cantar e a dançar o fandango.

"Raid,, Lisboa-Brasil

Transporte do novo hidro-avião — Como se chamará ele? . . .

Nas estações oficiais nada ha ainda resolvido ácerca do transporte do hidro-avião para os Penedos de S. Pedro e S. Paulo.

Já noticiámos que se pensava em fazer seguir o aparelho num navio estrangeiro, que largo de Lisboa na proxima segunda-feira. Esse navio seria o vapor alemão *Cap Polonia*. O agente da companhia, consultado sobre o assunto, respondeu que o *Cap Polonia* não pode alterar a rota, que não é a dos Penedos. Além disso, parece que não dispõe de espaço suficiente para arrumação da aeronave, principalmente se ela fôr expedida já armada, como é desejo da Aviação Maritima.

Naturalmente, só depois da chegada do cruzador *Carvalho de Araujo* é que este assunto ficará resolvido definitivamente. Atendendo a que um navio de guerra dá sempre mais balanço que um paquete de passageiros e carga, é possivel e é até mesmo o mais provavel que o Governo aceite o oferecimento do Lloyd Brasileiro, que poz o *Bagé* á disposição do Ministerio da Marinha para o transporte do hidro-avião.

Nada ha resolvido com respeito ao nome que será dado á aeronave. Diz-se, porém, que será denominado *Lusitania II*.

Um bodo monumental vai ser distribuido pelo sr. Governador Civil de Lisboa

Dissemos hontem que o major sr. Viriato Lobo, Governador Civil de Lisboa estava na disposição de fazer distribuir pelos pobres da capital um grande bodo, comemorando assim o feito heroico dos bravos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O chefe do distrito com quem hoje nos avistámos elucidou-nos:

—Torna se necessario comemorar o grande feito com alguma coisa de tocante e de util.

Enquanto se festeja o arrojo a pericia e a sciencia dos dois bravos aviadores é preciso não esquecer que muita casa ha sem pão. O que se gasta demasiadamente em foguetes e morteiros seria bom repartir com os pobres e assim se enxugariam momentaneamente muitas lagrimas...

«Conto com o apoio da imprensa e dos empresarios dos teatros e clubs de Lisboa.

Aos primeiros vou pedir que abram subscrições nos seus jornais e aos segundos, a realisação de festas de caridade a favor dos pobres.

Depois juntas todas as verbas, faremos então a distribuição pelos desgraçados que nesse dia terão tambem umas sopas melhoradas.

O sr. Governador Civil convoca para uma reunião no seu gabinete, depois de amanhã ás 15 horas, os empresarios de todos os teatros da capital a fim de se acordar na realisação das recitas de caridade a que acima nos referimos.

Um tiro

Na rua Nova da Piedade, 93, 2.º, esquerdo, residencia do tenente sr. Olgario, do Campo Entrincheirado, apareceu hoje, de tarde, por duas vezes, a bater á porta um individuo suspeito. A mãe do referido oficial, temendo tratar-se de um gatuno, disparou um tiro para o ar, o que causou certo alarme no sitio, não tendo afinal o caso importancia de maior.

TEATRO

Festa artistica

Sales Ribeiro, o distinto tenor da companhia Armando de Vasconcelos, que nésta época tanto tem contribuido para os sucessos ruidosos, como os da «Moreninha», «Pupilas do senhor Reitor», «Jardim d'Aspazia» e «Lenda dos Tarlatanas», realiza, no proximo dia 24, a sua festa artistica, que deve constituir uma deliciosa noite de arte.

Basta atentar, para disso nos convencermos, nos elementos que tomam parte na festa e que são os seguintes: sopranos, Raquel Soares Bastos, «Miss Kelly Horde»; Aldina de Sousa e Maria de Lourdes Cabral; tenores, Luna e Oliveira, Jorge Macieira, Guilherme Bizarro e Sales Ribeiro; baritonos, Luiz Macieira, Gomes da Cunha, Alfredo Henriques e Alberto Sequeira Martins.

Canções portuguesas e brasileiras por Angela Pinto, Aldina de Sousa, Auzenda de Oliveira, Nascimento Fernandes, Fernando Pereira, Alves Costa e Sales Ribeiro.

A ultima recita deste actor constituiu um verdadeiro sucesso, mas a que se anuncia para o proximo dia 24 excedê-la-ha em muito.

Sales Ribeiro terá, nessa noite, ocasião de verificar o apreço em que o tem o publico em geral e os seus amigos em particular. Será para ele mais um triunfo a assinalar a sua brilhante carreira artistica.

Noticiario

Portugal

Faz a sua reaparição na proxima segunda-feira, no Coliseu dos Recreios o professor Rui da Cunha que ha alguns anos se encontra afastado do meio artistico.

—Na quarta-feira, 26, realisa-se no S. Luiz a recita do maestro Pedro Blanch, André Brun e Carlos Simões, os autores da «Lenda dos Tarlatanas» sendo nessa noite a orquestra dirigida pelo maestro Blanch autor da musica.

—O grande festival de musica russa que se devia realisar no teatro Politeama na proxima segunda feira já não se efectua em virtude de terem surgido divergencia entre a empresa e alguns elementos da orquesta sob a direcção do maestro Sainossoud.

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 78, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 1661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

Cartaz do dia

NACIONAL—A's 9—«Os Tenorios».

S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».

POLYTEAMA—A's 9,30—«A Mulher que Passa».

SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30 — «Gigajoga».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9— IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

TAUROMAQUIA

A primeira corrida em Algés

Inaugura-se amanhã os populares e muito alegres divertimentos tauromaquicos da praça de Algés, que tem um publico especial e numeroso, a que não falta todavia o verdadeiro aficionado, que muitas vezes, entre aquela quantidade de principiantes eus [illegible]do á custa de boleus os seus series descobre ovações que mais tarde dão apreciados toureiros. Ha vacas, garraios e touros, sendo estes para o cavaleiro José Gomes. Ha dois intermedios comicos: «O D. Juan da Feiteria» e «Os toureiros Desopilantes». Artistas de alternativa auxilia-rão a lide. Os bandarilheiros aspirantes são Henrique Bandeira, Joaquim dos Santos, Alvaro da Conceição Moreira, José Marques, Luiz dos Anjos e Raul dos Santos, e os forcados são Joaquim Esfola (cabo), Germano de Vila Franca, Alberto de Santarem, Mateus Pardal, Enrico da Silva, Joaquim Ribeiro, Anibal Gonçalves.

Começa ás 4,45.

SPORT

Recordando...!

Pois passei ontem á noite duas horas interessantes, com o grupo de lutadores que está em Lisboa, no Coliseu dos Recreios.

Rejuvenesci...

Constant le Marin, forte e elegante, um dos melhores homens do momento; falou-nos da sua primeira vinda a Lisbôa com a troupe de Paul Pores, campeonato que eu arbitrei.

Stroobants, fez-me lembrar a troupe de Zurich, Banchioni, que dirigia uma troupe no Porto, quando eu tinha ali um circo com outra troupe, ainda se lembrava da guerra que nessa ocasião mutuamente nós fizemos...

Emile Deriaz, ainda forte, fez-me reviver a nossa convivencia em França, quando ele era um ás no sport de força.

Como o tempo passa...

Os antigos que ainda marcam, os novos de quem se espera muito, as intrigas o meio, os que morreram, tudo ali foi contado, numa camaradagem de que ha muito eu andava arredado.

A morte do gigantesco Pons, num estupido incidente de pesca, o fim da vida de Apolon, esse Deus de força, hoje guarda duma propriedade, e meio paralitico, a morte de Lurich o mais artista dos lutadores, o fim de De Rider, esse modelo de plastica, a forma atual do colossal Zbysco, que passados os 40 anos, ainda é o campeão quasi invencivel, de tudo isso fui sabedor no palco do Coliseu, emquanto o velho Sergy não dava o sinal de entrada, a luta romana...

Bons tempos em que isso para mim, era a luta pela vida...

RUY DA CUNHA.

NOTICIARIO

LUTA

IX Campeonato Internacional—Hoje, o portuguez Manuel Grilo contra Stroobants — Outro portuguez mais forte que Grilo

As lutas que hoje se realisam no Coliseu dos Recreios devem chamar áquela magnifica casa de espetaculos grande concorrencia. O nosso valoroso lutador Manuel Grilo vai defrontar-se com o scientifico Stroobants, sendo dificil prever qual o resultado do match que com tanta anciedade é esperado.

Emile Deriaz o lutador atleta luta com o brutal americano Wilson; Chyssens luta contra o simpatico Sonda um dos lutadores que maiores conhecimentos tem de luta e Fornier luta contra Bonchionni.

Realisam-se quatro lutas e todas estas teem o lado interessante, emotivo e até violento.

Os organisadores aceitaram a inscrição de Manuel Gonçalves um novo portuguez, rapaz de 25 anos com 110 quilos de peso que ha de por certo fazer algumas lutas de grande interesse principalmente, se encontrar Manuel Grilo.

Os portugueses Sardinha e Duarte Santos foram convidados a retirarem a sua inscrição em virtude da manifesta inferioridade que teem mostrado.

O ESPIRITO DA POESIA

É UM DOS MAIS IMPORTANTES FACTORES PARA A -:- EDUCAÇÃO INTELECTUAL DAS MULTIDÕES -:-

A' poesia, ao seu convivio, á sua acção sobre os homens, podemos ir buscar os remedios ao pavoroso mal de que sofre o mundo. Ela pode impor a abnegação, dar a cada um, o aos melhores, o poder da consciencia do sacrificio e solidariedade, que dispense a coacção das leis e as suas violencias, levando o homem ao cumprimento do seu dever na terra pelo interesse moral, humano, de o saber necessario á ventura da colectividade e á propria ventura.

Se o egoismo dos homens diminue a belesa da vida e alegria do mundo, a poesia pode contribuir pela educação, para a neutralisação dos egoismos, para a revelação e exultação das nossas qualidades superiores, apressando assim as jornadas do Futuro e aproximando-nos duma Humanidade melhor.

Sobre a infancia a acção dos poemas que possam ser entendidos, e de que o professor possa fazer sentir a belesa, frisando, provocando a emoção e o ensinamento que em si levam o poder de simpatia, a claridade, a alegria, o maravilhoso que as almas infantis anceiam sequiosas—a acção dos poetas desenvolve-lhes o interesse virginal que a vida poz nas pequeninas vidas, e o mundo não prostituiu ainda.

Conserva-lhes a graça originaria, aproxima-as da belesa que as cerca, irmã da pura alegria que lhes canta irrequieta nas almas em botão. E já é, tantas vezes admiração face ao mundo, piedade, ternura perante a dor, alegria, alegria pura, encanto, pão maravilhoso para a fome de sobrenatural, de divino que trazemos em nós, e na criança se manifesta, irrequieta e travessa, como a impaciencia de pequena ave que ensaia o voo, sob a tentação do azul.

Para todos os homens a interpretação da obra poetica, a comunicação com o artista através dos encantos da forma, do poder enleador do ritmo, são já ação educativa, iniciação para sucessivo e mais puro entendimento. Porque descobrir a elegancia, pôr em relevo a beleza da forma, senti-la, ceder á sua sugestão, submeter-se, amoldar-se á harmonia que respira, ao equilibrio duma bela estrofe, é já enobrecer-se, aprender serenidade, euritmia, poder.

Por isso se compreende que a Arte pela Arte, sem bastar á Vida nem responder ás almas, baste a muitos espiritos. Mas a ação da verdadeira poesia vai mais alem da influencia enobrecedora da forma, o poema deve ter tambem a sua alma, uma outra vida que continúa e excede aquela vida exterior e nos penetra mais longe, nos leva até mais pura intimidade... E um belo cântico pode ser no campo da nossa imaginação, nas vastidões amoraveis da nossa alma, uma sementeira, uma origem de novas e mais ricas colheitas, despertando em nós uma capacidade maior para o bem, um interesse, um desejo de virtude, uma actividade moral anciosa de imitar as creações do Poeta, os herois que ele canta, as nobres figuras que se agitam e reinam em sua arte.

A preparação para a vida pratica exige á juventude uma intrução especialisada, tecnica, que a habilite a desempenhar uma tarefa, colaborando na faina geral que constitue actividade duma epoca.

Ao lado dessa instrução, precedendo-a, ou acompanhando-a, a influencia, educativa das letras, das Humanidades, da Poesia, é, vimos, essencial, para combater e evitar os males de que enferma e tem condenada esta civilisação.

Encaremos, tentemos fixar agora, porem apenas as linhas gerais da aplicação das ideias que ahi ficam a um sistema de educação popular, e vejamos como pode actuar a poesia sob as massas, educando-as e valorisando-as, preparando-as para a efectivação mais ampla da sua comparticipação na ventura e na actividade do mundo, precedendo ou acompanhando a sua preparação tecnica, a aprendizagem e o apuramento das suas capacidades uteis, orientando-as e modelando-as de acordo com uma finalidade humana, de solidariedade util á grei, sem diminuição dos alheios direitos ou limitação.

Na preparação do homem como elemento moral, civico e social, no desenvolvimento da sua capacidade sensivel, o interesse, o encanto, a emoção estética da poesia devem ser considerados como elementos essenciais.

Atrás deixamos indicado como a poesia pode atingir este elevado fim educativo, e resta-nos agora esboçar um plano de aplicação, considerando as condições, o melhor criterio de adaptar ao espirito dos discipulos nas diferentes edades, a obra poética, facilitando e desenvolvendo a sua influencia sobre aquele espirito, valorisando e orientando as sugestões educadoras que dela resultarem.

Ao professor cabe o mais melindroso da tarefa educadora.

Ele terá de escolher os seus autores de forma a não chocar o espirito do aluno e facilitar-lhe o contacto espiritual, afectivo com eles. Para cada edade, conforme o seu desenvolvimento, serão escolhidos os poetas e selecionadas as composições.

Antes de tudo poderão todos os centros de educação popular, os jardins de Infancia a que a creança concorre antes mesmo de aprender a lêr, as universidades populares, chamar ao seu regaço, reunir numa das suas salas, a pequenada do bairro. Ali, numa atmosfera de bulicio e carinho, interessada e carinhosamente seriam lidos, expressivamente, contos sugestivos que prendessem o interesse e a atenção das creanças, contos maravilhosos, sem a preocupação, de uma parte, da sua verosimilhança, narrações animadas, como a imaginação das creanças as ama, com pequenos herois avultando entre façanhas, obras de maravilha, actos de bondade e carinho luminosamente contrastando com faltas de amor e maldade—fadas e gigantes, encantamentos e maravilhas...

A recitação duma pequena fabula ilustrada, a explicação consequente do seu sentido, eis aqui os primeiros passos do formoso convivio que só contribuirá para o desenvolvimento do poder imaginativo, da capacidade amoravel da creança.

Estas sessões podem repetir-se para os que saibam lêr. E então a leitura, o esforço de compreensão, facilitado auxiliado pelo mestre, a progressiva penetração no recinto sagrado do encanto que a obra poetica em si contém, serão um exercicio para o espirito e para a imaginação.

Se o poeta tiver sido bem escolhido e na actividade, na competencia do mestre, houver o poder de simpatia e revelação que deve caraterisa-lo, este aplanará todas as dificuldades, aproximará do Poeta o aluno, iniciá-lo-ha saborosamente, em crescente alegria, em compreensão crescente, revelando pondo em relevo a beleza da forma e a musica do ritmo, provocando depois a formação da imagem e sugerindo, ampliando a ideia subsequente até ela atingir todo o seu significado de beleza, tocar o sentimento, produzir a emoção. A leitura de pequenos poemas liricos, decorados, recitados, cantados se possivel fôr, liricas de João de Deus, o «Sonho doirado» por exemplo.

Nesta fase, correspondendo nas escolas á instrução primaria oficial, através dos poetas, a creança comunicará, entenderá a beleza do paisagem, os mil encantos da natureza da pratica do bem e do trabalho creador, terá conhecimento de simpatia com as altas figuras da sua terra e todo o mundo que deve amar e considerar como exemplos.

A epopeia e a tragedia, (traducções de Shakespeare, Racine e Frei Luiz de Sousa, etc...) celebrando almas heroicas, grandes feitos, coroando os triunfos duma alma ou dum povo, erguerão as almas dos moços, despertarão neles generosas sêdes de grandeza moral. Depois a poesia lirica, alumiando a nossa intimidade, florindo-nos de enternecida primavera, respondendo ás nossas mais doces anciedades, afinando, dulcificando-nos a sensibilidade, desenvolvendo em nós maior poder de Amor, e ternura e graça, dando maleabilidade á rasão, horisontes mais amplos ao nosso instinto de solidariedade, e descerrando ás almas os primeiros vastos porticos que vão para o misterio... A acção educativa continuará decorrendo dos poetas escolhidos de influencia de forma lida, da imagem provocada, do sentimento desperto e ampliado. Antero, João de Deus, Nobre, certas paginas de Nobre, Pascoais, Correia de Oliveira Olavo Bilac, etc, etc, sis os poetas, para falar dos nacionais, somente...

Alem de nós mesmo, das relações inter-humanas, deante do Universo na maior liberdade, presentindo a Unidade do Todo, a lei de Amor que leva, governa os mundos o seu entendimento, seu amoroso dominio, sobre nós, aqueles poetas no-lo revelarão, passo a passo, de cimo em cimo, num crescente, infindavel alvorescer, para falar dos nacionais, somente...

«O homem adulto» pode necessitar da preparação iniciatoria de criança, para poder chegar á compreensão de um poema e sentir-lhe o influxo moral e a humanisadora influencia.

AUGUSTO CASIMISO

CURIOSIDADES

A antiguidade dos sinos — Notas historicas

Bastante dificil se torna fixar o inicio da industria da fundição de sinos. O sabio inventor alemão Keicher atribue aos egipcios a inovação dos sinos.

Dos anais do ex-celeste imperio, hoje Republica consta que 2262 anos antes de Cristo se haviam fundido em Pekin doze sinos com cinco tons de musica. Nos livros biblicos tambem ha referencias aos sinos. O Paralipomenes fala-nos dum sino mandado fundir por Salomão e que tinha sete metros de diametro, a altura de quatro e a espessura de dois decimetros. Em epoca menos remota os romanos usaram dos sinos para anunciar a abertura dos banhos thermais, Plinio cita-os descrevendo a sepultura dum rei da Toscania:

Plutarco se refere a eles dizendonos que a abertura dos mercados era anunciada ao tilintar dos bronzes e Strabão tambem a eles faz referencias frequentes.

Entre os cristãos começou-se a fazer uso dos sinos para chamar o povo aos templos no seculo V, isto é, desde o edito de Teodoro suprimindo o paganismo. Parece que foi S. Paulino de Nola, falecido em 430, o primeiro que fez uso dos sinos, e tanto é que antigamente se lhes dava o nome generico de «nolascas». No seculo VI fo. o uso dos sinos desenvolvendo-se por toda a Europa.

No Museu de Coloma existe o mais antigo exemplar de sinos, formado de tres folhas de ferro batido juntas por cravos do mesmo metal, tendo quatro decimetros de altura. No seculo VII o doge de Veneza enviou ao imperador de Constantinopla doze magnificos bronzes para a colocação dos quais foi construida uma torre especial, junto de Santa Cecilia.

Nos principios do seculo VIII o exercito de Clotaire que cercava Sens levantou o cerco e poz-se em fuga por ter ouvido tocar a rebate os sinos de Santo Estevão.

A principio as proporções dos sinos foram bastante restrictas.

Um sino mandado fundir por Carlos Magno tinha apenas 200 quilos de pezo. Os sinos de S. Tiago de Compostela eram de tão pequenas proporções que Almançor os fez transportar para Cordova ás costas dos cristãos cativos, e depois os transformou em lampadas suspensas das abobadas da mesquita.

Durante o seculo IX os sinos tomaram maiores proporções e tanto assim que em principios do seculo X existia em Orleans um cujo pezo era de 1300 quilos. E assim se foi desenvolvendo até ao seculo XVI a industria dos sinos. O «Cordatiloc» de Tolosa pesava 25.000 quilos; o de «Strasburgo» 21:000 quilos; o «Santo Ivo» 56:000; o «Boicha» 65:000; o «Troitzkoi» 164:274; o «Tsar Holol» 198:100 quilos.

O sino do relogio de Pekim, e que data de 1404 mede 4 metros de diametro e o seu som ouve-se a 30 quilometros!

Este sino esteve 200 anos sem aplicação por os chinezes não terem conseguido construir um vigamento que resistisse ao seu pezo. Em 1407 foi fundido o «Clementia» de Genova junto á egreja por Olivey e Bueron; o de Troyes foi fundido em 1475 por Rogain e Banticle. Em Portugal o mais antigo exemplar de sinos artisticos com relevos que se conhece encontra-se na torre da egreja do Popalo e que tem a data de 1598 e foi fundido por Gaspar Alvares, de Vila Real de Traz-os-Montes. Gaspar Alvares era descendente de Gonçalo Vaz a quem o monarca em 1612 D. Filipe II confirmou todas as prerogativas de nobreza.

Data de 1670 a fundação da primeira fabrica de sinos em Braga e que ainda actualmente existe. O sino de S. Geraldo que acha na torre setentrional da Sé de Braga foi fundido em 1501 pelo mestre Matracaleme e foi refundido em 1703 por Manuel Ferreira Gomes.

Os carrilhões

Esta palavra deriva do baixo latim «quadrilio» quaternario por serem primitivamente compostos apenas de 4 sinos, formando um acorde um tanto harmonioso. Os primeiros carrilhões que se conhecem foram construidos, segundo documentos antigos em Alort, nos principios do seculo XIV na Belgica, e de ali se divulgaram para os paises da Europa, especialmente pelos templos dos Paises Baixos e pelo norte da França. Na Grã-Bretanha se apalharam os carrilhões duma forma espantosa.

Um festa em Caxarias

Realiza-se amanhã em Caxarias, freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras, a tradicional festa da Senhora dos Prazeres, que será, ao mesmo tempo, uma festa de homenagem que os habitantes daquela terra querem prestar aos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A festa constará de missa, procissão e arraial, devendo ser queimado um belo fogo de artificio.

Asilo-Escola Santo Antonio de Lisboa

Realiza-se amanhã nesta instituição da Avenida Almirante Reis uma festa promovida por uma comissão do socios. Das 14 ás 18 horas estará o edificio patente ao publico, que terá ocasião de apreciar os trabalhos das educandas, a quem a comissão oferece um jantar. Um quarteto executará toda a tarde um variado repertorio.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A Mão Misteriosa

por GUY DE MAUPASSANT

Fazia-se circulo em volta do senhor Bermutier, juiz de instrução que dava a sua opinião acêrca do crime misterioso de Saint-Cloud. Havia um mês que aquele inexplicavel crime alvoroçava Paris. Ninguem podia perceber nada do caso.

O senhor Bermutier, de pé, de costas para o fogão, falava, amontoava provas, discutia as diversas opiniões, mas não chegava a uma conclusão.

Muitas mulheres se haviam levantado para se aproximarem dele e quedavam de pé, o olhar fixo na boca rapada do magistrado, de onde saiam palavras graves. As senhoras estremeciam, vibravam, crispadas por um medo curioso, pela avida e insaciavel necessidade de pavor que é inseparavel da sua alma e que as tortura como uma fome.

Uma delas, mais palida que as outras, pronunciou durante o silencio:

E' pavoroso! Toca as raias do sobrenatural.

Nunca se virá a saber coisa alguma.

O magistrado voltou-se para ela:

Sim, minha senhora, é provavel que nunca se venha a saber nada. Quanto á palavra sobrenatural, que acaba de empregar, não é em nada chamada para o caso. Estamos em presença de um crime habilissimamente concebido, habilissimamente executado, tão bem envolvido no misterio, que não podemos separa-los das circunstancias impenetraveis que o rodeiam. Mas, eu proprio já tive, outr'ora, de seguir um processo onde, em verdade, parecia haver qualquer coisa de fantastico. Foi preciso abandoná-lo por falta de meios para esclarecer.

Umas poucas de mulheres pronunciaram ao mesmo tempo e tão depressa que as suas vozes apenas pareciam uma só voz:

—Oh! conte, conte, senhor Bermutier.

O sr. Bermutier sorriu gravemente, como deve sorrir um juiz de instrução, e tornou:

Não vão julgar, pelo menos, que eu haja podido supor na aventura que vou contar qualquer coisa de sobrehumano. Eu não creio senão nas coisas normais. Mas se, em vez de empregarmos a palavra «sobrenatural» para exprimirmos aquilo que não compreendemos, nos servissemos simplesmente da palavra «inexplicavel», isso valeria muito mais. Em todo o caso, no processo a que vou referir-me, foram, sobretudo, as circunstancias preparatorias que me comoveram. Emfim, vejamos os factos:

Eu era então juiz de instrução em Ajaccio, uma cidadesinha branca, deitada na margem de um admiravel golfo rodeado por todos os lados de altas montanhas.

O que eu tinha, sobretudo, a fazer ali, era tratar de um processo por vingança. Ha processos desses, que são soberbos, o mais dramaticos possivel, são ferozes, são heroicos. Encontra-se neles os mais belos assuntos de vingança que se possa sonhar, odios seculares, apaziguados um momento, nunca extintos, manhas abominaveis, assassinios que tomaram o corpo de verdadeiros massacres e de quasi acções gloriosas. Havia dez anos que eu não ouvia falar senão da pensão de sangue, desse terrivel preconceito corso, que força a vingar toda a injuria feita a qualquer pessoa sobre o que a fez, por um dos mais proximos parentes do ofendido.

Eu vira processos em que se tinha esganado velhos, crianças, primos, e tinha a cabeça cheia dessas historias tragicas.

Ora, certo dia, soube que um inglês acabava de alugar por alguns anos uma pequena vila no fundo do golfo. Levava comsigo um criado francês, que tomara em Marselha ao passar ali. Não tardou que toda a gente se ocupasse daquele personagem singular, que vivia só no seu domicilio, apenas saindo para caçar ou para pescar. Não se dava com pessoa alguma e a ninguem falava, nunca vinha á cidade, e, todas as manhãs, se exercitava durante uma ou duas horas ao tiro da pistola e da carabina.

Criaram-se logo lendas em volta dele. Pretendia-se que era um alto personagem que emigrara da sua patria por causa de certos casos politicos; outras vezes afirmava-se que se ocultava por ter cometido um crime horroroso. Chegavam mesmo a citar circunstancias particularmente horriveis.

Na minha qualidade de juiz de instrução, quiz tomar algumas informações a respeito daquele homem; mas foi-me impossivel saber fosse o que fosse. Dizia ele chamar-se *sir* John Rowell.

Contentei-me, pois, em vigiá-lo de perto; mas nada consegui apurar em realidade, de suspeito, relativo áquele personagem.

Todavia, como os rumores sobre a sua historia continuavam, engrossavam, se tornavam gerais, resolvi tentar eu proprio ver aquele estrangeiro, e puz-me a caçar regularmente nas cercanias da propriedade que ele habitava.

Esperei muito tempo uma ocasião. Esta, apresentou-se-me um dia, sob a forma de uma perdiz a que atirei e que matei em presença do inglês. O meu cão trouxe-ma; mas mal agarrei na caça, apressei-me logo a apresentar as minhas desculpas pela minha inconveniencia a *sir* John Rowell, pedindo-lhe ao mesmo tempo quizesse dar-me a honra de aceitar a ave morta.

Ele era um homem de estatura alta e de cabelos rubros, barba rubra, muito espadaudo, uma especie de hercules pacato e cheio de polidez. Não tinha nada da rigidez ingleza e agradeceu-me solicito a minha delicadeza, num francês acentuado de Alem-Mancha.

Ao fim de um mês, haviamos conversado umas cinco ou seis vezes.

Uma noite, afinal, como eu passasse por diante da sua porta, vi que ele fumava o seu cachimbo, escarranchado numa cadeira, no seu jardim. Saudei-o. Ele convidou-me a entrar para beber um copo de cerveja.

Não me fiz rogado.

Recebeu-me com toda a meticulosa cortezia ingleza, falou elogiosamente da França, da Corsega, declarou que gostava muito daquela região, daquela costa.

Então, fiz-lhe, com grandes precauções e sob a forma de um vivo interesse, algumas preguntas acêrca da sua vida, dos seus projectos. Respondeu-me que tinha viajado muito, em Africa, nas Indias, na America. E acrescentou, sorrindo:

Tenho corrido muitas aventuras, oh! *Yes*.

Depois puz-me a falar de caçadas e ele deu-me minucias curiosas sobre a caça ao hipopotamo, ao tigre, ao elefante e até ao gorila.

E disse:

Todos esses animais são terriveis.

Oh! nó, o pior de todos ser o homem.

Poz-se a rir com boa vontade, com um bom riso de inglês rotundo e satisfeito:

Eu tambem ter caçado muito o homem.

Depois falou-me de armas e ofereceu-me a sua casa para mostrar-me espingardas de diversos sistemas.

(Continua)

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

— HOTEL PARIS —
— ESTORIL —
— Conforto e tranquilidade —

N.º 4061 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5 || LISBOA — Segunda-feira, 24 de Abril de 1922 || Telefone n. 2298 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O fôro

Con[illegible] ontem o Congresso do partido democratico, reunido em Coimbra. Decorreu, como infelizmente ha muito se observa, no banzé do costume. E dele não se apura, afinal de contas, outra significação que não seja a de que esse partido que se reclama da estructura e das tradições do velho Partido Republicano Português, tão cheio de altivez, de dignidade e de ideal, continua a não possuir senão uma razão de ser: a de constituir um fôro do sr. dr. Afonso Costa. Essa situação de foreiro não parece o partido democratico nenhuma ensejo de a proclamar, e, para isso, estão de acordo as duas facções outubrista e anti-outubrista, em que a aludida agremiação partidaria actualmente se divide.

Obedecendo á orientação do sr. Tavares de Carvalho, que certamente a fundamentou com incisiva eloquencia e vasta cópia de argumentos, o Congresso tomou uma resolução sensacional e que deve ser [illegible] dos mais importantes acontecimentos. Decidiu telegrafar ao sr. dr. Afonso Costa solicitando o seu regresso á actividade politica. Escusado será dizer que a todo o momento se espera a resposta do antigo chefe democratico. O sr. Tavares de Carvalho nem respira; os outros congressistas devem igualmente estar suspensos do resultado da sua ardente suplica.

Todavia, os factos não permitem uma grande esperança, a não ser que o proponente tenha alguma confidencia do sr. dr. Afonso Costa, que lhe permita nutrir esperanças e de alguma forma fundamente o seu alvitre, tão calorosamente adoptado pela assembleia, numa comunhão de vista assaz notavel, porque parece que em nada mais se manifestou. Mas os factos são os factos, e não podemos esquecer que, tendo-se anunciado a vinda do sr. dr. Afonso Costa para assistir á reunião fraternal de Coimbra, s. ex.ª não só não tomou o comboio para Portugal, como nem sequer se utilizou do telegrafo para dirigir uma comovente saudação ao Congresso. Semelhante constatação não nos consente, ai de nós! uma excessiva confiança no exito do pedido do sr. Tavares de Carvalho, que o Congresso tornou seu, imprimindo-lhe um cunho de atracção sem limites.

O que se conclue dêste facto é que o partido democratico continua a ser tão preciso ao sr. dr. Afonso Costa como as centenas de velhos predios de Lisboa que são foreiros ao sr. conde do Restelo. Mas assim como o sr. conde do Restelo se limita a receber o fôro dessas propriedades que lhe são tributarias, mas não gasta o seu tempo a ir vê-las, assim tambem o sr. dr. Afonso Costa se limita a receber o fôro do seu antigo partido sem abandonar a tranquilidade primaveril de Paris pela balburdia politica de Coimbra.

E' claro que o maior numero dos fieis ficarão com o sr. Tavares de Carvalho interrogando os horizontes a fim de vêr se o sr. dr. Afonso Costa dêles irrompe, numa manhã de nevoeiro, como o falecido D. Sebastião. São resistentes, são graniticos na sua fé. Querem vêr o dono da casa, porque, de facto, é apenas por simples cortesia que se contentam com a simpatica fisionomia do mano de s. ex.ª, velho republicano do Patio do Salema. Para esses, emquanto houver telegrafo e ligação com Paris, não estará jámais perdida toda a esperança.

O sr. Poincaré

classifica de reacionario o regimen bolchevista

PARIS, 24. — Discursando no congresso de agricultura em Nancy, o sr. Poincaré traçou a historia da libertação do aldeão francês, a qual proveio da acessão da propriedade individual e foi completada com a conquista dos direitos politicos de 1848. O sr. Poincaré constatou que as profecias dos socialistas pregando a supressão da propriedade, hesitaram de pojar o aldeão russo da propriedade por muito tempo desejada, recusando-se agora a renunciar a ela. O comunismo russo recorreu a ajustes e a sistemas hibridos, como os arrendamentos enfiteuticos. Parece, pois, que o regime bolchevista seja um regresso indirecto ao regimen francês anterior a 1.789 e uma lamentavel reação.

O HOMEM QUE PASSA

PELO PORTO

TEATROS E SUCESSOS: «CAMA, MESA E ROUPA LAVADA». OS INTELECTUAIS NO TEATRO. UMA ENTREVISTA DO «COMERCIO DO PORTO». «O EMIGRADO». «PRIMEROSE». UM CARPINTEIRO DE SCENA :—: :—: :—: ACTOR... E PERA :—: :—: :—:

Assisti ontem, naquele enorme Sá da Bandeira, com o seu consideravel ar de casa de jantar em mogno queimado e «fauteuis» de veludo vermelho vagamente pretenciosos, á representação da farça de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa,—os irmãos Quinteros do Porto, os novos ricos da graça cá da cidade invicta, que deslisam nas quatro rodas de oculos eguais, com uma facilidade e uma felicidade sem quebra ou desfalecimento.

«Cama, mesa e roupa lavada» é uma farça na mais alta e interessante compreensão deste aspeto de teatro. Os dois simpaticos e alegres portuenses, são tão precisos á vida industrial e monotona do Porto, como certos «hors-d'oeuvre» picantes num jantar de assados. O Porto sem eles comia menos e digeria peor. Eles teem acidez estimulante de «mi ced pielkhes» e o fio de sentimento dos outros generos.

«Cama, mesa e roupa lavada» é uma farça de carapuços pendurados, que caém sem uma ruga no conjunto scenico da companhia Chaby,—desde o grande actor que a enquadra, até ao estouvado galã que a arte e a inteligencia dum novo que é preciso fixar desde já como alguem—Valerio de Rojanto—encarnou á maravilha.

Esta nova obra dos autores «charmeurs», e engenhosos de tantas outras obras do teatro ligeiro tem a meu ver uma sequea indicação das suas fucioesas qualidades de estilisadores desta vida de burguesia «meia tigela», com a sua vaga filosofia e o seu simbolismo tão dificil de ficar e tão raro de achar dom justeza. Eu julgo, sinceramente, que no dia em que os autores da «Miss Diabo» quizerem exigir a si mesmo, o esforço de fazer uma obra de sentimento, de proporções e de humanidade—e que é possivel esperar com exito das suas sensibilidades e da sua «verve» aguda e pessoal—eles serão, com a parceria Bermudes de Lisboa, com Schwalbach, Roquete e Brun, os detentores do teatro salutar e indispensavel do Riso—e sê lo-hão, senão com primazia pelo menos com estreita equiparação.

Cama, mesa e roupa lavada irá em Lisboa constituir um exito, que se acentuará sobretudo se alguem notar que são posta pela inutil colaboração dos actores que a representam, forem eliminados.

E, já que falamos nesse facto lamentavel e doloroso que se dá a cada passo no teatro portuguez seja-nos licito reprova-lo em nome dum sentimento de dignidade e de respeito que seria bem agradavel ver considerado pelos actores que se dizem superiores.

* * *

«O Comercio do Porto», lançou um destes dias a publico uma entrevista com o galã da companhia Chaby, que ali fez a infeliz epoca do Terrasse. São curiosos estes casos de intelectuais em teatro. Dessa entrevista e das curiosas respostas que esse actor deu resulta a impressão de que alguem pisa as taboas do Sá da Bandeira, e que esse alguem usa o nome vagamente romantico de Valerio Rajanto—um nome de capa e espada, um nome de romance em fasciculos, mas, inesperadamente o nome de «alguem». Brevemente os leitores de A Capital» terão, noutra correspondencia daqui, a sumula dessa palestra, que é, para o publico dos «hommes á collisses»—(e eu sou «jeune homme á collisses» desde que o sr. Alfredo Pimenta m'o chamou um certo interesse.

* * *

Vi na companhia Chaby o «Emigrado» e a «Primerose», peças conhecidissimas, e que só tiveram o condão de me fazer evocar os conjuntos do Nacional e o da Trindade, que a faria telefonica da companhia ingleza destruiu.

Nela se representa o galã Carlos de Abreu, que, sinceramente me não agradou.

Má escola, má dicção, má colocação de voz. Trata-se dum novo que deve e pode corrigir-se se tiver inteligencia para olhar para si e procurar aperfeiçoar-se. Diz-se que em Portugal não ha galãs. Eu julgo que Erico, Robles, Rafael Marques, Samwell e Valerio de Rajanto nos dão obra mais completa que a de Carlos de Abreu. Impressão pessoal e errada? Talvez. Sinceramente desejamos que Abreu procure corrigir a sua má emissão e a sua defeituosa atitude scenica, e só assim as suas qualidades de actor brilharão mais. Na «Boa-gente» onde o vimos tambem, o seu melhor trabalho desta epoca, ao que aqui dizem não é ainda completo, se bem que preferivel aos outros.

Cremilda é ainda actriz de opereta —de opereta alemã, com rodiquinhos na voz e inflexões de revista. Não pode ser assim uma actriz que enfileira com Chaby Pinheiro. Ou essa actriz faz um grande esforço, ou não dá conta dos trabalhos de responsabilidade do actual reportorio. Ha momentos em que a sua dicção me faz lembrar certas alegorias de reportorio revisteiro, com cabelos oxidos tunica e bastão. Trabalho, estudo, esforço que a vida, para as senhoras como Cremilda tem o ordenado de Princesa dos Dollars, não é positivamente um sonho de valsa...

* *

Ha no Sá da Bandeira, soube-o agora, um carpinteiro de scena, que tocando piano e jogando o bilhar como um mestre, faz rabulas de acto com uma discreção notavel. O homem que passa a vida atraz dos scenarios deu um pequeno passo em frente. E' o que se chama uma «utilidade» em teatro, que reune o util ao agravel de ser um actor apreciavel, que se chama Pêra. Eis uma pêra senão do sete cotovelos pelo menos de sete oficios.

A Conferencia de Genova

Solução dum incidente

GENOVA, 24—O incidente motivado sobre o tratado russo-germanico que ontem tinha sido de novo aberto pela França está terminado.

Numa reunião que teve logar ontem foi elaborada por unanimidade uma nova nota á Alemanha e a conferencia proseguiu nos seus trabalhos, —(R.)

O protesto da França e a imprensa ingleza

LONDRES, 24.—Os jornais mostram-se muito indignados pela interrupção causada nos trabalhos da conferencia pelo protesto da França.

Tinha-se julgado aqui que a resposta da Alemanha á nota disciplinar aceitando ser excluida da comissão que trata dos negocios russos tinha encerrado o incidente. O «Observer» e o «Sunday Times» criticam duramente a ação da França e dizem que a iniciativa de se ter levantado esse incidente deve ser atribuida ao governo francez e não aos seus delegados em Genova.

Segundo o «Sunday Times» Lloyd George na reunião de ontem lembrou secamente aos seus colegas que desejava continuar com os trabalhos da conferencia e não estar sempre a discutir o incidente. Diz-se que ele acrescentou que se isso continuasse a delegação ingleza ver-se-ia obrigada a explicar as razões da demora e a atribuir as responsabilidades dela a quem a tinha.

O mesmo jornal diz que o incidente levantado pelo protesto francez é um mero jogo de palavras. Barthou dizia que a resposta alemã não respondia completamente á nota dos aliados e Lloyd George era de opinião que a nota alemã constituia uma aceitação em principio. Para aplacar as susceptibilidades francezas a comissão decidiu enviar uma nova nota dizendo que as potencias reunidas consideram a resposta alemã como aceitando todo o conteudo da nota do dia 18.—(R.)

Um desmentido alemão

PARIS, 23.—A embaixada alemã em Paris desmente categoricamente: 1.º a conclusão de qualquer convenção militar entre a Alemanha e a Russia; 2.º as declarações que os jornalistas atribuem ao chanceler Wirth e ao sr. Rathenau e que foram publicadas pelo «Echo National».—(H.)

O congresso de Coimbra

decorreu bastante animado e de forte eloquencia

Fechou ontem em Coimbra o Congresso do Partido Republicano Portuguez e as noticias que a imprensa tem ido colecionando sobre o assunto dão ao leitor desprevenido a ideia de que tudo aquilo foi bastante confuso e vago. Varias centenas de congressistas deram durante uns dias provas abundantes dum facundo e limpido fluxo labial, mas não se pode dizer que tivessem resolvido grandes e notaveis cousas. Pelo contrario. Entretanto destacam-se factos, pequenos factos que não dão o conjunto mas podem desenhar talvez a linha geral da facunda eloquencia de Coimbra.

O Congresso abriu com 600 congressistas e magna copia de alarido, notando-se atravez do tumulto uma grande maioria outubrista. Na ultima sessão, porem, o numero baixou a 300 e a eleição do novo Directorio, verificando-se com este ultimo numero patenteará que os elementos afectos ao 19 de outubro se abstiveram de comparecer. O sr. Afonso Costa foi, como de costume, solicitado por telegramas e como de costume provavelmente mandará dizer que não pode vir. Seu irmão Artur Costa auferiu a rajada eloquente destinada ao ilustre politico da Separação da Egreja do Estado, permanecendo firme num dos camarotes do teatro Sousa Bastos. Recebeu homenagem por procuração.

Entrementes o sr. Daniel José Rodrigues, um dos mais suculentos politicos portuguezes tonitroou um radicalismo «á outrance» fazendo uma viva oposição á imposição do barrete cardinalicio de Mgr. Locatelli pelo Chefe do Estado. Houve tambem vivas reclamações para que se cumpra a lei da Separação, produzindo-se grandes torneios de oratoria. O sr. Leonardo Coimbra desempenhou utilmente a sua função. Foi posto de incendio. Foi agulheta. Foi de facto agua. Quando o tumulto alastrava, imediatamente s. ex.ª tomava a palavra divagando com exito e brilhantismo por oito seculos de historia portugueza. Fala sempre, fala interminavelmente, em todas as sessões e «bisando» por vezes. Foi o grande colaborador da campanha presidencial. Aclamando e sendo aplaudido—restabelecia a efusão e concordancia de vistas indispensaveis.

O Congresso parece não ter perdido todavia a sua aparencia de Oceano tumultuoso e revolto. Ha apartes. Ha improperios. Ha expansões. Ao falar-se no «Directorio do Loureiro dos panos» o mesmo sr. Loureiro exclama em falsete:—«Sou negociante, mas negociante honrado.»—Rumores aprovativos, bulicio indeciso, marulhar indistinto. O sr. presidente dá a palavra ao visconde de Pedralva. Uma voz:—«Aqui não ha viscondes?—E entra-se na ordem da noite. O sr. Lourenço Correia pede aos srs. congressistas que se não manifestem «com os pés.» Discute-se o local do proximo Congresso, todos fazem valer as suas razões, uns querem o norte, defendem outros o sul, nenhuma capital de distrito escapa. E a pouco e pouco toma corpo a ideia de se realisar a cousa por sessões em todas as terras do paiz.

Apura-se no entanto que apesar da oratoria dispendida ficou alguma de reserva para uma manifestação que se projecta fazer em Lisboa ao sr. Antonio Maria da Silva e que não se sabe ainda bem se será de hostilidade, de apoio ou de censura. Seja como for aí se dirá o resto que ficou por dizer, ou melhor aí se repetirão as coisas que já foram ditas cem vezes. Como quer que seja o Congresso de Coimbra decorreu brilhante. Disseram-se coisas graves e profundas. «Au prochain...»

Presidencia da Republica

O senhor doutor Antonio José de Almeida oferece na proxima quinta feira 27 um banquete no Palacio de Belem ao Corpo Diplomatico e aos altos funcionarios da Republica.

As placas da Torre e Espada

a oferecer aos aviadores

Presidida pelo general sr. Gomes da Costa formou-se uma comissão que tem por fim abrir uma subscrição publica para que as placas de Torre e Espada a oferecer aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral sejam um valioso trabalho de joalharia e representem tambem materialmente uma dadiva de valor.

A comissão recebe todos os donativos na R. Nova do Almada 85, 87

A Semana Artistica

Na redacção de "As Novidades,,:

A exposição Ruy Bastos :—: :—: :—: :—: :—: :—: :—:

Na "Ilustração Portugueza,,: Arte Sacra

No salão do teatro Nacional:

A galeria Lister Franco — As suas paisagens algarvias

Abriu, ha dias, na antiga redacção de «As Novidades» uma exposição de Desenho. Firma-a um nome desconhecido, até ha pouco, pelo menos para mim: Ruy Bastos. E' de certo um rapaz muito novo que procura, com uma audacia que se perdoa á juventude, uma fisionomia extravagante para os seus desenhos. Ruy Bastos procura dar-nos, em pequeninos triangulos a tinta da china, os varios aspectos da vida, das mulheres, das elegancias, dos «flareurs». A'parte algumas banalidades demasiadamente triangulares—a exposição merece a nossa atenção. «Grisette perseguida»; o «Pierrot e arlequim»; «Five o clock», «Desconfiados»;—e sobretudo o «Palhaço» sugestão encantadora de Rico e de Alex, são suficientes para que nós profetizemos a Ruy Bastos um futuro artistico e brilhante.

* * *

Encerrada a galeria Antonio Soares que tanto interesse despertou no meio artistico de Lisboa, inaugurou-se no salão da «Ilustração Portugueza» uma exposição de Arte Sacra. Fui das primeiras pessoas que a visitei ha tres dias e tenho ainda nos olhos toda a côr, todo o deslumbramento, toda a opulencia hieratica daqueles paramentos ricos. Nessas casulas, nessas dalmaticas, nesses manipulos, nesses pluviais que alastram á nossa volta, pelas paredes, como manchas de ouro sente se todo o esplendor, toda a grandiosidade das grandes cerimonias religiosas. E afinal todas essas vestes liturgicas são na sua opulencia, a expressão viva duma piedosa humildade. A sua historia é um capitulo de comovida intenção: um voto religioso. Ao examinar uma a uma todas essas preciosidades riquissimas tive vontade de ajoelhar, como num templo, onde palpitasse um perfume vago de incenso.

Quiz recordar-me um momento. Mas não. Não conheço nem nos nossos museus de Arte Sacra nem nas mãos eruditas dos colecionadores nada de semelhante, sobretudo na correção do desenho, a estes paramentos. Os existentes entre nós, pelo menos na sua grande maioria, podem filiar-se numa origem italiana: estes pelo lavor minucioso, detalhado, onde se adivinham horas e horas de trabalho, de paciencia, de vigor, podem filiar-se bem pelo vigor, pela paciencia, pelo trabalho na arte chineza—nessa arte chio pesa que chega a ser, muitas vezes, quasi inconcebivel para nós europeus, senhores da velocidade, da rapidez, do «fox-trot» vertiginoso da vida. A exposição, acentuadamente liturgica, acentuadamente catolica da «Ilustração» não exclui dos seus limites os profanos. Não. Mesmo esses não deixarão de receber perante aquelas maravilhas a impressão de arte que elas lhes oferecem —religiosamente.

* * *

No salão do teatro Nacional onde eu, ainda ha pouco, travei relações com uma coleção admiravel de tapetes de Arraiolos—abriu, agora, Lister Franco a sua galeria de pintura constituida essencialmente por paisagens algarvias. Eu não esqueci ainda a ultima exposição de Lister Franco, realisada o ano passado em Lisboa e em que se esboçavam já, com uma certa vivacidade, todas as qualidades que hoje se revelam com uma certa exuberancia. Ao visitar a galeria Lister Franco tive a mesma sensação de frescura que me dão certos versos de João de Deus. A exposição Lister Franco é muito curiosa. Passa, atravez dela, o Algarve das amendoeiras floridas e do ceu azul, com a sua paisagem festiva e alegre, onde se adivinha, a obra maravilhosa do sol. Vou citar-lhe dois quadros que demoraram mais a minha atenção: «Estrada nova,» lapis curiosissimo e «Margens do Arade» excelente.

LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

CONGRESSO SOCIALISTA

Abriu no Porto o Congresso Socialista da Região do Norte. Presidiu o antigo deputado sr. Manuel José da Silva, que explicou os motivos porque fôra convocado êste congresso. O fim primarcial era assentar nos pontos a discutir no proximo Congresso de Tomar, a fim de que os delegados do norte para ali fossem com unanimidade de vistas. Salientou a necessidade de todos os operarios socialistas concorrerem para o cofre do partido, porquanto a propaganda escrita hoje custa muito dinheiro.

E' aprovada a seguinte saudação:

«Os socialistas do norte, ao iniciarem os trabalhos do seu Congresso Regional, constatando que algumas classes operarias se encontram em luta, em prol de aumento de salarios, para melhorar a sua situação economica, sauda efusivamente essas classes, fazendo sinceros e ardentes votos pela vitoria das suas justissimas reivindicações.»

A seguir, procede-se á nomeação dos srs. Alberto Alves Carneiro e Joaquim da Silva para secretarios do Congresso e da comissão de parecer e votos finais, que fica constituida pelos srs. Joaquim Silva, Antonio Augusto da Silva, Porfirio de Freitas, dr. Artur Carteado Mena e Antonio Alves de Oliveira.

Alguns oradores mostraram o seu desgosto por não verem ali antigos companheiros de lutas e o sr. dr. Artur Carteado Mena apresentou esta moção:

«Considerando que o feito heroico dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho é uma obra realisada em beneficio da humanidade, pela sciencia que reveste e pela dedicação que implica;

Considerando que ao Partido Socialista Português não deve ser indiferente tão grande feito pelo muito amor que ao progresso sempre tributou e tributará;

Proponho uma saudação vibrante a êstes bravos operarios da sciencia.»

Todos os congressistas se levantaram aprovando-a por aclamação.

São tambem saudados os socialistas do mundo e aprovado um voto de sentimento pelos camaradas falecidos.

Hoje ha duas sessões. A's 10 horas, discutindo-se a tese «Questões de tactica partidaria», e ás 21, para discussão do projecto do novo regulamento ou estatuto do partido.

As radiografias dos tuberculosos

A inquietação irlandeza

continua a manifestar-se ameaçadoramente

LONDRES, 24 — Collins, chefe do governo provisorio do Estado Livre da Irlanda, teve ontem nova aventura. Tendo combinado ir falar em Killarney, seguiu ontem em comboio de Dublin para essa cidade. O comboio foi obrigado a parar duas vezes, a primeira no entroncamento de Headford, onde fecharam as cancelas e danificaram as agulhas, e a outra vez perto de Killarney, onde tinham posto na linha um *wagon* de mercadorias. Depois de vencidos estes obstaculos, conseguiu chegar a Killarney, indo ao seu encontro um oficial das forças revolucionarias que o ameaçou com um revólver, dizendo que não lhe seria consentido falar. A praça do mercado, onde devia ter lugar o comicio, estava ocupada pelos revoltosos, que impediam o acesso, de baionetas caladas. Uma grande multidão seguiu Collins para uma rua proxima, onde afinal sempre conseguiu falar no meio de grande entusiasmo. —(R.)

Um protesto colectivo

que mais uma vez vem focar as leis 1040 e 1244

«Um grupo de republicanos» espalhou profusamente um manifesto de protesto contra a situação em que se encontra o sr. Afonso Barbeitas Pinto, major de infantaria 8, e que, durante a monarquia do Porto, nela se distinguiu, tendo ainda hoje, apesar de tudo, um lugar de confiança dentro da Republica.

E' um libelo acusatorio com grande violencia de linguagem, mas que apresenta insofismaveis provas da ubiquidade de ideias da pessoa alvejada.

Destacamos:

«A acusação imputada ao sr. Barbeitos Pinto está provada por documentos e prova testemunhal, apesar da grande copia de atestados passados por autoridades e republicanos de alguns concelhos do Norte. Crê que é republicano e como tal o considera. Mas tambem o considera que é um republicano para uma Republica e um monarquico para uma monarquia; senão não teria aderido ao movimento monarquico praticando actos que sobejamente estão provados.

Acho mais condenavel o procedimento dêste oficial em praticar tais factos, do que o de alguns oficiais monarquicos que acataram as leis da Republica para de novo as renegarem. Apela agora êste oficial que estava preparando um momento oportuno para se passar ás tropas fieis, demonstrando por essas asseverações que estava numa atitude ofensiva-activa. O que demonstrava bem que era um oficial republicano para a Republica e um monarquico para a monarquia. Está provado que mandou prender sargentos republicanos que pretendiam insubordinar-se para reimplantação do regimen republicano.»

Os factos passados com o major Barbeitos Pinto são de todo o ponto lamentaveis; e são tambem sobejamente conhecidos. Se a êles nos referimos é simplesmente porque dêles podemos e devemos tirar ainda mais ilações desfavoraveis ás leis 1040 e 1244, que neste momento scindem gravemente o Exercito. O oficial a que se alude, clara e iniludivelmente serviu a monarquia, e não só não foi atingido pelas leis, como ainda desempenha dentro do regimen funções de categoria suficientemente elevada para provocarem o protesto.

Estamos, pois, em presença de um acto de favoritismo censuravel. A lei não é, pois, nem intangivel, nem hirta. A lei só fere cegamente com um criterio de justiça imparcial. A lei atinge apenas aqueles que por odio ou por conveniencia devem ser excluidos. E' a lei! Ainda é lei!

Os negocios de Moçambique serão discutidos em Camaras

Sobre a questão Hornung que por varias vezes temos tratado sabemos que os deputados srs. Leote do Rego e Agatão Lança vão iniciar no Parlamento um debate. O sr. Cunha Leal tratará tambem do proximo convenio luso-transvaliano que vai ser negociado entre os generais Freire de Andrade e Smuts. E ainda um outro parlamentar vai ocupar-se do emprestimo que o Alto Comissario de Moçambique, por intermedio do sr. Hornung, tentará negociar em Londres para satisfazer as necessidades da Provincia. Esse emprestimo terá como sanção os rendimentos de Moçambique e entre eles talvez o da emigração dos indigenas, calculado em 300.000 libras anuais.

O Conselho comunista

apela para as massas operarias

PARIS, 24 —O conselho nacional comunista aprovou uma resolução, opondo-se aos acordos dos estados maiores reformistas e sindicalistas e regeitando a participação ministerial, frisou como Moscou o perigo da instituição do comité dos nove e pede que este comité tenha sómente o poder de preparar a conferencia geral decidida em Berlim e termina por um apelo á união das massas operarias no dia 1 de Maio.—(H.)

Bispo de Moçambique

No proximo domingo 30, pelas 10 horas na Egreja das Mercês (a Jesus) realisar-se-ha a sagração de sua ex.ª Rev. O Bispo de Moçambique, D. Rafael Maria d'Assumção.

Os residentes que foram da cidade da Beira e desejem assistir á referida solenidade, podem dirigir-se a Manuel Silveira de Lemos, na Rua de S. Paulo, 220, 1.º D. das 10 ás 6 que lhes dispensará os bilhetes reservados aos citados residentes.

Theatros e Cinemas

Cartaz do dia

Teatro de declamação
NACIONAL—A's 9,30 «Carta Anonima».
POLYTEAMA—A's 9,30—«A Mulher que Passa».

Teatro musicado
S. LUIZ—A's 9 «A Moreninha» 1.º acto. Concerto lirico e canções portuguesas e brasileiras.
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».
SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30 — «Gigajoga».

Circos
COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos
OLIMPIA—Rua dos Condes
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Agenda da semana

HOJE — S. Luiz — Festa artistica do actor Sales Ribeiro.
AMANHÃ — S. Carlos—Primeira da peça «Os Tubarões».
QUARTA FEIRA — Nacional — Festa artistica do actor José Ricardo.
S. Luiz — Recita dos autores de «A Lenda dos Tarlatanas».
QUINTA-FEIRA — Avenida—Primeira da opereta «Perola Negra».
SEXTA-FEIRA — S. Carlos — «As aventuras de Rafael».

Medalhão

Be parla Bivar

Faz amanhã a sua festa artistica no teatro S. Carlos, de cuja companhia é primeira figura feminina, com a peça de Ricodemi «Os Tubarões». Artista conscenciosa, os aplausos que tem conquistado deve-os, principalmente, ao seu trabalho honesto e ao grande desejo de procurar vencer. O publico reconhece o valor e terá, decerto, mais uma vez ensejo de a aplaudir e victoriar.

Nota do dia

«O bom filho á casa torna». E, mais uma vez, da confirmação do velho adagio, resulta a minha volta á *Capital*, jornal a que me ligaram sempre velhos laços de amisade e gratidão, pois nele cometei, por assim dizer, a minha vida de jornal, a sério. Mercê de variadas contingencias, um ano estive afastado e durante o curto periodo dêsses trezentos e sessenta e cinco dias, quantos factos se passaram no nosso meio teatral que, como simples espectador, me mereceram reparos, uns causando-me tristeza, outros provocando, por vezes, a minha indignação. E' que, valha a verdade, o nosso teatro, ficando muito áquem de fundadas esperanças, não evoluiu, após a guerra e, á falta de originais que nunca poderão, salvo raríssimas excepções, obter um completo sucesso, desde que os autores nacionais se vejam forçados, como quasi sempre sucede, a abdicar da sua imaginação, procurando carapuças dentro dos teatros a que destinam as suas obras, mercê das deficiencias das diferentes companhias organisadas, nenhuma tentativa se fez ainda para fazer reviver no tablado português mais que o velho habito das traduções de teatro francês, que está, incontestavelmente, senão num periodo de decadencia, numa situação de marasmo, com grave prejuizo da sua literatura dramatica, se tivermos em linha de conta a evolução sofrida pelo teatro das outras nações, em especial o espanhol e argentino.

Não se suponha, porém, do que deixo dito, que, ao iniciar de novo a minha vida de cronista de teatro, me preocupa a ideia de dizer mal. Muito ao contrario, obedecendo ao mesmo criterio de sempre, será para mim motivo de grande prazer o ter que enaltecer o trabalho da nossa gente de teatro, sem contudo deixar de lhe apontar os erros, sejam êles grandes ou pequenos artistas, se é que os mais modestos, neste pequeno interregno, não foram já adjectivados de *eminentes e ilustres*.

Seja, porém, como fôr, no momento presente, eu não posso deixar de estar de bem com os artistas da minha terra, após a simpatica prova de solidariedade que, ainda ha bem poucos dias deram, quando da festa de homenagem á grande Virginia, em que todos, sem excepção e á porfia, procuraram colaborar o melhor possivel, dentro do maximo esforço. Pena é que a afectividade de sentimentos que então os reuniu se não repita mais á miudo, manifestando-se em factos que poderiam influir grandemente no futuro da sua classe. A êsse assunto voltaremos numa proxima *nota*.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Dedicado á colonia brazileira em Lisboa, realisa esta noite no S. Luiz a sua festa artistica o distinto tenor Sales Ribeiro, com um explendido programa de concerto dividido nas trez seguintes partes:

Primeira parte:— Um acto de opereta, original de D. José Paulo da Camara e Luna de Oliveira, com musica do maestro Filipe Duarte «A Moreninha» pelos artistas Auzenda de Oliveira, Beatriz Batista, Sofia Santos, Arminda Noves, Louzalira Noves Filomena Casado, Armando Vasconcelos, Carlos Viano, Vasco Sant'Ana, Alfredo de Souza, Mario Campos e Sales Ribeiro. Regencia do maestro Luiz Gomes.

Segunda Parte:—«Concerto Lirico» sob a regencia do distinto maestro Pedro Blanch no qual toma parte por especial deferencia os distintos cantores-amadores e artistas, sopranos, senhoras D. Raquel Soares Bastos, D. Maria de Lourdes Cabral e D. Aldina de Souza, tenores srs. Humberto Luna de Oliveira, Jorge Macieira e Sales Ribeiro, baritonos srs. Luiz Macieira, Alfredo Henriques, Alberto de Sequeira Martins e Gomes da Cunha.

Terceira parte:—«Brazil-Portugal» saudação por o ilustre escritor sr. Antiré Brun; 6 canções do Brazil e 6 canções de Portugal por D. Angela Pinto, Auzenda de Oliveira, Aldina de Souza, Fernando Pereira, Sales Ribeiro e o estreiante Alves da Costa.

◆ Está definitivamente assente a vinda a Lisboa da companhia do teatro Renaissance, de Paris, de que é primeira figura feminina a actriz Cora Laparcerie. Os espectaculos realisar-se-hão no teatro S. Luiz.

Estrangeiro

No teatro Princezo, de Madrid deve realisar-se hoje uma recita de homenagem ao falecido dramaturgo Joaquim Dicenta com o seu imortal drama «Juan José».

◆ No Eslava, da mesma cidade está, presentemente, em scena, fazendo carreira, a peça de Tristan Bernard «Triplepatte», traduzida com o titulo «El indeciso».

◆ Toda a imprensa franceza é unanime na critica desfavoravel á peça de Le Bargy «Une danseuse est morte», em scena no teatro Odeon.

◆ No teatro Mareguy, de Paris, completou já 100 representações a comedia ingleza «My love», traduzida com o titulo «Mon amour».

◆ No teatro S. Carlos, de Napoles, estreou-se com um ruidoso sucesso a nova opera «Glauco» do maestro Franchetti.

◆ Fundou-se em Viena um conservatorio de que será director, Ricardo Strauss.

* * *

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 3661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

Toda a correspondencia referente a esta secção deve ser dirigida a Alvaro Lima.

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ

Na sala das sessões deste Banco realisou-se no sabado de tarde a reunião da assembleia geral que foi muito concorrida.

A reunião tinha por fim votar as conclusões do parecer do Conselho Fiscal, relativamente ao 1.º exercicio findo no ultimo dia de Dezembro passado. Presidiu á assembleia o sr. Carlos Gomes, o qual, pouco depois das 3 horas, depois de aprovada a acta anterior e dispensada a leitura daquele relatorio, pôs as conclusões á votação na generalidade e na especialidade, não merecendo elas qualquer reparo, antes pelo contrario, ao tratar-se da terceira conclusão para que fosse louvada a direcção pela forma porque soube compreender a missão especial que lhe foi incumbida e da forma como a desempenhou na gerencia dos negocios do Banco, a assembleia, pondo-se de pé, ovacionou os directores com uma estridente e entusiastica salva de palmas, que foi agradecida pelo director sr. Jorge Nunes.

O caso é que os organisadores do Banco Industrial Português, tiveram em vista fomentar o desenvolvimento da Industria Nacional, pelo seu concurso na creação de novas empresas ou pelo auxilio dispensado as existentes, e que a instituição procurou quanto possivel preencher os fins propostos.

Nesta ordem de ideias, desde que iniciou as suas transacções, o Banco Industrial Português, amparou dentro do limite das circunstancias e com a prudencia necessaria, esse desenvolvimento da Industria e correlativamente ao comercio, intimamente ligados, para os efeitos da reproducção economica do paiz.

Afóra isso, o caso é tambem que o Banco Industrial Portuguez não esqueçou ainda um gesto para exceder os 5.000.000$00 de capital realisado, e, desta maneira no decorrer do 1.º exercicio, a gerencia desempenhou-se de forma que os seus lucros foram 1.160.923$92, distribuindo por isso o Banco Industrial Portuguez, um dividendo de 12 %.

Registo Civil

Registou-se hoje na 5.ª Conservatoria do Registo Civil desta cidade, uma filha do nosso amigo Antonio Alberto Gonçalves e da sr.ª D. Claudina da Conceição. A neófita recebeu o nome de Aridna Vitoria Ribeiro Gonçalves. Foram testemunhas e padrinhos, Antonio Maria Guedes Pino, 2.º oficial do ministerio das Finanças e Felicidade Duarte Resina, proprietario, morador na Malveira.

Parabens aos pais.

Uma festa dos estudantes de medicina

Numa das salas da Liga Naval está em ensaios uma revista dos estudantes da Facld de de Medicina.

A Grande Guerra

Como a considera a minoria catolica na Camara dos Deputados

O sr. Lima Neto, «leader» da minoria catolica na Camara dos Deputados, pronunciou, hoje um eloquente discurso, enaltecendo o valor do soldado portuguez e o esforço produzido pela Nação repelindo pelas armas, a declaração de guerra que lhe dirigiu a poderosa Alemanha. O discurso do ilustre parlamentar é digno de registo especial.

Efectivamente, o sr. Lino Neto não se limitou a constatar que o soldado portuguez não perdera nenhuma daquelas grandes qualidades que fizeram o assombro do mundo, na epoca em que o nome portuguez era universalmente respeitado. A dissolução constitucionalista empanou esse brilho historico. Mas o sr. Lino Neto, reconhecendo que a nossa intervenção nos campos de batalha restituiu á Nação uma parte do prestigio semi-perdido, implicitamente afirmou que foi patrioticamente inspirada a politica daqueles que fizeram a propaganda dessa intervenção.

Na realidade, assim é. Se tivessemos adotado a atitude de neutros acomodaticios — do que, aliás, nos impedia a propria Alemanha — o nosso passado historico continuaria a sofrer a depioravel solução de continuidade que nos foi imposta pelo dominio do constitucionalismo vesgo derrubado em 5 de outubro de 1910.

Peor teria sido ainda, é evidente, se a Nação se tivesse deixado sugestionar pela corrente germanofila, que a houve cá como em todos os paizes. Não é segredo para ninguem que essa corrente de opinião era perfilhada por quasi todos os monarquicos, que não escondiam, de resto, as suas simpatias pela brutalidade teutonica; e o sr. Lima Neto não ignora que, entre o clero catolico, os imperios centrais tinham numerosos partidarios.

Triunfou, porém, o povo, que, desde a primeira hora, se pôz incondicionalmente ao lado dos aliados.

E a verdade é tão poderosa que até os hesitantes já não duvidam da excelente inspiração patriotica que animou a propaganda intervencionista. E, sendo assim, «tout est bien...»

A China revolta

Nota-se no norte da China, fazendo fé pelos telegramas que se teem publicado, um movimento de vai-vem de tropas, e, a partir de Yang Isekiang, regista-se outro movimento dirigindo-se para a capital. Os deuses da guerra estão agora novamente pondo as suas tropas em marcha.

Quem são estes deuses da guerra e quais são os motivos que os levam a tal resolução já são do dominio publico.

A China que assim se prepara para um conflicto interno, não é a China dos mandarins, de vestidos caracteristicos e trança na nuca, não são os chinezes classicos dhos pouco familiares, mas sim a China relacionada com o ocidente por causa do uso dos caminhos de ferro e por já possuir uns rudimentos da arte militar ocidental, mas no fim de tudo a natureza do conflicto é muito confuso ainda.

O que se tem passado até aqui tem uma feição incoerente que desnortela o observador distante.

Em poucas palavras, o que tem acontecido pode-se resumir no seguinte:

Chang-tso-lin, que, como dirigente da guerra da Manchuria adquiriu grande prestigio e que, durante algum tempo foi chefe do governo de Pekin, estava olhando com maus olhos um seu poderoso rival das provincias centrais.

Este rival, Wu-pei-fu, é um optimo soldado, e tem a fama de ser um verdadeiro patriota e um sincero democrata.

Tem á sua disposição um grande contingente de forças que lhe são leaes, o conserva-se firme junto do Iang-tse Kiang, pois reprova asperamente o governo de Pekin.

Em todo a parte tem havido uma enorme relutancia em se desenvolver uma acção decisiva.

Chang-tso-lin não tem estado em completa inatividade.

Este arrojado homem de acção, o ano passado esteve preso em virtude de complicados manobras politicas, e, além de ligeiras contrariedades que teve de enfrentar ultimamente quando á frente do gabinete em Pekin, formou durante o inverno uma aliança provisoria com Sun-yat-sen, o chefe do governo do sul em Cantão.

Depois destes preparativos, o heroe da guerra da Manchuria considera o actual momento oportuno para operar um movimento contra o seu mais perigoso rival, o general Wu.

Está trazendo tropas da Mandchuria para a provincia Chin-li de Pekim, enviando-as depois em comboios para Yang-tse.

Calcula-se que o general Wu, seja obrigado a movimentar as suas tropas para o norte, a defender-se no Yang-tse, de maneira a ficar intacta a cidade comercial de Hankow, onde Sun yat-sen poderia estabelecer a sua séde do governo do sul, agora provisoriamente aliado do dictador de Pekin.

E' um jogo interessante e felizmente parece não conduzir a sério derramamento de sangue, visto que, comquanto a guerra civil chineza obrigue a uma grande deslocação do trafico e traga grandes contrariedades aos comerciantes e lavradores, raramente atinge grande violencia e as perdas de vidas são minusculas.

Os chinezes, por natureza, não são um povo guerreiro, e, ciosos das suas tradições, que conservam serenamente com uma persistencia tipica, eles olham para estes conflitos politicos e militares, com uma condescendencia irritada.

O comercio continua mais ou menos na forma usual, e o comercio da China cresce continuamente.

Comtudo, por duas razões, o conflito parece ter certa importancia.

Talvez represente um passo para a reclamada unificação chineza, sendo este ponto de vista que faz com que o general Wu se torne sinpatico.

Por outro lado, em todos estes conflitos civis na China, fúteis á primeira vista, é preciso não esquecer a possivel influencia estrangeira.

Por uma singular coincidencia, o presente conflito está se realisando no momento em que os japonezes, de acordo com as suas promessas, estão evacuando Santung, uma provincia cuja posição central dá aos seus ocupantes especial oportunidade para intervir nos conflitos civis, entre o norte e o sul da China.

Parece, pois, antever-se a ligação de Chang-tso-ling e Sunt-yatsen com os japonezes.

Nós não podemos dizer se haverá qualquer correlação entre o presente conflito e a evacuação de Shantung, mas a situação reclama não se perder de vista esta hipotese.

A hegemonia da Sublime Porta

CONSTANTINOPLA, 24.—O representante do governo de Angora na capital entregou ontem á noite aos altos comissarios aliados a nota daquele governo á nota dos aliados, declarando que os delegados de Angora estão prontos a encontrar-se com os delegados dos aliados em Ismidt para negociações preparatorias, que devem tão depressa quanto possivel ser seguidos de negociações num terreno de entendimento.

Num carro eletrico

Tentativa de furto

Hoje, pouco depois das 12 horas, quando o sr. Francisco Joaquim da Costa, proprietario e negociante em Anadia, seguia no carro eletrico n.º 479, que se dirigia para Santo Amaro, foi abordado na rua do Arsenal por trez individuos que lhe pretendiam furtar dois relogios e uma corrente de ouro alem da quantia de trez mil escudos que trazia comsigo, o que não conseguiram fazer.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Haverá ou não haverá sessão? A concorrencia de legisladores é, efectivamente, bastante reduzida. Dos chefes partidarios entrou na sala apenas o sr. Alvaro de Castro.

ABERTURA DA SESSÃO

As duvidas tiram-se ás 15 horas, com a chamada, que acusa a presença de 39 legisladores. A sessão abre estando na presidencia o sr. Alberto Vidal.

São lidos a acta e o expediente. Entram mais alguns deputados. E' bem possivel que se atinja o *quorum* indispensavel ás votações.

Entretanto, os deputados palestram, em pequenos grupos. E, nas galerias, tomam assento, por junto, quatro melancolicos espectadores, lugubremente vestidos de preto.

Nas cadeiras ministeriais, ninguem.

Entre os deputados presentes, eis alguns nomes: Alvaro de Castro, Barros Queiroz, Sousa Rosa, Lucio dos Santos, Sá Pereira, Agatão Lança, Abilio Marçal, Rego Chaves, Antonio Fonseca, Tavares de Carvalho, Lino Neto.

ANTES DA ORDEM

Inaugura o dia parlamentar o sr. Paulo Menano. Refere-se a um conflito entre o Poder Judicial e a Administração Geral das Alfandegas, provocado pela circunstancia de agentes fiscais junto do juiz, que, no exercicio das suas funções, estava procedendo á arrematação dos salvados do vapor *India*. A atenção do orador foi despertada pela noticia inserta num jornal. O sr. Paulo Menano relata, depois, as investigações a que procedeu, concluindo por pedir a intervenção do Governo, a fim de cessar o conflito, prestigiando-se o Poder Judicial, que é independente.

SAUDAÇÃO AOS AVIADORES

Segue-se o sr. Cancela de Abreu. Sauda os aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, fazendo o seu elogio e glorificando o feito por êles praticado. Manda para a mesa um projecto de lei, em nome da minoria monarquica, para que requere urgencia e dispensa do regimento.

O sr. Alvaro de Castro intervem. Sabe que o Governo tomará a iniciativa da recompensa nacional aos aviadores. Entende que é preferivel esperar pelas declarações governamentais. Fala-se, a proposito, na *lei-farelo*.

O sr. Jorge Nunes entende que, sem a opinião do sr. ministro das Finanças e o parecer da respectiva comissão, não é legalmente possivel entrar em discussão o projecto. A Camara, pois, não deve votar a dispensa do regimento.

O sr. Pedro Pita nega á mesa o direito de não aceitar um projecto de lei, alegando que êle traz aumento de despesa. Pergunta se a mesa mantem êsse criterio.

Explicações do sr. presidente. Em resumo: aceita o criterio do sr. Alvaro de Castro.

O projecto da minoria monarquica fica na mesa, á espera da acção governamental. Isto satisfaz... *tout le monde et son pére.*

A GRANDE GUERRA

O sr. Lino Neto quere que se preste homenagem aos sobreviventes da Grande Guerra. Faz, a proposito, extensas considerações, chamando a atenção da Camara para um projecto de lei que ha tempos enviou para a mesa e que já foi publicado no *Diario do Governo*. Pede urgencia e dispensa do regimento.

Lê-se o projecto. Trata-se de conferir aos sobreviventes da Grande Guerra o direito de usarem distintivos especiais.

A urgencia é aprovada e regeitada a dispensa do regimento.

HOMENAGEM AOS AVIADORES DO «RAID» LISBOA-BRASIL

O sr. ministro da Marinha manda para a mesa um projecto de lei promovendo ao posto imediato, por distinção, os aviadores srs. Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

A minoria monarquica faz *zaragata*. Quere que o seu projecto tenha precedencia sobre a proposta governamental. Ha algum tumulto. A minoria monarquica quere, por força, transformar num incidente ruidoso o que não é senão a aplicação das leis.

O sr. Carlos Pereira, democratico, esclarece o assunto, citando os textos legais. O projecto da minoria monarquica é, pois, de recusar, por trazer aumento de despesa, sem o visto do sr. ministro das Finanças; a proposta governamental é da iniciativa do sr. ministro da marinha, com sanção de todo o Governo. Logo, só essa proposta é susceptivel de discussão. (Apoiados).

Trocam-se explicações entre o sr. Carvalho da Silva e o titular da pasta da Marinha. A Camara apoia unanimente o membro do Governo. Mas o sr. Carvalho da Silva insiste pela prioridade do projecto da minoria monarquica, sempre dizendo, é claro, que não faz disso exploração politica.

Encerra-se o incidente. E' aprovada a urgencia e dispensa do regimento para a proposta governamental, que entra em discussão.

Pede a palavra muitos deputados, de todos os lados da Camara. Vai fazer-se, evidentemente, o elogio dos herois da Aviação Portuguesa. Após isso, a proposta será aprovada, por unanimidade.

O sr. Nuno Simões, depois de censurar a minoria monarquica, por pretender tirar efeitos politicos de um caso tão importante como é o *raid* feito pelos heroicos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, afirma que o que êles acabam de realizar assombrou todo o mundo, pois que êle é, alem do maior feito da aviação mundial, o facto mais importante da Historia de Portugal dos ultimos cem anos.

O sr. Nuno Simões, no meio da atenção de toda a Camara, prosseguiu o seu discurso enaltecendo sempre o feito dos dois heroicos aviadores, que classificou de legitimos continuadores da obra de Vasco da Gama e de Alvares Cabral.

O sr. Agatão Lança propõe que se envie imediatamente, em nome de toda a Camara, um telegrama de saudações aos aviadores.

A Camara aprova.

A sessão continua, sendo possivel que a proposta não seja votada ainda hoje, por haver muitos deputados inscritos.

No Senado

O sr. dr. Pereira Osorio Presidente do Senado foi muito cumprimentado por todos os lados da Camara, em virtude de ter ficado ileso do atentado de que foi vitima. Pela primeira vez tomam assento nesta Camara os novos senadores Machado Serpa e Borges de Castro (democraticos) respectivamente eleitos pela Horta e Angra do Heroismo.

O sr. Pereira Gil propoz um voto de congratulação pelo facto do sr. dr. Pereira Osorio ter saido ileso do atentado.

Foi aprovado por unanimidade, depois de sobre ele se terem pronunciado os «leaders» de todos os partidos da Camara.

O sr. presidente agradece.

Encontrando-se presente o sr. Jacinto Nunes e varios representantes das Camaras Municipais do paiz, o sr. Afonso de Lemos propoz um voto de saudação ao ex senador. Foi aprovado por aclamação.

O sr. Alvares Cabral pede providencias para o isoto de em Ponta Delgada ainda não estar concluida a montagem da rede telefonica.

O sr. ministro do Comercio promete tomar providencias imediatas.

A sessão continua.

O estado da luta das classes mobiliarias

Os estabelecimentos da industria mobiliaria encerraram hoje as suas portas em virtude de assim o ter determinado a Confederação Patronal.

Em muitos daqueles estabelecimentos estava afixado um aviso dando conta da resolução tomada.

Para apreciar o caminho a seguir reuniram hoje, pelos 17 horas, os operarios daquela industria, cuja reunião á hora de fechar o nosso jornal ainda continua.

Por motivo do conflito, acham-se sem trabalho 2.000 operarios mobiliarios, os quais nomearam uma comissão para se avistar com o chefe do distrito, a quem, entre outras coisas, disseram que os patrões estavam apenas dispostos a pagar-lhes salarios iguais áqueles que êles recebiam antes da declaração da greve. Tal afirmação é menos verdadeira, porquanto a industria mobiliaria está disposta a entrar em negociações, sem, contudo, se curvar ás prepotencias e exigencias dos *meneurs* de greves e da U. S. O.

Condutores de carroças

Para tratar do conflito com os patrões, reuniram hoje pelas 14 horas, os condutores de carroças, tendo falado diversos operarios.

A reunião esteve bastante concorrida.

Embaixador do Brazil

Parece que virá substituir o sr. dr. Fontoura Xavier na Embaixada do Brazil em Portugal, o sr. dr. Rodrigo Octavio, ilustre parlamentar brasileiro.

UM BODO MONUMENTAL

Os empresarios dos teatros da capital dão o seu apoio ao Governo Civil de Lisboa

Conforme estava anunciado realisou-se hoje pelas 15 horas no gabinete do sr. Governador Civil de Lisboa a reunião dos empresarios dos teatros da Capital a fim de se acordar na realisação de espectaculos a favor da pobreza.

Fizeram-se representar: o teatro de S. Carlos pelo sr. J. sé Alves da Cunha, Nacional pelo sr. Augusto Pina, S. Luiz pelo sr. Armando Vasconcelos, Politeama pelo sr. Luiz Pereira, Apolo pelo sr. Luiz Ruas, Coliseu pelo sr. Ricardo Covões que se encontra adoentado, Salão Foz pelo sr. Leopoldino Silva e representantes do Chiado Terrasse e do Eden Teatro.

Apenas faltou o theatro Avenida que não se fez representar certamente por esquecimento ou por não ter recebido a tempo o respectivo convite.

O sr. governador civil depois de expôr a sua ideia de organisar um grande bodo para comemorar o feito heroico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral recebeu dos emprezarios teatrais todo o apoio acordando-se por fim que no dia seguinte ao da chegada dos intrepidos aviadores ao Rio de Janeiro se realisasse em uma das casas de espectaculos de Lisboa, possivelmente o Coliseu dos Recreios um espectaculo unico que será a apoteose ou a consagração do feito heroico dos nossos aviadores. A receita bruta desse espectaculo reverterá a favor do bodo e no programa figurarão os artistas dos teatros da capital que se fizeram representar na reunião de hoje. Para este sensacional espetaculo os bilhetes não teem preço marcado e cada qual dará o que entender estando desde já aberta a inscrição no gabinete dos secretarios do chefe do distrito.

Os bilhetes que restem serão vendidos no dia do espectaculo na bilheteira do Coliseu.

* * *

O chefe do distrito já hoje recebeu adesões a sua iniciativa. A direcção dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses participou por oficio que se punha incondicionalmente ao lado do sr. major Viriato Lobo para o bom exito da sua ideia. Ao que parece os Bombeiros Voluntarios serão aproveitados para auxiliar o policiamento por ocasião de distribuição do grande bodo.

* * *

Tambem o chefe do distrito recebeu do ilustre poeta sr. Mario de Artagão a seguinte carta:

Ex.mo sr. do meu maior apreço:

Estou incondicionalmente ás ordens de V. Ex.ª E' pouco tudo quanto se possa fazer para glorificar os heroes que vão a caminho do meu Brazil.

Sei que descançam por momentos numa perdida penedia da minha terra... Não importa!

E' nas rochas que os aguias fazem ninho!

Diga v. ex.ª o que quer de mim; cegamente obedecerei as suas patrioticas determinações.

Só Deus sabe o orgulho que tenho de ser filho de Portuguezes.

A direcção desta coletividade procurou hoje o sr. ministro da Marinha para lhe comunicar, como de facto comunicou, que não era das atribuições da A. T. I. a escolha de um ou mais jornalistas encarregados da representação dos jornais e dos correlativos trabalhos de reportagem na viagem do *Carvalho de Araujo*, e que sendo esta a verdadeira a versão de que o sr. ministro estava na iniciativa de fazer o convite, a A. T. I. desde já declarava incompetente, entendendo que só os directores dos jornais devem ser ouvidos sobre tal assunto.

O sr. ministro da marinha agradeceu a comunicação e declarou que promoveria uma reunião dos directores dos jornais diarios, para os ouvir a tal respeito.

Principiaram hoje, no Terreiro do Paço, os preparativos para os festejos oficiais em honra dos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Embora não esteja assente qual o navio que conduzirá os aviadores continuam os preparativos da cruzador *Carvalho Araujo*.

Duas desordens

Varios individuos feridos

Na Calçada da Ajuda envolveram-se hoje de manhã em desordem varios individuos a quem a policia para meter na ordem teve, depois de desrespeitado, do empregar a força.

Ficou ferido com um tiro no ventre o tintureiro Justino Pedrosa, morador na rua da Alfandega Velha, que no hospital de S. José foi operado da laparotomia no olhendo depois a sala das observações.

—No largo da Graça tambem hoje se envolveram em desordem varios individuos, de que resultou ficarem feridos Manuel Lopes, de 22 anos, morador na rua da Verónica, 127, 1.º, e Luiz dos Fontes, de 28 anos, rua de S. Miguel, 54, aquele na cabeça e este ultimo nas mãos.

Depois de pensados no Banco do hospital de S. José recolheram á enfermaria do Mourario.

SPORT

Box

O campeão do mundo dos levissimos, Kilpasse, de passagem na America, ainda não conseguiu em Inglaterra e França um contrato para fazer exibições, como ele pretende.

A opinião publica não levou a bem que o celebre pugilista não queira combater.

—Johny Buff campeão do mundo dos «bantons» defende o seu titulo em New York a 5 de maio. O seu adversario é Gel Lynch.

—Apareceu um empresario parisiense que ofereceu 100 mil francos para o match entre o francez Criqui e o belga Wins para o titulo de campeão da Europa.

—Carpentier já está na Inglaterra acabando os treinos para o combate com Ted-Lewis. O match é para o campeonato do mundo dos meio-pesados.

Pesos e alteres

O levissimo Martin bateu em França o «record» do «developé» em barra a duas mãos com 75 quilos.

O falecido Alves Martins entre nós que pertencia á mesma categoria, fazia 80 quilos.

Natação

Um nadador argentino chamado Maciel fez um «record» extraordinario nadando 50 quilometros e 300 metros no espaço de 24 horas e 33 minutos.

Até aqui a maior distancia percorrida era de 44 quilometros feita por Burgess.

Motociclismo

A união motociclista de França, já acabou o regulamento do «Grand Prix» das «motocicletas», que deve ser disputado a 12 de julho no circuito de Strabourg.

—Durante um treino, na pista de Velodromo do Parque dos principes, o motociclista «Moreau» caiu quando fazia 100 quilometros á hora.

Pois quando todos julgavam que morrera, «moreau» levantou-se e estava no dia seguinte novamente a treinar.

Esgrima

O «Jockey-Club» de Buenos-Ayros, pensa em organisar o «match revanche» entre o frances Gardin e o italiano Nadi.

Jogos olimpicos

Parece assente que os futuros jogos olimpicos sejam disputados em «Colombo». O governo frances concedeu uma subvenção de 15 milhões de francos.

Aeronautica

Em 1924 realisa-se um concurso de motores para aeronautica, dotado de 2 milhões de francos. A condição do concurso exigem que o motor trabalhe 240 horas, em periodos de 8 horas, no praso maximo de 100 dias.

LUTA

IX Campeonato Internacional—Hoje Manuel Grilo contra Sonda—As lutas de ontem

O Coliseu ontem teve uma grande concorrencia. Realisaram-se quatro lutas que tiveram o maximo interesse.

O match El Secundo-St. Mars terminou com os protestos do publico pela forma brutal como St. Mars luta. Atirou El Secundo para fora do «ring» com tal violencia que o impossibilitou de continuar a lutar, isto depois de 5 minutos de luta.

Constant Marin venceu Wilson no primeiro tempo. O italiano Massetti que tambem abusa por vezes de golpes proibidos, venceu Favre. Sonda venceu Charley fazendo uma luta cheia de entusiasmo para o publico.

No programa de hoje figura uma grande atracção. E' a luta entre Sonda e o portuguez Manuel Grilo que está fazendo uma brilhante figura devido aos seus conhecimentos; Constant Marin luta contra Bouchionni; Ochôa campeão espanhol contra o italiano Roberti e o violento St. Mars contra Favre.

Como se vê realisam-se quatro lutas que devem chamar ao circo grande concorrencia.

FOOT-BALL

Outro team inglez em Lisboa a convite do Club Internacional

O nosso meio sportivo já vae permitindo a vinda com frequencia de teams estrangeiros, principalmente quando esses teams sejam bons. O publico de foot-ball que já é numeroso aflue com grande interesse aos jogos e compreende o esforço que os nossos clubs fazem nos deslocamentos dos jogadores estrangeiros. Ultimamente temos sido visitados pelos Tchecos-Slovacos que eram bons, pelo Oxford City que acaba de retirar, pelo Furtuna de Vigo e outros.

Agora, trata-se da visita de um team ainda mais forte o team inglez Civil Service Foot-Ball Club que vem a Lisboa a convite do Club Internacional de Foot-Ball e que deve jogar a 11 13 e 14 de Maio proximo.

Estamos certos que a vinda deste forte agrupamento vae dar ao foot-ball portuguez alguns ensinamentos tão uteis ao seu desenvolvimento.

NOTICIARIO

CLUB NAVAL DE LISBOA

As classes do remo deste club já abriram funcionando de manhã e de tarde todos os dias, os instrutores são os remadores seniores do club sob a direcção tecnica dos srs. Albano dos Santos e Jorge Ferro.

A escola de marinheiros abriu no dia 19 sendo instrutores os J. J. Milhomens e Domingos Heitor Gomes. Estas escolas funcionam ao dia de semana na sede do Club e ao domingos aberdo do palhabote «Nautilus».

Sahiu já de Cardiff a bordo do vapor «Belivie» os 2 outriggers ultimo modelo, ultimamente adquiridos em Inglaterra.

São urgentemente convidados o comparecer na secretaria do Club todos os socios remadores e timoneiros a fim de se formarem as tripulações para a presente epoca. Esta reunião terá logar no proximo dia 26 do corrente ás 21 horas.

AUTOMOBILISMO

A Rampa da Pimenteira

Comunicado.—Está definitivamente marcada para 7 de Maio proximo a corrida automobilista da Rampa da Pimenteira organizada pelo jornal «O Sports». A inscrição está aberta até sabado proximo.

Em torno da Conferencia

Passados quinze dias de conferencia o que se terá conseguido para se ter tornado possivel a reabilitação da Europa?

Factos, por emquanto, parece-nos que apenas o tratado russo-germano existe. Resultante da conferencia? Claro; resultante da orientação seguida na discussão de varios problemas.

Pretende-se afastar para longe os perigos de uma guerra, que a vida das nações entre na normalidade! A atingir estes objectivos, quanto a nós, ninguem tem consagrado o menor esforço e antes se lhe tem voltado as costas.

O verdadeiro caminho não foi seguido. O tratado germano russo, disse estamos certos, não seria hoje uma realidade se por ventura se tivessem respeitado as resoluções da conferencia de Cannes. Errou-se em admitir que os representantes dos «soviets» trouxessem para a discussão do caso do reconhecimento das dividas. Isso era já caso resolvido. A participação dos bolchevistas na conferencia implicava, da sua parte, a adesão aos principios de Cannes. Entre esses principios aparece o do reconhecimento das dividas pelos russos.

Antes, pois, de se entregarem a quaisquer negociações sobre as relações economicas com a Russia e sobre os creditos que os bolchevistas solicitam, o que era necessario conseguir-se era um compromisso seu, segundo o qual ficasse assegurado o pagamento das dividas russas e em que se especificasse que o reconhecimento dessas dividas ficava fóra de toda a qualquer discussão.

Se assim se tivesse feito das duas uma: ou os bolchevistas assignavam esse compromisso e iriam a Genova, ou não assignavam e, nesse caso, a opinião do mundo mais uma vez seria contra eles.

O caminho seguido foi outro, a orientação não foi esta e as consequencias dos erros praticados estão á vista e pode muito bem prever-se caso russos e alemães se resolvam a renunciar a prestar a sua colaboração ás demais nações, representadas em Genova, o completo fracasso da conferencia.

De resto, a não ser a aparição de mais este problema, pouco ou nada se tem feito, se tem conseguido.

Palavras proferidas teem sido muitas, teem sido aos milhões. Ha palavras para tudo; para louvar, agradecer, lisongear, criticar, agradar e ferir, palavras a rodos, mas todas elas inuteis, todas elas desnecessarias. Tem-se perdido imenso tempo com ninharias quando era de esperar que, logo no começo da conferencia, removidas todas as dificuldades, com grandeza e clareza, se apresentasse imediatamente á discussão o programa da conferencia.

Enfim, quando, em face da magnitude do problema, cuja solução a todas as nações interessa, era de crer que podemos constatar que entre os congressistas reinasse o mais perfeito espirito de tolerancia e os mais ardentes desejos e a mais decidida vontade de se entrar, de vez, num periodo de franca e leais amizades, de sincera pacificação, vemos que não é o interesse geral que a Genova levou as nações mas sim os interesses, as ambições de cada uma delas e que as inimizades ainda não findaram e antes vivem intensamente obscurecendo e ensombrando o espirito dos congressistas.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Fraças	Cotações
Londres, cheque	4 5/16—4 3/16
» 90 dias	4 7/16— —
Paris, cheque	1172— 1207
Suissa, cheque	2450— 2523
Belgica, cheque	1079— 1111
Italia, cheque	682— 703
Berlim, cheque	45— 50
Holanda, cheque	4776— 4919
Madrid, cheque	1952— 2010
New-York, cheque	12500— 12063
Brazil, cheque	— —
Austria, cheque	1— 3
Noruega, cheque	2393— 2465
Suecia, cheque	3267— 3365
Dinamarca, cheque	2678— 2758

Libras . . . . . 61$00 — 63$00

A Rainha do Carvão

Um caso sensacional alarmou hoje Lisboa em peso. De todos os lados se preguntava: O que é? De que se trata?

E o jornalista, na febre de assuntos interessantes para comunicar aos seus leitores poz-se em campo, desejoso de desvendar o misterio.

Afinal, não se tratava de nada misterioso, mas sim da chegada á nossa capital duma alta individualidade feminina.

E quem é essa dama, que os centros aristocraticos e financeiros receberam com as honras devidas á sua categoria?

Vamos dizê-lo:

Mrs. Edith Wamblitt, viuva do multi-milionario norte-americano Jorge Wamblitt, o «Rei do Carvão», faz o seu primeiro passeio á Europa, dirigindo-se a Paris, mas dando aos portuguezes o supremo goso de parar alguns dias em Lisboa.

E tendo-se exhibido hoje no Salão Central, onde deu a nota elegante do dia, não só pela sua formosura, como pela riquesa das suas joias e das suas «toilettes», muito nos alegramos em assim o comunicar aos nossos leitores.

Esta noite figurará tambem no surpreendente programa do lindo cinema, deliciosamente interpretada pela encantadora actriz Maria Jacobini, o que equivale a dizer que o alarme produzido de manhã, ao prever-se um caso de sensação, se volta a produzir á noite, mas desta vez com a admiração de toda a gente, visto tratar-se do mais extraordinario acontecimento cinematografico da actualidade.

MUSICA

Com uma casa quasi cheia realisou ontem no Coliseu dos Recreios o seu segundo concerto nesta temporada, o maestro Rui Coelho dando como elemento de atracção o concurso da ilustre cantora D. Laura Wake Marques.

Foi um notavel concurso o desta senhora. A jovem encontadora que interpretou a «Canção» e «cantigas no pote de azeite», mereceu do public uma colossal ovação.

Com efeito a dicção nitida e a suavidade musical da brilhante cantora parece de molde a sugestionar a assistencia grandemente e pela sua forma expontanea e requintada a sra. D. Laura Marques marcou definitivamente o seu lugar entre os cantores portugueses nesto genero tão dificil e tão delicado.

No resto do concerto, muito ha de escolha e de interpretação o publico salientou o «Rouxinol» e o lado do numero «Sobre temas do Povo» que foram ambos bisados tendo sido vivamente aplaudidos tambem a «Crispal» Ecloga», de Rui Coelho e o «Guarany» do maestro brasileiro Carlos Gomes.

O ensino técnico superior em Portugal

As conclusões do professor Zagallo Fernandes exprimem uma necessidade urgente

Na 3.ª secção do Congresso Nacional de Educação Popular da Universidade Livre, expôs o professor Zagalho Fernandes as conclusões que abaixo mencionamos.

Como resumem uma inadiavel necessidade, torna-se interessante a sua leitura.

1.ª — Urge garantir ao professorado técnico nacional, por uma remuneração conveniente, a sua independencia pelo exercicio unico da sua profissão.

2.ª — Carecemos de crear as bolsas de estudo necessarias para que os estudantes portugueses possam procurar nos grandes centros de cultura as ultimas novidades scientificas e profissionais — o que os habilitará, no futuro, a exercer condignamente o magisterio.

3.ª — Convém, como medida provisoria e emquanto não existir pessoal português devidamente habilitado, contractar no estrangeiro professores de comprovada competencia para preencher as vagas que uma rigorosa selecção fará abrir nos corpos docentes.

4.ª — Torna-se indispensavel reformar os programas de ensino técnico, segundo as necessidades da agricultura, comercio e industria nacionais e tendo em vista que o caracter especial dêste ensino implica que o estudante seja introduzido, o mais possivel, na vida concreta da sua profissão.

5.ª — Devem criar-se, anexas a todos os cursos tecnicos, cadeiras especiais em que se estudarão as questões fundamentais que, interessando á solução do grande problema português, caibam nas suas respectivas especialidades.

6.ª — E' urgente que se funde um Instituto Scientifico de Aperfeiçoamento Tecnico, para uma mais intima colaboração entre a sciencia pura e a sciencia aplicada.

7.ª — E' conveniente que, no curso complementar dos liceus e ao lado das secções já existentes (letras e sciencias) se crie uma ou mais secções novas que ministrarão aos estudantes que queiram seguir os cursos tecnicos superiores os preparatorios indispensaveis.

8.ª — Deve fundar-se, quanto antes, uma Universidade Tecnica, na qual ingressarão, como Faculdades, todas as escolas de ensino tecnico superior.

Na Escola Militar

A conferencia do professor sr. tenente-coronel Silveira e Castro

E' no primeiro sabado de maio ás 17 horas, que o ilustre professor da Escola Militar sr. tenente-coronel de engenharia Silveira e Castro realisa a sua interessante conferencia continuando a serie brilhantemente iniciada pelo distinto adido militar francez sr. Comandante Charles Millet com as tres conferencias sobre as Lições do Marechal Foch.

A conferencia do sr. tenente-coronel Silveira de Castro versará «O problema da Fortificação», questão da mais palpitante actualidade.

As conferencias da Escola Militar que o Conselho de Instrução, resolveu realisar teem um interesse não só os tecnicos mas pelo caracter que revestem toda a pessoa culta e assim ás anteriores conferencias assistiram oficiais da Armada e do Exercito e distintos professores, medicos e advogados que não são indiferentes a estas manifestações de actividade.

Alem doutros oficiais realisarão brevemente as suas conferencias o sr coronel Ferreira Simas, tenente-coronel Conceiro de Albuquerque, antigo aluno da Escola Superior de Guerra de Paris e major dr. Alvaro de Castro.

Assalto a um comboio

PARIS, 24 — Quando o comboio Marselha-Nice sahia do tunel de Saint-Barthelemy, dois bandidos entraram no *furgon* e de revólver em punho apoderaram-se de um saco contendo 220.000 francos. A policia ainda não conseguiu descobrir os autores dêste audacioso roubo. — (R.).

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pelo nosso amigo Fernandes, fotografo foi pedida em casamento para seu filho o sr. Jaime de Moura Fernandes a sr.ª D. Ema Adelaide Costa, afilhada da sr.ª D. Adelaide Lourenço e do sr. José Joaquim Lourenço gerente da casa bancaria José Augusto Dias Filho e C.ª

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A Mão Misteriosa

por GUY DE MAUPASSANT

O seu salão era atapetado de negro, em seda preta bordada a oiro. Grandes flores amarelas, como que corrindo sobre aquele estofo sombrio, brilhavam nele como fogo.

Anunciou:

— Era um pano japonês.

Mas, no meio da mais larga tapeçaria, uma coisa estranha me atraiu o olhar. Sobre um quadrado de veludo vermelho, um objecto negro destacava-se. Aproximei-me: era uma mão, uma mão de homem. Não era uma mão de esqueleto branca e limpa, mas uma mão negra, dessicada, com as unhas amarelas, os musculos a nu e vestigios de sangue antigos, sangue que parecia uma imundicie sobre os ossos cortados cerce, como por um golpe de machado, pelo meio do antebraço.

Em redor do punho havia uma enorme corrente de ferro, fixa, soldada áquele membro sordido, ligada a uma parede por um anel tão forte que seria capaz de segurar um elefante.

— O que é isto?

O inglês respondeu tranquilamente:

— Isto ser o meu maior inimigo. Ter vindo da America. Ter sido cortado com o sabre e a pele arrancado com um seixo cortante e seco, ao sol, durante oito dias. Aoh, ser muito bom para mim isto.

Toquei naquele destroço humano que devia ter pertencido a um colosso. Os dedos, desmesuradamente grandes, eram ligados por tendões enormes, em parte retidos por correias. Aquela mão era horrorosa de ver, assim esfolada e fazia pensar muito naturalmente nalguma vingança selvagem.

Eu disse:

— Este homem devia ser forte.

O inglês, com brandura:

— Aho, *yes*; mas eu ser mais forte do que ele.

Eu ter posto esta corrente para o prender.

Julguei que ele gracejava e disse:

— Mas esta cadeia agora parece-me bastante inutil, a mão agora já não fugirá.

Sir John Rowell tornou com toda a seriedade:

— Ela querer sempre se ir. Esta corrente ser precisa.

Num rapido olhar interroguei o rosto do inglês, preguntando a mim proprio:

— Será um doido ou um farçante?

Mas o rosto de sir John Rowell continuava tranquilo e benevolo. Mudei de conversa e puz-me a apreciar as espingardas.

Notei, todavia, que havia três revólveres carregados sobre os moveis, como se aquele homem vivesse no constante temor de um ataque.

Voltei muitas vezes a sua casa. Por fim, toda a gente se acostumara á sua presença; e sir John tornara-se indiferente a todos.

* * *

Um ano se passou, dia a dia. Ora, uma certa manhã, ahi por fins de Novembro, o meu criado despertou-me e anunciou-me que sir John Rowell fôra assassinado durante a noite.

Meia hora mais tarde, penetrei na casa do inglês, com o comissario geral e o capitão dos gendarmes. O criado, como louco de desespero, chorava diante da porta. Eu, a principio, suspeitei daquele homem; mas estava inocente.

Nunca foi possivel encontrar o culpado.

Entrando no salão de sir John, vi, logo, ao primeiro e rapido olhar, o cadaver estendido de costas, no meio da casa.

O colete achava-se rasgado, uma manga do casaco pendia arrancada, tudo anunciava que se travara ali uma luta terrivel.

O inglês morrera estrangulado. O seu rosto, negro e inchado, apavorante, parecia exprimir um assombro abominavel; tinha alguma coisa entre os dentes cerrados; e o pescoço com cinco buracos, que dir-se-iam feitos com pontas de ferro, achava-se coberto de sangue.

Dali a pouco chegava um medico. Examinou por longo tempo os sinais dos dedos na carne e pronunciou estas estranhas palavras:

— Dir-se-ia que foi estrangulado por um esqueleto.

Passou-me um arrepio pelas costas e preguei os olhos na parede, no lugar onde ha tempos vira a horrivel mão mutilada. Já ali não estava. A corrente que a prendia outr'ora, quebrada, pendia ao abandono.

Então baixei-me para o morto e achei-lhe na boca, crispado, um dos dedos daquela mão desaparecida, cortada, ou antes cerrada pelos dentes, justamente na segunda falange.

Depois, procedeu-se a averiguações. Nada se descobriu. Porta nenhuma fôra forçada, nem janela, nem movel. Os dois cães de guarda não haviam despertado.

Eis, em poucas palavras, o depoimento do criado:

Havia um mês que seu amo parecia agitado. Recebera algumas cartas, que logo queimava.

Muitas vezes, pegando num azorrague, com uma colera que parecia de loucura, batera com furor naquela mão dissecada, colada ao muro e levada por fim, não se sabia como, na propria hora do crime.

Ele deitava-se sempre muito tarde, fechando-se com todas as precauções. Conservava sempre armas ao alcance do seu braço. Muitas vezes, de noite, falava alto, como se fosse questionado por alguem.

Naquela noite, por acaso, não fizera ruido algum, e o criado, só quando viera abrir as janelas, é que encontrara sir John assassinado. O criado não suspeitava de ninguem. Comuniquei o que sabia do morto aos magistrados e aos oficiais da praça publica e foi feita em toda a ilha uma rigorosa sindicancia. Nada se descobriu.

Ora, uma noite, três meses depois do crime, tive um horrivel pesadelo. Parecia-me que via a mão, a horrivel mão, correr como se fosse um escorpião ou uma aranha, ao longo das minhas cortinas e das minhas paredes. Três vezes acordei, três vezes me deixei dormir e três vezes vi o horrivel destroço galopar em redor do meu quarto, remexendo os dedos como se fossem patas.

No dia seguinte, trouxeram-me aquela mão, achada no cemiterio, em cima do tumulo de sir John Rowell, que ali fôra enterrado por não ter sido possivel saber do paradeiro de sua familia. O dedo index faltava.

Aqui está, minhas senhoras, a minha historia. Nada mais que isto que acabo de contar.

* * *

As mulheres, muito lividas, achavam-se palidas e tremiam. Uma delas exclamou:

— Mas isso não é um desenlace nem uma explicação! Nós não seremos capazes de dormir emquanto não nos disser o que se passou, segundo a sua opinião.

O magistrado sorriu com serenidade:

— Oh! eu, minhas senhoras vou estragar-lhes certamente todos os seus terriveis sonhos. Penso muito simplesmente que o legitimo proprietario da mão não morrera, que veiu em procura dela com aquela que lhe restava. Mas não sei como ele o conseguiu. E' um genero de vingança.

Uma das mulheres respondeu:

— Não, isso não deve ser assim.

E o juiz de instrucção, sempre sorridente, concluiu:

— Eu bem lhes dizia que a minha explicação não as deixaria satisfeitas.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4062 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Terça-feira, 25 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

GOVERNAR!

Emfim, realizou-se o Congresso Democratico e o seu resultado foi, ao contrario do que se chegou a prever, mais uma prova de confiança no Directorio cessante, de que fazia parte o sr. Antonio Maria da Silva, chefe do actual Governo. O sr. Antonio Maria da Silva foi reconduzido num dos lugares da direcção do partido, e tanto êle como o Governo de que faz parte receberam significativas homenagens da maioria do Congresso.

Está, portanto, desfeita a nuvem negra ameaçadora que toldava os horizontes ministeriais. Afirmava-se, a todas as esquinas, que o sr. Antonio Maria da Silva não resistiria á furia dos elementos outubristas, empenhados na sua perda. Resistiu, e resistiu encarando de frente os seus inimigos. Vitorioso da pugna travada, o sr. Antonio Maria da Silva pode e deve continuar governando.

Afigura-se-nos que não é licito forjar pretextos para demorar a realização da obra salutar e urgente que se espera do actual Governo. Entregues aos tribunais todos os inculpados nos massacres de 19 de Outubro, reduzida a força da unidade militar, que, com o seu acto de indisciplina, tornou possiveis êsses massacres, arredado o perigo do cheque partidario que os outubristas anunciavam, o Governo do sr. Antonio Maria da Silva tem de marchar, com segurança e firmeza, pelo caminho das grandes medidas de administração publica. E' aí que êle tem de alcançar umas vitorias, e essas, se as alcançar, conciliar-lhe-hão perduravelmente a confiança nacional.

Temos uma questão economica que chegou ao auge da gravidade. Já não se pode viver. A existencia fisica, dentro em pouco, só estará garantida aos ricos. Temos uma questão financeira. A Republica precisa retomar o seu crédito e restaurar o equilibrio perdido entre as suas receitas e as suas despesas. Estas questões não admitem delongas. São realmente vitais e não as resolver equivale a deixar rolar para um autentico abismo a nacionalidade portuguesa.

Teremos finalmente sanada a questão politica? Já não é sem tempo, e se o partido reconhecido como o mais forte da Republica se resolve a assumir uma atitude diversa da que lhe tem resultado de muitas violencias cometidas pelo espirito da intolerancia e do egoismo, estamos convencidos de que não será dos outros partidos da Republica, de indole moderada, que surgirão graves dificuldades ao Governo na obra que se lhe impõe. O partido democratico é que é tão irrequieto, que nem mesmo com um Governo saido das suas fileiras parecia disposto a aquietar-se. Entretanto, a sua concordancia final, manifestada pela reeleição do Directorio de que o sr. Antonio Maria da Silva fazia parte, pode significar um feliz presagio de uma hora politica mais tolerante, mais liberal, mais republicana.

O sr. Antonio Maria da Silva e os seus colegas já fizeram alguma coisa. Mas é tanto o que lhes resta fazer, que, em face da grandeza da tarefa que necessitam levar a cabo, quasi se pode dizer que ainda não se fez nada. Não é a culpa do sr. Antonio Maria da Silva e dos seus camaradas do Governo, enredados até aqui, irresistivelmente, na questão politica. Mas os factos são os factos, e a verdade é que a resolução do problema da ordem publica, se êle efectivamente está resolvido, não pode ter sido mais do que o prologo de uma obra mais importante e mais vasta.

A VENEZUELA

E A SUA PROSPERIDADE ECONOMICA -§--§- -§- E FINANCEIRA -§- -§- -§-

A entrevista estava marcada já ha alguns dias. O sr. conde Planas Suarez, o ilustre ministro da Venezuela, dotado de extrema amabilidade conversa comnosco animadamente,

—A' sua disposição.

—Queria que o sr. conde me dissesse alguma coisa que diga respeito a Portugal.

—Diga-me-ha...

—O inter-cambio comercial, entre Portugal e Venezuela, e o modo como o seu paiz nos encara,

—As relações entre Portugal e o meu paiz teem sido cordiais e amistosas em extremo. Ha tradições historicas que nos unem, não só pela semelhança de idioma como pelo espirito do povo. Lutador, inteligente e nobre. As suas aspirações são unidas e semelhantes com um obice unico—a ancia de engrandecimento nacional, intenso amor pela liberdade e independencia. No meu paiz todos são iguais. O estrangeiro goza, como nós, de todos os direitos civis, e isto não é apenas um direito legal, é qualquer coisa mais, porque vivem na nossa alma e na nossa consciencia e consideramos a todos como irmãos, seja qual fôr a sua raça, a sua lingua, a sua religião. A Venezuela, posso afirma-lo com grande satisfação, sente grande simpatia por Portugal,—afirma o sr. ministro da Venezuela, e as suas palavras teem acentuada significação intima.

—Os ultimos sucessos politicos...

—Os ultimos sucessos politicos, deploravelmente sucedidos em Portugal não teem nenhum significado. Eu considero-os simplesmente como o acordar dum povo historicamente glorioso e a prova da sua inegualavel audacia está na forma arrojada como a sua alma a estas horas atravessa os ares desconhecidos.

—E' de opinião que se intensifique quanto possivel o inter-cambio comercial entre os dois paizes?

—Absolutamente. E' preciso que se intensifiquem as relações de amisade que existem entre os dois paizes, para que assim se desenvolvam as relações comerciais. Os meus esforços neste sentido vão, felizmente em bom caminho. O nosso solo é bastante rico, o clima excelente, a grande quantidade de vias de comunicação terrestres e as magnificas carreiras maritimas, tudo isto favorece vantajosamente a obra do progresso que ultimamente se tem desenvolvido.

—A situação financeira...

—A situação financeira da Venezuela é bastante vantajosa. O governo fecha anualmente o orçamento com superavits e os remanescentes acumulados nas Caixas de Depositos passam de 60.000.000 de «bolivares». O «bolivar» é igual a um «franco-ouro». Nós temos a felicidade de não conhecer o papel-moeda nem qualquer outro meio de circulação depreciado. O ouro é o nosso padrão monetario. Para lhe dar uma demonstração eloquente do estado de prosperidade economica e financeira do meu paiz —conversa o ilustre ministro—basta dizer-lhe que no periodo que decorre de 1912 para cá, isto é, nos ultimos dez anos á nossa Divida Publica tem sido reduzida a mais de 40 %. A amortisação faz-se com uma exactidão matematica e por isso aumenta de dia para dia a cotisação nas bolsas europeas.

—Resultado, talvez, de grandes negocios realisados durante a guerra?

—Não. A prosperidade sempre crescente da Venezuela é devido unicamente á acção do governo que não descura do resurgimento nacional. Ha entre tudo e todos o unico fito de trabalhar, trabalhar para o engrandecimento da patria que é o mesmo que nos engrandecermos a nós. Desde que superintende nos destinos da Venezuela o grande partido da Reabilitação Nacional, o engrandecimento da Republica é bastante notavel e a guerra em nada o interrompeu, graças ás providencias do presidente e fundador do partido, que acaba de ser eleito presidente da Republica.

—Chama-se?...

—E' o general João Vicente Gomes que foi eleito agora, por grande unanimidade de votos para Presidente da Republica no periodo iniciado a 19 de abril e que vai até 1926. Deste grande republicano e patriota muito teem a esperar os destinos da nossa republica.

«E' um militar brilhante, um diplomata distinto de grandes aspirações democraticas e todo o meu paiz aguarda, com fé ardente e esperança inquebrantavel os seus consideraveis trabalhos.

Uma descoberta notavel

Consiste no emprego de superalimentos assimilaveis, tais como carne anti fermentiscivel em pó e a Farinha Soceto-Bulgara na cura da tuberculose, dos quais são depositarios exclusivos Raul Vieira Lda. Rua da Prata, 51.

PITORESCO!

Os "papos-secos"

O sr. governador civil proibiu — diz-se — que se solte dos labios a palavrinha *Papo-Sêco*, sob pena de multa. O que é que deu causa a êste acesso de fobia linguistica do joven e ilustre chefe do distrito? O publico precisa de saber os sintomas e a marcha da doença, a fim de se precaver contra o contagio. O que é o *Papo-Sêco?* E' um cavalheiro bem posto, gastador sem vintem, de poucos escrupulos e gostando da boa mesa e das boas bebidas. E' um frequentador tolerado das casas de jôgo. E o sr. governador civil, que quere acabar com o vicio do jôgo em duas gerações, tal qual o sr. dr. Afonso Costa quiz fazer á religião catolica, aproveitou êsses dignos cidadãos para montar uma policia especial de espionagem ao jôgo de azar. Logo lhes chamaram, a êsses disfarçados agentes policiais, os *Papos-Sêcos*, por analogia com a bolsa desguarnecida de dinheiro honestamente adquirido.

Como opera o *Papo-Sêco?* Muito simplesmente.

A lei exige, para a constatação do crime de exercicio do jôgo proibido, o flagrante delito. Para apanhar os jogadores com a boca na botija, o sr. governador civil inventou a brigada dos *Papo-Sêcos*, que anda pelas casas de batota a jogar, tal qual toda a gente... que joga. Quando a jogatina está em pleno fulgor, o *Papo-Sêco* rapa de uma pistola, ameaça fazer fogo, intimida e dá sinal para o assalto ao covil.

Isto não deixa de ser interessante. Para se constatar o flagrante delito de um crime, praticam os *Papos-Sêcos* o mesmissimo crime e outros peores. Ainda não ha muito tempo que um *Papo-Sêco* quasi matou um cidadão, porque êle se não intimidara com a bravata da pistola fornecida pelo governo civil.

O povo apanhou a designação de *Papo-Sêco* no ar e desatou a fazer uso dela, atirando-a contra as suas antipatias. E' mal feito, sem duvida. Mas, em compensação, o sr. governador civil ordena que quem pronunciar as fatais palavras seja preso e pague multa. A prisão, segundo a Lei Fundamental (que é dela, a pobresinha?...) só pode realizar-se em flagrante delito ou mediante ordem judicial proveniente de pronuncia. O sr. governador civil não quere saber disso para nada e faz muito bem. Para que diabo ha de a gente ser autoridade se não pode encarcerar quem o não é?...

Tudo isto, afinal, não é senão profundamente ridiculo. Dá vontade de saltar para a praça publica e desatar a gritar:

— E' *Papo-Sêco! é Papo-Sêco! é Papo-Sêco!...* — até cair de esfalfado.

Devemos dizer, entretanto, que a acção dos *Papos-Sêcos* foi decisiva na repressão da jogatina... Já não ha quem jogue, já não ha banqueiros, nem *pontos*, nem cartas, nem dados, nem mesmo os *Papos-Sêcos*. Acabou tudo. Mas ficou o governo civil, que é aqui perto, na rua Capelo.

Paralisação dos electricos no dia 1.º de maio? E' um absurdo!

Dizem que se movem as pressões mais instantes para que os operarios dos electricos abandonem o serviço no dia 1.º de maio, exigindo, todavia, que a feria lhe seja integralmente paga.

Isto é absurdo e é imoral. E' absurdo que a cidade fique privada de meios de locomoção, sómente porque a U. S. O. continua a pretender exercer um dominio absoluto sobre o operariado; e é imoral porque não se compreende que o feriado imposto á Companhia seja pago por ela.

Este caso não deve passar desapercebido ao Governo. Se o operariado da Carris não tem coragem para resistir a pressão da U. S. O. prepare-se o Governo para fazer circular os electricos com o mesmo pessoal que ficou suficientemente adestrado durante o periodo da ultima greve.

Cremos de resto, que é esse o pensamento do Governo.

O Convenio com o Transvaal

O principe de Connaught, governador geral da União Sul-Africana, enviou ao sr. Brito Camacho, Alto Comissario em Moçambique, uma carta convidando-o a ser hospede da União, na cidade do Cabo, por ocasião da denuncia do Convenio Luso-Transvaliano.

E' provavel que o sr. dr. Brito Camacho aceda a êsse convite se as circunstancias lho permitirem, visto estar, neste momento, funcionando o Conselho Legislativo da Provincia.

O principe de Connaught quere significar com o seu convite, no instante da denuncia do antigo convenio, que a nova convenção a realizar não trará o mais leve embargo aos trabalhos que vão principiar entre os generais Freire de Andrade e Smuts.

Um premio pecuniario

discutido na Camara

Ontem, no Parlamento, o deputado sr. Antonio Maia propoz para os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral um premio pecuniario de 100 contos a cada um. O deputado sr. Paulo Menano protestou contra semelhante proposta, dizendo que ela poderia ir ferir os intuitos patrioticos dos heroicos aviadores.

E' o eterno sistema portuguès, que nunca soube recompensar praticamente. O melhor premio que se pode dar a uma cabeça que se levanta acima das outras ou pelo seu talento, ou pelo seu saber ou pela sua coragem, é precisamente o premio pecuniario, que põe ao abrigo das necessidades materiais todos aquêles que se tornam notaveis, permitindo-lhes que, sem cuidados, persistam nas suas tarefas superiores. E' assim que se faz em toda a parte. A Inglaterra deu uma fortuna a Charles Dickens, a França doou a Pasteur dois milhões de francos, o romancista Rams recebeu da Holanda, por subscrição nacional, duzentos mil florins. Na America do Norte êstes casos são comuns. A França entregou a Foch, a Castelnau, a Joffre e a Petain pensões vitalicias, que representam um importantissimo capital. E, quando da grande luta do Afghanistan e do Egipto, os generais Roberts e Kitchner, além do titulo de *lords*, receberam do seu governo, como recompensa, 40.000 libras esterlinas cada um, como já ha cem anos se havia feito com Nelson, o vencedor de Trafalgar.

Estes são os exemplos que nos dão as grandes nações. Mas, por cá, estas coisas são interpretadas de outra maneira.

A Conferencia de Genova

Tchitcherine interrogado

GENOVA, 25 — A «Chicago Tribune» encarregou o seu correspondente nesta cidade de fazer ao sr. Tchitcherine as seguintes perguntas:

1.º — Quando é que o governo dos soviets está disposto a estabelecer eleições livres, liberdade de expressão e de imprensa e liberdade de trabalho?

2.º — Em que é que o actual governo é mais democratico do que o antigo regimen?

3.º — Em que é que ele se considera mais comunista do que os governos do passado?

4.º — As propriedades confiscadas pelo governo dos soviets aos americanos foram confiscadas em beneficio do proletariado russo ou do proletariado americano?

5.º — Ordenou o governo dos soviets o assassinato das filhas do Czar e no caso de resposta negativa, foram os seus autores castigados?

6.º — Quantas pessoas foram condenadas á morte pelos tribunais secretos?

7.º — Se o governo dos soviets obtiver dominio sobre outras regiões ou paizes, estabelecerá neles tribunais secretos desta especie?

As respostas de Tchitcherine serão publicadas logo que forem recebidas. — (R).

As exigencias russas

GENOVA, 24. — O comité dos sete peritos dos negocios russos tomou conhecimento na presença dos soviets do documento escrito que o delegado russo Rakowski entregou á comissão. Nesse documento declara-se que no caso em que as potencias concedessem creditos ao estado, adequados ás necessidades da Russia, e reconhecesse os soviets, a delegação sovietica pediria a supressão completa das dividas de guerra, e uma moratoria durante a qual a Russia não pagará juro algum aos seus credores. Os soviets recusam-se á restituição das propriedades. Em presença das exigencias deste documento, o presidente Evans declarou que os delegados dos soviets se podiam retirar. Os peritos aliados darão conhecimento dele aos seus respectivos governos. A reunião foi depois adiada «sine die». — (R.)

O telegrafo e o telefone

GENOVA, 24. — No dia da abertura da Conferencia de Genova as repartições de Telegrafos transmitiram telegramas num total de 210 000 palavras. No mesmo dia, as chamadas telefonicas de Genova a outras cidades italianas foram de 108 horas e as de Genova a cidades estrangeiras 22 horas, equivalentes a 2.600 conversações de tres minutos cada. — (R.)

A intriga diplomatica

GENOVA, 24 — Um comunicado da Agencia Stefani para os jornais estrangeiros propalou a noticia de que surgiu um incidente com o dr. Francisco Giannini membro da delegação italiana da Conferencia e chefe da missão comercial italiana em Londres.

Nessa informação, diz-se que o comendador Giannini seria submetido a uma sindicancia por ter feito acreditar á delegação alemã que os aliados nas suas conversações particulares na Vila de Albertis com os russos estavam prestes a concluir um acordo o que incitou os alemães a fazerem o tratado com os russos. Semelhante acusação era tambem feita a um membro da delegação inglesa. Tudo isto foi ratificado na reunião de ontem por uma forma precisa pelo primeiro ministro inglez e pelo ministro italiano dos negocios estrangeiros. O dr. Francesco Giannini foi encarregado de comunicar á delegação alemã o andamento dos trabalhos entre os russos e os aliados e desempenhou-se da comissão com todo o escrupulo e com toda a fidelidade. O dr. Giannini não podia dizer aos alemães que se tinha chegado a qualquer resultado concreto nas negociações com os russos porque isso não era exato.

Os boatos sobre sindicancias aos actos do dr. Francesco Giannini são absolutamente destituidos de fundamento e tanto assim que depois do pretendido incidente, foi indicado como representante da Italia na subcomissão e em comités importantes como por exemplo o da regulamentação dos negocios russos e participa activamente nos trabalhos da Conferencia com a plena confiança dos superiores a começar pelo senhor Facta. — (R.)

Uma observação do "Petit Parisien"

PARIS, 24. — «O Petit Parisien» nota com magua que ainda subsiste em Genova uma certa desconfiança entre os aliados. Os aliados deviam ser absolutamente francos uns com os outros e resolver as duas disputas entre si. Em face do inimigo de ontem que se revela o inimigo de hoje só devia haver na conferencia de Genova uma atitude, uma politica para que ela não se torne prejudicial. — (R.)

Em volta da mesa

GENOVA, 24. — A delegação dos aliados reuniu-se no domingo sob a presidencia de Facta. Considera-se terminado o incidente suscitado pela assinatura do acordo russo-germanico com a nota dirigida pelos aliados ao chanceler Wirth. Bratiano falou em nome da Pequena Entente e declarou que o tratado russo-germanico era prejudicial mas que podia dar lugar a resultados satisfatorios apertando os laços de amisade entre os aliados. Depois falaram Lloyd George e Barthou. Referindo-se ao incidente originado pelo memorandum russo o visconde Ishii declarou que pela experiencia que o governo japonez tinha tido no decurso das negociações com os representantes da Republica de Tchita não ha meio de levar a bom termo quaesquer negociações com o governo dos soviets. — (R).

GENOVA, 24. — Sob a presidencia de Sir Worthington Evans reuniu-se hontem a comissão dos tecnicos para examinar a questão russa. O delegado francez Seydoux propoz que se adotasse como base de trabalho o exame dos artigos contidos no relatorio formulado pelos tecnicos inglezes tendo-se decidido que assim se procedesse. — (R).

GENOVA, 24. — Os trabalhos da comissão tecnica proseguem activamente. Sob a presidencia do sr. Colrat, a sub-comissão economica poz fim á discussão geral acerca das vantagens e inconvenientes do proteccionismo e livre cambio. A sub-comissão assentou no texto em que se condenam os sistemas de proibições atendendo ás circunstancias actuaes. — (R.)

Uma ideia de futuro

Possibilidade de uma carreira de navegação da Africa do Sul para o Brazil

Parece que no Brazil se está pensando muito seriamente no estabelecimento de uma carreira de navegação para a Africa do Sul chegando até Lourenço Marques, no desejo de estreitar e desenvolver as relações comerciais com este paiz e de encontrar aqui novos mercados para a colocação dos seus produtos.

Esta ideia partiu da atual direção do Lloyd Brazileiro e tem sido discutida em reuniões de comerciantes e industriais e contra ela ainda ninguem até hoje levantou obstaculos de vulto, tendo pelo contrario recebido gerais aplausos,

A Africa do Sul tem necessidades de madeiras, moveis, café, arroz, fumo, cacau, assucar, borracha e cereais, que são os principais artigos, alem de outros subsidiarios que o Brazil lhe pode enviar como o mate, os oleos vegetais e lubrificantes, calçados, tecidos e até cerveja em grande quantidade.

Por seu lado a Provincia de Moçambique exportando para a Sul-America uma parte da sua produção, intensifica o seu comercio e a sua industria. Embora ela seja quasi similar a maior facilidade da mão de obra tornariam muito mais baratos certos produtos que muito vantajosamente poderiam aparecer nos mercados do Rio de Janeiro.

As leis odientas e luminosas

DE COMO UM TELHADO EMPAVESADO PROVOCA AS IRAS EVANGELISTAS... NO -:- GRÃO DUCADO DE GEROLSTEIN... -:-

Tenente coronel da infantaria Moreira da Silva. Este oficial encontrava-se no Estado Maior, pelo pedir, em Penafiel, onde tinha estado arregimentado como capitão e major. Não exercia comando algum, não tinha interferencia de nenhuma especie nas instancias militares. Era um simples particular. Tinha porem a infelicidade de não ser proprietario, e habitar no mesmo predio em que vivia a senhoria. Esta senhora entendeu que proclamando-se oficialmente a monarquia naquela cidade, estando asteada a bandeira monarquica no quartel, administração do concelho, camara tribunal, associação comercial correios, casas de recreio, hoteis, quasi todas as casas particulares, etc. estava no seu direito de mandar pôr uma bandeira azul e branca no telhado do seu predio. Assim o fez. O oficial inquilino entendeu tambem que nada tinha com isso, visto que nas janelas da casa que ocupava nenhum distintivo pôs durante a efemera monarquia. Pois entendeu muito mal! Passados dois mezes de ser reimplantada a Republica (tempo que levou aos «novos defensores» que tinham aderido á monarquia «por escrito», a esquadrinharem motivos para cevarem os seus odios) aquele oficial recebeu ordem de prisão para o Porto, onde esteve bastante tempo. Passados mezes foi punido disciplinarmente com seis mezes de inactividade que cumpriu em Elvas.

Julgando-se quite com a Justiça, e suficientemente castigado por não ser proprietario e viver num andar em que a senhoria do predio mandou pôr no telhado a bandeira monarquica, veio a lei 1040, «quasi dois anos depois», e por ela o oficial devia ser demitido! Veio a lei 1244 e vai ser reformado!! O sindicante deste oficial foi o coronel a que «A Capital» de 18 se refere, nos seguintes termos:

«O coronel de infantaria Manuel Silvestre Vilhena, encontrava-se em Penafiel no Estado Maior. Fez a declaração «por escripto» de adesão á monarquia. Engalanou as janelas da sua casa com bandeiras azues e brancas, e iluminou-as com profusão de luzes... Nada sofreu por ser amigo dos democraticos da terra, quando foi presidente das juntas de inspecção... Foi averado em oficial sindicante, e devido a ele muitos oficiaes foram presos e condenados».

A principal testemunha de acusação do dito oficial, foi o capitão mestre de musica Augusto Guerreiro Alves, a que «A Capital» de 15 se refere da seguinte maneira:

«O chefe de musica Guerreiro, da infantaria 32, praticou o crime de «por ordem superior» mandar tocar a banda regimental o hino da Carta na ocasião em que se prestava as honras á bandeira monarquica, com a agravante, porem, do seu camarada de infantaria 13 que o mesmo crime praticou e que por ele foi punido com 3 mezes de inactividade e é agora reformado pela lei 1244 de «por sua livre vontade», incorporar-se numa manifestação monarquica que percorreu as ruas de Penafiel com vivorio e foguetorio! «Foi-lhe arquivado o processo por falta de fundamento!!! Fez-se revolucionario quando se reimplantou a Republica, e conseguiu ser louvado em «Ordem regimental» por ter prestado serviços a Republica!!!

O oficial de que estamos tratando juntou, segundo nos consta, á sua defesa uma declaração da senhoria, em que aquela senhora nobremente assumia a responsabilidade da colocação da bandeira azul e branca no telhado do predio que lhe pertencia. Tambem nos afirmam que o mesmo oficial nenhuma politica tinha, e que bastantes actos de filantropia praticou naquela cidade durante os anos que ali viveu, sendo um deles o ter fundado uma escola com todo o mobiliario e utensilios escolares, sómente á sua custa, pelo que foi louvado no «Diario do Governo», pelo sr. dr. Antonio José de Almeida, então ministro do Interior. Este não é dos nossos...

Tenente de infantaria João Baptista Pinto. Este oficial sendo administrador do concelho, no tempo do sidonismo, em Vila Nova de Gaia, continuou a exercer as mesmas funções com a monarquia. Tomou parte numa manifestação que a gente do seu concelho fez a Paiva Couceiro. Não sofreu por isso castigo algum, encontrando-se ainda de licença ilimitada «a seu pedido!» Este é dos nossos...

Capitão de infantaria Henrique Augusto. Comandou a quando da monarquia em Lamego uma companhia das forças do major Barbettos Pinto, a que já nos referimos, á sombra da qual não podia deixar de ser absolvido em conselho de guerra. Contudo na «rêde» disciplinar foi punido com seis mezes de inactividade, que influencias politicas, conseguiram reduzir a zero! E' justo dizer-se que este oficial é um dos promovidos por distinção em França. Tambem é dos nossos...

O acordo germano-russo

Os interesses e os receios que em torno dele se levantam -:- -:- -:-

PARIS, 24 — O sr. Poincaré, examinando o acordo germano-russo, após a sua conclusão, fez resaltar a moderação na atitude da delegação franceza, que se esforçou por mostrar a lealdade da sua cooperação associando-se á indulgente moção dirigida á Alemanha. A França afirmou publicamente a sua solidariedade com os aliados. Contudo, se a delegação franceza não puder fazer triunfar em Genova as ideias a que está firmemente ligada, sentirá não continuar a colaboração na Conferencia, cujo bom resultado ela procurou com todas as veras assegurar. O sr. Poincaré declarou mais que a atitude da Alemanha e da Russia criava uma situação politica de molde a comprometer o equilibrio europeu, que excede em importancia os problemas financeiro e economico. Na Alemanha mantem-se vivo o sentimento da «revanche». Os bolchevistas, sob o pretexto de trazerem aos povos um Evangelho Novo, organisam por toda a parte, mesmo entre as mais democraticas republicas, uma propaganda intensa. Os aliados terão de examinar o novo facto criado pela convenção russo-alemã e a tirar as suas consequencias relativamente ao tratado de Versailles, ao futuro da Europa e á conservação da paz. O sr. Poincaré terminou por fazer um apelo á união dos aliados e á união dos partidos politicos. Comentando o discurso do presidente do Conselho, «Le Temps» diz que a politica de Poincaré é a paz. E' preciso que a França defenda a paz, as alianças, os tratados. Se a França tivesse de agir sosinha, fazia-o no interesse de todos os povos. O «Journal des Débats» verifica que as ideias espendidas pelo sr. Poincaré são as de toda a nação franceza. — (R.).

LONDRES, 24. — O «Mornin Post» é de opinião que a França é o unico paiz com quem se pode contar para escapar ao perigo russo-germanico. A França tem só que se conservar fiel ao tratado de Versailles para ser ajudada não só pelo povo francez mas tambem pelo inglez. Este jornal espera tambem que os Estados Unidos auxiliem a França. — (R.)

LONDRES, 24. — E' bem recebido em Londres o facto de o governo alemão ter negado que haja qualquer convenção militar entre a Russia e a Alemanha. Faz-se entretanto resaltar que a falta de franqueza que caracterisou o procedimento da Alemanha relativamente ao tratado germano-russo, justifica a desconfiança de certos paizes que se acostumaram a olhar para a Alemanha como suspeita. — (R.)

LONDRES, 24. — Sir Robert Horner Chanceller do Exchequer mostra-se satisfeito com os resultados financeiros obtidos na conferencia de Genova. Referindo-se ao acordo russo-germanico disse que todos os membros da delegação britanica o ignoravam completamente. — (R.).

As maravilhas da 6.ª repartição

A proposito do artigo publicado com esta epigrafe em «A Capital», de 20 do corrente, fomos procurados pelos srs. Francisco Avelino de Sousa Amado e Francisco Granate Leal Torres, capitães veterinarios do Exercito, afirmando êstes senhores serem absolutamente estranhos á doutrina contida no referido artigo, tendo sido sempre muito correctas e regulares as suas relações com a 6.ª Repartição.

Registamos com muito prazer as afirmações dos srs. Amado e Torres, afirmando todavia:

1.º — Ha mais oficiais além dos srs. Amado e Torres a quem podem dizer respeito as reflexões do nosso citado artigo;

2.º — A lei publicada em Novembro ultimo abrange os oficiais da reserva nomeados ao abrigo da lei de 1911 e os oficiais da reserva e os milicianos regulam-se actualmente por essa lei de Novembro,

Theatros e Cinemas

ASSUNTOS DE TEATRO

A proxima representação de "Os Tubarões,,

AS ENTREVISTAS—DEVE-SE PERGUNTAR A IDADE A UMA MULHER?—ILUSÕES—O PARADOXO DE DIDEROT—O FUTURISMO—O PUBLICO

Um camarim cor de rosa em S. Carlos mobilado como ha trinta anos. Um sofá. Uma mesa. Um espelho. Uma lampada enchendo os recantos duma névoa doirada e macia. São dez horas da noite. Estamos no primeiro intervalo das «Duas Causas». Berta de Bivar acabou de entrar no camarim, de se deixar cair, um pouco fatigada, sobre uma cadeira velha vulgar. Pedimos licença. Entrámos. O jornalismo é uma especie de contra-regra que obriga a entrar em scena, muitas vezes, o jornalista. Berta sorri, compõe levemente a cabeleira fulva como nos retratos da pintura ingleza:

—Uma entrevista?

—Oh!

—Que mal faz uma entrevista, minha senhora?

—Nenhum. Pelo contrario—Não quer sentar-se?

—Muito obrigado.

Sentamo-nos num fauteuil vermelho, esgarçado. Pedimos licença para acender um cigarro. Conversamos agora tranquilamente como dois bons amigos.

Queriamos, sabe, que respondesse a tudo—sem que tivessemos de lhe perguntar nada.

—Era engraçado.

—Era. Sabe que as entrevistas, minha senhora, dão-nos sempre a impressão dum juiz a interrogar não diremos um réu—ah! não—mas uma testemunha que se tivesse debruçado numa varanda de sol para assistir á vida... E nós não somos porque não podemos ser, um juiz perante si.

—Porquê?

—Porque não.

—Seja.

—Se exige? Começaremos então por perguntar-lhe: «Como se chama?»

—Berta de Bivar.

—Quantos anos tem? Mas perdão: Nunca se deve perguntar a idade a uma mulher... Disse-o o velho Fontenelle—que era homem. Os homens percebem afinal muito mais de mulheres do que as mulheres. Não lhe parece?

—Não sei... Talvez não... E dai quem sabe?

—Ora diga-nos: como foi para o teatro? E' uma pergunta inocente, não é?

—Vocação, desde pequena... Sempre quiz ser actriz... Era um sonho... Era uma loucura... O teatro atraia-me, como um sorriso, como uma ilusão...

—Que ainda não caiu, como uma flor seca...

Berta de Bivar tem um ligeiro sorriso amarelo disfarçado no vermelho dos labios:

—Não... Mas as nossas ilusões ficam sempre insatisfeitas... O teatro que eu sonhava não era precisamente este. O teatro que nós sonhámos um dia nunca é aquele que realizámos depois... No teatro como na vida...

—A sua primeira peça?

—O «Ninho de Aguias», de Carlos Selvagem. Uma peça curiosa... Lembra-se?

—Fez sucesso... Se nos lembramos! Parece que estamos a vê-la, ainda a si, naquele papel de viscondessa que lhe ficava como uma luva branca, sem uma ruga... Ha tres anos, não foi?

—Ha tres anos, sim.

—Qual o genero de teatro que gosta mais, que o seu culto prefere?...

—Eu gosto afinal de todas as peças que represento... Nós criamos amor ás personagens que vestimos, que vivemos...

—Pensa então que a actriz deve sentir?

—Absolutamente... A nossa vida não é fingir apenas... A «A maquilage» da face não é suficiente nem o gesto, nem o corpo... E' necessario emprestar-mos ás nossas creações um pouco da nossa alma...

—Não tem então tipos de personagens favoritos, deixe-me dizer-lhe assim?

—Decerto que tenho... Prefiro as figuras em que os meus nervos caibam, em que eu tenha espaço para os meus sonhos...

Falamos agora de literatura. Escritores velhos. Escritores novos. O futurismo.

—Não aprecia os futuristas?

—Aprecio. Mas o futurismo «comme il faut», o futurismo dos grandes escritores futuristas da França e da Italia... O futurismo é interessante, acredite...

Acreditamos. A conversa desloca-se para o teatro, para a crise que atravessa o teatro portuguez, para os atores, para as atrizes, para o publico.

—Qual é a sua impressão do publico?

—O publico creia é muito nosso amigo... A's vezes, é certo, que...

—Tem receio do publico?

—Receio propriamente não: respeito... Eu respeito muito as creanças... E sou muito amiga delas... O publico é uma creança, é uma grande creança...

—Com quem se não pode brincar...

—A's vezes...

—Gosta da peça que vai interpretar na sua festa?

—Muito... Não sei, entretanto como a platea a receberá... «Os tubarões» fizeram sucesso, lá fóra... Aqui o publico tem as suas preferencias especiais... Veremos...

Alves da Cunha ordenára, neste momento, á porta do camarim:

—Pode começar-se o segundo acto?...

Levantamo-nos. Berta de Bivar tinha sido duma cativante gentileza para o jornalista, duma tão grande gentileza que não hesitamos em beijar neste momento a sua mão—embora de longe e literariamente...

MEDALHÕES

Ribeiro Lopes

Tambem os novos, desde que tenham valor, merecem ser apontados pela critica.

Está neste caso, Ribeiro Lopes, que hoje faz a sua festa no Politeama e que, tendo estado, durante largo tempo, afastado da scena portugueza, a ela voltou, conseguindo conquistar num curto periodo de uma época um logar de destaque no teatro de declamação. A personagem por ele interpretada na peça «Uma mulher sem importancia», com que hoje faz a sua festa, representa o trabalho de alguem que procura e consegue nobilitar a sua arte.

José Ricardo

Alguem que marca na scena portugueza e cuja acção seria brilhante em qualquer teatro do mundo. Durante um longo periodo da sua vida artistica, foi o actor querido do teatro musicado, fazendo rir como comico, conseguindo impressionar nas personagens dramaticas.

Transitou, seguidamente, para a declamação e, neste genero como no que abandonou, é ainda e sempre um artista impecavel. Talvez porque pertence a uma geração para a qual o Teatro representava uma arte e não um oficio, o publico distingue-o e faz-lhe a justiça devida aos que valem pelo seu real valor.

Agenda da semana

HOJE — Politeama — Festa do actor Ribeiro Lopes.

AMANHÃ—Nacional—Festa do actor José Ricardo.

S. Luiz — Recita dos autores do «A Lenda dos Tarlatanas».

QUINTA-FEIRA — S. Carlos — Primeira da peça «Os Tubarões» em festa da actriz Berta de Bivar.

Avenida — Primeira da opereta «Perola Negra», em festa da actriz Luiza Satanela.

Noticiario

Entre nós

Deve abrir no dia 1 do proximo mez, no teatro S. Luiz, a assignatura para as cinco recitas que a companhia do teatro Renaissance ali vem dar e cuja apresentação se deve efectuar em 18 de Maio.

◆ Durante as proximas recitas da companhia franceza no S. Luiz, a companhia deste teatro ira dar uma serie de espectaculos a Coimbra.

◆ Muito interessante a recita que hontem se realisou no S. Luiz, em beneficio de Sales Ribeiro e dedicada á colonia brazileira. Assistiram o sr. presidente da Republica e o encarregado de negocios do Brazil, tendo o teatro uma enorme enchente. Todos os amadores que nela tomaram parte foram muito aplaudidos, em especial as ex.mas sr.as D. Rachel Soares Bastos, Aldina de Sousa e barytono Luiz Macieira. Dos nossos artistas tiveram as honras da noite, o festejado e a sua colega Ausenda de Oliveira.

◆ Estreiou-se hontem no Coliseu o conhecido atleta Rui da Cunha que foi carinhosamente recebido pelo publico.

◆ Em consequencia de não estarem concluidos os scenarios para a peça «Os Tubarões» a festa da distinta actriz Berta de Bivar fica transferida para o dia 27, representando-se hoje mais uma vez devido ao enorme sucesso alcançado ainda no ultimo domingo a peça «Duas Causas» em que Alves da Cunha tem uma das suas melhores criações.

Estrangeiro

No teatro Eslavo, de Madrid, realisa-se esta semana a festa da popular artista Catalina Barcena, com a primeira representação da comedia de costumes populares, de Carlos Arniches «La hora mala».

◆ Em Barcelona, obteve um grande exito, com a peça «El numero 15», a companhia do teatro Apolo, de Madrid.

◆ No teatro Goya, da mesma cidade, estreou-se com sucesso a companhia de Ricardo Calvo com a tragicomedia de Guillen de Castro «Las mocedades del Cid».

◆ No teatro Duque, de Sevilha, representa-se, presentemente, com grande agrado, a opereta «Friné la Cortezana».

◆ O ministro da Instrução e Belas Artes, de França, pensa em fazer nomear o grande actor Lucien Guitry para a vaga de professor do Conservatorio, deixada por morte de Paul Mounet.

◆ No Casino de Paris deve já ter-se realisado a primeira da nova revista «La Revue des Etoiles», de Willemetz e Jacques-Charles.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9,30 «Carta Anonima»

POLYTEAMA—A's 9,30—«Uma Mulher sem importancia»

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas»

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«O Toureador».

SALAO FOZ— A's 8,30 e 10,30 — «Gigajoga».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALAO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Toda a correspondencia referente a esta secção deve ser dirigida a Alvaro Lima.

* * *

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 3661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

Amigos de Portugal

Os intelectuais espanhoes pensam em estreitar relações comnosco

MADRID, 24.—No Ateneu de Madrid efectuou-se uma importante reunião a que assistiram grande numero de escritores e homens de sciencia, para constituir um comité, intitulado «Amigos de Portugal» cujo objectivo é estreitar as relações entre os dois paizes, organisando um trabalho intelectual de cordealidade e mutua aproximação. Na reunião ficou nomeada a junta directiva a que presidirá o conde de Romanones na sua qualidade de presidente do Ateneu e da qual fazem parte entre outras ilustres individualidades, o conde de Villars, o sr. Lopez Munoz e San Luiz, ex-ministros de Espanha em Portugal, o reitor da Universidade central, sr. Carracido, o director do Museu do Prado, sr. Bemete, o diretor de «El Imparcial», D. Ricardo Gasset, o ilustre inventor Torres Quebedo, o vice-reitor da Universidade de Salamanca, sr. Unamuno, o presidente da «Residencia de Estudiantes», sr. Gimenez, e os escritores Valle, Ortega y Gasset, Sianos y Torriglia e Almargo San Martin. A iniciativa da constituição deste organismo, concebida com grande entusiasmo nos meios literarios, artisticos e scientificos, foi devida ao ilustre sr. Lopez Munoz, antigo representante de Espanha em Portugal.—(R).

Jardim Zoologico

Tendo sido prejudicada, por motivo das ferias, a vinda das escolas e asilos ao Jardim Zoologico, no passado domingo de Pascoa, resolveu a direcção do mesmo, proporcionar ás mesmas intituições novo ensejo de visitarem o Parque das Laranjeiras, no proximo domingo, 30 do corrente, em que se realisará a festa da arvore, que tambem lhes é dedicada.

Os desastres da aviação

No Rio de Janeiro dois aeroplanos chocam-se — Dois mortos

No dia 28 de março deu-se no Rio de Janeiro um desastre de aviação, verdadeiramente emocionante.

O sargento piloto aviador Armando Perilier saiu a passeio, tripulando um aparelho denominado «Bebé». A aeronave media 15 metros e era da fabrica Nevoport.

A «decolage» fez-se sem dificuldade.

Já andava nos ares um outro «Nevoport», tripulado pelo «rei dos az»s brasileiro, Silvio Rocha.

Este profissional era um acobrata distinto. Precisamente quando o primeiro avião ia subindo, andava o segundo em evoluções, fazendo «cabriolas» e executando com mestria o «looping the loops». Muitos oficiais, sargentos, praças e populares admiravam a pericia do aviador.

Fatalidade!...

O avião do sargento Sylvio Rocha havia acabado de executar uma «curva cabrada» para entre se dispôr a «aterrissage». Subito, a atenção das pessoas que observavam os vôos dos dois aviões, é fixada sobre o aparelho do sargento Pelissier, que, com velocidade fantastica, como que atraido pelo outro, se precipitava pela retaguarda do avião de Sylvio.

Alguem, no campo, disse ao aviador Bento Ribeiro:

—Vae se dar um choque!

Ao que respondeu o director de pista:

—E' ilusão de optica!

Palavras não eram ditas e o aparelho tripulado pelo sargento Pelissier, surgindo pelo plano esquerdo do avião de Sylvio Rocha, apanhava-o de «fuzilage».

Foi um momento e emoção para os que assistiam ao encontro tragico.

Um segundo depois, primeiro uma aza, depois o avião de Sylvio logo seguido pelo de Armando Pelissier, projectavam-se sobre o solo, cahindo em uns terrenos baldios junto á vila Marechal Hermes.

O avião do «az» dos «azes», Sylvio Rocha, mesmo depois do desastre, a onda fez duas voltas de «Vrille» enquanto o de Armando Pelissier cahia em «pique».

Os corpos dos dois malogrados aviadores foram retirados já sem vida.

Em poucas linhas

Recebeu curativo no Banco do Hospital de S. José, recolhendo depois a casa o guarda civico n.º 785 João da Cruz, de 36 anos, morador na calçada do Conde de Pombeiro 24, que ao passar na rua Alvaro Coutinho foi ferido de raspão na nadega esquerda por uma bala partida duma carvoaria cujo proprietario na ocasião examinava uma pistola que disparou inesperadamente.

—Num carro eletrico furtaram a Antonio das Neves Savito, Quinta do Bacelo, em Carnide, o relogio e a corrente de ouro no valor de 700 escudos.

—Os larapios entraram por arrombamento em casa de Joaquim de Sousa Abrantes, rua da Bempostinha, 27 donde furtaram objetos e dinheiro no valor de 200 escudos.

—Daolinda Evaristo, travessa da Cruz aos Anjos, foi victima das vigaristas Isaura Ferreira e Rita Marques, que lhe surripiaram a quantia de 105 escudos. Foram ambas presas.

—No tribunal territorial foi hoje absolvido o alferes do 3.º batalhão de infantaria 33, Henrique Carlos Motta Galvão, acusado de furto.

—O julgamento do tenente Viegas Lata realisa-se depois de amanhã no Tribunal Militar.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

Abertura da sessão ás 15 horas, sob a presidencia do sr. Alberto Vidal.

Nas bancadas ministeriais estão os titulares das pastas da Guerra, Instrução e Agricultura. Nas galerias, 25 espectadores, mais 23 que ontem.

ANTES DA ORDEM

O sr. Daniel Rodrigues faz o elogio do falecido professor Julio de Matos. Outros deputados se associam á homenagem, falando em nome dos seus agrupamentos partidarios.

Nota-se uma contradição absoluta entre as palavras dos oradores e a atitude da Camara. Não ha duvida que sobre a memoria de Julio de Matos desabaram os tropos mais expressivos de saudade pelo homem de sciencia e pelo cidadão republicano. Mas foi só isso, aparentemente. Poucos deputados se privaram da palestra com que são preenchidas estas tediosas horas das sessões parlamentares. Afinal, está certo: *les morts vont vite...*

Da minoria monarquica está apenas presente, por emquanto, o sr. Cancela de Abreu. Os ilustres parlamentares ficaram, naturalmente, semi-exaustos do esforço de ontem. Rectificação: pouco depois de escritas as linhas precedentes, o sr. Carvalho da Silva sentava-se no seu *fauteuil.*

No seu discurso de homenagem á memoria de Julio de Matos, o sr. Lucio dos Santos fez votos para que se concluissem as obras do Manicomio Miguel Bombarda.

A ETERNA QUESTÃO DOS BAIRROS SOCIAIS

O sr. Vasco Borges, ministro do Trabalho, voltou a tratar da questão dos Bairros Sociais. Declara que, no cumprimento do seu dever, deu execução ao voto da Camara, suspendendo as obras dos Bairros Sociais. Isto levantou contra êle, ministro, uma campanha que encontrou agasalho num jornal, pelo qual o sr. Vasco Borges tem o maior despreso; entretanto, um outro jornal, e êsse republicano, fez-se éco da campanha difamatoria, o que indigna o sr. Vasco Borges. Esse jornal foi o «Mundo». Lê o artigo em questão. Finda a leitura, o sr. ministro do Trabalho declara, com muita veemencia e energia, que tal campanha, contra êle movida, tem apenas por fim cobrir os ladrões que infestavam os Bairros Sociais.

E' oportuno registar, nesta altura, que o discurso do sr. Vasco Borges calou profundamente no animo de toda a Camara. Alguns deputados cortaram-no de apoiados, e, no final, muitos o foram cumprimentar.

Os srs. ministros da Guerra e da Agricultura mandam papeis para a mesa.

Dado o recado, em breves e inaudiveis palavras, o sr. ministro da Guerra foi-se; em compensação, entrou o sr. presidente do Ministerio.

As propostas do sr. ministro da Guerra respeitam a modificações a introduzir nas Escolas Preparatorias de Oficiais Milicianos, á revogação da lei n.º 778 sobre medicos, dentistas e veterinarios, á aplicação da lei 1.158 aos militares tanto do Exercito como da Armada que foram promovidos ou reintegrados por terem participado da revolução de 31 de Janeiro de 1891 e, finalmente, tornando indispensavel, para a matricula na Escola Militar, ser oficial miliciano aprovado intrutor na respectiva escola especial de instrutores.

As propostas do sr. ministro da Agricultura não vieram á tribuna jornalistica e não nos foi possivel ouvir uma unica das poucas palavras por êle pronunciadas.

O sr. Sampaio Maia pede providencias ao sr. ministro da Instrução sobre varios abusos, que pormenorisadamente relata. Resposta habitual do sr. ministro.

ORDEM DO DIA

Entra-se na Ordem do Dia, ás 16 horas e meia. Assunto: projecto de lei sobre expropriações.

Inaugura o debate o sr. Carlos Pereira, que manda para a mesa a sua moção.

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Pereira Osorio. Secretarios os srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Aprovam a acta 37 senadores.

O sr. Augusto Vasconcelos propõe que na acta da sessão seja exarado um voto de sentimento pela morte do sr. dr. Julio de Matos. E' aprovado por unanimidade.

O sr. Costa [illegible] requer que pelo ministerio da Guerra lhe sejam enviados os seguintes documentos—Pela 2.ª repartição dos serviços administrativos copia do relatorio da inspecção ultimamente feita pelo tenente coronel Almeida e Pinto á Farmacia Central do Exercito; pela 7.ª repartição da 2.ª direcção geral da secretaria, copia do relatorio feito pelo major farmaceutico do quadro permanente, sr. Fernando Augusto Paixão, a respeito dumas averiguações realisadas na mesma Farmacia Central.

São 16,30 horas. A sessão continua, devendo entrar em discussão o novo regimen das Camaras e o projecto criando o curso de preceptoras.

MOMENTO POLITICO

Os trabalhos da Conjunção Oposicionista e o Congresso do P. R. P.

Fracassaram absolutamente as preocupações daqueles que supunham que por estas ferias da Pascoa, a situação politica sofreria uma profunda modificação. Dizia-se que as oposições reunidas entrariam em linha de batalha contra o Governo, sob um comando unico; afirmava-se que o Congresso do P. R. P. se traduziria na eleição, para o Directorio, de elementos declaradamente outubristas aliados a defensores radicalistas, o que imprimiria uma directriz nitidamente anticlerical e de certa forma socialista ao governo da Nação.

Afinal, nada disto sucedeu, ficando tudo tal qual estava antes de ferias.

A Conjunção Oposicionista não está em desata. As negociações, até certa altura, pareciam destinadas a um feliz enlace. Agora, porem, estão dependentes da acção do sr. Alvaro de Castro, que parece tão lenta que jamais se chegará ao fim.

O sr. Alvaro de Castro, um pouco remido pelas injunções dos reconstituintes provincianos, á frente dos quaes parece estar o sr. Lima Duque, vai contemporisando, dando tempo ao tempo... Pensa-se—ou pensa o chefe reconstituinte — em organisar uma parada das forças da oposição, preparatoria do futuro congresso fundador da conjunção.

Imagine-se o tempo que isso consumirá...

Quanto aos democraticos, a estabilidade é perfeita. Os democraticos-outubristas foram batidos, graças ao esforço dos partidaristas provincianos que formaram em fileiras cerradas em torno do sr. Antonio Maria da Silva. O chefe do Governo continua, pois, a ser o Papa de Avinhão do P. R. P., emquanto que o sr. Afonso Costa se mantem em Paris, que é a Roma do seu Papado.

Como se vê, não ha nada alterado, por emquanto.

Por emquanto, está certo. Porque nem nós nem ninguem acredita na resignação dos democraticos-outubristas, que estão senhores das juntas de freguezias de Lisboa.

ORDEM PUBLICA

Não tem o menor fundamento uma noticia publicada no «Seculo» de ter a policia de Segurança do Estado procedido a quaisquer diligencias numa quinta de Bemfica onde havia suspeitas de se realisarem reuniões suspeitas. Por tal motivo não tem tambem fundamento a noticia que o mesmo jornal publicou de ter um agente da referida policia caido por uma ribanceira quando procedia a buscas.

Tal diligencia não se fez nem houve agente algum ferido.

—Segundo parece vai ser posto na fronteira aquele galego encarregado duma fabrica de chumbo na Calçada dos Barbadinhos, detentor de tres bombas de dinamite conforme referimos.

A gréve dos mobiliarios

Continua no mesmo pé o conflito entre os operarios mobiliarios e os patrões. A policia de informações deteve hoje varios operarios suspeitos de implicados nos atentados dinamitistas da madrugada. Tambem foram detidos um polidor e um servente de pedreiro, que andavam pela rua da Atalaia a arrancar os *placards* da Federação Patronal, afixados ás portas dos estabelecimentos e oficinas que se encontram encerradas em obediencia ao *lock-out.*

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria do Interior, durando a sessão desde as 10,30 até ás 13 horas. Segundo a nota oficiosa facultada á imprensa, ocupou-se de varios assuntos de administração e discutiu e aprovou diversas propostas de lei a apresentar ao Parlamento pelos srs. ministros do Comercio e da Agricultura.

Noticias do Porto

A's 18 horas

Os peritos que examinaram as acomodações do paquete «Bagé» consideram este navio perfeitamente apto a transportar o hidro-avião. O «Bagé» parte amanhã do Porto em direcção a Lisboa.

"Raid,, Lisboa-Brasil

O grande bôdo organisado pelo Governador Civil

O major sr. Viriato Lobo, Governador Civil de Lisboa continua trabalhando com grande actividade a fim de que tenha o maior brilhantismo o bôdo a favor da pobreza da capital e qual é organisado para festejar o brilhante exito da travessia aerea Lisboa-Brazil pelos arrojados aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. O chefe do distrito continua a receber os donativos para a subscrição que se acha aberta no seu gabinete, tendo-se hoje registado as seguintes quantias:

Um anonimo 200 escudos; [illegible] 10 escudos; [illegible] 500 escudos; S. Neves 20 escudos.

As direcções dos Clubs Maxim e Mont [illegible] participaram ao sr. Governador Civil que iam organisar grandes festas nos referidos clubs e cujo produto seriam destinados ao bodo. A festa no Maxim's realisa-se no proximo sabado e a entrada é exclusivamente para socios e convidados.

Uma comissão de combatentes da grande guerra, residentes no Rio de Janeiro, composta dos ex-soldados portugueses srs. Joaquim Pereira Montenegro, Miguel Ferreira e Antonio Pinto Ferreira, combatentes da França e Africa, promoverá a entrega de uma rica bandeira de Portugal aos dois intrepidos aviadores, por ocasião da sua chegada aquela capital.

A comissão da manifestação de simpatia pelo glorioso feito dos sabios aeronautas que tão alto estão levantando o nome da nossa Historia, organisada na rua da Esperança, iniciou uma subscrição pelos respectivos moradores.

Em poucas horas atingiu ela alguns centos de escudos calculando-se que atingirá quantia bastante para cobrir as despesas da mensagem, bolo e lapide que se vai colocar na casa da rua da Esperança onde mora ja ha bastante tempo o sabio marinheiro Gago Coutinho.

E' de crer que os moradores da rua onde mora o sr. Sacadura Cabral [illegible] promovam igual manifestação a que a comissão da rua da Esperança se associa desde ja do todo o seu coração e lhes oferece o seu prestimo.

O vapor «Bagé» larga de [illegible] ás 18 horas de Leixões, devendo entrar amanhã no Tejo pelas 7. Traz a bordo os dois tecnicos de marinha, capitão-tenente sr. Teodoro da Costa e primeiro tenente engenheiro maquinista especialisado em serviços de aviação, sr. José Augusto Marques, que foram aquele porto a fim de verificarem se o navio tem as condições necessarias para conduzir o hidro-avião que vai substituir o «Lusitania». Entretanto o cruzador «Carvalho Araujo», está aprontando com urgencia na hipotese de ter de conduzir o avião.

Segundo comunicação recebida no ministerio da Marinha, a imprensa da Dinamarca tem-se ocupado da viagem aerea Lisboa-Brazil, publicando os retratos dos dois heroicos aviadores.

Os aviadores srs. Gago Coutinho e Sacadura, comunicaram ao ministerio da Marinha que agradeceram [illegible] [illegible] presidente da Republica Brazileira.

O novo aparelho que vai substituir o «Lusitania» será devidamente assente sobre umas escotilhas no logar que lhe é reservado, levando as azas fechadas e seguindo todo envolvido em [illegible] por causa das intemperies. Nestes ultimos dias tem sido grande o numero de pessoas que [illegible] a estação de Bom Sucesso tem ido visitar o hidro-avião.

Os alfaiates irão para a greve

Segundo nos declarou um membro da direcção dos operarios alfaiates, esta classe pensa em secundar o movimento dos seus colegas do Porto, devendo reunir para êsse fim num dos proximos dias.

Visita no hospital de S. José

O sr. Presidente do Senado visitou esta tarde na enfermaria n.º 5 do hospital de S. José aquele infeliz carteiro reformado que ha dias foi vitima do presumido atentado contra o sr. Pereira Osorio.

A desorganisação do Exercito

e os combatentes do 9 de Abril

Sr. Redactor:—Tem sido apreciada devidamente, nos meios militares, a sua louvavel campanha em prol da disciplina e prestigio do nosso Exercito, e, posto que tudo quanto no seu jornal se tem dito sejam verdades flagrantissimas que ninguem se atreve a contestar, a verdade é que o nosso pobre e desolentado paiz se desinteressa, como v. está vendo, do seu Exercito, desde que, para o seu custeio, o não façam pagar mais.

Parece, pois, que lhe são indiferentes esses monstruosos casos de decepção e odio que a «Capital» vem combatendo, sem se preocupar de que, pelas leis 1040 e 1244, fiquem reduzidos á miseria muitos oficiais distintos que do Exercito são separados para nelos serem conservados outros, reconhecidamente adversos ás instituições republicanas; egualmente está sendo indiferente ao paiz que, por uma lei, tambem excepcional, se façam promoções, a doido, coalhando de coroneis e outros oficiais superiores os quadros dos diversas armas, quando esses quadros se encontravam já «escandalosamente excedidos», e em vesperas de uma reorganisação do exercito que tende, como não poderia deixar de ser, a uma grande redução das unidades!

E' indiferente ao paiz que o seu Exercito seja constituido, quasi exclusivamente, por oficiais superiores e capitães, desde que fazem agora as promoções, embora os novos, cheios de esperanças e boas intenções, porfiguem, como aqueles, ficarem assim condenados a uma triste estagnação, que lhes vai prejudicar todo o seu futuro militar.

Isto é a desorganisação para e simples do nosso desventurado Exercito; é o caos, onde já ninguem pode entender-se, é uma monstruosidade de erros sem justificação que o aniquila. Mas que importa se nele vão medrando e brilhando aqueles que neste desgraçado paiz tão sómente mandam?

Os comandos perderam todo o seu prestigio e omnipotencia, desde que dentro de um mesmo regimento se juntam varios coroneis, o que não pode deixar de dar logar aos mais lamentaveis e ridiculos equivocos, só prejudiciais á disciplina.

Mas, como ia dizendo, o paiz que, na sua maioria desconhece o «melhor», não protesta contra semelhantes abusos, mediante a afirmação que lh faz em do que o celebre «diluvio» de coroneis lhe não traz aumento da despeza e que, portanto ele nada mais tem que pagar! Nestas condições, isto é, desta arte mistificado o paiz, continuará pagando resignadamente, embora para a sustentação de um Exercito caotico que está bem longe de corresponder aos duros sacrificios que ao mesmo paiz impõe.

E' isto deveras doloroso, sr. redactor, mas é infelizmente bem verdadeiro!

O seu jornal ocupou-se tambem da questão das recompensas, extranhando que tantos combatentes do nosso C. E. P. «feridos em combate», alguns mais do que uma vez e em locaes e datas diferentes, não usem quaisquer condecorações, quando é certo que outros pseudo combatentes, simples «burocratas» dos quarteis generaes possuem o peito constelado de medalhas. O paiz ignora decerto este furto, ou então supõe que os referidos «combatentes feridos», o foram, vergonhosamente, pelas costas, ou agachados.

O paiz ignora que estes oficiaes feridos nas trincheiras da Flandres, no autentico «Front», apenas, como na «Capital» se disse, teem o defeito de serem uns militares modestos que não possuem a arte de saber tirar os necessarios efeitos cénicos dos actos que praticam.

Esses militares que hoje bem vergonha de usar os distintivos dos ferimentos que receberam no campo da batalha, e os arranceram das canhões das suas fardas, não souberam ou não quizeram fazer o reclame dos suas pessoas, ou não tiveram parentes ou amigos que lho fizessem. Com tudo poderá alguem contestar que eles derramassem o seu sangue pela Patria? Não representarão esses sacrificios cousa alguma para que possam assim ser esquecidos, em pas moso contraste com o que se fez a tantos dos tais «burocratas»? E não V. que apenas me refiro aos tais «burocratas», porquanto eu poderia ainda pôr os combatentes feridos em confronto com aqueles que, em 9 de abril, retiraram, ao principiar da tremenda barragem, contrariando ossas de ordens, bem precisas e terminantes do alto comando, que mandavam morrer na 2.ª linha».

E não seria descabido este confronto, visto que muitos daqueles que retiraram no dia 9 de abril, e que jamais voltaram a combater, foram depois condecorados, mediante lendas habilmente engendradas, e contra as quais ninguem protestou para não ser apontado como despeitado. No entanto os comentarios ouvem-se por ahi em toda a parte.

O que se vê é que, embora para não mais combater, parece ter ficado assente que a regra é retirar, mesmo que haja ordens em contrario. Prova isso bem eloquentemente, como tambem disse «A Capital», o esquecimento ingrato a que foram votados os prisioneiros da Batalha do Lys, aos quais se deve hoje a comemoração do 9 de Abril e que, oservavos das ordens recebidas, se aguentaram nas suas posições de comb te até á ultima extremidade.

Não se canse, pois, sr. redactor, que é pregar num deserto: leis de «excepção 1.040, 1.244 e 1.239, dando origem ás mais flagrantes desgraças para muitos oficiais que reduzem á miseria, ou a desorganisação e indisciplina do nosso Exercito, ir justiças nas recompensas aos combatentes do C. E. P. etc. etc. são tudo cousas minimas a que o paiz, mistificado pelas habilidades de certos videirinhos, não pode dar importancia.

Desculpe-me v. o tempo e espaço que lhe tomou.—*H. B. de S.*

=Salão Central=

HOJE— *Soirée ás 20 horas* —HOJE

A rainha do carvão

Surpreendente pelicula em 6 partes, com notavel desempenho dos eminentes artistas

Maria Jacobini e Andres Habay

O mais extraordinario acontecimento cinematografico dos ultimos tempos.

Mise-en-scene deslumbrante

ARTE! LUXO! ELEGANCIA!

Elmo o temerario

Protagonistas

Elmo Lincoln e Luiza Lorraine

14.ª SERIE

A avalanche 2 partes

15.ª SERIE

A mecha ardente 2 partes

16.ª SERIE

A casa das intrigas 2 partes

Expulso de casa

Comedia em 1 acto com interpretação do impagavel comico «HAROLD»

AVISO: Por não ter chegado ainda a Lisboa o 17.º e 18.º episodios do film ELMO O TEMERARIO, tem a sua exibição que ser adiada para um dos proximos espectaculos.

TAURO MAQUIA

A proxima do Campo Pequeno

Na lide de domingo proximo no Campo Pequeno tomam parte dois cavaleiros, seis bandarilheiros de alternativa e dois praticantes e um grupo de moços de forcado amadores que por gentileza especial para com a empreza acederam.

Os cavaleiros são dois artistas muito apreciados pela sua valentia e bons desejos: Rufino da Costa e Ricardo Teixeira.

A empreza, recordando o bom exito que teem sempre tido os touros de João Coimbra, encomendou a este criador oito rezes que, como de costume, serão de bela apresentação e bravura.

Artur Felix

Este estimado artista invalido tem marcado para a sua festa anual um dos dias do proximo mez.

A lide é confiada aos nossos mais habeis amadores, que se entenderão com oito corpolentos touros que lhe são foram apartados por um grupo de aficionados nos campos de Vila Franca nas pastagens do sr. Cochado e Osmito que adquiriram toda a ganaderia do sr. Joaquim dos Santos.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 3/8— 4 1/4
» 90 dias.	4 1/2— —
Paris, cheque.	1151— 1190
Suissa, cheque.	2414— 2485
Belgica, cheque	1062— 1091
Italia, cheque.	671— 691
Berlim, cheque.	50— 55
Holanda, cheque.	4712— 4851
Madrid, cheque	1920— 1989
New-York, cheque.	12381— 12747
Brazil, cheque.	60— 54
Austria, cheque.	1— 3
Noruega, cheque.	2370— 2441
Suecia, cheque.	3273— 3371
Dinamarca, cheque.	2677— 2757

Libras 59$00 — 62$00

SPORT

NOTICIARIO

LUTA

O Campeonato Internacional que está disputando no Coliseu, tem despertado enorme interesse no publico

A empresa do Coliseu dos Recreios deve estar satisfeita com a organisação do IX Campeonato de Luta, todas as sessões teem decorrido com a maxima regularidade e o publico tem saido compreendes o valor do torneio, concorrendo em massa, prestando assim á empresa o seu aplauso unanime.

Hontem, as lutas estiveram interessantes. Grilo conseguiu derrubar o scientifico Sonda num golpe de tempo, Raoul St Mars venceu Favro, Ochoa venceu Roberti e campeão belga, Constant le Marin, venceu Stroobants.

Hoje, as lutas devem chamar gran de concorrencia. Manoel Grilo tem por adversario o italiano Roberti, Stroobants contra Wilson, Emile Deriaz contra Bonchionni e Ochôa, campeão Espanhol contra Chysseus.

O lutador El Secundo ainda se encontra magoado da queda que deu quando do seu combate com o violento St Mars.

Brevemente aparece ao publico o novo portuguez que tende 25 anos pesa 110 kilos e com uma estatura enorme.

Deve ser um optimo elemento com que o campeonato fica enriquecido.

CAMPEONATO REGIONAL DE LUTA

E' nos dias 8 e 9 de maio que no Ginasio Club Portuguez se disputa o 1.º Campeonato Regional de Luta organisado por aquele club que aos sports de força dedica a sua melhor atenção.

Esta prova é iliminatoria para o Campeonato de Portugal de Luta a disputar no mez de maio.

A inscrição que se encerra no dia 1 de maio é de 5$00 por cada concorrente, podendo concorrer todos os clubs legalmente constituidos.

Os concorrentes são divididos em categorias segundo o seu peso, havendo premios para os vencedores de cada categoria.

Disputar-se-ha depois entre os campeões de cada categoria e em poule, o titulo do campeão de Lisboa.

CLUB NAVAL DE LISBOA

Realisando-se no dia 4 de Junho proximo as regatas regionais do Sul, o Conselho Director pede a todos os socios remadores o favor de se inscreverem, a fim de serem escolhidas as tripulações que hão-de representar o Club e iniciarem os treinos.

As escolas de remo continuam com toda a regularidade todos os dias de manhã e á tarde, sob a direcção tecnica dos srs. Albano dos Santos e Jorge Ferro.

Continuam muito frequentadas as classes de vela, devendo, breve comeper a instrução pratica a bordo do barco-escola do Club.

CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

Continuam com grande entusiasmo os preparativos para o grande concurso hipico internacional que começa em 30 do corrente no Hipodromo de Palhavã.

A inscrição de cavaleiros é brilhantissima figurando os principais nomes de amadores do sport hipico entre nós.

A assignatura dos camarotes e tribunas reservadas demonstram pela sua importancia o vivo interesse que as provas hipicas despertam este ano, ainda mais que nos anos anteriores, na nossa melhor sociedade.

O perigo do bolchevismo

A ideia fixa de Lenine—O que pretendem os comunistas

Temos tratado esta questão, encarada sob o aspecto do perigo que o bolchevismo representa de facto, tendo já constatado que é não só um regimen perfeitamente falido na aprovação, mas que, de facto continua a arreigar-se, o estender raizes encobertas, que atingem já o extremo oriente, o extremo ocidente e o extremo sul do velho continente.

Talvez pareça paradoxal esta afirmação, mas, estudada com consciencia a obra até aqui feita do regimen bolchevista, analisados circunstanciadamente os escriptos dos grandes corifeus do bolchevismo na Russia, entre os quais Lenine e Trotzki, nós chegamos á pura conclusão que nem o regimen faliu, nem os seus chefes esmoreceram no seu empreendimento de fazer do mundo um grande pais, onde só o trabalho enaltece os homens e constitue a felicidade e a riqueza desse povo ideal.

Eu não fantasio.

A' primeira vista, e olhados os acontecimentos superficialmente, chegamos a convencer-nos de que Lenine modificou em absoluto as suas ideias, e que, em geral, o regimen bolchevista hoje não é nada daquele regimen que reduziu a Russia a um territorio inculto, onde a fome, a miseria e a morte imperam.

Chegamos á convicção errada de que não é nada daquele regimen que para triunfar não hesitou em perpetrar os crimes mais repugnantes de que temos memoria. Assim parece, e muito se tem já escrito afirmando isto mesmo.

Porém, não estaremos enganados? Não será isso uma manha dos bolchevistas,—o facto de se mostrarem menos radicaes e menos avançados? Não será tudo isso uma pura fantasia da parte deles? Não estaremos deante de uns novos Judas que não se repugnarão em dar o beijo da amisade fingida para atraiçoarem as outras nações na primeira ocasião em que se sintam com as forças que as proprias nações atraiçoadas lhes deram?

Nós não devemos olhar superficialmente para este assunto, mas pelo contrario, devemos ir ver, nos escritos bolchevistas, qual é a ideia fixa deles, e, ainda dos bem em frase como esta de Trotski:

«Nós dizemos aberta e directamente ás massas que a elas pertence o interesse de se salvarem, de se levantarem e de prepararem um paiz socialista só por meio de um trabalho austero incondicional disciplina, e rigida exigencia absoluta das classes.»

E' assim que êles pensam. Portanto, não se julgue que uma vez feitas as pazes com a Russia, tudo siga em mares de rosas.

Não se julgue que a obra da Terceira Internacional esmoreça diante da amisade dos outros povos.

Não. Tal não sucederá. E' um escritor inglês que o afirma categoricamente quando diz que «nenhuma das promessas de Lenine fazem com que êle deixe de encorajar a propaganda bolchevista no imperio britanico.

E' o proprio Lenine que o afirma quando diz que a Russia não está em circunstancias tão humilhantes que tenha de aceitar condições.

Não. Ela, a Russia, na opinião do ditador, está habituada a ameaças e a grosserias.

A uma ameaça responde com outra, e não é este o caminho que os aliados têm a seguir para conseguir a sua simpatia no dizer de Lenine.

São estas as provas de arrependimento que êles dão.

Não, a Russia o que quere é ganhar força, sobre isso não haja duvidas, para continuar a sua obra atravez do mundo. E' o que se deprende da leitura das obras de Lenine e Trotski, dos seus discursos e até da propria atitude do governo dos soviets perante as outras nações.

A Provincia na "Capital,,

MORTAGUA, 25.

Foi assassinado á paulada e a tiros de revolver, quando regressava duma festa que teve logar em Goudelim, Abel Pereira de Sousa, proprietario, de Cercosa, deste concelho de 60 anos de idade. Ignoram-se os motivos deste crime não sendo facil presumir quem foram os assassinos.

Pelas averiguações foi presa sua criada Maria Coimbra.—*C.*

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A Praia de Santa Luzia

por ARTUR AZEVEDO

Mauricio casara-se muito cedo, aos dezenove anos, e era feliz, porque ia completar os vinte e quatro sem ter o menor motivo de queixa contra a vida conjugal.

Justiça se lhe faça: era marido exemplarissimo em terra tão perigosa para os rapazes da sua idade. Tinha esse virtude burguesa, que as mulheres amantes colocam acima dos sentimentos mais elevados: era caseiro. Ia para a repartição ás nove horas e ás quatro estava em casa, invariavelmente. So por excepção saia á noite, mas acompanhado por sua mulher. Adorava-a.

Adorava-a, mas um dia...

Não! não precipitemos o conto; procedamos com metodo:

Mauricio exercia na Alfandega um modesto emprego de escriturario e, como residisse nas proximidades do Passeio Publico e era por natureza comodista e ordenado, tomava, sistematicamente, ás nove horas, o bondinho que contornava parte do morro do Castelo, e ia despejá-lo no Carceler, perto da repartição.

Habituou-se a atravessar todas as manhãs dos dias uteis a praia de Santa Luzia e, afinal, tanto se apaixonara por aquele sitio, realmente belo, que por coisa alguma renunciaria ao inocente prazer de contemplá-lo com tão rigorosa pontualidade.

Num dia, as montanhas da outra banda naquela destacavam-se em nuvens tenues e azuladas, confundindo-se com o horizonte longinquo; noutro, violentamente batidas pelo sol, tinham contornos energicos e destacavam-se no fundo ceruleo da tela maravilhosa. O outeiro da Gloria, a fortaleza de Villegaignon, a ponta pedregosa do Arsenal de Guerra — tudo isso encantava o nosso Mauricio pelos seus diversos e sucessivos aspectos de coloração. Era ali e só ali que notava e lhe comprazia a volubilidade caracteristica da natureza fluminense — moça faceira que cada dia inventa novos enfeites e arrebiques.

E o belo e opulento arvoredo defronte da Santa Casa? Como era agradavel atravessar a sombra daquelas arvores frondosas e veneraudas, cuja seiva parece alimentada por tantas vidas que se extinguem no hospital fronteiro!

A praia de Santa Luzia de tal modo o extasiava, que, ao passar pelo Necroterio, Mauricio descobria-se, mas desviava os olhos para que o espectaculo da morte não lhe desfizesse a boa e consoladora impressão do espectaculo da vida.

Notava com desgosto que outros passageiros do bondinho estendiam o pescoço, voltando-se para inspeccionar a lugubre capelinha. Pela expressão de curiosidade satisfeita, ou de contrariedade, que lhes ficava no rosto desses passageiros, adivinhava se havia ou não cadaveres lá dentro.

Um velhote, com quem se encontrava assiduamente no bondinho e já o cumprimentava, de uma feita o aborreceu bastante, dizendo-lhe, depois de olhar para o Necroterio:

— Três inspedes!

Foi morar para a rua de Santa Luzia, numa casinha baixa, de porta e janela, certa familia pobre, de que fazia parte uma lindissima rapariga dos seus dezoito anos, morena, desse moreno purpureo, que deve ser a côr dos anjos do céo.

Mauricio via-a todas as manhãs e não desviava os olhos, como defronte do Necroterio; pelo contrario, incluiu-a na lista dos prodigios naturais que o deslumbravam todos os dias. A morena ficou fazendo parte integrante do panorama, em concorrencia com a serra dos Orgãos, o outeiro da Gloria, o ilhote de Villegaignon e as arvores da Misericordia.

Aquele olhar cronometrico, infalivel, á mesma hora, no mesmissimo instante, acabou por impressionar a morena.

Pouco tardou para que entre o bondinho e a janela se estabelecesse ligeira familiaridade. Um dia, a moça teve um gesto de cabeça, quasi imperceptivel, e Mauricio instintivamente levou a mão ao chapeu. Daí por diante nunca mais deixou de cumprimentá-la.

Quinze dias depois, ela acompanhou o cumprimento por um sorriso enfeitado pelos mais belos dentes do mundo, e isso lhe revelou, a êle, que a beleza de tão importante acessorio do seu panorama também variava de aspecto.

Mauricio correspondeu ao sorriso, maquinalmente, com os labios curvados por uma simpatia irresistivel, e se os dois jovens já se haviam visto sem se cumprimentar, de então por diante não se viram sem se cumprimentarem sem sorrir um para o outro.

Um dia, o cumprimento mudou inesperadamente de forma; ela disse-lhe adeus com a mãosinha, agitando os dedos com muita semcerimonia, como o faria a um amigo intimo. Ele imitou-a, num movimento natural, espontaneo, quasi inconsciente.

Estavam as coisas neste ponto, o fogo ao pé da polvora, quando um dia, depois do cumprimento e do sorriso habituais, um mosleque saltou levigado a plataforma do bondinho e entregou uma carta a Mauricio:

— Está que sinhásinha mandou.

O moço, muito surpreso e um pouco vexado, pois percebeu que o velhote, o tal da pilheria dos tres hospedes, e dois estudantes de medicina riam á socapa, guardou a carta no bolso e só foi abri-la na Alfandega:

«Me escreva e me diga como chama-se, em que ano está e quando foi a formatura, e quanto saber si gostas de mim por pacatempo ou si pedes a minha mão a minha familia, que é meu Pay, minha May e um irmão mio. Desta que lhe ama — *Adelia.*»

Mauricio caiu das nuvens e só então reparou que cometera uma monstruosidade. Nunca lhe passaram pela cabeça ideias de namoro. Amava muito sua mulher, e tinha dela um filho, e era incapaz de trai-la, deseneaminhando uma pobre menina que o supunha solteiro e estudante, e era para êle apenas um acessorio do seu panorama.

Aquela carta surpreendeu-a tanto, como se a propria fortaleza de Villegaignon lhe perguntasse:

«Quando te casas comigo?»

Nas ocasiões dificeis Mauricio consultava o seu chefe de secção, que era um homem de alguma experiencia e amicissimo dele.

Expôz-lhe francamente o caso e perguntou-lhe:

— Que devo fazer?

— Uma coisa muito simples: nunca mais passar pela praia de Santa Luzia. Olhe que o menos que pode arranjar é uma tunda de pau!

— Mas o senhor não imagina o sacrificio que me aconselha! A praia de Santa Luzia entrou de tal forma nos meus habitos, que hoje até me parece indispensavel á existencia. Por amor de Deus, não me prive da praia de Santa Luzia.

— Nesse caso, diga-lhe francamente que é casado.

— Eu? Mas como?

— Amanhã, quando passar, em vez de cumprimentá-la, mostre-lhe o seu anel de casamento. Ela compreenderá.

Mauricio entrou a recomendação á risca: Adelia, ao ver, pertinente a grossa aliança de ouro.

Mas no dia seguinte a moça esperou-o, ainda mais satisfeita e risonha que na vespera e o moleque, trepando pela segunda vez á plataforma do carro, entregou a Mauricio outra carta.

«Que diabo!» pensou Mauricio. «Ela sacará... Vai dando embora... Não é nada... Sorria para que se não me sei esperar-lhe...»

«Meu amor — Vejo que vostê comprou sua Aliansa e me deu a sua inteira... sinais de uma vez no meu coração, amanhã para o pôr no sitio... Isto firmaste o seu desejo de lhe merecer... Adelia»

Mauricio tomou o partido prudente e sublime: resolvido de privar-se da praia de Santa Luzia.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4063 – 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Quarta-feira, 26 de Abril de 1922

Telefone n. 2233 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

As duas imprensas

A casa Pinto e Sotto Maior oferecem á imprensa de Lisboa quatro logares a bordo do *Bagé*, que vai transportar aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo o novo avião em que Sacadura Cabral e Gago Coutinho terminarão o seu maravilhoso *raid* aereo de Lisboa ao Rio de Janeiro. A proposito dêste oferecimento, o *Diario de Lisboa* escreveu generoso, observando que, mesmo sendo gratuita a passagem a bordo do *Bagé*, nenhum dos jornais que enviassem representantes seus, aproveitando o amabilissimo oferecimento, deixaria de gastar uma quantia aproximada a 6 contos de réis brasileiros, o que equivale, pouco mais ou menos, a 10 ou 12 contos portuguezes. E feita esta observação, o jornalista soube logo no dia seguinte que os quatro jornais de Lisboa, favorecidos pela oferta dos srs. Pinto e Sotto Maior, tinham sido o *Seculo*, o *Diario de Noticias*, a *Imprensa da Manhã* e o *Diario de Lisboa*.

Não se julgue que pretendemos insurgir-nos contra esta escolha. Tem havido até hoje diversas maneiras de diferenciar e categorizar jornais. E' mais uma. Ficamos sabendo que os jornais de Lisboa se podem dividir em jornais que podem gastar 6 contos de réis brasileiros e jornais que não podem gastar 6 contos de réis brasileiros. Uns são, evidentemente, os jornais ricos; os outros, os jornais pobres. Ou, por outra, uns constituem a grande imprensa e os outros a pequena imprensa. Está muito bem. Mas dá-se o caso dos que, na pequena imprensa, a dos jornais pobres, a dos periodicos que não podem gastar 6 contos de réis brasileiros toma reportagem que tanto desejariam fazer — porque não se poderá contestar que são tambem portuguezes — têm igualmente direito a saber detalhadamente o que se vai passar com a continuação do *raid*, informando cabalmente os seus leitores, que portugueses são igualmente.

Nestas condições, será de mais solicitar do Governo que providencie de maneira a que êsses jornais, que não podem ter uma reportagem exclusivamente sua, não fiquem desprovidos da necessaria informação? Não poderá o Governo centralizar no Rio de Janeiro um serviço de informações que telegrafe, por cópia, a todos os jornais, reputados pequenos e considerados pobres? Ninguem ignora que é nessa imprensa que se encontram os jornais retintamente republicanos. Os que têm representação no *Bagé* ou são independentes ou têm apenas uma côr republicana tão tenue, que mal se distingue. E a imprensa republicana é a que tem dado as maiores manifestações de fé patriotica; é a que não tem deixado de confiar nos destinos do paiz, procurando por todas as formas as vivas demonstrações da su grandeza. E' a imprensa da intervenção na guerra, é a que nunca pactuou com os atentados liberticidas, é a que constantemente se abraça ao seu grande ideal e infatigavelmente o proclama. E ha de esta imprensa ficar na maior situação de inferioridade de noticias, num assunto desta magnitude, perante as folhas que se consideram os verdadeiros orgãos da imprensa, porque podem gastar 6 contos de réis brasileiros com a reportagem do *raid*? Não pode ser! O Governo da Republica deve, por qualquer forma, remediar esta situação, que é deprimente, que é injusta, que é prejudicial para o proprio regimen.

A OPINIÃO BRASILEIRA

S. Sebastião do Rio de Janeiro aguarda e comenta

COMO SE VÊ O "RAID,, DO OUTRO LADO DO ATLANTICO, NO SEU DUPLO ASPECTO DE FEITO HEROICO E DE NOTAVEL OBRA DE SCIENCIA

S. JULIAO, 26.—Demanda a barra o paquete «Bagé», do Lloyd Brasileiro.—(Oficial)

N. R.—Como se sabe, será naturalmente o «Bagé» que levará aos Penedos de S. Pedro e S. Paulo o novo hidro-avião, para conclusão do «Raid» Lisboa-Rio de Janeiro, complemento do «Raid» Lisboa-Brasil já efectuado com a amarissagem do Lusitania nas aguas brazileiras dos ilheus.

A impressão produzida no Rio de Janeiro apoz a realisação da primeira étape do «Raid» Lisboa-Brasil

Foi enorme a impressão produzida no publico fluminense logo que ali foi conhecido o exito do vôo do «Lusitania» de Lisboa ás Canarias. Não podemos reproduzir aqui os artigos publicados na imprensa carioca, visto que eles ocupam paginas inteiras dos jornais. Limitar-nos-hemos a extractar um ou outro trecho, que mais interessante nos pareça.

Assim, «A Noite», que é o mais popular jornal fluminense, escreve:

«Ha muito tempo que não se tem noticia de uma corrente de entusiasmo tão forte e intensa entre Portugal e Brasil como esta que veiu estabelecer o vôo intrepido dos arrojados aviadores lusitanos Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que ontem deixaram as ocidentais praias que o Camões cantou e, navegando o espaço sem terminos, chegaram sãos e resolutos á ilha das Canarias, vencendo assim com extraordinaria galhardia, dado o percurso e o tempo, a primeira etape do «raid» Lisboa-Rio.

A impressão que a noticia do exito desta primeira fase do grande empreendimento da aviação portuguesa causou aqui e no estrangeiro já constitue um justo motivo de orgulho, sejam quais forem as consequencias do grande «raid». Mas tudo induz á crença de que os bravos pilotos da marinha gloriosa continuem a encontrar as mesmas condições favoraveis que os vem beneficiando até aqui, não sendo de estranhar, salvo qualquer contra-tempo, que já amanhã se tenha noticia do primeiro contacto das azas do «Portugal» com terras brasileiras.

Opinião de um oficial aviador da Marinha Brazileira

Do mesmo jornal «A Noite»:

«O capitão-tenente aviador Raul Viana Bandeira, um dos nossos pilotos navaes que activo maior de vôos de folego possuem, encara com optimismo o tentamen dos aviadores Sacadura e Gago Coutinho. Está mesmo entusiasmado com a facilidade com que foi vencida a primeira etape, Lisboa-Açores, que representa mais de 700 milhas. Admite assim o sucesso do «raid», muito embora tenha o aeroplano «Portugal» de aproar ao mar largo, num surto arriscado, em direcção á Ilha Fernando de Noronha, no qual é possivel não sejam encontrados os mesmos ventos propicios que até agora, segundo se depreende das noticias. Em todo o caso, o aeroplano que tenta a travessia, da marca «Farey», é dotado de motor «Rolls-Royce», possuidor de extraordinarias qualidades. Foi com um motor dessa marca que Allcock atravessou o Atlantico, viajando 17 horas consecutivas, em pleno regimen, e até agora, não dizem os telegramas que o «Portugal» tenha o motor desarranjado. Assim, tudo induz a crer que os aviadores Sacadura e Gago Coutinho vencerão, sem precalços, a etape Açores-Fernando de Noronha.

Pensa o comandante Raul Bandeira como Santos Dumont, que não dá muita importancia ao hypotetico socorro prestado pelos navios colocados na trajectoria do «Portugal». O piloto só deve ter confiança no motor, e o «Rolls-Royce» inspira essa confiança, uma vez que o seu material é preparado com assignalado esmero, tendo sido os seus fabricantes dos primeiros a adoptar quatro magnetos, o que é uma garantia da perfeição da «alumage», isto é, da precisão da scentelha productora da combustão.

O «Portugal» tem assim muitas probabilidades de chegar a Fernando de Noronha e daí aportar a Pernambuco, o que já constituirá uma victoria!

O comandante Raul Bandeira, que, como os seus colegas da Escola de Aviação Naval, está entusiasmado com o arrojado «raid» dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, combinou a expedição de um telegrama de saudações aos dous arrojados «azes» portuguezes, em nome daquela Escola.»

«A Noite» entrevista tres aviadores da Escola de Aviação Militar Brasileira

«Foi-nos possivel obter tambem a autorisada opinião de tres aviadores da Escola de Aviação Militar. São eles os capitães Marcos Villela, Vieira de Melo e 1.º tenente Bento Ribeiro Filho, sendo de assinalar que este ultimo, que nos falou em primeiro lugar, foi incumbido, no ano passado de ir a Portugal afim de estudar as bases duma troca de visitas pelo ar, de aviadores dos paizes irmãos.

Num ponto estão acordes os tres aviadores ouvidos pela «A Noite». A epoca é má para um «raid» como o que está sendo realisado pelos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Opera-se neste momento a mudança de estação, o que traz fenomenos atmosfericos prejudiciais ao vôo, como, por exemplo, o que hoje inundou a cidade.

Sobre o assunto assim se externou o 1.º tenente Bento Ribeiro Filho:

—Temo que os nossos distintos colegas portugueses não cheguem ao Rio de Janeiro.

Não quer isto dizer que eu não acredite na possibilidade de exito de um «raid» Rio-Lisboa ou vice-versa. Penso, todavia, que um empreendimento de tal envergadura exige longa e meticulosa preparação tanto na parte material como na do pessoal.

Conheço o comandante Sacadura, pois, durante a guerra, estivemos uma vez hospedados no mesmo hotel, em Paris. Reconheço sua capacidade profissional desconhecendo embora as condições em que foi preparado o «raid».

Em minha ultima viagem á Europa fui, pelo governo brasileiro, encarregado de estudar o «raid» Rio-Lisboa, de entrar sobre o assunto em relações com as autoridades portuguesas.

Em fevereiro de 1921 estive em Lisboa, e tive longa palestra com os directores da Aeronautica Militar Portuguesa. Expuz o meu ponto de vista que concordava perfeitamente com o das autoridades lusitanas, isto é, na quasi impossibilidade, no momento, de se levar a bom termo a travessia do Atlantico Meridional.

Nessa ocasião já possuiam os portugueses um bom tipo de avião; mas este não se prestava para uma empresa de tal importancia, segundo a propria opinião do chefe da Aeronautica Portuguesa. Era um tipo comum, construido em serie, na Inglaterra, Vickers-Vimy. Foi, pois, com surpresa que vi pelos telegramas a noticia da partida dos aviadores portugueses.

Ouço dizer que o hidro-aeroplano em que vem Sacadura e Gago é munido de flutuadores; a ser exacta a noticia, e apesar de não ser especialista em hidro-aviação, creio que no caso de uma aterrissagem de fortuna haverá o grave inconveniente de não poder ser operada a «decollage», demasiadamente dificil em alto mar.

A principal etape do «raid» ilhas de Cabo Verde-Pernambuco é de realisação extremamente dificil e ha factores importantissimos a serem estudados antes de sua realisação, como, por exemplo, as condições meteorologicas da zona.

Ora, creio que tal não aconteceu, não tendo mesmo os aviadores portugueses se comunicado com as nossas autoridades sobre as condições meteorologicas actuais nas costas brasileiras. Penso mesmo que a estação não é propicia e que melhores condições encontrariam em maio.

Todos os pilotos sabem que quasi tudo, em aviação, depende do factor «chance». Pois bem. Que a «chance» favoreça os intrepidos aeronautas portugueses são os votos que de coração almejo».

Assim pensa o capitão Marcos Evangelista da Costa Villela Junior.

—Acredito na possibilidade de realisação do «raid», dependendo das seguintes condições:

I—Que disponham de todos os recursos, em bases bem estabelecidas, a fim de ahi encontrarem tudo o que lhes for necessario; II—Que o tipo de avião escolhido satisfaça todos os requisitos exigidos para um empreendimento desta ordem, isto é, optimo tipo de motor, exagerada resistencia de seus flutuadores, velocidade regular, nunca inferior a 180 quilometros por hora...; III—Que seja o mesmo avião tripulado por dois optimos pilotos, que possuam todas as boas qualidades exigidas para um bom aviador e tragam mais, um excelente mecanico, e, finalmente, que tenham muita sorte».

Diz o capitão Vieira de Melo:

—O «raid» é possivel, sendo que, para mim, o principal factor num empreendimento desta ordem é a sorte, aliada ao bom tempo.

Quanto ao resto, inteiramente de acordo com a opinião do capitão Villela».

A opinião do capitão Vilela é particularmente interessante, porque demonstra que no Brazil se supoz, durante um certo tempo, que o «raid» era tentado segundo as formulas estabelecidas nos «raids» anteriores, isto é, com o mar balisado, afim de ensinar aos aviadores a rota a seguir. O que se fez não foi isso: os aviadores portugueses realisaram as tres etapes do «raid» Lisboa-Brazil sem apoio algum no mar, entregues aos seus proprios meios de navegação aerea. Nunca será demais destacar este pormenor da proeza, porque é ele que constitue a novidade scientifica **ensinando ao mundo a forma de navegar pelos ares.**

De resto, o capitão Vilela não julga possivel o «raid» desde que a aeronave não fosse tripulada por dois pilotos e um mecanico. O «Lusitania» levou apenas um piloto, que foi o piloto, e um observador, que foi Gago Coutinho. E', sem duvida, outra novidade na navegação aerea.

Digamos ainda que a velocidade do avião não excedeu 150 quilometros á hora, emquanto que o capitão Villela acreditava indispensavel uma velocidade minima de 180 quilometros á hora.

De tudo isto se conclue que a concepção portuguesa do «Raid» Lisboa-Brasil foi absolutamente original, fora alem de tudo quanto até então se tinha imaginado.

Declarações do sr. Veiga Miranda, ministro da Marinha

Dum jornal do Rio de Janeiro:

«No gabinete do sr. Veiga Miranda fomos informados de que o ministerio da Marinha não recebeu ainda nenhuma comunicação oficial sobre a realisação do «raid» Lisboa-Rio, em que se empenham os dois arrojados oficiais da marinha de guerra portugueza.

Desse modo, nenhuma providencia ainda foi mandada tomar no sentido de prestar colaboração aos dois aviadores, caso eles levem de vencida, como esperamos, as duas restantes étapes, para penetrarem em territorio nacional.

Entretanto como nos afirmaram, a providencia da alçada da Marinha será dada prontamente, uma vez que o «Portugal» aterre em Recife, e ela constará da expedição de uma esquadrilha de hidroplanos, da Escola de Aviação Naval, a qual irá até Cabo Frio, afim de, com os «raidmen», entrar á barra.

Por aquele motivo julgam ainda prematura qualquer ordenação de providencia.»

O Brasil reivindica o «pensamento» da realisação do «Raid» Lisboa-Brasil. — Não é má de todo, esta!...

Extractamos de «A Noite», do Rio, de 30 de março ultimo:

«Se cabe á aviação portugueza a gloria de haver iniciado a realisação do grande «raid», cabe á brasileira a primazia de haver oficialmente pensado e estudado a extraordinaria tentativa. E' possivel que muitos aviadores de Portugal, antes mesmo dos nossos, houvessem sentido o mesmo desejo. Mas a verdade, a que nos mostram os documentos, é que o aviador brazileiro Alzir Rodrigues Lima em julho de 1919, foi o primeiro que se ofereceu a cobrir a distancia Lisboa-Rio, provocando por essa ocasião uma reunião do Aero-Club, que designara uma comissão tecnica para tratar do assunto. Foi nessa reunião que tivemos ensejo de ouvir as seguintes palavras do tenente Alzir Rodrigues Lima, instrutor da Escola de Aviação do Exercito, que reproduzimos da nossa edição de 8 do referido mez e ano:

— Penso que a partida deve ser de Lisboa. Ali, os aparelhos podem ser inspecionados com segurança, por tecnicos da fabrica do aparelho em que voar, no momento mesmo da partida. Os recursos materiaes lá são mais faceis. Penso tambem que se deve escolher a maquina de maior velocidade possivel. O aviador Laffry chama a esse «raid», uma rude viagem. Isso, entretanto, não pode desanimar. Em tempo de guerra, o papel da aviação nos encontros é de uma importancia essencial. Em tempo de paz, é necessario realisar experiencias da natureza dessa que está sendo estudada para exercitar os animos.

Essa idea, desnecessario será lembrar, foi recebida com grande entusiasmo por Portugal, conforme registaram os telegramas da epoca. Deunos então seu valioso parecer a gloria da aviação universal, o nosso patricio Santos Dumont, que apresentou restricções de ordem pratica ao projecto do tenente Alzir Lima, mostrando que as grandes despesas que o «raid» exigiria, sem apreciar toda via novidade, por não ser original, uma vez que o Atlantico já fôra atravessado nos dous sentidos, seriam feitas com mais proveito na acquisição de campos de aviação nacional.

O que disse Santos Dumont

Não sem grandes dificuldades conseguimos falar, em Petropolis, com a mais alta autoridade de que nos orgulhamos no assunto: Santos Dumont.

Disse-nos o glorioso e genial patricio que o segredo do exito do «raid» iniciado pelos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que deixaram o Tejo com rumo ás Canarias, depende essencialmente de sua organisação.

E, como conheço pessoalmente aqueles aviadores e sabe que ambos são ilustres e competentes, não duvida dos resultados da prova, certo como está de que a nenhum haja passado despercebida uma só das condições indispensaveis ao sucesso.

E' preciso dizer-se que não se trata dum «raid» de arrojo e sim de meditação. A vitoria não está em se dominarem os riscos e sim na combinação calma do trajecto. «Raids» de audacia, de arrojo, são os que se realisam como o de Alcock, dos Estados Unidos á Inglaterra. Santos Dumont acrescentou que em suas frequentes viagens a Europa tem observado com grande interesse as condições atmosfericas do Atlantico, verificando que não ha nada que autorise a crença na dificuldade de um «raid» como o que se iniciou hoje, visto que todas as condições do ar são favoraveis, saindo do Brasil para Portugal, de lá para cá.

Está certo, portanto, que os bravos aviadores portugueses chegarão ao Rio, contanto que não deixem de tocar em Fernando Noronha, ou em qualquer ponto do norte do Brasil, o que é indispensavel á grande realisação. Acha inutil os navios de guerra visto que estes só poderão servir num caso de fracasso do «raid», o que não espera pelo muito que confia na competencia dos dois aviadores lusitanos.

Faz ardentes votos—que exprime por nosso intermedio—para que essa viagem sirva a demonstrar mais uma vez as proximidades do futuro da aviação como elemento de comercio e aproximação dos povos, e empenhem todos no proposito de combate-la como arma de guerra.

EVANGELISTAS

A depuração do Exercito

CONTRA TODOS E CONTRA TUDO INSISTE-SE NA APLICAÇÃO DAS LEIS 1040 E 1244 MUITO EMBORA OS SEUS — — RESULTADOS SE MOSTREM DIARIAMENTE — —

Afirma-se que o sr. Correia Barreto deu ontem ordem terminante para que na primeira ordem do Exercito sejam executadas todas as disposições da lei 1244.

Ainda nada se sabe do projecto de lei apresentado pelo sr. senador Aragão e Brito porque ainda não foi emitido parecer. Mas deve no entanto saber-se que ha um projecto pendente e que condena as leis 1040 e 1244. Porque se não espera a sua discussão?

Duas leis que tem levado claros e vibrantes clamores de protesto por todo o paiz, duas leis cujos resultados pateticos, ridiculos, torpes e mesquinhos temos aqui apontado diariamente, duas leis que a opinião publica condenou já irredutivelmente,—teimou á viva força em viver a despeito de tudo e contra tudo?

Era tempo de se emendar a mão. Bastaria para isso um pouco de coragem e de imparcialidade. Acha-se preferivel a luta contra uma classe inteira, contra um paiz em massa. O resultado não é duvidoso nem deve causar receios a ninguem.

Fatalmente as leis 1040 e 1244 serão revogadas, riscadas da legislação portugueza como já o foram na logica de todos os isentos de paixões.

E continuamos:

Alferes da Administração Militar, Antonio Seixas Alves Pires. Tinha regressado de França de licença este oficial, tendo-lhe sido ordenado ir fazer serviço no 3.º Grupo da Administação Militar na Povoa de Varzim. Passados dias, após a proclamação da monarquia no Norte, foi-lhe passada guia de marcha para se apresentar no comando da 3.ª Divisão. Cumpriu a ordem do seu legitimo superior, e a Divisão mandou-o apresentar na Inspeção dos Serviços Administrativos afim de fazer o serviço de processos. Passados dias ordenaram lhe que acompanhasse um comboio com generos da estação das Devezas para a de Estarreja. Por sómente cumprir ordens como oficial disciplinado que sempre foi, esteve preso 90 dias. Foi punido com 6 meses de inactividade, e agora pela lei 1244 é reformado! Tambem não é dos nossos.

Alferes Veiga Cabral da A. M. Este oficial foi director da sucursal da Manutenção Militar no Porto, quando da monarquia. Era o que dirigia todos os serviços na Sucursal, fornecendo o pão para as tropas monarquicas. Nada sofreu! Este é dos nossos...

Alferes Aboim Malheiro da A. M. na Povoa de Varzim. Este oficial ao ser proclamada a monarquia foi mandado apresentar no Porto para fazer serviço no deposito de generos, no Matadouro Novo, a fim de fornecer comestiveis para as colunas monarquicas. O seu comandante, capitão Sousa, declarou que este oficial tinha prestado «revelantes serviços». Nada sofreu! E' actualmente ajudante interino do 3.º grupo. E' tambem dos nossos...

Alferes Meyreles e Barreto da Costa. Estes oficiais eram da Guarda Republicana. Estiveram no Monte Pedral onde se proclamou a monarquia, e onde foi destraldada pela primeira vez a bandeira azul e branca. Passaram á Guarda Real, nome que a junta governativa batisou a antiga guarda republicana.

Veiu o 13 de fevereiro, a guarda real passou de novo a guarda republicana, mas aqueles oficiais é que «não mudaram...»

«Sempre fixes», lá continuaram e ninguem os incomodou... Para o rol dos nossos...

Tenente-coronel de infantaria Lima de Magalhães. Era este oficial 2.º comandante de infanteria 29. Veio a monarquia e continuou ao serviço, aderindo a ela. Andou de corôa no bonet, convocou as classes licenceadas para que não faltassem homens para defender as novas instituições. Foi, emfim, um bom auxiliar... Como recompensa, foi nomeado comandante da Guarda Republicana do Porto!!! Apostamos que ninguem pôs em duvida o seu republicanismo desde menino e moço...

Alferes Luiz Vila Verde. Este oficial fez parte da coluna «relampago» do comando de S. Guimarães. Bateu-se bem, ninguem lh'o contesta, contra as forças republicanas, sendo ferido no combate na ponte de Mirandela. Nada sofreu. E' hoje tenente. Nós não lhe queremos mal por isso...

O "Bagé,, e o saber futuro

O *Bagé*, ex-alemão, vai levar o novo hidro-avião aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo. E' um *fis-altez*, uma solução mais rapida, talvez, e que evita a viagem demorada, e dispendiosa do *Carvalho Araujo*. E' uma solução acertada e que pode realizar-se mercê da gentil oferta do Brasil. E', pois, assente que será o *Bagé*. E isto vai dar que fazer aos futuros.

Quando a imprensa estrangeira, como já ouí ha dias noticiámos, se entretém a dar sobre nós noções não falsas como fantasistas a proposito de factos presentes, passados e futuros, se pode dizer, é natural que se pregunte como poderão e deverão ser interpretados os factos que o tempo virá empoeirar?

O futuro alemão que tudo reduz á maior gloria da imperial Alemanha, está sobretudo de recear. Essa intervenção do ex-alemão *Bagé*, que dantes se chamava *Serra Nevada*, vai imiscuir o *Deutschland* no feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Isto é sobremodo grave para os nossos netos. Hoje, no fim de Abril de 1922, qualquer jornal pode noticiar o facto em curtas e concisas linhas:

«Tendo-se inutilizado o aparelho em que os aviadores portuguêses faziam o *raid* Lisboa-Rio de Janeiro, o governo brasileiro poz á disposição de Portugal o paquete *Bagé*, ex-alemão, para transportar aos rochedos de S. Paulo um novo hidroavião. O *Bagé* levanta ferro brevemente, conduzindo a nova ave.»

Simples, eloquente e exacto. Não ha nada a acrescentar, nada a diminuir.

O que dirão, porém, qualquer *Gazeta de Voss*, ou qualquer *Zeitung*, em Abril de 2022 — daqui a cem anos! — noticiando esta velharia curiosa?

Pouco mais ou menos isto:

«Dois grumetes espanhois chamados Gago Cabral e Sacadura Coutinho, num pequeno e fragil aparelho construido por suas proprias mãos, voaram por cima do Oceano Atlantico em direcção á America. Tendo naufragado na ilha alemã de S. Pedro e S. Paulo, um habitante dessa ilha, natural de Wandt, na Prussia, e de nome Serra Bagé, lhes forneceu novo aparelho, acompanhando-os até ao Rio de Janeiro. Assim é que, por intermedio do sr. Bagé, se efectuou a primeira travessia aeria do Atlantico-Sul, e uma empresa fracamente delineada por cerebros frouxos e latinos foi completada devido á energia e ao saber alemães.»

O conflito dos salarios em Inglaterra

LONDRES, 26.—As prolongadas negociações entre as federações dos empregados de construção naval e as empresas terminaram com um acordo entre ambas as partes.

O conflito sobre salarios entre os industriais de fiação e os respectivos operarios terminou com uma redução total de 21,4 %.—(R).

As dividas da Russia e a reacção alemã

BERLIM, 26. — O embaixador americano Child reclamou oficialmente o direito dos Estados Unidos a cobrar as dividas da Russia á America.—(R.)

BERLIM, 26.—O presidente Ebert falando num concerto dado na Opera desta cidade referiu-se ao pesado fardo que as populações do Rheno teem que suportar em consequencia da ocupação e disse que se estavam usando de medidas violentas para impedir que se restaurassem a paz e o socego.—(R.)

O cortejo dos hospitaes

LONDRES, 26.—O rei manifestou o desejo de assistir ao cortejo organizado pelos hospitais e que deve passar em frente de Buckinham Palace. Este cortejo é um dos numeros do programa organizado pelos hospitais de Londres para obter-em fundos para aquelas instituições.—(R).

Um grande incendio em Malaga

MALAGA 26.—A' 1 hora da madrugada manifestou-se um formidavel incendio no edificio da antiga alfandega, onde se achavam instalados o Governo Civil, Tesouraria das Finanças, Conselho Geral e Direcção da Policia. O fogo ganhou os andares superiores onde morava o pessoal subalterno, atingindo rapidamente as escadas que destruiu e que eram a unica saida das familias.

Estas não podendo ser de qualquer modo socorridas morreram carbonisadas. Sendo o material de incendios insuficiente receia-se que o fogo se propague ao rez-do-chão, ocupado pelos depositos do exercito de Africa, onde se encontra grande quantidade de explosivos. O fogo continua. O edificio ocupa uma superficie de perto de 800 metros quadrados.—(H.)

Paralisação dos electricos no dia 1.º de Maio?

E' um absurdo!

Segundo nos informam estão já tomadas todas as providencias oficiais para que o serviço de viação eletrica citadina não paralise no dia 1.º de Maio, conforme pretendem a U. S. O. e a corneta «A Batalha». Se os operarios da Carris não souberem resistir e libertar-se da tutela do sindicalismo bravo, o Governo fará tripular os carros pelo pessoal do Ministerio da Guerra. E' claro que os dias de folga dos libertarios da Carris não lhes serão pagos...

A Conferencia de Genova

Prevê-se a inutilidade da Conferencia

LONDRES, 26.—A opinião hoje em Londres sobre a conferencia de Genova é muito pessimista. Apesar de não se saber nada de definitivo nos circulos oficiais julga-se muito possivel que Lloyd George tenha que regressar á Inglaterra no fim desta semana para fazer uma comunicação ao parlamento, e pensa-se que se Lloyd George decidiu seguir este caminho falará com toda a franqueza.

Julga-se aqui que o procedimento de Lloyd George será pautado pelo do governo francez. A retirada dos delegados francezes de Genova não implicaria a dissolução da conferencia. Nos circulos bem informados dizia-se hoje que a maioria da opinião em Inglaterra é favoravel á manutenção da aliança anglo-franceza e que pouca gente deseja ver desacordos entre a França e a Inglaterra mas teme-se que Poincaré não tenha compreendido bem a atmosfera de cooperação e reconciliação que a conferencia de Genova devia obter. A atitude da imprensa franceza para com Lloyd George tem irritado a opinião publica ingleza que o considera como o representante oficial do Imperio inglez e estão-se empregando todos os esforços para que se compreenda e se dê o devido desconto á atitude franceza.—(R).

Theatros e Cinemas

MEDALHÕES

Pedro Blanc. André Brun. Carlos Simões

Realisam hoje, no S. Luiz, a sua festa de auctores da interessante opereta «A Lenda dos Tarlatanas». Nenhum dos homenageados necessita que se lhe faça a biografia. De ha muito que o publico os consagrou, o mesmo publico que não deixará de ir hoje aplaudil-os mais uma vez.

Luiza Satanela

Faz ámanhã a sua festa no teatro Avenida com a primeira da nova peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, «Perola Negra».

Primeira figura da companhia de que é tambem empresaria, se o publico a estima e aplaude pelo relevo que imprime aos papeis que desempenha, a critica não pode deixar de lhe tecer louvores pelo carinho que emprega na montagem das peças confiadas á sua empreza e ainda pelo cuidado com que trata da figuração do seu teatro, com uma proficiencia que é de justiça reconhecer-lhe e que não constitue regra geral nas demais casas de espectaculos de Lisboa. O publico assim o compreende e por isso mesmo não deixará de a ir festejar como merece.

Agenda da semana

HOJE — Nacional — Festa do actor José Ricardo.

S. Luiz — Recita dos autores do «A Lenda dos Tarlatanas».

ÁMANHÃ — S. Carlos — Primeira da peça «Os Tubarões».

Avenida — Primeira da opereta «Perola Negra», em festa da actriz Luiza Satanela.

SEXTA-FEIRA — S. Carlos — Primeira da peça «Aventuras de Rafael».

S. Luiz — Festa do actor Vasco Santana, com a «reprise» da opereta «Costa Suzana».

Nota do dia

Na minha ultima *nota* lamentava, recordando a soberba apoteose que, ainda ha bem poucos dias, se fez á gloriosa actriz Virginia, que a classe dos artistas dramaticos se não lembrasse ou não quizesse, pois nunca como no caso a que me vou reportar o *querer* significaria *poder*, dar mais, a meudo, provas de uma solidariedade, da qual somos forçados a duvidar, não só porque *o teu inimigo é o oficial do mesmo oficio*, mas ainda porque é absolutamente incompreensivel que a boa vontade e o maximo esforço empregados em favor de um colega, qualquer que seja a sua categoria, não sejam postos á prova e não possam até exercer-se mais proficuamente em proveito de uma colectividade, procurando fundar qualquer coisa de interessante, que a todos aproveitasse. Refiro-me á *Casa Gil Vicente*, que, talvez, mercê da modestia dos nomes que a ela têm dado o melhor dos seus esforços, se arrasta de ano para ano, recolhendo pequenas receitas, mas não tendo conseguido, até á data, efectuar o fim que os seus organisadores se propuzeram.

E', por isso, que no sarau de S. Carlos, em que todos os artistas, fingindo pôr de parte dissensões, intrigas e inimisades, se encontraram, procurando sorrir uns aos outros, eu tive a impressão da generosidade de certa gente, incapaz de dar uma pequena esmola a qualquer pedinte mas sempre pronta a socorrer quem quer que seja e, quantas vezes até, sem conhecimento sequer de quem aproveitará o óbulo, contanto que o seu nome figure depois em qualquer secção elegante dos jornais.

Projecta-se para breve um novo beneficio em favor do maestro Benjamin. Parece que os anima a mesma boa vontade, mas do que, não é licito duvidar, é de que a receita dessa festa será incontestavelmente inferior e, sendo assim, apenas temporariamente poderá minorar as agruras de quem sofre e, consequentemente, acudir a êsse desvalido da fortuna. E, no entanto, é compreensivel que as empresas não possam, a meudo, dispensar as suas casas de espectaculo, que os artistas da mesma forma, mercê da sua tarefa diaria, não tenham tempo para ensaiar qualquer espectaculo interessante e que, finalmente, o publico não acuda pressuroso a essas festas, desde que, periodicamente, elas se repitam. E, no entanto, como seria facil aos nossos comediantes evitar o ter que vir a publico mendigar-lhe a generosidade, que, se hoje reverte em favor de um colega, ámanhã — Deus sabe — em favor de quem será. Não esquecer que a roda da Fortuna é caprichosa, tanto ou mais do que a inconstancia do aplauso das multidões. Outra qualquer festa, que breve se realise, pouco mais produzirá do que o suficiente para fazer face á despesa, haja em vista em quantos beneficios de artistas validos tal facto sucede! Nessa altura, que fazer? Aguardar, como é do uso e costume na nossa terra, o eterno *dia de ámanhã*? Reflictam um pouco, pensem que o futuro é sempre um ponto de interrogação e, mãos á obra, fundam a *Casa Gil Vicente*, para cujos fins, quero crer, ninguem recusará o seu auxilio, por modesto que seja.

ALVARO LIMA

Noticiario

Estrangeiro

No teatro Mogador, de Paris, estreou-se a peça lirica em 3 actos «Le Fakir de Bénarès» de Michel Carré, musica de Léo Manuel que debutou como autor.

◆ O Nouvel-Ambigu fez reprise da peça já representada entre nós «Montmartre».

◆ Sob a direcção de Feraudy começaram já os ensaios de apuro na Comedia Franceza da nova peça de Edmond Guiraud «Vautrin».

◆ Continua fazendo sucesso no teatro Renaissance, a peça «La femme masquée», ultima criação da actriz Cora Laparcerie que, em breve, veremos entre nós.

◆ No teatro Michel proseguem os ensaios da nova fantasia de Rip «Le bel Ange vint», aproveitando espirituosamente o titulo da peça de Maurice Donnay e André Rivoire em scena no Variétés, «La belle Angevine».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL — A's 9,30 «O Centenario»

POLYTEAMA — A's 9,30 — «Uma Mulher sem importancia»

Teatro musicado

S. LUIZ — A's 9 — «A Lenda dos Tarlatanas»

APOLO — A's 9,15 — «Belo Sexo».

AVENIDA — A's 9,15 — «O Toureador».

SALÃO FOZ — A's 8,30 e 10,30 — «Gigajogas».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA — Rua dos Condes

CINEMA CONDES — Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL — Praça dos Restauradores

Toda a correspondencia referente a esta secção deve ser dirigida a Alvaro Lima.

O nativismo no Brazil

O nativismo e as suas campanhas tiveram sempre no Brasil um estado cronico. E, muito embora a acção do dr. Epitacio Pessôa, como Presidente da Republica Brasileira, tenha sido impecavel de tacto e de neutralidade, os nativistas escudam-se nele e fazem até certo ponto do chefe da Republica uma como que estandarte das suas ideias.

Assim lhe atribuem, entre as grandes conquistas do nacionalismo, a Nacionalização da Pesca, cujos beneficios praticos só atestam o valor dessa obra; a lei do inquilinato pondo côbro á exploração desmedida dos famosos proprietarios profissionais; as feiras livres, que só agora tiveram execução, como meio de combate ao açambarcamento e de defesa, reciproca, dos produtores e consumidores; a aprovação do projecto sobre a mudança da Capital da Republica para o planalto de Goyaz; a fiscalização bancaria e o imposto sobre a renda.

A nacionalização do comercio e a da imprensa virão a seguir, e serão obra dele, qualquer que seja a oposição que o elemento luso queira criar por meio da sua imprensa. O nacionalismo é uma ideia vitoriosa, tendo a seu favor presentemente uma volumosa corrente de opinião.

Como medida complementar da nacionalização do comercio e de defesa do elemento brasileiro contra o mal manifesto da concentração lusitana no litoral, é pensamento de alguns membros da *Acção Social Nacionalista* enviar ao Congresso Brasileiro uma representação no sentido de ser aprovado um projecto de lei proibindo a imigração portuguesa para as cidades litoraneas. Imigrantes para o comercio e outras actividades parasitarias é que êles não querem lá.

Como, aliás, o unico imigrante que vem para o comercio fazer jacobinismo estrangeiro contra os filhos do paiz é o português, é natural que o projecto só se entenda com êle.

Assim a fraca corrente nativista procura por todos os processos dar uma amplitude a factos e a coisas que, na realidade, não preocupam os brasileiros. O nativismo no Brasil é previlegio de um grupo de mulatos filhos de portugueses e manifesta-se geralmente aos sabados, á noite, dia de folga e de féria. Mas é, todavia, interessante notar a evolução das ideias nativistas... e tomá-las na devida consideração.

O tratado russo-germano

Alemães e russos responderam já á nota dos aliados. Os primeiros, justificando a assinatura do tratado, opõem-se á ideia da sua anulação e preferem, «no que se refere á discussão ulterior dos problemas russos pela Conferencia, a não tomar parte nas deliberações da primeira comissão sobre questões correspondentes áquelas que estão já reguladas entre a Alemanha e a Russia. Porém, a delegação alemã permanece interessada em todas as questões confiadas á primeira comissão que não tenham relação com os problemas regulados no tratado germano-russo».

Os segundos, embora se não manifestem resolvidos a pôr de lado o tratado, mostram-se, contudo, dispostos a reconhecerem as dividas da Russia: dividas do antigo regimen, dividas provenientes da guerra e indemnisações pelas consequencias da nacionalização de propriedades de estrangeiros. Em que condições?

Os representantes da Russia em Genova colocam assim a questão:

Primeiro, desde que temos dividas é porque existimos, donde não podereis considerar-vos nossos credores emquanto nos não reconhecerem.

Segundo, reconhecemos as nossas dividas, mas precisamos que aquelas que são provenientes da guerra sejam reduzidas, assim como carecemos que as taxas de juros por todas as nossas dividas sejam diminuidas.

Terceiro, é-nos absolutamente necessario o auxilio financeiro das nações.

Estas tres concessões exigidas pelos bolchevistas vão ser submetidas á apreciação das nações, representadas em Genova. Sob o situação creada pelo tratado germano russo já nós nos manifestamos.

São, pois, desnecessarios quaisquer outros comentarios ou outras considerações, tanto mais que, — para nós é ponto assente, — as exigencias da Russia serão atendidas, porquanto, permitido que foi aos bolchevistas gosarem de uma situação precisamente igual á dos demais congressistas, implicitamente se reconheceu o regimen dos «soviets»; e, quanto ás duas outras concessões requeridas, sobre ela já, mais ou menos, se teem manifestado as nações representadas em Genova, pelo que é ainda de esperar que elas lhes sejam feitas.

Resta-nos, pois, observar a situação creada pela resposta da Alemanha.

A' primeira vista ha-de parecer que é questão resolvida. Porém quanto a nós se na sua primeira fase a questão liquidou, uma outra deve começar. Assim aos alemães não será permitido a sua comparticipação na discussão de certas questões de certos problemas.

Qual será, porem, o ambito da sua exclusão?

Pela sua resposta, consta-se que apenas desistem de compartilhar nos trabalhos da sub-comissão politica, onde os problemas russos estão sendo estudados.

Dar-se-hão os aliados por satisfeitos vendo os alemães desinteressar-se dos trabalhos desta sub-comissão, ou pretenderão promover a sua exclusão de todas as outras comissões e sub-comissões?

Veremos. Estamos em crêr, comtudo, que os aliados hão-de procurar, por todas as fórmas, dar um correctivo mais largo á Alemanha, promovendo a sua expulsão de Genova

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

NOS PASSOS PERDIDOS

Enquanto a campainha vibra, chamando os legisladores á sala, ouçamos alguns alguns indiscretos.

O CONGRESSO DEMOCRATICO

Um senador diz:

— A «Capital» errou quando, ontem, disse que o congresso dos democraticos restituira a politica á primeira forma.

Nada disso!

— Mas então...

— Aconteceu o contrario. O triunfo pertenceu aos democraticos-outubristas, que reivindicavam a manutenção das comissões de Coimbra e uma directriz radical imposta á governação publica. Ora as comissões foram restabelecidas, anulando-se a dissolução imposta pelo Directorio, não se fizeram as anunciadas irradiações de elementos outubristas e a ação do Poder Executivo ha-de ser radical.

— De modo que...

— Ha socego e continuará a haver.

A REVOLUÇÃO

— Entretanto, ainda ha pouco ouvimos que esta madrugada estava para rebentar o anunciado movimento revolucionario.

— Não é verdade. Houve, é certo, uma reunião politica mas dela saiu a paz e não a guerra. Os representantes outubristas ao congresso do P. R. P. deram conta do seu mandato aos seus chefes e aos delegados dos centros. E como se verificou que o ponto de vista democratico outubrista fora aceite, dissolveu-se a Junta Revolucionaria.

— Então por emquanto, não ha perigo?

— Claramente que não, pelo menos do lado outubrista.

ABERTURA DA SESSÃO

A' hora regimental fez-se a chamada; depois aprovou-se a acta anterior e leu-se o expediente.

Alguns deputados pedem a palavra.

REPRESENTAÇÃO CONTRA O ALTO COMISSARIO DE ANGOLA

O antigo deputado por S. Tomé, dr. João de Castro, apareceu, por instantes, junto de nós.

— Que faz por cá, doutor?

— Estamos, eu e um amigo, á espera do chefe do Governo.

— Ha novidade?

— Sim. Trata-se de Angola. O Norton persegue os indigenas e pratica toda a qualidade de vexames, atropelos e violencias. Contra todas as leis e por seu puro capricho, dissolveu a Liga Angolana encarcerou muitos homens de côr, alguns deles funcionarios publicos; suspendeu o *Angolense*, jornal que defendia os perseguidos: não reconhece direitos alguns aos nossos correligionarios coloniais. Isto é grave!

— Que pode suceder? — preguntamos.

— Muita coisa má, que queremos evitar, pedindo a intervenção do Governo para o restabelecimento da legalidade.

— Quem é o seu companheiro?

— O sr. Joaquim Espirito Santo, pela Federação Africana de Lisboa. Quanto a mim, represento a Junta Central do Partido Nacional Africano.

Sabemos, ainda, que se pensa em promover um comicio a fim de expor ao povo de Lisboa a justiça que se afirma possuirem os indigenas de Angola e contra a qual actua o Alto Comissario.

O sr. Pires Monteiro manda para a mesa uma proposta de lei.

E, logo a seguir, o sr. Jorge Nunes disserta largamente sobre a questão cerealifera, comercio de cambios, etc.

O Governo já se encontra representado pelos titulares das pastas das Finanças e Agricultura.

A QUESTÃO CAMBIAL

O que o sr. Jorge Nunes pretende, principalmente, é que o Governo lhe diga se o decreto que regulou o comercio de cambiais serve para alguma coisa. Que melhoria tem ele trazido? Nenhuma. Em todo o caso o Governo dirá. O que é certo é que a especulação é de tal ordem, que a abertura do crédito dos três milhões esterlinos não se faz sentir beneficamente nas divisas cambiais. Ora, se o decreto regulador dos cambios não evita e nem mesmo dificulta a especulação, não serve para nada.

Resposta do sr. ministro das Finanças: Nos ultimos dias têm sido apreendidos cheques que não tinham sido superiormente autorizados. Em todo o caso, o certo é que o Governo tem dado autorização para compra de cambiais a todos quantos lh'a pediram. Argumentando com a impossibilidade de impedir a especulação, o sr. ministro das Finanças diz: qualquer medida restritiva que se tente pôr em execução traduz-se imediatamente no agravamento cambial.

Agora: pancadaria nos jornais. Eles é que têm culpa do agravamento cambial, porque todos os dias lançam noticias falsas.

Os projectos de lei que o sr. Pires Monteiro mandou para a mesa dizem respeito á hierarquia nos quadros do Exercito e á instituição de uma nova freguesia no concelho de Estarreja.

O sr. ministro das Finanças afirma que a baixa cambial é provocada por pessoas interessadas nisso, para ganharem facilmente dinheiro.

E termina por anunciar que ha de estudar melhor o assunto, trazendo á Camara os diplomas necessarios.

O sr. Jorge Nunes não se dá por satisfeito. Pudera, nem êle nem ninguem!

Confessou o sr. ministro das Finanças que ha numerosos especuladores. Quem são eles? O sr. ministro não disse que os conhecia, mas percebe-se bem que sim. Então porque não procede? Eis uma pregunta do sr. Jorge Nunes, que ficará sem resposta...

O debate continua com extrema felicidade para a argumentação do sr. Jorge Nunes. O sr. ministro das Finanças desloca-se do seu lugar e vai ocupar um fauteuil junto do sr. Jorge Nunes, — naturalmente para ouvir melhor.

E' evidente que do debate não surgirão complicações politicas. Fica tudo na mesma, inclusivamente o regulamento das cambiais, que se manteem... para inglez ver.

A atitude do sr. ministro das Finanças, confessada por ele mesmo, continuará a ser de pura espectativa, até ver no que dão as modas de Genova: quartel general em Abrantes...

A sessão continua.

ESCANDALO!

Tumultos na Camara dos Deputados --- Sessão interrompida --- Protestos gerais

A's 17 horas o sr. ministro do Comercio mandou para a mesa uma proposta de lei regulamentando a concessão dos creditos particulares por conta do credito de 3 milhões de libras esterlinas, aberto em Londres. Pediu para esse projecto urgencia e dispensa de regimento.

Quando o sr. Presidente da Camara poz o requerimento do sr. ministro do Comercio á votação, levantou-se grande tumulto promovido principalmente pela minoria monarquica. O sr. Rego Chaves (reconstituinte) disse que não era possivel ao Parlamento votar uma proposta de que não tinha o menor conhecimento. Apesar disso a maioria democratica votou a dispensa do Regimento com reprovação das minorias republicanas e monarquica.

O tumulto recrudesceu então e por tal forma que o sr. presidente da Camara declarou a sessão interrompida.

Produziu realmente uma dolorosa impressão entre todos os republicanos que assistiram á sessão, o facto de se pretender discutir um projecto de tanta importancia sem que ele tivesse o parecer das comissões e fosse distribuido para estudo a todos os deputados.

O adiantado da hora não nos permite fazer a este respeito os comentarios que o caso merece.

No Senado

Preside o sr. Afonso de Lemos, secretariado pelos sr. Pessanha das Neves e Santos Garcia. Aprovando a acta 30 senadores.

O sr. Lima Alves chama a atenção do sr. ministro da Agricultura para uma portaria encarregando um medico veterinario a ir fazer serviço em outro quadro, portaria que considera ofensiva ás disposições legais.

O sr. ministro da Agricultura, diz ter esse funcionario ido apenas exercer os seus serviços dentro do quadro de instrução da Escola Agricola de Queluz.

O sr. Vasco Marques refere-se aos acontecimentos de 19 de outubro insurgindo-se com o facto de já decorridos 6 mezes ainda se não terem apurado responsabilidades.

O sr. ministro da Guerra responde estar entregue o caso ao poder judicial.

A sessão continua.

O "raid" Lisboa-Brazil

O novo aparelho encontra-se já a bordo do "Bagé,,

O novo aparelho que vai substituir o «Luzitania» foi removido hoje, pelas 11 e meia horas, do Centro de Aviação Maritima, onde se encontrava, para bordo dum gazolina que o conduziu ao «Bagé» onde foi colocado.

O «Bagé» deve levantar ferro só ámanhã de manhã não estando a hora da partida ainda determinada.

A bordo do gazolina seguiram os tenentes srs. Betencourt e Santos Moura.

Ainda muitas pessoas foram hoje de manhã ver o novo «Lusitania» ao Centro de Aviação Maritima, ao Bom Sucesso.

Os trabalhos da colocação do hidro-avião devem ficar findos ainda esta tarde, não devendo, porem, como se disse, o «Bagé» partir esta noite para os rochedos.

O «Bagé» só amanhã pelas 12 horas levantará ferro.

O sr. Henrique Alegria, director artistico da Revista Film Limitada, do Porto, ofereceu-se ao governo para fazer films da largada do hidro avião de Fernando Noronha e da sua chegada ao Rio de Janeiro.

O embarque dos passageiros que seguem no «Bagé», efectua-se amanhã ás 10 horas.

A subscrição para as insignias

A comissão angariadora de donativos, da presidencia do general sr. Gomes da Costa, para a confecção em pedras preciosas das insignias da Torre e Espada a oferecer aos bravos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral continua trabalhando com afan na distribuição de listas de subscrição por todo o paiz.

A ideia, das mais simpaticas para que devem contribuir dentro das suas posses todos os portugueses destina-se a que o colar das mesmas insignias represente a admiração e o entusiasmo com que o paiz inteiro acompanhou a sua gloriosa jornada, secundando esta iniciativa as proprias senhoras, mulheres de Portugal.

Toda a imprensa diaria acarinhou esta oferta recebendo nas suas redacções qualquer donativo que pelos seus leitores lhe seja enviado remetendo por sua vez ao Banco de Portugal ou á Rua Nova do Almada, 85, 87.

A comissão tem naquele Banco aberta a sua conta de deposito seguinte:

Transporte....... 337$00

A opinião em Espanha

MADRID, 25 — Na camara dos deputados o deputado, sr. Rovira, expoz a importancia da viagem realisada pelos aviadores portugueses a bordo do «Lusitania», no raid Lisboa-Rio de Janeiro, um dos quais, por uma coincidencia providencial, tem o mesmo nome que o descobridor do Brazil e fala dos laços que unem a Espanha e Portugal, recorda a recente viagem dos estudantes espanhois a Portugal e a recepção que aqui lhes foi feita e pede á camara e ao governo que felicitem o governo portuguez.

O presidente do conselho, sr. Sanchez Guerra, enaltece a viagem dos dois aviadores e manifesta o desejo de estreitar os laços entre os dois paises, aos quais prendem grandes vinculos, dizendo que a Espanha felicitou já Portugal pela façanha levada a cabo pelo hidro-avião «Lusitania».

Por unanimidade a camara resolveu enviar uma mensagem ao Governo e á camara dos deputados portuguesa. — (H).

Os papos-secos

Por um lapso na nossa local de ontem subordinado ao titulo acima, dissemos que o sr. Governador Civil de Lisboa havia prohibido que se proferisse a palavra «Papo Seco» sob pena de 2$50 de multa a quem não obedecesse.

Tudo quanto ontem dissemos está certo com a diferença porem de onde se lê governador Civil, deve ler-se Comissario Geral da Policia.

Nesta questão dos «papos-secos» é isto rectificar: o actual governador Civil de Lisboa, major sr. Viriato Lobo, não teve a menor interferencia no caso, tendo sido s. ex.ª quem mandou dissolver essa secreta corporação.

A greve dos mobiliarios

Foram presos mais dois individuos suspeitos de bombistas

Continua no mesmo pé o conflito entre industriais e operarios mobiliarios. Os estabelecimentos e oficinas de moveis continuam fechados e guardados por praças de infanteria da G. N. R. e da policia civica.

O adjunto da policia de Segurança do Estado sr. Zeferino da Silva continua nas suas deligencias afim de descobrir os autores dos recentes atentados dinamitistas. Encontram-se já presos varios operarios da industria mobiliaria acusados de meneurs e instigadores da greve, tendo sido hoje presos por suspeitos de bombistas Francisco dos Santos Carvalho e João Dias.

Estes presos depois de largamente interrogados recolheram á esquadra de Santa Marta onde se encontram na mais rigorosa incomunicabilidade.

O grande bôdo

organisado pelo Governador Civil

O major sr. Viriato Lobo, Governador Civil de Lisboa continua recebendo das mais importantes companhias e casas bancarias donativos destinados ao grande bodo que vae ser distribuido aos pobres em signal de regosijo pelo brilhante feito dos bravos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

No gabinete do chefe do districto foram hoje recebidos mais as seguintes importancias:

Sociedade Industrias e Adubos Limitada 25 escudos; Companhia Lusitana de Conservas 50 esc.; J. Garrido & C. Sucessores, 50 esc.; Companhia Comercial Portugueza, 20 esc.; H. Waddell & C. 50 esc.

A subscrição continua aberta tendo sido hoje enviadas circulares para os varios conselhos do districto.

Hospitais de Coimbra

A direção dos hospitais de Coimbra dirigiu um apelo ao sr. ministro do Trabalho no sentido de lhe ser concedido um subsidio que lhe permita continuar a exercer a sua ação.

O referido ministro respondeu que iria dar ordem de pagamento da verba de 400 contos inscrita para esse fim no orçamento do actual ano economico.

Em poucas linhas

A Porfirio Duarte Vasques, rua dos Fanqueiros, 362, furtaram a carteira com 750 escudos.

— A policia de investigação enviou hoje para o tribunal da Boa Hora José dos Santos Correia, sua mulher Rosalina das Dores, Isabel Maria dos Santos e o guarda civico 1575 implicados naquele caso de charlatanismo de tratamento pelo espiritismo de uma pobre mulher que endoideceu.

— A um dos calabouços do Governo Civil recolheu Alfredo Santiago Pereira, rua da Alegria, 61, 3.º que com um cheque falso burlou em 350 escudos Manuel Simões de Oliveira Junior, rua da Gloria, 99.

— De madrugada foi preso na Avenida da Liberdade, José Bramão, que ali andava fazendo propaganda monarquica, levantando vivas e distribuindo manifestos integralistas.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque	[illegible]
» 90 dias	4 7/17 — —
Paris, cheque	1171 — 12[illegible]
Suissa, cheque	241 — 25[illegible]
Belgica, cheque	1071 — 110[illegible]
Italia, cheque	661 — 70[illegible]
Berlim, cheque	47 — 52
Holanda, cheque	4774 — [illegible]
Madrid, cheque	1951 — [illegible]
New-York, cheque	[illegible]
Brazil, cheque	37 — [illegible]
Austria, cheque	1 — [illegible]
Noruega, cheque	[illegible]
Suecia, cheque	[illegible]
Dinamarca, cheque	[illegible]
Libras	[illegible]

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4064-12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Quinta-feira, 27 de Abril de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL | Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

A' 1,30 da tarde saía a barra o "Bagé" levando o avião português.

O governo e a imprensa

Hontem no Parlamento, o sr. ministro das Finanças, depois de haver declarado que não interviria na questão cambial, antes de conhecidas, sobre a materia as resoluções da conferencia de Genova, que de resto está ameaçada de iminente fracasso, entendeu que devia, de animo leve, e com a maior bonhomia possivel, apontar como principais senão unicos responsaveis, da depressão dos cambios, com a constante depressão de uma moeda, os especuladores — e os jornais.

E' interessante constatar sempre a fobia destes senhores do governo pelos jornais. Não ha nada que mais os incomode do que a imprensa, e, afinal de contas, não deveriam manifestar esse aborrecimento, essa hostilidade, porque é sobre a imprensa que descarregam as suas iras, atribuindo-lhes todos os desastres que só á sua incapacidade são devidos.

Este costume tem-se desenvolvido na Republica, muito embora já fosse herdado da monarquia. O sr. Afonso Costa era useiro e vezeiro no expediente. Quando não sabia o que havia de dizer, ou quando lhe convinha, não dizer nada, atirava-se á imprensa, como Santiago aos mouros. Compreendia-se e compreende-se. A imprensa fiscalisa, a imprensa fala; não se domestica como se domesticam partidarios, que facilmente se reduzem á função de criados de servir. E dali o odio de todos os estadistas de meia tigela, «parvenus» audaciosos, embora ridiculos, que aceitam pastas apenas por um sentimento de vaidade pueril e que quando teem de administrar, principalmente em situações dificeis, se encontram completamente em branco porque não teem preparação de especie alguma.

Desta vez, porem, foi-se alem de todos os limites. O sr. ministro das Finanças dirigiu aos jornais, uma acusação gravissima. Afirmou que a eles se deve em grande parte a depressão cambial, constantemente agravada por uma especulação ignobil. O sr. Portugal Durão não podia fazer esta acusação, sem provas. Em qualquer outro paiz do mundo, ou apresentava esas provas ou não seria, nem mais um dia, ministro.

Ha criaturas de mentalidade insofismavelmente inferior, qualquer que seja a reputação do ruido que hajam alcançado, as quais não compreendem que enxovalhar, infamar a imprensa do seu paiz é desprestigia-la aos olhos do mundo. Uma nação não fica deprimida pelo facto de se saber que tem ou não tem este ou aquele ministro ignorante ou inhabil. Muito menos pode ficar um paiz como o nosso que lá fóra se sabe que tem tido ministros ás duzias, e a quantidade sempre foi inimiga de qualidade. Mas a imprensa é outra coisa. A imprensa dum paiz reflecte as suas ideias, os seus costumes, a sua propria moralidade. Não é o caso de qualquer ministro vulgar de Linneu. Arremessar, do alto duma cadeira ministerial, á face dos jornais portugueses que por causa deles é que o cambio está na situação em que se encontra o que o mesmo é dizer que protegem ou são cumplices da especulação a que essa situação se deve, é uma acusação gravissima que não pode ficar no ar. O sr. ministro das Finanças a que diga quais são os jornais que atribui esse maleficio social, essa obra anti-patriotica, equivalente á mais repugnante das traições. Todo o paiz tem interesse em o saber, e a imprensa ainda mais interesse deve ter. Saiba a nação inteira quem são esses jornais, e, no caso de se tratar duma calunia, que fique sabendo quem é a gente que o governa.

A conferencia de Genova

Mais delegados portugueses

O «Diario do Governo» publica:

Tornando-se necessaria a nomeação de dois auxiliares para os trabalhos da Delegação Portugueza á Conferencia Internacional de Genova: hei por bem, sob proposta do Ministro dos Negocios Estrangeiros e tendo ouvido o Conselho de Ministros, nomear para prestarem serviço na mesma Delegação o segundo secretario da legação em Roma (Quirinal), Gastão Degouey de Avelar Teles e o segundo secretario de legação junto da Santa Sé, Augusto Mendes Leal, aos quais é aplicavel o disposto no § 1.º do artigo 1.º da lei n.º 857, de 22 de Agosto de 1919, e fixada a ajuda de custo diaria de 300 liras desde a data da saida da séde das referidas legações até á do regresso á mesma, sendo a ajuda de custo antecipada de trinta dias e estes abonos efectuados pela verba para despezas excepcionais resultantes da guerra, inscrita na proposta orçamental do Ministerio das Finanças para 1921-1922. O Ministro dos Negocios Estrangeiros assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da Republica, 12 de Abril de 1922. — *Antonio José de Almeida—José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães.*

GENOVA, 27.—A nota que os aliados vão hoje entregar aos russos está redigida de forma a não permitir mais equivocos, e apresentará categoricamente as condições dos aliados que os delegados dos soviets terão que aceitar ou regeitar definitivamente. Os pontos principais da nota sobre os quais serão pedidas respostas terminantes são os seguintes: 1.º pagamento das dividas de guerra ou por inteiro ou com uma redução baseada na capacidade financeira da Russia; 2.º pagamento das dividas anteriores á guerra com a concessão duma moratoria se for necessario; 3.º indemnisação por todos os danos causados aos estrangeiros; 4.º restituição de todas as propriedades confiscadas. Far-se-hão todos os esforços para que os delegados dos soviets deem uma resposta o mais depressa possivel pois que esta questão tem impedido que a conferencia trate de outros assuntos.

Quasi todas as comissões, exceto a politica, já terminaram os seus trabalhos que na maioria dos casos consistiu em ampliar as resoluções das conferencias anteriores deixando a Liga das Nações o trabalho de as pôr em execução.

Com respeito ao pacto não agressivo diz-se que Lloyd George não o pode apresentar até que se tenha chegado a uma resolução sobre o reconhecimento do governo dos soviets o que é considerado impossivel até que eles sejam obrigados a terminar os suas alegações. Entretanto Lloyd George comunicou o texto do seu pacto não agressivo aos principais delegados dos aliados e tem havido conversações a este respeito entre ele, Barthou, Benes e Schanzer. Espera-se que se possa chegar a um acordo preliminar antes que o pacto seja apresentado aos alemães e aos russos.—(R.)

GENOVA, 27 — O Conselho da Liga das Nações reune-se nesta cidade no dia dez de Maio.—(R).

A OBRA EVANGELISTA

COM FACTOS CONCRETOS E IRRITANTES

APONTAM-SE E ARQUIVAM-SE COM GERAL SATISFAÇAO ELEMENTOS PARA A SERIE DIARIA RESPEITANTE ÁS LEIS 1040 E 1244

Pausadamente e teimosamente continuamos hoje a nossa serie diaria. Não tem caido na indiferença geral a nossa campanha. Bem antes pelo contrario e aguarda-se com impaciencia a discussão do projecto de lei do sr. Aragão e Brito sem o qual não poderá nem deverá sair nenhuma ordem do Exercito que mande pôr em execução a lei 1244 sob pena de mais uma vez terem de ser revogadas leis que abatem e se diluem sob a reprovação geral.

Eduardo Augusto de Souza Sarmento, coronel de artilharia. Este oficial foi comandante do corpo de tropas de Lisboa no tempo do sidonismo. Assistiu á proclamação da monarquia na Camara Municipal de Viana do Castelo. Tornou a tornar... isto é, veiu de novo a Republica e sua ex.ª fez egual gesto... Tanto do primeiro como do segundo gesto existem fotografias, que ao tempo foram reproduzidas nos jornais, em que se vê o ilustre oficial abraçado á bandeira azul e branca e á verde e encarnada... Nada sofreu, e ainda bem, Continua no activo serviço.

Antonio Pinto, alferes de infantaria. Acatou a monarquia fazendo para isso a declaração «por escrito e aos Santos Evangelhos». Coadjuvou, como ajudante do regimento, todo o serviço regimental naquele periodo anormal, trabalhando para que tudo andasse como «um relogio», e não houvesse a menor hesitação no cumprimento de todas as ordens. Num dos dias da efemera monarquia em Penafiel, os srs. Fernando e Manuel Guedes, grandes proprietarios daquela cidade, deram na sua casa da Avelada uma festa noturna comemorando aquele movimento. O alferes Pinto não faltou a ela, tendo no brinde que fez esta bela imagem: «a minha espada só se desembainhará para o serviço de S. M. El-Rei e pela monarquia». Veio a Republica e a transformação foi rapida... «Rapa» dum braçal verde e encarnado, enfia-o no braço, e declara-se membro do comité revolucionario!!! Foi louvado em ordem regimental «pelo auxilio que prestou no logar de ajudante do regimento para a reimplantação da Republica, fazendo parte do comité revolucionario, tendo sido um dos melhorer auxiliares com a sua lealdade, no que mostrou muita dedicação pela Republica». «Nota elucidativa»: Em Penafiel só houve Comité revolucionario depois da reimplantação da Republica!... O «Jornal de Penafiel», orgão do partido democratico naquela cidade, publicou então uma noticia «afirmando» que aquele oficial tinha praticado «tudo aquilo», como «espião», e pelo seu grande amor á Republica!!! Este truc foi largamente explorado na defeza de muitos oficiais comprometidos, truc que nos «bonitos meninos» bons resultados produziram... Este oficial é hoje tenente, e continua como ajudante do regimento de infantaria 32. Este sim, este é que é dos nossos...

Domingos de Sousa Magalhães, alferes de cavalaria. Este oficial tomou parte até final nas colunas monarquicas do sul. Nada sofreu. Sendo-lhe arquivado o processo disciplinar.

Alberto de Laura Moreira, então major da Administração Militar, hoje tenente-coronel. Este oficial estava afastado do comando em virtude duma sindicancia ordenada pelo comando da 3.ª divisão. Apresentou-se a Paiva Couceiro que mandou arquivar a sindicancia, nomeando-o chefe da contabilidade «do seu ministerio». Dá-se a reimplantação da Republica e ele apresenta-se no 3.º grupo da Administração Militar, intitulando-se republicano «de sempre!» Foi punido com quatro mezes de inatividade. Recorreu desse castigo tendo-lhe sido «trancado». Ficou como novo... A sindicancia continua arquivada, e aquele oficial é hoje tenente-coronel, tendo-se reformado para gosar a vida com tranquilidade. Deus lhe dê muitos anos.

Francisco Correia de Matos, coronel medico. Fez a declaração «por escrito» e aos Santos Evangelhos de acatamento á monarquia. Manifestou publicamente o seu jubilo pelas novas instituições, continuando durante o tempo da Junta governativa a exercer os cargos oficiais que exercia com a Republica. Nunca foi preso, como tantos outros, e o seu auto disciplinar foi mandado arquivar! As leis 1040 e 1244 não foram feitas para estes...

OS LIBERAIS

REUNIRAM ONTEM, NO EDIFICIO DE «A LUTA», E PREGARAM UMA TREPA NO SR. RIBEIRO DE CARVALHO.—AS TRADIÇÕES INAMOVIVEIS DO GLORIOSO SOLAR DOS BARRIGAS

O Directorio e a Junta Consultiva do P. R. L. reuniram ontem, em sessão conjuncta, no edificio de «A Lucta». A sessão iniciou-se ás 22 horas e prolongou-se até de madrugada. Não temos informações ácerca das resoluções adoptadas, mas supomos que, após a lavagem da roupa, tudo continua em familia.

Dois assuntos ocuparam a atenção dos insignes partidaristas. Em primeiro logar, a atitude insubmissa do ilustre parlamentar e jornalista sr. Ribeiro de Carvalho, uma das figuras mais representativas do partido; em segundo plano, embora tambem suficientemente apaixonado, a critica a fazer ao congresso democratico de Coimbra, que se submeteu ao outubrismo e, de certa maneira, lhe sancionou a ação governativa.

O sr. Ribeiro de Carvalho foi rudemente atacado e francamente defendido. O Directorio poz em destaque a indisciplina do sr. Ribeiro de Carvalho, a quem acusou de intriguista possuido dum espirito acentuadamente dissolvente. Entre outros factos, acusou-se o sr. Ribeiro de Carvalho de ter tramado a organisação dum novo agrupamento partidarista, aludindo-se, a proposito, á celebre reunião convocada para sua casa pelo sr. Raul Monteiro Guimarães, da Companhia Portugal e Colonias, e a que compareceram os srs. Cunha Leal, Ribeiro de Carvalho, Sá Cardoso e Lopes Cardoso.

A tentativa, no dizer do Directorio do P. R. L., teve repercussão em Coimbra, onde o sr. Ribeiro de Carvalho emparceirou com o sr. Mesquita de Carvalho, «groo-bonnet» do outubrismo. O Directorio do P. R. L., entende que estas acusações estão provadas e pede uma sanção contra a indisciplina do sr. Ribeiro de Carvalho.

Digamos, antes de mais nada, que o ilustre director de «A Republica» não estava presente. Enviou, como justificação da falta de comparencia, uma carta, alegando impedimento temporario. Apezar disso, foi defendido, vigorosamente, pelos srs. Antonio Correia e Zacarias Gomes de Lima, e a medo por outros oradores. Mas foi defendido.

Já dissemos que não é do nosso conhecimento o final da sessão, que foi secreta e tempestuosa. Nos centros politicos afectos ao liberalismo republicano acredita-se que o sr. Ribeiro de Carvalho não será irradiado, mas ficará numa posição «gauche», dentro do partido.

Mais complicada é a questão outubrista. O P. R. L. está apoiando o governo do sr. Antonio Maria da Silva e ainda ontem o provou, á saciedade. A atitude dos seus parlamentares perante duas questões que surgiram na Camara dos Deputados são a prova provada de que os liberais desejam a continuação no poder dos democraticos, ainda que seja necessario sacrificar, principios considerados fundamentais dentro dum regimen republicano. Essas duas questões merecem especial referencia. Aludimos ao dialogo (não se lhe pode chamar discussão...) travado entre o sr. Jorge Nunes e o sr. ministro das Finanças e ainda no lamentavel incidente provocado pelo sr. ministro do Comercio reclamando dispensa do regimento para a discussão imediata do regulamento para concessões de creditos particulares, englobados no credito geral dos tres milhões esterlinos. Ambos estes casos merecem comentarios, que reservamos para o nosso editorial.

O que é certo é que a oposição (?) liberal foi tão fraca como o reconstituinto. Esta ainda soltou um doridi gemido, pela voz maviosa do sr. Diogo Chaves. Mas não fez mais nada. Donde se pode concluir, a titulo de provisão, que o actual Parlamento continuará a manter, durante bastante tempo, as tradições espirituosas do lendario «Solar das Barrigas», onde, [illegible], existiu uma oposição... a fingir!

O tempo do "raid,,

O «Bagé» já partiu

S. JULIÃO, 27, ás 13|30.—Acaba de sair a barra o paquete brazileiro «Bagé».—(H.)

O paquete «Bagé» que hoje largou do Tejo levando o novo avião no qual proseguirá o «raid», deve estar á vista dos penedos dentro do praso minimo de doze dias, isto é por volta do dia 7 de maio. Haverá pois fundadas razões para se supor a chegada dos aviadores ao Rio lá para o dia 10 de maio; e como Gago Coutinho e Sacadura Cabral sairam em 30 de março, segue-se que a duração total do «raid» será de quarenta dias.

Normalmente, sem o desastre imprevisto que demora neste momento os aviadores, e sem as paragens em Cabo Verde aguardando tempo propicio, um praso maximo de oito dias será o suficiente para a travessia Lisboa-Rio.

As finanças alemãs

BERLIM, 27—O ministro das Finanças Hermes saiu de Genova para Wurtburg para tomar parte na conferencia financeira dos estados alemães.—(R).

Gremio Tecnico Portuguez

O sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior realisa, pelas 21 horas do proximo dia 28 uma conferencia que promete ser muito interessante e que tem por tema a «Atlantida desaparecida, provas da sua existencia?»

O Gremio está instalado na Rua de Santa Marta, 217.

Um sinistro no mar

BREST, 26. — O vapor «Deputé Albert Taillandier», que vinha de Rotterdam com um carregamento de carvão, naufragou ao chegar a Pic, em consequencia da tempestade que reinava no Mar da Mancha, a nordeste das 7 Ilhas. Da tripulação, que se compunha de 32 homens, apenas um conseguiu salvar-se.—(H).

Abalo de terra

TOKIO, 27.—Sentiu-se ontem de manhã um violento tremor de terra em Tokio e em Yokohama, que durou 15 minutos. Estão interrompidos os serviços telegraficos e telefonicos e os prejuizos são consideraveis não só naquelas duas cidades como tambem nos arredores. Ha um certo numero de mortos.—(H.)

LIGA AFRICANA

Comissão dos Padrões da Grande Guerra

Realiza no dia 28 do corrente pelas 21 horas na Sala Algarve da Sociedade de Geografia a sua conferencia, o sr. dr. José de Magalhães, ilustre presidente da Liga Africana e da sua comissão dos Padrões.

Os bilhetes de convite estão desde já á disposição dos ex.mos socios da Liga, no Largo do Caldas, 1, 2.º.

EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Ha dias fez-se constar no nosso meio artistico que tinha já terminado o prazo para a entrega dos boletins de inscrição de Belas Artes.

O Comissariado Geral da Exposição informa-nos do seguinte:

Não terminou nem está ainda fixado o prazo para a entrega daqueles boletins, que, no entanto, deverão sempre anteceder o envio das obras de arte a expôr.

O Comissariado, em tempo oportuno, fará publicar o prazo da recepção dêstes produtos e, consequentemente, o prazo da recepção dos boletins aos mesmos referentes.

Do Comissariado informam-nos ainda que chegam constantemente da provincia listas de concorrentes a êste importante certamen. Vê-se, por elas, o interêsse que todo o paiz toma pela mais importante feira mundial que nos ultimos tempos se tem realisado.

Concorrer á proxima exposição internacional do Rio de Janeiro é um dever sagrado que se impõe a todos os portugueses que estejam em condições de o fazer. O paiz ha de — estamos certos disso — tirar o maximo resultado moral e material do esforço carinhoso com que cuida da sua representação no certamen do Rio.

Um projecto de lei sobre aeronautica

Foi apresentado no Parlamento o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' o Governo autorisado a promover a constituição de uma companhia aeronautica comercial para a realisação de transportes aereos de correio, passageiros e mercadorias entre Portugal e Brasil.

§ unico. Depois de estabelecidas as carreiras regulares entre Portugal e Brasil a companhia estudará e proporá ao Governo o estabelecimento de carreiras para as colonias portuguesas.

Art. 2.º A companhia será constituida com capitais portugueses e brasileiros, podendo o Estado Portugues concorrer até 50 por cento do capital que inicialmente se fixa em 10.000 contos.

§ unico. Quando fôr elevado o capital em virtude das explorações a que se refere o § unico do artigo anterior o Estado Portugues e os governos coloniais poderão concorrer até 50 por cento do aumento de capital.

Art. 3.º A companhia gozará em Portugal e colonias da isenção total dos direitos e taxas e usufruirá as concessões de terrenos e orla maritima necessaria á realisação dos seus objectivos.

Art. 4.º Os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral farão parte da comissão organisadora como representantes do Estado e farão, obrigatoriamente, parte do conselho tecnico.

Art. 5.º A companhia deverá realizar a primeira carreira comercial dentro um ano sobre a sua definitiva constituição.

Art. 6.º Fica revogada a legislação em contrario.—Alvaro de Castro.

Mais depressa do que os aviadores!

O sr. Deschanel

O estado do antigo presidente da Republica fracesa agravou-se ainda mais

PARIS, 27.—Ha já alguns dias que é inquietador o estado de saude do ex-presidente da Republica, sr. Paul Deschanel. O ex-Presidente sofre de um ataque de gripe prolongada e o seu estado agravou-se.—(H.)

N. R.—O estado de saude do sr. Paul Deschanel a que os jornais de quando em quando se referem veladamente—foi sempre muito grave e tanto a sua saude se encontrava profundamente abalada que foi forçado a abandonar a Presidencia da Republica Franceza, caso que em tempos foi largamente noticiado.

Noticias de inglaterra

LONDRES, 27.—O chefe do estado maior do exercito regular republicano irlandez diz que 75 °|o do exercito está fiel ao quartel general isto é ao governo provisorio.—(R).

LONDRES, 27.—O coronel Amory, secretario parlamentar do almirantado, diz que a causa da perda do submarino H42 em Gibraltar foi o ele ter subido á superficie em contrario das instruções que tinha, não só sabendo quaes as causas que o obrigaram a subir.—(R).

LONDRES, 27. — Hoje rebentou nesta cidade numa refinação de petroleo um dos maiores fogos que ultimamente tem havido. Quando as primeiras bombas chegaram a refinação estava transformada numa enorme fogueira. Trabalharam quarenta bombas vinte das quaes automoveis e depois de grandes esforços conseguiu-se dominar o incendio.—(R).

LONDRES, 27—Estão despertando grande interesse as experiencias que se estão realisando com um novo aeroplano da força de mil cavalos construido pela casa Napier. Pesa duas mil libras o que é muito pouco comparado com a sua grande força.—(R).

Uma faisca eletrica

Causa no Rio de Janeiro prejuizos superiores a 5000 contos

Uma grande parte do Estado do Rio e do Districto Federal foi ha tempos violentamente sacudida por um estrondo alarmante. Eram 18 horas e 45 minutos. O aguaceiro, denso e impetuoso, e as sucessivas faiscas electricas haviam paralisado a vida citadina. De subito ouviu-se abalo forte, que encheu a cidade das mais graves apreensões.

Fora uma scentelha electrica que caira na oficina de explosivos da Directoria de Armamento, situada no logar denominado Armação, em Nictheroy.

Um clarão rubro e intenso iluminára a capital fluminense, oferecendo o espectaculo de uma cidade em chamas!

As familias justamente tomadas de panico, desorientadas, atonitas, faziam as mais graves conjecturas sobre o grande acontecimento. A mil metros de distancia do local em que se verificou a horrivel explosão alguns telhados ruiram fragorosamente e havia grande quantidade de vidros partidos, construções desabadas e inumeras pessoas apresentaram graves ferimentos chegando-se mesmo a asseverar que não era pequeno o numero de mortos em consequencia do formidavel desastre.

Em pouco tempo o fogo transformou em escombros a residencia do comandante Thiers Fleming que se acha á frente da Directoria de Armamento do Ministerio da Marinha, bem como todos os departamentos pertencentes a este. Felizmente não houve desastres pessoais. A despeito da boa vontade e da abnegação do Corpo de Bombeiros que compareceu com a devida presteza, nenhuma atitude poderam tomar os soldados desta corporação, devido aos estilhaços de granada e a explosão dos obuzes!

Os prejuizos sofridos pelo governo estão orçados em cerca de cinco mil contos.

Mas o que devo ficar assinalado desde já é que entre as causas determinantes da explosão aponta-se a pessima instalação dos pára-raios colocados na Directoria de Armamento do Ministerio da Marinha. E' uma hipotese perfeitamente aceitavel e estabelecida por quantos se achavam nas proximidades do local.

A vida social em Espanha

MADRID, 27—A sucursal do Banco de Bilbau nesta cidade comunicou que enviou ao comité internacional de socorros para a Russia 35 mil francos suissos que ao cambio do dia representam 37.800 pesetas. Esta soma junta a 527.641 pesetas ja enviadas, prefazem um total de 565.441 pesetas.—(Lat. Am.)

MADRID, 27. — Os pais dos soldados compelidos em serviço em Africa pretenderam realisar um comicio que as autoridades não permitiram. Então os manifestantes percorreram as ruas de Madrid em numero de cerca de seis mil, dirigindo-se por ultimo ao ministerio do Interior, onde o director geral da ordem publica lhes prometeu comunicar ao governo as suas reclamações.—(R).

MADRID, 27.—O encarregado de negocios de Portugal sr. Vasco de Quevedo esteve ontem no Congresso a agradecer ao presidente da camara ao governo e ao parlamento os votos de congratulação formulados por aquelas entidades pela realisação do «raid» Lisboa-Rio de Janeiro.—(Lat. Am.)

MADRID, 27.—O comunicado do alto comissario de Marrocos diz que foi atacada com fusilaria uma posição do sector Sagnel, tendo, porém, uma companhia de regulares repelido o inimigo.

Em Larache e Melila não houve novidade. Em Alhucemas um grupo de mouros que as 9 da noite estava recolhendo uma rede foi disperso a tiro tendo abandonado a pescaria sem responder ao tiroteio.—(Lat. Am.)

MADRID, 27—Sob a presidencia de Sanchez de Toca reuniu na presidencia do conselho de ministros a Junta de proteção á Industria nacional. Fizeram-se varios reparos ao tratado comercial com a Suissa, pendente da aprovação definitiva até que a Junta de proteção á industria e a das pautas deem o seu parecer. O desta ultima pauta foi favoravel.—(Lat. Am.)

BILBAU, 27.—O secretario do sindicato comunista José Bullejo que se encontrava em tratamento no hospital de Triano convalescente das feridas que recebeu na refrega de ha poucos dias entre socialistas e comunistas fugiu em automovel com alguns amigos escoltado por cerca de dois mil mineiros. Apesar disso foi de novo preso e depois de prestar extensas declarações recolheu á cadeia.—(Lat. Am.)

MADRID, 27.—O sr. Lerroux telegrafou á minoria radical da Mancomunidade dizendo que assinara a proposta apresentada á mesa do congresso relativa á cessão da rêde dos telefones á Mancomunidade.

Os telegrafistas publicaram um manifesto expondo as razões em que se fundam para protestar contra tal projecto.—(Lat. Am.)

BARCELONA, 27.—Foi entregue á Mancomunidade a bandeira catalã que lhe foi oferecida pela colonia [illegible] da America. A bandeira foi recebida com entusiasticos aplausos e [illegible] apareceu tremulando na [illegible] [illegible].

Todos os oradores exprimiram o desejo de que não tenham [illegible] em qualquer governo de Espanha os [illegible] da Liga Regionalista. As autoridades procederam nesta cerimonia com uma louvavel prudencia evitando os conflitos que [illegible] previa.—(Lat. Am.)

A proposito das leis 1040 e 1244

propõe-se uma amnistia ao chefe de Estado

Sr. Redactor:—Pelo [illegible] pelo seu conceituadissimo jornal tem-se provado á evidencia quão injustas teem sido e vão ser aplicadas as leis 1040 e 1244 para aqueles que dizem ter entrado no movimento monarquico no Norte em 1919.

Ha injustiças graves e a par [illegible] las [illegible] outras [illegible] de [illegible] para com aqueles que sendo militares cumpriram ordens legitimas [illegible] superior [illegible], (devido a [illegible] [illegible] que estava sujeito) a [illegible] [illegible] [illegible] de que, como sempre, as responsabilidades seriam [illegible] ordens.

Fizeram-se favores e os desprotegidos ficaram sujeitos aos vaivens da sorte.

Não poderá V. [illegible] voz da Justiça, transmitida pela «A Capital», pedir para que S. Ex.ª o Presidente da Republica, no dia em que os nossos valorosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegarem ao Brazil, glorificados, conceda uma ampla amnistia que perdoando duma vez para sempre essas faltas congregue a familia portuguesa, marcando assim na Historia Patria um dia glorioso com um gesto tão magnanimo que todos aqueles que foram atirados para a miseria ou estão prestes a isso abençoarão e jamais será esquecido pelo paiz que se encontra cheio de desavenças!

Oxalá V. atendendo a este pedido, faça despertar no intimo do Chefe de Estado tão elevado gesto.

De v. etc.—Um oficial do Exercito (prestes a ser amnistiado).

Exposição de Arte

O sr. José Leite abre ao publico no Salão Bobone, no proximo domingo 30 a sua 7.ª Exposição de Paisagens que é natural presagiar um grande exito dadas as excepcionais qualidades deste pintor.

Critica literaria

Estando em via de reorganisação a secção da critica literaria neste jornal, apenas se farão referencias a livros de que nos tenham sido enviados dois exemplares.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

Hoje—Avenida—Primeira da opereta «Perola Negra», em festa da actriz Luiza Satanela.

AMANHÃ—S. Carlos—Primeira da peça «Os Tubarões».

S. Luiz—«reprise» da opereta «Casta Suzana».

Medalhão

Vasco Sant'Ana

Ninguem suporia ao vel-o, ha alguns anos, que o garoto habituado á convivencia da gente de teatro, passando as suas noites entre bastidores, seguiria um dia essa carreira para a qual, desde o inicio, mostrou predicados especiais e uma decidida vocação. Quando o publico the começou a descobrir o valor, emigrou e passado tempo, eil-o de volta do Brazil, já então, seguro de si mesmo, interpretando com agrado geral e algumas vezes com justificado sucesso, os papeis comicos do teatro de opereta. Faz amanhã a sua festa com a Casta Suzana e não será demasiado assegurar-lhe fartos aplausos na interpretação do papel de «Renato», que não faz qualquer.

Nota do dia

Parece confirmar-se a noticia do ingresso de Palmira Bastos na companhia Robles Monteiro, que, em breve, inicia as suas representações no teatro Politeama. Ainda bem que tal sucede, pois que, á falta de elementos de valor, que, infelizmente, dia a dia, vão escasseando no meio teatral, Palmira Bastos é alguem que o publico, de ha muito, consagrou, mercê do brilhantismo das suas interpretações.

Com ela vão, segundo se afirma, mais alguns artistas, entre os quais Angela Pinto e Teodoro Santos. Todos nós devemos congratular com o facto e oxalá ele fosse o *toque de clarim* para voltar a reunir em tôrno de um reduzido numero de emprezas, que, para mais, não temos elementos, os varios artistas dispersos, aqui e além, mercê de variadas contingencias que nos abstemos de comentar, porque, na grande maioria dos casos, a critica lhes seria desfavoravel.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

E' a seguinte a distribuição da encantadora peça «Triste Viuvinha» que deve subir á scena no Nacional por toda a proxima semana em festa da inteligente actriz Ilda Stichini: Rebelo, tabelião—José Ricardo, alferes reformado—Eduardo Brazão; Serros, sargento da alfandega—Rafael Marques; João d'Alegria—Clemente Pinto; Nazareth—Laura Cruz; Assumpção—Ilda Stichini; Maria do O'—Laura Hirsch.

◆ Tem passado incomodado de saude o sr. Ricardo Lamberl, secretario da companhia Otelo de Carvalho do teatro Salão Foz. Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

◆ Deixou-nos um cartão de visita que muito agradecemos, o actor Reynaldo Figueiredo regressado ha dias do Brasil.

◆ E' o seguinte o programa da recita de amanhã no Politeama, em festa de Macedo e Brito, administrador daquele teatro, que a dedica ao Portugal Club:

1.ª parte—«Premiére» da peça «A nodoa da amora», original da sr.ª D. Maria Isabel de Souza Martins e interpretado por Maria Judice, Brunilde Carusso e Ribeiro Lopes. 2.ª parte—«Leitura e Escrita», original dos irmãos Quintero, tradução de João Sousa, tendo como interpretes Lucinda Simões e Brunilde Carusso. 3.ª parte—Um acto de recitativos, dirigido por André Brun e desempenhado por Lucilia Simões, Maria Judice, Georgina Cordeiro, Erico Braga, Ribeiro Lopes, João Coluzans e Seixas Pereira. 4.ª parte—A peça «Rosas de todo o ano», original de Julio Dantas, por Lucilia Simões e Brunilde Carusso.

◆ Com uma enchente colossal, realisou hontem a sua festa no Nacional o grande actor José Ricardo, a quem o publico recebeu carinhosamente.

Estrangeiro

Nos arquivos do teatro da Opera, de Berlim, foi encontrado, ha pouco, o libreto duma obra desconhecida, de Meyerbeer, escripta para um baile de Carnaval, dado na corte da Prussia em 1843. O assunto da obra, intitulada «Uma festa na corte de Ferrara», foi sugerido por Frederico Guilherme IV. A partitura, arquivado, como todos os papeis de Meyerbeer, na Biblioteca de Berlim, só poderá ser conhecida em 1934, data fixada pelos herdeiros do compositor.

◆ N. teatro Republica, do Rio de Janeiro, subiu á scena pela companhia do nosso teatro Apolo, a revista «P. A. M.», que foi substituir no cartaz «O dia de Juizo».

◆ Os jornais brazileiros noticiam a abertura duma assinatura de 10 recitas no Palacio Teatro, do Rio, para a temporada da companhia Lucilia Simões que deve estreiar com a comedia de Oscar Wilde, «Uma mulher sem importancia».

◆ Tem feito sucesso no Rio de Janeiro, a companhia de opereta Helena de Algy.

Reclames

Nacional

Ontem, na sua «reprise», o «Centenario» atraiu enorme concorrencia ao Nacional. Por esse motivo, interpretando os desejos de muitas pessoas, a administração do elegante teatro resolveu fazer repetir, hoje, a delicada peça dos Quintero, que é uma obra verdadeiramente encantadora, para ser vista e apreciada por familias.

Apolo

Continua singrando em maré de rosas a revista do Apolo. «Belo sexo» criou a justificada fama que tem, de ser uma das mais graciosas e interessantes da actualidade. Repete-se hoje, pelo que deve, o Apolo, contar com outra enchente.

Na 2.ª feira é a 2.ª recita dedicada aos autores do «Belo sexo», que completa 50 representações.

Para esse efeito virão do Porto os escritores Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa.

Salão Foz

São hoje, no Foz, e em duas sessões, as ultimas recitas da moda com a famosa revista «Giga Joga», que vai á scena ampliada com um quadro novo em homenagem aos aviadores, e que tem despertado o mais vibrante entusiasmo.

Coliseu dos Recreios

Os numeros de variedades que todas as noites se apresentam nesta casa de espectaculos, antes da sessão de luta, estão obtendo o maior sucesso.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

NACIONAL—A's 9,30 «O Centenario».
POLYTEAMA—A's 9,30—«Uma Mulher sem importancia».

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarlatanas».
APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».
SALAO FOZ—A's 8,30 e 10,30—«Giga-Joga».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O costumier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 3661 Norte, o qual desde já fica á disposição.

Club dos Restauradores (Maxim's)

A Direcção deste Club comunica aos seus ex.mos Socios que desejando contribuir tanto quanto possivel para se exterminar a miseria que ha em Lisboa, resolveu promover um grande festival de caridade no proximo sabado, 29, pelas 21 e meia horas, nos vastos salões da sua séde.

Mais comunica que o rendimento bruto desta festa será entregue á comissão do grande bodo que se projecta realisar nesta cidade após a chegada ao Brasil dos heroicos aviadores Ex.mos srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O preço da entrada neste Club é, n'esta noite será o minimo de 5$00 por socio, ficando as Senhoras livres trausito.

O programa encontra-se afixado no «fumoir» do Club.

Atendendo ao altruismo desta festa, espera a Direcção a comparencia de todos os referidos socios, o que desde já agradece em nome dos pobres da capital.

Lisboa, 7 de abril de 1922.

A Direcção.

Comissariado Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro

AVISO

O Comissariado Geral do Governo na Exposição Internacional do Rio de Janeiro avisa todos os interessados que no dia 31 de Maio do ano corrente termina o prazo para a inscripção dos expositores e entrega dos seus produtos.

Todos os interessados que ainda não estejam em relações com este Comissariado são rogados para se dirigirem a êle, pessoalmente ou por correio, antes de findo o prazo indicado.

O Comissariado responde imediatamente a todo a correspondencia. A falta de resposta significa extravio e, nesta caso, é indispensavel escrever de novo.

Na sede do Comissariado — rua Alves Correia, Sociedade de Geografia — ha pessoal para atender o publico. — O Comissario Geral, Lisboa de Lima.

MUSICA

Concerto Madame Mantelli

E' no proximo domingo 30, que Madame Mantelli realisa o concerto no Asilo dos Cegos «Antonio Feliciano de Castilho»; é de esperar grande concorrencia devido ao primoroso programa que será executado por distintos amadores, seus melhores discipulos.

O programa é o seguinte:

1.ª parte—Dueto «Sapho», Puccini, pelas Ex.mas Sr.ª D. Amelia Teixeira e Guiomar Cunha; Barcouse, «Mignon», Thomas, pelo sr. Manuel Merguibão Junior; Visai d'arte «Tosca», Puccini, pela Ex.ma Sr.ª D. Albertina Ferreira da Costa; Aria «D. Pasquale», Donizetti, pela Ex.ma Sr.ª D. Virginia Gomes de Amorim; Girinte sul passo estremo «Mefistofle», Boito, pelo sr. José Macieira; Aria «Trovatore», Verdi, pela Ex.ma Sr.ª D. Herminia Pereira Tavares; «Se tu mami», Pergolese, pela Ex.ma Sr.ª D. Madalena Metello Antunes; Voi lo sapete, o mamma «Cavalleria Rusticana», Mascagni, pela Ex.ma Sr.ª D. Lucilia Cantarino.

2.ª parte—Dueto «Favorita», Donizetti, pela Ex.ma Sr.ª D. Guiomar Cunha e sr. Luiz Macieira; Vecch a zimarre «Bohême», Puccini, pelo sr. Manoel Merguibão Junior; Aria «Favorita», Donizetti, pela Ex.ma Sr.ª D. Guiomar Cunha; Ritorna vincitor «Aida», Verdi, pela Ex.ma Sr.ª D. Albertina Ferreira da Costa; Monologo «Rigoletto», Verdi, pelo sr. Luiz Macieira; Ohl cieli azurri «Aida», Verdi, pela Ex.ma Sr.ª D. Herminia Pereira Tavares; «Oh! quand je dors», Liszt, pela Ex.ma Sr.ª D. Madalena Metello Antunes; Aria «Ballo in maschera», Verdi, pela Ex.ma Sr.ª D. Amelia Teixeira; Dueto «Cavalleria Rusticana», Mascagni, pela Ex.ma Sr.ª D. Lucilia Cantarino e sr. Luiz Macieira.

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações	
Loundres, cheque	4 5/16—	4 3/16
» 90 dias	4 7/16—	—
Paris, cheque	1150—	1194
Suissa, cheque	2448—	2522
Belgica, cheque	1061—	1030
Italia, cheque	671—	692
Berlim, cheque	43—	48
Holanda, cheque	4776—	4918
Madrid, cheque	1949—	2007
New-York, cheque	12576—	12932
Brazil, cheque	63—	58
Austria, cheque	1—	3
Norwega, cheque	2385—	2456
Suecia, cheque	3268—	3366
Dinamarca, cheque	2668—	2743
Libras	61$00 —	63$00

Semana Religiosa

Na Egreja de S. Francisco de Paula terá logar no proximo domingo a devoção do Mez de Maria, pelas 7 horas da tarde com praticas pelo Rev. Cruz Curado e exposição do Santissimo Sacramento.

No dia da consagração á Santissima Virgem far-se-ha distribuição de Rosas em seguida á Benção do Santissimo.

"EL IMPARCIAL", de Madrid

Redactores e correspondentes em todo o mundo. Suplementos graficos e literarios. Cronica de Portugal.

Preço $15

A' venda em todas as tabacarias.

Apreensão de bombas

A Policia da Segurança do Estado passou nova e demorada busca na fabrica de chumbo da calçada dos Barbadinhos, onde ha dias aprendeu três bombas de dinamite, indo ali hoje encontrar mais 9 bombas e uma carabina, sendo tudo removido para o Governo Civil.

O detentor dos explosivos era aquele galego encarregado da fabrica referida, que, conforme ha dias referimos, foi preso e que no sabado proximo será expulso de Portugal.

ULTIMA HORA

Parlamento

Nos Deputados

ANTES DE ABRIR A SESSÃO

E' sabido que, entre nós, as leis escrevem-se mas não se cumprem. Se, ao menos, o Parlamento, que as faz, desse o exemplo de respeito pela sua propria obra! Mas não. Acontece aqui o mesmo que em toda a parte. O regimento marca as 13 horas para a primeira chamada e hoje só ás 15 horas o sr. Baltasar Teixeira iniciou a leitura lenta dos nomes alfabetados dos ilustres pais da Patria. E foi preciso intervir o sr. Sá Pereira:

— E' a hora, sr. presidente. Faça-se a chamada!

A minoria realista secundou a reclamação do deputado democratico, mas ele rectificou logo:

— Os senhores não podem reclamar. Ainda não ha cinco minutos que chegaram!

O general sr. Sousa Rosa, muito amigavelmente, observa ao sr. Sá Pereira:

— Cala-te. E's um zaragateiro incorregivel!

NÃO HA NUMERO!

A's 15 horas e um quarto terminara a chamada. Estão presentes 28 deputados. O *quorum* é de 35. Não ha numero!

O presidente sr. Domingos Pereira contemporisa um pouco.

O sr. Carvalho da Silva:

— V. ex.ª bem vê que não ha numero... Encerre a sessão!

O sr. Sá Pereira:

— Não ha numero! Não ha numero!...

Entra o sr. Abilio Marçal. O sr. presidente, para ganhar tempo, dirige-se-lhe nestes termos:

— V. ex.ª diz-me o seu nome?

O sr. Abilio Marçal, muito surpreendido:

— O meu nome? Para quê?

— O sr. presidente, com inocencia:

— E' para fazer a descarga na chamada.

O sr. Domingos Pereira não sabia o nome do ilustre colega. Pois é claro que não sabia!

Um deputado da maioria lança uma ponte:

— V. ex.ª, sr. presidente, sabe se ha deputados reunidos em estudo de comissões?

O sr. presidente declara que não. De resto, o sr. Sá Pereira arremessa com um torpedo sobre a ponte e fá-la em frangalhos:

— Qual comissões nem qual historia: o *quorum*, agora, é fixo!

Ainda hesitante, o sr. Domingos Pereira declara lentamente:

— Não... ha... numero. Não pode haver sessão!

A minoria monarquica tira efeitos, jubilosamente:

— E' isto: ontem passou-se por cima de tudo para iniciar-se a discussão, com dispensa do regimento, do regulamento dos creditos sobre os três milhões esterlinos; e, hoje, não ha numero. Onde está o Governo? Onde pára o sr. ministro do Comercio?...

Do Governo, efectivamente, ninguem compareceu.

E lá se foi outra sessão... historica!

E' claro que, pouco depois, entravam alguns parlamentares. *Trop tard*, sem alusão irreverente aos dignos representantes do povo republicano.

No Senado

Os srs. Sá Viana e Santos Garcia enviaram para a Mesa telegramas da Camara Municipal do Portel pedindo para o projecto de lei sobre o caminho de ferro de Portel a Viana seja aprovado tal qual veiu da Camara dos Deputados.

O sr. Vasco Marques chama a atenção do sr. ministro da Justiça para uma local vinda num jornal em que um funcionario do Registo Civil declara deixar de ser republicano para aderir ao partido monarquico.

O sr. ministro da Justiça reconhece a gravidade do caso, prometendo tomar providencias imediatas.

A sessão, que abriu ás 3,30 continua á hora de encerrar-mos este extracto.

Devido a não ter havido sessão na Camara dos Deputados, encontram-se as galerias repletas, na sua maioria por pessoal dos Bairros Sociais.

Na ordem do dia figura a continuação do debate sobre a suspensão das obras daquele Bairros, e o projecto do novo regimento.

São 4 horas e 50 minutos.

Conferencia da União Geodesica Internacional

O vice-almirante sr. Augusto Newparth foi encarregado de representar os comités nacionais de Geografia fisica e biologica, na Conferencia da União Geodesica e Geofisica internacional, que no proximo mez de Maio se realisa em Roma.

O "raid" Lisboa-Brazil

O paquete «Bagés», que leva a bordo o novo aparelho em que os nossos aviadores hão de terminar a travessia de Portugal-Brazil, largou do Tejo, pouco depois das 12 horas.

O embarque dos passageiros fez-se ás 10 horas da manhã.

A bordo do «Bagés» estiveram alem de outras pessoas, alguns dos aviadores, o sr. ministro da Marinha e o seu ajudante.

No ocasião da largada ouviram-se entusiasticas aclamações a Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

A bordo do «Bagés», como pilotos vigilantes, vão os srs. tenentes-aviadores Martins de Bettencourt, 1.º tenente engenheiro-maquinista José Augusto Marques e o 1.º sargento Gomes de Souza.

Segundo telegrama recebido no ministerio da Marinha o cruzador «Republica» chegou hoje de manhã a Pernambuco afim de se abastecer de carvão e mantimentos. Logo que conclua esta operação regressará a Fernando de Noronha. Os aviadores Sacadura e Gago Coutinho ficaram nesta ilha, hospedados em casa do director do presidio, coronel Bryner.

O grande bôdo organisado pelo sr. governador Civil

O major sr. Viriato Lobo ilustre governador civil de Lisboa continua trabalhando activamente para que tenha o maior brilhantismo o grande bodo que vai distribuir pelos pobres da capital em sinal de regosijo pelo triunfo e exito dos intrepidos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

O cheque do districto recebeu ontem mais os seguintes donativos:

João Eduardo Mendes Junior, 10 escudos; Companhia da Borracha, 25 escudos; Empreza Internacional Limitada, 25 escudos; Antonio Severino & F.os, L.da, 100 escudos; Souza, Moura, & C.ª 100 escudos; Cecilio Fernandes, 100 escudos; Antonio Gomes, 10 escudos; Simão Laboreiro, 5 escudos; A Maritima, 100 escudos; Inocencio Cruz em nome do «Chauffeurs» de «side-cars» de praça, 250 escudos.

Companhia das Aguas de Lisboa, 100 escudos; Mario de Artagão, 500 escudos; sub-inspector Berger, da policia, 5 escudos; Julio Tavares Sampaio, L.da, 20 escudos; José Pereira do Amaral, L.da, 10 escudos; Consorcio Geral de Seguros, 20 escudos. O total da subscripção até hoje de tarde é de 2.370 escudos.

Na lista dos subscritores figura o ilustre poeta brasileiro sr. dr. Mario de Artagão que enviou ao sr. governador civil a seguinte carta:

«Ex.mo e presado sr. da minha devotada estima: Bemdita seja a tarefa a que está ligando o seu nome ilustre! Não sei se servirá para muito o incluso cheque de 500 escudos que entrego á distribuição de V. Ex.ª.

«Mas se um dia me disser que com essa pequena doação conseguiu enxugar uma lagrima ou estancar uma dor posso acreditar que serei eternamente devedor dum momento feliz que me fôz em contacto com v. ex.ª o que me permitiu ou vir bater o seu grande coração de portugues. Creia que ponho o maior devotamento no afecto e alto apreço com que me firmo.—De v. ex.ª Mario de Artagão».

No sabado, 29, ás 9 horas o meia da noite realisa-se no Maxim's uma extraordinaria festa cujo produto reverterá a favor do bodo que o sr. governador civil patrocina.

O Regaleira Club da mesma forma, a 6 de maio, promoverá uma festa destinada a identico fim.

Tambem o Sporting Club em data ainda indeterminada mas que se verificará por todo o proxima semana, vai organisar um festival animado nas mesmas intenções.

O Club Montanha realisa tambem importantissimas festas depois de amanhã e no domingo, tendo o emprezario sr. Maximiano Ferreira organisado um programa surpreendente em que figuram nada menos de 6 coupletistas espanholas genero alegre.

Hoje foram enviadas para todas as esquadras de policia, tabacarias e outras casas, listas de subscripção para quem deseje inscrever-se com qualquer donativo.

Essas listas são ilustradas com um interessante desenho do hidro-avião «Lusitania», trabalho de verdadeiro artista executado pelo sr. Coelho Duarte funcionario superior do governo Civil.

Os carros electricos

Pensa-se em providenciar de forma que o serviço dos carros electricos não seja interrompido por causa da manifestação de 1.º de Maio. E' possivel que nesse dia os carros circulem guiados por militares, como se fez por ocasião da ultima greve, se os quais perceberão os salarios que competiriam ao pessoal da companhia. O assunto, porém, está ainda dependente de resolução definitiva.

Voltas e reviravoltas dum dedicado republicano

O sr. Vasco Marques reclamou hoje providencias do sr. ministro da Justiça acerca da nomeação para um lugar publico dum cavalheiro que tem uma singular folha de serviços nos partidos politicos portuguezes. A todos e não sómente a este ou aquele Primeiro, foi democratico... como toda a gente. Depois aceitou o P. R. P. de ter colaborado no assassinio de Sidonio Pais e readerio á monarquia, que ficou riquissima com o sujeito. Mais tarde passou-se para o P. R. L.

Andou assim de ca para lá e de lá para cá. Ainda fez tal qual o padre Domingos, de Cabeceiras de Basto, que chegou a ser um prestigioso democratico, fundador do Centro da Regaleira, o que o não impediu, a breve trecho, de tirar a mascara e transformar-se em guerrilheiro, la para os confins da patria da lendaria Maria da Fonte.

Mas o sr. Vasco Marques não se limitou a fazer a biografia politica, muito pitoresca, do individuo que lhe mereceu a atenção. Acusou-o, ainda, de maltratar crianças e de praticar não sabemos quantos outros actos feios, incurso, na letra e no espirito do Codigo Penal.

Pois este cidadão prestante foi, recentemente, nomeado para cargo de responsabilidade.

O ilustre senador ouvia, depois, a resposta do sr. ministro da Justiça, que prometeu investigar e providenciar: «plus ça change, plus la même chose...»

Tribunal Militar Territorial

O julgamento do tenente sr. Viegas Lata

Sob a presidencia do coronel do estado maior sr. Vasco Martins, reuniu hoje o tribunal militar territorial para julgar o tenente Viegas Lata acusado de ha tempo ter morto a tiro no Cais do Sodré o presidente da Camara Municipal do Seixal, Cristovam Selvagem.

Aquele oficial é o mesmo que estando preso, pelo motivo acima exposto, no quartel de adidos, se precipitou duma janela á rua por ocasião do movimento de 19 do outubro, recolhendo depois ao hospital de S. José em estado bastante grave.

O julgamento começou ás 12 horas.

Depois de lido o processo pelo tenente sr. Casaleiro, depuzeram as testemunhas de acusação e defesa, estas em grande numero.

O reu confessou o crime de que é acusado.

A audiencia, interrompida ás 15 horas, prosseguiu pouco depois, começando os debates. Foi juiz do tribunal o sr. dr. José Ribeiro Catanho e promotor o tenente-coronel sr. Carlos Bandeira de Lima.

O acusado foi defendido pelo sr. dr. Gomes Mata.

A sentença deve ser proferida ainda hoje.

Em poucas linhas

Um guarda da Investigação prendeu hoje, a requisição das autoridades de Castelo de Vide, Raul Cesar de Carvalho, ex-administrador do concelho de Marvão no tempo do Dezembrismo e actual secretario de Finanças no Alvito, acusado dos crimes de abuso de confiança, furto e estupro.

— Foi preso Carlos Patrocinio, rua Actor Taborda, 21, que, na rua Herois de Kionga, assaltou João Domingos Ferreira de Melo, da mesma rua, 24, roubando-lhe a corrente de ouro, relogio e a bolsa, tudo no valor de 350 escudos.

— Os larapios entraram por arrombamento no camarote do maquinista do vapor «Maria Leonor», sr. Constantino Martins, furtando objectos de ouro e dinheiro, avaliado tudo em 407 escudos.

A sessão de ontem da Camara dos Deputados comentada na sala dos Passos Perdidos

Após o encerramento [illegible] da sessão de hoje, os deputados vieram palestrar para a sala dos Passos Perdidos. E' sempre ali que se surpreendem as opiniões autenticamente [illegible] dos parlamentares. Dentro da sala, nem sempre assim [illegible]. Ora, o que hoje se ouviu era um coro geral de censuras ao Governo, até mesmo dos seus mais irredutiveis partidarios.

Dizia um:

— Foi um erro o regresso do ministro do Comercio...

— E claro, confirmou outro. — E ainda vocês [illegible] tudo...

— ?...

— Foi em conselho de ministros que se resolveu forcar a nota. Isto é, reuniram-se muitos homens inteligentes para assentar numa resolução... ininteligente.

— O diabo é que o efeito foi pessimo, na opinião republicana.

— Diga na opinião publica, que é mais exacto. E para que diabo se fez isso? Se as comissões são nossas, ontem mesmo se levaria a parecer favoravel e não se dava ao publico a impressão desastrosa de que era preciso ocultar qualquer coisa, precipitando a discussão. Enfim, uma tremenda *gaffe!*

— Agravada, é claro, com o facto inexplicavel de não haver hoje sessão, por falta de numero. Assim, vamos mal.

— Tão mal — acrescentava um parlamentar, muito conhecido pela veemencia que põe na expressão dos seus sentimentos — tão mal, que eu acredito nisto: é de temer que se preparam revoluções. Já ha dias o afirmei a um membro do Governo: a maior parte das vezes têm sido os senhores que tornam possiveis as revoluções — e as *gaffes* como a de ontem...

— E' mais que certo. Vamos mal, muito mal...

Dr. Augusto Gil

Continua gravemente enfermo, com uma bronco-pneumonia, o sr. dr. Augusto Gil, director geral de Belas Artes.

Falecimento dum oficial do "Carvalho Araujo"

Um telegrama hoje recebido no ministerio da Marinha diz que faleceu em Alger, o guarda-marinha sr. Salvador do Carmo que pertencia á guarnição do Cruzador «Carvalho Araujo», e havia ficado naquele porto por estar atacado de febre tifoide.

Poeira da Arcada

Parte amanhã para Tracoso o ilustre senador sr. Ribeiro de Carvalho.

—Um radiograma recebido no Ministerio da Marinha diz que na latitude 51.º,11' Norte e longitude 2.º30' Oeste encontra-se o vapor inglez «Tirllemore», pedindo socorro.

—Pelo vapor «Andorinha» são amanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

—O sr. ministro da Instrução teve hoje demorada conferencia com o chefe do Governo.

—E' possivel que a Ordem do Exercito n.º 6 da 2.ª serie seja distribuida depois de amanhã.

—O sr. Manuel Joaquim Barros Pinto foi provido temporariamente na escola de Argeriz, concelho de Valpaços.

SPORT

Por esse mundo...

Já está em Inglaterra o campeão de box Jack Dempsey, a quem os seus compatriotas chamam o assassino de homens.

Declarou o campeão, que veiu á Europa, em viagem de recreio, e sem pensar em combater.

O que é curioso notar, é a maneira como a imprensa britanica se refere aos boxeurs inglezes, que possivelmente poderiam ser apostos ao campeão.

Chama-lhes boxeurs de trez ao vintem, e que opor qualquer desses homens a Dempsey, era crueldade...

Que não seria um match de box, mas uma scena propria dum matadouro...

Não se pode dizer mais, em menos palavras.

* * *

Zbysco, o lutador russo, que em tempos esteve entre nó, te u agora 47 anos.

E' ainda no dizer dos colegas o melhor lutador de luta livre, que existe.

O segredo da conservação da sua forma?

O seguinte...

Treina todos os dias com 3 ou 4 homens, contratados para o fazer trabalhar, não bebe uma gota de alcool, e é duma castidade absoluta, dorme muito e tem uma alimentação especial.

Apoiam que se o campeão vivesse entre nós não podia seguir esse treino.

1.º—Não encontrava homens, que quizessem trabalhar diariamente, sem exigirem aumento de ordenado de 2 em 2 horas.

2.º—Não beber, numa terra onde ha um vinho chamado Burjacas (sem reclame), é impossivel.

3.º—A castidade absoluta com este sol, e os vestidos curtos era tambem o diabo...

4.º—Emquanto á alimentação especial é melhor não discutir, visto que a comida entre nós deixou de existir...

RUY DA CUNHA.

Law-Tennis

—O campeão de França Gabert, ganhou o campeonato de Inglaterra, batendo o inglez Norton.

Box

O campeão do mundo dos levissimos, o americano Kilhane, de passagem em Paris, declarou estar pronto a encontrar o campeão francez Criqui mas nunca recebendo menos de 700 mil francos. Já ha quem ofereça 300 mil francos, para um combate Criqui-Kilhane.

—O manager de Carpentier, declarou aos jornalistas inglezes, que quando completar 30 anos, o seu pupilo, abandona o ring.

Um australiano Jui Tracy chegou á America para desafiar Dempsey. Pesa 95 kilos e tem 1 metro e 90. Parece ser um boxeur de classe.

—O nosso conhecido Violas, tem continuando a alcançar victorias na «tournée», que está fazendo na Africa do norte.

Natação

Actualmente, estão fazendo preparativos, para tentar a travessia do canal da Mancha o canadiano Perreault, os inglezes Nitdiof e Radmilovic, o italiano Tiraboschi e o francez Panilley.

Ciclismo

Na corrida Paris-Roulaux, ficou vencedor o ciclista Delanghe. O italiano Girardengo, que partia favorito, devido a um incidente na maquina, não ficou classificado.

—O francez Schiles continua a afirmar-se tendo batido todos os «azes» do pedal, como o actual campeão do mundo Maeshops. Os jornais da especialidade veem nele o futuro campeão do mundo.

NOTICIARIO

LUTA

Campeonato no Coliseu dos Recreios

Ontem o Coliseu dos Recreios voltou a ter uma enchente.

Já o previramos na nossa noticia de ontem e hoje com a estreia do portuguez Manuel Gonçalves que luta contra o italiano Roberti.

Os restantes combates são: D. riaz contra Leon d'Angers, Wilson contra Fournier, e o espanhol El Secondo contra Bouchionni.

São quatro lutas de interesse que devem chamar grande concorrencia.

TAÇA ATENEU

A comissão organisadora resolveu na sua reunião de hoje homologar os seguintes desafios:

1.ª serie.—Carcavelinhos venceu Belenenses por 4-1, Internacional venceu Cruz Quebrada por 1-0.

2.ª serie.—Casa Pia venceu Sporting por 2-1, considerar derrotado o S. L. e Bemfica por no desafio Bemfica-Ateneu, ter incluido na sua linha, um jogador não inscrito.

Castigar com a pena de repreensão registada o Grupo Sport Cruz Quebrada por no desafio Internacional-Cruz Quebrada, ter jogado com 3 jogadores não inscritos.

Marcou para o proximo dia 30, os seguintes desafios:

1.ª serie. — Cruz Quebrada-Bom Sucesso, no Lumiar ás 13 horas, Juiz, Faustino Alcaide (S. C. P.).—Marvilense-Internacional, nas Laranjeiras ás 11 horas, juiz, Ilidio Nogueira (S. L. B.)

2.ª serie. — Fosforos-Adicence, no Lumiar, ás 11 horas, juiz, Ruy Costa (G. S. C. Q.) Ateneu-Casa Pia, em Palhavã, ás 11 horas, juiz, Jayme Antonio (M. F. C.).

A aviação carece de azas novas!

O que se obteve até agora com o "helicoptero"

As esperanças nos "sustentadores" e a opinião do engenheiro Oemichen

A' hora em que o helicoptero desperta geral atenção, talvez um pouco prematuramente — porque, por mais que se tenha dito, a questão ainda está bem longe de ser um facto — parece necessario expor, em suas linhas gerais, as razões que levam a pesquizas de processos novos, susceptiveis de virem em auxilio da criação actual e de lhe permitir avançar um passo dificil.

Em seguida aos aperfeiçoamentos quasi incensiveis, mas incessantes, o aeroplano acabou por chegar á visinhança do seu maximo de eficiencia e de segurança. Infelizmente, o aeroplano está adstrito a um grosseiro servilismo: é escravo da sua velocidade. Quando esta decae abaixo de um certo limite, o aparelho não mais se sustem e impõe-se á volta ao solo. A aterrissagem torna-se rapida e dificil e, se se observa que os aeroplanos modernos suportam a custo um pêso de três toneladas ou mais, compreender-se-ha a necessidade de terrenos especiais para permitirem a volta ao solo de um motor do pêso de um camião, descendo do ceu com a velocidade de um automovel de «tourismo».

Da opinião de todos os pilotos e da maioria dos construtores depende o auxilio que a aviação ainda requere. E' preciso, a todo o preço, reduzir, anular a rapidez da translação na aterrissagem, guardando-se uma medida suficiente; reduzida a velocidade da elevação, ter-se-ha um elemento consideravel para se poder, em dado momento, estacionar no ar ou proseguir com rapidez excessivamente reduzida. Pode-se dizer que, conseguindo-se desembaraçar o aeroplano desse servilismo, a aviação poderia tomar um incremento que os sonhos mais optimistas não permitiam até agora conceber. A redução dos terrenos de aviação e a possibilidade de confiar a pilotagem a quaisquer pessoas colocariam a locomotiva aerea no primeiro plano dos meios de transporte.

Para conseguir tal resultado, para desembaraçar o aeroplano da escravatura a que está jungido, urge o emprego de orgãos especiais, desempenhando o seu papel independentemente da marcha do aparelho: esta é a função dos *sustentadores*. Geralmente constituidos por helices de eixo vertical, os sustentadores devem, por seus efeitos nas camadas aereas convisinhas, desenvolver um esforço completo de elevação suficiente para equilibrar o peso do aparelho e o sustentar integralmente. Devem, por outro lado, facultar ao motor a possibilidade de se deslocar horizontalmente.

Os aparelhos que se destinam a elevar-se verticalmente e a manter-se no ar em um ponto determinado, com o emprego de sustentadores, são designados pelo nome de *helicopteros*.

Se nos é dado imaginar mil dispositivos num vôo vertical, se neste dominio a imaginação de um Julio Verne pode ter os surtos mais espantosos, é infinitamente mais dificil qualquer coisa de aceitavel no terreno das realizações. O facto do vôo em si mesmo, do levantamento do aparelho, não apresenta dificuldades sérias. Sabe-se que existem helices bastante poderosas e motores bastante leves para que as primeiras possam elevar os segundos com um excesso relativamente notorio de força util ascencional. A questão assim apresentada entra nos dominios da mecanica rudimentar e muitos experimentadores já a resolveram praticamente. Uma vez elevado, pode o helicoptero manter-se no ar sem virar nem deslisar? Em que condições resiste ele ao vento, aos turbilhões visinhos do sol, á tempestade produzida pelas ascenção, pela revolução das suas helices no ar, encontrando proxima a terra e saltitante sobre ela? Destas e de outras questões primordiais depende o futuro do helicoptero.

Numa exposição que fez nos *Anales*, o engenheiro Oemichen, que consagrou os seus esforços ao estudo do helicoptero, ataca de principio esse fado do problema. Em colaboração com o sr. Peugeot, construiu um aparelho rustico, com o qual — diz ele — lhe foi dado proceder a cerca de 80 vôos em completa liberdade e que, como o diz o «Aeronautique», são os primeiros no genero.

«Creio de bom aviso, acrescenta, lembrar as circunstancias que me levaram a estabelecer este instrumento bizarro, cujo aspecto, reconheço-o, tem qualquer coisa de surpreendente á primeira vista. O helicoptero — nem todos o sabem — é, dos engenhos aereos, aquele que apresenta o minimo da estabilidade. Quando, sob uma causa qualquer, ele vier a pender de um lado, a tracção das helices, que ficam sempre paralelas ao seu eixo, inclina-se com todo o aparelho. Esta força obliqua, combinando-se com o pêso total do aparelho dirigido verticalmente, e para baixo, dá uma resultante lateral ligeiramente inclinada para o solo e que tende a fazer deslisar o aparelho para o lado e fazê-lo descer. O helicoptero não pode, pois, estacionar num ponto fixo. O que é mais grave ainda é que ele não é capaz de se endireitar sósinho, quando a inclinação começa: á medida que esta aumenta e fica mais forte, as helices mais agem obliquamente; a velocidade da revolução aumenta progressivamente e a queda sobre o lado marca o termo inevitavel dessa perigosa guinada. Para assegurar o equilibrio necessario ao vôo, fiz provisoriamente o emprego de um flutuador constituido por um balãosinho de 144 cms., cheio de hidrogenio, desenvolvendo uma força ascencional total e maxima de 70 quilos e que, rigidamente fixada á carcassa do motor, se destinava a endireitá-lo quando a inclinação começasse a fazer sentir-se. A pressão que exerce o ar sobre um balão obriga-o, com efeito, sempre a vertical, e, se o centro de gravidade do aparelho está colocado suficientemente abaixo do centro do balão, o helicoptero tenderá sempre á posição direita, sob o efeito dessa especie de pendulo agindo ao encontro da gravidade.

O aparelho de que me servi para as minhas experiencias pesa, compreendido o meu proprio peso, 340 quilos. A qualidade de sustenção das helices, estabelecida conforme os meus primeiros trabalhos sobre o vôo animal, atinge a cifra de 0,36, de acordo com a fórmula de Breguet, cifra que, segundo a «Aeronautique Française», ainda não foi atingida até hoje.

A 15 de Janeiro de 1921 elevava-me facilmente a dois metros, no curso de seis vôos. E continuei, atingindo, ás vezes, cinco metros sobre distancias visinhas de cem metros. Essas experiencias não podem ser consideradas senão como trabalho de engrandecimento, sem nenhuma pretensão. Elas são, entretanto, ferteis em ensinamentos.

O helicoptero está nos seus extremos ensaios. E' impossivel assinalar desde já a forma por que os sustentadores serão empregados pela aviação. A questão está ainda muito obscura. Uma coisa, porém, é certa: que a aviação procura com urgencia azas novas e que estas começam a responder ao apelo. Elas constituem seguramente uma fonte poderosa, de uma maneabilidade suficiente para que, em breve espaço, se possam prever as suas primeiras utilizações. Elas têm, sobretudo, a vantagem de levantar o bloqueio da vereda e abrir á navegação aerea as vias necessarias e indispensaveis ao seu futuro desenvolvimento.»

Um portuguez fuzilado na America do Norte

Ha algumas semanas, irrompeu uma gréve nos centros textis de Mass e do vizinho Estado de Rio de Island, como protesto a uma pretensa redução de salarios. Este protesto—que a principio decorreu sem consequencias de vulto, limitando-se a conferencias entre as duas partes interessadas empenhadas em resolver a questão da melhor forma possivel—acaba de degenerar, devido á actuação das forças militares enviadas para o local, em fins bem funestos e provavelmente de complicação internacional.

O fuzilamento do cidadão portuguez José de Assumpção ainda ha de ser objecto de vivas discussões e polemicas. Porque José de Assumpção estava completamente alheio ao movimento grevista e no momento do tiroteio ali acudira apenas por espirito de curiosidade.

Mr. Charles P. Sisson, assistente do procurador geral, ordenou que se procedesse imediatamente a um inquerito afim de punir os responsaveis pelos acontecimentos e para que fiquem bem apuradas as causas que determinaram a morte de Assumpção, quando foi dos sucessos na planta do Jenckes Spining Company at Pawtucket.

O exame efectuado pelos medicos legistas da policia deu como «causa mortis»: «infecção por bala».

Emquanto as autoridades policiais se movimentam quanto á parte ao seu alcance, o deputado estadual Thomaz P. Mc. Coy pedia explicações ao governador para que este informasse qual o perigo que determinou a remessa de tropas ao local dos grevistas.

Ha ainda certos detalhes que só podem ser devidamente apreciados por aqueles que conhecem a oposição tenaz movida aos grevistas pelo deputado republicano Floor leader Owen.

De qualquer forma, porém, é necessario acentuar que o consul, sr. Eduardo de Carvalho, deu todas as providencias que o caso exigia comunicando-se telegraficamente com o vice consul de Providence sr. dr. Gilberto Marques, e dando-lhe instrucções que salvaguardassem a honra e o brio da nacionalidade portugueza.

O cortejo funebre de Assumpção matetisara o verdadeiro protesto do operariado organisado. Mais de seis mil pessoas, incluindo grevistas e simples homens do povo, acompanharam o corpo da infelizvitima da prepotencia armada.

O novo consul portuguez em Boston, sr. Eduardo de Carvalho, declarou não poder ainda precisar bem como se desenrolou a tragedia inclinando-se a acreditar que o portuguez Assumpção foi atingido por acaso quando a força publica disparava.

Uma queima de dinheiro monstruosa

111.003.000$000 incinerados

O Governo Federal Brazil costuma mandar queimar regularmente uma porção de notas de banco que ou são substituidas por outras ou desaparecem inteiramente da circulação com o fito de diminuir a quantidade de papel existente para valorisação da moeda.

Ultimamente, no Rio de Janeiro queimaram-se cento e onze mil contos, junto ao cais do Lloyd. Encostou-se ao largo portão do lado esquerdo, que dá entrada ás grandes fornalhas do Lloyd Brasileiro, uma carroça enorme, coberta por um vasto encerado. Ahi dentro vinham, em maços bem contados e amarradinhos, com a picota desvalorisadora, os cento e onze mil contos de reis 111.000.000$000 que iam ser queimados naquelas quatro formidaveis e igneas guelas que tanto dinheiro tem tragado. Nunca, todavia, tamanha soma de uma só vez fôra devorada.

Parado o carroção, desceram 15 sacos, devidamente amarrados e lacrados, que foram dispostos em ordem para que um fotografo batesse uma chapa. Feito isso, foram desamarrados, um a um, e os pacotes de notas, algumas das quais novinhas em folha esparramaram-se no chão, em montões, ao pé dos carvoeiros que, armados de pás, começaram logo a ironica tarefa de, nesta epoca de tanta miseria, queimar tanto dinheiro novo e bonito. De vez em quando entreolhavam-se, como a dizer, com os olhos gulosos e, talvez, o estomago vasio até áquela hora:

—Que pena! Estas fornalhas que de nada precisam recebem tantos milhares de contos de reis e nós...

Mas as fornalhas, que nada ouviam, atiçadas com o revolvimento feito com o auxilio de compridas hastes de ferro, estralejavam e as notas, ás centenas retorciam-se no estertor das chamas, brilhavam um instante no clarão do seu proprio incendio e se reduziram a cinzas, sucedendo-se sucedendo-se...

«A importancia de 111.000.000$000 em notas do Tesouro incineradas enviados pela Carteira de Redesconto para o devido processo de conferencia, inutilisação e queima, consta de 15 sacos, conteudo 379.949 notas, assim discriminadas por seus valores: 144.897 de 500$, 147..0. de 200$, 84.985 de 100$, 9.238 de 50$, 4.354 de 20$, 5.465 de 10$, 938 de 5$, 397 de 2$ e 286 de 1$000.»

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Depois da primeira corrida, em que houve touros do acreditado creador sr. Emilio Infante e um grupo de bons artistas, temos no domingo proximo a segunda corrida, com touros de outro lavrador afamado, o sr. João Coimbra, e um grupo de artistas melhorado, pois trabalham pela primeira vez na epoca o sempre arrojado cavaleiro Ricardo Teixeira e os bandarilheiros Alfredo, R. Tomé, Agostinho Coelho, J. Dias e «Malagueño». Os outros artistas são o cavaleiro Rufino da Costa e o bandarilheiro Luciano. Haverá um grupo de forcados, que tome parte obsequiosamente e será capitaneado por Casimiro Daniel, um rapaz destemido.

Pela boa vontade e acerto que a empresa vai demonstrando, é de esperar uma boa temporada.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A MARCELINA

por ARTUR AZEVEDO

I

Naquele tempo (não ha necessidade de precisar a epoca) era o doutor Pires de Aguiar o melhor freguez da alfaiataria Raunier e uma das figuras obrigadas da rua do Ouvidor. Como advogado, diziam-no de uma competencia um pouco duvidosa, o que aliás não obstava a que ele ganhasse muito dinheiro, — mas como janota — força é confessá-lo — não havia rapaz tão elegante no Rio de Janeiro.

Rapaz? Rapaz, sim: o doutor Pires de Aguiar pertencia a essa privilegiada classe de solteirões, que se conservam *rapazes* durante trinta anos.

Quando lhe perguntavam a idade, respondia invariavelmente: — Orço pelos quarenta — e durante muito tempo não deu outra resposta. Os seus contemporaneos de Academia atribuiam-lhe cincoenta, bem puxados. As senhoras, essas não lhe davam mais que trinta e cinco.

Ele tinha um fraco pelas mulheres de teatro. Consistia o seu grande luxo em ser publicamente o amante oficial de alguma actriz. Não fazia questão de espirito nem de beleza; o indispensavel é que ela ocupasse lugar saliente no palco e fosse aplaudida e festejada pelo publico. Não era o amor, era a vaidade que o conduzia á naufrabunda Cythera dos bastidores.

Essas ligações depressa se desfaziam; duravam enquanto durava o brilho do *estrela;* desde que esta começava a ofuscar-se, ele achava um pretexto para afastar-se dela e procurar imediatamente outra. Como era inteligente e generoso — muito mais generoso que inteligente — nunca ficava mal com o astro caido.

Algumas vezes, o rompimento era provocado por elas — pelas de mais espirito — que facilmente se enfadavam de um individuo tão preoccupado com a propria pessoa e tão vaidoso das suas roupas.

II

No tempo em que se passou a acção deste ligeiro conto, a nova conquista do doutor Pires de Aguiar era uma actriz portuguesa, a Clorinda, que viera de Lisboa apregoada pelas cem trombetas do *réclame* e cuja estreia, num dos nossos teatrinhos de opereta, o publico esperava anciosamente.

Uma hora antes de começar o espectaculo de estreia, entrou o advogado triunfantemente na caixa do teatro, levando pelo braço a sua nova amiga, elegantemente envolvida numa soberba capa de pelucia. Ia fazer-lhe entrega do camarim, cujo arranjo confiara liberalmente ao bom gosto e á pericia dos mais habeis tapeceiros e estofadores.

Ela ficou encantadissima e agradeceu com beijos quentes e sonoros a dedicada solicitude do amante.

Que belo tapete felpudo! que bonitos quadros! que papel bem escolhido! que delicioso divan! que magnifico espelho de três faces, onde o seu vulto airoso se reflectia três vezes por inteiro! e que profusão de perfumarias! e que precioso serviço de *toilette!...*

Nada faltava tambem sobre a mesinha da *maquillage*, intensamente iluminada por dois bicos de gaz.

O doutor Pires de Aguiar tinha longa pratica desses arranjos; não podia esquecer-se de nenhum dos ingredientes necessarios ao camarim de uma actriz que se respeita; o arsenal estava completo.

Dahi a nada ouviu-se um — Dá licença? — e o director de scena entrou no camarim, acompanhado por uma mulher já idosa, muito palida, de aspecto doentio e pobremente trajada.

— Dona Clorinda, aqui tem a sua costureira.

A *estrela* não conteve um gesto de despeito. O director de scena compreendeu-o e saiu imediatamente, para não entrar em explicações.

— E' doente? perguntou Clorinda á costureira.

— Não, senhora. Tive uma doença grave, mas agora estou boa. Sahi ha dois dias da Santa Casa.

Clorinda trocou um olhar com o advogado e este disse-lhe, refastelando-se no divan:

— Ma chère, il faut se contenter de cette habilleuse; nous ne sommes pas en Europe.

Ele impingiu a frase em francês, para que não a entendesse a costureira, mas a verdade é que Clorinda tambem não percebeu, o que aliás não a impediu de responder: — Oui.

Despojada da mantilha e da bela capa de pelucia, Clorinda sentou-se entre os dois bicos de gaz e começou a pintar-se, dizendo:

— Vamos a isto!

E dirigindo-se á costureira:

— Sente-se. Porque está de pé?

A pobre mulher sentou-se a medo, como receosa de macular a palhinha doirada da cadeira com o seu miseravel vestido de chita.

— Sabe que me disseram bonitas coisas a seu respeito? perguntou a actriz ao advogado, olhando-o pelo espelho.

— Devéras?

— Ao que parece, você tem sido um gajo!

O doutor Pires de Aguiar teve um sorriso inexprimivel. Aquele *gajo* entrou-lhe pela vaidade a dentro como uma gran-cruz.

— Com que então, a sua especialidade são as actrizes?

— Sou doido pelo teatro.

— E ha quanto tempo dura essa doidice?

— Ha muito tempo. Estou velho, bem vê. Orço pelos quarenta.

— Ninguem lhe dá mais de trinta e cinco.

— São os seus olhos.

— Qual foi a sua primeira paixão no teatro?

— Ah! isso...

O advogado levantou o braço e estalou os dedos.

— ... isso é prehistorico; perde-se na noite dos tempos.

— Como se chamava essa colega?

— Chamava-se Marcelina.

— Que fim levou?

Ele encolheu os ombros.

— Sei lá! provavelmente morreu. Nunca mais ouvi falar dela. Ha mulheres que desaparecem como os passarinhos que não foram mortos a tiro nem engaiolados: ninguem lhes vê os cadaveres.

— Gostou dela?

— Foi talvez a paixão mais séria da minha vida.

— Nunca mais a procurou?

— Para quê?

— Tinha talento?

— Talento? Não. Tinha habilidade e era muito boa rapariga.

— Brasileira?

— Sim. Representava ingenuas em dramalhões de capa e espada, ali, no São Pedro de Alcantara. Um dia — eu já a tinha deixado — um dia pateiaram-na por motivos que nada tinham que vêr com a arte dramatica; ela desgostou-se; andou mourejando pelas provincias e afinal desapareceu. *Requiescat in pace!*

Entrou o cabeleireiro. Emquanto Clorinda lhe confiou a cabeça, o doutor Pires de Aguiar divagou longamente sobre os meritos da Marcelina; depois falou de outras actrizes, desfiando o interminavel rosario das suas mancebias.

Clorinda, a costureira e o cabeleireiro ouviam sem dizer palavra.

Terminado o serviço do cabeleireiro, que logo se retirou, Clorinda ergueu-se:

— Agora, meu doutor, ha de me dar licença, sim? Vou vestir-me.

— Até logo, disse o advogado. O seu penteado ficou esplendido! Vou aplaudi-la. *Bonne chance!*

Deu-lhe um beijo — na testa para não desmanchar a pintura — e saiu do camarim, cuja porta a costureira discretamente fechou.

III

Minutos depois, Clorinda estava completamente nua.

— A senhora é muito bem feita de corpo, disse-lhe, num tom adulatorio, a costureira, enfiando-lhe pela cabeça uma camisa de seda.

— Acha? perguntou desdenhosamente a actriz.

— Ah! eu tambem já fui bem feita de corpo, mas... não tive juizo: fiei-me de mais nos homens. Se quere aceitar um conselho, filha, preste mais atenção á sua arte do que a todos esses... gajos, que fazem das mulheres um objecto de luxo e nada mais. Só assim a senhora evitará o hospital e a miseria.

— Ora esta! exclamou Clorinda. Quem é você, mulher, para assim me falar assim?

— Eu sou... a Marcelina.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4065 — 12.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5 | LISBOA — Sexta-feira, 28 de Abril de 1922 | Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 | Preço 10 centavos

O desgoverno bolchevista tenta uma aproximação com a Santa Sé, considerando como factor de valia as crenças da população catolica do antigo imperio moscovita.

Na Exposição

As singulares circunstancias em que se organizou a reportagem portuguesa a bordo do *Bagé*, em relação a um facto que é já culminante na historia nacional e, de dia para dia, se engrandecerá ainda mais às sanções da posteridade, fizeram em foco a situação da imprensa, que, como acentuámos nestas mesmas colunas, foi dividida em duas categorias: a dos jornais ricos, nos quais se facilita tudo, distinguindo-os a importantes despesas, embora estejam em condições de as fazer, e a dos jornais pobres, nos quais nenhuma atenção se dispensa, vendo-se forçados a uma informação incompleta, porque não podem fazer as despesas de que os seus opulentos colegas são em grande parte dispensados.

O que se passou com a reportagem a fazer a bordo do *Bagé* é já bastante grave; mas a imprensa portuguesa que não é rica, nem tem atenções de ninguem, vai, dentro em breve, encontrar-se numa situação ainda mais deprimente e embaraçosa se o Governo não providenciar de maneira a evitar o seu desprestigio, que é, de alguma forma, o desprestigio do paiz, e muito especialmente da Republica.

Pouco falta, com efeito, para a inauguração do colossal certamen com que o Brasil festeja a data da sua independencia. Irá ao Brasil, nessa ocasião, o sr. Presidente da Republica. E' uma visita oficial e cujas consequencias são incalculaveis. Pela primeira vez, um Chefe do Estado de Portugal vai ao Brasil, onde ha dois milhões de portugueses e cujo povo de portugueses é oriundo. E' um facto da maior importancia, que tem para nós um altissimo valor nacional. Pregunta-se: a reportagem dêste grande acontecimento tambem só poderá ser feita cabalmente por jornais privilegiados?

Nos tempos da monarquia, o rei D. Carlos foi uma vez visitar os Açores. Compreendendo-se a vantagem de que toda a imprensa alùdisse a êsse facto, todos os jornais foram convidados a seguir viagem com o Chefe do Estado. Foram todos convidados; não se fez distinção alguma entre êles, espiolhando-se a quantidade das suas tiragens. A todos se facultaram as mesmas regalias, a todos foi assegurado alojamento, a todos se garantiu o exercicio da sua missão com as maiores facilidades. Se alguns jornais não enviaram representantes foi porque não quizeram. Fará agora a Republica menos do que fez a monarquia?

Sem duvida, a viagem aos Açores teve importancia, mas quanto a não sobreleva a da viagem ao Brasil! Esta destina-se a ser um verdadeiro acontecimento historico. Em todas as circunstancias o seria; sobrevindo porém, ao maravilhoso feito dos aviadores, a sua significação e os seus resultados ultrapassarão todas as previsões. Poder-se-ha dispensar uma reportagem desenvolvida de todos os jornais? E os sacrificados hão de ser, de novo, os jornais que estão mais em contacto com a opinião republicana?

Parece-nos que falamos a tempo. Não se alegue depois a precipitação como pretexto para a má vontade ou para o desleixo. O que está de pé desde já é a questão da representação da imprensa portuguesa na Exposição do Brasil, sobretudo quando lá chegar, levando os votos da nação em pêso, o sr. Presidente da Republica, que é o supremo magistrado da Nação e, por isso mesmo, o vivo simbolo de Portugal.

A Russia bolchevista

Tenta sair do seu isolamento

BERLIM, 28. — Moscou deseja renovar sem demora as suas relações diplomaticas com a Alemanha. Consta que Krassine será o primeiro embaixador dos soviets em Berlim. — (R).

PARIS, 27. — A proposito dos entendimentos entre o Vaticano e o governo dos soviets afirma o «Temps» saber de fonte autorisada que o governo de Moscou publicaria brevemente um certo numero de decretos com o fim de acomodar a lei de separação ás exigencias do culto catolico.

As igrejas seriam nacionalisadas, deixando a lei aos fieis o cuidado de manter os ministros do culto e provendo á eleição dos bispos. Estes projectos poderiam ser influenciados por notas trocadas entre a Russia e a Polonia notas que constituem uma ameaça para o centro de acção catolica que é a Polonia. — (R).

ROMA, 27. — No Vaticano não se confirma que tenha havido propostas do governo dos soviets russos para estabelecer um tratado com a Santa Sé. E' comtudo certo que o Papa deseja vivamente chegar a um acordo com os russos para assegurar a protecção dos catolicos na Russia. — (R).

DO SÁ DA BANDEIRA, NO PORTO

CHABY GLORIFICADO

O discurso do sr. dr. Leonardo Coimbra

Ha dias que se vinha anunciando para hoje, no primeiro teatro de comedia do Porto a comemoração da passagem de Chaby Pinheiro pela capital do norte. Havia de representar-se o «Emigrado» na tradução do engenheiro Armando Ferreira, o nosso bom colega de redacção, havia de ouvir-se um discurso do sr. Leonardo Coimbra, consagrado ha pouco como figura nacional, e havia de ver-se uma lapide moldada pelo estatuario notavel da «Viuva» e da «Historia». Encheu-se o teatro.

O Porto artista, o Porto rico, o Porto simplesmente amador de teatro e amador da vida — compareceu, pontual e firme.

A representação do «Emigrado» levada á scena em Lisboa pelo actor eminente que é Pereira da Silva, e com o confronto colossal de Guity, não esteve no palco alegre do Sá da Bandeira em grande altura.

A' parte o trabalho de Chaby Pinheiro que foi em quasi todas as scenas duma completa intuição histrionica marcando com um raro talento as «nuances» desse complicado Claviers-Grandchamp, áparte uma certa discreção de D. Jesuina Chaby na harmoniosa figura da velha marqueza de Charbus, áparte talvez ainda a correção da figura episodica do capitão Despois (Gentil) e do terceiro papel masculino o do tenente Vigouroux (Valerio), tudo o mais, apesar do esforço honesto de Carlos de Abreu, e da tentativa de D. Cremilda de Oliveira, foi mau, mausinho sem favor, bastante abaixo do conjuncto da Trindade.

Mas, emfim, boa vontade de todos... e como não ha má vontade nossa...

* * *

Vai falar o sr. dr. Leonardo Coimbra. E' meia noite e meia hora. Ha sono na sala, respeitaveis olheiras de cançaço em alguns bons comerciantes deste Porto das tradições liberais do Pão de ló de Margaride.

Se tem algum valor a coragem da nossa sinceridade — eu agora mais do que nunca procuro escrever duas linhas conscientes, de impressão directa, e para elas requeiro do leitor o reconhecimento desse valor.

Em tempos ouvi, numa velha sala de uma academia livre, um homem gordo e vibrante, de cabeleira revolta e olhos suaves, que encarava o publico numa vaga miopia e que tinha uma voz clara e ampla. Esse homem usava uma «lavalière» negra quasi taciturna e vestia uma alpaca coçada. Quando esse homem ergueu a voz eu puz-me a escutal-o atentamente mas vi, dois minutos depois de ele ter começado que era uma pessoa gravemente complicada. E depois, involuntariamente perdi-me dele e de mim, e não o ouvi mais.

* * *

Tempos depois, dois dos mais inteligentes e modernos rapazes, que tem completado a sua preparação filosofica nas nossas faculdades, comentaram um discurso do prof. Leonardo Coimbra, por confuso, vago, indisciplinado, inconsistente. Passava o sr. dr. João Camoezas perto. Os dois bachareis de filosofia interrogaram-n'o: «Oh João Camoezas gostou do discurso do Leonardo Coimbra, entendeu-o?

Grave, respeitavel, o sr. dr. João Camoezas apertou mais a pasta junto ao peito e disse com uma convicção profundamente politica:

«Sim, entendi... eu li os filosofos!»

Eu curvo-me reverente perante a preparação filosofica do saliente politico Camoezas e regresso á minha supina e saudavel ignorancia da celebre pedra.

* * *

Vai falar o sr. dr. Leonardo Coimbra com o prestigio da sua «tournée» por Espanha, onde os auditorios macissos que leram os filosofos, o compreenderam. A sala do Sá da Bandeira boceja. No palco a figura do orador ergue-se correta, na sua casaca admiravel, a que apenas a nota do colete preto tira a frescura de gala que o acto requeria.

Mas a indumentaria é o menos. O orador vai falar. Vou emfim ouvir o antigo professor do liceu de Gil Vicente, o antigo citador das leis universitarias, que exacerbou e desmoronou as organisações academicas no seu gabinete vermelho da Arcada. Que disse o sr. Leonardo Coimbra? Possivelmente coisas subtis, manifestamente coisas subjectivas, intimas, desinteressantes para a totalidade do publico que o escutava. A sua oração foi estructuralmente deselegante. E' exclusivamente da falta de elegancia que eu redondamente o acuso com a minha maior sinceridade. Decerto que nos momentos, em que o atabalhoado confuso do seu «cosmos», de sua metafisica atirada como uma duche ás bondosas senhoras do Porto, do invisivel palpavel, e de tantas «boutades» á margem dum claro pensamento vivo e humano que eu tinha, pelo que se diz, o direito de esperar deste orador — eu senti passar calma e lá em baixo uma gentil alma de poeta, digamos mesmo, uma delicada sensibilidade literaria. E é certo tambem que o sr. Leonardo Coimbra, literato demais para ser filosofo, filosofo de mais para ser literato e poeta muito demais para ser qualquer outra coisa, me deu justamente, agora que o ouvi, em pleno triunfo da fachequissima atitude daquela excelente gente que como o sr. Camoezas «leu os filosofos» a concreta impressão que ao José da Ega deu o celebre heroi parlamentar do Eça.

Não quero entrar na materia do discurso do professor da Faculdade de Letras do Porto, nem no que ela encerra de pessoal sob a sua teoria de néo-simbolismo mistico nas teatralisações modernas. E' uma opinião que valeria a pena discutir, sem enfazes de palco, terra-a-terra, a uma mesa de café. Seja-nos apenas licito anotar, á margem de qualquer critica, que falando no simbolismo politico de Jayme Cortezão e na tentativa de estilisação e de beleza liturgica de Antonio Patricio, o professor e o critico não falasse no seu propulsor o grande Rabringtontagore, o maravilhoso indio cuja luz clara foi a primeira chama a iluminar nesse direção nova.

* * *

Dizem-me que o sr. dr. Leonardo Coimbra tem dois aspectos diferentes na sua intelectualidade. O homem que conversa, e o homem que fala ou escreve. Aquele é encantador, este é incompreensivel. Consideremos que quem escreve estas linhas é muito ignorante — mas verifiquem tambem que a maioria do publico ainda o é mais. Pois eu, abertamente confesso, que só com um esforço de grande concentração acompanhei o fio condutor dos pensamentos do orador Leonardo Coimbra. E os outros... Os outros não o entenderam, eis tudo. Ora eu considero que é deselegancia num orador, o facto de não atingir o fim de se fazer compreender. Desde que ali vem falar, ao palco, ao publico, é porque pretende ser escutado ser seguido, é porque tenciona impressionar, fazer vibrar, dominar o espirito do auditorio. — e o sr. dr. Leonardo Coimbra teve ainda de se erguer até ás azas de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, abandonar o vulto pouco aereo de Chaby Pinheiro, e depois, lá em cima, bem agarrado aos dois herois, apanhou uma ovação que foi direitinha, sem telegrafia, e sem fios, até aos penhascos azues de Fernando de Noronha...

O homem que passa

Material de guerra para a Russia dos Bolcheviques

BERLIM, 27. — Dois vapores mercantes estão retidos pelos gelos no largo de Cronstadt, esperando oportunidade para descarregar material de guerra consignado ao governo dos «Soviets». Um dos navios chama-se «Genova». — (C.)

FACTOS E PALAVRAS

Na conferencia

O rei de Italia chegou a Genova no sabado passado, a bordo do «Dante Alighieri» e entre os altos funcionarios que foram a bordo render-lhe homenagens, contaram-se, entre os primeiros, os delegados russos Tchitcherine e Krassine, ambos de grande uniforme e profusamente condecorados. E tambem, por essa mesma epoca o sr. Lloyd George bateu o «record» da «interwiew» fazendo «confidencias» e dando indicações secretas e puramente particulares, a «quatrocentos e cincoenta» jornalistas reunidos e todos vorazmente agarrados á sobrecasaca de s. ex.ª Se a mentira convencional não tivesse chegado nestes ultimos tempos, ao apogeu do seu explendor, como poderiam explicar-se os cumprimentos dos bolchevistas ao rei e as «confidencias» do chefe inglez á multidão dos reporters?

Obras de arte

Como quer que os estetas se queixem da absoluta ausencia de obras de arte nas arterias desta nossa grande capital, recordaremos a injustiça de tal afirmação. Os montinhos de areia e de cascalho que povoam o Rocio são outras tantas obras de arte. Obra de arte o buraco enorme que está aberto na rua de S. Paulo, obra de arte o maravilhoso palanque com que vão abafar o cavalo de D. José. Obra de arte inconfundivel e com todo o cunho de Miguel Angelo ou de Pona o indecentissimo pavimento da Praça Luiz de Camões, polvilhado de cascas de laranja e de mulheres andrajosas. Não Decididamente os estetas não teem rasão!

FAUSTO DE FIGUEIREDO

BANQUETE DE HOMENAGEM

Deve constituir uma notavel demonstração de estima o banquete que num dos proximos dias se realisa no Hotel de Inglaterra, em homenagem a este ilustre portugues.

Fausto de Figueiredo a quem o paiz tão relevantes serviços deve, vai ter ocasião de apreciar a alta consideração em que são tidas as suas excecionais qualidade de talento e energia.

A essa justa consagração associa-se o Governo tudo quanto mais distinto existe nas finanças, no comercio na industria e no jornalismo.

A comissão organisadora é constituida pelos srs. Alberto Macieira, Presidente da Associação Comercial de Lisboa; José Maria Alves e Henrique Taveira, directores da Associação Industrial, dr. Augusto de Castro, director do «Diario de Noticias» e Manuel Roldan, director da Propaganda de Portugal; continuam a receber a inscrição na Tabacaria Havaneza rua Garret, na Agencia Americana rua Aurea, e Hotel Inglaterra.

Das listas já entregues recortamos os seguintes nomes:

Dr. Rangel de Sampaio, Jaime Alto Mearim, Norte Junior, Ribeiro de Carvalho, dr. Arnaldo de Almeida, dr. Francisco Rompana, Carlos Gonçalves, Cunha Leal, Carlos Cesar de Oliveira Rodrigues, D. Jaime Castelvi Carvalho dos Santos, Julio Cruz, João Bentes, Raul Esteves dos Santos, José Antunes de Oliveira, Pedro Bordalo Pinheiro, Antonio Augusto Figueiredo, Emilio Segurado, dr. José Montez, Antonio Franco, Capitão Enrico Cameira, Hermenegildo Costa Real, Augusto Rego, Januario de Almeida Junio, José d'Assis, Alexandre Nunes Sequeira, Daniel Franco, João Eugenio Moser, Carlos Filipe Saraiva de Aguiar, dr. Fernando de Freitas Simões, Guilherme Duarte Rodrigues, dr. Sousa Varela, dr. Joaquim Manso, dr. Julio de Sena Sarmento, D. Virginia Quaresma, Antonio Lourenço Rodrigues, D. Tomaz de Noronha, Luiz Gama, José Sarmento, Julio Franco da Cruz, Antonio Gama Lobo d'Eça, João Antunes Braz, Antonio Alves, Raul Cruz, Alfredo Braz Capitão Enerra Quaresma, Alberto Barbosa, D. Alvaro Belo Ferreira Alexandre de Almeida, F. Cunha Rego Chaves, Antonio Correia, dr. João Bacellar, Anibal Lucio de Azevedo, dr. João Luiz Ricardo, Eduardo de Betencourt Ferreira e dr. Custodio de Paiva.

Uma gréve monstro

NEW YORK, 28. — A Repartição do Trabalho anuncia que em consequencia da greve do carvão, encontram-se em greve 3.800.000 operarios. — (R.)

Vozes imploratívas em bocas americanas

WASHINGTON, 27. — O membro do congresso Briten muito conhecido pelos seus estudos sobre as questões europeas declarou a um jornalista que o entrevistou que tenciona apresentar ao congresso um projecto pedindo a retirada do Rheno não só das tropas americanas mas tambem das aliadas para permitir que a Alemanha satisfaça as exigencias dos seus credores. Briten declarou que o modo como se tem tratado a Alemanha parece-se muito com estrangular um homem que não se póde defender. — (R.)

Os Estados Unidos

Não querem deixar-se invadir pelo espirito militarista francez

NEW-YORK, 28. — O «New York World» publica um artigo de fundo protestando contra o entusiasmo revelado na recepção do marechal Foch nos Estados Unidos que considera lamentavel em vista da actividade militarista de alguns homens de estado franceses, que póde ter como efeito a destruição da paz mundial. — (R.)

AS HOMENAGENS

O FEITO ILUSTRE E GRANDE

que neste momento apaixona a opinião publica devia ser comemorado com obras que para sempre colhessem o frémito nacional

A proposito da travessia aerea Europa-Brasil tem chovido os alvitres, as ideias, os projectos com a abundancia que é um dos nossos caracteristicos, mais animada ainda com o entusiasmo que a empresa despertou. Nesse monte de propostas e de glorificações ha meia duzia delas que são tocantes, um grande numero perfeitamente inuteis e todo o resto inteiramente ridiculo.

Muito dinheiro se tem junto já, muito se juntará ainda. Todas as iniciativas particulares, todos os auxilios do Estado, a magnifica parte que os portugueses do Brasil não deixarão de avolumar, hão de constituir dentro em pouco uma soma respeitavel. E no entanto vêmos que a maior parte, se não a totalidade dessas quantias são ou vão ser dispendidas em centenas de telegramas efemeros e que pouco poderão tocar o nobre e solido recato dos nossos dois herois; em lapides por esquinas de varias ruas e que depressa enegrecerão esquecidas; em insignias consteladas de diamantes que vão fatalmente adormecer no fundo duma gaveta. Outras manifestações, simpaticas, sem duvida, mas duma esterilidade manifesta, surgem por toda a parte. E a fortuna que o entusiasmo popular está reunindo, vai perder-se em papeis de curta vida, em marmores reconhecidos mas obscuros, em trabalhos de joalharia que apenas aproveitarão aos que os venderem.

Entre tantas ideias, sobrenada a do nosso colegá «Diario de Noticias». Erguer um padrão comemorativo é já um passo andado no caminho que tem de trilhar-se. Mas não é um simples padrão erguido com modestia e fatalmente pouco em vista numa doca do Tejo, junto das aguas do rio, aquilo que deve fazer-se. E' um monumento em logar proprio — não aos aviadores, que repudiam com certeza uma consagração que de ordinario só se dá aos mortos, mas ao feito que constitue inquestionavelmente alem duma coisa bela, uma coisa de alto valor scientifico.

E' para esse monumento que devem convergir os esforços de todas as subscrições devidas á iniciativa particular, todos os beneficios do Estado, todas as influencias dos poderes organisados. E com as somas assim reunidas pelo esforço comum, esse «monumento nacional» deverá ser forte, grande, duradouro.

* * *

O seu logar está já naturalmente demarcado. E' defronte da praia do Restello, diante dos Jeronimos, no vasto jardim que se estende deante do mosteiro, hoje o proprio local onde embarcou o velho Vasco da Gama. O monumento deveria olhar o mar — porque para o mar sempre convergiram as atenções e os esforços dos portuguezes. E deveria sistematicamente abolir-se dele, todo o espirito guerreiro, toda a gloriola tola de conquista e de guerra que tanto mal nos tem feito. Dois factos subsistem que poderiam por assim dizer constituir o «leit-motif» que fossem a altura e a inspiração da obra a realisar. O velho Pedro Alvares surge no litoral brasileiro fazendo singrar as suas cruzes de Cristo, vermelhas sobre o fundo greda dos velames ao vento. E 422 anos mais tarde, a mesma cruz de Cristo subsistindo, intacta, volta de novo nas asas dum avião. E' sempre a fé robusta, viva, rude, obscura mas tenaz, a fé que desloca as montanhas e tambem levou a atravessar os mares. Eis os baixos relevos, os medalhões da memoria onde trez bustos de homem, trez expressões diversas de marinheiros poderiam surgir veladamente, como acessorio. Todo o resto do monumento que consagraria os dois feitos, as duas viagens, seria o simbolo da verdadeira expressão nacional. Trata-se do Brasil onde se não desenvolveu a fama guerreira, do Brasil onde não floresceu a ideia da conquista violenta e de roubo sointoso como sucedeu em todas as outras republicas da America latina, do Brasil para onde tem ido atravez dos seculos o melhor esforço de Portugal, todas as esperanças, todas as energias, todos os filhos rudes, asperos, trabalhadores e crentes. O imigrante de todos os tempos coroaria o monumento, olhando o mar, apontando a costa desconhecida num grande desejo de triunfo e de vida. Colhidos no marmore, em volta, nas roupagens hirtas da pedra que parecem agitadas por um vento de profecia, todas as dores mudas, todas as aspirações da raça, os corações e as lagrimas, as ambições, os orgulhos, as catastrofes, as esperanças. E sempre, em todos os triglifos, a cruz de Cristo repetida ao infinito, o rude Cabral de dolmatica ao vento deixando embeberem-se na barba grisalha as grandes e luminosas lagrimas, o perfil agudo e vincado de Gago Coutinho, a «encolure» messissa de Sacadura Cabral, os olhos dominadores, as mãos imperativas, a aventura e o saber, o estudo e a audacia...

Hino de pedra, confuso para que não faltam os mestres da estatuaria. Está ahi, vivo e forte, Teixeira Lopes. Estão ahi tantos outros que sabem e podem arrancar do marmore as infinitas delicadezas do simbolo nacional. Todos eles podem dar forma e nome a uma divagação e concretisa-la com cinzel seguro. E não seria mil vezes melhor, mil vezes mais nobre, mais digno, levantar-se este bloco em vez de se espalhar o ouro aos quatro ventos com telegramas, insignias, lapides e homenagens? Reparem! As folhas mortas que se desprendem das arvores de outono não tem vida mais efemera do que todas estas cousas. E a pedra vive, a pedra frémo quando o genio a anima. E' duradoura, vai atravez dos tempos. Reparem!

OS EVANGELISTAS

Os monstros 1040 e 1244

O PARLAMENTO VAE EMENDAR OS ERROS DO MINISTERIO DA GUERRA E MARCAR NOVO CAMINHO Á DEPURAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

Publicamos já o projecto de lei da autoria do senador sr. Aragão e Brito onde se dá orientação mais equitativa á obra do saneamento do exercito republicano. O acaso, que é o Deus dos jornalistas deu-nos hoje ensejo de ouvir novas opiniões do ilustre parlamentar.

— Disseram-nos que v. ex.ª modificará o seu projecto de lei...

— E' verdade, confirma o sr. Aragão e Brito. E compreende porquê: depois que o apresentei, surgiram casos novos. O projecto precisa de ser emendado e aditado..

— Num sentido benevolente...

— Justo, sobretudo. Eu compreenderia muito bem que, após Monsanto e a Traulitania, o governo da Republica tivesse demitido, puramente e simplesmente, os oficiais que desembainharam a espada contra a Instituição. Não se fez assim. Fez-se de outra forma. Praticaram-se injustiças. O meu projecto tem por fim dar-lhes reparação. E, com as modificações que tenciono introduzir-lhe, quero evitar que os oficiais que resgataram a infedilidade ocasional correndo, sem hesitações, ao chamamento das autoridades republicanas, a quando do chamado cerco a Lisboa, não sejam agora abrangidos pelas disposições das duas leis 1040 e 1244.

— E quando apresentará v. ex.ª as modificações?

— Quando o meu projecto for posto á discussão. Dir-lhe-hei, a proposito, que o Ribeiro de Carvalho disse, na «Republica» que tomaria ele a iniciativa das emendas, ou as não apresentam. E' claro que apresento.

Fechamos o dialogo:

— Muito agradecido a v. ex.ª

Dizem-nos ainda que o projecto do sr. Aragão e Brito sofrerá tambem uma cuidada revisão na comissão de guerra do Senado.

E vamos ao resto:

Zeferino Antonio Monteiro Falcão, tenente-coronel da Administração Militar. Como o seu camarada anterior, este oficial fazia serviço no quartel general da 3.ª divisão como chefe dos serviços administrativos. Proclamada a monarquia aderiu a ela, continuando a exercer o mesmo logar, não tendo havido a menor alteração nos serviços correndo tudo na melhor ordem, merecendo rasgados elogios de Paiva Couceiro. Reimplantada a Republica foi-lhe levantado um auto, que em nada o incomodou, porque continuou a exercer o mesmo logar, auto que por fim foi mandado arquivar! Este oficial reformou-se depois, gosando o descanço em Chaves, sua terra natal.

Antonio Fernandes, era capitão do Secretariado Militar, chefe da 1.ª repartição do quartel general da 3.ª divisão. Quando foi proclamada monarquia exercia aquele logar, continuando a executal-o a contento da junta governativa que nele tinha absoluta confiança. Em nada foi incomodado, dizendo-se abertamente que assim aconteceu por ter tido a sorte de ter um filho, segundo sargento, que estava filiado no revolucionario Grupo da Nau Catrineta do Norte. Olha se não fosse... não teriamos a lamentar mais uma victima das leis 1040 e 1244? Felizmente que tal não aconteceu, e aquele oficial é hoje major.

Fernão Couceiro da Costa, alferes de cavalaria ao tempo dos acontecimentos do Norte, hoje tenente. Este oficial fez parte da coluna do tenente coronel Corte Real Machado, que se bateu no sul com as tropas republicanas, em varios combates. Não teve o menor castigo. Este oficial é sobrinho do nosso ministro sr. Couceiro da Costa.

Manuel Joaquim Camelo, major reformado do Exercito colonial. Este oficial jurou «por escrito» e aos Santos Evangelhos aderir á monarquia, o que realmente fez de alma e coração... Andou de coroa no bonet e não foram poucas as que ofereceu aos seus camaradas... para eles não gastarem dinheiro... Tomou parte em todas as manifestações oficiais e particulares que se fizeram em Penafiel assistido ás exequias de D. Carlos e D. Luiz Filipe no dia 1 de fevereiro, ajudando á missa «fardado», como sacristão... Nada sofreu. Teve bons padrinhos nos mandões da terra, o que lhe não lhe levamos a mal, tendo como recompensa dos serviços prestados a ser nomeado para a Taxa militar, no districto de recrutamento 32, logar que actualmente exerce a contento de todos...

Uma noticia como outra qualquer:

Diz-se que o Ministerio será substituido por um gabinete de concentração.

E a baixa cambial quem é que a faz?...

Nos centros politicos crê-se, em geral, que a acalmação recentemente notada na sociedade portuguesa não é senão aparente. A realidade das coisas é outra: ha sempre um fermento revolucionario e, ao lado, uma conjura de pacifistas tendente a derrubar o Governo e a substitui-lo por um gabinete de concentração republicana. O pomo de discordia é o sr. ministro das Finanças; a causa ocasional da crise será determinada pela aproximação á discussão parlamentar das propostas de finanças. Na hipotese do tal governo de concentração, a presidencia pertenceria ao sr. General Silveira e a missão principal seria a da consolidação da ordem publica, pelo afastamento temporario do continente da Republica de elementos considerados inadaptaveis ao meio social. Completar-se-ia, destarte, a obra encetada, mas não concluida pelo actual Governo.

As respostas que o sr. Portugal Durão, ministro das Finanças, deu, na Camara dos Deputados, na sessão de ante-ontem, ao sr. Jorge Nunes, causaram impressão desfavoravel nas correntes politicas representadas no Parlamento, sem exclusão da democratica, que constitue, aliás, a maioria incondicional que dá apoio ao gabinete Antonio Maria da Silva.

Efectivamente o sr. Portugal Durão foi, apenas, negativista. Limitou-se a glosar este mote: «eu não sei, eu não fiz, eu não sou»; não sei como evitar a baixa cambial, não faço a baixa cambial, não sou eu que a hei-de contraminar... A' falta de melhor o ilustre estadista das Finanças acusou a imprensa periodica da publicação de noticias tendentes á desvalorisação da moeda, embora não citasse um unico caso concreto demonstrativo da legitimidade da sua fobia a letra de forma.

Um jornalista que defende o governo na imprensa e no Parlamento, exprimiu a sua opinião a este proposito da seguinte forma:

— Que teria eu praticado ou dito para justificar a objurgatoria do meu ilustre correligionario? Só se ele me censurou por ter dado ao conhecimento do publico a sumula das suas propostas de Finanças. Não ha duvida que elas são derrotistas...

Eis um criterio. O anuncio, antecipadamente e talvez extemporaneamente feito pelo ministerio das Finanças da elevação proxima e vertiginosa da contribuição predial, que ascendera ao sextuplo da taxa de 1914, foi causa dum terror panico entre todos aqueles que teem que perder... prédios. E é natural que provocasse, por contra-partida, a intensidade da emigração do ouro arrecadado no pé de meia da economia particular.

Nessas condições, o sr. ministro das Finanças provocou, embora inocentemente, como é seu costume, a baixa cambial, com correspondente desvalorisação do desgraçado escudo.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

TEATRO AVENIDA—Perola Negra— opereta em 3 actos, original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica de Wenceslau Pinto.

A sr.ª Luiza Satanela deve ter ficado satisfeita com a sua festa, cheia de flores, de aplausos e do carinho de um publico, que se habituou a estima-la e ainda porque o espectador lisboeta teve, pela primeira vez, ensejo de apreciar um novo trabalho de autores que, lhe ha muito consagrou, num genero completamente diferente dos que, até à data, nos têm apresentado.

Efectivamente, a «Perola Negra» pode, talvez, classificar-se como sendo a primeira tentativa do teatro-film, entre nós. O publico assiste ao desenrolar de uma dessas fitas de aventuras, em que não faltam os crimes com os competentes bandidos, os defensores da virtude, o necessario entrecho amoroso, cavalos em scena, tiros, luta e, no final, a virtude premiada com grande aplauso da multidão.

Como tecnica de teatro, o primeiro e terceiro actos são, sem duvida, os melhores, resentindo-se o segundo das scenas de farça que lhe introduziram e que só se recomendam como espectaculo para a vista. A «Perola Negra» é bem o genero do teatro musicado inglês, com as vantagens, para êste, dos grandes palcos e da grande figuração. E já que falamos nesse teatro, permitam-nos os autores nacionais, sem que, das palavras que vão ler-se, se possa depreender um sentido que elas não comportam, visto que a sua bagagem literaria as põe ao abrigo de qualquer insinuação, que lhes citemos um facto que, naturalmente, desconhecem e que, mais uma vez, vem provar que *les beaux esprits se rencontrent*. Depois da guerra, em 1919, no Daly's Theatre, de Londres, representou-se uma opereta em três actos, que se intitulava «*The Maid of the Mountains*» (A rapariga das Montanhas), tendo como principal interprete uma actriz graciosa, m.elle José Collins, e cujo enredo era, em tudo, semelhante ao do primeiro e terceiro actos da peça em scena no Avenida. O proprio palco, como agora sucede, era tambem animado, mais perfeito talvez, dando ao espectador a impressão de que os artistas pisavam, na verdade, a relva. Fez sucesso e tal afirmativa seria desnecessaria para os que conhecem as sumptuosas *mise-en-scènes* dos teatros londrinos, tal como, decerto, sucederá entre nós, se tivermos, especialmente, em consideração, a novidade do espectaculo, a sua representação e a montagem da peça. Efectivamente seria uma flagrante injustiça não tecer elogios, sem restrições, à propriedade, bom gosto e riqueza com que a empresa Satanela-Amarante montou a peça. Nada lhe falta, desde o scenario interessante de Renda, Serra e Amancio até ao guarda-roupa e pertences que, nas figuras principais, são de uma riqueza fora do vulgar.

Não se pode dizer que a companhia do Avenida seja completa. Do que não resta duvida, porém, é que a distribuição das peças é dentro dos elementos com que a empresa conta, preside sempre um são criterio, de forma a tornar o seu desempenho, tanto quanto possivel, homogeneo e dando ao publico a impressão de uma disciplina, que, hoje em dia, já raramente se encontra.

Encarregaram-se do desempenho das duas figuras principais da peça Luiza Satanela e Amarante. Ambos vestiram as personagens o mais rigorosamente possivel e na sua interpretação mereceram aplausos que, unanimemente, lhes foram tributados. A primeira firmou, dia a dia, os seus creditos de artista de opereta, o segundo tem conseguido, pelas suas multiplas criações, desfazer a lenda do *Gaúcho*, apresentando-se como um dos actores mais observadores e perfeitos da moderna geração. A coadjuva-la, com uma boa vontade digna de nota, Raquel de Barros, perfeitamente à vontade no seu *travesti*. Maria Santos, caracteristica muito honesta; João Silva, criando e caracterizando um tipo esplendido, e, finalmente, Augusto Costa, a quem felicitamos pela sua entrada para o teatro de opereta, onde pode, num futuro muito proximo, criar um lugar de destaque. As ovações que ontem recebeu, devem-no fazer reflectir que as suas faculdades podem ter um aproveitamento muito mais interessante neste genero de teatro.

Regencia de Alfredo Mantua, acertada, embora, por vezes, os coros não estivessem a tempo. Marcação, por vezes, interessante. Finalmente, a partitura de Wenceslau Pinto, de facil audição, destacando-se dos seus numeros a entrada de Satanela e o dueto com Fred no primeiro acto, o dueto do segundo e o quarteto e oração do terceiro, êste ultimo, porventura, o mais belo e que Satanela disse com verdadeira intenção.

ALVARO LIMA

Noticiario

Entre nós

Berta de Bi[illegible], a distinta actriz que tantos aplausos tem merecido do nosso publico, realisa hoje em S. Carlos com a primeira de «Os Tubarões» a sua festa artistica.

A festejada desempenhará um papel de grande relevo artistico nesta peça onde Alves da Cunha mais uma vez vai pôr à prova dos seus faculdades de artista consagrado.

◆ Na nova revista «Piparote», original de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues que se estreia como «Sucesso teatral» que está em ensaios o Foz, realisando-se a «premiére» na primeira decada de maio, entram as actrizes e actores da Companhia Velo de Carvalho. Os córos foram aumentados afim de se conseguir que a originalidade e o efeito dos diversos numeros resulte perfeito e variado.

◆ Diz-se que dois aplaudidos escritores estão escrevendo uma peça de teatro extraída do film «As duas garotas».

Estrangeiro

A nova peça comedia de Sacha Guitry «Une petite main qui se places», que sucederá no «Teatro Eduardo VII» ao «Illusionista» tem o seu ensaio geral marcado para o dia 3 de maio.

◆ Iniciou-se no «Teatro François» os ensaios do conjunto de «Vautrin», a peça que Edmond Guiraud extraiu de Balzac. Diz-se nos meios teatrais francezes que a peça de Guiraud está habilmente construida e que está destinada a produzir grande efeito.

◆ A «Comedie Française» abre a 1 de maio a inscrição dos assinaturas para a proxima época.

◆ No «comedie des Champs-Elysées» realiso-se terça-feira ultima o «premiére» de «La Mouette» de Tchekoff.

◆ Maurice e Verrano concluiram uma revista cuja titulo curioso é constituido pelos titulos dos dois grandes sucessos do Paris teatral «Ta bouche, redé...»

Agenda da semana

HOJE—S. Carlos—«Os Tubarões», em recita de Bertha de Bivar.

S. Luiz—«Reprise» da opereta «Casta Suzana», em recita de Vasco Sant'Ana.

AMANHÃ—S. Carlos—«As aventuras do Rafael» em festa de Joaquim Prates.

Cartaz do dia

Teatro de declamação

S. CARLOS—A's 9—«Os Tubarões».
NACIONAL—A's 9—«O Centenario».
POLITEAMA—A's 9,30 — «Nodoa do amoras», «Leitora e escritas», «Rosas de todo o ano» — Variedades.

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—Festa de Vasco Sant'Ana «A Casta Suzana»—Canções—Bailados.
APOLO—A's 9,15—«Helo Sexo».
AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».
SALÃO FOZ—A's 9,30 e 10,30 — «Gigajoga».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — IX Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

O costemier Alvaro Costa, proprietario do Guarda roupa Moderno, rua da Palma, 73, 1.º D. participa aos seus clientes e amigos que acaba de montar telefone n.º 3061 Norte, o qual desde já fica à disposição.

O HOMEM

QUE NÃO FUMA
QUE NÃO BEBE
QUE NÃO JOGA

É Dempsey, campeão do mundo

MAS LEVANTA-SE TARDE

O maior desejo de Jack Dempsey foi visitar Paris. E chegou lá ultimamente decidido a divertir-se.

Não bebe. Uma tarde dispuzeram-lhe em cima da meza do jantar, garrafas de vinhos variados e bastante «champagne». Bebeu agua mineral.

Não fuma. Ofereceram-lhe caixas e caixas de admiraveis charutos, tabacos d'Alepo, louros «Tunbéki» da Asia Menor. Repeliu tudo desdenhosamente. Decididamente não fuma.

Não joga. Nas ultimas corridas d'Auteuil deram-lhe palpites, informações seguras. Afastou tudo.

E' um homem com mão e vontade de ferro. Mas deita-se tarde. Ha tempos vieram procura-lo ao hotel logo de manhã. O servo fiel atravancou o caminho ao visitante.

—Não consentirei que lhe perturbem o sono—disse o devotado servidor,—o sr. Dempsey entrou muito tarde, ás 7 horas da manhã e declarou-me que nem mesmo uma manada de touros entrando-lhe no quarto o faria sair da cama.

Este homem virtuoso gosta de dançar e o «dancing» retem-no toda a noite.

A conferencia de Genova

PARIS, 27.—No conselho de ministros foi redigido um telegrama que esta mesma noite foi dirigido à delegação franceza em Genova, contendo indicações de acordo com o ponto de vista do sr. Barthou, o qual é convidado a regressar para que os sovietes as condições de Cannes e os principios do memorandum do sr. Poincaré. —(H).

PARIS, 27.—O conselho de ministros examinou o telegrama do sr. Barthou, no qual este relata a sugestão do sr. Lloyd George para a reunião do conselho supremo e aprovou a resolução tomada pelo sr. Poincaré de tomar parte na reunião do conselho supremo em Genova, mas sómente depois do regresso do sr. Millerand ou antes, se a reunião se efectuar em Paris. Por outro lado, não podendo o conselho debater as questões que dependem da comissão das reparações, deveria este esperar tomar conhecimento das resoluções daquela comissão, no caso em que a Alemanha faltasse aos seus compromissos no prazo do vencimento em 31 de Maio. Em data a concordar previamente o sr. Poincaré com certeza que tomaria parte no exame das relações que existem entre o tratado de Rapalo e os outros, com tanto que esse fosse o unico assunto das deliberações.—(H).

GENOVA, 28.— A questão do problema russo ainda é considerada muito seria. Schazer do lorou que não ha intenção de se enviar um ultimatum á Russia mas que se procura obrigar os delegados dos sovietes a chegarem depressa a um acordo reduzindo as exigencias do governo dos sovietes.—(R).

PARIS, 28.—Segundo parece a comissão internacional de reparações chegará á conclusão de que o tratado de Rapallo não vae de encontro ás disposições do tratado de Versailles.—(R).

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

A's 15 horas menos cinco minutos está na sala uma escassa duzia de legisladores. As 15 em ponto tem que se fazer a ultima chamada. Não houve cumulo! Seria um numero, hoje? Seria um cumulo!

Mas hoje haveria desculpa. Não se lembram os senhores que ontem houve grandioso sarau no Palacio Presidencial? E os parlamentares é claro, teem necessidade de suprir com um mais prolongado sono diurno a vigilia homenageadora...

São 15 horas. Logo o sr. Sá Pereira lembra á presidencia:

—E' a hora!

O sr. Domingos Pereira anuncia:

—Estão presentes 46 deputados. Está aberta a sessão.

As galerias povoam-se com seis raros espectadores...

O ilustre 2.º secretario lê a acta, a qual, como é da praxe, ninguem presta atenção.

NOVO GOVERNO?

Perguntamos a um deputado reconstituinte:

—V. nunca diz nada... Mas somos boa pessoa. Lá vai novidade: diz se que se está trabalhando para um governo de concentração...

—E chama v. a isso uma novidade! Já ha muitos dias que ha trabalhos nesse sentido.

—E então?

O parlamentar fez uma careta, torcendo o nariz. E o seu gesto significava claramente:

—Estão verdes!...

Agora a inconfidencia dum joven deputado liberal, homem de largas teses e haveres:

—V. disse no jornal que a questão Ribeiro de Carvalho não era senão um incidente de luta entre evolucionistas e unionistas...

—Nós dissemos isso? Não nos consta.

—Se não foram vocês foram outros (Vide fabula do Lobo e do Cordeiro.). Mas não é assim. Olhe que contra o Ribeiro de Carvalho pronunciaram-se muitos evolucionistas, como, por exemplo, o Lelo Portela, que é do Directorio. O partido está unido.

—E o Ribeiro de Carvalho?

—Submete-se.

ANTES DA ORDEM DO DIA

«Onde está o g verno?» pergunta á presidencia o sr. Cancela de Abreu. O sr. Domingos Pereira não sabe. Nem ele, Nem ninguem. Na bancada ministerial não está, com certeza.

O sr. Lucio dos Santos, da independencia lealista, manda para a mesa um projecto de lei tornando obrigatorio o ensino tecnico. Esté orador é muito interessante. Possue uma forte oratoria de bastante originalidade muito preciso e muito claro.

Chegou o sr. Presidente do Ministerio, ás 15 horas e meia. Vamos lá, que não ha razão de queixa! O sr. Antonio Maria da Silva conversa, neste momento, com o sr. general Sousa Rosa. Mas não se ouve nada: que raiva!

Entrou tambem o sr. ministro da Justiça. Daqui a pouco temos cá todo o governo.

Foi distribuida uma proposta de lei com o parecer da comissão respectiva. A proposta é da iniciativa do sr. ministro das Finanças. Coisa pouca: autorisa o Governo a substituir por cedulas de 20 centavos a moeda de cupro-nickel, de igual valor, em circulação. O motivo da providencia é o desaparecimento do cupro-nickel, cujo valor intrinseco é superior ao nominal. Fóra, pois, com a moeda metalica e viva o regimen do papelorio!

O SAQUE AO ARQUIVO DO TEATRO DE S. CARLOS

O sr. Rodrigo Rodrigues reclama contra o desaparecimento do arquivo do teatro de S. Carlos de cerca de cinco toneladas de partituras, entre os quais muitos originais, citando entre outros, alguns do Marcos Portugal. Que diz a isto o sr. ministro da Instrução? Não diz nada, que não está cá.

De resto—acrescenta o sr. Rodrigo Rodrigues—o teatro de S. Carlos está agora entregue á exploração de verdadeiros flibusteiros da Arte. Isto não pode nem deve continuar. As considerações do orador são todas tendentes a demonstrar que presentemente, o Teatro Lirico não desempenha nenhuma função educativa.

O discurso do sr. Rodrigues foi muito interessante.

Praticamente, o orador conclue prevenindo o Governo de que estão prestes a findar o contracto da adjudicação do teatro de S. Carlos. Acautelem-se, noutro contracto, os interesses materiais e morais da nacionalidade.

Responde o sr. presidente do Ministerio: O teatro de S. Carlos deve estar aberto, é claro. Presentemente, o teatro dá prejuizo e o *deficit* tem sido coberto por particulares, que voluntariamente se teem sacrificado para que o teatro funcione.

O sr. Daniel Rodrigues deve, pois, estar mal informado. Em todo o caso, pela pasta da Instrução se darão as providencias que forem precisas.

Este incidente apaixonou alguns deputados, que trocaram apartes com o sr. Daniel Rodrigues.

Os srs. ministros da Justiça e Finanças mandam propostas para a mesa.

As propostas do sr. ministro das Finanças respeitam ao imposto sobre o valor das transacções, sobre a contribuição industrial, sobre a contribuição predial, sobre aplicação de capitais, sobre contribuição de juros e sobre o imposto pessoal de rendimento.

O sr. Lino Neto trata da questão religiosa. Trepa no sr. Borges Grainha, a quem chama intendente-mor das Liberdades Religiosas em Portugal. Já mandou para a mesa, a este respeito, uma nota de interpelação ao sr. ministro da Justiça.

Depois do sr. Borges Grainha vai para a berlinda o sr. Alberto Vidal. Lembra a este deputado que a Constituição da Republica impõe a neutralidade do Estado em materia religiosa — e isto a proposito da perseguição de que diz ser vitima um paroco. O perseguidor é a Junta de Paroquia do Pinheiro. Pede a intervenção do sr. ministro do Interior.

Entre os srs. Lino Neto e Almeida Ribeiro trava-se acalorado dialogo. A Camara enerva-se. Gritase ordem! ordem! e já ninguem se entende.

A verdade é esta: o sr. Lino Neto defende o seu ponto de vista com vigor e brilho excepcionais.

Respondeu-lhe o sr. ministro da Justiça. As palavras do costume: Vai examinar as reclamações do sr. Lino Neto e far-se-ha justiça, em conformidade com as leis. Alargará as suas considerações quando se realizar a interpelação anunciada.

ORDEM DO DIA

Vai continuar a discussão da proposta governamental (pasta do comercio) para a concessão de creditos por conta dos trez milhões esterlinos.

O sr. presidente da Camara comunica as suas impressões acerca da visita que fez á Biblioteca Nacional. Elas foram absolutamente optimistas. Recomenda aos srs. deputados que visitem o edificio e as novas instalações.

Refere-se, depois, á catastrofe de Malaga e, com aprovação unanime, lançará na acta um voto de condolencias.

O sr. Jorge Nunes continua o seu discurso, interrompido na sessão anterior, acerca dos creditos. O seu discurso é de oposição moderada. Termina por fazer algumas perguntas ao sr. ministro do Comercio e, quando receber as respostas, dirá o que julgar conveniente.

Segue-se o sr. Rego Chaves. Declara que a sua atitude é de absoluto apoio ao Governo. Apoiar, porem não é aprovar. Não desiste do seu direito de criticar e fiscalisar. E é nesse sentido que vai orientar o seu discurso.

Por emquanto não ha mais nenhum deputado inscrito. Assim não tomará parte no debate o sr. Cunha Leal?...

A sessão continua.

No Senado

Preside o sr. Gaspar de Lemos secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Sousa Varela. Aprovam a acta 34 senadores.

O sr. Roberto Batista refere-se ás inconveniencias da lei 1230, cujos efeitos são deploraveis sob o ponto de vista da disciplina do Exercito Sucede que, em face das disposições da referida lei, muitos oficiais não podem ser promovidos, tendo direito á promoção, ao passo que outros foram sem direito a tal.

Envia para a mesa um projecto de lei sobre reformados, e pede providencias no sentido das Companhias dos Caminhos de Ferro darem aos militares que não estão no activo os mesmos beneficios que os filiados identidade dão aos activos.

O orador fez seguidamente o elogio do falecido general Pereira d'Eça que tanto honrou a patria na campanha do Cuamato, julgando um dever prestar á sua memoria uma homenagem e preito.

O sr. ministro da Guerra declarou ter encetado as suas «demarches» junto das Companhias ferroviarias e sentido destas beneficiarem os militares que estão na reserva.

Quanto á lei 1230 é coroa... [illegible] tem sido promovidos dois oficiais de administração Militar em virtude de os cestos não terem chegado a tempo.

Quanto á homenagem a prestar á memoria do general Pereira d'Eça nenhuma ouvir varias entidades competentes sobre o assunto.

Não havendo mais nenhum orador inscrito vai entrar-se na ordem do dia, iniciando-se a discussão do projecto de lei relativo ao novo Regimento do Senado.

Reclamações

Sobre a reclamação dos tipografos da Santa Casa da Misericordia, conferenciou hoje com o sr. ministro do Trabalho o Provedor sr. Silva Ramos.

Os orfãos dos soldados mortos na guerra

O sr. ministro do Trabalho ordenou que os orfãos dos soldados mortos na grande guerra indicados numa lista que lhe forneceu a Fraternidade Militar fossem imediatamente admitidos nos estabelecimentos dependentes da Provedoria de Assistencia Publica para serem devidamente agasalhados e educados.

POEIRA DA ARCADA

Uma comissão de representantes da Associação dos Farmaceuticos Portugueses, composta dos srs. Julio Maria de Sousa, Emilio Fragoso, Adelino Beirão, José Valentim, Antonio Maria da Gama Junior e Rosa Limpo, conferenciou com o sr. ministro do Trabalho sobre interesses da classe farmaceutica, nomeadamente acerca da reforma do ensino.

O conselho de ministros foi convocado para reunir amanhã, á hora do costume, no Ministerio do Interior.

Uma comissão de chefes e subchefes de grupos civis de defesa da Republica foi hoje recebida pelo sr. presidente do Ministerio, a quem manifestou o seu profundo descontentamento pela forma como tem sido afastados das diversas armas varios oficiais e sargentos, que, pela sua dedicação ao regimen, são verdadeira garantia da Republica. A comissão pediu tambem ao sr. Antonio Maria da Silva que se respeite integralmente a lei da Separação.

Noticias do Porto

A's 18 horas

A avaria de uma maquina na estação de Albergaria motivou um atrazo de 3 horas na chegada do rapido de Lisboa.

Realizou-se hoje na Cornjeira exercicios de infantaria da Guarda Republicana.

Seguem esta noite para Lisboa no comboio correio 25 mulheres condenadas a pena maior.

Parecem iminentes duas gréves importantes: a dos enfermeiros dos hospitais e a dos manipuladores de pão. O pessoal menor da Misericordia vai tambem reunir para tratar das suas reclamações já formuladas.

A Creche Maternal do Alto do Pina

O Conselho de Administração do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios que hoje reuniu sob a presidencia do sr. ministro do Trabalho resolveu que fosse aberta o mais breve possivel a creche maternal do Alto do Pina, importante obra que muito irá beneficiar as crianças pobres.

Os novos impostos

segundo as propostas de lei apresentadas hoje na Camara dos Deputados

E' criado o imposto sobre o valor das transacções. As taxas são de 10, de 5, de 3, de 2 por cento e de 1/2 por milhar. Incidem sobre contas dos hoteis, restaurantes, casas de bebidas e outros estabelecimentos, casas de espectaculos, transacções bancarias e da bolsa. Ha isenções, taxativamente expressas.

A contribuição industrial continua a ser de duas partes: taxa de 8 por cento e percentagem sobre lucros. A taxa de licença nunca poderá ser inferior a 10$00 nem superior a 100 contos. A taxa sobre lucros é de 10 por cento sobre o montante.

A contribuição predial passa a ser o sextuplo do lançamento de 1914.

Cria-se o imposto sobre a aplicação de capitais, sendo a taxa de 10 por cento. Ficam sujeitos ao imposto os rendimentos provenientes da posse de valores nacionais, que não sejam representados por capitais mutuados por meio de letras ou por outra forma de contracto.

A taxa de contribuição de juros passa a ser de 10 por cento da importancia do juro anual estipulado e é devida por cada fracção de mês.

Haverá um imposto pessoal de rendimento, incidindo sobre todos os cidadãos residentes no Continente e Ilhas Adjacentes. As taxas são de 11 a 25 por cento. Ha isenções.

A Conferencia de Genova

GENOVA, 28. — A delegação bolchevista ofereceu ontem, á noite um banquete á delegação alemã. — (H.).

GENOVA, 28. — O sr. Barthou vai amanhã a Paris falar ao sr. Poincaré e regressará a Genova na quarta-feira proxima. — (H.).

Em poucas linhas

Foi preso Alfredo Americo Ferreira, beco do Julião, 10, loja que num carro electrico furtou a corrente de ouro e o relogio no valor de 150 escudos a Antonio Maria Correia, rua Ilheira de Kionga, 27, 2.º

—Os tarapios entraram em casa de Silverio Gonçalves da Cunha rua Poço dos Dias donde levaram objectos de ouro com brilhantes no valor de escudos 3.560.

—Foi preso Samuel da Costa Nunes, largo da Graça, 91, que sendo empregado de Antonio Lobreiro de Carvalho furtou ao patrão um anel com brilhantes no valor de 260 escudos.

—Tambem foi detido Antonio Fernandes Ignacio largo do Intendente 29, 2.º que estando como moço de recado de Frederico casa de Almeida Duarte na rua Ivens 19, 3.º, lhe furtou leis aneis de brilhantes e dinheiro tudo avaliado em 750 escudos.

Uma greve forçada

Foi declarada pelo pessoal da Exploração do porto de Lisboa

Por qualquer motivo que não vem para o caso foram despedidos da Exploração do porto de Lisboa dois empregados, motivo porque o restante pessoal abandonou hoje o mesmo trabalho.

Em face de tal atitude o director de serviço intimou os manifestantes a abandonar o edificio porque o todo eles haviam sido dispensados, ainda mais irritou os ao mos.

A intimação não foi bem aceite e como os arcs entrassem a turvar-se foi o caso participado para o oficial de serviço na policia o qual por sua vez requisitou para o quartel do Carmo as forças necessarias da G. N. R. para manter a ordem.

Para o local seguiu um esquadrão de cavalaria da referida guarda e o piquete do Governo Civil que conseguiram fazer sair do edificio os operarios. Estes, em sinal de protesto resolveram declarar-se em greve.

A reconstrução financeira da Europa

não será possivelmente realisada pela Conferencia de Genova

A Europa fita interessadamente e impressionantemente Genova. Como o naufrago que no mar alto visse, balouçando-se nas ondas que ondulam e se alguem majestosamente por essa imensidade das aguas, o que quer que fosse que pudesse revelar-se-lhe como a derradeira esperança a que agarrar-se, como o ferido que calca e cinge o peito como procurando não deixar escaparem-se os ultimos alentos da vida, a Europa inteira, empobrecida, definhada, exhausta e desbaratada, vê, ainda na Conferencia de Genova, o elixir divino que ha de fazê-la ressurgir, reviver, rehabilitar-se.

Os homens de Estado de todas as nações — suas divindades, seus senhores e profetas — prometeram-lho.

Vencedores e vencidos, os grandes e os pequenos povos, as grandes e as pequenas nações, todos absolutamente todos dêle carecem.

E' justo, pois, diziam, que a ninguem seja regateado o direito de colaborar na sua preparação. Não haverá que recordar, que fazer reviver o passado sombrio e sangrento.

A paz reinará, definitivamente... em Varsovia.

Como toda a gente sabe, os Estados Unidos foram tambem convidados a irem a Genova para colaborarem na obra de resurgimento economico da Europa. Não aceitaram o convite. Isso não importa? — dir-nos-hão. Importa-nos, pelo menos, saber em que termos responderam ao convite:

«Devo communicar-vos que, depois de um exame profundo, nos foi absolutamente impossivel deixar de reconhecer que a conferencia proposta não é uma conferencia de caracter exclusivamente economico, visto que certos problemas, de cuja solução principalmente depende a aniquilação das principais causas da desordem economica, parecem estar excluidas dos trabalhos projectados; trata-se, portanto, de uma conferencia de caracter politico, em que os Estados Unidos não poderiam comparticipar utilmente».

Teriam razão de ser as previsões dos Estados Unidos?

Quer-nos parecer que sim. O ambiente em que internacionalmente, se tem vivido, não era de molde a o espirito da conferencia poder atingir aquela grando isenção, de claresa e grandesa e altruismo que era necessario pairasse no Palacio Real de Genova.

Um estudo consciente e perfeito da situação da Europa apenas se conseguirá quando todas as nações que a compõem estiverem convencidas de que a reabilitação de cada uma delas apenas será um facto quando, de todo, estiverem afastados os perigos de uma nova guerra, quando, na Europa, existir um verdadeiro espirito de pacifismo e de tranquilidade, quando no pensamento e coração da gente da Europa não se arreigarem quaisquer desejos de vingança, de desforra, quaisquer desmedidas ambições e designios mais ou menos excentricos.

E, só depois desse estudo se ter feito, qualquer trabalho, em prol do resurgimento economico da Europa, será possivel. Antes, não.

A conferencia de Genova é consequencia da conferencia de Cannes e, como tal, em Cannes foi organisado o programa que deveria ser seguido na presente conferencia.

Foi aceito, esse programa por todas as nações? Foi.

Foi seguido, foi respeitado por todas? Não.

Dai, o desperdicio do tempo, dai essas desnecessarias e inuteis manifestações de verbalismo com que apenas se conseguiu tornar mais sensivel e mais profunda a divisão que tem separados os povos do oriente dos do ocidente, que os tem transformado em inimigos irreductiveis.

A Europa desde ha muito que se encontra dividida em duas partes que mutuamente se combatem e hostilisam.

Dum lado manifesta se o regresso do militarismo, ao imperialismo: do outro presente-se o germinar nefasto de doutrinarismos negativistas, dos principios individualistas do «Contracto Social» que o «marxismo» adoptou e desenvolveu.

Estas correntes que se chocam, que se combatem definiram se claramente, flagrantemente em Genova.

Assim, a Russia principiou por conquistar uma situação que, préviamente, lhe assegurasse o reconhecimento do regimen que a governa. Fê-o desrespeitando o programa de Cannes, indo de encontro aos principios em que ele se baseava. Quando os aliados, pretendiam impôr condições para os bolchevistas ingressarem na comunidade internacional, são os bolchevistas quem condicionam a sua colaboração nos trabalhos da conferencia pelo seu prévio reconhecimento.

Conseguiram triunfar. Era sua a primeira batalha. A segunda travava-se, portanto, num pé de igualdade,

Dum lado a Inglaterra e a França exigindo o reconhecimento das dividas pela Russia e idemnisações pelos prejuizos causados pela nacionalização das propriedades de estrangeiros para se furtarem a auxiliarem os bolchevistas na reconstituição da Russia.

Do outro, a Russia e a Alemanha, de mãos dadas já, e apresentando-se para ganharem a segunda batalha.

Dir-se-hia que o valor dos combatentes se equilibrava, que se luctava com armas eguaes, que se possuiam forças identicas.

Um tratado surge inesperadamente, e, então que se compreende a grandeza dos erros praticados, e é, então apenas, que se principia a acreditar em que esta conferencia internacional poderia muito bem vir a transformar-se num verdadeiro fracasso.

Estamos nisto.

A conferencia ocupa-se, presentemente, na solução de mais este problema com que ninguem contava defrontar-se, entretanto, ha quem esperançadamente ainda aguarde os resultados da conferencia e ha quem, perdida a ultima esperança, volte mais uma vez os seus olhos para os recursos de que dispõem as suas terras e só nelas veja, quando bem aproveitados a unica solução

SPORT

NOTICIARIO

ASSOCIAÇÃO DE FOOT-BALL DE LISBOA

Comunicações oficiais

Reuniu hoje a Direcção da Associação em sessão extraordinaria.

Desafios para o dia 30 de abril:

Taça de honra — Vitoria contra União em Bemfica, ás 15 horas; juiz o sr. Albertino Gomes.

Bemfica contra Atletico em Bemfica ás 17 horas; juiz o sr. Francisco Nunes.

Provas Escolares de Foot-ball—Campeonato Geral.

Escolas inscritas para esta prova: Instituto de Pupilos—Casa Pia—Afonso Domingues—Azilo Maria Pia.

Hoje sexta-feira, pelas 21 horas efectua-se o sorteio para a elaboração do calendario dos desafios a realisar devendo seu inicio ter lugar no dia 3 de maio. Os jogos são disputados á americana sendo excluida a escola derrotada uma vez.

O valeroso team inglez «Civil Service» em Lisboa

Realisam-se a 11, 13 e 14 de Maio os grandes matchs internacionais que o team inglez Civil Service vem proporcionar ao numeroso publico do foot-ball que já possuimos. A iniciativa da vinda deste forte agrupamento deve-se ao Club Internacional e ao Sport Lisboa e Bemfica, que apesar dos grandes encargos, estão esperançados no exito dos jogos.

O Civil Service é um dos mais fortes teams que nos teem visitado, pois o seu record segundo elementos que possuimos, é notavel. Desde 1901 que o Civil Service se desloca e as suas tournées são sempre coroadas do maior exito.

Os jogos do Civil Service devem realisar-se no Campo do Stadium e no Campo Grande. O entusiasmo no nosso meio já é enorme

LUTA

IX Campeonato Internacional no Coliseu dos Recreios

Poucas noites tem havido no Coliseu dos Recreios como a de ontem. O entusiasmo foi imenso. Das lutas marcadas, todas satisfizeram o publico.

Deriaz venceu com o seu golpe predilecto Leon d'Angers, o portuguez Manuel Gonçalves venceu Roberti em força visto que por emquanto tem poucos conhecimentos, Fournier venceu Wilson e El Secundo venceu Buhionni.

Hoje realisam-se quatro lutas a saber: Fournier contra Charley, Ghyssens contra Leon d'Angers, Manuel Grilo contra Favre e o campeão espanhol contra Stroobants.

Pelo interesse que o publico está tomando é de prever hoje uma grande concorrencia.

CONCURSO HIPICO INTERNACIONAL

A primeira prova

Realisa-se no proximo domingo 30 a primeira prova do grande concurso hipico internacional, organizado pela Sociedade Hipica Portugueza, com valiosos elementos que o vão tornar excepcionalmente interessante. Domingo, 1.º dia; o programa é o seguinte: A's 15 horas, provas Ensaio e Discipulos. Total dos premios 280$00 esc. 1.º—Prova «Ensaio» (Civil Militar). Para cavalos ou eguas que não tenham ganho 50 escudos, em provas de obstaculos. 10 obstaculos, altura maxima 1 metro; Premios 280$00 Esc. 2.º—Prova «Discipulos» Para cavaleiros de idade inferior a 18 anos, 8 obstaculos altura maxima 1 metro; Premios: A Taça e objectos de arte. Na taça será gravado o nome do cavaleiro, do cavalo e da Escola a que pertence o discipulo. A Taça fica na posse da Escola até ao concurso seguinte, devendo ser entregue na séde da Sociedade Hipica, até oito dias antes, ficando definitivamente na posse da Escola cujos discipulos a ganhem por trez vezes.

Educação popular

O congresso de educação popular realisado ultimamente e vasto assunto do progresso social! Educar o povo melhora-lo moralmente, arranca-lo ao erro politico e economico em que vive, seria uma tarefa grandiosa, incomparavelmente benemerita. O povo é a eterna creança crédula e caprichosa que se deixa guiar por sugestões tantas vezes perigosas, de que ele é a unica e exclusiva vitima. Abrir-lhe a consciencia da sua propria força, leva-lo á compreensão clara dos homens e dos factos, fazer-lhe sentir o prestigio do trabalho, do respeito, da posição, da dignidade e do direito civil, educa-lo emfim, no sentido do aproveitamento das suas energias afectivas e morais, seria uma obra digna de um regimen que se chama democratico, e que por isto mesmo constituiria um dever de quantos influem na governação do paiz.

Infelizmente o congresso tratou muito ligeiramente o problema de educação popular. Confundindo a instrução com a educação, quasi se ocupou exclusivamente da primeira, não se notando, por fóra da educação fisica, teses que envolvessem preceitos educativos das massas populares, nem processos a adotar contra as causas que degradam a moralidade da gente humilde. Foi um congresso como muitos outros, em que se discurso, se discute e se vota numa vivacidade momentanea e esteril, á semelhança de uma candeia que se acende e a certa altura se apaga. Nasceu, morreu; não deixou de si memoria alguma.

E, todavia, o campo de acção em materia de educação popular, é amplo. Notemos algumas das vantagens que; para tal fim, poderiam pôr-se em pratica.

A conferencia publica obrigatoria nas grandes cidades. Conquistaram as classes operarias o dia normal de trabalho. Tão ciosas são desta conquista que sabendo de qualquer casa onde se trabalha uma hora a mais, logo protestam nos seus sindicatos, logo objectivam em publico o seu desgosto Mas saindo das suas fabricas e oficinas ao meio da tarde—o que fazem os operarios, durante tres ou quatro longas e preciosas horas? Pela maior parte—forçoso é dizê-lo—desperdiçam-as. Se alguns as aproveitam trabalhando, o regimen das oito horas é falso, e nada mais significa que a perturbação tecnica dos estabelecimentos industriais.

Mas a observação nos diz que grande numero de operarios gastam as sobras do seu tempo, passeando, ou estacionando, entregues a uma completa ociosidade. Podiam ser coagidos a assistir á conferencia publica, onde um professor serio e perfeitamente identificado na sua missão educativa, lhes ensinasse a linha de conduta que a moral impõe a todos os homens de bem. Estas conferencias deveriam ser publicadas na integra, não só para que se soubesse que especie de doutrina os iluminava, mas tambem para que os assistentes, depois de terem ouvido a voz do professor, a podessem ler impressa.

Outra vantagem de educação pratica seria obrigar quantos individuos andam na rua sem fazer nada, a aprender a ler nas escolas publicas; e quando provassem que sabiam ler, pregar com elas, pelo menos, durante uma hora, nas bibliotecas populares municipais que a camara do Porto custeia com dotações importantes, unicamente para clausuração literaria das moscas e das aranhas. Uma hora diaria de leitura escolhida, e indicada pelas luzes do bibliotecario, não seria coisa desprezivel como meio educativo.

Lembramos ainda o uso do cinematografo como agente de educação popular. Sendo actualmente um poderoso instrumento de degradação moral, onde em fitas de faca e alguidar e de gatunagem varia, se deseducam milhares de rapazes inexperientes—o cinematografo poderia converter-se num indicador admiravel de instrução e educação popular. A Casa Caldevilla Film convidou ha pouco o publico portuense a assistir a uma sessão das suas fitas no Salão da Trindade. Ali estivemos por convite dessa casa e ali constatamos o superior criterio que a direcção technica imprime aos seus trabalhos. Os aspectos mais belos do nosso paiz passaram no «écran» triunfantemente, na exhuberante florescencia que a abençoada terra de Portugal oferece aos olhos do forasteiro. Por este amoravel desenho do panorama portuguez, pela reducção do romance nacional e auctores moralistas, pela exhibição de scenas dramaticas de beleza e de arte—que fonte inexgotavel de seiva educativa é o cinematografo!

Poderiamos proseguir na indicação dos meios a empregar na educação do povo. Ha muitos. O principal, porém, seria a boa vontade e a dedicação dos homens de governo central e local. Se chegassem a compreender que por uma série de sucessos fatais, o nosso povo perdeu muito da sua antiga ingenuidade e da sua tradicional virtude; que a criminalidade, a mortalidade e a morbilidade são ao presente no nosso paiz mais intensas que ou fóra; e que os acontecimentos diarios de roubos e atentados deixam entrevêr o rebaixamento moral e educativo de uma camada importante do nosso povo;—de certo esses homens, por mais sêco que tenham o coração patriotico, não deixariam de se ocupar deste profundo e fundamental problema da educação popular.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

Bons touros pelo tipo e pela procedencia são os de domingo proximo. Toureiros dos mais festejados são os lidadores. Se com tal conjunto falhase o exito duma corrida, não valeria a pena á nossa empreza empregar esforços e fazer despezas grandes para levar á sua praça gado de lavrador afamado e toureiros colocados pelos seus meritos nas primeiras filas da tauromaquia portugueza.

No domingo, cavaleiros, bandarilheiros e forcados entender-se-hão com touros de João Coimbra. Bem acreditada está já esta ganaderia, mas recordemos que os seus touros são sempre esmeradamente tratados e que a bravura e nobreza tem sido os melhores motivos da boa fama de que goza o seu proprietario

Movimento da Bolsa

CAMBIOS

Praças	Cotações
Londres, cheque.	4 5/16—4 5/16
» 90 dias.	4 7/16— —
Paris, cheque.	1150— 1121
Suissa, cheque.	2417— 2521
Belgica, cheque	1068— 1095
Italia, cheque.	673— 691
Berlim, cheque.	48— 48
Holanda, cheque.	4787— 4929
Madrid, cheque	1910— 2007
New-York, cheque.	12573— 12915
Brazil, cheque.	— —
Austria, cheque.	1— 3
Noruega, cheque.	2372— 2443
Suecia, cheque	3258— 3356
Dinamarca, cheque.	2662— 2742
Libras	61$00 — 63$00

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

UMA EMBAIXADA

por ARTUR AZEVEDO

Minervino ouviu um toque de campainha, levantou-se do canapé, atirou para o lado o livro que estava lendo, e foi abrir a porta ao seu amigo Salema.

— Entra. Estava ancioso!

— Vim, mal recebi o teu bilhete. Que desejas de mim?

— Um grande serviço!

— Oh, diabo! trata-se de algum duelo?

— Trata-se simplesmente de amor Senta-te.

Sentaram-se ambos.

Eram dois rapagões de vinte e cinco anos, oficiais da mesma secretaria do Estado; dois colegas, dois companheiros, dois amigos, entre os quais nunca houvera a menor divergencia de opiniões ou sentimentos. Estimavam-se muito, estimavam-se deveras.

— Mandei-te chamar, continuou Minervino, porque aqui podemos falar mais á vontade; lá em tua casa seriamos interrompidos por teus sobrinhos. Ter-me-ia guardado para amanhã, na secretaria, se não se tratasse de uma coisa inadiavel. Ha de ser hoje por força!

— Estou ás tuas ordens.

— Bom. Lembras-te de um dia ter te falado de uma viuva bonita, minha visinha, por quem andava muito apaixonado?

— Sim, lembro-me... um namoro.

— Namoro que se converteu em amor, amor que se transformou em paixão.

— Quê? Tu estás apaixonado?!...

— Apaixonadissimo... e é preciso acabar com isto!

— De que modo?

— Casando-me; e tu é que has de pedi-la!

— Eu?!...

— Sim, meu amigo. Bem sabes como sou timido... Apenas me atrevo a fixá-la durante alguns momentos, quando chego á janela, ou a comprimentá-la, quando entro ou saio. Se eu mesmo fosse falar-lhe, era capaz de não articular três palavras. Lembras-te daquela ocasião em que fui pedir ao ministro que me nomeasse para a vaga do Florencio? Poz-me a tremer diante dele, e a muito custo consegui expôr o que desejava. E quando o ministro me disse: — Vá descançado, hei de fazer justiça — eu respondi-lhe: — Vossa excelencia, se me nomear, não chove no molhado! — Ora, se eu sou assim com os ministros, que será com as viuvas!

— Mas tu conhece-la?

— Estou perfeitamente informado: é uma senhora digna e respeitavel, viuva do sr. Perkins, negociante americano. Mora ali defronte, no numero 37. Peço-te que a procures imediatamente e lhe faças o pedido de minha parte. E's tão desembaraçado como eu sou timido; estou certo que serás bem sucedido. Dize-lhe de mim o melhor que puderes dizer; advoga a minha causa com a tua eloquencia habitual, e a gratidão do teu amigo será eterna.

— Mas que diabo! observou Salema — isto não é sangria desatada! Porque ha de ser hoje é não outro dia? Não vim preparado!

— Não pode deixar de ser hoje. A viuva Perkins vai amanhã para a fazenda da irmã, perto de Vassouras, e eu não queria que partisse sem deixar lavrada a minha sentença.

— Mas, se lhe não falas, como sabes que ela vai partir?

— Ah! como todos os namorados, tenho a minha policia... Mas vai, vai, não te demores; ela está em casa e está sosinha; mora com um irmão empregado no comercio, mas o irmão saiu... Deve estar tambem em casa a dama de companhia, uma americana velha, que naturalmente não aparecerá na sala, nem estorvará a conversa.

E Minervino empurrava Salema para a porta, repetindo sempre:

— Vai! vai! não te demores!

Salema saiu, atravessou a rua e entrou em casa da viuva Perkins.

No corredor, poz-se a pensar na exquisitice da embaixada que o amigo lhe confiara.

— Que diabo! reflectiu ele; não sei quem é esta senhora; vou falar-lhe pela primeira vez... Não seria mais natural que o Minervino procurasse alguem que a conhecesse e o apresentasse?... Mas, ora adeus!... eles namoram-se; é de esperar que o embaixador seja recebido de braços abertos.

Alguns minutos depois, Salema achava-se na sala da viuva Perkins, uma sala mobiliada sem luxo, mas com certo gosto, cheia de quadros e outros objectos de arte. Na parede, por cima do divan de *reps*, o retrato de um homem novo ainda, muito louro, barbado, de olhos azues, languidos e tristes. Provavelmente o americano defunto.

Salema esperou uns dez minutos.

Quando a viuva Perkins entrou na sala, ele agarrou-se a um movel para não cair; paralisaram-se-lhe os movimentos e não poude reter uma exclamação de surpresa.

Era ela! ela!... a misteriosa mulher que encontrara, havia muitos meses, num bonde das Laranjeiras, e meigamente lhe sorrira e o impressionara tanto e desaparecera, deixando-lhe no coração um sentimento indizivel, que nunca soubera classificar direito.

Durante muitos dias e muitas noites a imagem daquela mulher perseguiu-o obstinadamente e ele, debalde, procurou tornar a vê-la nos bondes, na rua do Ouvidor, nos teatros, nos bailes, nos passeios, nas festas. Debalde!...

— Oh! disse a viuva, estendendo-lhe a mão muito naturalmente, como se o fizesse a um velho amigo; era o senhor?

— Conhece-me? balbuciou Salema.

— Ora essa! Que mulher poderia esquecer-se de um homem a quem sorriu? Quando aquele dia nos encontrámos no bonde das Laranjeiras, já eu o conhecia. Tinha-o visto uma noite no teatro, e não sei porquê... por simpatia, creio... preguntei quem o senhor era, não me lembro a quem... lembra-me que o puzeram nas nuvens. Porque nunca mais tornei a vê-lo?

Diante do desembaraço da viuva Perkins, Salema sentiu-se ainda mais timido que Minervino — mas cobrou animo e respondeu:

— Não foi porque não a procurasse por toda a parte...

— Não sabia onde eu morava?

— Não; supuz que nas Laranjeiras. Vi-a entrar naquele sobrado... e debalde passei por lá um milhão de vezes, na esperança de tornar a vêla.

— Era impossivel; aquela é a casa de minha irmã; só se abre quando ela vem da fazenda. O sobrado está fechado ha oito meses. Mas sente-se... aqui... mais perto de mim... Sente-se e diga o motivo da sua visita.

De repente, e só então, Salema se lembrou do Minervino.

— O motivo de minha visita é muito delicado; e...

— Fale! diga sem rebuço o que deseja! seja franco! imite-me!... Não vê como sou desembaraçada? Fui educada por meu marido...

E apontou para o retrato.

— Era americano; educou-me á americana. Não ha, creia, não ha educação como esta para salvaguardar uma senhora. Vamos! fale!...

— Minha senhora, eu sou...

Ela interrompeu:

— E' o senhor Nuno Salema, orfão, solteiro, empregado publico, literato nas horas vagas, que vem pedir a minha mão em casamento.

Ela estendeu-lhe a mão, que ele apertou.

— E' sua! Sou a viuva Perkins, honesta como a mais honesta, senhora das suas acções e quasi rica. Não tenho filhos nem outros parentes, a não ser um irmão, educado na America por meu marido, e uma irmã fazendeira, igualmente viuva. Não percamos tempo!

Salema quiz dizer alguma coisa; ela não o deixou falar.

— Amanhã parto para a fazenda da minha irmã. Venha comigo, á americana, para lhe ser apresentado.

Nisto entrou na sala, vindo da rua, apressado, o irmão da viuva Perkins, um moço de vinte anos, muito correcto, muito bem trajado.

— Mano, apresento-lhe o senhor Nuno Salema, meu noivo.

O rapaz inclinou-se, apertou fortemente a mão do futuro cunhado e disse:

— *All right!...*

Depois inclinou-se, de novo, e saiu da sala, sempre apressado.

— Mas, minha senhora, tartamudeou o noivo, muito confundido, imagine que o meu colega Minervino, que mora ali defronte...

A viuva aproximou-se da janela. Minervino estava na dele, defronte, e, assim que a viu, deu um pulo para traz e sumiu-se.

— Ah! aquele moço?... Coitado! não posso deixar de sorrir quando olho para ele... E' tão ridiculo

— Mas... ele... tinha-me encarregado de pedi-la em casamento, e com o seu namoro á brasileira!... eu entrei aqui sem saber que a vinha encontrar...

— Deveras?! exclamou a viuva Perkins.

E ei-la acometida de um ataque de riso:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

E deixou-se cair num divan:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Salema aproximou-se da viuva, tomou-lhe as mãosinhas, beijou-as e preguntou:

— Que hei de dizer ao meu amigo?

Ela ficou muito séria e respondeu:

— Diga-lhe que quem não tem boca não manda soprar.

FIM

A CAPITAL

Diario Republicano da Noite

N.º 4066 — 12.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5

LISBOA — Sabado, 29 de Abril de 1922

Telefone n. 2293 — Endereço tel. CAPITAL — Oficina de Impressão — Rua da Bica, 71 — Preço 10 centavos

As propostas do sr. Durão

O sr. ministro das Finanças apresentou ontem ao Parlamento as suas anunciadas propostas. Se o fim de s. ex.ª era provocar o pavor, deve estar absolutamente satisfeito. As suas propostas excedem tudo o que se receava. E' mais do que uma rede varredoura, é um tufão, um ciclone devastador, qualquer coisa como êsses flagelos de Deus de que o cabeludo Atila se tornou inexoravel agente pondo-se á frente da maior invasão dos barbaros.

As propostas do sr. Portugal Durão são duras, são durissimas. O sr. ministro das Finanças quiz justificar completamente o estranho superlativo que o seu apelido representa. Não ha vestigios de dó nem de piedade para o contribuinte. O sr. Portugal Durão investe contra êle com uma furia, com uma violencia, que não sabe encontrar nas suas energias para reprimir e castigar a especulação infrene que entre nós campeia. O seu proposito é esfolar o contribuinte, que a especulação desenfreada já esmagou. A sua ferocidade dir-se-ía exercer-se já sobre um cadaver.

E conseguiria o sr. Portugal alguma coisa com as suas propostas, caso elas fossem aprovadas?

Conseguia realmente alguma coisa. Conseguia agravar ainda a situação em que positivamente nos debatemos com a morte.

O sr. Portugal Durão veiu dizer á Camara que não podia arcar com a questão cambial. O sr. Portugal Durão veiu dizer á Camara que não sabe como coibir a especulação. O sr. Portugal Durão veiu dizer á Camara que mais de 80 milhões de libras-ouro emigraram para o estrangeiro, mercê da mais abjecta falta de patriotismo de que ha memoria. Para resolver qualquer destas questões, para dar qualquer sanção a êstes factos, o sr. ministro das Finanças declara-se impotente.

Com quem êle vai medir fôrças é com o desgraçado contribuinte português, prendendo nas suas malhas todos os que ganharem com o seu trabalho qualquer quantia superior a 1500 escudos anuais. Mil e quinhentos escudos não representam hoje mais de 80 ou 90 mil réis antigos, o que já não era, nem é, a pobreza, mas a miseria.

E para quê? Para que se vai onerar a propriedade com impostos que representam mais do sextuplo em relação a 1914, quando a maior parte do rendimento dahi obtido não vai além do de 1914? Para que se onera tudo, para que se tributa tudo, para que se esfola toda a gente? Porventura o sr. Portugal Durão não compreende que está invertendo completamente os termos do problema?

Quantos mais impostos lançar, mais encarecerá a vida; quanto mais encarecer a vida, mais aumentará a circulação fiduciaria; quanto mais aumentar a circulação fiduciaria, maior será a depressão cambial, a cujos extremos limites estamos chegando. Ora o mal está na depressão dos cambios. Ninguem o ignora, nem mesmo o sr. Portugal Durão. As suas propostas representam, pois, além de uma violencia, um absurdo.

A solução é outra. O que é preciso é melhorar a situação cambial. Como? Pela reconquista do credito. Para isso, se tratou de assegurar a ordem publica. Para isso, se procura manter a estabilidade ministerial. Para isso, se pode e deve reduzir as despesas publicas, sem tirar o pão a ninguem, mas acabando com todos os escandalos, todas as *gaspillages*, todos os abusos, todos os roubos. O sr. Portugal Durão, tão decidido para a tarefa de esfolar o contribuinte esmagado, não pensa em nada disto.

Pois é nisto que se precisa pensar. Nós temos que readquirir o credito. Temos, para isso, imensos recursos materiais, e temos tambem os recursos morais, porque o que estão fazendo os nossos aviadores prova que somos uma raça que não morre. Dessa reconquista do credito virá a melhoria cambial: de melhoria cambial, o embaratecimento da vida e a possibilidade de desenvolver a nossa agricultura, a nossa industria, tudo o que pode e deve assegurar-nos mananciais de riqueza. Tudo o que fôr sair desta orientação é provar uma incapacidade absoluta, a par de uma lamentavel desenvoltura de espirito.

O sr. Portugal Durão não sabe restabelecer o credito, tendo atraz de si uma sociedade pacificada, um povo que trabalha e que tem fé? Então o sr. Portugal Durão faria bem em deixar o lugar a outro.

A viagem do sr. Millerand

não tem sido isenta de manifestações comunistas

PARIS 29. — Alguns jornais dizem que se deram manifestações comunistas em Tunis durante a visita de Millerand tendo a policia preso o director dum jornal arabe, dois professores e o secretario da União dos ferroviarios. — (R).

AS QUESTÕES INSOLUVEIS

A edade das mulheres

PARA BERTHA DE BIVAR ESCREVE O SIGNATARIO DUAS LAUDAS ONDE SE DEBATE UM IMPORTANTE PROBLEMA ARITMETICO

Minha senhora — Esta carta é para si. Mando-lha registada para que o destino a não perca pelo caminho. Faltam cinco minutos para as cinco horas. Tenho apenas cinco minutos para conversar comsigo. E, entretanto, é necessario que nestes cinco minutos, contados religiosamente pelos ponteiros do meu relogio, nós encaremos com serenidade e com filosofia aquilo a que eu poderei chamar o seu problema aritmetico. Eu sei, minha senhora, — de resto, já o disse La Bruyère — que custa pouco ás mulheres dizerem o que não sentem e que custa ainda menos aos homens dizerem o que sentem. A primeira hipotese não é evidentemente a sua; mas a segunda é incontestavelmente a minha. Por consequencia, conversaremos neste instante como dois bons amigos e, se um de nós tiver de perdoar — não serei eu, não — que o faça sem remorso e sem rancor. O nosso caso é simples como todas as coisas infinitamente complicadas. Conta-se em duas palavras. Cabe, por assim dizer, na pequenina folha de uma rosa. Escute: Lembra-se quando ha pouco tive a honra de a entrevistar no seu camarim de S. Carlos? Pois bem. Quando publiquei essa entrevista, fiz uma leve alusão á sua idade — sem a revelar entretanto. Fiz mal? Fiz bem? De começo, recordei-me de uma frase que li e não sei onde, em que se dizia, discretamente «que o maior agravo que se podia fazer a uma mulher seria pregar-lhe com um alfinete nas costas a sua certidão de baptismo» — e imaginei que tinha feito bem. Mas, depois, refleti, considerei com os meus botões e com a sua filosofia — e hoje reconheço que fiz muito mal. *Mea culpa. Mea maxima culpa.* Comprometi-a. O meu silencio não foi apenas uma reticencia inutil: foi uma falta imperdoavel. Eu devia ter dito claramente, nitidamente, decididamente: m.me X (era V. Ex.ª, minha senhora) tem tantos anos, tantos meses, tantos dias, tantas horas, tantos minutos, tantos segundos. Não o disse. E' o meu pecado. E o grande, o maior pecado da minha entrevista. Reconheço-o. Não quero justificá-lo. Quero estender a minha mão á palmatoria da sua mão — uma menina de cinco olhos: os seus dedos. Quero que V. Ex.ª me castigue como uma professora que castigasse um aluno — por não saber fazer uma simples conta de somar. Sim, minha senhora, porque a verdade é que eu, ao esconder perante o publico a sua idade, envelheci-a sem querer. O publico dirá: «Ah! sim! Uma mulher que não revela a sua idade é muito mais velha ainda...». Mas não, não. A culpa não foi sua. A culpa foi minha, que não cheguei a preguntar-lha. Sabe porquê? Porque o afirmou o velho Fontenelle: «Nunca preguntem a uma mulher os anos que ela tem». E eu, que já li Fontenelle, não tive coragem de preguntar os anos que V. Ex.ª tinha. Mas como se justifica então se não disse a sua idade, se não cheguei mesmo a procurar-lha — como se justifica então, na minha entrevista, o facto de me ter referido a ela? E' uma pregunta naturalissima que eu adivinho no seu espirito, que eu pressinto já nos seus labios, como um ponto de interrogação — feito simplesmente de carmim. Oiça. Eu tinha de arranjar, pelo menos, um defeito, na minha entrevista: ahi o tem. Assim procurei o defeito menor, e o defeito menor que podia encontrar foi êsse. Não ter resolvido o problema da sua idade. Ainda mo ha de agradecer, juro-lhe. E o mais interessante é que êsse defeito: é a maior virtude da entrevista. Aquilo que eu fiz por ignorancia, por desconhecimento, apenas pelo desejo de fazer uma frase, apenas — dirá V. Ex.ª — apenas pela vaidade de citar Fontenelle — foi uma obra de ponderação, de reflexão, de nitidez, de matematica. Mas não foi obra minha, não: foi do acaso. Foi o acaso que mais uma vez salvou uma mulher — e comprometeu um homem. Acredite. Se eu tenho revelado a sua idade, até a uma aproximação de uma decima milionesima de segundo, eu tinha, afinal, comprometido muito mais a sua juventude do que escondendo-a, como sucedeu, porque assim todos nós a imaginamos muito mais nova do que V. Ex.ª é. Creia. Muito mais, muito mais. Bom. Os cinco minutos do meu relogio passaram. Ha muito. Paciencia. V. Ex.ª será a primeira a perdoar-me — e a sorrir desta carta. Emfim, o que se conclue de tudo isto é que, como no afirmou Stahl, emquanto houver mulheres ha de haver coisas novas a dizer debaixo do sol — ou da sua sombrinha de rendas. O sêlo desta carta é o beijo, que eu deposito religiosamente na sua mão. — De V. Ex.ª, at.º, venerador, — *Luiz de Oliveira Guimarães.*

O que em Inglaterra se pensa de politica portugueza

Sem comentarios desnecessarios traduzimos do «African World», de Londres:

«Se não fossem as dificuldades que já incidem violentamente sobre os comerciantes estrangeiros a dentro das fronteiras portuguesas, algumas das situações em Portugal criadas pelas mudanças quasi continuas de Governo em Lisboa, seriam divertidas e excelentes para uma opereta, mas irrisorias como manifestação de vitalidade no seio de uma nação europeia. A ultima das manifestações de estreiteza de vistas, resultante da incompetencia dos funcionarios de uma administração que muda constantemente, é a imposição de tarifas pesadas e especiais sobre todos os barcos mercantes estrangeiros, com o fundamento de protecção á navegação nacional. Tendo probabilidade de ser um decreto muito para lastimar, priva o país das vantagens naturais que possue por se encontrar directamente no caminho oceanico do norte da Europa para Africa, para a America do Sul e para o Oriente e vai actuar em beneficio do desenvolvimento dos portos espanhois de Vigo e de Cadiz, desenvolvimento esse de que Portugal tem ciumes, mas para o qual coopera cometendo o seu suicidio. Este facto é tipico dos decretos recentes que de uma maneira inepta interferem com o comercio maritimo normal. Os nossos comerciantes pouco teem a esperar, visto que a experiencia lhes ensinou que a resposta habitual do nosso Governo é a de que o volume do comercio entre a Gran Bretanha e Portugal não justifica a intervenção.

Na situação presente a unica esperança que existe é a de que os outros paises afectados exercerão energicas represalias provocando assim que esse decreto seja revogado. Mas a estabilidade dos negocios portugueses — com a consequente paragem da promulgação de decretos de vistas tão curtos — nunca foi, como agora, tão urgente e necessaria.

Os mutilados da Grande Guerra

Quando se olhará para eles com a atenção que lhes é devida pelos poderes publicos?

Ninguem ignora, a ninguem é licito ignorar que existem algumas centenas de mutilados ou estropiados da Grande Guerra. Mas o que provavelmente se não sabe bem é a situação em que a maior parte deles se encontra. Existe um grande numero que por motivo dos gazes e de outras causas contrairam a tuberculose pelo que foram presentes á Junta Medica do Hospital militar de Lisboa que os julgou incapazes de todo o serviço activo. Foram pensionados pela Comissão de Assistencia aos Militares tuberculosos que lhes dá, a cada um, trinta escudos por mez!

Nesta aflictiva situação se debatem aqueles que se inutilisaram no cumprimento de um dever. E se não fossem os auxilios particulares que podem eventualmente receber, decerto desde muito todos teriam morrido literalmente de fome.

Se estes militares foram isentos definitivamente é irrecusavel o direito que tem a ser reformados, percebendo mensalidades que lhes permitam viver com a decencia indispensavel aqueles que pelo seu paiz arruinaram o melhor da sua existencia.

Não basta apenas glorificar esquecendo os glorificados depois de se evocarem para girandolas de eloquencia. Não está certo. Menos palavras e um pouco mais de actos, será sem duvida preferivel. E esses actos que venham quanto antes para se evitar uma vergonha que, como todas as vergonhas colectivas vem apenas ferir o Regimen.

Rectificação

Procurou-nos o sr. Joaquim do Espirito Santo para nos dizer ser inteiramente alheio ás afirmações que o sr. João de Castro fez numa entrevista publicada ha tempos no nosso jornal.

PAGAR E BUFAR!...

IMPOSTOS NOVOS NA VIDA VELHA

BREVISSIMA ANALISE DA REFORMA TRIBUTARIA APRESENTADA AO PARLAMENTO PELO SR. MINISTRO DAS FINANÇAS

Vão sanear-se os orçamentos. São êstes os termos com que o sr. ministro das Finanças anuncia á Nação um agravamento tributario. Diz êle que nas despesas não podem realizar-se reduções imediatas. Evidentemente! E a prova está em que o Governo se não privou de mandar para Genova uma delegação mais numerosa que a das grandes potencias, — e toda ela paga em bom e abundante metal sonante aurifero. Assim é que é dar-lhe!

Diminuiram as receitas, diz o Governo. E diminuiram porque a reforma tributaria não acompanhou a desvalorização da moeda. O que é preciso é actualisar. O Estado passa, pois, a imitar o merceiro, que subiu nas cebolas, *para actualisar*. O consumidor tem pago, á custa da barriga. Chega agora a vez ao contribuinte, que ha de esportular, a bem ou a mal, as custas dos processos-crimes das delapidações dos dinheiros publicos.

Não se trata de um sacrificio insuportavel, comenta o sr. ministro das Finanças, no seu luminoso relatorio. Pois já se vê que não. Pede-se apenas ao pobre que dê licença que o Estado o precipite na miseria e quanto ao rico que consinta em ser pobre.

Havemos de examinar tudo isto, com vagar... e geito. Entretanto, passemos uma vista de olhos pelo articulado das propostas, não com o proposito de extrair delas um libelo acusatorio, mas somente no intuito de esclarecer alguns, poucos, dos muitos pontos obscuros das locubrações ministeriais.

Cria-se um tributo novo, que é o «Imposto sobre o valor das transacções». Este — diz o sr. Portugal Durão — será muito produtivo e suprirá, em grande parte, as necessidades do Tesouro. Acreditamos piamente. Apenas verificamos, pela ligeira leitura da proposta, que vai contribuir para a elevação do custo da vida. E se é este — como realmente [illegible] — o grande cancro da economia publica, não nos parece que concorra para manter aquela tranquilidade, que tão necessaria é á sociedade portuguesa. Se a fome é má conselheira, aumentá-la é loucura. Entretanto, parece ser êsse o empenho dos que se alcandoram nos ninhos de aguia do Terreiro do Paço.

O «Imposto sobre Transacções» é uma rede varredoira da economia nacional. Vejam êste artigo, que é o 5.º da proposta de lei:

«Nas mercadorias importadas e despachadas para consumo, o imposto recae sobre o custo da mercadoria, acrescido de todos os encargos que a oneram até á sua entrega ao importador, á saida da alfandega.»

Desgraçadamente, o paiz é deficitario em muitos artigos da alimentação publica, como arroz, bacalhau, feijão, batata. Exemplifiquemos:

O importador despacha na alfandega uma partida de batata, que lhe ficou a 80 centavos o quilo. Tem que pagar mais o «Imposto sobre a transacção». Resultado: um quilo de batata chegará ao consumidor por um preço duplo do actual... e ainda é favor!

Mas mais ainda. O merceiro terá de pagar imposto pelo apuro das vendas. Todos os generos da alimentação publica de primeira necessidade sofrerão assim um acrescimo de custo, que é impossivel de calcular até onde chegará. O merceiro fica-se a rir, é claro. Até gosta! Terá um pretexto, aparentemente legitimo, para explorar o consumidor, e é isso que êle quere e lhe convem. Quem pagará não será êle, afinal; seremos todos nós, consumidores, já tão castigados pela carestia geral e com a perspectiva futura da morte lenta por insuficiencia de alimento. Não temos grande compaixão dos velhos, como nós, que êsses já viveram. Mas as crianças! Que paiz de miseria fisiologica nós estamos a fabricar!

Vejamos a contribuição predial. Chama-se assim, mas é êrro. Porque ha duas contribuições prediais e não apenas uma. Ha a licença para exercicio da industria e a propria industria. E' favor haver só duas. Podiam-se inventar quatro, acrescentando mais duas verbas, uma para *antes* do exercicio da industria e outra para *depois* dêle terminado. Aproveite a lembrança, sr. ministro das Finanças!

Ha isenções. São curiosas. Obedecem, manifestamente, ao criterio de que é inutil tributar a miseria. Mas a pobreza não escapa. Exemplos:

Não são isentos:

a) — Os guarda-livros;

b) — As modistas, mesmo aquelas que, sendo apenas operarias habilidosas, costurem no domicilio;

c) — As insignificantes industrias domesticas, que aliviam a vida cruciante de tanta familia que teima em viver honestamente.

Fiquemos por aqui. Ha mais, mas nós, por enquanto, apenas citamos exemplos.

A proposta incita, portanto, a dois expedientes, para se poder viver:

Se é mulher, não trabalhe e prostitua-se;

Se é homem, dê em ladrão.

Ambas estas industrias estão naturalmente isentas da contribuição industrial.

A contribuição predial será seis vezes superior á da de 1914. Isto é tão simples como a propria simplicidade. Praticamente, resultará o seguinte:

a) — Se o proprietario [illegible] carrega no inquilino;

b) — Se a lei o não deixa fazer, não paga.

Ora, o inquilino não pode pagar seis vezes mais do que pagou em 1914. Ninguem pode, nem mesmo o sr. ministro das Finanças, apesar de ser um dos grandes funcionarios que recebe em ouro os seus vencimentos. Se não pode, não paga; onde não ha... E não pagando, ao proprietario só resta um recurso: abandonar o predio ao Estado. E eis aqui como o sr. ministro das Finanças descobriu o processo de instituir em Portugal o Bolchevismo do Estado.

Quanto ao imposto pessoal de rendimento, é, realmente, um golpe de genio. Todos pagam, excepto o Chefe do Estado, os ministros e os parlamentares. Ou não fossem êles que hão de continuar a fazer-nos o favor de nos governar! E não se paga pouco. O imposto marcha em escala ascendente, desde 11 até 35 por cento. E não é preciso ganhar muito para ficar sob o dominio do imposto. Qualquer coisa serve. Quem ganha dez tostões (dez tostões, que fartura!...) paga 11 por cento. E quem tiver um rendimento de mil contos paga 35 por cento. De modo que, relativamente, paga muito mais, imensamente mais, o miseravel que gosa os dez tostõesinhos, do que aquele que vive á grande com mil contos anuais.

Fechemos aqui o artigo. Não dá mais o espaço. Mas havemos de continuar, e o melhor e mais vistoso das propostas ainda está por analisar.

O CONFLICTO ESCOLAR

que o sr. ministro da Instrução provoca com uma inoportuna transferencia

O caso da transferencia para a Universidade de Lisboa de um professor da similar de Coimbra, é realmente curioso. O professor transferido tinha em tempos feito um concurso para professor em Lisboa não tendo sido admitido. Foi o porem em Coimbra e o sr. ministro da Instrução pretende agora transferi-lo para a cadeira de psiquiatria regida até, á sua morte pelo notavel homem de sciencia dr. Julio de Matos. O corpo docente de Lisboa, usando de prerogativas que ninguem se lembraria de disputar-lhe não viu, nem podia ver com indiferença um acto que é no fundo uma simples inversão de atribuições e afirma demitir-se em massa se a decisão do sr. ministro da Instrução tiver probabilidades de ir por diante.

Caso grave e que parece por emquanto irreductivel. Não é possivel que em casos desta natureza se vá de encontro ás decisões duma faculdade que, opondo-se dentro das suas atribuições a esta invasão do poder, não faz mais do que zelar a sua dignidade profissional.

A cabeça larga e ausente que de longe pode insuflar esta decisão ministerial mesmo por muita simpatia para com o nosso bom amigo dr. Manuel Coroça que a tratou e porventura a salvaria, — não pode nem deve continuar emiscuindo-se sobre este caso. Seria prudente que se retirasse discretamente.

Pois não é verdade?

Historia do Brazil

Na Universidade Livre, Praça Luiz de Camões, 46, efetua o sr dr. Antonio Ferrão amanhã, domingo, a 2.ª conferencia da serie sobre Historia do Brazil, tratando do periodo que vai do descobrimento de Pedro Alvares Cabral até á criação do Governo Geral, (1500 a 1548).

AS LEIS

A "depuração,, do Exercito

OS «EVANGELISTAS» TRAZEM EM AUXILIO DA SUA IDEIA A PUBLICAÇÃO DA LEI 1244 EM ORDEM DO EXERCITO PARA LHE DIFICULTAREM A REVOGAÇÃO

Somos informados do que deve ser publicada hoje a Ordem do Exercito mandando cumprir a lei 1244 lei que foi arrancada por um «guet-apens» e que mercê doutro «guet-apens» se vae publicar e efectivar agora.

Essa ordem traz, segundo nos dizem todas as demissões e reformas que a lei tão debatida comporta.

Para o proseguimento da nossa forte campanha pouco nos importa que a lei seja posta em execução. Combatiamos uma monstruosidade que se pensava levar a efeito; combateremos agora um aborto que como tantos outros será necessario revogar e deverá ser iniludivelmente revogado cu mais tarde ou mais cedo.

Entretanto, — o que é facto para frisar — é a rapidez com que a lei vem em Ordem do Exercito sendo do dominio de toda a gente que o assunto de que ela mais especialmente trata está pendente duma decisão do Parlamento. Claramente se reconheceu:

1.º — Que os elementos evangelistas tem todo o empenho em dificultar a revogação das leis 1040 e 1244, tornando as leis executadas, aumentando para sua maior conveniencia, a barafunda do exercito.

2.º — Que os elementos evangelistas não teem a menor consideração pelos trabalhos parlamentares afectando ignorar que as leis 1040 e 1244 vão ser modificadas irrevogavelmente pelas duas casas do Congresso.

3.º — Que os elementos evangelistas não cessam a sua tarefa de odio e de retalieções indiferentes da opinião publica que os julga e que já os condenou.

Mas como nós partimos da opinião convicta de que as leis 1040 e 1244 com que se pretende «depurar» o Exercito, não irão por diante, continuamos no nosso rol que já vai bastante interessante... e elucidativo.

Alcino da Costa Machado, tenente-coronel de infanteria. Sendo este oficial segundo comandante de infanteria 8, quando foi proclamada a monarquia, assumiu o comando do regimento em substituição do comandante que deu parte de doente, tendo recebido e transmitido todas as ordens emanadas do comando da divisão, que era constituido por oficiais colocados ali pela Junta governativa ou que a ela tinham aderido. Fez cumprir todas essas ordens, com um «trop de zele», bem conhecido... Não sofreu coisa alguma... felizmente para ele e para o Regimen que tem ali mais um dos nossos...

Rui Osorio de Rebelo Cardoso da Fonseca Castro de Valdoleiros, capitão de infanteria. Comandou uma companhia de infanteria 29 que de Braga marchou para Estarreja afim de combater as tropas republicanas. Dizem, os que o acompanharam, que se portou como um valente... Não foi punido. Encontra-se na efectividade do serviço, e acumula com o professorado no liceu de Braga.

Guilhermino da Purificação Mendes tenente de infanteria. Este oficial comandou uma companhia que de Viana do Castelo marchou para Estarreja onde combateu contra as tropas republicanas. Não teve castigo algum, e com isso nos congratulamos. Ora o que não é justo é que sob o seu comando foram como subalternos os alferes Ludorico Rosas, Avelino Gonçalves Geraz e Luiz Tavares, sendo punidos os dois primeiros com a reforma e o terceiro igual sorte lhe vai acontecer com a lei 1244! Nem a moralidade do sapateiro de Braga se aplicou...

José de Andrade Novais alferes de infanteria. Este oficial comandou uma companhia que saindo de Braga marchou para a Regua e Lamego onde se bateu com as tropas republicanas. Esta companhia levava como subalternos os alferes Manuel Casimiro de Faria Vasconcelos, Sergio Candido Lopes dos Santos, Silvestre Gomes da Cunha e José de Oliveira Bastos. Os alferes José de Andrade Novais, Manuel Casimiro de Faria Vasconcelos e Sergio Candido Lopes dos Santos foram demitidos, o alferes Silvestre Gomes da Cunha foi reformado, o alferes José de Oliveira Bastos nenhum castigo sofreu!!! A que obedeceu tal criterio? A empenhos? A vinganças? Nada disso. Todos cometeram egual delito, mas a Justiça é o que se vê...

Antonio de Oliveira Rodrigues tenente de infanteria. Comandou uma força de infanteria 3 encarregada de evitar o desembarque de tropas republicanas entre Aife e Montedor. Cumpriu religiosamente a sua obrigação... Não foi punido! E' dos nossos...

[illegible] de hoje:

O tenente Herminio Barbosa é uma das mais brilhantes figuras do Exercito.

Bateu-se nas campanhas de Africa. Foi um dos herois da Grande Guerra, em França. Ornam-lhe o peito as mais gloriosas condecorações.

Possue a Torre e Espada, do Valor, da Lealdade e do Merito. Tem duas Cruzes de Guerra.

Reparem bem os leitores: duas Cruzes de Guerra.

Alem disso, ostenta a medalha de [illegible] ns serviços, a Medalha da Victoria, a medalha de prata de exemplar comportamento, a medalha comemorativa das Campanhas e do 9 de Abril e distintivo do Valor Militar e inumeros louvores, um dos quais por [illegible] praticado, em companhia, actos de que resultaram beneficios para a Patria e para a Humanidade.

Pois bem... Este homem, que tanto honra o Paiz e tanto lustre dá ao Exercito, vai ser posto á margem pela iniqua e monstruosa lei 1244.

E isto, ao cabo de vinte e quatro anos de bons serviços, com a saude completamente arruinada na defesa da Patria, e tendo mulher e nove filhos.

Se este quadro não revelar, não indignar, não levantar todo o Paiz em um movimento de protesto — é porque, então, já neste Paiz não existem nem principios de justiça nem sentimentos de piedade.

A missão portugueza para o novo Convenio luso-transvaliano

Como se sabe já chegou á Cidade do Cabo, tendo imediatamente seguido para Lourenço Marques a missão portugueza encarregada de negociar o novo convenio com a União. A missão, que fez viagem da Europa no «Arnudl-Castle» deixou ligeiramente incomodado de saude, em Cap-Town o general Freire de Andrade, que se reunirá aos seus colaboradores logo que se ache restabelecido.

O general Freire de Andrade tendo sido entrevistado pela Reuter, expoz que o objectivo da missão era negociar a nova Convenção. Declarou que a presente situação não mostrava tensão de relações mas apenas o reconhecimento, por ambas as partes, que a Convenção existente não satisfazia e estava convencido que se havia de chegar a um novo acordo amigavel.

A missão deve demorar-se na Africa do Sul quatro meses.

Mil libras esterlinas por mez

O nosso colega «O Mundo» refere-se hoje em editorial á vastissima representação diplomatico-militar em tres ou quatro capitais europeias que nos leva o melhor de um milheiro de libras todos os meses, justamente no momento em que mais se faz sentir a necessidade da compressão das despesas e em que o cambio está abaixo de 5.

Os governos anteriores reduziram todas as despesas de representação lá fóra, acabando por eliminar muitos dos representantes. O actual Governo não só manteve os anteriores como ainda criou mais adidos, mais diplomatas, mais oficiais em missão no estrangeiro, mais comissões nebulosas e vagas egualmente no estrangeiro.

Não se percebe. Não se compreende.

Critica literaria

Estando em via de reorganisação a secção da critica literaria neste jornal, apenas se farão referencias a livros de que nos tenham sido enviados dois exemplares.

Theatros e Cinemas

Primeiras representações

S. Carlos—«Os Tubarões», 3 actos de Nicodemi, tradução de Mario Duarte e Alberto de Moraes.

A empresa do teatro de S. Carlos no intuito certamente de satisfazer compromissos tomados, aproveitando ao mesmo tempo, a oportunidade de fazer passagem do reportorio que tem já que representar na temporada que vai fazer ao Porto, dá nos em dois dias seguidos duas primeiras, ontem «Os tubarões», e hoje «As aventuras de Rafael».

Supomos, porém, que, quanto á peça ontem representada, a propria empreza lhe não augurava um grande sucesso, pois de contrario se não explica que ela fosse em recita unica.

Efectivamente, sem entrarmos na apreciação detalhada do teatro de Nicodemi, o autor italiano que seguramente, mais peças tem representadas em Portugal, algumas das quais teem feito sucesso, «Os tubarões» é, talvez a mais fraca, quer como tecnica, quer como brilhantismo de dialogo, cheio de logares comuns quer, finalmente, pelo conflito que se procurou pôr em scena que resulta nebuloso e, por vezes, incompreensivel ao espectador.

Se o enredo peca por inverosimil, as personagens da peça não são mais verdadeiras. A ideia que presidiu á sua factura é de tal forma emaranhada no decorrer dos três actos, cortada a meudo, por scenas, cujo objetivo se não alcança, que o publico não chega sequer a ser impressionado e após um final estupido, absolutamente inesperado, (a unica novidade da peça), o espectador sae absolutamente indiferente, apreciando desfavoravelmente uma filha maloreada, um rancho de filhos que, como actores, não teem ao pae, uma velha tincoa que no caso presente, e interpretada pela sr.ª Berardi e ainda considerando o actor Alves da Cunha uma segundo edição do Landru com a diferença, porém, de ficar ignorando se, no desempenho do seu papel, é, afinal, um homem energico, tal como o autor nol-o quer apresentar, se um sentimental irresoluto, incapaz de se dominar.

Dos principais papeis, encarregaram-se Alves da Cunha, Berta de Bivar, Celeste Leitão e Carlota Sande. O primeiro, cuidando bem o seu tipo teve scena, interessantes e detalhes bem observados, discordando nós, quanto á sua interpretação da scena do 2.º acto, porventura a unica interessante de toda a peça, bem conduzida mas falha de emoção.

Em todo o decorrer do primeiro acto Alves da Cunha interpreta o seu papel apresentando-se ao publico com o homem habituado a dominar e com tal de ... expansivo. Chega mesmo, por vezes, a dar-nos a impressão duma não existencia de afectividade de sentimentos quando da scena com os dois filhos. Por isso mesmo nos parece que a scena dramatica do segundo acto em que o autor procura apagar ao publico a ideia primitivamente apreendida, quando da confissão ao proprio marido do seu amor, proclamando-o isento de macula, deveria ser realisada com um pouco mais de emotividade e para tal «desideratum» sem elevar a voz, da forma por que aquele distinto actor o fez.

Egualmente a scena do terceiro acto com a esposa é conduzida de forma que o espectador fica sem saber se a causa veadadeira do abandono é motivada pelas necessidades materiais apontadas no dialogo, se por amor á outra. E estes são os reparos que nos mereceu o trabalho daquele artista.

Celeste Leitão interpretando o seu papel com a vivacidade que o mesmo requer, necessita, porem, moderar a sua voz, procurando escaloná-la de forma a impressionar o ouvido do publico com inflexões que, presentemente, são nulas. A Carlota Sande procurando, acertadamente, a interpretação requerida falta-lhe sobretudo figura e desconhece o principio de estetica, em absoluto, necessario em teatro.

Finalmente a sr.ª Berta Bivar, que apresentou lindas «toilettes», foi na interpretação de «Os Tubarões», quem melhor impressão nos deixou. O seu trabalho não podendo ser brilhante, porque, para tanto, a peça não dá margem, foi absolutamente honesto, contracenando bem e fazendo acertadamente uma grande parte da scena do segundo acto.

Scenarios regulares, deixando o do 1.º e 3.º actos, uma impressão de conforto pelo tamanho e pela pobreza de mobiliario. Merecção acertada.

ALVARO LIMA

No Politeama. — A recita de Macedo de Brito.

Realisou-se hontem no teatro Politeama a recita dedicada pela companhia Lucilia Simões ao seu secretario Macedo e Brito. Muita gente, muitas palmas, muitos sorrisos. O espetaculo constou da pequenina peça de Julio Dantas «Rosas de todo o ano», bem desempenhada, com leveza, e com graça por Brunilde e Lucilia; dum acto dos Irmãos Quintero «Leitura e escripta» interpretado por Brunilde e Lucinda; de um acto de recitação dirigido por André Brun, espirito vivo de humorista, herdeiro em linha recta da graça esfusiante de Gervasio,—e duma peça num acto em que se estreiou como autora, a snr.ª D. Maria Isabel de Sousa Martins, esposa do aplaudido dramaturgo Vitoriano Braga.

«As rosas de todo o ano» e «Leitura e escripta» já eram conhecidas do nosso publico—a peça de D. Maria Isabel Sousa Martins «A nodoa da Amora» é uma pequenina comedia de amor, leve como uma renda, e em que a sua autora descendente dum grande nome que nós evocamos sempre com simpatia e com admiração, se revela como uma autora dramatica cheia de talento. O desempenho de todas estas peças foi interessante. A apresentação dos artistas feita por André Brunantes do acto de recitação foi cheia de verve e de cintilação. Pena foi que alguns artistas não correspondessem, recitando os seus versos, á figura com que André Brun os apresentou.

Noticiario

Entre nós

Depois-se amanhã a companhia Alves da Cunha que tem trabalhado no teatro S. Carlos. Seguidamente fará uma temporada de mez e meio no Sá da Bandeira, do Porto, estando já a assinatura coberta para seis recitas com primeiras representações.

◆ Pelo conhecido jornalista J. de Varor, foi entregue á empreza cinematografica «Enigma-film» o argumento dum film.

◆ A companhia Lucilia Simões promove que embarcará definitivamente para o Brasil no proximo dia 8 de maio.

◆ Por, ha muito, ali não trabalhar qualquer companhia de circo, tem obtido grande sucesso, a que presentemente, esta fazendo temporada no Circo Royal, do Porto.

◆ Com uma colossal enchente, realisou-se ontem no S. Luiz a festa de Vasco Sant'Ana, interpretando Azenda de Oliveira pela primeira vez, o papel de «Suzana».

Estrangeiro

Com autorisação do ministro de Instrução Publica e dos directores da Opera e da Opera Comica, de Paris, o teatro Gaité-Lyrique iniciará nos primeiros dias do proximo mez, uma temporada de opera e opera-comica em cujo programma figuram «A Favorita», «Barbeiro de Sevilha», «Mignon», etc.

◆ No teatro Capucines, está em ensaios a nova peça de Tristan Bernard «Ce que l'on dit aux femmes» e no Nouveautés, a peça em 3 actos de Armont, Gerbidon e Manoussy «Decky», etc.

◆ No teatro com co, de Madrid, vae se reprisar a conhecida peça «Zazá».

◆ No Apolo, da mesma cidade, continua fazendo sucesso a opereta «La rubia del Far-West».

Agenda da semana

HOJE—S. Carlos— Festa de Joaquim Prates com a primeira da peça «As aventuras de Rafael».

Cartaz do dia

Teatro de declamação

S. CARLOS—A's 9—«Aventuras de Rafaele».

NACIONAL—A's 9—«O Centenario». No Salão Nobre, Exposição Lyster Franco.

POLYTEAMA — A's 9,30 — «Nodoa da amora», «Leitura e escrita», «Rosas de todo o ano» - Variedades.

Teatro musicado

S. LUIZ—A's 9—«A Lenda dos Tarletanos».

APOLO—A's 9,15—«Belo Sexo».

AVENIDA—A's 9,15—«A Perola Negra».

SALÃO FOZ—A's 8,30 e 10,30 — «Sigajovem».

Circos

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — Campeonato Internacional de Luta e Variedades.

Animatografos

OLIMPIA—Rua dos Condes

CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade

SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores

Graves rumores

Fala-se duma guerra iminente

O jornal «Excelsior» publica uma noticia de Reval onde se depreende que os elementos directores do bolchevismo fazem espalhar o rumor de uma guerra proxima sem contudo indicarem o inimigo contra o qual se preparam os exercitos.

O correspondente do «Daily News» em Genova, tambem recebeu um radio de Moscow anunciando estar o exercito roxo disposto a todas as eventualidades.

O telegrama comunica tambem que Trotsky e Kamenell procurem a primeira ocasião do Exercito russo excepcionalmente o animo belicoso do soldado.

No Templo de S. Domingos

E' amanhã que se celebram as grandiosas festas ao Coração de Jesus

Com grande brilhantismo efetuam-se, amanhã, no magestoso templo de S. Domingos as tradicionais festas ao Coração de Jesus, pela seguinte forma:

A's 9 horas, missa, comunhão geral e distribuição do pão de Santo Antonio a 400 pobres; ás 12, missa solene, por musica vocal e grande instrumental, pregando ao evangelho o rev. Manoel de Matos Soares, professor do seminario do Porto, ás 19, sermão pelo rev. Manoel Domingos Basto, professor do seminario conciliar de Braga, «Te-Deum» e benção.

A conferencia de Genova

Circulam os conferentes

PARIS, 29.—Depois de conferenciar com o sr. Poincaré em Paris, o sr. Barthou volta para Genova.—(H.)

E abrem novas sessões

GENOVA, 29.—No dia 11 de Maio deve abrir-a 18.ª sessão do conselho da Sociedade das Nações.—(H.)

Mais uma convocação

GENOVA, 29.—Segundo uma comunicação oficial, a delegação ingleza de acordo com a maioria dos aliados, julga oportuno convocar para esta cidade uma reunião de representantes das potencias signatarias do tratado de Versailles para discutir as sanções que a França entende deverem ser aplicadas á Alemanha.—(Lat. Am.)

Enquanto Lloyd George fala...

GENOVA, 29. — Lloyd George falando ontem de tarde no banquete oferecido aos jornalistas pelo presidente do conselho, sr. Facta, confirmou os seus precedentes declarações apelando para os sentimentos de solidariedade europeia e convidando a America para novamente se interessar pelos seus negocios da Europa.

Rathenau, falando aos jornalistas, acentuou egualmente a necessidade de uma união intima entre todas as nações da Europa para restauração da situação mundial.—(Lat. Am.)

Chovem as instruções

PARIS, 29.—O conselho de ministros por decisão unanime resolveu dar instruções á delegação em Genova, para se ater estritamente aos compromissos de Cannes, opondo-se a qualquer concessão e mostrando a impossibilidade da convocação do conselho supremo para Genova atenta a dificuldade de Poincaré ir aquela cidade e a inoportunidade do programa anunciado.—(Lat. Am.)

A "Biocultura"

Sociedade por quotas

Para industrialisar
Para melhorar
Para robustecer

Vai criar-se em Lisboa uma sociedade para industrialisar a cultura fisica do homem, melhorar a saude e os partos das gravidas, robustecer e educar a mocidade, fortalecer as creanças fracas e as doentias regenerando, implantar habitos de profilaxia e curar enfermidades cronicas.

E' vasto mas é simpatico. Vão reunir-se capitais por meio de quotas e planeia-se um estado maior dirigente para levar ao campo da realidade todas estas belas coisas. Deve ser possivel e torna-se necessario que seja ... empreza e sobretudo leva-la a produzir resultados praticos. Não vamos reeditar o que centenas de vezes se tem dito sobre a decadencia da raça e o miserrimo estado da nossa Assistencia. Toda a gente sabe isso. E ahi fica a noticia do facto solicitando a bolsa de todos os portuguezes de boa vontade.

LUTO NA CÔRTE DE ESPANHA

Em virtude do falecimento de lord Mountbatten, irmão da rainha de Espanha, o rei D. Afonso XIII dispoz um luto de sessenta dias para a côrte espanhola.

As operações de Marrocos

MADRID, 29.—O ministro da guerra declarou que as tropas da região de Ceuta e Larache empenharam esta manhã operações na região ocidental da zona espanhola contra os Baniaros ocupando todos os objectivos fixados para o primeiro dia das operações e começando a retirar normalmente ás 2 da tarde. As colunas encontraram resistencia que se previa, mas levaram de vencida essa resistencia, o que permite esperar que as operações dos dias seguintes serão menos perigosas. O ministro da guerra não possui outros pormenores.—(Lat. Am.)

D. Maria Amelia Pires d'Oliveira Correia

FALECEU

A Direcção da Companhia Portuguesa de Pesca cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus accionistas o falecimento da esposa do seu dignissimo colega ex.mo sr. Vice-almirante José Candido Correia, saindo o prestito funebre para o cemiterio oriental pelas 13 horas do dia 30 do corrente da rua da Imprensa Nacional n.º 83-2.º

ULTIMA HORA

A RELIGIÃO

Inauguração do Congresso Catolico

Hoje, na Sociedade de Geografia realisou-se a primeira sessão do segundo Congresso Catolico Portuguez

Já passa das 14 horas, marcadas para a abertura do Congresso. Estão presentes, entre outras figuras marcantes do catolicismo militante, os srs. arcebispos de Metilene e de Evora, bispos de Portalegre e de Beja, conegos Anaquim, Dias de Andrade, Rego e Pais e Figueiredo; drs. Oliveira Salazar, Gonçalves Cerejeira, Mario de Figueiredo, Abel de Andrade, Pereira Forjaz, Eurico Lisboa, Ferreira Coutinho, industriais Antonio Carneiro, deputados Lino Neto e Juvenal de Araujo, senador Braga da Cruz, conde de Vinhó e muitas outras pessoas de alta representação social.

A's 9 horas da manhã os congressistas ouviram missa, celebrada pelo Rev.mo arcebispo de Evora, que ministrou a comunhão á maioria dos assistentes. No fim da missa, o sr. arcebispo fez uma alocução e deu a benção com o Santissimo. Houve canticos religiosos.

Celebrar-se-hão quatro sessões, duas hoje e duas amanhã.

Os principes da Egreja ostentam os seus habitos talares, com as cruzes peitorais. Alguns congressistas ajoelham-se ao beija-mão; todos saudam o mais respeitosamente possivel.

Ha, em toda a assembleia, uma grande compostura, dignamente mantida.

Nenhuma ornamentação especial na sala, que é o denominada A'garve.

Vemos daqui o auditorio, de aspecto veneravel, as longas barbas brancas cobrindo o amplo peito. Quem será? E' o sr. dr. Pulido Garcia. E' muito cumprimentado.

ABERTURA DO CONGRESSO

A's 14 horas e meia iniciou-se os trabalhos. Presidem os principes da Egreja, secretariados por representantes das associações catolicas e por parlamentares. São recebidos, com aclamações discretas.

Os congressistas ajoelham. E' a hora da oração. Reza-se o Padre Nosso, a Ave Maria. No final todos se benzem.

Discurso de abertura pelo sr. Arcebispo de Metilene.

Silencio absoluto. «Os congressistas possuem todos, alma catolica, são filhos fieis da Egreja. Assim o declaro. Os trabalhos ha-de-se pautar sempre um grande espirito de respeito. Nenhuma palavra ofenderá a caridade e as outras virtudes da Egreja. E declaro inaugurado o Congresso. (Muito bem muito bem; palmas).

E logo pallí E' o cliché fotografico destinado á imprensa.

OS DISCURSOS

São inaugurados pelo sr. dr. João Garcia. Saudá os altos Prelados presentes e os homens eminentes do Congresso; estende, depois, os cumprimentos a toda a Assembleia. Propõe para ser discutido e aprovado, o regulamento do Congresso, cujos artigos lê.

O sr. dr. Almeida Correia (sobre o regimento) não concorda com uma votação já assente num congresso anterior. Quer que se dê liberdade de discussão quanto ás aspirações dos catolicos das provincias. E' porta de mais de vinte representações. Se isso pode falir sobre ela, sente-se coacto: retirar-se-ha; e, com ele, outros congressistas. O que é necessario, no parecer do orador, e que se alargue a acção dos centros catolicos.

Ha apartes, um pouco vivos. O sr. João Garcia pretende substituir-se a Mesa. Quer fazer obstrucionismo? O orador protesta. Mas a assembleia, manifestamente, não simpatisa com a sua atitude.

Em resumo: o sr. dr. Almeida Correia quer ter, no Congresso, uma representação. Mas não pode ser, pergunta-se o Episcopado e legitimo chanceler deste. «Então não ha liberdade?» —exclama o sr. Almeida Correia E o sr. Eurico Lisboa diz, com veemencia: —Quem quizer estar, está, e quem não quizer vá-se embora!

Nesta altura distribui-se á assistencia o regulamento interno, para que todos saibam a lei em que vivem.

O sr. Diniz da Fonseca lê e comenta o artigo 1.º, que foi aquele que sugeriu as duvidas do sr. Almeida Correia. Combate a orientação deste ultimo congressista. A assembleia está, claramente, com o sr. Diniz da Fonseca.

Votação: o regulamento é aprovado, na generalidade, por unanimidade.

O sr. Almeida Correia faz o gesto de se retirar. E executa-o.

Outros congressistas seguem lhe o exemplo. Trocam-se explicações sobre o incidente. Nega-se que o sr. Almeida Correia seja congressista, porque não é socio do Centro Catolico. O sr. Lino Neto afirma-o relatar, os factos que com ele se passaram.

O SR. ALMEIDA CORREIA VOLTA A SALA.—INCIDENTE

O sr. Almeida Correia quer falar. Por isso voltou á sala. Quer defender-se das acusações do sr. Lino Neto. Ha efervescencia. Grita-se fóra! fóra! O sr. presidente quer que haja serenidade. Escandalo, não! Se houver, retira-se (gerais aplausos). «Esta cruz é a cruz da Egreja, representa o Sumo Pontifice. Haja ordem!» O incidente fica encerrado.

FALA O SR. LINO NETO

Saudações. «Somos os herdeiros da maior tradição portugueza, a gloriosa tradição do religião catolica. Vamos trabalhar para a grandeza de Patria! Viemos aqui para salvar Portugal, para nos salvarmos a todos nós portuguezes».

Fala de reformas sob todos os pontos de vista: politicos, financeiros, economicos, etc.

«Queremos organisar a imprensa numa disciplina completa á Fé» (palmas). Cita nomes de congressistas, que a assembleia aclama como os beneméritos a Igreja e á Patria. «O Centro Catolico é a primeira e mais poderosa organização politica do paiz».

E conclue: «Mãos á obra porque Deus o quer!».

Resolve-se enviar telegramas: ao Sumo Pontifice, com expressões de respeito e obediencia; aos bispos; aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, redigido em termos patrioticos e aludindo á Cruz de Cristo e á obra civilisadora.

Votam-se moções de sentimento pela morte de catolicos eminentes, nos ultimos tempos.

S. Iniciam-se vivos, citando-se o sr. Bispo de Portalegre, que está presente, e saúda-se a imprensa cujo ... é feito calorosamente.

E tudo por proposta do sr. Lino Neto, cujas palavras eloquentes são cobertas por vibrantes aplausos de todo o congresso.

SAUDAÇÃO AO CHEFE DE ESTADO

A assembleia resolve, no intervalo das duas sessões, enviar uma deputação para cumprimentar o sr. presidente da Republica.

O sr. Almeida Correia, que saíu e tornou a entrar, pede a palavra, que lhe é concedida. Parece que a assembleia, que já disse ... que o orador não é congressista, reconsidera e o admite.

O sr. Almeida Correia propõe saudações varias, entre elas ao sr. Pinheiro Torres. Esta indicação ultima não parece ser do agrado duma parte da assembleia, que murmura um pouco, muito pouco mesmo.

O sr. deputado Diniz da Fonseca faz o elogio do sr. Pinheiro Torres, mas não está de acordo com a saudação. Concorda com tal orientação o sr. Padre Santos Farinha. Lá se foi, parece, a saudação ao sr. Pinheiro Torres. Porquê? Eis um segredo partidarista que não tivemos a sorte de surpreender.

Entra o sr. Arcebispo de Evora. Saudações gerais. Toda a assembleia está de pé e assim se conserva até que o principe da Igreja toma logar na Mesa.

O sr. Lino Neto lê o relatorio da acção politica do Centro Catolico. E' um documento muito extenso, onde se faz a historia de todo o movimento de agremiação.

O telegrama aos aviadores foi assim redigido:

O Centro Catolico reunido em Congresso Nacional saúda com entusiasmo os heroicos sabios aviadores, fazendo votos para que a Cruz de Cristo, que levam desfraldada, domine com o prestigio de Portugal a civilisação do mundo.

O relatorio do Centro destaca o ponto principal da orientação politica: os catolicos portuguezes desinteressam-se da quesão do regime politico da Nação; respeitam as instituições Republicanas e ... á sua satisfação de varias reivindicações de ordem religiosa.

A sessão continua.

Uma expedição scientifica

que é tambem uma viagem de recreio

LONDRES, 29.—Um homem de sciencia muito rico o dr. Ciscie vae partir dentro em pouco tempo a bordo dum navio á vela de noventa toneladas, para uma expedição scientifica de trez anos ás ilhas dos mares austrais.

O seu programa inclue buscas de novas orquideas, fotografias cinematograficas dos canibais e das tribus indigenas na Nova Guiné, estudos hidrograficos de rios pouco conhecidos e colheita de novas especies da fauna desses rios.

Alem da telegrafia sem fios do navio leva um aparelho portatil para poder ester em comunicação com o navio quando estiver nas matas do interior. (R)

"A Capital,,

Como nos anos anteriores não se publica no proximo dia 1 de Maio este jornal.

UM GESTO

E' justo que ele fique arquivado

No scenario politico e administrativo da Nação de..., ha dias, um incidente que merece registo especial. E A Capital tem, especialmente, obrigação de o fazer, porque ele corresponde às reclamações de moralidade na administração dos dinheiros publicos, que por vezes, aqui temos dado á publicidade. Referimo-nos á questão dos Bairros Sociais.

E' sabido que a deploravel administração dos Bairros Sociais adquiriu foros de celebridade, gracas á descoberta de consideravel delapidação de dinheiro. Os Bairros Sociais eram um cancro roedor do Tesouro Nacional. Nunca, pelo visto, se chegaria ao fundo do saco! O sr. ministro do Trabalho acabou com o escandalo. Fez o seu dever, é claro. Entretanto, numa época em que tanta gente deita para as ortigas os mais elementares deveres da moral publica, o gesto do sr. Vasco Borges e para louvar e até para agradecer.

A atenção do estadista deve agora voltar-se para os operarios que ficaram sem trabalho. Não é do ministro que êsses trabalhadores se devem queixar, mas dos pessimos administradores que os Bairros Sociais tiveram. Entretanto, aos poderes publicos compete examinar a situação economica dêsses operarios, prestando-lhes auxilio na crise, que, por desgraça, atravessam.

Mais um!

O adido naval em Londres requisitou um oficial para o auxiliar no desempenho da sua missão.

19 de Outubro

Segundo noticiam alguns jornais da manhã, estão iminentes mais algumas prisões por motivo dos acontecimentos sangrentos de 19 de Outubro ultimo.

Ao que se diz, serão detidos os srs. coronel Manuel Maria Coelho, Veiga Simões e coronel Nobre da Veiga, governador civil do Funchal.

Damos a noticia a titulo de simples informação, porquanto não conseguimos obter confirmação do boato que corria.

O conto do vigario

Os papalvos continuam vegetando pelo mundo e, sendo assim não é para admirar que os espertos lhes comam as papas na cabeça...

Os vigaristas ainda não encontraram pela sua frente quem lhes dê uma lição mestra, não sendo, pois, para admirar que tais vigaristas ainda surjam a intrujar os incautos.

Nesse numero se encontram Gabriel dos Santos e João Pereira, rua Saraiva de Carvalho, 296, 1.º, que, ao passarem na Avenida da Liberdade, foram abordados por dois desconhecidos que lhes prometeram mundos e fundos, levando-lhes, entretanto, como caução, uma capa á alentejana, varios objectos e dinheiro, tudo avaliado em 1.400 escudos.

Os dois papalvos só tarde compreenderam que haviam sido burlados, tomando então a resolução heroica de apresentarem a sua queixa na policia.

Portugal-Club

Almoço de homenagem

Realisa-se amanhã pela 1 hora da tarde nas salas do Restaurant Club na Rua do Serpa Pinto, o almoço oferecido pelos socios do Portugal Club ao seu director José Lima; ... assim significar-lhe o quanto lhes é grata a devoção com que ele dirige as obras de remodelação ... lhe ... tanto transformado.

Este club, um dos pontos de reunião mais interessantes de Lisboa pela sua vida intensa e pela qualidade dos seus ... Lima um dos seus mais dedicados elementos e a festa de amanhã é ... que se seguirá no Club a inauguração de um retrato do festejado, ficará como uma das melhores datas da vida da sympathica colectividade.

Em poucas linhas

Nas secretarias dos caminhos de ferro de Lourenço Marques estão prestando serviço 70 indigenas, 20 europeus e 2 africanos.

—O professor Mr. Thamin, reitor da Academia de Bordeus, realisa no sabado 29, ás 21,30 na aula de fisica da Faculdade de Sciencias uma conferencia ... «Le r... ... de Félite».

Os polacos

VARSOVIA, 29.—A Polonia obteve do Norte America um grande emprestimo em condições extremamente favoraveis.—(R)

A decisão da Faculdade

no seu litigio com o sr. ministro da Instrução

Os Professores da Faculdade de Medicina de Lisboa, reunidos em Conselho, protestando mais uma vez contra a transferencia do professor Fausto Lopo de Carvalho para a Faculdade de Medicina de Lisboa, resolveu, por não ter sido revogado o respectivo decreto, considerar-se desde já demitidos e entregam ao sr. Director da Faculdade os requerimentos individuais dos pedidos de demissão.

Asseguram, porem, que os serviços e higiene publica, periciais, clinicos e laboratoriais que lhes estão confiados, serão garantidos durante o periodo de quinze dias que julgam suficientes para serem substituidos.

Os alunos da Faculdade de Medicina de Lisboa, inteiramente de acordo com o corpo docente, afirmam categoricamente que não aceitam novos professores, visto o corpo docente da sua Faculdade ter pedido a demissão.

O "raid" Lisboa-Brazil

A compra das insignias

A' quantia de 1.225$60 até ontem subscritos para a oferta das insignias da Torre e Espada em ouro e pedras preciosas para os heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, para a qual haviam concorrido os cafés Chave de Ouro e Brazileira por subscrição entre os seus frequentadores respectivamente com as quantias de 403$80 e 218$70, temos a acrescentar as seguintes: Banco Portugal 1.000$00, escritorio do notario sr. Nerenha Galvão 91$70. Soma 2.314$50.

Caso haja temporal quando o vapor Bagé chegar aos penedos de S. Pedro e S. Paulo, o hidro-avião será provavelmente suspenso no cruzador República, onde se conservará até o tempo amainar, para então os aviadores proseguirem na sua viagem.

O major sr. Viriato Lobo governador Civil de Lisboa, continua recebendo varios donativos para o grande bodo que vai ser distribuido aos pobres da capital por motivo do brilhante exito dos bravos aviadores srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Hoje foram recebidas as seguintes importancias: Julio Doligant Lda. ... Antonio Basile Font, 10 escudos.

Empreza Agricola do Lugelo L.da, 50 escudos; Grandela Ld.a, 100 escudos; Bugulte & C.a Bragança L.da, 20 escudos; Centro Comercial de Conservas L.da, 50 escudos; Casa Africana 100 escudos; Alvaro Campos L.da, 50 escudos; Empreza de Minas e Industrias do Cabo Mondego, 50 escudos; Viuva Reis & C.a, 200 escudos; Joaquim da Conceição Neves, 25 escudos.

Dr. Teotonio Xavier 10 escudos; Hotel Recio, 20 escudos; Companhia de Seguros «Lusa» 20 escudos; Santos Barão Lda, 25 escudos; Fernando da Silva, 10 escudos; Empreza do Encerrado Lda. 25 escudos; C. Xavier de Carvalho & C.a 10 escudos; Manuel Vicente Ribeiro 50 escudos; Brandão Gomes & C.a 10 escudos; Companhia Colonial de Buzi, 50 escudos; Companhia do Guruvo 20 escudos.

Até ao fim da tarde de hoje a subscrição aberta apenas ha dias eleva-se já em 3.300 escudos.

Hoje a noite realisam-se imponentes festas nos clubs Maxim's e Montanha nas salas dos quais estes mesmos em ... sr. Governador Civil para ... a grande subscrição a favor ...

No club Montanha volta ... o ... concertos ... programa ...

Interesses de Cabo Verde

No gabinete dos reporters do Governo Civil foi hoje recebido o seguinte telegrama:

«S. VICENTE, 28. Apoiamos e acção energica, inteligente e moralisadora do administrador distrito do circulo administrativo, sr. Adolino de Sá, e do director da Alfandega de S. Vicente, sr. Alexandre de Almeida.

Pedimos a nomeação definitiva do primeiro, para indispensavel continuação de boa ordem dos serviços alfandegarios.»

Este telegrama é assinado pelos srs. Serrados, Jaime Santos, Bonina Leon, Rafael Santos Sarmanar, Marcal L.da, Cesar Gil e Arruda de Miranda.

Exposição do Rio de Janeiro

Concurso de cartazes

O Comissariado Geral da Exposição avisa os concorrentes ao concurso de cartazes que, por reclamação, desde já os projectos que apresentaram, que lhes serão entregues mediante a apresentação do recibo que na ocasião da entrega lhes foi passado.

O porto de Lourenço Marques

ESTÁ LONGE DE PODER APROVEITAR AS ADMIRAVEIS VANTAGENS QUE FASEM DELE A SAÍDA NATURAL DOS PRODUTOS SUL-AFRICANOS

Passado já tanto tempo que uma reorganisação administrativa procurou remediar certas anomalias que se passam em Moçambique, veiu a pelo verificar se que do lado da administração portugueza da Africa Oriental não partiu até agora um esforço intenso para se fazer o maior uso possivel das caracteristicas economicas inegualaveis do porto de Lourenço Marques e das suas incontestaveis condições naturais.

Uma area magnifica inteiramente inculta

A área que se estende em volta de Lourenço Marques encontra-se desgraçadamente por explorar á exceção do trabalho de duas ou tres companhias importantes que estão desenvolvendo em bases modernas numa zona relativamente pequena do pais, a utilisação que se tem feito de uma parte da região muito fertil e bem cortada de linhas de agua é insuficiente para as pequenas necessidades diarias da população desta Provincia.

Para qualquer lado que a gente se volte vêem-se enormes extensões de rico terreno cultivavel, sem culturas, sem sequer estar limpo de mato, abandonado e sem valor a não ser por qualquer motivo inesperado.

Do outro lado da fronteira a posição é absolutamente diferente.

Sobre uma area enorme de terreno, não tão valioso numa tão continua extensão, está-se efectuando um grande desenvolvimento, o terreno está sendo rasgado pela charrua numa proporção admiravel, se comparar-mos a situação actual com a de ha dez anos. Em todas as mãos o terreno está sendo cultivado e povoado e está produzindo prodigiosa e abundantemente.

Uma grande parte da produção está sendo consumida pelos mercados internos, mas a parte exportada é muito maior e alguma é obrigada a percorrer mais de um milhar de milhas em caminho de ferro antes de ser posta a bordo para seguir para a Europa.

As dificuldades do frete isolam Lourenço Marques

Ora este estado de coisas é absolutamente anomalico se nós considerarmos que os districtos produtivos estão a uma distancia de cem milhas deste porto e se pensarmos que no mesmo tempo em que estes produtos fazem uma viagem para Cape-Town, podiam fazer duas ou mais para este porto, se houvessem comboios proprios para a exportação. Até aqui a invariavel resposta a este assunto tem sido que o unico mercado para os productos sul-africanos é Londres —principalmente a fruta — e que em comunicação directa com este porto apenas estão os navios da Mala Sul-Africana. Até aqui, pode muito bem ser que esta doutrina seja realmente a razoavel, mas segundo noticias de Londres está-se ali operando uma mudança radical. Os productores aprenderam, como sempre á sua propria custa, já ha algumas estações passadas que não é seguro servirem-se apenas dos navios da mala como unico transporte para os seus produtos, visto que devido ao excesso de pedidos, produtos depois de terem percorrido o paiz de um extremo ao outro, viam-se sem transporte maritimo dando logar a perdas importantes. O mercado inglez tornou-se tambem pouco remunerador e nestas circunstancias foi necessario abrir saidas novas no continente.

O primeiro carregamento de frutas da Africa do Sul directamente para Rotterdam, dizem-nos que foi muitissimo bem sucedido, havendo toda a esperança de desenvolver ali este comercio. Se realmente as coisas são assim não ha razão para que este porto se não torne uma saida de exportação importante, visto que daí partem varias linhas de navegação que teem carreiras directas e regulares com a Europa, havendo já instalações frigorificas e podendo adaptar-se sem dificuldade. Nós estamos convencidos que a questão do frete é de facil solução se os produtores e os dois Governos interessados tivessem desejo e boa vontade de fazer um uso economico das facilidades que são, ou deveriam ser eficazes neste porto. Estamos certos que neste sentido não se ser tomadas as providencias necessarias, não só no que respeita á exportação de fructos, mas em tudo o que possa servir os interesses da economia e desenvolvimento dos dois paizes.

As relações de amisade existentes entre as duas nações vão ser postas á prova em breve e no interesse da prosperidade do pais podemos esperar, que sendo respeitadas as susceptibilidades nacionais de parte a parte, daí resulte bem patente a estreita comunhão de interesses que existe em desenvolver recursos comuns e a importancia de uma inergica cooperação em os desenvolver com vantagens mutuas para ambos os paizes.

TAUROMAQUIA

Campo Pequeno

A corrida de amanhã tem despertado interesse, sendo forçoso dizer-se que tem havido razão para isso, pois que a empresa, dentro dos elementos actualmente possiveis, que são os elementos nacionais, preparou um cartaz muito valioso, em que destaca logo do principio, o nome de João Coimbra, justamente tido como um lavrador que cria e apura com esmero os seus touros. Rufino da Costa e Ricardo Teixeira são os cavaleiros, e já que dizer, pela valentia e aptidões desses toureiros, que a lide equestre vai ser animada. No grupo de peões aparecem os apreciados Alfredo dos Santos e Agostinho Coelho, acompanhados de Luciano, Tomé, J. Dias «Malagueño» e pelos praticantes M. Domingos e J. Cigarra. Os forcados em por cabo o decidido Casimiro Daniel.

A corrida será dirigida pelo ex-bandarilheiro Artur Felix e principia ás 4,45.

SPORT

O sport em Lourenço Marques

BOX

Realisou-se em Lourenço Marques no «Variétés» o desafio de box entre o capitão do pesados de Durban, sr. J. Mac Arthy, o campião do médios de Portugal, sr. Rosa Brito.

Este desafio devia-se realisar em 15 arounds.

Antes deste numero houve varios combates entre amadores portuguezes e inglezes, seguindo-se depois a distribuição de premios feita pelo sr. dr. Pinto Coelho. Estes combates despertaram grande entusiasmo na sala que estava completamente cheia e houve grandes protestos contra a decisão do juri a respeito do combate entre o sr. Duarte Dias e R. Nicholson que o juri deu como empatado, tendo depois sido dada a vitoria ao sr. Duarte Dias.

Dos combates que despertaram grande entusiasmo tambem, foi o realisado entre os meninos Sousa e Teixeira em que ambos se mostraram dois bons combatentes, com agilidade e qualidades que podem fazer deles no futuro dois antagonistas de respeito.

Receberam premios: os meninos Teixeira e Sousa, e os srs. J. Mourão, Fabre e Duarte Dias.

Serviu de juiz de campo o sr. Ribeiro Artur.

O combate mais interessante foi o de Jack Mac Arthy, profissional, e Rosa Brito, amador.

O campeão inglês tem mais 10 libras de peso que Rosa Brito, o que no combate de sóco representa uma grande vantagem.

Contudo, logo que se iniciou o combate, o sr. Rosa Brito mostrou sobre o seu adversario uma agilidade e conhecimento do jogo que deixaram a perder de vista as 10 libras de pezo do sr. Arthy e porventura a superioridade fisica que provem de um mais completo desenvolvimento e de maior idade. E' de esperar que Rosa Brito continuando a trabalhar, quando chegar á idade de Mc Arthy esteja melhor desenvolvido que ele. Em todos os «rounds» que se realisaram e infelizmente eles foram apenas 4, Rosa Brito com uma presença de espirito admiravel, um golpe de vista e uma inteligencia que contrastavam em absoluto com a monotonia pesada do seu adversario, mostrou uma superioridade esmagadora e tão manifesta que, apurados os pontos, Rosa Brito marcava 21 quando o seu adversario marcava apenas 2.

A destreza e agilidade de Rosa Brito foi admiravel e na realidade tambem que em muitas ocasiões o seu adversario ao tentar apanha-lo com socos violentissimos encontrou pela frente apenas o ar. Este repetido facto deu origem a gargalhada e Rosa Brito tornou-se o idolo do publico.

O juiz de campo sr. Benson, mostrou pouca imparcialidade e a certa altura deixando passar despercebida uma falta cometida por Mc. Arthy e incitando este a continuar o seu bate quando Rosa Brito de mãos levantadas protestava contra a falta cametida, deu origem a um incidente muito lamentavel.

Ao ver a deslealdade de Mc. Arthy a plateia como impelida por uma mola saltou ao palco onde estava a arena, aplicando uma sova colossal no campeão inglez que o deixou bastante maltratado.

A policia, varios oficiais e muitas outras pessoas tentaram, tendo por fim conseguido, livrar Mc. Arthy que depois foi surreptíciamente transportado para fora do teatro escapando assim ás iras do publico indignado.

FOOT-BALL

No campo do Pautau em Lourenço Marques, teve logar um desafio de foot-ball 1.ª categoria, entre o Grupo Desportivo do Lourenço Marques e o 1.º de Maio F. C., vencendo este por 2 a 1.

O encontro iniciou-se sob a arbitragem do Gastão, do Vitoria, alinhando-se os grupos com a seguinte constituição:

Desportivo—Branco; Bustos e Fragoso; Rodrigues, Teixeira o Coelho; Loureiro, Americo e Silva, Nobre e Abilio.

1.º de Maio—Teixeira; Chico e Namore; Firmo, V. Coelho e Martins; Marques, Amorim, Duarte, Padinha e Costa.

NOTICIARIO

TAÇA ATENEU

A comissão organisadora na sua reunião de hoje resolveu em virtude do pedido do capitão do 4.º Grupo do Ateneu C. de Lisboa, modificar para anulação do desafio o castigo imposto ao 4.º Grupo do Sport Lisboa e Benfica, por ter jogado com um jogador não inscrito, no desafio Benfica-Ateneu.

O novo desafio será marcado oportunamente.

Por que motivo deixou crescer a barba o rei Francisco I?

A figura do rei Francisco I é tão conhecida que é impossivel confundi-la. Mas a sua barba em bico que era toda a elegancia do seu agradavel perfil, teve origem em um pequeno acidente sucedido no dia de Reis.

Estava em Romozantin a côrte de França. A fava—pelo que se prova que a fava do bolo-rei não é invenção nova—a fava, dizia, coubera ao conde de Saint Pol, Francisco I, que estava muito alegre, seu feitio habitual, resolveu fazer um cerco á residencia desse monarca de um dia, residencia que ficava bem perto.

E fazendo, auxiliado pela comitiva, bolas de neve, com elas bombardearam, rei e comitiva, muito alegremente, o castelo sitiado. Do interior não tardou a resposta, feita com ovos, batatas cozidas e varios outros projecteis, sempre em meio de exclamações alegres e graciosas.

As munições, porem, começaram a faltar aos sitiados. Um destes teve então a desastrosa ideia de se apoderar de um carvão em brasa e de o arremessar ao acaso, indo este bater no queixo do monarca e deixando-o gravemente queimado.

A batalha findou imediatamente o castelão, desolado, quiz descobrir, para o castigar, o culpado da imprudencia.

—O culpado fui eu—disse Francisco I; fui eu quem teve a ideia de atacar o castelo.

E foi para esconder a cicatriz deixada pela queimadura que o rei deixou crescer a barba...

O andarilho Frank Roland

O «boxista» tcheco Frank Roland fez aposta de percorrer a pé 12.000 kilometros no praso de 8 meses. Tendo partido de Praga, de novo voltará a essa cidade depois de ter passado por Berlim, Amsterdam, Bruxelas, Paris, Madrid, Genova, Milão e Zurich. Deve percorrer em media 50 kilometros por dia... a pé.

Os incidentes em Genova

O incidento levantado pela assinatura do tratado germano-russo está liquidado, como liquidados estão tambem, segundo se diz, os que surgiram entre Barthou e Lloyd George e o que proveio da distribuição do «memorandum» bolchevista.

O primeiro liquidou-o o ultimo periodo da derradeira nota enviada pelos aliados ao governo de Wirth segundo entendem os proprios aliados.

A nota dizia: os signatorios reservam aos seus governos o direito de julgarem nulas todas as clausulas que atentaram contra o expresso em tratados anteriores.

Não temos, por enquanto, um conhecimento perfeito da letra do tratado de Rapallo. Conhecemos porem, os seus pontos capitais. Assim, pelo tratado, são realizadas as relações diplomaticas entre a Russia e a Alemanha, esta ultima nação desiste de reclamar quaisquer reparações que possam porvir da guerra e quaisquer indemnisações pelos prejuizos causados a alemães pela nacionalisação das suas propriedades pelos bolchevistas, e, oficialmente, consideram-se reatadas as relações economicas entre as duas nações.

E agora perguntamos: Em que serão atingidos os tratados assignados? Quais as clausulas do tratado de Rapallo que contrariam as dos tratados assignados pela Alemanha e pelos aliados?

Positivamente, não ha forma de sabermos o que Barthou pretendeu atingir com o seu paragrafo.

O que é certo e um facto é que existe um tratado entre a Russia e a Alemanha, tratado que os aliados não souberam ou não poderam anular, embora não desconheçam até que ponto ele pode contrariar os desejos da maior parte dos congressistas de Genova.

Os demais incidentes estão tambem liquidados. Lloyd George, num dos seus discursos, chegou inclusivamente a dizer, dada a atitude tomada por Barthou, que se retiraria de Genova se porventura e prosseguisse infiltrando no animo dos congressistas quaisquer ideias que não fossem as de uma cordealidade absoluta, e de um pacifismo sincero, sem o que era impossivel continuar-se trabalhando.

Isto quer dizer apenas que Lloyd George, optando por que se continuasse a conferencia de Genova, cuja finalidade era necessario alcançar-se, servindo assim a comunidade internacional a atentar nos prejuizos que da assinatura do tratado germano-russo poderam advir para qualquer nação, que não propriamente para a Europa, preferia que um silencio absoluto se fizesse sobre esse tratado e se prosseguisse trabalhando. Assim não o entendia Barthou, com os demais delegados francezes e cuja atitude foi cruelmente verberada pelo primeiro ministro da Inglaterra. Por fim fizeram-se as pazes, terminando o incidente pelo envio da nota a que ha pouco nos referimos.

O caso do «memorandum» tambem é caso sanado, visto que os bolchevistas resolveram retira-lo da circulação, mas não sem que tivessem enviado uma nota aos paritos que estudam o problema russo, em que defendem os mesmos pontos de vista que defendiam no «memorandum».

Quer dizer: no fim de contas, somos obrigados a registar que o trabalho a que durante alguns dias se consagraram os congressistas foi de resultados nulos, visto que tudo está no mesmo pé: o tratado russo-germano é um facto, as divergencias entre os delegados francezes e inglezes são constantes e os pontos de vista defendidos no «memorandum» existem um não nota submetida á consideração de uma das comissões.

Enfim, entre dois caminhos, um dos quais levava ao encerramento ou, pelo menos ao adiamento da conferencia, caso se persistisse em excluir dos seus trabalhos a colaboração dos russos e alemães e um outro que prometia proseguir-se os trabalhos de Genova, optou-se por este.

Com probabilidades de se levar de encido a bloco germano-russo?

Dir-no-lo-ha o pacto internacional em cuja realisação muito se vem afiando e que é ainda uma das consequencias das decisões de Cannes.

Matinée-Conferencia

Realisa-se amanhã pelas 14 e meia horas, no Asilo-Oficina Santo Antonio de Lisboa, na Avenida Almirante Reis 33, uma matinée de propaganda, sendo orador o distinto jornalista sr. Botto de Carvalho e com o concurso de distintos amadores e artistas dos teatros de Lisboa. A entrada é publica.

OS CONTOS DE "A CAPITAL"

A filha do patrão

por ARTUR AZEVEDO

O comendador Ferreira esteve quasi a agarrá-lo pelas orelhas e a atirá-lo pela escada abaixo com um pontapé bem aplicado. Pois não! um biltre, um farroupilha, um pobre diabo sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, atrever-se a pedir-lhe a menina em casamento! Era o que faltava! que ele estivesse durante tantos anos a ajuntar dinheiro para encher os bolsos a um valdevinos daquela ordem, dando-lhe a filha ainda por cima, a filha, que era a rapariga mais bonita e mais bem educada de toda a rua de S. Clemente! Boas!

O comendador Ferreira limitou-se a dar-lhe uma resposta seca e decisiva, um «Não, meu caro senhor» capaz de desanimar o namorado mais decidido ao emprego de todas as astucias do coração.

O pobre rapaz saiu aterrado, como se realmente houvesse apanhado o puxão de orelhas e o pontapé, que felizmente não passaram do intimo projecto.

Na rua, sentindo-se ao ar livre, cobrou animo e disse aos seus botões: — Pois ha de ser minha custe o que custar! — Voltou-se e viu, numa janela, Adosinda, a filha do comendador, que desesperadamente lhe fazia com a cabeça sinais interrogativos. Ele estalou nos dentes a unha do polegar, o que muito claramente queria dizer: — Babau! — e como eram apenas onze horas, foi dali direitinho esparecer no Derby Club. Era domingo e havia corridas.

O comendador Ferreira, mal o rapaz desceu a escada, foi para o quarto da filha e surpreendeu-a a fazer os tais sinais interrogativos. Dizer que ela não apanhou o puxão de orelhas destinado ao moço seria faltar á verdade que devo aos pacientes leitores; apanhou-o, coitadinha! e naturalmente, a julgar pelo grito estridulo que deu, exagerou a dôr fisica produzida por aquela grosseira manifestação da colera paterna.

Seguiu-se um dialogo terrivel:

— Quem é aquele pelintra?
— Chama-se Borges.
— De onde o conheces você?
— Do Club Guanabarense... daquela noite em que papae lá me levou...
— Ele em que se emprega? que faz ele?
— Faz versos.
— E você não tem vergonha de gostar de um homem que faz versos?
— Não tenho culpa; quiz o meu coração.
— Esse vagabundo alguma dia lhe escreveu?
— Escreveu-me uma carta.
— Quem lha trouxe?
— Ninguem. Ele mesmo atirou-a com uma pedra, por esta janela.
— Que lhe dizia ele nessa carta?
— Nada que me ofendesse; queria a minha autorização para pedir-me em casamento.
— Onde está ela?
— Ela quem?
— A carta!

Adosinha, sem dizer uma palavra, tirou a carta do seio. O comendador abriu-a, leu-a e guardou-a no bolso. Depois continuou:
— Você respondeu a isto?
— A bocca gaguejou.
— Não minta!
— Respondi, sim, senhor.
— Em que termos?
— Respondi que sim, que me pedisse.
— Pois olhe: proibo-lhe, percebe? pro-i-bo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que ele anda a rondar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Bemvindo (Bemvindo era o cosinheiro do comendador Ferreira), e a você, minha sirigaita... a você... Não lhe digo nada!

II

Tres dias depois desse dialogo, Adosinda fugiu de casa em companhia do Borges e o rapto foi auxiliado pelo proprio Bemvindo, com quem o namorado dividiu um dinheiro ganho nas corridas do Derby. Até hoje ignora o comendador que o seu fiel cosinheiro contribuisse para tão lastimoso incidente.

O pai ficou possesso, mas não fez escandalo, não foi á policia, não disse nada nem mesmo aos amigos intimos; não se queixou, não desabafou, não deixou transparecer o seu profundo desgosto.

E teve razão, porque, passados quatro dias, Adosinda e o Borges vinham, á noite, ajoelhar-se aos seus pés e pedir-lhe a benção, como nos dramalhões e novelas sentimentais.

III

Para que o conto acabasse a contento da maioria dos meus leitores, o comendador Ferreira deveria perdoar aos dois namorados e tratar de casá-los sem perda de tempo; mas, infelizmente, as coisas não se passaram assim e a moral, como vão ver, foi sacrificada ao egoismo.

Com a resolução de quem longamente se preparara para o que desse e viesse, o comendador tirou do bolso um revolver e apontou-o contra o raptor de sua filha, vociferando:

— Seu biltre, ponha-se imediatamente no olho da rua, se não quer que lhe faça saltar os miolos!...

A esse argumento intempestivo e concludente, o namorado, que tinha muito amor á pele, fugiu como se o arrebatassem azas invisiveis.

O pai foi fechar a porta, guardou o revolver e, aproximando-se de Adosinda, que, encostada ao piano, tremia como varas verdes, abraçou-a e beijou-a com um carinho que nunca manifestara em ocasiões menos importunas.

A moça estava assombrada; esperava pelo menos, a maldição paterna; era, desde pequenina, orfã de mãe e habituara-se ás brutalidades do pai; aquele beijo e aquele abraço afectuosos encheram-na de confusão e de pasmo.

O comendador foi o primeiro a falar:

— Vês? disse ele, apontando para a porta: vês? O homem por quem abandonaste teu pai é um covarde, um miseravel, que foge diante do cano de um revolver! Não é um homem!...

— Isso é ele, murmurou Adosinda, baixando os olhos, ao mesmo tempo que duas rosas lhe desfaziam a palidez do rosto.

O pai sentou-se no sofá, chamou a filha para perto de si, fê-la sentar-se nos seus joelhos e, num tom de voz meigo e untuoso, pediu-lhe que se esquecesse do homem que a raptara, um trocatintas, um leguelhé que lhe queria o dote e nada mais; pintou-lhe um futuro de vicissitudes e miserias, longe do marido que a desprezaria se semelhante casamento se realizasse, desse pai que tinha exterioridades de bruto, mas no fundo era o melhor, o mais carinhoso dos pais.

No fim dessa catechese, a moça parecia convencida de que nos braços do Borges não encontraria realmente toda a felicidade possivel; mas...

— Mas agora... é tarde, balbuciou ela; e voltaram-lhe á face as purpurinas rosas de ainda ha pouco.

— Não; não é tarde, disse o comendador; conheço o Manuel, o caixeiro que tem cabeça e juizo da armazem?

— Conheço, é um cajoado.

— Qual cajoado! E' um rapaz de muito futuro no comercio, um homem de conta, peso e medida! Não descobriu a pólvora, não faz versos, não é janota, mas tem muito tino para o negocio, uma perspicacia que a levará longe, has de ver! E durante um quarto de hora o comendador Ferreira gabou as excelencias do seu caixeiro Manuel.

Adosinda ficou vencida.

A conferencia terminou por estas palavras:

— Fala-lhe?
— Fale, papae.

IV

No dia seguinte o comendador chamou o caixeiro ao escritorio e disse-lhe:

— Seu Manuel, estou muito contente com os seus serviços.
— Oh! patrão!
— Você é um empregado zeloso, activo e inteligente, e é o modelo dos empregados.
— Oh! patrão!
— Não sou ingrato. Do dia primeiro em diante você é interessado na minha casa: dou-lhe cinco por cento alem do ordenado.
— Oh! patrão! isso não faz um pai ao filho!...
— Ainda não é tudo. Quero que você se case com minha filha. Dou o dote com cincoenta contos.

O pobre diabo sentiu-se engasgado pela comoção; não poude articular uma palavra.

— Mas eu sou um homem sério, continuou o patrão; a minha lealdade obriga-me a confessar-lhe que minha filha... não é virgem.

O noivo espalmou as mãos, inclinou a cabeça para a esquerda, baixou as palpebras, ajustou os labios um ao outro e respondeu, com um sorriso resignado e humilde:

— Oh! patrão! Não importa: o que fosse não faria mal!

FIM